

Livro III da trilogia "A sombra do corvo"

A Rainha do Fogo

do autor best-seller

ANTHONY RYAN

leYa



Livro III da trilogia "A sombra do corvo"

A Rainha do Fogo

do autor best-seller

ANTHONY RYAN



A Rainha do Fogo

A Rainha do Fogo

Livro III da trilogia “A sombra do corvo”

A N T H O N Y R Y A N

TRADUÇÃO
GABRIEL OLIVA BRUM



Copyright © 2015 by Anthony Ryan

Tradução para a Língua Portuguesa © 2017, Casa da Palavra/LeYa, Gabriel Oliva Brum

Título original: *Queen of Fire: a Raven's Shadow Novel*

Esta edição foi publicada mediante acordo com The Berkley Publishing Group, um membro do Penguin Group (USA).

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/2/1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Revisão: Beatriz D'Oliveira e Ana Grillo

Diagramação: Abreu's System

Capa: Leandro Dittz

Ilustrações de capa: Ralph Damiani

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ryan, Anthony

A rainha do fogo / Anthony Ryan; tradução de Gabriel Oliva Brum. – Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

752 p. (A Sombra do Corvo ; 3)

ISBN 978-85-441-0501-6

Título original: *Queen of Fire: a Raven's Shadow Novel*

1. Literatura escocesa 2. Ficção I. Título II. Brum, Gabriel Oliva

17-0162

CDD 891.63

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Literatura escocesa – ficção

Todos os direitos reservados à
EDITORA CASA DA PALAVRA
Av. Calógeras, 6 – sala 701
20030-070 – Rio de Janeiro – RJ
www.leya.com.br

Para Rod, Helen, Amber e Kyle



AGRADECIMENTOS

Mais uma vez, obrigado à minha excelente editora na Ace, Susan Allison, que, três anos atrás, deu o pontapé inicial nisso tudo com um e-mail para um sujeito no Reino Unido que havia vendido alguns exemplares do seu livro de fantasia autopublicado. Minha profunda gratidão também ao meu editor no Reino Unido, James Long, por seu apoio e dedicação a este projeto. E, por fim, meus sinceros agradecimentos ao meu segundo par de olhos, que há muito tempo vem sofrendo, Paul Field.



SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

PARTE I

PARTE II

PARTE III

PARTE IV

PARTE V

APÊNDICE



PARTE I

*O corvo não conhece o descanso Sua sombra
incessante Sobre a terra.*

— Poema seordah, autor
desconhecido

RELATO DE VERNIERS

Ele aguardava no cais quando cheguei com minha prisioneira. Empertigado como sempre, as feições retas voltadas para o horizonte, enrolado no manto para se proteger do vento marinho. Minha perplexidade inicial por encontrá-lo ali desapareceu tão logo avistei o navio deixando o porto, uma embarcação de casco estreito à moda meldeneana, enviada aos Confins do Norte com um importante passageiro de quem eu sabia que ele sentiria muita falta.

Ele se virou na minha direção com um sorriso receoso nos lábios, e percebi que ele ficara para presenciar a minha partida. As nossas interações haviam sido breves desde a libertação de Alltor, um tanto bruscas, na verdade, distraído como ele estava pelo incessante tumulto da guerra e por alguma enfermidade que o acometera após o seu já lendário ataque. A fadiga transformara as feições outrora firmes numa máscara letárgica de olhos avermelhados, e a voz estridente porém incisiva num sussurro rascante. Eu podia ver que tais transformações haviam sido revertidas a essa altura. As batalhas recentes de algum modo o haviam curado, e eu me perguntei se ele encontrava alguma forma de sustento no sangue e no horror.

— Meu senhor — cumprimentou-me ele com o esboço de uma mesura formal, e então acenou com a cabeça para a minha prisioneira. — Minha senhora.

Fornella retribuiu o aceno, mas nada disse, encarando-o de forma impassível enquanto os seus cabelos esvoaçavam ao vento salgado, uma única madeixa grisalha visível em meio à cabeleira castanho-avermelhada.

— Já recebi instruções suficientes... — comecei, mas Al Sorna acenou com a mão.

— Não vim para dar instruções, meu senhor — disse ele. — Vim apenas para me despedir e desejar boa sorte em sua empreitada.

Observei a sua expressão enquanto ele aguardava uma resposta, o sorriso receoso agora diminuindo, os olhos negros cautelosos. Será possível?, pensei comigo mesmo. Ele está buscando perdão?

— Obrigado, meu senhor — retorqui, colocando o pesado saco de lona no ombro. — Mas precisamos embarcar antes da maré matutina.

— É claro. Eu irei acompanhá-los.

— Não precisamos de um guarda — disse Fornella, seca. — Eu dei a minha

palavra, atestada pelo seu interrogador. — Realmente, caminhávamos sozinhos naquela manhã, sem escolta ou formalidade. A corte restaurada do Reino Unificado tinha pouco tempo ou inclinação para cerimônias.

— De fato, Honorável Cidadã — retorquiu Al Sorna num volariano desajeitado e de sotaque carregado. — Contudo, tenho... palavras para este homem de cinza.

— Homem livre — corrija-o antes de mudar para a língua do Reino. — O cinza indica posição financeira, e não social.

— Ah, sem dúvida, meu senhor. — Ele ficou de lado e fez sinal para que eu continuasse ao longo do cais até onde os navios estavam atracados, uma longa fileira de belonaves e navios mercantes meldeneanos. Naturalmente, a nossa embarcação se encontrava na extremidade oposta da fileira.

— O presente do Irmão Harlick? — perguntou ele, indicando com a cabeça o saco que eu carregava.

— Sim. Quinze dos livros mais antigos da Grande Biblioteca, os que pude identificar como úteis durante o pouco tempo que me foi permitido em seus arquivos. — Na verdade, eu esperara algum protesto da parte do irmão bibliotecário quando fiz meu pedido, mas o homem apenas fez um aceno cortês com a cabeça e ordenou a um dos seus assistentes que buscasse os pergaminhos necessários nos carroções que serviam como a sua biblioteca móvel. Eu sabia que a sua aparente indiferença a esse roubo devia-se em parte ao seu dom; ele sempre podia simplesmente redigir novos exemplares, e abertamente, uma vez que a necessidade de manter tais coisas ocultas havia desaparecido. As Trevas, como chamavam esse dom, haviam sido reveladas e agora eram discutidas abertamente, e os dotados estavam livres para praticar os seus talentos sem medo de serem torturados e executados, pelo menos em teoria. Eu podia ver o medo que ainda permanecia no rosto daqueles não tão talentosos, assim como a inveja, e me perguntava se o caminho mais sensato não teria sido manter os dotados nas sombras. Porém, haveria como sombras perdurarem em meio aos fogos da guerra?

— Acha mesmo que ele está aí em algum lugar? — perguntou Al Sorna enquanto caminhávamos em direção ao navio. — O Aliado?

— Uma influência tão maligna e poderosa sem dúvida deixa rastros — respondi. — Um historiador é um caçador, meu senhor. À procura de sinais no mar de correspondências e autobiografias, no encalço da presa através do rastro da memória. Não espero encontrar uma história completa e imparcial dessa coisa, seja ela animal ou humana, ou nenhum dos dois. Mas haverá de ter deixado rastros, e pretendo ir atrás dela.

— Então o senhor precisa ter cuidado, pois suspeito que a sua atenção não passará despercebida por ela.

— Nem a do senhor. — Fiz uma pausa e olhei para o seu perfil, vendo ali uma fronte preocupada. Onde está sua certeza?, pensei. Esse havia sido um de seus traços mais irritantes durante a nossa prévia associação: a certeza implacável e inabalável. Agora havia somente um homem taciturno e preocupado com a perspectiva das privações por vir.

— Conquistar a capital não será fácil — falei. — O curso mais sensato seria aguardar aqui, reunindo forças até a primavera.

— Sensatez e guerra são raras companheiras, meu senhor. E tem razão, o mais provável é que o Aliado fique a par de tudo.

— Então por quê...?

— Não podemos simplesmente ficar aqui esperando que o próximo golpe seja desferido. Não mais do que o seu Imperador pode esperar permanecer imune à atenção do Aliado.

— Estou perfeitamente ciente de qual mensagem transmitir ao Imperador. — A bolsa de couro com o pergaminho selado pendia pesada de meu pescoço, mais pesada do que o meu saco de livros, embora na verdade fosse apenas uma fração do peso. Nada mais do que tinta, papel e cera, pensei. E, no entanto, podia enviar milhões à guerra.

Paramos ao chegar ao navio, uma larga embarcação mercantil meldeneana, a madeira ainda chamuscada pela Batalha dos Dentes, a amurada com marcas de lâminas e pontas de flechas, e as velas remendadas enroladas no cordame. Meu olhar também foi atraído até a serpentina figura de proa que, apesar de ter perdido boa parte do maxilar inferior, ainda era familiar. Meus olhos recaíram sobre o capitão no alto da rampa, com os braços grossos cruzados e uma carranca no rosto, um rosto do qual eu me lembrava muito bem.

— Por acaso o senhor teve algo a ver com a escolha dessa embarcação? — perguntei a Al Sorna.

Um traço de divertimento apareceu em seus olhos quando ele encolheu os ombros.

— Meramente uma coincidência, posso lhe assegurar.

Suspirei, percebendo que eu tinha pouco espaço no coração para ainda mais ressentimento, virei-me para Fornella e estendi a mão na direção do navio.

— Honorável Cidadã. Irei me juntar à senhora num instante.

Vi os olhos de Al Sorna a acompanharem enquanto ela subia a rampa até o

navio, movendo-se com a graciosidade costumeira de séculos de prática.

— Apesar do que disse o revelador da verdade, tenha cuidado e não confie nela — disse ele.

— Fui escravo dela tempo suficiente para aprender essa lição por conta própria. — Ergui mais uma vez o meu saco e acenei com a cabeça em despedida. — Com sua licença, meu senhor. Aguardo pela oportunidade de ouvir a história de sua campanha...

— O senhor tinha razão — interrompeu ele, novamente com o sorriso receoso nos lábios. — Sobre a história que lhe contei. Houve algumas... omissões.

— Creio que o senhor queira dizer mentiras.

— Sim. — O sorriso desapareceu. — Mas acredito que o senhor mereça a verdade. Não faço ideia de como esta guerra terminará, nem mesmo se algum de nós viverá para ver a sua conclusão. Porém, se vivermos, encontre-me novamente e prometo que o senhor ouvirá de mim apenas a verdade.

Sei que eu deveria ter ficado grato. Pois que estudioso não ansiava pela verdade vinda de alguém como ele? Contudo, não havia gratidão quando olhei em seus olhos, nem pensamento algum, a não ser por um nome. Seliesen.

— Eu costumava me perguntar como um homem que havia tirado tantas vidas podia andar pelo mundo sem o peso da culpa — falei. — Como um assassino pode suportar o fardo de ter matado e ainda se chamar de humano? Mas ambos somos assassinos agora, e vejo que isso em nada pesa em minha alma. Porém, eu matei um homem mau, e o senhor, um homem bom.

Virei-me e subi a rampa sem olhar para trás.

CAPÍTULO UM

Lyrna

Ela foi despertada pela neve. Carícias suaves e geladas em sua pele, formigantes, mas não desagradáveis, chamando-a de volta da escuridão. Levou um momento para que a memória retornasse, e quando retornou era algo fragmentado, em que o medo e a confusão reinavam em meio a um turbilhão de imagens e sensações. *Iltis urrando ao investir, a espada desembainhada... O aço retinindo... Um punho duro atingindo-a na boca... E o homem... O homem que a queimou.*

Ela abriu a boca para gritar, mas conseguiu soltar apenas uma lamúria, seguida por uma arfada que encheu os seus pulmões de ar gelado. Parecia que iria congelar de dentro para fora, e ela achou estranho que fosse morrer de frio após ser queimada com tamanha intensidade.

Iltis! O nome foi um grito súbito em sua mente. *Iltis está ferido! Talvez morto!*

Desejou se mover, levantar-se, gritar por um curandeiro com toda a força que a sua voz de rainha conseguia reunir. Contudo, mal foi capaz de gemer e agitar um pouco as mãos enquanto a neve continuava com suas carícias gélidas. Ela ardeu de raiva, espantando o frio dos pulmões. *Preciso me mexer! Não vou morrer na neve feito uma cachorra esquecida!* Respirou fundo, encheu de novo os pulmões de ar cortante e gritou, colocando todas as suas forças e sua raiva no som. Um grito furioso, um grito de rainha... mas não mais do que um sussurro por entre os dentes quando chegou aos seus ouvidos, junto com algo mais.

— ... melhor que haja uma boa razão para isso, sargento — dizia uma voz firme, forte, brusca e objetiva. A voz de um soldado, acompanhada por pisadas de botas na neve.

— O Senhor da Torre disse que ele tinha de ser tratado bem, capitão — outra voz, com um sotaque nilsaelino, mais velha e não tão forte. — Tratado com respeito, foi o que ele disse. Como as outras pessoas da Ponta. E ele pareceu bastante insistente, ao menos pelo que deu para entender de um sujeito que não fala mais do que duas palavras por vez.

— Pessoas da Ponta — disse o capitão num tom mais brando. — A quem devemos agradecer pela neve no fim do verão... — A voz desapareceu e as pisadas das botas tornaram-se o barulho de homens correndo.

— Alteza! — Mãos em seus ombros, delicadas, mas insistentes. — Alteza! Está ferida? Está me ouvindo?

Lyrna só conseguiu gemer, sentindo as mãos se agitarem mais uma vez.

— Capitão Adal. — A voz do sargento soou embargada e entrecortada pelo medo. — O rosto dela...

— Eu tenho olhos, sargento! Leve o Senhor da Torre até a tenda do Irmão Kehlan! E traga homens para carregarem Sua Senhoria. Não diga nada sobre a Rainha. Entendeu?

Mais botas na neve, e então ela sentiu algo quente e macio cobri-la da cabeça aos pés, suas costas e pernas dormentes formigando quando mãos a ergueram. Ela tornou a ser tragada pela escuridão, sem se incomodar com a corrida chocalhante do capitão que a levava para longe dali.

Ele estava lá quando Lyrna despertou pela segunda vez, passando os olhos pelo teto de lona até encontrá-lo sentado ao lado do catre onde a haviam colocado. Embora os seus olhos estivessem com os mesmos traços avermelhados que ela vira no dia anterior, o olhar dele agora estava mais vivo, mais concentrado, e os olhos negros pareceram perfurar a pele do rosto dela quando ele se inclinou para a frente. *Ele me queimou...* Lyrna fechou os olhos e virou o rosto para o outro lado, abafando o soluço choroso no peito. Engoliu em seco e se recompôs antes de se virar novamente e encontrá-lo ajoelhado ao lado do catre, de cabeça baixa.

— Alteza — disse ele.

Ela engoliu em seco e tentou falar, esperando que saísse apenas um leve sussurro, mas ficou surpresa com a resposta um tanto estridente:

— Meu Lorde Al Sorna. Espero que o senhor esteja bem esta manhã.

Ele ergueu a cabeça com uma expressão séria no rosto, os olhos negros ainda penetrantes. Lyrna queria lhe dizer que não era educado ficar encarando, ainda mais uma rainha, mas sabia que soaria grosseiro. *Cada palavra precisa ser escolhida, dissera o seu pai certa vez. Cada palavra dita por quem usa a coroa será lembrada, com frequência de forma errônea. Então, minha filha, se algum dia você se vir com esse diadema de ouro na cabeça, nunca diga uma única palavra que não deveria ser ouvida da boca de uma rainha.*

— Muito... bem, Alteza — disse Vaelin, permanecendo com um joelho no chão enquanto ela se mexia.

Para sua surpresa, Lyrna viu que podia se mover com facilidade. Alguém havia despido o vestido e o manto que ela usara na noite anterior, substituindo os trajes

finos por uma veste simples de algodão que a cobria do pescoço aos tornozelos, e Lyrna achou agradável a sensação do tecido em sua pele ao se sentar e colocar as pernas para fora do catre.

— Levante-se, por favor — disse a Vaelin. — Acho o cerimonial tedioso, na melhor das hipóteses, e de pouca utilidade quando estamos sozinhos.

Ele se levantou, sem tirar os olhos do rosto dela. Havia uma hesitação em seus movimentos, um leve tremor nas mãos ao puxar a cadeira para perto para sentar-se diante dela, seu rosto a um braço de distância, o mais perto que eles já haviam estado desde aquele dia na Feira de Verão.

— Lorde Iltis? — perguntou Lyrna.

— Ferido, mas vivo. O dedo mínimo de sua mão esquerda sofreu geladura. O Irmão Kehlan foi obrigado a removê-lo. Ele mal pareceu notar, e foi difícil impedi-lo de sair correndo à procura da senhora.

— Sinto-me afortunada pelos amigos que o destino colocou no meu caminho. — Ela fez uma pausa, tomando fôlego e coragem para o que tinha de dizer a seguir. — Não tivemos muitas oportunidades de conversar ontem. Sei que você deve ter muitas perguntas.

— Uma em particular. Há muitas histórias fantásticas circulando a respeito dos seus... ferimentos. Dizem que aconteceram quando Malcius morreu.

— Malcius foi assassinado pelo Irmão Frentis da Sexta Ordem. Eu o matei por isso.

Lyrna o viu ser tomado pelo choque, como se ela o tivesse golpeado com uma lâmina gélida. O olhar de Vaelin tornou-se distante ao se curvar para a frente, sussurrando:

— Quero ser um irmão... Quero ser como você.

— Havia uma mulher com ele — prosseguiu Lyrna. — Desempenhando o papel de uma escrava fugida, tal como o seu irmão, que atravessara o oceano com uma grande história de aventura. Pela reação dela quando o matei, desconfio que os dois eram muito próximos. O amor pode nos levar a extremos.

Vaelin fechou os olhos, controlando o pesar com um estremecimento.

— Matá-lo não deve ter sido fácil.

— O tempo que passei com os lonaks me deixou habilidosa em certas áreas. Eu o vi cair. Depois disso... — *O fogo rasgando a sua pele como as garras de um gato selvagem, enchendo-lhe a garganta com o fedor de sua própria carne sendo queimada...* — Parece que a minha memória tem alguns limites, afinal.

Vaelin permaneceu em silêncio pelo que pareceu uma eternidade, perdido em

pensamentos, com o rosto ainda mais esmaecido que antes.

— Ela me disse que ele estava voltando — murmurou ele, por fim. — Mas não para isso.

— Eu esperava que você fosse pedir uma explicação diferente — disse Lyrna, ansiosa para tirá-lo de quaisquer recordações que anuviassem a sua mente. — Pelo modo como foi tratado em Linesh.

— Não, Alteza. — Ele sacudiu a cabeça. — Asseguro-lhe de que não preciso de qualquer explicação.

— A guerra foi um erro atroz. Malcius foi... O juízo de meu pai estava... debilitado.

— Duvido que o juízo do Rei Janus fosse capaz de sofrer alguma debilitação, Alteza. E quanto à guerra, pelo que me recordo, a senhora tentou me advertir.

Ela assentiu, parando para acalmar o coração disparado. *Eu tinha tanta certeza de que ele me odiaria.*

— Aquele homem... — disse ela. — O homem com a corda.

— O nome dele é Artesão, Alteza.

— Artesão — repetiu Lyrna. — Presumo que ele era um agente de qualquer que seja a força maligna que esteja por trás das nossas atuais dificuldades. Escondido no seu exército, aguardando o momento para atacar.

Vaelin recuou um pouco, o pesar substituído pela surpresa.

— Atacar, Alteza?

— Ele me salvou. Daquela *coisa*. Então ele me queimou. Confesso que acho isso curioso. Mas estou descobrindo que essas criaturas se comportam de maneiras estranhas. — Lyrna vacilou ao sentir um nó na garganta, lembrando-se do fogo que a dominou quando o jovem musculoso a abraçou, o calor mais intenso até que o daquele dia horrível na sala do trono. Ela ergueu a mão, forçando-se a encarar o olhar firme dele. — Está... está pior?

Vaelin soltou um leve suspiro e estendeu os braços para segurar as mãos da Rainha com palmas ásperas e calejadas. Lyrna esperava algum aperto de consolo antes que ele desse a inevitável e terrível notícia, mas em vez disso Vaelin agarrou os pulsos dela e ergueu as suas mãos, abrindo os dedos para que ela tocasse o próprio rosto.

— Não! — gritou ela, tentando se soltar.

— Confie em mim, Lyrna — sussurrou ele, pressionando os dedos dela contra a carne... A carne lisa e ilesa. Quando ele a soltou, os dedos de Lyrna começaram a explorar por conta própria, tocando cada centímetro de pele, da testa ao queixo, o

pescoço. *Onde está?*, pensou ela, desconcertada ao não encontrar cicatrizes ásperas e sarapintadas, sem sentir a dor lancinante que continuara a atormentá-la apesar dos bálsamos curativos que suas damas aplicavam nas queimaduras todos os dias. *Onde está o meu rosto?* — Eu sabia que Artesão possuía um grande dom — disse Vaelin. — Mas isso...

Lyrna continuou a apalpar o rosto, segurando os soluços no peito. *Cada palavra precisa ser escolhida.*

— Eu... — começou ela, vacilou, e então tentou de novo. — Eu gostaria... que você convocasse um conselho de capitães assim que... assim que...

Então havia apenas as lágrimas e a sensação dos braços dele em volta de seus ombros quando ela apoiou a cabeça no peito de Vaelin e chorou como uma criança.

A mulher no espelho passou a mão sobre a penugem clara que lhe cobria a cabeça, franzindo a testa lisa. *Crescerá de novo*, ela sabia. *Talvez eu não o mantenha tão longo desta vez.* Lyrna voltou a atenção para a pele onde as queimaduras haviam sido mais graves e viu que a cura não a havia deixado completamente incólume, afinal de contas. Havia linhas claras e tênues visíveis na carne em volta dos olhos, rastros finos e irregulares que iam da testa até onde começava o cabelo. Ela se lembrou de algo que o pobre e confuso receptáculo da Mahlessa dissera naquele dia sob a montanha. *Ainda não estão lá... As marcas da sua grandeza.*

Lyrna afastou-se um pouco do espelho, inclinando a cabeça para examinar a aparência das marcas à luz da entrada da tenda, percebendo que desapareciam um pouco com a luz direta do sol. Algo se moveu no espelho e ela notou Iltis atrás dela, desviando depressa os olhos, agarrando a mão enfaixada que saía da manga de sua tipoia. Ele entrara cambaleando na tenda uma hora antes, empurrando Benten para o lado e caindo de joelhos diante de Lyrna. Estava tropeçando nas palavras ao fazer um pedido de perdão quando ergueu a cabeça e viu o rosto da Rainha, calando-se no mesmo instante.

— O senhor deveria estar deitado — disse ela.

— Eu... — Iltis piscara, as lágrimas brilhando em seus olhos — jamais ficarei longe da senhora, Alteza. Eu dei a minha palavra.

Eu sou a sua nova Fé?, ela se perguntava agora, observando-o no espelho enquanto ele se balançava um pouco, sacudia a cabeça e se empertigava. *A velha acabou sendo uma decepção, então agora a sua devoção é por mim.*

A aba da tenda foi levantada, e Vaelin entrou com uma medida.

— O exército a aguarda, Alteza.

— Obrigada, meu senhor. — Lyrna estendeu a mão a Orena, que estava de pé segurando o manto encapuzado de pele de raposa que ela escolhera dentre a montanha de roupas que a Senhora Reva ficara mais do que feliz em providenciar. Orena aproximou-se e colocou o manto nos ombros da Rainha, enquanto Murel ajoelhava-se para oferecer os pouco práticos porém elegantes sapatos para os seus pés reais. — Bem — disse ela, calçando os sapatos e puxando o capuz para encobrir o rosto —, vamos tratar logo disso.

Vaelin havia deixado um carroção alto e descoberto do lado de fora da tenda; ele foi até o veículo e estendeu a mão quando Lyrna se aproximou. Ela a agarrou e subiu no carroção, segurando o manto com a mão livre para evitar tropeçar nele. A ideia de cair de cara no chão num momento como aquele provocou um risinho infantil, abafado antes que pudesse lhe chegar aos lábios. *Cada palavra precisa ser escolhida.*

Ela continuou segurando a mão de Vaelin ao parar para observar o seu novo exército. O irmão corpulento dos Confins lhe informara, enquanto olhava de soslaio para o seu rosto com olhos arregalados, que o Exército do Norte atualmente consistia em sessenta mil homens e mulheres, além de cerca de trinta mil guerreiros seordah e eorhil. Os regimentos estavam posicionados em fileiras, a maioria desordenada e sem a coesão refinada exibida pela Guarda do Reino durante aquelas paradas intermináveis em Varinshold. Na verdade, os poucos Guardas do Reino presentes contrastavam com os companheiros, um aglomerado compacto e disciplinado de companhias despojadas alinhadas atrás do Irmão Caenis no centro. Porém, a maior parte do novo exército era composta pelos nilsaelinos do Conde Marven, pelos recrutados que Vaelin trouxera dos Confins e pelos recrutas reunidos ao longo do caminho. Lyrna viu pouca uniformidade nas fileiras; armaduras e armas desiguais, boa parte saqueada dos copiosos volarianos mortos, e bandeiras improvisadas que careciam das cores e da nitidez dos estandartes regimentais da Guarda do Reino.

Os seordah haviam se posicionado no flanco direito, uma multidão de guerreiros em silêncio, a curiosidade como única emoção aparente. Atrás deles aguardavam os eorhil, a maioria montada em seus belos cavalos altos, igualmente silenciosos. A Senhora Reva respondera ao convite educado de Lyrna com toda a sua Guarda da Casa, reduzida a não mais do que trinta homens, e aparentemente todos os seus arqueiros que sobreviveram. Eles estavam alinhados em duas longas filas atrás de sua Senhora Governadora, homens corpulentos de olhar firme com arcos longos atravessados nas costas. A Senhora Reva estava ladeada por sua Conselheira, pelo Lorde Arqueiro Antesh e pelo velho Comandante da Guarda de costeletas, nenhum dos quais demonstrava o menor sinal de assombro com a presença de Lyrna. À esquerda, o Escudo trouxera os capitães da Frota Meldeneana, e o Senhor Marinho

Ell-Nurin encontrava-se deliberadamente alguns metros adiante do Escudo, que estava de braços cruzados, com a cabeça inclinada na direção dela, o sorriso habitual mais radiante do que nunca. Era uma pena, pois ela esperava que desaparecesse em breve.

Atrás de todos, a ainda fumegante cidade de Alltor erguia-se em sua ilha, os coruchéus gêmeos da catedral parcialmente ocultos pela neve poeirenta que continuava a cair.

Lyrna parou no alto do carroção, avistando a forma diminuta porém distinta da Senhora Dahrena, parada na fileira dianteira ao lado do Capitão Adal e da Guarda do Norte. Ao contrário de todos os olhos naquele campo, os da Senhora Dahrena não estavam fixos em Lyrna, mas em Vaelin. Ela não piscava, e tal olhar era de uma intensidade inquietante, deixando Lyrna consciente do calor da mão dele na sua. Ela a soltou e encarou o exército, erguendo as mãos para tirar o capuz.

A visão os tomou de assalto como uma onda, uma mistura de gritos sufocados de espanto, pragas, preces e puro choque, as fileiras já desordenadas ficando ainda menos coesas, com soldados virando-se para os companheiros incrédulos ou assombrados. No entanto, ela notou que os seordah e os eorhil permaneciam em silêncio, embora com posturas agora nitidamente mais alertas. Lyrna permitiu que o burburinho do exército se tornasse uma cacofonia e então ergueu a mão. As conversas continuaram inalteradas por um momento e ela temeu que precisasse pedir a Vaelin que os silenciasse, mas o Capitão Adal berrou uma ordem aos seus homens que logo foi repetida pelos oficiais e sargentos, e o silêncio recaiu célere sobre as fileiras.

Lyrna passou os olhos pelos soldados, escolhendo rostos, encontrando os seus olhares, notando que alguns eram incapazes de manter o contato visual, remexendo-se pouco à vontade e abaixando as cabeças, enquanto outros a encaravam perplexos.

— Eu ainda não tive a oportunidade de me dirigir a vocês — gritou-lhes Lyrna, a voz forte e ressoando bem no frio. — Para aqueles que possam desconhecer o meu nome, a minha lista de títulos é longa e não irei entediá-los com ela. Basta dizer que sou a sua Rainha, aclamada como tal pelo Senhor da Torre Al Sorna e pela Senhora Governadora Reva de Cumbrael. Muitos de vocês me viram ontem, e viram uma mulher com o rosto queimado. Agora veem uma mulher curada. Como sua Rainha, prometo que jamais mentirei para vocês. E, assim, digo-lhes com sinceridade que o meu rosto foi curado com o uso das Trevas. Não afirmo que isso tenha sido alguma bênção dos Finados ou favor de algum deus. Eu me encontro diante de vocês curada pela mão de um homem com um dom que não alego compreender. Isso foi feito sem qualquer ordem ou planejamento de minha parte. Contudo, não vejo motivos para lamentar o ocorrido ou punir o homem que me prestou esse serviço. Muitos de

vocês sem dúvida estão cientes de que há outros entre as fileiras deste exército com habilidades similares, pessoas boas e corajosas que, de acordo com a letra de nossas leis, são condenadas à morte pelos dons que lhes foram conferidos pela natureza. Desse modo, todas as leis que proíbem o uso dos dons outrora conhecidos como as Trevas estão agora revogadas pela Palavra da Rainha.

Lyrna fez uma pausa, esperando que murmúrios irrompessem, que algumas vozes se erguessem em descontentamento. Porém, reinou apenas o silêncio, e cada rosto agora se encontrava arrebatado; os que haviam evitado o seu olhar aparentemente eram incapazes de desviar os olhos. *Há alguma coisa no ar aqui*, compreendeu ela. *Alguma coisa... útil.*

— Não há ninguém aqui que não tenha sofrido — continuou Lyrna. — Não há ninguém aqui que não possa dizer que teve uma esposa, marido, filho, amigo ou pai assassinado. Muitos de vocês sentiram a ponta do chicote, assim como eu. Muitos de vocês foram espancados por mãos imundas, assim como eu. Muitos de vocês foram queimados, assim como eu.

Ouviam-se agora resmungos crescentes nas fileiras, o som baixo da fúria atijada. Ela avistou uma mulher no meio da companhia de escravos libertos do Capitão Nortah, esguia e pequena, mas com várias adagas pelo corpo, os dentes arreganhados numa carranca de ira cada vez mais intensa.

— Esta terra recebeu o seu nome em homenagem a sua união — prosseguiu Lyrna. — Porém, somente um tolo diria que alguma vez já fomos verdadeiramente unidos. Sempre derramamos o nosso próprio sangue em disputa insensata após disputa insensata. Isso termina agora. O nosso inimigo chegou a estas praias trazendo escravidão, tormento e morte, mas também nos trouxe um presente, um que lamentará por toda a eternidade. Eles fizeram com que forjássemos a união que por tanto tempo deixamos escapar. Eles nos tornaram uma lâmina única de aço inquebrável apontada para o coração sombrio deles. Com vocês ao meu lado, sangrarei esse coração!

Os resmungos irromperam num grito furioso, rostos distorcidos de ódio e raiva, punhos, espadas e alabardas erguidos, o tumulto transbordando sobre ela, inebriando-a em seu poder. *Poder. É necessário odiá-lo tanto quanto amá-lo.*

Lyrna ergueu a mão e eles tornaram a se calar, embora os sussurros ferventes continuassem.

— Não prometo vitórias fáceis. O nosso inimigo é feroz e ardiloso. Eles não morrerão facilmente. Assim, posso prometer somente três coisas: luta, sangue e justiça. Ninguém que me seguir nesse caminho deve imaginar que haverá qualquer outra recompensa.

Foi a mulher pequena com as adagas que começou a entoar, brandindo uma lâmina em cada mão com a cabeça jogada para trás:

— Luta, sangue e justiça! — O brado se espalhou num instante, erguendo-se de uma ponta a outra do exército. — Luta, sangue e justiça! Luta, sangue e justiça!

— Em cinco dias marchamos para Varinshold! — gritou Lyrna enquanto o brado continuava, o volume aumentando ainda mais. Ela apontou para o norte. *Nunca tema um pouco de espetáculo*, dissera o velho maquinador durante uma das cerimônias em que entregava espadas para pessoas que as mereciam cada vez menos. *A realeza é sempre uma performance, filha*. O tumulto dobrou de intensidade quando ela gritou de novo, suas palavras perdidas em meio às aclamações repletas de fúria. — PARA VARINSHOLD!

Lyrna permaneceu parada por alguns momentos de braços abertos no meio do furor de adoração. *Você já teve isso, pai? Eles alguma vez o amaram?*

O barulho continuou quando ela desceu do carroção, mais uma vez estendendo a mão a Vaelin, mas se deteve ao avistar o Escudo. Como esperado, o sorriso desaparecera, substituído por uma carranca sombria que fez Lyrna se perguntar se ele ainda a seguiria a qualquer lugar.

* * *

— Varinshold está a mais de trezentos quilômetros de distância, Alteza — disse o Conde Marven. — E mal temos grãos suficientes para alimentar os cavalos por oitenta. Os nossos amigos cumbraelinos foram muito eficientes em despojar esta terra de suprimentos.

— Melhor queimados do que na barriga de nossos inimigos — observou a Senhora Reva do outro lado da mesa.

Eles estavam reunidos em volta de uma grande mesa com um mapa aberto, na tenda de Vaelin; todos os principais capitães do exército, além da Senhora Reva e os chefes de guerra dos eorhil e dos seordah. O eorhil era um cavaleiro rijo de mais de cinquenta anos, pelos cálculos de Lyrna. O seordah era um pouco mais novo, mais alto do que a maioria de seu povo, esguio como um lobo e com um rosto aquilino. Os dois homens pareciam compreender cada palavra dita, mas falavam pouco, e ela notou que seus olhares iam constantemente dela para Vaelin. *É desconfiança?*, pensou ela. *Ou apenas assombro?*

O Conde Marven passara boa parte da última hora explicando a situação

estratégica do exército. Sem nunca ter visto muita utilidade na entediante história militar, Lyrna foi obrigada a selecionar os detalhes pertinentes em meio à confusão de jargões. Pelo que podia ver, a posição deles não era tão favorável quanto uma rainha poderia esperar após conquistar tamanha vitória.

— De fato, minha senhora — disse o conde a Reva. — Mas isso nos deixa com uma escassez perigosa de suprimentos, ainda mais com o inverno a apenas dois meses de distância.

— Devo supor, meu senhor, que temos um exército poderoso, mas não meios de deslocá-lo para outro lugar? — perguntou Lyrna.

O conde passou a mão pela cabeça raspada, a cicatriz costurada em sua face parecendo ficar um pouco mais vermelha enquanto ele suspirava de frustração e procurava formular a resposta correta.

— Sim — falou Vaelin, da extremidade oposta da mesa. — E não é apenas uma questão de deslocá-lo. Se não encontrarmos alimentos suficientes para o inverno, este exército poderá muito bem passar fome.

— Sem dúvida capturamos suprimentos volarianos — disse Lyrna.

— De fato, Alteza — concordou o corpulento Irmão Hollun. Como a maioria dos presentes, ele parecia ter dificuldades para não olhar fixamente para o rosto da Rainha. — Doze toneladas de grãos, quatro de milho e seis de carne.

— Sem as quais o meu povo passará fome no inverno — afirmou a Senhora Reva. — Já tive de recomençar o racionamento... Alteza — acrescentou ela, claramente ainda tendo problemas com a etiqueta.

Lyrna olhou para o mapa, traçando a rota até Varinshold e encontrando muitas cidades e aldeias ao longo do caminho, mas ciente de que a maioria agora seria pouco mais do que ruínas incendiadas, sem quaisquer suprimentos. *Trezentos e vinte quilômetros até Varinshold*, ponderou ela, examinando o mapa com mais atenção. *Metade dessa distância até a costa... e o mar.*

Ela ergueu a cabeça e viu o Escudo parado fora do círculo de capitães, mais para o fundo da tenda, com o rosto parcialmente nas sombras.

— Meu senhor Ell-Nestra — disse Lyrna. — Sua opinião, por favor.

Ele se aproximou após uma leve hesitação; os netos gêmeos do Senhor Feudal Darvus abriram caminho com mesuras educadas que ele não notou.

— Alteza — disse ele num tom neutro.

— Há muitos navios em sua frota — afirmou ela. — Suficientes para levar um exército até Varinshold?

Ele sacudiu a cabeça.

— Metade da frota foi obrigada a retornar às Ilhas para reparos depois dos Dentes. Talvez pudéssemos transportar um terço dos que estão reunidos aqui, e ainda assim teríamos de deixar os cavalos para trás.

— Varinshold não será tomada por tão poucos — disse o Conde Marven. — Não se acreditarmos no que a volariana disse. Eles estão bem-guarnecidos e são abastecidos pelo mar e por Renfael.

Lyrna olhou para Varinshold. Capital e principal porto de todo o Reino, cuja riqueza, em grande parte, vinha do comércio com Volaria. Ela apontou para as rotas marítimas ao largo da costa de Varinshold e olhou para o Escudo.

— Já levou algum navio por essas águas, meu senhor?

Ele examinou o mapa por um momento e então assentiu.

— Alguns. Não há pilhagens tão fáceis quanto nas rotas comerciais do sul. A frota do Rei sempre cuidou do comércio de Varinshold como um pastor zeloso.

— Agora não há frota — observou Lyrna. — E não é provável que as pilhagens sejam consideráveis, dadas as perdas do inimigo nos Dentes?

Ele assentiu mais uma vez.

— De fato consideráveis, Alteza.

— O senhor me deu um navio ontem. Hoje eu o devolvo com um pedido para que o senhor pegue a sua frota e capture ou queime qualquer navio volariano que encontrar navegando para Varinshold ou saindo de lá. Fará isso por mim?

Lyrna sentiu os outros capitães se remexerem e voltarem os olhares firmes para o pirata. *Não gostam de ver uma rainha barganhar*, concluiu ela. *No futuro, falarei com ele em particular.*

— Os meus homens podem precisar de certa persuasão — respondeu o Escudo após um momento. — Nós navegamos para defender as Ilhas. E essa tarefa foi cumprida.

O Senhor Marinho Ell-Nurin adiantou-se, curvando-se para Lyrna com requintada graça.

— Não posso falar pelos homens do Escudo, Alteza. Mas os meus homens estão prontos para segui-la até os Salões de Udonor, se a senhora pedir. Assim como estou certo de que muitos outros também o farão. Depois da Batalha dos Dentes e de sua... cura, muitos não ousariam recusar. — Ele se virou para o Escudo com uma expressão de expectativa.

— Como disse o Senhor Marinho — afirmou o Escudo por entre os dentes, após um momento —, como poderíamos recusar?

— Muito bem. — Lyrna passou novamente os olhos pelo mapa. — Os

preparativos precisam estar concluídos em uma semana. Então o exército marchará não para o norte, mas para leste, para a costa. Seguiremos para Varinshold pelos portos costeiros, onde os nossos aliados meldeneanos irão nos reabastecer com quaisquer produtos que o Conselho Governante volariano ache apropriado enviar à sua guarnição. Além disso, portos são sinônimos de pescadores, que seguramente ficarão gratos pela preferência.

— Se é que restou algum — disse Reva em voz baixa.

— Faço então as seguintes nomeações — prosseguiu Lyrna, optando por ignorar a Senhora Governadora. — Por favor, perdoem a falta de cerimônia, mas não temos tempo para tais trivialidades agora. Nomeio Lorde Vaelin Al Sorna como Senhor da Batalha do Exército da Rainha. O Conde Marven é nomeado Espada do Reino e Ajudante-General. Irmão Hollun, eu o nomeio Tesoureiro Real. Os Capitães Adal, Orven e Nortah são nomeados Espadas do Reino e elevados à patente de Lorde Comandante. Lorde Atheran Ell-Nestra. — Ela mais uma vez olhou nos olhos do Escudo. — Eu o nomeio Lorde Almirante do Reino Unificado e capitão de sua nau capitânia. — Lyrna passou os olhos pelos presentes. — Essas nomeações incluem todos os direitos e privilégios garantidos pela Lei do Reino. Concessões de terras serão designadas ao encerramento das hostilidades. Eu lhes pergunto formalmente: aceitam esses títulos?

Ela notou que Vaelin foi o último a assentir, e somente depois de o Escudo ter levado quase uma eternidade para concordar com uma medida e a sombra do sorriso costumeiro nos lábios.

— Outros assuntos de que precisamos tratar, meus senhores? — perguntou Lyrna ao conselho.

— Há a questão dos prisioneiros, Alteza — disse o Lorde Comandante Orven. — Mantê-los a salvo tem sido uma provação. Ainda mais dada a habilidade com o arco de nossos anfitriões cumbraelinos — acrescentou ele, com um olhar rápido na direção de Reva.

— Presumo que tenham sido interrogados sobre informações úteis? — perguntou Lyrna.

Harlick, o magro Irmão mais velho, ergueu a mão ossuda.

— Essa tarefa me foi confiada, Alteza. Há alguns oficiais entre eles que ainda preciso interrogar. Contudo, a minha experiência até o momento indica que a utilidade deles provavelmente é limitada.

— Eles podem trabalhar — disse Vaelin, encarando-a com olhos vermelhos, mas firmes. — Reconstruir o que destruíram.

— Não posso permitir que fiquem na cidade — interrompeu Reva, sacudindo a

cabeça. — A população os faria em pedaços.

— Então os levamos conosco — retorquiu Vaelin. — Eles podem servir de carregadores.

— E mais bocas para alimentar — disse Lyrna, virando-se para o Irmão Harlick. — Conclua o seu interrogatório, Irmão. Lorde Comandante Orven os enforcará quando você tiver terminado. Meus senhores, ao trabalho, por favor.

Ela o encontrou sentado na beira do rio, aparentemente apenas um soldado musculoso trançando uma corda com dedos incrivelmente ágeis. Vaelin a avisara para não esperar muito dele, de modo que foi uma surpresa quando o homem se levantou depressa quando Lyrna se aproximou, fazendo uma medida com uma perfeição que teria envergonhado o cortesão mais experiente.

— Cara disse que eu devia me curvar — disse o homem, o belo rosto iluminado por um sorriso franco. — Ela me mostrou como fazer.

Lyrna olhou para a direita, onde os três outros dotados dos Confins observavam. A garota, Cara, ainda pálida e cansada pelo esforço do dia anterior, tinha o olhar fixo em Lyrna, com o rosto franzido de desconfiança, imitada pelo jovem magro que lhe segurava a mão e pelo sujeito grande de barba volumosa parado atrás de ambos. *Eles acham que vim para punir?*

Benten colocou uma das mãos na espada quando Artesão aproximou-se, estendendo a mão para tocar a face de Lyrna.

— Está tudo bem, meu senhor — disse ela ao ex-pescador, ficando imóvel e permitindo que o curandeiro tocasse o seu rosto. *Antes queimou, mas agora está fria.* — Vim para lhe agradecer, senhor — continuou. — Gostaria de nomeá-lo lorde...

— Sua recompensa já foi dada — respondeu ele, retirando a mão. O sorriso desapareceu do rosto e ele franziu a testa confuso, batendo nela de leve com um dedo. — É sempre assim, algo sempre vem junto. — Os olhos dele se arregalaram um pouco ao olhar os de Lyrna. — Você deu mais. Mais do que qualquer outro.

Lyrna sentiu uma pontada da mesma sensação de quase pânico que vivenciara na montanha de Mahlessa, o desejo de fugir de algo incompreensível, mas inegavelmente perigoso. Ela respirou devagar e forçou-se a olhá-lo nos olhos.

— O que eu dei?

Artesão sorriu de novo, virou-se para tornar a sentar e pegou a sua corda.

— Você mesma — respondeu ele em voz baixa, enquanto as suas mãos

retomavam o trabalho.

— Minha Rainha. — Lyrna virou-se e se deparou com Iltis vindo depressa em sua direção, com o rosto mais pálido do que ela gostaria. Mas ele ainda se recusava a descansar. Atrás dele, podia ver o Irmão Caenis parado com quatro pessoas, duas jovens da cidade, um soldado nilsaelino e um dos guerreiros livres de Lorde Nortah. Lyrna notou que os três dotados dos Confins ficaram tensos ao avistá-los e trocaram olhares preocupados, e o homenzarrão chegou a erguer o bastão que carregava, colocando-se diante da garota como que para protegê-la.

— O Lorde Comandante Caenis solicita uma audiência particular, Alteza — disse-lhe Iltis com uma mesura.

Ela assentiu e fez sinal para que Caenis se aproximasse, afastando-se um pouco de Artesão. Lyrna parou por um momento para ver as águas congeladas do Ferrofrio, e então olhou para Cara, que agora encarava fixamente com franca animosidade o Irmão Caenis, que se ajoelhou diante de sua Rainha. *O poder de congelar um rio no verão, mas ela teme este homem.*

— Alteza, peço a atenção da senhora...

— Sim, sim, irmão. — Ela fez sinal para que Caenis se levantasse, gesticulando na direção de Cara e dos outros dotados. — Parece que você está deixando meus súditos nervosos.

O Irmão Caenis virou-se para os dotados, fazendo uma leve careta.

— Eles... temem o que preciso contar à senhora. — Ele se virou para Lyrna e empertigou-se. — Minha Rainha, venho oferecer os serviços de minha Ordem neste conflito. Nós nos submetemos às suas ordens e não faltaremos ao dever em busca da vitória.

— Nunca duvidei da lealdade da Sexta Ordem, irmão. Embora eu quisesse ter mais de vocês... — Lyrna calou-se ao olhar de novo para as quatro pessoas, notando como se remexiam sob o seu escrutínio, cada rosto com uma expressão tensa e cautelosa. — Essas pessoas não me parecem prováveis recrutas para a Sexta.

— Não, Alteza — disse Caenis, e ela teve a impressão de estar ali um homem que se forçava a assumir um dever há muito temido. — Nós pertencemos a uma ordem completamente diferente.

CAPÍTULO DOIS

Alucius

O nome do Kuritai era Vinte e Sete, embora Alucius ainda não tivesse ouvido o homem dizê-lo. Na verdade, ele ainda não ouvira o escravo de elite dizer coisa alguma. O homem reagia a instruções com obediência instantânea e era o criado perfeito, buscando coisas, carregando e limpando sem qualquer sinal de cansaço ou mesmo a mais leve expressão de reclamação.

Meu presente para você, dissera Lorde Darnel no dia em que arrastaram Alucius das profundezas da Fortaleza Negra, com ele esperando a morte e sufocando um grito de perplexidade quando removeram os seus grilhões e encontrou as mãos de seu pai ajudando-o a se levantar. *Um criado de perfeição sem igual*, prosseguira Darnel, indicando o Kuritai com um gesto. *Sabe, acho que estou começando a gostar dessa coisa de brincar com as palavras, poetinha.*

— Sim, estou muito bem nesta bela manhã — disse Alucius a Vinte e Sete enquanto o escravo servia o café. — Que gentileza a sua perguntar.

Eles estavam na varanda que dava para o porto, o sol nascendo no horizonte para pintar os navios com um matiz dourado que ele sabia que faria Alornis correr para pegar uma tela e pincéis. Alucius escolhera a casa pela vista, sem dúvida a morada de um mercador, que presumivelmente estava morto ou escravizado, assim como a sua família. Varinshold agora estava repleta de casas vazias; havia outras dentre as quais ele podia escolher caso se cansasse daquela, mas Alucius havia se acostumado com a vista, ainda mais porque abarcava todo o porto.

Cada vez menos navios, pensou, contando as embarcações com a precisão habitual. *Dez navios de escravos, cinco mercantes, quatro belonaves*. Os cascos dos navios de escravos estavam mais acima da água, seus porões copiosos vazios, como estavam havia semanas, desde que a grande coluna de fumaça se erguera para bloquear o sol durante dias a fio. Alucius vinha tentando escrever algo sobre o acontecimento, mas percebeu que as palavras não fluíam quando colocava a pena no papel. *Como escrever um tributo para uma floresta?*

Vinte e Sete colocou o último prato na mesa e afastou-se enquanto Alucius pegava os talheres, provando primeiro os cogumelos e vendo que haviam sido cozinhados de forma perfeita com um pouco de alho e manteiga.

— Excelente como sempre, meu letal amigo.

Vinte e Sete olhou pela janela e nada disse.

— Ah, sim, é dia de visitas — prosseguiu Alucius, com um pedaço de bacon na boca. — Obrigado por me lembrar. Embrulhe o bálsamo e os livros novos, por favor.

Vinte e Sete virou-se de pronto para obedecer às instruções, indo primeiro à estante. O dono da casa havia cultivado uma biblioteca razoável, em grande parte, supunha Alucius, para manter as aparências, visto que poucos dos volumes mostravam sinais de já terem sido lidos. Eram na maioria romances populares e algumas das obras históricas mais famosas, nenhuma apropriada aos seus propósitos, o que o obrigou a passar horas esquadrinhando as casas maiores em busca de materiais mais interessantes. Havia muitas opções, uma vez que os volarianos eram saqueadores de um entusiasmo sem limites, mas tinham pouco interesse em livros, a não ser como combustível para fogueiras. O dia anterior fora particularmente proveitoso, com a obtenção de uma coleção completa das *Observações Astronômicas*, de Marial, e um volume com dedicatória que ele esperava que despertasse o interesse de uma de suas incumbências em particular.

Dez navios de escravos, cinco mercantes, quatro belonaves, contou ele de novo, virando-se para o porto. *Dois a menos do que ontem...* Alucius parou ao avistar outra embarcação, uma belonave contornando o promontório ao sul. Parecia estar tendo dificuldades para avançar pelas águas, com apenas uma vela içada, e esta, ele viu quando a embarcação chegou mais perto, era uma lona esfarrapada escurecida pela fuligem. O navio arrastava cordas frouxas pelas ondas plácidas da manhã ao se aproximar da entrada do porto, blocos e vigas quebradas penduradas no cordame, uma tripulação reduzida andando pelo convés com as costas curvadas de homens exaustos. Quando ancorou, os olhos de Alucius discerniram numerosas marcas de chamuscamento que enegreciam o casco e muitas manchas marrom-escuras no convés sujo.

Cinco belonaves, corrigiu-se. *Uma com uma história interessante para contar, ao que parece.*

* * *

Eles passaram pelo pombal no caminho, encontrando a única ave restante com a fome costumeira.

— Coma devagar — disse ele a Pena Azul, sacudindo o dedo, mas ela o ignorou, subindo e descendo a cabeça enquanto apanhava as sementes com o bico. O pombal

ficava no alto da casa da Guilda dos Tipógrafos, cujo telhado havia sido poupado do fogo que devastara a construção graças às vigas de ferro de que era feito. As casas em volta não tiveram tanta sorte, e o outrora movimentado edifício ao qual Alucius vinha para imprimir os seus poemas agora se erguia em meio a ruas de escombros e cinzas. Vista daquela altura, a cidade lembrava uma colcha de retalhos encardida, ilhas de construções intactas num mar de ruínas negro-acinzentadas.

— Sinto muito se você tem achado solitário ficar aqui — disse ele a Pena Azul, esfregando o peito macio da ave. Havia dez deles, um ano antes. Pássaros jovens, cada um com um grampo minúsculo preso na pata direita, resistente o suficiente para carregar uma mensagem.

Aquele fora o primeiro lugar para onde Alucius correria ao ser libertado da Fortaleza Negra, encontrando vivas apenas três das aves. Ele as alimentara e livrara-se dos corpos enquanto Vinte e Sete assistia impassível. Fora um risco levar o escravo até ali para testemunhar o seu maior segredo, mas não havia muita escolha. Na verdade, ele esperara que o Kuritai o matasse ali mesmo ou o colocasse a ferros mais uma vez para retornar de imediato à prisão. Contudo, o homem apenas ficara parado e observara enquanto Alucius escrevia a mensagem em código num pedaço minúsculo de pergaminho antes de enrolá-lo e enfiá-lo no pequeno cilindro de metal que caberia no grampo da pata do pombo.

Varinshold caiu, escrevera ele, embora soubesse que provavelmente era notícia velha para os destinatários. *Darnel governa. Quinhentos cavaleiros e uma divisão V.* Vinte e Sete nem mesmo se virou para ver o pássaro voar para longe quando Alucius o lançou do telhado e o esperado golpe mortal jamais fora desferido, não naquela ocasião, nem quando ele soltou o pássaro seguinte na noite em que a frota volariana zarpou para as Ilhas Meldeneanas. Ao que tudo indicava, Vinte e Sete não era seu carcereiro nem espião de Darnel; ele era simplesmente o seu carrasco que aguardava. De qualquer forma, as suas preocupações quanto ao que o Kuritai via desapareceram havia há muito tempo, junto com a esperança de que pudesse viver para ver aquela cidade liberta... e ver Alornis desenhar de novo.

Ele considerou por um breve momento enviar Pena Azul com a sua mensagem final; aqueles aos quais ele prestava contas sem dúvida achariam interessante a notícia sobre a belonave avariada, mas abandonou a ideia. O navio pressagiava muita coisa, e seria melhor aguardar para descobrir a história inteira antes de usar o seu último vínculo com o mundo exterior.

Eles desceram do telhado por uma escada encostada na parede dos fundos e seguiram para a única construção em Varinshold que parecia não ter sofrido qualquer dano, a vasta fortaleza de pedra negra situada no centro da cidade. Alucius sabia que ocorrera uma batalha sangrenta ali. A guarnição de capangas da Quarta Ordem

presente na Fortaleza Negra lutara de maneira surpreendentemente valente e repeliram sucessivas ondas de Varitai, com o Aspecto Tendris no meio do combate, instigando-os a feitos de coragem cada vez maiores com Fé inabalável. Pelo menos era essa a história caso se desse crédito aos murmúrios de escravos nascidos no Reino. A fortaleza finalmente foi tomada quando os Kuritai foram enviados, e o Aspecto Tendris abateu quatro dos escravos de elite antes de uma facada covarde nas costas derrubá-lo, algo que Alucius achava extremamente improvável, embora admitisse que o desgraçado louco provavelmente tinha morrido lutando.

Os Varitai no portão abriram caminho quando ele se aproximou seguido por Vinte e Sete com os seus livros e vários remédios num saco pendurado no ombro largo. O interior da Fortaleza Negra era ainda menos edificante do que o exterior, um pátio estreito com paredes negras austeras e arqueiros Varitai postados no parapeito acima. Alucius foi até a porta nos fundos do pátio, e o guarda Varitai a destrancou e lhe deu passagem. Lá dentro, ele desceu os degraus sinuosos até as galerias. O cheiro avivou lembranças desagradáveis de sua estada ali: podridão bolorenta e o traço pungente de mijo de rato. Os degraus terminavam uns seis metros abaixo, dando para um corredor iluminado por tochas e ladeado por dez celas, cada uma fechada por uma pesada porta de ferro. Todas as celas estavam ocupadas quando ele fora trazido pela primeira vez para ali, mas agora apenas duas estavam ocupadas.

— Não — respondeu Alucius à pergunta que Vinte e Sete não fizera. — Não posso dizer que é bom estar de volta, meu amigo.

Ele se aproximou do Espada Livre, sentado num banco no fim do corredor. Era sempre o mesmo homem, um sujeito emburrado e musculoso que falava a língua do Reino com toda a delicadeza de um escultor cego tentando esculpir uma obra-prima.

— Quadelis? — grunhiu ele, levantando-se e deixando de lado um odre de vinho.

— Aspecto Dendrish, acho — disse Alucius. — As tarefas enfadonhas primeiro, é o que sempre digo. — Ele escondeu um suspiro de frustração quando o Espada Livre franziu a testa, confuso. — O homem gordo — acrescentou lentamente.

O Espada Livre encolheu os ombros e andou até a porta mais afastada, as chaves tilintando enquanto a destrancava. Alucius lhe agradeceu com uma medida e entrou.

O Aspecto Dendrish Al Hendrahl perdera talvez metade de seu peso durante o cativeiro, mas mesmo assim ainda era consideravelmente mais gordo do que a maioria dos homens. Ele cumprimentou Alucius com o costumeiro rosto franzido e informalidade, os olhos pequenos apertados e reluzindo à luz da única vela no recanto acima de sua cama.

— Imagino que você tenha trazido algo mais interessante do que da última vez.

— Acredito que sim, Aspecto. — Alucius pegou o saco de Vinte e Sete e o

revirou, tirando de dentro um volume grande com o título gravado em relevo dourado na capa de couro.

— *Falácia e crença* — leu o Aspecto ao pegar o volume. — *A natureza da adoração de Deus*. Você me trouxe o meu próprio livro?

— Não exatamente, Aspecto. Sugiro que olhe dentro.

Dendrish abriu o livro, os olhos pequenos examinando o texto na página de rosto, em que Alucius sabia estar escrito *Ou “Pomposidade e arrogância: a natureza da erudição do Aspecto Dendrish”*.

— O que é isso? — perguntou o Aspecto.

— Encontrei na casa de Lorde Al Avern — falou Alucius. — O senhor sem dúvida se lembra dele. Era chamado de Lorde da Tinta e do Pergaminho, por causa de suas realizações eruditas.

— Realizações? O homem era um amador, um mero copiador de talentos maiores.

— Bem, ele tem muito a dizer sobre os seus talentos, Aspecto. A crítica dele do seu tratado sobre a origem dos deuses alpiranos é particularmente efusiva, e escrita de forma bastante elegante, devo dizer.

As mãos gordas de Al Hendrahl folhearam o livro com precisão, abrindo-o para revelar um capítulo adornado de forma deliberada com a letra elegante do finado Lorde Al Avern.

— “Simplesmente repete Carvel”? — leu o Aspecto num sussurro furioso. — O *macaco* desmiolado *me* acusa de falta de originalidade.

— Achei que o senhor podia achar divertido. — Alucius fez uma mesura e foi até a porta.

— Espere! — Al Hendrahl lançou um olhar cauteloso para o Espada Livre do lado de fora da cela e levantou-se, não sem dificuldade. — Sem dúvida você tem notícias.

— Infelizmente, as coisas não mudaram desde a minha última visita, Aspecto. Lorde Darnel está procurando o filho em meio às cinzas do seu grande crime, aguardamos notícias da gloriosa vitória do General Tokrev em Alltor e da tomada igualmente gloriosa do Almirante Morok das Ilhas Meldeneanas.

Al Hendrahl aproximou-se e falou num sussurro quase inaudível:

— Nada ainda sobre Mestre Grealin?

Era a pergunta que ele sempre fazia, e Alucius desistira de tentar arrancar a razão para esse interesse no almoxarife da Sexta Ordem.

— Nada, Aspecto. Tal como da última vez. — Estranhamente, essa resposta sempre parecia tranquilizar o Aspecto, e o homem assentiu, voltando a se sentar na

cama, com os dedos sobre o livro e sem erguer o olhar quando Alucius saiu da cela.

Como sempre, a Aspecto Elera contrastava com o seu irmão de Fé, sorrindo e levantando-se quando a porta se abriu, as mãos delgadas estendidas em saudação.

— Alucius!

— Aspecto. — Ele percebia que sempre tinha de cuidar para que sua voz não ficasse embargada quando a via, vestida com o imundo manto cinzento que não deixavam que ele substituísse, o tornozelo dela vermelho e em carne viva por causa do grilhão. Porém, ela sempre sorria e ficava feliz ao vê-lo.

— Trouxe mais bálsamo — disse Alucius, colocando o saco sobre a cama. — Para a sua perna. Há uma farmácia na rua dos Condutores. Incendiada, naturalmente, mas parece que o proprietário teve a providência de esconder parte do estoque no porão.

— Engenhoso como sempre, meu senhor. Obrigada. — Ela se sentou e examinou o saco por um momento, retirou de dentro um pequeno pote de cerâmica de bálsamo e removeu a tampa para sentir o cheiro do conteúdo. — Óleo de corr e mel. Excelente. Servirão muito bem. — A Aspecto revirou mais o saco e encontrou os livros. — Marial! — exclamou ela, encantada. — Já tive todos os volumes. Deve fazer quase vinte anos desde a última vez que os li. Você é bom para mim, Alucius.

— Eu me esforço para fazer o melhor que posso, Aspecto.

Elera deixou o livro de lado e olhou para ele, o rosto tão limpo quanto permitia sua parca cota de água. Lorde Darnel fora muito específico nas instruções sobre o confinamento da Aspecto, uma consequência das palavras pouco lisonjeiras que ela lhe dissera durante a sua primeira e única visita àquela cela. Assim, enquanto o Aspecto Dendrish era tratado apenas com a crueldade da indiferença e de uma dieta restrita, a Aspecto Elera fora presa à parede com uma corrente que restringia os seus movimentos a menos que os dois metros quadrados de sua cela minúscula. Entretanto, até o momento Alucius não a ouvira fazer uma reclamação sequer.

— Como vai o poema? — perguntou Elera.

— Devagar, Aspecto. Receio que esses tempos tumultuosos mereçam um cronista melhor.

— Uma pena. Eu estava ansiosa para lê-lo. E o seu pai?

— Envia os seus cumprimentos — mentiu Alucius. — Embora eu raramente o veja esses dias, ocupado como ele está a serviço do Lorde.

— Ah. Bem, não deixe de lhe dar os meus cumprimentos.

Pelo menos ela não o chamará de traidor quando isso acabar, pensou Alucius. Embora talvez seja a única.

— Diga-me, Alucius — prosseguiu a Aspecto. — As suas explorações o levam até o quadrante sul?

— Raramente, Aspecto. As sobras não são das melhores, e, de qualquer forma, não restou muita coisa do quadrante para ser vasculhado.

— Que pena. Havia uma estalagem lá, creio que se chamava Javali Negro. Se você estiver precisando de vinho decente, acredito que o proprietário mantinha uma seleção de safras cumbraelinas num local secreto sob as tábuas do assoalho, para não incomodar os coletores de impostos do Rei, claro.

Vinho decente. Quando foi a última vez que você bebeu algo que não tenha gosto do mais ácido vinagre? Os volarianos podiam ter tido pouco interesse nos livros da cidade, mas haviam limpado cada prateleira de vinho na primeira semana de ocupação, forçando-o a um período indesejado de sobriedade.

— Muito gentil de sua parte, Aspecto. Mas devo confessar a minha surpresa por a senhora ter conhecimento de tais assuntos.

— Escuta-se toda espécie de coisas quando se é uma curandeira. As pessoas revelam os seus segredos mais íntimos àqueles que elas esperam que acabem com suas dores. — Elera o olhou nos olhos, e havia um novo peso em sua voz quando acrescentou: — Eu não me demoraria à procura do vinho, meu senhor.

— Eu... não irei me demorar, Aspecto.

O Espada Livre bateu com as chaves na porta, soltando um grunhido impaciente.

— Preciso ir — disse ele, pegando o saco vazio.

— Foi um prazer, Alucius, como sempre. — A Aspecto estendeu a mão, e ele se ajoelhou para beijá-la, um ritual de cortesia que haviam adotado com o passar das semanas. — Sabe de uma coisa? — comentou ela quando Alucius levantou-se e caminhou até a porta. — Creio que, se Lorde Darnel fosse um homem verdadeiramente corajoso, já teria nos matado a essa altura.

— E com isso teria feito o seu feudo se levantar contra ele — respondeu Alucius. — Nem mesmo ele é tão tolo.

Ela assentiu, sorrindo mais uma vez enquanto o Espada Livre fechava a porta, suas últimas palavras foram baixas, mas audíveis e insistentes:

— Não deixe de aproveitar o vinho!

Lorde Darnel mandou chamá-lo à tarde, adiando uma exploração do quadrante sul. O Senhor Feudal tomara posse da única ala restante do palácio, um aglomerado reluzente de paredes e torres de mármore que se erguia das ruínas destroçadas que o

cercavam. As paredes estavam parcialmente cobertas por andaimes, enquanto pedreiros esforçavam-se para remodelar o que sobrara numa construção convincentemente independente, como se sempre tivesse sido assim. Darnel estava determinado a apagar quanto fosse possível do passado inconveniente. Um pequeno exército de escravos trabalhava sem parar para realizar a visão de seu novo mestre; as alas arruinadas eram removidas para dar lugar a um jardim ornamental, repleto de estátuas saqueadas e canteiros de flores ainda não desabrochadas.

Alucius sempre ficava surpreso por não sentir medo toda vez que tinha a infelicidade de se encontrar na presença do Senhor Feudal; o temperamento do homem era lendário, e o seu gosto pela pena de morte fazia o velho Rei Janus parecer o modelo de governança tolerante. Porém, apesar de todo o seu desprezo evidente, Darnel precisava dele vivo. *Pelo menos até que meu pai vença a guerra para ele.*

Dois dos cavaleiros mais robustos de Darnel, vestindo armaduras completas e fedendo de forma horrível, apesar de todo o óleo de lavanda com que se besuntavam, abriram caminho para que Alucius entrasse na nova sala do trono. Até o momento, nenhum ferreiro resolvera o problema eterno dos odores malcheirosos causados pelo uso prolongado de armaduras. Darnel estava sentado em seu novo trono, uma sinfonia de carvalho e veludo belamente entalhada, com um encosto ornamentado que passava de dois metros de altura. Embora ainda tivesse que se declarar rei formalmente, Darnel não tardara em se vestir com o maior número possível de parafernália reais, a coroa do Rei Malcius sendo o item principal, ainda que Alucius achasse que ficava um pouco solta na cabeça do homem. Balançou agora em sua frente quando o Senhor Feudal inclinou-se para dirigir-se ao homem diante dele, um sujeito rijo e um tanto esfarrapado vestido como um marinheiro volariano, com um manto negro sobre os ombros. O medo de Alucius tomou forma quando ele avistou o homem parado atrás do marinheiro. O Comandante de Divisão Mirvek estava empertigado em seu peitoral preto laqueado, as feições pesadas e marcadas por cicatrizes, e o ar impassível com que sempre ficava na presença do Senhor Feudal. Darnel podia precisar dele vivo, mas o volariano certamente não precisava. Alucius ficou um pouco aliviado ao ver o pai, parado de braços cruzados ao lado de Darnel.

— Um tubarão? — perguntou Lorde Darnel ao marinheiro, com a voz cheia de desprezo. — Você perdeu a sua frota para um tubarão?

O marinheiro retesou-se, o rosto revelando um homem insultado por alguém que ele considerava ser pouco mais do que um escravo favorecido.

— Um tubarão vermelho — respondeu o marinheiro, falando bem, mas com sotaque da língua do Reino. — Comandado por uma *elverah*.

— Elverah? — perguntou Darnel. — Achei que essa suposta elverah estivesse ocupada atrasando o General Tokrev em Alltor.

— Não é um nome, pelo menos não atualmente — explicou Mirvek. — Significa bruxa, ou feiticeira, e vem de uma lenda antiga...

— Não dou a mínima para a bosta da sua lenda! — exclamou Darnel. — Por que você me trouxe esse cão derrotado com essas histórias fantásticas de bruxas e tubarões?

— Não sou mentiroso! — retorquiu o marinheiro, ficando com o rosto vermelho. — Testemunhei mais de mil mortes pelas mãos daquela vadia e de sua criatura.

— Controle o seu cão — disse Darnel calmamente ao Comandante de Divisão. — Ou ele será chicoteado como lição.

O marinheiro tornou a se enfurecer, mas nada mais disse quando Mirvek o conteve, colocando a mão em seu ombro, e sussurrando algo em sua própria língua. O volariano de Alucius era ruim, mas ele teve certeza de ter ouvido a palavra “paciência” na voz tranquilizadora do comandante.

— Ah, poetinha — disse Darnel, notando Alucius. — Eis uma história digna de um ou dois versos. A grande frota volariana afundada por um tubarão abençoado pelas Trevas atendendo aos caprichos de uma bruxa.

— *Elverah* — disse mais uma vez o marinheiro, antes de acrescentar algo em sua própria língua.

— O que ele falou? — perguntou Darnel ao Comandante de Divisão num tom cansado.

— Nascida do fogo — traduziu o comandante. — Os marinheiros dizem que a bruxa nasceu do fogo, por causa de suas queimaduras.

— Queimaduras?

— No rosto dela. — O marinheiro passou a mão pelo próprio rosto. — Queimado, terrível de se olhar. Uma criatura, não uma mulher.

— E eu pensava que não havia superstição alguma entre o seu povo — disse Darnel antes de virar-se de novo para Alucius. — O que acha que isso significa para a nossa grande empreitada, poetinha?

— Parece que as Ilhas Meldeneanas afinal de contas não sucumbiram tão facilmente, meu senhor — observou Alucius num tom seco. Ele viu o pai se remexer ao lado de Darnel, encarando-o com um aviso no olhar, mas Darnel pareceu não se incomodar com a observação.

— De fato. Apesar das muitas promessas feitas por nossos aliados, eles fracassam em capturar as Ilhas e, em vez disso, trazem para a minha casa cães que

latem absurdos. — Ele apontou um dedo firme para o marinheiro. — Tire-o daqui — disse a Mirvek. — Aproxime-se, poetinha. — Darnel fez um sinal lânguido com a mão quando os volarianos se retiraram. — Quero a sua opinião sobre outra história fantástica.

Alucius adiantou-se e se ajoelhou diante do trono. Ele se sentia constantemente tentado a abandonar toda a simulação de respeito, mas sabia que a tolerância do lorde tinha limites, a despeito de sua serventia.

— Aqui. — Darnel pegou um objeto esférico ao pé do trono e o jogou para Alucius. — Familiar, não?

Alucius agarrou o item e o revirou nas mãos. O elmo de um cavaleiro renfaelino, laqueado de azul, com várias mossas e uma viseira quebrada.

— Lorde Wenders — disse ele, lembrando-se de que Darnel presenteara o seu principal bajulador com uma armadura indesejável.

— De fato — concordou Darnel. — Encontrado há quatro dias com um virote de besta cravado no olho. Suponho que você não tenha muita dificuldade para adivinhar a causa de sua morte.

— O Irmão Vermelho. — Alucius escondeu um sorriso. *Incendiou a Urlish até não restar nada e ainda assim não conseguiu pegá-lo.*

— Sim — disse Darnel. — O curioso é que trataram dos ferimentos dele antes de matá-lo. Ainda mais curiosa é a história contada pelo único sobrevivente de sua companhia. Receio que ele não tenha vivido por muito tempo, vítima de um braço esmagado e supurado, mas ele jurou pelos Finados que a companhia inteira havia sido soterrada por um deslizamento de rochas invocado pelo mestre gordo do Irmão Vermelho.

Grealin.

— Invocado, meu senhor? — perguntou Alucius com o rosto impassível.

— Sim, com as Trevas, se é que é possível acreditar em tal coisa. Primeiro a história do irmão tocado pelas Trevas, agora a balada do tubarão da bruxa. Tudo muito estranho, não concorda?

— Concordo, meu senhor. Sem dúvida alguma.

Darnel reclinou-se no trono, encarando Alucius com malícia no olhar.

— Diga-me, em todas as suas conversas com os nossos estimados Aspectos sobreviventes, eles já fizeram alguma menção a esse mestre gordo e aos seus dons das Trevas?

— O Aspecto Dendrish pede livros e comida. A Aspecto Elera não pede nada. Nunca fazem menção a esse mestre...

Darnel olhou para o pai de Alucius.

— Grealin, meu senhor — disse Lakrhil Al Hestian.

— Sim, Grealin. — Darnel voltou os olhos para Alucius. — Grealin.

— Lembro-me do nome, meu senhor. Creio que Al Sorna o mencionou durante o tempo que passamos juntos durante a Revolta do Usurpador. Ele cuidava do almoxarifado da Sexta Ordem, se não me engano.

O rosto de Darnel perdeu toda a expressão e empalideceu, como costumava acontecer à menção do nome Al Sorna, algo que Alucius bem sabia e com que contava para causar uma distração conveniente e evitar mais questionamentos astutos. Contudo, naquele dia o Senhor Feudal não estava se distraindo com tanta facilidade.

— Almoxarife ou não, parece que ele agora é um monte de cinzas — disse ele por entre os dentes após um momento. Tirou algo do bolso de seu manto de seda e jogou para Alucius: um medalhão numa corrente de metal liso, chamuscado, mas intacto. O Guerreiro Cego. — Os batedores de seu pai encontraram isso entre as cinzas de uma pira próximo ao corpo de Wenders. É do mestre gordo ou do Irmão Vermelho, e duvido que teríamos tamanha sorte.

Não, concordou Alucius mentalmente. Você jamais teria tamanha sorte.

— Os nossos aliados volarianos estão extremamente interessados em qualquer boato sobre as Trevas — disse Darnel. — Estão pagando muito por escravos que dizem ser tocados por elas. Imagine o que farão aos seus amigos na Fortaleza Negra se suspeitarem que eles sabem de mais pessoas assim. Na próxima vez que visitá-los, mostre-lhes esse medalhão, narre para eles essa história fantástica e me conte cada palavra que disserem.

Ele se levantou e andou lentamente na direção de Alucius, o rosto estremecendo um pouco, os lábios úmidos de saliva. Eram quase da mesma altura, mas Darnel era consideravelmente mais largo, e um matador experiente. Porém, de alguma forma Alucius não sentiu medo quando o homem se aproximou.

— Essa farsa já durou tempo demais — disse o Senhor Feudal, com a voz áspera. — Parto esta noite com todos os cavaleiros sob meu comando para capturar esse Irmão Vermelho e reaver o meu filho. Enquanto eu estiver fora, você vai se certificar de que aqueles merdas santimoniais saibam que eu os entregarei de bom grado aos nossos aliados para vê-los esfolados, caso isso arranque deles os seus segredos, Aspectos ou não.

CAPÍTULO TRÊS

Frentis

Ela desperta e seus olhos encontram um brilho fraco e amarelo num mundo de sombras. O brilho se torna a chama de uma vela, não tão nítida quanto deveria ser. Por um momento ela se pergunta se renasceu num corpo parcialmente cego, a piada do Aliado, ou um castigo adicional. Mas então ela se lembra de que a sua visão, a visão de seu primeiro corpo, sempre fora surpreendentemente aguçada. Mais aguçada do que a de qualquer falcão, dissera o seu pai séculos antes, um raro elogio que lhe enchera os olhos de lágrimas na época, mas que agora nada causava a esses olhos. Esses olhos mais fracos, roubados.

Ela está deitada sobre pedra dura, fria e áspera ao toque de sua pele nua. Ela se senta, e algo se move na escuridão; um homem sai das sombras para a luz fraca. Ele veste o uniforme da Guarda do Conselho e tem o rosto magro de um veterano, mas ela enxerga a verdadeira face dele no olhar malicioso.

— O que acha? — questiona ele.

Ela ergue as mãos, flexionando os dedos e os pulsos. Forte, ótimo. Seus braços são esguios, bem-torneados, tal como suas pernas, esbeltas e flexíveis.

— Uma dançarina? — pergunta ela ao Guarda do Conselho.

— Não. Ela foi encontrada quando era uma criança. Das tribos da colina ao norte, mais ricas em dotados do que qualquer outro lugar do império. O dom é poderoso, um domínio espantoso do vento. Algo para o qual tenho certeza de que você encontrará alguma serventia. Ela foi treinada com faca, espada e arco desde que tinha seis anos. Por segurança, devido à sua inevitável queda.

Ela sente uma pontada de raiva ao ouvir isso. Não era inevitável. Não mais do que o amor é inevitável. Ela fica tentada a deixar que a raiva aumente, que alimente com fúria o novo corpo e teste suas habilidades contra o Mensageiro malicioso, mas se detém diante de outra sensação... A música flui, a melodia é intensa e forte. Sua canção voltou!

Ela sente uma gargalhada lhe subir pelo peito e a solta, jogando a cabeça para trás, o som exultando no momento em que outro pensamento lhe ocorre, não menos intenso em sua compreensão jubilante. Eu sei que você me vê, amado!

Ele acordou sobressaltado, fazendo Retalhador, que dormia aos seus pés, soltar um ganido de curiosidade. Ao seu lado, Mestre Rensial continuava dormindo, com um sorriso estranhamente sereno no rosto; um homem contente em seu sono. Era o único momento em que ele parecia são, além de nas batalhas. Frentis sentou-se com um gemido, sacudindo a cabeça para afastar o sonho. *Sonho? Você realmente acredita que era isso?*

Ele deixou a ideia de lado e calçou as botas, pegou a espada e saiu da tenda pequena que dividia com o mestre. O céu ainda estava escuro, e ele calculou que o novo dia começara havia menos de duas horas, pela altura da lua. A companhia dormia à sua volta; as tendas fornecidas pelo Barão Banders eram um luxo extraordinário após tantos dias de privações. Eles estavam acampados na encosta sul de uma colina alta, um dos morros que tornavam a região fronteira de Renfael tão distinta; as fogueiras haviam sido proibidas pelo barão, que não via motivo para dar a Lorde Darnel qualquer indício de quantos eles eram.

Seis mil homens, pensou Frentis, percorrendo o acampamento com os olhos, lembrando-se das informações fornecidas pelo desafortunado Lorde Wenders. *Suficientes para tomar uma cidade protegida pelos cavaleiros de Darnel e por uma divisão inteira de volarianos?*

Um som baixo atraiu a sua atenção de volta às tendas onde dormia a sua companhia, um risinho que vinha da tenda que Arendil dividia com a Senhora Illian. Ele ouviu sussurros indistintos, mas urgentes, seguidos por mais risinhos. *Eu devia impedir isso*, decidiu Frentis, e começou a andar, mas então parou quando as palavras que Illian lhe dissera no dia anterior lhe vieram à mente. *Eu não sou criança*.

Eles perderam a juventude na minha cruzada sangrenta, pensou. *E coisas ainda piores estão por vir em Varinshold*. Frentis suspirou e afastou-se até os sons diminuírem.

Era noite de meia-lua, mas o céu estava claro, fornecendo luz suficiente para se ter uma boa visão da planície para além dos morros, até então livre de inimigos. *Ele irá esperar?*, perguntou-se Frentis. *Será que Darnel virá quando souber que Banders fez o seu feudo rebelar-se contra ele e que agora protege o seu filho?* Sua mão doeu ao apertar o punho da espada, sentindo a sede de sangue aumentar mais uma vez, chamando a voz dela como sempre fazia. *Não está tão livre dos seus prazeres, afinal, amado?*

— Me deixe em paz — sussurrou em volariano por entre os dentes, forçando a mão a soltar a espada.

— Então aprendeu uma nova língua, irmão?

Frentis virou-se e viu um irmão mais ou menos da sua idade vindo das sombras, alto com um rosto estreito e um sorriso enviesado. Foi o sorriso que avivou a sua memória.

— Ivern — disse ele após um momento.

O jovem irmão parou a alguns metros de distância e olhou Frentis da cabeça aos pés, espantado.

— Achei que o Irmão Sollis estava de brincadeira quando me contou — disse ele. — Mas desde quando ele brinca sobre alguma coisa? — Ele avançou e deu um abraço caloroso em Frentis.

— A Ordem — começou Frentis quando Ivern recuou. — A Casa caiu. Não há outros...

— Eu sei. Ele me contou a sua história. Pouco mais de uma centena de nós. É tudo o que resta da Sexta Ordem.

— O Aspecto Arlyn está vivo. O lambe-botas de Darnel confirmou essa informação, mas não pôde nos dizer onde em Varinshold o haviam aprisionado.

— Um mistério a ser resolvido quando chegarmos lá. — Ivern inclinou a cabeça para o agrupamento de tendas ali perto. — Sobrou meia garrafa de Amigo de Irmão, se quiser dividir.

Frentis nunca tivera uma predileção especial pela bebida alcoólica favorita da Ordem, pois não gostava do modo como ela entorpecia os sentidos, de forma que se limitou a um gole educado antes de devolver o frasco a Ivern, que parecia não ter tais preocupações.

— Estou dizendo a mais pura e completa verdade — insistiu ele após um gole longo do frasco. — Ela me beijou, bem nos lábios.

— A Princesa Lyrna beijou você? — perguntou Frentis, erguendo uma sobrancelha.

— De fato beijou. Após uma perigosa e, suponho, agora já lendária empreitada pelo Domínio Lonak. Eu já havia escrito metade do relato para que fosse incluído no arquivo do Irmão Caenis quando chegou a notícia da invasão. — O sorriso dele tornou-se pesaroso. — Meu melhor momento como um irmão, que a história perdeu graças a preocupações maiores. — Ele olhou Frentis nos olhos. — Ouvimos muitas coisas sobre você enquanto vínhamos para o sul. A história do Irmão Vermelho se espalhou depressa e por toda parte. Existe até mesmo uma versão que diz que você a viu morrer.

O fogo lhe envolvendo o rosto enquanto ela gritava, o cabelo enegrecendo enquanto tentava apagar as chamas com as mãos...

— Eu não a vi morrer — disse Frentis. *Apenas matei o irmão dela.*

Ele contara tudo ao Irmão Sollis na noite anterior enquanto a companhia fazia a sua primeira refeição de verdade após dias, alguns com os ombros tão curvados de alívio que não conseguiam levar a comida às bocas. Sollis assimilara cada palavra sem fazer qualquer comentário, os olhos claros nada revelando enquanto a história de assassinato e dor era narrada. Terminado o relato, ele, tal como o Aspecto Grealin, dera instruções expressas para que não fosse repetido a ninguém e que fosse mantida a ficção na qual acreditavam as pessoas que o seguiam. *A mesma mentira*, acrescentou a voz da mulher num tom de leve zombaria.

— Então há uma chance — insistiu Ivern. — Ela ainda pode estar viva.

— Peço todos os dias aos Finados para que assim seja.

Ivern tomou outro gole.

— Os lonaks não compreendiam o que era uma princesa, então a chamavam de rainha. No fim, estavam certos. Se eu fosse um volariano, estaria rezando pela morte dela. Não gostaria de ser o alvo da vingança daquela mulher.

Vingança, pensou Frentis, olhando para as próprias mãos, mãos que haviam quebrado o pescoço de um rei. *Ou justiça?*

Ele retornou para a sua companhia pela manhã e encontrou Davoka conversando com Illian, a jovem nobre sentada de forma rígida e com o rosto pálido enquanto a lonak falava num tom instrutivo:

— Você precisa ter cuidado — advertiu ela, passando uma pedra ao longo da lâmina da sua lança. — Barriga inchada não é boa coisa numa batalha. Garanta que ele faça na sua coxa.

Quando Illian avistou Frentis, seu rosto ganhou um tom escarlate no mesmo instante. Ela se levantou e afastou-se pisando firme, mas depressa, conseguindo soltar apenas um guincho baixo em resposta ao cumprimento dele.

— Essas coisas não são discutidas abertamente entre os merim her — disse Frentis a uma Davoka confusa, sentando-se ao lado dela.

— A garota é tola — murmurou ela, encolhendo os ombros. — Fica brava rápido demais, abre as pernas rápido demais. Meu primeiro marido teve que me dar três pôneis antes de colocar as mãos em mim.

Frentis ficou tentado a perguntar quantos pôneis Ermund precisaria entregar no devido tempo, mas achou que seria uma pergunta insensata. Preso como estava pelo seu juramento, o cavaleiro reassumira rapidamente sua posição ao lado do Barão

Banders, e sua espada faria muita falta. Contudo, Davoka parecia não se incomodar com a ausência repentina do cavaleiro, e Frentis perguntou-se se o homem não teria sido apenas uma distração bem-vinda durante os raros dias de calma na Urlish.

— As coisas são diferentes aqui — disse ele, mais para si mesmo do que para a lonak. *Illian se transformou de uma garota mimada numa caçadora mortal; Draker, de um fora da lei num soldado; Grealin, de um mestre num Aspecto. Tudo está diferente. Os volarianos nos construíram um novo Reino.*

O Irmão Comandante Sollis apareceu quando eles tomavam o café da manhã, oferecendo um aceno de cabeça respeitoso a Davoka, e parando apenas por um momento ao avistar Trinta e Quatro, que sorriu com uma mesura graciosa.

— O Barão Banders convocou um conselho — disse Sollis a Frentis. — Ele quer a sua opinião.

— Quinhentos cavaleiros e um penico cheio de volarianos? — O Barão Banders ergueu uma sobrancelha grossa para Frentis e soltou uma risada baixa. — Não é bem um exército poderoso, irmão.

— Se é que esse Wenders disse a verdade — comentou Sollis.

O barão reunira o seu conselho numa área afastada do acampamento principal; os vários capitães e lordes estavam de pé num círculo sem muita cerimônia ou introduções formais. Ao que tudo indicava, os modos frequentemente elaborados da nobreza renfaelina eram de pouca serventia a Banders.

— Wenders não me pareceu um homem com inteligência suficiente para engodos, irmão — disse Frentis a Sollis antes de virar-se para Banders. — Há mais de oito mil homens numa divisão volariana, meu senhor. Além disso, eles possuem os mercenários Espadas Livres, que protegem os traficantes de escravos e os contingentes de Kuritai. Eu o aconselho a não subestimá-los.

— Eles são piores do que os alpiranos?

— De algumas formas.

O barão grunhiu e ergueu uma sobrancelha para Ermund, que assentiu solenemente.

— Matamos muitos na floresta, meu senhor, mas pagamos caro. Se eles têm mais soldados, tomar a cidade será uma tarefa sangrenta.

— Se Darnel for sensato o suficiente para permanecer atrás das muralhas — ponderou Banders. — E sensatez não é uma de suas virtudes.

— Ele recrutou sensatez — disse Frentis. — Wenders nos contou que Lakrhil Al

Hestian foi pressionado a servir Darnel como Senhor da Batalha. Ele sabe muito bem como é importante não nos enfrentar em campo aberto.

— Rosa Sangrenta — comentou Banders em voz baixa. — Eu não suportava o homem, para falar a verdade. Mas ele nunca me pareceu um traidor.

— Darnel está mantendo o filho de Al Hestian como refém para garantir a sua lealdade. Devemos considerá-lo um inimigo, e um que não é propenso a erros de julgamento.

— Mas não conseguiu defender Marbellis. — Banders olhou para Sollis. — Conseguiu, irmão?

Houve uma pausa antes de Sollis responder, e Frentis imaginou que horrores apinhavam a memória do homem.

— Ninguém conseguiria defender Marbellis, meu senhor — respondeu Sollis. — Um cascalho não tem chance contra um oceano.

Banders calou-se e apoiou o queixo na mão.

— Eu esperava que a Urlish ocultasse o nosso avanço — disse ele num tom de reflexão. — Pelo menos durante algum tempo, e que ainda fornecesse madeira para escadas e máquinas. Agora até mesmo isso nos foi tirado.

— Há outros caminhos, avô — afirmou Arendil.

Sua mãe, a Senhora Ulice, estava ao seu lado, segurando com firmeza o braço do filho. O alívio da mulher ao encontrá-lo vivo no dia anterior fora um espetáculo de beijos chorosos, embora ela tivesse ficado claramente mortificada pela insistência do filho em permanecer com a companhia de Frentis.

— Caro irmão — disse Arendil, gesticulando para Frentis —, Davoka e eu escapamos pelos esgotos da cidade. Se pudemos sair, sem dúvida podemos entrar do mesmo modo.

— O cano do porto pode ser visto com muita facilidade pelos marinheiros — disse Frentis. — Mas existem alternativas, e há alguém em nossa companhia que conhece os esgotos quase tão bem quanto eu.

— Tenho quatro mil cavaleiros que não caberão tão facilmente num cano de bosta, irmão — observou Banders. — Tire os cavalos deles e ficam tão úteis quanto um eunuco num bordel. O resto é soldado e algumas centenas de camponeses com contas a acertar com Darnel e seus cães.

— Tenho mais de cem irmãos — disse Sollis. — E mais a companhia do Irmão Frentis. Sem dúvida é suficiente para capturar um portão e defendê-lo pelo tempo necessário para que os seus cavaleiros entrem.

— E então o quê? — perguntou Banders. — Eles não têm experiência em lutas de

rua, irmão.

— Eu lutarei num pântano se isso deixar Darnel ao alcance de minha espada — disse Ermund. — Não compreenda mal o temperamento de seus cavaleiros, meu senhor. O caminho deles não foi escolhido de forma leviana, e eles o seguirão até o Além e de volta se o senhor ordenar.

— Não duvido do temperamento deles, Ermund — assegurou-lhe Banders. — Mas o nosso feudo perdeu guerras suficientes para aprender a lição de que o ataque de uma onda de aço não pode vencer todas as batalhas. E, supondo que consigamos tomar a cidade, o grosso das forças do inimigo ainda está sitiando Alltor. E depois que terminarem, para onde acha que eles marcharão?

— De acordo com as poucas informações que conseguimos obter, o Senhor Feudal Mustor está resistindo por muito mais tempo do que o esperado — disse Sollis. — O inverno estará chegando quando os volarianos conseguirem conquistar a capital e subjugar o feudo. É tempo suficiente para nos entrincheirmos e recebermos reforços de Nilsael e dos Confins.

Banders virou-se para um de seus capitães à menção dos Confins, um cavaleiro veterano com uma armadura branca laqueada.

— Suponho que não haja notícias, Lorde Furel?

— É uma longa cavalgada até Meanshall — comentou o cavaleiro. — E uma viagem ainda mais longa até os Confins. Nossos mensageiros foram enviados há apenas dez dias.

— Eu tinha esperança de que ele já estivesse a caminho a essa altura — ponderou Banders, e Frentis não precisava que o barão dissesse o nome de quem tinha em mente.

— Ele está — disse Frentis. — Eu sei. — Ele olhou para o Irmão Sollis, que respondeu com um aceno de cabeça. — E termos Varinshold em nossas mãos quando ele chegar tornará a nossa tarefa muito mais fácil.

— Você me pede para arriscar muito com base apenas em fé, irmão — retorquiu Banders.

— Fé é o meu negócio, meu senhor — disse Frentis.

O exército do barão estava bem guarnecido de cavalos, a maioria tirada das propriedades de cavaleiros que haviam se aliado a Darnel. Eram todos garanhões de altura imponente, com a inquietação de cavalos criados para atacar. Mestre Rensial andava pelo curral temporário onde os cavalos haviam sido reunidos, aparentemente alheio às bufadas e relinchos enquanto passava as mãos por flancos e pescoços, com

o olhar concentrado de um especialista.

— Não tão... — Davoka procurou a palavra certa enquanto olhavam o mestre fazer o seu serviço. — *Ara-kahmin*. Doença da cabeça.

— Louco — disse Frentis, vendo a segurança com que Mestre Rensial se movia. — Não tão louco quando ele está com cavalos. Eu sei.

— Ele olha para você e vê um filho — respondeu Davoka. — Você também sabe disso?

— Ele vê muitas coisas. A maioria delas não está lá.

O mestre escolheu um cavalo para cada um deles, levando um jovem cinzento para Frentis e um negro e largo para Davoka.

— Grande demais — disse ela, recuando um pouco quando o cavalo grande a cheirou. — Não tem pôneis aqui?

— Não — respondeu Mestre Rensial, e afastou-se para escolher mais montarias.

— Você vai se acostumar com ele — assegurou-lhe Frentis, coçando o focinho do cavalo cinzento. — Que nome será que você merece?

— *Merim her* — murmurou Davoka com sarcasmo. — Pessoas ganham nomes. Cavalos são usados e comidos.

Eles cavalgaram para o sul ao meio-dia; o Irmão Sollis seguia na frente com seus irmãos, fazendo o reconhecimento; os cavaleiros e servidores seguiam numa coluna cerrada. Por ordem do Barão, cada homem estava de armadura e preparado para entrar em batalha. Os camponeses rebeldes seguiam atrás a pé, a maioria homens fortes com pouca armadura, mas com ampla variedade de armas. Havia uma uniformidade sombria em suas expressões que Frentis conhecia bem: o rosto dos injustiçados e furiosos. Pelas histórias que Ivern lhe contara sobre a viagem do irmão desde o Passo, era evidente que, com a ausência da autoridade da Coroa, Darnel não perdera tempo em ajustar contas antigas, e boa parte de sua ira havia recaído sobre as pessoas que trabalhavam nas terras de seus inimigos. A companhia de Frentis, em que poucos podiam ser chamados de cavaleiros experientes, compunha a retaguarda, disposta numa formação vaga que muitos tiveram dificuldade de manter por muito tempo.

— Eu... odeio... cavalos! — bufava Draker enquanto balançava em cima do alazão que Rensial escolhera para ele.

— É fácil! — exclamou Illian, avançando a galope, movendo-se na sela com a facilidade habitual. — É só se erguer um pouco no momento certo.

Ela riu quando Draker fez uma tentativa medíocre de seguir a instrução, batendo na sela com um grunhido alto.

— Ah, meus filhos não nascidos.

Depois de Frentis e Mestre Rensial, Arendil e Illian sem dúvida eram os seus melhores cavaleiros. Ele enviou Arendil para oeste e Illian para leste com instruções de fazer o reconhecimento dos flancos e ordens expressas de retornarem assim que avistassem qualquer sinal de amigo ou inimigo. A Senhora Ulice demonstrara um desprazer nítido com o fato de Arendil mais uma vez ser mandado para longe de sua vista, mas se limitou a protestar franzindo o cenho com severidade. Ela havia se juntado a eles enquanto entravam em formação, oferecendo poucas palavras além da declaração de que viajaria com o filho por ordem do barão, embora parecesse encorajada pela presença de Davoka.

— Eu sei que devo a vida dele a você — admitiu ela à Ionak. — Seja o que for que você desejar como agradecimento...

— Arendil é *gorin* para mim — disse Davoka, seca, acrescentando quando a mulher franziu a testa, confusa: — Clã. — Davoka estendeu o braço, abarcando a companhia ao redor, de Frentis a Trinta e Quatro e Draker, que ainda se encolhia a cada solavanco da sela. — Meu clã. Clã da Floresta Queimada. — Ela soltou uma gargalhada. — Agora seu.

— Você poderia ir para casa — disse Ulice. — O norte está livre até as montanhas.

Davoka fechou a cara como se tivesse sido ofendida, mas relaxou um pouco quando percebeu que a mulher estava genuinamente curiosa.

— Rainha não foi encontrada — disse Davoka. — Sem ir para mim até ela ser encontrada.

* * *

Eles chegaram tarde da noite à região de colinas mais acidentada, e Banders concordou com a escolha de Sollis para o local do acampamento: a encosta norte de um promontório que oferecia uma visão desimpedida em todas as direções e era protegida no lado sul por uma ravina funda. As fogueiras desta vez foram permitidas, pois Banders sabia muito bem que quaisquer outras tentativas de ocultar um exército tão grande seriam redundantes após terem penetrado tanto em território asraelino.

A companhia de Frentis ficou encarregada de proteger o flanco leste, e ele montou piquetes numa fileira compacta, com duplas de vigias que se revezavam em turnos

de três horas. Illian retornou quando ele inspecionava o perímetro.

— Você ficou fora por muito tempo — disse Frentis a ela. — Arendil voltou há uma hora. Nas próximas vezes, volte antes do anoitecer.

— Desculpe, irmão — respondeu Illian, evitando o olhar de Frentis, e ele percebeu que o embaraço daquela manhã ainda não havia desaparecido.

— Algo a relatar? — perguntou ele num tom menos severo.

— Não há vivalma num raio de quilômetros — comentou Illian, animando-se um pouco. — A não ser por um lobo a quinze quilômetros daqui. Nunca vi um tão grande, para falar a verdade. Nem tão ousado. Simplesmente ficou sentado lá olhando para mim pelo que pareceu uma eternidade.

Provavelmente sentiu o cheiro do sangue que será derramado, pensou Frentis.

— Ótimo. Descanse um pouco, minha senhora.

Frentis terminou a inspeção dos piquetes e encontrou o resto dos combatentes bem-dispostos. Agora que os horrores da fuga da floresta haviam ficado para trás, eles estavam mais combativos do que nunca, e muitos expressavam o desejo de chegar a Varinshold.

— A balança ainda não se moveu, irmão — disse o ex-cabo da Guarda da Cidade Vinten, o brilho levemente selvagem nos olhos provocando recordações de Janril Norin. — Tem sangue demais pesando para o nosso lado. Vamos equilibrá-la em Varinshold ou morrer tentando.

Frentis retornou ao acampamento principal e comeu com os que ainda estavam acordados. Nos últimos tempos Trinta e Quatro assumira boa parte das tarefas culinárias, produzindo um saboroso ensopado de perdiz recém-caçada e cogumelos silvestres que era muito superior aos esforços amadores de Arendil.

— Então eles ensinaram você a cozinhar, além de torturar? — perguntou Draker entre colheradas, a gordura acumulando-se em sua barba enquanto mastigava.

— O escravo-cozinheiro do meu último mestre adoeceu durante a viagem para cá — explicou Trinta e Quatro na sua língua do Reino agora estranhamente sem sotaque. — Ele recebeu ordens para me ensinar os seus conhecimentos antes de morrer. Sempre fui capaz de aprender depressa.

A Senhora Ulice aceitou uma tigela de ensopado oferecida pelo ex-escravo com uma expressão cautelosa no rosto.

— Torturar? — perguntou ela.

— Eu era um escravo numerado — disse Trinta e Quatro no seu tom objetivo e simples. — Um especialista. Educado nas artes da tortura desde a infância.

Ele continuou a servir o ensopado enquanto a senhora o encarava; o olhar dela

então percorreu os rostos em volta da fogueira. Frentis sabia que ela os estava vendo como realmente eram pela primeira vez, a brutalidade que os moldara agora evidente na dureza dos olhos de Draker, no rosto de Illian franzido pela concentração ao apertar a corda de sua besta e na preocupação nos olhos de Arendil enquanto encarava o fogo, levando colheradas de ensopado à boca com uma regularidade automática e inconsciente.

— Foi uma estrada árdua, minha senhora — disse Frentis. — Escolhas difíceis tiveram de ser feitas.

Ela olhou para o filho e estendeu a mão para afastar o cabelo da testa de Arendil, provocando um sorriso cansado.

— Não sou uma senhora — observou ela. — Se vamos ser companheiros de clã, vocês precisam saber disso. Sou a filha bastarda do Barão Banders, nada mais. Meu nome é apenas Ulice.

— Não — disse Arendil, lançando um olhar firme às pessoas reunidas em volta da fogueira. — O nome de minha mãe é Senhora Ulice, e qualquer um que a chamar por um nome diferente terá que se ver comigo.

— Sem dúvida, meu senhor — assentiu Frentis. — Sem dúvida.

Ele se ocupou limpando as armas, muito depois de os outros terem se recolhido às suas tendas, o som familiar dos roncoss de Draker percorrendo o acampamento. Quando a espada e a faca estavam brilhando, Frentis limpou as botas, depois a sela, e então tirou a corda do seu arco e examinou a vara à procura de rachaduras. Depois disso permaneceu sentado e afiou as pontas de todas as flechas de sua aljava. *Não preciso dormir*, dizia a si mesmo sem parar, embora suas mãos estivessem começando a formigar de exaustão e sua cabeça pendesse sobre o peito sem que pudesse evitar.

Apenas sonhos. Ele tentava se convencer, lançando um olhar relutante à sua tenda. *Apenas a mancha da companhia dela, o fedor dela na minha mente. Apenas sonhos. Ela não me vê.* Frentis por fim se rendeu quando as mãos cansadas o deixaram com um polegar sangrando; ele colocou as flechas de volta na aljava e foi para a tenda com as pernas bambas. *Apenas sonhos.*

Ela está no topo de uma torre alta, com Volar estendida abaixo em toda a sua glória antiga, rua após rua de casas, mansões de mármore, jardins magnificamente elaborados e inúmeras torres erguidas por todos os lados, embora

nenhuma tão alta quanto aquela: a Torre do Conselho.

Ela ergue os olhos para o céu à procura de um alvo. O dia está claro, o céu de um azul ininterrupto, mas ela avista uma pequena nuvem alguns quilômetros acima, rarefeita, mas suficiente para os seus propósitos. Ela procura pelo dom dentro de si, descobrindo que precisa suprimir a sua canção para trazê-lo à tona, mas, quando o faz, o poder a desnorteia, fazendo com que se apoie no parapeito ao ficar tonta. Ela sente o nariz pingar de um modo familiar e compreende que o preço para este dom será ainda mais difícil de pagar do que o fogo maravilhoso que roubara de Revek, cujas palavras lhe ocorriam agora com uma ironia precisa: É o que acontece com dons roubados, não concorda?

O que ele sabia?, pensa ela, embora o escárnio seja forçado e vazio. Ele sabia o suficiente para não ficar cego por amor.

Ela afasta da mente os pensamentos indesejados e concentra-se na nuvem; o dom é avivado, mais sangue escorre de seu nariz quando ela o libera, e a pequena nuvem gira num vórtice antes de se desfazer, os fiapos desaparecendo no céu azul límpido.

— Impressionante.

Ela se vira e vê um homem alto de manto vermelho surgir da escada e pisar no telhado da torre. Dois Kuritai o seguem para a luz com as mãos apoiadas nas espadas. Ela ainda não testou as habilidades oferecidas por aquela nova casca e precisa resistir à tentação de fazê-lo agora. Esconda uma vantagem e o valor dela será dobrado. Um dos axiomas de seu pai, mas suspeita de que ele possa tê-lo roubado de um filósofo morto há muito tempo.

— Arklev — cumprimenta ela enquanto o homem alto se aproxima. Ela pode ver uma mudança nele, um novo cansaço ao redor dos olhos, uma expressão que ela conhece bem. Ele está sofrendo.

— O Mensageiro não se demorou — conta ele. — A não ser para dizer que a orientação do Aliado a partir de agora será dada apenas através de você.

A orientação do Aliado... Como se ele pudesse compreender o verdadeiro significado dessas palavras, o que significa a uma alma no Vazio ouvir a voz do Aliado. Ela quase ri da ignorância desse homenzinho ancestral. Séculos de vida e ele ainda não sabe nada.

Ele a encara com expectativa, com uma leve preocupação na testa, e ela percebe que vários momentos se passaram desde que ele falou. Há quanto tempo ela está parada ali? Há quanto tempo ela subiu até o alto da torre?

Ela respira fundo e permite que a confusão se dissipe.

— Você está sofrendo — diz ela. — Quem você perdeu?

Ele recua um pouco, a preocupação transformando-se em medo, sem dúvida perguntando-se quanto ela já sabe. Ela estava aprendendo que parecer onisciente podia oferecer tanto poder quanto ser onisciente.

— Meu filho — responde Arklev. — Sua embarcação não chegou a Varinshold. Os videntes não conseguem mais encontrar qualquer traço dele nos tempos por vir.

Ela assente e espera que ele diga mais, mas o Conselheiro coloca uma máscara sobre o rosto e permanece em silêncio.

— O Aliado quer que você me promova ao Conselho — diz ela ao homem. — À Cadeira Escravocrata.

— Essa é a cadeira do Conselheiro Lorvek — protesta ele. — Cujas funções ele tem desempenhado com esmero e zelo há quase um século.

— Enquanto enchia os bolsos e fracassava na tarefa de produzir dotados suficientes. O Aliado acha que a sua orientação não foi completamente compreendida. E com o amadurecimento dos nossos novos recursos, ele acha que eu seria uma supervisora mais confiável para esta empreitada bastante específica. Se Lorvek não renunciar, tenho certeza de que serão encontradas evidências suficientes de corrupção para justificar uma acusação de traição. A não ser que você prefira um método mais discreto.

Ele diz mais coisas, mas ela não o escuta, sentindo outra vez o tempo passar. Quanto tempo ela ficou ali? Quando deixa de se sentir desorientada, ela está novamente sozinha e o céu é de um tom mais escuro de azul. Ela volta o olhar para oeste, acompanhando o vasto estuário até a costa e ao oceano além. Por favor, venha depressa até mim, amado. Estou tão sozinha.

CAPÍTULO QUATRO

Reva

Ela tinha visto cadáveres suficientes para saber que os mortos raramente conservavam alguma expressão. Os sorrisos largos e as caretas aterrorizadas eram simplesmente o resultado do retesamento de tendões e músculos conforme os humores do corpo se esvaíam. Assim, foi uma surpresa ver no rosto do sacerdote o retrato de tamanha serenidade; não fosse pelo corte fundo e estreito em sua garganta, ele poderia ter sido facilmente confundido com um homem adormecido, pois suas feições mostravam uma alma contente com o mundo.

Contente, pensou ela, afastando-se do cadáver e sentando-se. *Quão apropriado ele encontrar a paz apenas na morte.*

— É ele? — perguntou Vaelin.

Ela assentiu e levantou-se quando Alornis se aproximou, tocando-lhe a mão para tranquilizá-la. Vaelin ergueu o esboço feito pela irmã, seus olhos indo do rosto do sacerdote para a representação no pergaminho.

— Que talento você tem — disse a ela com um sorriso antes de virar-se para o homem corpulento parado próximo da parede da tenda. — E o senhor, Mestre Marken. Um olhar aguçado para detalhes.

A barba de Marken contraiu-se com um leve sorriso e Reva notou como ele apertava com força uma das mãos na outra e recusava-se com veemência a olhar para o segundo cadáver. O corpo estava deitado ao lado do sacerdote, as feições mais típicas da experiência de Reva, a pele de um azul-claro, os lábios arreganhados e a língua para fora por entre os dentes expostos, parcialmente cortada durante os espasmos finais. Contudo, assim como com o sacerdote, suas feições eram reconhecíveis o suficiente para corresponderem ao esboço de Alornis.

— Meu tio Sentes falou que o nome dele era Lorde Brahdor — disse ela a Vaelin. — A Senhora Veliss me disse que ele possuía terras um pouco a leste daqui, com vinhedos excelentes. Famoso mais pelo vinho branco do que pelo tinto.

— Isso é tudo? — perguntou Vaelin. — Nenhuma suspeita? Histórias fantásticas sobre poderes estranhos ou eventos inexplicáveis?

— Isso é tudo. Apenas um nobre menor com algumas centenas de acres de uvas... e um celeiro.

Vaelin olhou de forma indagadora para Marken. O homenzarrão rangeu os dentes por um momento e então apontou um dedo grosso para o cadáver de Lorde Brahdor, ainda se recusando a olhar para ele.

— Não tocarei nesse, meu senhor. Posso sentir, saindo dele como veneno. Perdoe minha covardia. Mas... — Ele sacudiu a cabeça desgrenhada. — Não posso. Eu...

— Está tudo bem, Marken — assegurou-lhe Vaelin, indicando o sacerdote com a cabeça. — E ele?

Marken soltou um suspiro de alívio e virou-se para se agachar ao lado do sacerdote, arregaçando a manga e colocando a mão grande na testa do cadáver. Ele se contraiu após um momento, como se estivesse sentindo dor, sua boca contorceu-se em repugnância quando pareceu que estava prestes a afastar a mão, mas Reva o viu fortalecer a sua determinação, fechando os olhos e ficando imóvel como uma estátua durante vários minutos. Por fim, ele respirou fundo e devagar, o suor brilhando em meio aos cabelos que pendiam sobre a testa vincada. Marken levantou-se, olhando para Reva com solidariedade e pesar.

— Minha senhora... — começou ele.

— Eu sei — disse Reva. — Eu estava lá. Mestre Marken, por favor, conte a Lorde Al Sorna tudo o que viu.

— A infância dele é confusa — disse Marken a Vaelin. — Parece que ele foi criado pela Igreja do Pai do Mundo. Não há imagens de seus pais, então imagino que fosse órfão, aprendiz de um sacerdote, um destino comum para órfãos cumbraelinos, creio eu. O sacerdote que o criou era bondoso, um ex-soldado da Guarda do Senhor, chamado à igreja mais tarde do que o normal, determinado a fazer com que os seus pupilos adquirissem tanto as suas habilidades marciais quanto o fervor de sua devoção. O garoto passou longos anos mergulhado no estudo dos Dez Livros e treinando para a guerra. Adulto, suportou longos anos de vergonha quando olhava para mulheres. Quanto mais jovem a mulher, maior era a vergonha, e mais ele olhava. Senti uma compulsão de se esconder nos Dez Livros, para se refugiar de seus desejos nos ensinamentos da igreja.

“Alltor e a catedral possuem um lugar de destaque em suas lembranças, e acredito que ele foi enviado para lá para se preparar para o sacerdócio. Eu o vi se encontrar com o Leitor e receber o seu nome sacerdotal. Eles nunca se encontravam em público e senti que o sacerdote havia sido escolhido para um papel secreto. Vi uma viagem para longe de Alltor ser interrompida quando ele encontrou um homem com uma cicatriz, aqui. — Marken parou para tocar a própria bochecha. — O homem está falando diante de uma grande multidão e o jovem sacerdote é tomado por uma nova paixão ao ouvir a sua voz. Ele retorna ao Leitor e é enviado mais uma vez. Então há muitos meses de encontros em salas escuras e locais isolados, homens

reunidos e temendo serem descobertos enquanto trocavam cartas e juntavam armas em esconderijos. Ele nunca mais vê o homem com a cicatriz, mas se lembra com frequência daquela ocasião. Então, em outro encontro secreto, ele encontra esta coisa. — Marken indica com a cabeça o segundo corpo, fazendo uma careta ao olhar para o rosto morto de Brahdor. — A coisa fala, mas não posso ouvir as palavras, como sabe, meu senhor. Mas elas fazem com que a paixão do sacerdote se torne ainda mais intensa. A coisa o leva até uma casa de fazenda à noite, onde um casal idoso está sentado diante de uma lareira cuidando de uma menininha. — Ele olha de novo para Reva e engole em seco. — A vergonha do sacerdote é maior do que nunca quando olha para ela.

— Eles mataram os meus avós, não? — perguntou Reva. — Eles os mataram e me roubaram.

Ele assentiu.

— Eles esperaram até a senhora ter sido colocada na cama. O casal idoso foi morto, a menina tirada da cama e a casa incendiada.

— E então muitos anos felizes num celeiro — murmurou Reva enquanto Marken procurava as palavras certas a serem ditas.

— Algum nome? — perguntou Vaelin ao dotado.

— Alguns, meu senhor. O sacerdote os anotava para memorizá-los. Ele queimava o papel, mas as lembranças permaneceram.

— Faça uma lista e a entregue à Senhora Reva.

Ela se afastou do cadáver do sacerdote, sentindo uma grande tentação de esmagar com a bota o rosto satisfeito dele, de estragar para sempre o seu sono.

— Reva — disse Alornis, puxando a manga dela. — Não há mais nada a se conseguir aqui.

— Eu... — gaguejou Marken. — Eu tenho o nome dele, minha senhora. O Leitor o anotou quando o deu ao sacerdote.

— Não — disse ela, virando-se e indo até a aba da tenda. — Queime-o se tiver terminado — disse Reva a Vaelin. — Ninguém dirá nenhuma palavra por ele.

— Meu senhor — prosseguiu Marken enquanto se dirigiam à entrada da tenda. — Com a sua permissão. Sobre o Irmão Caenis...

— Estou ciente da questão, Mestre Marken — disse Vaelin.

— Nós não seguimos o senhor até aqui para nos tornarmos servos da Fé...

— Discutiremos isso esta noite — afirmou Vaelin com firmeza. — Com Lorde Nortah. O senhor deixou as suas preocupações devidamente claras.

Eles voltaram em silêncio para o passadiço, Reva absorta na história do dotado,

Vaelin sem dúvida ponderando a respeito da revelação do Irmão Caenis à Rainha. Alornis seguia a uma distância discreta, perscrutando as muralhas da cidade e com o onipresente embrulho de lona com seus desenhos junto ao peito, já sendo preenchido com reproduções da destruição por trás das muralhas. Ela chorara no dia em que encontrou Reva parada em meio às ruas tomadas de cadáveres. Ao vê-la, Alornis abraçara Reva, convulsionando de alívio, causando uma dor antiga que Reva notou que não lhe doía mais da mesma forma.

— A Sétima Ordem — disse ela a Vaelin ao pararem diante do passadiço. — Não é uma lenda, afinal de contas. Mas imagino que você saiba disso há algum tempo.

— Sim. — O rosto dele estava sombrio, não tão cansado quanto estivera recentemente, mas ainda assim ele parecia ter envelhecido muito em poucos dias. — Embora houvesse algo de que eu devia ter conhecimento, mas não tinha.

— O Irmão Caenis?

Ele assentiu e mudou de assunto.

— O que você fará com os nomes que Marken lhe deu?

— Irei encontrá-los e levá-los a julgamento. Se for provado que são Filhos, irei enforcá-los.

— Minha Senhora Governadora favorece uma justiça severa.

— Eles tramaram a morte do meu tio, com pleno apoio da igreja que há séculos instiga o povo deste feudo a um respeito servil. Eles conspiraram com criaturas imundas das Trevas para me submeterem a uma vida de abusos antes de me enviarem atrás de você na esperança de que eu morresse. E não nos esqueçamos da tentativa deles de matar a Rainha. Devo continuar?

Vaelin examinou o rosto dela por um momento e Reva sentiu a dureza de sua expressão suavizar sob o escrutínio.

— Sinto muito por tudo o que lhe aconteceu aqui, Reva. Se eu tivesse tido a mínima noção...

— Eu sei. — Ela forçou um sorriso. — Junte-se a nós esta noite. Veliss encontrou um novo cozinheiro, ainda que só possamos oferecer dois pratos e nenhum vinho.

— Não posso. Há muito a ser feito. — Ele olhou para trás na direção do acampamento onde soldados estavam ocupados guardando equipamentos e suprimentos para a marcha do dia seguinte e o início do que estava tornando-se rapidamente conhecido como a Cruzada da Rainha. — Ela queria que eu perguntasse quantos homens você enviará conosco — disse ele, virando-se para Reva.

— Não enviarei nenhum. Vou liderá-los, a Guarda da Casa inteira e mais quinhentos arqueiros.

— Reva, você já fez o bastante...

O rosto flácido e sem vida de Arken, a espada em suas costas... Os arqueiros debatendo-se no rio enquanto as flechas caíam... Tio Sentes morrendo nos degraus da catedral...

— Não — retorquiu ela. — Não, não fiz.

Veliss foi encontrá-la em algum momento após a meia-noite. Elas haviam voltado a ficar em quartos separados após o cerco, mais por insistência da Conselheira do que dela. Suas numerosas indiscrições podiam ter passado despercebidas no tumulto das batalhas diárias, mas a cidade começara a retomar uma estranha normalidade agora que os cadáveres e o grosso dos escombros haviam sido removidos e a catedral havia sido reaberta.

— Tem certeza de que quer se encontrar sozinha com eles? — perguntou Veliss. Elas estavam deitadas lado a lado, cobertas por um leve brilho de suor, e Reva desfrutava da sensação do cabelo solto da Conselheira grudado em sua pele.

— Eles precisam saber que falo por conta própria — disse Reva. — Considerando o que preciso lhes contar.

— Eles não vão gostar...

— É o que espero. — Ela puxou Veliss para perto, beijando-lhe os lábios para evitar mais discussões.

— A Senhora Alornis — disse Veliss, algum tempo depois. — Você gosta dela.

— Ela é minha amiga, assim como o irmão dela.

— Não mais do que isso?

— Com ciúmes, Conselheira Honorável?

— Você não quer me ver com ciúmes, acredite. — Ela se ergueu, abraçando os joelhos. — Eu ia embora de qualquer forma, sabia? Quando a guerra acabasse, se o seu tio tivesse sobrevivido. Pegaria o ouro que ele ofereceu e partiria. Nunca me importei com todos os nomes de que me chamavam, ou com a condescendência escarnecedora do Leitor. Mas eu estava ficando cansada de tudo, das mentiras e das intrigas. Isso pode acabar cansativo mesmo para uma ex-espiã.

Reva estendeu a mão para acariciar as costas nuas de Veliss.

— E agora?

— Agora não consigo imaginar estar em outro lugar. — Reva a sentiu ficar tensa em antecipação às próximas palavras. — A Cruzada da Rainha...

— É minha cruzada. E não é um tópico a ser discutido.

— Acha que ela seria tão receptiva se soubesse da sua verdadeira natureza? Se ela soubesse sobre nós?

— A não ser que isso se mostrasse um impedimento para a libertação do Reino, duvido que ela fosse dar a mínima. — Reva lembrou-se do seu primeiro encontro com a Rainha, da inteligência ardente que brilhava por trás da máscara queimada do seu rosto e da determinação implacável, da singularidade de propósito que Reva reconheceu pelos poucos olhares imaturos que ela dispensava ao próprio reflexo. *Mas eu fui enviada em busca de um mito*, pensou ela. *O objetivo dela é muito real, e duvido que fique satisfeita com qualquer número que encontremos em Varinshold.* — Para falar a verdade, aquela mulher me assusta mais do que os volarianos — confessou ela a Veliss.

— Então por que segui-la?

— Porque *ele* segue. Ele me diz que é necessário. Não dei ouvidos às palavras dele uma vez e não cometerei o mesmo erro de novo.

— Ele é apenas um homem — murmurou Veliss, embora Reva pudesse ouvir a incerteza na voz dela. A história estava na boca de todos, cumbraelinos tão arrebatados pelo relato quanto os demais, espalhando-se mais cada vez que era contada. Um homem, abrindo caminho através de um exército a golpes de espada para salvar uma cidade, e vivendo para contar a história.

Vivendo? Reva lembrou-se de como as feições de Vaelin ficaram abatidas naquele dia, das lágrimas dela e da chuva constante lavando o sangue enquanto ela gritava para que ele não a deixasse. Mas ele a deixara, Reva vira claramente. Durante aqueles breves segundos, ele não esteve em seu corpo.

— Precisarei que você cuide das coisas enquanto eu estiver fora — disse Reva. — Que reconstrua da melhor forma que puder. Deixarei Lorde Arentes aqui como garantia da minha palavra, embora ele sem dúvida vá me odiar por isso. Que tal um novo título? Talvez Vice-Governadora? Tenho certeza de que você consegue elaborar algo melhor.

Veliss abraçou as pernas com mais força.

— Não quero títulos, só quero você.

Os Lordes Arentes e Antesh entraram primeiro na catedral, atravessando o interior cavernoso na direção dos aposentos do Leitor enquanto ela os seguia acompanhada por vinte Guardas da Casa. Os dois sacerdotes de guarda na porta dos aposentos foram dominados sem muita dificuldade, então Lorde Arentes abriu as portas e ficou de lado para lhe dar passagem. Reva parou ao ver o sacerdote preso contra a parede

por Lorde Antesh, um homem de rosto emaciado com uma das mãos enfaixada e um nariz deformado.

— Nunca me disseram o seu nome — disse Reva.

O sacerdote franziu o cenho e nada disse até Antesh lhe dar uma sacudida nem um pouco gentil.

— Meu nome diz respeito apenas ao Pai.

— E creio que Ele quer que você o compartilhe. — Ela fez sinal para dois guardas se aproximarem. — Levem-no para a Senhora Veliss. Digam a ela que eu acho que algumas ervas medicinais fariam bem a esse homem.

Reva virou-se para a porta aberta enquanto arrastavam dali o sacerdote, caminhando tranquilamente e cumprimentando animada os sete velhos que encontrou sentados a uma mesa circular.

— Caros bispos! — Deveria haver dez, mas três haviam perecido no cerco, e ela suspeitava de que não tivesse sido por virtude de qualquer ato corajoso.

Um dos bispos levantou-se com dificuldade quando ela caminhou até a única cadeira desocupada na mesa, um homem mirrado e semelhante a um pássaro que Reva se lembrava de haver protestado quando ela ordenara que catedral fosse usada como lugar de tratamento dos feridos.

— Este é o sagrado conclave dos dez bispos — balbuciou ele. — Você não tem permissão para...

Ele se calou quando Lorde Arentes esmurrou a mesa com uma manopla.

— A forma correta de se dirigir à Senhora Governadora é “minha senhora” — disse ele ao clérigo amedrontado. — E ela pode atravessar qualquer porta nesta cidade.

Reva parou junto à cadeira vazia, naturalmente a mais ornamentada da sala, com uma almofada grande para o traseiro ossudo do velho desgraçado. Ela suspirou e empurrou a cadeira para longe. *Não posso matá-lo duas vezes, infelizmente.*

— Ora, meu senhor comandante — disse ela a Arentes. — Devemos respeitar a privacidade dos prezados bispos. Deixe-nos, pois temos muito a discutir.

Eles permaneceram sentados num silêncio atônito quando as portas foram fechadas com um estrondo ecoante. Reva esperou que o som se dissipasse antes de falar, a voz já sem qualquer vestígio de respeito.

— Então, escolheram?

Apenas um deles manifestou-se, um homem esguio de nariz proeminente, um pouco mais novo do que os colegas.

— Ainda não contamos os votos, minha senhora. — Ele indicou uma caixa

simples de madeira no centro da mesa.

— Então contem agora.

Reva o observou atentamente quando ele pegou a caixa, percebendo que se lembrava de seu rosto do dia em que o Leitor morreu, aquele que sorria quando ela atacara o velho. *Um possível aliado?* Ela deixou tal sugestão de lado; as revelações de Marken não deixavam espaço para boa vontade. *Não tenho amigos nesta sala.*

— O Bispo da Paróquia do Sul — informou o bispo magro após contar os votos.
— Por unanimidade.

Reva passou os olhos pelos rostos ao redor da mesa e encontrou seis velhos assustados e um ancião adormecido que não erguera a cabeça desde que ela entrara.

— Quem é? — perguntou Reva.

O bispo magro pigarreou, pouco à vontade.

— Sou eu, minha senhora.

Ela deu uma risada curta e virou-se para ele, e seu olhar foi atraído para uma alcova iluminada por luz de velas nos fundos da sala, onde havia dez tomos grandes sobre leitoris. Os livros eram antigos, as capas descascadas e rachadas pela idade. *Os primeiros a serem encadernados na terra de Cumbræel*, ela sabia, achando estranho que não sentisse nenhum arroubo de assombro ao vê-los. *Apenas uma coleção de livros velhos numa sala de homens velhos.*

— Tenho em minha posse — disse Reva, voltando-se para a mesa — o que acredito ser uma lista completa dos que aderiram à seita herege conhecida como Filhos do Lâmina Fiel. No devido tempo, cada nome desta lista será capturado e interrogado. Tenho certeza de que vocês celebrarão comigo essa notícia, dada a quantidade de informações que eles sem dúvida fornecerão.

Ela examinou um rosto de cada vez, encontrando confusão na maioria deles, mas medo em outros. *Eles sabiam*, compreendeu ela. *Não todos, mas alguns.* Reva viu como o Bispo da Paróquia do Sul evitou o seu olhar, e algumas gotas de suor estavam se formando em sua testa enrugada. *Ele em particular.* Ela tinha razão; não havia aliados ali.

Reva andou lentamente em volta da mesa, observando cada uma das costas curvadas estremecer ao passar por elas. Não estava portando armas naquele dia, tendo colocado a espada de seu avô de volta no lugar na biblioteca, mas Reva não tinha dúvidas de que poderia quebrar cada pescoço naquela sala se quisesse. Ela parou atrás da cadeira ocupada pelo Leitor eleito e apontou para os votos empilhados com esmero ao lado dele.

— Dê-me esses papéis.

As mãos ossudas e manchadas tremiam ao fazer o que lhe fora ordenado, derrubando os votos e os recolhendo às pressas para colocá-los de forma desajeitada na palma de Reva.

— “O logro é tanto um pecado quanto uma bênção” — citou ela ao pegar os votos com o Leitor, o Quinto Livro, o Livro da Razão, que já estava se tornando o seu favorito. Ela se virou e caminhou lentamente de volta para a alcova, com os votos na mão. — “São muitos os caminhos que nos são apresentados pelo Pai e por demais sinuosos. A cada curva os amados se veem diante de inúmeras escolhas à medida que os seus caminhos se bifurcam, divididos por guerra ou fome, amor e traição. É impossível percorrer os variados caminhos da vida sem logro.” — Ela parou diante da alcova, erguendo os votos sobre uma das velas, deixando que a chama consumisse metade do papel antes de jogá-los no chão de pedra, onde continuaram a queimar, e em pouco tempo não eram mais do que um amontoado de cinzas enegrecidas. — “Mas” — continuou, com um sorriso aos bispos, que agora a encaravam ultrajados ou horrorizados — “o Pai perdoa a mentira dita por bondade, ou a serviço de um propósito maior.”

Reva permaneceu no mesmo lugar e o sorriso desapareceu de seus lábios, esperando que uma única voz se erguesse em contestação. Porém, todos os bispos simplesmente continuaram sentados e a encarando, instigando a raiva dela com a sua paralisia silenciosa. *Essa igreja corrupta colaborou com assassinos. Eles se aliaram aos servos de um inimigo que trouxe carnificina e escravidão para esta terra. O povo desta cidade enforcaria todos vocês das torres desta catedral se eu assim desejasse. Eu ganhei o amor do povo, enquanto vocês se escondiam aqui e rezavam por milagres que nunca ocorreram. Ganhei o amor do povo com espada e arco.*

Uma palavra a Arentes e estaria feito: os bispos seriam arrastados para fora, as acusações lidas enquanto a população assistia e ela atiçava a fúria dos habitantes com algumas verdades bem escolhidas. Todos agora eram assassinos, exceto as crianças, e mesmo elas estavam calejadas por verem tanta morte. Não haveria protestos, nenhuma mão se ergueria para impedi-la e ela teria aquilo pelo qual o sacerdote outrora a fizera ansiar: uma nova igreja moldada pela visão de seu pai.

A visão de meu pai louco. O pensamento dissipou a sua raiva, substituindo-a por uma compreensão cansada. Eles haviam perdido tanto, mas a igreja resistira por séculos e aquela terra não se curaria se Reva causasse ainda mais feridas.

O ancião adormecido se mexeu, despertando e lançando um olhar embaçado pela sala.

— Almoço! — gritou ele, batendo com a bengala na mesa.

Reva aproximou-se do ancião, sorrindo diante da careta de reprovação.

— E quem seria você, caro bispo?

— Eu — começou ele, empertigando-se — sou o Santo Bispo da... — Ele franziu o cenho, confuso, os ombros caíram um pouco, e passou a língua pelos lábios. — O Bispo da...

— Da Paróquia da Terra dos Rios — informou o bispo à esquerda dele num sussurro tenso.

— Sim! — O bispo ancião animou-se, fixando um olhar arrogante em Reva. — Sou o Bispo da Paróquia da Terra dos Rios e exijo o meu almoço.

— Você o terá — assegurou-lhe Reva com uma mesura. — E muito mais. — Ela andou até a porta, parando para fazer um gesto expansivo na direção dos outros bispos. — Pois os seus colegas o elegeram Santo Leitor da Igreja do Pai do Mundo. Aceite, por favor, as minhas sinceras congratulações, Leitor, e saiba que tem a mais devota lealdade da Casa Mustor. Aguardo o seu primeiro sermão com o mais profundo interesse.

A sala das espadas estava quase vazia, os cavaletes outrora cheios agora sem lâminas, exceto por umas poucas penduradas alto demais na parede para serem alcançadas com facilidade. Ela passou uma hora treinando com a espada do avô, dançando a sua dança com a lâmina pesada, rodopiando e cortando, forçando os músculos.

— Eu poderia vê-la fazer isso por horas.

Reva parou no meio de uma pirueta e viu Alornis parada na porta, os dedos manchados de carvão ainda segurando a sua pasta de couro.

— Duvido que você tivesse gostado da visão alguns dias atrás — disse Reva, massageando as costas.

O olhar de Alornis tornou-se sombrio.

— Foi terrível, eu sei. Tantas partes da cidade destruídas. Na marcha até aqui eu vi coisas... Coisas que senti que precisava desenhar. — Ela bateu na pasta. — Achei que colocá-las no papel pudesse tirá-las da minha cabeça, mas ainda continuam lá.

As cabeças cortadas caindo do alto... O olhar desafiador do volariano ao ser conduzido até o bloco...

— Como deveriam continuar — disse Reva. — Você irá para Varinshold? Há quartos de sobra aqui, caso queira ficar. E tenho certeza de que a Senhora Veliss gostaria da companhia.

Alornis sorriu, mas sacudiu a cabeça.

— Alucius e Mestre Benril. Preciso encontrá-los. — Ela hesitou e então entrou na sala, arregalando os olhos ao apreciar os quadros no alto das paredes, os espadachins em suas várias poses. — Foram pintados por uma mão habilidosa.

— E ao custo do dinheiro do meu bisavô, sem dúvida, que parece ter sido um pouco generoso demais com suas moedas, de acordo com os registros de Veliss. Talvez seja por isso que ele tenha perdido tantas guerras para os asraelinos. Tenho visto que governar um feudo é em grande parte uma questão de dinheiro.

Alornis franziu a testa ao olhar para Reva, sacudindo a cabeça um pouco espantada.

— Tão mudada em tão pouco tempo.

Reva achou difícil suportar o escrutínio e virou-se, erguendo a espada.

— Você é pesada demais — disse ela à arma.

— O que aconteceu à sua antiga espada? — perguntou Alornis. — Era belíssima.

Parada sobre o corpo de Arken, o seu braço movendo-se num arco incessante e mortal, a fúria brotando de seus lábios numa torrente sem sentido...

— Eu a quebrei. — Ela ergueu a cabeça para as poucas lâminas restantes nos cavaletes mais altos, avistando uma espada asraelina que de algum modo passara despercebida pelos criados enviados para revirar o lugar em busca de armas. — Você pode me ajudar a encontrar outra.

Ela juntou as mãos para fazer um apoio e Alornis colocou um pé ali, estendeu a mão para cima ao ser erguida por Reva e tirou a espada do cavalete antes de perder o equilíbrio e cair. Reva a apanhou, segurando-a com força enquanto ela ria, afastando-se para olhá-la nos olhos.

— Meu irmão disse que a Senhora Veliss já foi uma espiã a serviço do Rei Janus — disse Alornis.

— Eu sei. Ela foi muitas coisas.

— Bem, eu a acho adorável. — Ela ficou na ponta dos pés para beijar a testa de Reva. — Fico feliz por você.

Alornis virou-se, recolheu a pasta de desenhos e partiu. Reva fechou os olhos, sentindo o calor do beijo deixar a sua pele. *O olhar dela sempre foi perspicaz demais. Seria tolice imaginar que ela não soubesse.*

Ela ergueu a espada, sacou a lâmina da bainha e viu que era antiga, mas não estava enferrujada; o gume embotado, mas não tanto que não pudesse ser afiado.

— Bem — disse ela, deixando a bainha de lado e assumindo uma posição de luta. — Vamos ver se você é mais apropriada. Temos muito trabalho a fazer.

CAPÍTULO CINCO

Lyrna

A égua fora um presente dos eorhil, tinha um metro e meio até a altura da cernelha e era branca do focinho ao rabo, exceto por um tufo de pelo negro entre as orelhas. Lyrna encontrara a eorhil chamada Sabedoria esperando com a égua quando saiu da tenda naquela manhã. A mulher ofereceu as rédeas com uma mesura formal surpreendentemente bem-executada.

— Ela tem um nome? — perguntou Lyrna.

— A tradução é “uma flecha invisível quando corre na neve e no vento”, Alteza — respondeu Sabedoria com perfeição na língua do Reino. — Meu povo não é famoso pela brevidade.

— Então será Flecha — decidiu Lyrna, coçando o focinho da égua e provocando uma leve bufada.

— Ela sente falta do seu cavaleiro — disse Sabedoria. — Ele tombou diante da cidade. Sinto que a senhora conseguirá curar o coração dela.

— Obrigada. — Lyrna retribuiu a mesura. — Poderia cavalgar comigo hoje? Eu gostaria muito de saber mais sobre o seu povo.

Havia um tom sardônico na voz da mulher ao responder:

— A senhora já não leu todos os livros da sua biblioteca que falam dos eorhil, Alteza?

— Percebo cada vez mais que a sagacidade proporcionada pelos livros é limitada quando comparada com a experiência.

— Como queira. — Sabedoria virou-se e montou no próprio cavalo, olhando com expectativa para Lyrna. — Meu povo cavalga agora.

Itis e Benten foram obrigados a correr até os próprios cavalos enquanto Lyrna montava e partia a trote com Sabedoria. Cavalgaram até a extremidade leste do acampamento, onde o exército eorhil já se encontrava em movimento, os vários bandos de guerra galopando aparentemente a esmo. Não havia fileiras ou colunas devidamente ordenadas ali, apesar de cada cavaleiro parecer se mover com um propósito, e Lyrna notou como o exército assumiu uma formação definida, ainda que não muito rígida, ao encimarem as colinas a leste e descerem para as planícies mais

além.

— Uma região boa para cavalos — comentou Lyrna com Sabedoria por volta de uma hora antes do meio-dia. A cavalgada havia sido difícil, mas não exaustiva; a sua jornada pelo Domínio Lonak a deixara bem adaptada a longas horas na sela. Além disso, ela achava a sua nova montaria encantadora, mais veloz do que o pobre e velho Sable e menos irascível do que Passofirme.

— Ainda há colinas demais para o gosto de meu povo — retorquiu Sabedoria, tomando um longo gole do seu odre. — E não se vê um alce desde que chegamos aqui. Alguns dos jovens estão irritados; a verdadeira maioria só começa quando se abate o primeiro alce.

Lyrna olhou para os cavaleiros ao seu redor, notando como os olhos deles constantemente encontravam o seu rosto, mas não revelavam nenhum traço do assombro demonstrado pelos habitantes do Reino. Na verdade, detectou um desconforto pela proximidade dela.

— Vocês chamam de Trevas — disse Sabedoria, de alguma forma sentindo a pergunta que Lyrna estava prestes a fazer. — Nós simplesmente chamamos de *Exilla*, “poder”, na sua língua.

— Não um que eu possuo — observou Lyrna.

— Não importa. Sabemos que existe, mas poucos de nós recebem tais dons.

— Presumo que aqueles que os recebem sejam evitados.

Sabedoria soltou uma leve risada.

— Não nos julgue pelos padrões de seu povo, Alteza. Aquelles que possuem dons não são evitados, são respeitados. Quanto maior o poder, maior o respeito, e respeito pode transformar-se em medo caso o poder seja grande o bastante. Até hoje não há conto ou canção em nossa história que mencione um poder maior do que o usado para curá-la. Eles estão preocupados com o que isso pode significar.

— Você está preocupada?

Os lábios de Sabedoria, rachados pela idade, formaram um sorriso pequeno, mas cheio de solidariedade.

— Não, grande e terrível Rainha, sei muito bem o que significa.

Sanesh Poltar aproximou-se a trote em seu alto garanhão malhado, fazendo um cauteloso aceno de cabeça para Lyrna.

— Batedores dizem muitos homens ao sul — informou o chefe de guerra à Sabedoria. — A Rainha fica aqui enquanto nós vamos ver.

— Acho que não — disse Lyrna, lançando um sorriso radiante ao eorhil.

— Senhor da Torre diz para mantê-la a salvo mais do que todos os outros —

retorquiou Sanesh Poltar. — E nós respondemos a ele, não a senhora.

— E eu não respondo a ninguém. — Lyrna puxou as rédeas de Flecha, apontando o focinho da égua para o sul e saindo a galope.

Os eorhil logo a alcançaram, é claro, embora ela tenha ficado satisfeita pelo olhar severo que Sanesh Poltar lhe lançou ao passar galopando. Itis e Benten aproximaram-se pelos dois lados enquanto seguiam no encalço dos cavaleiros; Lyrna se viu piscando para afastar dos olhos a poeira que era levantada à medida que o sol se erguia para secar a terra. Eles chegaram ao topo de uma pequena colina uma hora mais tarde, parando ao lado do chefe de guerra, que observava o vale não muito fundo mais além. A leste e oeste os seus batedores galopavam numa formação perfeitamente coordenada, enquanto o grosso de seus cavaleiros aguardava no alto da colina. Ela notou que a maioria colocara uma flecha nos arcos de chifre.

Sanesh Poltar permaneceu em silêncio, esquadrinhando o vale como uma águia. Lyrna acompanhou o seu olhar e viu apenas uma terra vazia.

— Quantos homens foram vistos? — perguntou ela ao chefe de guerra.

— Menos do que havia na cidade — informou o eorhil sem se virar. — Mais do que temos.

Outra força volariana enviada por Tokrev para saquear o sul?, perguntou-se. Mestre Marken vasculhara a mente do general morto, revelando o que ele descrevera como um pântano de ambições vãs e invejas medíocres, mas nenhum indício de outra força considerável nos arredores. *Poderiam ter desembarcado antes do esperado?*, ponderou Lyrna. *Teria Tokrev chamado a segunda onda para acelerar a conquista?*

Sanesh Poltar endireitou-se na sela e apontou. Passaram-se alguns segundos até Lyrna avistá-los: um pequeno bando de cavalaria galopando para o vale e parando de repente ao verem tantos cavaleiros no horizonte acima. Eles se espalharam, ainda distantes demais para que quaisquer detalhes pudessem ser discernidos, e um deles partiu a galope e desapareceu por sobre a orla do vale. Ao lado de Lyrna, Sabedoria soltou o arco da sela e colocou uma flecha na corda. *Velha como é e ela ainda espera lutar*, pensou Lyrna.

Os cavaleiros no vale aguardaram por vários minutos; Lyrna achou estranho que nenhum ainda tivesse desembainhado a espada. O olhar de Sanesh Poltar mudou novamente de direção quando um estandarte alto surgiu da orla do vale, balançando na frente de uma coluna de infantaria liderada por um homem a cavalo. Eles marcharam para dentro do vale em fileiras cerradas, sem fazerem menção de assumir

uma formação de batalha, e Lyrna compreendeu o motivo quando o símbolo no estandarte ficou visível: uma torre erguendo-se das ondas de um oceano.

Ela riu e avançou com Flecha, ignorando o protesto horrorizado de Iltis, que seguia galopando atrás. A coluna em marcha parou quando a Rainha se aproximou, sargentos gritavam ordens ignoradas por homens que olhavam para ela com franco assombro. Lyrna dirigiu-se até o cavaleiro na frente da coluna, erguendo uma das mãos e sorrindo calorosamente. O homem desmontou, não sem alguma dificuldade, e agachou-se lentamente sobre um joelho.

— Que surpresa agradável, meu senhor! — exclamou Lyrna.

O Senhor da Torre Al Bera olhou para ela com uma expressão pálida, porém firme, levantando-se com esforço quando a Rainha saltou da sela e aproximou-se dele de mãos estendidas.

— Alteza — disse ele, a voz rouca e as costas rígidas ao colocar os lábios nas mãos de Lyrna, os olhos mal deixando o rosto da Rainha ao se empertigar. — Ouvimos tantas histórias terríveis. É uma felicidade imensa descobrir que pelo menos uma é falsa. — Ele se virou, erguendo um braço para os homens às suas costas à medida que mais surgiam marchando. — Apresento o Exército da Costa Sul. Vinte mil cavaleiros e soldados de infantaria prontos para marchar e morrer pela Palavra da Rainha.

— Eles enviaram cerca de cinco mil homens para os condados do sul — relatou o Senhor da Torre ao conselho de capitães naquela noite.

Lyrna fora obrigada a ordenar que ele se sentasse, visto que o homem corria o risco de tombar a qualquer momento pela exaustão e dor evidentes. Ele se sentou num banco dobradiço, com os braços aninhados no colo, o esquerdo bastante enfaixado e o direito pendendo frouxo do ombro caído. Lyrna sugeriu levá-lo até Artesão, mas a expressão chocada do Senhor da Torre foi suficiente para que ela deixasse o assunto de lado.

— Principalmente soldados-escravos — prosseguiu Al Bera. Lyrna sabia que este era um homem promovido por mérito em vez de sangue, e havia na voz dele as vogais bem enunciadas que eram uma característica do povo do sul de Asrael. — Além de mil cavaleiros. E traficantes de escravos, é claro. Arrasaram várias aldeias antes que as notícias chegassem na Torre. Marchei com a Guarda do Sul e os homens que pude recrutar do litoral. Nós os alcançamos enquanto terminavam um massacre em Cais de Draver, nas margens mais baixas do Ferrofrio. Tive a impressão de que não esperavam uma resposta tão ligeira. O que era de imaginar,

visto que eu deveria estar morto. — Al Bera parou para dar um leve sorriso. — Fizemos com que pagassem. As forças eram praticamente iguais, de modo que o confronto foi acirrado, mas fizemos com que pagassem.

— Prisioneiros? — perguntou Vaelin.

— Os soldados-escravos não se rendem, mas capturamos alguns cavaleiros e traficantes de escravos. Entreguei-os às pessoas que libertamos. Provavelmente eu devia apenas tê-los enforcado, mas sangue se paga com sangue.

— De fato, meu senhor — disse Lyrna. — Continue, por favor.

— Desde então, tenho reunido homens e os treinado da melhor forma possível. Recebemos notícias há duas semanas de que a frota meldeneana estava subindo o Ferrofrio, então julguei que era hora de ir para o norte.

— O senhor julgou corretamente — assentiu Lyrna. — Porém, estamos com uma escassez de suprimentos.

— Suprimentos eu consegui, Alteza. A senhora minha esposa tem laços familiares dos dois lados do Erineano. Aparentemente alguns mercadores alpiranos estavam dispostos a fazer negócios conosco. Os termos não foram favoráveis, e o tesouro da Torre Sul está praticamente vazio, mas, uma vez que o Imperador revogou o embargo, imagino que eles não podiam deixar passar uma oportunidade de lucrar.

Lyrna viu Lorde Verniers erguer a cabeça ao ouvir aquilo. Ele era uma presença deliberadamente obscura no exército, determinado a evitar conversas com qualquer um que não Vaelin e a Rainha, embora Lyrna tivesse deixado claro que ele era bem-vindo em todas as reuniões e livre para registrar todas as palavras ditas. O Escudo de certa forma o exaltara após a batalha, declarando-o “O escriba que matou um general!” com uma gargalhada estrondosa, imitada por sua tripulação. Entretanto, Verniers parecia evitar quaisquer recompensas que o seu heroísmo pudesse oferecer, embora tivesse pedido com insistência por uma reunião particular.

— Seu Imperador parece estar mais disposto com o nosso Reino, meu senhor — disse ela a Verniers.

O cronista remexeu-se um pouco quando os capitães se viraram para olhá-lo, dando voz somente a uma resposta curta.

— Parece que sim, Alteza.

— Acha que ele sabe sobre o grande plano dos volarianos? Poderia ser essa a razão para ter mudado de opinião?

— Os propósitos do Imperador nunca são determinados com facilidade, Alteza. Porém, qualquer coisa que possa prejudicar o Império Volariano provavelmente irá agradá-lo muito. Eles são nossos inimigos há muito mais tempo do que de vocês.

— Devíamos enviar um embaixador — disse Vaelin. — Forjar uma aliança, se possível.

— Tudo ao seu devido tempo, meu senhor — ponderou Lyrna, virando-se de novo para Al Bera. — Escreverei uma carta para a Senhora Al Bera garantindo que quaisquer dívidas contraídas na compra de mais suprimentos serão plenamente quitadas ao encerramento das hostilidades. Ela terá liberdade para concordar com condições adequadas de juros com qualquer mercador. Enquanto isso, metade dos seus suprimentos disponíveis será enviada para Alltor para ajudar os cumbraelinos no decorrer do inverno. A outra metade virá até nós — ela passou um dedo pelo mapa até uma cidade na costa renfaelina — em Warnsclave, onde nos encontraremos com os nossos aliados meldeneanos em quinze dias. Por ora, meu senhor, descanse um pouco, *por favor*.

Lyrna passou a viagem até Warnsclave na companhia de um contingente diferente todos os dias. Um dia com os cumbraelinos da Senhora Reva, o seguinte com um regimento de mineiros dos Confins, o terceiro com a Guarda do Sul. Cada rosto revelava assombro, fascinação ou, no caso da Companhia Livre de Lorde Nortah, uma lealdade intensa e resoluta.

— Os Finados a abençoaram, minha Rainha! — gritou um homem quando ela se aproximou a cavalo de Lorde Nortah, o grito logo repetido por seus companheiros combatentes.

— Silêncio nas fileiras! — berrou o sargento da companhia, um jovem atlético de cabelos longos e com uma espada atravessada nas costas ao estilo da Sexta Ordem.

— Perdão, Alteza — disse Lorde Nortah ao seguirem caminho. — Eles não são fáceis de controlar. E não é como se eu pudesse chicoteá-los.

— Não, meu senhor — disse Lyrna. — O senhor certamente não pode. — Ela achou estranho que viajassem em silêncio durante boa parte da manhã; o garoto de quem se lembrava como o filho do Primeiro-Ministro de seu pai raramente era silencioso, um fanfarrão e por vezes valentão, que não demorava em provocar e chorava ainda mais depressa quando essas provocações eram devolvidas. Lyrna não via nada daquele garoto no guerreiro barbado ao seu lado, que tinha um sorriso leve nos lábios ao observar a grande gata que os acompanhava aos saltos.

— Pretendo lhe oferecer a restituição das terras e títulos de seu pai — disse ela quando o silêncio tornou-se cansativo. — Contudo, Lorde Vaelin me informou que o senhor não teria interesse em tais honrarias.

— Nunca foram de muita serventia para o meu pai, não é, Alteza? — retorquiu

Lorde Nortah com bastante cordialidade, mas com uma leve aspereza na voz.

— Eu não estive a par da decisão do Rei sobre essa questão — disse Lyrna. — Creio que tenha sido... lamentável.

— Não guardo mágoa alguma, Alteza. O tempo turvou as minhas lembranças de um homem que eu amava tanto quanto odiava. Seja como for, sem a morte dele eu não teria seguido o caminho que me levou à minha esposa, aos meus filhos e ao lar pelo qual anseio. E a Fé nos ensina a aceitar as dádivas que o destino nos traz.

— O senhor ainda segue a Fé?

— Eu deixei a Ordem, Alteza, não a Fé. Meu irmão pode ter perdido a sua em algum lugar do deserto, mas a minha ainda existe. Embora minha esposa espere que eu a abandone em favor do sol e da lua. — Lorde Nortah deu uma risada baixa e Lyrna pôde perceber nela a saudade que ele sentia de casa. — É a única coisa pela qual discutimos, na verdade.

Eles pararam ao meio-dia para descansar; Lyrna desmontou de Flecha e empertigou-se alarmada quando uma mulher correu das fileiras da Companhia Livre com uma adaga em cada mão. A espada de Itis saiu da bainha num borrão, mas, em vez de se lançar sobre Lyrna, a mulher caiu de joelhos, de cabeça baixa e com as adagas erguidas no alto.

— Minha Rainha! — disse ela com voz trêmula. — Imploro à senhora para que abençoe estas adagas para que possam realizar o seu serviço.

Os outros combatentes livres imediatamente caíram de joelhos, e todos sacaram as suas armas e as ergueram. Aquela era nitidamente uma cerimônia planejada durante a marcha, sobre a qual Lorde Nortah nada sabia, a julgar por sua expressão cansada e de descontentamento.

Nunca tema um pouco de espetáculo. Lyrna respirou fundo e pôs um sorriso bondoso nos lábios ao se aproximar da mulher ajoelhada, reconhecendo-a como a figura esguia que havia sido a primeira a gritar em Alltor.

— Como você se chama? — perguntou ela.

— F-Furelah, minha Rainha — gaguejou a mulher, sem erguer a cabeça.

Lyrna segurou gentilmente as mãos trêmulas da mulher.

— Abaixе as suas lâminas, irmã. Levante-se, olhe para mim.

Furelah ergueu lentamente a cabeça, os olhos arregalados ao absorverem o rosto dela, ficando de pé enquanto Lyrna ainda lhe segurava as mãos.

— Quem você perdeu? — perguntou ela à mulher.

— M-minha filha — sussurrou a mulher esguia, com lágrimas escorrendo dos olhos. — Ilegítima, desprezada e chamada de bastarda durante toda a sua vida, mas

sempre muito meiga. Eles e-esmagaram a cabeça dela com uma pedra. — A mulher perdeu as forças ao ser tomada pelos soluços chorosos, caindo de joelhos. Lyrna a abraçou enquanto ela chorava, ainda segurando firme as adagas.

— Não posso abençoar as lâminas dessa mulher — disse ela aos combatentes, muitos dos quais agora choravam abertamente. — Pois ela me abençoa. Todos vocês abençoam. Eu sou a sua lâmina, e vocês são as minhas. — Ela ergueu a ainda soluçante Furelah, levando-a de volta às fileiras da companhia. — Portanto, eu os nomeio o Décimo Sexto Regimento de Infantaria da Guarda do Reino, a serem conhecidos doravante como as Adagas da Rainha. — Eles abriram caminho diante dela quando soltou Furelah, a mulher caindo de joelhos mais uma vez no mesmo instante, todos os seus companheiros estendendo mãos hesitantes para tocar o vestido de Lyrna enquanto ela andava por entre eles, uma devoção fervorosa em cada rosto. *Não posso me embriagar com isso*, pensou ela, sorrindo e tocando cabeças abaixadas em súplica. *A tentação é grande demais*.

— Luta, sangue e justiça! — começou o grito, um clamor espontâneo de uma voz sem rosto nas fileiras ajoelhadas, repetido sem parar enquanto brandiam as variadas armas. — Luta! Sangue! E justiça!

Lyrna sentiu a sedução do grito invadi-la, o poder que havia nele, a consciência de que aquelas centenas de almas feridas morreriam por ela num instante. Ela estava à beira de entregar-se completamente a ele quando algo a deteve, um único rosto que não havia sido tomado pela adoração. Lorde Nortah estava parado ao lado de seu cavalo, passando a mão sobre a cabeça da grande gata agachada ao seu lado, o seu olhar de leve descontentamento agora substituído por um de profunda e óbvia desaprovação.

* * *

Ela se encontrou com o Irmão Caenis à noite, sozinha, uma vez que Vaelin parecia determinado a evitar o seu antigo irmão, uma atitude compartilhada por muitos nas fileiras do exército. Até mesmo Orena, que lhe parecia uma mulher muito prática, pedira para retirar-se mais cedo em vez de permanecer para receber o irmão. *O medo das Trevas não desaparece de uma hora para outra*, concluiu Lyrna.

O recém-revelado irmão da Sétima Ordem estava sentado em posição de sentido num banco dobradiço, recusando a bebida oferecida com uma sacudida cortês de cabeça. Apesar de toda a sua robustez evidente e renome como guerreiro, havia uma nítida timidez naquele homem compacto e calejado pela guerra, um movimento nos

olhos como se esperasse um ataque a qualquer momento. *Tanto tempo vivendo nas sombras, pensou ela. A luz do dia pode ser tão assustadora quanto as Trevas.*

— Meus irmãos e irmãs me pediram para lhe agradecer, Alteza — disse ele. — Por sua consideração.

— Uma rainha importa-se com todos os seus súditos, meu senhor.

— Por favor, Alteza, prefiro ser chamado de “irmão”. Sou um homem da Fé em todas as coisas.

— Como queira. — Lyrna pegou o pergaminho que ele lhe entregara ao chegar, uma lista completa dos membros de sua Ordem e de seus vários dons. — Você tem um irmão que pode ver o passado?

— O dom do Irmão Lucin é limitado, Alteza. A visão dele se restringe à localidade em que ele estiver no momento.

Lyrna assentiu, franzindo a testa diante da descrição seguinte na lista.

— E essa Irmã Merial realmente consegue puxar raios do ar?

— Não exatamente, Alteza. Ela consegue jorrar um poder, uma energia pelas mãos. Na escuridão ou nas sombras pode se parecer com raios. O dom é muito desgastante, fatal se o uso for exagerado.

— Ela pode matar com esse dom?

O Irmão Caenis hesitou, e então assentiu lentamente.

— Então ela e o seu dom são muito bem-vindos neste exército. — Lyrna leu o resto da lista e olhou para ele com uma sobrancelha erguida. — Vejo que está faltando um nome, irmão.

O desconforto dele aumentou visivelmente, mas o olhar permaneceu firme e não havia nota alguma de concessão em seu tom.

— Meu dom não pode ser revelado, Alteza. Por ordem expressa do meu Aspecto.

Lyrna ficou tentada a lembrá-lo que a Fé servia à Coroa, mas achou melhor não dizer nada. *Há muita serventia no que ele me trouxe. E esse não é um bom momento para conflitos com a Fé, especialmente por continuarem escondendo coisas demais.*

— Passei muitos anos à procura da sua gente — disse ela, deixando de lado a lista. — Até mesmo arrisquei a minha vida nas montanhas para encontrar evidências de sua existência. E, no entanto, parece que tudo o que eu tinha de fazer era aguardar pelo curso da história e eu seria confrontada por mais evidências do que poderia desejar.

O Irmão Caenis limitou-se a assentir com cautela em resposta e a desviar o olhar quando ela continuou.

— Deve ter sido difícil viver escondido por tanto tempo. Mentir para os seus irmãos durante anos.

— A Fé o exigia, Alteza. Eu não tive escolha. Mas, sim, foi um dever árduo.

— Lorde Vaelin me disse que você era o súdito mais leal que meu pai poderia desejar. Que o seu entusiasmo pela guerra do deserto era grande. Tanto que ele achou que o seu coração havia sido despedaçado quando isso não serviu de nada.

— O Aspecto Grealin foi bastante preciso quanto ao papel que queria que eu desempenhasse. Minha devoção pela Fé era tão forte que ele achou melhor que fosse mascarada como devoção pelo Rei. Porém, meu irmão tinha razão. Meu entusiasmo pela guerra era genuíno, inflamado por meu Aspecto, que me disse que ela era a peça-chave para garantir o futuro da Fé. Por suas próprias razões, ele não me contou como essa garantia seria alcançada, ou o destino de meu irmão. Sempre achei os argumentos do Aspecto Grealin infalíveis, ele nunca me conduziu ao caminho errado, nunca cometeu erros.

— Teve notícias dele desde a tomada da capital?

— Infelizmente não, Alteza. — Caenis baixou a cabeça, a tristeza aparente na voz. — O Irmão Lernial possui uma facilidade para ouvir os pensamentos das pessoas que já encontrou, mesmo a grandes distâncias. Sabemos que o Aspecto se refugiou na Urlish com um bando de combatentes livres. Os detalhes são vagos, pois o dom de Lernial é limitado. Ele sofreu um ferimento na cabeça em Alltor e acordou dois dias depois com um grande grito. Eu esperava que as suas palavras fossem apenas um sintoma de uma mente abalada, mas ele se recuperou muito desde então e o seu dom lhe diz que não há mais pensamentos a serem ouvidos vindo do Aspecto Grealin.

Vendo o seu sofrimento evidente, Lyrna apertou a mão do irmão.

— Meus pêsames, irmão.

Ele se remexeu pouco à vontade, forçando um sorriso. *Ele tem medo de mim?* Um dos nomes na lista aparentemente possuía certa facilidade para ver o futuro, e ela imaginou de que revelações Caenis estaria a par, lembrando-se do semblante carregado de Lorde Nortah e das palavras de Sabedoria no primeiro dia de marcha. *Sei muito bem o que significa.*

— Durante o interrogatório do Irmão Harlick, a volariana que capturamos em Alltor falou de um Aliado — disse Lyrna, afastando-se. — Lorde Vaelin parece achar que você pode ser capaz de explicar o que ela queria dizer.

— O Irmão Harlick já lhe contou tudo o que sabemos, Alteza. Aquela coisa se encontra no Além e trama a nossa destruição. Não sabemos por quê.

— Se essa coisa existe num lugar além da morte, isso não faz pressupor que já

tenha vivido? Que já foi um homem, ou uma mulher?

— Sim, Alteza. Mas nenhum membro de nenhuma Ordem conseguiu descobrir até agora como essa coisa veio a se tornar o que é, nem que intervenção maligna poderia tê-la corrompido e transformado em tamanho mal.

— Deve haver registros, textos antigos que descrevam a sua origem.

— A Terceira Ordem passou séculos reunindo as palavras mais antigas escritas por mãos humanas, pagando somas consideráveis por pedaços de pergaminho ou fragmentos de cerâmica. O Aliado está lá, mas sempre como uma sombra, uma catástrofe inexplicada ou um assassinato cometido por ordem de um espírito sombrio e vingativo. Separar verdade de mito costuma ser uma tarefa infrutífera.

As palavras do irmão instigaram a memória impecável de Lyrna, que se lembrou de uma frase dos *Cantos de ouro e pó* de Lorde Verniers: “A verdade é a maior arma do estudioso, mas com frequência também a sua perdição.” Ela chegou à conclusão de que já havia passado muito da hora de uma audiência particular com o cronista alpirano.

— Suponho que a sua Ordem agora precise de um novo Aspecto, não? — perguntou ela a Caenis.

— Como a senhora sabe, há formalidades para a escolha, Alteza. Minha Ordem permanecerá sem um Aspecto até que um conclave possa ser reunido. Porém, meus irmãos e irmãs manifestaram o desejo de aceitar a minha liderança nesse ínterim. — O olhar dele tornou a se firmar. — O que me leva a outra questão.

— As pessoas dos Confins.

— De fato, Alteza. Minha Ordem perdeu muitos irmãos e irmãs nesta guerra. As nossas fileiras estão diminuindo.

— E você levaria esses outros para a sua Ordem mesmo com as objeções veementes deles? Lorde Vaelin deixou muito claro o que eles pensam a respeito disso. Seguem a ele, não a você.

— Minha Ordem é o escudo dos dotados. Sem nós, todos eles teriam perecido há gerações.

— E ainda assim vocês continuaram se escondendo durante décadas enquanto eles corriam o risco de serem descobertos e mortos pelas mãos da Quarta Ordem.

— Um subterfúgio necessário. A maioria de nós é descoberta na infância, crianças dotadas nascidas de pais dotados e membros antigos da Ordem. Nem todos são tão afortunados, ou tornam-se bons de coração ou imunes à cobiça. Apesar de todo o nosso poder, temos almas humanas como qualquer outra pessoa. Antes da ascensão do Aspecto Tendris, os dotados encontrados pela Quarta Ordem eram avaliados para determinar se tinham condições de serem admitidos em nossas fileiras. Era escolha

deles se juntarem ou não a nós.

— Mas não, suponho, se continuassem fora da Fé?

— A Sétima Ordem é da Fé, Alteza. Isso não pode mudar.

Tenho outro Tendris aqui?, ponderou Lyrna, vendo a crença implacável em seu olhar. Ela se perguntara com frequência por que o seu pai não havia ordenado que um de seus muitos agentes ocultos envenenasse o sempre problemático Aspecto da Quarta Ordem. Contudo, nem mesmo o velho maquinador fora imune à Fé, tampouco ignorava o poder que ela detinha.

— Este é um Reino livre — disse ela a Caenis. — Isso também não pode mudar. Você pode falar com os dotados dos Confins e lhes oferecer um lugar em sua Ordem. Porém, se recusarem, você deixará o assunto de lado e eu não o ouvirei ser mencionado novamente durante o meu reinado, que espero ser de considerável duração. A não ser que a sua irmã Verlia — Lyrna consultou a lista mais uma vez, apenas para dar um efeito dramático, pois havia memorizado o conteúdo à primeira vista — preveja um futuro diferente, é claro.

— As visões de minha irmã são... infrequentes — disse Caenis. — E necessitam de muita interpretação. Até o momento ela vê pouco no que diz respeito a Vossa Alteza.

— E que pouco é esse que ela vê?

Caenis empertigou-se, mais uma vez aparentemente um guerreiro e não um Aspecto temporário, o rosto carregado com a consciência da batalha que estava por vir.

— Fogo — respondeu ele. — Ela vê somente fogo.

Lyrna viajou com os seordah no dia seguinte, optando por andar tal como eles. A Senhora Dahrena a acompanhou como intérprete, um papel um tanto redundante, uma vez que poucos dentre o povo da floresta pareciam dispostos a falar com elas, e a maioria na verdade evitava olhar na direção das duas. Ela podia ver como isso afligia a senhora, o modo como o sorriso dela vacilava quando os guerreiros de feições aquilinas desviavam o olhar ou grunhiam respostas curtas às suas tentativas de conversa. Em comparação, a atitude deles para com Lyrna parecia ser mais de perplexidade curiosa do que de medo.

— Toque de cura muito raro na floresta — disse Hera Drakil, o único de seu povo a ficar ao lado de Dahrena por mais de alguns passos, e mesmo assim ela sentia uma relutância tensa vinda do chefe de guerra, como se cada passo fosse um teste de coragem. — Há muitas gerações não se vê.

— Seu povo possui livros? — perguntou Lyrna, seus pensamentos voltando-se para a vasta biblioteca da Mahlessa sob a Montanha. — Registros da época antes dos marelím sil?

— Livros? — O chefe de guerra franziu o cenho.

— *Virosra san elosra dural* — disse Dahrena ao homem. O seordah de Lyrna era mais precário do que o seu lonak, mas ela sabia o suficiente para uma tradução aproximada. *As palavras que prendem o espírito.*

— Não — respondeu o seordah a Lyrna. — Nada de livros para os seordah. Não agora, não nos tempos de antes. Tudo é falado e lembrado. Só a palavra falada é verdadeira.

Lyrna viu Dahrena hesitar e então dizer algo na língua seordah, rápido demais para ser traduzido com facilidade e com palavras além do conhecimento da Rainha. Qualquer que fosse o significado, as palavras foram suficientes para tornar sombrio o semblante de Hera Drakil, que se virou e afastou-se em meio às fileiras desordenadas de seu povo.

— Ele se ofendeu? — perguntou Lyrna a Dahrena.

O rosto da senhora estava tomado pela tristeza enquanto observava o chefe de guerra afastar-se.

— Só a palavra falada é verdadeira — disse ela. — Eu lhe disse a verdade. Ele não gostou.

O exército aumentava conforme seguia para leste; bandos ocultos de fugitivos e escravos fugidos surgiam de florestas e cavernas para se juntar a eles ou implorar por comida. Lyrna certificou-se de que todos fossem bem tratados, mesmo aqueles que relutavam em se juntar às suas fileiras, embora esses fossem poucos. Havia numerosos desgarrados da Guarda do Reino entre os novos recrutas, ávidos por retornarem a regimentos que àquela altura em grande parte já haviam sido dizimados. A pedido de Lyrna, o Irmão Caenis deixara o cargo de Lorde Comandante do contingente da Guarda do Reino, embora essa decisão tivesse causado certa desarmonia nas fileiras. Independentemente de qualquer toque das Trevas, muitos ainda o viam como um salvador, o comandante destemido que os liderara à libertação após uma derrota calamitosa. Outros estavam menos dispostos a aceitar tais desdobramentos, principalmente os homens que haviam servido sob o comando da Senhora Reva em Cumbrael e os fugitivos encontrados durante a marcha, o que levou a muitas discussões acaloradas e até mesmo a algumas brigas. Uma delegação formal de sargentos encontrara-se com Vaelin para pedir a reintegração de Caenis, e

o Senhor da Batalha fora obrigado a acalmá-los promovendo um deles para o posto do irmão, um sargento veterano e robusto com um rosto feito couro marcado.

— Sargento Travick, Alteza — disse ele, ajoelhando-se diante dela no dia em que Lyrna juntou-se a eles na marcha. — Outrora do Décimo Sexto Regimento de Infantaria.

— Ah, os Ursos Negros, pelo que me lembro — disse Lyrna, fazendo um sinal para que Benten lhe trouxesse o item que buscara no arsenal itinerante do Irmão Hollun.

Travick piscou para ela, surpreso.

— Sim, Alteza. A memória da senhora é digna de respeito.

— Obrigada. Contudo, devo adverti-lo de que, em comparação, a sua etiqueta deixa muito a desejar.

O veterano abaixou a cabeça, franzindo a testa, embaraçado.

— Perdoe-me, Alteza. Não estou acostumado com tais coisas.

— Não é desculpa — disse Lyrna, estendendo a mão para pegar a espada oferecida por Benten, uma lâmina asraelina, condizente com a ocasião — para uma Espada do Reino referir-se a si mesmo como sargento. Devo dizer que estou chocada.

O homem ergueu a cabeça de repente, alarmado, arregalando os olhos ao ver a espada.

— Lorde Comandante Al Travick — disse Lyrna, invertendo a espada para colocá-la sobre o antebraço, com o punho da arma para a frente —, aceita esta espada oferecida por sua Rainha?

Atrás de Travick, a Guarda do Reino agitava-se em suas fileiras, menos organizada e bem barbeada do que ela lembrava, mas todos calejados e com ares de homens perigosos. *Posso usar os perigosos*, concluiu Lyrna. *Que lutem entre eles se precisarem, contanto que lutem com ainda mais afinco contra os volarianos.*

— A-aceito, Alteza — gaguejou Travick.

— Então a receba, meu senhor, e levante-se. — A mão grossa e cheia de cicatrizes fechou-se sobre o punho da espada e ele se levantou, erguendo a arma com uma expressão estupefata. — É meu desejo que a Guarda do Reino seja reorganizada, Lorde Comandante — prosseguiu Lyrna, atraindo de novo a atenção de Travick e fazendo-o retomar uma postura militar, com as costas retas, e desviando o olhar.

— O que quer que minha Rainha ordene.

— Respeito pelo passado é algo bom, mas não podemos permitir que isso obstrua

o nosso propósito. Muitos regimentos admiráveis preservam agora meros fragmentos de seus antigos efetivos ou foram completamente dizimados. Caso meus cálculos estejam corretos, há pouco mais de seis mil Guardas do Reino sob o seu comando, e muitos deles ainda seguem laços regimentais que já não possuem significado. Dos regimentos que ainda restam, somente três podem de fato ser chamados assim, e mesmo eles estão bastante reduzidos. O senhor os deixará com efetivos completos e dividirá os homens remanescentes em três novos regimentos, cujos nomes e estandartes serão determinados pelos homens, sujeitos à minha aprovação. Além disso, o senhor acrescentará a companhia de Lorde Nortah ao rol da Guarda do Reino como o Sexagésimo Regimento de Infantaria.

Lyrna voltou o olhar para as fileiras da Guarda do Reino. A lealdade regimental dos soldados do Reino era lendária e ela viu o franco espanto em muitos rostos.

— Dou-lhes minha palavra que, quando esta guerra for vencida, a Guarda do Reino será reorganizada, e qualquer um que desejar juntar-se novamente ao seu antigo regimento terá permissão para fazê-lo — disse ela, erguendo a voz. — Por ora, temos uma guerra para ganhar e sentimentalidade não nos ajudará nesta empreitada.

Lorde Travick berrou uma ordem, sua voz de sargento ressoando como um trovão, colocando cada soldado ajoelhado e de cabeça baixa.

— A Guarda do Reino é da senhora, Alteza — disse ele. — Para moldar como queira, e — acrescentou, a voz alta chegando aos ouvidos de todos os soldados sob o seu comando — se eu ouvir algum homem dizer algo em contrário, irei chicoteá-lo até os ossos.

As muralhas de Warnsclave haviam sido negligenciadas por muitos anos; o longo período de paz que teve início com a ascensão do pai de Lyrna as tornara uma irrelevância custosa para sucessivos feitores da cidade. Vaelin dissera que haviam sido resistentes o suficiente para repelir um ataque volariano, mas no fim se provaram frágeis demais para aguentar um segundo. Estavam fendidas em diversos lugares, grandes brechas abertas na pedra, do solo ao parapeito, oferecendo uma visão desimpedida do que se encontrava além quando Lyrna aproximou-se montada em Flecha.

— Não resta nada, Alteza — relatou Lorde Adal naquela manhã, após fazer o reconhecimento. — Nenhuma casa e nenhuma alma.

A leve esperança de que a Guarda do Norte tivesse exagerado desapareceu com cada passo dos cascos de Flecha: as cinzas e os escombros visíveis através das

brechas revelavam uma destruição total. Ela encontrou Vaelin esperando no portão arruinado com uma expressão sombria no rosto.

— O porto, Alteza — disse ele.

As águas do porto estavam turvas pelo lodo e cobertas pelo óleo que vazava dos barcos abandonados da frota pesqueira da cidade, mas Lyrna podia vê-las claramente: um grande aglomerado de ovas pálidas, tingidas de verde pelas algas da água, de maneira que lembravam um monte de uvas após a colheita.

Lyrna passou os olhos pelo que sobrara do que se lembrava como uma cidade agitada, ainda que um tanto fedorenta, suja, na verdade, onde as pessoas falavam com um sotaque rústico, mais dispostas a olhá-la nos olhos do que em Varinshold e menos propensas a se curvarem. No entanto, haviam ficado felizes em vê-la, recordava Lyrna, vibrando quando ela passara a cavalo, oferecendo bebês para serem beijados e lançando pétalas de flores em seu caminho. Ela viera à cidade para abrir um albergue para pobres, pago pela Coroa e administrado pela Quinta Ordem. Lyrna não encontrou qualquer vestígio do albergue no trajeto até o porto, apenas rua após rua de tijolos amontoados e madeiras queimadas.

— Eles as acorrentaram juntas — disse Vaelin. — Empurraram as primeiras, que foram seguidas pelo resto. Talvez quatrocentas, as únicas sobreviventes quando tomaram a cidade, imagino.

— Não queriam ficar sobrecarregados com escravos na marcha para o norte — comentou Lorde Adal. Havia em sua voz o tom seco de emoções bem controladas, mas Lyrna viu como os músculos do maxilar do homem se retesaram quando olhou para a água.

— Marcha para o norte, meu senhor? — perguntou Lyrna.

A Senhora Dahrena adiantou-se com uma mesura, o rosto exibindo o tipo de palidez causada somente pelo frio mais intenso.

— Creio que eu possa ter informações úteis, Alteza.

— Desapareceu? — perguntou Lyrna a Dahrena pouco tempo depois. Ela ordenara que Murel buscasse uma bebida quente para a senhora, e ela agora estava sentada em sua tenda, agarrando com as pequenas mãos uma tigela de leite morno. Vaelin encontrava-se de pé olhando para Dahrena com evidente preocupação, após expressar a sua inquietação por ela usar o seu dom.

— Alltor lhe custou muito — disse ele. — Voar de novo tão cedo foi insensato.

— Sou uma soldado neste exército, como qualquer outro soldado — retorquiu a senhora, encolhendo os ombros. — E meu dom é minha arma.

Lyrna forçou-se a permanecer calada quando o ar pareceu ficar carregado entre eles, ciente que muito não havia sido dito, mas que os dois tinham se entendido como se as palavras tivessem sido gritadas. *Enquanto eu conheço tão pouco do que há por trás dos olhos dele.*

— Transformada em cinzas de ponta a ponta — confirmou Dahrena. — A Urlish está morta, Alteza.

Lyrna lembrava-se do dia em que Lorde Al Telnar implorara ao seu pai que revogasse as restrições quanto à obtenção de madeira da Urlish, de como fora enxotado da Câmara do Conselho, o rosto vermelho pela humilhação. *A Urlish é o local de nascimento deste Reino*, dissera Janus a um encolhido Al Telnar ao assinar outro decreto transferindo ainda mais terras que haviam pertencido ao Ministro das Obras Reais. *O berço do meu reinado, que não será desmatado por gente como você.*

Al Telnar e a Urlish, refletiu Lyrna. *Agora ambos são apenas cinzas. Estranho que ele se sacrificasse por mim após tantos anos de tormentos com meu pai.*

— E esse exército atravessando a fronteira renfaelina em direção a Varinshold? — perguntou ela a Dahrena. — A senhora conseguiu estimar quantos são?

— Mais de cinco mil, Alteza. A maioria a cavalo.

— Darnel está convocando os seus cavaleiros — ponderou Lyrna. — Certamente precisará deles em breve.

— Acho que não, Alteza — disse Dahrena. — Há uma alma entre eles, ardendo com intensidade, mas vermelha. Eu a vi antes, quando sobrevoei a Urlish. Tenho certeza de que estava enfrentando os volarianos lá.

Lyrna assentiu, recordando-se da noite que passara num forte renfaelino apenas alguns meses antes, mas que agora pareciam anos. *Há muitos que consideram a ideia de serem governados por aquele homem uma mancha na honra*, dissera Banders.

— E a escória que assassinou as pessoas no porto? — perguntou ela. — Algum sinal dela em seu voo, minha senhora?

Lyrna sentiu certa resignação na resposta de Dahrena, uma aceitação sombria das consequências das informações que ela fornecia.

— Cerca de quatro mil, Alteza. Trinta quilômetros a noroeste. A maioria a pé.

Lyrna virou-se para Vaelin.

— Meu senhor, faça o favor de pedir a Sanesh Poltar o cavalo mais veloz de que os eorhil possam dispor e uma escolta para um mensageiro real. Eles irão atrás desse exército renfaelino e descobrirão sua identidade e suas intenções.

Ele fez uma mesura curta.

— Sim, Alteza.

— Providenciarei para que os corpos sejam resgatados do porto e me certificarei de que sejam entregues ao fogo com todas as devidas cerimônias, enquanto o senhor levará todos os cavaleiros que temos para ir atrás dos assassinos daquelas pessoas. E espero não ouvir mais nada a respeito de prisioneiros.

CAPÍTULO SEIS

Vaelin

Nós faremos um final, você e eu.

— Meu senhor?

Vaelin foi trazido de repente de volta ao presente pelas palavras de Adal e encontrou o comandante da Guarda do Norte montado ao seu lado, estreitando os olhos enquanto o olhava atentamente.

— Os meus homens encontraram alguns desgarrados três quilômetros ao norte — disse Adal. — À beira da exaustão e sem comer há dias. Parece provável que o resto não estará muito melhor.

Vaelin assentiu, dando as costas ao escrutínio do homem e olhando para oeste, onde os eorhil galopavam para realizar a manobra de cercamento que ele ordenara aquela manhã. Ficou desorientado por um momento quando os homens das planícies chegaram ao topo de uma elevação e desapareceram de vista, uma sensação cada vez mais familiar que mesclava frustração com desapontamento. Não havia canção para acompanhar a cavalgada dos eorhil, como não houve canção para guiá-lo quando Lyrna foi encontrada curada de corpo, ainda que, aparentemente, não de espírito. Tampouco houve qualquer canção para acompanhar o enforcamento dos prisioneiros volarianos executado por Orven por ordem dela, nem música alguma agora ao se virar de novo para Adal e ordenar que levasse seus homens para proteger o flanco leste.

Vaelin não viu qualquer relutância no comportamento de Adal antes de o comandante virar o cavalo e partir a galope, mas havia uma incerteza ali, até mesmo uma leve preocupação. Ele se perguntou se a animosidade da Guarda do Norte havia diminuído desde Alltor, se não havia realmente preocupação alguma pelo seu Senhor da Torre. Contudo, onde antes tais coisas podiam ser facilmente discernidas, agora havia apenas uma incerteza contínua. *É isso que é viver sem um dom?*

Lembrou-se daqueles breves anos em que sua canção silenciara, quando a sua recusa em escutá-la o deixara desolado e desorientado. Fora difícil não ter um leme num mar de caos e guerra. Porém, isso era muito pior, pois agora havia a gelidez, o frio glacial que entrara em seus ossos no domínio do Aliado e continuara ali naquele mundo de inúmeros caminhos, todos aparentemente tão escuros. E as palavras, é

claro, aquelas palavras que o perseguiam desde o Além.

Nós faremos um final, você e eu.

Nortah aproximou-se a trote, com Dança da Neve saltando adiante, como sempre animada com a perspectiva de sangue.

— Seu lugar é com o seu regimento — disse Vaelin a ele.

— Davern os têm sob controle — retorquiu o seu irmão. — Para falar a verdade, eu ficaria grato se você pedisse à Rainha para promovê-lo no meu lugar. Ódio e sede de sangue sem limites não são tolerados por muito tempo.

— Eles precisarão de uma liderança firme e uma mão que os contenha.

Nortah ergueu uma sobrancelha.

— A Rainha partilha dessa opinião, irmão? Eu ficaria muito surpreso se fosse verdade.

Vaelin não respondeu, recordando-se da alegria que sentira naquele dia em Alltor quando o barco a transportou pelo rio, o alívio que aflorara quando ela desembarcara. A ausência da canção era uma dor física e ela pareceu oferecer um antídoto, um único ponto de certeza, queimado, mas glorioso. *Como eu pude imaginar que ela tivesse tombado?*, pensara, caindo de joelhos diante dela.

No entanto, à medida que os dias passavam e o amor evidente do exército pela Rainha aumentava cada vez mais, Vaelin sentia a ausência da canção com crescente intensidade. *Ela é motivo de tantas perguntas. E ainda assim parece não fazer nenhuma.* Ele via grandes diferenças da garota que conhecera num corredor do palácio tantos anos antes, a ambição desenfreada transformada em algo novo e mais preocupante. *Ela ansiava por poder. Pelo que anseia agora?*

— Meu povo se encontrou com o nosso irmão — disse Nortah. Ele sempre se referia aos dotados de Ponta de Nehrin daquela maneira, como se fossem uma nação. — A pedido da Rainha. Eles lhe disseram não, como esperado. — Ele fez uma pausa. — Você falou com ele? Desde a sua pequena revelação?

Vaelin sacudiu a cabeça, ansioso para evitar discussões sobre aquele assunto. As questões levantadas eram ainda mais preocupantes do que as que cercavam a Rainha.

— Sétima Ordem ou não — prosseguiu Nortah. — Fé ou não. Ele ainda é nosso irmão.

Ele sempre soube mais, pensou Vaelin. Mais do que sempre disse. Conhecimento que poderia ser útil, ter salvado muitos, talvez até mesmo Frentis... ou Mikehl.

— Vou falar com ele — prometeu Vaelin a Nortah. *Pois temos muito a discutir.*

— Você não vai fazer nada... estúpido hoje, vai? — perguntou Nortah.

— Estúpido, irmão?

— Sim, irmão. — O rosto de Nortah estava sério. — Como se atirar contra um exército inteiro. Eles podem escrever todas as canções que quiserem, aquilo ainda foi idiota. Temos um lar para o qual voltar, caso ainda se lembre. A Ordem ficou para trás. Há algo pelo qual viver agora, *alguém* por quem viver.

Havia um peso adicional na voz dele e Vaelin sabia bem o que Nortah queria dizer. Dahrena estivera ao seu lado durante a maior parte da viagem, exceto naquele dia, pois ele lhe implorara que descansasse após os esforços dela para encontrar o seu alvo. Era estranho, mas, apesar de todo o tempo que passavam juntos, eles falavam pouco, as conversas aparentemente desnecessárias. Vaelin sabia que ela podia sentir a ausência de sua canção e temia que isso criasse uma barreira entre eles, mas Dahrena estava mais à vontade com ele agora do que nunca, e não era difícil de adivinhar o motivo. *Duas almas que se encontraram no Além. Não é um elo que se rompe com facilidade.*

Apesar de todo o desconforto que a compreensão desse fato causava, ele continuava grato pela companhia dela, pois era somente na presença de Dahrena que o frio parecia diminuir. Surgiu de novo naquele momento, uma dor súbita no fundo de seu ser, que costumava se manifestar quando ele cavalgava por muito tempo, ou quando se esforçava demais.

— Não farei nada estúpido, irmão — disse ele a Nortah, enrolando mais o manto em volta do peito. — Dou a minha palavra.

Seu cavalo pertencera à Guarda do Norte e, como a maioria das montarias criadas nos Confins, era de origem eorhil: alto, veloz e de temperamento plácido quando não era usado numa batalha. O Capitão Adal dissera que o seu antigo dono havia sido um homem muito prático e pouco sentimental, referindo-se ao animal simplesmente como “Cavalo”, e Vaelin ainda não havia pensado em nada melhor. Ele sentiu o animal ficar tenso ao se aproximarem do alto de uma colina no final da tarde, dilatando as narinas ao sentir um cheiro tênue demais para o nariz de Vaelin, embora ele pudesse adivinhar o significado: o suor de muitos homens amedrontados.

Vaelin os avistou quando chegou ao topo, a cavalaria nilsaelina perfilando-se de ambos os lados, espalhando-se conforme reorganizavam as fileiras em preparação para a investida. Usavam armaduras leves e os cavalos eram criados para serem rápidos em vez de fortes, e a maioria de seus cavaleiros estava armada com uma lança de mais de dois metros de comprimento. Olhavam de cara fechada para os volarianos, sem piedade ou medo. A notícia sobre a atrocidade em Warnsclave espalhara-se depressa e aqueles homens já haviam testemunhado horrores de sobra

na marcha até Alltor.

Os volarianos haviam formado batalhões dispostos num quadrado, desigual e em movimento na esquerda, onde Vaelin acreditava que se encontravam os Espadas Livres, sólido na direita, onde os Varitai aguardavam o seu destino com uma indiferença rígida. Os eorhil haviam cortado o caminho de retirada atrás deles e entraram em formação em terreno plano, agrupados em seus bandos de guerra e avançando devagar. A leste, Vaelin podia ver a Guarda do Norte se posicionando com os cavalos para bloquear qualquer rota de fuga, enquanto a guarda montada de Orven aproximava-se do flanco a oeste.

— Ao seu comando, meu senhor — disse o comandante da cavalaria nilsaelina, um homem rijo com a aparência tipicamente vilanesca dos soldados de seu feudo, de cabeça raspada e exibindo cicatrizes recentes que sem dúvida ganhara em Alltor. Em comum com os seus homens, Vaelin podia ver a ansiedade do homem para se chocar com o inimigo, o modo como a sua mão enluvada apertava e soltava a haste da lança.

— Esperem pelos eorhil — ordenou Vaelin.

Ele passou a mão sobre o ombro e sacou a espada, achando estranho não encontrar consolo ao sentir o punho da arma. Antes a sensação era a de segurar algo vivo, agora era apenas um pedaço de aço e madeira, mais pesado do que se lembrava.

Um som sibilante familiar atraiu a sua atenção para o campo, encontrando o céu sobre os volarianos escurecido por flechas no ápice de seu trajeto, os eorhil agora atravessando a planície em disparada. Vaelin ergueu a espada quando os corneteiros nilsaelinos deram o sinal para que se preparassem para a investida e a abaixou quando a saraivada dos eorhil atingiu o alvo. Ele esporeou os flancos do cavalo e dispararam a galope em uníssono, fazendo a terra ribombar como um trovão.

* * *

O choque do impacto o fez balançar na sela, os relinchos ensandecidos do cavalo abafados pela cacofonia instantânea de fúria e pelo entrechoque de metal e carne. Ele se agarrou à sela pelo cepilho, sentindo algo duro percorrer a cota de malha que lhe cobria as costas. Um volariano investiu contra ele saído da multidão, de olhos arregalados e desesperado, embora sua espada permanecesse apontada e certa. Vaelin soltou o cepilho e caiu no chão, rolando de encontro ao volariano com força suficiente para jogá-lo longe. Ficou de joelhos com muito custo, erguendo a espada

para bloquear a estocada de um Espada Livre corpulento, um veterano a julgar pela idade e a naturalidade com que se esquivou para longe quando Vaelin respondeu com um golpe contra as suas pernas, espantado com a própria lentidão. O Espada Livre golpeou a lâmina de Vaelin com habilidosa eficácia, logo acima do punho da arma, arrancando-a de sua mão.

Ele olhou para a mão vazia enquanto um pensamento se repetia com um distanciamento estranho e calmo. *Eu deixei a minha espada cair.*

O Espada Livre aproximou-se com a espada preparada para uma estocada forte no pescoço de Vaelin, e então se contorceu numa pirueta estranhamente elegante, o sangue jorrando da cabeça quase decepada enquanto Nortah puxava as rédeas de seu cavalo alguns metros adiante, seguido por Dança da Neve, cujos dentes e garras já estavam ensanguentados.

Vaelin levantou-se e olhou ao redor. A investida os havia conduzido quase até o centro das fileiras volarianas; combates eram travados por todos os lados enquanto os nilsaelinos cravavam suas lanças e os guardas de Orven cortavam com as espadas. Uma nova tempestade de flechas caía em algum ponto a oeste, indicando que os eorhil haviam encontrado um aglomerado obstinado de resistência Varitai.

A voz de Lorde Orven soou próxima e Vaelin o viu reunindo seus homens para uma investida contra um grupo compacto de Espadas Livres, que lutavam com todo o desespero de homens condenados. Ouviu-se um relincho alto e ele viu o seu cavalo sem cavaleiro atirar-se contra os volarianos, empinando e dando coices, os dentes arreganhados ao gritar. O grupo volariano foi desfeito sem demora quando os homens de Orven chocaram-se com eles, seguidos a galope pelos nilsaelinos que se juntavam à matança.

— Nada estúpido? — perguntou Nortah, assomando sobre ele com um olhar repreensivo.

Vaelin olhou para a mão vazia, dobrando os dedos e sentindo o frio aumentar mais uma vez. Algo encostou em seu ombro, e ao se virar ele encontrou o seu cavalo, bufando alto e balançando a cabeça, com um corte no focinho.

— Cicatriz — disse Vaelin, passando uma das mãos sobre o focinho do animal. — Seu nome é Cicatriz.

— Fique parado — advertiu Dahrena quando ele se retraiu com a ardência causada pelo unguento que ela aplicava em suas costas. A queda da sela o deixara com um hematoma espetacular da cintura ao ombro, sem falar nas palavras constantemente repetidas que o atormentaram na viagem de volta a Warnslave. *Eu deixei a minha*

espada cair.

— Sua lenda já não cresceu o bastante? — prosseguiu Dahrena, aplicando o unguento sobre a pele dele, movendo os dedos em círculos tensos e firmes. — Precisa atacar cada exército que encontra? E, agora, aparentemente com um cavalo comandando pelas Trevas.

— Acho que não — gemeu ele, suspirando aliviado quando Dahrena levantou-se e foi até o pequeno baú onde guardava os diversos potes e caixas com os seus curativos. — Desconfio que o meu novo cavalo apenas goste de lutar.

Vaelin ocupara um porão na única estrutura que ficara de pé em Warnsclave; a casa do capitão do porto, que parecia uma fortaleza, ficava na base do molhe, construída inteiramente de granito e resistente demais para ser derrubada com facilidade. A Rainha e o seu séquito ocuparam os andares, enquanto o exército acampara entre as ruínas, as fileiras aumentando à medida que mais pessoas chegavam das terras ao redor.

— Como o dono dele — murmurou Dahrena, fazendo-o retrair-se de novo.

Aquelas eram as primeiras palavras ásperas que trocavam desde Alltor, causando um receio de que o elo deles pudesse não ser tão imune a abalos, afinal de contas. A batalha fora breve, o que não era de espantar dada a vantagem que tinham sobre os volarianos, que fugiram depois de menos de quinze minutos de combate, o tempo que foi necessário para matar os Varitai. Os Espadas Livres sobreviventes correram em todas as direções e logo foram perseguidos pelos eorhil, enquanto os nilsaelinos davam cabo dos feridos e se engajavam na consagrada atividade militar de saquear os mortos. Para sua surpresa, Vaelin foi recebido com um respeito grave ao percorrer o campo, com soldados fazendo medidas e erguendo lanças em saudação. *Eles preferem não ver?*, ponderou ele. *Preferem acreditar num homem de coragem insensata e num cavalo guiado pelas Trevas do que num tolo enfraquecido que não consegue ficar na sela e deixa a espada cair?*

— Hoje eu quase morri — disse ele a Dahrena num tom seco e pensativo. Ela não se virou, mas se empertigou. — Sei que perdi a minha canção — prosseguiu Vaelin. — Quando você me trouxe de volta. Sem ela... Eu deixei a minha espada cair, Dahrena.

Ela se virou com o rosto franzido de irritação.

— É pena de si mesmo que escuto, meu senhor?

— Não. — Ele sacudiu a cabeça. — Apenas palavras sinceras...

— Bem, eu tenho algumas palavras sinceras para você. — Ela se aproximou de Vaelin, ajoelhou-se e agarrou suas mãos, os dedos pequenos e esguios fechando-se sobre os dele. — Uma vez eu vi um garoto lutar feito um selvagem para capturar

uma flâmula em algum jogo terrível. Achei cruel na ocasião, e ainda acho, na verdade. Mas o garoto que vi aquele dia não ouviu uma nota sequer de sua canção, ou eu a teria sentido. Você sempre foi mais do que o seu dom. — Dahrena apertou as mãos dele com mais força. — Um dom não é um músculo, um osso ou uma habilidade que foi desenvolvida desde a infância, uma habilidade que não posso acreditar que tenha sido perdida em apenas algumas semanas.

Ela ergueu o olhar e a irritação desaparecera ao se levantar, soltando as mãos de Vaelin para segurar sua cabeça, puxando-o para perto.

— Nós dois ainda temos muito que fazer, Vaelin. E acredito que o objetivo da Rainha seria alcançado com mais facilidade com você ao lado dela. — Ela se afastou, sorrindo para ele, passando a mão macia e quente da testa ao queixo de Vaelin antes de beijá-lo nos lábios. — Por acaso você encontrou uma chave para esta porta?

Mais tarde ela estava deitada com a cabeça apoiada no peito de Vaelin, o seu corpo pequeno e perfeito pressionado contra o dele, acabando com qualquer vestígio do frio. Começara em Alltor, com eles mal trocando uma palavra naquela primeira noite. Não houve preâmbulo, apenas silêncio e uma necessidade fremente ao se aninharem no escuro, atraídos por algo a que nenhum dos dois sentiu qualquer inclinação de resistir.

— A Rainha me odeia — sussurrou ela, sua respiração eriçando os pelos do peito dele. — Ela se esforça para esconder isso, mas posso sentir.

Enquanto eu posso apenas suspeitar, pensou Vaelin.

— Não infringimos nenhuma lei, nem insultamos ninguém — disse ele. — E até mesmo uma rainha tem direito aos próprios sentimentos.

— Você e ela, quando eram jovens, vocês...?

Ele soltou uma leve risada.

— Não, isso nunca poderia ter acontecido. — O sorriso desapareceu quando o rosto de Linden Al Hestian veio à sua mente; tantos anos depois e a culpa ainda o afligia.

— Ela ama você — continuou Dahrena. — Não é possível que você não veja isso.

— Vejo apenas a Rainha que tenho o dever de seguir. — *Será melhor para todos se eu não vir mais nada*. — O que os seordah dizem sobre ela?

Ele a sentiu ficar tensa, mexendo a cabeça sobre o seu peito.

— Nada. Digo, nada para mim. Mas não sei o que dizem uns para os outros.

Vaelin sabia que a atitude dos seordah com os dois sofrera uma transformação severa desde Alltor, e uma profunda cautela tomara o lugar da afeição que sentiam por Dahrena e do respeito relutante que haviam começado a demonstrar por ele.

— O que é? — perguntou Vaelin. — Por que eles nos temem tanto?

Ela permaneceu em silêncio durante um longo tempo, então se ergueu e apoiou o queixo nas mãos, o rosto oculto pela escuridão, mas os olhos refletindo a luz que vinha de uma pequena abertura na parede do porão.

— Assim como os Fiéis, os seordah não veem a morte como uma maldição. Mas acreditam que, quando uma alma deixa o corpo, ela não vai para um mundo além deste, mas sim para um lugar oculto, um mundo que existe em cada sombra e em cada canto, invisível e irreconhecível a olhos vivos. Nesse mundo, você leva consigo cada lição aprendida enquanto estava vivo, cada truque de caçador ou habilidade de guerreiro, cada migalha de conhecimento, e embarca numa grande e eterna caçada, mas livre de medo ou incerteza, sem os fardos carregados durante a vida, restando apenas a caçada. Talvez você às vezes os tenha visto na floresta, estendendo a mão para o buraco escuro no tronco de uma árvore ou para a sombra lançada por uma rocha, à espera de uma mensagem sussurrada de uma alma querida que foi para a caçada.

— Quando me trouxe de volta, você me privou de um dom — disse ele.

— Do maior dos dons.

— Devia falar com eles, contar a verdade sobre o que aconteceu.

— Eu contei. Não adiantou. Aos olhos deles, eu sou uma transgressora e você não deveria estar andando sobre esta terra. Eu os perdi.

Vaelin a abraçou quando ela baixou de novo a cabeça, passando as mãos por seus ombros e sentindo a tristeza dela.

— Então por que eles continuam aqui? — perguntou ele.

A resposta de Dahrena foi baixa, sussurrada entre lágrimas:

— Eles fazem o que fazemos: atendem ao chamado do lobo.

A espada de Reva chocou-se com o lado machucado do corpo dele, provocando um gemido dolorido. Ela saltou com agilidade para trás quando Vaelin respondeu com um golpe ascendente desajeitado, em seguida avançando agachada e desferindo uma estocada contra o peito dele. Vaelin se esquivou, desviando para cima a espada de madeira de Reva e mirando um golpe lateral nas pernas dela, que as atingiu em cheio

quando ela demorou demais para bloquear.

— Melhor — disse Reva. — Não acha?

Vaelin foi até o cepo onde estava o seu cantil e tomou longos goles. O céu estava nublado naquele dia e o ar gelado, prenunciando a chegada do outono e a perspectiva de uma marcha nada fácil até Varinshold. Eles já estavam em Warnsclave havia três dias, esperando que a frota meldeneana aparecesse. A situação dos suprimentos fora abrandada pelas provisões de Lorde Al Bera, mas os estoques ainda eram insuficientes para prover o deslocamento para o norte, ainda mais se considerando o número crescente de recrutas. Mais de mil pessoas rumaram para a cidade arruinada desde que eles ali chegaram, forçando o acréscimo de ainda mais companhias ao regimento de Nortah. Tudo indicava que os volarianos não haviam sido tão eficientes para conseguir escravos quanto imaginado, embora batedores trouxessem diariamente evidências de sua proficiência em massacres, histórias reveladoras de uma aldeia arrasada após a outra, cada uma bem suprida de cadáveres putrescentes.

— Não — disse ele a Reva. — Na verdade, hoje estou pior.

Ele jogou o cantil de lado e investiu contra Reva, desferindo uma série de estocadas e golpes rápidos, a espada de madeira movendo-se num borrão. Ela se esquivou e aparou com uma fluidez muito superior à das suas primeiras lições; Vaelin sabia que habilidades desenvolvidas em batalha sempre faziam a diferença. Também sabia que Reva o estava poupando, permitindo que acertasse golpes que ela poderia ter bloqueado sem dificuldade e respondendo apenas com uma fração da velocidade que poderia ter empregado.

— É inútil — murmurou Vaelin, parando em meio a outro ataque.

— Ora, vamos — zombou ela. — Está desistindo?

Você me ama demais, pensou ele com um suspiro mental. *Tem medo de me ver morrer de novo*. Vaelin olhou para o campo no sopé da colina onde estavam praticando, o exército trabalhando sob a supervisão de oficiais e sargentos, recrutas novos e velhos sendo transformados no instrumento mortal de justiça da Rainha. Podia vê-la percorrendo o acampamento em seu cavalo branco, o manto negro esvoaçando ao vento, provocando saudações e exortações por onde quer que passasse.

— Você... — Reva parara ao seu lado, falando com um tom hesitante.

— O quê?

— A Rainha. — Os olhos de Reva acompanharam o cavalo de Lyrna ao trotar em direção às novas companhias de Nortah, as pessoas caindo de joelhos quando a Rainha parou. — O que fizeram com ela. Você não se pergunta o que isso pode

significar?

— A cura dela?

— Não. Não a cura. O que foi feito antes. Sofrer o que ela sofreu... Curada ou não, as cicatrizes são profundas.

— Tão profundas quanto as suas, irmã?

— Talvez mais profundas. É isso que me preocupa. As minhas mãos estão vermelhas, assim como as suas. Não alego inocência e responderei ao Pai quando chegar a minha hora. Mas ela... Às vezes penso que ela queimaria o mundo inteiro se isso fosse significar a morte do último volariano. E mesmo assim ela não ficaria satisfeita.

— Você não anseia por justiça?

— Por justiça, sim. E por deixar meu povo seguro mais uma vez. Para fazer isso, irei lutar a guerra dela e libertar a sua cidade. Mas não será suficiente, não é? O que você dirá quando ela lhe ordenar que a siga através do oceano?

Sem canção. Sem orientação. Apenas uma incerteza cada vez mais silenciosa.

— Obrigado pelo exercício, minha senhora — disse Vaelin, virando-se para fazer uma medida. — Mas acho que preciso de um tutor menos caridoso.

A espada de freixo de Davern desviou a espada de Vaelin e estalou nas suas costelas desprotegidas, deixando-o sem ar e curvado. Davern afastou-se enquanto Vaelin engasgava tomando fôlego e olhando-o furioso.

— Quem mandou parar, sargento?

O ex-construtor de barcos franziu a testa por um momento, mas a expressão transformou-se rapidamente num sorriso cheio de dentes brilhantes, e ele avançou para desferir uma estocada no nariz de Vaelin. Ele se contorceu, a espada de freixo o errando por um centímetro, agarrou o braço do sargento e o arremessou por sobre o ombro. Davern recuperou-se depressa, levantando-se de um pulo e rodando para desferir um golpe giratório nas pernas de Vaelin. Madeiras estalaram quando Vaelin bloqueou a investida e então respondeu com uma série de golpes segurando a espada com as duas mãos e visando o peito e a cabeça, fazendo o sargento recuar e bloquear cada espadada, alheios aos gritos dos espectadores.

Três dias já haviam se passado e Vaelin ainda não acertara um golpe, atraindo uma multidão maior a cada luta de exercício. Davern, como esperado, não precisou de muita persuasão para lutar com o Senhor da Batalha, o seu deleite evidente ficando ainda maior quando as habilidades reduzidas de Vaelin tornaram-se

aparentes. Teria sido fácil fazer aquilo longe dos olhares do exército, mas Vaelin resistiu à tentação, encontrando no escrutínio de tantos olhos críticos um estímulo útil para se esforçar ainda mais.

Ele estava melhorando, podia sentir; o frio agora não era tão intenso. Contudo, a sensação da espada em sua mão ainda era estranha, a outrora sublime maestria substituída por uma eficiência habilidosa. *Quanto era a canção?*, perguntava-se continuamente. *Quanto preciso dela?*

Davern abaixou-se para evitar outro golpe, movendo-se para o lado e desferindo uma estocada precisa que conseguiu atravessar a guarda de Vaelin e atingi-lo no lábio superior, arrancando sangue e fazendo-o cambalear para trás.

— Perdão, meu senhor — disse Davern, atingindo a perna direita de Vaelin com a espada e derrubando-o no chão, desviando o débil contragolpe e erguendo a arma para um golpe final sem dúvida doloroso. — Mas o senhor disse para não me conter.

— Já basta! — Alornis estava avançando, com o rosto vermelho de fúria. Ela empurrou o sorridente Davern para o lado e ajoelhou-se perto de Vaelin, levando um pano limpo ao lábio ensanguentado. — A luta acabou — disse ela ao sargento. — Volte para o seu regimento.

— A senhora sua irmã agora está no comando aqui, meu senhor? — perguntou Davern a Vaelin. — Talvez devesse estar.

— Sargento. — A voz era baixa, mas o sorriso debochado de Davern desapareceu no mesmo instante. Nortah estava ali perto, passando os olhos pelos soldados que assistiam, a maioria combatentes livres do próprio regimento, todos tratando de encontrar rapidamente outro lugar para passar o tempo. Dança da Neve afastou-se de Nortah para empurrar o ombro de Vaelin com o focinho, ronronando com insistência até ele se levantar.

— O seu homem é um bruto — disse Alornis a Nortah, continuando a estancar o sangue que escorria do lábio de Vaelin.

— Só estava seguindo as ordens de Sua Senhoria, professor — retorquiu Davern a Nortah. Apesar de demonstrar não sentir qualquer medo com relação a Vaelin, sua atitude com Nortah era sempre visivelmente mais respeitosa.

— De fato ele estava — disse Vaelin, fazendo uma pausa para cuspir um muco vermelho no chão. — E muito bem, aliás.

Nortah olhou rapidamente para Davern.

— Vá tratar dos piquetes — ordenou ele com calma.

O sargento fez uma mesura e partiu depressa.

— Mil coisas podem acontecer numa batalha — disse Nortah a Vaelin. — Você

está dando importância demais a uma espada caída.

— Guerras não são vencidas com espadas caídas, irmão. — Vaelin tirou o pano de Alornis e foi até a árvore onde amarrara Cicatriz.

— O Irmão Kehlan devia cuidar disso — gritou ela às suas costas, mas ele apenas acenou e montou no cavalo.

Não foi difícil encontrar Caenis. O contingente da Sétima Ordem, que agora chegava a quatro irmãos e duas irmãs, estava alojado numa ruína coberta por uma lona, próxima do porto, um pouco afastada do resto do exército, que continuava a encará-los com franca desconfiança. Caenis estava sentado com os outros, falando em voz baixa, mas com veemência, cada um deles escutando com muita atenção. Eram todos mais novos do que o seu irmão. A dádiva da juventude proporcionava uma chance maior de sobrevivência à investida volariana, uma vez que os jovens adaptavam-se melhor aos rigores da batalha, ou atraíam mais a atenção dos traficantes de escravos. Um jovem havia claramente sofrido algum tratamento cruel, sentado sem camisa enquanto ouvia Caenis, suas costas marcadas por chicotadas recentes, em carne viva e vermelhas à luz do entardecer.

— A guerra não é mais da alçada apenas da Sexta Ordem — Caenis estava dizendo. — Agora todos os Fiéis são convocados para juntarem-se a esse conflito. Agora todos nós somos guerreiros. Não podemos mais nos dar ao luxo de nos escondermos.

Ele se calou quando Vaelin surgiu das sombras, os outros se virando para encará-lo numa mistura do assombro costumeiro com um respeito grave.

— Irmão — chamou Vaelin. — Gostaria de falar com você.

Eles caminhavam ao longo do molhe à medida que a noite caía, uma lua crescente surgindo de trás de uma nuvem intermitente. Caenis nada disse, esperando que Vaelin falasse, talvez perfeitamente ciente de qual seria a primeira palavra dita.

— Mikehl — disse Vaelin quando chegaram ao final do molhe.

A maré noturna havia afastado o mar do molhe, de modo que parecia que estavam no alto de um pico elevado fustigado por uma brisa forte, as ondas que se quebravam suavemente mal podendo ser vistas abaixo. Vaelin olhou atentamente para o rosto de Caenis quando este nada respondeu, vendo ali o que esperara ver. Culpa.

— Antes de eu zarpar para os Confins, o Aspecto Grealin me assegurou de que não havia tomado parte naquilo — prosseguiu Vaelin. — E colocou toda a culpa no Irmão Harlick, que na verdade admitiu a sua participação, embora não nos termos

mais claros. Por acaso há algo que você gostaria de acrescentar à história, irmão?

A expressão de Caenis não mudou e sua voz soou apática quando respondeu:

— Meu Aspecto me ordenou que mantivesse você a salvo. Fiz o que me foi ordenado.

— Os homens que mataram Mikehl falaram de um outro, alguém que acho que encontraram na floresta naquela noite. Alguém que temiam.

— Eles estavam esperando um irmão que Harlick conhecia, alguém cúmplice de seu plano. Eu o encontrei, matei-o e tomei o seu lugar. Os assassinos contratados pelo pai de Nortah não podiam ser mortos tão facilmente, então eu os enviei na direção errada, uma direção que eu esperava que fosse levá-los para longe de qualquer irmão. Porém, Mikehl sempre foi muito lento e se perdia com muita facilidade.

Vaelin lhe deu as costas e encarou o mar. O vento estava ficando mais forte e as ondas reluziam brancas sob o pálido luar. Ao longe ele pôde ver uma forma negra no horizonte, logo seguida por muitas outras.

— Nosso Lorde Almirante cumpre as suas promessas — comentou ele.

Caenis olhou para os navios que se aproximavam.

— Esta guerra reuniu alguns aliados estranhos.

— E com isso revelou muitas coisas.

— Naquele dia em que você nos encontrou... As minhas palavras foram injustas. Eu havia perdido tantos homens, presenciado tantas mortes inesperadas. Parecia que os Finados haviam nos abandonado, que a sua falta de Fé havia feito com que eles nos condenassem. Foi tolice, irmão.

— Irmão — repetiu Vaelin em voz baixa. — Nós nos chamamos assim há tanto tempo que eu me pergunto se a palavra ainda possui significado. Tanto foi escondido, tantas mentiras foram ditas. Naquele primeiro dia, nas galerias, Grealin deu tapas no seu ombro e você se retraiu. Eu achei que você estava com medo dos ratos imaginários dele, mas ele estava cumprimentando-o. Você não estava se juntando à Sexta Ordem, estava se apresentando ao seu Aspecto.

— É como perseveramos, como continuamos a servir à Fé. Pelo menos até agora. Com a morte do Aspecto Grealin, cabe a mim o fardo de reconstruir essa Ordem. Seria mais fácil com a sua ajuda.

— Os dotados dos Confins não querem fazer parte da sua Ordem. Cara e Marken nem mesmo são da Fé, e duvido que Lorkan reuniria a vontade necessária para crer em algo.

— Tal como você, irmão. — As palavras de Caenis foram ditas de forma afável,

mas Vaelin ouviu nitidamente a reprovação nelas.

— Eu não perdi a minha fé. Ela murchou e morreu diante da verdade.

— E essa grande verdade ganhará esta guerra, irmão? Olhe ao seu redor e veja quantos sofreram. Sua *verdade* irá sustentá-los nos meses e anos por vir?

— Seu dom fará isso? Ainda não sei que tipo de poder você possui, e se devo comandar este exército, eu gostaria muito de saber.

Caenis o encarou em silêncio com um olhar firme, sem piscar. Vaelin levou a mão à faca de caça em seu cinto, agarrou o punho com força, pronto para sacá-la e cravá-la no olho de seu irmão... Ele exalou lentamente, soltando a faca e notando que sua mão tremia.

— Agora você sabe, irmão — disse Caenis antes de se virar e se afastar.

CAPÍTULO SETE

Alucius

O Aspecto Dendrish ficou visivelmente abatido, parecendo encolher quando seu corpo afundou na cama estreita demais. A papada reluziu quando ele moveu os lábios gordos, a testa franzida de desespero.

— Pode... — Ele fez uma pausa e engoliu em seco, olhando para Alucius com desesperança nos olhos arregalados. — Pode haver algum erro nisso. Algum equívoco...

— Eu duvido, Aspecto — disse Alucius. — Parece que Mestre Grealin de fato pereceu, ainda que em circunstâncias um tanto estranhas. — Ele prosseguiu relatando a história que Darnel lhe contara, inclusive com os poderes das Trevas atribuídos ao mestre caído da Sexta Ordem.

A reação de Dendrish foi rápida, imediata e habilidosa demais para ser verdadeira.

— Absurdo. Na verdade, muito me choca que um homem culto possa acreditar em tamanho disparate.

— De fato, Aspecto. — Alucius tirou um volume novo de dentro do saco e o jogou na cama. Uma de suas melhores descobertas, *A Viagem do Asa Veloz*, do Irmão Killern. Sua intenção havia sido importunar o Aspecto com um exemplar anotado de *A história completa e imparcial da Igreja do Pai do Mundo*, de Lorde Al Avern, mas sentiu que o gordo estudioso podia estar precisando ser animado. Contudo, Dendrish nem mesmo notou o livro, permanecendo sentado e olhando para o nada quando Alucius pediu licença e saiu da cela.

A Aspecto Elera foi mais cuidadosa em sua reação, comentando rapidamente que tivera pouco contato com o finado mestre antes de expressar sua profunda gratidão pelos medicamentos e livros novos. Porém, o tom da mulher ficou distintamente mais intenso ao fazer uma pergunta.

— E o vinho, Alucius?

— Ainda preciso procurá-lo, Aspecto.

Elera o olhou nos olhos e falou num sussurro surpreendentemente ríspido:

— Então se certifique de saciar sua sede *logo*, meu senhor.

Com Darnel e boa parte dos cavaleiros renfaelinos ausentes à procura do esquivo Irmão Vermelho, Varinshold estava ainda mais silenciosa do que de costume. A maioria da guarnição volariana era composta por Varitai, que eram particularmente calados, e o contingente menor de Espadas Livres encontrava-se recolhido nas mansões do quadrante norte que haviam sido transformadas em casernas. As ruas, se é que podiam ser assim chamadas, não eram patrulhadas na maior parte do tempo, uma vez que não havia praticamente ninguém a quem policiar. A maioria dos escravos fora despachada para o outro lado do oceano semanas antes, e os que permaneceram estavam ocupados concretizando a visão de Darnel para o seu grande palácio. Um dos escravos em particular fornecia o serviço mais valioso, tão valioso, de fato, que Darnel ameaçara decepar a mão de qualquer capataz que ousasse encostar nele a ponta de um chicote.

Visitar Mestre Benril não era uma das obrigações favoritas de Alucius, uma tarefa que ele realizava de modo tão infrequente quanto a sua consciência lhe permitia, geralmente até que sua cabeça ficasse repleta de imagens de Alornis. Ele encontrou o velho mestre trabalhando com afinco na muralha oeste, uma monstruosidade disforme e queimada após a tomada da cidade, marcando o ápice da destruição do palácio, agora coberto de mármore de ponta a ponta. Benril estava acompanhado por um escravo corpulento e calvo, mais velho do que a maioria, mas poupado da execução em virtude de sua habilidade com pedras e de seu conhecimento especializado de onde encontrar mais. Ele raramente falava mais do que algumas palavras, visto que os capatazes não haviam sido proibidos de aplicar o chicote em suas costas, mas revelava os tons refinados de um nobre quando o fazia. Alucius ainda não sabia o nome do homem, e na verdade evitava descobri-lo. Não se podia esperar que escravos vivessem o suficiente para tornar qualquer associação com eles vantajosa.

— Está ficando muito bom, mestre! — gritou ele para Benril no segundo andar do andaime, onde o escultor trabalhava para entalhar o grande relevo que retratava a vitória gloriosa de Darnel sobre a Guarda do Reino.

Benril parou de martelar e olhou por sobre o ombro. O velho mestre não o cumprimentou, mas fez um aceno irritado com a mão, permitindo que Alucius subisse a escada. Alucius sempre se espantava com a velocidade com que eles trabalhavam, o escravo corpulento guiando uma lima sobre os entalhes recém-acabados enquanto Benril continuava a criar a partir da pedra virgem. Passara-se apenas um mês desde o início do projeto vanglorioso de Darnel e um quarto dele já estava terminado, as figuras esculpidas à perfeição brotando da pedra de acordo com o enorme desenho que Benril desenrolara diante o olhar aprovador do Senhor Feudal.

Talvez seja a sua maior obra, ponderou Alucius, observando Benril entalhar o

perfil heroico de um cavaleiro renfaelino em combate com um Guarda do Reino encolhido. *E é tudo uma mentira.*

— O que é? — perguntou Benril, abandonando o entalhe por um momento e pegando uma garrafa de cerâmica.

— Apenas a minha garantia regular de que os dois Aspectos continuam vivos e ilesos — explicou Alucius. Fora o preço do mestre no dia em que o arrastaram para diante do Senhor Feudal, limitando-se a erguer uma sobrancelha ao ouvir as promessas de tortura ou de execução rápida feitas por Darnel, concordando somente quando as ameaças foram dirigidas aos Aspectos. Apesar de todo o seu desdém por costumes e etiqueta, Benril permanecia um homem da Fé.

O Mestre assentiu, tomando um gole da garrafa e a entregando ao escravo. O homem lançou um olhar cauteloso a Vinte e Sete antes de tomar um gole rápido, retornando ao trabalho com uma pressa determinada. Alucius recolheu a garrafa, tirou a rolha e cheirou o conteúdo. *Apenas água.*

— Ouvi falar sobre um estoque escondido de vinho — disse ele a Benril. — Caso o senhor queira.

— O vinho entorpece os sentidos e faz o artista medíocre imaginar-se grande. — Benril o olhou com severidade e voltou ao trabalho. — Um truísmo com o qual imagino que você esteja bastante familiarizado.

— Como sempre, foi um grande prazer, mestre. — Alucius fez uma medida desnecessária e voltou à escada, parando para olhar as costas ossudas mas ainda fortes de Benril, cujos braços esguios cobertos de músculos nodosos moviam-se num ritmo experiente ao trabalharem a pedra. — Há mais uma coisa — acrescentou ele. — Parece que Mestre Grealin juntou-se a um bando de combatentes na floresta. O senhor se lembra de Mestre Grealin? Um sujeito grande e gordo que cuidava do almoxarifado da Sexta Ordem.

— E o que tem isso? — perguntou Benril, continuando a entalhar.

Alucius manteve os olhos nas mãos de Benril.

— Ele morreu.

Foi somente um deslize, meramente a mais leve irregularidade deixada num entalhe magnífico. Mas era funda demais para ser lixada, uma evidência eterna de um breve lapso de concentração.

— Muitos morreram — disse Benril sem se virar. — E muitos mais morrerão quando Lorde Al Sorna chegar.

O escravo corpulento deixou cair a lima e olhou com receio para Vinte e Sete antes de retomar depressa a ferramenta. Um capataz perto dali virou-se na direção deles, levando a mão ao chicote enrolado preso à cintura.

— Por favor, tome cuidado, Mestre Benril — disse Alucius. — Não me agrada a ideia de descrever a sua morte à mulher que amo.

Benril ainda se recusava a virar-se, suas mãos movendo-se mais uma vez sem esforço com a mesma precisão.

— Você não tem um vinho para encontrar?

Foram necessárias várias tentativas até ele identificar a ruína certa e desenterrar uma placa de madeira enegrecida de um monte de tijolos; as letras reduzidas a nada pelo fogo, mas a imagem tosca de um javali ainda visível na madeira queimada.

— Sim — disse ele, concordando com Vinte e Sete. — Estou ciente de que provavelmente é perda de tempo, obrigado. Ajude-me a erguer esta pedra.

Eles trabalharam por mais de uma hora até encontrarem, tirando os destroços de cima das tábuas do assoalho para revelar somente um leve contorno debaixo da poeira, um retângulo de cerca de um metro quadrado.

— Uma ou duas garrafas de Sangue de Lobo sem dúvida seriam muito bem-vindas — disse Alucius a Vinte e Sete, limpando a poeira e revelando a entrada oculta, passando os dedos pelas extremidades. — Estreito demais para enfiar os dedos. Use a sua espada para arrombá-la.

Vinte e Sete realizou a tarefa com a costumeira obediência, sem hesitação, enfiando a espada curta no canto da porta e empurrando a arma para baixo, a tensão do esforço evidente nos músculos salientes dos braços, embora o seu rosto permanecesse impassível como sempre. Alucius agarrou o canto da porta quando ela se soltou, escancarando-a e revelando um vão horizontal tomado pela escuridão.

Ele tivera a providência de trazer uma lamparina e a acendeu naquele momento, em seguida deitando-se de bruços para abaixá-la dentro da abertura, onde a luz amarela iluminou apenas um túnel de pedra bruta, sem qualquer brilho revelador de vidro.

— Não — disse ele, sacudindo a cabeça. — Também não me agrada muito, meu amigo. Mas um homem precisa ir atrás de suas paixões, não acha? — Alucius afastou-se do buraco e gesticulou para o escravo. — Você primeiro.

Vinte e Sete o encarou e nada disse.

— Pela Fé! — resmungou Alucius, entregando-lhe a lamparina. — Se eu morrer lá embaixo, vão chicoteá-lo até a morte. Imagino que você saiba disso.

Ele apoiou-se na borda do buraco e abaixou-se para dentro, pendurando-se na ponta dos dedos e então saltando para o negrume abaixo, sentindo o ar bolorento do

lugar. Vinte e Sete aterrissou com agilidade ao seu lado um segundo depois, a luz da lamparina iluminando um túnel de extensão pouco convidativa.

— É melhor haver algum vinho tinto cumbraelino no final deste túnel — disse Alucius. — Ou serei forçado a dizer algumas palavras muito grosseiras para a Aspecto Elera. Algumas palavras realmente muito grosseiras.

Eles seguiram pelo túnel durante alguns minutos, embora as passadas ecoantes e a escuridão absoluta além do limite do parco brilho da lamparina fizessem parecer muito mais tempo. A convicção de Alucius de que não havia vinho algum para se encontrar ali também era crescente.

— Não dou a mínima para o que você diz — sibilou ele para Vinte e Sete. — Eu simplesmente não vou voltar agora.

O túnel por fim acabou numa vasta câmara circular, e Alucius parou de repente ao ver a bela alvenaria que contrastava com as paredes de pedra bruta do túnel. A câmara era circundada por sete pilares de pedra e degraus baixos que desciam até uma base plana, no centro da qual havia uma mesa longa. Alucius aproximou-se da mesa, erguendo a lamparina sobre a superfície e notando que não havia poeira nela.

— Pensando bem, talvez você tenha raz...

Um súbito farfalhar deslocado e a lamparina estilhaçou-se em sua mão, o óleo flamejante espalhando-se pela pedra antes de apagar e a escuridão se fechar com terrível rapidez. Alucius ouviu a espada de Vinte e Sete sair da bainha e então mais nada, nenhum entrechoque de metal ou gemido de dor. Havia apenas a escuridão e o silêncio.

— Eu... — começou ele, então engoliu em seco e tentou de novo. — Imagino que você não tenha vinho algum aqui.

Algo frio e duro foi pressionado contra a sua garganta, posicionado precisamente sobre a veia que ele sabia que omataria num piscar de olhos caso sofresse a mais leve perfuração.

— Aspecto Elera! — gritou Alucius de súbito. — Ela me enviou.

Uma pausa, e então a lâmina desapareceu de seu pescoço.

— Irmã — disse uma voz feminina, suave e refinada, mas também ríspida e seca. — Acenda as tochas. Irmão, não mate o outro ainda.

— Alucius Al Hestian. — A jovem o encarava do outro lado da mesa com uma expressão firme e não muito receptiva. — Eu li os seus poemas. Meu mestre os achava as melhores obras de poesia asraelina moderna.

— Obviamente um homem de bom gosto e considerável educação — disse Alucius, lançando um olhar furtivo a Vinte e Sete, que estava agachado numa posição de luta, a espada movendo-se de um lado para outro numa lenta paródia de combate. Um homem e uma mulher o ladeavam, ambos jovens como a moça sentada à mesa. A mulher era gorda e baixa, com um rato grande empoleirado no ombro. O homem era mais alto, corpulento e trajava um uniforme imundo da Guarda da Cidade. A mulher gorda encarava Alucius com um leve sorriso enquanto o guarda o ignorava, encarando fixamente Vinte e Sete e os seus movimentos lentos com a espada.

— Para falar a verdade, eu os achei de um sentimentalismo nauseante e floreados demais — disse a mulher na mesa.

— Devem ter sido as minhas primeiras obras — retorquiu Alucius, virando-se para ela. A jovem tinha feições belas; um nariz aquilino e um queixo levemente afilado, o cabelo de um tom de mel agradável e um olhar analítico, frio e hostil.

— Seu pai é um traidor, poeta — afirmou ela.

— Meu pai foi forçado a um serviço odioso por seu amor por mim — retorquiu Alucius. — Mate-me se quer que ele abandone esse serviço.

— Quão nobre. — A jovem estendeu os dedos na mesa, onde uma fileira de pequenos dardos de aço estavam dispostos num arco alinhado. — E um desejo fácil de ser realizado, caso eu ache que você não está sendo sincero.

A mulher gorda adiantou-se, o rato desceu pelo seu braço e pulou para a mesa, correndo até Alucius, o focinho erguido para farejar a manga de sua camisa.

— Ele não tá sentindo cheiro de mentira no suor dele — disse ela à jovem com um sotaque rústico das ruas.

— Meu suor? — perguntou Alucius, sentindo uma gota escorrer pelas costas.

— Suor de mentiroso tem um cheiro próprio — informou a mulher gorda. — A gente não percebe, mas o Focinho Preto aqui consegue farejar ele.

Ela estendeu a mão e o rato foi em sua direção, pulando em seus braços e aninhando-se ali, satisfeito.

As Trevas, pensou Alucius. *Como Lyrna teria ficado encantada de ver isso*. Ele se forçou a deixar o pensamento de lado; a lembrança de Lyrna era dolorosa e provavelmente provocaria um pesar que o distrairia num momento em que deveria estar concentrado em continuar vivo.

— Quem são vocês? — perguntou ele à jovem.

Ela o encarou em silêncio por um momento e então ergueu a mão esquerda, mantendo os dedos estendidos e apontados na direção de Alucius. A jovem piscou e

um dos dardos ergueu-se da mesa, pairando a dois centímetros de seu dedo indicador.

— Faça outra pergunta, e este aqui vai para o seu olho — disse ela.

— Podemos andar logo com isso, irmã? — perguntou o guarda numa voz cansada.
— É fácil anuviar a mente deste aqui, mas não posso fazer isso eternamente.

A jovem piscou de novo e o dardo desceu lentamente até a mesa. Ela entrelaçou as mãos sem tirar os olhos de Alucius.

— A Aspecto Elera enviou você?

— Sim.

— Em que condição ela se encontra?

— Ela está na Fortaleza Negra. Ilesa, exceto por um tornozelo em carne viva e por precisar urgentemente de um banho.

— O que ela lhe contou sobre nós?

— Que vocês tinham vinho. — Alucius arriscou uma olhada ao redor da câmara.
— Imagino que ela tenha mentido sobre isso.

— Ela mentiu — retorquiu a jovem. — Também nos resta pouca comida ou água, e as nossas incursões à cidade acima não rendem nada.

— Eu posso trazer comida. Medicamentos também, caso precisem. Suponho que tenha sido esse o verdadeiro motivo de ela me enviar... — Ele fez uma pausa para respirar fundo. — Para me enviar até a Sétima Ordem.

A jovem inclinou a cabeça, a boca contorcendo-se num sorriso sardônico.

— Você fala de lendas, poeta.

— Ah, que diferença faz agora? — perguntou a mulher gorda, indo colocar-se atrás de sua irmã. — Tem razão, Vossa Senhoria. Sou a Irmã Inehla, ela é a Irmã Cresia e aquele ali é o Irmão Rhelkin. Tudo o que resta da Sétima Ordem nesta bela cidade.

Alucius gesticulou para a câmara ao redor.

— E esse lugar?

— Era um templo das Ordens — respondeu a Irmã Cresia. — Construído antes que esse tipo de ostentação fosse expurgado da Fé. Os nossos irmãos da Sexta Ordem o encontraram há alguns anos. Era um esconderijo de criminosos e depois foi usado para algo mais útil.

Alucius virou-se para ter uma visão melhor de Vinte e Sete e do Irmão Rhelkin, notando o esforço no rosto do guarda enquanto o escravo continuava a mover a espada como se estivesse mergulhado em melaço.

— O que ele está fazendo com o volariano?

— Fazendo-o ver o que precisa que ele veja — respondeu Cresia. — Descobrimos que essa é a principal fraqueza deles, dos outros como ele e de seus primos menos mortais. Mentes tão vazias são facilmente anuviadas. Ele acha que está enfrentando uma horda de assassinos, enviada para lhe matar. O Irmão Rhelkin também pode controlar a velocidade da visão, fazendo-a durar uma hora ou um segundo.

— Mas não — acrescentou Rhelkin por entre os dentes — eternamente.

Alucius virou-se para Cresia.

— Comida e água — disse ele. — Do que mais vocês precisam?

— Notícias sobre a guerra seriam bem-vindas.

— A frota volariana enviada para as Ilhas Meldeneanas sofreu algum tipo de derrota calamitosa. Tokrev se prepara para tomar Alltor e Darnel partiu com os seus cavaleiros à procura do Irmão Vermelho.

— Lorde Al Sorna?

Alucius sacudiu a cabeça.

— Nenhuma notícia ainda.

Cresia suspirou e levantou-se da mesa.

— Quando você voltará?

— Em dois dias, se puderem esperar tanto. Juntar provisões extras sem levantar suspeita leva tempo.

Ela indicou Vinte e Sete com a cabeça.

— Devemos matar esse aí?

— A única tarefa dele é me proteger ou me matar caso eu saia da cidade. Para todo o resto ele é cego e surdo.

Cresia assentiu.

— Vou confiar em você, porque a Aspecto Elera não o teria enviado sem alguma razão. — Ela abriu uma algibeira em seu cinto e os dardos ficaram de pé na mesa antes de entrarem no compartimento desenhando um arco numa sequência perfeita, fazendo Alucius sorrir diante da impossibilidade elegante que presenciava. — Na noite em que a cidade foi tomada, eu perdi a conta de quantos homens matei com esses dardos e outras coisas — acrescentou Cresia. — Fiquei branca de tanto perder sangue matando e teria morrido se minha irmã não tivesse me encontrado e trazido até aqui. Fique sabendo, poeta, que se você abusar da nossa confiança, usarei cada gota de sangue do meu corpo para matá-lo.

Ele encontrou o seu pai no portão para a Estrada Norte, entretido numa conversa com o comandante de divisão volariano enquanto um batalhão de Espadas Livres cavava um fosso fundo atrás da muralha.

— Óleo de lamparina? — perguntava o volariano quando Alucius aproximou-se, parando a uma distância respeitosa, embora ainda perto o bastante para ouvir a conversa.

— Quanto você puder obter — respondeu Lakrhil Al Hestian. — Suficiente para encher esse fosso de ponta a ponta.

O volariano olhou para o mapa aberto diante deles, examinando as linhas que representavam as muralhas e a região além delas. Alucius se permitiu uma leve esperança de que o homem fosse arrogante o bastante para desconsiderar o conselho de seu pai, mas, infelizmente, ele mais uma vez provou não ser tolo.

— Muito bem — disse ele. — Você já decidiu onde posicionar as máquinas?

O pai de Alucius apontou para diversos pontos no mapa enquanto o volariano balançava a cabeça em aprovação.

— Contudo, eu naturalmente precisarei das máquinas para posicionar — disse Lakrhil.

— Elas estarão aqui em trinta dias — assegurou-lhe o comandante de divisão. — Junto com mil Varitai e mais trezentos Kuritai. O Conselho não nos abandonou.

Se Lakrhil Al Hestian ficou encorajado pelas palavras do homem, não demonstrou.

— Um exército pode percorrer uma longa distância em trinta dias — disse ele. — Especialmente um exército movido pelo amor a uma rainha ressuscitada.

Alucius abafou um grito para não enfurecer o volariano, seu coração batendo ainda mais forte do que batera na escuridão sob a estalagem arruinada. *Ela está viva?*

Mirvek empertigou-se, olhando fixamente para o seu pai.

— Uma mentira contada por covardes em busca de uma desculpa para o fracasso — afirmou ele num tom que não deixava dúvidas. — E é isso que você dirá ao seu Rei quando ele retornar. Seja lá quem esteja liderando essa gentilha, ela não é a sua Rainha.

Seu pai respondeu apenas com um aceno discreto de cabeça. Alucius ainda não o vira curvar-se a um volariano. O comandante de divisão lançou um último olhar furioso a ele, deu meia-volta e partiu pisando firme, seguido por seus assistentes, que corriam para acompanhá-lo. Alucius aproximou-se do pai com o coração ainda palpitando.

— Rainha? — perguntou ele.

— É o que dizem. — Al Hestian não tirou os olhos do mapa. — Trazida de volta à vida e aparentemente à beleza por meio das Trevas. Se for realmente ela. Eu não me espantaria se Al Sorna encontrasse uma sócia em algum lugar e a tornasse uma testa de ferro.

Vaelin também? E se ele vier, então talvez Alornis também venha.

— E quanto a Tokrev? Alltor?

— Morto e salva. Um mensageiro chegou de Warnslave esta manhã. Parece que todos os homens do exército de Tokrev foram massacrados e que um grande exército marcha para o norte sob o comando de uma rainha abençoada pelas Trevas. Meu filho, tudo indica que logo você terá um final para o seu poema.

Alucius respirou fundo, tirando os olhos do mapa para olhar para os Espadas Livres trabalhando no fosso.

— Fossos normalmente não são cavados do lado de fora das muralhas?

— São — respondeu o seu pai. — E, se houver tempo, vou cavar um lá também, para manter as aparências. A verdadeira defesa é aqui. — Ele bateu no mapa com o cravo de aço farpado que saía de sua manga direita e Alucius viu uma teia intrincada de linhas negras que percorriam o labirinto de ruas, ruas que não mais existiam. — Uma série de barreiras, passagens estreitas, armadilhas de fogo e assim por diante. Al Sorna é bastante engenhoso, mas ele não faz milagres. Essa cidade será o túmulo de seu exército.

— Meu senhor — disse Alucius em voz baixa, indo para o lado de seu pai. — Eu lhe imploro...

— Já falamos sobre esse assunto. — O tom de seu pai era absoluto, implacável. — Eu perdi um filho. Não vou perder outro.

Alucius lembrou-se da noite em que a cidade foi tomada, dos gritos e das chamadas despertando-o do sono embriagado, de cambalear escada abaixo e encontrar o pai no salão principal, cercado por Kuritai, golpeando loucamente com a espada enquanto o circundavam. Um deles já estava morto e mesmo assim nenhum dos outros tentava matá-lo. O choque paralisara Alucius e alguém passou um braço musculoso em volta de seu pescoço e uma espada curta foi pressionada contra a sua têmpora. Um Espada Livre gritou para o seu pai, apontando para Alucius. A expressão no rosto do pai ao se afastar da luta era difícil de esquecer: não era vergonha, nem desespero, mas somente um medo sincero e exasperado por um filho amado.

— Trinta dias — disse Alucius em voz baixa, afastando-se e abraçando-se com força. — A véspera do início do inverno é em trinta dias, não?

— Sim — respondeu Al Hestian após pensar por um momento. — Sim, imagino

que seja. — Alucius sentiu os olhos do pai sobre si, ciente de que estavam cheios de preocupação. — Você precisa de algo, Alucius?

— De mais comida. O Aspecto Dendrish ameaçou se enforcar se não o alimentarmos mais. Embora eu duvide que os lençóis consigam suportá-lo.

— Cuidarei disso.

Alucius virou-se com um sorriso radiante no rosto, o coração calmo agora que o peso da indecisão havia sido removido.

— Obrigado, meu senhor.

Ele estava se afastando quando ouviu uma comoção no portão, e os guardas Varitai abriram caminho para dar passagem a um cavaleiro solitário. Alucius pensou que fosse um dos caçadores de Darnel, que na verdade eram um bando de patifes e saqueadores recrutados entre a escória de Renfael para perseguir o Irmão Vermelho. O homem curvou-se sobre a sela ao cavalgar na direção do pai de Alucius, os flancos e a boca do cavalo cobertos de espuma. Ele quase caiu ao desmontar, esboçando uma medida e falando baixo demais para que Alucius pudesse ouvir, apesar de que, pelo modo como o seu pai se empertigou ao escutar o homem, fossem notícias importantes. Al Hestian saiu pisando firme e berrando ordens, seguido por seus dois guardas Kuritai, e Alucius ouviu a palavra “cavalaria” antes que ele desaparecesse de vista.

— Primeiro uma Rainha renascida, e agora a necessidade de cavalaria — ponderou Alucius em voz alta para Vinte e Sete. — Creio que é hora de dizer adeus a uma velha amiga.

Pena Azul deu uma bicada dolorosa em seu polegar quando ele a tirou do pombal com a mensagem pendurada na pata. *Tanto peso em algo tão frágil*, pensou Alucius, olhando para o grampo fino.

— Quer se despedir dela? — perguntou ele a Vinte e Sete, que, como sempre, nada disse. — Ah, ignore-o — disse Alucius a Pena Azul. — *Eu vou sentir saudade.*

Ele ergueu a ave e abriu as mãos. Ela permaneceu sentada por um momento, aparentemente indecisa, e então saltou, as asas um borrão enquanto subia, e então estendidas para receber o vento e voar para o sul.

Véspera do início do inverno, pensou Alucius ao perder o pássaro de vista. *Quando dizem que todas as mágoas são esquecidas, pois quem deseja guardar rancor durante as agruras do inverno?*

CAPÍTULO OITO

Frentis

Um constante vento outonal soprava sobre o que restara da Urlish, erguendo colunas rodopiantes de cinzas que faziam olhos arderem e gargantas engasgarem. A terra era um lençol cinzento e sujo que se estendia ao longe, para todos os lados, perfurado somente por um ocasional espigão enegrecido de uma árvore que um dia fora imponente.

— Pensei que alguma parte dela tivesse sobrevivido — lamentou Ermund, pigarreando e cuspidando antes de amarrar um lenço em volta do rosto.

— Darnel sem dúvida foi meticuloso — disse Banders. — Não será agradável marchar através disso.

— Poderíamos contornar — sugeriu Arendil. — Seguir para o litoral.

— A estrada para o litoral é estreita demais — disse Sollis. — Há muitas passagens que se afunilam, e Al Hestian sem dúvida conhece todas.

— E, se mantivermos este curso, o rastro de poeira que vamos levantar lhe dará sinais de sobra sobre a nossa aproximação — retorquiu Banders. — Sem falar que os nossos pulmões ficarão cheios dessa coisa.

— A terra a oeste é mais aberta — admitiu Sollis. — Mas acrescentará outra semana à nossa marcha.

Frentis abafou um gemido diante da perspectiva de passar mais dias temendo as noites repletas de sonhos. Varinshold havia se tornado um foco para o seu desejo de uma conclusão, uma esperança crescente de que, qualquer que fosse o resultado do ataque de seu exército, ele pelo menos garantiria que se veria livre *dela*.

— Não há o que se fazer, irmão. — Banders virou o cavalo e acenou com a cabeça para Ermund. — Transmita a ordem. Seguimos para oeste até deixarmos as cinzas para trás.

* * *

— Estava lá de novo — disse Illian durante o café da manhã, agradecendo a Trinta e

Quatro com um sorriso quando ele lhe entregou uma tigela do seu mingau adoçado com mel.

— O que estava lá? — perguntou Arendil.

— O lobo. Faz uma semana que o vejo todos os dias.

— Jogue pedras — sugeriu Davoka. — Lobo vai fugir das pedras.

— Não esse. Ele é tão grande que duvido que as sentisse. De qualquer modo, ele não é assustador. Não me persegue, nem rosna, nem faz qualquer coisa. Apenas fica sentado olhando.

Frentis notou a inquietação no rosto de Davoka enquanto ela observava a garota comer o mingau.

— Vou com você hoje — disse ela. — Ver se ele me olha.

Illian franziu o cenho e disse uma frase elaborada mas precisa em lonak que ele traduziu como “O filhote mimado nunca caça”.

Davoka deu uma risada baixa e voltou à própria comida, mas Frentis viu que ela continuava incomodada.

— Irei também — disse ele, ansioso para encontrar qualquer coisa que o distraísse da mancha persistente do sonho da última noite. Fora mais estranho do que de costume, uma mistura confusa de imagens, a maioria violenta, com frequência repletas de dor e tristeza, mas nem sempre. *Ela chora deitada, olhando para a porta do quarto... Ri ao enfrentar uma mulher sob o céu de um deserto... Estremece de prazer enquanto ele se move dentro dela, o coração se enchendo de sentimentos que achava que haviam desaparecido há muito tempo...*

Ao despertar, suando e lutando para conter uma torrente de sensações, ele compreendeu que não vira os momentos em que ela estava acordada, mas os seus sonhos. *Eu sonho os sonhos dela. O que ela sonha sobre mim?*

Eles cavalgaram para oeste até o meio-dia sem encontrar nada além de campos vazios e o ocasional amontoado de gado ou ovelhas abatidos, a maioria animais mais velhos, os mais novos sem dúvida levados para Varinshold. Chegaram, depois de mais um quilômetro, a uma casa de fazenda vazia, sem teto e de paredes enegrecidas pelo fogo, sem qualquer sinal de vida no interior.

— Por que eles destroem tanto? — perguntou Illian. — Eles fazem escravos, que é algo horrível, mas pelo menos é compreensível. Mas destruir tudo para isso... Não faz sentido.

— Eles acham que estão purificando a terra — disse Frentis. — Limpando-a para

que a sua própria gente possa começar de novo. Construir outra província à imagem do império.

Illian parou o cavalo uma hora mais tarde, virando-se para Davoka e apontando para uma elevação próxima, com um sorriso radiante.

— Lá. Ele não é lindo?

Frentis encontrou depressa o animal, uma silhueta envolta em sombra no horizonte, maior do que qualquer lobo que ele já vira. O animal permaneceu sentado encarando-os com um escrutínio impassível quando eles se aproximaram trotando. Davoka apoiou a lança no ombro para permitir um arremesso rápido. Eles pararam a uns trinta metros do lobo, perto o bastante para que Frentis visse os seus olhos, que piscavam ao encarar cada um deles, o pelo agitado pelo vento. Frentis reconheceu a verdade evidente das palavras de Illian: o animal era lindo.

O lobo levantou-se e virou-se, partindo para o norte num trote rápido por uns oitenta metros, antes de parar mais uma vez, sentar-se e observar enquanto eles se entreolhavam.

— Ele não fez isso antes — disse Illian após um momento.

Davoka murmurou algo na própria língua, o rosto tomado por um pressentimento, mas Frentis notou que ela abaixara a lança. Ao se virar para o lobo, viu como o animal olhava fixamente apenas para ele. Frentis esporeou o cavalo adiante e o lobo tornou a se levantar e a seguir para o norte. No instante seguinte ouviu Illian e Davoka esporeando suas montarias para acompanhá-lo.

O lobo começou a correr depois de cerca de um quilômetro, as passadas longas cobrindo a distância com uma velocidade enganadora. Frentis o perdeu de vista várias vezes enquanto galopavam em seu encalço, seguindo o seu rastro por colinas baixas de capim longo. Eles por fim puxaram as rédeas quando o lobo parou numa das colinas mais altas e um cheiro familiar chegou às narinas de Frentis. Ele ergueu uma sobrancelha questionadora para Davoka, que assentiu e desmontou. Frentis fez o mesmo e eles entregaram as rédeas a Illian. A garota fez um beicinho de aborrecimento quando ele apontou um dedo enfático para o chão, mandando que ela ficasse onde estava.

Eles subiram a colina agachados, deitando de bruços para se arrastarem até o topo. O lobo estava sentado, esperando a poucos metros de distância, ainda encarando Frentis com o mesmo escrutínio impassível.

— Que tolo deve ser o homem — sussurrou Frentis, olhando para a cena diante deles. O acampamento ficava num espaço aberto, o flanco posterior protegido por um córrego raso, com piquetes patrulhando o perímetro, mas não longe o bastante. O cheiro de fumaça e suor de cavalo estava mais forte agora; fogueiras lançavam ao ar

dezenas de colunas cinzentas, obscurecendo apenas parcialmente o estandarte que se erguia do centro do acampamento: uma águia sobre um fundo quadriculado vermelho e branco.

Quinhentos homens, no máximo, ponderou Frentis, percorrendo com os olhos o acampamento. *E o exército de Banders encontra-se despercebido entre ele e Varinshold.*

— Leve Illian — ordenou ele a Davoka. — Diga a Banders que vou atraí-los até o Esporão de Lirkan. Mestre Sollis conhece o caminho.

— Ela pode ir — disse Davoka. — Você não devia fazer isso sozinho.

Frentis sacudiu a cabeça, sorrindo ao acenar para o lobo.

— Parece que não estou sozinho. Cavalguem rápido.

Ele esperou por uma hora depois de as duas terem partido, observando o acampamento enquanto batedores iam e vinham, pequenos grupos de homens com cães de caça apresentando-se ou partindo a galope numa nova direção. *Ele achou que iríamos para Nilsael*, concluiu Frentis, vendo como a maioria dos batedores cavalgava para o norte ou para oeste. *Não imaginou que seguiríamos para Renfael, sua própria terra, com um povo tão leal.* Ele sacudiu a cabeça, perguntando-se se Darnel realmente tinha a mente de um tolo ou se o homem não era de fato apenas um lunático que ladrava demais.

Levou boa parte de outra hora até um grupo de batedores vir em sua direção, dois cavaleiros e uma matilha de cães seguindo diretamente para a colina. O lobo levantou-se quando começaram a subir a encosta e os cavaleiros imediatamente pararam suas montarias enquanto os cães andavam de um lado para outro, ganindo de medo quando os seus donos lhes davam chibatadas, xingando e ameaçando.

E o lobo uivou.

Frentis encolheu-se diante da enormidade do som, escorregando para o solo, fechando os olhos com força e tapando os ouvidos com as mãos enquanto o uivo percorria campos e colinas, com uma força que o trespassava como uma lâmina. Não se sentia tão indefeso, tão pequeno, desde os longos anos do domínio.

Ele abriu os olhos quando o uivo cessou e deu com o lobo o encarando, os olhos cinzentos encontrando os seus e causando a impressão de que o animal o conhecia, conhecia todos os seus segredos, cada vestígio oculto de culpa. O lobo abaixou a cabeça e passou a língua áspera pela testa de Frentis, provocando um gemido e deixando algo novo. Uma mensagem. Não era uma voz, e sim mais uma certeza, uma convicção nítida e brilhante reluzindo em sua mente: *você deve se perdoar.*

Frentis sentiu uma risada lhe escapar quando o lobo recuou, piscou mais uma vez e então se virou para partir a trote. Frentis levantou-se e viu o animal correr, uma mancha prateada em meio ao capim ondulante, que desapareceu num piscar de olhos.

O relincho de um cavalo em pânico o tirou de seus devaneios; virou-se e se deparou com os dois cavaleiros olhando espantados para ele, os cães a uma boa distância, ganindo de medo enquanto corriam para o acampamento. Frentis escolheu o cavaleiro à esquerda, sacou uma faca e a arremessou em sua garganta. O homem caiu do cavalo, o sangue brotando da boca enquanto agarrava o pescoço. O olhar arregalado de seu companheiro ia de Frentis para ele, as mãos tremendo nas rédeas, a espada ainda na bainha.

— Você tem um relatório a fazer — disse Frentis. — Mande os cumprimentos do Irmão Vermelho a Lorde Darnel.

Ele montou de novo e guiou o cavalo até o topo da colina, observando o caçador galopar de volta ao acampamento. Não demorou mais do que algumas batidas do coração para a comoção ter início; cavaleiros vestiam as armaduras às pressas e corriam para os seus cavalos, tendas caíam conforme escudeiros faziam as malas e um cavaleiro solitário surgiu da nuvem de poeira cada vez maior, a armadura azul reluzindo ao sol do fim de tarde. Frentis ergueu a mão num aceno amigável por tempo suficiente para garantir que Darnel o visse, então deu meia-volta e galopou para leste.

Ele os conduziu por um caminho sinuoso, ganhando tempo para que Banders deslocasse a sua gente. Frentis galoparia para leste durante algum tempo, pararia e observaria Darnel persegui-lo por alguns momentos e então rumaria para o sul. Darnel se aproximava a cada parada, mas o seu cavalo e o de seus homens estavam sobrecarregados demais pelas armaduras dos cavaleiros para tornar aquela perseguição eficaz. Frentis acenava toda vez que parava, na última demorando-se por tempo suficiente para garantir que Darnel visse a sua mesura escarnecedora.

Ele chegou ao Esporão de Lirkan cerca de duas horas após o início da perseguição, uma extensão de terra relvada em forma de um polegar que adentrava as águas do Rio Salgado. O rio era raso naquele ponto, vadeável mesmo tão perto do fim do ano, com campos abertos ao norte e uma colina alta e rochosa a mais de duzentos metros ao sul bloqueando a vista da margem leste. Frentis parou o cavalo e examinou os arredores, não encontrando evidência de qualquer aliado.

Virou a montaria, passando a mão por seu flanco para acalmar o animal enquanto esperava. A mensagem do lobo ainda ecoava em seu peito, seu ânimo recém-nascido

deixando-o com um leve sorriso que se recusava a morrer, mesmo enquanto os quinhentos cavaleiros de Darnel avançavam em direção ao esporão.

Venha, meu senhor, pedia ele a Darnel em silêncio. *Um pouco mais perto.*

Seu ânimo sofreu um leve abalo ao avistar Darnel erguer a mão e sua companhia inteira parar a uns 150 metros de distância. Frentis passou a mão por cima do ombro e desembainhou a espada, erguendo-a no alto antes de apontá-la diretamente para Darnel num nítido e inconfundível desafio. *Seja você mesmo, meu senhor*, implorou-lhe Frentis. *Seja o tolo.*

O cavalo de Darnel empinou quando o seu cavaleiro desembainhou a própria espada. Um de seus seguidores aproximou-se, talvez ansioso para pedir cautela, mas Darnel o dispensou com um aceno furioso e saiu em disparada com o cavalo. Frentis preparou-se para fazer a própria investida, mas então parou quando ouviu um novo som: cornetas soando uma nota aguda a leste, aguda demais para um cavaleiro renfaelino, e a Sexta Ordem não usava cornetas. Ele parou e olhou por sobre o ombro, o sorriso desaparecendo por completo ao avistar pelo menos dois batalhões de cavalaria volariana investindo na direção da margem leste do Rio Salgado.

Al Hestian!, praguejou. Outro tumulto atraiu a sua atenção para o sul, o grande estrondo de muitos cavalos correndo por águas rasas. Banders deu a volta com os seus cavaleiros na colina rochosa e rumou diretamente para a companhia de Darnel, e Frentis avistou as figuras indistintas de seus irmãos no alto da elevação, com arcos a postos. Voltou a olhar para Darnel e viu que o Senhor Feudal parara, seus homens movendo-se confusos às suas costas. Frentis lançou um último olhar à cavalaria volariana que avançava e agora vadeava o rio, mas impedida de galopar devido à profundidade das águas.

Ele fixou o olhar mais uma vez em Darnel e esporeou o cavalo, a espada estendida e apontada enquanto investia, vencendo a distância em poucos segundos. Ele via os riscos negros das flechas de seus irmãos descerem em arco sobre a companhia de Darnel, onde cavalos empinavam e cavaleiros tombavam conforme elas atingiam os alvos. Um dos homens de Darnel agarrou as rédeas do Senhor Feudal e tentou arrastá-lo na direção dos volarianos, caindo morto quando Darnel lhe golpeou o pescoço com sua longa espada, virando o cavalo e recebendo de frente o impacto da investida de Frentis.

Seus cavalos se chocaram com uma força esmagadora e a espada de Frentis ricocheteou na lâmina de Darnel quando o Senhor Feudal tentou lhe golpear antes de os cavalos recuarem. O cavalo de Frentis cambaleou, bufando espuma e sangue, caindo de joelhos no momento em que ele saltou para longe do animal, agachando-se quando Darnel abaixou-se na sela para tentar decapitá-lo com um golpe da espada longa. Frentis deixou que a lâmina passasse zumbindo pela sua cabeça e atirou-se

para agarrar o antebraço encouraçado de Darnel, passando os braços pelo membro coberto de aço e arrancando o homem da sela. Ele tombou com um estrondo de metal se partindo, mas se recompôs depressa e deu uma cabeçada com o elmo no flanco de Frentis, derrubando-o e então erguendo a longa espada no alto com as duas mãos. Frentis percebia o olhar do outro por trás da viseira, repleto de um ódio irracional.

Ele rolou quando a lâmina desceu e cravou-se na terra, levantou-se de um pulo e desferiu um golpe na viseira de Darnel. O Senhor Feudal esquivou-se da lâmina e girou a espada num grande arco, fazendo Frentis grunhir com o esforço de apara o golpe, o aço de Darnel denteando a sua lâmina da Ordem. Ele agarrou o punho da manopla de Darnel antes que ele pudesse afastar a lâmina, aproximou-se mais, virou a espada e a enfiou na viseira. Darnel jogou a cabeça para trás ao ser atingido pela lâmina, cuja ponta ressurgiu ensanguentada, o Senhor Feudal urrando de fúria e dor.

Frentis girou e desferiu um golpe contra as pernas de Darnel sem perfurar a armadura, mas com força suficiente para derrubá-lo. O Senhor Feudal urrou e golpeou de novo, mas Frentis bloqueou o ataque e chutou a mão que segurava a espada, jogando a arma longe. Ele bateu com a guarda de sua espada na viseira de Darnel, atordoando-o, e então pressionou uma bota em seu pescoço. Colocou a ponta de sua lâmina na abertura, encontrando os olhos atrás dela, e sorriu intensamente diante do medo que via.

— IRMÃO!

Era Arendil, correndo na direção deles, com homens engalfinhados em combate de ambos os lados, apontando a espada para algo sobre o ombro de Frentis. Ele não perdeu tempo olhando e mergulhou para a esquerda no momento em que a espada de um cavaleiro volariano deixou um corte superficial em seu rosto. O volariano virou o cavalo com dificuldade para desferir outro golpe e então caiu da sela quando a espada de Arendil atravessou o seu ombro.

Frentis virou-se e se viu diante de mais quatro volarianos que avançavam a galope. Ele ouviu o ribombar de cascos às suas costas e atirou-se no chão, sentindo um bafo quente no pescoço quando um cavalo saltou por cima de seu corpo. Ergueu a cabeça e viu Mestre Rensial desferir um golpe ascendente preciso contra um dos atacantes volarianos, partindo o peitoral do homem com a força do impacto. Rensial abaixou-se sob a espada frenética do volariano à sua direita e respondeu com um golpe para trás ao passar pelo homem, e o cavaleiro arqueou as costas quando a lâmina lhe cortou até a coluna.

Os dois volarianos restantes atacaram Frentis juntos e com as lâminas apontadas, e então tombaram no solo quando uma nuvem de flechas desceu em arco do alto da colina, abatendo cavaleiros e cavalos.

Frentis girou sobre os calcanhares, procurando Darnel em meio ao caos. Os cavaleiros de Banders haviam destruído a companhia do Senhor Feudal, mas agora enfrentavam os volarianos, homens e cavalos rodopiando num aglomerado de aço e carnes cortadas. Frentis teve um vislumbre de uma armadura azul em meio à confusão crescente à direita, uma figura curvada a cavalo sendo levada para longe por dois volarianos. Cornetas soaram e a cavalaria começou recuar, cavaleiros desferiam seus últimos golpes antes de virarem as montarias e galoparem de volta ao rio.

Frentis viu um cavalo sem cavaleiro a três metros e pulou para a sela, disparando na direção em que Darnel fugia, golpeando quaisquer volarianos desafortunados em seu caminho. Avistou Mestre Rensial ali perto, matando um volariano desmontado, e gritou para chamar a sua atenção. Os olhos do mestre o encontraram depressa, como sempre em batalha, concentrados, calmos e aparentemente sem vestígio de loucura. Frentis apontou para a figura de armadura azul que agora se aproximava do rio e o mestre esporeou o cavalo naquela direção, com Frentis cavalgando a toda a velocidade em seu encalço.

Darnel já estava batalhando para atravessar a água quando Rensial e Frentis alcançaram a sua escolta. Os dois homens se viraram na beira do rio para enfrentá-los, manobrando suas montarias com uma precisão assombrosa, e Frentis soltou um grunhido de aborrecimento ao ver as espadas duplas em suas costas.

Kuritai.

Rensial tentou desviar-se deles, pendurando metade do corpo para fora da sela para evitar uma lâmina Kuritai, mas o escravo de elite saltou do próprio cavalo, caindo com habilidade na sela de Rensial e golpeando para baixo com as duas espadas. Rensial tirou o pé do estribo e girou em volta da cabeça do cavalo, chutando com os dois pés o peito do Kuritai enquanto atravessavam o rio; o escravo foi arrancado do cavalo e o mestre voltou à sela.

Frentis tentou despachar o segundo Kuritai com uma faca, esperando até estar quase emparelhado com o escravo, quando então arremessou a lâmina em seu olho. O homem mal pareceu notar o ferimento, golpeando Frentis ao passar por ele com o cavalo, a lâmina errando o alvo por alguns centímetros, virando o cavalo para segui-lo, mas tombando morto quando a lança de Davoka brotou de seu peito. Ela arrancou a arma do cadáver e seguiu adiante a galope, acompanhando Frentis rio adentro.

Ele podia ver Darnel adiante, tirando sangue do cavalo com chibatadas até o animal chegar à margem oposta, galopando para leste cercado por uma escolta de volarianos enquanto a retaguarda permanecia firme na beira da água. Rensial avançou sobre eles, sua espada um borrão à medida que homens caíam à sua volta,

saindo em perseguição de Darnel, que se afastava rapidamente, e então empinando quando uma lâmina volariana cravou-se no pescoço de seu cavalo. Outro volariano correu na direção do mestre com a espada pronta para lhe golpear as costas. O cavalo de Frentis chocou-se com a montaria do volariano antes que ele pudesse atacar, a cabeça do homem trespassada pela lâmina da Ordem um segundo depois.

Davoka gritava de frustração ao abrir caminho à força em meio aos volarianos remanescentes, girando a lança, a lâmina deixando um rastro de sangue e apenas dois cavaleiros vivos, que tentaram em vão seguir seus companheiros em retirada, caindo mortos ao serem atingidos por flechas disparadas por trás. Frentis virou-se e viu Sollis e Ivern vadeando depressa o rio de arcos em punho. Atrás deles a margem oeste estava tranquila após a batalha, e cavaleiros e combatentes livres andavam por entre os mortos.

Frentis olhou de novo para a nuvem de poeira que se erguia com a passagem de Darnel, sabendo que não iriam alcançá-lo agora. Davoka praguejou em lonak e jogou a lança no chão. Perto dali, Rensial ajoelhou-se ao lado de seu cavalo, passando a mão pelo pescoço do animal e sussurrando gentilmente enquanto ele dava o último suspiro.

— Aquilo foi imprudente, irmão. — Os olhos claros de Sollis o encaravam com severa desaprovação, que se tornou ainda mais intensa quando Frentis soltou uma gargalhada longa e alta.

— Sim, irmão — retorquiu ele quando o júbilo havia desaparecido, ciente de que a expressão no rosto de Sollis era idêntica à sua ao olhar para Rensial. — Muito imprudente. Minhas mais sinceras desculpas.

— Ele estava em nossas mãos! — exclamou Ermund, com as mãos no punho da espada, batendo na terra com a ponta da bainha. — Eu estava a menos de dois metros, no meio do combate. Ele estava em nossas mãos e ainda vive. Está rindo de nós, posso ouvi-lo.

— Os cavaleiros dele estão mortos ou capturados e ele está fugindo para Varinshold como um cão açoitado — retorquiu Banders. — Duvido que esteja rindo.

— Embora agora ele tenha pleno conhecimento de quantos somos e onde estamos — observou Sollis.

— Mas não tem a força para fazer muita coisa a respeito — retorquiu o Barão.

Eles estavam no alto da colina rochosa que dava para o esporão. Abaixo, os combatentes de Frentis andavam entre os mortos, saqueando armas e objetos de valor. Um pequeno grupo de cavaleiros de Darnel aguardava sob vigilância próximo

da margem do rio. Eles forneciam um espetáculo curiosamente patético sem as armaduras; apenas homens cansados e derrotados, de olhos arregalados de medo e nervos abalados pela morte instantânea com que foram recompensados os volarianos que tentaram se render.

— O que esses porcos filhos da puta estão fazendo vivos, irmão? — perguntara Draker a Frentis mais cedo, os prisioneiros a uma distância em que podiam ouvir e estremecendo. — São traidores do Reino, não?

— Eles se renderam de acordo com os costumes — dissera-lhe Ermund, não sem um tom de arrependimento. — O Barão decidirá o destino deles.

— Melhor mantê-los longe da gente na marcha — murmurou Draker sombriamente antes de partir pisando firme para saquear mais.

Banders extraíra informações suficientes dos cavaleiros capturados que revelavam o tamanho das atuais ilusões de Darnel.

— Está reconstruindo o palácio, fazendo de si mesmo um rei — disse ele, sacudindo a cabeça. — Fico pensando se os volarianos não lançaram algum feitiço das Trevas sobre ele, privando-lhe de toda a razão.

— Ela sempre existiu, pai — disse calmamente a Senhora Ulice. — Essa loucura. Eu me lembro bem dela. Quando era mais nova, confundi com paixão, até mesmo com amor. E pode ser que tenha sido isso, mas era amor por si mesmo, contido apenas pela vontade de seu pai. Como o Senhor Feudal Theros não está mais aqui, ele se sente livre, capaz de finalmente voar.

— É melhor esperarmos que a insensatez dele o deixe surdo aos conselhos de Al Hestian — disse Banders. — Será impossível tomar Varinshold de modo furtivo agora, e tudo o que ele precisa fazer é aguardar atrás das muralhas enquanto os seus aliados concluem os seus assuntos em Cumbrael.

— Eu ainda gostaria de tentar os esgotos, meu senhor — disse Frentis. — Sozinho, se necessário.

Isso atraiu alguns olhares estranhos dos capitães ali reunidos, o de Sollis particularmente severo em sua intensidade. Frentis sabia que a sua alma recém-aliviada transparecia em seu rosto, mas o presente do lobo era algo estimado e ele não via muito motivo para escondê-lo.

Você deve se perdoar.

— Eu... certamente levarei isso em consideração, irmão — assegurou-lhe Banders com o tipo de sorriso que Frentis conhecia.

O sorriso que se dá a alguém que você considera louco.

— Estamos a poucos quilômetros da fronteira nilsaelina — disse Lorde Furel. —

Uma pausa aqui para descansar e aguardar notícias de meus mensageiros pode ser o melhor caminho. Reforços podem estar marchando até nós neste momento. No mínimo alguma notícia virá dos Confins.

Banders olhou para Sollis com uma pergunta no olhar.

— Enviarei meus irmãos em todas as direções — disse o Irmão Comandante. — Se houver alguma notícia num raio de cem quilômetros, nós a teremos dentro de dois dias.

Banders assentiu.

— Muito bem. Acamparemos aqui. Irmão Frentis, você responde ao seu irmão, não a mim, mas acho que podemos concordar que a sua visita a Varinshold terá de esperar.

Frentis encolheu os ombros, fazendo uma medida com um sorriso afável.

— Como meu senhor desejar.

O sorriso continuou em seu rosto enquanto retornava para a tenda, e a inquietação que ele tinha sentido ao ver seu saco de dormir agora não existia mais. *Um sonho sem sonhos*, pensou ele, descalçando as botas e deitando-se. *Fico pensando como será.*

Ela os vê lutar com fria indiferença, avaliando habilidade e velocidade conforme dançam no fosso abaixo. Ecos metálicos ressoam pelas paredes que a cercam, o teto de pedra acima bruto e sem decoração, pois aqueles são os novos fossos, esculpidos muito abaixo das ruas de Volar, o local de nascimento de filhos de longa gestação.

Você gosta deles, amado?, ela lhe pergunta, sabendo que ele os vê, ansiosa para deixá-lo interessado, ávida, de fato, para ouvir uma única palavra do outro lado do abismo que os separa. Aprendemos tanto com você.

Os homens no fosso abaixo lutam sem qualquer coibição e morrem sem gritos. Mas os seus rostos não são os dos Kuritai; não há autômatos impassíveis ali. Esses homens fazem caretas de dor e rosnam de fúria, demonstram uma satisfação sinistra com uma vitória sangrenta. Há pelo menos cem no fosso, movendo-se com toda a agilidade daqueles criados para lutar.

Dê uma corda apertada demais a um cão e ele se enforca, pensa ela. E por mais que você o açoite, ele sempre será um cão. Mas esses, amado... Ela sorri para os homens no fosso. Esses são leões.

Ela dá as costas para o fosso e atravessa um passadiço de pedra até uma porta

estreita. Os sons de combate a seguem enquanto caminha; o túnel é longo e escuro, mas ela já o percorreu e não precisa de tochas. A câmara em que chega é ampla e alta, com passadiços erguendo-se de ambos os lados e dando acesso a fileiras de celas, cada uma fechada com barras de ferro. Ela para e deixa a sua canção ecoar, sentindo os medos embotados emanarem de cada uma das celas. Drogas são usadas em abundância pelos capatazes que cuidam dessas celas, mas ainda assim o medo sempre permanece. A canção dela encontra uma cela na fileira do meio, à esquerda. A nota é dissonante, sombria, avivando uma ânsia.

Isso a incomoda por um momento. Geralmente a canção escolhe um inocente, algum jovem de rosto pálido raptado de uma tribo das colinas massacrada ou identificado pelos capatazes nos fossos de treinamento. Ela gostara de fazer o papel de benfeitora, da senhora bondosa que surgia para lhes libertar daquele lugar de medo incessante, desfrutando da esperança desesperada em seus olhos, até mesmo lhes concedendo a misericórdia de uma morte rápida como recompensa.

Agora é diferente. A canção fala de uma alma asquerosa e é isso que aviva a sua ânsia. Foi você, amado?, pergunta ela. Você me mudou tanto assim? Apesar da inquietação, ela sabe que aquela casca precisa ser nutrida; o Mensageiro informara como uma casca roubada podia adoecer rapidamente, consumida pelas exigências dos múltiplos dons. Ela segue para a escadaria mais próxima, mas para quando dois Kuritai se aproximam, arrastando entre eles uma figura vestida de vermelho e fornecendo uma distração bem-vinda.

— Conselheiro Lorvek — cumprimenta ela o homem de vermelho. — Faz tanto tempo. Fico feliz em ver que os anos em nada o debilitaram.

O homem de vermelho parece ter trinta e tantos anos, embora ela o tenha encontrado pela primeira vez cerca de oitenta anos antes, quando ele chegou ao Conselho pela primeira vez, naquela mesma câmara, na verdade. Ele estivera triunfante na ocasião, ela se recorda, envaidecido de satisfação por ter assegurado a lendária imortalidade. Agora ele apenas parece ser o que é: um homem assustado, intimidado pela tortura e à espera da morte.

— Eu... — começa ele e engole em seco, um filete de sangue escorrendo do canto da boca. — Eu... humildemente me arrependo de qualquer ofensa que tenha cometido contra o Aliado ou os seus servos...

— Ah, lá vai você de novo, Lorvek — diz ela, sacudindo a cabeça com um sorriso triste. — Sempre dizendo a coisa errada. Do que foi que você me chamou naquele dia no Conselho, há vinte anos? Lembra-se, o dia em que regressei da minha excursão ao reino do porco de olhos puxados?

Lorvek abaixa a cabeça, reunindo a vontade para continuar implorando.

— *Eu... eu disse... coisas insensatas...*

— *Vadia assassina de um fantasma pestilento. — Ela agarra o cabelo do homem e ergue a sua cabeça. — Sim, aquilo foi insensato. E agora você me chama de serva. Eu me pergunto como você subiu tanto com um discernimento tão deplorável. Depois de tudo o que o Aliado lhe deu.*

Ele é tomado por uma onda de exaustão e seus olhos ficam turvos por um segundo. Ela supõe que Lorvek exauriu a sua capacidade de implorar, mas então ele respira fundo e a luz volta aos seus olhos ao cuspir sangue no rosto dela.

— *O Conselho não tolerará isso, sua vadia abominável! — sibila ele.*

— *Evidências de corrupção são difíceis de ignorar — diz ela, encontrando um lampejo de admiração por aquele último arroubo de coragem. — Receio que a votação tenha sido unânime. Além disso... — Ela se aproxima, sussurrando: — Cá entre nós, o Conselho logo não terá de tolerar nada.*

Ela o beija no rosto e recua.

— *Lá atrás — diz ela aos Kuritai, indicando com a cabeça o túnel que leva aos fossos. — Deem a ele uma espada e o joguem lá dentro. Digam ao capataz que quero saber quanto tempo ele dura.*

Ele grita quando o arrastam para longe, mais desafios, reduzindo-se outra vez a apelos arrependidos ao entrarem no túnel, e sua voz desaparece. Ela invoca a canção novamente, procurando a cela com a nota sombria e seguindo para a escadaria.

Frentis acordou com um grito, o desespero e a tristeza fazendo com que se curvasse para a frente. Ele sentiu as lágrimas escorrerem e cobriu o rosto com as mãos, soluçando com violência.

— Garoto? — Hesitante, Mestre Rensial estendeu a mão para tocá-lo no ombro, soando perplexo. — Garoto?

Frentis continuou a chorar enquanto o mestre louco lhe dava tapinhas no ombro, ciente de que os outros haviam saído de suas tendas, que estavam do lado de fora olhando espantados, mas percebeu que não conseguia parar. Não até o sol da manhã se erguer e qualquer possibilidade de sono ter desaparecido por completo.

— Minha avó de sangue tinha muitos sonhos. — Davoka olhava fixamente para ele enquanto cavalgava ao seu lado, embora o seu tom fosse brando, os resmungos

costumeiros ausentes naquela manhã.

Frentis deu um aceno cansado com a cabeça e não respondeu. O silêncio havia sido praticamente total durante o café da manhã; Trinta e Quatro lhe passara uma tigela de mingau franzindo a testa de inquietação, Illian e Arendil não conseguiram olhá-lo nos olhos e Draker ficou encarando-o, as sobrancelhas grossas franzidas de preocupação.

Lágrimas do Irmão Vermelho, pensou Frentis. *Eles esqueceram que eu era apenas um homem... Talvez eu também tenha esquecido.*

— Ela via estrelas caindo do céu para destruir a terra — prosseguiu Davoka. — E enchentes grandes o suficiente para afogar as montanhas. Um dia ela deu o seu pônei e todas as suas coisas porque um sonho lhe disse que o sol iria explodir com o crepúsculo. O sol não explodiu e as pessoas viram apenas uma velha louca com sonhos, e sonhos não significam nada.

Não são sonhos, ele quis dizer à lonak, fechando os olhos e esfregando as têmporas ao ser invadido pela fadiga.

— Você acha que eu não tenho condições de liderar?

— O nosso clã iria seguir você para dentro da Boca de Nishak se pedisse. Eles temem por você, isso é tudo.

Ele abriu os olhos e forçou-se a esquadrinhar o horizonte. O solo a oeste do Esporão era em sua maioria pasto, apesar de agora não haver gado, o capim longo devido à falta de pastejo. Mestre Sollis concordara com o seu pedido de fazer o reconhecimento da passagem ao sul, embora os seus olhos claros transmitissem uma crítica mais severa do que a oferecida pela gente que o seguira desde a Urlish. *Ele acha que estou abalado*, sabia Frentis. *Destruído pelo fardo de tanta culpa*. Não contara a Sollis sobre a bênção do lobo, a libertação da culpa que o ato trouxera, mas agora isso parecia inútil. De que adiantava ser liberado da culpa se ele estava condenado a enxergar pelos olhos *dela* todas as noites?

Davoka retesou-se ao seu lado e apontou. Frentis afastou as dúvidas que turvavam a sua mente e olhou para onde ela indicava, avistando duas figuras no horizonte, ambas montadas e movendo-se em trote constante pelo capim longo. Ele sabia que não podiam ser volarianos, que nunca patrulhavam em grupos pequenos, e duvidava que Darnel tivesse muitos caçadores para enviar, especialmente sem cães. Além do mais, estava claro que eles já haviam avistado os dois cavaleiros ao norte, e ambos continuavam a se aproximar. Não eram as ações de um inimigo. Ainda assim, ele pegou o arco e colocou uma flecha na corda quando os cavaleiros chegaram mais perto. Davoka afastou o cavalo e o posicionou de modo que a sua lança ficasse oculta, abaixada sobre o flanco direito do animal.

Frentis franziu o cenho quando o rosto dos cavaleiros ficaram visíveis, percebendo que eram uma mulher e um homem. A mulher tinha um cabelo longo preso numa trança e montava uma égua malhada e alta. Suas roupas eram estranhas, uma mistura de couro e equipamento volariano, incluindo uma espada curta amarrada à sela, embora também carregasse uma lança adornada com penas e o que pareciam ser talismãs de ossos entalhados.

Ele ouviu Davoka soltar um grunhido de surpresa.

— Eorhil.

O homem vestia o uniforme da infantaria da Guarda do Reino, suas feições um tanto emaciadas num rosto permanentemente franzido, algo entre perplexidade e dor, a boca aberta e os lábios sem expressão. Eles pararam a cerca de dez metros de distância, o olhar da mulher indo de Frentis para Davoka, levemente divertido por ver Frentis, severo e cauteloso quando se voltou para Davoka. O Guarda do Reino ao seu lado lançava-lhes apenas um olhar cansado.

Davoka disse algo numa língua desconhecida, as palavras hesitantes e formadas com dificuldade. A eorhil soltou uma gargalhada antes de falar na língua do Reino com um sotaque carregado:

— Lonakhim soa como uma macaca parindo.

Davoka empertigou-se, agarrando com força as rédeas e erguendo a lança, mas a eorhil apenas sorriu e virou-se para Frentis.

— Meu... marido me ensina... sua língua. Você um... irmão?

— Sim — respondeu ele. — Irmão Frentis da Sexta Ordem. Esta é a Senhora Davoka, Embaixadora do Domínio Lonak no Reino Unificado.

A eorhil piscou, aturdida com as palavras desconhecidas, e sacudiu a cabeça, batendo no próprio peito.

— Insha ka Forna, eu sou eorhil.

— Nós sabemos — disse Davoka no mesmo tom. — O que vocês fazem aqui?

— Este Irmão Lernial. — A eorhil gesticulou para o Guarda do Reino, que agora olhava em silêncio para o chão. — Rinia nos mandou.

— Rinia? — perguntou Frentis.

Insha ka Forna grunhiu de frustração e virou-se, apontando para o sul e falando com lenta determinação:

— Rainha.

CAPÍTULO NOVE

Lyrna

O nome estava na metade da lista, claramente legível na letra caprichosa do Irmão Hollun. Havia se tornado um hábito diário ler a lista após o café da manhã, com o irmão esperando pacientemente enquanto ela examinava cada nome. Lyrna ficara satisfeita ao descobrir que ele já havia compilado uma lista completa de cada súdito em seu exército, com exceção dos seordah e dos eorhil, que reagiam às tentativas de aproximação do irmão com um desdém perplexo. Desde a chegada a Warnsclave, ela havia lhe pedido para expandir a lista a fim de incluir os refugiados que continuavam a chegar à cidade devastada. O irmão corpulento realizava a tarefa com o zelo costumeiro, embora tivesse sido obrigado a aumentar a sua equipe de escribas para mais de trinta, a maioria pessoas de mais idade que eram habilidosas com as letras e pouco adequadas à vida militar.

— Todas essas pessoas chegaram ontem? — perguntou Lyrna.

— Sim, Alteza. Nós as colocamos no quadrante oeste. Os abrigos são escassos, mas os mineiros de Ultin têm estado ocupados, trazendo madeira para consertar telhados e outras coisas. Eles inclusive começaram a erguer algumas casas de pedra com os escombros.

— Ótimo. Designe mais homens para ajudá-los. — Ela olhou novamente para o nome na lista, lembrando-se das últimas palavras de um homem se afogando.

Lembre-se de sua promessa, minha Rainha.

Lyrna colocou a lista de lado e sorriu para Hollun. Ela passara a receber os súditos numa sala ampla no segundo andar da casa do capitão do porto; uma cadeira confortável, ainda que um tanto chamuscada, servia de trono, enquanto Itis e as suas damas permaneciam atrás dela com uma imobilidade obediente que Lyrna achava bastante incômoda, embora reconhecesse a sua necessidade. *Uma rainha precisa de uma corte.*

— Com isso chegamos a cerca de trinta mil novas bocas para alimentar, não é mesmo, irmão? — perguntou ela ao Tesoureiro Real.

— Trinta e uma mil, seiscentas e vinte — informou o irmão com a presteza costumeira. — Benditos sejam os Finados por Lorde Al Bera, ou todos estariam passando fome.

— De fato. — Lyrna preferiu não acrescentar que, não fossem os súditos recém-adquiridos, o seu exército já estaria marchando a essa altura. Em vez disso, eram obrigados a demorar-se naquela ruína, garantindo que as pessoas fossem alimentadas e treinando novos recrutas, ansiosos para se atracarem com os volarianos, mas carecendo de força para marchar por mais de um quilômetro. As pilhagens fornecidas pela frota meldeneana foram menos copiosas do que ela esperara, mal chegando a uma tonelada de grãos até o momento, embora os piratas que iam e vinham do porto parecessem bem providos de sedas e joias. O Escudo ainda não se apresentara, apesar de o Senhor Marinho Ell-Nurin ter chegado no dia anterior com o convés do *Falcão Vermelho* carregado de flechas apreendidas outrora destinadas a Varinshold.

Ouviu-se uma batida alta na porta e Orena foi abri-la, revelando Benten de joelhos.

— Lorde Al Sorna e a Senhora Al Myrna, minha Rainha.

Lyrna assentiu, sorrindo mais uma vez para o Irmão Hollun.

— Aguardarei o relatório de amanhã, irmão.

Ele se curvou e caminhou até a porta, colocando-se de lado quando Vaelin e a Senhora Dahrena entraram.

— Gostaria de falar com o lorde e a senhora em particular — disse Lyrna à corte, que prontamente fez as devidas medidas e se retirou. Itlis com óbvia relutância, visto que era raro perdê-la de vista ultimamente, mas ciente de que não lhe cabia discutir a questão. Lyrna observou Vaelin e Dahrena erguerem-se ao mesmo tempo, os seus movimentos quase tão sincronizados quanto os daqueles gêmeos nilsaelinos de cabeças ocas. Olhando para as expressões similares e neutras, ela se perguntou se eles tinham consciência daquilo, de como era inquietante de se ver, ou de como era doloroso.

Uma rainha está acima da inveja, lembrou a si mesma. *Ainda que, depois de hoje, seja possível perdoá-los por pensar o contrário.*

— Senhora Dahrena — disse Lyrna, mantendo o tom o mais brando e animado possível. — Tenho ponderado a respeito do seu relatório sobre os ricos depósitos de ouro que se encontram nos Confins. Pelo que posso concluir das estimativas do Irmão Hollun, as minas possuem ouro suficiente para pagar as nossas atuais e futuras dívidas com a classe mercantil meldeneana diversas vezes.

Dahrena assentiu lentamente.

— Acredito que sim, Alteza.

— O estranho é que não me recordo de qualquer ocasião em que o Rei Malcius tenha expressado estar ciente de tamanhas riquezas em seu Reino.

A resposta da senhora foi rápida e, na opinião de Lyrna, bem ensaiada:

— O laudo completo das jazidas ainda não havia sido concluído quando se deu o trágico falecimento do Rei, Alteza. Na verdade, desconfio que ainda haja mais veios a serem encontrados.

— Fico feliz, minha senhora. Tal riqueza pode muito bem servir como a salvação deste Reino nos anos que estão por vir, pois ainda temos muito trabalho pela frente. E, ainda assim, tal riqueza não nos serve de muita coisa permanecendo no solo, a centenas de quilômetros de distância, enquanto os homens com a habilidade para extraí-la estão aqui, além da pessoa mais indicada para organizar o trabalho.

Ela os viu se empertigarem, mais uma vez com a mesma uniformidade inquietante.

— Minha Rainha? — perguntou Vaelin numa voz firme.

Lyrna respirou fundo, conjurando o seu sorriso de arrependimento. Ela passara algum tempo praticando diante do espelho aquela manhã, pois nunca fora um de seus melhores sorrisos.

— Senhora Dahrena, é meu árduo dever ordenar o seu retorno imediato aos Confins do Norte, onde a senhora exercerá a Palavra da Rainha até que Lorde Vaelin possa reassumir as suas funções. A embarcação do Senhor Marinho Ell-Nurin aguarda no porto para transportá-la até lá. Com tempo bom, a senhora deve chegar à Torre Norte em três semanas, visto que o navio dele é de uma velocidade fora do comum. Ordenarei também que embarcações suficientes sejam reunidas para transportar os mineiros do Capitão Ultin para casa assim que possível.

— Eles querem lutar — afirmou Vaelin, enquanto Dahrena permanecia inexpressiva ao seu lado. — Mandá-los embora causará problemas...

— Eu falarei com eles — disse Lyrna. — Explicarei que cada golpe de uma picareta vale cem golpes de uma espada. Além do mais, eles já lutaram o suficiente para justificar qualquer reivindicação de honra, não acham?

— Acho, Alteza — respondeu Dahrena antes que Vaelin pudesse falar. — Eu... lamento a necessidade de sua ordem. — Ela olhou rapidamente para Vaelin antes de baixar o rosto. — Contudo, não tenho qualquer argumento em contrário.

Que bom, já que não ouvirei qualquer argumento seu. Lyrna segurou as palavras atrás de outro sorriso, levantando-se e indo apertar as mãos da pequena mulher.

— Os seus serviços nesta guerra têm sido enormes e magníficos. Jamais serão esquecidos, tampouco estão encerrados. Traga-me riquezas, minha senhora, para que eu possa comprar justiça.

Ela soltou as mãos de Dahrena e recuou, forçando-se a olhar Vaelin nos olhos, o brilho em seu olhar difícil de suportar. *Isso não é ciúme*, ela queria dizer. *Você me conhece bem demais para isso.*

— Vou deixá-los a sós para que se despeçam — disse a eles. — Tenho assuntos a tratar com os nossos recém-chegados.

Havia de incomum nos recém-chegados o fato de, ao contrário da maioria dos outros grupos que rumaram para Warnsclave no decorrer da última semana, muitos deles serem crianças. Uma das cenas mais frequentes e difíceis durante a marcha havia sido a quantidade imensa de pequenos cadáveres, com frequência levados para dentro das casas e queimados até que restassem pedaços minúsculos, outros simplesmente abatidos como gado indesejado e deixados ao ar livre para apodrecerem. Ver tantas crianças ainda vivas animou Lyrna, mesmo que em sua maioria estivessem esmaecidas e silenciosas, olhando fixamente para ela enquanto atravessava suas simples acomodações.

— Irmão Innis — disse o Irmão Hollun, apresentando um homem magro de manto cinzento. — Diretor do Orfanato em Rhansmill. Ele escondeu seus protegidos na floresta durante semanas.

— Irmão. — Lyrna retribuiu a medida do homem com um respeito grave. — Eu lhe agradeço, de todo o coração. Os seus feitos fazem jus à Fé.

O Irmão Innis, claramente não acostumado à realeza e adoentado pela falta de comida, cambaleou um pouco, mas conseguiu permanecer de pé. As crianças se aglomeravam à sua volta, agarrando-se ao seu manto, algumas olhando furiosas para Lyrna como se ela tivesse causado algum mal ao homem.

— Eu tive muita ajuda, Alteza — disse o irmão, gesticulando para os poucos adultos do grupo. — Essas pessoas passaram fome para que as crianças pudessem comer, atraíram os volarianos para longe para que elas não fossem descobertas. Algumas pagaram caro por sua coragem.

— A justiça pelo seu sacrifício será feita de forma plena — assegurou-lhe Lyrna. — Se vocês precisarem de algo, falem com o Irmão Hollun e será providenciado.

Ele fez outra medida vacilante.

— Obrigado, Alteza.

— Agora, procuro uma mulher chamada Trella Al Oren.

Innis empalideceu ao ouvir o nome, lançando um olhar cauteloso a um abrigo próximo, um teto de tábuas finas sobre o que parecia ter sido um depósito de madeira.

— Ela... sacrificou muito para manter essas crianças aquecidas — gaguejou ele. — Perdoe-me, Alteza. Mas imploro que ela não seja punida.

— Punida? — perguntou Lyrna.

— Como posso ajudá-la, Alteza?

Lyrna virou-se e encontrou uma mulher alta parada do lado de fora do abrigo, de braços cruzados. Ela devia ter mais de cinquenta anos, as feições belas franzidas pela desconfiança, fios grisalhos em meio ao cabelo negro.

— Minha senhora — Lyrna curvou-se para a mulher. — Eu trago notícias de seu filho.

A Senhora Trella conseguira preservar um conjunto de chá feito de porcelana durante as provações pelas quais passara, duas xícaras pequenas e um bule esférico, belamente decorados com a imagem de uma orquídea incrustada a ouro.

— Alpirano — disse ela, servindo o chá ao se sentarem do lado de fora do seu abrigo. — Um presente de casamento de minha tia.

Lyrna bebericou o chá, achando o gosto surpreendentemente saboroso.

— Minha senhora é engenhosa — comentou ela, esperando diminuir a tensão evidente da mulher. — Para manter tais tesouros a salvo e conseguir chá de tamanha qualidade.

— Encontramos o carroção de um mercador há algumas semanas. O dono havia sido morto, é claro. Levaram tudo, menos o chá, apesar de que uma única saca de grãos teria sido muito mais bem-vinda. — Ela bebericou o próprio chá e suspirou, tomando coragem para fazer a pergunta óbvia. — Como ele morreu?

— Salvando a minha vida, e a vida daqueles que agora fazem parte da minha corte.

— Mas não a própria vida.

— Minha senhora, se tivesse havido qualquer modo...

A Senhora Trella sacudiu a cabeça, de olhos fechados e rosto abaixado.

— Eu mantive as esperanças durante tudo isso, durante a fuga de Varinshold, nos longos dias na estrada, ao encontrar o Irmão Innis e as crianças... Eu mantive as esperanças. Fermin sempre foi tão esperto, apesar de não ser sensato. Se houvesse um modo de sobreviver à queda da cidade e escapar das masmorras, ele o teria encontrado.

Lyrna pensou no tubarão e na batalha, perguntando-se se deveria compartilhar suas suspeitas, sua opinião de que Fermin ao menos encontrara alguma forma de fuga, e de vingança. Contudo, faltaram-lhe as palavras, diante de um enigma tão grande. *Ele era um homem vivendo num tubarão? Ou um tubarão com a memória*

de já ter sido um homem? De qualquer forma, ela sentiu que aquela mulher corajosa não precisava ser sobrecarregada por mais mistérios.

— É meu desejo tornar Fermin uma Espada do Reino postumamente — disse Lyrna. — Em homenagem ao seu sacrifício.

Os lábios da Senhora Trella formaram o mais leve dos sorrisos.

— Obrigada. Creio que ele teria achado a ideia... engraçada.

Lyrna olhou ao redor para as pessoas que as observavam, os adultos estavam ocupados com as tarefas culinárias ou de construção, mas o Irmão Innis e seu grupo de crianças continuavam a assistir ao encontro delas com grande preocupação.

— O Irmão Innis disse que a senhora as manteve aquecidas.

A Senhora Trella encolheu os ombros.

— Qualquer um pode acender uma fogueira.

— Além disso, sobreviveu ao ataque da cidade e à fuga para o sul. Um feito impressionante.

— Não sei quanto Fermin lhe contou sobre as nossas circunstâncias, Alteza, mas, apesar de nosso nome, não vivíamos uma existência nobre. A pobreza nos torna engenhosos.

— Tenho certeza de que sim. No entanto, uma mulher sozinha, sobrevivendo à guerra e à fome por tanto tempo... — Ela observou a Senhora Trella bebericar mais chá, notando como a mulher se forçava a engolir. — É possível que a senhora tenha ouvido que eu revoguei todas as restrições acerca do uso das Trevas neste Reino — prosseguiu Lyrna. — Os dotados agora ocupam um lugar de honra em meu exército e, ao falar com eles, noto que possuem um traço em comum. Em todos os casos, as mães deles também possuíam um dom, mas nem sempre os pais. Curioso, não acha?

A Senhora Trella a olhou nos olhos e então ergueu lentamente a mão, estendendo os dedos.

— Um soldado volariano enfiou o pé na minha porta naquela noite, encontrou-me escondida no armário do meu quarto, riu ao agarrar o meu cabelo e se preparar para cortar a minha garganta. — Uma pequena chama azul surgiu na ponta de seu dedo indicador, dançando belamente. — Ele não riu por muito tempo. — A chama tornou-se amarela e aumentou, envolvendo a mão de Trella dos dedos ao pulso.

— Alteza! — Itis apareceu ao seu lado, com a espada parcialmente desembainhada. Lyrna percebeu que havia se levantado e recuado, e olhava para as chamas.

— Sei de seu decreto, Alteza — disse Trella. — Mas meras palavras não fazem séculos de medo desaparecerem. Minha mãe certificou-se de que eu conhecesse bem

o perigo de revelar a minha natureza, o terror que isso causava e a atenção indesejada que atraía dos Fiéis. — Ela fechou a mão e as chamas se apagaram. Lyrna respirou fundo, controlando o tremor em seus membros. Ela assentiu com a cabeça para tranquilizar Itis e voltou ao assento, bebericando mais chá até as lembranças desaparecerem. *O cheiro de sua própria pele queimando enquanto as chamas a envolviam...*

— A Sétima Ordem tem a obrigação de obedecer às minhas ordens — disse ela após um momento, quando teve certeza de que sua voz não vacilaria. — Não permitirei que obriguem qualquer súdito a se unir a eles. Há uma pequena companhia de dotados dos Confins do Norte separada da Ordem e que presta contas apenas a Lorde Vaelin e a mim. A senhora seria bem-vinda para se juntar a eles.

— Eu sou uma velha, Alteza.

— Não tão velha assim, creio eu. E sinto que a alma de seu filho gostaria do serviço prestado pela senhora, não acha?

O olhar de Trella recaiu sobre as crianças ali perto.

— Tenho obrigações aqui, Alteza.

— Essas crianças serão bem cuidadas, a senhora tem a minha palavra. Elas não necessitam mais do seu fogo, mas eu, sim.

Algo deve ter transparecido em sua voz naquele momento, pois a cautela no rosto de Trella ficou ainda maior e em seu rosto surgiu o olhar precavido que Lyrna estava vendo com mais frequência em algumas pessoas específicas. *Nortah, Dahrena, Reva... Vaelin. Aqueles que não ficam assombrados veem com mais clareza.*

— Não é uma ordem — acrescentou Lyrna com um sorriso. — Somente o pedido de uma rainha. Pense a respeito por enquanto. Encontre-se com o Aspecto Caenis ou com as pessoas dos Confins. Tenho certeza de que todos a receberiam de bom grado.

— Farei isso, Alteza. — Trella curvou-se quando Lyrna se levantou. — Mais uma coisa, se eu puder pedir uma graça.

— É claro.

— O emblema de meu filho. — Os olhos da senhora agora brilhavam devido às lágrimas e as crianças se aproximaram dela ao sentirem o seu pesar. — Eu gostaria que fosse uma doninha. De todas as criaturinhas que o seguiam até em casa, elas eram as suas favoritas.

— Como minha senhora desejar — assegurou-lhe Lyrna com uma mesura. *Melhor uma doninha do que um tubarão.*

Apesar de boa parte de Warnsclave ter sido destruída até restarem apenas as pedras das ruas, a infraestrutura abaixo da cidade continuava essencialmente intacta e numerosos porões serviam como abrigos adicionais e locais de confinamento. A volariana havia sido presa num porão de carvão do que havia sido a oficina de um ferreiro, a julgar pela bigorna coberta de fuligem em meio aos escombros. Dois Guardas do Reino estavam no alto dos degraus que levavam ao porão enquanto Lorde Verniers esperava, apoiado na bigorna, quando Lyrna se aproximou, escrevendo num pequeno caderno. Ele se levantou ao vê-la, curvou-se com a sua graciosidade usual e a cumprimentou na língua do Reino sem o menor traço de sotaque.

— Alteza. Obrigado por aceitar o meu pedido.

— Não há de quê, meu senhor — disse Lyrna. — Contudo, tenho a impressão de que eu o trouxe aqui sob uma falsa premissa.

— Alteza?

Lyrna fez sinal para os guardas abrirem a porta do porão.

— Sim, meu senhor. Sei que está ansioso pelo que tenho a dizer para acrescentar à sua obra histórica, mas receio que a erudição terá de atender às necessidades da diplomacia.

Ela fez sinal para que Verniers a seguisse escada abaixo, precedida por Iltis para a escuridão. Fornella Av Entril Av Tokrev estava sentada a uma mesa pequena, lendo à luz de uma única vela. Ela não estava acorrentada, e seu rosto e seus cabelos estavam limpos, visto que Lyrna lhe permitira uma bacia de água toda as manhãs para se lavar. A mulher também recebera pergaminho e tinta, e a mesa à sua frente estava coberta por um pergaminho escrito de ponta a ponta em volariano com uma letra caprichosa.

Fornella levantou-se e fez uma mesura quando Lyrna entrou, seu rosto impassível até ver Lorde Verniers, quando então abriu um sorriso cauteloso.

— Alteza, meu senhor — cumprimentou ela, com seu conhecimento básico da língua do Reino. — Dois visitantes. Estou honrada.

— Falaremos na sua língua — disse Lyrna em volariano. — É importante que não haja mal-entendidos entre nós. — Ela pediu que Iltis esperasse do lado de fora e fez sinal para que Fornella se sentasse, indo até a mesa e examinando o pergaminho que a volariana escrevera e encontrando nele uma lista de nomes, lugares e bens, cada nome marcado com um símbolo circular que Lyrna reconheceu. — Uma carta de alforria — comentou ela. — Suponho que estes sejam escravos seus.

— Sim, Alteza. Embora o documento na verdade seja um testamento. Os escravos deverão ser libertados quando eu morrer.

— Meu conhecimento sobre as leis volarianas é limitado — mentiu Lyrna. — Mas creio que um escravo, independentemente do dono ou de sua importância, só pode ser libertado através de um decreto especial do Conselho Governante.

— De fato, mas meu irmão faz parte do Conselho. Não duvido que ele realize a minha vontade no tocante a essa questão.

Imagino que, quando ele ficar sabendo de sua morte, estará preocupado demais com a iminência do seu próprio fim para se importar com o seu último desejo, pensou Lyrna.

— Devo supor que recentemente você passou a gostar menos da principal instituição do seu império? — perguntou ela.

Fornella olhou para Verniers, que estava encostado de forma rígida na parede do porão e se recusava a olhá-la nos olhos.

— Nós cometemos muitos erros — disse a volariana. — A escravidão talvez seja o pior, superada apenas pelo nosso acordo com o Aliado.

— Um acordo que, se acreditarmos no relato de Lorde Verniers, concedeu a você vários séculos de vida.

— Vida não, Alteza. Meramente existência.

— E como todos esses anos adicionais são conseguidos?

Fornella abaixou o olhar e, pela primeira vez, Lyrna teve uma ideia da verdadeira idade da mulher nas linhas tênues agora visíveis ao redor dos olhos baixos.

— Com sangue — respondeu Fornella após um momento, a voz não mais do que um murmúrio. — O sangue dos dotados.

A memória de Lyrna voltou ao navio, ao capataz andando pelo porão de escravos com o chicote enrolado. *Todos aqui, trocar por um com magia.* Ela se aproximou da mesa, apoiou os punhos na superfície e inclinou-se na direção de Fornella, que ainda estava com o rosto abaixado.

— Vocês bebem o sangue dos dotados — disse Lyrna por entre os dentes. — É de onde vêm os seus anos.

— Há um lugar — murmurou Fornella. — Uma grande câmara abaixo de Volar, com centenas de celas repletas de dotados. Aqueles que fazem parte do acordo vão até lá uma vez por ano... para beber. E a cada ano há mais celas vazias, e sempre mais dos que usam vermelho clamando para partilhar da bênção do Aliado.

— E assim vocês precisam de mais, e o Aliado prometeu que os encontrariam neste Reino. É por isso que vocês vieram.

— E para assegurar uma frente setentrional para a invasão alpirana, como eu disse. Mas, sim, o Aliado prometeu que haveria sangue de dotados em abundância

nesta terra.

— E quando o sangue acabasse, e as terras alpiranas também fossem varridas, o que aconteceria? Enviariam os seus exércitos para saquear o mundo inteiro?

Fornella ergueu a cabeça, os olhos firmes, embora a voz estivesse vacilante, a voz de uma mulher diante dos seus últimos momentos.

— Sim. Ele prometeu que o mundo seria nosso no seu devido tempo.

É vergonha que vejo em seus olhos?, ponderou Lyrna. *Ou apenas desapontamento?*

— Suponho que tenha sido a promessa de uma vida eterna que tenha seduzido Lorde Darnel à sua causa? — perguntou Lyrna.

Fornella encolheu os ombros com pesar.

— À tentação da imortalidade é difícil de resistir, especialmente para um homem apaixonado por si mesmo.

Lyrna afastou-se da mesa e virou-se para Verniers.

— Meu senhor, acha que as palavras desta mulher são verdadeiras?

Verniers forçou-se a olhar para Fornella, relutante, mas a avaliou atentamente.

— Duvido que ela tenha mentido, Alteza — respondeu ele. — Mesmo como seu escravo, descobri que a honestidade era a sua única qualidade interessante.

— E acredita que o seu Imperador a acharia digna de crédito?

— O Imperador é mais sábio do que eu em todos os aspectos. Se ela estiver sendo sincera, ele ouvirá a verdade.

— E, espero, compreenderá a importância de esquecer diferenças passadas.

O rosto de Verniers estava sério ao olhá-la nos olhos.

— Há muito a esquecer, Alteza.

— E um mundo a ser destruído se não formarmos um propósito em comum. — Ela virou-se de novo para Fornella. — Há um homem na Ordem do Irmão Caenis que consegue ouvir mentiras. Você declarará a ele a sua disposição de viajar até Alpira com Lorde Verniers, onde contará ao Imperador tudo o que me contou. Se ele ouvir uma mentira, Honorável Cidadã...

— Ele não ouvirá, Alteza. — O alívio de Fornella era palpável, os anos mais uma vez aparecendo no modo como os cantos de sua boca caíam. — Farei como a senhora pede.

— Muito bem. — Lyrna olhou para Verniers, conjurando o seu sorriso de arrependimento. — E o senhor? Fará isso por mim?

— Não, Alteza — respondeu o alpirano, o tom ríspido da voz e a estreiteza do

olhar deixando claro que o sorriso dela havia sido esforço desperdiçado. *Este aqui vê demais.* — Farei por meu Imperador — prosseguiu Verniers —, que é grande em sabedoria e benevolência.

Lyrna estava no telhado da casa do capitão do porto para observar os navios partirem, vendo Vaelin despedir-se de Dahrena e incapaz de desviar o olhar, apesar de se sentir uma intrusa. *Ele a abraçou por tanto tempo.* A pequena mulher afastou-se dele, despediu-se da Senhora Alornis, de Lorde Adal, do Irmão Kehlan e de Sanesh Poltar, então se virou e subiu a prancha do *Falcão Vermelho*, sendo recebida pelo Senhor Marinho Ell-Nurin com uma medida. Enquanto o navio seguia para a entrada do porto, Lyrna perguntou-se se havia algum significado no fato de nenhum seordah ter aparecido para se despedir dela.

Vaelin ficou para observar o navio velejar para longe, respondendo ao abraço da irmã sacudindo a cabeça de leve antes de ela e os outros deixarem o cais. Passado algum tempo, Lorde Verniers e a volariana chegaram e Lyrna o viu escoltá-los até o navio. Ela ainda estava intrigada pelo interesse que Vaelin demonstrara na escolha da embarcação que os levaria até o império, mas ele sempre fora um homem de segredos.

Lyrna virou-se quando Orena subiu no telhado, trazendo um manto de pele.

— O vento está forte hoje, Alteza.

Lyrna agradeceu com um aceno de cabeça quando a dama colocou o manto sobre os seus ombros, ainda o observando enquanto Vaelin olhava o erudito que partia.

— Murel falou que ele é o homem mais assustador que ela já conheceu — disse Orena em voz baixa.

— Então há sabedoria nos jovens — disse Lyrna. — Ele a assusta, minha senhora?

Orena encolheu os ombros; de todos os seus servidores, ela era a menos dada a formalidades quando estavam sozinhas, algo que Lyrna considerava suficientemente animador para perdoar a língua solta da mulher.

— Alguns homens são brutos, outros são gentis. De vez em quando encontramos um que é as duas coisas. — Ela se empertigou e fez uma medida formal. — O Lorde Comandante Travick deseja uma audiência, Alteza. Parece que seus novos recrutas estão brigando a respeito de que nome dar aos regimentos.

— Estarei lá daqui a pouco, minha senhora.

Mais uma vez sozinha, Lyrna aguardou e viu quando Vaelin se virou e deixou o porto, afastando-se com um passo determinado. *Não foi ciúme*, pensou ela. *Não*

posso lhe permitir nenhuma distração, meu senhor.

Ela foi despertada de madrugada pela mão suave porém insistente de Murel. Não houve sonhos naquela noite, e ser arrancada de um sono tranquilo a deixou de mau humor.

— O que é? — perguntou ela, ríspida.

— Lorde Vaelin está lá embaixo, Alteza. Com o Capitão Belorath. Parece que ele traz uma mensagem importante das Ilhas.

Lyrna ordenou que a dama buscasse uma bacia de água fria e mergulhou o rosto nela, sufocando um grito com a dor de cabeça instantânea ao mesmo tempo que o cansaço persistente desaparecia. Ela vestiu o manto mais simples e conseguiu conjurar um semblante receptivo quando desceu a escada até a sala do trono improvisada.

O Capitão Belorath imitou a medida de Vaelin, embora o seu rosto revelasse o desconforto por se encontrar numa posição servil diante de uma mulher que fora sua prisioneira, uma prisioneira que ele quase matara. Depois que o Escudo assumiu a monstruosa nau capitânia volariana, Belorath havia retomado o comando do *Sabre do Mar* e retornara às Ilhas para fazer reparos e dar a notícia da grande vitória em Alltor. Além de, esperava Lyrna, buscar mais navios para a frota.

— Meu senhor, capitão — cumprimentou ela, sentando-se no trono. — Imagino que as notícias sejam graves o bastante para justificar o avançado da hora.

— De fato são, Alteza — disse Vaelin, acenando com a cabeça para Belorath.

O rosto do capitão revelava certa relutância ao falar, o tom seco e cuidadoso.

— Como Vossa Alteza sabe, os Senhores Marinheiros têm se empenhado em garantir a segurança das Ilhas por meio de... certas medidas discretas.

— Vocês têm espiões infiltrados neste Reino há anos, capitão — interrompeu Lyrna. — Um fato que era do conhecimento tanto do finado Rei quanto do meu.

— Sim, Alteza. A maioria silenciou desde a invasão. Contudo, continuamos a receber informações ocasionais de um em Varinshold.

— Aquele que avisou que a frota volariana havia zarpado — lembrou-se Lyrna.

— Exato. Ao regressar às Ilhas, descobri que outra mensagem havia chegado, vinda da mesma fonte. — Belorath tirou um pergaminho do cinto e aproximou-se para entregá-lo à Lyrna. — Está endereçada à senhora, Alteza.

Lyrna desenrolou o pergaminho e viu que eram poucas palavras, mas suficientes para se perguntar se, apesar de toda a sua alardeada inteligência, ela não era apenas

uma tola, afinal de contas.

Lyrna—

Ataque na véspera do início do inverno. Evite as muralhas se puder. Aspectos E e D na Fortaleza Negra. Sinto muito.

—Alucius

CAPÍTULO DEZ

Alucius

— Não minta para mim, poetinha! — Darnel lhe lançou um olhar furioso, sua voz baixa e carregada de promessas terríveis, o corte recém-costurado abaixo do olho ameaçando se abrir enquanto gritava. — Eles devem ter lhe contado alguma coisa.

Alucius estendeu as mãos num gesto impotente.

— Não fizeram mais do que lamentar pela morte de um irmão na Fé, meu senhor. Embora eu tenha sentido certa satisfação do Aspecto Dendrish por finalmente se tornar o homem mais gordo de Asrael.

Darnel ergueu-se do trono, levando a mão à espada, o rosto vermelho de fúria. Ele parou quando o Comandante de Divisão Mirvek soltou uma tosse de aviso e o pai de Alucius retesou-se, aproximando-se do filho. Darnel olhou para todos eles com a mão trêmula no punho da espada. Sua fuga recente diante do Irmão Vermelho e a notícia de que o seu feudo agora se rebelara em nada ajudaram a melhorar o seu temperamento. Além disso, os crescentes desdém e deferência de Mirvek pelo seu Senhor da Batalha forneciam amplas evidências da irrelevância cada vez maior de Darnel. Restavam poucos de seus cavaleiros e não havia onde conseguir mais em seu feudo. Alucius se perguntava por que o volariano simplesmente não matava Darnel e assumia o comando, mas estava evidente que o homem era um soldado até a alma e continuaria a seguir ordens até receber uma palavra em contrário do Conselho. Darnel era o vassalo apontado e Mirvek não tinha autoridade para depô-lo, por mais inútil que o homem tivesse se tornado.

— Eles sabem onde há mais dotados — disse Darnel ao volariano, sem conseguir disfarçar o tom desesperado da voz. — Tenho certeza.

Não é tão tolo a ponto de não saber que já não tem tanta serventia, compreendeu Alucius, observando Darnel se remexer, pouco à vontade. *Está tentando comprar a sua segurança com o que os Aspectos sabem.*

— Os Aspectos são preciosos a todos os que ainda são livres nestas terras — afirmou o pai de Alucius. — Feri-los é instigar mais rebeliões.

— O povo dele está se rebelando de qualquer forma — observou Mirvek num tom de reflexão. — Esses seus Aspectos são intrigantes. O Aspecto guerreiro era intrigante o suficiente para que o Conselho ordenasse que fosse levado para o

império no dia em que foi capturado. Poderia ser proveitoso interrogá-los.

Alucius não gostou da ênfase que o volariano colocou em “interrogá-los”.

— Se me derem mais tempo, estou certo de que eles se mostrarão mais afáveis. O Aspecto Dendrish, em particular, provavelmente revelaria todos os segredos que tem na mente por um jantar completo.

Mirvek não riu, estreitando os olhos para observá-lo. Até então, a sua atitude para com o filho de seu general escravo fora mais de desprezo vago, mas agora Alucius sabia que ele o via com uma clareza desconfortável.

— Meu interrogador mais habilidoso foi capturado pelo seu Irmão Vermelho — disse o volariano. — Ele poderia fazê-los falar em questão de segundos. Pedi um substituto, que chegará com os nossos reforços até o final da semana. Você tem até a chegada deles.

Alucius respondeu com uma medida de gratidão, afastando-se quando o volariano o dispensou com um aceno de mão. Ele podia sentir os olhos de Darnel o seguindo ao se retirar da sala do trono, e mais uma vez se indagou por que não sentia medo.

— Bem — começou Alucius enquanto a Irmã Cresia ofegava em seu ouvido, o corpo nu sobre ele, tremendo um pouco. — Isso foi inesperado.

Ela saiu de cima dele, dando-lhe as costas e pegando a blusa.

— Não passei a vida inteira me escondendo aqui — disse Cresia. — Eu estava entediada. Não se apaixone por mim, poeta.

Ele afastou à força uma imagem do rosto de Alornis, escondendo a culpa numa risada.

— Irmã, dessa instrução eu não preciso, acredite.

A Irmã Cresia lhe lançou um olhar incisivo e levantou-se da pilha de peles que lhe servia de cama. Ela não dissera nada quando Alucius aparecera ali mais uma vez, apenas inclinou a cabeça para uma passagem lateral e o conduziu até o quarto dela, onde se despiu e aguardou nua com um olhar questionador. Alucius olhara para Vinte e Sete parado na passagem do lado de fora, o olhar vazio aparentemente fixo na bela alvenaria. O irmão e a irmã de Cresia estavam em algum lugar nas ruas acima, conseguindo informações e suprimentos, dissera ela, embora Alucius tivesse trazido o suficiente para durar até a véspera do início do inverno, quando então a falta de provisões provavelmente seria a menor das preocupações deles.

— Quem era ela? — perguntou Cresia, com uma leve curiosidade na voz.

— Quem era quem?

— A mulher em quem você estava pensando um momento atrás. — Ela apertou o cinto da calça e sentou-se para calçar as botas.

É esse o objetivo dela?, perguntou-se Alucius. *Conseguir informações através da intimidade? Ela é tão espiã quanto eu.*

— Como algum homem poderia pensar em outra mulher em seus braços, minha senhora? — retorquiu ele, sentando-se.

Alucius percebeu que ela se retraiu diante do seu tom cáustico e sentiu uma pontada de arrependimento. *Eu sempre as magoo*, lembrou-se, pensando nos anos passados, nas garotas atraídas pelo belo poeta com um sorriso triste, nos doces abraços e nas lágrimas inevitáveis. Alornis era a única mulher que ele jamais conseguira desapontar, e nunca a havia sequer beijado.

— Se precisa que eu lhe dê informações, talvez fosse mais simples e menos demorado simplesmente perguntar — disse a Cresia.

Ela se levantou e lhe jogou a sua camisa.

— Muito bem. Quando meu irmão e minha irmã voltarem. E espero um relato completo se vamos ajudar nessa sua empreitada.

Eles fizeram uma refeição frugal de carne seca e pão com água, uma vez que o pai de Alucius não se dera ao trabalho de providenciar vinho com as provisões extras. Se Inehla e Rhelkin sentiram alguma tensão entre eles, não demonstraram, embora Alucius achasse que houvera um leve brilho de divertimento no olhar que Inehla deu à irmã.

— Como você pode ter certeza de que o exército da Rainha irá atacar na véspera do início do inverno? — perguntou Rhelkin preocupado, após a refeição.

— Não posso — admitiu Alucius. — A única certeza que posso dar é a de que enviei uma mensagem a eles para que fizessem isso.

— Como? — perguntou Cresia.

— Por pombo. Meu último, na verdade. Então não me peçam para mandar mais, por favor.

— Como um poeta tem pombos?

— Também sou um espião a serviço dos Senhores Marinheiros meldeneanos. — Alucius bebericou a água, suspirando ao lembrar-se da última vez que provara um vinho decente, enquanto os outros o olhavam em silêncio. Havia sido uma garrafa da adega de seu pai, uma das mais antigas, cumbraelina, naturalmente, um vinho tinto de sabor encorpado dos vinhedos do sul. A garrafa fora agradável, mas não o suficiente para lhe dar o sono pelo qual ansiava, atormentado como estava pela dor deixada pela partida de Alornis para os Confins. Então ele procurara uma garrafa de

conhaque na cozinha, desabando na cama e sendo despertado somente algumas horas mais tarde por um exército volariano.

— Então você é um traidor deste Reino — disse a Irmã Cresia, interrompendo as suas reminiscências. Alucius notou que a mão dela havia se movido para a algibeira de couro no cinto, enquanto o Irmão Rhelkin estava agora virado para Vinte e Sete, sem dúvida preparado para usar o seu dom.

— Suponho que sim — disse Alucius. Ele olhou para o seu copo d'água e estremeceu, colocando-o de lado.

Cresia continuou a encará-lo à medida que o silêncio se prolongava.

— Por quê? — perguntou ela, por fim.

— Isso não é da sua conta — falou Alucius. — O que importa é que temos o interesse comum de assegurar que esta cidade seja retomada para o Reino com o mínimo de banho de sangue. E, no momento, eu me encontro na melhor posição para atingir esse objetivo.

— Um espião não merece confiança.

— Confiança? Você fala de confiança? — Alucius riu. — Você, que viveu uma vida de mentiras? Eu me pergunto que serviço você prestou em nome da Fé. Quanto sangue derramou nas sombras ao longo dos anos?

O rato de Inehla correu pela mesa, farejando a mão de Alucius e arreganhando os dentes com um guincho alto.

— Ele sentiu o cheiro de uma mentira? — perguntou Cresia.

A irmã gorda sacudiu a cabeça, com uma expressão sombria no rosto.

— Não, só o desprezo desse aí por nós.

A fúria transpareceu no rosto de Cresia antes que ela assumisse uma expressão neutra, afastando a mão da algibeira. O rato de Inehla soltou um último guincho e voltou para a sua dona, e o Irmão Rhelkin deu as costas a Vinte e Sete.

— Como faremos isso? — perguntou Cresia a Alucius.

— Os reforços volarianos devem chegar na véspera do início do inverno. E serão recebidos nas docas pelo Comandante Mirvek, Lorde Darnel e meu pai. Duvido que algum deles faça objeção ou note se eu estiver lá. Precisarei da habilidade de sua irmã para criar distração suficiente.

— Distração do quê?

— A resistência ou derrocada desta cidade depende das habilidades de meu pai. Sem elas, Darnel e seus aliados estarão condenados.

— Não é fácil para um filho matar um pai — observou Rhelkin.

— Se duvidam da minha capacidade de fazer isso, vocês deveriam me matar agora e continuar se escondendo aqui até a Rainha Lyrna chegar — retorquiu Alucius. Ele notou a aversão do homem em seu olhar frio e viu que não se importava mais. — Precisarei que você e a Irmã Cresia resgatem os Aspectos.

— Invadir a Fortaleza Negra não é uma tarefa fácil — respondeu Cresia.

— Mas está à altura de suas habilidades, sem dúvida. Não duvido que os guardas tenham ordens para matá-los caso a cidade seja tomada, e é melhor arriscar a morte do que a aceitar cegamente.

Ele os viu trocarem olhares, chegando a um acordo com acenos silenciosos, o de Cresia o mais relutante.

— Faremos isso — disse ela. — Mas quando acabar, poeta, você não será poupado de uma prestação de contas.

— Não. — Alucius levantou-se e caminhou na direção do túnel, seguido por Vinte e Sete. — Não imagino que serei.

— Devo dizer, Aspecto, que achei o vinho bastante amargo — disse Alucius ao sentar-se ao lado dela no catre.

— Mas você o encontrou? — perguntou Elera, olhando-o fixamente.

— De fato encontrei. Mas apenas três garrafas.

A boca dela se crispou ao conter o desapontamento.

— Uma pena.

— O desapontamento sempre foi a minha sina, Aspecto. No entanto, trago notícias. Parece que temos uma nova rainha.

— Lyrna? Ela está viva?

— Com saúde, ilesa e liderando um exército para a nossa salvação neste exato momento, um exército comandado por Lorde Al Sorna, após terem derrotado o General Tokrev em Alltor.

A Aspecto Elera empertigou-se e fechou os olhos, os ombros tensos enquanto inspirava e expirava de forma controlada. Ele a vira fazer isso antes, quando sua postura usual vacilava e o leve brilho de lágrimas surgia em seus olhos. Após alguns segundos, ela reabriu os olhos e sorriu, o mesmo sorriso calmo e franco de que Alucius sabia que sentiria muita falta.

— Notícias excelentes, Alucius — disse ela. — Obrigada por me contar. E para quando podemos esperar a chegada da Rainha?

Alucius lançou um olhar rápido para o Espada Livre do lado de fora da cela. O

homem podia parecer mais burro do que uma porta e capaz de dizer somente algumas palavras na língua do Reino, mas a curta carreira de espionagem de Alucius lhe ensinara o valor de ver além das aparências.

— Tal informação está além do meu alcance, Aspecto. — Ele cruzou os braços e estendeu três dedos na direção do cotovelo, notando a compreensão no olhar de Elera, que resistia ao impulso de assentir.

— Acho que seria melhor você não poupar o vinho — disse ela num tom brusco. — Esta é uma época agitada, e o vinho sempre oferece uma *fuga* das preocupações, não acha?

— Bondade sua pensar no meu conforto, Aspecto. Mas se existe alguém que já bebeu o bastante, esse alguém sou eu.

O Espada Livre sacudiu as chaves com impaciência e Alucius levantou-se.

— Contudo, posso dividir duas garrafas com a senhora — disse ele. — Já que o seu conforto é da maior importância para mim.

O sorriso dela vacilou um pouco e um brilho severo apareceu em seu olhar.

— Não se deve desperdiçar vinho, Alucius.

— Não será desperdiçado. — Ele se ajoelhou, olhando-a nos olhos e vendo como Elera segurava as lágrimas. Em vez de erguer a mão para que Alucius a beijasse, como era de hábito, ela se inclinou para a frente e lhe beijou a testa, sussurrando:

— Vá, eu lhe imploro.

Ele apertou e beijou as mãos dela, levantou-se e saiu da cela. Alucius foi cuidadoso ao observar o Espada Livre enquanto o homem trancava a porta e viu apenas os olhos embotados de um bruto estúpido. Ainda assim, ficou feliz por ter dito a Cresia para matá-lo assim que ela entrasse naquela câmara.

Era a única casa que ele não visitara desde a queda da cidade, uma mansão parcialmente desmoronada que já fora imponente, próxima da Esquina do Vigia, à sombra de um grande e antigo carvalho. O telhado estava ainda mais dilapidado do que ele se lembrava, e todas as janelas haviam sido quebradas, avivando memórias de como Alornis se esforçara para mantê-las limpas e intactas. A casa fora poupada do fogo por algum feliz acaso, talvez devido ao seu tamanho ou aos quartos vazios, sem qualquer coisa que valesse a pena saquear, pelo menos para aqueles sem a habilidade de detectar esconderijos.

A porta estava pendurada nas dobradiças, a tinta descascada no corredor de tábuas expostas. Ele se lembrou de sua primeira visita ali, da batida falsamente

confiante que ela demorou tanto para atender. “Alucius Al Hestian, minha senhora”, cumprimentara ele, curvando-se. “Antigo companheiro de seu nobre irmão.”

“Eu sei quem você é”, retorquira ela, franzindo o cenho, intrigada, abrindo a porta o suficiente para olhá-lo de cima a baixo. “O que você quer?”

Foram necessárias várias visitas até ela o deixar entrar, e ainda assim somente porque estava chovendo, indicando-lhe um banco na cozinha e o advertindo com severidade para não molhar os seus desenhos. Fora o dever que o fizera persistir, a aparência de estar seguindo à risca uma ordem real, mas foram os desenhos que o fizeram voltar na noite seguinte e aguentar a indiferença intrigada e as farpas ocasionais de Alornis. Ele nunca vira nada como aqueles desenhos, a nitidez e os sentimentos reproduzidos com tamanha parcimônia, tão irresistíveis quanto passou a considerar a sua criadora.

Alucius seguiu para a cozinha, onde ela passara a maior parte do tempo, os ladrilhos do chão adornados com cacos de louça, a mesa onde ela preparava as refeições frugais que compartilhavam virada e faltando uma perna.

“Me proteger?”, rira Alornis quando ele explicou a razão de aparecer todas as noites. Os olhos dela recaíram sobre a espada curta no cinto de Alucius, brilhando um pouco. “Desculpe, mas ela realmente não combina com você.”

“Não”, admitira ele. “Nunca combinou. Mas, graças ao seu irmão, eu sei como usá-la.”

Na verdade, ele sempre soube que ela precisava de pouca proteção. Os poucos Fiéis iludidos o suficiente para imaginá-la como alguma espécie de substituta para o irmão eram mandados embora com uma recusa implacável e irascível, e por isso o Rei jamais tivera motivo para duvidar de sua lealdade. Ela trabalhava todos os dias sob a tutela pouco agradável de Mestre Benril e passava as noites naquela casa vazia, o carvão e a ponta de prata produzindo maravilhas no pergaminho que ela passava fome para comprar. Foram os pergaminhos que compraram a tolerância de Alornis, pois ele sempre os tivera em ampla quantidade e trazia alguns quando a visitava, satisfeito em sentar e observá-la trabalhar, com uma garrafa de Sangue de Lobo sempre por perto, apesar da óbvia desaprovação dela.

“Cada palavra que ela falar a respeito do irmão e do pai devem ser registradas”, dissera-lhe Malcius no dia em que Alucius fora chamado ao palácio sob o pretexto de receber os cumprimentos da Rainha pela sua última coletânea de poemas, mas na verdade para lhe imporem um novo dever. O rosto de Malcius estivera sério ao caminharem juntos pelos jardins, um rei forçado a uma necessidade relutante. “O mesmo vale para a identidade de qualquer visitante. A sombra de Lorde Vaelin sempre foi longa demais, Alucius. É melhor que a irmã não fique sob ela, não acha?”

Ele achou que estava me transformando num espião, ponderou Alucius, olhando para a parede onde ela pendurara os seus esboços e onde agora não havia nada além da silhueta de pergaminhos na cal. Sem saber que os meldeneanos haviam chegado primeiro. Pobre Malcius. Janus teria sabido num instante.

Ele subiu a escada que rangia até o andar superior, seguido por Vinte e Sete, que saltava os vãos com ágil rapidez. Alucius parou somente por um momento diante da porta do quarto de Alornis, como fizera ao final de muitas noites de bebedeira, apenas para ouvir o leve murmúrio da respiração dela enquanto dormia. *Por que eu nunca contei para ela?*, perguntou-se. *Palavras ditas com tanta facilidade para tantas outras, mas que eu nunca consegui dizer a ela, na única vez em que teriam sido verdadeiras.*

O quarto onde ele dormira estava em grande parte intacto, a sua cama estreita ainda se encontrava junto à parede com o colchão, embora os lençóis tivessem desaparecido. Alucius afastou a cama da parede e ajoelhou-se, deslocando um fragmento de gesso e revelando um pequeno esconderijo que passara despercebido pelos volarianos que saquearam o lugar. Ele suspirou de alívio ao encontrar intacto o estreito embrulho de couro.

— Não parece grande coisa, não é? — perguntou ele a Vinte e Sete, colocando o embrulho na cama e desatando os nós, revelando uma pequena adaga. O punho era feito de osso de baleia sem ornamentos e a bainha de couro liso. Alucius a desembainhou, expondo uma lâmina bem-feita de quinze centímetros. — Mas — prosseguiu ele — o homem que me deu disse que o mais leve toque dela era suficiente para matar. Não instantaneamente, mas o veneno na lâmina garantirá uma morte rápida. — Ele olhou o escravo nos olhos, algo que raramente fazia, pois não havia nada para ser visto neles. — O que faria se eu tentasse apunhalá-lo com ela? Me mataria? Duvido. O mais provável é que me desarmasse, talvez quebrasse o meu pulso. Ou será que você simplesmente ficaria aí parado e morreria, certo de que eu teria outro como você ao meu lado antes do fim do dia?

Vinte e Sete o encarou e nada disse.

— Não se preocupe, meu bom amigo. — Alucius devolveu a adaga à bainha e a enfiou no cinto. — Não é para você. Além do mais, acho que me acostumei demais com a sua companhia. Nossas conversas são tão agradáveis.

Ele empurrou a cama contra a parede e deitou nela com as mãos atrás da cabeça.

— Quantas batalhas você já presenciou? Dez, vinte, cem? Eu estive numa batalha, certa vez. Bem, três vezes, se você contar a Colina Sangrenta e Marbellis, embora meu papel não tenha sido digno de nota. Não, a minha única batalha verdadeira foi na Revolta do Usurpador, no Forte Alto. A primeira grande vitória na ilustre carreira daquele que em breve será o nosso salvador. Há canções sobre ela, terríveis e

horrivelmente incorretas, mas estou nelas, ou pelo menos na maioria. Alucius, o poeta guerreiro, surgiu para vingar o irmão, “sua espada como um raio de uma tempestade virtuosa”.

Ele se calou por um momento, recordando-se. Era sempre do cheiro e do som que ele melhor se lembrava, muito mais vívidos em sua mente do que as imagens, que eram apenas uma confusão tingida de vermelho. Não, era o som dos cavalos gritando, o fedor de suor, o barulho estranho que o aço fazia ao perfurar a carne, vozes pedindo para serem salvas pelo seu deus, e merda... o perfume pungente da sua própria merda.

— Eu fiz com que ele me ensinasse — disse Alucius a Vinte e Sete. — Durante a marcha. Praticávamos todas as noites. Eu melhorei, fiquei bom o suficiente para me enganar sobre ter algum tipo de chance, alguma esperança de sobreviver ao que estava por vir. Eu soube que estava errado quando Malcius ordenou o ataque. Soube num instante que eu não era um guerreiro, nenhuma alma vingadora, e sim apenas um garoto assustado com merda na calça. Lembro-me de gritar. Imagino que os outros tenham pensado que era um grito de guerra, mas era apenas medo. Quando atacamos o portão, eles tentaram barrar a nossa entrada com os corpos, dando os braços uns aos outros, gritando preces ao seu deus. No momento em que nos chocamos com eles, a força do impacto me mandou longe. Tentei levantar, mas havia muitos corpos em cima de mim. Gritei e implorei, mas ninguém me tirou de lá, então algo duro bateu na minha cabeça.

Lembrou-se da irmã gentil que tratara dele, mais tarde destinada a acabar na Fortaleza Negra por heresia e traição, tudo porque ela pregava contra a guerra. Lembrou-se do rosto do pai no dia em que ele retornou à mansão, do suspiro de alívio seguido por uma ordem brusca: “Você não vai mais sair desta casa sem o meu consentimento.” Ele assentira docilmente, entregara a espada de Linden e fora para o quarto, onde ficara a maior parte do ano.

— Eu sempre fui um covarde, sabia? — disse Alucius. — E quanto mais aprendo sobre este mundo, mais acho que é o único caminho sensato a seguir nesta vida, na maior parte do tempo. Em Marbellis, eu fiquei parado e assisti à cidade arder, e então vi meu pai enforcar cem homens por incendiá-la. Fiquei ao lado dele durante o cerco, mesmo quando ele liderou um ataque para selar uma brecha nas defesas. Não me borrei dessa vez, mas estava muito bêbado. Quando as muralhas caíram, eu corri quando ele correu. Darnel estava lá, por mais estranho que pareça, tão aterrorizado quanto o resto de nós. Lembro que ele teve de enfrentar os próprios homens para chegar ao navio que nos tirou de lá em segurança, e quando zarpamos, olhei para o seu rosto e vi que ele era tão covarde quanto eu.

Alucius virou-se para Vinte e Sete, fez sinal para que ele se aproximasse e falou

calmamente:

— Preciso que você se lembre de uma coisa.

Ele falou por pouco tempo, palavras que não haviam sido ensaiadas, mas que vinham com naturalidade. Quando terminou, ordenou que Vinte e Sete as repetisse, e o escravo o fez com uma imitação desconcertante e precisa da voz de Alucius. *Meu sotaque é tão afetado assim?*, perguntou-se quando o escravo se calou.

— Muito bem — disse ele, então deu instruções cuidadosas sobre quando e a quem as suas palavras deveriam ser repetidas. — Vou dormir agora — disse a Vinte e Sete. — Acorde-me com o oitavo sino, por favor.

Ele ficou satisfeito ao encontrar Darnel a cavalo nas docas, cercado por seus poucos cavaleiros remanescentes a pé. O Senhor Feudal sempre se preocupava em ficar acima daqueles à sua volta e insistia em cavalgar sempre que deixava o palácio. Um batalhão inteiro de Espadas Livres estava atrás de Mirvek, em formação ao longo do cais, aguardando para saudar quaisquer luminares que se aproximavam na imensa belonave que surgia no horizonte. Alucius soube por seu pai que os comboios de suprimentos volarianos haviam sido alvos frequentes de ataques nas últimas semanas, com os meldeneanos sem dúvida felizes em ver a pirataria tão lucrativa na guerra quanto em tempos de paz. Entretanto, um navio com o tamanho e o poder do monstro que velejava na direção deles certamente podia esperar permanecer imune às atenções dos piratas.

Alucius passara a manhã na expectativa de alguma grande comoção, que homens corressem para assumir as posições cuidadosamente planejadas por seu pai enquanto o exército de Lyrna surgia na planície ao sul. Mas não houve alarme, nenhuma corneta de aviso para cortar o ar matutino e nenhum exército para sujar a região ao redor da cidade.

Se ela pudesse vir, teria vindo, sabia Alucius. *Nem que fosse apenas para me enforcar*. Ele se esmerara para evitá-la desde a guerra, uma vez que o escrutínio dela era sempre intenso demais, e os seus encontros ficaram limitados a cerimônias ocasionais no palácio. Houve ocasiões em que ela enviara mensageiros pedindo a sua presença no almoço, mas Alucius sempre recusara, temendo o que a perspicácia dela pudesse descobrir. *Eu sei o que você fez, Lyrna*.

Começara no dia em que ele retornara de Marbellis e ela comparecera às docas para receber os poucos sobreviventes do outrora grande exército de seu pai. O sorriso dela era perfeito: grave, encorajador, livre de julgamento ou repreensão. Mas Alucius viu, apenas por um instante, enquanto ela observava um Guarda do Reino

que perdera uma perna ser carregado para fora do navio. *Culpa.*

Todas as peças se encaixaram mais tarde, com uma compreensão instantânea, quando ele soube que o seu novo Rei havia regressado em segurança para o Reino e Vaelin havia sido capturado pelos alpiranos. Ele estava no palácio quando Malcius, de olhos claros e emaciado sob a barba, colocou a coroa na cabeça e os nobres reunidos se curvaram... e o rosto de Lyrna revelou um vislumbre da mesma expressão que ele vira naquele dia nas docas.

Eu sei o que você fez.

Alucius sempre se espantara com a velocidade com que os meldeneanos o encontraram. Bebidas, mulheres e os poemas ocasionais haviam sido as suas principais distrações nos dois anos desde Marbellis, o álcool o deixando um tanto incauto com as palavras, palavras que alguns poderiam considerar insubordinação. O meldeneano se sentara ao seu lado certa noite em sua taverna favorita, assim considerada porque o primeiro copo sempre era de graça para veteranos, uma despesa pequena, já que eles eram poucos. O meldeneano estava vestido como marinheiro, como convinha à sua nacionalidade, e a princípio falou num tom sem refinamento. Ele pagou o vinho de Alucius, confessando ser iletrado ao ouvir sobre a sua ocupação, mas fez muitas perguntas sobre a guerra. O homem regressou na noite seguinte, pagando por menos vinho, mas fazendo mais perguntas, e na noite depois dessa. A cada encontro Alucius notava que o seu sotaque não estava tão grosseiro quanto antes e que as suas perguntas estavam minuciosas, especialmente no que dizia respeito ao Rei e à sua irmã.

— Eles são traidores — dissera Alucius, um pouco alto demais, pelo modo como o homem se retraía e gesticulara para que ele falasse mais baixo. — A família inteira — prosseguira ele, ciente de que estava bêbado demais e não se importando. — Janus enviou o meu irmão para morrer na Martishe, ordenou que meu pai matasse milhares por nada. Abandonou meu amigo aos alpiranos. Ela fez isso, não Janus. Foi *ela*.

O meldeneano assentiu lentamente.

— Nós sabemos — disse ele. — Mas gostaríamos de saber mais.

Eles lhe ofereceram dinheiro, que Alucius recusou, orgulhoso de si mesmo por estar sóbrio quando o fez.

— Apenas me diga o que vocês querem.

Ele descobriu que a espionagem era uma ocupação absurdamente fácil. *Poucas pessoas veem mais do que desejam ver*, concluiu, após aceitar um convite para ler poemas para um bando de esposas de mercadores, cheias de fofocas e repletas de informações sobre as novas rotas comerciais que os seus maridos haviam sido

obrigados a criar desde a guerra. Elas viram um belo e jovem poeta, herói trágico de uma guerra trágica, abater-se visivelmente com os próprios poemas, e se mostraram muito solícitas quando ele perguntou a respeito de prováveis oportunidades de investimento. “Para o meu pai, a senhora compreende. Ele precisa de algo com que se ocupar atualmente. Tempos de paz são uma provação para um militar.”

Ele ia a tavernas frequentadas pela Guarda do Reino, onde era bem recebido entre os veteranos que haviam estado em Linesh com Vaelin, todos cínicos amargurados e faladores quando cheios de cerveja. Deixou que soubessem que estava disponível para encomendas, compondo poemas de amor para jovens nobres apaixonados e tributos para os funerais de homens abastados, ganhando com isso acesso aos ricos e poderosos. Seu contato meldeneano estava feliz com o seu trabalho e forneceu os pombos para tornar mais rápida a entrega de informações e a adaga, caso ele fosse descoberto.

— Não sou assassino — dissera Alucius ao homem, olhando a adaga com aversão.

— É para você — disse o meldeneano com um sorriso antes de sair da taverna.

Alucius nunca mais o viu. Na semana seguinte, foi chamado pelo Rei e recebeu a ordem de espionar Alornis, quando então viu o seu entusiasmo pela nova ocupação começar a esmorecer. Ficar com ela diminuiu a sua raiva, tornou menos aguda a dor da traição. Ele continuou a recolher informações, a maioria fofocas mercantis de pouco valor, despachando os pássaros e sabendo que, caso incluísse o seu pedido de desistência entre as mensagens, o provável era que os meldeneanos lhe oferecessem uma lâmina em vez de uma aposentadoria. No final das contas, os volarianos tornaram redundantes tais preocupações.

Alucius estava com Vinte e Sete a uns dez metros atrás de seu pai, que havia se posicionado fora do círculo de cavaleiros bajuladores de Darnel.

— Um monstro impressionante, não? — perguntou ele, indo se colocar à esquerda do pai.

Lakrhil Al Hestian assentiu à medida que o navio se aproximava e Alucius avistou duas embarcações menores que vinham logo atrás.

— Aparentemente é o navio-irmão do *Despeito da Tempestade* — disse seu pai. — Esqueci o nome. Mirvek acredita que é um sinal de que o Conselho Governante continua a ter fé em sua liderança, enviando mais reforços do que o esperado.

Alucius lembrava-se do *Despeito da Tempestade* como um monstro sombrio que ficara ancorado no porto durante dias até que o General Tokrev zarpou para Alltor, para nunca mais retornar. Discernindo os detalhes conforme o segundo navio se aproximava, ele ficou espantado pela similaridade entre as duas embarcações;

mesmo para navios construídos seguindo o mesmo modelo, a semelhança era surpreendente, embora os volarianos fossem um povo que prezava muito a uniformidade.

— Os seus preparativos estão concluídos? — perguntou Alucius. — Tudo pronto para sangrar o exército de Lorde Vaelin?

— Ainda não — grunhiu o seu pai. — Os Espadas Livres são preguiçosos quando não estão saqueando, e os Varitai não são de muita serventia em trabalhos braçais. Dê-lhes uma pá e eles ficam apenas olhando para ela. Contudo, parece que logo teremos mais mãos para completar a tarefa.

— Você poderia ter defendido Marbellis? Se tivesse tido tantos homens para usar?

Lakrhil virou-se para ele com uma expressão intrigada; havia um entendimento tácito de que Marbellis era um assunto que nenhum dos dois queria discutir.

— Não — respondeu ele. Algo deve ter transparecido na expressão de Alucius, algum vestígio de suas intenções, pois seu pai inclinou-se para ele e sussurrou: — Você não deveria estar aqui, Alucius. E ainda não conseguiu uma única informação útil com os Aspectos. — Ele olhou rapidamente para Darnel. — Não posso protegê-lo para sempre.

O olhar de Alucius foi atraído para a sua casa roubada, onde avistou a sacada em que fazia o desjejum e contava os navios todas as manhãs. Ela estava lá, como pedido, uma figura pequena e gorda encostada na balaustrada, com o olhar fixo em Darnel, ou melhor, no cavalo do Senhor Feudal.

— Está tudo bem — disse Alucius ao pai. — Você não precisará fazer isso.

O cavalo de Darnel soltou uma bufada alta, balançando e sacudindo a cabeça.

— Calma, calma — tranquilizou-o o Senhor Feudal, passando a mão no pescoço do animal.

Alucius ficou aliviado ao ver que Darnel não estava usando armadura, apenas sedas finas e um manto longo. Ele levou a mão à adaga enfiada atrás do cinto, escondida debaixo do manto, sem tirar os olhos do cavalo de Darnel. O animal bufou de novo, soltando um relincho alto, arregalando os olhos de pânico ao empinar. Foi repentino demais para Darnel segurar com mais força as rédeas, e derrubou-o da sela. Livre de seu cavaleiro, o grande cavalo de guerra girou e golpeou com os cascos o cavaleiro mais próximo, as ferraduras retinindo no peitoral do homem ao derrubá-lo. O animal girou sobre as patas dianteiras, dispersando os cavaleiros restantes com coices furiosos enquanto Darnel afastava-se de quatro pelo chão, os olhos arregalados de pânico. O cavalo interrompeu o ataque aos cavaleiros e virou-se de novo, os olhos tresloucados fixando-se em Vinte e Sete antes de investir com um grito agudo. A expressão do escravo de elite permaneceu tão

tranquila como sempre ao tentar atirar-se para longe do caminho do cavalo, mostrando-se lento demais por uma fração de segundo quando o flanco do animal chocou-se com o seu ombro, fazendo-o girar para o chão, desacordado.

Alucius sacou a adaga da bainha e correu na direção de Darnel, que agora se levantava, bem longe de qualquer proteção. *Use a estocada mais curta possível*, dissera-lhe Vaelin havia tantos anos, quando ele se imaginava um herói. *É a lâmina veloz que tira sangue*.

Algum instinto nascido das batalhas devia ter soado na mente de Darnel, pois ele se virou no momento em que Alucius desferiu uma estocada contra as suas costas, a lâmina perfurando o seu manto e ficando enroscada nas dobras do tecido. Darnel rosnou e tentou acertar um soco no rosto de Alucius. Ele se abaixou para desviar do golpe, arrancando a adaga do manto e golpeando o braço de Darnel, ciente de que mesmo o menor corte seria suficiente. O Senhor Feudal afastou-se para o lado e a sua espada saiu da bainha num borrão. Alucius sentiu uma grande queimação percorrer o seu peito, o choque fazendo com que caísse de joelhos, e Darnel assomou sobre ele com a espada erguida. Sua expressão era de um triunfo feroz, sorrindo largamente na expectativa do abate.

— *Você* acha que vai me matar, poetinha? — riu ele.

— Não — respondeu Alucius, sentindo o sangue lhe banhar o peito ao olhar por sobre o ombro de Darnel. — Mas imagino que *ele* irá.

Darnel girou sobre os calcanhares, mas tarde demais. Lakrhil Al Hestian trespassou o pescoço do Senhor Feudal com o cravo que saía de sua manga direita. Darnel levou alguns segundos para morrer, cuspiendo sangue e chorando pendurado no cravo, os olhos esbugalhados e os lábios balbuciando incoerências antes de finalmente tombar no chão. Alucius ainda conseguiu pensar que não demorara o bastante.

Uma mão fria pareceu envolvê-lo por todos os lados ao desabar; ele sentiu seu pai ampará-lo e sorriu para o rosto lívido.

— Os Aspectos — disse ele. — Vá para a Fortaleza Negra...

— Alucius! — Seu pai o sacudiu, a voz um grito tomado de fúria. — ALUCIUS!

Alucius percebeu que havia um grande clamor em algum lugar, embora sua visão estivesse turva demais para distinguir a origem; homens gritavam alarmados, avivando lembranças de Forte Alto. Ele achou estranho que o céu acima da cabeça de seu pai parecesse estar repleto de tiras pretas, como as flechas na Colina Sangrenta, outra lembrança indesejável. Ele fechou os olhos, deixando tudo isso de lado e preenchendo a mente com o rosto de Alornis enquanto o que restava de seu sangue se esvaía.

CAPÍTULO ONZE

Frentis

— Véspera do início do inverno — disse o Irmão Lernial em sua voz constantemente neutra.

Ele praticamente não dissera nada desde que chegara com a eorhil no dia anterior, sentando-se na frente de uma fogueira e olhando para as chamas por horas. Insha ka Forna ficou ao seu lado, com o olhar continuamente tomado de expectativa.

— A Sétima Ordem — disse Ivern, observando com Frentis dos limites do círculo de capitães reunidos, seu rosto uma mistura de confusão e desconfiança. — Escondida na Guarda do Reino. E sabe-se lá onde mais.

— O Aspecto Grealin deu a entender que eles possuíam muitos disfarces — disse Frentis.

— Grealin. — Ivern sacudiu a cabeça. — Quantas mentiras você acha que eles nos contaram?

— Suficientes para nos manter a salvo. — Frentis empertigou-se quando o Irmão Lernial disse algo e Insha ka Forna ergueu a mão, fazendo sinal para que se aproximasse.

— O que acontecerá na véspera do início do inverno? — perguntou Banders ao irmão.

— Varinshold. — Lernial franziu o cenho em concentração, uma veia pulsando em sua têmpora e o suor surgindo na testa. — Lorde Al Sorna atacará Varinshold. Algo... algo acontecerá.

— O exército de Al Sorna está em Warnsclave — disse Banders. — Como ele poderia realizar um ataque desses?

Lernial soltou um gemido de dor, arqueou as costas e exalou lentamente, então se curvou para a frente, as feições relaxadas pela exaustão.

— Isso é tudo — murmurou ele.

— Deve haver mais — insistiu Banders, atraindo um olhar furioso de Insha ka Forna.

— Deixa ele! — gritou a eorhil. — Isso... machuca ele, muito.

— Você consegue ouvir os pensamentos de Lorde Vaelin? — perguntou Frentis a

Lernial num tom mais gentil.

O irmão sacudiu a cabeça.

— Apenas do Irmão Caenis. É... mais fácil assim. — Ele deu um leve sorriso. — Mas percorrer os caminhos mesmo da mente mais disciplinada é uma tarefa exaustiva.

Frentis agradeceu com um aceno de cabeça e ergueu-se do lado do homem, afastando-se para falar com Banders e Sollis.

— Três dias até a véspera do início do inverno — disse o Barão. — Pouco tempo para planejamentos. Mandeí meus homens derrubarem as poucas árvores que há por aqui para construírem escadas e máquinas, mas nenhuma está pronta ainda.

— O que faz dos esgotos a nossa única opção — disse Frentis. — Sabemos pelos cavaleiros de Darnel que os Aspectos Elera e Dendrish estão na Fortaleza Negra, talvez até mesmo o Aspecto Arlyn. Não creio que as chances deles serão boas se a cidade for atacada. Eu posso protegê-los, se vocês me permitirem.

— Capturar um portão é mais importante — observou Sollis.

— Os Aspectos...

— Sabem que a Fé às vezes exige sacrifícios. Iremos capturar um portão para que os cavaleiros do Barão Banders possam entrar na cidade, e então nós seguiremos para a Fortaleza Negra.

— Nós, irmão?

O olhar de Sollis estava firme, não deixando espaço para discussões.

— Irmão, você tem liderado bem a sua companhia e eles lhe são leais. Mas a sua lealdade é para comigo. Ou você não está mais disposto a se chamar de irmão?

— Nunca irei me chamar de outra coisa — retorquiu Frentis, a raiva subindo-lhe ao rosto.

Sollis apenas piscou e virou-se para o Barão.

— Partiremos ao amanhecer, o que deve permitir que nos aproximemos da cidade no escuro daqui a três noites. — Ele olhou para Frentis. — Escolha a sua gente e estejam prontos.

Eles seguiram o Rio Salgado em direção a Varinshold, movendo-se em fila única ao longo da margem, que era úmida o suficiente para evitar qualquer nuvem de poeira reveladora. Frentis escolheu Davoka, Draker e Trinta e Quatro para acompanhá-lo pelos esgotos, provocando reclamações incisivas de Arendil e Illian por serem excluídos. Davoka repreendeu com severidade a garota por sua petulância, e

Banders recusou-se até mesmo a conceber a ideia de perder Arendil de vista.

— Você ficará ao meu lado o tempo todo — disse ele ao neto. — Se isso der certo, o feudo precisará de um novo senhor até o final da semana.

Eles pararam após uma jornada de dois dias, ocupando uma depressão rasa do Rio Salgado, com Varinshold fora de vista logo depois do horizonte. Os irmãos de Sollis fizeram o reconhecimento dos arredores, em grande parte capim e extensões de cinzas deixadas pela destruição da Urlish. Eles retornaram ao anoitecer e relataram que os volarianos pareciam ter abandonado as patrulhas.

— É possível que não lhes reste uma cavalaria para isso — sugeriu Ermund. — Matamos centenas no Esporão.

Eles se acomodaram para descansar à medida que a noite caía, aninhando-se em mantos contra o frio, uma vez que não podiam se arriscar a acender fogueiras. Frentis estava sentado observando os outros dormirem, determinado a permanecer acordado, como fizera nas duas últimas noites, lutando contra a exaustão a cada passo. Em determinado momento, ele acordara de repente e se vira sendo segurado na sela por Davoka, sacudindo a cabeça em resposta aos pedidos severos da mulher para que ele descansasse quando chegasse a noite. *Ela espera por mim lá*, sabia ele com uma certeza fria.

— Vai acabar amanhã, irmão? — Era Illian, sentada a alguns metros dele, enrolada num manto tirado de um volariano morto no Esporão. A vestimenta a cobria com facilidade, deixando visível apenas o rosto oval e pálido dentro do capuz.

Tão jovem, pensou Frentis. *Tão pequena. Ninguém imaginaria, assim como ninguém imaginava quando olharam para ela.* Irritado com a comparação, ele desviou o olhar.

— O que vai acabar? — perguntou Frentis, mantendo a voz baixa.

— A guerra — falou ela, aproximando-se. — Draker disse que tudo estará acabado amanhã. — Illian deu um sorriso pesaroso. — Então disse que iria comprar um bordel com os seus espólios.

— Duvido que reste algum para ser comprado, minha senhora.

— Mas é verdade? A guerra vai terminar?

— Espero que sim.

Ela pareceu estranhamente desanimada ao ouvir isso, uma leve indicação do seu beicinho cada vez mais raro surgindo nos lábios.

— Nada mais de *gorin* — murmurou ela. — Nada mais de Davoka. Arendil vai partir para governar o seu feudo, Draker vai para o seu bordel, você para a sua Ordem.

— E a minha senhora?

— Não sei. Não faço ideia se o meu pai está vivo, se a casa dele ainda está de pé.

— E a sua mãe?

A expressão de Illian ficou um pouco carregada.

— Meu pai costumava dizer que ela havia morrido quando eu era pequena. Um dia, ouvi duas das criadas conversando. Ao que parece, minha mãe fugiu com o capitão de um navio quando eu tinha apenas um ano. Meu pai mandou jogar fora todas as peças de roupa dela que havia na casa, assim como todas as imagens. Eu nem mesmo sei como era a aparência dela.

— Nem todos são feitos para serem pais — disse Frentis, pensando na própria família. Se era que podia ser chamada assim. — Qualquer que tenha sido o destino de seu pai, as terras e os bens dele agora são seus por direito. Tenho certeza de que a Rainha providenciará a restituição adequada no seu devido tempo.

— Restituição. — Ela olhou em volta para os campos de cinzas que os cercavam, azul-prateados sob a luz do luar. — Será que isso é possível agora? Tantas coisas foram destruídas. Além disso, não sei se quero retomar a posse de uma ruína vazia.

— Arendil... — começou Frentis num tom cauteloso. — A senhora parece... gostar dele.

Illian soltou um leve suspiro de exasperação envergonhada.

— Eu gosto. Ele é muito meigo, e imagino que a Senhora Ulice um dia encontrará uma esposa acostumada a belos vestidos, bailes e conversas vazias com tolos privilegiados. Eu não sou assim. Não agora, se é que já fui algum dia. — Ela mexeu nas dobras do manto e ergueu a sua besta, segurando firme a coronha com as mãos. — Sou feita para isto. Sou feita para a Ordem, irmão.

Frentis só pôde olhar para a expressão completamente séria da garota.

— Não há irmãs na Sexta Ordem — disse ele, sem saber que outra resposta dar.

— Por que não?

— Simplesmente não há. Nunca houve.

— Porque só homens lutam guerras? — Ela indicou Davoka com a cabeça. — E quanto a ela? E quanto a mim?

Ele se remexeu pouco à vontade e abaixou os olhos.

— A composição das Ordens é determinada pelas doutrinas da Fé. Não podem simplesmente ser abandonadas...

— Poderiam, se você se responsabilizasse por mim. Especialmente se o Irmão Sollis também desse o seu voto. Tudo mudou. Ouvi você mesmo dizer isso.

— É uma ideia tola, Illian...

— Por que é tola?

— Você quer ser como eu? — Frentis se inclinou para a frente, olhando nos olhos dela, subitamente irritado com a ingenuidade da garota. — Tem alguma ideia do que eu fiz?

— Você é um grande guerreiro, e o homem que salvou a minha vida.

Ao ver o olhar perplexo de Illian, ele suspirou e sua raiva evaporou-se ao se recostar.

— Eu matei pelo caminho enquanto atravessava meio mundo para voltar a este Reino, e quando a Rainha vier reclamar o trono, ela irá se certificar de que eu preste contas.

— Pelo quê? Por ganhar a guerra?

Frentis apenas sacudiu a cabeça.

— Eu já fui como você, perdido, em busca de um lar, e implorei o mesmo favor a alguém que acabou se odiando por dizer sim. E já estou farto de ódio, minha senhora. Fale com o Irmão Sollis se quiser. Ele dirá a mesma coisa.

— Veremos — murmurou Illian, ficando num silêncio mal-humorado.

Ele a viu colocar a besta de lado e tirar um virote da aljava, passando a farpa de ferro numa pequena pedra de amolar. *Não*, admitiu ele. *Não serve mais para vestidos e bailes.*

— Sabia que nas selvas no sul do Império Volariano vive uma fera de quatro metros de altura, toda coberta de pelos, e que se parece com um homem sobre pernas de pau? — perguntou Frentis.

Illian inclinou a cabeça para ele e ergueu uma sobrancelha.

— Você está inventando isso.

— Não, é verdade. Juro pela Fé. E nos oceanos a leste há tubarões enormes, tão grandes quanto uma baleia e listrados de vermelho de ponta a ponta.

— Ouvi falar desses — admitiu ela. — Meu tutor me mostrou uma ilustração uma vez.

— Bem, eu os vi. Há mais do que guerra para se encontrar neste mundo, Illian. Há tanto coisas belas quanto feias, desde que você tenha os olhos para vê-las.

Ela soltou uma risada.

— Talvez um dia eu encontre um capitão de navio para mim e vá em busca delas. — As palavras eram vazias, ele sabia, o humor forçado. Ela já havia decidido seguir um único curso.

— Espero que sim.

Ele a viu franzir a testa ao olhar para o seu rosto, a beleza jovem desfigurada pela preocupação.

— Você *precisa* dormir, irmão. Por favor. Eu vou vigiar. Se você começar a ficar... inquieto, eu lhe acordo.

Há alguns sonhos de onde não há como acordar. Contudo, ele estava muito cansado agora, e uma batalha o aguardava dentro de menos de três horas.

— Não descuide do seu próprio sono — disse a ela, deitando-se de lado, respirando e fundo e então fechando os olhos.

Ela está sentada sozinha numa câmara espaçosa com chão de mármore e mobília refinada; é o meio da tarde e uma brisa suave balança as cortinas de renda sobre os arcos que levam à sacada. A câmara pertencia ao Conselheiro Lorvek e está repleta de artefatos comprados ou roubados de todos os cantos do mundo: estátuas alpiranas de bronze e mármore, belas pinturas do Reino Unificado, louças primorosas do Extremo Ocidente, máscaras de guerra extravagantes das terras das tribos do sul. Uma coleção inestimável, o fruto do trabalho de várias vidas. É como eles perduram, esses poucos seres em roupas vermelhas, preenchendo os seus dias intermináveis com obsessões sucessivas, por arte, riqueza, carne... ou assassinato.

Ela passa os olhos pela coleção de Lorvek e decide que mandará destruir tudo na manhã seguinte. A alimentação, dois dias antes, a deixara revigorada, mas com uma inquietude desagradável. O dotado havia sido de fato sórdido, um homem comum de meia-idade com a habilidade de manter uma pessoa paralisada, imóvel, mas consciente. Ele passara mais de duas décadas vagando pelo império matando mulheres, paralisando-as para que pudessem apenas sofrer em silêncio enquanto ele causava toda espécie de tormentos em suas carnes. Com o devido tempo, ele teria sido um recruta útil para o Aliado, mas sua mente estava desregulada demais para justificar o esforço necessário. O homem tentara resistir a ela, sentindo de alguma forma a ameaça, apesar das drogas, lançando seu dom contra ela como uma mão invisível agitada por um bêbado confuso. Ela teria rido dele em outra época, até mesmo se retirado por um tempo para permitir que o efeito da droga diminuísse antes de retornar para desfrutar da fúria impotente do homem enquanto ela prolongava tudo aquilo. Porém, ela não riu, o miserável atabalhado merecia pouca consideração e certamente nenhuma pena, mas o sangue da garganta dele, que ela cortara, tivera um gosto de podre, fazendo-a lutar contra a ânsia de vômito e se forçar a beber bastante, perguntando-se se todas as mortes

que ela causara também maculariam o seu sangue.

Ela afasta a lembrança e regula a respiração, acalmando a mente, focalizando os pensamentos. Eu sinto você, amado, diz a ele. Sei que você também me sente.

Ela aguarda com a mente aberta uma resposta, ciente de que ele está lá, mas sentindo apenas a intensidade de seu desprezo. Não vai falar comigo?, implora ela. Você também não está só? E nós dividimos tantas coisas.

A raiva aumenta, atravessando o grande abismo para açoitá-la, fazendo-a estremecer. Eu temo por você, insiste ela. Nós sabemos que ela está viva, amado. Sabemos que ela está indo tomar a cidade, e você sabe o que ela fará quando o encontrar.

A raiva diminui, substituída por uma aceitação taciturna e uma grande culpa.

Esqueça todo esse absurdo que instilaram em você, implora ela. Todas as mentiras que lhe contaram. A Fé é uma ilusão infantil, a nobreza a máscara de um covarde. Não foram feitas para gente como nós, meu amado. Você sentiu, quando estávamos matando juntos. Eu sei que sentiu. Estávamos acima de todos, e podemos ficar novamente. Parta agora. Corra. Volte para mim.

A sensação muda, a emoção desaparece para dar lugar a uma imagem, uma jovem de beleza misteriosa, metade do rosto banhado pela luz do fogo, a testa franzida de confusão e pesar. Os lábios se movem, mas ela não ouve o som, embora saiba as palavras com uma clareza absoluta. Eu fiz o meu acordo, amado. Não posso fazer outro.

Eu não tive escolha, ela lhe diz agora.

A imagem desaparece, girando na mente dela até se transformar numa voz, seca e fria, mas maravilhosamente familiar. Eu também não.

Eles se reuniram duas horas antes do amanhecer em torno de Sollis, que desenrolava um mapa recém-desenhado da cidade, apontando para o portão nordeste.

— Sugiro um ataque em duas direções, meu senhor — disse ele a Banders. — Os seus cavaleiros farão uma investida ao longo da Travessa do Portão, que é larga o suficiente para dez homens andarem lado a lado e leva diretamente ao porto. Se for bem-sucedido, vocês dividirão a cidade em duas e semearão confusão nas fileiras do inimigo. Os meus irmãos, a companhia do Irmão Frentis e os renfaelinos irão para a Fortaleza Negra. É uma fortaleza resistente e servirá como local para uma retirada, caso a maré da batalha se vire contra nós.

Banders assentiu e virou-se para se dirigir aos seus capitães reunidos:

— Estamos em desvantagem, como sabem. Mas soubemos que Lorde Vaelin está vindo para tomar esta cidade, e pretendo ajudá-lo a fazer isso. Digam a todos os cavaleiros e soldados que quando amanhecer ninguém deixará de atacar e que não será mostrada nenhuma reserva ou misericórdia. A cidade está infestada, e nós iremos purificá-la. — Ele olhou para Arendil, acrescentando em tom sombrio: — Lorde Darnel não deve ser capturado vivo, independentemente de qualquer apelo às tradições cavalleirescas. Ele perdeu o direito à vida e ao título de cavaleiro há muito tempo.

Os quatro partiram a pé para a cidade, seguindo a extensão de muralhas ao norte, onde o Rio Salgado deixava o local através de uma grande comporta. Eles se arrastaram lentamente no último quilômetro, com Draker resmungando atrás e recebendo um chute irritado de Davoka. O fora da lei se tornara muito mais furtivo com o passar dos meses, mas com frequência precisava de um lembrete. Como esperado, a comporta era vigiada demais para que pudessem entrar, mesmo que fosse possível vencer a corrente espumante que passava por cima da barreira num fluxo constante. Em vez disso, Frentis os levou para dentro do rio e seguiram a muralha para o norte. Eles vestiam roupas de tecidos leves, as botas haviam sido abandonadas antes de entrarem na água gelada e suas armas limitavam-se a adagas e espadas.

O cano saía da muralha um metro acima da água onde o rio começava a afastar-se da cidade e a seguir a sua longa jornada sinuosa até o centro do Reino. Um fluxo contínuo saía do cano, deixando uma mancha nauseabunda no rio que fez Draker ter ânsias de vômito enquanto nadavam em suas águas. Frentis encostou-se na muralha, mantendo os olhos fixos no parapeito acima e encontrando-o vazio, embora se ouvisse o murmúrio de vozes volarianas perto dali. Ele não levava aquela saída em consideração quando escaparam da cidade durante a invasão devido à facilidade com que arqueiros os teriam abatido assim que saíssem do rio. Agora apostava na vulnerabilidade do local, duvidando que mesmo uma alma tão cautelosa quanto o Rosa Sangrenta veria muito perigo numa entrada tão exposta.

Frentis moveu-se ao longo da muralha, explorando-a com as mãos à procura de apoios, mas sem encontrar nada.

— É escorregadia demais, irmão — sussurrou Draker ao seu ouvido, raspando limo da pedra com a sua mão grande.

Frentis virou-se quando Trinta e Quatro deu um tapinha em seu ombro. O escravo bateu no peito e apontou para a boca do cano, e então fez um movimento de impulso para cima com os braços. Frentis deu mais uma olhada na muralha coberta

de limo e assentiu, relutante. Eles teriam de arriscar o barulho de algo agitando a água se fossem seguir em frente.

Ele e Davoka colocaram-se ao lado de Trinta e Quatro, respiraram fundo e mergulharam na água. Frentis agarrou a perna magra do homem e colocou o pé dele em seu ombro, contou até três para garantir que Davoka se preparara da mesma forma, estendeu a mão para bater no braço da lonak e os dois se levantaram ao mesmo tempo, erguendo Trinta e Quatro para fora da água, e ele se agarrou à borda do cano. Trinta e Quatro ficou pendurado por alguns segundos enquanto eles observavam a muralha acima, aguardando por algum sinal de terem sido descobertos. Nada. Até mesmo o murmúrio de vozes tinha desaparecido.

Trinta e Quatro subiu no topo do cano e pegou a corda enrolada que Frentis lhe atirou, passando-a em volta do grande tubo de ferro e a amarrando firme com a sua costumeira facilidade com nós. Draker subiu primeiro, esgueirando-se para dentro do cano e engolindo xingamentos pela imundície que agora se amontoava à sua frente. Passaram-se vários momentos ansiosos até a sua cabeça finalmente desaparecer dentro do encanamento. Davoka o seguiu, grunhindo ao subir na abertura, empurrando o corpo de Draker à sua frente. Frentis fez sinal para que Trinta e Quatro fosse em seguida e então subiu, lançando um último olhar para as muralhas ao desamarrar a corda do cano, arrastando-a atrás de si enquanto se esgueirava adiante.

— Nada como o cheiro do lar, hein, irmão? — perguntou Draker quando ele chegou aos esgotos. O fora da lei corpulento estava de pé no canal em meio à correnteza de imundície, olhando para os dois lados. — Acho que é por aqui — disse ele, apontando para a direita. — Pelo que me lembro, o canal faz a curva em direção ao portão.

— Vá na frente — disse Frentis.

Levaram mais de uma hora chapinhando na água poluída e fizeram umas duas curvas erradas até chegarem ao escoadouro apropriado. Era uma grade de ferro a seis metros do portão norte com uma abertura estreita, onde a muralha interna encontrava-se com a estrada. Frentis lembrava-se de certa vez passar pela abertura com relativa facilidade, muitos anos antes, quando fugira de um lojista vingativo. No entanto, agora até mesmo Trinta e Quatro achava a abertura estreita demais.

— Tem uma mais larga na Rua da Pederneira — lembrou Draker.

— Longe demais — disse Frentis. Ele olhou pela abertura para as ruas arrasadas mais além, avistando uma série de silhuetas irregulares, paredes caídas e construções incendiadas, sem qualquer proteção eficaz, o céu acima agora de um azul-cinza que indicava a rápida aproximação do nascer do sol. — Eles nos verão nos aproximando.

Ele puxou uma adaga do cinto e começou a raspar a argamassa ao redor dos tijolos que formavam a abertura, logo acompanhado pelos outros.

— Com cuidado — disse ele a Draker, quando o homenzarrão bateu a espada curta com força na argamassa.

O sol já havia nascido quando soltaram tijolos suficientes para poderem passar, e longas sombras estendiam-se das ruínas quando eles saíram para o ar livre. Frentis os conduziu de sombra em sombra em direção ao portão, encontrando-o guarnecido por uma dúzia de Varitai.

— A gente devia ter trazido Illian — resmungou Draker em voz baixa. — Ela mataria alguns num piscar de olhos.

Frentis fez sinal para Trinta e Quatro.

— Precisamos de uma distração.

O ex-escravo assentiu, embainhou a espada curta, levantou-se e correu na direção do portão, gesticulando freneticamente.

— O general! — gritou ele em volariano quando os Varitai avançaram, indo confrontá-lo com as espadas desembainhadas. — Ele está chamando vocês! — prosseguiu Trinta e Quatro, apontando na direção do quadrante sul. — Escravos estão se rebelando! Vocês precisam vir!

Como esperado, eles ficaram parados, encarando-o em silêncio. Os Varitai eram condicionados a responder apenas a ordens dadas pelos seus oficiais, e não havia chance alguma de que fossem seguir os comandos do ex-escravo. Contudo, olharam em sua direção quando ele surgiu correndo e então parou, gesticulando sem parar para que se aproximassem.

— Venham! Venham! Ou eu serei esfolado vivo!

Um sargento Espada Livre de aparência cansada saiu da casa da guarda esfregando olhos embaçados e afivelando o cinto da espada, quando então avistou o escravo desesperado.

— Que merda você quer?

Frentis acenou com a cabeça para os outros e esgueirou-se para fora da sombra, aproximando-se sorrateiro e escondido por uma pilha baixa de tijolos enegrecidos, a menos de cinco metros do portão.

— Uma revolta, honorável cidadão! — gritou Trinta e Quatro ao sargento, com um choro incrivelmente convincente na voz. — Por favor! Ah, por favor!

— Cale a boca — disse o sargento, cansado, indo na direção de Trinta e Quatro, claramente intrigado pela roupa do homem, imunda até mesmo para um escravo, e ao ver a espada que ele carregava. — Quem lhe deu essa arma? Me dê isso aqui!

— Certamente, honorável senhor — respondeu Trinta e Quatro quando o sargento tentou lhe tomar a espada, desembainhando-a com um único movimento fluido e passando a lâmina pelos olhos do homem. Trinta e Quatro passou com agilidade pelo sargento quando o homem caiu de joelhos, gritando e agarrando o rosto, matou um Varitai com uma estocada no pescoço e então se virou e correu. Seis Varitai saíram em perseguição, um caindo morto com uma faca de Frentis na garganta, outros dois rapidamente abatidos por Davoka e Draker.

Frentis pegou a lança derrubada pelo Varitai que ele matara e a arremessou contra o seu companheiro que avançava com força suficiente para atravessar o peitoral do volariano. Trinta e Quatro derrapou até parar, girou nos calcanhares e desferiu um golpe preciso na perna do Varitai que o perseguia, o golpe de Draker quase decapitando o soldado-escravo enquanto o homem tombava.

— Fiquem perto! — ordenou Frentis, recolhendo uma lâmina caída e correndo para o portão com uma espada em cada mão.

Os cinco Varitai remanescentes entraram numa formação defensiva compacta, os rostos impassíveis por trás das lanças apontadas. Frentis arremessou a espada da mão esquerda no homem do centro, e a lâmina cravou-se em seu rosto logo abaixo do elmo.

Frentis saltou pela brecha, golpeando à esquerda e à direita, os outros se aproximando para dar cabo dos que ele feria. Um grito cheio de dor atraiu seu olhar e ele viu Draker caído de costas, bloqueando estocadas da lança de um Varitai, um corte aberto em sua testa. Davoka foi ajudá-lo, mas o fora da lei mostrou as habilidades adquiridas a duras penas rolando sob a guarda do Varitai e espetando a sua virilha, estragando um pouco o feito ao derrubar o soldado-escravo com uma série de golpes frenéticos, enquanto obscenidades saíam numa torrente dos seus lábios.

— Levante o portão — disse Frentis a Davoka, seguindo para os degraus que levavam ao parapeito. Ele encontrou dois Espadas Livres ali, os rostos jovens horrorizados com a carnificina que haviam testemunhado abaixo, apontando as espadas para ele com mãos trêmulas.

— Lutem ou fujam — disse Frentis a eles em volariano. — Vocês morrerão hoje, de qualquer forma.

Eles fugiram, saindo em disparada pelo parapeito sem olhar para trás.

— Digam aos seus companheiros que o Irmão Vermelho está aqui! — gritou Frentis na direção deles antes de se virar e tirar uma tocha de um suporte.

Ele saltou para as ameias e agitou a tocha de um lado para outro, olhando para os campos enevoados além das muralhas. Poucos segundos depois, viu uma única

tocha despontando, ardendo com mais intensidade à medida que o seu portador se aproximava, e dois mil cavaleiros renfaelinos surgiram da névoa a todo o galope. Banders estava claramente visível na frente da coluna compacta, a armadura falsamente enferrujada reluzindo ao sol nascente, ladeado por Arendil e Ermund. Eles atravessaram o portão a tropel sem parar, o estrépito das ferraduras nas pedras tornando-se ensurdecedor ao investirem pela Travessa do Portão. Alguns Varitai chegaram correndo do quadrante oeste para confrontá-los, uma única companhia conseguindo entrar em formação de um lado a outro da rua antes de ser atropelada pela onda de cavalos e aço.

— Irmão! — Frentis olhou para baixo, do alto da casa da guarda, e encontrou Ivern sorrindo e montado, com o cavalo de Frentis ao seu lado. — A Fortaleza Negra nos aguarda!

A enorme fortaleza já entrara em alvoroço quando eles chegaram lá, e dois Varitai jaziam mortos no portão principal e muitos outros no interior. Eles foram obrigados a abrir caminho lutando pelo pátio conforme mais guardas surgiam correndo de um labirinto de passagens sombrias, a maioria Varitai, com alguns Espadas Livres que não demonstravam nenhum sinal da covardia de seus companheiros da muralha. Sollis conduziu os irmãos pelas escadas até os níveis superiores, varrendo os arqueiros do parapeito e disparando as próprias flechas contra os defensores no pátio abaixo.

Frentis conduziu a sua companhia de porta em porta, Draker as arrombando enquanto procuravam pelos Aspectos, encontrando apenas mais volarianos, a maioria disposta a lutar, outros amedrontados, mas todos destinados a morrer. Ele estava saindo de um depósito quando um Kuritai surgiu das sombras, as espadas curtas reluzindo. Frentis aparou o primeiro golpe, mas escorregou numa poça de sangue e caiu nas lajes, o Kuritai assomando sobre ele... e então o homem tombou morto quando um virote atravessou o seu peitoral.

— Não é do seu feitio ser tão desajeitado, irmão — observou Illian do outro lado do pátio, as palavras um pouco indistintas pelo virote que segurava entre os dentes enquanto apoiava a besta no diafragma para puxar a corda para trás.

Frentis estava prestes a lhe dizer para se juntar ao Irmão Sollis no parapeito, mas sua atenção foi atraída para a comoção que se ouvia de uma porta entreaberta no fundo do pátio. Ele foi até lá e encontrou degraus que desciam para as profundezas da Fortaleza Negra. Gritou para que Davoka o seguisse e desceu correndo. Ao pé da escada ele encontrou um Espada Livre morto com o que pareciam ser dardos de aço cravados nos olhos; ao lado dele havia o corpo de um homem num uniforme esfarrapado da Guarda da Cidade, com uma espada ensanguentada na mão e a barriga aberta.

Na câmara depois da escada jaziam três Varitai com dardos cravados nos pescoços; do outro lado dos corpos, uma jovem engalfinhava-se com um Espada Livre corpulento, o sangue escorrendo do nariz e dos olhos dela quando ele a forçou a ficar de joelhos, a espada curta a centímetros de sua garganta. Frentis preparou-se para desferir uma estocada, mas Illian foi mais rápida, disparando um virote na têmpora do volariano antes que ele pudesse usar a lâmina.

A mulher cedeu sob o Espada Livre, que tombou, o sangue lhe brotando dos lábios ao soltar um gemido de quase total exaustão. Frentis tirou o corpo de cima dela e a ajudou a se sentar, notando que os olhos da mulher ainda brilhavam, apesar da palidez.

— Meu irmão... — sussurrou ela.

— Irmão?

— Rhelkin... Guarda da Cidade.

Frentis sacudiu a cabeça e a mulher gemeu de tristeza, piscando para afastar lágrimas vermelhas antes de tornar a falar.

— Aspectos... estão salvos?

Ele passou os olhos pela câmara e avistou as celas. De uma delas ele podia ouvir uma batida implacável, uma voz no interior gritando algo ininteligível, mas com um estranho tom de autoridade.

— Reviste os corpos — disse ele a Illian. — Encontre as chaves.

O Aspecto Dendrish ficou imóvel e empertigado quando a porta se abriu, o rosto rígido e calmo, embora os olhos piscando rápido revelassem um homem à espera de uma morte ligeira.

— Aspecto — cumprimentou-o Frentis com uma mesura. — Irmão Frentis. Duvido que você lembre, mas nos encontramos no meu Teste do Conhecimento...

O Aspecto pareceu se encolher, soltando um imenso suspiro de alívio e dobrando-se para a frente tanto quanto o seu corpo permitia.

— Onde está a Aspecto Elera? — perguntou ele após um momento, erguendo um rosto encovado que de algum modo conseguira preservar um vestígio da arrogância de que Frentis se lembrava.

— Irmão Frentis — disse ela quando a porta se abriu, sentando-se na cama e lhe dando as boas-vindas com um sorriso, as mãos entrelaçadas sobre o colo. — Como você cresceu. Alucius está com você?

Ouviu-se o som de passos apressados e Ivern apareceu na porta da cela com um sorriso mais largo do que de costume.

— O Irmão Sollis envia os seus cumprimentos, Aspectos — disse ele, acenando

rapidamente com a cabeça para eles antes de se dirigir a Frentis. — Ele disse para você reunir a sua gente e esquecer a defesa deste lugar. Precisamos ir para as docas.

CAPÍTULO DOZE

Vaelin

— Eu já lhe disse — começou Nortah, sua pele um tanto acinzentada à luz fraca do porão — quanto detesto viajar de navio?

Atrás dele um de seus combatentes concordou com um grunhido e vomitou dentro do próprio elmo.

— Faça isso no chão — repreendeu-o Nortah. — Logo você terá de usar o elmo.

Vaelin deu um tapinha no braço do irmão e foi para o fundo do porão, passando por fileiras de combatentes trajando armaduras volarianas e descendo a escada até o convés inferior onde os seordah estavam sentados sofrendo da mesma forma. Ele encontrou Hera Drakil sentado ao lado de uma portinhola entreaberta, de olhos fechados e a com a boca aberta para respirar o ar fresco do exterior.

— Estamos a dez quilômetros do porto — disse Vaelin ao seordah, que franziu a testa, confuso. — Logo chegaremos — explicou ele. — Prepare a sua gente.

— Eles estão prontos para sair desta coisa horrível desde que entraram nela — retorquiu o chefe de guerra com um brilho furioso no olhar.

Sem a orientação de Dahrena, persuadi-los a tomar parte naquele estratagema não fora uma tarefa fácil. Vaelin explicara tudo em detalhes para Hera Drakil, com a Rainha fazendo promessas de grandes recompensas e gratidão eterna caso eles concordassem em velejar até Varinshold. O seordah escutara tudo em silêncio e então retornara ao acampamento de seu povo. Vaelin e Lyrna permaneceram por perto, assistindo ao desenrolar da discussão. Os seordah não eram um povo expressivo, era raro erguerem a voz ou gesticularem, de modo que a quietude crescente evidente nos vários chefes de guerra, ao se sentarem em círculo e debaterem os méritos do plano de Vaelin, tivera um ar meio sinistro. Por fim, após várias horas e com o cair da noite, Hera Drakil retornou, o rosto rígido de relutância ao dizer: “Nós vamos para a grande água.”

— Sal manchando cada respiração — disse o seordah. — Sem terra sob os nossos pés. Como é possível aguentar uma coisa dessas?

— Por ganância ou necessidade — respondeu Vaelin. — Lembra-se do seu papel nisso?

— Matar todos os duas-espadas que encontrarmos e seguir para a grande

construção preta. — O seordah se remexeu quando Vaelin levantou-se, inclinando-se para a frente e o encarando fixamente com o mesmo olhar indagador que lhe lançava desde Alltor. *O que ele procura?*, perguntou-se Vaelin mais uma vez quando os olhos do chefe encontraram os seus. *Ele se pergunta se há outra alma por trás dos meus olhos? Ou é mais sobre o que eu posso ter trazido de volta?*

— Você... — O seordah fez uma pausa, procurando as palavras certas. — Você é mais... você agora, *Beral Shak Ur*.

Vaelin respondeu com um aceno cauteloso de cabeça. Ele na verdade se sentia mais forte; o frio havia praticamente deixado os seus ossos. Além disso, no seu último exercício com Davern ele realmente derrotara o construtor de barcos, para deleite de sua irmã. Ela passara a assistir aos confrontos diários e deu um grito de triunfo quando a espada de Vaelin encontrou uma brecha nas defesas de Davern, golpeando-o no diafragma com força suficiente para provocar um grito de dor repleto de obscenidades. Ele sentiu certo prazer com a fúria carrancuda do homem diante das provocações de Alornis, mas teve o cuidado de não deixar isso evidente ao agradecer ao sargento pelos seus serviços e liberá-lo de obrigações futuras.

— Eu estou *sempre* à sua disposição, meu senhor — disse Davern por entre os dentes.

Vaelin seguiu para o convés superior e juntou-se a Reva no leme, que trajava a cota de malha leve, com a espada atravessada nas costas e o arco na mão, rindo de algo que o Escudo dissera. O humor do homem desapareceu ao avistar Vaelin, e Escudo fez sinal para que o seu timoneiro assumisse o timão, oferecendo uma medida rápida.

— Meu Senhor da Batalha.

— Lorde Almirante Ell-Nestra — cumprimentou Vaelin, fazendo uma medida mais longa. O Escudo escondia o seu ressentimento com mais cuidado do que Davern, mas ele suspeitava que fosse igualmente profundo.

— Imagino que os nossos selvagens de estimação estejam preparados, não? — perguntou Ell-Nestra.

— Não os chame assim — disse Vaelin, incomodado com a facilidade com que o Escudo os provocava. *Derrota e humilhação são péssimas tutoras, ao que parece.*

— Perdão, meu senhor. Mas o senhor deve concordar que eles dão péssimos marinheiros.

— Quem pode culpá-los? — perguntou Reva, o rosto levemente menos acinzentado do que o de Nortah. — Eu enfrentaria meio mundo para sair desta banheira.

— Banheira? — O Escudo virou-se para ela com fúria simulada. — Minha

senhora insulta a melhor embarcação já capturada por um sabre meldeneano. Ora, eu a desafiaria, se a senhora não fosse apenas uma mulher frágil.

Ele aceitou de boa vontade o tapa ligeiro que Reva lhe deu, fazendo-a rir novamente com uma medida floreada e afastando-se para ordenar ao seu imediato que reunisse um grupo de combate. *Pensei que pelo menos ela seria imune ao charme dele*, pensou Vaelin, aborrecido.

— Sua gente está pronta? — perguntou ele a Reva.

Ela ergueu a cabeça para o cordame acima e Vaelin viu os arqueiros amontoados nas plataformas no alto dos dois grandes mastros da gigantesca embarcação. Uma figura inclinou-se por sobre a beira da plataforma e acenou para eles, e Vaelin reconheceu a silhueta de Bren Antesh. Ele percebeu certa impaciência nos movimentos do arqueiro.

— Acho que o seu Lorde dos Arqueiros está ansioso para que você se junte a ele lá no alto.

— Nesse caso, ele ficará desapontado — retorquiu Reva com um olhar firme.

Vaelin deixou o assunto de lado; adverti-la parecia irrelevante, dada a missão que teriam pela frente. *Uma aposta temerária*, o Conde Marven a chamara, não sem justificativa. Vaelin olhou para os dois navios que os seguiam, as únicas embarcações volarianas capturadas pelos meldeneanos durante a sua breve campanha, cada uma repleta com mais seordah. Além do horizonte aguardavam todos os navios que puderam requisitar sem aviso prévio, trinta embarcações carregadas com mais gente da floresta e três regimentos da Guarda do Reino, incluindo os Lobos Corredores. A nata daquele novo exército, arriscada na expectativa da arrogância volariana.

O Escudo entrara em Warnsclave um dia depois da chegada de Belorath, sua grande nau capitânia carregada de suprimentos roubados, relatando o seu desalento por não ter conseguido capturar um navio de tamanho e modelo iguais ao seu próprio monstro recém-adquirido.

— Foi como enfrentar uma imagem refletida num espelho — disse ele a Lyrna, o seu costureiro entusiasmo um pouco abrandado e, ao contrário da maioria, menos inclinado a olhá-la no rosto. — Exceto que era comandada por um tolo — prosseguiu ele. — Infelizmente, os incêndios que começamos no navio foram grandes demais e ele afundou, junto com algumas centenas de Espadas Livres, a julgar pelos gritos.

Fora então que a ideia lhe ocorrera, despertando instintos que Vaelin pensava ter perdido com a sua canção. *Eles estão esperando pelo irmão do Despeito da Tempestade em Varinshold*. Ele ponderara a respeito durante um dia e uma noite

antes de procurar a aprovação da Rainha.

— Não temos navios suficientes para o exército inteiro — lembrou-lhe Lyrna.

— Mas suficientes para tomar as docas, e Varinshold resistirá ou cairá dependendo de quem as dominar. Além do mais, o Irmão Caenis informará ao exército renfaelino a necessidade de se atacar na véspera do início do inverno, por meio do Irmão Lernial.

— As chances. — Ela sacudiu a cabeça. — Mesmo que esses renfaelinos, quem quer que sejam, cavalguem em nosso auxílio, as chances ainda não estarão a nosso favor. Marven tem razão, o risco é grande demais.

— Não para os seordah — disse Vaelin. — Não se realizarem o primeiro ataque, auxiliados pelos arqueiros da Senhora Reva. As docas serão tomadas dentro de uma hora.

— As proezas deles o impressionam tanto assim?

Vaelin lembrou-se dos Kuritai naquele dia, com a chuva caindo, rápidos e mortais, mas parecendo crianças lentas quando o povo da floresta rompeu as suas fileiras.

— A senhora não os viu em Alltor, Alteza. — Ele se empertigou, dirigindo-se a ela formalmente. — Minha Rainha, como Senhor da Batalha eu lhe digo que é somente dessa maneira que Varinshold estará em nossas mãos antes do fim do ano.

— Pelo Pai — sussurrou Reva, trazendo-o de volta ao presente.

Ela estava na amurada quando o navio dobrou o promontório e avistaram Varinshold. Por um momento Vaelin teve certeza de que haviam navegado para libertar apenas uma ruína, o quadrante sul inteiro aparentemente nada mais do que um aglomerado de tijolos empilhados e madeiras enegrecidas. No entanto, ao se aproximarem, ele começou a discernir construções familiares ainda de pé em meio aos escombros: as casas dos mercadores que davam para o porto, a ala norte do palácio que mal podia ser vista em meio à neblina matutina que se dissipava e, no centro, a silhueta escura da Fortaleza Negra, onde Vaelin esperava que os Aspectos ainda estivessem vivos.

Reva deu as costas àquele cenário, com o rosto sombrio, e acenou para os arqueiros acima, que se agacharam de pronto, desaparecendo de vista. O Escudo vestiu uma cota de malha de elos largos e afivelou o sabre.

— Melhor ficar perto de mim, minha senhora — disse ele a Reva com uma piscadela. — Irei protegê-la.

Dessa vez ela não riu, a visão da cidade aparentemente lhe privando do humor.

— São eles que precisam de proteção — murmurou ela, indicando com a cabeça os volarianos que agora estavam visíveis no cais. Seu rosto ficou tenso, ela franziu a

testa e fixou o olhar. Em qualquer outra mulher de sua idade aquilo poderia ser interpretado como mau humor, mas Vaelin sabia que era a expressão que ela exibira durante o cerco, a expressão que muitos volarianos viram em seus últimos segundos de vida.

Ele colocou a mão no ombro de Reva e ela a apertou antes de se afastar e ir para a proa. Os homens escolhidos de Nortah estavam subindo para o convés, trajando equipamentos volarianos, o seu irmão se passando por um convincente comandante de batalhão de Espadas Livres ao colocá-los em formação. Ele seria o primeiro a descer a rampa para trocar saudações com qualquer volariano graduado que aparecesse para recebê-los, antes de matá-lo e liderar a investida contra a escolta dele, enquanto os arqueiros cumbraelinos despejavam uma chuva mortal sobre todos os outros.

As velas foram ajustadas quando se aproximaram da entrada do porto, tudo em silêncio para evitar que os que se encontravam em terra se perguntassem por que podiam ouvir vozes meldeneanas num navio volariano. Vaelin via com mais clareza a comitiva de recepção, fileiras precisamente alinhadas de Espadas Livres parados atrás de um único oficial, com sorte o comandante volariano mais graduado da cidade. Uma visão animadora, uma vez que provavelmente seria aquele homem quem cumprimentaria Nortah e, caso não fosse, era quase certo que morresse na chuva de flechas. À esquerda havia uma figura alta montada num cavalo de guerra, o longo cabelo escuro preso para trás, deixando visível o belo rosto. Lyrna dera ordens para que Darnel fosse capturado vivo se possível, ansiosa para extrair quaisquer informações que ele tivesse a respeito dos planos volarianos, mas Vaelin não achava que as chances do homem seriam boas quando a Guarda do Reino desembarcasse. Ele teria de pedir ao Escudo para tirá-lo de lá...

Vaelin empertigou-se quando o cavalo de Darnel começou a empinar de repente e derrubou o dono da sela, escoiceando com os cascos. Por um segundo tudo se transformou em confusão quando o cavalo enlouqueceu, atropelou homens e disparou para longe, e então ele viu o jovem correndo na direção de Darnel, um brilho de aço na mão.

Alucius!

Ele viu tudo, de pé e impotente conforme o navio se aproximava da costa. Viu a espada de Darnel cortar o peito de Alucius, viu uma figura alta e familiar empalar Darnel com o cravo que usava no lugar da mão, viu o comandante volariano reunir seus homens em resposta.

— Antesh! — gritou Vaelin, colocando as mãos em volta da boca para que sua voz chegasse às plataformas. A cabeça do Lorde Arqueiro surgiu sobre a beirada da plataforma e Vaelin apontou para o cais. — Matem todos!

Reva apareceu ao seu lado.

— O que houve?

— Esqueça o plano — disse ele, passando a mão sobre o ombro para sacar a espada, o cais agora a não mais do que três metros. — Diga a Nortah para desembarcar com os homens e começar a matar.

Ele subiu na amurada, vendo as flechas cortarem o ar, volarianos tombando às dezenas, Al Hestian visível em meio à confusão, agachado sobre o corpo do filho para protegê-lo. Vaelin fez uma última inspeção no cais e saltou da amurada, aterrissando com força e rolando para absorver o impacto. Ele correu na direção de Al Hestian e viu seu caminho bloqueado por um aglomerado de Espadas Livres, que usavam os corpos dos companheiros como escudos enquanto recuavam sob as ordens de um sargento veterano. Vaelin abriu caminho por entre eles com a espada, segurando a arma com as duas mãos ao desferir os golpes, e dois volarianos tombaram um depois do outro, o sargento veterano cravejado no peito e no pescoço por várias flechas, os outros tentando fugir, mas caindo em seguida sob a chuva mortífera.

Vaelin continuou correndo, matando qualquer volariano que tentasse lhe barrar o caminho. A espada cortava e reluzia com toda aquela graciosidade natural e terrível que ele pensara ter perdido, bloqueando e matando enquanto se movia instintivamente. *Talvez nunca tenha sido a canção*, pensou ele sombriamente, esquivando-se de uma estocada de um Espada Livre, movendo-se para trás dele e abrindo a sua nuca. *Não é preciso uma canção para ser um matador.*

Ele avistou Al Hestian adiante, ainda agachado sobre Alucius, e um grupo de volarianos correndo em sua direção. Algo zuniu pelo ouvido de Vaelin, e o volariano que vinha à frente caiu morto com uma flecha cravada no peitoral. Vaelin olhou para trás e viu Reva disparando flechas com o seu arco belamente entalhado com uma velocidade e precisão que ele sabia que jamais igualaria. Correu até Al Hestian, vendo mais dois Espadas Livres tombarem com as flechas de Reva. Outro se aproximou o suficiente para golpear o antigo Senhor da Batalha. Vaelin saltou, estendendo a lâmina para bloquear o golpe, e esmurrou o rosto do homem. O volariano cambaleou, ergueu a espada curta para um contragolpe, e então jogou a cabeça para trás e tombou quando uma das flechas de Reva encontrou seu olho.

— Alucius! — Vaelin empurrou Al Hestian de lado e agachou-se ao lado do poeta, passando os olhos do ferimento terrível até seu rosto, cujas feições estavam lívidas, os olhos semicerrados. Reva agachou-se ao seu lado, tocando o rosto de Alucius e dando um suspiro de pesar.

— Beberrão — sussurrou ela.

— Artesão! — gritou Vaelin, levantando-se e olhando para o mar. — Ele está no terceiro navio com os outros dotados...

— Vaelin — disse ela, agarrando o seu braço. — Ele morreu.

Vaelin ficou parado, tirando os olhos do corpo de Alucius quando os seordah passaram correndo por eles, de ambos os lados, chocando-se com as fileiras de Espadas Livres reunidas às pressas e as desbaratando. Alguns lutavam, golpeando com as espadas curtas os fantasmas silenciosos e rápidos demais que os atacavam, suas lâminas encontrando apenas o ar ao tombarem às dezenas. Outros fugiam, correndo em meio às ruínas ou pulando do cais, mais dispostos ao afogamento do que a enfrentar tamanha investida. Aqui e ali era possível ver Kuritai, que conseguiam acertar um ou dois golpes antes de serem abatidos a porretadas. Para além da matança, Vaelin podia ver uma formação compacta de volarianos aumentando no espaço mais aberto próximo do distrito dos armazéns, fileiras de Varitai alinhando-se com sua precisão espantosa.

— Eles vão recuar para o palácio.

Vaelin virou-se e deu com Lakrhil Al Hestian encarando-o com um olhar vago sob a testa franzida, a voz embotada e indiferente:

— Há armadilhas de fogo em volta das muralhas. Eles poderiam resistir por dias.

Ele olhou mais uma vez para Alucius, curvou-se para recolher a espada ainda presa na mão do poeta e a ergueu na direção da própria garganta. O soco de Vaelin atingiu o aglomerado de nervos abaixo do nariz de Al Hestian, deixando-o inconsciente no chão.

— Reúna os seus arqueiros no cais — disse ele a Reva, indicando com a cabeça as fileiras compactas de Varitai que agora tentavam recuar lutando para dentro da cidade, enquanto eram atacados continuamente pelos seordah, com saraivadas de flechas disparadas de seus arcos planos. Apesar da retirada, Vaelin sabia que aquilo estava longe de acabar; ele podia ver mais formações volarianas movendo-se pelas ruínas, batalhões assumindo posições no quadrante norte e mais a oeste. Ele avistou Nortah a pouca distância dali, reunindo os seus combatentes entre os restos de uma companhia de Espadas Livres, a espada ensanguentada de uma ponta à outra.

— Vão para o portão norte! — gritou Vaelin ao irmão. — Impeçam-nos de se reagruparem! Mandarei a Guarda do Reino se juntar a vocês quando atracarem!

Nortah assentiu, e então parou de súbito ao avistar algo mais a leste, rindo e apontando com a espada avermelhada.

— Talvez não seja necessário, irmão.

Vaelin os ouviu antes de ver, um grande estrépito dissonante de aço contra pedra. O comandante volariano obviamente também ouvira, pois tentou enviar as

companhias para seu flanco esquerdo, tarde demais. Os cavaleiros adentraram as fileiras volarianas, espadas longas e maças subindo e descendo enquanto abriam caminho em meio aos Varitai, dividindo a formação em duas. Os seordah investiram para completar a destruição, uma névoa fina e vermelha de sangue, hálito e suor de cavalo erguendo-se para encobrir a carnificina em andamento. Os Varitai, ao contrário dos Espadas Livres, não sabiam como fugir e lutaram até o fim.

Vaelin ordenou que Nortah se juntasse aos arqueiros de Reva e corresse para o palácio.

— Ainda há metade de uma divisão para matar — disse a eles. — Não se arrisquem, mantenham-nos separados e deixem os arqueiros fazerem seu trabalho.

Ele esperou a Guarda do Reino desembarcar; os Lobos Corredores foram o primeiro regimento a chegar, agora comandados por um antigo cabo de quem Vaelin lembrava-se vagamente da guerra alpirana.

— Mantenham este homem sob vigia — ordenou Vaelin, apontando para o corpo inconsciente de Al Hestian. Ele deu uma olhada em Alucius, sabendo que teria de ser ele a contar a Alornis e sentindo-se um covarde por odiar o dever. — E protejam o corpo deste homem. A Rainha gostará de dizer algumas palavras quando nós o entregarmos ao fogo.

Vaelin caminhou pelo cenário da derrota dos Varitai, um denso tapete de corpos cobrindo o cais de ponta a ponta. Um cavaleiro de peito largo montado num cavalo alto aproximou-se dele a trote, passando por cima de corpos e quebrando ossos sob os cascos. Ele ergueu a viseira pintada de vermelho que lhe cobria o rosto, cumprimentando Vaelin com uma risada forçada.

— Que espetáculo, hein, meu senhor?

— Barão. — Vaelin fez uma mesura. — Eu esperava que fosse o senhor.

Um jovem cavaleiro sem elmo levou o seu cavalo para o lado de Banders, o seu olhar brilhante recaindo sobre Vaelin por um momento antes de passar os olhos pelo cais com intenso escrutínio.

— Onde ele está? — perguntou o jovem, erguendo uma espada longa coberta de sangue.

— Arendil, meu neto — explicou Banders a Vaelin. — Está ansioso para encontrar Lorde Darnel.

— Lá atrás, jovem senhor. — Vaelin apontou por sobre o ombro. — Bem morto, receio.

O jovem cavaleiro curvou-se na sela, abaixando o braço da espada. O rosto revelava tanto alívio quanto desapontamento.

— Bem, pelo menos acabou. — Ele se animou ao avistar um grupo de pessoas que se aproximava correndo pela Travessa do Portão, erguendo a mão num aceno de boas-vindas. Vaelin a princípio pensou que fossem alguns dos combatentes de Nortah, mas logo percebeu que eram uma mistura ainda mais incomum, variando bastante em idade e vestimentas, incluindo uma garota de não mais de dezesseis anos, uma lonak de estatura impressionante... e um jovem musculoso com uma lâmina da Ordem.

Frentis olhou para o irmão enquanto se aproximava, com um leve sorriso nos lábios. Vaelin parou a alguns metros de distância, passando os olhos por um homem que era tanto familiar quanto estranho. Seu corpo era ainda mais impressionante agora, poderoso e, notou Vaelin, sem cicatrizes, a julgar pela pele visível através da camisa rasgada. O rosto também perdera a suavidade jovial de que se lembrava, e havia linhas rígidas se formando em volta da boca e dos olhos. Dessa vez Vaelin ficou grato pela ausência da canção, pois não sabia se queria saber o que aqueles olhos haviam visto.

— Ouvi dizer que você tinha morrido.

O sorriso de Frentis alargou-se.

— Já eu sabia que você não podia ter morrido.

Ao ver o afeto evidente e genuíno do irmão, Vaelin sentiu a sua tristeza ficar ainda maior.

— Exijo sua espada, irmão — disse ele, estendendo a mão.

O sorriso de Frentis desapareceu lentamente e ele olhou para as pessoas que o ladeavam antes de assentir, avançando para oferecer o punho da espada. Vaelin pegou a arma e fez sinal para o novo comandante dos Lobos Corredores se aproximar.

— Este homem é obrigado pela Palavra da Rainha a responder pelo assassinato do Rei Malcius — disse ele. — Ele será agrilhado e confinado para aguardar o julgamento de Sua Alteza.

PARTE II

É um erro singular pensar no escravo como humano por completo. A liberdade é um privilégio proporcionado pela excelência de nossa linhagem como verdadeiros cidadãos volarianos. Em comparação, a posição de escravo, adquirida ao se nascer de pais escravizados, por derrota justa na guerra ou por uma evidente falta de diligência e inteligência, não é meramente o construto artificial da sociedade, é o reflexo preciso de uma ordem natural. Portanto, conclui-se daí que tentativas de perturbar essa ordem, por meio de políticas equivocadas ou até mesmo por uma total rebelião, são sempre fadadas ao fracasso.

— Conselheiro Lorvek Irlav,
Volaria: o apogeu da
civilização, Grande
Biblioteca do Reino
Unificado
(Nota do bibliotecário: texto
incompleto devido a queima
parcial)



RELATO DE VERNIERS

Ao contrário de minha primeira viagem a bordo deste navio, desta vez foi-me fornecida uma cabine, outrora ocupada pelo imediato que perecera na Batalha dos Dentes. O capitão anunciou em voz alta à sua tripulação maltrapilha que ainda não encontrara um substituto à altura e que eu poderia muito bem ficar com ela, uma vez que nenhum daqueles cães merecia a honra. Entretanto, a agradável perspectiva de conforto a bordo foi diminuída por sua insistência para que eu dividisse o espaço com a minha antiga dona.

— Ela é sua prisioneira, escreba — dissera o capitão. — Você a vigia.

— Para quê? — perguntei, gesticulando para o oceano à nossa volta. — Diga-me, para onde ela escaparia?

— Ela pode danificar o navio — respondeu ele, encolhendo os ombros. — Pode se atirar a um tubarão de passagem. Seja como for, ela é sua responsabilidade, e não tenho mãos que possa dispensar para vigiá-la.

— É uma cama pequena — observou ela quando a porta da cabine foi batida às nossas costas. — De qualquer forma, não me importo em dividi-la.

Apontei para um canto da cabine.

— Seu lugar é ali, senhora. Se ficar em silêncio, talvez eu lhe dê um cobertor.

— Senão o quê? — perguntou ela, sentando-se de modo enfático no catre estreito. — Vai me chicotear? Curvar-me à sua vontade com torturas cruéis?

Ela sorriu e eu lhe dei as costas, indo até uma mesinha de mapas embutida na madeira abaixo da portinhola.

— Há uma dúzia de homens neste navio que lhe aplicarão de bom grado toda a punição que for necessária — falei, enfiando a mão em minha bolsa e tirando de lá o primeiro pergaminho que encontrei.

— Não duvido — concordou ela. — Você assistirá? Meu querido esposo gostava de ver quando as escravas eram chicoteadas. Ele costumava dar prazer a si mesmo enquanto olhava. Fará o mesmo, meu senhor?

Suspirei, engolindo uma resposta e desenrolando o pergaminho. Catálogo Ilustrado da Cerâmica Volariana, e as letras precisas porém demasiado floreadas do Irmão Harlick me fizeram soltar um grunhido jocoso. Até a letra do homem é pomposa. Embora não pudesse fingir possuir qualquer apreço pelo irmão, eu tinha de admitir que Harlick era um excelente desenhista, as ilustrações dotadas de uma

exatidão impecável, a primeira retratando a cena de uma caçada num vaso de uns 1.500 anos, onde lanceiros nus perseguiram um veado por uma floresta de pinheiros.

— Cerâmica — disse Fornella, olhando por sobre o meu ombro. — Acha que as origens do Aliado espreitam em potes, meu senhor?

Não tirei os olhos do pergaminho.

— Quando se estuda uma era sem escrita, ilustrações decorativas podem ser muito informativas. Ficarei grato se puder me sugerir outro caminho.

— Quão grato? — perguntou ela, inclinando-se para mais perto, seu hálito suave na minha orelha.

Apenas sacudi a cabeça e voltei ao pergaminho, e ela riu e se afastou.

— Você realmente não tem o menor interesse em mulheres, não é?

— Meu interesse em mulheres varia de acordo com a mulher em questão. — Desenrolei ainda mais o pergaminho e encontrei mais cenas de caça, algumas imagens de adoração ritualística, vários deuses e criaturas de aspecto bizarro.

— Eu posso ajudar — disse Fornella. — Eu... gostaria de ajudar.

Eu me virei e vi uma expressão cautelosa porém sincera em seu rosto.

— Por quê?

— Temos uma longa viagem pela frente. E, por mais que você suspeite de meus motivos, estou ansiosa para ver esta missão ser bem-sucedida.

Olhei mais uma vez para a imagem no pergaminho, farristas nus dançando diante de uma grande criatura simiesca de boca aberta e vomitando fogo. Fragmento de jarro kethiano, dizia a inscrição abaixo da imagem. Pré-imperial.

— Quando exatamente os volarianos abandonaram os seus deuses? — perguntei a ela.

— Isso ocorreu muito tempo antes de eu nascer — disse Fornella —, muito tempo antes de minha mãe nascer, na verdade. Mas ela sempre foi uma mulher estudiosa e determinada a me fazer aprender a história de nosso glorioso império.

Havíamos ido para o convés e nos sentado perto da proa, e enquanto ela falava eu escrevia as minhas notas. O capitão grunhira algo quando aparecemos, mas não fez objeções e a tripulação parecia nos ignorar de bom grado, exceto por alguns olhares hostis na direção de Fornella.

— O império pode falar com uma única língua agora — prosseguiu ela — e obedecer aos decretos do Conselho, sejam eles cidadãos da maior cidade ou do

pântano mais imundo. Mas não foi sempre assim.

— Sei que o seu império foi forjado na guerra — falei. — Em muitas guerras, na verdade, que duraram cerca de três séculos.

— De fato, mas embora a Era do Forjamento tenha nos deixado com um império, a verdadeira união nos escapou durante séculos. Havia moedas diferentes demais com valores diferentes demais. Idiomas demais falados por línguas demais. E deuses em demasia. Minha mãe dizia que homens lutavam e matavam por dinheiro, mas que morriam apenas pelos seus deuses. Para o império durar, precisávamos desse tipo de lealdade, imaculada por qualquer distração divina. Então, houve mais guerras, chamadas de Guerras da Perseguição por alguns, mas os historiadores imperiais referem-se ao período inteiro como a Grande Purificação, uma provação de sangue e torturas de sessenta anos. Províncias inteiras foram devastadas e povos inteiros fugiram, alguns para as colinas setentrionais, outros através do oceano para fundar novas nações livres da perseguição volariana. Porém, apesar de tudo que perdemos, foi isso que realmente deu origem ao império, pois foi quando nos tornamos uma nação de escravocratas.

“Sempre houve escravos, é claro, no coração das terras volarianas, mas agora havia mais, conquistados por se recusarem a abandonar os seus deuses, vencidos, subjugados e criados para que gerações posteriores os esquecessem por completo. Duas coisas são necessárias para se reunir tamanho recurso: grande organização e imensa crueldade. Penso com frequência que foram esses traços em particular que o Aliado achou tão atraentes. Afinal, devemos ter sido escolhidos por alguma razão.”

— Sabe quando foi que ele se revelou?

— Não sei se o Aliado é homem, ou mesmo se é verdadeiramente humano. Minha mãe falava de uma época, quase quatro séculos atrás, quando o império estava fortalecido por sua união. Guerras com os alpiranos não eram novidade, mas adquiriram uma nova força, as batalhas aumentaram de tamanho, as campanhas duravam anos em vez de meses, embora a vitória ainda nos escapasse. Os alpiranos finalmente se cansaram de nossos ataques intermináveis e realizaram um próprio, devastando as províncias meridionais em questão de meses. As crises têm a tendência de revelar talentos notáveis, e foi assim que um jovem general da cidade meridional de Mirtesk ganhou notoriedade, um general com uma ideia revolucionária e os meios para torná-la realidade. Se os nossos escravos podiam construir as nossas cidades e trabalhar em nossos campos, por que também não lutar em nossas guerras? E assim, graças ao conhecimento recém-descoberto desse general, criamos os Varitai e os Kuritai. Por meio de seu gênio tático e uso

prodigioso dos soldados-escravos, o nosso novo general conquistou fama eterna ao repelir os alpiranos. Ele foi louvado de uma ponta a outra do império, estátuas foram esculpidas em sua homenagem, épicos compostos pelos nossos melhores eruditos para documentar a sua extraordinária vida.

Fornella fez uma pausa, seus lábios formando um sorriso enviesado, embora os olhos revelassem uma tristeza que eu ainda não tinha visto.

— Contudo, não era uma vida normal. Pois o nosso jovem general permanecia jovem. Enquanto os seus companheiros de armas envelheciam e mirravam ao seu redor, ele permanecia jovem.

— Ele foi o primeiro — disse.

— De fato. O primeiro volariano abençoado com a voz do Aliado, ou, suponho, o primeiro a quem ele enviou uma de suas criaturas para seduzir. Porém, seus dons não se limitavam ao segredo de dominar os escravos tão completamente que eles lutavam e morriam de acordo com as ordens de seus senhores. Não, pois ele tinha mais a oferecer, o maior de todos os dons. Foi com ele que o Conselho aprendeu o segredo da vida eterna, por ordem do Aliado, é claro. E, com o tempo, todos eles se tornaram suas criaturas. O general tornou-se a voz do Aliado no Conselho, a princípio falando com candura, orientando em vez de ordenar, fazendo insinuações a respeito da grande tarefa que o Aliado escolhera para o império. Entretanto, com o passar dos anos, o comportamento do general tornou-se cada vez mais errático.

“Minha mãe disse que o encontrou uma vez, num banquete realizado em sua homenagem. Como você pode compreender, a minha família é extremamente rica e tem um lugar no Conselho desde os primeiros dias do império. Perguntei à minha mãe como era o general e ela riu. ‘Terrivelmente louco’, disse ela, ‘embora eu tenha ouvido dizer que sua filha é pior.’”

— Sua filha? — perguntei.

Fornella enrolou mais o xale de lã em volta dos ombros, a tristeza transformando-se numa recordação temerosa.

— Sim, uma filha. Também a encontrei, certa vez. Um encontro foi mais do que suficiente.

— Eles são como você? O general e a filha dele, eles ainda estão vivos?

— A loucura do general aumentou com o passar dos séculos, sua fome de vitória sobre os alpiranos tornou-se a obsessão de um louco, resultando numa derrota calamitosa. O Conselho, que a essa altura era composto inteiramente por membros que haviam recebido a Bênção, e que foi aconselhado pelos outros tenentes do Aliado a fornecer uma conclusão à gloriosa carreira do general, fez uso de seu

melhor assassino para que isso fosse providenciado. Porém, se o que a Rainha diz for verdade, ela pode muito bem ter sucumbido com o Rei Malcius.

— A filha do general? Ela matou o próprio pai?

— Ela tirou a vida de incontáveis pessoas por todo este mundo, meu senhor. Se tivermos sorte, ela não irá mais nos atormentar. Contudo, cada vez mais acho a sorte um raro artigo de luxo.

— Sua mãe ainda está viva? Ela também aceitou a bênção do Aliado?

Fornella sacudiu a cabeça, erguendo os olhos para encontrar os meus e sorrindo com ternura.

— Não. Ela envelheceu e morreu, apesar de eu ter lhe implorado para se juntar a mim nessa nova era de vida ilimitada. Somente ela sabia a verdadeira natureza do acordo que havíamos selado, embora ninguém lhe desse ouvidos. Ela sabia o que atraía o Aliado, se não o que o havia criado.

— E o que é? O que o atrai?

— Poder. Foi como os primeiros foram escolhidos, não os de maior riqueza, mas aqueles com a maior influência, o maior impacto sobre o Conselho. Já que acontecia no decorrer de décadas e não de anos, com apenas um sendo escolhido para receber a sua generosa dádiva a cada doze anos, parecia que a escolha era aleatória, o capricho de um ser que era o mais próximo de um deus que alguém poderia ser. Mas minha mãe viveu o bastante para notar o padrão. Cada acordo selado aumentava o seu domínio sobre nós, cada dádiva concedida nos tornava ainda mais seus servos.

“Ela disse apenas uma palavra na última vez que pude me aproximar dela, antes que ela ordenasse que eu fosse proibida de entrar em sua casa. Ela tinha quase noventa anos, era apenas um pequeno amontoado de ossos e pele numa cama muito grande. Porém, sua mente nunca definhou e seus olhos eram muito brilhantes. E, embora só pudesse falar aos sussurros, eu ouvi a palavra, nitidamente, ainda que na época eu tenha pensado que fosse apenas o último grasnido de uma velha amargurada.”

Fornella se calou, olhando para o horizonte ao sul onde nuvens carregadas podiam ver vistas, prenunciando uma noite desconfortável — não que eu esperasse dormir muito deitado ao lado dela. Notei que agora havia mais fios grisalhos em seu cabelo ao observá-lo esvoaçar ao vento.

— Apenas uma palavra — disse ela em voz baixa. — “Escrava”.

Tal como eu previra, foi difícil encontrar o sono. O mar ficou turbulento com a chegada da noite. O vento soprava forte, açoitando com chuva o vidro embaçado da portinhola e uivando pelos incontáveis canais na estrutura do navio. Fornella estava deitada de costas, sua respiração lenta e regular. Eu estava deitado de lado, virado para o casco. Eu havia descalçado os meus sapatos, mas fora isso estava completamente vestido, enquanto ela estava nua, após se despir sem o menor sinal de embaraço, deitando-se na cama ao meu lado quando lhe dei as costas. Permanecemos deitados em silêncio por quase uma hora, privados do descanso pelo vento e pela estranheza de nossas circunstâncias.

— Você me odeia, meu senhor? — perguntou ela por fim.

— O ódio necessita de paixão — respondi.

— Ah, Os Cantos de Ouro e Pó, verso vinte. Não acha um pouco arrogante citar constantemente a sua própria obra?

— O verso foi tirado de uma antiga ode cantada pelas tribos das montanhas ocidentais. Como mencionei em minha introdução.

Ela deu uma risada baixa.

— Então eu não inflamo a sua paixão? Não me surpreende, dadas as suas preferências. Mesmo assim, uma mulher acostumada a ser admirada por homens não pode evitar se sentir um tanto menosprezada. — Eu a senti se mexer atrás de mim, virando-se para deitar-se de lado. — Quem era ele? O homem que você disse que amava?

— Não discutirei isso com você.

Devia haver advertência suficiente em meu tom, pois ela soltou um suspiro jocoso de frustração antes de persistir.

— Eu posso ter algo para inflamar a sua paixão, pelo menos no que diz respeito à sua sede por conhecimento. Um pedacinho de informação sobre o Aliado.

Rangi os dentes com força, perguntando-me se eu não a odiava, afinal de contas. Sentei-me e ao virar me deparei com ela olhando para mim com a cabeça apoiada no seu travesseiro, a penumbra suficiente para ocultar tudo, exceto o brilho de seus olhos.

— Então me conte.

— O nome — insistiu ela.

Ergui-me, dando-lhe as costas para pôr as pernas para fora da cama.

— Seliesen Maxtor Aluran — falei.

Eu esperava uma risada, cruel e escarnecedora, mas em vez disso o seu tom era calmamente pensativo.

— *A Esperança do Império Alpirano, morto pelo mesmo homem que destruiu o exército do meu querido esposo. O meu povo não acredita na ideia de destino. O conceito de forças invisíveis em ação para moldar as nossas vidas é anátema para um povo livre de superstições. Mas há momentos em que me pergunto...*

Eu a senti mexer-se de novo, sua nudez cálida pressionada contra as minhas costas, apoiando a cabeça em meu ombro. Não havia desejo no modo como ela se encostava em mim, pelo menos nenhum que eu pudesse sentir, apenas uma necessidade de proximidade.

— *Meu pesar por sua perda, honorável senhor — disse ela em alpirano formal. — Meu irmão é o membro há mais tempo em exercício no Alto Conselho volariano, de modo que ele conhece os planos do Aliado melhor do que a maioria, e mesmo ele não enxerga a verdadeira natureza desses planos, o seu propósito derradeiro. Contudo, os servos do Aliado costumam falar sobre um homem, eterno em anos como nós, mas não escravizado pelo sangue dos dotados. Um homem que viveu muitas vidas e deu a volta ao mundo mais de uma vez. O Aliado é atraído por poder, como eu disse, e que maior poder existe do que a derrota da própria morte?*

— *Ele procura esse homem?*

— *De fato, mas jamais o encontrou.*

— *E ele tem um nome, esse homem eterno?*

— *Milhares, trocados a cada vida ao ir de nação em nação. Uma das criaturas do Aliado, a que chamam de Mensageiro, achou o rastro dele há uns quinze anos, no Reino Unificado. Ele estava se chamando de Erlin.*

CAPÍTULO UM

Lyrna

Levou algum tempo para encontrar o seu jardim, uma vez que as ruínas haviam sido removidas pelos escravos de Darnel para dar espaço às suas ambições arquitetônicas, deixando somente um contorno de tijolos quebrados e terra à vista onde antes flores haviam crescido. Estranhamente, o seu banco ainda estava intacto, ainda que um pouco enegrecido. Ela se sentou para olhar os resquícios arruinados do refúgio que tanto apreciara e que havia desaparecido. Foi até ali que ela levara Vaelin aquela noite, ganhando a inimizade dele com as suas intrigas desajeitadas, mas também aprendendo uma lição com o ocorrido; alguns olhos sempre viam através da máscara. Também fora ali que ela passara aquelas horas encantadoras com a Irmã Sherin após libertá-la da Fortaleza Negra, a gentileza inata e o intelecto estimulante da curandeira servindo em grande parte para dissipar o ciúme. Lyrna lembrava-se de achar a amizade uma novidade agradável, ainda que breve, e, quando Sherin zarpou para Linesh, ela parara de ir até ali. O pátio isolado não passava mais a sensação de um abrigo convidativo: era apenas um canto vazio num palácio onde uma mulher solitária cuidava de flores e planos enquanto esperava o pai morrer.

— Lir-nah!

Ela ergueu a cabeça a tempo de ter um vislumbre de uma figura alta vindo a passos largos em sua direção, antes de o abraço de Davoka lhe tirar o ar dos pulmões e arrancá-la do banco, seus pés balançando no ar enquanto era esmagada contra o peito da lonak. Lyrna ouviu as pisadas fortes de botas acompanhadas por espadas saindo de bainhas.

— Solte a Rainha, selvagem! — rosnou Itlis.

Davoka o ignorou, soltando Lyrna após um aperto esmagador e lhe segurando a cabeça com as duas mãos. Ela estava sorrindo, algo que Lyrna não conseguia se lembrar de tê-la visto fazer antes.

— Pensei que tinha perdido você, irmã — disse ela em lonak, passando os dedos pelo rosto de Lyrna, da fronte até os cachos dourado-avermelhados que cresciam rapidamente atrás. — Ele disse que você ardeu.

— E ardi. — Lyrna agarrou as mãos da lonak e as beijou, tranquilizando Itlis e Benten com um aceno de cabeça, e eles embainharam as espadas e afastaram-se com

medidas e expressões intrigadas. — Ainda ardo, irmã.

Davoka recuou, e certa relutância tensa apareceu em seu olhar antes de falar mais uma vez, mudando para a língua do Reino com facilidade.

— O Irmão Frentis...

Lyrna lhe deu as costas e Davoka calou-se diante da severidade repentina em sua expressão. Menções ao famoso Irmão Vermelho haviam sido frequentes desde que chegara na noite anterior, estando entre as primeiras ditas pelo seu Senhor da Batalha ao desembarcar nas docas, assim como numa súplica sincera da Aspecto Elera e num pedido seco de misericórdia do Irmão Sollis. Ela dera a mesma resposta a cada um deles, a mesma resposta que dava a Davoka agora:

— Minha decisão será anunciada no seu devido tempo.

— Nós lutamos juntos na floresta antes que ela fosse queimada. — prosseguiu Davoka. — Somos *gorin*. Ele é meu irmão, assim como você é minha irmã.

As lágrimas vermelhas da volariana, a dor lancinante quando seu cabelo pegou fogo... Lyrna fechou os olhos diante das lembranças, sentindo a brisa na pele, a pele curada e sem cicatrizes. *Curada?*, perguntou a si mesma. *É como estou?*

Na noite anterior, Lyrna presenciara Alucius ser entregue ao fogo. Ela dissera algumas palavras breves, formalmente nomeando-o Espada do Reino, o seu emblema uma pena e uma taça de vinho, pois sabia que o teria feito rir. A Senhora Alornis adiantara-se para falar também, seu rosto pálido e inexpressivo, mas com lágrimas escorrendo dos olhos quando o seu irmão colocou mãos consoladoras em seus ombros.

— Alucius Al Hestian... — começara ela, vacilara e então continuara com a voz embargada — ... será chamado de... herói por muitos. Um poeta por outros e... — ela parou para dar um leve sorriso — afeiçoado demais ao vinho por alguns. Irei chamá-lo sempre... simplesmente de meu amigo.

Lakrhil Al Hestian tivera permissão para comparecer, assistindo com um olhar vazio e calado em seus grilhões. Ele não fez nenhum discurso e olhou fixamente com olhos secos as chamas se erguerem. Lyrna permitiu que ele permanecesse até a pira virar brasas e então ordenou que fosse levado de volta às masmorras, agora repletas de outros traidores aguardando a justiça da Rainha.

Justiça. Ela vira a fumaça envolver a pira, ocultando o rosto de Alucius e lhe poupando da visão das chamas consumindo a sua carne. *Que justiça eu teria lhe mostrado, velho amigo? Espião, traidor do Reino, e agora herói da libertação de Varinshold. Meu pai teria feito um espetáculo de clemência, teria lhe coberto de títulos e ouro e então, após um intervalo decente, iria se assegurar de que um de seus talentos ocultos providenciasse uma morte apropriadamente acidental. Eu*

teria sido muito mais cruel, Alucius. Eu teria feito você me seguir, testemunhar minha aplicação da justiça plena contra os nossos inimigos e, por isso, sei que você teria me odiado.

As nuvens no alto deviam ter se aberto, pois Lyrna sentiu uma onda de calor na cabeça, o seu cabelo recém-crescido sem dúvida uma bela visão ao reluzir, a sensação agradável e livre da agonia causadora de lágrimas da qual se lembrava de seus dias a bordo do *Sabre do Mar. Curada?*, perguntou-se novamente. *É possível refazer a máscara, mas o rosto por baixo dela continua o mesmo.*

Ela abriu os olhos e seu olhar recaiu sobre algo, uma florzinha amarela que brotava por entre duas lajes estilhaçadas. Lyrna agachou-se e estendeu a mão para tocar as pétalas.

— Invernália — disse ela. — Sempre o sinal mais claro da mudança das estações. O gelo e a neve estão chegando, irmã, trazendo privações, mas também descanso, pois frota alguma cruzará o oceano enquanto ocorrerem as tempestades de inverno.

— Acha que eles virão de novo? — perguntou Davoka. — Quando o oceano ficar calmo?

— Tenho certeza que sim. Esta guerra está longe de terminar.

— Então você precisará de cada espada, de cada aliado.

Lyrna olhou de novo para a invernália, resistindo à tentação de arrancá-la e decidindo plantar um novo jardim ali no seu devido tempo, um sem muros. Ela se levantou, olhou Davoka nos olhos e falou em lonak formal:

— Serva da Montanha, preciso de sua lança. Irá empunhá-la a serviço da minha causa? Pense bem antes de responder, pois a nossa estrada é longa e não prometo um retorno à Montanha.

A resposta de Davoka não revelou qualquer sinal de hesitação.

— A minha lança é sua, irmã. Agora e sempre.

Lyrna agradeceu com um aceno de cabeça e fez sinal para que Iltis e Benten se aproximassem.

— Então é melhor você conhecer os seus irmãos. Tente não matar Lorde Iltis. O jeito dele pode ser um tanto provocador.

* * *

Karlin Al Jervin estava o mais empertigado que suas costas curvadas permitiam.

Lyrna lembrava-se dele como um sujeito alegre e barrigudo com uma careca reluzente, menos inclinado à subserviência do que muitos de seus companheiros nobres, e alguém que não se demorava na corte por mais tempo do que exigiam seus negócios. Contudo, a escravidão e o trabalho forçado pareciam ter lhe privado tanto do humor quanto da barriga. Suas faces e olhos estavam encovados, embora encarasse o olhar de Lyrna com admirável compostura. Sua filha, no entanto, estava menos acostumada à realeza e se remexia diante do trono, a uma distância considerável do pai. A Senhora Illian vestia uma roupa de caçador, calça de zibelina e uma blusa leve de algodão, manchada de marrom e verde para ocultá-la na floresta, o cabelo cortado de modo a não lhe cair nos olhos. Havia uma adaga embainhada presa ao seu tornozelo e outra em seu pulso. Apesar do traje marcial, ela ainda parecia muito jovem ao se contorcer sob o escrutínio dos presentes e evitar os olhares do pai. Atrás dela se encontravam o Irmão Comandante Sollis e Davoka, enquanto Lorde Al Jervin estava sozinho.

Lyrna descartara depressa a monstruosidade extravagante que Darnel chamara de trono em favor de uma cadeira confortável de encosto reto recuperada de uma das casas de mercadores abandonadas, e sentiu-se grata pela profundidade da almofada sob o traseiro real. Ela vinha ouvindo petições havia cerca de quatro horas e estava estupefata com a pequenez reinante das pessoas afortunadas o suficiente para terem sobrevivido a tão selvagem ocupação. As pessoas apareciam com reclamações de roubo contra vizinhos desaparecidos, reivindicações de herança por propriedade que agora eram apenas cinzas, apelos para restituição de posições de nobreza e um sem-número de outras trivialidades que esgotava a sua paciência com o passar das horas. Porém, nem todas as reivindicações eram triviais ou resolvidas com facilidade.

— Irmão Sollis — disse Lyrna. — Você precisa admitir que Lorde Al Jervin levanta várias questões válidas. Tudo isso é muito incomum.

— Perdoe-me, Alteza — retorquiu o Irmão Comandante com sua costumeira voz rascante —, mas duvido que qualquer coisa neste Reino possa agora ser chamada de “comum”.

— Meu conhecimento a respeito da história de sua Ordem não é dos mais vastos, mas creio que nunca houve uma irmã da Sexta Ordem. E os recrutas geralmente não são aceitos muito mais novos? As circunstâncias podem ter nos forçado a esquecer alguns costumes em face das necessidades, mas esse é de fato um passo radical.

— Há prescrições nas doutrinas da Ordem que permitem recrutas mais velhos, Alteza. Mestre Rensial, por exemplo, veio a nós como um ex-capitão da cavalaria da Guarda do Reino. Quanto ao gênero da Senhora Illian, a guerra forneceu amplas evidências de que os nossos costumes a esse respeito podem precisar ser modificados.

— As nossas leis serão deixadas de lado agora, Alteza? — perguntou Al Jervin, mais uma vez olhando furioso para Illian. — A Sexta Ordem não pode simplesmente levar a filha de um homem.

— Eles não estão me levando! — retorquiu Illian com veemência, e então corou e baixou os olhos quando Lyrna virou-se para ela. — Perdão, Alteza.

— Senhora Illian, é de fato seu desejo juntar-se à Sexta Ordem? — perguntou Lyrna.

A garota respirou fundo e ergueu a cabeça, falando num tom claro e determinado:

— É, Alteza.

— Apesar das objeções de seu pai? De seus medos fundamentados quanto à sua segurança?

Illian olhou para Al Jervin com uma expressão pesarosa no rosto, a voz baixa:

— Eu amo meu pai, Alteza. Pensei por tanto tempo que ele estava morto que encontrá-lo vivo quando a cidade caiu foi maravilhoso. Mas não sou a filha que ele perdeu, nem posso ser. Fui moldada pela guerra em outra coisa, um papel que, acredito, me foi conferido pelos Finados.

— *Ela* é uma criança! — exclamou Al Jervin, seu rosto ficando vermelho. — Pelas leis deste Reino, a posição e a condição dela são decididas por mim até a sua maioridade. — Ele estremeceu um pouco quando Lyrna lhe olhou nos olhos, recusando-se a desviar o olhar, mas acrescentando “Alteza” com um sussurro forçado.

— A Senhora Davoka me contou muitas coisas sobre a sua filha, meu senhor — disse Lyrna. — Ao que tudo indica, ela serviu com grande distinção na luta pela libertação deste Reino. Ela se encontra diante de mim agora como a autora de muitas mortes merecidas de nossos inimigos. De acordo com as doutrinas da Sexta Ordem, uma súdita de bom caráter se responsabiliza por ela e o Irmão Sollis está disposto aceitá-la, deixando de lado costumes antigos e os testes usuais em reconhecimento de suas habilidades e coragem evidentes. Como uma irmã, ela sem dúvida realizará serviços ainda maiores ao Reino e à Fé. Enquanto que você, meu senhor, aparentemente passou a guerra inteira entalhando objetos de arte fátuos para o traidor Darnel.

Al Jervin retraiu-se, mas conseguiu controlar o tom da voz ao responder:

— Ouvi rumores de que Vossa Alteza também tinha sido feita escrava pelos nossos inimigos. Sendo assim, tenho certeza de que a senhora conhece bem a vergonha de realizar um ato odioso para sobreviver.

Ilitis empertigou-se, deu um passo adiante e falou num tom ameaçador.

— Cuidado com a língua, meu senhor.

Al Jervin rangeu os dentes e fez uma pausa antes de continuar, com a voz rouca e quase embargada:

— Alteza, não me sobrou casa, nem riquezas, nem orgulho. Minha filha é tudo o que me resta. Eu peço que a senhora siga suas leis e evite que ela siga esse caminho insensato.

Isso não é orgulho ferido, concluiu Lyrna. Ele simplesmente quer mantê-la viva. Um bom homem, e um construtor com habilidades que serão muito necessárias quando alcançarmos a paz. Ela olhou de novo para Illian, observando-a revelar dentes brancos perfeitos ao sorrir para um aceno de cabeça encorajador dado por Davoka. *Bela, mas um falcão também é belo, e por ora tenho mais necessidade de falcões do que de construtores.*

— Senhora Illian — disse Lyrna, gesticulando para um dos três escribas presentes para registrar formalmente um Pronunciamento Real. — Pela Palavra da Rainha, eu retiro a sua posição e revogo a autoridade de seu pai. Como súdita livre deste Reino, a senhora pode escolher qualquer caminho que por lei lhe esteja aberto.

Ela ficara surpresa ao encontrar a Câmara do Conselho praticamente intacta, embora houvesse uma brecha considerável na parede oeste, e a tapeçaria que a cobria balançasse à brisa. Num rompimento com as tradições, Lyrna pedira que os dois Aspectos sobreviventes comparecessem ao Conselho, formalmente nomeando a Aspecto Elera Ministra das Obras Reais e a Dendrish Ministro da Justiça. Tanto seu pai quanto o seu irmão jamais haviam nomeado um Aspecto para um cargo oficial e houve considerável apreensão entre os outros membros do Conselho.

Nunca lhes ceda um centímetro a mais do que precisar, dissera o seu pai certa vez sobre a Fé. *Eu os uni à Coroa para conquistar o Reino, mas, se pudesse, eu os separaria de mim como um membro necrosado.* No entanto, Lyrna tinha a sensação de que o tempo ensinara uma lição diferente. Os sermões do Aspecto Tendris contra a tolerância de seu irmão pelas crenças Negadoras ajudaram em muito a enfraquecer o Reino, mas o poder do Aspecto fora limitado pela proximidade das outras Ordens com a Coroa. *Seu erro não foi se unir a eles, pai. Foi não se unir o suficiente.*

— Tal como em Warnsclave, mais pessoas chegam a cada dia — relatou o Irmão Hollun, sentado à esquerda de Lyrna. — A população civil de Varinshold agora é de mais de cinquenta mil pessoas. Podemos esperar que esse número dobre em um mês.

— Podemos alimentar tantos? — perguntou Vaelin.

— Com um raciocínio cuidadoso — explicou o Irmão Hollun. — E com o abastecimento constante de nossos amigos alpiranos e o fornecimento de produtos nilsaelinos por parte do Senhor Feudal Darvus. Os meses de inverno serão difíceis, mas ninguém deverá passar fome.

— Como está o exército, meu senhor? — perguntou Lyrna a Vaelin.

— Com os nossos novos recrutas, os cavaleiros do Barão Banders e os populares, teremos oitenta mil homens e mulheres em armas antes do fim do ano.

— Precisamos de mais. — Lyrna virou-se para o Lorde Comandante Travick. — Amanhã redigirei um decreto de recrutamento. Todos os súditos do Reino com idade para lutar entrarão para a Guarda do Reino. Treine-os com afinco, meu senhor. — Ela olhou para Reva. — O decreto se estenderá a todos os feudos, minha senhora. Espero que a senhora não faça qualquer objeção.

A Senhora Governadora manteve uma expressão neutra, mas Lyrna percebeu que ela estava elaborando com cuidado a sua resposta.

— De minha parte, não, Alteza — falou Reva após um momento. — E da parte de muitos de meu povo que sofreram nas mãos volarianas. Contudo, há alguns cantos de Cumbrael intocados pela guerra onde antigos ressentimentos ainda persistem.

— Ressentimentos que espero serem dissipados pelas palavras da Senhora Abençoada — disse Lyrna. — Talvez a senhora devesse retornar a casa durante algum tempo, Senhora Reva. Deixar que o seu povo a veja, ouça a história de seus feitos, pois são muito inspiradores.

O aceno de consentimento de Reva foi imediato e não havia qualquer rancor em sua voz.

— Como Vossa Alteza ordenar.

Nunca o menor lampejo de deslealdade vindo desta, ponderou Lyrna. *Então por que ela me causa tamanha inquietação?*

Ela deixou a questão de lado para consideração posterior e virou-se para o Escudo.

— Lorde Almirante Ell-Nestra, informe-nos o tamanho das forças sob o seu comando, por favor.

Como era o seu costume ultimamente, o perpétuo sorriso enviesado do Escudo desapareceu ao se dirigir a Lyrna, os seus olhos encontrando os dela apenas por um segundo.

— Pouco mais de oitocentos navios de calados variados, Alteza. Capturamos um número considerável de navios mercantis volarianos, mas os mares estão ficando cada vez mais vazios com a chegada das tempestades de inverno.

— Uma força de tamanho decente para repelir qualquer invasão — comentou o Conde Marven. — Tripulada pelos melhores marinheiros do mundo. Além do mais, desta vez estamos prevenidos.

— Quantos soldados os seus oitocentos navios poderiam transportar? — perguntou Lyrna a Ell-Nestra.

O Escudo franziu o cenho, intrigado, seu tom cauteloso ao responder:

— Se usarmos todas as embarcações volarianas, talvez quarenta mil, Alteza. E certamente sem qualquer conforto.

— O conforto é um luxo há muito esquecido, meu senhor. — Ela calculou por um momento, sentindo o silêncio se adensar. *Eles sabem o que você planeja. E temem isso.* — Seu homem está aqui? — perguntou ela a Vaelin, que assentiu e ordenou ao Guarda do Reino na porta que deixasse o construtor de navios entrar. O Sargento Davern marchou até o centro da câmara, bateu continência e fez uma mesura formal, aparentemente nem um pouco nervoso com sua solene audiência.

— Meu Senhor da Batalha me disse que você constrói navios, sargento — disse Lyrna.

— De fato, Alteza. — Ele lhe deu um sorriso que teria envergonhado o Escudo por sua confiança inata. — Entrei para a Guilda dos Armadores aos dezesseis anos. O mais jovem a conseguir isso, pelo que me contaram.

— Bastante impressionante. Preciso de um navio capaz de transportar quinhentos soldados através do oceano até Volaria. Você o projetará e o construirá de tal maneira que seja facilmente duplicado e construído por mãos inexperientes.

Davern empalideceu, enquanto os outros capitães à mesa se remexeram pouco à vontade, exceto, notou Lyrna, por Vaelin, que não demonstrou estar nem um pouco surpreso.

— Tal tarefa é... imensa, Alteza — começou o sargento. — Exigirá muito trabalho, sem falar em madeira...

— O Irmão Hollun compilou uma lista de súditos sobreviventes com habilidades e experiência adequadas — disse Lyrna. — Eles serão colocados à sua disposição. Quanto à madeira, não se preocupe, pois ela será fornecida. Eu o nomeio... — Ela ponderou por um momento. — Davern Al Jurahl, Mestre do Estaleiro da Rainha. Parabéns, meu senhor. Aguardarei seus projetos pela manhã.

Davern permaneceu num silêncio estupefato por mais um momento e então fez uma mesura hesitante e saiu da câmara.

— Creio que isso conclui os assuntos de hoje — disse Lyrna, levantando-se.

Como esperado, foi o Conde Marven quem falou; o comandante nilsaelino era

corajoso, sem sombra de dúvida, mas também aconselhava cautela sem a menor cerimônia.

— Alteza, se me permite?

Ela parou, erguendo uma sobrancelha quando o conde vacilou e então se forçou a continuar:

— Para que não haja qualquer mal-entendido, é intenção de Vossa Alteza invadir o Império Volariano?

— Minha intenção é vencer esta guerra, meu senhor. Pelos meios mais rápidos.

— Atravessar o oceano com tantos... Devo expressar as minhas dúvidas quanto à praticidade de tal coisa.

— Por quê? Os volarianos conseguiram.

— Com anos de preparação — observou o Escudo. — E sem sair de um Reino tão arrasado quanto este.

— Um Reino que já realizou milagres. — Ela examinou o rosto deles, encontrando dúvidas na maioria, embora mais uma vez apenas Vaelin não demonstrasse sinais de inquietação. — Meus senhores, este Conselho não é uma câmara de debates. Peço conselhos conforme acho necessário e dou ordens de acordo. E ordeno que uma frota seja construída para levar a nossa justiça ao Império Volariano, pois quando os nossos assuntos por lá estiverem terminados, eles nunca mais sonharão em voltar a esta terra, a não ser em seus pesadelos.

Lyrna fez uma pausa, aguardando mais objeções, mas encontrou apenas aceitação cautelosa.

— Eu agradeço os seus conselhos. E agora, ao trabalho.

* * *

Lakrhil Al Hestian não se levantou quando Lyrna entrou em sua cela, meramente olhando para ela com olhos vazios, encolhido num canto sobre a pedra nua, com grilhões nos punhos e nos tornozelos. Itis soltou um grunhido irritado pela grosseria, mas Lyrna o conteve com um aceno de mão.

— Vigie a porta, meu senhor, por favor.

Itis arreganhou os dentes para Al Hestian num rosnado de desprezo antes de sair da cela, deixando a pesada porta entreaberta e posicionando-se de costas para a entrada.

— Eles chamam esta cela de Canto do Traidor — disse Lyrna a Al Hestian, indo até a única janela, uma fenda estreita na grossa parede de pedra através da qual era possível vislumbrar um pedaço do céu. Havia marcas indistintas na pedra, alguma inscrição antiga riscada muito tempo atrás por mãos desesperadas. — Ocupada pela última vez por Artis Al Sendahl na véspera de sua execução — prosseguiu ela, virando-se para Al Hestian. — O fato de os nossos inimigos terem deixado nossas masmorras intactas apesar de toda a destruição que causaram nesta cidade diz muito sobre eles.

Al Hestian encolheu discretamente os ombros, seus grilhões provocando um retinido abafado.

— Artis Al Sendahl não teve um julgamento — continuou Lyrna. — Simplesmente acordou uma manhã e encontrou dois guardas em sua porta segurando uma Ordem do Rei. Uma semana depois ele estava morto.

— Enquanto me são concedidos apenas dois dias — disse Al Hestian, sua voz rouca e apática. — E também nenhum julgamento.

— Então que este seja o seu julgamento, meu senhor. — Lyrna ergueu as mãos, gesticulando para as paredes ao redor. — E eu tanto testemunha quanto juíza, ansiosa pelo seu testemunho.

— Meu testemunho é redundante. Os meus motivos evidentes. — Ele desviou o olhar de Lyrna e apoiou a cabeça na parede. — Não farei qualquer defesa ou apelo por misericórdia, exceto para que a questão seja resolvida o mais depressa possível.

Lyrna conhecia aquele homem desde a infância e nunca sentira por ele qualquer afeição, talvez por encontrar um reflexo nítido demais em sua franca ambição. Porém, seus filhos, com quem ela brincara quando criança, nunca deixaram de amá-lo, apesar de todos os seus defeitos.

— Alucius será honrado para sempre neste Reino — disse ela. — Sua casa livrou-se em parte da desonra pelo sacrifício dele.

— Um filho morto não precisa de honra. E eu tenho dois para encarar no Além se a senhora me fizer o favor de me mandar para lá.

O olhar de Lyrna recaiu mais uma vez sobre as marcas na parede, onde encontrou duas palavras legíveis, suficientes para adivinhar o significado do resto. *A morte é apenas uma passagem para o Além...* O Catecismo da Fé, sobre o qual tanto havia sido construído, e também destruído. Para ela sempre foram palavras vazias que não lhe interessavam, pois havia muita sabedoria genuína para ser lida.

— Não tenho misericórdia para o senhor — disse ela. — Apenas mais punições. Lorde Iltis!

O Lorde Protetor retornou, permanecendo em prontidão quando ela apontou para

os grilhões nos tornozelos de Al Hestian.

— Remova-os e traga-o.

Os antigos cavaleiros e caçadores de Darnel estavam no pátio do lado de fora das galerias cavernosas que serviam de masmorras para a cidade. Eram quase quarenta homens, de quem haviam sido tiradas todas as armaduras e bens, exceto por uma roupa esfarrapada, cercados por todos os lados pela Guarda do Norte de Lorde Adal, escolhidos pela força de sua disciplina; a Guarda do Reino provavelmente cometeria um massacre se ficasse diante daqueles que os haviam traído no primeiro encontro fatídico com os volarianos. Lyrna conduziu Al Hestian até um passadiço com vista para os prisioneiros reunidos, notando que a maioria estava intimidada demais para encará-la, embora alguns olhassem para cima numa súplica silenciosa.

— Creio que o senhor conhece esses homens, não? — perguntou Lyrna.

Al Hestian olhou para os prisioneiros, sua máscara impassível inalterada.

— Não bem o suficiente para lamentar suas mortes, se for a intenção de Vossa Alteza me fazer testemunhar o seu assassinato.

Lyrna afastou-se dele e aproximou-se da beirada do passadiço, erguendo a voz.

— Vocês todos são culpados de traição e merecem ser executados sumariamente. Muitos sem dúvida alegarão lealdade em sua defesa, que prestaram serviços devido a um juramento que os prendia por toda a vida. Digo-lhes agora que isso não é uma defesa. Um juramento feito a um louco traiçoeiro não tem valor algum e é abandonado por homens de discernimento ou de verdadeira honra cavalheiresca. Vocês provaram que são desprovidos de ambas as coisas. — Ela fez uma pausa e olhou para Al Hestian, que encontrou o seu olhar com uma compreensão sombria. — Contudo — prosseguiu Lyrna —, a Fé nos ensina o valor do perdão para atos pelos quais haja verdadeiro arrependimento. E este Reino necessita de todas as mãos capazes de erguer uma espada. Somente por esses motivos eu lhes ofereço uma oportunidade de fazer um novo juramento, um juramento à sua Rainha. Jurem que me servirão e eu pouparei suas vidas. Mas saibam que sua sentença não será comutada. Vocês estão condenados e permanecerão condenados até o dia em que a batalha lhes tomar a vida. Vocês serão a Companhia Morta. Se alguém não deseja fazer esse juramento, que fale agora.

Ela aguardou, vendo-os estremecer e se curvarem de alívio. Um homem, um sujeito grande de peito largo e porte de cavaleiro, chorava abertamente, enquanto ao seu lado um homem magro, provavelmente um caçador, estremecia, com urina lhe escorrendo pelas pernas. Lyrna esperou por um minuto inteiro, mas nenhuma voz foi erguida.

— Meu senhor. — Ela se virou para Al Hestian, gesticulando para os homens

abaixo. — Sua companhia o aguarda, caso a aceite.

Lakrhil Al Hestian continuou impassível durante algum tempo, e então respondeu com uma mesura discreta.

— Muito bem — disse Lyrna. — Além desses desgraçados, nossas patrulhas relataram que o interior encontra-se tristemente apinhado de criminosos, uma escória que está atacando aqueles que fogem dos volarianos. Estupradores e assassinos serão executados, é claro, mas o restante eu enviarei ao senhor. — Ela se aproximou dele e falou em voz baixa: — O senhor está vivo graças aos seus filhos. E saiba que não serei tão bondosa quanto meu pai caso o senhor traia este Reino de novo.

Lyrna voltou para o palácio ao entardecer, após passar o dia entre os refugiados recém-chegados, onde encontrou a mistura usual de nobres esfarrapados e plebeus desalojados, cada um com o próprio épico de infortúnios e sobrevivência. No entanto, assim como em Warnsclave, havia pouquíssimas crianças, e essas em sua maioria eram órfãs. Ela ordenou que fossem reunidas e levadas para os aposentos designados para as crianças aos cuidados do Irmão Innis, onde passou o resto da noite.

Era fantástico observar como o ânimo das crianças havia retornado tão depressa, enquanto corriam à sua volta, rindo e brincando ruidosamente, embora houvesse algumas sentadas separadas das outras, com olhos assombrados por horrores que não as abandonavam. Lyrna passou a maior parte do tempo com as crianças silenciosas, falando com gentileza e tentando fazer com que se expressassem, geralmente apenas com mínimo sucesso, apesar de um garotinho ter subido em seu colo e adormecido de imediato no momento em que ela abriu os braços para ele. Lyrna permaneceu sentada com ele à medida que a noite caía e as outras crianças iam para a cama, e acordou em algum momento após a meia-noite com uma sacudida gentil de Murel.

— A Senhora Davoka pediu a sua presença no pátio, Alteza.

Lyrna deitou o menino com cuidado numa das muitas camas vazias.

— Onde está Orena? — perguntou ela enquanto atravessavam os corredores.

— Ela pediu que a perdoasse, Alteza. A visão das crianças sempre a perturba, de modo que tomei o seu lugar.

Corações gentis geralmente ficam bem escondidos, pensou Lyrna.

No pátio ela encontrou Davoka abraçando uma figura esguia ao lado de um pônei robusto e sem sela, ladeada por dois guerreiros corhil que assistiam com óbvia desconfiança.

— Lirhnah! — gritou-lhe Davoka. — Minha outra irmã veio com a palavra da Mahlessa.

Kiral não demonstrava nenhum vestígio da confusão deixada pela cura da Mahlessa sob a Montanha, sorrindo timidamente quando Lyrna se aproximou. A cicatriz havia curado bem, mas ainda era uma visão sinistra, uma linha funda que ia do queixo à testa, provocando lembranças desagradáveis da noite em que Lyrna lhe dera a marca.

— Serva da Montanha — cumprimentou Lyrna em lonak.

— Rainha. — Kiral a surpreendeu com um abraço caloroso. — E também irmã.

— Qual é a mensagem da Mahlessa?

— Ela não envia mensagem alguma, Rainha, apenas dois presentes. — Kiral ergueu um pequeno frasco de vidro contendo um líquido viscoso e escuro. — Ela acredita que isso será de serventia para você, e passou para mim o conhecimento para produzir mais.

Lyrna hesitou antes de aceitar o frasco, lembrando-se dos gritos da coisa que possuía aquela garota quando uma única gota tocara a sua pele.

— Como deve ser usado? — perguntou ela.

— Ela disse que é uma chave para grilhões invisíveis e que a senhora saberia como melhor usá-lo.

Lyrna entregou o frasco a Murel com estritas instruções para que fosse mantido a salvo e que não fosse aberto sob nenhuma condição.

— E o outro presente? — perguntou ela a Kiral.

— Apenas eu mesma. — Ela olhou para o pátio ao redor com um olhar indagador. — Procuro alguém que perdeu a sua canção, para que ele possa ouvir a minha.

CAPÍTULO DOIS

Vaelin

O Conclave se reuniu na Casa da Sexta Ordem, a única construção intacta e remanescente da Fé nas cercanias de Varinshold. O lugar fora abandonado após a visita de Frentis, o pátio, os salões e os corredores gritando o seu silêncio enquanto Vaelin os percorria, tomado por lembranças conforme o seu olhar recaía sobre os marcos de sua infância. O canto do pátio onde costumavam atirar facas no alvo, a cornija lascada perto dos aposentos do Aspecto onde Barkus rodopiara a espada com um entusiasmo exacerbado. Ele passou alguns momentos olhando para a escada íngreme na torre norte, notando as várias manchas escuras na pedra onde um irmão desafortunado ou um volariano morrera, mas não se moveu para subir até o quarto no andar de cima. *Algumas lembranças são melhores se deixadas para definhar.*

Ele só concordara em comparecer graças à mensagem insistente da Aspecto Elera e retardara a sua chegada de propósito, não desejando ser arrastado para discussões ou decisões a respeito dos muitos desafios da Fé. Contudo, quando os irmãos que estavam à porta permitiram que entrasse no salão de jantar, ele os encontrou ainda no meio de uma discussão fervorosa. Havia talvez vinte pessoas presentes, tudo o que restava dos servos mais graduados da Fé. Uma rápida olhada pelo local revelou mais mantos azuis do que outros, embora a Sétima, representada por Caenis e alguns de seus subordinados mais experientes, não usasse trajes formais. O Aspecto Dendrish estava acompanhado somente por Mestre Benril, aparentemente os únicos membros sobreviventes da Terceira Ordem na cidade. O Aspecto estava expondo sua opinião em voz alta, como de costume, as palavras “empreitada insana” deixando os seus lábios no momento em que Vaelin entrou.

— Interrompo, Aspecto? — perguntou Vaelin. — Continue, por favor.

— Vaelin. — A Aspecto Elera levantou-se para cumprimentá-lo de mãos estendidas, mancando um pouco ao se aproximar. O toque dela estava quente como sempre, embora Vaelin tivesse detectado um leve tremor e ficado desconcertado com sua palidez.

— Aspecto — disse ele. — A senhora está bem?

— Muito bem. Venha. — Ela se virou e o conduziu adiante. — Seu conselho é bem-vindo aqui.

O Aspecto Dendrish bufou sem cerimônia e ele notou que Caenis se retesou um pouco no assento, com uma expressão mais de resignação sombria do que de boas-vindas.

— Confesso que não sei que conselho posso oferecer, uma vez que essa reunião é da Fé, enquanto eu não sou — disse Vaelin.

— A Fé ainda lhe é fiel, irmão — respondeu Sollis. Ele estava ladeado pelo Irmão Comandante Artin de Cardurin e por Mestre Rensial, que estava sentado com os olhos arregalados fixos no chão e de braços cruzados firmemente sobre o peito. — Quer você lhe seja fiel ou não.

— Acreditamos que a sua opinião será valiosa — prosseguiu a Aspecto Elera. — Especialmente no tocante à intenção da Rainha.

Vaelin acenou com a cabeça para o Irmão Hollun, o único representante da Quarta Ordem presente.

— O Irmão Hollun está ao lado da Rainha todas as manhãs. Tenho certeza de que ele pode esclarecer a intenção dela de maneira mais do que satisfatória.

— Ela quer invadir o Império Volariano — disse o Aspecto Dendrish, com uma rouquidão enfermiça na voz. — Com o Reino em ruínas, ela pretende gastar o que nos resta de força num... — Ele fez uma pausa, a papada estremecendo um pouco enquanto lutava para formular uma expressão menos ofensiva. — Caminho questionável.

— Não cabe ao senhor questionar o caminho da Rainha — retrucou Vaelin.

— Você sem dúvida compreende as nossas preocupações, Vaelin — disse Elera. — Somos responsáveis pela proteção dos Fiéis.

— Perdão, Aspecto, mas o estado atual deste Reino é evidência mais do que suficiente do seu fracasso nessa tarefa. — Vaelin afastou-se dela e passou os olhos pelos presentes, os remanescentes de algo que ele já considerara imutável, eterno. — Vocês mantiveram segredos por séculos e derramaram sangue para isso. Conhecimento, força e sabedoria que poderiam ter nos ajudado quando sentimos o golpe do Aliado. Tudo em nome da preservação de uma Fé construída com base numa mentira.

— A mentira de um homem é a verdade de outro. — A voz era débil, trêmula, mas forte em sua convicção, saída de um velho num manto branco manchado. Ele estava sentado sozinho, mantendo-se ereto com um cajado nodoso feito de um velho galho de árvore e encarando Vaelin com um único olho azul e brilhante, o outro de um branco leitoso.

— Aspecto Korvan — disse Elera. — O último da Primeira Ordem.

— Os Finados são almas aprisionadas — disse Vaelin ao velho. — Dotados

apanhados no Além por um ser com propósitos vis. Isso é uma mentira?

O Aspecto Korvan suspirou, baixando a cabeça, momentaneamente cansado.

— Durante cinco décadas fui Mestre da Intuição na Casa da Primeira Ordem — disse ele. — Hoje me vejo um Aspecto, um título derivado do caráter variado de nossa Fé. E a Fé é apenas um reflexo do que nos aguarda no Além.

— Eu já estive no Além — retorquiu Vaelin. — E o senhor?

A mão do velho se contraiu no cajado e ele levou um momento para responder.

— Uma vez, há muito tempo. Você não é o primeiro a experimentar a morte e regressar, jovem. O Além é um lugar que não é um lugar, tanto forma quanto bruma, eterno porém finito. É um cristal formado por muitas facetas, e você viu apenas uma.

— Talvez — admitiu Vaelin. — E talvez a Fé seja apenas uma tentativa desajeitada de compreender algo que está além da compreensão. Mas eu vi o suficiente para saber que o nosso inimigo não está satisfeito. Ele quer a nossa aniquilação e não vai parar. A Rainha entende que a chave para derrotá-lo é atacar o coração do império que ele construiu para nos destruir. Asseguro-lhes que a intenção da Rainha também é a minha.

— Ainda que possa nos levar à ruína? — perguntou Dendrish.

— A ruína já se abateu sobre nós — retorquiu Vaelin. — A Rainha Lyrna oferece uma chance de evitar a nossa total destruição. — Ele se virou para Caenis com um olhar questionador. — Não há sinais e presságios para nos guiar, irmão? Nenhuma mensagem recebida das brumas rodopiantes do tempo?

— O Irmão Caenis agora é Aspecto Caenis — disse Elera, conseguindo de algum modo manter o sorriso.

— Parabéns — disse Vaelin.

Os lábios de Caenis formaram um leve sorriso e ele se levantou.

— Meu irmão sabe muito bem que a presciência não é uma arte exata — disse ele. — E restam poucos em nossas fileiras com dons capazes de nos ajudar nessa decisão. Só posso falar pela minha própria Ordem, e já nos jurei a serviço do propósito da Rainha, independentemente de onde possa nos levar.

Vaelin virou-se ao ouvir o barulho de uma cadeira ser arrastada e viu Mestre Rensial de pé. Ele permaneceu ereto olhando para eles durante alguns segundos, com o cenho franzido em concentração. Quando falou, não havia qualquer traço de estridência ou incerteza vacilante em sua voz.

— Eles me torturaram primeiro — disse ele. — Mas pararam quando ficou claro que eu não podia lhes contar nada. Eles me acorrentaram a uma parede e durante quatro dias escutei o tormento de meus irmãos. A mesma pergunta era feita, sem

parar: “Onde estão os dotados?” Não ouvi nenhuma resposta ser dada em momento algum. — Seu olhar perdeu o foco mais uma vez e ele se abraçou com mais força, tornando a se sentar e acrescentando num sussurro: — Onde está o garoto? A floresta está queimando e o garoto se foi.

Sollis levantou-se e colocou a mão no ombro do mestre louco, que continuava a murmurar para si mesmo.

— Com o consentimento deste Conclave, falo em nome de minha Ordem até que o Aspecto Arlyn seja resgatado ou fique provado que ele está morto — disse Sollis. — Seguiremos o caminho da Rainha.

— Assim como a Quarta Ordem — afirmou o Irmão Hollun.

O Aspecto Dendrish afundou-se no assento, sacudindo a mão gorda num ato que podia ser tanto de repúdio quanto de consentimento. Foi Mestre Benril quem falou, levantando-se para encará-los com um semblante carregado.

— A guerra é sempre a insensatez dos ignorantes. Porém, vi muito para me convencer de que algumas guerras precisam ser lutadas, até o mais amargo fim, se necessário. A nossa Ordem, tal como se encontra, apoiará essa empreitada.

A Segunda Ordem estava representada por duas irmãs da missão em Andurin, ambas cansadas da viagem e claramente intimidadas pela ocasião. Elas aparentemente não tinham conhecimento do destino de seu Aspecto, embora segundo rumores todos os seus irmãos e irmãs tivessem perecido quando a sua Casa foi incendiada até sobrar apenas escombros. Conversaram entre si por um momento e a mais velha das duas confirmou numa voz cansada que concordavam com o rumo a se tomar.

— Aspecto? — perguntou Sollis a Elera.

O sorriso dela havia desaparecido por completo, o seu rosto, sempre sereno e radiante como se desafiasse os sinais da idade, agora revelava uma mulher exausta de meia-idade com olhos que haviam visto demais. Ela ficou em silêncio por algum tempo, de mãos entrelaçadas e olhos baixos.

— Tantas coisas mudaram tão depressa — disse ela por fim. — Tantas certezas destruídas em poucos meses. Lorde Vaelin tem razão ao falar de nossos crimes passados, pois somos culpados de erros atrozes. Eu mesma nada disse quando a minha pupila mais brilhante foi levada para a Fortaleza Negra por falar contra a guerra do deserto. Temos sangue nas mãos. Mas receio os crimes que nos aguardam se seguirmos esse curso. Todos os dias pessoas vêm até a minha Ordem para serem curadas, mas consumidas por um ódio que jamais vi em todos os anos de agitação pelos quais este Reino passou. Quando a Rainha levar essas pessoas para o outro lado do oceano, que tipo de justiça ela dispensará?

— Eu sou o Senhor da Batalha do Exército da Rainha — disse Vaelin. — E não permitirei que qualquer violência seja cometida contra aqueles que não pegarem em armas para se opor a nós.

Ela ergueu a cabeça e sorriu mais uma vez para Vaelin, mas com algo por trás dos olhos que ainda não demonstrara: arrependimento. *Eu fiz o seu parto*, ela lhe dissera uma vez. *Talvez ela esteja se perguntando o que trouxe ao mundo*.

— Confiarei em sua palavra, Vaelin, como sempre fiz. — Ela se virou para os outros e falou com formalidade: — A Quinta Ordem promete apoiar o caminho da Rainha.

Ele se despediu de Reva no portão sul, puxando-a para perto para lhe beijar o topo da cabeça, ficando surpreso e feliz quando ela retribuiu o abraço.

— Nenhuma dúvida? — perguntou, enquanto ela se afastava. — Nenhuma hesitação em seguir as ordens da Rainha?

— Dúvidas eu tenho de sobra — respondeu Reva. — Mas isso não é novidade. Vi o suficiente em Alltor para me convencer de que essa luta é até a morte. Eles não vão parar, então nós também não podemos.

— E o seu povo verá as coisas dessa forma?

A expressão dela ficou sombria, seu tom brando e com uma admissão relutante:

— Eles verão quando ouvirem a Senhora Abençoada falar com a voz do Pai.

Ela montou no cavalo e partiu com uma escolta de Guardas da Casa. Ao vê-la se distanciar, Vaelin foi tomado por uma súbita sensação de perda, compreendendo que talvez nunca mais a visse.

— Meu senhor. — Ele se virou e deparou-se com uma das damas de Lyrna, a mais alta de olhos escuros, embora o nome lhe fugisse no momento. — A Rainha pede a sua presença no palácio.

A dama olhou para a esquerda e sua testa ficou um pouco franzida de inquietação. Vaelin olhou na mesma direção, que era onde os dotados dos Confins haviam se acomodado numa taverna parcialmente arruinada. Dois Guardas do Reino de passagem estavam recobrando a compostura, claramente vítimas da mania de Lorkan de dar susto nos não dotados. O jovem curvou-se numa desculpa aparentemente sincera, enquanto Cara abafava uma risada ao fundo. Lorkan percebeu que Vaelin o olhava e deu um sorriso tímido antes de se virar e caminhar até as sombras de um canto, onde pareceu sumir da face da terra.

Vaelin virou-se para a dama, que ainda fitava de olhos perscrutadores a sombra

por onde Lorkan havia desaparecido.

— Perdão, minha senhora — disse ele, atraindo de novo a atenção da mulher. — Creio que eu não saiba o seu nome.

— Orena, meu senhor. — Ela se curvou mais uma vez. — Na verdade, Senhora Orena Al Vardrian, pelas boas graças da Rainha.

— Vardrian? Do sul de Haeversvale?

— Minha avó era de Haeversvale, meu senhor.

Ele estava prestes a informá-la de que era muito provável que ambos possuísem algum laço de sangue, mas o desconforto evidente no rosto da mulher o fez parar para pensar. Era evidente que não agradava à dama a ideia de ficar tão perto dos dotados, e havia uma tensão em seu comportamento que desencorajava o prolongamento da conversa.

— Essas pessoas são nossas aliadas — disse Vaelin, indicando a taverna com a cabeça. — Não oferecem qualquer ameaça.

Uma neutralidade plácida tomou conta do rosto da mulher e ela fez uma mesura.

— A Rainha aguarda a sua presença, meu senhor.

Ela estava no terreno do palácio examinando o mármore parcialmente esculpido por Mestre Benril. A Senhora Davoka se encontrava ali perto, ao lado de outra lonak, mais jovem e consideravelmente mais baixa. A mulher mais jovem empertigou-se ao avistar Vaelin, com uma curiosidade evidente no rosto, como se fazendo uma pergunta silenciosa.

— Meu senhor — cumprimentou Lyrna, animada. — Como foi o Conclave?

Vaelin não ficou surpreso por ela saber que ocorrera um. Ela tinha todo o dom do pai para conseguir informações e modos muito mais sutis de explorá-las.

— A Fé espera se reestruturar — disse ele. — E, é claro, apoiará a sua empreitada com todas as forças que lhe restam.

— E a Senhora Reva?

— Também irredutível na busca de seu objetivo, Alteza.

Lyrna assentiu, o olhar ainda fixo no mármore. Embora estivesse inacabado, Vaelin achou os entalhes de uma perfeição espantosa, as expressões e poses das figuras imbuídas de uma precisão e verossimilhança que superavam até mesmo as das outras obras de Benril. No rosto dos soldados volarianos e da população do Reino estavam estampados todo o medo, a fúria e a confusão de pessoas de fato confrontadas com os horrores da guerra.

— Impressionante, não? — comentou Lyrna. — E, ainda assim, Mestre Benril me pediu formalmente que destruísse a obra.

— Sem dúvida serve como uma lembrança dolorosa de sua escravização.

— Mas, nos anos que estão por vir, talvez todos nós precisemos de lembretes do que nos fez tomar o nosso caminho. Acho que estou disposta a deixá-la como está. Caso o mestre se acalme com o tempo, talvez ele possa ser persuadido a concluí-la, do modo como achar melhor, é claro.

Lyrna ergueu a mão e fez sinal para que Davoka e a outra lonak se aproximassem.

— Esta é Kiral do Clã do Rio Negro. Ela tem uma mensagem para o senhor.

— Você fala muito bem a minha língua. — Vaelin a levava para a casa de seu pai, onde ele e a irmã haviam criado uma espécie de lar entre os cômodos menos danificados.

Alornis estava ausente, tendo ido até as docas, provavelmente ansiosa para pintar a paisagem de navios que apinhavam o porto. Eles estavam sentados sob o carvalho no pátio, os galhos imponentes desfolhados à medida que o frio do inverno aumentava.

— *Ela* sabia a sua língua — disse Kiral. — Então eu sei.

Ele ouvira de Lyrna a história e mal podia acreditar nela: uma alma possuída por uma das criaturas do Aliado e agora livre. E uma cantora com uma mensagem. Porém, de alguma forma ele sabia que era verdade; só de olhar no rosto da jovem Vaelin sabia que ela ouvia uma canção e se sentiu envergonhado pela inveja que aquilo instigava.

— Ela se lembrava de você — prosseguiu a garota lonak. — Você a impediu de matar uma vez. O ódio dela era grande.

Ele se lembrou do rosto furioso e sibilante da Irmã Henna quando a segurou contra a parede.

— Você possui as memórias dela?

— Algumas. Ela era muito velha, embora não tão velha quanto o irmão e a irmã, nem tão mortal. Ela os temia e os odiava na mesma medida. Eu possuo as artes de cura que ela aprendeu na Quinta Ordem, os rituais realizados por uma sacerdotisa em algum lugar no sul distante do Império Alpirano, as habilidades com a faca de uma escrava volariana que foi enviada para morrer nos espetáculos deles.

— Sabe quando ela foi capturada pela primeira vez?

— As lembranças mais antigas dela são uma névoa de confusão e medo. A

principal dentre elas é a cena de cabanas queimando sob um céu noturno. — Kiral fez uma pausa, estremecendo de forma involuntária. — A visão desaparece e ela escuta a voz *dele*.

— O que ele diz?

Ela sacudiu a cabeça.

— Ela sempre afastava a lembrança, preferindo se concentrar em suas muitas vidas de assassinatos e engodos.

— Sinto muito por você. Deve... doer.

Kiral encolheu os ombros esguios.

— Só quando sonho, na maioria das vezes. — Ela olhou para os galhos do grande carvalho acima de sua cabeça e um leve sorriso surgiu em seu rosto. — Ali — disse ela, apontando para uma forquilha larga no tronco principal. — Você se sentava ali para observar o seu pai escovar os cavalos. — O sorriso dela desapareceu. — Ele tinha medo de você, mas você nunca soube disso.

Vaelin ergueu a cabeça e olhou para o carvalho durante algum tempo. As lembranças de brincar naqueles galhos sempre foram felizes, mas agora ele se perguntava se os seus olhos de criança haviam visto mais do que ele se recordava.

— Sua canção é forte — disse ele.

— A sua era mais. Posso ouvir o eco dela. Deve ser difícil perder tamanha força.

— Eu a temia quando era mais novo, mas com o tempo soube que era um dom. E, sim, sinto muita falta dela.

— Então agora eu serei a sua canção, como ordena a Mahlessa.

— E o que ela ordena?

— Ouço uma voz me chamando de uma grande distância, muito longe daqui, no leste. É uma melodia muito antiga, e muito solitária, cantada por um homem que não pode morrer, um homem que você encontrou.

— O nome dele?

— Não sei, mas a música carrega a imagem de um garoto que lhe ofereceu abrigo contra uma tempestade e arriscou a vida para salvá-lo e à pessoa sob os cuidados dele.

Erlin. De repente todas as peças se encaixaram: a fúria com que Erlin gritara para a tempestade naquela noite, suas viagens ao redor do mundo e o seu rosto inalterado quando apareceu para compartilhar a verdade a respeito do pai de Davern. *Erlin, Rellis, Hetril... ele tem uma centena de nomes*, dissera Makril, embora Vaelin agora soubesse que ele havia começado com apenas um. *Aquele dia na feira, enquanto ele assistia ao espetáculo de marionetes...*

— Kerlis — sussurrou ele. — Kerlis, o Ímpio. Amaldiçoado a viver para sempre por negar os Finados.

— Uma lenda — disse Kiral. — Meu povo conta outra história. Falam de um homem que ofendeu Mirshak, Deus das Terras Negras, e foi amaldiçoado a compor uma história sem fim.

— Você sabe onde encontrá-lo?

A Ionak assentiu.

— E sei que ele é importante. A canção ressoa com um propósito quando o toca, e a Mahlessa acredita que ele é a chave para derrotar o que quer que comande a coisa que roubou o meu corpo.

— Onde?

A cicatriz estremeceu quando ela fez uma careta de desculpas.

— Do outro lado do gelo.

CAPÍTULO TRÊS

Frentis

Ela para e olha o Conselho antes de se sentar, vinte homens em finos mantos vermelhos sentados em volta de uma mesa perfeitamente circular. A Câmara do Conselho fica a meio caminho do topo da torre, e cada membro havia sido erguido até lá pela força de uma centena de escravos trabalhando com cordas e roldanas que se estendiam de cima a baixo do monolito. Apesar de serem abençoados com a vida eterna, nenhum Conselheiro gostava da perspectiva de subir tantas escadas.

Ela suporta o tédio das formalidades de abertura enquanto Arklev entoa o início da quarta e última reunião do Conselho do ano, o octingentésimo vigésimo quinto ano do império, os escribas-escravos escrevendo com sua velocidade sobrenatural enquanto ele continua com a ladainha, introduzindo cada membro por vez, até finalmente chegar a ela.

— ... e que acabou de assumir a Cadeira Escravocrata, Conselhei... ra, hã...

— Serei registrada simplesmente como a Voz do Aliado — diz ela, lançando um olhar significativo para os escribas.

Arklev vacila por um momento, mas se recompõe com admirável fortitude.

— Como quiser. Agora, a nossa primeira ordem do dia...

— A única ordem do dia — interrompe ela. — A guerra. Este Conselho não tem outra obrigação até que ela seja concluída.

Outro Conselheiro se manifesta, um simplório de cabelos grisalhos cujo nome ela não faz questão de lembrar.

— Mas há assuntos urgentes vindos do sul, relatos de fome...

— Houve uma seca — diz ela. — Colheitas são perdidas e pessoas passam fome. Matem quaisquer escravos excedentes para economizar suprimentos até que a seca termine. Tudo muito triste, mas é possível sobreviver a isso, o que talvez não possa ser dito sobre a nossa atual situação militar.

— De fato — começa Arklev —, a invasão não progrediu como planejado...

— Foi um fracasso miserável, Arklev — interrompe ela, sorrindo. — Tokrev, aquele idiota envaidecido, orquestrou a própria morte e derrota com mais eficiência do que qualquer uma de suas vitórias. A propósito, lamento pela sua

irmã.

— Minha irmã ainda está viva e não duvido de suas habilidades para que continue assim. E nós ainda estamos no controle da capital deles...

— Não. — Ela estende a mão para pegar uma uva de uma tigela próxima, colocando-a na boca e saboreando a doçura. Embora não inteiramente de seu agrado, aquela casca tem um paladar incrivelmente sensível. — Há três dias que não estamos no controle da cidade. Mirvek está morto, assim como os seus comandados. Perdemos o Reino Unificado.

Ela desfruta do silêncio perplexo quase tanto quanto da uva.

— Uma tragédia — diz um deles num tom cauteloso, um sujeito belo com uma enganadora aparência jovial. Ela se lembra de ter matado um homem a pedido dele, quarenta anos antes, marido de alguma vadia com quem ele queria se casar. Ela nunca pensou em perguntar se o casamento havia sido bem-sucedido. — Porém — continua o belo Conselheiro —, ainda que a desgraça da derrota seja difícil de suportar, isso por certo significa que a guerra está próxima do fim. Por ora, pelo menos. Devemos reunir as nossas forças e aguardar uma oportunidade apropriada para fazer uma nova tentativa.

— Enquanto uma nação inteira com todos os motivos para nos odiar reúne as próprias forças.

— Eles estão enfraquecidos pela nossa invasão — observa Arklev. — E há um oceano entre nós.

— Imagino que o Rei Malcius nutria a mesma ilusão até o momento em que sentiu o pescoço se quebrar. — Ela se levanta e todo o humor desaparece de seu rosto ao olhar para cada um deles. — Saibam, Honoráveis Conselheiros, que o Aliado não perde tempo com conjecturas. Falo de fatos genuínos. O Reino Unificado agora tem uma rainha e ela vê num oceano um obstáculo tanto quanto veria num córrego raso. Quando os mares se acalmarem, ela virá, enquanto nós gastamos as nossas melhores forças numa invasão comandada por um tolo, que foi escolhido pelos votos de vocês, se bem me recordo.

— O General Tokrev era um veterano de muitas campanhas — começa o Conselheiro grisalho, calando-se sob o olhar dela. Ela deixa o silêncio se prolongar, sentindo uma ânsia familiar no peito quando a sua canção detecta o medo crescente, e cerra os punhos para contê-la. Ainda não.

— É desejo do Aliado que sejam reunidas reservas para enfrentar essa ameaça. Ex-Espadas Livres serão reconvocados aos seus batalhões e as cotas de recrutamento serão triplicadas. As guarnições em Volar serão reforçadas por tropas retiradas das províncias.

Ela espera que discordem, mas todos apenas continuam sentados lhe encarando, esses homens donos de milhões, covardes ancestrais compreendendo pela primeira vez o tamanho de sua insensatez. Ela cogita deixar uma última ameaça velada ou uma provocação humilhante, mas se vê tomada por um desejo imenso de se afastar deles.

Foi assim que aconteceu com você?, *pergunta ela ao fantasma indiferente de seu pai enquanto dá as costas para eles e sai da câmara sem uma palavra.* Eles viram quanto você estava enojado do fedor deles? Foi por isso que eles fizeram com que eu o matasse?

Ele foi despertado pelo barulho da tranca da porta de sua cela. Seu principal carcereiro, como todos os guardas, vinha da Guarda Montada da Rainha, um sargento veterano com uma distinta indisposição para conversas que olhava para Frentis com ódio escancarado toda vez que abria a porta. A Rainha fora meticulosa ao escolher guardas que provavelmente não seriam influenciados pela lenda do Irmão Vermelho. No entanto, naquele dia o ódio do homem estava levemente contido ao abrir a porta pesada e fazer sinal para que ele saísse da cela. Frentis ficou ainda mais surpreso quando não lhe colocaram grilhões, nem lhe maltrataram de forma alguma. Ele era alimentado duas vezes por dia e recebia um jarro de água fresca todas as manhãs quando o sargento aparecia para pegar o seu balde de dejetos. Fora isso, era deixado no escuro, sem qualquer companhia ou conversa... exceto por *ela*, claro, que aguardava toda vez que ele sucumbia ao sono.

O sargento permaneceu a uma boa distância quando ele saiu da cela e deparou-se com a Rainha parada na câmara mais além, ladeada por Davoka e seus dois guardas enobrecidos.

— Alteza — disse Frentis, colocando um joelho no chão.

A Rainha não respondeu e virou-se para o sargento.

— Deixe-nos, por favor. Entregue suas chaves a Lorde Iltis.

Ela esperou até que o homem saísse antes de tornar a falar.

— A Fortaleza Negra não esteve tão vazia assim desde o dia de sua construção.

— Frentis permaneceu ajoelhado enquanto a Rainha examinava a câmara, passando os olhos pelas pedras escuras iluminadas por tochas. — Prefiro dessa forma. Pretendo mandar demoli-la ao término de nossas atuais dificuldades.

Frentis abaixou a cabeça, respirou fundo e falou num tom formal:

— Minha Rainha, eu humildemente ofereço a minha vida...

— Cale-se! — Sua voz foi como uma chicotada, quando ela se aproximou o

suficiente para ser tocada e assomou sobre Frentis, respirando de modo arfante e irregular. — Eu o matei uma vez. Então já tenho a sua vida.

Ela começou a respirar mais devagar após um momento e afastou-se.

— Levante-se — ordenou a Rainha com um aceno irritado e Frentis ficou de pé, aguardando enquanto o rosto perfeito dela o encarava, a raiva substituída por uma calma gélida. — O Irmão Sollis me transmitiu em detalhes o relato que você lhe fez. Você não estava no comando de suas ações. É tão culpado pela morte do Rei quanto uma espada o é pelo sangue que derrama. Eu sei disso, irmão. E, ainda assim, sinto que não há em mim perdão para você. Compreende?

— Sim, Alteza.

— Lorde Vaelin também me disse que você afirmou que Lorde Al Telnar foi cúmplice na invasão volariana.

— Ele foi, Alteza, pela promessa de poder e... outras recompensas.

— E o que seriam?

— Ele estava determinado a conseguir promessas de que mal algum seria feito à senhora durante o ataque.

Ela suspirou, sacudindo levemente a cabeça.

— E eu que pensei que ele havia morrido como um herói.

Frentis respirou fundo, preparando-se antes de dizer as próximas palavras:

— Posso pedir um momento para lhe falar em particular, Alteza? Tenho uma mensagem a entregar.

— A Senhora Davoka e estes senhores me viram em meu pior estado e ainda assim julgam que mereço a sua lealdade. Quaisquer palavras que você me diga são dignas de serem ouvidas por eles.

— Falo por um Lorde Comandante da Guarda Montada, um homem que vi ser morto quando o palácio foi tomado. O nome dele era Smolen.

O rosto da Rainha não revelou nenhuma emoção ao olhar para ele, mas Frentis notou como as mãos delas se mexeram como que ansiosas para pegar uma arma oculta.

— Relate a sua mensagem — ordenou ela.

— Ele disse que havia sido incrível viajar até tão longe com a mulher que amava.

A Rainha cerrou os punhos com força e avançou na direção dele. Frentis ouviu duas espadas sendo desembainhadas quando os senhores colocaram-se ao lado dela, os aços apontados para tirar a sua vida.

— Como ele morreu? — perguntou a Rainha.

— Bravamente. Ele lutou bem, mas os Kuritai são habilidosos, como a senhora sabe.

Frentis não conseguiu olhá-la nos olhos; a perfeição impassível do rosto dela era um contraste terrível com a mulher queimada que gritara e fugira da sala do trono.

— Não peço misericórdia — disse ele, baixando a cabeça. — E aguardo o julgamento de Vossa Alteza.

— Então você anseia pela morte? Acha que os Finados receberão alguém como você?

— Duvido, Alteza. Mas a esperança está no coração da Fé.

— Então a sua esperança será malograda, pelo menos por ora. — Ela indicou a Iltis uma cela trancada; o Lorde Protetor experimentou as chaves e abriu a porta, e ele e o seu companheiro entraram para buscar o ocupante. Ao contrário de Frentis, o homem havia sido posto a ferros, tornozelos, joelhos, pulsos e pescoço presos por grilhões recém-forjados, forçando-o a arrastar-se centímetro a centímetro enquanto os dois lordes o puxavam para a luz. Apesar do seu óbvio desconforto, não havia qualquer sinal de aflição no rosto do homem, suas feições a familiar máscara impassível dos escravos de elite. Tinha o peito nu com músculos bem delineados e um emaranhado de cicatrizes que lhe cobriam a pele da cintura ao pescoço.

— Kuritai — murmurou Frentis.

— O único que conseguimos capturar em toda essa guerra — disse a Rainha. — Encontrado desacordado nas docas no dia em que a cidade foi retomada. De acordo com Lorde Al Hestian, ele havia sido designado para vigiar Alucius, garantindo assim a submissão de seu pai. O nome dele é Vinte e Sete.

Ela se aproximou do escravo de elite, examinando-o da cabeça aos pés com um olhar crítico.

— O Irmão Harlick me disse que essas criaturas não possuem vontade própria, que lhes é arrancada através de torturas, drogas e, de acordo com o Aspecto Caenis, vários métodos das Trevas que fedem a influência do Aliado. Tal como sua vontade foi tirada de você, imagino. O que será que ele faria se nós o libertássemos?

— Aconselho que isso não seja feito de modo algum, Alteza — disse Frentis.

A Rainha virou-se para ele com o mesmo olhar avaliador, seus olhos indo até um ponto em particular no seu peito.

— A Senhora Davoka me disse que o ferimento que lhe causei supurou e que você está vivo graças a ela.

Frentis olhou para Davoka e notou que nunca a tinha visto tão pouco à vontade, com a testa encharcada de suor. Ele reparou que a lonak segurava uma garrafinha de

vidro, cujo conteúdo parecia reluzir um pouco, e percebeu que a mão dela de fato tremia.

— É verdade, Alteza — disse Frentis, ficando mais inquieto. *O que há ali dentro capaz de assustá-la tanto?* — Embora eu acredite que foi a sua faca que realmente me salvou. De alguma forma, ela me... libertou.

— Sim. — O olhar da Rainha recaiu sobre o prisioneiro e ela estendeu a mão a Davoka, falando em lonak. A Rainha pegou a garrafa e a ergueu à luz fraca, o líquido escuro no interior produzindo um odor nauseabundo quando ela tirou a rolha. — A lâmina que o libertou havia sido banhada nisto — disse ela a Frentis. — Um presente de nossos amigos lonaks. Um de que desconfio que possa se mostrar bastante útil aos nossos propósitos. — Ela se aproximou do Kuritai, falando calmamente com ele em volariano: — Isso não me dá prazer.

A Rainha ergueu a garrafa até um ponto no alto do peito do homem, virando-a até que uma única gota do líquido pingasse nas cicatrizes do escravo. O resultado foi imediato; o grito que saiu da garganta do Kuritai foi suficiente para doer os ouvidos enquanto ele convulsionava, tombando sobre as correntes e contorcendo-se no chão. A Rainha afastou-se, seu rosto sombrio e os olhos brilhantes ao tampar a garrafa. Frentis notou como ela se empertigou e forçou-se a assistir ao tormento do escravo. Após alguns segundos, os gritos diminuíram e se tornaram lamúrias agonizantes, as convulsões que haviam lhe curvado as costas reduzidas a tremores arfantes. Por fim, o escravo ficou imóvel, ofegando e encharcado de suor.

Lyrna deu um passo cauteloso em frente, mas Frentis ergueu a mão.

— Se me permite, Alteza?

A Rainha assentiu e ele foi até o Kuritai, agachando-se para olhar em seu rosto e vendo que a vida retornava aos olhos anuviados de dor.

— Consegue falar? — perguntou ele em volariano.

Os olhos piscaram, entrando em foco, a resposta uma tosse rouca saída de uma garganta desacostumada à fala.

— Ssssim.

— Como você se chama?

Os olhos se estreitaram levemente e a resposta saiu num volariano brusco, de sotaque carregado:

— Eu... comecei como Quinhentos. Agora... sou Vinte... e Sete.

— Não. — Frentis aproximou-se ainda mais. — Seu nome verdadeiro. Sabe qual é?

Os olhos vagaram um pouco, a testa franzindo-se diante das lembranças.

— Lekran — disse o homem em voz baixa, que então se transformou num rosnado. — Lekran... Meu pai... foi Hirkran, do machado vermelho.

— Você está longe de casa, amigo.

Lekran mexeu-se de súbito, retesando as correntes.

— Então... tire essa merda de metal de mim... para eu poder voltar para lá. Pois o nosso tempo neste mundo é curto e tenho muitos homens para matar.

— Isso realmente previne sonhos? — Frentis cheirou desconfiado o conteúdo do frasco e achou o odor nem um pouco convidativo, como bolor misturado com chá fervido.

— Deixa o sono profundo o suficiente para preveni-los — respondeu o Irmão Kehlan. — A primeira vez que o preparei foi após a passagem da Horda do Gelo. Havia muitas pessoas nos Confins atormentadas por pesadelos quando a matança terminou, inclusive eu. O líquido irá parar os seus sonhos, irmão. Embora a dor de cabeça que você terá pela manhã possa fazê-lo ansiar pelos sonhos.

Não são sonhos, sabia Frentis. Mas talvez pelo menos possa me proteger contra pensamentos indesejáveis quando ela tocar a minha mente. A Quinta Ordem havia se instalado nas casas dos mercadores, perto das docas, os muitos cômodos e porões fornecendo espaço suficiente para a maioria dos feridos e para o armazenamento do estoque crescente de bandagens e curativos. Ao que tudo indicava, a Senhora Al Bera havia conseguido convencer alguns mercadores alpiranos a arriscarem um último transporte de suprimentos através do Erineano no inverno, trazendo medicamentos muito necessários, assim como alimentos.

Frentis agradeceu ao curandeiro e saiu da casa, caminhando ao longo do cais até onde Vaelin se encontrava, olhando para a imensa belonave volariana. Ele percebeu enquanto caminhava os muitos olhares que atraía, sendo que um número considerável deles era visivelmente hostil, apesar de a maioria ser apenas de medo ou de surpresa. Ele ainda podia ser o Irmão Vermelho para alguns, mas para a maioria era agora o Assassino do Rei, libertado em virtude da infinita benevolência de sua Rainha. Ela não instilava medo algum neles, somente adoração, e eles labutavam de forma incessante ao seu comando. Para todo lugar que Frentis olhava pessoas estavam trabalhando, reconstruindo paredes caídas, martelos retinindo em forjas improvisadas, e novos recrutas sendo treinados a uma disciplina à qual não estavam acostumados. Ele viu fadiga em muitos rostos, mas nenhuma ociosidade; todos seguiam para realizar as tarefas designadas com singular determinação. *Os capitães podem ter receio do caminho que ela vai tomar, mas essa gente navegaria*

por todos os oceanos do mundo ao seu comando.

Ele ouviu vozes se erguerem no navio ao se aproximar e avistou duas figuras no convés; uma baixa, outra alta. A mais baixa das duas parecia ter a voz mais elevada.

— Sua irmã tem uma língua surpreendentemente irascível, irmão — comentou Frentis com Vaelin.

— Nosso novo Mestre do Estaleiro da Rainha a faz exhibir o que tem de pior — retorquiu ele, observando Alornis apanhar um maço de pergaminhos e atirá-lo no rosto de Davern antes de descer a rampa pisando firme. — Ele pediu que Alornis fizesse desenhos do navio. Algo que desconfio de que ele agora se arrepende.

— Idiota arrogante! — explodiu Alornis após descer até o cais, o semblante carregado inalterado pelo abraço consolador do irmão.

— Ele não gostou dos desenhos? — perguntou Vaelin.

— Não foram os desenhos. — Ela ergueu a voz, para que pudesse ser ouvida do navio. — É a recusa teimosa dele de dar ouvidos a conselhos razoáveis!

— Tenho certeza de que ele conhece o próprio ofício — disse Vaelin, recebendo um olhar franzido de reprovação.

— Essa monstruosidade — disse Alornis, apontando para o casco do *Rainha Lyrna* — foi projetada de forma exagerada, e ainda assim ele quer copiá-la, gastando com isso quantidades enormes de trabalho e madeira.

— Sem dúvida o seu projeto é mais elegante?

— Na verdade, sim, querido irmão, é. — Ela se empertigou, segurando a bolsa contra o peito. — Levarei isso até a Rainha. — Ela fez uma medida rígida para Frentis e partiu num passo determinado.

— Na última vez que a encontrei, ela falava mais baixo — disse Frentis.

— Todos nós mudamos muito, irmão. — Vaelin deu as costas ao navio e caminhou na direção do molhe, acompanhado por Frentis. — Os planos da Rainha para você — disse ele, parando a uma boa distância de outros ouvidos. — Você pode recusar.

— Dificilmente, irmão. Tampouco seria o meu desejo fazer isso.

Vaelin olhou para o mar, as águas cinzentas cortadas pelo vento sob um céu turbulento.

— A mulher que assombra os seus sonhos... Acha que ela o sentirá se aproximando?

— Possivelmente. Embora eu espere que a poção do Irmão Kehlan mascare os meus pensamentos. De qualquer forma, o interesse dela por mim pode ser vantajoso, dado o caráter diversionário de minha missão.

— Parece que nós dois temos estradas difíceis à nossa frente.

— É melhor você não me dizer o que fará. Se ela me encontrar e de algum modo me capturar vivo, eu... duvido que consiga não revelar segredos se ela me dominar de novo.

Vaelin assentiu e deu as costas para o mar, a tristeza visível em seu semblante.

— Procurei tanto tempo por você, projetando a minha canção por todos os lados, mas nunca tive mais do que o mais vago vislumbre. Agora, parece que tenho que mandá-lo de novo para longe e não tenho canção alguma para encontrá-lo.

— Tenho muito a compensar, irmão. E um assassino não deveria se demorar à vista da irmã de sua vítima. — Ele estendeu a mão e Vaelin a apertou com força. — Iremos nos encontrar em Volar, disso não tenho dúvida.

A dor de cabeça era tudo o que o Irmão Kehlan prometera, aliviada um pouco pela sensação agradável de saber que a poção funcionara. O seu sono ficara livre de sonhos, sem quaisquer outros horrores ou pedidos para que se rendesse à vontade dela. Frentis continuara a dormir na Fortaleza Negra após a sua libertação, ele e Lekran agora instalados com conforto na sala de guarda. Era uma sensação estranha viver numa construção tão grande ocupada por somente duas pessoas, visto que a Rainha transferira depressa os guardas para serviços de treinamento. Ele encontrou o ex-Kuritai exercitando-se no pátio, movendo-se com toda a velocidade e precisão instiladas por anos de condicionamento e batalhas. O volariano usava agora um machado no lugar das espadas duplas, girando a arma conforme enfrentava um exército de oponentes imaginários.

— Irmão Vermelho — disse ele a Frentis, parando e ofegando um pouco por causa do esforço dos exercícios. Ele abandonara a navalha desde a sua libertação, e uma barba escura começava a crescer em seu rosto, assim como cabelos negros em sua cabeça. — Sua mulher-chefe mandou um escravo com isto. Ela deu um grande presente.

Ele ergueu o machado, com um sorriso largo no rosto. Era uma arma de lâmina dupla de origem renfaelina, o aço plano no interior das lâminas incrustado com um padrão intrincado de ouro. *Provavelmente um dos brinquedos de Darnel*, concluiu Frentis, mais uma vez sentindo uma pontada de arrependimento por não ter sido ele a matar o Senhor Feudal.

— Não há escravos aqui — ponderou Frentis, um fato que fora obrigado a repetir muitas vezes. Lekran parecia ter dificuldade em conceber uma terra sem escravidão. Ele descrevera com detalhes a sua terra natal, que aparentemente ficava em algum

lugar na selvagem região montanhosa para além das províncias setentrionais; e as principais ocupações de sua tribo pareciam ser cavar à procura de minerais e guerrear constantemente com tribos vizinhas.

— Coisa boa — disse Lekran após um longo gole de vinho. — Tem mais?

Frentis indicou com um gesto uma pilha de garrafas, encontradas debaixo da cama do oficial Espada Livre que estivera no comando daquele lugar. A cidade acabara se mostrando rica em estoques ocultos de vinho e de saques variados. O exército volariano permitia formalmente a pilhagem, desde que todo o saque fosse declarado e sujeito a uma taxa de um décimo do total, mas claramente muitos não haviam se sentido inclinados a seguir essa lei.

— Sua mulher-chefe — disse Lekran, sentando-se de novo com uma garrafa na mão. — Ela tem um homem?

— Ela é chamada de Rainha, e não.

— Ótimo. Vou querer ela para mim. — Ele tomou um longo gole e arrotou de forma extravagante. — Quantas cabeças você acha que vai custar?

Aparentemente era costume da tribo de Lekran oferecer as cabeças de inimigos derrotados para noivas em potencial como prova de valor como marido.

— Mil devem bastar — disse Frentis.

Lekran franziu o cenho e bufou irritado.

— Tantas assim?

— Ela é uma rainha. Elas são caras. — Ele observou o ex-escravo esvaziar a garrafa em alguns goles e sabia que, apesar de toda a bravata, aquele era um homem tentando afogar os muitos horrores em sua cabeça. — Por quanto tempo você foi Kuritai? — perguntou Frentis.

— Eu tinha dezenove anos quando me pegaram. Agora vejo o rosto do meu pai quando me olho no espelho. O tempo se perde com o domínio. — Lekran fez uma careta para a garrafa vazia e a jogou contra as lajes.

— Você não se lembra? — insistiu Frentis. — Eu me lembro de cada momento do meu domínio.

— Então você tem muito azar. — Lekran se remexeu pouco à vontade por um momento, os braços musculosos se retesando ao entrelaçar as mãos e lançar um olhar ávido para o vinho. — Eu me lembro... o suficiente.

— Alucius Al Hestian. Você se lembra de que foi designado para vigiá-lo?

Um sorriso muito leve surgiu nos lábios de Lekran.

— Sim. Ele também queria uma bebida.

— Ele morreu como herói, tentando matar um inimigo meu muito odiado.

— Aquele desmiolado na cadeira grande? — Lekran soltou um grunhido jocoso. — Bem, bom para ele. Vamos beber à sua memória. — Ele se levantou para pegar outra garrafa.

— Você sabe o que vamos fazer? — perguntou Frentis enquanto ele vasculhava o vinho, tirando a rolha de uma garrafa para sentir o cheiro da bebida e então fazendo uma careta e a jogando de lado. — Está satisfeito em me seguir?

— Meu pai foi o único homem que já segui de boa vontade. — Lekran fungou no gargalo de outra garrafa e ergueu as sobrancelhas em apreciação. — Mas vou emprestar o meu machado à sua causa no caminho para casa. — Ele se sentou mais uma vez, sorrindo ao tomar outro gole. — Afinal, a sua Rainha custa mil cabeças.

— Belorath — apresentou-se o capitão, encarando Frentis com óbvia desconfiança, que ficou ainda mais intensa ao avistar Lekran subir a rampa, com espadas duplas nas costas e o machado na mão. — Bem-vindo ao *Sabre do Mar*. Os seus companheiros já estão aqui.

O ar matutino estava ficando mais frio, o vento deixando-o cortante ao embarcarem. As figuras familiares no convés estavam enroladas em seus mantos quando Frentis avançou na direção delas, o frio que sentia dando lugar a uma raiva repentina.

— O que é isso? — perguntou ele.

— Viemos cumprir a ordem da Rainha, irmão — disse Draker, levantando-se, seguido pelos outros às suas costas. — É verdade, irmão. Ela teve a bondade de atender ao nosso pedido, já que nenhum de nós gostou da ideia de uma vida na Guarda do Reino.

O olhar de Frentis percorreu os trinta sobreviventes de sua companhia da Urlish, homens e mulheres de rostos sérios, vestidos em cores discretas e carregando uma variedade de armas favoritas. Embora houvesse uma exceção. Illian era uma figura impressionante em seu manto azul-escuro, parecendo ter crescido um pouco nos dias desde o seu último encontro. Ela estava ladeada por Dente Negro e Retalhador, e os dois cães o encaravam de olhos arregalados e cabeças baixas enquanto lambiam os lábios; filhotes cumprimentando o líder da matilha. Frentis ajoelhou-se para passar a mão na cabeça deles, provocando um ganido de boas-vindas.

— Presumo que haja uma mensagem do Irmão Sollis — disse Frentis a Illian, incapaz de esconder o desapontamento na voz.

Ela respondeu com um leve sorriso e um tom formal:

— Apenas que você permita que eu me junte a essa missão, irmão. E que se

certifique de que o meu treinamento não diminua durante a viagem.

Frentis resistiu ao impulso de mandá-la desembarcar e ela continuou:

— Davoka também não ficou feliz, se serve de consolo.

— Não serve... irmã. Imagino que ela esteja ao lado da Rainha?

Illian assentiu.

— Não sem lamentar. Ela me deu isto. — Ela ergueu um saco com alguns cantis de couro. — Preparadas pelo Irmão Kehlan de acordo com a receita lonak.

Frentis assentiu.

— Mantenha-os a salvo e não fique tentada a abrir um cantil sequer. — Ele deixou os cães e levantou-se quando Trinta e Quatro adiantou-se para lhe apertar a mão. — Você é um homem livre agora — lembrou ele ao ex-escravo. — Retornando à terra de sua servidão. E o nosso sucesso está longe de ser garantido.

— Ainda não encontrei o meu nome — retorquiu Trinta e Quatro encolhendo os ombros. Ele abaixou um pouco a voz e falou em volariano: — E acho a sua Rainha... inquietante.

Frentis soltou a mão dele e virou-se para Mestre Rensial, que se encontrava afastado dos outros, com uma expressão no rosto mais vazia do que de costume.

— Eu esperava que o senhor fosse voltar aos estábulos, mestre — disse-lhe Frentis. — A Ordem precisará dos seus talentos.

— O garoto não está lá — murmurou Rensial. — Nem a garota, nem a mulher alta. — Ele olhou desconfiado ao redor, aproximou-se e sussurrou: — Onde estão os cavalos?

— Estamos indo encontrá-los, mestre. — Frentis apertou-lhe o braço para tranquilizá-lo. — Bem longe daqui, do outro lado do mar, há um império de cavalos.

Rensial respondeu com um aceno grave de cabeça e se afastou na direção da proa. Frentis decidiu avisar o Capitão Belorath para garantir que os seus homens dessem tanto espaço quanto possível ao mestre dos cavalos. Seu olhar foi atraído para a amurada, onde uma figura desconhecida olhava para o mar, um jovem corpulento com uma vasta cabeleira loura e encaracolada.

— O nome dele é Artesão — disse Draker. — Não fala muito.

Frentis conhecia o nome, é claro. *O dotado que curou a Rainha.*

— Ele também está indo por ordem da Rainha?

— Não tenho certeza, irmão. Ele já estava a bordo quando chegamos.

Frentis assentiu e virou-se para encarar o peso dos olhares deles.

— Agradeço a todos — disse ele. — Mas vocês me oferecem demais.

Desembarquem e me deixem com esta missão, por favor. — Eles o olharam em silêncio, com expectativa no rosto em vez de raiva. Nenhum deu um único passo em direção à rampa. — Não há viagem de volta para essa missão... — começou Frentis, e então parou quando Draker abriu um sorriso largo.

— Acho que o nosso capitão está ansioso para zarpar, irmão.

CAPÍTULO QUATRO

Reva

Em outros tempos, a casa de Lorde Brahdor devia ter sido um lugar imponente. Originalmente uma fortaleza menor, sucessivas gerações a haviam transformado numa extensa mansão de três andares, que continuava para além dos portões que outrora a cercaram, o fosso defensivo tendo sido tapado há muito tempo. Pelos campos ao redor estavam espalhados estábulos, depósitos e, Reva bem sabia, um celeiro grande do outro lado de uma colina próxima. Ela fora até lá mais cedo, parando o cavalo a uma boa distância da pilha dilapidada de madeira inclinada, agora sem telhado e com as portas caídas no chão tomado de ervas daninhas.

Reva estava sozinha, após ordenar que seus guardas continuassem até Alltor sem ela, alguns quilômetros antes. Encontrou Kernmill devastada e incendiada como esperado; todas as pessoas que espionara estavam mortas, capturadas por traficantes de escravos ou haviam fugido. A casa de Lorde Brahdor ficava uns três quilômetros ao norte e estava apenas um pouco mais conservada. A construção parecia ter escapado da atenção dos volarianos, possivelmente porque a sua ruína evidente havia sido causada antes da chegada deles; as telhas de ardósia foram arrancadas dos vários telhados pelas intempéries ou por aldeões gananciosos, as paredes estavam sujas e com a tinta descascando, e cada porta aparentemente havia desaparecido.

O que você espera encontrar aqui?, perguntou-se Reva com um suspiro mental antes de desmontar e amarrar a montaria na estaca de uma cerca. Era uma égua calma, muito mais dócil do que o pobre Bufo, que acabara na panela durante os primeiros dias do cerco. Ela deixou a égua pastando no capim longo e aproximou-se da casa, olhando pelas janelas sem vidros para a escuridão bolorenta do interior. *Eles se encontravam aqui?*, perguntou-se. *Era aqui a base para as suas tramas? Os Filhos comparecendo para se apertarem diante do senhor devoto que falava verdades tão maravilhosas, sem jamais conhecerem a verdadeira natureza da coisa que lhes mentia e provavelmente ria consigo mesma o tempo todo.*

Ela foi até uma abertura sem porta e entrou nas sombras geladas da casa. Apesar da penumbra, Reva ficou impressionada com a grandiosidade do átrio, onde uma escadaria elegante descia do andar superior até um piso quadriculado de mármore fino, e o barulho de suas botas ecoou pelo lugar. Ela examinou as paredes à procura

de pinturas ou emblemas, mas encontrou apenas gesso nu e nenhum sinal que indicasse o caráter de seu último ocupante. Uma breve exploração dos outros cômodos do andar térreo não rendeu mais frutos, de modo que Reva subiu a escadaria com cuidado, encontrando-a surpreendentemente firme sob os pés e provocando somente leves rangidos.

O andar superior era mais frio, com vento entrando pelas janelas arruinadas e balançando trapos que já haviam sido cortinas. Ela foi de cômodo em cômodo, encontrando apenas poeira, cacos de vasos e pedaços de mobília arruinada. Num quarto, Reva parou ao avistar uma grande mancha no chão, obscurecida em parte por um tapete embolorado; havia uma cama coberta por teias de aranha encostada na parede. Ela conhecia uma mancha de sangue o suficiente para não precisar inspecioná-la mais de perto; alguém havia morrido ali, mas não recentemente.

Estava se virando para sair quando percebeu: um odor levemente acre lhe chegou às narinas, o cheiro de uma vela que acabara de ser apagada. Reva parou, fechou os olhos, nariz e ouvidos atentos a mais pistas. Foi apenas um rangido discreto nas vigas sobre a sua cabeça, mas ainda assim pesado demais para ter sido causado por um rato. Ela abriu os olhos, ergueu a cabeça para o teto e discerniu um buraco do tamanho de uma moeda de cobre, com uma luz bruxuleante e então ficando escuro quando algo o cobriu.

Reva foi para o corredor e procurou os degraus que levavam ao terceiro andar, encontrando-os bem menos preservados do que a grande escadaria. A balaustrada havia desaparecido e faltavam vários degraus, forçando-a a saltar e agarrar-se nos patamares para conseguir subir. Havia quatro quartos de sótão no último andar, e somente um tinha porta. Reva girou a maçaneta e, vendo que estava trancada, abriu-a com um chute e desembainhou a espada antes de entrar. Havia uma pequena porém bem-arrumada pilha de cobertores próxima à janela, o quarto protegido das intempéries por algumas tábuas de madeira, seguradas no lugar com barbante. Ao lado dos cobertores havia um toco de vela, e um filete fino de fumaça subia do pavio.

Reva passou os olhos pelo resto do quarto, encontrando uma pequena pilha de livros e outra de legumes variados no canto, cenouras e batatas, bolorentas e criando raízes, algumas com pequenas marcas de mordidas. Ela foi alertada pelo som de alguém prendendo a respiração, uma arfada brusca bem acima de sua cabeça.

Reva deu um passo adiante e algo aterrissou às suas costas. Ela girou nos calcanhares, a espada descrevendo um arco preciso e se chocando com uma pequena faca, fazendo a lâmina voar para as sombras. A dona da arma olhou para ela com olhos arregalados num rosto sujo emoldurado por uma cabeleira de cachos emaranhados.

— Quem é você? — perguntou Reva.

O rosto da garota manteve a mesma expressão boquiaberta por um segundo, e então se transformou num rosnado. Ela sibilou e jogou-se sobre Reva, suas mãos como garras, unhas longas tentando arranhar o rosto da intrusa. Reva largou a espada, desviou-se do ataque e agarrou a garota pela cintura, segurando-lhe os braços enquanto ela se debatia, rosnando e cuspidando. Ela a imobilizou enquanto a garota continuava a lutar, sentindo a forma esquálida por debaixo das roupas esfarrapadas e ficando espantada com a ferocidade de alguém tão próximo da inanição. A garota acalmou-se após se debater por uns dois minutos, largando-se exausta nos braços de Reva, soltando uma lamúria de fúria impotente.

— Desculpe a intrusão — disse Reva. — Meu nome é Reva. Quem é você?

— Foi Ihlsa quem mandou você?

Reva colocou mais madeira no fogo e examinou o conteúdo da panela, um velho recipiente de ferro encontrado em meio aos restos despedaçados da cozinha da mansão. A garota a seguira de bom grado depois que Reva a soltou, embora tivesse ficado num silêncio emburrado até então, sentada diante dela na frente da lareira enquanto Reva empilhava pedaços quebrados da mobília para usar como combustível. Ela enchera a panela com aveia dos seus alforjes e acrescentara um pouco de mel e canela para dar gosto, comprados de um soldado nilsaelino em Varinshold pelo preço de uma espada curta e uma adaga de um oficial volariano. Longas semanas marchando com a Cruzada da Rainha fizeram com que aprendesse muito sobre o caráter dos vários súditos do Reino, e geralmente era possível contar com os nilsaelinos para fornecerem alguns luxos pelo preço certo.

— Quem é Ihlsa? — perguntou ela, mexendo o mingau.

A garota empertigou-se um pouco, erguendo o queixo e tentando mostrar um ar de nobreza.

— Minha criada.

— O que faz de você a senhora desta casa?

— Sim. — O rosto da garota fechou-se um pouco. — Desde que minha mãe morreu.

— Você é filha de Lorde Brahdor?

A expressão da garota mudou bruscamente de tristeza para puro medo.

— Você conhece o meu pai? Ele vai voltar?

Reva sentou-se e olhou nos olhos assustados da menina.

— Como você se chama, garota?

Ela tentou algumas vezes antes de conseguir formular uma resposta, a palavra saindo num sussurro hesitante:

— E-Ellese.

— Eu tenho que lhe contar, Ellese. Seu pai morreu. Foi morto em Alltor, junto com muitos outros.

Não havia pesar no rosto da garota, apenas um alívio que transpareceu em sua postura. Ela se abraçou e abaixou a cabeça até os joelhos, o som baixo de choro saindo de trás da máscara de cabelos emaranhados. Reva não percebera até então quão jovem ela era, mas agora via que a garota não podia ter mais de dez anos, e era muito magra.

Reva serviu um pouco de mingau numa tigela de madeira e a estendeu para a garota em prantos.

— Aqui. Você precisa comer.

Os soluços pararam após um momento, o cheiro do mingau provocando um ronco audível da barriga de Ellese quando ela ergueu a cabeça e pegou a tigela.

— Obrigada — disse ela em voz baixa antes de começar a atacar o mingau de forma voraz.

— Devagar — advertiu Reva. — Se comer rápido demais de barriga vazia, você passará mal.

A garota passou a engolir mais devagar e assentiu com a cabeça.

— O Senhor Feudal o matou? — perguntou ela quando a tigela estava quase vazia.

— O que a faz perguntar isso?

— Ihlsa disse que o Senhor Feudal levaria a justiça do Pai a alguém que era... amaldiçoado.

— Como ele foi amaldiçoado?

— Aconteceu quando eu era pequena. Antes ele era gentil, pelo que me lembro. Mas ele adoeceu. Minha mãe disse que era uma febre do cérebro. Eu lembro que ela me levou até o quarto deles para que eu me despedisse. Ele havia caído num sono profundo e ela disse que ele nunca acordaria. — Ellese olhou para o mingau, raspou o que restava na tigela e a colocou de lado. — Mas acordou.

— E ele estava diferente?

— Meu pai não era mais o meu pai. Ele... machucava a minha mãe. Todas as noites. Eu podia ouvir... através das paredes. Ele a machucou durante anos. — O rosto dela se contraiu e ela começou a chorar de novo, as lágrimas escorrendo em

meio à sujeira do rosto.

— Ele alguma vez... machucou você também?

A garota abaixou mais uma vez a cabeça, e os seus soluços contínuos eram toda a resposta de que Reva precisava. Passado algum tempo, ela tornou a falar, forçando as palavras a saírem:

— Ele nos mantinha trancadas quando saía, e a casa ia caindo aos pedaços à nossa volta. Um dia antes de ele partir, ele... ele a matou. Ele também tentou me matar, mas Ihlsa agarrou a minha mão e fugimos. Corremos para a floresta e nos escondemos por muito tempo. Quando voltamos, não tinha ninguém na casa... além de minha mãe. Fomos até a aldeia, mas havia soldados lá, não da Guarda do Reino ou dos homens do Senhor Feudal. Eles estavam fazendo coisas horríveis. Corremos de volta para casa e nos escondemos nas vigas. Eles vieram e roubaram coisas, quebraram o que não queriam, mas não nos encontraram. Ihlsa saía para procurar comida para nós a cada poucos dias. Um dia ela não voltou.

Reva ficou olhando enquanto ela chorava, sua cabeça tomada de imagens de uma garota tremendo de frio no escuro e encolhida no canto de um celeiro, agarrada à cenoura que roubara no dia anterior. Ela não queria comer tudo de uma vez porque talvez não houvesse nenhuma no dia seguinte.

— Ele não foi morto pelo Senhor Feudal — disse ela a Ellese. — Foi morto por um soldado a serviço da Rainha. Se serve de consolo, a morte dele não foi rápida. — Reva pegou a bolsa e retirou de dentro o estojo de pergaminho que continha o esboço que Alornis fizera do sacerdote. — Você já viu este homem aqui? — perguntou ela, estendendo o esboço a Ellese.

A garota ergueu a cabeça e passou uma manga esfarrapada pelo rosto antes de pegar o pergaminho, assentindo ao olhar para a imagem.

— Algumas vezes. Meu pai o chamava de santo amigo. Eu não gostava do jeito como ele me olhava. Minha mãe também não. Ela me levava para o andar de cima sempre que ele aparecia. Mas uma vez eu os ouvi discutindo e fui até o topo da escada para escutar. A voz do meu pai estava baixa demais para eu ouvir, mas percebi que estava diferente, que não parecia nada com ele. O outro homem falava mais alto, com raiva. Ele disse alguma coisa sobre anos de esforços desperdiçados. — Os olhos dela foram para o rosto de Reva por um segundo. — Ele ficava dizendo coisas sobre uma garota, uma garota de certa importância, acho.

— O que ele disse?

— Que o mart... — A voz de Ellese foi sumindo à medida que ela se atrapalhava com a palavra.

— Martírio? — sugeriu Reva.

— Sim. Martírio. Ele disse que o martírio da garota devia ocorrer pela mão de seu tio, quando houvesse mais olhos para testemunhá-lo.

A mão de seu tio. Reva soltou um grunhido de contentamento sombrio. *Eles acharam que Tio Sentes me mataria. A chegada de Vaelin fez a criatura do Aliado mudar de planos. Quanto eles o temem?*

— Obrigada. — Ela tirou o esboço da mão da garota, guardou no estojo e levantou-se, recolhendo as suas coisas e afivelando a espada. — Se há mais alguma coisa que você queira levar, pegue agora.

A garota ergueu a cabeça de súbito, os olhos mais uma vez arregalados e temerosos.

— Para onde você vai me levar?

— Para Alltor. A não ser que você queira ficar aqui.

— O que aconteceu com as muralhas? — perguntou Ellese três dias depois, quando chegaram ao topo da colina a leste de Alltor. Ela estava montada na égua que Reva, a pé, puxava pelas rédeas. As pernas da garota estavam fracas demais para que ela caminhasse e a égua não era forte o suficiente para aguentar o peso das duas. No entanto, refeições regulares em muito ajudaram a levantar o ânimo de Ellese e a provocar uma torrente de perguntas.

— Elas foram quebradas — respondeu Reva.

— Pelo quê?

— Pedras grandes arremessadas por máquinas grandes.

— Onde elas estão agora?

— Foram queimadas.

— Por quem?

— Uma por mim, as outras duas por um monte de piratas.

— Por quê?

— Eles estavam muito bravos. — Reva olhou para o rio, cheio pelas chuvas de inverno, as águas escuras ocultando os barcos que transportaram as terríveis máquinas junto com sabia o Pai quantos cadáveres. — E a Rainha pediu que fizessem isso.

— Ela é muito bonita? Minha mãe foi até Varinshold uma vez. Ela disse que a Princesa Lyrna era a mulher mais linda que ela já tinha visto.

Em Warnsclave Reva vira a Rainha com os órfãos, o sorriso que ela lhes mostrava

tão diferente do que mostrava a todos os outros, um sorriso de afeição verdadeira e enorme compaixão. Mais tarde, no mesmo dia, ela recebeu notícias sobre um bando de fora da lei que estava atacando refugiados a oeste e ordenou a Lorde Adal que os perseguisse, poupando um a cada três capturados, e esses foram chicoteados antes de serem forçados a servirem como carregadores. Ela também se despedira do comandante da Guarda do Norte com um sorriso naquele dia.

— Sim — disse ela a Ellese. — Ela é muito bonita.

Reva viu andaimes nas muralhas ao atravessarem o passadiço até o portão principal, amontoados em volta das brechas, onde era possível ver homens içando pedras.

— Abençoada Senhora Reva! — O sargento da Guarda da Casa no portão se ajoelhou diante dela, imitado por seus homens. — Graças ao Pai pelo seu retorno sã e salva.

— Pode me chamar apenas de senhora — disse Reva, avistando a cidade. *Os escombros se foram, mas ainda restam muitas casas arruinadas.* — Ou só de Reva, se lhe convier.

O sargento soltou uma risada de perplexidade ao recuar de cabeça baixa.

Ellese inclinou-se para a frente na sela e sussurrou discretamente:

— Quem é você?

— Eu lhe disse quem sou. — O olhar de Reva recaiu sobre um aglomerado de pessoas nas ruas além do portão, largando ferramentas e indo em sua direção, as vozes já erguidas num júbilo de boas-vindas. — Sargento, creio que precisarei de uma escolta até a mansão.

Veliss a cumprimentou com uma mesura formal e um abraço recatado.

— Fiquei ausente tempo demais — sussurrou Reva, sentindo as faces corarem.

— Concordo completamente, minha senhora. — Veliss virou-se para Ellese, que estava parada não muito longe delas e se contorcendo um pouco sob o escrutínio. A multidão do lado de fora da mansão era grande e barulhenta em sua aclamação. Notícias da libertação de Varinshold e do extermínio do exército volariano haviam se espalhado rapidamente por todos os cantos do Reino e a chegada de Reva pareceu servir de estopim para uma celebração geral da vitória.

— Esta é a Senhora Ellese — disse Reva, fazendo sinal para a garota se aproximar. — Herdeira da propriedade de Lorde Brahdor e agora Protegida da Senhora Governadora. Encontre aposentos adequados para ela, por favor.

— É claro. — Veliss estendeu a mão a Ellese, que se adiantou e a tomou após hesitar por um momento.

— Pensei que Lorde Sentes governasse aqui — disse a garota.

— Ele morreu. — Reva olhou para a multidão que ainda vibrava. — Declare feriado — disse ela a Veliss. — Este será para sempre o Dia da Vitória. E distribua aquele estoque escondido de vinho que você acha que eu não sei que existe.

— As muralhas — disse ela mais tarde quando ficaram sozinhas na biblioteca e Ellese dormia numa cama grande no andar de cima.

— Estão sendo reparadas em virtude do apelo popular — explicou Veliss. — O povo não se sente seguro sem elas. Providenciei a reconstrução das maiores moradias quando foi possível, mas eles queriam as muralhas restauradas, e quem sou eu para lhes negar isso?

— O tesouro?

— Vai surpreendentemente bem. Os soldados volarianos estavam repletos de bens saqueados e mandei Arentes colocar os seus homens para recolher o que pudessem antes que os nilsaelinos ou fora da lei chagassem primeiro. Ainda assim, é custoso reconstruir uma cidade e, quando isso for terminado, temos de cuidar de um feudo parcialmente devastado.

— A Rainha fez promessas sólidas sobre os custos da reconstrução. Os Confins do Norte aparentemente produzem agora mais ouro do que vitríolo azul. Mas pode levar alguns meses para recebermos.

— Bem, não devemos passar fome, graças à Senhora Al Bera e a Lorde Darvus. Porém, será difícil no inverno. — Ela se sentou ao lado de Reva no divã perto da lareira e pegou a mão dela, seus dedos se entrelaçando numa intimidade automática.

— E o Leitor? — perguntou Reva, encostando a cabeça no ombro de Veliss.

— Envia um mensageiro toda semana com conselhos severos sobre como melhor governar o feudo de acordo com as doutrinas dos Dez Livros. Às vezes são endereçadas ao seu avô, outras ao seu bisavô, e raramente fazem muito sentido. Semana passada ele dormiu durante o próprio sermão. Não que importasse, já que a catedral estava praticamente vazia.

— Uma boa escolha, então.

— Parece que sim.

— Onde está Arentes?

— Em algum lugar perseguindo os últimos Filhos e com sorte dando um jeito num

bando de fora da lei nos vales a oeste. Eles estão se tornando incômodos. A guerra tende a ajudar apenas os corações mais vis.

— O Livro da Razão, versículo seis. — Reva sorriu e lhe beijou o rosto. — Está sendo seduzida pelo amor do Pai, Honrável Senhora Conselheira?

— Não. — Veliss passou uma das mãos pelo cabelo dela, ainda mais longo agora, já que Reva não conseguia se lembrar de quando fora a última vez que o cortara. — Só fui seduzida uma vez. E para mim é mais do que suficiente.

Reva ficou tensa ao pensar na reação que suas próximas palavras receberiam, muito tentada a deixar para falar na manhã seguinte, mas ciente de que a resposta seria ainda pior se o fizesse.

— Amanhã convocarei uma assembleia geral na praça, na qual lerei o Decreto de Recrutamento da Rainha.

Veliss tirou a mão do cabelo dela, a cautela visível em seus olhos.

— Recrutamento?

— A Rainha está criando um exército ainda maior e uma frota para levá-lo às costas volarianas.

Veliss levantou-se do divã e foi até a lareira, onde agarrou a cornija.

— A guerra foi vencida.

— Não, não foi.

— Devo supor, minha Senhora Governadora, que a senhora zarpará com a Rainha e sua poderosa frota?

Reva resistiu à tentação de tocá-la, notando a brancura dos nós dos dedos dela no consolo da lareira.

— Sim.

Veliss sacudiu a cabeça.

— Isso é loucura. O seu pai, apesar de suas inúmeras maquinações, jamais teria sonhado com tamanha insensatez.

— Precisamos impedir que eles voltem. É o único jeito.

— Palavras de Lorde Al Sorna ou suas?

— Pensamos da mesma forma.

— Ou você só está ansiosa por outra guerra? Eu *vejo* isso, sabia? O modo como você fica impaciente para partir quando está aqui, quão entediada você está com este lugar, comigo.

Apesar de as palavras terem sido ditas com calma, havia verdade suficiente nelas para fazer Reva retrair-se.

— Você nunca irá me entediar. Se pareço impaciente, é porque não fui feita para governar. E já vi o suficiente da guerra, acredite ou não. Mas isso precisa ser feito, e preciso de sua ajuda para que seja feito do jeito certo.

— O que é recrutamento?

Reva virou-se e viu Ellese parada na porta da biblioteca, enrolada num cobertor e esfregando os olhos.

— Não conseguiu dormir?

A garota assentiu e Reva deu tapinhas no divã ao seu lado, e Ellese foi se sentar ao lado dela.

— Eu tive um sonho — respondeu ela. — Meu pai estava vivo de novo, procurando por mim na nossa casa.

— Foi só um sonho — disse Reva, afastando da testa dela o cabelo não mais emaranhado. — Sonhos não podem machucá-la.

Ellese olhou para Veliss, que ainda estava parada junto à lareira, empertigada e olhando para outro lado.

— O que é recrutamento?

Os ombros de Veliss se curvaram e ela deu um sorriso cansado à garota.

— A pior das coisas, querida. Uma barganha difícil.

— Todos os homens saudáveis entre dezessete e 45 anos devem comparecer em Alltor até o último dia do mês de Interlasur, trazendo consigo quaisquer arcos ou outras armas que possuírem. Qualquer mulher sem filhos e da mesma idade também pode ser voluntária. Todos os que servirem serão pagos como a Guarda do Reino e receberão uma pensão pelo resto de suas vidas ao término da guerra. E essa pensão será paga às viúvas, aos viúvos ou aos filhos sobreviventes de todos que sacrificarem suas vidas nesta causa.

Reva calou-se e entregou o pergaminho a Veliss, tentando não deixar óbvio demais o escrutínio que fazia da multidão. Veliss colocara um engradado no degrau mais alto da Catedral, fornecendo-lhe uma visão completa da multidão, cerca de cinco mil pessoas na praça e mais nas ruínas além. Houve alguns murmúrios, a surpresa evidente no mar de rostos à sua frente, mas na maior parte as pessoas ficaram em silêncio, a expressão predominante de expectativa. *Eles aguardam as palavras da Senhora Abençoada*, pensou Reva, mantendo a careta de desagrado longe do rosto.

— Nós sofremos muito — disse a eles. — Foram muitas as nossas privações e longa a nossa luta. Eu gostaria de vir até vocês com notícias de paz, gostaria de lhes

dizer que as nossas batalhas acabaram e que podemos por fim descansar, mas isso faria de mim uma mentirosa. Vocês acreditaram na minha palavra quando o inimigo estava em nossas muralhas, e eu lhes imploro que acreditem de novo agora. — Ela fez uma pausa, reunindo forças, suas próprias palavras ecoando na cabeça... *Isso faria de mim uma mentirosa...* — E acreditem que ouvi a voz do Pai. — Ela colocou nas palavras a força que conseguiu reunir, ouvindo-as ecoar nas muralhas da cidade arrasada. — E Ele não permitirá que se desviem deste caminho. Muitos de vocês ouviram falar do chamado Décimo Primeiro Livro. Eu lhes digo agora que esse livro é uma mentira, digno apenas do seu desprezo. Mas o Pai determinou que haverá um novo livro, o Livro da Justiça, escrito pela própria mão do Pai conosco como seu poderoso instrumento!

Não foi um brado, e sim mais um rugido, instantâneo e selvagem, que se ergueu da garganta de cada uma das pessoas presentes. Havia ódio em seus rostos agora, cada cabeça sem dúvida repleta de terríveis lembranças de entes queridos mortos e casas incendiadas, um ódio liberado pela Senhora Abençoada que falava com a voz do Pai. *Nós nos banhamos com o sangue deles*, pensou Reva ao ser sacudida pelo som. *E mesmo assim não foi o suficiente.*

Ela desceu do engradado e parou ao avistar Ellese, que enfiava a cabeça na saia de Veliss, o rostinho tenso e com lágrimas de medo enquanto tentava se esconder do urro da multidão. Reva ajoelhou-se ao lado dela e enxugou o rosto da garota.

— Está tudo bem — disse ela. — Eles só estão felizes em me ver.

* * *

Ela aguardou dois dias até Arentes retornar, cumprimentando o velho comandante da guarda com um abraço caloroso.

— Já me perdoou, meu senhor?

— Minha senhora ordena e eu obedeço — respondeu ele num tom um pouco ríspido, embora ela conseguisse detectar o vestígio de um sorriso por trás do bigode. — Além disso — continuou, gesticulando para a fila de homens acorrentados que estavam reunidos no passadiço —, capturar os seus inimigos é meu dever sagrado, do qual não me esquivo por nenhuma glória.

— Não havia glória a se ganhar. Apenas mais sangue. — Ela passou os olhos pelos prisioneiros, cerca de vinte homens extenuados em variadas condições andrajosas, alguns amedrontados e curvados de exaustão, outros a encarando com desafio e obstinação no olhar. — Os Filhos.

— Além de alguns fora da lei. Achei melhor enforcá-los diante da população, fazer deles um exemplo.

— A menos que tenham estuprado ou assassinado, vou enviá-los à Rainha. Ela quer muito fazer uso de todos os homens, mesmo daqueles que não valem nada.

— As notícias sobre o decreto se espalharam rapidamente. Nem todos ficaram felizes em ouvi-las.

— Ficarão quando ouvirem as palavras do Pai. Receio que precisarei do senhor e de seus homens amanhã. Está na hora de ver o meu feudo por inteiro.

Ele fez uma medida calculada.

— É claro, minha senhora. — Arentes olhou com ódio para os prisioneiros. — O que você quer que façamos com os Filhos?

— A Senhora Veliss irá interrogá-los. Quando eu voltar, faremos justiça.

Ellese se agarrara a ela e chorara de novo, implorando para que a deixasse ir junto. Reva fora firme ao ordenar que ela ficasse com Veliss, mais firme do que o necessário, a julgar pelo choro mais alto da garota.

— A maternidade tem um preço — disse-lhe Veliss, segurando Ellese contra o corpete.

Não sou a mãe dela. Reva conteve-se para não dizer aquelas palavras e agachou-se para afastar o cabelo dos olhos de Ellese.

— Obedeça direito à Senhora Veliss e faça as suas lições. Voltarei logo.

Ela deixou Arentes escolher o caminho que seguiriam, aceitando o fato de ele conhecer melhor o feudo.

— Oeste e depois sul, creio eu, minha senhora — aconselhou ele. — Os habitantes do oeste são as pessoas menos devotas de Cumbrael, então podemos muito bem realizar a tarefa mais difícil primeiro.

Havia amplas evidências de atividade volariana a oeste, com uma procissão de aldeias em ruínas e ocasionais pilhas de cadáveres putrescentes em meio aos vinhedos. Em cada ocasião, Reva ordenava que parassem e enterrassem os mortos, as palavras apropriadas ditas pelo único sacerdote que os acompanhava, um sujeito magro de meia-idade escolhido por sua coragem renomada durante o cerco e sua natureza taciturna. Ela não se sentia nem um pouco disposta a sermões ultimamente. *O sacerdote silencioso é o sacerdote bom*, gracejou ela consigo mesma, ponderando se deveria anotar aquilo.

A devastação diminuía à medida que rumavam mais para oeste, desaparecendo

por completo na região das colinas na fronteira nilsaelina. Ela soube por Veliss que aquela era uma das regiões mais prósperas de Cumbrael, o vinho sendo da melhor qualidade e as pessoas famosas por celebrações alegres e uma aderência maleável aos Dez Livros. Arentes a guiou até a maior cidade da região, essencialmente um forte extenso cercado por muralhas impressionantes que acompanhavam a configuração das encostas cobertas de vinhedos ao redor, numa faixa ininterrupta de pedra.

— É fácil perceber por que os volarianos a deixaram em paz — comentou Arentes ao cavalgarem até os portões.

— Eles teriam chegado aqui com o tempo — disse Reva. Ela esperava alguma dificuldade nos portões, afinal, era bem possível que aquela gente não fizesse ideia de quem ela era, mas encontrou a guarda da cidade já enfileirada e a passagem aberta. Um homem robusto de manto longo estava ajoelhado sob o arco do portão, de braços abertos em súplica.

— Lorde Mentari, o feitor da cidade — explicou Arentes. — É dono da maioria dos vinhedos num raio de quilômetros. Ele tinha grande estima pelo seu avô.

— Mas não por meu tio? — perguntou Reva.

— Seu tio era muito mais escrupuloso no tocante à cobrança de impostos e menos inclinado a favorecer velhos amigos.

— Que sorte, então, que eu só tenha amigos novos.

— Senhora Abençoada! — Lorde Mentari entrelaçou as mãos quando Reva se aproximou, desmontando e olhando em volta para a cidade, e achando estranho ver tantas construções intactas após semanas vendo ruínas. — A senhora traz as palavras do Pai aos nossos ouvidos indignos.

Reva olhou de testa franzida para o semblante de olhos arregalados do homem, esperando ver algum brilho de maquinação, mas o seu assombro parecia completamente genuíno.

— Todos os ouvidos são dignos das palavras do Pai — disse Reva. — Mas ele não exige que o senhor se ajoelhe, e eu também não.

O lorde robusto levantou-se, embora suas costas permanecessem curvadas de forma servil.

— A história de sua vitória já é uma lenda — comentou ele de forma efusiva. — A gratidão de nosso humilde lar é imensurável.

— Fico feliz em saber, meu senhor. — Ela ergueu o estojo de pergaminho onde estava guardado o decreto da Rainha. — Pois trago o modo como ela pode ser expressa.

Foram necessários dois dias para reunir a população da região ao redor para ouvir as palavras da Senhora Abençoada, dois dias aguentando o banquete que Mentari organizou em sua homenagem e ouvindo uma série de petições, que era de longe a sua ocupação menos favorita. Reva julgou apenas os casos mais claros e ordenou que Arentes anotasse os outros para enviá-los a Veliss. Apesar do conforto e da segurança aparentes desfrutados por aquelas pessoas, as petições tornavam evidente o fato de que a guerra não precisava chegar até a porta de alguém para causar mal. Havia reclamações em abundância sobre refugiados do leste roubando alimentos e gado ou ocupando terras que não lhes pertenciam, e ainda que os exércitos de Tokrev não tivessem marchado até ali, o mesmo não podia ser dito de seus traficantes de escravos, e mães chorosas contavam histórias de filhos e filhas levados em ataques. Apesar de toda a tristeza daquela gente, Reva sentia um alívio sombrio com aquelas histórias, uma vez que a sua tarefa era facilitada pelo talento dos volarianos para despertar o ódio em cada alma que tocavam.

Ela leu o decreto ao entardecer do segundo dia, no pórtico da casa de Mentari, enquanto a população se aglomerava no espaço abaixo, uma avenida larga que circundava uma elegante fonte de bronze. Dessa vez os murmúrios foram mais altos quando ela terminou, e as expressões da multidão não tão arrebatadas. Porém, apesar do desconforto evidente, não houve manifestações aparentes de discordância ou gritos de desaprovação, e inúmeras almas devotas deram voz à sua aprovação quando a Senhora Abençoada contou a sua mentira.

— Um décimo primeiro livro — sussurrou Lorde Mentari quando ela desceu, a multidão ainda vibrando. — E pensar que vivi para ver tal coisa.

— A época em que vivemos está mudando, meu senhor. — Reva pegou o livro que Arentes lhe estendera e conferiu as notas que Veliss fornecera sobre aquela região. — Minha Conselheira Honorável calcula a sua cota com um mínimo de dois mil homens com idade para lutar, levando em consideração os problemas recentes e o censo realizado há cinco anos. Tenho certeza de que o Pai lhe sorrirá caso ela seja excedida.

Foi necessária boa parte de um mês para percorrerem todo o feudo, cidade após cidade, aldeia após aldeia, algumas repletas de refugiados, outras quase vazias, visto que muitos dos habitantes haviam fugido antes do esperado ataque volariano. Reva percebeu que a sua mentira era recebida de mais boa vontade nos lugares onde abundavam os desalojados, muitos dos quais haviam experimentado em primeira mão a natureza do inimigo. Mesmo em lugares onde ninguém havia sido prejudicado pela guerra existiam muitos ouvidos dispostos às palavras da Senhora Abençoada,

embora nem todos estivessem tão abertos à mensagem do Pai.

— Tenho quatro filhos e a Rainha quer três deles — disse uma mulher corpulenta numa aldeia a sudoeste da terra dos rios. As pessoas daquela área eram famosas por sua robustez, ganhando a vida com as armadilhas para enguias que usavam na miríade de canais que circundavam os seus lares, em povoados em geral limitados a poucas casas e raramente acompanhados por uma igreja. A mulher olhava irritada para Reva enquanto os aldeões reunidos concordavam aos murmúrios, embora alguns estivessem visivelmente intimidados por Arentes e os seus cinquenta guardas. A mulher corpulenta, contudo, não lhes dava a menor atenção. — Como uma família vai se alimentar sem mãos para remar os barcos e puxar as armadilhas?

— Ninguém passará fome — assegurou-lhe Reva. — Quaisquer alimentos adicionais que sejam necessários serão fornecidos de graça pela Casa Mustor e pela Rainha.

— Ouvi promessas da sua Casa antes — retorquiu a mulher. — Quando meu marido foi levado de arrasto e teve a garganta cortada por aqueles asraelinos desgraçados. Agora você quer que a gente lute por eles.

— O feudo foi salvo por mãos asraelinas — disse Reva. — E por nilsaelinos, por gente dos Confins do Norte, pelos seordah e pelos eorhil. Em Varinshold, lutei ao lado de meldeneanos e renfaelinos. A velha era acabou. Agora lutamos uns pelos outros.

A mulher apontou um dedo para Reva, sua voz tornando-se um rugido alto e raivoso:

— Você luta por eles, garota. Eu não conheço eles, nunca vi esses... volaranos de que você fala, e qualquer mentiroso pode dizer que fala com a voz do Pai.

Os guardas ficaram alertas de imediato e o seu sargento adiantou-se com a espada parcialmente desembainhada até Reva lhe gritar para parar.

— Ela está cometendo uma blasfêmia e traição, minha senhora — disse o sargento, o rosto rígido de fúria ao fulminar com o olhar a mulher na multidão, que agora se encontrava sozinha após os outros aldeões terem recuado, qualquer solidariedade que havia antes esquecida de forma abrupta. Apesar da falta de apoio, a mulher não cedeu, encarando Reva sem nenhum sinal de medo ou arrependimento nas feições curtidas quando o sargento continuou a falar: — Você não estava em Alltor. Não viu o que a Senhora Abençoada fez por nós. Se não fosse por ela, você, os seus filhos e esta aldeia hoje seriam apenas cinzas e ossos. Você deve tudo a ela, assim como todos nós.

A mulher não tirou os olhos de Reva.

— Então é melhor me enforcar, senhora. Pois os meus filhos não são seus para

levar, pela palavra do Pai ou não.

Os olhos de Reva percorreram a multidão, avistando três jovens mais ao fundo, dois deles visivelmente intimidados pelas circunstâncias, de cabeças baixas e sem dúvida rezando para que o confronto terminasse, mas o mais alto olhava para a mulher corpulenta com um ressentimento palpável.

— Seus filhos não podem falar por si mesmos? — perguntou Reva à mulher. — Tanto os Dez Livros quanto a Lei do Feudo decretam a maioridade aos dezessete anos. Se os seus filhos forem adultos, que eles façam a escolha.

— Meus filhos conhecem os seus deveres... — começou a mulher, mas se calou quando o mais alto dos três ergueu a mão e abriu caminho em meio à multidão.

— Allern Vares, minha senhora — disse ele com uma mesura. — Ofereço os meus serviços conforme o Decreto da Rainha.

— Pare com isso! — rosnou a mulher, adiantando-se para esbofetear a cabeça do jovem e então voltando a olhar para Reva com raiva. — Ele não é seu para levar!

Reva estava prestes a simplesmente ignorá-la e agradecer o jovem por sua lealdade, mas parou ao ver as lágrimas nos olhos da mulher, como ela se colocou diante do filho para protegê-lo. Reva desceu do carroção e aproximou-se da mulher, parando diante dela.

— Seu nome?

A mulher rangeu os dentes e enxugou os olhos com dedos grossos.

— Realla Vares.

— Você perdeu muito, Realla Vares. E me dói pedir mais. — Ela apontou para Allern, que ainda estava ajoelhado. — Portanto, em reconhecimento pelo seu sacrifício, a cota desta aldeia será considerada preenchida por completo pelos serviços deste homem.

A mulher se curvou e levou as mãos ao rosto. Pela reação de choque do filho e da multidão, Reva deduziu que provavelmente era a primeira vez que alguma alma viva a vira chorar.

— Lorde Arentes — disse Reva.

— Minha senhora!

— Este jovem tem altura suficiente para um guarda, não acha?

Arentes lançou um olhar rápido de avaliação a Allern.

— Praticamente, minha senhora.

— Muito bem. Allern Vares, você agora faz parte da Guarda da Casa da Senhora Governadora Reva Mustor. — Ela olhou de novo para a mãe do homem, que soluçava. — Você tem uma hora para se despedir. Lorde Arentes lhe encontrará um

cavalo.

Ela retornou a Alltor seguida por quinhentos homens e cinquenta mulheres, todos voluntários dispostos a marchar ao comando da Senhora Abençoada. Podiam ter sido mil, mas não havia provisões nem cavalos de carga suficientes para tantos. As terras ao sul de Alltor foram as que renderam mais recrutas e ouvidos dispostos à sua mentira, após terem sofrido tanto nas mãos dos saqueadores volarianos. Os habitantes daquela região haviam travado a própria guerra entre os afluentes e as margens arborizadas do Ferrofrio, então estavam de posse de uma quantidade considerável de armas apreendidas. De acordo com Arentes, a região sempre fora o centro da arqueria cumbraelina; os primeiros arcos longos haviam sido feitos dos teixos que proliferavam na floresta densa. Em virtude da ameaça volariana, companhias havia muito desmanteladas, outrora a espinha dorsal da força militar cumbraelina, haviam sido restauradas sob o comando de capitães veteranos, que durante meses participaram de um jogo mortal de perseguições entre as árvores até a libertação de Alltor.

Reva ordenou que as companhias permanecessem em formação e se fortalecessem antes de se reunirem em Alltor na primavera. Apesar de todo o fervor do comprometimento deles, ela os achava inquietantes, de olhares firmes e aspecto taciturno. Os vários corpos putrescentes de volarianos capturados pendurados na floresta eram evidência de uma sede por vingança longe de estar saciada. *O que eles causarão quando atravessarmos o oceano?*, perguntou-se Reva, procurando em vão na memória por uma passagem em qualquer um dos Dez Livros que ajudasse com pensamentos vingativos.

Ellese a recebeu com muita alegria, envolvendo sua cintura com braços finos enquanto reclamava das lições intermináveis de Veliss.

— Ela me faz ler todas as manhãs e todas as noites. E escrever também.

— São habilidades muito importantes — disse Reva, soltando com gentileza os braços da garota. — Ainda assim, também tenho algumas coisas para lhe ensinar, no devido tempo.

Ellese franziu o rosto, agora não mais emaciado, embora ainda houvesse um aspecto levemente encovado nos olhos.

— Que coisas?

— Habilidades com o arco e a faca. Com a espada também, quando você for mais velha. Apenas se você quiser.

— Eu quero. — Ela pulou de excitação, agarrando a mão de Reva e a puxando na

direção da mansão. — Ensine-me agora!

Reva notou a expressão séria no rosto de Veliss e fez a garota parar.

— Amanhã — disse ela. — Tenho outra tarefa hoje.

— Ainda não tem nenhum nome para mim?

O sacerdote de nariz quebrado lançou um olhar cansado para ela e sacudiu a cabeça. Eles estavam enfileirados no passadiço, doze homens esfarrapados, sujos do cativeiro nos porões da mansão, alguns cambaleando um pouco, uma vez que os efeitos das diversas misturas herbáceas de Veliss podiam durar dias. As anotações que ela acumulara durante os interrogatórios eram detalhadas, quase quinhentas páginas de nomes, datas, encontros, assassinatos, suficientes para expor a Igreja do Pai do Mundo como um ninho de traidores, do Leitor ao Bispo, talvez suficientes para destruí-la por completo.

— Ele realmente achou que podia fazer isso? — perguntou Reva ao sacerdote sem nome. — Destruir a Casa Mustor e governar o feudo em nome do Pai?

O sacerdote ergueu a cabeça e engoliu em seco enquanto reunia coragem.

— Uma empreitada sagrada, abençoada pelo Pai.

— Bênçãos garantidas por um miserável a serviço de uma criatura das Trevas. — Reva recuou e ergueu a voz, olhando para cada rosto. — Vocês são tolos, tão enfurnados nos Dez Livros que não conseguem nem mesmo ver a verdade contida neles. O Pai não abençoa engodos e assassinatos, o Pai não auxilia aqueles que torturam crianças para fins vis.

Ela se calou ao ser tomada por aquela sensação, a mesma fúria que a possuía durante o cerco, a fúria que a fizera cortar as gargantas de traficantes de escravos e as cabeças de prisioneiros. O sacerdote sem nome estremeceu, engolindo em seco de novo ao sufocar um vômito causado pelo terror. Arentes estava de pé atrás da fileira agrilhoadada, com uma companhia inteira da Guarda da Casa de espadas desembainhadas, cada um deles encarando os traidores com uma expressão sinistra de avidez.

Nós todos somos matadores agora, lembrou a si mesma. Banhados em sangue e com mais sangue pela frente. O olhar dela recaiu sobre uma figura no fim da fila, um homem rijo, diferente dos outros por estar disposto a olhá-la nos olhos, o semblante estranhamente reverente. *Shindall*, recordou-se Reva. O estalajadeiro que a colocara na estrada para o Forte Alto. *Ver o seu rosto é o único agradecimento de que preciso.*

Reva tirou do cinto um pergaminho, erguendo-o para que eles pudessem ver o selo

e a assinatura não muito firme.

— Por ordem do Santo Leitor, você todos estão excomungados da Igreja do Pai do Mundo. Estão proibidos de ler ou recitar qualquer um dos Dez Livros, já que provaram ser indignos do amor do Pai. — Ela olhou mais uma vez para o sacerdote de nariz quebrado. — E eu sei o seu nome, uma vez que o Pai não o quer, Mestre Jorent.

Reva os viu fechar os olhos e abaixar a cabeça, alguns sussurrando preces, um ou dois chorando com manchas nas calças, tal como os prisioneiros volarianos antes de serem conduzidos até o bloco, embora não tivessem orado, apenas implorado.

— Lorde Arentes — disse Reva. — Remova os grilhões. Deixe-os ir.

* * *

Veliss não deu voz a qualquer repreensão, somente à perplexidade.

— Eles tramaram contra a sua Casa uma vez. O que os impedirá de fazer isso de novo?

— Uma trama precisa de segredo, nomes ocultos, rostos escondidos. Agora as sombras lhes foram negadas.

— E você negou justiça a si mesma.

— Não, apenas vingança. O Pai sempre foi muito claro ao dizer que não eram a mesma coisa.

Os vários contingentes de recrutados começaram a chegar um mês depois, ainda que o início do inverno não encorajasse a marcha. Com o frio cada vez mais intenso, Reva ordenou a suspensão do trabalho nas muralhas e que todo o esforço fosse redirecionado para a reconstrução da cidade, onde barracas e oleados seriam substituídos por paredes e telhados. O racionamento foi retomado quando a neve bloqueou as passagens pelas montanhas até Nilsael e impediu que o abastecimento que vinha da costa sul continuasse.

Reva começava cada dia com as lições de Ellese, a princípio com a faca, tendo encontrado um punhal de lâmina longa adequado à mão pequena da garota. Apesar de todo o entusiasmo, ela era uma aluna desajeitada, propensa a quedas frequentes e joelhos arranhados, mas, ao contrário de todas as outras tarefas que lhe eram dadas, suas lições com Reva nunca arrancavam lágrimas, ainda que a sua paixão por perguntas continuasse inalterada.

— Você tinha a minha idade quando aprendeu a fazer isso?

— Eu comecei mais nova. Não pule quando der uma estocada. Vai perder o equilíbrio.

— Quem lhe ensinou?

— Um homem muito mau.

— Por que ele era mau?

— Ele queria que eu fizesse coisas ruins.

— Que coisas ruins?

— Coisas demais para listar. Olhe para mim, não para os seus pés.

Reva a deixou praticando no gramado e juntou-se a Veliss na varanda, onde a mulher estava enrolada em peles para se proteger do ar gelado e segurava um pergaminho selado.

— Então chegou?

Veliss assentiu e lhe entregou o pergaminho, mas manteve o olhar em Ellese, que continuava com a sua dança desajeitada no gramado.

— Ela não leva muito jeito para isso.

— Ela aprenderá, com nós duas.

— Por que ficou com ela? Você poderia ter encontrado um lar decente para a menina em algum lugar. Cumbrael está repleto de mães enlutadas desejosas de filhos.

Reva olhou para Ellese, que bloqueava uma estocada desferida por um inimigo invisível.

— Ela não fugiu. Quando entrei na casa dela, ela tentou me apunhalar, e mesmo depois de eu tirar a sua faca ela não fugiu. — Ela se virou de novo para Veliss. — Eu gostaria que você providenciasse os papéis da adoção.

— Tem certeza? Ela é muito nova.

— Ela é nobre de nascimento e tem uma mente astuta. Com você para orientá-la, ela se dará bem. E precisamos garantir o futuro.

O olhar de Veliss recaiu sobre o pergaminho, demorando-se no selo da Rainha.

— Eu nunca lhe pedi uma promessa, mas peço uma agora. O que quer que aconteça do outro lado do oceano, prometa que não morrerá e que voltará para mim.

Reva desenrolou o pergaminho e viu que havia sido escrito pela Rainha de próprio punho, a mensagem cheia de caloroso apreço pelo seu cumprimento diligente do decreto, terminando com uma ordem elaborada de modo cortês para que levasse as suas forças para Torre Sul até o último dia de illnasur. *Quando o inverno ainda não terá acabado*, percebeu Reva. *Ela pretende zarpar antes da chegada da primavera.*

— Reva — sussurrou Veliss com a voz embargada.

Reva apertou a mão dela e lhe beijou o rosto, contando outra mentira:

— Eu prometo.

CAPÍTULO CINCO

Vaelin

Vaelin certa vez passara um inverno no Passo Skellan tentando combater as investidas dos lonaks. Na época, o local estava apinhado de irmãos e Lobos Corredores, contrastando muito com as muralhas e torres silenciosas que via agora, sem irmãos para recebê-los ao se aproximarem da torre larga na entrada do passo. Ele sabia que Sollis havia abandonado o lugar por um bom motivo, uma vez que os lonaks haviam concordado com a paz e a invasão exigia todas as mãos que pudessem ser reunidas, mas o vazio do grande bastião setentrional do Reino era desconcertante, uma prova do quanto as coisas haviam mudado em tão pouco tempo.

— Antes o meu povo teria exultado com essa cena — disse Kiral, sem dúvida captando os seus sentimentos. — Agora até eles acham que é um presságio sombrio.

Vaelin virou-se quando o Lorde Comandante Orven parou o cavalo ao seu lado, seus cinquenta homens tudo o que restava da Guarda Montada da Rainha.

— Poste guardas. Descansaremos aqui esta noite.

Ele passou a noite na torre com Kiral e os dotados de Ponta de Nehrin, que haviam optado por acompanhá-lo em vez de tomarem parte na viagem iminente da Rainha através do Boraélino. A própria Rainha abençoara a empreitada deles com palavras cuidadosas e um belo sorriso, diferentes de sua reação quando Vaelin explicara em particular as suas intenções.

— Você quer marchar pelas banquias do norte no meio do inverno?

Ela o chamara aos seus aposentos no palácio tarde da noite. Contudo, a julgar pelas risadas que atravessavam a porta, algumas das crianças ainda estavam acordadas. O número delas aumentara progressivamente desde a libertação da cidade, até haver quase duzentos órfãos ocupando aquela ala do palácio, todos reconhecidos de modo formal como Protegidos da Coroa pela Palavra da Rainha. Quase não havia adornos nos aposentos de Lyrna, estando tomados por livros e uma seleção dos pergaminhos do Irmão Harlick, enquanto na escrivaninha se acumulavam várias pilhas organizadas de notas com a sua letra precisa. O espaço era iluminado por uma única lamparina e pela luz do fogo, deixando as feições dela nas sombras enquanto o encarava franzindo a testa, cautelosa e intrigada, como se esperasse que ele terminasse de contar uma piada ruim.

— A canção de Kiral será a nossa guia — retorquiu Vaelin. — Ela fala com a bênção da Mahlessa e sei que a senhora acredita na palavra dela.

— Acredito que a Mahlessa age apenas em benefício dos lonaks. Se servisse aos propósitos dela nos mandar numa busca infrutífera, não tenho dúvida de que ela o faria. — Sua testa relaxou um pouco e ela pegou um pedaço de pergaminho da escrivaninha, erguendo-o contra a luz. Vaelin o reconheceu como obra de Alornis; as linhas eram precisas e perfeitas demais para terem sido traçadas por outra mão. Mas o tema era novo, algum desenho semicircular, a forma composta por um padrão intrincado de linhas retas.

— Sua irmã propõe uma mudança radical nos métodos de construção de navios — disse Lyrna. — Um casco interno formado por vigas curtas interligadas que descrevem uma curva, em essência uma aplicação prática do conceito de arcos tangenciais de Lervial, embora ela afirme jamais ter lido a respeito. Se adotarmos o método dela, mãos inexperientes podem ser colocadas para trabalhar na produção de milhares de vigas retas, poupando meses de trabalho experiente.

— Então por que não fazer isso?

— Porque nunca foi feito antes. Nenhum navio já foi construído dessa forma. Assim como, pelo que me lembro de qualquer obra histórica que já li, nenhum explorador teve sucesso em atravessar as banquisas, nem mesmo no auge do verão.

— Kiral confia na sua canção, e eu confio nela.

— Esse homem, Erlin, é tão importante assim?

— Acredito que sim. Alguém que viveu tanto tempo possui conhecimentos muito mais valiosos do que qualquer coisa que haja nos pergaminhos de Harlick. E a lenda diz que o Além lhe foi negado, o que pode significar que ele teve um vislumbre de lá, tal como eu. E talvez ele tenha visto mais do que eu vi.

Lyrna franziu outra vez a testa ao se lembrar de algo.

— Arendil uma vez me contou uma história sobre Kerlis, afirmando que o seu tio o havia encontrado anos atrás. Ele disse que havia sido amaldiçoado a viver para sempre por se recusar a juntar-se aos Finados. De modo que ele passava os seus dias intermináveis percorrendo o mundo em busca daquele com os meios para matá-lo, aquele que nasceria dos dotados desta terra. — Ela deu uma risada cansada. — Apenas histórias, Vaelin. Você não pode esperar que eu aprove essa missão, que envie o meu Senhor da Batalha para morrer nas vastidões congeladas com base numa lenda.

— Nós dois pagamos caro ao aprender que nem todas as lendas são baseadas em mentiras. — Ele se empertigou e respirou fundo para falar de modo formal, mas Lyrna ergueu a mão para impedi-lo.

— Poupe-me da oferta de demissão, por favor. Eu posso comandar todas as outras almas deste Reino, mas não fingirei que faço o mesmo com você.

— Obrigado, Alteza. Sugiro que o Conde Marven seja nomeado Senhor da Batalha em meu lugar.

— Muito bem. Quantas tropas você levará?

— Nenhuma. Seremos apenas eu e Kiral.

Ela sacudiu a cabeça.

— Isso é inaceitável. Os dotados dos Confins e a companhia de Lorde Orven irão escoltá-los.

— A esposa de Orven está grávida. Não pedirei que ele me siga num caminho tão perigoso...

— Mas eu sim, meu senhor. Orven é um soldado e conhece o seu dever, havendo ou não notícias alegres.

Vaelin notou a expressão determinada no rosto dela e assentiu.

— Como queira, Alteza. O outro assunto que discutimos?

Lyrna retorceu as mãos sobre a escrivaninha e seu rosto ficou ainda mais rígido.

— Você pede muito de mim, Vaelin.

— Ele não era responsável...

— Eu sei. Mas a cena do assassinato de meu irmão não desaparece com facilidade.

— Se é punição que a senhora deseja, parece-me que o curso que propus fornecerá isso de sobra.

Ela o olhou nos olhos, as linhas pálidas em sua testa destacando-se à luz do fogo, a voz firme de certeza.

— Eu desejo apenas uma coisa, meu senhor. Assegurar o futuro deste Reino. Mandarei o seu irmão para o outro lado do oceano para ser o arauto de minha chegada, mas não me peça para perdoar. Percebo que tal sentimento não está mais ao meu alcance.

Se Janus tivesse conseguido o que queria, nós estaríamos casados agora, ponderou Vaelin. Ele deixara os outros e subira até o topo da torre, enrolado no manto e com a respiração transformando-se em fumaça enquanto olhava para a escuridão plena além do passo. *Os nossos filhos teriam sido belos ou terríveis? Ou ambos, como ela?*

Houve uma leve mudança no vento que soprava pela torre, trazendo um novo odor: uma mistura de fumaça de lenha e suor.

— Sei que você está aí — disse Vaelin, sem dar as costas para a vista.

Lorkan deu uma risada enviesada ao aparecer ao seu lado, o cabelo desgrenhado caindo sobre o rosto pálido de frio.

— O dom de meu senhor voltou, então?

— Há outros sentidos além da visão. — Ele deixou Lorkan remexer-se inquieto por vários momentos antes de tornar a falar. — Suponho que você veio fazer um pedido, não?

— De fato, meu senhor. — Lorkan esfregou as mãos, olhando para outro lado e tentando falar num tom jovial. — Ao que, hã, parece, meu senhor, essa nossa grande cruzada já forneceu toda a agitação que eu podia querer. Por mais orgulhoso que eu esteja dos serviços que prestei, os quais, como creio que o senhor concordará, foram valiosos, chegou a hora de eu procurar aventuras em climas mais quentes.

— Você quer ser dispensado.

Lorkan inclinou a cabeça com um sorriso.

— Quero.

— Muito bem. Dado o seu dom, eu dificilmente poderia obrigá-lo a vir, de qualquer forma.

— Obrigado, meu senhor. — Ele permaneceu no lugar e se remexeu um pouco mais.

— O que é? — perguntou Vaelin, com um suspiro cansado.

— Cara, meu senhor.

— Ela também quer ser dispensada?

— Não, ela continua firme em sua determinação de segui-lo. Porém, se o senhor ordenasse que ela partisse...

Vaelin lhe deu as costas.

— Não.

O tom de Lorkan ficou mais grave.

— Ela é pouco mais do que uma criança...

— Com um coração de mulher e um grande dom. Ela é bem-vinda em minha companhia e tenho orgulho de contar com a lealdade dela. — Ele caminhou até a escada no meio do telhado. — Você pode ficar com o seu cavalo, suas armas e quaisquer espólios acumulados durante a campanha, mas parta antes do nascer do sol, por favor.

— Não posso! — Lorkan o olhava furioso agora, seu grito ecoando pelo passo. — O senhor sabe que não posso partir sem ela.

Vaelin olhou para trás, para o jovem dotado, que estava com o rosto tenso de raiva e um pouco de medo, numa postura que sem dúvida indicava que ele estava preparado para desaparecer de vista.

— Sei que a vida às vezes nos dá apenas escolhas difíceis — disse Vaelin antes de descer a escada. — Se você não estiver aqui pela manhã, não deixarei de explicar a sua ausência a Cara.

Eles estavam a oito quilômetros do passo, no dia seguinte, quando Kiral parou o seu pônei de repente, olhando para oeste com o semblante carregado enquanto esquadrihava aquela direção.

— Problemas? — perguntou Vaelin.

Ela apertou os olhos, franzindo o cenho, confusa.

— Algo... Alguém novo.

— Outra canção?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não é um cantor, e não há aviso na minha canção. Mas ele me chama.

— De onde?

Uma cautela súbita surgiu em seu rosto, o primeiro sinal de medo que ele a vira demonstrar.

— Da Cidade Caída.

Vaelin assentiu, virou-se e fez sinal para Orven se aproximar.

— Preciso de cinco homens, meu senhor. Acampem no vale mais além e aguardem o nosso retorno. — Ele ergueu a voz, dirigindo-se a uma figura um tanto mal-humorada que se encontrava mais atrás na coluna. — Mestre Lorkan! Junte-se a nós, por favor.

Foi uma viagem de dois dias até a cidade, o trajeto diminuído pela familiaridade de Kiral com as montanhas. As ruínas eram basicamente como Vaelin se lembrava, embora agora não sentisse o peso opressivo que o atormentara durante a sua última visita àquele lugar, mas Kiral e Lorkan não desfrutavam de tal imunidade.

— Pela Fé, é pior do que a floresta. — Lorkan estremeceu e curvou-se na sela, ficando com o semblante pálido.

— Nunca cheguei tão perto — disse Kiral, a sua inquietação evidente na postura dos ombros. — Este não é um lugar para os vivos.

— Mestre Lorkan? — perguntou Vaelin, dando um sorriso de expectativa para o

jovem e indicando as ruínas com a cabeça.

Após um momento de longa hesitação, Lorkan inclinou a cabeça e desmontou. Respirou fundo e partiu na direção da cidade, caminhando com firmeza, desaparecendo no ar após alguns passos e provocando murmúrios de inquietação nos guardas.

— Quem quer que esteja esperando lá irá vê-lo — advertiu Kiral.

— Eu sei — disse Vaelin.

— Então por que mandá-lo?

— O que é a vida sem uma diversão ocasional?

Eles continuaram observando as ruínas silenciosas por mais alguns momentos até ouvirem o grito, uma exclamação aguda de alarme que ecoou pelas pedras caídas. Kiral tirou o arco do ombro e os guardas se espalharam com as espadas a postos quando Lorkan surgiu de repente no limite da cidade, o manto esvoaçando às suas costas enquanto disparava na direção deles, os olhos arregalados de puro terror. A razão para a sua fuga logo se tornou evidente: uma grande forma castanha o perseguia, de boca escancarada e dentes arreganhados num rugido desafiador.

— Eu não sabia que eles cresciam tanto — comentou Vaelin. O urso devia ter talvez um metro e meio, de quatro, o que significa que de pé devia chegar quase a três metros. Apesar de parecer ter dificuldade para acompanhar Lorkan, o animal vencida a distância com uma velocidade enganadora graças ao tamanho de suas passadas.

— Matem-no, pela Fé! — gritou Lorkan, correndo na direção deles, o urso agora apenas poucas passadas atrás.

— Não! — gritou Vaelin a Kiral quando ela ergueu o arco, seus olhos discernindo uma figura entre as ruínas, pequena e familiar, com outra ao seu lado, apenas levemente mais comprida e segurando no alto um cajado longo de algum tipo. O urso derrapou até parar, espalhando cascalhos, um rosnado pesaroso saindo do focinho. O animal tomou impulso nas patas dianteiras, cravando as garras no solo pedregoso e continuando a olhar em desafio para Lorkan, que agora estava de quatro atrás de um dos guardas, ofegando e claramente prestes a colocar o desjejum para fora.

Cicatriz, como os outros cavalos, começara a empinar ao avistar o urso e agora estava à beira do pânico, balançando a cabeça em protesto enquanto Vaelin puxava as rédeas.

— Está tudo bem — disse ele, desmontando e passando a mão ao longo do flanco do animal. — Ele não vai machucá-lo.

O urso bufou de novo, sacudindo a grande cabeça de um lado para outro como se

reunisse forças para outra investida, mas então se retesou, ficando quase tão imóvel quanto uma estátua.

— Ele ainda jovem. — Um homem pequeno vestindo peles e segurando um osso tão longo quanto um cajado apareceu ao lado do urso, com um tom de desculpas na voz. — Amigo e inimigo têm cheiro igual.

— Urso Sábio! — Vaelin adiantou-se para apertar a mão do xamã, feliz ao sentir a força no aperto do homem. — Você está longe dos Confins.

— Você vai para o gelo — retorquiu Urso Sábio, encolhendo os ombros. — Eu mostro como.

— Ele foi muito insistente. — Dahrena estava parada um pouco mais afastada, sorrindo levemente. — Não podia deixá-lo vir sozinho.

Vaelin aproximou-se dela e a abraçou, a compreensão do quanto sentira falta dela provocando uma dor penetrante. *Vou mandá-la de volta*, pensou ele, sabendo que mentia. *Vou mandá-la de volta pela manhã*.

Eles fizeram uma refeição de cabra no espeto, aparentemente vítima das habilidades de caça do grande urso-pardo a julgar pelos cortes fundos na carcaça.

— Garra de Ferro traz carne boa — disse Urso Sábio. — Guarda só as entranhas para si.

Vaelin seguiu o xamã após a refeição enquanto ele percorria as ruínas, olhando para as estátuas despedaçadas e de vez em quando cutucando escombros cobertos de ervas daninhas com o cajado de osso. O urso andava por perto, demonstrando o mesmo escrutínio ao enfiar o grande focinho em vários recantos, às vezes usando as garras semelhantes a adagas para quebrar as pedras.

— Garra de Ferro quer insetos — explicou Urso Sábio. — Barriga de urso nunca cheia.

— Como você soube que tinha de vir aqui? — perguntou Vaelin.

Urso Sábio o olhou com uma expressão intrigada, como se a resposta fosse óbvia, e ergueu as sobrancelhas quando Vaelin não demonstrou saber o ele queria dizer.

— Grande... — Ele franziu o cenho, procurando as palavras certas. — Grande poder, grande... — Ele fez um gesto amplo agitando os braços e assoprando.

— Distúrbio? — perguntou Vaelin, acrescentando “Tempestade?” diante do olhar vazio do xamã.

— Tempestade, sim, grande tempestade no... mar. Mar de poder.

Mar de poder. Ele vê as Trevas como um mar de poder.

— Você consegue ver o mar de poder?

Urso Sábio soltou uma gargalhada.

— Ninguém consegue ver ele todo. Só sentir tempestades, sentir aqueles que tocam nele, ouvir canções, se cantam. Senti a tempestade se formando, ouvi a canção da garota, a segui até aqui com Mulher Voa Alto. — O rosto do velho tornou a se franzir ao chegarem à grande pedra de que Vaelin se lembrava de sua primeira visita ao lugar, o homem barbudo com uma expressão preocupada no rosto.

— A tempestade está vindo para cá? — perguntou Vaelin, observando-o tocar com cuidado a superfície da pedra com a ponta do cajado.

— Tempestade veio aqui antes. — Urso Sábio baixou o cajado, colocou uma das mãos na testa do homem barbudo e fechou os olhos. — Agora só eco.

— De quê?

— Do que foi, do que vai ser. — O xamã tirou a mão da cabeça de pedra, a tristeza dominando o seu rosto enrugado.

— Pensei que ele pudesse ser um rei, um chefe — disse Vaelin, mas Urso Sábio sacudiu a cabeça.

— Não, homem sábio, guardião de muitas histórias.

— Mas não sábio o bastante para impedir que a cidade caísse?

— Algumas coisas nada pode parar. Ele construiu este lugar, xamãs encheram pedras com poder para cantar a sua canção.

Encheram pedras com poder? Vaelin recordou-se da história de Sabedoria sobre como ela recebera o seu nome, a pedra que lhe fora dada pelo fantasma de Nersus Sil Nin — que não passava de uma memória preservada nas pedras na Martishe e na Grande Floresta do Norte.

— Eles podiam colocar as memórias nas pedras? — perguntou ele.

Urso Sábio assentiu.

— Mais do que... memória. Sentimento. — Ele ergueu o cajado e o girou lentamente ao redor, indicando o que restava de uma cidade que já fora fabulosa. — Este lugar, cheio de poder.

Ele seguiu em frente, observando intensamente, examinando as ruínas com uma atenção quase predadora. Vaelin o seguiu pelo labirinto de escombros, passando pela rara construção intacta que o Irmão Harlick usara como biblioteca e chegando até o que parecia ter sido algum tipo de plataforma elevada. Vaelin calculou que poderia ter tido três metros de altura quando intacta, mas os pilares estavam destruídos e a superfície de pedra tombara e se rachara de ponta a ponta. Urso Sábio parou, um espasmo de desconforto evidente em seus membros, antes de pisar na plataforma e ir

até o centro, onde tocou a pedra nua com o cajado.

— Algo aqui — disse ele. — Algo... sombrio.

Vaelin não gostou da perplexidade que viu no rosto do xamã, cujas feições ficaram um pouco abatidas, fazendo com que parecesse ainda mais velho.

— Algo sombrio? — perguntou ele quando o velho agachou-se e tocou com cuidado a pedra. — Você quer dizer as Trevas? Algo que tinha o poder?

— Sombrio — disse Urso Sábio num tom enfático antes de se levantar. — Já se foi, para longe. Levado.

— Por quem?

Urso Sábio se virou e olhou Vaelin nos olhos.

— Você sabe — respondeu ele. — Nós atravessar o gelo para encontrar ele.

— Deixei Ultin no comando — disse Dahrena, deitando-se ao lado dele e cobrindo ambos com peles. — Duvido que ele tenha gostado da honraria, mas não havia mais ninguém tão capaz.

— O ouro? — perguntou Vaelin.

— O primeiro carregamento deve atracar em Porto Gélido dentro de um mês, sem dúvida para alegria de Lorde Darvus.

— Ele não será o primeiro nem o último a lucrar com a guerra. — Ele fez uma pausa, desfrutando da sensação de senti-la contra o corpo, lamentando a necessidade das palavras seguintes. Porém, ela evidentemente havia percebido a sua intenção e falou primeiro:

— Não vou embora. — Ela ergueu a cabeça, beijou-o nos lábios e tornou a se deitar. — Como está Alornis?

Vaelin lembrou-se do rosto rígido de Alornis na manhã em que ele partiu, a tentativa valente dela de segurar as lágrimas, que fracassou ao agarrar o irmão, afastando-se somente com um puxão gentil porém insistente de Lyrna. Sua última visão da irmã permanecia como uma mancha culposa, a cabeça dela no ombro de Lyrna ao virar o rosto, recusando-se a vê-lo cavalgar para longe.

— Ela está prestando um bom serviço à causa da Rainha — disse a Dahrena. — Os talentos dela são ainda maiores do que imaginávamos.

Dahrena mexeu-se um pouco e olhou para o céu sem nuvens, que oferecia uma bela visão das estrelas.

— Está mais fraca — sussurrou ela. Vaelin sabia de que estrela ela estava falando: Avensurha, de onde Sanesh Poltar havia tirado o seu nome eorhil. *Dizem*

que nenhuma guerra pode ser travada sob a luz trazida por ela. Agora era apenas um ponto minúsculo entre muitos outros.

— Iremos vê-la brilhar de novo — disse ele. — Só temos que viver por muito tempo.

Dahrena virou-se de novo para ele com um tom de inquietação na voz:

— Não gosto deste lugar.

— Coisas terríveis já foram feitas aqui. Urso Sábio disse que as pedras carregam a memória.

— Não a cidade. As montanhas, o lar do povo de onde vim... — Ela se calou, mas Vaelin sabia que palavras ela deixara de dizer.

— E que matou o seu marido.

Dahrena assentiu levemente.

— Qual era o nome dele?

— O povo dele o chamava de Leordah Nil Usril, Vive em Sonhos. Eu o chamava de Usril. Os seordah o consideravam uma alma silenciosa, que raramente falava e com frequência se perdia em pensamentos. Era raro ele se juntar a bandos de guerra contra os lonaks, embora tenha se mostrado corajoso e habilidoso na batalha com a Horda. Os lonaks apareceram em maior número do que de costume num verão, fazendo incursões mais para o interior da região do que antes. Eu estava visitando meu pai quando recebi as notícias do ataque. Eu voei para a floresta e encontrei o seu corpo entre muitos outros, com um lonak morto sobre ele. Lembro quanto eles pareciam tranquilos, como se tivessem adormecido juntos. Procurei em toda parte por sua alma, mas ele havia morrido há pelo menos um dia.

Ela se calou, sua respiração suave no peito de Vaelin enquanto ele a abraçava com ainda mais força. Quando Dahrena tornou a falar, a sua voz era pouco mais do que um sussurro e era possível perceber o medo contido.

— Fiz o possível para morrer naquele dia, Vaelin. Parei sobre a floresta e velei o seu corpo, ciente de que o meu próprio corpo logo perderia o calor, esperando poder me juntar à sua eterna caçada nas sombras... O meu pai me trouxe de volta. De alguma forma ouvi a voz dele me implorando para regressar. Mal senti o frio quando voltei ao meu corpo. Na verdade, quase não senti nada por semanas. Então fui até a pedra em busca do auxílio de Nersus Sil Nin. Ela me disse algo, algo em que eu não queria acreditar.

Dahrena ergueu-se, deixando o rosto na altura do dele e lhe olhando nos olhos.

— Ela me disse que eu ainda tinha muito o que fazer. Que havia grandes privações pela frente e que uma vida inteira de pesar era um luxo que não me seria

permitido. E ela disse que certa vez dera um nome seordah a um homem, um homem que eu viria a amar. — Ela soltou uma risada, seu hálito suave nos lábios de Vaelin. — Eu pensei que ela era louca. Eu me enganei.

Eles retornaram à companhia de Orven dois dias depois, encontrando todos montados e dispostos em formação de batalha. A razão logo ficou aparente: pelo menos uma centena de lonaks em seus pôneis robustos claramente visíveis no alto de uma colina, quatrocentos metros ao norte.

— Apareceram esta manhã, meu senhor — relatou Orven quando Vaelin se aproximou a cavalo, saudando Dahrena com uma medida surpresa. — É muito bom vê-la de novo, minha senhora.

— Meu senhor. Suponho que sejam necessárias congratulações.

Orven deu um sorriso discreto antes de lançar um olhar cauteloso aos lonaks.

— Receio que elas tenham de esperar.

Vaelin ergueu uma sobancelha para Kiral, que observava os seus contrerrâneos lonaks com um olhar firme.

— Eles vieram a mando da Mahlessa, ainda que desconfiados.

— Então é melhor dizermos olá.

Vaelin disse a Dahrena e aos outros que esperassem com os homens de Orven e cavalgou adiante com Kiral. Eles chegaram a poucos metros do sopé, parando quando um dos lonaks desceu a colina com o seu pônei, um homem enorme com um traje de pele de urso e uma tatuagem labiríntica que lhe cobria a cabeça raspada. O rosto lhe pareceu familiar quando ele parou o pônei a alguns metros de distância, encarando Vaelin com ódio e cumprimentando Kiral em lonak, num tom brusco.

— Este é Alturk — disse ela a Vaelin. — Tahlessa dos Sentharr da Mahlessa.

— Nós já nos encontramos — comentou Vaelin, acenando com a cabeça ao homenzarrão. — O seu filho está bem?

Um espasmo de fúria percorreu o rosto de Alturk e Vaelin resistiu à tentação de sacar a espada quando Kiral ficou tensa ao seu lado.

— Meu filho era varnish — disse Alturk com aspereza na língua do Reino. — Uma vida imprestável que teve o fim merecido.

Vaelin perguntou-se se deveria dizer algumas palavras de condolência, mas supôs que seriam consideradas apenas mais insultos.

— A Mahlessa nos concedeu passagem — disse ele. — Qual é o seu propósito aqui?

Alturk rangeu os dentes e falou num tom lento e controlado, como se temesse que sua fúria pudesse sufocá-lo:

— A Mahlessa ordenou que cem dos Senthar seguissem você. O melhor sangue dos lonakhim, para ser derramado ao seu comando.

— Você sabe o que vamos fazer? Atravessaremos o gelo até as terras de nosso inimigo. São muitos os perigos.

— Ordens que vêm da Montanha não são questionadas. — Alturk puxou as rédeas e virou o pônei. — Sigam o nosso rastro e não se desviem dele. Há poucos aqui que receberiam de bom grado a sua chegada, e não prometo segurança.

Eles percorreram cinquenta quilômetros até o anoitecer, os Senthar mantendo um ritmo difícil através de inúmeros desfiladeiros e vales. Vaelin notou que eles cavalgavam com armas a postos, muitos segurando arcos com flechas nas cordas, olhos esquadrinhando constantemente o topo das colinas ao redor. Avistou também alguns pôneis sem cavaleiros entre eles e percebeu que alguns guerreiros exibiam ferimentos enfaixados havia pouco tempo.

— A Mahlessa pede muito de nosso povo ao permitir a sua passagem — explicou Kiral, seguindo o seu olhar. — A Falsa Mahlessa pode ter caído, mas suas palavras perduram em muitos ouvidos.

— Mas você é... era a Falsa Mahlessa — disse Vaelin. — Sua presença entre nós não irá desencorajá-los?

Kiral deu um sorriso melancólico.

— Quando a Mahlessa me libertou, parti da Montanha com as minhas irmãs, contando a minha história nas fogueiras de cada clã. É uma história bem-vinda em qualquer fogueira por ser tão cheia de acontecimentos. A maioria acreditou nela, mas alguns não, achando que de algum modo eu havia sido desviada de meu verdadeiro caminho pela Mahlessa. A coisa que me aprisionou tinha habilidade com as palavras, uma capacidade de plantar sementes de dúvida nos corações daqueles já acostumados com a malícia e a crueldade. É mais fácil odiar quando é dada uma razão, e ela tinha muitas.

Eles acamparam entre as escarpas de um planalto baixo algumas horas mais tarde, e Alturk posicionou uma guarda pesada em todos os pontos de acesso. A maioria dos Senthar parecia satisfeita em ficar longe dos merim her, mas nem todos eram tão cautelosos. Uma mulher robusta aproximou-se para olhar para Dahrena enquanto ela tirava a sela do cavalo, falando depressa em lonak.

— Não conheço a sua língua — disse Dahrena, visivelmente pouco à vontade

com o escrutínio.

— Ela está perguntando se você pertence ao Clã da Flecha de Vidro — explicou Kiral. — Seu rosto a lembra de uma prima que ela perdeu anos atrás.

Dahrena franziu a testa com cautela para a lonak de rosto grave.

— Perdeu como?

— Num ataque — relatou Kiral. — Uma aldeia inteira foi dizimada e a prima dela morreu junto com as irmãs e os filhos. Eles acharam que haviam sido os seordah, mas os rastros estavam errados, e os seordah nunca matam crianças.

A expressão de Dahrena ficou mais atenta e ela largou a sela, aproximando-se da lonak.

— A prima dela tinha um nome?

— Mileka — traduziu Kiral. — Significa Coruja. — Ela fez uma pausa quando a lonak continuou a falar. — Ela está perguntando se você tem uma história para a fogueira.

— Sim. — Dahrena assentiu, relutante. — Tenho uma história.

A lonak levou cerca de uma dúzia de Sentharr para ouvir a história, e todos se agacharam em volta da fogueira enquanto Kiral traduzia o que Dahrena tinha para contar. A presença de Urso Sábio e de Garra de Ferro era uma fonte óbvia de desconforto, mas aparentemente não o suficiente para diminuir o desejo por uma nova história. Eles se acomodaram, claramente fascinados, enquanto ela relatava as vagas lembranças que tinha da destruição de sua aldeia. Alguns ficaram agitados quando ela mencionou o lobo que a carregara pela floresta, mas todos permaneceram até Dahrena terminar, relatando como Lorde Al Myrna a encontrara e a tornara sua filha, assentindo e grunhindo em apreciação quando ela se calou.

— Eles gostaram — disse Kiral, com um tom de alívio na voz. — Uma boa história significa muito para o meu povo. — Ela ficou um pouco tensa quando Alturk surgiu da sombra de uma escarpa próxima, de braços cruzados e olhar fixo em Dahrena.

— Você viveu como merim her — disse ele. — Mas seus braços estão cobertos por adornos seordah.

— Sou tanto merim her como seordah — retorquiu ela no mesmo tom. — Se não de sangue, pelo menos de alma.

Alturk grunhiu algo que poderia ter sido uma risada.

— Sangue lonak não enfraquece tão fácil. Talvez você o sinta correndo em suas veias de novo antes desta história terminar. — Ele rosnou algo para os Sentharr que observavam e eles se levantaram depressa e desapareceram nas sombras. — Não

deixe de acordar antes do amanhecer — disse ele a Vaelin, retornado para a noite.

O primeiro ataque ocorreu no dia seguinte, enquanto eles atravessavam um desfiladeiro profundo a meio dia de marcha do planalto. Um grupo de cerca de duas dúzias de lonaks surgiu da entrada de uma caverna e disparou uma saraivada de flechas antes de se lançar sobre os Senthars, claramente determinados a abrir caminho até os odiados merim her. Somente um conseguiu atravessar o cordão, os outros sendo abatidos sem demora a golpes de porrete ou lança, aparentemente sem qualquer baixa do lado dos Senthars. O guerreiro solitário correu diretamente até Vaelin, gritando enlouquecido com o porrete de guerra erguido, e então derrapou até parar quando Garra de Ferro entrou em seu caminho. O lonak viu de olhos arregalados o urso rugir o seu desafio e ficar de pé. O guerreiro deixou cair o porrete, ao que tudo indicava aturdido de terror e alheio à flecha que se cravou em seu peito um segundo depois. Kiral caminhou até o cadáver de arco da mão e chutou as pernas do lonak para se certificar de que estava mesmo morto antes de se ajoelhar para recuperar a flecha.

Eles foram atacados de novo três noites depois, mas dessa vez os atacantes se contentaram em permanecer nas sombras e disparar flechas na direção das fogueiras, matando um Senthar que se colocara diante da luz no momento errado. Alturk reuniu vinte guerreiros e os conduziu para a escuridão, retornando pouco depois com porretes e pontas de lanças ensanguentados. Seus esforços pareceram ser suficientes para garantir uma noite tranquila e um grupo de Senthars logo se aproximou da fogueira deles à procura de uma história no que estava se tornando um ritual.

— Pode ser a minha vez — disse Orven. — A história do ataque de Lorde Vaelin na Batalha de Alltor.

Vaelin levantou-se com um gemido.

— Poupe-me.

— Mas eles querem uma história, meu senhor — disse Orven com um leve sorriso.

— Mas eu não.

Ele se afastou da fogueira quando Orven começou a narrativa, andando pelo acampamento onde os outros Senthars o recebiam com olhos cautelosos ou com uma indiferença calculada. Encontrou Alturk sentado sozinho, esfregando um trapo de zibelina sobre o porrete de guerra, uma faca recém-afiada no chão ao seu lado.

— Vim perguntar sobre o seu filho — disse Vaelin. — Espero que as minhas ações não tenham contribuído para a sua morte.

Alturk não ergueu a cabeça e grunhiu:

— Sua esperança é vã.

— Você o matou por desobedecer a Mahlessa?

O lonak tirou os olhos do porrete e havia neles um aviso nítido.

— Meu clã o matou. A morte dele foi correta e justa. E não vou falar mais sobre isso.

Vaelin aproximou-se da fogueira, agachou-se e estendeu as mãos para o calor. As noites estavam cada vez mais frias, os ventos que sopravam do norte uma lembrança constante do que se encontrava à frente.

— Minha Rainha me disse que os homens não têm permissão de ficar na companhia de sua Mahlessa. Você nunca a encontrou, e ainda assim a segue sem questionar.

— Você questiona a sua Rainha?

Vaelin sorriu um pouco.

— Não abertamente.

Alturk não respondeu. Deixou o porrete de lado e voltou o olhar para a fogueira. Vaelin notou que os anos haviam envelhecido o rosto do lonak, mas não o seu corpo, as rugas profundas na tinta em volta dos olhos.

— Você precisa saber que acredito que poucos de nós voltarão dessa jornada — afirmou ele ao lonak. — Os que não forem mortos pelo gelo podem acabar mortos em batalha.

Alturk permaneceu em silêncio por vários minutos, observando o fogo com os olhos envelhecidos. Por fim, quando Vaelin ia partir, ele falou:

— Um homem que já está morto não precisa temer nada.

* * *

Eles avistaram o gelo depois de mais duas semanas, uma faixa branca no horizonte a leste, depois de um litoral curvo à beira de um mar de águas cinzentas. As montanhas haviam começado a diminuir de tamanho nos últimos dias até se tornarem meros contrafortes, a maioria desprovida de qualquer vegetação e proporcionando pouca proteção contra inimigos. Os ataques se tornaram mais esporádicos quanto mais seguiam para o norte, possivelmente por simples cansaço, embora Vaelin desconfiasse que o atrito constante com os Senthar fosse a razão principal. Apesar

da total falta de uniformidade ou costumes militares, eles eram tão disciplinados quanto qualquer companhia da Sexta Ordem e talvez quase tão habilidosos quanto os irmãos; apenas mais dois deles haviam sido mortos desde o ataque noturno.

— Pela Fé, como dói! — disse Lorkan, encolhendo-se diante do vento cortante e lançando um olhar questionador a Cara. — Você não pode fazer alguma coisa?

Ela se limitou a responder com um olhar aborrecido e desmontou quando Urso Sábio chegou com Garra de Ferro. Os cavalos haviam se acostumado somente um pouco à presença do urso, e o xamã em geral viajava um pouco afastado do grosso da companhia, sacolejando no dorso da criatura. Havia uma estranha cautela na atitude dos lonaks para com Urso Sábio, movendo-se em volta do velho num silêncio circunspecto, e ele era o único dos forasteiros que não precisava compartilhar uma história junto à fogueira.

— Olá! — cumprimentou Cara, coçando a cabeça imensa de Garra de Ferro, o animal bufando de prazer e agachando-se aos pés dela, embora seus ombros ainda batessem no peito da mulher.

— Precisa caçar mais — disse Urso Sábio a Vaelin. — Mais carne.

— Nós temos carne — rebateu Alturk. — Suficiente para pelo menos um mês de viagem.

— Não no gelo — insistiu o xamã. — Precisa de mais e mais.

— De onde? — Alturk gesticulou para a vastidão estéril ao redor deles. — Não há nada para se caçar aqui.

Urso Sábio olhou para o lonak por um momento e então soltou uma de suas gargalhadas, apontando para o litoral.

— Mar traz presentes, Homem Pintado.

* * *

Urso Sábio desapareceu com Garra de Ferro por várias horas, e ao retornar os conduziu até um penhasco que dava para a baía que servia de lar para os animais. Havia pelo menos quarenta deles na costa rochosa, os corpos gordos e cobertos de pelos arrastando-se de um lado para outro enquanto brigavam e gritavam uns com os outros, expondo presas impressionantes.

— O que são eles? — perguntou Lorkan, mantendo a voz num sussurro, apesar de estarem a uma distância considerável das criaturas.

— Lobos-marinhos — respondeu Dahrena. — Temos esses animais nas costas

setentrionais dos Confins, embora eu não me lembre de já ter visto algum tão grande.

— Grande — concordou Urso Sábio com um aceno contente de cabeça. — Carne grande para levar no gelo.

— Vai estragar — disse Alturk. — E não temos sal para preservar tanta carne assim.

Intrigado, Urso Sábio respondeu franzindo o cenho e foi necessário algum tempo até Vaelin traduzir o significado.

— Estragar, rá! Carne não estraga no gelo. Frio demais. Basta defumar sobre o fogo. Dura muitos, muitos dias. — Ele fez sinal para Kiral e partiu na direção de uma trilha estreita que levava até a praia. — Nós caçamos, vocês acendem fogueiras.

Eles trabalharam no litoral durante boa parte de outra semana, acendendo fogueiras e matando os desafortunados lobos-marinhos seguindo as instruções de Urso Sábio. O xamã esfolou a primeira vítima com uma habilidade rápida e natural, recolhendo o couro inteiro com o que pareciam ter sido apenas alguns golpes de sua faca, um feito que nenhum deles conseguiu igualar, apesar do trabalho contínuo. A carne foi cortada em tiras e pendurada sobre as fogueiras para serem defumadas enquanto os couros eram separados para serem curtidos, o xamã deixando claro que precisariam deles mais tarde, voltando o olhar com frequência para a linha branca no horizonte.

— Fizemos a viagem tarde demais? — perguntou Vaelin a ele na última noite. Eles estavam sentados juntos num rochedo próximo da praia de cascalhos onde o trabalho sangrento havia terminado, enquanto Garra de Ferro mastigava satisfeito uma pilha de entranhas ali perto.

— Ainda tempo. — Urso Sábio ergueu a mão, formando um espaço estreito com o polegar e o dedo indicador. — Tempo pequeno. — Ele olhou por sobre o ombro para o acampamento, onde um grupo de Senthar escutava enquanto Kiral traduzia a versão um tanto obscena que Lorkan contava da Filha do Lenhador, um conto sobre amor não correspondido que envolvia assassinato e adultério, ainda que em geral não em tal quantidade e com tantos detalhes.

— Nem todos chegar nas ilhas — prosseguiu Urso Sábio. — Jeito das coisas no gelo. Sempre leva alguns, até mesmo Povo Urso.

— As ilhas? — perguntou Vaelin.

— Onde vamos. Outro lado do gelo. Já foi casa do Povo Urso.

— Eu pensei seu povo vivia no gelo.

Urso Sábio sacudiu a cabeça, olhando mais uma vez para o gelo. Parecia brilhar, iluminado por uma luminescência verde-clara no céu noturno que os lonaks

chamavam de Sopro de Grishak, em homenagem ao seu deus do vento.

— Só tempos pequenos — disse Urso Sábio. — Nossa viagem para a sua terra mais tempo no gelo que Povo Urso passou.

Vaelin lembrou-se das pessoas emaciadas e de olhos encovados aglomeradas no Riacho Água de Aço, uma nação criada para sobreviver aos climas mais severos e ainda assim vencida pelo gelo.

— Eu jamais pediria a alguém que fizesse isso se não soubesse em meu coração que é algo que precisa ser feito — disse ele.

CAPÍTULO SEIS

Lyrna

— Não há nada que eu possa dizer para dissuadi-los dessa decisão?

Eles haviam pedido uma audiência no início daquela manhã e agora se encontravam diante dela na sala do trono, o rosto aquilino de Hera Drakil não revelando qualquer emoção, enquanto Sanesh Poltar pelo menos conseguiu fazer uma careta de pesar.

— A guerra foi vencida — disse ele, encolhendo os ombros. — As manadas de alce estão aumentando sem ninguém para caçá-las, e comem todo o capim. Precisam de nós nas planícies.

Lyrna virou-se para o chefe de guerra seordah, falando na língua dele de forma meramente passável:

— E você, irmão da floresta?

— Nós atendemos o chamado do lobo — respondeu ele. — Agora está se calando. A floresta nos chama para voltarmos para casa.

As melhores infantaria e cavalaria leves do mundo, chamara-os Vaelin, recursos que não podiam ser perdidos facilmente.

— Os nossos inimigos retornarão se não pudermos derrotá-los — disse Lyrna aos dois. — E quando o fizerem, eu posso não ser capaz de protegê-los da selvageria deles.

— Nós lutamos por esta terra — insistiu Hera Drakil. — Estamos felizes por termos feito isso. A terra do outro lado da grande água não é nossa para lutarmos por ela.

Lyrna sabia que havia algo mais por trás das palavras do homem, um leve lampejo em seus olhos que ela conhecia muito bem. Ela se recordou de como o povo da floresta ficara pouco à vontade na presença da Senhora Dahrena, da sua repugnância pelo que ela fizera por Vaelin e da grande aversão que sentiam pelo mar. *Os seordah viram muita coisa quando deixaram a floresta*, concluiu ela. *E passaram a conhecer o medo.*

— Vocês não fizeram qualquer juramento a mim — disse Lyrna. — Assim, não posso obrigá-los a serem leais. E eu seria uma tola e uma mentirosa se afirmasse

que este Reino estaria livre agora sem a sua ajuda. Por favor, retornem em segurança para casa, com os meus agradecimentos, e podem ter certeza de que os seordah e os eorhil desfrutarão da amizade e da proteção do Reino Unificado para todo o sempre.

Eles a surpreenderam ao se curvarem, algo que não os vira fazer antes.

— Se os corações sombrios voltarem — disse Hera Drakil ao se endireitar —, lutaremos com a senhora novamente.

Eles partiram ao meio-dia; Lyrna observava das muralhas enquanto a grande massa de eorhil galopava para o norte, seguida pelos seordah em suas vagas formações tribais, alguns cobertos por vários adornos conseguidos durante a sua estada.

— Uma perda terrível, Alteza — comentou o Conde Marven ao seu lado. — Eles teriam feito um belo trabalho do outro lado do oceano.

— A Guarda do Reino já é três vezes mais numerosa do que eles — disse Lyrna, esforçando-se para garantir que a sua confiança não soasse forçada. — E nem todos partiram. — Ela indicou com a cabeça os seordah e os eorhil acampados perto da casa da guarda, talvez trezentos guerreiros que haviam optado por ficar. Alguns haviam formado laços firmes com a gente do Reino que encontraram na marcha, houvera até mesmo alguns casamentos; ela podia ver a esposa de Lorde Orven com a barriga cada vez maior entre os abrigos de pele de alce. Outros haviam decidido se juntar à cruzada de Lyrna em busca de justiça pelos inúmeros ultrajes testemunhados durante a campanha, e o resto possuía nada mais do que uma curiosidade básica, um desejo de ver o que havia do outro lado da grande água. A anciã eorhil, Sabedoria, tinha lugar de destaque entre esses últimos. “Penso que há sempre espaço na minha cabeça para mais conhecimento, Alteza”, dissera ela em resposta à pergunta de Lyrna.

— Pelo menos não precisaremos encontrar espaço para tantos cavalos — continuou o seu novo Senhor da Batalha. — Sobrecarregados como já estamos com os cavaleiros renfaelinos e com a nossa própria cavalaria. — Ele fez uma pausa, sem dúvida tomando coragem para dar um conselho indesejado. — Alteza, a frota cresce a cada dia, mas de maneira lenta. Logo, acredito que possa ser necessário enviar o exército em duas levadas. A primeira transportando a elite da Guarda do Reino e os arqueiros da Senhora Reva. Eles tomarão e manterão um porto defensável enquanto a frota retorna para buscar o resto do exército.

Lyrna observou os últimos seordah desaparecerem atrás de uma elevação distante. Pensou ver uma figura solitária demorar-se por um momento. Talvez Hera Drakil, ou apenas um guerreiro olhando para um lugar que esperava jamais ver novamente.

— Há uma Condessa Marven? — perguntou Lyrna. — Uma família esperando

pelo senhor em Nilsael?

— Sim, em Porto Gélido. Minha esposa e meus dois filhos.

— O senhor devia trazê-los para cá. Serão muito bem-vindos na corte.

— Eu duvido, Alteza. Minha esposa tem um... temperamento difícil. Ela exigiria um palácio próprio assim que chegasse.

— Ah. — Ela deu as costas para a paisagem quando o seordah solitário desapareceu de vista. — Não conseguiremos nada atacando em pequenos números, meu senhor. Os volarianos perderam muitos soldados, mas o seu império possui muitos mais. Cairemos sobre eles como uma leva apenas, e nisso limparemos a terra da imundície deles.

— Perdoe-me, Alteza, mas não possuímos nem mesmo metade da quantidade necessária de navios.

— Não — concordou Lyrna. — Uma situação que logo espero ver remediada.

Davoka aguardava com os cavalos no pátio do palácio.

— Está feito? — perguntou Lyrna em lonak, montando em Flecha.

— Foi como você previu — comentou Davoka, a expressão plácida contrastando com o seu tom.

— Uma pena. — Lyrna virou Flecha na direção do portão do palácio. — Vamos encontrar uma distração que seja bem-vinda.

Varinshold fervilhava de atividade ao cavalgarem pelas ruas flanqueadas por Bente e Iltis, as pessoas parando para se curvarem ou gritarem uma saudação leal antes de voltarem depressa às suas tarefas. Apesar de todo o alvoroço, pouca coisa da estrutura da cidade havia sido restaurada; algumas construções recém-concluídas erguiam-se da devastação, e essas eram apenas quartéis simples e funcionais, sem qualquer valor estético. *Malcius teria chorado*, soube ela ao passar os olhos pela capital, que agora era uma cidade de lona e madeira em vez de uma de pedra. *Ele adorava tanto construir*.

A atividade era ainda mais intensa nas docas. Varinshold era uma cidade portuária, mas tradicionalmente construía poucos navios, a maioria das embarcações do Reino sendo produto dos estaleiros de Torre Sul e Warnsclave, onde milhares agora trabalhavam num ritmo frenético para fornecer a frota por ela exigida, ainda que nunca rápido o bastante. O inverno já se avizinhava e não mais do que uma dúzia de novos navios estava pronta; belonaves de formato tradicional. Lorde Davern, exasperado, advertira que, para erguer uma embarcação com as dimensões

que Lyrna queria, seria necessário construir um estaleiro completamente novo.

— Então construa, meu senhor — disse ela, simplesmente.

A Forja da Rainha, como o estaleiro passou a ser chamado, ocupava a maior parte do cais que outrora abrigara os armazéns da cidade, um aglomerado extenso de forjas e oficinas onde artesãos habilidosos trabalhavam dia e noite em turnos de dez horas. Em sua maioria, eram antigos aprendizes, jovens o bastante para fugir dos traficantes de escravos que capturaram os seus mestres, muitos tendo de ser retirados das fileiras da Guarda do Reino, geralmente sob protesto. De acordo com as ordens estritas de Lyrna, eles não pararam para fazer medidas quando ela entrou na Forja, embora tenha havido muitos olhares rápidos de assombro ou de admiração para saudá-la.

Ela atravessou a cacofonia de metal retinindo e serras incessantes até o espaço cavernoso onde Alornis aguardava com Lorde Davern, e atrás deles se erguia o casco de uma embarcação que chegava a dez metros de altura. O olhar de Lyrna percorreu os andaimes que cobriam as laterais e os trabalhadores que revestiam as vigas superiores com calafeto e piche.

— Fui levada a crer que ela estava pronta para ir para a água, meu senhor — disse ela a Davern.

— São apenas os toques finais, Alteza — assegurou-lhe ele com uma medida cansada, virando-se e estendendo a mão para o navio recém-nascido. — Entrego-lhe o *Orgulho do Reino*, cinquenta metros de comprimento, quinze de largura, um calado de sete metros e capaz de transportar quinhentos Guardas do Reino completamente armados pela extensão de qualquer oceano.

— E construído em apenas vinte dias por menos de cem homens — acrescentou Alornis num tom afetado.

— Então — disse Lyrna a Davern — funcionou.

— De fato, Alteza. — Ele inclinou a cabeça para Alornis. — Meu ceticismo inicial parece ter sido infundado.

Lyrna aproximou-se do navio, parando para segurar a mão de Alornis e a apertar.

— Obrigada, minha senhora. Eu a nomeio Artífice da Rainha. Agora que o navio está concluído, eu gostaria que a senhora voltasse as suas atenções para a execução da guerra. Enfrentaremos exércitos numerosos em Volaria e eu ficaria grata por quaisquer aparelhos que a senhora possa conceber que sejam capazes de equilibrar de algum modo a situação.

Ela sentiu a mão de Alornis estremecer na sua.

— Eu... conheço pouco sobre armas, Alteza.

— A senhora conhecia pouco sobre navios e ainda assim isso pareceu não importar muito. Aguardarei os seus projetos com interesse. — Lyrna soltou a mão dela e virou-se para Davern. — Quando ele será colocado na água?

— Na maré noturna, Alteza. Os mastros devem ser colocados dentro de dois dias.

— Envie cópias das plantas para os estaleiros em Warnslave e Torre Sul. De hoje em diante nenhum outro projeto será usado.

— Sim, Alteza.

Seu olhar recaiu sobre as letras no casco. *Orgulho do Reino. Adequado, mas pouco inspirador.*

— E mude o nome — acrescentou ela, virando-se para ir embora. — Ele será chamado *Rei Malcius*. Fornecerei uma lista de títulos para os irmãos dele.

A Companhia Morta foi obrigada a acampar fora das muralhas da cidade. O Conde Marven lhes dera uma torre de vigia no promontório ao norte para protegerem, a uma boa distância dos muitos veteranos da Guarda do Reino e ex-escravos ansiosos para acertarem velhas contas. Ela encontrou Al Hestian treinando os seus homens com a costumeira gentileza.

— Levante, seu comedor de bosta imprestável! — rosnou a um jovem caído, que agarrava a barriga onde o Lorde Comandante acertara um golpe com a haste de sua alabarda. — Tem coragem para roubar, mas não o suficiente para lutar, é? Deixando-se ser derrotado por um velho aleijado. — Ele deu um chute implacável nas pernas do garoto, que continuava a se encolher. — De pé! Ou será chicoteado!

Al Hestian empertigou-se quando Lyrna aproximou-se montada em Flecha, ignorando a mesura e olhando para o jovem encolhido. Ele ergueu a cabeça para Lyrna num apelo evidente, os olhos enchendo-se de lágrimas. *Pouco mais do que um garoto*, percebeu ela.

— Seu Lorde Comandante lhe deu uma ordem — disse ela calmamente ao garoto, retribuindo o olhar e sabendo que ele não via bondade alguma ali.

O garoto levantou-se controlando as lágrimas e esboçou uma mesura.

— Sargento! — berrou Al Hestian, e um homem de ombros largos veio correndo até o seu lado e bateu continência. Lyrna o reconheceu como o cavaleiro das masmorras, o que havia chorado quando ela lhe concedeu as suas vidas. — Faça esse covarde correr até cair — disse Al Hestian. — Sem rum por uma semana.

— Esse aí se daria bem entre os lonakhim — comentou Davoka ao lado de Lyrna.

Al Hestian adiantou-se e segurou as rédeas da égua enquanto Lyrna desmontava.

Ela podia ver uma nova vitalidade nele, o homem derrotado do Canto do Traidor aparentemente substituído pelo epítome de um Lorde Comandante da Guarda do Reino, o que, lembrou a si mesma, ele já fora. Contudo, as costas emperdigadas e o uniforme impecável não podiam mascarar os olhos; eles ainda revelavam um homem de luto.

— Meu senhor — disse ela, gesticulando para a falésia, onde Orena e Murel estavam arrumando uma mesa e cadeiras. — Vim assistir à primeira viagem de meu novo navio. Gostaria de se juntar a mim?

Al Hestian mandou os seus homens acenderem lamparinas e pendurá-las em estacas ao longo do topo da falésia, e sentou-se rígido diante dela enquanto o sol se punha e uma brisa marítima intensa fazia o capim sussurrar.

— O que acha dos seus novos comandados, meu senhor? — perguntou Lyrna, aceitando uma taça de vinho servida por Orena.

— Um grupo variado, Alteza. Cavaleiros que buscam recuperar a honra servindo ao lado da escória do Reino. Os meus Falcões Negros teriam matado todos eles em um dia.

— Sim, se eles não tivessem sido dizimados, é claro. — Lyrna olhou para o vinho em sua taça, um escuro vinho tinto cumbraelino, o aroma adocicado, com um leve toque de hortelã e amora. — Alguma deserção?

— Duas, Alteza. Eram recrutas recentes, fora da lei estúpidos, na verdade, sem muita noção de como evitar serem capturados. Eles foram trazidos de volta com facilidade.

— E suponho que chicoteados?

— Enforcados, Alteza, na frente de todo o regimento. — Ele agradeceu com um aceno de cabeça para Orena quando ela lhe serviu a bebida. — É preciso dar exemplos.

— De fato. Eu preferiria não beber com o senhor — acrescentou Lyrna antes que ele experimentasse o vinho. Al Hestian hesitou por um momento e então abaixou a taça, seu rosto não revelando qualquer sinal de ofensa.

Benten deu as costas ao topo da falésia e apontou na direção do porto.

— Minha Rainha.

Lyrna levantou-se e fez sinal a Al Hestian para acompanhá-la. O promontório oferecia uma vista excelente das docas, onde muitas tochas cintilavam e pessoas aglomeravam-se no cais para assistir ao nascimento do poderoso navio da Rainha. A Forja fora construída com uma carreira que desembocava no porto, o interior reluzindo intensamente e banhando as águas com uma luz amarelada. Mesmo àquela distância, Lyrna ouvia o som de várias marretas atingindo os blocos que mantinham a

embarcação no lugar, então o ruído sumiu de repente e foi substituído por um grande brado quando o casco imenso deslizou pela carreira até a água, seu rastro reluzindo como ouro à luz das tochas.

— É uma bela cena, não acha? — perguntou Lyrna a Al Hestian, gesticulando para que Orena trouxesse mais vinho.

Ele observou o navio por um momento, seus olhos fundos reluzindo por uma fração de segundo.

— Uma embarcação impressionante, Alteza.

— Sim. Devo confessar que não fui totalmente sincera com o senhor, Lorde Comandante. Minha missão aqui esta noite não era lhe mostrar o meu navio.

Ela o viu ficar tenso, olhando de relance para Iltis e Benten, que se encontravam um pouco afastados, de olhos firmes e mãos apoiadas no punho das espadas.

— Não era, Alteza?

— Não. — Lyrna virou-se quando Orena se aproximou, olhando-a nos olhos e virando o vinho na relva. — Foi para lhe mostrar a face de nosso inimigo.

Orena estacou e seu rosto ficou inexpressivo, mas os olhos iam até cada um deles com uma velocidade incomum.

— Lorde Vaelin notou — disse Lyrna à mulher. — Você viu o garoto que não pode ser visto, a não ser por outro dotado. Isso foi uma tolice.

Orena não se moveu, fixando o olhar em Lyrna enquanto Benten e Iltis aproximavam-se pelos lados de espadas desembainhadas e apontadas, e Davoka aproximava-se por trás dela de lança a postos.

— Orena Várdrian — prosseguiu Lyrna. — Sobrenomes seguem a linhagem feminina entre os camponeses de Asrael. O Irmão Harlick memorizou cada censo realizado neste Reino, de modo que foi fácil saber que você e Lorde Vaelin são primos, com a mesma avó, uma mulher que sem dúvida passou o seu sangue dotado para as duas filhas. O sangue maternal carrega as Trevas, mas a natureza dos dons pode variar entre gerações. Qual é o dela?

As feições de Orena sofreram um espasmo, uma variedade de expressões distorcendo o seu semblante que parecia uma máscara. Malícia, medo e divertimento transpareceram em seu rosto antes que a mais inesperada fosse adotada: tristeza, sua fronte ficando lisa e a boca formando um leve sorriso. Quando falou, sua voz era seca, embora Lyrna tenha achado a cadência horivelmente familiar.

— Ela consegue colocar os seus pensamentos na cabeça dos outros. Um dom difícil de dominar e que ela raramente usava, uma vez que morria de medo de ser descoberta, ciente de que a sua gente a entregaria para a Quarta Ordem caso se

tornasse público. Não é de espantar que ela tenha decidido fugir da fazenda e se casar com um homem rico. Ela teve bastante utilidade para o dom na hora de cortejá-lo.

— E na hora de dizer à outra criatura sua companheira e ao seu sacerdote onde me encontrar naquela noite em Alltor.

Itis arreganhou os dentes, sua espada estremecendo um pouco ao lutar contra a fúria, embora Lyrna tenha ficado satisfeita pela disciplina dele por não se entregar à emoção.

— Uma tarefa à qual fui forçada — disse Orena. — Como a incontáveis outras.

— Mais de uma vez, sem dúvida. Suponho que os nossos inimigos estejam perfeitamente cientes de nossos preparativos.

— Eles sabem tudo o que sei.

— Então por que arriscar ser descoberta esta noite? A Senhora Davoka a tem vigiado de perto desde que Lorde Vaelin nos informou suas suspeitas. Por que escolher hoje para envenenar o vinho?

Orena não respondeu, mas Lyrna viu os olhos da mulher irem na direção de Al Hestian.

— Parece que o nosso inimigo também o teme, meu senhor — disse Lyrna ao Lorde Comandante. — Estou subitamente feliz por não tê-lo executado. — Ela tornou a olhar para Orena. — Por que o Aliado deseja a morte dele?

— Ele possui um grande talento para o comando. Um talento que será de grande utilidade quando vocês chegarem a Volaria.

— Já nos encontramos antes, não? Nas montanhas.

— Não importa. — A voz da mulher soou ainda mais sem emoção, seu olhar começou a perder o foco e ela curvou os ombros, derrotada. — Nada importa. Construa a sua frota, reúna o seu exército, leve-os para as suas mortes. Somos todos apenas peças no tabuleiro dele e, se o jogo acabar mal, ele começará outro. Morri centenas de vezes e despertei em casca após casca, em cada ocasião rezando para que dessa vez ele me deixasse em paz. Quando despertei nesta aqui e não ouvi sussurro algum da voz dele, pensei... — Ela se calou, baixando a cabeça ao se abraçar.

— Você teve amplas oportunidades para me matar no *Sabre do Mar* — disse Lyrna. — Durante a batalha, teria sido fácil com tantas flechas voando, tanta fumaça para ocultar o feito. Por que você não me matou?

Orena deu uma risada melancólica, baixa e que logo se perdeu no vento.

— A senhora fez de mim uma dama. Era a... minha Rainha. E... — Ela fez uma

pausa para sorrir. — E havia Harvin. É terrível viver por tanto tempo sem nunca tocar o coração de outra pessoa. E pensar que eu conseguiria isso com ele, um fora da lei comum mais burro do que um vira-lata.

— Espera que eu acredite nisso? — Lyrna sentiu a raiva aumentar e lutou para mantê-la sob controle. A tentativa daquela coisa de manipulá-la era perigosa, provocando-a para que se vingasse de modo apressado. — Uma criatura como você é imune ao amor.

— Se acha tão sábia, minha Rainha, mas ainda é uma criança. Vi muitas coisas serem feitas em nome do amor, coisas maravilhosas e horrendas, e sempre achei tudo muito divertido. Há um pedaço da minha alma que gostaria que a senhora estivesse certa, que eu tivesse permanecido imune ao toque desse sentimento, pois então a minha tristeza não teria sido tão grande. Acho que foi assim que ele me encontrou de novo, ouvindo o meu desespero quando adentrou o vazio, chamando-o de volta ao seu serviço.

— Um chamado que você poderia ter recusado.

— Ele me prendeu a si há muito tempo, fundiu a minha alma na dele, arrancando qualquer vontade de resistir. É como ele nos escolhe, aquelas almas mais adequadas aos seus propósitos, aqueles com malícia suficiente para se igualar à dele e fraquezas suficientes para serem moldados.

Ela caiu de joelhos e olhou por sobre o ombro para onde Davoka se encontrava agora, com uma garrafinha de vidro na mão.

— Você precisa saber — disse Orena, virando-se de novo para Lyrna — que a mente desta casca está perturbada. Foi arruinada pelo estupro e pelo estrangulamento que quase a matou na noite em que a cidade caiu, salva apenas pelo seu dom, que destruiu a mente do homem que a atacou, mas deixou a dela esgotada e facilmente arrebatada.

— Ela terá o melhor dos cuidados — destacou Lyrna. — E prometi a Lorde Vaelin que lhe devolveria a sua prima.

Orena assentiu e arregaçou a manga, erguendo a mão com a palma estendida.

— Desta vez não haverá perdão. Os meus fracassos tornaram-se muito frequentes, a minha alma maculada demais por sentimentos. Desta vez ele vai me reduzir a nada, destruindo até mesmo a memória de que um dia já vivi. Um destino que acredito que me é bastante apropriado. — Seu rosto estava fechado, determinado, o medo bem controlado, contrastando muito com a garota que implorara e chorara sob a Montanha. — Estou pronta, minha Rainha.

Anos mais tarde, restariam poucos vivos na Companhia Morta para se lembrarem do grito que cortou o promontório naquela noite. Porém, os que sobreviveriam,

apesar de calejados por muitos horrores, ainda seriam capazes de estremecer ao se recordarem do som, lembrando-se dele como um presságio do que estava por vir.

A fúria plena do inverno chegou cedo aquele ano, a chuva forte dando lugar à neve com uma rapidez indesejada, os tetos de lona de Varinshold vergando-se sob o seu peso. Lyrna havia ordenado que se estocasse lenha, mas a intensidade do frio pegou muitos de surpresa e houve alguns que pereceram em suas garras, principalmente os idosos e os enfermos. Outros foram encontrados do lado de fora das muralhas da cidade, sem roupas quentes, os rostos congelados geralmente serenos, aceitando o destino. A invasão privara muitos de suas famílias e os deixara vulneráveis ao desespero, mãos preciosas entregues a um pesar que não tinha fim.

Apesar do frio e das privações, o trabalho continuava, a Forja produzia armas numa velocidade furiosa e os construtores de Davern haviam entregado à Rainha mais três navios em menos de um mês, o ritmo de construção sendo acelerado à medida que se acostumavam com as novas técnicas.

— A senhora devia esquecer o ouro dos Confins, Alteza — aconselhara Davern um dia com o seu sorriso costumeiro. — Quando a guerra acabar, esta terra enriquecerá só com a construção de navios.

Na verdade, Lyrna com frequência desejava poder esquecer-se do ouro. O Senhor da Torre em exercício, Ultin, era um correspondente frequente com os seus pedidos de mais mineiros, e os escribas do Senhor Feudal Darvus eram escrupulosos na contagem e pesagem de cada lingote que chegava a Porto Gélido, a ponto de atrasar o envio subsequente aos mercadores alpiranos. *Se Vossa Alteza enviasse mais escribas*, escrevera o velho em resposta à repreensão formulada por Lyrna de forma amigável, *tenho certeza de que o fluxo do ouro seria retomado com toda a velocidade*. Ela resistiu à tentação de despachar Lorde Adal com um decreto formal desfazendo o acordo de Darvus com Vaelin e colocando o comércio do ouro sob o controle da Coroa. Entretanto, como o seu Ministro da Justiça sempre fazia questão de lembrá-la, ela já havia exercido a Palavra da Rainha com uma frequência que fazia o seu pai parecer o modelo de um governo de não intervenção, e odiaria ganhar a reputação de colocar de lado leis inconvenientes.

O Aspecto Dendrish assumira a tarefa não invejável de ouvir petições, incomodando-a somente com os casos da maior importância ou complexidade. Ele também fora obrigado a reconstituir um sistema de tribunais numa terra agora severamente desprovida de advogados ou magistrados, obtendo a permissão de Lyrna para uma reorganização completa da máquina judiciária do Reino.

— Três Juízes Superiores? — perguntou Lyrna ao ler o plano dele. — O papel de

juiz mais graduado não deveria ser seu, Aspecto?

— Poder demais delegado a um único oficial frequentemente é uma receita para a corrupção, Alteza.

Lyrna franziu a testa de forma jocosa. Apesar de possivelmente ser o homem menos agradável que ela já conheceria, fora o felizmente falecido Darnel, o Aspecto ganhara depressa uma reputação de grande discernimento e rígida imparcialidade, relatando cada tentativa de suborno e decretando punições sumárias ao transgressor.

— O senhor se sente corrompido pelos seus deveres? — perguntou ela.

— Não ficarei neste cargo para sempre. — Havia um peso em suas palavras que a fizeram parar para pensar, considerando a palidez da pele do Aspecto e a gordura que desaparecia rapidamente. Lyrna já notara como as palavras dele costumavam ser pontuadas por um leve ofegar, e ele parava para tossir com uma frequência desconcertante.

— Três juízes — disse ela, voltando ao documento. — Suponho que para garantir que as suas decisões não cheguem a um impasse?

— Exato, Alteza. Todas as decisões estarão sujeitas à sua aprovação, naturalmente.

— Além disso, notei que não há menção à Fé no seu código corrigido de transgressões criminais.

— A Fé diz respeito à alma e ao Além. A lei diz respeito apenas ao Reino e aos seus súditos.

— Muito bem. Precisarei de tempo para pensar bem a respeito disso.

— Obrigado, Alteza. — Ele se curvou, tentando conter sem sucesso uma tosse com um lenço rendado, que estava manchado de vermelho quando o afastou da boca. — Perdoe-me.

— Perdoo. Também ordeno que o senhor vá ver o Irmão Kehlan imediatamente e siga qualquer instrução que ele lhe der.

O Aspecto assentiu com relutância quando ela largou o documento.

— Nem meu irmão nem meu pai tentaram uma mudança tão radical nas leis do Reino.

O Aspecto Dendrish ofegou, seus olhos levemente úmidos ao responder:

— Tudo mudou neste Reino, mais do que eu gostaria. Mas desejos não tornam uma terra adequada para se viver.

— É baseada numa máquina volariana — disse Alornis, o braço esguio girando o

molinete na parte traseira do engenho, fazendo engrenagens retinir e braços cruzados em diagonal recuarem. De fato lembrava uma das balistas com que os volarianos adornavam os seus navios, mas era consideravelmente maior, com uma pesada caixa de ferro afixada sobre o corpo principal. Ficava sobre uma base larga de ferro, mas com uma abertura côncava através da qual passava a haste de sustentação, permitindo que o mecanismo inteiro fosse girado com uma rapidez surpreendente, apesar do tamanho.

Lyrna juntou-se ao seu Senhor da Batalha no principal campo de treinamento da Guarda do Reino para assistir ao teste da primeira invenção de sua Senhora Artífice. A planície extensa que abrigara a Feira de Verão estava quase toda coberta pela neve agora, e tropas de recrutados se exercitavam entre os montes para além da fileira de alvos colocados a distâncias variadas do dispositivo. Cada alvo consistia em quatro peitorais volarianos dispostos num quadrado, uma vez que Alornis garantira que o dispositivo tinha poder suficiente para perfurar as armaduras.

— Qual é o alcance, minha senhora? — perguntou o Conde Marven.

— Uma balista volariana consegue disparar a até duzentos metros — informou Alornis, prendendo no lugar a corda grossa do mecanismo e afastando-se. — Tenho esperança de que vamos conseguir superar essa marca. Eles usam madeira para os braços das balistas, nós usamos metal. — Ela levou um momento para alinhar o engenho e então bateu com a palma da mão numa alavanca. Os braços arqueados deslocaram-se para frente num borrão e o virote foi disparado rápido demais para que Lyrna pudesse acompanhar a sua trajetória, embora o tinido metálico que se ouviu indicasse que um dos alvos mais distantes fora acertado.

— Quase trezentos metros — disse o Conde Marven com uma gargalhada, fazendo uma medida a Alornis. — Muito bem, minha senhora. Um feito extraordinário.

— Obrigada, meu senhor. Mas ainda não terminei. O projeto original volariano tornava a recarga lenta, levando mais de um minuto para disparar dois virotes. Porém, lembro-me de quando vi um moedor de grãos, o que me deu uma ideia peculiar. — Alornis segurou o molinete de novo e começou a girá-lo, os braços sendo puxados para trás enquanto as engrenagens rangiam. — Tudo é uma questão de alinhar as engrenagens — explicou ela, gemendo um pouco com o esforço. — As engrenagens puxam a corda para trás até certo ponto, e então a caixa no topo dispara um novo virote. — O engenho fez um ruído baixo enquanto ela continuava a girar o molinete. — E a engrenagem seguinte solta a corda.

Os braços deslocaram-se de novo, acertando mais uma vez o alvo mais distante.

— Tudo o que se precisa fazer é continuar a girar o molinete — prosseguiu Alornis, ajustando a mira do engenho, de modo que o virote seguinte voou na

direção de um alvo diferente. — Até que os virotes acabem, quando então uma nova caixa pode ser colocada no lugar da vazia.

Ela continuou a manusear o engenho, disparando virotes em trajetórias variadas até que todos os alvos tivessem sido acertados. Quando o último virote voou, ela se afastou de sua criação, suando um pouco apesar do frio.

— Ainda preciso cuidar de alguns detalhes — disse Alornis, arfando um pouco. — Ela tende a emperrar se não for lubrificada com frequência, e acho que posso melhorar o formato das cabeças dos virotes.

— Dê-me uma centena dessas máquinas, Alteza — disse o Conde Marven, seu tom agora completamente sério —, e poderemos medir forças com qualquer exército que os volarianos levarem a campo.

Lyrna avançou e deu um abraço delicado em Alornis, beijando-a na testa.

— O que mais pode me mostrar, minha senhora?

CAPÍTULO SETE

Frentis

Illian abaixou-se sob o golpe da espada de madeira dele e contra-atacou com uma estocada nos olhos, desviada com facilidade antes que se aproximasse e então ele prendeu o braço dela debaixo do ombro, puxando-a para perto.

— Agora, o que você vai fazer, irmã? — perguntou ele num tom brando.

Frentis a viu engolir uma resposta mordaz, suas feições vermelhas de frustração, e detectou a decisão nos olhos da garota por uma fração de segundo tarde demais. A cabeça de Illian o atingiu com força no nariz, deixando-o atordoado pelo breve momento que ela levou para se soltar e girar a espada de freixo de forma desajeitada porém veloz contra o seu diafragma. A espada de madeira de Frentis chocou-se com a dela a um centímetro de seu peito, aparando-a com um estalo alto para então a desviar para o lado e desferir uma estocada na barriga de Illian. Ela grunhiu com o golpe e abaixou a espada, o peito arfando e os olhos tomados de ressentimento.

— A raiva é sua inimiga — lembrou-lhe Frentis, limpando o sangue do nariz. — Um pouco melhor desta vez, mas ainda não rápido o suficiente. Pratique as séries até o meio-dia e então alimente os cães.

Ela respirou fundo para se acalmar antes de assentir, seu tom cuidadosamente modulado:

— Sim, irmão.

Frentis a deixou e atravessou o convés até onde a sua companhia estava ocupada com o próprio treinamento, e Draker ensinava a um trio de membros mais jovens o básico para se cortar a garganta de um homem.

— Tem que fazer num golpe só — aconselhou ele, com um braço musculoso em volta do peito de um jovem magricela chamado Dallin, um lavrador renfaelino resgatado dos traficantes de escravos pouco antes de a estada deles na Urlish chegar à sua conclusão desastrosa. — Não tentem encontrar as veias. — Draker demonstrou a técnica com uma adaga embainhada. — Só cortem fundo e de um lado ao outro. Então segurem o cabelo dele e puxem a cabeça para trás para abrir o corte o máximo possível.

Frentis passou por Artesão a caminho da popa, com Retalhador e Dente Negro ao seu lado como vinham ficando nos últimos dias, aparentemente fascinados por seu

trabalho. Na metade da viagem ele subitamente parara de trançar cordas e começara a enrolar tiras de couro com firmeza sobre uma armação circular, respondendo apenas com um sorriso vago quando perguntado do que se tratava. A criação a princípio lembrara um cesto raso, mas o seu propósito gradualmente se tornou mais claro quando Artesão fixou tiras no lado côncavo e pediu emprestado piche à tripulação para cobrir a superfície curva externa.

— Um belo escudo, senhor — disse Frentis, parando ao lado do homem e erguendo a mão para Retalhador lambe-lo.

— Um modelo lonak — disse Artesão, com uma cadência estranhamente familiar na voz ao usar uma agulha grande de osso para passar um cordel pela borda do escudo. — Embora usado raras vezes, uma vez que a cultura marcial deles é de natureza essencialmente agressiva.

Ele continuou a trabalhar e não ergueu a cabeça quando Frentis se afastou. O Capitão Belorath estava na popa, de pé e tão imóvel quanto o convés oscilante permitia, com o sextante apontado para o horizonte. Frentis não fazia ideia de como o aparelho funcionava ou do significado dos números que o capitão parava para anotar num pergaminho, mas sabia que era como ele determinava a posição em que estavam naquele oceano.

— As águas estão mais calmas hoje — comentou ele. Na verdade, era o primeiro dia de calma em mais de uma semana; as histórias que ele ouvira a respeito da natureza tempestuosa do inverno no Boraelino não haviam sido exageradas.

Belorath respondeu com o grunhido costumeiro, erguendo mais uma vez o sextante.

— Mas as nuvens não. Promessa de outra tempestade amanhã. — Ele estreitou os olhos e manteve o sextante apontado, voltando o olhar ao ter um breve vislumbre do sol através de uma nuvem. — Creio que estamos a menos de duas semanas das praias volarianas, irmão — disse ele, consultando os números no seu pergaminho. — É hora de tomar uma decisão.

— Eskethia. — Trinta e Quatro bateu com um dedo no mapa onde uma extensão de mais de trezentos quilômetros do litoral volariano ia de norte a sul. — Uma das últimas províncias a sucumbir ao domínio volariano. As pessoas livres de lá podem estar menos inclinadas a lutar pelo império. Além disso, Nova Kethia abriga o maior mercado de escravos das províncias ocidentais. Muitos dos escravos capturados na sua terra natal ainda estarão lá, aguardando pelos leilões de inverno.

— Bem guarnecida? — perguntou Frentis, mas quem respondeu foi Lekran.

— Pelo menos uma divisão — disse ele. — Como disse o nosso amigo, os eskethianos nunca deixaram de lado o ressentimento pela perda de sua soberania, ainda que tenha ocorrido há séculos.

Frentis examinou atentamente o mapa, medindo a distância de Eskethia a Volar. *Perto o bastante para ameaçar a capital, mas distante o suficiente para garantir que quaisquer forças enviadas contra nós não tenham tempo de retornar quando a Rainha desembarcar.* Ele ergueu o olhar para Belorath.

— Capitão?

— Não estou familiarizado com esse litoral. Pode levar algum tempo para encontrar um local adequado para o desembarque. Felizmente, a tempestade que está chegando deve ocultar dos navios de patrulha a nossa aproximação.

Frentis assentiu.

— Eskethia, então — disse ele, odiando-se pelo pavor que tomava conta de seu peito, sabendo que a decisão significava que as suas semanas de sono sem sonhos logo teriam de ser abandonadas. *Só mais uma noite*, disse a si mesmo. *O que ela pode fazer em apenas uma noite?*

Houve um tempo em que ela os teria feito assistir, deleitando-se com a sua impotência enquanto se retorciam nas amarras, testemunhas desamparadas do assassinato de suas famílias. Porém, por motivos que não conseguia compreender, tais diversões já não lhe interessavam, e ela se contentara em reuni-los no topo da Torre do Conselho, parados no parapeito com a ponta de uma espada encostada nas costas de cada um, vendo a fumaça e as chamas subirem dos distritos mais abastados da cidade enquanto suas propriedades eram devastadas. Era quase meia-noite e as chamas eram intensas, embora eles estivessem a uma altura grande demais para que pudessem ouvir os gritos. Apesar de toda a sua vitalidade sobrenatural, aqueles poderosos do império revelavam-se agora velhos, curvados pelo pesar, chorando ou sufocando súplicas desesperadas por misericórdia, mantidos de pé somente pela promessa de uma morte instantânea caso vacilassem.

— Compreendo que esta pode ser uma afirmação redundante, Honoráveis Conselheiros — diz ela. — Mas o Aliado não está nem um pouco impressionado com os seus esforços para tornar o seu grande plano realidade.

Ela se aproxima do simplório de cabelos grisalhos, aquele de cujo nome ainda não consegue se lembrar, embora tenha quase certeza de que o homem devia ter conhecido o seu pai na juventude. Ele está vestindo o traje formal de um Conselheiro, vermelho da cabeça aos pés, apesar de uma mancha reveladora estar

se espalhando pelo tecido em volta de suas pernas.

— Apenas um décimo das forças necessárias foram reunidas — diz ela ao homem grisalho um tanto pungente —, enquanto vocês me vêm com uma tirada interminável de desculpas cada vez mais patéticas. O Aliado estabeleceu um grande destino a este império, enquanto vocês chafurdam nos seus confortos e ficam cegos à ameaça crescente do outro lado do mar.

Ele tenta implorar, mas as suas palavras saem num balbucio incoerente de saliva e lágrimas. Ela o deixa balbuciando e volta o olhar para o homem parado atrás do Conselheiro, trajando uma armadura leve como a dos Kuritai, mas armado com apenas uma espada, a lâmina mais longa e mais estreita do que o padrão volariano, na verdade similar ao padrão asraelino. Além disso, diferente dos Kuritai, a sua armadura é laqueada de vermelho em vez de preto. O homem é de altura mediana, mas tem um corpo definido quase à perfeição, produto de décadas de cruzamento e anos de condicionamento. Sempre fora uma ilusão persistente entre aqueles boçais de vida longa que os Kuritai eram os soldados-escravos definitivos, incapazes de serem aprimorados, e agora ali estavam, mais uma vez mostrando estarem fatalmente errados.

O espadachim está ciente do escrutínio dela e responde ao olhar com um aceno respeitoso de cabeça e um sorriso de expectativa nos lábios. Eles foram o projeto mais estimado do Aliado durante séculos, um soldado-escravo capaz de pensar assim como de obedecer, mas sucessivas gerações mostraram-se decepcionantes, difíceis ou fáceis demais de serem controladas. Foi o seu amado que fornecera a pista; durante o tempo que ele passara nos fossos, ela o estudara atentamente, percebendo que ele se tornava mais mortal quando o domínio era enfraquecido, quando a sua fúria acrescentava uma velocidade preciosa aos seus golpes. Então, eles começaram a mudar a dieta de drogas dos soldados-escravos, a alterar de forma sutil o regime de treinamento, livrando-se daqueles que não possuíam o temperamento necessário. Em poucos anos, os resultados alcançados foram... impressionantes.

— Aproxime-se — diz ela ao espadachim, cujo sorriso se alarga ao obedecer, cravando a espada nas costas do Conselheiro. O grito é longo enquanto o homem mergulha em direção ao chão. Ela não se incomoda em ver o resultado, gesticulando para cada um dos espadachins; os Conselheiros são forçados para além da beirada com graus variados de pânico e terror, alguns implorando enquanto caem, como se suas súplicas pudessem vencer a gravidade. Pouco depois, resta apenas um. Ele está empertigado, olhando fixamente para os bairros residenciais ao norte, onde sua casa de campo está queimando, o lago ornamental que a cerca fornecendo um belo reflexo no ar parado daquela noite.

— Nada a dizer, Arklev? — pergunta ela.

Ele não reage, nem mesmo para virar a cabeça. Ela se aproxima, achando a postura dele estranhamente nobre, estoica diante da morte, recusando-se a notar o inimigo. Uma clássica pose volariana, digna de uma estátua.

— Eu sempre me perguntei... — diz ela, apoiando os braços no parapeito ao lado dele. — Foi você que propôs ao Conselho me usar para assassinar o meu pai?

A pergunta é inútil, ela sabe. Ele não irá falar com ela. Ela é uma inimiga indigna, desprovida de consideração, merecedora de tanto respeito quanto o tigre que devora o viajante incauto.

Em vez disso, ele decide surpreendê-la.

— Não foi uma proposta — diz ele, o rosto ainda tranquilo e a voz firme. — Foi uma ordem, transmitida pela criatura que você chama de Mensageiro.

Ela olha para Arklev por um momento e então gargalha. Foi uma recompensa ou uma provocação?, ela se pergunta.

— Ordenei que a sua esposa e os pirralhos gerados mais recentemente sejam mortos depressa — diz ela. — Achei que lhe devia isso.

Ele nada diz, sua compostura ainda intacta. Ela brinca com a ideia de deixá-lo de pé ali por um dia inteiro, curiosa para ver quanto tempo levará até que suas pernas se curvem, mas mais uma vez encontra o seu apetite por prazeres diminuído naquela noite.

— Leve-o para a masmorra — diz ela ao espadachim parado atrás do Conselheiro.

Arklev olha para ela horrorizado e então se inclina para a frente, tentando jogar-se do parapeito, mas o seu guarda é mais rápido e o agarra pelas pernas, puxando-o para trás.

— Mate-me! — grita Arklev furioso. — Mate-me, sua cadela pestilenta!

— Você ainda tem muito a fazer, Arklev — diz ela com um sorriso de desculpas. Ele continua a se debater enquanto o guarda o arrasta para a escada, e seus gritos ecoam durante todo o caminho até lá embaixo.

Ela se demora um pouco, olhando para as chamas, perguntando-se quantos dos que viviam na cidade abaixo tinha alguma ideia do que aquilo significava, do mundo diferente que os receberia pela manhã, sua mente sendo tomada por uma melodia confusa agora familiar.

As chamas estão menores quando ela volta a si, a confusão está diminuindo. Quanto tempo ficou ali? Ela se vira para um dos espadachins, o que matou o

grisalho, e o encontra encarando-a com franca admiração, seus olhos detendo-se na fenda da túnica que revela um pouco de sua coxa.

— Você sabe o que você é? — pergunta ela ao homem.

— Arisai — responde ele, olhando-a nos olhos com um sorriso. — Um servo do Aliado.

— Não. — Ela se vira para a cidade. — Você é um escravo. Pela manhã serei uma imperatriz, mas também uma escrava. Pois agora todos nós somos escravos.

Ela está caminhando em direção à escada quando é atingida pela sensação do retorno dele, como que por uma martelada. Ela cambaleia e cai de joelhos. Amado! Sua canção aumenta em boas-vindas e presságio, as mesmas notas que sempre cantou na presença dele. Ele está perto, ela pode sentir, o oceano não mais entre eles. Amado, está vindo até mim?

A canção muda ao tocar o ódio dele, o seu doce ódio, e uma visão surge na mente dela, nebulosa, mas nítida o suficiente para discernir um trecho de litoral, ondas altas quebrando-se numa praia rochosa, uma única palavra na voz dele, a sua voz maravilhosa repleta de ódio: Eskethia.

— Lembra o sul de Cumbrael — disse Draker, protegendo os olhos do sol com a mão ao olhar para a paisagem. — Fiz alguns contrabandos aqui na minha juventude.

*Eskethia de fato tinha alguma semelhança com a região mais seca do Reino e parecia ser igualmente rica em vinhedos, com fileiras de videiras alinhadas com precisão estendendo-se ao longe pelas colinas ondulantes, entremeadas por uma casa de campo ou fazenda ocasional. Frentis olhou para trás, para o *Sabre do Mar* balançando na maré matutina. Belorath aceitara desembarcá-los quando a costa ficou livre de ondas, evitando arremessá-los contra as rochas, e encostou o casco nas areias antes de desembarcarem.*

— Pedirei aos deuses que facilitem a sua missão — gritou o capitão do alto da popa para Frentis, lançando um olhar cauteloso para a praia, suas últimas palavras um sussurro que quase não foi ouvido —, embora eu duvide que até mesmo eles possam protegê-los aqui.

— Estimo que estamos a oitenta quilômetros ao sul de Nova Kethia — disse Trinta e Quatro, examinando um mapa desenrolado. — Se pudermos confiar nos cálculos do capitão.

— Basicamente só confio nos meldeneanos no que diz respeito a uma boa navegação. — O olhar de Frentis recaiu sobre a casa de campo mais próxima, talvez a quatrocentos metros dali, com anexos grandes o bastante para serem estábulos.

— Deve ser a casa de um dos que usam preto — disse Trinta e Quatro, seguindo o seu olhar. — Grandiosa demais para ser outra coisa. É provável que tenham guardas. Varitai domésticos. Uma propriedade desse tamanho talvez tenha uma dúzia.

— Tanto melhor. — Frentis deu o sinal para que a companhia adotasse a formação vaga de escaramuça que havia lhes ensinado na Urlish. — Precisamos começar em algum lugar.

Eles conseguiram capturar um Varitai vivo, um guarda postado no lado oeste da casa de campo, subjugado e amarrado com cordas por Draker com a ajuda de Trinta e Quatro. Os companheiros não tiveram tanta sorte, correndo para confrontá-los com armas desembainhadas quando uma escrava em pânico deu o alarme, gritando de forma esganiçada sobre bandidos ao fugir para dentro da casa. Frentis ordenou que não se arriscassem e o combate foi breve, com metade dos Varitai abatida pelas flechas e pela besta de Illian antes que a companhia se aproximasse com espadas desembainhadas para dar cabo dos outros.

Como aprenderam tanto, pensou Frentis, dando um sorriso de satisfação diante da eficácia com que a sua gente lidava com os Varitai, o magricela Dallin abaixando-se sob uma espada curta para cravar a sua nos olhos de um escravo e movendo-se para trás dele para terminar com o truque de Draker. Mais além, Illian desviou um golpe descendente e desferiu uma contra-estocada mortal, encontrando uma brecha na armadura do Varitai logo acima do esterno. Estava acabado em alguns momentos, a companhia ajoelhando-se ao lado dos cadáveres frescos para retirar armas e adornos, um ritual que surgira na floresta.

— Deixem isso! — gritou Frentis. — Vasculhem a casa. Se não fugiu, o dono vai estar nos cômodos de cima. Draker, leve Trinta e Quatro e reúnam os escravos.

— Irmão Vermelho. — Lekran estava parado na entrada do pátio da casa, limpando o sangue do machado com uma expressão sombria. — Algo que você precisa ver.

O homem havia sido forte, os músculos em seus braços e nas costas salientes enquanto pendia de dois postes, o sangue seco marcando os seus pulsos onde os grilhões o mantinham ereto. A cabeça estava caída para a frente, imóvel e sem vida, as costas largas cobertas com as marcas de chicotadas de poucos dias antes. Frentis notou que o pé esquerdo do homem era atrofiado, a metade frontal tendo sido cortada fora em algum momento, o castigo padrão para escravos que fugiam de seus senhores, a morte sendo o destino de qualquer um que fugisse duas vezes.

Uma jovem havia sido acorrentada a outro poste diante do morto, os braços puxados para trás e as pernas amarradas para que não pudesse se virar, com uma mordança de couro cobrindo-lhe a boca. Estava seminua, os seios e os ombros

revelando sinais de repetidos espancamentos. Ela desabou nos braços de Illian quando Lekran arrebentou as correntes com o machado, e a irmã cortou suas amarras. A jovem engasgou com a água do cantil de Illian, a expressão de completo atordoamento no rosto desaparecendo aos poucos ao avistar Frentis, os olhos percorrendo o seu traje, o manto azul e a espada que levava nas costas.

— Irmão? — perguntou ela na língua do Reino com um sotaque asraelino inconfundível.

— Sim, Irmão Frentis. — Ele se ajoelhou ao lado da mulher. — Esta é a Irmã Illian.

A cabeça da mulher pendeu para os lados e o seu olhar perdeu o foco.

— Então finalmente morri — disse ela com uma risada esganiçada.

— Não. — Illian tomou-lhe a mão e a apertou com delicadeza. — Não. Nós estamos aqui. Viemos salvá-la por ordens da sua Rainha.

A mulher olhou para ela, aparentemente incapaz de compreender a realidade do fato de ter sobrevivido.

— Jerrin — disse ela após um momento, levantando-se e olhando ao redor com uma animação exaltada. — Jerrin. Vocês o salvaram também? — Ela parou quando o seu olhar recaiu sobre o homem pendurado nos postes. Ela caiu nos braços de Illian e soltou um grito desesperado de dor. — Eu disse para ele que não devíamos fugir — sussurrou a jovem. — Mas ele não suportava a ideia do homem me tocar de novo.

Frentis virou-se ao ouvir o som de uma lamúria temerosa. Um homenzinho gordo num manto folgado de seda negra tremia ao lado de uma fonte ornamental no meio do pátio, o queixo duplo ficando um pouco saliente quando Mestre Rensial pressionou com mais força a lâmina da espada, obrigando-o a ficar na ponta dos pés.

— Onde estão os cavalos? — perguntou ele.

O homem gordo ergueu a mão trêmula e apontou para uma entrada em arco à esquerda. Rensial ergueu uma sobrancelha questionadora para Frentis. Ele se virou de novo para a mulher que haviam libertado, notando o tamanho do ódio no olhar que direcionava ao gordo vestido de preto.

— Ainda não, mestre — disse Frentis. — Se não se importar.

Eles encontraram outras seis pessoas do Reino entre os escravos, nenhuma com mais de quarenta anos, todas possuindo algum tipo de habilidade.

— Jerrin era um fabricante de rodas — explicou a sua esposa. O nome dela era

Lissel, uma fabricante de velas de Rhansmill que fora viver em Varinshold por insistência do marido. — O dinheiro ficou escasso após a guerra do deserto. Ele disse que fariamos fortuna em Varinshold. — Ela começou a dar outra de suas risadas esganiçadas, mas controlou o impulso com visível esforço, seu olhar recaindo sobre o dono da casa, agora nu e acorrentado aos postes onde o seu marido havia morrido. Trinta e Quatro o interrogara por pouco tempo; suas habilidades não foram necessárias, uma vez que o homem de preto estava mais do que ansioso para cooperar.

— Ele disse que há uma propriedade maior vinte quilômetros a leste — relatou Trinta e Quatro. — O proprietário é um famoso criador de cavalos e também comprou muitos escravos do influxo recente.

— A guarnição mais próxima? — perguntou Frentis.

— Quinze quilômetros ao norte daqui, um único batalhão de Varitai, ainda que em menor número do que deveria ser. Parece que o Conselho tem concentrado forças na capital recentemente.

— Não por muito tempo. — Frentis pegou o chicote que haviam encontrado no corpo do capataz. O homem tentara fugir, demonstrando uma velocidade impressionante para alguém tão grande, mas Retalhador e Dente Negro foram mais rápidos. Frentis colocou o chicote no colo de Lissel. — Deixo esse assunto em suas mãos, dona.

Ele saiu e foi até onde Draker havia reunido os escravos, as pessoas do Reino afastadas das outras, algumas já segurando armas que haviam tirado dos Varitai e saudando Frentis com medidas e expressões de grave determinação. Os outros somavam mais de quarenta e demonstravam apenas medo. Um grupo de garotas, as mais novas com menos de treze anos, juntara-se a fim de se proteger, lançando olhares lacrimosos para os homens à sua volta. Somente um escravo olhava Frentis nos olhos, um homem asseado de meia-idade, vestindo uma túnica parda e limpa. Ele se retraiu um pouco quando se ouviu o primeiro grito vindo do pátio, o estalo do chicote indicando que Lissel aprendia depressa.

— Você é primaz aqui? — perguntou Frentis ao homem asseado.

Ele se retraiu de novo ao ouvir outro grito, e então fez uma medida longa.

— Sou, mestre.

— Não sou o seu mestre e você não é um escravo. Como você se chama?

— Tekrav, m... Honorável Cidadão.

Frentis examinou o rosto do homem, notando a inteligência aguçada que ele tentava esconder curvando-se de forma servil.

— Você nem sempre foi um escravo. Os que nascem escravos não têm nomes.

Qual foi o seu crime?

— Um gosto exagerado por dados. — Outro grito ecoou, mais longo e mais alto, seguido por um balbucio de súplicas e promessas desesperadas. Tekrav engoliu em seco e forçou um sorriso. — E uma aversão pelas dívidas resultantes.

— Sua habilidade?

— Sou escriba e guarda-livros aqui. Se precisar dos meus talentos, Honorável Cidadão, estou à sua disposição.

— Precisarei deles no seu devido tempo. Você decidirá se quiser oferecê-los. — Frentis recuou e ergueu a voz, dirigindo-se a todos eles: — Por ordem da Rainha Lyrna, estas terras estão agora confiscadas para o Reino Unificado, e todos que residem aqui têm agora os direitos e os privilégios de qualquer súdito livre da Coroa.

Não houve muita reação além de perplexidade, a maioria das pessoas permanecendo imóvel, de olhos fixos no chão, o grupo de garotas ainda mais encolhido.

— Vocês são livres — prosseguiu Frentis. — Podem partir e fazer o que bem entenderem. Contudo, qualquer um que deseje se juntar a mim e libertar os seus irmãos e irmãs é bem-vindo.

Mais silêncio; até mesmo Tekrav apenas o encarava sem compreender.

— Está perdendo o seu tempo, irmão — disse uma das pessoas do Reino, um homem baixo, mas largo, com cicatrizes em forma de lágrimas causadas na forja visíveis nos antebraços. — Vai encontrar mais coragem num cão açoitado do que nesse bando.

Frentis olhou para eles uma última vez, percebendo com nitidez a verdade nas palavras do homem e contendo um suspiro de frustração. *A escravidão é mais do que apenas correntes*, ele sabia. *Ela prende a alma tanto quanto o corpo*.

— Partimos em uma hora — disse ele aos escravos, dando-lhes as costas. — Podem pegar o que quiserem da casa, mas aconselho a não se demorarem.

Os Varitai não demonstravam medo, ajoelhados com os braços amarrados nas costas, despidos das armaduras e das camisas de baixo, revelando o padrão de cicatrizes. Eram menos elaboradas do que a matriz que já cobrira o peito de Frentis, similares às marcas de Lekran, mas visivelmente causadas sem muita preocupação com a qualidade artística ou com o desconforto da pessoa marcada.

— Quanto? — perguntou Illian, removendo a tampa do cantil.

— Apenas uma gota — respondeu Frentis, observando os Varitai com atenção quando ela se aproximou e virou uma pequena quantidade do líquido dentro da tampa.

— Os Varitai não são tão fortes quanto os Kuritai — disse Lekran num tom cauteloso. Ele estava de pé atrás do soldado-escravo com o machado a postos. — Pode matá-lo.

— Então tentaremos uma dose menor no próximo. — Frentis assentiu para Illian e ela virou a tampa, permitindo que o líquido pingasse nas cicatrizes do peito do Varitai.

Diferentemente de Lekran, não houve grito. O Varitai ergueu a cabeça de repente, as veias saltando em seu pescoço, rangendo os dentes com tanta força que era espantoso não quebrarem. Seus olhos se arregalaram, as pupilas encolhendo a pontos minúsculos enquanto começava a escorrer baba de sua boca. Um segundo depois ele tombou, convulsionando no chão com uma espuma branca lhe cobrindo os lábios, suas contorções diminuindo gradualmente até se tornarem leves tremores, e então nada.

Frentis agachou-se para sentir o pulso no pescoço do homem e o encontrou fraco e ficando mais lento.

— Ele está morrendo — disse com um suspiro. Ele ergueu a cabeça quando uma sombra o encobriu e deu com Artesão olhando para a cena com franca aversão. Frentis começava a se levantar quando o punho de Artesão desceu num borrão, chocando-se com o seu maxilar e derrubando-o.

Frentis ficou atordoado e ouviu Illian desembainhar a espada. Sua visão clareou após um momento e ele viu Artesão de joelhos com as mãos no peito do Varitai moribundo, não dando atenção a Illian, que tocara sua nuca com a ponta da espada.

— Esqueça — ordenou Frentis, levantando-se e fazendo sinal para ela recuar.

Artesão manteve as mãos no peito do Varitai por algum tempo, uma expressão de profunda concentração no rosto, os olhos semicerrados e os lábios movendo-se num sussurro silencioso. Frentis ouviu Illian abafar um grito quando as cicatrizes do soldado-escravo começaram a desaparecer do peito, encolhendo a linhas pálidas e tênues em questão de minutos. Por fim Artesão removeu as mãos e levantou-se, recuando quando o soldado-escravo soltou um gemido cansado.

— Ele dormirá por um tempo — disse Artesão, virando-se para Frentis com uma expressão severa. — A liberdade não será conquistada com crueldade.

Frentis esfregou o maxilar, sentindo o hematoma já começando a se formar e o gosto metálico do sangue na língua.

— Deixarei em suas mãos da próxima vez.

Eles ergueram uma pira para o marido de Lissel no pátio, ensopando de óleo a madeira empilhada antes de fazer o mesmo com a casa de campo. Ela deixara o proprietário vivo, embora o homem mal estivesse consciente, pendurado nos postes, ensanguentado e arrasado. A mulher pegara emprestada uma faca de Illian e podia-se ver um pequeno volume vermelho na grande poça de sangue sob as pernas abertas do volariano. Frentis supôs que o homem provavelmente acharia as chamas misericordiosas.

Eles partiram para leste quando começou a escurecer, a casa de campo em chamas lançando uma coluna alta de fumaça para o ar às suas costas. Os estábulos forneceram meia dúzia de carroções, mas cavalos suficientes apenas para dez pessoas. Frentis enviou Mestre Rensial e Lekran para fazer o reconhecimento da rota que tomariam e colocou os outros de ambos os lados da pequena coluna. O Varitai libertado ia sentado na traseira de um dos carroções, balançando a cabeça, as feições franzidas numa perplexidade intensa. Eles haviam conseguido arrancar somente algumas palavras dele, que disse se chamar Oito antes de expressar um desejo veemente de saber quando receberia a sua próxima dose de karn.

— É uma mistura de várias drogas — explicou Trinta e Quatro. — Subjuga o espírito, entorpece a memória e aprisiona a vontade. Ele sentirá falta esta noite.

Frentis lembrou-se das noites que Trinta e Quatro passara contorcendo-se e gemendo na floresta após ter jogado fora o próprio frasco. Sua recuperação fora rápida, mas ele era um homem de considerável força de vontade e pelo menos tinha a memória da liberdade, enquanto Oito evidentemente fora um escravo desde que nascera.

— Nós libertamos ou amaldiçoamos esse homem? — ponderou ele em voz alta.

— A liberdade nunca é uma maldição, irmão — insistiu Trinta e Quatro. — Mas com frequência é uma estrada difícil.

Frentis virou-se quando ouviu um grito vindo da retaguarda e avistou um pequeno grupo de figuras correndo da casa de campo em chamas. Ele parou o cavalo e aguardou se aproximarem, Tekrav seguido pelo grupo de garotas e mais alguns dos escravos mais jovens, todos carregando vários fardos de roupas e objetos de valor.

Tekrav parou a alguns metros de distância, arfando e olhando para Frentis num apelo desesperado. Atrás dele as garotas e os homens se amontoaram, sem tanto medo quanto antes, mas ainda cautelosos.

— Honorável Cidadão... — começou Tekrav, calando-se quando Frentis ergueu a mão.

— Meu nome é Irmão Frentis da Sexta Ordem — disse ele. — Se vocês se juntarem a nós, serão livres, mas também serão soldados. Não ofereço proteção e

nenhuma promessa de vitória.

Tekrav hesitou, olhando para trás, para os companheiros, em busca de orientação. Eles se remexeram pouco à vontade até que alguém falou, uma garota de pele escura que não devia ter mais de vinte anos, a voz com um leve traço de sotaque alpirano:

— Seus homens não vão tocar em nós?

— Só se vocês quiserem — disse Draker, abaixando depressa a cabeça diante do olhar irritado de Frentis.

— Vocês não serão maltratadas de forma alguma — prometeu Frentis à garota.

Ela trocou olhares com os outros e então avançou, assentindo com a cabeça.

— Nós vamos nos juntar a vocês.

Frentis passou rapidamente os olhos pelos fardos que carregavam e avistou o brilho revelador de ouro e prata entre os cobertores e roupas enrolados.

— Peguem quaisquer armas que tiverem — disse ele. — Mas não podemos ficar sobrecarregados com saques. Joguem fora o resto.

Ele permaneceu sentado na sela e aguardou que obedecessem, jogando fora as taças e pratos brilhantes com graus variados de relutância. Tekrav retraiu-se ao colocar com delicadeza no chão uma pequena tapeçaria bordada a ouro.

— Irmã Illian — chamou Frentis. — Estas pessoas estão sob os seus cuidados. Comece o treinamento delas pela manhã.

Eles chegaram à casa do criador de cavalos no dia seguinte e a encontraram muito mais repleta de espólios, porém também muito melhor protegida, com um contingente de mais de trinta Varitai domésticos. A propriedade ficava no alto de uma colina extensa rodeada por campos cercados, onde cavalos pastavam e Varitai montados moviam-se em patrulhas bem organizadas.

— Parece que não vai ser fácil, irmão — comentou Draker. Eles haviam se arrastado até o alto de uma elevação a quase um quilômetro de distância. — Se eu estivesse procurando um lugar fácil para roubar, passaria longe deste.

— Vamos abrir caminho lutando — disse Lekran, encolhendo os ombros.

— Será custoso — advertiu Draker. — E temos poucas espadas para perder.

Frentis conteve um gemido. Ele voltara a tomar a poção para dormir do Irmão Kehlan na noite anterior e a dor de cabeça resultante o deixara impaciente para seguir em frente e tentado a atender o desejo de Lekran por uma luta. Estava prestes a ordenar que montassem quando Illian surgiu ao seu lado, a garota alpirana da casa de campo agachando-se ao lado dela.

— Irmão — disse Illian. — Creio que a nossa nova recruta tem algumas informações para dar, mas o meu volariano é ruim demais para compreender o significado.

A garota empalideceu um pouco quando Frentis e dois homens se viraram para ela, baixando os olhos e tropeçando nas primeiras palavras.

— Como você se chama? — perguntou Frentis no seu alpirano imperfeito.

A garota ergueu a cabeça e um leve sorriso surgiu em seus lábios, fazendo-o se perguntar há quanto tempo ela não ouvia a própria língua.

— Lemera.

— Suas palavras têm valor, Lemera — disse ele, mudando para volariano. — Fale.

— Eu estive neste lugar. — Ela apontou para a casa de campo. — O mestre me mandou aqui com duas outras. Nós fomos... uma distração para o filho do dono no seu aniversário. Isso foi há quase um ano.

Frentis virou-se para Lekran, que sorriu e assentiu.

— Nós ficamos com a armadura do Varitai.

Eles acabaram sofrendo apenas uma baixa; uma das pessoas do Reino recém-libertadas demonstrara um excesso de coragem quando Illian as conduziu por sobre o muro que protegia a face sul da casa de campo. A casa principal já havia sido tomada e os Varitai restantes estavam sendo forçados a recuar para o pátio central, formando um círculo compacto ao redor de seu senhor e da família dele. O homem cometera o erro de ir recebê-los na entrada principal, seu sorriso largo desaparecendo quando a máscara de seda preta de Tekrav caiu do rosto e o machado de Lekran abateu o Varitai mais próximo. Apesar do choque, o proprietário teve presença de espírito suficiente para organizar uma defesa apressada ao fugir para dentro de casa, ainda que não tivesse sido rápido o bastante para organizar uma fuga, o que deveria ter sido a prioridade.

Frentis havia mandado os combatentes se afastarem do ajuntamento de Varitai e colocara os arqueiros para trabalhar quando os recrutas de Illian pularam o muro. O jovem correria na direção do Varitai sem armadura e carregando somente uma machadinha, o rosto revelando um ódio profundo nutrido durante os meses de cativeiro. Ele conseguiu enterrar a machadinha no crânio de um Varitai antes que uma dúzia de golpes rápidos de espada o matasse. No entanto, o rapaz desorganizara as fileiras dos Varitai o suficiente para que os recrutas seguintes avançassem e rompessem a formação, os homens golpeando com porretes e machados e as garotas

apunhalando com as adagas que Illian distribuía. Praguejando, Frentis ergueu a espada e conduziu os seus combatentes para o meio da batalha, Lekran soltando um grito de alegria ao saltar e derrubar um Varitai com um chute no peitoral do homem e desferir um golpe descendente com o machado.

Acabou rápido, e todos os Varitai haviam sido mortos, assim como o proprietário e a sua família. O proprietário estava caído sobre os corpos da esposa e do filho, um garoto que não devia ter mais de quinze anos, as sedas pretas de seu pai rasgadas numa dúzia de lugares e ensopadas de sangue.

— Eu tentei contê-los, irmão — disse Illian, abaixando o rosto em arrependimento. — Mas a gente do Reino está cheia de fúria e os outros não entendem uma palavra do que digo.

A reprimenda morreu em seus lábios diante da evidente consternação dela.

— Recolha as armas e as armaduras — disse Frentis. — Então vasculhem a casa. Entreguem quaisquer documentos que encontrarem a Trinta e Quatro.

Draker o chamou do alto do muro voltado para oeste, agitando o porrete.

— Cavaleiros se aproximando, irmão.

Frentis correu para fora, onde Rensial aguardava, montado e com a espada desembainhada. Frentis montou no próprio cavalo e soltou o arco da sela.

— Mestre — disse ele, trotando até o lado de Rensial. — Vamos?

Eles conseguiram capturar vivos dois dos cavaleiros, que desmaiaram ao caírem das montarias quando a espada de Rensial cortou com precisão as amarras de suas selas. Frentis cuidou do resto com o arco; nenhum dos Varitai chegou perto o suficiente para tentar uma investida, demonstrando uma incapacidade típica de compreender quanto a sua causa era perdida.

Conforme prometido, ele entregou os prisioneiros a Artesão. Vaelin insinuara que o homem tinha uma mente perturbada, e seu comportamento durante a viagem ajudara em muito a confirmar isso, de modo que era estranho testemunhar a grave compreensão em seu rosto ao examinar os dois Varitai inconscientes.

— Grande dor — disse ele em voz baixa.

— Dor pode trazer liberdade. — Frentis ergueu a bolsa que continha o suprimento do elixir lonak. — Isso me libertou. Irá libertá-los, com a sua ajuda.

Os gritos foram terríveis, erguendo-se ao céu noturno enquanto se reuniam no pátio para fazer uma refeição com os espólios saqueados. Os escravos receberam a libertação de modo ainda pior do que na primeira casa de campo, e vários choraram

ao verem o corpo de seu mestre.

— Ele era econômico com o chicote — explicou Lamera. — Permitia que as crianças que tinha com as escravas de prazer vivessem. Geralmente elas são expostas e deixadas para morrer. Ele ficava com elas até que tivessem idade suficiente para serem vendidas. Um homem generoso.

— Essas pessoas me dão nojo — disse Draker quando Trinta e Quatro traduziu, lançando um olhar sombrio para os escravos que pranteavam o corpo do mestre. — Calem a boca, seus cães estúpidos! — Eles se espalharam quando Draker jogou neles uma coxa de frango parcialmente comida, fugindo para a escuridão ou voltando para os seus dormitórios, amedrontados demais para perguntar sobre qual seria o seu destino.

Os gritos dos Varitai cessaram de forma abrupta, e o silêncio que se seguiu pareceu durar uma eternidade. Frentis passou os olhos pelos seus veteranos sentados em volta da fogueira, pela primeira vez compreendendo a magnitude da tarefa que tinham pela frente. *Um punhado de gente contra um império sempre foi uma causa perdida.* Soubera disso desde o dia em que zarparam, mas e eles?

— Devemos ir atrás dos que fugiram? — perguntou Illian, rompendo o silêncio. — Sem dúvida vão avisar sobre a nossa chegada.

— Ótimo — disse Frentis. — Estamos aqui para causar o máximo de medo e confusão possível.

— Precisamos de mais combatentes — disse Lekran. — Os covardes que continuamos encontrando não irão formar um exército.

— Então talvez estejamos com sorte. — Trinta e Quatro puxou um livro de registros, abrindo-o e revelando fileiras e mais fileiras de números anotados com cuidado. — O escriba do mestre mantinha registros excelentes. Ao que parece, ele fazia muitos negócios com uma Varikum ao sul.

— Varikum? — perguntou Frentis. — Não conheço essa palavra.

— Escola de treinamento — traduziu Lekran. — Para os Garisai, aqueles escolhidos para tomarem parte nos espetáculos.

— Escravos?

Ele assentiu.

— Mas não como os Varitai ou os Kuritai. Sem domínio para eles. Capturados na guerra e escolhidos pela força ou pela selvageria. Eu mesmo quase fui mandado para uma dessas escolas, mas a cota de Kuritai estava baixa aquele ano.

— O lugar estará bem defendido — advertiu Trinta e Quatro. — Por dentro e por fora.

Frentis virou-se para Lemera, notando pela primeira a perfeição do perfil da mulher, a pele lisa e impecável. Algumas horas antes ele a vira apunhalar o corpo do mestre, de dentes arreganhados e gargalhando de júbilo cada vez que a faca descia.

— É raro um homem conseguir se defender contra a beleza — disse ele.

CAPÍTULO OITO

Vaelin

Urso Sábio chamava de A Noite Longa o período em que o sol desaparecia do gelo por um mês inteiro, sua chegada prenunciada pelos dias mais curtos e o aumento da luminosidade do Sopro de Grishak.

— Precisa alcançar as ilhas antes que ela chegue — advertira o xamã no primeiro dia em que pisaram no gelo. — Noite Longa mata tudo.

A primeira semana foi mais fácil do que o esperado, a novidade de se atravessar um ambiente tão vasto e rigoroso ajudando em muito a acabar com o desconforto que sentiam diante do frio cada vez mais intenso. Urso Sábio ia à frente, movendo-se com passadas curtas e econômicas, seguido por Garra de Ferro. O grande urso às vezes desaparecia por um dia, retornando com sangue seco no focinho, embora Vaelin não fizesse ideia de que presa o animal conseguira encontrar. Para ele, o gelo parecia tão estéril quanto o deserto alpirano, um lugar desprovido de vida apesar de toda a sua beleza, revelada em sua plenitude ao crepúsculo quando o fogo de tom verde dançava no céu e o gelo se tornava um espelho daquela majestade. Os lonaks ficavam num silêncio reverente quando o sol se punha, sussurrando agradecimentos pela bênção de Grishak.

Urso Sábio parecia ter uma reverência similar pelas dançantes luzes celestes, saudando o seu surgimento ao cair de joelhos e erguer o cajado de osso, uma canção ritmada emanando de sua garganta. Vaelin ainda não ouvira o xamã falar de qualquer deus, mas estava claro que o fogo celeste possuía um significado considerável.

— Ele não está rezando — disse Kiral uma noite quando o olhar de Vaelin recaiu sobre o velho, o rosto da lonak sombrio enquanto a sua canção relatava o significado da ode ritmada de Urso Sábio. — Ele está saudando a esposa e os filhos que perdeu no gelo.

Vaelin ergueu os olhos para o fogo verde ondulante, observando-o fundir-se e separar-se numa dança interminável. Podia lembrar uma chama, mas não havia fúria no espetáculo, as ondulações constantes transmitindo uma estranha sensação de serenidade.

— Ele acha que ela está lá em cima? — perguntou Vaelin.

— Ele sabe que está. Cada alma que já viveu está lá, olhando para nós aqui

embaixo até o fim do mundo.

O Além tornado real, ponderou Vaelin, observando Urso Sábio terminar a sua canção e levantar-se com a ajuda do cajado. *Pelo menos ele pode ver o objeto de sua fé.*

A princípio eles se moviam apenas de dia, os cavalos e os pôneis carregados com provisões e arrastando os trenós que Urso Sábio os fizera construir antes de deixarem a praia; armações simples de ramos torcidos de tojo que deslizavam sobre lâminas feitas de osso de lobo-marinho. Cicatriz, como todos os cavalos, assustara-se na primeira vez que o seu casco tocou o gelo, arregalando os olhos alarmado diante da sensação desconhecida, somente consentindo em seguir em frente pela insistência gentil de Vaelin. Mesmo após vários dias, o animal ainda encarava o novo ambiente com cautela, como se compreendesse o aviso sombrio que Urso Sábio dera ao partirem:

— Cavalos não vão durar. Ter que comer eles antes do fim.

À medida que os dias ficavam mais curtos, o xamã os fazia andar noite adentro, até que o último vestígio de luminescência clareasse o horizonte, deixando luz suficiente apenas para distinguirem vultos ao acamparem. As fogueiras noturnas eram pequenas, o suprimento de lenha diminuía rapidamente, e o fogo era avivado com esterco de cavalo, que queimava bem, mas fedia muito, impregnando roupas e cabelos.

— Em que grandiosa aventura nos conduz, meu senhor — disse Lorkan uma noite, o rosto de nariz vermelho mal visível entre o amontoado de peles de lobo-marinho, a fumaça de sua respiração deixando pingentes de gelo na barra do capuz. — Um frio que gela os ossos e o fedor de merda, da manhã à noite. Caso eu não tenha dito antes, aceite a minha humilde gratidão pela oportunidade de tomar parte deste momento histórico.

— Cale a boca — disse Cara, num tom cansado. Ela estava sentada o mais perto que podia do fogo, um tom de branco preocupante no rosto. Os últimos dias haviam sido mais duros para ela do que para qualquer outro na companhia. Ela vinha tropeçando no fim da longa fila estreita, sacudindo a cabeça diante dos apelos de Dahrena para que cavalgasse o pônei durante algum tempo. *Eu devia tê-la mandado de volta para os Confins*, pensou Vaelin, sentindo uma pontada de culpa no peito ao ver Cara estender as mãos enluvadas para o fogo, um brilho fraco nos olhos contornados por órbitas escuras. *Ela já deu o bastante em Alltor.*

Urso Sábio surgiu ao lado de Cara, inclinou-se, olhou criticamente para o rosto da garota e então se empertigou, com uma expressão de severa repreensão ao olhar de Dahrena para Marken.

— Por que vocês não dividir? — perguntou o xamã.

Marken franziu o cenho para ele.

— Dividir o quê? Minhas rações estão à disposição dela.

— Bah! — Urso Sábio apontou o cajado de osso para o grande dotado e então girou e apontou-o sucessivamente para Lorkan, Dahrena e Kiral. — Não carne. Dividir poder. — O velho tocou com delicadeza a cabeça de Cara, abaixando a voz com um leve tom de tristeza. — Ela precisa.

Dahrena inclinou-se para a frente com uma expressão atenta no rosto.

— Como? Como dividimos?

Urso Sábio a encarou por um momento e então soltou uma gargalhada ao compreender.

— Saber tão pouco — disse ele, sacudindo a cabeça. Ele se curvou e fez Cara levantar-se, segurou a sua mão e estendeu a outra para Dahrena. — Todos dividir.

Dahrena levantou-se e pegou a mão do xamã, seguida com cautela por Kiral, que estava claramente intrigada. Marken hesitou e então se adiantou para pegar a mão estendida da caçadora. Contudo, Lorkan permaneceu sentado olhando para eles com uma relutância mal-humorada até Vaelin usar a ponta da bainha para cutucá-lo com insistência. Ele se levantou, mas manteve os braços cruzados, observando Cara, que cambaleava um pouco pela fadiga.

— Como vamos saber que isso não vai machucá-la? — perguntou ele.

— Não machucar — assegurou-lhe Urso Sábio. — Só precisa de pouco poder de cada.

— Está tudo bem, Lorkan — disse Cara, sorrindo fraco ao estender a mão. — Se eu confio nele, você também devia confiar.

Vaelin levantou-se quando Lorkan completou o círculo, lançando um olhar atento para os lonaks, sentindo a súbita inquietação deles. Alguns murmuraram e se viraram para se afastar. Alguns permaneceram, remexendo-se pouco à vontade, mas aparentemente incapazes de resistir à visão dos dotados, ou à mudança palpável no ar à sua volta, um novo calor que fazia a pele formigar e uma névoa tênue levantar do gelo sob os seus pés. Eles estavam completamente imóveis, de mãos dadas e calados, as feições plácidas, até mesmo satisfeitas, e um leve sorriso surgiu nos lábios de Cara quando o calor aumentou e eles foram envoltos por um vapor, uma pequena poça de água derretida em volta dos pés cobertos de peles.

Vaelin sentiu-se envergonhado por uma súbita sensação de inveja, uma compreensão indesejada de que tais coisas não mais lhe pertenciam. Em Alltor ele se sentira o senhor de sua canção, encontrando um sentido de completude em meio a

todo o sangue e carnificina. *Eu ainda era apenas uma criança*, pensou, lutando contra uma sensação crescente de desespero ressentido, os olhos fixos em Urso Sábio. *Quanto ele poderia ter me contado?*

Cara arfou de repente, abrindo as mãos para romper o círculo, o sorriso transformando-se numa risada de contentamento, as faces coradas de um rosa saudável. Os outros pareciam igualmente animados; Marken puxou a garota e a abraçou, erguendo-a com um grito de alegria, os outros trocando olhares repletos do júbilo compartilhado. Dahrena tocou as mãos de Kiral, os seus rostos iluminados por uma expressão idêntica de compreensão. Ela avistou Vaelin e riu, correndo para abraçá-lo, a respiração dela quente em seu rosto ao se erguer para beijá-lo nos lábios. Olhando para a animação sincera e os olhos arregalados dela, Vaelin a puxou para perto e o seu ressentimento desapareceu.

Urso Sábio soltou um grunhido de satisfação e bateu com o cajado no gelo.

— Dividir — disse ele, então voltou o olhar para o norte, as feições enrugadas endurecendo ao esquadrihar o horizonte irregular. — Logo precisar.

A tempestade chegou no dia seguinte, uma nevasca impelida por uma ventania que engoliu o sol e transformou o mundo num caos branco e uivante. O ar ficou tão carregado de neve que, cada vez que Vaelin respirava, gelo serrilhado entrava na sua garganta e o vento parecia cortar suas peles de lobo-marinho como se fossem de papel. Ele logo se viu completamente ocupado em segurar com força as rédeas de Cicatriz à medida que o cavalo tropeçava nos montes de neve que se acumulavam, de cabeça baixa e estreitando os olhos contra o vento, a crina congelada e dura em seu pescoço.

Isso é loucura, soube ele com uma certeza terrível, uma rajada de vento atingindo-o pelo lado como uma martelada. *Condenei todos nós*.

Ele se virou ao ouvir um grito em meio à tempestade, tendo um vislumbre de duas pequenas figuras, não mais do que sombras vagas naquela brancura ininterrupta. Parecia que uma delas erguia algo e as sombras no mesmo instante tornaram-se completamente nítidas: Urso Sábio segurando o cajado no alto, a outra mão segurando firme a de Cara, ajoelhada ao seu lado, de rosto lívido e rígido pelo frio, mas também franzido com determinação. A neve parecia rodopiar em volta deles, deixando-os numa bolha de ar calmo que crescia conforme dividiam o poder. A bolha estendeu-se num ritmo constante, o ar calmo envolvendo Vaelin e Cicatriz, e o cavalo bufou um suspiro de alívio quando o vento diminuiu. Vaelin olhou em volta e encontrou Dahrena encolhida contra o flanco de seu pônei.

— E eu que pensava que o vento negro era o mais severo deste mundo — disse ela, forçando um sorriso quando Vaelin correu até o seu lado, tirando-a da neve que se acumulara ao redor dela e do pônei.

Vaelin passou os olhos pela companhia, notando que todos agora estavam quase envolvidos pela bolha, enquanto a nevasca continuava para além dos seus limites. Os guardas de Orven foram os últimos a receber o abrigo, muitos caindo de joelhos em choque ao se livrarem da fúria da tempestade. Ele viu Alturk mover-se entre os Senthar, distribuindo bofetadas e repreensões severas nos que estavam parados olhando espantados e com medo, forçando-os a voltar a se mexer. Vaelin foi até Urso Sábio e Cara, o xamã ainda segurando a mão dela quando a garota se levantou com uma indiferença serena, o olhar distante, sem qualquer sinal de fadiga no rosto.

— Por quanto tempo vocês podem fazer isso? — perguntou ele.

— Enquanto houver poder para dividir — disse o xamã, apontando o cajado para os outros dotados. — Espero que tempestade acabe primeiro.

A tempestade levou outro dia e uma noite para passar, e os dotados se revezaram para dividir sua força com Cara. Ela era mantida no centro do grupo, agora amontado para permanecer dentro dos limites da bolha que a garota criara, movendo-se para leste num passo lento porém constante. Embora Cara não demonstrasse sinais de cansaço, era evidente que o compartilhamento de poder estava exigindo muito dos outros; Marken caiu de joelhos ao final de seu turno de duas horas, limpando um filete de sangue da barba antes de afastar-se aos tropeços quando Vaelin o ergueu, emprestando o ombro para que ele se apoiasse até que estivesse recuperado o suficiente para caminhar sem ajuda. Dahrena e Kiral ficavam ainda mais exauridas, incapazes de caminhar, e curvando-se pálidas e apáticas nos dorsos de seus pôneis. Por alguma razão, Lorkan provou ser o mais resistente dos dotados, aguentando três horas inteiras ao lado de Cara e somente consentindo em soltar a mão dela pela insistência veemente de Urso Sábio.

A tempestade terminou tão depressa quanto começara, o vento cessando e as últimas pancadas de neve caindo para revelar um sol brilhante do meio-dia. Cara cambaleou um pouco quando Urso Sábio soltou a sua mão, mas fora isso parecia não ter sido afetada pelo esforço, embora o seu triunfo inicial diante do feito tivesse diminuído ao avistar os companheiros.

— Eu... não sabia que havia tomado tanto — disse ela a Lorkan, que tinha o rosto pálido.

Ele apenas sorriu e sacudiu a cabeça.

— Tome quanto quiser.

Ela se remexeu pouco à vontade sob o olhar franco dele e virou-se para Urso

Sábio.

— Precisamos ser cautelosos. Haverá um preço. Sempre há.

O xamã assentiu e enfiou o cajado na neve para tocar o gelo abaixo, inclinando a cabeça como se estivesse se concentrando para ouvir um som distante. Ele permaneceu imóvel durante algum tempo e então se empertigou e virou-se para Vaelin com um brilho urgente nos olhos.

— Precisar andar depressa — disse ele. — Muito depressa.

Eles percorreram outros dez quilômetros até o anoitecer, mas Urso Sábio não permitiu que descansassem, instigando-os com acenos impacientes do cajado e tiradas na própria língua, cliques e grunhidos ininteligíveis que ainda assim transmitiam a mensagem clara de que demorar significava a morte. Embora frio o bastante para congelar a respiração que saía em fumaça das bocas, o ar agora estava calmo, agitado por uma brisa quase imperceptível, o céu límpido e brilhante com estrelas e a ondulação ocasional do Sopro de Grishak. Um silêncio tão profundo tomara conta da atmosfera que, quando se escutou, o som foi suficiente para fazer Vaelin levar as mãos aos ouvidos já cobertos.

Era mais um ribombar do que um estrépito, um tremor fazendo o gelo sob os seus pés balançar e Cicatriz empinar, alarmado. A companhia inteira foi forçada a parar quando os outros cavalos soltaram relinchos agudos e tentaram escapar das mãos de seus condutores. O estrondo continuou com a mesma intensidade, o som a princípio parecendo cercá-los, mas logo se concentrando na banquisa a oeste que haviam acabado de atravessar. Vaelin avistou uma cortina de gelo estilhaçado erguendo-se da superfície e indo de norte a sul tão rápido que ele mal podia acompanhar o trajeto.

O som cessou sem aviso, deixando um profundo porém breve silêncio, logo preenchido por um rangido alto, quase bestial em sua intensidade, como se o próprio gelo estivesse gemendo de dor. Outro tremor sacudiu o gelo, dessa vez com força suficiente para derrubar muitos deles, a superfície abaixo subindo e descendo numa grande oscilação à medida que o rangido diminuía. Uma neblina de neve e gelo havia baixado cerca de um quilômetro a oeste, durando por tempo suficiente para que Vaelin se perguntasse se aquilo que via podia ser alguma ilusão de ótica. O gelo poderia mesmo estar se movendo?

Quando a neblina se dissipou, a verdade tornou-se clara: uma grande extensão de gelo estava à deriva, deixando um rastro de neve pelos flancos irregulares ao se desprender da massa principal e começar uma viagem em direção ao sul. Devia ter

pelo menos dez quilômetros de uma ponta a outra, uma ilha recém-nascida onde sem dúvida teriam perecido caso fossem arrastados por ela.

Kiral o acordou quando o céu ainda estava escuro, sacudindo-o para fora do abraço adormecido de Dahrena com empurrões insistentes.

— Minha canção está sombria — disse ela. — Algo ao norte.

Ele a acompanhou até a extremidade norte do acampamento, onde encontraram Alturk ajoelhado em meio a uma larga extensão de gelo manchado de vermelho, passando as mãos enluvadas pelas marcas deixadas por um confronto breve, mas furioso. Vaelin possuía suficiente habilidade de rastreamento para compreender o significado das marcas ao redor, a quantidade de sangue e os sulcos seguindo para a escuridão além da luz das fogueiras.

— Quantos foram levados? — perguntou ele.

— Um, e o seu pônei. — Alturk levantou-se e franziu o cenho numa mistura de raiva e perplexidade. — Não conheço essas marcas.

Vaelin olhou para as impressões deixadas na neve: a marca de uma pata, grande o bastante para ser de um urso-negro, mas não de um pardo.

— Não é um urso — disse Kiral, traçando uma linha em volta de uma das marcas com a ponta de sua faca de caça. Ela se levantou e tirou o arco do ombro. — Minha canção logo o encontrará.

— Não. — Ela se virou ao som da voz de Urso Sábio, e o xamã aproximou-se e cutucou as marcas ensanguentadas com o cajado. — Mandado para deixar um rastro para vocês seguirem.

— Alguma coisa está nos perseguindo — disse Alturk.

Urso Sábio disse algo no próprio idioma, a boca contorcendo-se em repugnância como se as palavras maculassem a sua língua. Ele notou o olhar inquisidor de Vaelin e forneceu uma tradução brusca:

— Povo Gato.

— Eu esperava que todos tivessem morrido. — Dahrena estava sentada perto do fogo com peles extras cobrindo-lhe os ombros, de mãos dadas com Cara e Lorkan. — Restaram tão poucos deles após a batalha.

Vaelin resistiu ao impulso de pedir que ela esquecesse aquilo; compartilhando ou não as forças, o dom dela sempre custava caro e a perspectiva de enfrentar mais

uma vez a Horda do Gelo sem dúvida avivava lembranças horríveis. Ela notou a preocupação dele e deu um sorriso tranquilizador.

— Só um voo curto. Urso Sábio me garantiu que eles não podem estar longe.

Ela fechou os olhos, o corpo se enrijeceu e o rosto assumiu a máscara sem expressão que indicava que ela havia voado para fora do corpo, e tanto Cara quanto Kiral soltaram um grito sufocado diante da sensação.

— Ela toma muito — disse Kiral com uma careta.

— O que é isso?

Vaelin ergueu a cabeça e deu com Alturk ao seu lado, olhando para Dahrena com profunda desconfiança. Como todos os lonaks, o seu receio para com as Trevas era óbvio, mas até então ele era o único que ousava perguntar sobre a natureza do fenômeno.

— Ela está procurando o nosso caçador — disse Vaelin a ele.

O Tahlessa andou de um lado para outro enquanto Dahrena permanecia sentada e imóvel, o rosto revelando o único sinal de medo que Vaelin já vira no lonak.

— Há dotados entre o seu povo — disse ele, indicando Kiral com a cabeça. — Ela serve a Mahlessa, assim como você.

— É bom que sirva, pois tais coisas são de conhecimento apenas da Mahlessa. Crianças como ela são levadas para a Montanha. Se não forem, crescem e viram varnish, ou coisa pior.

— O que acontece com elas na Montanha?

Alturk encolheu os ombros.

— Algumas voltam, outras não.

Vaelin olhou de novo para Dahrena, recordando-se da história do lobo e dos homens que apareceram para arrasar a sua aldeia. *O lobo a levou embora antes que ela pudesse ir para a Montanha. Estava salvando-a da morte ou de algo pior?*

O rosto de Dahrena se contraiu e ela soltou um gemido áspero e inclinou-se sem forças para a frente, sendo impedida de cair no fogo por Kiral e Cara, que a deitaram com delicadeza. Ela estremeceu por um tempo enquanto o calor retornava ao seu corpo, e por fim se levantou, a testa franzida dando indicações de uma dor que mal conseguia controlar.

— Uma rocha — disse ela. — Brotando do gelo a uns dez quilômetros a noroeste. Apenas um homem, mas muitos gatos. Acho que ele sentiu a minha presença. E acho que não gostou.

Urso Sábio bateu com força o cajado no gelo, o rosto velho retorcendo-se ao dizer um nome no próprio idioma. Garra de Ferro pareceu sentir a fúria de seu mestre e

foi para o seu lado com um rosnado de indagação.

— Sabe quem estamos enfrentamos? — perguntou Vaelin.

— Xamã do Povo Gato — respondeu Urso Sábio. — O que mandou eles para a guerra. Povo Gato chamava de Caminho Sombrio. Povo Urso chamava de Sem Olhos.

Os Senthar assumiram uma formação de batalha ao seguirem para noroeste, ladeando a companhia numa vaga porém coesa linha de escaramuça por cem metros; os dotados no centro conduzindo os cavalos e os pôneis. A companhia de Orven ia na retaguarda, marchando com espadas desembainhadas sob ordens de manter uma vigília constante em todas as direções. Vaelin assumiu a dianteira ao lado de Alturk e Urso Sábio, seguido um pouco atrás por Kiral, que tinha uma flecha pronta no arco. Garra de Ferro ia adiante, correndo de forma tranquila, com paradas ocasionais para farejar o ar.

Vaelin ficou surpreso com a mudança abrupta em Urso Sábio; com exceção do rosto enrugado, todos os sinais da idade pareciam ter desaparecido e ele se movia num passo constante e firme, segurando com força o cajado de osso e encarando Garra de Ferro fixamente. Ele conhecia bem aquela expressão: um homem determinado a se vingar.

Garra de Ferro parou e Urso Sábio ergueu o cajado, fazendo com que a companhia também parasse. O urso balançou de um lado para outro, soltando um ronco baixo de inquietação sem tirar os olhos do gelo adiante. O local era diferente da costumeira vastidão plana, a superfície elevada em alguns pontos criando formas abstratas envoltas numa neblina baixa. Ao longe, Vaelin podia ver a silhueta tênue e cinzenta da rocha que Dahrena descrevera, erguendo-se como uma adaga deformada.

— Bom lugar para uma emboscada — comentou Alturk, esquadrinhando a paisagem gelada e irregular.

Urso Sábio parou ao lado de Garra de Ferro e segurou o cajado com as duas mãos, erguendo-o acima da cabeça e ficando imóvel. Ele não emitiu nenhum som, mas o súbito grito sufocado de Kiral indicava que o xamã enviara uma mensagem por um meio diferente. Vaelin viu o olhar da caçadora ficar um pouco carregado enquanto encarava o velho, seus olhos revelando um assombro ainda maior, assim como uma sensação nítida de medo que fez Vaelin se perguntar que notas sombrias a canção da lonak estava emitindo.

Urso Sábio baixou o cajado, mantendo a mesma expressão enquanto aguardava.

Passaram-se alguns segundos antes que uma resposta fosse ouvida do gelo

irregular, uma cacofonia de silvos, uivos selvagens, um som que Vaelin só tinha ouvido ser produzido por uma fera antes, mas agora havia muitas. Ele tirou o próprio arco do ombro quando Kiral foi depressa para o lado de Urso Sábio. Vaelin despiu as peles mais pesadas e parou à esquerda do xamã com uma flecha na corda, de olhos atentos para o menor movimento.

— Ali! — gritou Kiral erguendo o arco, mas Vaelin foi mais rápido e num instante disparou a flecha, que voou na direção de uma forma prateada que saltara de trás de um pilar de gelo denteado. A forma continuou avançando por algumas passadas e então tombou no gelo, onde permaneceu.

Urso Sábio soltou um grunhido rouco e avançou, seguido por Garra de Ferro.

— É melhor esperarmos — disse Vaelin. — Há mais.

Urso Sábio o ignorou e continuou andando, não demonstrando qualquer reação quando mais uma dúzia de gatos guerreiros surgiu do gelo e avançou na direção dele a toda a velocidade. Vaelin calculou que tinham mais ou menos o mesmo tamanho de Dança da Neve, mas com uma aparência muito mais magra, o pelo cheio de falhas e bem mais emaranhado... Dança da Neve era assustadora, mas ele jamais vira os olhos da gata brilharem com um propósito tão malévolo.

Ele acertou uma flecha no gato bem à sua frente enquanto Kiral abatia rapidamente mais dois. Os arcos dos Senthar também começaram a zunir e mais gatos tombaram diante da saraivada de flechas, mas restaram seis que investiram contra Urso Sábio, rápidos demais para serem abatidos por qualquer arqueiro.

O gato na dianteira, maior e de aspecto ainda pior que os seus companheiros, saltou sobre Garra de Ferro de presas arreganhadas e olhos brilhando com um ódio deliberado e inquietante. A garra do grande urso atingiu o felino no ar antes que ele pudesse morder, derrubando-o. O gato derrapou no gelo, firmou as patas e então saltou mais uma vez, soltando um silvo agudo o suficiente para fazer os ouvidos doerem. Desta vez Garra de Ferro não o deixou escapar, fechando os braços em volta do gato quando este tentou cravar as presas em sua garganta; costelas se partiram com um estalo audível quando o gato foi derrubado no gelo e o urso começou a golpear, seus ombros subindo e descendo como marteladas rápidas, até que a fera se tornasse uma massa destroçada e ensanguentada.

Vaelin preparou uma segunda flecha e mirou nos outros gatos, percebendo, para seu horror, que Urso Sábio agora estava parado diante deles, de braços abertos e sem oferecer resistência enquanto os animais se aproximavam. Vaelin puxou a corda do arco e mirou no flanco do gato mais próximo.

— Não! — Kiral colocou uma das mãos em seu braço. — Espere!

Alturk berrou uma ordem para os Senthar e eles abaixaram os arcos, assistindo em

completa perplexidade Urso Sábio estender a mão a uma das feras... e o gato se encolher, o rosnado desaparecendo da cara, sem nenhum ódio no olhar. O xamã passou os olhos por cada um dos gatos, produzindo um resultado idêntico, todos encolhendo-se no mesmo instante sob o seu olhar, abaixando-se suplicantes, desviando os olhos, alguns até mesmo tremendo.

Urso Sábio virou-se para Vaelin, sua expressão não menos implacável do que antes.

— Você vem. Outros ficam.

Eles avançaram sozinhos através do labirinto de gelo pontiagudo, exceto Garra de Ferro, que foi obrigado a passar por cima de boa parte das superfícies irregulares à medida que o caminho tornava-se cada vez mais estreito.

— Como você fez aquilo? — perguntou Vaelin, sem ter certeza se queria ou mesmo se compreenderia a resposta. Quanto mais aprendia sobre Urso Sábio, mais misterioso e preocupante o seu poder se tornava.

— Sem Olhos está ficando fraco — respondeu o xamã, com um tom de satisfação sombria na voz. — Domínio diminui. Gatos são meus agora.

— Então não havia necessidade de matarmos os outros?

Urso Sábio parou ao chegarem a uma abertura no gelo adiante, pouco mais do que uma fenda estreita na muralha branco-azulada. Mais além Vaelin podia ver uma extensão de granito, a ponta da rocha imensa agora assomando sobre eles, os flancos reluzindo como metal mal polido onde o gelo se formara.

— Sem carne suficiente para todos — disse Urso Sábio. Seus olhos se fixaram nos de Vaelin, ferozes e determinados. — Diga nada. Faça nada. Só escuta.

O gelo para além da fenda era plano, formando um largo fosso congelado ao redor da grande rocha. Urso Sábio conduziu Vaelin para a direita e um fedor crescente de algo podre o deixou nauseado, ficando mais intenso ao avistarem uma grande mancha negro-pardacenta espalhada pela face leste da rocha. Ao se aproximar, Vaelin viu que a mancha estava coberta de ossos; vértebras e costelas de lobos-marinhos em sua maioria, mas aqui e ali havia a forma inconfundível de um crânio humano sem nenhuma carne. A fonte do fedor tornou-se evidente um momento depois: havia a carcaça de um pônei recém-desmembrado ao lado de uma gruta rasa na face da rocha. Pela forma bruta, mas regular, Vaelin deduziu que havia sido feita por alguém, fornecendo um pouco de abrigo contra aquelas terríveis intempéries.

Um homem estava sentado na base da gruta, vestindo peles bolorentas e acomodado no que parecia ser uma cadeira feita de ossos amarrados. Ele era velho,

embora não tanto quanto Urso Sábio, a pele curtida e descolorida, com feridas vermelhas visíveis na cabeça careca e faces cadavéricas, e seus olhos eram pedaços escuros de pele velha coberta de cicatrizes. Estava tão imóvel que a princípio Vaelin achou que fosse um cadáver, mas então viu as narinas se dilatarem ao sentir o cheiro deles e um leve sorriso formou-se nos lábios rachados.

— Falaremos na língua do meu irmão, velho amigo — disse ele a Urso Sábio. — Nada mais educado, não acha?

Vaelin então o reconheceu, a horrível familiaridade da voz, o mesmo sorriso escarnecedor. Urso Sábio ergueu a mão e ele percebeu que havia segurado a espada e avançado de forma inconsciente, determinado a matar aquela coisa imediatamente. *O Bastardo da Bruxa. Há quanto tempo ele está esperando?*

Vaelin soltou o punho da espada e recuou enquanto Urso Sábio encarava a coisa em silêncio.

— Nada a dizer? — perguntou a coisa, as sobrancelhas sem pelos erguidas acima dos olhos de cicatrizes. — Sem últimos xingamentos ou discursos preparados há muito tempo? Ouvi muitos ao longo dos anos. Infelizmente a maioria era esquecível.

Urso Sábio continuou calado, voltando o olhar para os ossos que apinhavam o gelo ao redor e usando o cajado para cutucar um crânio que estava dentro de uma caixa torácica estilhaçada. Era pequeno, pouco maior do que uma maçã, mas claramente humano.

— Os últimos membros do Povo Gato — disse a coisa ao ouvir o som de osso contra osso. — Eles morreram felizes, sabia? Adorando-me, dispostos a entregar a própria carne para o sustento de minha luz divina.

O sorriso dele se alargou, revelando dentes escuros e parcialmente apodrecidos, e então virou o rosto sem olhos para Vaelin.

— Eram um povo notável, irmão. Séculos vivendo longe de qualquer vestígio do que chamamos de civilização, mas ainda assim tinham leis, arte e sabedoria suficientes para sobreviver no lugar mais inóspito do mundo. Mas não possuíam qualquer noção sobre um deus até que lhes ensinei. E com que rapidez sucumbiram à ideia! Afinal, do que mais você chamaria um homem que volta à vida após um falcão-lanceiro arrancar os olhos de seu crânio?

O sorriso desapareceu dos lábios rachados e ele virou o rosto mais uma vez para Urso Sábio.

— Tudo isso poderia ter sido evitado, velho amigo, se você tivesse aberto o coração à minha mensagem, à minha grande missão para o povo do gelo. As terras do sul teriam sido tomadas por nós, assim como a grande floresta mais além. Agora o seu povo é um refugo debilitado e o meu nada mais do que ossos.

O som de gelo se partindo anunciou a chegada de Garra de Ferro, que transpôs a parede circundante e foi para o lado de Urso Sábio, as narinas dilatando-se com o cheiro de carne. O homem sem olhos se enrijeceu ao som da aproximação do urso, mas a voz permaneceu sem qualquer traço de medo.

— Você não pode me ameaçar, homenzinho. Sua fera não pode me aterrorizar. Pergunte ao meu irmão. Ele me matou uma vez, e aqui estou. Assim como estou em outro lugar. Esperei você chegar aqui durante longos anos. É uma pena que os meus gatos não tenham se mostrado à altura da tarefa, mas sou paciente e desconfio que você ainda tenha um longo caminho a percorrer.

— Então você espera — disse Urso Sábio, avançando ligeiro e agarrando o couro cabeludo do homem sem olhos. — Espera mais.

O homem sem olhos abriu a boca e de dentro saiu um ar nauseabundo quando soltou um grito silencioso, contorcendo-se na cadeira de ossos. Ele tentou agarrar o braço de Urso Sábio, mas não havia qualquer força em seus dedos, que tremulavam como penas sobre a manga dele enquanto convulsionava.

Por fim o xamã o soltou e recuou quando o homem sem olhos curvou-se, o rosto uma máscara de perplexidade e dor.

— O que você fez? — perguntou ele num sussurro rouco, batendo as mãos no próprio peito e no rosto, as unhas deixando leves escoriações na carne.

— Você espera — disse Urso Sábio de novo, dando-lhe as costas. — Então você morre. Para sempre.

— Isso é... — A coisa tentou levantar-se da cadeira de ossos e estendeu a mão para segurar Urso Sábio quando o xamã começou a se afastar. — Isso é impossível.

Urso Sábio não se virou, andando em direção à fenda na parede de gelo, seguido por Garra de Ferro.

— Irmão! — A coisa escorregou da cadeira de ossos e estendeu o braço para Vaelin enquanto se arrastava até ele, suplicante. — Irmão! Faça ele me libertar!

Vaelin observou a coisa se arrastar, notando como restara pouca força nos seus membros, um amontoado de pele e ossos destinado a perecer quando a noite trouxesse um frio mortal. Ele não disse nada e virou-se para seguir Urso Sábio.

— Você amava Barkus! — gritou a coisa, a voz lhe faltando. — Eu *sou* Barkus! Sou seu irmão!

Vaelin continuou andando.

— Eu tenho informações! Conheço o plano do Aliado!

Vaelin parou.

— Eu sei... — A voz da coisa vacilou ao encher os pulmões arruinados de ar. —

Eu sei o que ele quer.

— Eu também — disse Vaelin, olhando por sobre o ombro e vendo um moribundo debater-se em meio à carne putrescente. — Ele quer compor um final. E comporemos.

— Você matou toda a coisa?

Urso Sábio deu um sorriso pesaroso e sacudiu a cabeça. Eles haviam acampado à sombra da grande rocha, em meio ao abrigo fornecido pelo gelo irregular, os lonaks erguendo suas tendas a uma distância ainda maior do que de costume, inquietados pelos cinco gatos guerreiros que agora estavam sentados em volta do xamã num silêncio desconcertante. Vaelin virou-se para observar quando Cara estendeu com cautela um pedaço de carne de lobo-marinho a um dos gatos. A fera a ignorou até que Urso Sábio olhou na sua direção, e então abocanhou a guloseima dos dedos da garota num movimento rápido de cabeça.

— Só uma parte — respondeu ele, virando-se de novo para Vaelin, estendendo a mão e afastando os dedos. — Tira um, ainda pode usar — prosseguiu, imitando a amputação do polegar e cerrando o punho. — Mas agora mais fraco.

— Se encontramos outras partes da coisa, você pode fazer o mesmo com elas? — perguntou Vaelin.

Urso Sábio assentiu.

— Se encontrar.

Vaelin olhou para a ponta da rocha acima, perguntando-se se o Bastardo da Bruxa de algum modo ainda se agarrava à vida. *Desconfio que você ainda tenha um longo caminho a percorrer*, dissera a coisa. *Sabia que estávamos vindo, mas não por quê.*

— Ah, não tenho dúvidas de que vamos encontrá-las.

CAPÍTULO NOVE

Lyrna

A saúde do Senhor da Torre Al Bera melhorara muito desde a libertação de Varinshold, sua pele visivelmente menos pálida e as mãos livres de quaisquer tremores. Contudo, ele ainda tinha dificuldade para permanecer de pé durante longos períodos e Lyrna se apressou a levá-lo até uma cadeira. Ela o chamara até os antigos aposentos de seu pai contíguos à Câmara do Conselho. Outrora ricamente adornados com vários tesouros, agora, é claro, restavam nos aposentos somente alguns quadros e tapeçarias, bens que pertenceram ao finado Lorde Darnel, sem dúvida saqueados de nobres assassinados. Lyrna fora meticulosa ao catalogar cada item encontrado no palácio, distribuindo a lista para que os verdadeiros donos pudessem reivindicá-los, mas até então apenas alguns lordes e mercadores miseráveis haviam se apresentado.

— Lembro que meu pai o chamava de Flagelo dos Contrabandistas, meu senhor — disse ela a Al Bera. — Um título conquistado a duras penas, sem dúvida.

Al Bera assentiu com firmeza. Lyrna notara antes o desconforto dele em sua presença, uma prudência que presumivelmente tinha origem na posição inferior de onde ele havia sido elevado.

— As gangues de contrabandistas eram mais numerosas na minha juventude, Alteza — disse o Senhor da Torre. — Eu era um capitão da Guarda do Reino antes de o Rei Janus ordenar que eu assumisse o comando de seus coletores de impostos, um bando relaxado, dado a subornos e bebedeiras. Levou tempo para transformá-los num braço eficaz da Coroa, e uma quantidade considerável de sangue.

— E mesmo assim o senhor conseguiu, acabando com a influência dos contrabandistas na costa meridional e com isso dobrando a receita do porto.

Al Bera deu um sorriso cauteloso.

— Ajudado um pouco pela Sexta Ordem.

— Não obstante, a espada que meu pai lhe deu foi bem merecida. — Ela pegou o pequeno baú de madeira sobre a mesa. — Infelizmente, não tenho outra para lhe dar. Como era de se esperar, os volarianos roubaram a coleção real inteira. Mas encontrei uma velha joia minha nas ruínas do que antes foram os meus próprios aposentos.

Ela retirou o item da caixa. A corrente era nova, feita de prata com maestria, mas

presa a um antigo amuleto, um disco simples de bronze incrustado com um único vitríolo azul.

— Dizem que foi usado pela mãe do Rei Nahris — continuou Lyrna. — O primeiro a reivindicar o domínio de todos os quatro feudos do Reino. Infelizmente, ele era propenso a surtos de loucura, de modo que o governo de seu território ficava a cargo de sua formidável mãe, Bellaris, a primeira a ser nomeada Regente do Reino Unificado. Um título que eu mesma usei no final da guerra alpirana, e esta — ela colocou o amuleto na mesa e o empurrou na direção do Senhor da Torre — era a insígnia do meu cargo.

A escolha correta, concluiu Lyrna, notando o modo como Al Bera olhava para o amuleto, como uma criança colocando os olhos numa cobra pela primeira vez.

— Eu... — começou ele, o rosto corando um pouco. — Serei deixado para trás, Alteza?

— O senhor servirá a este Reino conforme ordenado pela sua Rainha.

— Se é uma questão de estar fisicamente bem para lutar...

— É uma questão de a quem posso confiar com segurança o governo destas terras na minha ausência. Nada mais. Lorde Regente Al Bera, coloque a insígnia de seu cargo, por favor.

Ele passou os dedos pela corrente de prata por um momento, cerrando o maxilar e lutando para esconder um leve tremor na mão.

— O Rei Janus lhe contou por que eu era tão bom em capturar contrabandistas, Alteza?

Lyrna sorriu com placidez e sacudiu a cabeça.

— Porque meu pai era um contrabandista. Um homem de grande bondade em casa, mas de temperamento terrível no trabalho, um trabalho que teria sido meu se eu não tivesse fugido para me alistar na Guarda do Reino aos treze anos. A essa altura eu já havia compreendido que tipo de homem ele era, quanto estava envolvido em engodos e assassinatos, e eu não queria fazer parte daquilo. — Al Bera afastou a mão da corrente.

— E não quero fazer disto.

Lyrna manteve o sorriso, pegou a corrente e o amuleto da mesa, levantou-se e foi para trás da cadeira do Senhor da Torre. Ela o sentiu encurvar ao passar a corrente por sua cabeça e colocá-la em seus ombros, embora não pesasse mais do que alguns gramas.

— Exatamente, meu senhor. — Ela se abaixou e o beijou de leve no rosto, optando por ignorar quando ele se encolheu. Ela se afastou e o viu levantar-se com

dificuldade.

— Vou lhe deixar vinte mil Guardas do Reino — disse Lyrna. — Eles irão reprimir qualquer vestígio de criminalidade dentro das fronteiras asraelinas, e todos os criminosos devem ser executados pela Palavra da Rainha, sem exceção. Sinto que ultimamente temos sido lenientes demais. Contudo, o senhor ficará longe das terras cumbraelinas, a não ser em caso de extrema urgência ou a pedido da Senhora Veliss. Fornecerei uma lista de outras prioridades, sendo que as reformas legais do Aspecto Dendrish e a reconstrução desta cidade são as mais urgentes.

Lyrna inclinou a cabeça, examinando o amuleto pendurado em volta do pescoço dele e notando que o homem curvara um pouco mais os ombros.

— Ele lhe cai muito bem, meu senhor.

Al Bera fez uma medida discreta, e a sua resposta foi tensa e curta, para que não transparecesse qualquer expressão.

— Obrigado, Alteza.

Orena gostava de dançar à tarde, movendo-se pelos jardins sem vida do palácio com uma graciosidade jovial, às vezes segurando as mãos de Murel e puxando-a num rodopio, dando a sua risada de menina. Naquele dia ela tinha invernálias nos cabelos, as pétalas claras brilhando como estrelas na cabeleira escura enquanto ela girava sem parar.

— Sente-se comigo — disse Lyrna quando a dança por fim cessou, a saia de Orena esvoaçando quando ela rodopiou até o chão com uma risadinha cansada, mas feliz. — Eu trouxe bolos.

Elas estavam no que restara de seu antigo jardim secreto, e Lyrna arrumava os bolos junto a um jogo de chá de porcelana no banco ao seu lado. Orena gostava muito de bolos, mas continuava sem modos, enfiou um inteiro na boca ao se sentar, lambuzando os dedos com cobertura e creme.

— Nham — disse ela, uma das únicas palavras que se dispunha a proferir ultimamente; estava evidente que a fala não tinha muita serventia para aquela nova Orena. A mente de Lyrna foi inundada por um momento pela sensação de prazer, a textura do bolo em sua língua, a suavidade do creme. Teve que se concentrar para afastar as impressões, uma habilidade aprendida com o Aspecto Caenis, que aconselhava a repetição de uma sequência numérica como o melhor meio para bloquear os pensamentos imprevisíveis de Orena.

— O Irmão Innis me disse que você não tem prestado atenção nas lições — disse Lyrna.

Os pensamentos de Orena transmitiram um cansaço aborrecido, e ela engoliu o último pedaço do bolo e revirou os olhos.

— Aprender é importante — insistiu Lyrna. — Não quer ler de novo?

Orena deu de ombros e seus pensamentos mudaram: alegria e raios de sol, o giro da dança.

— Você não pode dançar para sempre, minha senhora. — Lyrna pegou a mão dela. — Preciso lhe dizer uma coisa.

Uma cautela repentina diante da gravidade em sua voz, um medo crescente.

— Preciso me ausentar durante algum tempo.

O medo aumentou e Orena olhou para Murel, que estava de pé ali perto, com as mãos entrelaçadas e forçando um sorriso consolador. Ela achava que era uma provação dolorosa ficar na companhia de Orena, o peso do seu dom incontido difícil de suportar, ainda mais quando resolvia compartilhar lembranças terrivelmente similares àquelas que Murel lutava para reprimir.

— Sim — disse Lyrna. — Murel também. E Iltis e Benten.

Mais medo, beirando o terror, uma sensação chocante de abandono. Orena agarrou as mãos de Lyrna, uma súplica desesperada preenchendo os seus olhos.

— Não. — Lyrna forçou uma nota de comando em seu tom. — Não, você não pode vir conosco.

Raiva misturada com repreensão grosseira quando Orena arrancou as mãos das de Lyrna e desviou o olhar, o rosto um espelho de seus pensamentos.

— Espero retornar com um homem que creio que possa curá-la — disse Lyrna em voz baixa enquanto passava os dedos pelas madeixas escuras de Orena. — Fui egoísta ao deixá-lo ir, mas quando ele olhou para mim, quando olhou para este rosto, eu soube que ele percebeu que o seu dom havia falhado. Não posso ser curada, mas acredito que você possa, pois a sua alma é tão radiante.

As feições de Orena se suavizaram, o rosto perdendo de súbito qualquer vestígio da criança em corpo de mulher que ela parecia ser. Ela olhou nos olhos de Lyrna, franziu o cenho... e as lembranças surgiram num rompante.

Lyrna tentou pensar num cálculo para conter o fluxo de imagens e sensações, mas a torrente era grande demais, sobrepujando os números gotejantes com uma facilidade que revelava que Orena vinha exercendo muito mais controle sobre o seu dom do que eles pensavam. O cheiro surgiu primeiro, água salgada, suor e excremento. Então os sons, os tinidos das correntes, os soluços abafados de almas desesperadas. A visão e a dor chegaram juntas, os grilhões esfolando punhos e tornozelos, a silhueta indistinta de prisioneiros encolhidos. Ela estava de volta ao

porão do navio, mais uma vez escrava. O pânico aumentou e então diminuiu ao notar que a vista diferia das próprias lembranças, os degraus que levavam ao convés superior agora vistos de um ângulo menos agudo, e, acorrentada próximo a eles, havia uma jovem de vestido azul, o rosto coberto pelas sombras, mas o jogo de luzes em seu couro cabeludo sem fios revelando queimaduras horríveis. No entanto, ela conhecia aquele perfil, vira-o delineado contra uma fogueira numa distante encosta de montanha alguns meses antes. Júbilo misturado com uma satisfação maliciosa em seu peito... junto com uma inebriante expectativa pela recompensa do Aliado.

A lembrança ficou turva, desfazendo-se e reformando-se numa cena de terror, o casco despedaçado pelo ataque do tubarão, gritos desesperados por todos os lados. Ela viu a mulher queimada de pé ao lado dos degraus, a chave pendurada em sua mão. O momento de hesitação foi breve, quase imperceptível, mas aqueles olhos tinham séculos de prática em discernir fraquezas e ela soube numa torrente de grave compreensão que aquela nova rainha estava prestes a abandonar os súditos à própria sorte.

Fazia muito tempo que ela não sentia algo semelhante a assombro, mas a sensação que tomou conta dela ao observar a mulher queimada voltar para libertar primeiro o irmão bruto, depois o fora da lei e então, incrivelmente, a si mesma, foi o mais perto de que ela chegara daquilo em muitas vidas. O agradecimento balbuciado que oferecera à mulher queimada quando ela avançou com dificuldade na direção dos degraus a surpreendeu ainda mais, pois era totalmente genuíno.

As imagens se mesclaram em outra lembrança, o rosto coberto de cicatrizes de Harvin sobre o seu, os hálitos se misturando quando os lábios se tocaram.

— Eu jamais vou machucá-la — sussurrou ele. — Nem eu nem ninguém.

— Você não pode prometer isso — sussurrou ela em resposta. — Ninguém pode.

Os dedos dele percorreram os hematomas no pescoço dela, suavizados, mas ainda escuros o suficiente para estragar a agradável lisura da pele daquela casca.

— Prometo que vou matar todo volariano de merda que eu encontrar, só para o caso de ter sido ele quem fez isso.

Ela então sentiu algo, algo mais do que o desejo familiar, e isso a incomodou.

— Chega de conversa — disse ela, empurrando-o de cima dela e montando em sua cintura. — E tente não fazer barulho dessa vez.

A mudança final foi mais abrupta, como se Orena sentisse o seu desconforto. O convés do *Sabre do Mar* balançava sem parar naquele dia; as águas em volta da Ilha de Wensel raramente eram calmas. Ela olhou para a mulher queimada e para o anel que ela oferecia, perguntando-se por que as lágrimas vinham com tanta facilidade. Normalmente ela precisava forçá-las, mas naquele dia elas brotaram de forma

espontânea dos seus olhos.

— Creio que tais trivialidades tenham ficado para trás, minha senhora — disse a mulher queimada, e um ser que havia muito tempo esquecera o próprio nome soube então que encontrara uma rainha.

Lyrna soltou um grito sufocado quando a última lembrança desapareceu, e se viu encarando os olhos suplicantes de Orena, um sorriso incerto nos lábios.

— Alteza? — Murel estava ao seu lado, tocando-lhe o ombro com cuidado.

Lyrna levantou-se e puxou as duas para um abraço, Orena agarrando a sua cintura enquanto Murel apoiava a cabeça em seu ombro.

— Eu sempre tive apenas damas — disse Lyrna. — Nunca amigas.

Os pensamentos de Orena pulsaram uma última vez, repletos de uma sensação de pesarosa necessidade, uma lição que mal compreendia, mas que precisava compartilhar: *elas podem mudar*.

Eles apinharam as docas para vê-la partir, envolvendo-a num tumulto de vivas e exortações ao subir a rampa para o convés do *Rainha Lyrna*, todos aqueles que não haviam sido escolhidos para singrar o oceano e terminar a sua grande cruzada, os velhos, os jovens e os habilidosos. Muitos choravam, alguns reclamando abertamente da vergonha e implorando para que pudessem se juntar a ela. Um cordão de Guardas do Reino os manteve afastados, evitando que os mais fervorosos saltassem do cais e tentassem nadar até o navio.

— Lorde Almirante Ell-Nestra — disse Lyrna, cumprimentando o Escudo quando ele fez uma mesura precisamente formal.

— Alteza — disse ele no tom neutro que ela achava cada vez mais irritante. — Os navios de Torre Sul e Warnsclave se aproximam. Iremos nos encontrar a quinze quilômetros da costa, caso o tempo permita.

Lyrna ignorou a zombaria final, ainda que dita sem má intenção. Ele e vários de seus capitães protestaram contra a decisão dela de zarpar tão cedo no início do ano, advertindo que as tempestades de inverno ainda seriam frequentes em alto-mar. O Escudo não se abalou com as tabelas de padrões climáticos históricos cuidadosamente preparadas pelo Irmão Harlick, que indicavam que o norte do Boraelino passava por um período de cinco semanas de relativa calma durante os meses de illnasur e onasur.

— Apenas marcas num papel, Alteza — dissera o Escudo, lançando um olhar de repúdio aos documentos do bibliotecário. — Udonor não sabe ler.

— Talvez ele não saiba, mas eu sei — retorquiu Lyrna. — Os nossos inimigos não nos esperam até a primavera, e não deixarei passar uma oportunidade de surpreendê-los. Nossa frota estará pronta dentro de um mês, quando então zarparemos, com ou sem o senhor.

Lyrna voltou o olhar para o *Rei Malcius*, que desfraldava as velas ao se afastar do molhe. Para além dele, uma longa fileira de embarcações igualmente imensas seguia em direção ao horizonte. Na ponta do molhe ela podia ver uma figura sentada diante de uma ampla tela apoiada de forma precária sobre um cavalete. Mestre Benril, que viera registrar a cena, embora o céu cinzento e o horizonte enevoados fossem um espetáculo lúgubre.

O Escudo curvou-se mais uma vez e começou a gritar ordens que os afastariam das docas, e a tripulação correu para soltar cabos e içar as vigas nos devidos lugares para empurrá-los para longe do cais.

— Esperem! — ordenou Lyrna ao avistar uma figura diminuta na proa. Alornis não tirou os olhos da máquina quando Lyrna aproximou-se, batendo de leve com um pequeno martelo em algum tipo de tubulação na parte inferior. — Minha senhora — disse Lyrna.

— Alteza. — Alornis deu uma última batida no tubo, sorrindo de satisfação com o som produzido.

— Caso o seu trabalho aqui tenha terminado — prosseguiu Lyrna —, eu gostaria que a senhora desembarcasse.

— Infelizmente, este novo dispositivo precisa de mais ajustes. — Alornis soltou uma risada claramente forçada e agachou-se para inspecionar a sustentação da máquina. — Não posso de modo algum deixar que seja levada nessas condições, Alteza.

Lyrna parou ao lado dela e falou num tom brando:

— Eu prometi solenemente ao seu irmão que a manteria a salvo. Agora, retire-se do navio, ou ordenarei que Lorde Iltis o faça para a senhora...

— Eles mataram Alucius! — Alornis girou na direção dela, o martelo voando pelo convés ao ser jogado de lado, o rosto lívido. Seu grito fez com que um silêncio glacial tomasse conta do convés. — A senhora prometeu justiça. — A voz de Alornis estava embargada, embora forçasse as palavras a saírem; o olhar estava lacrimoso porém firme. — Eu percorri todos os cantos deste Reino registrando mortes e destruição a cada quilômetro, e trabalhei durante meses sem dormir para lhe fornecer estes instrumentos mortais. Tudo isso sem pedir recompensas ou esperar algum favor, porque a senhora prometeu justiça, e eu quero a minha.

Ele nunca me perdoará por isso, pensou Lyrna. Mesmo que ela sobreviva.

— Lorde Almirante Ell-Nestra — disse Lyrna, e virou-se. — Sigamos em frente, por favor.

Os primeiros dias foram difíceis, o mar agitado o suficiente para privar a frota de qualquer coesão, e muitos dos navios eram perdidos de vista sob a chuva quase constante. Por ordem do Escudo, cada embarcação tinha navegadores experientes a bordo, a maioria deles meldeneanos, a quem se podia confiar que mantivessem um curso a leste independentemente do clima. Ainda assim, havia momentos em que Lyrna olhava para a muralha cinzenta e oscilante que os cercava e tinha de lutar contra a sensação de que estavam navegando sozinhos.

Abaixo do convés, o regimento de Lorde Nortah sofria de forma constante com enjoos e a vida a bordo. Eles tinham de ser levados em grupos para o convés superior para respirarem ar fresco e se exercitarem, a maioria atrapalhando-se com os exercícios, movendo-se com uma letargia negligente, embora a presença de Lyrna parecesse fornecer algum estímulo para se esforçarem mais. A mulher esguia com as adagas, de quem Lyrna se lembrava de Alltor, a cumprimentou com uma longa medida ao sair para a luz do dia na terceira manhã desde a partida de Varinshold, e em seguida começou uma série de exercícios de esgrima com uma energia fervorosa, até tombar numa convulsão súbita. Ela ergueu o rosto lívido para Lyrna, mortificada quando a Rainha aproximou-se para ajudá-la a se levantar.

— P-perdoe-me, Alteza — gaguejou ela. — Embora a minha maldita fraqueza não mereça perdão...

Ela se calou quando Lyrna levou a mão à sua testa, achando-a fria e pegajosa demais.

— Guarda Furelah, você está doente.

Furelah piscou surpresa ao ser tratada pelo nome e então se empertigou.

— Não mais do que qualquer outra pessoa aqui, Alteza. — A mulher cambaleou quando o casco do navio passou por outra onda elevada, e Lyrna sentiu como ela tremia ao estender a mão para ampará-la pelo braço.

— O que você fazia? — perguntou ela. — Antes da guerra.

— Meu pai tinha um moinho, Alteza. Eu trabalhava lá com ele.

— Então você tem familiaridade com engrenagens e máquinas?

— Era preciso ter, Alteza. Depois que aquele maldito filho da p... O pai de minha filha não era um homem cumpridor de seus deveres, o que nos forçou a buscar abrigo com meu pai. Após algum tempo, as mãos dele ficaram rígidas demais para consertar coisas.

— Venha comigo.

Ela conduziu a mulher até a popa, onde Alornis erguia uma lona sobre uma das quatro balistas do navio. A chuva e a espuma constantes lhe causavam grande consternação, e ela tentava manter as suas preciosas máquinas livres da ferrugem e do sal que danificavam as suas diversas novidades mecânicas.

— Senhora Alornis! — gritou Lyrna, gesticulando para Furelah. — Estou nomeando esta guarda como sua assistente. Instrua-a sobre como operar a sua máquina, por favor.

Alornis cumprimentou Furelah com um sorriso intrigado.

— Obrigada, Alteza, mas não preciso de assistência.

— As batalhas começarão em breve, minha senhora — retorquiu Lyrna. — E elas não têm protegidos. Caso a senhora morra, é importante que os seus conhecimentos não pereçam com a senhora.

Alornis retraiu-se um pouco com a aspereza do tom da Rainha e então estendeu a mão a Furelah, que, apesar da evidente náusea, admirava a balista com extrema fascinação.

— A senhora construiu isso?

— Eu tive ajuda. — Alornis pegou a mão da guarda e a levou até o engenho. — Venha, é melhor começarmos com as engrenagens.

* * *

O anoitecer do décimo dia trouxe a primeira tempestade, um vendaval uivante do norte que arremessava uma série de ondas cada vez maiores contra o casco do *Rainha Lyrna* a bombordo, forçando o Escudo a ordenar que virassem para o sul. Lyrna esperara alguma expressão de reprovação ao vê-lo assumir o timão, suas mãos movendo-se com habilidade experiente para controlar o grande barco, mas ele parecia estranhamente contente, lançando olhares ocasionais para o céu e franzindo o rosto com aparente satisfação.

— Parece que os meus cálculos foram otimistas! — comentou Lyrna, tendo que gritar para ser ouvida por causa do vento ao se aproximar de Ell-Nestra.

— A senhora se refere a isto? — Um traço do sorriso antes contínuo surgiu em seus lábios quando ele indicou com a cabeça o céu carregado de nuvens. — Isso é apenas uma brisa suave comparada com a fúria costumeira do inverno no Boraelino. Já terá passado de manhã.

Lyrna se demorou ao lado do Escudo, notando a relutância dele em olhá-la, a rigidez de seus ombros.

— Por que o senhor ficou? — perguntou ela. — Sei que não queria tomar parte nisto.

— Apesar do meu receio, não posso negar a sabedoria de suas palavras. Se não acabarmos com eles, eles voltarão. Melhor uma guerra longa do que uma dúzia de curtas, fazendo as Ilhas se esvaírem em sangue com cada geração chamada para lutar nelas. Além disso, eu assumi um compromisso, como talvez se lembre.

Ela se lembrava daquela noite após os Dentes, da oferta dele de outra vida e da promessa feita sob as estrelas.

— Se serve de consolo, nós nunca teríamos navegado juntos para o oceano ocidental — disse Lyrna. — Independentemente de quaisquer outros... desdobramentos.

O Escudo não se virou, mas ela notou como os seus ombros se curvaram um pouco.

— Não — disse ele, num tom melancólico em vez de amargurado. — Naquele dia em Alltor, o modo como você olhou para Al Sorna... E eu pensava que não havia mais nada que ele pudesse tirar de mim. E o seu rosto. O rosto de uma estranha.

— Eu esperava que você pudesse ver o rosto de uma amiga.

Mesmo com o vento, ela o ouviu soltar uma leve risada.

— É isso que você imagina que o futuro nos reserva? Amizade? Que quando esta guerra for vencida eu ainda comandarei a sua frota? Que ficarei ao seu lado por todos os longos anos de seu reinado? Seu ex-pirata fiel? Seu cão de focinheira? — Ell-Nestra olhou por sobre o ombro para ela, a chuva escorrendo-lhe pelo rosto, sem qualquer vestígio do sorriso. — Eu deixei você me colocar numa gaiola, Lyrna. Não me peça para viver nela para sempre.

Lyrna virou-se quando Murel puxou com insistência o seu braço, gesticulando para a porta de sua cabine, onde Itis se encontrava encharcado da cabeça aos pés e com uma expressão de muita impaciência.

— Sugiro que se abrigue, Alteza — disse o Escudo, girando de novo o timão quando outra onda ergueu a proa para o céu. — Tempestades não respeitam posição social.

Como ele previra, o tempo melhorou nos dias seguintes, permitindo à Senhora Alornis uma oportunidade para fazer uma demonstração de seu novo aparelho.

— O Irmão Harlick teve a bondade de fornecer alguns exemplos inspiradores da história — disse ela, engatando um fole grande num tubo de cobre que saía de baixo do engenho. A máquina fora colocada a bombordo do *Rainha Lyrna* e tinha uma aparência ainda mais estranha do que a balista; era um tubo de latão e ferro de quase quatro metros de comprimento, bulboso numa das extremidades, que se afilava num bico estreito. Havia um barril grande em cima do meio do cano, que estava montado sobre uma base idêntica à da balista, o que significava que mesmo alguém com as proporções diminutas de Alornis tinha pouca dificuldade em ajustar o ângulo. Furelah estava na extremidade mais fina do aparelho, fixando ao bico o que parecia ser uma lamparina a óleo alongada. Pela sua postura, trabalhando com os braços totalmente estendidos e olhando sem parar para o barril ligado à máquina, Lyrna pressentiu que a mais recente novidade de sua Senhora Artífice tinha considerável potencial.

— Não havia imagens em que me basear — prosseguiu Alornis, passando um pano sobre uma alavanca circular na extremidade bulbosa da máquina. — Mas um texto alpirano de cerca de seiscentos anos forneceu uma descrição detalhada do maquinário. A maior dificuldade foi estabelecer a mistura correta para o combustível.

— Esta é uma máquina alpirana? — perguntou Lyrna.

— De fato, Alteza. Usada numa batalha marítima numa das guerras civis deles. Parece que o imperador da época testemunhou o primeiro uso dela e a banuiu de imediato, temendo que os deuses pudessem considerá-lo desnecessariamente cruel. Eles a chamavam de Lança de Rhevena.

Rhevena, Lyrna sabia, era uma das principais deusas do panteão alpirano, guardiã dos caminhos sombrios que deviam ser percorridos por todas as almas após a morte. Mas Rhevena era uma deusa bondosa e iluminava os caminhos com fogo para que nenhuma alma boa se perdesse. No entanto, o fogo era algo vivo, que possuía sabedoria e discernimento, e aumentava para engolfar uma alma indigna. O coração de Lyrna começou a bater mais rápido quando notou o modo como Furelah terminou a sua tarefa e foi para trás da máquina sem disfarçar a pressa, a lamparina que havia afixado ao bico agora acesa com uma brilhante chama amarela.

— O óleo de lamparina é ralo demais — continuou Alornis, girando uma manivela na lateral do barril — e queima depressa demais. Então fui obrigada a usar óleo de base. E mesmo assim foi necessário engrossá-lo com resina de pinho. — Ela se afastou, dando uma última olhada de avaliação em sua invenção antes de se virar para Iltis e Benten. — Meus senhores, o fole, por favor.

Os dois lordes se aproximaram do fole, parando lado a lado e agarrando a grande barra de ferro presa a ele, e ambos lançaram um olhar questionador a Lyrna. Ela

tentou controlar as batidas aceleradas de seu coração e inclinou a cabeça para que dessem início à tarefa. Foram necessários vários movimentos dos lordes no fole antes que alguma coisa acontecesse, mas quando aconteceu Lyrna ficou grata pelo grito de espanto que percorreu o navio, pois escondeu o seu próprio grito sufocado de medo. Um jato de fogo amarelo e brilhante jorrou do bico da máquina, subindo em arco a dez metros e cascadeando no mar em meio a uma nuvem de vapor. O mar calmo permitiu que boa parte da frota retomasse a formação e um coro de gritos animados pôde ser ouvido dos navios mais próximos enquanto o arco de fogo continuava a jorrar.

— A mira é bastante simples — disse Alornis, manobrando a lança de um lado para outro de modo que o arco cortava o ar como um leque flamejante. Ela fez sinal para que Benten e Itis parassem e virou-se para Lyrna, os últimos vestígios de óleo em chamas pingando às suas costas enquanto sorria à espera de elogios da Rainha.

Lyrna resistiu à tentação de enxugar o suor na testa e manteve as mãos entrelaçadas sob o manto, temendo que tantos olhos vissem quanto tremiam. *O cheiro do seu cabelo queimando... As lambidas lancinantes das chamas ao devorarem a sua carne...* O tremor em suas mãos aumentou, ameaçando espalhar-se para os braços enquanto continuava a encarar o semblante orgulhoso de Alornis. *No que eu lhe transformei?*

Lyrna sentiu um toque delicado no braço e, ao se virar, deparou-se com o Escudo ao seu lado, dando o seu sorriso mais largo a Alornis.

— Um feito extraordinário, minha senhora — disse ele. — Uma arma para vencer uma guerra, sem dúvida. Não concorda, Alteza?

Lyrna respirou fundo, sentindo o tremor diminuir à medida que o calor se espalhava com o toque dele.

— Minha Senhora Artífice supera todas as expectativas — disse ela a Alornis. — Há mais dessas máquinas?

— Eu trouxe componentes suficientes para apenas mais duas, Alteza. Quando chegarmos ao nosso destino, talvez eu possa construir mais se for possível encontrar os materiais certos.

Mais? Não sei se quero uma que seja.

— Prossiga com a construção, por favor. O Lorde Almirante Ell-Nestra decidirá que embarcações serão beneficiadas pelo seu poderoso talento.

Lyrna tentou dormir, mas não conseguiu se acomodar, remexendo-se no catre e tentando afastar da mente a imagem do arco flamejante. Acabou desistindo e foi

procurar Alornis; Iltis despertou e a seguiu sem a necessidade de qualquer instrução. A Artífice da Rainha trabalhava com afinco no canto do porão que abrigava as suas várias inovações. Furelah estava deitada numa rede perto dali, sem ter o sono perturbado pelo balanço suave do navio.

— Parece que o estômago dela se ajustou à vida a bordo — disse Alornis, tirando os olhos de um pedaço de tubulação de cobre. — Ela consegue dormir com facilidade agora.

— Furelah tem sorte — disse Lyrna. — Suponho que a senhora ache o trabalho dela satisfatório?

— Ela é muito habilidosa e astuta, Alteza. Tenho certeza de que criará alguns aparelhos próprios com o devido tempo.

Lyrna sentou-se no banco diante de Alornis e a observou trabalhar, as mãos ágeis moldando o tubo de cobre que segurava sobre uma chama para amolecer o metal.

— É melhor a senhora também descansar um pouco — disse Lyrna.

Um leve tique de exaustão podia ser visto na fronte de Alornis, embora ela continuasse concentrada em sua tarefa.

— Ultimamente não tenho conseguido dormir com muita frequência, Alteza.

— Sente falta de seu irmão, e de Alucius.

Ela viu Alornis abafar um suspiro e deixar o tubo de lado.

— Precisa de algo, Alteza?

— A senhora não se pergunta o que ele teria achado disso? Se ele teria sido tão fervoroso em sua devoção a esta causa quanto a senhora?

— Alucius era um homem pacífico. Isso não o salvou.

— Ele também era um espião a serviço de uma potência estrangeira. Sabia disso?

— Não até recentemente. O soldado-escravo, o que havia sido designado para vigiá-lo, veio me ver antes de partir com o Irmão Frentis. Alucius lhe entregou uma mensagem para mim antes de morrer. Então, sim, sei tudo sobre as suas... alianças infelizes, e elas não diminuem em nada a minha opinião sobre ele.

— O que mais dizia a mensagem?

— Eram palavras destinadas apenas a mim, Alteza.

Lyrna teve a impressão de que podia adivinhar o conteúdo da mensagem do Kuritai liberto pelo olhar cauteloso de Alornis. *Você retribuía esse amor?*, ela queria perguntar, mas se conteve.

— A guerra mudou a todos nós — Lyrna acabou dizendo. — E sei que Alucius não teria gostado de ver a mudança na senhora.

O olhar de Alornis tornou-se sombrio.

— Ou na senhora, Alteza.

— A senhora tem escolha. Esse luxo me foi roubado no dia em que destruíram o meu rosto e chegaram para devastar a nossa nação. Mas a senhora ainda pode dar as costas a isso. Como acha que se sentirá quando aquela sua máquina monstruosa transformar homens em tochas vivas? Os gritos de um homem em chamas não são fáceis de ouvir.

— A senhora pediu a todos nós que carregássemos muitos fardos. Não fugirei do meu.

Eu vou mandar você de volta assim que desembarcarmos, decidiu Lyrna quando Alornis voltou ao trabalho. *Eu não deveria tê-la trazido. O Reino não precisa de mais uma alma deturpada, por mais habilidosa que seja.*

Ela ergueu a cabeça ao ouvir um grito vindo do convés acima, logo seguido por um tumulto de botas e pelas batidas rápidas do tambor do contramestre chamando todos às armas.

— O que é? — perguntou Alornis.

— Um navio inimigo. — Lyrna levantou-se e seguiu para os degraus que levavam ao convés superior. — Talvez possamos ver as suas novidades em funcionamento mais cedo do que pensávamos.

Tripulantes correram aos seus postos de armas em punho, enquanto arqueiros subiam no cordame com arcos às costas. O convés sob os pés de Lyrna ressoava com o alarido do regimento de Lorde Nortah preparando-se para a batalha. Ela encontrou o Escudo na amurada a estibordo, de luneta apontada para algo ao sul.

— Quantos? — perguntou Lyrna, indo para o lado dele e encarando a penumbra, discernindo apenas um borrão tênue a alguns quilômetros de distância. O céu havia clareado um pouco; ainda estava encoberto, mas havia luz suficiente para revelar o horizonte.

— Um — respondeu ele, e apontou para uma embarcação meldeneana menor a um quilômetro de distância, de velas desfraldadas e deixando um rastro brilhante ao redor do casco enquanto seguia na direção do recém-chegado. — Fiz sinal ao *Orca* para que investigasse.

Lyrna olhou para a proa, onde Alornis e Furelah estavam ocupadas preparando a balista, e resistiu à tentação de mandá-la para baixo.

— Um navio de patrulha? — perguntou ela a Ell-Nestra.

— É bem provável, embora estejam muito distantes da costa para esta época do ano.

Passou-se talvez meia hora de uma espera tensa desde que o *Orca* desapareceu no horizonte enevoadado até o Escudo soltar um grunhido de satisfação e abaixar a luneta.

— O *Orca* deu o sinal de navio capturado e pede que nos aproximemos.

— Então faça isso.

As ordens do Escudo fizeram homens correrem para içar as velas e não tardou para avistarem o *Orca*, de velas recolhidas enquanto balançava ao lado de um cargueiro volariano de casco escuro, mantido perto da embarcação meldeneana por numerosos cabos e escadas de abordagem. Lyrna podia ver vários meldeneanos no convés volariano, parados atrás de uma pequena fileira de prisioneiros ajoelhados, todos vestidos de cinza, com exceção de um. *Um homem de vermelho*, ponderou Lyrna quando a aparência do prisioneiro ficou mais nítida. *No meio do oceano e sem escolta.*

— Traga aquele a bordo — disse ao Escudo, apontando para o homem de vermelho que agora percebia ter uma aparência um tanto esfarrapada; o manto desalinhado e o rosto cinzento pela barda por fazer e pela fadiga. Olhando mais de perto, ela notou certa familiaridade nas feições do homem, uma semelhança com outro vestido de vermelho que teve o azar de cair em mãos meldeneanas. — E faça sinal ao navio que está transportando o Aspecto Caenis — acrescentou Lyrna. — Preciso de um de seus irmãos.

— Quantos anos você tem?

O homem de vermelho olhou para ela com olhos apáticos, suas feições abatidas pela fadiga. Lyrna ordenara que ele fosse levado até a sua cabine, onde agora estava sentado curvado numa cadeira com Iltis de pé atrás dele. O Irmão Verin da Sétima Ordem estava parado perto da porta, um jovem magro de sorriso nervoso que só conseguira responder com um murmúrio ao cumprimento de Lyrna antes de fazer uma medida com tanta pressa que quase caiu. Ela só esperava que o receio do irmão não afetasse o seu dom.

Quando o homem de vermelho continuou a encará-la em silêncio, Iltis colocou uma mão grande em seu ombro e inclinou-se para falar baixo em seu ouvido.

— Responda à Rainha ou vou arrancar o seu couro antes de os piratas o jogarem aos tubarões.

Pelo espasmo de raiva do homem de vermelho Lyrna deduziu que a sua compreensão da língua do Reino era mais do que adequada, mas ainda assim ele

falou em volariano.

— Sou mais velho do que você pode imaginar — disse ele com o tom refinado da classe governante volariana.

— Ah, acho que não — retorquiu Lyrna na língua do Reino. — E fale a minha língua, por favor. Quanto à sua idade, pelo que a sua irmã me contou, estimo que você tenha mais de trezentos anos.

O olhar do homem ficou um pouco mais vívido à menção da irmã.

— A Honorável Cidadã Fornella Av Entril Av Tokrev — prosseguiu Lyrna. — Ela é sua irmã, não? E você é o Conselheiro Arklev Entril. — *Cujo filho tive o prazer de matar há alguns meses*, acrescentou ela mentalmente.

— Você está com a minha irmã? — perguntou ele, mudando para a língua do Reino com um sotaque carregado mas de forma compreensível.

— Não no momento. Mas ela estava bem quando a vi pela última vez, ainda que levemente envelhecida.

— Onde ela está?

— Parece que você não está entendendo o propósito deste encontro, Conselheiro. Não estamos aqui para que eu possa responder às suas perguntas, muito pelo contrário, na verdade. E a nossa primeira ordem do dia é determinar por que um membro do Conselho Governante volariano veio a ser capturado com tamanha facilidade em alto-mar.

Arklev curvou-se mais, o cansaço e a derrota evidentes no suspiro.

— Já não há mais Conselho Governante, apenas o Aliado e a elverah que ele escolheu chamar de Imperatriz.

Lyrna encarou o Irmão Verin. Ele fora cuidadosamente instruído acerca de seu papel, embora suas mãos tremessem um pouco quando tocou o punho com um dedo.

— Elverah significa bruxa ou feiticeira, pelo que me lembro — disse Lyrna.

— O nome começou com ela, que fez por merecê-lo. — Um traço de desafio apareceu nos olhos do volariano quando ele ergueu a cabeça. — Você a encontrou no dia em que ela fez a sua criatura matar o seu irmão.

Lyrna controlou a raiva e a torrente instantânea de lembranças horrendas. *A raiva é perigosa aqui*, ela sabia. *Provocará ações insensatas quando há muito para se ficar sabendo.*

— O Irmão Frentis a matou — disse Lyrna.

— Foi meramente a destruição de uma casca velha. Agora ela tem uma nova.

— E essa criatura tomou sozinha o seu império?

— Ela faz o que o Aliado ordena. Parece que ele chegou à conclusão de que o Conselho era supérfluo às suas necessidades.

— Eles foram mortos?

Ele abaixou a cabeça e assentiu.

— E ainda assim você sobreviveu.

— Eu me atrasei tratando de negócios no dia em que ela atacou. Os Kuritai dela estavam por toda Volar, matando todos que serviam ao Conselho, cada servo, escravo e familiar. Milhares eliminados num único dia. Eu consegui fugir para as docas. Minha família possui muitos navios, mas só havia um no porto e fomos obrigados a zarpar com poucos suprimentos. O navio foi parcialmente destruído por uma tempestade há três dias.

Lyrna viu o Irmão Verin se retesar e lhe lançou um olhar questionador. Estava evidente que o nervosismo dele não passara, mas havia uma convicção em seus movimentos quando tocou o pulso, desta vez com dois dedos.

— Imagino que essa nova Imperatriz esteja perfeitamente ciente de nossas intenções, não? — perguntou Lyrna, virando-se de novo para Arklev.

— Sua invasão é esperada para o verão. Ela está reunindo forças na capital e ordenou que o restante da frota se dirigisse para lá. O plano do Aliado era zarpar para confrontar vocês com mil navios e todas as tropas que pudessem reunir. Ao que parece, ele está impaciente e ansioso para evitar que ocorram mais frustrações.

Lyrna olhou de relance para as mãos de Verin e notou que ele mais uma vez tocava o pulso com dois dedos em vez de um.

— Percebo que fui relapsa — disse ela a Arklev, gesticulando para o jovem irmão — ao não apresentar o Irmão Verin da Sétima Ordem, um rapaz com uma habilidade muito útil. Irmão, relate quais mentiras este homem me contou, por favor.

Verin tossiu, corou um pouco e falou num tom levemente trêmulo:

— Eu... eu creio que ele estava presente quando o Conselho foi destruído. Ele mentiu sobre correr para as docas e embarcar num navio. Mentiu sobre o plano de oposição à invasão.

— Obrigada, irmão. — Ela olhou para Arklev e notou que ele agora estava tenso de medo, mas deixando transparecer também uma resistência determinada, encarando-a com raiva, de maxilar cerrado e a boca fechada com firmeza. — Lorde Iltis — disse Lyrna. — Remova o manto deste homem.

Arklev tentou lutar, debatendo-se contra Iltis com os pulsos agrilhoados e conseguindo somente ser derrubado no convés com uma bofetada e segurado com um joelho pressionado em suas costas. O Lorde Protetor arrancou o manto das

costas do volariano em alguns segundos, revelando um padrão intrincado de cicatrizes recentes que cobriam o seu torso da cintura ao peito.

Lyrna virou-se para o pálido Irmão Verin, que ficou um tanto mais lívido sob o olhar dela e afastou-se um pouco.

— Chame a Senhora Davoka, por favor — disse ela ao irmão. — Ela saberá o que trazer.

CAPÍTULO DEZ

Frentis

A Varikum ficava sobre uma colina baixa, uma fortaleza vasta de pedra com cinco bastiões circulares interligados. Eles haviam sido obrigados a esperar durante três dias nas colinas ao sul até que uma caravana aparecesse; vinte carroções transportando mantimentos e escravos novos para serem treinados. O comboio estava bem protegido com uma mistura de Varitai montados e mercenários Espadas Livres. Felizmente, tudo indicava que notícias sobre as táticas preferidas do Irmão Vermelho não haviam atravessado o oceano, pois eles reagiram da forma mais previsível ao avistarem um grupo de escravas aterrorizadas andando pela estrada. A pessoa no comando da guarda do comboio despachou de imediato os Espadas Livres a cavalo para investigar, sem se preocupar em proteger os flancos da coluna de maneira adequada. Frentis aguardou que os Espadas Livres cercassem as garotas e assistiu enquanto Lemera contava entre lágrimas a história de seu pobre senhor assassinado, caindo de joelhos diante do terror daquilo tudo. O Espada Livre que liderava os cavaleiros cometeu o erro de desmontar para erguê-la, segurou a cabeça da garota e a virou de um lado para outro, avaliando-a, e então cambaleou para trás quando a faca oculta de Lemera abriu o seu pescoço.

Os arqueiros cuidaram dos outros Espadas Livres, uma nuvem de flechas caindo sobre eles das rochas ao redor, e as garotas atiraram-se sobre os que ainda estavam vivos, caídos na estrada, as adagas subindo e descendo num frenesi. Frentis conduziu a pé o grupo de escravos libertos treinado por Illian contra o flanco do comboio, com Retalhador e Dente Negro indo na frente, cada cão arrancando um Varitai da sela. O destino da coluna foi selado quando Mestre Rensial e sua dúzia de combatentes montados investiram contra a retaguarda, despachando rapidamente os defensores restantes. O capataz do comboio foi o último a tombar, um sujeito tipicamente corpulento, de pé no carroção da frente, estalando o chicote furiosamente sem nenhum sinal aparente de medo contra os cavaleiros que o cercavam. Illian abaixou-se sob o chicote e saltou para o carroção, decepando um dos pés do homem e arrancando com destreza o chicote de sua mão enquanto ele caía. Na Martishe, eles sempre se empenharam em capturar vivo qualquer capataz; os escravos recém-libertados costumavam apreciar isso.

Os escravos somavam mais de trinta pessoas, a maioria homens, sentados com

grilhões em carroções enjaulados no meio da coluna. Havia também meia dúzia de mulheres, escolhidas pela juventude e pela força.

— Os espetáculos são mais populares quando oferecem certa variedade — explicou Lekran. — É uma tradição colocar mulheres para enfrentar feras em homenagem a mitos antigos. Os volarianos descartaram os seus deuses, mas mantiveram boa parte das histórias, especialmente as sangrentas.

Frentis ficou feliz ao ver que a maioria dos escravos era gente do Reino, com alguns alpiranos de pele escura do Império Meridional. Pelo tratamento dispensado ao capataz, também estava claro que dariam recrutas dispostos.

— Você agiu bem — disse Frentis a Lemera, que estava agachada sobre o corpo de um Espada Livre enquanto o livrava de quaisquer itens úteis ou brilhantes. Ela respondeu com um sorriso acanhado que desapareceu num estremecimento ao ouvir o grito do capataz. — A liberdade é uma estrada difícil — disse Frentis a ela antes de ir encontrar Trinta e Quatro.

— Você está satisfeito com o seu papel nisso?

Oito olhou para os dois companheiros ex-Varitai e assentiu. Nos dias seguintes à libertação, eles passaram muitas horas de dor insones à medida que a ausência do karn cobrava o seu preço. Contudo, também trouxe de volta uma luz aos olhos deles, além de uma tendência de olhar para o céu ou a paisagem, como se as vissem pela primeira vez. Eles falavam pouco e Frentis começara a se perguntar se eles realmente compreendiam a situação em que se encontravam, mas agora ele via uma consciência no olhar dos volarianos, assim como uma sensação de certeza.

— Libertaremos tantos Varitai quanto pudermos, mas não podemos libertar todos — prosseguiu Frentis. — Compreende?

Oito assentiu mais uma vez e falou devagar, com uma voz rouca e formando palavras com cuidado deliberado:

— Nós estávamos... mortos. Agora... estamos vivos. Faremos outros... viver.

— Sim. — Frentis ergueu a espada tirada de um Varitai morto e a entregou a Oito. — Muitos outros.

A breve conversa de Trinta e Quatro com o capataz revelou que Varikum era protegida por não menos do que sessenta Varitai, complementados por uma dúzia de capatazes. Por sorte, eles se dedicavam principalmente à defesa interna e mantinham apenas alguns para proteger o lugar contra uma incursão.

— Garisai são famosos por serem difíceis de se cuidar — advertira Trinta e Quatro. — Eles nunca recebem drogas e não são dominados como os Kuritai.

— Podemos esperar libertar quantos? — perguntou Frentis.

— O capataz estimou mais de uma centena. Mas não espere que todos sejam recrutas dispostos, irmão, ou fáceis de comandar. A vida na Varikum é brutal e curta, muitos perecem no treinamento e poucos sobrevivem à primeira experiência dos espetáculos. Não é raro Garisai enlouquecerem devido às provações.

Frentis olhou para Mestre Rensial, sentado no chão ali perto com a expressão vazia que sempre parecia tomar conta de seu rosto após uma batalha. *Então eles estarão em boa companhia.*

Ele fez Lekran assumir o papel de capataz, vestido de preto e de chicote em punho. Frentis e Mestre Rensial vestiram os trajes de mercenários Espadas Livres e cavalgaram junto ao carroção dianteiro, subindo a encosta até o portão principal da Varikum. A falta de preparação do estabelecimento ficou evidente pelo fato de que o portão já estava aberto, e um homem grande adiantou-se para recebê-los com um olhar irritado.

— Estão atrasados, seus merdas! — rosnou ele a Lekran, e então parou, franzindo o cenho, desconfiado. — Onde está Mastorek?

— Se der para acreditar nas velhas da minha aldeia — disse o ex-Kuritai, levantando-se e tirando o machado que estava escondido debaixo de seu colete —, sofrendo mil anos de tormentos para além do mar infundável. Você irá cumprimentá-lo lá.

O capataz ainda tinha uma expressão de espanto no rosto quando o machado desceu e lhe rachou o crânio.

Frentis esporeou o cavalo adiante com a espada desembainhada e atravessou o portão a galope, matando outro capataz que tentava desesperadamente fechá-lo. Dois Varitai saíram correndo de uma entrada sombreada com as espadas curtas erguidas, e então rolaram sob os cascos do cavalo de Mestre Rensial quando este os atropelou. Frentis desmontou e seguiu ao lado de Lekran quando o ex-Kuritai passou por ele correndo de machado em punho, seguido de perto pelos três ex-Varitai e todos os combatentes de seu pequeno exército, uma vez que Frentis já não via sentido em tentar ser moderado a essa altura.

O exército dividiu-se de acordo com um plano preestabelecido quando chegou à fortaleza interior, Lekran levando metade da força para a direita enquanto Frentis seguia pela esquerda. A resistência era esporádica, mas feroz, com três ou quatro Varitai de cada vez tentando lhes bloquear o caminho, mas eram logo sobrepujados pelo ataque furioso. Oito, junto com Artesão e seus dois Varitai libertos, recebera a incumbência de capturar vivos tantos quanto possível; Artesão passava a sua corda grossa em volta de um e o arrastava para o chão, enquanto os outros se

aproximavam para amarrá-lo. Tiveram pouco sucesso, capturando somente mais sete vivos quando a Varikum foi tomada, seus elegantes e sinuosos corredores de mármore cobertos de sangue de ponta a ponta.

Frentis ordenou ao grupo de Illian que revirasse a Varikum em busca de sobreviventes e então enviou Draker e o povo do Reino disfarçado às ameias com instruções de aparentar que tudo continuava como antes. Ele seguiu para o amplo círculo coberto de areia no meio da fortaleza principal, onde encontrou um aglomerado de homens e mulheres em formação defensiva. Havia se posicionado em três fileiras compactas e disciplinadas, seus rostos fechados e desafiadores, embora as armas consistissem apenas em lanças e espadas curtas de madeira. A areia ao redor deles estava apinhada com os corpos dos capatazes, abatidos pelos arqueiros que haviam ocupado a galeria que dava para a arena. Ao que tudo indicava, o ataque pegara a Varikum no meio de seus treinamentos vespertinos.

— Eles acham que somos bandidos de uma expedição para capturar escravos — comentou Lekran quando Frentis entrou no círculo. — Está difícil convencê-los do contrário.

Frentis embainhou a espada e avançou na direção do grupo, vendo como eles ficaram tensos com a sua aproximação e notando as cicatrizes que ostentavam. Parecia que nenhum havia escapado ileso, quer do chicote, quer de quaisquer tormentos que os veteranos haviam sofrido nos espetáculos. Frentis parou a dez metros deles, procurando algum vestígio de reconhecimento entre os rostos, mas vendo apenas desconfiança.

— Há alguém aqui do Reino Unificado? — perguntou ele na língua do Reino. A resposta foi principalmente uma série de olhares furiosos e perplexos, embora um deles tenha se remexido ao ouvir as palavras, um homem de pele clara um pouco mais velho e com ainda mais cicatrizes do que os outros. Ele tinha a cabeça raspada como os demais e vestia uma roupa folgada que revelava um corpo moldado para o tipo de magreza que só se adquiria com anos de árduo treinamento.

— O último dos marinheiros de água doce morreu há dois dias — disse ele com um sotaque meldeneano. O homem inclinou a cabeça para Frentis, a boca contorcendo-se num leve desprezo. — Eles raramente duram muito tempo.

Mais alguém falou, uma jovem baixa porém musculosa que empunhava uma lança de madeira apontada para os olhos de Frentis.

— Diga a ele que, se pretende nos vender, é melhor estar preparado para sangrar pelo privilégio — disse ela em volariano.

— Eu falo a sua língua — revelou Frentis à mulher, erguendo as mãos abertas. — E viemos apenas para libertá-los.

— Para quê? — retorquiu ela, seu olhar tão furioso quanto antes.

— Isso vocês é que decidirão — respondeu Frentis.

Ao todo, duas dúzias de Garisai libertos decidiram ir embora, o meldeneano entre os primeiros a partir.

— Sem querer ofender, irmão, mas para o raio que o parta com a sua rebelião — disse ele num tom afável no portão, erguendo um saco cheio de objetos de valor e provisões. — Participei de dois espetáculos e isso é sangue suficiente para qualquer vida. Vou para o litoral, onde vou encontrar alguma coisa que flutue e navegar para as Ilhas. Imagino que a minha esposa provavelmente já encontrou outro idiota a essa altura, mas, ainda assim, lar é lar.

— Seu povo se aliou a nós — observou Frentis. — Os Senhores Marinheiros concordaram com um tratado formal.

— É mesmo? Então para o raio que os parta também. — Ele deu um leve sorriso de despedida e partiu correndo para oeste.

— Covarde — murmurou Lekran.

Ou o homem mais sensato que encontro em muito tempo, pensou Frentis, observando-o se afastar.

A jovem do campo de treinamento fora escolhida para falar pelos seus companheiros Garisai e se apresentou como Ivelda. Frentis percebeu certa inimizade tribal pelos olhares atravessados e o sotaque similar ao de Lekran.

— Ela é rotha — advertiu o volariano, seu olhar tornando-se sombrio. — Não se pode confiar neles.

— Othra significa “cobra” na nossa língua — retorquiu a jovem, colocando a mão na espada curta que pegara da pilha de armas apreendidas. — Eles bebem mijo de cabra e se deitam com suas irmãs.

— Se vocês pretendem se matar — disse Frentis quando Lekran empertigou-se, vendo que estava cansado demais para intervir —, façam isso lá fora.

Ele voltou o olhar para o mapa que Trinta e Quatro abrira nos aposentos luxuosos que o capataz principal da Varikum ocupara. Não conseguiram capturá-lo vivo, para irritação dos Garisai libertos, embora tivessem se divertido com o cadáver, e a sua cabeça agora adornasse uma lança cravada no centro do campo de treinamento.

— A guarnição volariana sem dúvida recebeu notícias de nossas atividades a essa altura — disse Trinta e Quatro, batendo num ícone a uns 25 quilômetros a noroeste da Varikum. — Não será difícil seguir o nosso rastro até aqui.

— Nosso contingente? — perguntou Frentis.

— Duzentos e dezessete.

— Não é o suficiente — observou Lekran.

— Covarde fodedor de irmã — disse Ivelda com uma risada de escárnio. — Cada Garisai aqui vale dez Varitai.

— Ele tem razão — disse Frentis. — Precisamos de mais combatentes.

— Se eles vierem para cá, terão que atacar as muralhas para nos capturar — observou Draker. — Isso equilibra um pouco as coisas.

— Não podemos demorar aqui, por mais que eu queira. Além disso, incendiar este lugar será um sinal bem claro de nossas intenções. Talvez até funcione como um chamado àqueles aprisionados. — Ele passou o dedo por um amontoado de colinas a cinquenta quilômetros a nordeste, uma rota marcada com muitas plantações. — Iremos nos virar para enfrentá-los aqui, com sorte num número ainda maior. Preparem-se para partir numa hora.

Eles atacaram quatro plantações em quatro dias, e suas fileiras aumentavam a cada incursão. As propriedades ficavam maiores quanto mais eles seguiam para o interior, com mais escravos e amplas evidências de que os capatazes empregavam um nível de crueldade ainda maior do que o visto no litoral. A maioria dos novos recrutas era composta por pessoas do Reino; os que haviam nascido em cativeiro mostravam-se menos dispostos a abandonar uma vida inteira de servidão, em alguns casos até lutavam para defender os seus senhores. Isso foi particularmente evidente na quarta plantação, onde os escravos mais leais formaram um cordão de proteção em volta da proprietária, uma mulher alta e grisalha vestida de preto da cabeça aos pés, que permaneceu empertigada e com um olhar desafiador enquanto a sua propriedade queimava à sua volta. Os escravos que a protegiam estavam desarmados, mas deram os braços uns aos outros, recusando-se a ceder apesar dos pedidos de Frentis.

— Nossa senhora é bondosa e não merece isso — disse uma das escravas a Frentis, uma mulher de aparência matronal vestida com uma roupa visivelmente menos esfarrapada do que a maioria dos escravos que haviam encontrado. Seus companheiros escravos também estavam vestidos de maneira similar e ele viu poucas evidências de quaisquer cicatrizes. Aquela plantação também era incomum pelo fato de ser a única até então onde não encontraram um capataz sequer, possuindo somente quatro Varitai fora de forma, todos capturados, com exceção de um.

Frentis olhou para a mulher no centro do cordão e percebeu como ela evitava o seu olhar, estoica em sua recusa de notar alguém inferior.

— Sua senhora enriqueceu às custas do trabalho de vocês — disse ele à matrona.
— Se ela é tão bondosa assim, por que não os liberta? Venham conosco e saibam o que é a liberdade.

Foi inútil; todos os escravos permaneceram no lugar e não deram ouvidos a nenhuma outra tentativa de persuasão.

— Mate-os, irmão — disse uma das pessoas do Reino, um antigo ferreiro da primeira incursão, que arreganhou os dentes ao cuspir contra o cordão de escravos.
— Eles nos traem com esse servilismo nojento.

Os outros escravos concordaram com um brado e, notou Frentis, nem todos eles povo do Reino. Os combatentes libertos estavam ficando mais ferozes a cada ataque, cada capataz ou senhor que torturavam até a morte aparentemente aumentando a sede de sangue.

— A liberdade é uma escolha — disse Frentis a eles. — Recolham esses suprimentos e preparem-se para partir.

O ferreiro grunhiu de frustração, apontando a espada para a senhora empertigada.

— E quanto à cadela velha? Meta uma flecha nela e talvez eles recobrem a razão.

O homem cambaleou quando Illian apareceu ao seu lado e lhe acertou um soco ligeiro no maxilar.

— Esta empreitada está sob o comando da Sexta Ordem — disse ela —, e a Ordem não guerreia contra velhas. — Ela levou a mão à espada quando o ferreiro virou-se na sua direção cuspidando sangue. — Questiono o Irmão Frentis de novo e resolveremos isso com aço — prosseguiu Illian numa voz seca e firme. — Agora, junte as suas coisas e mexa-se.

Naquela noite, Frentis viu Artesão libertar os Varitai capturados. Eles haviam parado para passar a noite numa elevação quinze quilômetros ao norte da casa de campo da velha, e os Varitai, que agora chegavam a cerca de trinta indivíduos, haviam estabelecido o próprio acampamento, um pouco afastado da companhia principal. Eles permaneciam um grupo bastante silencioso, uniformes nas expressões de assombro e curiosidade com que encaravam o mundo, e raramente se afastavam de Artesão, lembrando a Frentis gamos recém-nascidos que se aglomeravam em volta de um pai.

Os três prisioneiros estavam sentados no meio do grupo, despidos até a cintura e impassíveis quando Artesão agachou-se ao seu lado com o cantil na mão. Ele mergulhou um junco fino no cantil e tocou com a ponta dele nas cicatrizes dos volarianos, em cada uma das vezes provocando um espasmo de agonia instantânea e

um grito estridente que parecia sempre causar um arrepio intenso, não importando quantas vezes Frentis o ouvisse. Os Varitai ao redor aproximaram-se quando os gritos cessaram, os prisioneiros agora encolhidos aos pés de Artesão. Ele se curvou para tocar um de cada vez, apoiando a mão em suas cabeças até eles piscarem e despertarem para as suas novas vidas, cada rosto uma máscara de confusão.

Isso é um ritual, compreendeu Frentis, observando como todos os Varitai se viraram para erguer as mãos para Artesão, tocando um punho no outro e então os afastando. *Uma corrente partida*, lembrou-se ele de suas lições da língua dos sinais, perguntando-se onde eles a haviam aprendido. Apesar da reverência, Artesão não demonstrava qualquer sinal de estar desfrutando das súplicas dos Varitai, respondendo simplesmente com um leve sorriso, a fronte franzida de tristeza.

— Ele é um sacerdote?

Frentis virou-se e viu Lemera parada ali perto, encarando os Varitai com uma expressão intrigada.

— Não, um curandeiro — respondeu Frentis no seu alpirano hesitante. — Tem... grande poder mágico.

— Você está assassinando a minha língua — disse ela, mudando para volariano com uma risada. — Você a aprendeu no meu país?

Ele se voltou para os Varitai, estremecendo com lembranças que seria melhor se permanecessem esquecidas.

— Eu viajei muito.

— Eu tinha apenas oito anos quando me levaram, mas as lembranças que tenho de casa ainda são nítidas. Uma aldeia na costa sul. O mar era repleto de peixes e azul como uma safira.

— Você voltará um dia.

Ela se aproximou de Frentis, o olhar baixo e pesaroso.

— Não serei bem-vinda lá... arruinada como estou. Nenhum homem fará alguma oferta por mim e as mulheres irão me evitar pela minha violação.

— Parece que o seu povo possui costumes severos.

— Não é mais o meu povo. — Ela indicou com a cabeça os Varitai, que agora ajudavam os irmãos libertados a se levantarem, alguns dizendo palavras de consolo para tranquilizá-los. — Eles são o meu povo agora, e os outros. Você é o Rei de uma nova nação.

— Já tenho uma, e a minha Rainha dificilmente permitiria outra coroa no Reino.

— A irmã disse que você é o maior herói da sua terra. Você não merece ter as próprias terras?

— A Irmã Illian tende a exagerar, e a posse de propriedades é negada aos servos da Fé.

— Sim, ela tentou me ensinar a sua fé. Uma ideia estranha essa de adorar os mortos com tanta devoção. — Lemera sacudiu a cabeça antes de se virar e voltou para o acampamento principal, suas últimas palavras baixas, quase inaudíveis: — Os mortos não podem retribuir esse amor.

Eles chegaram à região das colinas dois dias depois, e já somavam mais de quinhentas pessoas, embora muitas não tivessem armas decentes, cerca de metade delas apenas com porretes ou ferramentas agrícolas. Um número crescente de recrutas era de fugitivos, que escapavam de seus senhores ao ouvirem sobre a grande rebelião conforme aqueles que haviam sobrevivido aos ataques espalhavam as notícias dos feitos da companhia de Frentis. Os fugitivos traziam notícias do terror que os atacantes estavam causando na população livre de Eskethia, as estradas setentrionais estavam agora apinhadas de pessoas vestidas de preto e cinza que buscavam a segurança de terras com mais guarnições.

Frentis os conduziu para o meio das colinas, uma paisagem essencialmente descampada, salpicada de árvores pequenas e marcada pelas pedras monolíticas que adornavam as encostas sinuosas. Ele escolheu um planalto rochoso para o acampamento principal, com vista desimpedida em todas as direções e protegido na extremidade norte por um rio de correnteza veloz. Mandou Mestre Rensial e Illian para fazerem o reconhecimento do terreno a oeste, e eles retornaram após uma cavalgada de dois dias para relatar que uma guarnição volariana os perseguia numa velocidade impressionante, mil soldados numa marcha forçada de oitenta quilômetros por dia.

— Este bando não pode enfrentar mil soldados, Irmão Vermelho — disse Lekran naquela noite. — Os recém-chegados ainda acham que é um jogo e a maioria nunca participou de uma luta de verdade.

— Então é hora de participarem — retorquiu Frentis. — Não podemos fugir para sempre. Levarei os arqueiros para ver se conseguem diminuir um pouco as fileiras deles. Irmã Illian, faça a sua gente começar a empilhar estas rochas em algo que se assemelhe a uma fortificação. Você e Draker ficarão no comando do acampamento até eu voltar. — Ele se virou para Lekran e para a Garisai. — Posso esperar que vocês realizem uma tarefa sem derramar o sangue um do outro?

Ivelda lançou um olhar azedo para Lekran, mas assentiu, e o ex-Kuritai concordou com um grunhido brusco. Eles observaram Frentis desenhar um mapa na terra, escutando com atenção enquanto ele explicava o papel que desempenhariam.

— Muita coisa pode dar errado nisso — disse Lekran.

— Mesmo que não funcione, deve pelo menos acabar com metade deles, e as pessoas aqui terão uma chance ao lutarem. — Frentis levantou-se e ergueu o arco.
— Mestre Rensial, junte-se a mim, por favor.

Eles encontraram uma saliência sombreada para se esconder e observar os Varitai marcharem para as colinas, Frentis usava a sua luneta para avistar os oficiais. Foi fácil identificar o comandante, um homem robusto a cavalo no meio da coluna, sua autoridade evidente nos bruscos acenos de cabeça que dava aos homens mais jovens que ocasionalmente cavalgavam até o seu lado. A coluna estava bem organizada, mas possuía uma vaga fileira conflituosa de Espadas Livres na vanguarda, nos flancos e na retaguarda.

— Esse sujeito é um pouco cauteloso demais para o meu gosto, mestre — comentou Frentis, passando a luneta a Rensial.

O mestre a levou ao olho por um breve momento e então a devolveu, encolhendo os ombros.

— Então mate-o.

Frentis fez sinal para que o Cabo Vinten e Dallin se aproximassem e apontou para o flanco sul da coluna.

— Dallin, você vem comigo e Mestre Rensial. Vinten, pegue os outros e dê a volta. Quando eles acamparem, esperem pelo crepúsculo e matem o máximo de homens nos piquetes que puderem. Assim que terminarem, voltem para o acampamento, não se demorem.

O Guarda da Cidade assentiu, relutante.

— Não parece certo deixar você, irmão.

— Façam isso e ficaremos bem. Agora, vão.

Eles seguiram a coluna até o anoitecer, observando-a se transformar num acampamento quadrado com a velocidade e a precisão desconcertantes dos soldados-escravos volarianos. Vendo o modo como o batalhão inteiro se movia como um animal vivo, Frentis ficou feliz por nunca ter tido de enfrentá-los em campo aberto e assombrado com o fato de Vaelin ter conseguido derrotar tantos em Alltor. *Não me admira que ela achasse que podiam conquistar o mundo inteiro.*

Eles deixaram Dallin com os cavalos a um quilômetro do acampamento volariano e aproximaram-se a pé, seguindo para a fileira de piquetes ao norte. Frentis e Rensial vestiam os trajes dos mercenários Espadas Livres, basicamente idênticos à

vestimenta padrão, porém um pouco menos uniformes na aparência, os peitorais adornados com vários escritos em volariano. Frentis não sabia ler as palavras, mas Trinta e Quatro traduzira o suficiente para indicar que consistiam em várias frases cínicas e fatalistas populares entre Espadas Livres veteranos: *livre em espírito, mas escravo do sangue* era um exemplo típico. Contudo, o traje era similar o bastante aos dos outros Espadas Livres para permitir que se aproximassem do primeiro que viram sem qualquer sinal de alarme.

— Que frio de merda esta noite — cumprimentou ele animado, a fumaça subindo enquanto mijava numa rocha.

Mestre Rensial não falava uma única palavra em volariano, mas repetiu “frio de merda” com uma precisão espantosa antes de se aproximar e cortar a garganta do homem. Eles esconderam o corpo atrás de um rochedo grande e seguiram em frente, chegando até os limites do acampamento sem qualquer interrupção. Varitai estavam postados a intervalos de cinco metros, sentinelas silenciosas que mal se moviam e que também não tentaram detê-los ao rumarem para o interior do acampamento, onde avistaram a grande tenda armada no centro. Frentis ficou consternado ao encontrar dois Kuritai postados do lado de fora da tenda; a cautela do comandante volariano estava se mostrando cada vez mais exasperante. Eles foram até uma fogueira a pouca distância dali, estendendo as mãos para esquentá-las e escutando pedaços da conversa no interior da tenda.

— ... recebemos mais críticas por cada dia que demoramos, pai — dizia uma voz, aflita em sua impaciência juvenil. — Pode apostar que aqueles desgraçados em Nova Kethia já estão lucrando muito com os nossos infortúnios.

— Que lucrem — ouviu-se uma resposta muito mais plácida de uma voz mais velha, irritada e cansada. — A vitória sempre silencia as críticas.

— Você ouviu os batedores ontem. Pelo menos duzentos escravos fugiram só na semana passada. Se não acabarmos logo com essa rebelião...

— Não é uma rebelião! — exclamou a voz mais velha, uma raiva súbita espantando o cansaço. — É uma invasão de estrangeiros sedentos de sangue e você não vai me convencer do contrário. Nunca houve uma revolta de escravos na história do império e a nossa família não terá o nome maculado pela menção de uma. Está me ouvindo?

Uma pausa antes de uma resposta mal-humorada:

— Sim, pai.

A voz mais velha soltou um suspiro cansado e Frentis visualizou o seu dono jogando-se numa cadeira.

— Pegue o mapa. Não, o outro...

Eles esperaram até o sol desaparecer além do horizonte e vários alarmes soarem no perímetro sul, indicando que Vinten seguia as suas ordens com a típica eficiência. Frentis puxou uma faca de arremesso e olhou nos olhos de Rensial.

— Não mate o filho.

Eles correram para a tenda, Frentis sacudindo freneticamente a mão vazia para o sul.

— Honorável Comandante, estamos sendo atacados!

Como esperado, os Kuritai avançaram ao mesmo tempo para lhes bloquear o caminho, enquanto uma praga ecoava do interior da tenda e um rosto largo e grisalho surgia na entrada.

— O que é essa balbúrdia? — perguntou numa voz irritada.

Não tão cauteloso, afinal de contas, concluiu Frentis ao arremessar a faca, que passou por entre os dois Kuritai e atingiu o comandante na garganta. Frentis esquivou-se para o lado quando o Kuritai à direita atacou, sua espada chocando-se com as lâminas duplas ao girar, sua própria lâmina cortando fundo o braço do escravo de elite. O ferimento mal pareceu retardá-lo, e o homem desferiu um golpe veloz com o braço bom contra o peito de Frentis, as espadas colidindo-se com uma chuva de faíscas antes de o irmão segurar a espada curta pelo cabo, colocar um joelho no chão e dar uma estocada para o alto contra a cabeça do Kuritai. A ponta da espada atingiu o volariano sob o queixo, atravessando-o até o cérebro.

Frentis ergueu a cabeça e viu Mestre Rensial dando cabo do outro Kuritai, bloqueando um golpe alto com a espada enquanto sua outra mão cravava uma adaga na brecha que encontrara entre a axila e o peito na armadura do escravo de elite. O mestre recuou quando outra figura saiu da tenda, um jovem alto brandindo uma espada curta com as duas mãos, gritando de fúria e pesar, desferindo golpes frenéticos e sem muita precisão. Rensial esquivou-se de uma estocada mal calculada e arrancou a espada da mão do jovem, derrubando-o com uma bofetada no rosto.

O jovem se arrastou para trás quando Rensial avançou, erguendo as mãos para proteger o rosto, uma súplica quase incoerente por misericórdia brotando de seus lábios ensanguentados. Frentis parou sobre ele e o jovem se encolheu ainda mais, os olhos arregalados de terror.

— Está desonrando o seu pai com essa atitude — disse-lhe Frentis com grave desaprovação, e então inclinou a cabeça na direção de Rensial. — Mestre, creio que é hora de ir.

Como esperara, o ataque de Vinten atraíra atenção para o perímetro sul e eles

seguiram quase sem serem interrompidos ao se afastarem do acampamento, gritando a cada guarda pelo caminho que estavam sofrendo um ataque e que o comandante havia sido morto. Não surtiu muito efeito com os Varitai, mas os Espadas Livres não tardaram a correr para investigar. Somente um tentou lhes bloquear o caminho, um cavaleiro corpulento de meia-idade com o porte comum a sargentos do mundo todo.

— Vocês viram o Honorável Comandante tombar? — perguntou ele, uma fúria sombria visível no seu rosto marcado.

— Dois assassinos — disse Frentis, colocando uma nota de pânico na voz. — Eles mataram os Kuritai como se fossem crianças.

— Acalme-se — ordenou o volariano na sua voz de sargento, franzindo um pouco o cenho ao olhar com mais atenção para Frentis e Rensial, seus olhos demorando-se nas armaduras cobertas de escritos. — De que companhia vocês são? Quais são os seus nomes e patentes?

Frentis olhou em volta e não viu mais ninguém por perto que pudesse ouvir, parando de se curvar de medo e empertigando-se.

— Irmão Frentis da Sexta Ordem — respondeu ele, acertando o lábio superior do sargento com os nós dos dedos. — Estou aqui a serviço da Rainha.

Ele deixou o homem quase inconsciente, mas vivo. Pela sua reação ao ouvir as notícias, Frentis deduziu que ele havia sido por muito tempo subordinado do comandante morto, e o filho poderia se beneficiar bastante de um conselheiro tão leal.

Dallin estava esperando onde o haviam deixado na face leste de um dos maiores rochedos, segurando firme os cavalos apesar da inquietação dos animais com o barulho crescente que vinha do acampamento.

— Cavalgue depressa — disse-lhe Frentis, montando. — Nada de descanso até o sol nascer.

A perseguição volariana mostrou-se mais lenta do que o esperado; a poeira levantada pelos batedores só apareceu bem depois do alvorecer do dia seguinte.

— Na Urlish eles já estariam nos nossos calcanhares a essa altura — comentou Dallin.

Frentis ergueu a luneta para ter uma visão melhor dos perseguidores; trinta homens, andando bem perto uns dos outros.

— Estou começando a suspeitar de que as melhores tropas deles morreram no Reino.

Frentis mandou Dallin ir na frente com instruções para Ivela e Lekran, enquanto ele e Rensial ficavam para deixar alguns rastros óbvios para os volarianos: uma pedra virada, uma tira rasgada de roupa num galho de tojo. Ele esperou até que os cavaleiros estivessem a não mais que um quilômetro e meio de distância e a infantaria pudesse ser vista seguindo-os em fila por uma trilha estreita. Cavalgaram durante algum tempo e pararam no alto de uma colina, suas silhuetas visíveis contra o céu. Frentis podia ver a infantaria com mais clareza agora, uma longa coluna de Varitai deslocando-se numa corrida constante e que de alguma forma ainda conseguia acompanhar o ritmo. Os batedores avançavam numa boa velocidade, e a luneta de Frentis discerniu duas figuras na dianteira, um jovem alto seguido de perto por um homem corpulento com o lábio superior roxo. *A tristeza acaba com a cautela*, pensou ele com satisfação, virando o cavalo mais uma vez para leste.

Avistaram Lekran cerca de duas horas mais tarde, acenando com o machado erguido do alto de um dos rochedos monolíticos, os Garisai surgindo das rochas pelos lados.

— Está tudo pronto? — gritou-lhe Frentis, desmontando e subindo pela face mais escarpada do rochedo.

— A cadela rotha está guardando o flanco sul com metade dos Garisai. — Lekran apontou para o desfiladeiro abaixo, uma fenda estreita na paisagem de uns 150 metros de extensão por quarenta de largura. O desfiladeiro era fechado na extremidade oposta, onde um grupo de combatentes livres montara um acampamento adequadamente óbvio, com fumaça subindo de fogueiras e abrigos simples erguidos entre as rochas. — E a isca foi lançada.

Frentis sabia que aquilo era arriscado; ele só podia esperar que a fúria dos volarianos os impedisse de se perguntarem por que os seus inimigos haviam escolhido um lugar tão ruim para acampar. Contudo, Lekran não via muito risco no plano.

— Os volarianos veem escravos como seres inferiores aos homens — disse ele. — Incapazes de raciocinar de verdade. Confie em mim, Irmão Vermelho. Eles engolirão tudo e nós faremos com que se engasguem.

— E os tojos?

Lekran indicou com a cabeça o local onde os arqueiros de Vinten estavam agachados entre as rochas, pouco depois da extremidade norte do desfiladeiro, cercados por feixes amarrados de tojo. Frentis começou a descer do rochedo.

— É melhor eu assumir a minha posição. Lembre-se de deixar alguns Espadas Livres escaparem.

Ele seguiu para o outro lado do desfiladeiro, onde encontrou Illian

supervisionando os preparativos.

— Eu lhe disse para aprontar o acampamento principal, irmã — disse Frentis, aborrecido.

— Draker tem tudo sob controle — retorquiu ela, olhando-o nos olhos sem sinal de arrependimento. — E já que treinei essa gente, não estou disposta a deixar que enfrentem uma batalha sem mim.

Frentis resistiu ao impulso de mandá-la sair dali. Illian tornava-se cada vez menos reverente com o passar dos dias, exercendo certa flexibilidade ao interpretar as ordens dele e com frequência mais do que disposta a defender a própria opinião. Ele sabia que não era necessariamente algo ruim. Sempre chegava um momento na Ordem em que os noviços deixavam a sombra de seus mestres, mas Frentis esperara que com ela isso levasse mais tempo; Illian ainda tinha muito a aprender e ele temia as consequências da ignorância dela.

— Fique perto de mim — disse ele. — Desta vez no máximo a um braço de distância. Entendido?

A atitude desafiadora dela se abrandou um pouco e Illian assentiu, erguendo a besta e encaixando um virote antes de colocar outro entre os dentes no que agora era reconhecido como um ritual pré-batalhas.

— Irmão! — Dallin estava no alto de um rochedo apontando para a abertura do desfiladeiro voltada para oeste, onde a cavalaria volariana surgira.

— Vocês conhecem o plano! — gritou Frentis para os outros enquanto se preparavam, brandindo armas variadas e posicionando-se numa fileira sem uma ordem muito definida.

A maioria era de seus combatentes originais da Urlish, misturados com os recrutas mais habilidosos conseguidos durante a marcha, com Artesão e os seus Varitai entre eles, carregados de cordas e porretes. Todos haviam amarrado panos úmidos sobre as bocas, algo que ele esperava que os volarianos interpretassem como um esforço para não serem reconhecidos.

— Temos que resistir à primeira investida — prosseguiu Frentis. — Quando as fileiras deles se desfizerem, formem pares e abram caminho até o centro do desfiladeiro.

Os volarianos pararam a oitenta metros de distância e começaram a entrar em formação. Era evidente que estava ocorrendo uma discussão acalorada no centro da fileira deles, e Frentis reconheceu a figura alta do filho do comandante, que batia boca com o sargento corpulento, gesticulando com impaciência para a gentilha de escravos celerados que aguardava. *Atacar ladeira acima a cavalo em terreno irregular*, ponderou Frentis, observando o sargento ser calado aos gritos e o filho do

comandante sacar a espada, apontando para o homem. *Seu pai sem dúvida teria ficado envergonhado, Honrável Cidadão.*

Frentis virou-se para Illian quando os volarianos atacaram em disparada, espalhando pedras ao subirem com dificuldade a encosta.

— O sujeito grande ao lado do homem alto, irmã, por favor.

O virote foi disparado assim que ela levou a besta ao ombro, subindo e descendo num arco calculado com perfeição e cravando-se no peitoral do sargento antes que os cavaleiros tivessem percorrido metade do caminho; a forma corpulenta desabou da sela e permaneceu imóvel no solo rochoso. Illian moveu-se com uma velocidade natural para recarregar a besta e grunhiu ao apoiar a coronha no diafragma, preparando outro virote na arma e segurando mais um entre os dentes, tudo em menos de três segundos, um feito que Frentis jamais viu alguém igualar. A corda da besta zuniu de novo quando os cavaleiros chegaram a quinze metros de distância, e um Espada Livre caiu no chão com um virote fincado no elmo.

Frentis se pegou sentindo uma admiração relutante pelo modo como o filho do comandante avançava, as esporas entrando nos flancos do cavalo enquanto ele se esforçava para alcançar o assassino de seu pai, o ódio cego e a fúria estampados em seu rosto, tentando desfazer a vergonha com coragem, uma coragem que o deixava alheio ao fato de que o solo havia desordenado a sua companhia e que ele deixara os seus homens para trás para atacar sozinho.

Frentis correu para o rochedo mais próximo, o volariano tomado pelo ódio agora a menos de três metros dele, virando-se para interceptá-lo. Ele saltou para o alto do rochedo, o que o deixou na altura do filho, e desferiu um golpe giratório que se chocou com a espada de cavalaria de lâmina longa, estilhaçada pela lâmina da Ordem acima do punho. O volariano parou o cavalo e tentou virá-lo, tateando em busca da espada curta extra presa à sela, e então arqueando as costas quando o virote da besta de Illian cravou-se nelas.

Ela correu quando o filho do comandante caiu, segurando-o no chão com uma bota no pescoço e erguendo a adaga.

— Deixe-o — disse Frentis, aproximando-se e batendo com o pomo da espada na têmpora do volariano, deixando-o desacordado. — Veremos o que ele tem a dizer mais tarde.

Frentis olhou para a cena ao redor, sentindo um orgulho indulgente no modo como a investida volariana fora anulada com sucesso; os combatentes saltavam das rochas e arrancavam os cavaleiros das selas enquanto os Varitai de Artesão derrubavam cavalos com cordas ou desmontavam homens e se aproximavam para golpear com os porretes. Estava acabado dentro de poucos momentos; uma dúzia de cavalos sem

cavaleiros trotaram de volta para as profundezas do desfiladeiro, cada volariano morto ou capturado. Eles mesmos tiveram poucas baixas, quatro mortos e dez feridos. Porém, a verdadeira batalha ainda não começara.

Os Varitai aproximavam-se com uma indiferença típica, embora o massacre sofrido pela cavalaria Espada Livre tivesse claramente alarmado os seus oficiais pelo modo como esporearam os cavalos até a retaguarda da coluna, ao mesmo tempo que ordenavam que o batalhão avançasse. Os Varitai se espalharam para formar uma linha ofensiva com quatro companhias, cada uma com quatro fileiras compactas, a primeira avançando com o seu ritmo impecável e inquietante, as lanças de lâminas largas apontadas na altura da cintura.

Quando os Varitai haviam percorrido dois terços da extensão do desfiladeiro, os arqueiros levantaram-se de seus esconderijos e começaram a trabalhar. Apesar de não serem muitos, a essa altura as suas habilidades estavam bem aprimoradas; a chuva de flechas foi esparsa porém mortal ao abater uma dúzia de Varitai a cada saraivada, mas, como sempre, os soldados-escravos mal pareciam notar, avançando naquele passo inabalável, com somente o mais leve sinal de desarmonia em suas fileiras.

O primeiro fardo de tojo flamejante voou em arco da parede do desfiladeiro e caiu bem diante da primeira fileira, erguendo uma fumaça branca, e foi rapidamente seguido por mais até parecer que caíam do céu enormes granizos em chamas. Uma cortina de fumaça logo cobriu o fundo do desfiladeiro de ponta a ponta, e os Varitai foram ocultados pela neblina sufocante.

Frentis prendeu o pano úmido sobre a boca e ergueu a espada, virando-se para dirigir-se aos combatentes ao redor:

— Lutem bem e que os Finados guiem as suas mãos!

Eles investiram num grupo compacto, correndo às cegas em meio à fumaça e chocando-se com a vanguarda da companhia de Varitai, o ímpeto da investida suficiente para fazê-los atravessar as quatro fileiras; Frentis e Illian moviam-se numa dança circular, matando Varitai por todos os lados. Logo tudo havia se transformado num tumulto de metais entrechocando-se e de gritos de dor ou fúria. Às vezes eles se viam numa multidão de oponentes, empurrando e golpeando enquanto tropeçavam sobre os mortos; em outros momentos a resistência desaparecia por completo e ficavam isolados num mundo de fumaça branca à medida que a cacofonia da batalha prosseguia invisível por toda parte. Frentis tinha vislumbres dos Varitai libertos em ação, derrubando os irmãos escravizados e golpeando-os até deixá-los inconscientes. No entanto, o que mais via era cenas de matança, os Garisai realizando a sua tarefa com toda a habilidade e a fúria aprendidas na Varikum. Frentis se pegou distraído por um momento pela visão de Ivela e dois outros Garisai sendo erguidos pelos

companheiros e arremessados sobre uma fileira de Varitai, girando no ar feito acrobatas na Feira de Verão e aterrissando para atacar o inimigo pela retaguarda.

— Irmão!

O aviso de Illian chegou tarde demais por uma fração de segundo, e Frentis girou nos calcanhares, deparando-se com um oficial Espada Livre que surgia a todo o galope da fumaça, perto demais para que pudesse se esquivar dele. Saltou então para a frente, agarrando o freio do cavalo e passando as pernas em volta do pescoço do animal. O cavalo empinou quando o cavaleiro golpeou Frentis com a espada. O golpe não foi bem direcionado, mas deixou um corte superficial em seu antebraço, forçando-o a se soltar. Frentis caiu com força no solo rochoso e perdeu o fôlego com o impacto. Ele rolou, tentou levantar-se e encheu a garganta com o ar carregado de fumaça, engasgando-se. O Espada Livre era um cavaleiro muito mais habilidoso do que o filho do comandante e virou o cavalo numa rápida demonstração de perícia, investindo com a espada preparada para um golpe decapitador contra o pescoço de Frentis.

A faca arremessada por Illian perfurou o rosto do cavaleiro logo acima da correia do queixo do elmo, forçando-o a virar o animal, mas ainda assim o flanco do cavalo chocou-se com Frentis tão logo ele conseguiu levantar-se, derrubando-o mais uma vez. Ele engoliu mais ar contaminado e forçou-se a ficar de pé, procurando de forma frenética pelo cavaleiro, mas vendo que a sela agora estava vazia. Seus olhos avistaram um movimento vago de sombras em meio à fumaça, a quatro metros dali, e ele correu na direção delas, onde encontrou Illian enfrentando o Espada Livre que fora derrubado do cavalo. Apesar da faca cravada na face, o volariano atacava a irmã com uma série de golpes habilidosos, a sua espada longa de cavalaria um borrão enquanto avançava, os dentes arreganhados no rosto ensanguentado. Illian aparou cada golpe e saltou, desferindo um chute na lateral do rosto do homem, enfiando a faca ainda mais fundo. O volariano cambaleou para trás, o sangue escorrendo grosso de sua boca ao cair de joelhos e olhar para Illian, a fúria dissipada agora que havia uma súplica desesperada em seus olhos.

Frentis parou para tomar fôlego, os sons da batalha diminuindo ao redor deles junto com a fumaça, revelando a ruína do batalhão Varitai, as fileiras organizadas rompidas, restando poucos focos de resistência. Nem mesmo eles conseguiam permanecer em formação ao serem cegados.

Frentis parou ao lado de Illian, que observava o volariano morrer.

— Matar sem necessidade é contra a Fé — explicou ela em resposta à sobranceira erguida de Frentis.

— Sem dúvida, irmã — disse Frentis, apertando rapidamente o ombro dela antes de ir procurar Lekran e garantir que alguns sobreviventes pudessem fugir. — Sem

dúvida.

Ela sente o retorno dele com uma torrente de alegria, imaculada pela inimizade feroz que toma conta da mente dele. Os longos dias de sua ausência foram árduos. Fora difícil dominar a solidão, antes uma sensação há muito esquecida, que agora provocava uma dor desesperadora quando ela se entregava às lembranças do tempo glorioso que passaram juntos. Em vez da voz, desta vez ele oferece uma visão, e pela clareza ela conclui que ele passou muito tempo vendo aquela cena, tentando capturar cada detalhe. Ela deduz que o seu retorno não é acidental e que qualquer artifício que ele vinha usando para ocultar os seus sonhos havia agora sido removido; ele quer que ela veja.

Mil ou mais Varitai e Espadas Livres jazem mortos num desfiladeiro, em algum lugar na região das colinas a leste de Nova Kethia, a julgar pela paisagem. Pessoas em armaduras descombinadas andam por entre os mortos dando cabo dos feridos e recolhendo armas. Ela se vê dando um sorriso jocoso. Você obteve uma vitória, amado, diz a ele. Que encantador. Eu procurava alguma desculpa para executar o governador de Eskethia.

A inimizade fica mais intensa, os pensamentos transformam-se em palavras, o seu coração palpita ao som da voz dele. Venha me enfrentar. Terminaremos isso.

Ela suspira, passa a mão pelo cabelo e seu olhar recai sobre o oceano cinzento que se estende para além do penhasco. Está começando a chover; o litoral noroeste sempre é úmido no inverno, embora as águas estejam mais calmas do que o esperado. Seus escravos aproximam-se correndo e trazem um toldo, ansiosos para proteger a Imperatriz das intempéries. Ela os dispensa com um aceno irritado. São escravos experientes, atentos ao extremo; porém, para uma mulher acostumada à privação e ao perigo, a sua devoção pelo conforto dela é irritante, deixando pouco pesar pelo destino iminente deles.

Sinto muito, amado, diz a ele, os olhos agora fixos no horizonte e o coração batendo mais rápido com a alegria da expectativa. Mas tenho assuntos a resolver aqui. Você terá que se entreter com os meus escravos por mais algum tempo.

A inimizade diminui, transformando-se numa curiosidade relutante. Ela ri, jubilante, quando os primeiros mastros surgem no horizonte, e ergue os olhos para o céu repleto de nuvens. Ela faz sinal para que o capitão de sua escolta se aproxime, um Arisai como os outros, promovido graças à sua brutalidade levemente mais controlada.

— Mate os escravos — diz a ele. — Além disso, passamos por uma aldeia a

alguns quilômetros. Não pode haver testemunhas de minha presença aqui. Cuide disso.

— Imperatriz. — Ele faz uma mesura, com uma expressão de quase adoração, ainda que, tal como os outros, a crueldade raramente esteja ausente de seus olhos. Ele se vira e anda na direção dos escravos, sacando a espada.

Os membros dela estremecem ao se virar de volta para o mar, alheia aos gritos ao invocar o dom. Ela lamenta um pouco a necessidade de fazer isso, pois se acostumou àquela casca. Contudo, outra a aguarda em Volar, um pouco mais alta, embora não tão atlética.

É preciso cumprir as formalidades, meu amado, diz a ele, erguendo os braços e concentrando-se nas nuvens, observando-as dançar em resposta ao dom. É hora de uma imperatriz receber uma rainha.

CAPÍTULO ONZE

Vaelin

A tempestade seguinte durou mais tempo do que a primeira, dois dias inteiros de avanço difícil por trás do escudo criado pelo dom de Cara. O esforço constante a forçara a reduzir o alcance do escudo, obrigando todos a se moverem num grupo compacto, os guardas de Orven andando ombro a ombro com os Senthar de Alturk. Apesar de todo o acotovelamento e proximidade indesejada, não houve problemas; a ferocidade da tempestade que os cercava deixava pouco espaço para outras preocupações. Cara começou a vacilar no segundo dia, caindo de joelhos diversas vezes e só conseguindo manter o escudo ao dividir o poder com Kiral e Marken ao mesmo tempo. Ao anoitecer, todos os outros dotados já haviam dividido ao ponto de desmaiarem, e Cara estava quase inconsciente, murmurando em delírio enquanto escorria sangue de seu nariz e olhos.

— Temos que acabar com isso! — gritou Lorkan a Vaelin, mal conseguindo manter-se de pé. — Ela vai morrer se continuarmos.

Vaelin virou-se para Urso Sábio com um olhar questionador. O velho xamã franziu o cenho e abriu caminho até a extremidade da companhia, esticando o cajado para fora do escudo na fúria branca e uivante do lado de fora.

— Vento diminui, mas devagar — disse ele. O xamã hesitou, olhou para Cara e então se empertigou, decidido. — Fazer círculo, cavalos do lado de fora. Cobrir toda a pele, ficar bem juntos.

Foram necessárias algumas manobras desajeitadas para posicionar os cavalos e os pôneis num círculo, e a essa altura Cara havia enfraquecido ainda mais.

— Pare agora, Passarinha — disse Urso Sábio, mantendo o seu hábito de ignorar os nomes deles e usar os que escolhia.

— Não posso — sussurrou ela, os olhos fechados e escorrendo sangue. — A tempestade... o preço.

— Tempestade diminui — disse o xamã, colocando a mão na testa dela. — Pare agora.

Cara gemeu, piscou por um momento... e o escudo caiu.

O frio foi como uma martelada, arrancando um gemido de dor de cada garganta ao mesmo tempo que os viajantes encolhiam-se sob o seu peso, aninhando-se numa

necessidade instintiva. Vaelin segurou firme as rédeas de Cicatriz enquanto Dahrena lhe abraçava a cintura e Kiral encolhia-se contra as suas costas, entoando em voz baixa, em lonak, as palavras desconhecidas, mas com um tom ritmado familiar: canção de morte. Os cavalos e os pôneis gritaram quando o vento os açoitou, alguns pinoteavam e empinavam, aterrorizados, arrebatando as rédeas que os seguravam e fugindo para dentro da tempestade. Cicatriz bufou e bateu os cascos no chão, retesando as rédeas nas mãos de Vaelin ao soltar um relincho alto de protesto, ameaçando arrancá-lo da companhia. Vaelin rangeu os dentes e puxou as rédeas com força, trazendo o cavalo para mais perto e pressionando a si mesmo e a Dahrena contra o flanco do animal na esperança de que o pouco de calor pudesse tranquilizá-lo. Cicatriz relinchou de novo, mas se acalmou, provavelmente mais pelos efeitos debilitantes do frio do que por qualquer lealdade instintiva.

O tempo pareceu estender-se enquanto eles suportavam o ataque da tempestade, cada segundo um teste de resistência. Os cavalos começaram a morrer após a primeira hora, desabando numa exaustão silenciosa, os cavaleiros encolhendo-se atrás dos cadáveres que logo congelavam. Vaelin podia ouvir outras vozes lonaks erguidas na mesma cadência ritmada, mais canções de morte proferidas ao vento, desaparecendo à medida que os minutos intermináveis se prolongavam.

Ele começara a se curvar quando sentiu a tempestade amainar, como se o frio de uma lâmina tivesse sido removido. Solto as rédeas de Cicatriz e abafou um grito de dor quando sentiu a vida voltar aos dedos parcialmente congelados. Dahrena mexeu-se ao seu lado, um sorriso cansado visível em meio ao amontoado de peles. Para seu espanto, Cicatriz ainda estava vivo, ainda que tivesse caído de joelhos e a neve houvesse se acumulado em seus flancos; ele piscou olhos doloridos quando Vaelin lhe coçou as orelhas.

Ao examinarem os animais, encontraram metade dos pôneis lonaks mortos, assim como um terço dos cavalos dos guardas. Quatro dos Senthar também haviam morrido, todos guerreiros veteranos com dez anos ou mais do que os seus companheiros. No que parecia ser um costume lonak, Alturk recolheu os pertences e os distribuiu entre os outros Senthar quando se reuniram ao redor dos corpos. Nada foi dito; a única estima visível pelos mortos foi um olhar breve para os cadáveres antes de se afastarem.

Vaelin foi para o lado de Urso Sábio, observando enquanto o olhar do xamã percorria o gelo por todos os lados, a preocupação estampada no rosto franzido.

— Qual direção? — perguntou Vaelin.

Urso Sábio continuou a examinar o gelo por mais um momento e então baixou os olhos.

— Nenhuma.

— Mas o preço...

— Gelo se quebra por toda parte. — O xamã fez um movimento circular com o cajado de osso. — Nenhum lugar para andar. Dessa vez, nós todos pagamos preço.

Eles acamparam e esperaram, o povo do Reino encolhido em volta de suas fogueiras, os lonaks ocupados em cortar a carne dos pôneis e dos cavalos mortos. Afinal, carne não devia ser desperdiçada no gelo. O já familiar estrondo de gelo se partindo foi ouvido logo após o nascer do sol. O som perdurou por muito mais tempo do que antes, o gelo dando plena vazão ao seu tormento quando paredes de névoa branca se ergueram de todos os lados. Eles sentiram o gelo se mexer de forma abrupta sob os pés e o céu pareceu balançar enquanto o campo inteiro rachava num raio de quilômetros num crescendo retumbante. O silêncio subsequente pareceu imenso; todos os membros da companhia haviam caído de joelhos e olhavam ansiosos em volta na expectativa do clímax de alguma calamidade. Contudo, nada ocorreu. O gelo balançava suavemente debaixo deles, a paisagem gelada ao redor movendo-se num curso lento porém constante para leste.

Vaelin juntou-se a Urso Sábio na beira do fragmento onde agora estavam ilhados, e olhou para baixo, para a fenda cavernosa entre eles e o pedaço de gelo mais próximo, tão funda que não era possível avistar a água do mar abaixo.

— O gelo é bondoso — disse o xamã numa voz surpreendentemente calma.

— Bondoso? — perguntou Vaelin.

— Ilhas a leste. — Um leve sorriso surgiu no rosto envelhecido de Urso Sábio. — Lar.

* * *

O tempo permaneceu calmo durante a semana seguinte enquanto eles se acostumavam à vida no seu novo lar. O pedaço de gelo tinha 230 metros de ponta a ponta, permitindo que montassem um acampamento mais espalhado e, graças à tempestade, eles estavam bem guarnecidos de carne de cavalo. Ocasionalmente o gelo colidia com um de seus vizinhos e estremecia com o impacto, mas até então não começara a rachar. Para Vaelin, os dias cada vez mais curtos eram mais preocupantes do que o fato de não poderem se mover; a Noite Longa se aproximava e ele não tinha ilusões quanto às suas chances quando chegasse.

— Você não tinha escolha — disse-lhe Kiral certa manhã. Ele havia ido até a beira do pedaço de gelo, no que havia se tornado uma espécie de ritual diário. Eles estavam tão ao norte agora que Avensurha podia ser vislumbrada apenas durante um breve momento entre o crepúsculo e o nascer do sol, brilhando com mais intensidade do que ele jamais vira. *Nenhuma guerra pode ser travada sob a luz trazida por ela.* Apenas outra antiga ilusão, ele sabia. Vida, morte, amor, guerra. Tudo se desenrolaria naquele mundo até o fim dos tempos e Avensurha não se importava. Era apenas uma estrela.

— Essas pessoas me seguiram — disse Vaelin. — Para a morte, ao que parece.

— A canção chamou e você respondeu. E a sua jornada ainda não terminou.

Ela falou com uma autoridade calma, mas Vaelin não pôde conter o ceticismo, gesticulando para o gelo que se movia lentamente ao redor deles.

— Ela tem algum aviso sobre isso?

— Ela tem emitido uma nota de aviso desde que começamos essa jornada. Mas também há certeza nela. Estamos no caminho certo. O homem eterno aguarda a nossa chegada. Eu sei.

Avistaram a primeira ilha quatro dias depois, uma pequena elevação coberta de neve, alguns quilômetros ao sul, e várias primas maiores apareceram no dia seguinte. As colisões do pedaço de gelo aumentaram à medida que a banquisa era constringida pelos canais em meio às ilhas. Após muitas horas de constante estremecimento e um estrondo ominoso que sacudiu o gelo sob os seus pés, a ilha parou por completo.

Urso Sábio os conduziu através da paisagem gelada e agora fendida até a ilha mais próxima, mais alta do que as outras e com rochas nuas que saíam de suas encostas cobertas de neve. O xamã ficou taciturno ao darem a volta na costa sul da ilha, chegando por fim até um agrupamento de cabanas sob um penhasco alto. Tinham formas cônicas, as paredes construídas com couro de foca sobre uma estrutura de ossos e madeira, e pelo mau estado ficou evidente que estavam desocupadas havia muito tempo. Em muitas faltava couro e outras estavam parcialmente em ruínas pela ação constante das intempéries.

— Você conhece este lugar? — perguntou Vaelin ao xamã.

— Acampamento de caça do Povo Urso — respondeu ele, imóvel e com o rosto inexpressivo.

— Poderíamos seguir em frente — sugeriu Vaelin, sentindo a relutância do homem. — Encontrar outra ilha.

— Mais próxima a dois dias daqui. — Urso Sábio avançou, movendo-se com determinação e apontando o cajado para o norte. — Mais tempestade vindo. Descansar aqui até passar.

Eles consertaram as cabanas o melhor que puderam, usando couro de cavalo para cobrir as fendas, e a noite chegou depressa, trazendo consigo um vento cortante. A essa altura eles já estavam acostumados com o temperamento do gelo, com a velocidade com que uma tempestade podia chegar, e isso fez surgir um novo nível de cooperação entre os Senthar e os guardas de Orven. Trabalhavam juntos com uma eficiência silenciosa, aparentemente sem deixar que a barreira da língua fosse um empecilho.

— O gelo já fez todos os homens irmãos — disse Urso Sábio aquela noite.

Consertaram cinco cabanas, o suficiente para abrigar a companhia inteira da tempestade que uivava do lado de fora, e os cavalos sobreviventes foram reunidos numa única cabana com o pouco de forragem que restava. O xamã estava sentado ao lado da fogueira no meio da cabana, a fumaça subindo até um pequeno buraco no telhado enquanto ele entalhava um novo símbolo no cajado de osso.

— A Noite Longa era mais longa antigamente, durava anos, não meses — prosseguiu ele, os olhos fixos na ponta da faca que marcava o osso. — Sem tribos, apenas um povo, unido pela Noite Longa. Quando passou, um povo virou três, não mais irmãos.

Ele parou para assoprar o pó de osso do cajado, revelando um padrão irregular de pontos, cada um ligado por uma linha.

— O que significa? — perguntou Cara, inclinando-se para a frente. Ela ainda estava magra de forma alarmante, mas recuperara boa parte das forças durante o tempo que passaram no pedaço de gelo, embora Vaelin duvidasse que ela pudesse resistir por tempo suficiente para protegê-los da tempestade no caminho.

Urso Sábio franziu o cenho, procurando as palavras certas.

— Uma história agora contada — respondeu ele por fim, passando os olhos pelos dotados. — História de jornada e união. Quando tempestade passar, fazemos nova história, de aprendizado e luta.

Urso Sábio os conduziu para o sudeste três dias depois, as ilhas aumentando em tamanho e número a cada quilômetro percorrido, algumas até mesmo com árvores ou arbustos ocasionais quanto mais para o sul seguiam. Entretanto, havia pouco que pudesse alimentar os cavalos e, acabada a forragem, logo restava somente Cicatriz, arrastando-se atrás de Vaelin de cabeça cada vez mais baixa.

Quando a escuridão desceu, Urso Sábio reuniu os dotados, tentando transmitir um pouco dos seus conhecimentos, embora a agitação do xamã, a ignorância deles e o seu domínio ainda rudimentar da língua do Reino tornassem a tarefa frustrante.

— Fale! — ordenou ele a Dahrena, erguendo a mão dela e colocando a palma na própria testa.

— Falar o quê? — perguntou Dahrena, intrigada.

— Não com boca — retorquiu ele, batendo com um dedo na têmpora dela. — Fale uma palavra, aqui.

Dahrena fechou os olhos e concentrou-se, pressionando a mão com força cada vez maior contra a testa do velho, mas ele apenas grunhiu, consternado.

— Chame poder — disse ele. — Não todo. Só pouco poder.

Dahrena suspirou e tentou de novo, retesando-se um pouco, o rosto perdendo a expressão e adquirindo um matiz pálido e familiar.

— Torre! — exclamou Urso Sábio com uma gargalhada de satisfação, e acrescentou: — Pare agora. Não usar demais.

Dahrena tirou a mão da testa do xamã e dobrou os dedos, com um olhar de assombro perplexo no rosto.

— Eu não sabia... Todos os dotados podem fazer isso?

— Todos com poder, sim. Dons mudam, poder não. Tudo uma coisa só. Venham. — Ele reuniu os outros dotados e os levou até os seus gatos guerreiros, que esperavam placidamente ali perto. Urso Sábio apontou para o maior dos gatos, que como os outros ainda tinha o pelo bastante emaranhado, mas estava visivelmente melhor alimentado do que quando foram capturados pelo dom do xamã. — Fale — disse ele a Dahrena. — Dê ordem.

Dahrena aproximou-se da fera com óbvio receio; apesar de toda a calma aparente do gato, ela testemunhara a carnificina causada por Dança da Neve, que geralmente não parecia ser mais ameaçadora do que um filhote grande. Ela parou a um ou dois metros do gato e estendeu a mão com cautela, na direção da grande cabeça felina e fechando os olhos para invocar o seu dom mais uma vez. O gato piscou e então se agachou no gelo e rolou de costas, erguendo as patas. Dahrena deu uma risada de satisfação e ajoelhou-se para passar as mãos na barriga peluda do bicho.

— Todos tentar. — Urso Sábio apontou o cajado para os outros dotados e acenou com ele para os gatos. — Escolher, dar nomes. Seus agora.

Cara avançou com evidente entusiasmo, assim como Kiral, enquanto Lorkan e Marken foram muito mais cautelosos.

— E se eles morderem? — perguntou Lorkan ao xamã, dando um passo curto na

direção de um dos dois gatos restantes.

— Você morre — disse Urso Sábio. — Não deixar morder.

Vaelin voltou o olhar de repente para Kiral quando ela se levantou do lado do gato que escolhera, o menor do grupo e com a orelha esquerda mutilada. O sorriso da lonak desapareceu ao olhar para leste com uma intensidade repentina e ardente.

— Perigo? — perguntou Vaelin, indo colocar-se ao lado dela.

— Uma nova canção. — Ela se retraiu um pouco, sacudindo a cabeça, confusa.
— Muito antiga, muito estranha.

Urso Sábio disse algo na própria língua ao se juntar a eles, com uma expressão cautelosa em vez de temerosa no rosto quando acrescentou:

— Povo Lobo.

Ele os conduziu até outra ilha ao raiar do dia, a maior que haviam visto até então, com grandes extensões de rocha nua e um pequeno aglomerado de árvores e arbustos na extremidade leste. Vaelin colocou Cicatriz para comer as poucas folhas que os arbustos podiam oferecer, e o cavalo de guerra bufou de satisfação ao começar a sua primeira refeição em dias.

— Eu devia ter chamado você de “Força”, não? — perguntou Vaelin, limpando a geada do pelo do cavalo. — Desculpe por tudo o que você sofreu, meu velho.

Cicatriz deu outra bufada e continuou mastigando.

Vaelin encontrou Urso Sábio sentado onde a costa da ilha encontrava-se com o gelo. Garra de Ferro estava sentado ali perto roendo o osso da coxa de um cavalo.

— Nós vamos, outros ficam — disse o xamã. — Povo Lobo não odeia como Povo Gato, mas não vão gostar de muita gente no seu gelo.

— Onde podemos encontrá-los?

Urso Sábio deu uma risada leve ao se virar e começar a caminhar, e Garra de Ferro levantou-se e o seguiu com o osso ainda entre os dentes.

— Eles encontram nós.

Eles seguiram para leste até o céu ficar negro e o fogo verde mais uma vez dançar nele. Urso Sábio descansou num monte de gelo com formato de um pequeno pedestal, olhando para o céu e cantando a sua canção aos ancestrais.

— O que você diz a eles? — perguntou Vaelin quando o xamã se calou.

— Povo Urso ainda vivo. Eu ainda vivo, mas não esperar muito agora.

— Você está tão ansioso assim para se juntar a eles? Para ficar mais uma vez com

a sua esposa?

— Ela comigo agora, observando. — Urso Sábio o olhou de soslaio. — Você acha isso... uma história. Sua palavra... a palavra para história não real.

— Uma mentira.

— Sim. Mentira. Sem palavra para mentira na língua do Povo Urso.

— Uma mentira ainda é uma mentira, mesmo que você não tenha uma palavra para ela. Mas, não, não acho que seja mentira. Acredito que o seu povo, e o meu, criou lendas para compreender melhor um mundo que com frequência não faz muito sentido. E uma lenda se torna a própria verdade com o tempo.

— Lenda é o quê?

— Uma história antiga, contada muitas vezes e mudada cada vez que é contada. Uma história tão antiga que ninguém sabe dizer se realmente aconteceu.

— Você tinha poder, quando nos conhecer. Canção como Garota Raposa, mas mais forte. Isso uma lenda?

— Não, é verdade, de fato. Mas, tal como uma lenda, ela teve um fim.

— Não. — Urso Sábio ergueu o cajado e apontou para as luzes dançantes no céu. — Nada termina de verdade. Lá histórias vivem para sempre.

Ele olhou por sobre o ombro quando Garra de Ferro soltou um rosnado baixo e ergueu-se para farejar o ar.

— Muitos chegam. — O xamã suspirou e levantou-se. — Bando de guerra. Manter mãos vazias.

Os falcões-lanceiros chegaram primeiro; sete das grandes aves desceram das nuvens e os circundaram, ocasionalmente voando baixo o bastante para fazer Vaelin agachar-se. Ele ouvira de Dahrena histórias suficientes para reconhecer o poder mortal dos pássaros, mas ainda assim ficou surpreso com o tamanho deles, calculando que cada um tinha uma envergadura de pelo menos dois metros, os bicos tão longos quanto pontas de lanças e, não pôde deixar de notar, farpas de aço reluzindo nas garras.

— Um xamã controla todos esses falcões? — perguntou Vaelin a Urso Sábio.

— Se for forte o bastante. Eles veem e ele vê. — O xamã olhou para o horizonte a leste, e uma desconcertante nota de presságio pôde ser ouvida em sua voz: — Poucos fortes o bastante para dominar tantos.

Os pontos negros surgiram no horizonte pouco depois, a princípio cerca de uma dúzia, mas logo o número aumentou até Vaelin contar mais de cinquenta. Os pontos transformaram-se em figuras que trotavam ao se aproximarem, movendo-se com rapidez e graça naturais sobre o gelo. Ao chegarem perto, o grupo compacto dividiu-

se e formou um círculo quase perfeito com Urso Sábio e Vaelin no centro. Eles se sentaram encarando os dois com uma indiferença plácida, todos de pelos brancos e maiores do que qualquer lobo que Vaelin já vira, com exceção de um.

Mais pontos logo surgiram no horizonte, movendo-se com menos graça, mas quase com a mesma velocidade. A visão era tão fora do comum que Vaelin a princípio não teve certeza do que era: pares de lobos amarrados em fila e arrastando algo atrás. Conforme se aproximavam, ele percebeu que os lobos puxavam trenós, cada um com três homens, todos armados com lanças e arcos de vara plana similares aos usados pelos seordah. Os lobos que puxavam os trenós eram menores em estatura do que aqueles que os cercavam e visivelmente menos plácidos, rosnando e tentando morder um ao outro quando os trenós pararam. Vaelin contou rapidamente as cabeças à medida que os homens desciam dos trenós; mais de cem, menos do que a sua própria companhia, mas aquele era o gelo deles, e eles tinham lobos e falcões.

Os guerreiros espalharam-se e formaram um segundo círculo atrás do feito pelos lobos, e duas figuras avançaram na direção de Vaelin e Urso Sábio. Um tinha proporções similares às outras pessoas do gelo que Vaelin já encontrara, com pouco mais de um metro e meio de altura e robusto. No entanto, a segunda figura tinha quase a mesma altura de Vaelin e ombros largos, mas com uma aparência magra e atlética.

— Você os conhece? — perguntou Vaelin a Urso Sábio.

O xamã sacudiu a cabeça, a expressão em seu rosto agora mais tensa do que quando confrontaram Sem Olhos.

— Fazer trocas com Povo Lobo às vezes — disse ele. — Não viver com eles.

As duas figuras pararam a pouca distância, ergueram as mãos e jogaram para trás as peles que lhes cobriam o rosto. A menor das duas revelou-se uma mulher de meia-idade com maçãs do rosto elevadas e feições largas típicas do povo do gelo. Ela encarava Urso Sábio com uma expressão de óbvio reconhecimento, até mesmo de respeito, embora sua postura continuasse tensa. Vaelin notou que ela carregava o osso próprio, mais curto do que o de Urso Sábio, mas adornado com entalhes de forma similar. A figura alta ao lado dela removeu a máscara de pele, revelando o rosto de um jovem um pouco mais novo do que Vaelin, de feições sem qualquer traço do povo do gelo. A inquietação de Vaelin aumentou ao notar a cor do homem: pele clara, olhos e cabelos escuros como breu, tal como muitos volarianos que já vira.

A mulher disse algo na própria língua dirigindo-se a Urso Sábio, que respondeu com um aceno de cabeça e algumas palavras.

— Xamã cumprimenta xamã — explicou ele. — É... costume.

A mulher voltou o olhar para Vaelin, examinando-o da cabeça aos pés, e então acenou para o jovem. Ele cumprimentou Vaelin com um sorriso cauteloso, transmitindo uma sensação de desconforto juvenil num encontro importante.

— Minha mãe pergunta qual é o seu nome — disse ele na língua do Reino, as palavras bruscas e com um sotaque carregado, mas facilmente compreendido.

— Sua mãe? — O olhar de Vaelin foi de um para outro e ele ergueu uma sobrancelha.

— Sim — respondeu o jovem. — Muitas Asas, xamã do Povo Lobo das Três Ilhas. Sou o filho dela, chamado de Faca Longa com o consentimento do povo.

— É mesmo? — Vaelin o encarou e deixou que o silêncio se prolongasse, notando como o jovem mantinha os braços relaxados ao lado do corpo. Não trazia nenhuma arma aparente, mas Vaelin tinha certeza de que ele tinha pelo menos uma faca debaixo das peles e que sabia muito bem como usá-la. Também notou como os lobos ficaram subitamente alertas ao seu redor, erguendo a cabeça como que em resposta a um chamado silencioso.

— Sua... *mãe* não é a única xamã aqui — disse Vaelin. — Ela comanda os falcões e você os lobos.

O jovem rangeu os dentes e forçou um sorriso.

— Sim. E perguntamos qual é o seu nome.

— Ouvirei o seu primeiro, volariano. Seu nome verdadeiro. Fui obrigado a matar seus conterrâneos em demasia para confiar com tanta facilidade.

Os lobos levantaram-se ao mesmo tempo e um rosnado saiu de cada garganta quando o jovem empertigou-se e disse num tom implacável:

— Não sou volariano.

Muitas Asas tornou a falar, algumas palavras bruscas, mas suficientes para fazer o jovem conter a raiva, e os lobos relaxaram mais uma vez quando ele respirou fundo.

— Meu nome de nascimento é Astorek Anvir — disse ele. — E pergunto qual é o seu nome.

— Vaelin Al Sorna, Senhor da Torre dos Confins do Norte pela Palavra da Rainha.

Muitas Asas agitou o cajado de osso na direção dele e soltou uma exclamação gutural, o rosto subitamente tomado pela irritação.

— Minha mãe diz que você tem outro nome — informou Astorek Anvir.

— Sou chamado de Avensurha pelos eorhil — disse Vaelin. — E de Beral Shak Ur pelos seordah.

— Nós não conhecemos essas palavras — comentou Astorek. — Explique o que significam.

— Avensurha é a estrela brilhante que aparece no céu matutino. Beral Shak Ur é a Sombra do Corvo.

Astorek e Muitas Asas trocaram um olhar, a expressão em seus rostos grave. Não disseram nada, mas, pelo modo como Urso Sábio empertigou-se, Vaelin percebeu que estavam se comunicando por outros meios.

— Reúna a sua gente — disse Astorek após um momento. — Vocês irão nos seguir.

— Com que propósito? — perguntou Vaelin.

— Sigam e descubram. — O volariano deu meia-volta e começou a andar na direção do seu trenó, os lobos levantando-se ao mesmo tempo e acompanhando o seu mestre de ambos os lados. O rapaz olhou por sobre o ombro para dizer as últimas palavras: — Ou fiquem aqui e morram quando a Noite Longa chegar.

* * *

A ilha estendia-se por diversos quilômetros, coberta por muitas árvores, e no centro erguia-se uma montanha escarpada de granito salpicado de neve.

— Lar Lobo — chamou-a Urso Sábio numa tradução aproximada do impronunciável nome verdadeiro. — Não ver ela por muitos anos.

A viagem levava quatro dias de caminhada penosa sobre o gelo, que se tornava nitidamente mais fino quanto mais para o sul avançavam. Era inquietante olhar através do gelo quando o sol atingia o ápice, a luz refletindo-se nas bolhas visíveis sob uma barreira que tinha apenas poucos metros de espessura.

— Ele derrete no verão — explicou Astorek. — E as ilhas ficam isoladas, podendo ser alcançadas apenas de barco. Mas temos muitos desses.

Até então ele vinha sendo um guia afável, não se ofendendo com a desconfiança instintiva dos Senthar ou com a hostilidade evidente das pessoas do Reino.

— Não me parece sensato confiar em alguém como ele, meu senhor — advertiu Orven, sua expressão um reflexo das de seus soldados ao encarar o volariano. Assim como todos os homens do Reino, ele fora forçado a abandonar uma rotina diária de asseamento e agora estava com uma aparência um tanto selvagem, a barba desgrenhada e o cabelo longo deixando-o quase irreconhecível. — Pagamos caro ao descobrir como eles usam bem os seus espiões.

— Ele não é espião — disse Kiral, a única na companhia além de Urso Sábio que não demonstrava qualquer inimizade pelo jovem xamã. — Minha canção não me

advertiu sobre nenhum engodo.

— Essas pessoas confiam nele — observou Vaelin quando Orven claramente não se sentiu menos preocupado com as palavras da caçadora. — E Urso Sábio confia neles. Além disso, não temos muita escolha.

Uma grande multidão do Povo Lobo aguardava numa extensão de terra na costa oeste da ilha, centenas de homens, mulheres e crianças que encararam os recém-chegados com franca curiosidade. Aglomeradas entre eles havia diversas alcateias, cada uma com dez ou mais animais e um único xamã no centro, enquanto um grande bando de falcões-lanceiros sobrevoava o local. Muitas Asas ergueu o cajado de osso para que parassem quando um homem adiantou-se para recebê-los, um pouco mais alto do que ela e mais corpulento do que a maioria do povo do gelo. Pelo abraço caloroso que deu em Muitas Asas e em Astorek, Vaelin deduziu que estava presenciando uma reunião de família.

— Meu pai lhes dá as boas-vindas — informou Astorek. — Ele é o líder aqui. Em sua língua, o nome dele significa Matador de Baleia.

— Agradeço a ele pela hospitalidade — disse Vaelin, notando que, diferente de Muitas Asas, o xamã precisava traduzir as suas palavras em voz alta para o chefe do Povo Lobo.

Matador de Baleia sujeitou Vaelin ao mesmo escrutínio demonstrado por sua esposa, ainda que com um semblante mais amigável.

— Ele disse que é estranho quando uma história antiga toma forma — traduziu Astorek.

Vaelin fez menção de pedir um esclarecimento, mas Matador de Baleia já havia se afastado e se aproximado de Urso Sábio de braços abertos. Eles se abraçaram, trocando cumprimentos na língua do povo do gelo que, apesar de todas as semanas que passou ouvindo, Vaelin ainda não conseguia compreender sequer um pouco.

— Nós pensávamos que o Povo Urso havia sido dizimado — explicou Astorek. — Meu pai está feliz por ver que estávamos enganados.

— Eles enfrentaram os volarianos — disse Vaelin. — Foram forçados a atravessar o gelo para encontrar refúgio em nossas terras. Vejo que o mesmo não ocorreu com o seu povo.

O rosto de Astorek ficou sombrio e Vaelin notou o estremecimento solidário de Kiral, fazendo-o se perguntar que melodia a lonak ouvira de sua canção.

— Tivemos uma guerra — disse o volariano. — Foi terrível, mas curta.

O povoado estendia-se por um quilômetro e meio ao longo da costa. Em vez de derrubar a floresta, o Povo Lobo fizera o seu lar entre as árvores. A maioria eram pinheiros misturados com bétulas, altos e resistentes o bastante para sustentar os passadiços construídos entre elas, os galhos adornados com cordas e escadas. As moradas maiores ficavam todas no nível do solo, estruturas cônicas de madeira parcialmente cobertas de limo e aparentando brotar das árvores como se tivessem crescido nas sombras delas como grandes cogumelos. Eles foram conduzidos à maior estrutura, uma impressionante construção circular erigida ao redor da árvore mais alta, cujo tronco brotava do centro do piso de madeira e subia através do teto de muitas vigas. Havia várias mesas baixas no interior, mas nenhuma cadeira, uma vez que o Povo Lobo costumava se sentar sobre pilhas de peles levadas de morada a morada conforme a necessidade. Muitos já haviam começado a tomar conta do lugar quando Vaelin e os outros foram conduzidos para dentro, e Astorek os levou até um grupo de mesas dispostas ao redor da árvore central.

— Esta é sua Câmara do Conselho? — perguntou Vaelin, sentando-se num dos montes de peles, com Dahrena ao seu lado. — O lugar onde decisões são tomadas — explicou ele em resposta ao olhar confuso do jovem volariano.

— Decisões. — Astorek deu uma leve risada e olhou para onde o homem que chamava de pai estava se sentando, fazendo sinal para que Urso Sábio se juntasse a ele. — Todas as decisões foram tomadas há muito tempo. E não por nós.

Alturk sentou-se do outro lado da mesa antes que Vaelin pudesse fazer mais perguntas, resmungando:

— Meu povo teria nos alimentado a essa altura. Ou nos matado.

O chefe de guerra dos Senthar havia perdido peso durante a marcha, assim como todos eles, mas enquanto a maioria dos outros havia se recuperado nos últimos dias, os estragos do gelo pareciam perdurar em Alturk. Os lonaks eram imberbes e o seu rosto ostentava uma magreza esquelética, a cabeça antes careca agora tomada por uma juba emaranhada de cabelos negros, e os braços não eram mais tão musculosos como antes. O tamanho do pesar que Vaelin vira nele nas montanhas também não havia diminuído, e ele se perguntava se Alturk não estava se prendendo ao sentimento de forma deliberada, permitindo que a tristeza o diminuísse, talvez até mesmo esperando que o gelo pudesse fazer o que as batalhas não puderam.

— Você deveria se alegrar — disse Dahrena ao lonak. — Agora você tem a maior de todas as histórias para contar quando voltar para casa.

— Alturk nunca compartilha em volta da fogueira — disse Kiral. — Embora minha irmã tenha me dito uma vez que ele tem uma história incomparável. Pois Alturk, tal como confirmado pela própria Mahlessa, uma vez ouviu a voz de um deus.

Alturk bateu a mão na mesa, dizendo algo por entre os dentes na própria língua e olhando furioso para Kiral. Vaelin se preparou para defendê-la, mas a caçadora apenas sorriu, encontrando o seu olhar com uma total ausência de medo e dizendo algo em lonak, que traduziu rapidamente para Vaelin e Dahrena:

— Uma história não compartilhada é um desperdício de riqueza.

A comida foi trazida pouco depois, pratos de madeira com pilhas de carne assada, além de tigelas com nozes e frutas silvestres.

— Tem gosto de foca — comentou Alturk, dando uma grande mordida num pedaço de carne. — Mas não é tão dura.

— Morsa — explicou Astorek, aproximando-se e sentando-se à mesa deles. — Carne de inverno. No verão, comemos principalmente alce. — Ele lançou um olhar curioso a Alturk e Kiral, seus olhos indo deles para Vaelin. — Vocês não são da mesma tribo.

— Não — confirmou Alturk com um rosnado enfático, mastigando e engolindo. — Nós somos lonakhim. Eles — Alturk indicou Dahrena e Vaelin com a cabeça — são merim her.

— Fomos inimigos durante muito tempo — disse Vaelin. — Agora somos aliados, graças ao seu povo.

Astorek deu um suspiro irritado, mas desta vez recusou-se a mostrar-se ofendido.

— Estas pessoas são o meu povo.

— Como você fala a nossa língua? — perguntou Dahrena.

Astorek olhou para Matador de Baleia, que agora conversava de forma animada com Urso Sábio.

— Uma história que logo será contada.

A refeição seguiu noite adentro, a carne em abundância complementada por uma bebida inebriante que tinha um cheiro forte de pinho. Vaelin apenas a bebericou antes de deixá-la de lado, embora Alturk parecesse apreciá-la.

— É como beber uma árvore — disse ele, soltando uma rara gargalhada ao esvaziar a sua tigela.

— Fermentamos frutas silvestres e pinhas — disse Astorek. — Deixe-a envelhecer por tempo suficiente e é possível usá-la para acender fogo.

— Está mesmo acendendo um fogo na minha barriga. — Alturk levou outra tigela aos lábios, esvaziando-a com alguns goles.

Conforme a noite avançou, Vaelin ficou aliviado ao descobrir que o imenso lonak era um bêbado melancólico em vez de violento, e o observou inclinar-se para a frente e apoiar a cabeça na mão enquanto continuava a tomar a cerveja de pinho,

murmurando para si mesmo na própria língua, para a evidente repugnância de Kiral.

— Você envergonha os Senthar da Mahlessa com esse comportamento — disse ela, torcendo o nariz.

Alturk crispou os lábios e disse algumas palavras bruscas em lonak. Pela reação furiosa de Kiral, Vaelin deduziu que não foram elogiosas. Ela rosnou uma praga em lonak e levantou-se, com metade da faca para fora do cinto.

— Basta! — disse-lhe Vaelin, com a voz cheia de autoridade e alta o suficiente para fazer um silêncio súbito descer sobre o salão. — Esta não é a sua casa e você está insultando os nossos anfitriões — prosseguiu ele num tom mais brando, voltando o olhar para Alturk. — E você, Tahlessa, deveria ir dormir para se recuperar.

— Merim her — disse Alturk, arrastando as palavras e começando a se levantar, tentando pegar o porrete de guerra e derrubando-o de pronto. — Matador de filho! — Ele apoiou os braços na mesa e tentou se erguer. Contudo, a tarefa parecia estar além do alcance de seus membros debilitados e ele caiu, batendo o rosto na mesa com um baque doloroso. Alturk permaneceu caído e logo começou a roncar.

— Varnish — escarneceu Kiral, tornando a se sentar e lançando um olhar irritado a Vaelin. — Você deveria ter me deixado matá-lo. Minha canção não vê muito valor nele.

— Uma mente perturbada merece a cura, não a morte — disse-lhe Astorek, olhando com solidariedade para o lonak adormecido. — E os da mesma tribo não deveriam se matar.

Kiral riu e colocou uma frutinha na boca.

— Então, já que não podemos mais matar os merim her, os lonaks não teriam muito mais o que fazer.

Astorek sacudiu a cabeça, pesaroso.

— Tudo tão estranho, mas tão familiar.

O banquete terminou algumas horas depois, e os Senthar carregaram Alturk, ainda inconsciente, para a extremidade oposta do salão, onde Astorek lhes disse que ficassem à vontade para se acomodarem, uma vez que não havia moradas vazias no povoado para abrigar tantos recém-chegados.

— A tribo fica maior a cada ano — disse ele. — Precisamos construir constantemente.

Matador de Baleia e Muitas Asas apareceram ao seu lado com Urso Sábio, e a

xamã apontou o cajado na direção da larga entrada do salão.

— Está na hora da nossa história — disse Astorek.

Após o calor do salão, o frio do lado de fora pareceu esmagador, tirando o ar dos pulmões de Vaelin e provocando um latejamento instantâneo em suas têmporas. Dahrena e Kiral o acompanharam enquanto seguiam o povo do gelo para dentro da floresta, com Astorek indo na frente com uma tocha. O caminho era íngreme e estava repleto de neve, e ficava mais difícil conforme subiam, embora o Povo Lobo se movesse com uma velocidade natural após terem percorrido aquela trilha tantas vezes.

Chegaram por fim a uma extensão plana de terra no sopé de um penhasco escarpado, onde Astorek ergueu a tocha e a luz clareou uma abertura estreita na face da pedra. Vaelin notou como Kiral e Dahrena retesaram-se ao avistar a caverna e como Urso Sábio segurou o cajado de osso com mais força.

— Poder? — perguntou ele.

— Muito poder — confirmou o xamã, olhando para dentro da caverna com óbvia inquietação. — Talvez demais.

— Não há perigo para vocês aqui — disse Astorek, entrando na caverna e fazendo sinal para que Vaelin o seguisse. — Este lugar é tanto seu quanto nosso.

A entrada era estreita, mas se abria para uma caverna ampla, de paredes secas e ar bolorento pelo tempo. Numerosas concavidades semelhantes a tigelas haviam sido escavadas no chão da caverna, cada uma manchada com pigmentos secos de diferentes tonalidades, mas foram as paredes que atraíram a atenção de Vaelin. A caverna curvava-se em volta deles num longo semicírculo, dois terços de sua extensão ricamente adornados com pinturas, as cores tão vibrantes que pareciam reluzir à luz da tocha de Astorek.

Muitas Asas falou, conduzindo Vaelin na direção da parede mais próxima da boca da caverna.

— Minha mãe diz “Sejam bem-vindos à memória do Povo Lobo” — disse Astorek.

Vaelin olhou para as imagens pintadas sobre a pedra e ficou surpreso ao ver que a tinta estava fresca, as imagens nítidas e facilmente discerníveis, uma grande porção de tinta preta adornada com pequenos pontos amarelos, que ele deduziu que simbolizassem o céu noturno. Um pouco mais adiante ele encontrou uma imagem de toscas figuras-palito, todas dispostas em um único grupo grande, e ao lado delas o mesmo grupo dividido por três linhas pretas.

— O fim da primeira Noite Longa — disse Astorek — e o surgimento das três tribos, dividindo as ilhas entre elas. Não havia xamãs naquela época e a vida era

difícil. Mas ainda assim prosperamos. — Ele seguiu em frente, a tocha tremeluzindo sobre várias cenas, as imagens tornando-se menos toscas à medida que avançavam, de modo que logo não eram mais figuras-palito, mas representações bem definidas de pessoas e animais. Caçadores acertavam morsas com lanças no gelo ou atiravam arpões contra baleias da proa de barcos, outros construíam moradas entre as árvores. Vaelin parou na imagem seguinte, levando um momento para compreender a cena por completo; uma ilha, Lar Lobo, a julgar pela forma da montanha, e ao lado dela algum tipo de embarcação, mas de um modelo completamente desconhecido. Era longa e baixa na água, com somente um mastro e muito mais remos do que qualquer navio moderno.

— Eles vieram do oeste nos meses de verão — disse Astorek. — Tantos anos atrás que as estrelas desde então já mudaram de curso. Um povo alto que falava uma língua sem sentido, mas que trazia presentes de grande valor, lâminas de ferro mais resistente e mais afiado do que qualquer um que pudéssemos refinar e maravilhosos aparelhos de vidro para lançar a visão a grandes distâncias. Nós os chamamos de Povo do Grande Barco.

Ele apontou para três figuras retratadas ao lado do navio, dois homens e uma mulher. A mulher era de uma beleza arrebatadora, tinha cabelos escuros e olhos verdes, vestia um longo manto branco e usava um amuleto dourado em volta do pescoço: uma meia-lua adornada com uma pedra vermelha. O homem à esquerda dela vestia um manto azul e era esbelto, tinha um rosto belo, mas estreito, e parecia estar com um sorriso enviesado nos lábios. No entanto, foi o homem à direita da mulher que atraiu a atenção de Vaelin, uma figura imponente, barbada, alta e de ombros largos, a fronte franzida como se estivesse perdido em pensamentos, o rosto quase idêntico a um que Vaelin já havia visto.

— É ele! — exclamou, virando-se para Urso Sábio, o coração palpitando, excitado. — A estátua da Cidade Caída! Está vendo?

Urso Sábio assentiu, com uma expressão visivelmente menos entusiasmada no rosto.

— História conhecida por Povo Urso — disse ele. — Povo do Grande Barco trouxe morte ao gelo.

— Sim. — Astorek seguiu adiante, sua tocha revelando uma cena de devastação, um povoado como o que haviam deixado para trás, mas apinhado de cadáveres. — Eles vieram em paz, esperando trocar tesouros por conhecimento. Não tinham guerreiros, não foram violentos, mas ainda assim trouxeram a morte. Uma grande doença que dizimou cada povoado que visitaram, até que restassem somente três tribos.

A luz da tocha iluminou mais uma vez a mulher, desta vez sozinha, o rosto

mostrado de perfil, voltado para baixo e tomado por uma grande tristeza. Levava as mãos ao rosto, vermelhas de sangue dos dedos aos pulsos.

— Foi a mulher que nos salvou — disse Astorek. — Não se sabe com detalhes como, mas ela deu o próprio sangue e ele nos salvou, a doença desapareceu. Mas... — Ele iluminou a imagem seguinte, os dois homens parados sobre o corpo da mulher. O sorriso do homem belo havia desaparecido, o rosto agora furioso, enquanto o homem barbado tinha uma expressão de paciência estoica, embora a mão ancestral que retratara o seu rosto claramente tivesse notado a tristeza que o homem tentava esconder.

— O homem alto pegou o seu grande barco e partiu — disse Astorek. — Mas o outro homem ficou, não disposto a se afastar muito do corpo da mulher, recusando-se a entregá-la ao gelo, como era o costume. Então... — Ele revelou uma imagem sombreada em silhueta, um homem puxando um trenó em meio a uma nevasca. — Ele pegou o corpo da mulher quando o inverno chegou e não foi mais visto pelo povo do gelo. Mas... ele deixou um presente.

Astorek parou, encarando Vaelin com uma expressão tanto de relutância quanto de assombro.

— Eles conheciam muitas coisas, esse Povo do Grande Barco, como trabalhar os metais e o movimento das estrelas, e até mesmo o curso do futuro.

A pintura revelada pela tocha de Astorek era a maior até então, cobrindo a parede do chão ao teto e executada com uma habilidade artística e uma clareza que superavam até mesmo as de Alornis. Era o rosto de um homem, talvez com trinta anos, de feições angulares em vez de belas, os olhos escuros, um leve sorriso nos lábios. Era um rosto sério, não alheio a privações, a julgar pelo aspecto levemente magro, ou à violência, pensou Vaelin. Ele havia olhado nos olhos de um número suficiente de matadores para saber...

Os pensamentos desapareceram quando ele compreendeu. Vaelin sentiu Dahrena parar ao seu lado e segurar a sua mão que, percebeu, começara a tremer.

— Aquele que nos salvará de um perigo ainda desconhecido — disse Astorek. — Ele o chamou de a Sombra do Corvo.

PARTE III

Qualquer um que afirme possuir talento para a guerra deve ser visto como o maior dos tolos. Pois a conduta bem-sucedida de uma guerra é um exercício de administração de tolices.

— Rainha Lyrna Al Nieren,
Citações reunidas,
Grande Biblioteca do
Reino Unificado

RELATO DE VERNIERS

No trigésimo quinto dia de nossa viagem aportamos em Marbellis, onde o capitão desembarcou com dez tripulantes, cada um carregado com uma pilha impressionante de saques acumulados de vários volarianos desafortunados nos Dentes e em Alltor.

— Um navio se alimenta de carga — grunhiu ele para mim antes de partir. Ele estava levemente mais inclinado a conversar nos últimos dias, mas ainda se recusava a trocar uma palavra sequer com Fornella. — Devo conseguir especiarias suficientes para encher metade do porão com o que apreendemos. Permaneça a bordo e fique de olho naquela sua bruxa.

Ela se juntou a mim na amurada enquanto eu olhava as docas e a cidade mais além.

— Ouvi este lugar ser descrito como o tesouro do norte do império — disse Fornella. — Devo dizer que me parece um pouco sem brilho.

Marbellis encontrava-se num estado contínuo de reconstrução desde a guerra, os vários distritos incendiados e arrasados desaparecendo lentamente à medida que o grande porto se curava. Porém, embora uma cidade pudesse ser reparada, o coração de seus cidadãos era uma história diferente. No decorrer dos anos após a guerra, muitos apelos foram feitos ao Imperador para que houvesse uma retaliação mais direta e duradoura contra os nortistas, os mais ruidosos e numerosos partindo de Marbellis.

— “Encontramos uma joia no deserto” — citei. — “E dela fizemos uma cinza calcinada.”

— Bonito — disse Fornella. — Um dos seus, imagino.

— Na verdade, foi composto por um jovem poeta em Varinshold. O filho do general que comandou o exército que quase destruiu esta cidade.

— Suponho que não tenha conseguido falar com o pai?

— Não. Ele recusou todos os pedidos para uma entrevista. O filho, no entanto, ficou feliz em conversar, desde que eu pagasse a sua cota noturna de vinho.

— Ele tinha alguma desculpa para isto? Alguma razão em particular?

Sacudi a cabeça.

— Apenas arrependimento e culpa, ainda que não tenha tomado parte no

massacre. Estava determinado a salientar que o pai suprimira depressa os excessos do exército, executando com isso mais de cem homens por vários feitos terríveis.

— Tokrev também os teria executado. Escravos mortos não têm valor.

Dei as costas à amurada e segui para a cabine que dividíamos.

— Temos trabalho a fazer.

No decorrer das semanas anteriores, as nossas pesquisas em muito expandiram o meu conhecimento acerca de mitos antigos, mas até então haviam revelado poucas evidências sobre as origens do Aliado ou sobre o paradeiro do homem eterno. Havia algumas referências às maquinações de deuses sombrios ou espíritos malignos nas histórias mais antigas e fragmentárias deixadas pelos habitantes do que veio a se tornar o Império Volariano, mas separar fato de ilusão supersticiosa era simplesmente impossível. O homem eterno provou ser uma linha de investigação mais produtiva, revelando não menos do que sete versões diferentes de sua história, a maioria de Asrael e girando em torno da rejeição da Fé do desafortunado súdito. No entanto, havia outras histórias, como uma de Cumbrael que retratava o sujeito como um herege ímpio que cometera o crime máximo de queimar os Dez Livros, acabando amaldiçoado pelo Pai do Mundo a contemplar o seu pecado por toda a eternidade. Hoje, porém, minha pesquisa revelou uma lenda meldeneana que falava de um homem levado pelas ondas até as Ilhas após um naufrágio, um homem que deveria ter se afogado, mas que sobreviveu, enquanto todos os seus companheiros de tripulação haviam perecido. Ele chamava a si mesmo de Urlan e dizia que chegara à procura dos Deuses Antigos.

Ergui os olhos do pergaminho quando o som de muitas passadas no convés anunciou o sucesso do capitão na obtenção de uma carga. Fornella já havia adormecido, deitada nua no catre, como de costume. Ela parecia dormir mais com o passar dos dias e os seus cabelos tornavam-se cada vez mais grisalhos. Está envelhecendo, senhora, pensei, contemplando a sua nudez e, apesar das rugas que agora lhe marcavam o rosto, notando que ela ainda era bela. Joguei um cobertor sobre Fornella e saí.

A noite caíra e o convés estava iluminado por tochas, a maioria aglomerada na proa, onde um som persistente de algo batendo em madeira podia ser ouvido. Fui até lá e encontrei o capitão de braços cruzados, o semblante severo voltado para um homem suspenso por cordas, pendurado sobre a proa. O homem era velho, mas ágil, claramente alpirano, pelo tom de pele, e trabalhava com um martelo e um cinzel na figura de proa sem maxilar, lascas de madeira voavam conforme ele

apagava as cicatrizes do focinho. Notei que um bloco de madeira novo, mas ainda não esculpido, havia sido pregado no lugar para dar origem a um novo maxilar para a serpente.

— A tripulação não gosta de navegar sem um deus para acalmar as águas — grunhiu o capitão, observando o trabalho do carpinteiro. — Paguei o triplo do preço a ele para que terminasse até de manhã.

— O que ele é? — perguntei, gesticulando para a serpente. — Um deus antigo ou novo?

O capitão estreitou os olhos para mim, e era possível ver neles um leve traço de divertimento.

— Acha que o meu povo é digno de ser estudado agora, escrevinhador?

— Pode ajudar com a minha missão.

Ele encolheu os ombros e indicou com a cabeça a figura de proa.

— Não é ele, é ela. Levansis, irmã do grande deus-serpente Moesis. Embora desprezasse o irmão por sua selvageria, ela chorou quando Margentis destruiu o corpo dele e as lágrimas de Levansis mantiveram o mar calmo durante dez anos. É para ela que rezamos quando as tempestades se formam.

Meu conhecimento sobre a história meldeneana era escasso, mas eu sabia que seu panteão datava da época em que os meldeneanos colonizaram as Ilhas, cerca de seiscentos anos atrás, e, pela minha análise das ruínas encontradas lá, era evidente que as Ilhas haviam sido ocupadas muito antes disso.

— Uma deusa nova, então. O que você pode me dizer sobre os deuses antigos?

Ele desviou o olhar e notei como apertou ainda mais os braços cruzados.

— Não rezamos a eles.

— Mas o que são eles?

O capitão lançou um olhar cauteloso para os tripulantes mais próximos, dois marinheiros, ambos jovens, mas com cicatrizes ganhadas na Batalha dos Dentes, e olhando para mim com franca indignação.

— Dá azar falar dos deuses antigos no convés de um navio — disse o capitão, indo na direção da rampa. — Venha, vou deixar você me pagar uma bebida, escrevinhador. Além do mais, tenho notícias para dar.

Ele me levou até uma taverna tranquila perto do distrito dos armazéns; os frequentadores eram em sua maioria estivadores, desfrutando de um ou dois copos de vinho ao final do dia de trabalho. Mesmo levando em consideração a fadiga evidente dos outros clientes, a atmosfera era sombria a ponto de ser opressiva, e a maioria estava sentada em silêncio, contemplando o seu vinho. Nós nos sentamos junto a uma janela e o capitão acendeu o cachimbo, o forninho cheio com a erva de cinco folhas de aroma adocicado popular no norte do império, mas que não era vista com bons olhos em outros lugares pelo seu efeito soporífero.

— Ah, essa é das boas — disse o capitão, soprando uma nuvem de fumaça. — Certa vez, levei algumas sementes para a minha esposa plantar. Nunca deu certo, o solo não é ideal. Uma pena. Eu teria feito uma fortuna.

— Os deuses antigos — falei, com a pena preparada sobre o pergaminho. — O que você sabe sobre eles?

— Bem, eles são antigos, para começo de conversa. — Ele soltou uma risada incomum, algo que atribuí ao conteúdo do cachimbo. A demonstração de hilaridade fez com que algumas cabeças se levantassem nas mesas ao redor, e algumas pessoas franziram o rosto em desaprovação, fazendo com que eu me perguntasse que notícias sombrias haviam causado aquele estado.

— Eles estavam lá quando desembarcamos nas Ilhas — prosseguiu o capitão, tornando a atrair a minha atenção. — Os deuses antigos, em pedra, tão naturais que parece que vão se mexer se tocá-los.

— Você os viu?

Ele deu uma baforada no cachimbo e assentiu.

— Privilégio de capitão. Quando consegue o próprio navio, você vai até as cavernas e presta homenagem aos deuses antigos. Parece ser a coisa educada a se fazer, já que eles estavam lá primeiro. E há histórias de sobra a respeito dos destinos terríveis que aguardavam os capitães que não fizeram a peregrinação.

— Então são estátuas encontradas séculos atrás.

— Mais do que estátuas, escrevinhador. — O olhar do capitão ficou sombrio ao lembrar. — Uma estátua não faz você suar assim que coloca os olhos nela, não faz a sua cabeça doer quando você chega perto, nem coloca imagens na sua cabeça quando você se curva para tocar o pé dela.

Minha pena parou no meio do caminho e segurei um suspiro. Eu já havia visto o suficiente àquela altura para compreender que aquilo que antes eu achava ser superstição era bastante real, mas ainda assim o ceticismo inerente se fazia sentir.

— Imagens em sua cabeça? — perguntei num tom passivo.

— Só por um segundo. Eu toquei o pé dela e... vi as Ilhas, mas não as nossas

Ilhas. Havia uma cidade, onde hoje fica a nossa capital. Mas muito bela, de mármore reluzente de ponta a ponta, o porto repleto de navios, mais longos do que os nossos e conduzidos principalmente por remadores. E não eram piratas, isso eu podia ver. Nenhum marinheiro carregava uma arma. Qualquer que fosse a época, era uma época de paz.

Ele se calou, o rosto agora toldado por lembranças ao tirar o cachimbo dos lábios, mal se movendo quando lhe fiz uma pergunta:

— O pé dela? Os deuses antigos são mulheres?

— Uma é. Os outros dois são homens. Um é um sujeito grande e barbado, o outro é mais novo e mais belo de rosto. Não toquei em nenhum deles, pois as visões que transmitem são apenas para os olhos mais corajosos. Porém, dizem que o Escudo tocou nos três, o único homem a fazer isso.

— Há uma história, sobre um homem que não podia morrer. Conta que ele chegou às Ilhas em busca dos deuses antigos.

O capitão soltou uma gargalhada e voltou ao cachimbo.

— Urlan. Minha velha avó costumava me contar essa história.

— A versão que tenho diz que ele os ofendeu ao pedir uma dádiva impossível, então eles o amaldiçoaram a andar pelo fundo do oceano para todo o sempre.

O capitão franziu o cenho, a fumaça subiu e seus olhos começaram a ficar levemente embotados.

— A história da minha avó era diferente, mas histórias antigas costumam mudar dependendo de quem as conta. Ela dizia que Urlan fora expulso das Ilhas, deixado à deriva num barco e advertido a jamais retornar. E não porque ele havia ofendido os deuses antigos, mas porque, ao ouvir as palavras dele, o povo passou a temer alguém tão jovem que sabia tanto.

Ele me observou anotar a história, apagou o cachimbo e guardou o que sobrara da erva numa algibeira.

— Hora de eu dar as minhas notícias, escrevinhador — disse ele.

— Mais notícias graves da guerra, presumo? — perguntei, olhando em volta para os presentes de rosto taciturno.

— Não, de Alpira. — Notei que o embotamento havia desaparecido de seus olhos e ele me encarou com um olhar firme e pesaroso. — O Imperador Aluran morreu há uma semana. Antes de falecer, ele nomeou como sucessora a Senhora Emeren Nasur Ailers, a ser para sempre conhecida como Imperatriz Emeren I.

CAPÍTULO UM

Vaelin

Dahrena chamou a sua gata guerreira de Mishara, a palavra seordah para relâmpago, e tinha grande prazer em treiná-la. Todas as manhãs ela passava uma hora ou mais na floresta, sorrindo enquanto a fera saltava, corria ou subia em árvores ao seu comando.

— Eu tinha uma gatinha quando era pequena — disse ela a Vaelin, jogando uma bola feita de couro de morsa para Mishara pegar; o animal saltou alto e a agarrou no ar com uma mordida rápida do impressionante maxilar. — Dei a ela o nome de Listras. Um dia ela sumiu e meu pai me contou que ela devia ter fugido. Mais tarde descobri que ele não teve coragem de me contar que ela havia sido esmagada pela roda de uma carroça.

Ela franziu o cenho diante do aceno vago que Vaelin fez com a cabeça, mandou Mishara para o meio das árvores com um aceno de mão e foi sentar-se ao lado dele, pegando a sua mão. Não perguntou nada; como sempre, boa parte da comunicação entre eles dava-se sem palavras.

— Na Ordem, eles nos diziam que profecias eram uma mentira, como um deus — disse Vaelin. — Que eram da alçada de Negadores iludidos que confundiam loucura com discernimento. E, ainda assim, todo esse tempo a Sétima Ordem ia atrás das próprias profecias em segredo.

— Você se lembra do que o Irmão Harlick nos contou — disse ela. — Todas as profecias são falsas.

— Você viu a parede deles.

— Imagens pintadas há anos incontáveis e visíveis agora somente porque essa gente as mantém com muita devoção. — Dahrena apertou com mais força a mão dele. — As visões de Nersus Sil Nin deram aos seordah séculos para se prepararem para a chegada dos marelím sil, mas ainda assim eles foram empurrados para a floresta. O futuro não é pintado em pedra. Nós fazemos o futuro cada vez que respiramos e damos um passo. Nossa missão é vital, você sabe. Não podemos nos distrair.

— Kiral me disse que a sua canção ressoa com uma advertência sempre que falo sobre seguir em frente. Por ora, parece que este lugar é a nossa missão.

Ela suspirou e encostou a cabeça no ombro de Vaelin.

— Bem, pelo menos está começando a degelar.

À tarde, ele passou em revista os guardas de Orven, em grande parte para assegurar o Lorde Comandante de seu apreço por tê-los colocado em prontidão marcial com tamanha diligência. No decorrer da Noite Longa ele manteve a disciplina severa e a rígida adesão à rotina que caracterizavam a Guarda Montada, as barbas que haviam crescido no gelo logo foram raspadas e a ferrugem limpa de cada peitoral.

— Como anda o treinamento? — perguntou Vaelin a Orven após examinar as fileiras e trocar gentilezas ritualísticas com os homens. Eles respondiam de bom grado, todos veteranos da marcha dos Confins e Alltor, encarando-o com um respeito implacável que ele sabia que talvez nunca desaparecesse. Ainda assim, apesar da generosa alimentação oferecida pelos seus anfitriões, muitos mantinham o aspecto abatido daqueles expostos aos piores extremos das intempéries.

— Lutar a pé é difícil para aqueles acostumados à sela, meu senhor. Mas não há alternativa. Os lonaks às vezes se juntam ao treinamento. Creio que acham divertido ou não têm muito mais o que fazer.

Vaelin olhou para onde um grupo de Senthar observava um dos membros do Povo Lobo tirar a pele de uma morsa recém-apanhada, notando que Alturk não estava entre eles, assim como não estivera durante a maior parte da Noite Longa.

— Concentre-se nos exercícios de ordem-unida — disse ele a Orven. — Você viu como os volarianos lutam, batalhões inteiros movendo-se em uníssono. Tenho certeza de que é um feito que os guardas podem igualar.

Orven empertigou-se, levando o punho ao peitoral numa continência perfeita, como de costume.

— De fato podemos, meu senhor.

Astorek encontrou-o escovando Cicatriz no pequeno estábulo que o Povo Lobo havia permitido que construísse próximo à costa. Como de costume, um bando de crianças havia se reunido para vê-lo tirar o cavalo de guerra de seu lar improvisado, aparentemente fascinadas pelo estranho animal de quatro patas, maior do que um alce, mas sem a galhada. Eles pareciam não ter inclinação à timidez ou consciência de que Vaelin pudesse não compreender a enxurrada de perguntas que faziam ao se aglomerar ao redor, passando as mãozinhas sobre o pelo de Cicatriz, ocasionalmente recuando com risinhos encantados diante das pisadas e bufadas irritadas do cavalo.

Um garotinho era mais insistente do que os outros, puxando as peles de Vaelin e repetindo a mesma pergunta, franzindo o cenho, confuso.

— Ele quer saber por que você não o come.

Vaelin virou-se e deu com Astorek parado perto dali, assistindo à cena com um leve divertimento. Dois de seus lobos estavam sentados não muito longe, um macho e uma fêmea de tamanho desconcertante, o cheiro deles provocando um estremecimento de medo em Cicatriz.

— Eles estão perto demais — disse Vaelin ao volariano, indicando os lobos com a cabeça.

Astorek inclinou a cabeça e os lobos levantaram-se ao mesmo tempo e partiram a trote na direção do gelo, a placidez costumeira desaparecendo quando começaram a saltar e tentar morder um ao outro numa dança brincalhona.

— Ele é para cavalgar — disse Vaelin, virando-se de novo para o garotinho enquanto Astorek traduzia. — Não para comer.

A resposta pareceu confundir ainda mais a criança, as pequenas feições franzindo-se numa careta de perplexidade, de modo que Vaelin o ergueu e colocou-o em cima de Cicatriz, segurando as rédeas e levando-o numa caminhada lenta em direção ao litoral. O garotinho ria e batia palmas enquanto balançava no dorso do cavalo, as outras crianças acompanhando-os com gritos que não precisavam de muita tradução: todas queriam a sua vez. Após cerca de uma hora de diversão, Astorek por fim mandou as crianças embora com algumas palavras bruscas. Embora o Povo Lobo parecesse manter os seus membros mais novos com uma disciplina relaxada, o silêncio instantâneo feito pelas crianças revelava a existência de uma autoridade subjacente que não tolerava desobediência, e elas logo partiram para encontrar outras coisas com que se divertir.

— A descrição que ele fez de você não foi totalmente exata — disse Astorek depois que as crianças foram embora. — Ele disse que você seria feroz.

— Palavras do seu profeta? Você fala como se o conhecesse.

— Às vezes sinto como se tivesse conhecido, já que ouvi as suas palavras tantas vezes. Nosso povo não registra nada por escrito, mas todos os xamãs aprendem a recitar a mensagem dele perfeitamente.

Vaelin levou Cicatriz de volta para o estábulo e prendeu um bernal no focinho do cavalo. Havia poucos grãos nas ilhas, mas raízes e frutas silvestres em abundância, colhidas nos meses de verão e preservadas durante o inverno. Pelas bufadas de satisfação e pelo corpo menos esquelético, parecia que Cicatriz achava a mistura tão apetitosa quanto qualquer bernal de cereais.

— Meus pais pediram que eu lhe perguntasse as suas intenções — disse Astorek.

— Intenções?

— O Povo Lobo tem aguardado a sua chegada desde que consegue se lembrar, sabendo que isso prenunciaria uma época de grande perigo. E, ainda assim, você passa todos os dias cuidando de seu cavalo, enquanto os seus companheiros jogam e o homenzarrão esvazia os nossos estoques de cerveja de pinho.

— Alturk é um homem... perturbado. E permanecemos aqui porque Urso Sábio advertiu que seguir adiante durante a Noite Longa significava a morte. Mas nós, é claro, somos gratos pela sua hospitalidade.

— Você fala como se pretendesse nos deixar.

— Viemos à procura de um homem em particular. A canção de Kiral nos guiará até ele. Quando ela ouvir uma melodia nítida, partiremos.

— Deixando-nos à própria sorte, qualquer que seja?

— Você dá importância demais a pinturas e histórias antigas, principalmente considerando que pode não ter nascido para esta vida.

Astorek deu uma risada amarga.

— É isso? Você nega ajuda ao meu povo porque ainda não confia em mim?

— Seu povo não precisa de ajuda, pelo que sei. Quanto a você... — Vaelin tirou o bernal de Cicatriz e coçou o seu focinho. — Ainda não sei como você veio parar aqui, nessa época, falando com perfeição a nossa língua.

— Se eu fosse um inimigo, a canção de sua caçadora não teria lhe avisado?

Barkus, aquela noite na praia, a máscara caindo num instante. Todos aqueles anos e a canção não lhe dissera nada.

— Deveria, mas sei a duras penas quão bem os servos do inimigo podem evitar ser detectados.

Vaelin colocou o bernal de lado e acomodou uma pele de lobo-marinho sobre o dorso de Cicatriz, o cavalo de guerra soltando uma bufada contente pelo aumento de calor. Então se virou para Astorek, com as sobrancelhas erguidas, esperando. O volariano abaixou o olhar, sua resposta um murmúrio relutante:

— Eu fui guiado até aqui... por um lobo.

— Meu pai era um homem rico. — O rosto de Astorek estava banhado de amarelo à luz do fogo, o olhar fixo nas chamas.

Vaelin chamara os outros para a grande morada que dividiam, para ouvir o conto do volariano, e os lonakssentaram-se com a costumeira atenção diante da promessa de uma história interessante. Os dotados se sentaram dos dois lados de Vaelin,

Orven e os seus guardas dispostos em fileiras organizadas atrás. Somente Alturk estava ausente, algo que provocou uma troca de palavras ríspidas entre Kiral e um dos Senthar, um guerreiro veterano que se remexeu pouco à vontade diante das perguntas dela. Pela expressão enojada, Vaelin deduziu que ela havia achado a resposta do lonak nem um pouco satisfatória.

— Um mercador por profissão — prosseguiu Astorek. — Como o seu pai antes dele. Nosso lar era a grande cidade portuária de Varral, onde cresci na bela casa de meu avô cercado por belas escravas e belos brinquedos. A maioria das transações comerciais de meu avô era feita com o Reino Unificado, e com frequência fazíamos o papel de anfitriões para mercadores e capitães vindos do outro lado do mar. Determinado a assegurar o seu legado, meu avô insistiu que eu aprendesse todas as principais línguas de comércio, de modo que aos doze anos eu era fluente na língua do Reino e em alpirano, e podia conversar de forma adequada nos dois principais dialetos do Extremo Ocidente. Lembro-me de ser uma criança feliz, e por que não seria? Desde que prestasse atenção nas lições durante algumas horas por dia, todos os meus caprichos eram realizados, e meu avô gostava de me mimar.

O sorriso de ternura de Astorek pelas lembranças desapareceu quando ele continuou:

— Tudo mudou quando meu avô morreu. Parece que meu pai tivera aspirações de ser um soldado na juventude, que foram rapidamente desconsideradas por meu avô, é claro, que tinha pouco interesse em assuntos militares além do comércio de armas. Todos os homens volarianos devem servir por no mínimo dois anos como Espadas Livres, mas meu avô sabia a quem subornar para negar ao filho uma chance de glória militar. E assim, conforme os anos passavam, meu pai alimentou sua mágoa e sua ambição secreta, uma ambição que pôde ser colocada em prática com a morte de meu avô.

“Volaria tende a ver soldados amadores com desdém. Os filhos dos ricos podem comprar uma patente de oficial subalterno, mas a partir daí promoções são concedidas estritamente por mérito. Contudo, meu pai também sabia a quem subornar e, pouco depois de ter assegurado a sua patente e de fornecer fundos para equipar e recrutar um batalhão completo de cavalaria Espada Livre, ele se viu rapidamente elevado à patente de comandante. Porém, a patente não foi o bastante. Sua sede de glória não havia sido saciada. Varral, como todas as cidades volarianas, possui muitas estátuas, longas fileiras de bronze em memória a heróis, antigos e novos, e meu pai queria muito um pedestal para si. Um aumento repentino nas campanhas contra os selvagens nortistas lhe forneceu a oportunidade e, como é o costume entre os ricos em Volaria, filhos em idade suficiente precisam seguir seus pais na guerra. Eu tinha treze anos.”

— Sua mãe não fez objeções? — perguntou Vaelin.

— Talvez tivesse feito, se eu a tivesse conhecido. Meu avô me contou que ela havia sido mandada embora depois que se revelou uma vadia infiel e meu pai nunca falou uma única palavra sobre ela. Mas havia uma escrava, uma velha que trabalhava na cozinha, tão velha que estava ficando senil. Certa vez ela me viu roubando bolos, como eu costumava fazer, e começou a gritar “Cria de elverah! Cria de elverah!”. Os outros escravos a arrastaram para longe depressa e nunca mais a vi. Essa foi a única vez que meu avô me castigou, trinta varadas, e após cada golpe ele me fez prometer nunca mais falar sobre a minha mãe.

— Ela era dotada — disse Dahrena. — Como você.

— Suponho que sim. Acontece o mesmo entre o Povo Lobo: somente mães com poder o passam para os filhos. Enquanto eu viajava para o norte com o batalhão de meu pai, os soldados às vezes trocavam histórias de pessoas estranhas levadas por agentes do Conselho e que nunca mais tornavam a ser vistas. Mas eles sempre falavam sobre tais assuntos em voz baixa, pois meu pai aplicava a disciplina com zelo, e chicoteou vários homens na primeira semana da marcha. Imagino que ele estivesse tentando compensar por uma ausência total de qualquer talento militar.

“Pobre de meu pai. Ele era um soldado terrível, cansava-se depressa na sela, adoecia com facilidade, negligente na obtenção de provisões suficientes para os seus homens. Quando nos juntamos ao resto do exército, os seus sonhos de glória haviam desaparecido em meio à realidade da vida de um soldado, que, pelo que eu podia ver, consistia principalmente em desconforto, comida ruim e a ameaça constante do chicote, animada somente por uma ocasional ração de vinho ou jogo de dados. Desconfio que ele havia decidido deixar a nova carreira, e talvez tivesse conseguido fazê-lo com um suborno bem aplicado se não fosse pelo General Tokrev.”

Todas as pessoas do Reino se empertigaram ao ouvir o nome, fazendo Astorek piscar, surpreso.

— Vocês conhecem esse nome?

— Ele cometeu muitos crimes na nossa terra natal — disse Vaelin. — Está morto agora.

— Ah. Uma notícia que há muito eu esperava ouvir. Sempre desconfiei que ele não estava destinado a uma vida longa, ainda que, assim como alguns dos vestidos de vermelho, houvesse rumores de que ele já era muito mais velho do que aparentava ser. Conhecíamos a sua reputação. Diziam que era um comandante de brilhantismo tático, mas também de disciplina severa. Quando nos juntamos ao exército, ele estava prestes a enforcar três oficiais por covardia, sendo um deles comandante de batalhão culpado de manifestar sentimentos derrotistas. As ordens de

Tokrev eram concentrar os seus esforços nas tribos montanhesas, uma vez que apenas metade da cota de escravos para aquele ano havia sido preenchida, mas ele tinha ambições de ir além, até o norte congelado, onde as lendas falavam de tribos selvagens que viviam no gelo, supostamente muito mais ricas em sangue dotado do que qualquer outro povo do mundo.

“Muitos de seus oficiais, inclusive meu pai, não ficaram nem um pouco felizes com esse plano. Porém, a demonstração de Tokrev foi suficiente para silenciar qualquer discordância e marchamos para o norte, sendo obrigados a enfrentar as tribos ao longo do caminho. Era uma gente feroz, acostumada a uma vida de guerreiro, e um inimigo formidável. Por sorte, também gostavam tanto de lutar entre si quanto de enfrentar os odiados invasores sulistas, de maneira que nunca tinham guerreiros suficientes para serem um sério obstáculo.

“Nosso batalhão recebeu a tarefa de patrulhar os flancos, algo complicado para o comandante mais experiente e muito além das capacidades de meu pai. Basta dizer que o nosso primeiro combate foi um desastre previsível. Meu pai nos conduziu a uma ravina estreita e fomos atacados pelo alto por arqueiros e fundeiros. Seu principal sargento teve perspicácia suficiente para ordenar uma investida que nos levou para campo aberto, mas eles estavam nos esperando do outro lado, mil selvagens ou mais descendo aos gritos das colinas ao redor para nos atacar. Vi meu pai ser derrubado sem demora do cavalo e corri na direção dele, pois, afinal de contas, apesar de todos os defeitos, ele era meu pai. Consegui chegar ao seu lado, mas o machado de um selvagem cortou a pata dianteira do meu cavalo, deixando nós dois a pé e cercados. Meu pai estava ferido, tinha um corte fundo na testa, mal percebia o que estava acontecendo, gritando de horror enquanto o seu batalhão era feito em pedaços. Os montanheses estavam rindo quando se aproximaram, riam do garoto tentando afastá-los com uma espada trêmula enquanto o seu pai tropeçava ao redor e gritava ordens a cadáveres. Aquela foi a primeira vez que aconteceu.

“Vi um grupo de cavalos sendo reunido a pouca distância de onde eu estava. Os selvagens têm poucos cavalos, então os animais eram um grande prêmio. Eu sabia que, se ao menos pudesse nos levar até um cavalo, poderíamos cavalgar para a liberdade. Sabia disso com toda a certeza. Olhei para eles, desejando que ouvissem o meu desespero... E eles vieram, todos de uma vez, escapando dos selvagens e atropelando os que nos cercavam, pisando e escoiceando. Dois pararam ao nosso lado, imóveis como se estivessem congelados. Consegui colocar meu pai na sela e cavalgamos para longe, e cada cavalo sobrevivente veio atrás de nós. Cavalgamos às cegas por uma eternidade até que eu também comecei a perder as forças e notei que sangrava, pelo nariz, pelos olhos, pela boca. Lembro-me de cair do cavalo, e então tudo ficou escuro.

“Fomos encontrados por um grupo de batedores Varitai na manhã seguinte, desacordados em meio a uma manada de cavalos sem cavaleiros. Eles nos levaram de volta ao acampamento, onde o curandeiro-escravo conseguiu despertar o meu pai com algum tipo de mistura de ervas, mas ele não era o mesmo, me encarando com olhos que viam um estranho, balbuciando coisas que somente ele podia compreender. Por mais que estivesse fora de si agora, o General Tokrev ainda assim o julgou incompetente e covarde. Como único herdeiro, fui obrigado a vê-lo ser decapitado. O general decretou que a linhagem dele não era digna de liberdade e me condenou à escravidão. Naturalmente, como a parte prejudicada, toda a riqueza de minha família agora era dele.

“A vida de um escravo raramente é fácil, mas ser um escravo em serviço militar é uma forma particular de tormento. Meus companheiros eram na maioria covardes e desertores, sujeitados a espancamento rotineiro para reprimir qualquer atitude de desafio, o menor sinal de desobediência punível com tortura prolongada e morte, um destino sofrido por três de meus companheiros durante a marcha para o norte. Éramos usados como animais de carga, carregados de fardos que teriam colocado à prova o homem mais forte, alimentados com o mínimo para permanecermos vivos. Havíamos passado de duzentos escravos a menos de cinquenta quando chegamos ao gelo.

“A gloriosa campanha do general começou com a destruição de um pequeno povoado na costa do oceano congelado. Talvez quinhentas pessoas, de estatura pequena e vestidas com peles. Deveria ter sido uma vitória fácil, mas aquela gente não era indefesa, pois de algum modo controlavam ursos. Grandes ursos brancos diferentes dos que já havíamos visto, ursos que pareciam não sentir nada quando flechas ou lanças lhes perfuravam as peles, ursos que faziam companhias inteiras em pedaços antes de serem abatidos. O general foi obrigado a sacrificar uma brigada inteira no combate, e o que se esperava ser uma vitória fácil transformou-se numa carnificina prolongada. O povoado era dele, embora muitos dos habitantes tivessem fugido para o gelo. Os poucos prisioneiros, a maioria homens e mulheres feridos que lutaram na retaguarda para ganhar tempo para que o seu povo fugisse, sentaram-se e recusaram-se a se mover, independentemente de quaisquer tormentos que lhes fossem infligidos pelos capatazes. Eles foram arrastados para dentro de jaulas, mas se recusaram a comer e morreram pouco tempo depois, sem dizer uma única palavra.

“Embora Tokrev não tenha tardado a enviar a Volar um relato exagerado de sua vitória, as tropas não compartilhavam de seu júbilo. O frio já estava causando mortes e o inverno ainda nem havia chegado de vez. Os Espadas Livres olhavam para a vasta extensão de gelo à sua frente com uma grande inquietação. Contudo, ninguém teve coragem de contradizer o general quando ele ordenou que avançassem, e logo me vi puxando um trenó pelo gelo ao lado de uma dúzia de outros infelizes.

Todas as manhãs ao acordar víamos que havia cada vez menos de nós, até que em pouco tempo só restara eu e outros três. Os capatazes nos xingavam e batiam, mas não tinham muita opção além de aliviar a carga, deixando provisões vitais para trás porque não havia escravos suficientes para carregá-las. Barrigas começaram a roncar e ânimos a se exaltar, e o medo dos Espadas Livres aumentava a cada passo dado no gelo, medo esse que se mostrou bem justificado.

“O Povo Urso esperou o momento propício, deixando que nossas vidas e comida acabassem a cada quilômetro percorrido, até que os dias ficaram tão curtos que o exército não conseguia percorrer mais de alguns quilômetros por vez. Estranhamente, eu estava mais bem alimentado do que antes. O capataz principal havia conseguido mergulhar para a morte no fundo de uma fenda oculta no gelo, e os seus subordinados sobreviventes estavam esgotados demais pelo frio para prevenir que eu me servisse das rações dos meus companheiros escravos. Todos eles haviam perecido a essa altura, alguns devido aos espancamentos, mas a maioria havia sido levada pelo frio.

“Lembro-me do dia em que vi o general pela última vez, sozinho na frente da coluna. Ele andava de um lado para outro no gelo, pisando firme e impaciente, e me pareceu que esperava por alguma coisa. Graças às minhas forças recuperadas, eu havia começado a alimentar ideias insanas de vingança. Os capatazes cada vez mais negligentes, reduzidos a apenas dois, não notaram quando peguei uma chave de um de seus companheiros mortos, um bêbado que cometera a tolice de desmaiar após se esquecer de enrolar-se bem nas peles. Seria simples soltar os meus grilhões do trenó, correr na direção do general e passar as correntes por sobre a cabeça dele, estrangulando-o antes que os seus Kuritai pudessem reagir. Era um plano impossível, é claro. O homem tinha o dobro do meu tamanho e os seus Kuritai teriam caído sobre mim antes que eu tivesse percorrido metade da distância. Mas eu era jovem, e a esperança sempre é viva nos jovens. E a visão do cadáver decapitado de meu pai jamais desapareceu, por mais tolo que ele tivesse sido.

“Assim, enquanto o general andava de um lado para outro, enfiei a chave no fecho e me preparei para colocar o meu plano em prática. Penso com frequência no que teria acontecido se o homem sem olhos não tivesse aparecido. Provavelmente haveria mais um escravo morto no rastro do exército daquele louco através do gelo. Mas, ainda assim, em meus momentos de menos reflexão, costumo pensar no que teria sentido ao ter aquele homem à minha mercê, somente por um instante, ter consciência do medo dele quando a corrente fosse apertada em volta do seu pescoço.

“Porém, a chegada do homem sem olhos afastou todos esses pensamentos da minha cabeça. Ele não era muito diferente das pessoas que havíamos matado no

litoral, vestido com peles, pequeno e de rosto largo, mas em vez de ursos ele havia trazido gatos, gatos muito grandes que saíram da neblina de ambos os lados, fazendo os poucos cavalos sobreviventes empinarem alarmados e uma quantidade considerável de Espadas Livres recuar. Muitos começaram a sacar as espadas, mas foram detidos por uma ordem do general. Para minha grande surpresa, ele começou a conversar com o homem sem olhos, não em alguma língua tribal estrangeira, mas em volariano. Ainda mais chocante foi o seu comportamento, com ombros curvados e cabeça levemente abaixada, a postura de um homem subserviente. As palavras eram baixas, mas ouvi alguns trechos da conversa em meio ao vento constante. ‘Você foi ordenado a esperar’, disse o homem sem olhos ao general. Tokrev pareceu corar, falando o tipo de jargão militar que meu pai adorava, mas raramente compreendia, sobre aproveitar iniciativas e investidas ousadas. O homem sem olhos disse que ele era um tolo. ‘Volte no próximo verão’, falou antes de lhe dar as costas. ‘Se eles lhe deixarem algo com que voltar’. Então ele desapareceu, assim como os seus gatos.

“Permanecemos acampados com o cair da noite, cada alma agora sem dúvida implorando em silêncio para que Tokrev ordenasse uma retirada de manhã. O Povo Urso acabou não lhe deixando alternativa. Os falcões-lanceiros atacaram primeiro, mergulhando do céu noturno às centenas para arrancar olhos de órbitas, rasgar rostos e cortar dedos, de modo que parecia que uma chuva vermelha caía por toda parte. Os Espadas Livres entraram em pânico e somente os Varitai e os Kuritai responderam aos toques de corneta, formando um cordão defensivo ao redor do acampamento. Houve um momento de total calma, a noite para além da luz das tochas apenas um vazio silencioso, mas então se ouviu o som, preenchendo a noite, o rugido de mil ursos enfurecidos.

“Eles nos atacaram por dois lados, uma cunha densa de músculos e garras, atravessando os Varitai como se fossem feitos de palha, e então saindo numa disparada destruidora pelo acampamento. Por todos os lados homens tombavam gritando, eviscerados ou decapitados por golpes de garras, os ursos subindo e descendo ao transformar os soldados numa massa sangrenta. A última vez que vi o general ele estava no meio de um grupo de Kuritai, que lutava com toda a habilidade para manter as feras afastadas enquanto ele fugia, seguido de perto por um aglomerado de Espadas Livres enlouquecidos de medo.

“Quanto a mim, eu ainda me encontrava agachado junto ao trenó, agora adornado com os restos dos meus capatazes. Tudo acontecera com tal velocidade que eu mal podia acreditar. Os ursos pareciam satisfeitos em continuar desmembrando cadáveres, mas então vi homens correrem das sombras, muitos homens com lanças, mais ursos correndo ao lado deles e o ar acima tomado pelo estrondo de asas. Num instante eu soube que continuar por mais um momento significaria a morte.

“Soltei-me e fugi para a escuridão, sem me lembrar de pegar algumas provisões, pensando apenas em escapar. Corri até os meus pulmões começarem a arder com o ar congelado, e caí somente quando as minhas pernas cederam. Permaneci deitado e imóvel por algum tempo, tentando recuperar um pouco das minhas forças, mas eu estava cansado demais e fazia muito frio. Achei que seria melhor dormir um pouco, e eu teria caído num sono eterno se não tivesse ouvido o som constante das garras de um urso sobre o gelo atrás de mim. Eu me forcei a levantar e segui em frente, cambaleando, impelido somente pelo terror, mas nem isso foi suficiente para que eu pudesse continuar fugindo e caí mais uma vez.

“Ciente de que minha causa estava perdida, forcei-me a me virar e confrontar o meu perseguidor, uma forma pesada que se aproximava em meio à escuridão, de olhos brilhantes, garras e focinho vermelhos de uma refeição recente. Os volarianos não possuem canções de morte, pois não acreditam que haja deuses ou almas elevadas para ouvi-los, mas naqueles momentos finais me vi pensando mais uma vez nos sonhos tolos de meu pai e em como eu gostaria de ter encontrado coragem para lhe perguntar sobre a minha mãe.”

Astorek calou-se e agora tinha o olhar distante, franzindo a testa, intrigado, como se estivesse se lembrando de algo que não compreendia plenamente. Vaelin conhecia bem aquela expressão, que tantas vezes já estivera em seu próprio rosto.

— O lobo — disse ele.

— Sim. — Astorek deu um leve sorriso. — O urso parou a alguns metros de mim, rosnando, com um brilho malicioso no olhar que eu só tinha visto nos olhos de homens. Ele parecia estar saboreando o momento e aproximou-se devagar até que o seu focinho ensanguentado estivesse a poucos centímetros de mim, seu hálito quente e fedorento em meu rosto... E então ele parou.

“Eu havia fechado os olhos, recusando-me a encarar aquele olhar cheio de ódio, mas quando senti o seu hálito se afastar, abri-os de novo. O urso estava encolhido, de cabeça baixa, os olhos agora iluminados por outro traço humano: medo. Não de mim, é claro, mas de algo atrás de mim. Então me virei e vi um lobo.

“Percebi duas coisas de imediato. Primeiro, ele era grande, maior do que o urso que agora se encolhia diante dele, na verdade. Segundo, os olhos. Olharam nos meus e eu soube... Ele estava me *vendo*, por completo, pele, ossos, coração e alma. Estava me vendo e não sentia qualquer malícia.

“Ouvi o som de algo sendo raspado e me virei para ver o urso fugindo para noite adentro a toda a velocidade, a forma branca logo engolida pela escuridão. O lobo andou à minha volta durante algum tempo, seu olhar ainda fixo em mim. Apesar de toda a estranheza e do terror, eu ainda sentia o frio intenso me envolver, o suor na minha pele agora congelado, sugando o que me restava de forças. Minha visão

começou a ficar turva e eu soube que logo encontraria a morte... Então o lobo rosnou.

“Não foi uma voz que entrou na minha cabeça naquele momento e sim mais uma certeza, uma convicção implacável de que eu não podia morrer ali. Tirei forças de algum lugar para me levantar e o lobo partiu a trote em direção ao norte, parando depois de algum tempo para certificar-se de que eu o estava seguindo. Arrastei-me em seu encalço por incontáveis horas, ou possivelmente dias, pois toda a noção de tempo pareceu sumir. Se eu vacilava ou sentia um desespero crescente que me tentava a afundar no gelo onde pelo menos poderia descansar, o lobo rosnava, e eu continuava me movendo.

“Paramos quando o fogo verde começou a ondular no céu. Sem saber o que era, finalmente caí de joelhos, achando que era uma visão de morte, ou de loucura. Talvez eu já tivesse morrido e todos os meus tutores estivessem enganados. Havia algo nos esperando do outro lado do arco da vida. A essa altura eu já não sentia medo algum, assim como quase todas as outras sensações, entorpecido como estava. Naquele momento havia apenas aceitação, um sentimento de uma jornada completa.

“E o lobo uivou.”

Astorek fechou os olhos e Vaelin sentiu a mão de Dahrena entrelaçar-se com a sua, consciente de que ela também estava se lembrando do uivo do lobo, daquela noite na floresta quando os seordah atenderam ao chamado dele para a guerra. Vaelin sabia que Astorek não podia descrever como foi a sensação, o som que parecia anular tudo, exceto o âmagos daqueles privilegiados, ou amaldiçoados, por ouvi-lo.

— Eu teria chorado — disse o jovem xamã, reabrindo os olhos para encarar a sua plateia com um sorriso melancólico — se as minhas lágrimas não tivessem congelado nos olhos. O uivo do lobo cessou e ele me encarou uma última vez, e então partiu, saltando sobre o gelo. Olhei para o fogo no céu durante algum tempo e então me deitei para dormir. Matador de Baleia deve ter me encontrado poucos minutos depois, pois eu ainda estava vivo ao amanhecer.

— E você permaneceu aqui desde então? — perguntou Vaelin. — Nunca tentou voltar para casa?

— Para que casa eu voltaria? Tudo o que eu tinha havia desaparecido. Além do mais, quando eles retornaram no verão seguinte, compreendi muito bem a torpeza do meu antigo povo. Ficamos sabendo sobre a grande batalha do Povo Urso com o Povo Gato, que eles haviam fugido para o oeste em busca de presas mais fáceis. O Povo Lobo não lamentou vê-los partir do gelo, pois eles haviam adotado costumes insensatos. Porém, embora o Povo Urso tivesse conquistado uma vitória, suas baixas significavam que não podiam resistir a outra expedição volariana, ainda mais porque os volarianos haviam aprendido bem a lição e voltaram melhor equipados e em

número muito maior. Quando terminaram com o Povo Urso, eles vieram atrás de nós.

“Muitas Asas me ensinara muito, e eu era um aluno bastante determinado. Ela esperava me proteger do conflito, mas eu queria retribuir a bondade deles. Matamos muitos volarianos juntos, meus lobos e os falcões dela, atacando onde eles eram mais vulneráveis, fugindo antes que pudessem revidar. Nós os atacamos durante meses, até que a linha de marcha deles tornou-se uma mancha vermelha no gelo. Mas sempre havia mais, e, embora eu o procurasse, nunca mais encontrei o rastro de Tokrev. Eles pararam de vir há dois invernos. Pensamos que finalmente os havíamos convencido a nos deixar em paz, mas parece que eles atravessaram a grande água para atormentar o seu povo, e sentimos muito por isso.”

Vaelin olhou para Kiral, que assentiu lentamente. *Ela não está ouvindo mentiras... Assim como não ouvi mentiras ditas por Barkus.*

— Eles virão de novo — prosseguiu Astorek, olhando fixamente para Vaelin. — Em números ainda maiores. Mas agora temos você, Sombra do Corvo.

A cabana que Alturk escolhera para isolar-se era precária, pouco mais do que um barraco inclinado numa pequena clareira afastada do povoado principal. A porta cedeu facilmente sob a bota de Vaelin, liberando o odor fétido de um homem sujo que se entregara à bebida. O corpo volumoso de Alturk estava deitado numa cama de peles, roncando alto, cercado pelos cantis de dente de morsa que os anfitriões usavam para armazenar cerveja de pinho, todos vazios. O adormecido Alturk não deu qualquer sinal de ter notado a intrusão, algo que mudou de forma brusca quando Vaelin esvaziou uma tigela cheia de água gelada sobre a cabeça desgrenhada do lonak.

A explosão de fúria foi instantânea, e o homem levantou-se de um pulo, com o porrete de guerra na mão e os dentes arreganhados. Ele parou ao avistar Vaelin na entrada da cabana, uma expressão confusa passando pelo rosto molhado.

— Escolheu morrer agora, merim her? — perguntou ele, sibilando.

— *Sorbeh Khin* — disse Vaelin, a expressão lonak para um desafio formal. — Você não está mais em condições de liderar os Senthar. Eles são meus agora. Se quiser ficar com eles, lute comigo. — Ele deu meia-volta e foi para a clareira, onde os Senthar aguardavam, assistindo a tudo com expressões de grave compreensão. Kiral havia explicado os motivos de Vaelin e, para a sua surpresa, ninguém fizera objeção.

— Cães traiçoeiros — rosnou Alturk para eles ao sair da cabana, e em seguida começou a gritar em lonak numa diatribe breve porém veemente que pareceu não

comover ninguém.

— Você não dá mais ouvidos às ordens da Montanha — disse Kiral a ele. — Está se tornando varnish. Este homem está lhe dando uma chance de provar o contrário.

Alturk não disse nada, consentindo apenas em olhar com desprezo para ela antes de encarar fixamente Vaelin, apertando com força o porrete de guerra.

— Onde está a sua arma?

Vaelin estendeu as mãos, mostrando que não havia adaga em seu cinto, nem espada em suas costas.

— Por que eu precisaria de uma arma? Você não oferece qualquer ameaça.

Alturk olhou furioso para ele por mais um momento, e então começou a gargalhar, jogando a cabeça para trás e fazendo o seu divertimento ecoar pelas árvores ao largar o porrete.

— Eu deveria lhe agradecer — disse ele quando finalmente parou de rir. — Nem todo homem consegue tornar os seus sonhos realidade.

Ele avançou sobre Vaelin correndo agachado. O tempo passado entre o Povo Lobo ajudara em muito a recuperar a sua constituição física e, apesar de toda a cerveja de pinho na barriga, a velocidade do lonak era impressionante, deixando apenas uma fração de segundo para Vaelin desviar-se da investida e desferir um soco em seu maxilar. Alturk grunhiu de dor, mas não vacilou, respondendo com um rápido soco giratório. Vaelin bloqueou com os dois braços e enfiou o cotovelo no rosto exposto do lonak, seguindo com uma série de socos no rosto e na barriga, esquivando-se dos contragolpes de Alturk enquanto o fazia recuar, acertando cada soco com precisão... até que ele segurou um com a mão e deu um murro na têmpora de Vaelin.

Ele cambaleou para trás com o impacto, o mundo subitamente um borrão enquanto lutava para assumir uma postura de combate. Porém, Alturk não lhe deu a oportunidade, dando uma rasteira e atingindo outro soco em seu rosto. O mundo desapareceu por um momento e Vaelin só conseguia ver uma sombra vaga, cercada por estrelas cintilantes...

— Você — disse Alturk entre dentes, erguendo o punho pesado para dar outro golpe. — Você fez do meu filho um varnish. Eu o vejo todas as noites, vejo-o morrer todas as noites, por causa de você, merim her.

— Eu poupei um garoto — retorquiu Vaelin, cuspidando sangue e sentindo seu olho esquerdo fechar-se com o inchaço. — Você matou um homem... um homem que fez as próprias escolhas. — Ele então viu, um lampejo de algo nos olhos do lonak, um espasmo de expressão no rosto marcado. — Você sabia — disse Vaelin, compreendendo. — Sabia que ele o havia traído muito antes de matá-lo.

Alturk rosnou de novo, levando o punho ainda mais para trás. Vaelin pigarreou e

cuspiu sangue nos olhos do lonak, conseguindo tempo suficiente para girar e chutá-lo na lateral da cabeça. Ele se ergueu depressa quando Alturk cambaleou para trás, correndo e dando uma cabeçada no diafragma do lonak, levantando a cabeça em seguida e o atingindo no maxilar. Vaelin complementou com mais socos no rosto, e Alturk se encolhia a cada golpe, agitando os braços à medida que tentava repelir o ataque. Vaelin por fim o deixou de joelhos com um gancho de direita no queixo.

Vaelin parou, o peito arfando, sangue escorrendo dos punhos e pingando no chão da floresta.

— Nishak me contou — disse Alturk numa voz apática e cansada, erguendo os olhos para ele, o sangue escorrendo de vários cortes. — Eu... não dei ouvidos. — Ele abaixou a cabeça, encolhendo-se, resignado. — Não peço a faca.

Kiral surgiu ao lado de Vaelin com o porrete de guerra de Alturk na mão.

— Atinja em cheio — disse ela, oferecendo a arma a Vaelin. — Ele ao menos merece um fim rápido.

Kiral se calou de repente e emperdigou-se, voltando o olhar para o sul. Pela expressão de dor em seu rosto, Vaelin sabia que a canção da lonak devia estar emitindo uma nota poderosa. No entanto, desta vez ele não precisou perguntar o significado, pois pôde ouvir outro aviso, atravessando o gelo e a floresta, inegável e implacável. Os Senthar remexeram-se pouco à vontade e trocaram olhares temerosos, pois o uivo de nenhum lobo já soara tão alto.

Vaelin virou-se para Alturk quando o uivo cessou e o encontrou de pé; a postura de derrota havia desaparecido de seus ombros e havia uma certeza ardente em seu olhar.

— Vou precisar disso — disse ele, indicando o porrete de guerra.

Vaelin olhou para Kiral, esperando que ela fizesse alguma objeção, mas a expressão da lonak foi de grave consentimento, ainda que relutante.

— Urso Sábio possui algumas habilidades de cura — disse ele a Alturk. — Ele pode dar pontos em seus cortes.

Alturk apenas grunhiu.

— Se eu estivesse sóbrio, você estaria morto agora.

Vaelin deu uma leve risada e jogou o porrete de guerra para as mãos do lonak.

— Eu sei.

CAPÍTULO DOIS

Reva

Ela podia ver que o volariano estava morrendo; a pele do homem pendia dos ossos do rosto como uma máscara dessecada, os olhos embotados pela derrota e pelos sofrimentos recentes. Ainda assim, ele havia contado a sua história com uma voz firme, num tom claro e forte, um homem com a experiência de séculos em oratória.

— A Imperatriz irá enfrentá-los apenas com um terço da frota — disse ele aos capitães reunidos do Exército da Rainha, que haviam sido chamados para o conselho na nau capitânia. — Depois que os derrotarem, ela espera que vocês rumem para o Estreito de Lokar. A frota completa virá do sul para interceptá-los. Isso é tudo que sei.

Reva observou enquanto o Escudo examinava o mapa detalhado sobre a mesa. Eles haviam se reunido no convés principal do *Rainha Lyrna*, uma vez que nenhuma cabine era grande o suficiente para acomodar tantos. O mar estava mais calmo naquele dia, embora ainda turbulento o suficiente para fazer o barco que a levara até o navio balançar de forma alarmante, deixando entrar água a cada minuto que passava. Reva percebeu que não gostava muito da vida no mar; mesmo após ter superado os enjoos iniciais, a vida a bordo era extremamente desagradável, assim como a dor recorrente que sentia sempre que pensava em Veliss e Ellese.

— O Estreito de Lokar. — A voz de Ell-Nestra a trouxe de volta ao presente quando ele bateu com o dedo numa baía na costa volariana. — A única rota marítima direta até Volar. Assim que entrarmos no estreito, eles poderão nos encurralar mesmo com poucos navios. A quantidade de embarcações não fará muita diferença num espaço tão exíguo. Sem contar que será fácil para eles guarnecerem as margens norte e sul contra um desembarque.

— Essa nova Imperatriz deles preparou uma armadilha elegante — disse o Conde Marven num tom de admiração relutante. — Parece que ela não é nenhum Tokrev, infelizmente.

— Um ardil mais complicado do que o necessário — retorquiu a Rainha, sem nenhum vestígio de respeito na voz. — Duvido que ela já tenha jogado keschet. — Ela se virou para o Escudo. — Seu conselho, Lorde Almirante Ell-Nestra?

— Lutar uma batalha desnecessária nunca é uma boa opção — comentou ele,

ainda passando os olhos pelo mapa. — Ainda mais no mar, onde tantas coisas dependem do acaso. E manobrar uma frota tão carregada de tropas será árduo, para dizer o mínimo. Sugiro que simplesmente evitemos o inimigo, seguindo um curso para nordeste para desembarcar aqui. — Ele bateu com o dedo numa baía rasa mais de 150 quilômetros ao norte do Estreito de Lokar. — Alguns de meus capitães já fizeram contrabandos nestas costas e me disseram que a praia aqui é grande o bastante para acomodar pelo menos um quinto do exército num desembarque. Com o grosso das forças volarianas protegendo as margens do estreito, eles devem ter poucas tropas lá para se oporem a nós. Assim que o exército desembarcar, a frota estará livre para lidar com qualquer ameaça às nossas linhas de abastecimento.

A Rainha virou-se para o seu Senhor da Batalha.

— Conde Marven?

— Levará pelo menos três dias para desembarcar o exército inteiro, Alteza. Mesmo que a maioria das forças volarianas esteja concentrada no sul, ainda devemos esperar algum tipo de ataque das guarnições locais antes de estarmos totalmente prontos para marchar.

— Poderíamos desembarcar mais para o norte — admitiu o Escudo com um suspiro. — Mas a costa não oferece muitos outros locais de desembarque por pelo menos mais outros trezentos quilômetros.

— Quanto maior a distância até Volar, menores as nossas chances de sucesso — disse a Rainha, tirando os olhos do mapa e encarando os seus capitães, detendo-se por fim em Reva. — E temos alguém em nossas fileiras que pode ser considerada especialista em repelir ataques volarianos.

— Além dos seus arqueiros e guardas — disse a Rainha —, vou lhe dar três regimentos da Guarda do Reino, todos veteranos, incluindo os Lobos Corredores.

— Eles serão muito bem-vindos, Alteza — afirmou Reva.

Ela havia sido chamada à cabine da Rainha para uma audiência particular, a primeira vez que ficaram realmente sozinhas. Até mesmo o enorme Lorde Protetor recebera ordens de esperar do lado de fora. Reva se viu mais uma vez espantada com a beleza da Rainha, e mesmo as tênues linhas brancas que iam da fronte até o agora lustroso cabelo louro-avermelhado pareciam aumentar e não macular a sua perfeição. Mais que isso, era a confiança natural, a autoridade inigualável que garantiam que ela tivesse a atenção de todos os olhos em cada encontro. Apesar disso, ou talvez em parte por causa disso, Reva ainda não sentira o menor vestígio de atração pela mulher. *Ela era mais fácil de se gostar quando estava queimada,*

concluiu. *Agora a máscara é perfeita demais.*

— Por favor, saiba que a senhora tem liberdade para recusar essa ordem — prosseguiu a Rainha. — Sem qualquer desaprovação.

— Viemos aqui para terminar isso — disse Reva. — Além do mais, acho que prefiro lutar em terra do que no mar.

— Sem dúvida é um gosto adquirido com o tempo. — A Rainha sorriu, embora não fosse um de seus sorrisos estonteantes; na verdade, foi um pouco cauteloso. — Antes de partir em sua expedição ao norte, Lorde Vaelin me pediu que eu não permitisse que a senhora se expusesse a riscos excessivos. Na verdade, ele me implorou para deixá-la no Reino, como regente.

Reva segurou o riso. *Sempre tão ávido para agir como o irmão mais velho.*

— Uma tarefa para a qual dificilmente estou apta, Alteza. Mas eu pretendia pedir uma explicação mais clara sobre o propósito por trás da atual missão de Lorde Vaelin.

— Se segredos são mantidos, é por uma boa razão. Basta dizer que as oportunidades oferecidas pela missão dele eram grandes demais para serem ignoradas. — A Rainha fez uma pausa e o sorriso desapareceu lentamente. — Recentemente tive a oportunidade de ler relatos mais detalhados sobre os eventos ocorridos em Alltor. Eu não havia percebido quão verdadeiramente difícil a situação havia se tornado, os extremos aos quais a senhora foi forçada.

O rosto do volariano ao se ajoelhar diante do bloco... Não é melhor do que nós...

— A sobrevivência nos força a extremos, Alteza.

— De fato. Palavras das quais eu gostaria que a senhora se lembrasse ao realizar a sua tarefa. Esta guerra ainda não foi vencida e a sobrevivência de nossos povos necessita da vitória, a qualquer custo. — O olhar dela estava intenso agora, a máscara impecável sem qualquer traço de humor. — Compreende?

A qualquer custo. Ao ver o olhar resoluto da Rainha, Reva teve uma súbita sensação de reconhecimento, e outro rosto que ela conhecia tão bem surgiu em sua mente, um com o qual ela falara com frequência em termos similares, geralmente nos momentos antes que ele a espancasse.

— Talvez a senhora possa entrar em detalhes, Alteza — disse ela. — Minha tarefa se tornará mais fácil com instruções claras.

A Rainha mal piscou.

— Os Varitai devem ser capturados somente se houver oportunidade. Todos os Espadas Livres devem ser mortos.

— E se eles se renderem?

— Então matá-los será uma tarefa mais simples. — A Rainha avançou e tomou as mãos dela, seu rosto agora um retrato de afeição fraternal. — Como minha senhora disse, viemos aqui para terminar isso.

O Escudo acompanhou Reva de volta ao *Marechal Smolen*, um dos monstros recém-construídos carregados com a sua Guarda da Casa e um quinto de seus arqueiros. Ell-Nestra foi sob o pretexto de supervisionar os desembarques, embora Reva tivesse a sensação de que ele subitamente não desejava ficar na companhia da Rainha, talvez devido ao destino do volariano. Reva estava se preparando para entrar no seu barco quando viu o homem recuar diante da Rainha, suas feições abatidas subitamente lívidas pelo choque. A Rainha permaneceu encarando-o com uma expressão de serena satisfação quando o volariano lançou-se contra ela, de dentes arreganhados, as mãos feitas garras estendidas na direção da garganta dela. Com uma rapidez habilidosa, a Rainha tirou uma adaga da manga e a cravou no peito do volariano, um ato sem hesitação realizado antes que os seus guardas pudessem reagir.

— Jogue isto sobre a amurada — disse ela a Lorde Itis, aceitando um pano da Senhora Murel e limpando a adaga enquanto dava as costas ao homem.

O volariano, porém, conseguira de alguma forma agarrar-se à vida e continuava a expressar toda a sua fúria contra ela enquanto o Lorde Protetor o carregava até a amurada, praguejando aos gritos na própria língua com uma voz esganiçada. A Rainha não se virou quando ele foi jogado no mar e foi até Reva com as despedidas mais calorosas e desejos de boa sorte em sua empreitada.

— O homem mereceu o fim que teve, ao que tudo indica — disse Reva ao Escudo ao deixarem o barco e subirem a escada de corda até o convés do navio. — Dono de incontáveis escravos e membro do Conselho que enviou o exército deles para invadir o Reino.

— Ela matou o filho dele — retorquiu Ell-Nestra, a voz seca de sombria compreensão. — Queria que ele soubesse antes de morrer.

— Nossa Rainha é justa, mas a justiça dela pode ser severa.

— Ela é a *sua* Rainha, minha senhora. Minha lealdade terminará quando esta guerra finalmente acabar.

Ele partiu pisando firme para encontrar o capitão do navio, enquanto Reva explicava o plano para os Lordes Antesh e Arentes.

— Seremos a vanguarda do exército — disse o comandante da guarda, cofiando o

bigode. — Uma honra considerável.

— E um risco considerável — observou Antesh, sempre disposto a aconselhar prudência ao lidar com a sua monarca. Durante a marcha até Warnsclave, Vaelin contara a história completa de sua antiga relação com o Lorde dos Arqueiros, deixando-a bem ciente da antipatia que o homem já nutrira por toda a noção de um Reino Unificado. Embora o seu fanatismo claramente tivesse desaparecido com o passar dos anos, ele ainda tinha uma desconfiança perene de tudo o que era asraelino, principalmente da Rainha Lyrna.

— Estamos a quase dois mil quilômetros de casa enfrentando um inimigo abominável — observou Reva. — Cada alma neste exército partilha do risco, meu senhor. Informem o plano aos seus capitães, por favor. Desembarcamos em cinco dias. — Ela estava prestes a acrescentar a instrução da Rainha a respeito dos prisioneiros, mas as palavras ficaram presas em sua garganta. Seu povo não precisava de muita instrução sobre isso e provavelmente matariam qualquer volariano em que colocasse as mãos, mas dar voz a uma ordem que tolerava a sede de sangue deles ainda parecia errado, lembrando-a mais uma vez de que o Pai jamais transmitira uma única palavra sobre vingança.

Gaivotas apareceram no céu no dia seguinte e os primeiros vislumbres vagos de terra um dia depois. Eles navegavam a uma distância de quinze quilômetros do resto da frota, trinta navios que transportavam os soldados de Cumbrael e a elite da Guarda do Reino. A Rainha também achara apropriado fornecer quatro das extraordinárias novas balistas de Alornis, assim como uma nilsaelina esbelta que parecia conhecer bem o funcionamento das máquinas.

— A Senhora Alornis me pediu que lhe desse os seus mais sinceros cumprimentos, minha senhora — disse ela a Reva, com uma mesura desajeitada. — Ela queria vir pessoalmente, mas a Rainha Lyrna ameaçou amarrá-la ao mastro principal.

Reva a deixou escolher as pessoas mais habilidosas para operar as balistas dentre as Filhas Marcadas, um título cruel mas apropriado dado à companhia formada pelas cumbraelinas ansiosas para servirem com a Senhora Abençoada. Eram pouco mais de duzentas e, assim como os homens recrutados, pelo menos metade delas tinha menos de vinte anos, na maioria garotas de rostos taciturnos com várias histórias terríveis de maus tratos e orfandade em mãos volarianas. A princípio Arentes as manteve separadas dos homens, pretendendo que servissem como carregadoras ou cozinheiras, mas um olhar severo de Reva lhe disse que isso seria inaceitável. Reva passou a treiná-las pessoalmente, embora o assombro evidente delas e a crença

inquestionável em sua mentira contínua tornassem isso uma espécie de provação.

— Se me permite, Senhora Abençoada — começou uma delas um dia antes do desembarque, uma garota vivaz com menos de dezoito anos, se ajoelhando no convés diante de Reva.

— Eu já falei, Lehra, pare de fazer isso.

— Desculpe-me, Senhora Abençoada. — A garota olhou para ela com um rosto que teria sido o epítome da inocência juvenil se não fosse pela cicatriz que ia de seu olho esquerdo arruinado até o lábio superior, uma punição por uma pequena infração durante o tempo em que foi escravizada. — Mas estávamos em dúvida. — Lehra fez uma pausa e olhou para o resto das Filhas, que se encontravam aglomeradas perto dali de cabeças baixas. — Que versículo devemos recitar pela manhã? Para termos certeza de que o Pai abençoa a nossa empreitada.

O Pai não abençoa a guerra. Acha que Ele está vendo tudo isso e sorrindo? Reva engoliu as palavras. A mentira levava milhares através do oceano e não podia ser abandonada agora.

— Vocês todas precisam escolher os próprios versículos — disse ela, levantando Lehra com menos gentileza do que pretendia, pois a garota encolheu-se com uma mesura contrita. — “Nenhuma multidão pode pensar como uma só mente, pois o Pai nos fez a todos para sermos diferentes, cada alma outra faceta de Seu amor. Encontre o caminho ao amor do Pai com os próprios olhos e não deixe que outros afastem você do caminho verdadeiro.” — O Livro da Razão; ela raramente citava outro nos últimos tempos.

— Estaremos ao seu lado, minha senhora? — perguntou uma garota, a sua avidez refletida no rosto das outras.

O olhar de Reva foi atraído para Escudo encostado no mastro de proa, que assistia à cena com evidente divertimento.

— Eu não as mandaria para nenhum outro lugar — respondeu Reva. — Agora, voltem ao treinamento.

Ela foi até o barril de água ao lado do mastro e olhou Ell-Nestra nos olhos ao tomar um gole.

— Algo a dizer, meu senhor?

— A senhora teve uma visão divina — disse ele, encolhendo os ombros. — Também tive uma, certa vez. Não gostei muito. Fez a minha cabeça doer.

— Os seus deuses são produtos de sonhos entremeados numa tapeçaria de lendas.

— Enquanto o seu vive no céu, concede desejos e, quando vocês morrem, deixa que vivam num campo para sempre.

— Para um homem que viajou tanto, acho que a sua ignorância é bastante surpreendente.

Escudo fechou a cara e indicou as Filhas Marcadas com a cabeça, que agora executavam a série mais recente de movimentos com espada que Reva lhes ensinara.

— A senhora sabe o que as aguarda quando desembarcarmos. Quantas morrerão acreditando nessa sua ficção?

Reva percebeu que não sentia raiva dele; a verdade era inescapável e havia muito tempo ela se acostumara com a dor que causava. Ela observou as Filhas por um momento e notou que meses de treinamento haviam aprimorado bastante as suas habilidades; elas se movimentavam bem, os golpes e as aparas realizados com velocidade e precisão. Além disso, eram ferozes, muitas delas já transformadas em matadoras pelos volarianos. Mas, ainda assim, todas eram muito jovens. *Como eu costumava ser.*

— O senhor teve escolha? — perguntou Reva ao Escudo. — Quando eles apareceram para tomar as Ilhas? Quantos de seus piratas morreram nos Dentes ou em Alltor? E, se essa guerra é tão odiosa e a Rainha tão vil, por que o senhor está aqui?

Ela esperava raiva, mas a resposta dele foi contida, e todo o divertimento havia desaparecido do rosto de Ell-Nestra quando ele falou:

— Eu achava que tinha uma mácula para limpar. Mas parece que tudo o que fiz foi me conspurcar ainda mais.

Ele olhou para o alto quando se ouviu um grito vindo do cesto da gávea.

— A baía está à vista — disse ele, fazendo uma medida a Reva e afastando-se. — Hora de reunir os seus soldados, minha senhora.

Eles ancoraram a um quilômetro e meio da costa e os marinheiros passaram os barcos por sobre a amurada enquanto Reva aguardava no convés com as Filhas Marcadas. Lorde Arentes e todos os Guardas da Casa estavam posicionados na amurada, visto que seriam os primeiros a desembarcar, complementados por um contingente de arqueiros. Antesh aguardava no navio ao lado com o grosso de seus homens enquanto as embarcações que transportavam a Guarda do Reino balançavam nas ondas menos de um quilômetro a oeste. Observando a atividade com uma impaciência cada vez maior, Reva ponderava sobre a tendência de o tempo arrastar-se durante eventos que ela queria que passassem voando.

Ela percorreu o navio com o olhar, buscando uma distração, e encontrou o Escudo na proa, pegando uma luneta com o capitão enquanto apontava para algo em terra

firme.

— O inimigo? — questionou Reva, indo para o lado dele.

— Apenas um pequeno número deles — respondeu Ell-Nestra, apontando a luneta para a praia. — Talvez trinta cavaleiros. Nada com que a senhora não possa lidar, sem dúvida... — Ele franziu o cenho e um sorriso jocoso surgiu em seus lábios. — Um deles acabou de cair.

— Meu senhor Escudo! — Os dois ergueram a cabeça para o cesto da gávea, onde podiam ver um marinheiro acenando freneticamente para o norte. — Tempestade se aproximando!

Reva seguiu o Escudo até a popa e parou surpresa ao avistar o aglomerado de nuvens que cobria o horizonte. Eram escuras como breu, reluzindo com relâmpagos e lançando um estrondo retumbante pelas águas à medida que cresciam, aproximando-se a cada batida do coração.

— Impossível — sussurrou Ell-Nestra.

— O que faremos? — perguntou Reva, mas ele continuou olhando aturdido para a tempestade que se aproximava depressa.

— Meu senhor! — Reva agarrou a cota de malha dele e o sacudiu com força. — O que faremos?

O Escudo olhou boquiaberto para ela e piscou ao recobrar a razão.

— Içar âncora! — gritou ele, livrando-se das mãos de Reva. — Içar todas as velas! Timoneiro, vire para o sul! Capitão, faça sinal para os outros navios nos seguirem! Minha senhora, leve a sua gente para baixo.

A tripulação correu para obedecer enquanto Reva berrava ordens, mandando os cumbraelinos para os conveses inferiores. Contudo, ela continuou onde estava na popa, observando a tempestade chegar cada vez mais perto. *Como pode se mover tão depressa?*, perguntou-se, uma desconfiança crescendo em sua mente ao lembrar-se de outra tempestade inesperada, em Alltor, quando a chuva caiu torrencialmente de dia e a neve de noite. *O grupo na praia... No que nos metemos?*

Graças aos esforços frenéticos da tripulação, o grande navio logo seguiu para o sul, as velas inflando-se assim que foram desfraldadas quando o vento norte transformou-se num vendaval. Os outros navios haviam seguido o sinal do Escudo, embora os tripulados por marinheiros nascidos no Reino fossem nitidamente mais lentos para responder do que os meldeneanos. Reva viu a embarcação que transportava um dos regimentos da Guarda do Reino balançar na onda crescente à medida que se afastava, somente metade das velas içadas e virando num ângulo alarmante enquanto o timoneiro tentava fazê-la seguir para o sul. Em pouco tempo a chuva caía tão forte que só era possível distinguir uma forma vaga, mas Reva tinha

certeza de ter ouvido um grande gemido vindo da imensa embarcação antes de perdê-la de vista. Dentro de minutos a tempestade também atingira o seu navio, e Reva se viu envolvida pela escuridão quando o mundo transformou-se numa fúria uivante.

O vendaval foi forte o bastante para derrubá-la, o cordame ressoando com cordas e madeiras se partindo no alto, marinheiros tombando no convés ou apanhados pelo vento e sendo jogados no mar. Reva foi arrastada pelo convés, agora tomado de água. Ela passou pela entrada do porão, perto o suficiente para ouvir os gritos assustados das Filhas Marcadas vindo de baixo enquanto a água caía em cascata pelos degraus. Conseguiu se agarrar na amurada antes que o convés oscilante a jogasse para fora do navio, abraçando com força a balaustrada enquanto o vento e a chuva a açoitavam. Uma forma escura passou rolando por ela, uma das mãos raspou a sua cota de malha por um breve instante, um grito súbito e desesperado logo engolido pela tempestade.

O convés desceu de repente, invertendo o ângulo de sua inclinação, jogando-a de um lado para outro até cair de costas no convés, arfando em meio à calmaria repentina.

— Minha senhora! — Era Arentes, que corria em sua direção de braços estendidos. Ela estava tentando alcançá-lo quando ocorreu o estrondo.

O impacto a fez se soltar da amurada, deixando o convés inclinado demais para que pudesse se segurar, e ela e Arentes foram arrastados para estibordo. Reva viu o comandante da guarda chocar-se contra a amurada, despedaçando a madeira com um estalo de ossos se quebrando e deixando um vão por onde ela passou, indo mergulhar no mar revolto.

A fúria da tempestade desapareceu num instante, substituída pelo silêncio do mundo sob as ondas. Ela via somente variadas formas cinzentas que rodopiavam enquanto afundava, puxada para baixo pelo peso da armadura e das armas. Reva soltou o arco, sabendo que desta vez a obra maravilhosa de Mestre Arren estava perdida para sempre, e então desafivelou o cinto da espada, deixando que a lâmina afundasse. Tentou desamarrar às pressas as tiras de sua cota de malha, contorcendo-se no frio entorpecente, as bolhas saindo de sua boca numa torrente.

Não! Reva forçou-se a se acalmar quando as tiras resistiram a cada puxão desesperado. *O pânico vai matar você.*

Ela assumiu a pose mais imóvel e empertigada que conseguiu, voltada para a superfície para desacelerar a sua descida, e então sacou a adaga e cortou cada uma das tiras. A cota de malha se soltou num instante e Reva sentiu-se subindo, mas devagar demais, a julgar pela queimação agora agonizante em seu peito. Bateu as pernas até a superfície, colocando todas as forças nos pulmões e recusando-se com

obstinação ao impulso de respirar.

Ela botou a cabeça para fora da água com um grito, engolindo ar tomado pela chuva e tossindo, carregada para cima e para baixo por ondas altas. Não havia sinal de Arentes, nem de mais ninguém. Então ouviu uma cacofonia súbita, alta o bastante para chegar aos seus ouvidos em meio à tempestade, um grande estrondo, como se mil árvores fossem feitas em pedaços com um só golpe. O turbilhão da tempestade oscilou por um momento, diminuindo a escuridão e permitindo que avistasse o *Marechal Smolen*, o casco da grande embarcação estremecendo ao ser raspado ao longo de alguma barreira invisível, as velas arrancadas do cordame e o que pareciam ser gotas escuras pingando pelos lados, gotas que Reva logo compreendeu serem pessoas, a sua gente, lançando-se ao mar enquanto o navio era destruído sob os seus pés.

A tempestade oscilou de novo, levando consigo o espetáculo, mas Reva continuava a olhar, o frio aumentando e deixando seus membros dormentes, estremecendo, consciente de que a morte não tardaria e de que não tinha desejo algum de enfrentá-la.

Eu matei todos eles, pensou ela quando as ondas cobriram a sua cabeça. *Com uma mentira.*

CAPÍTULO TRÊS

Frentis

A casa de campo era a maior que haviam encontrando até então, mais uma fortaleza do que um lar, suas muralhas espessas e altas, os jardins estendendo-se por vários acres para todos os lados. Era evidente que fora a morada de um proprietário de considerável riqueza, suficiente, de fato, para manter uma guarnição de duzentos Varitai. No entanto, a força das defesas da casa de campo não impediu que o proprietário a abandonasse ao primeiro sinal da aproximação deles. Seus Varitai foram contados com facilidade, caídos em quatro fileiras alinhadas no pátio interno, cada um com um corte idêntico na garganta que ia de orelha a orelha.

— Todos os objetos de valor foram levados, assim como os cavalos — relatou Draker. — Encontramos a maioria dos escravos no lado de dentro. Parece que alguns resistiram, ao contrário destes aqui. Mas isso não os salvou.

— Duzentos de seus próprios homens — disse Illian, sacudindo a cabeça, perplexa. — Não compreendo.

— Eles agora sabem o que planejamos. — Frentis indicou com a cabeça um aglomerado silencioso dos próprios Varitai libertos que se encontrava por perto. — Não queriam que ficássemos com eles. — Ele olhou para Mestre Rensial. — Pelo estado dos corpos, não podem estar a mais de um dia de cavalcada para o norte. Cuide disso, mestre, por favor.

Rensial assentiu e foi até o seu cavalo, e sua companhia montada o seguiu quando saiu a galope pelo portão da casa de campo. Frentis considerou por um momento ir com eles, dada a natureza errática do mestre, mas resistiu ao impulso. Ocorrera uma mudança em Rensial nos últimos dias; o seu olhar não estava mais tão vazio e ocasionalmente o que falava não precisava de tanta interpretação quanto de costume. *Somente na guerra o louco fica são.*

Nem todos os escravos da casa de campo foram mortos antes da fuga de seu senhor, pois alguns estavam trabalhando nos campos quando a matança começara. Muitos foram vistos fugindo em todas as direções, embora uma minoria considerável tivesse rumado para a casa de campo, cautelosa e confusa pelas boas-vindas que recebera, e alguns ficaram pesarosos ao avistarem os companheiros assassinados, a maioria homens que choravam por mulheres mortas. O casamento era proibido entre

escravos, mas aonde quer que fossem havia evidências de que as pessoas eram capazes de forjar os próprios laços, independentemente de quaisquer barreiras ou ameaças que restringissem as suas vidas. Foi a esses enlutados que Frentis entregou o proprietário da casa de campo quando Rensial retornou no dia seguinte, arrastando o infeliz homem de preto atrás do cavalo, de mãos amarradas e amordaçado.

— Ele tinha esposa e filhos — relatou Rensial quando os escravos cercaram o seu antigo senhor com facas e chicotes erguidos. — Eu os deixei ir.

— É claro, mestre. — *Eles sempre imploram*. Frentis viu o homem de preto cair de joelhos, erguendo as mãos amarradas em súplica. Era um homem alto, corpulento e com a aparência de um soldado, fato que podia ser atestado pelas várias lembranças militares encontradas na casa. *Um oficial de renome? A casa de campo, a família, os escravos. Todos frutos de uma carreira ilustre. A recompensa de um herói*. Ele estava longe de parecer heroico agora; era apenas um homem aterrorizado e mijado implorando pela vida. *Eles sempre imploram*.

Frentis deu as costas ao homem quando o tormento começou e foi até onde Illian estava treinando o grupo mais recente de recrutas. Havia menos gente do Reino agora, mas a quantidade de pessoas começara a crescer desde a vitória sobre a guarnição eskethiana; os Espadas Livres que eles haviam permitido que fugissem espalharam a notícia da calamidade com rapidez espantosa. Mais cem fugitivos haviam chegado às montanhas dentro de poucos dias, e o exército passara de quatro mil membros no intervalo de um mês. Para alimentar tantos, Frentis fora forçado a ordenar que seguissem para o noroeste, até as terras férteis cultivadas que se estendiam em direção a Nova Kethia; aquela casa de campo fora a primeira a ser tomada.

Ele assistiu ao treinamento durante algum tempo, satisfeito com a facilidade com que Illian guiava os recrutas, exibindo toda a autoridade de um mestre no campo de treinamento da Casa da Ordem. Ela estava lhes ensinando como usar o bastão, que era a base para o uso eventual da alabarda ou da lança, mas também um sinal de que ainda não dispunham de armas suficientes. Frentis havia colocado o antigo ferreiro para trabalhar na forja da casa de campo com ordens para transformar as várias ferramentas agrícolas no maior número possível de lâminas de machado. Isso significava que teriam de permanecer ali por algum tempo, provavelmente semanas, e o atraso o irritava. Determinado a manter o ímpeto da rebelião, Frentis enviara Lekran e Ivelda em direções opostas, cada um com duzentos combatentes e ordens para libertar tantos escravos quanto possível.

Frentis virou-se quando Trinta e Quatro apareceu. O ex-escravo agora vestia equipamentos tirados dos corpos de oficiais Espadas Livres e passava uma impressão de impecável asseamento militar, cada centímetro de armadura

meticulosamente limpo e todas as fivelas polidas a ponto de brilharem.

— Ele está pronto, então? — perguntou Frentis.

— Curado e perfeitamente capaz de cavalgar, irmão. Mas ainda se recusa a falar.

— Isso é incomum. Geralmente eles não conseguem calar a boca quando percebem o que você é.

— Quem eu sou — corrigiu Trinta e Quatro, com uma aspereza incomum na voz. — O que eu costumava ser.

— Sim. — Frentis deu um sorriso de desculpas. — Bem, vamos soltá-lo.

O volariano se recusara a fornecer um nome, mas eles o haviam descoberto na correspondência encontrada no comboio de carga de seu batalhão.

— Honrável Cidadão Varek — cumprimentou-o Frentis calorosamente, agachando-se ao lado do homem à sombra da acácia à qual ele havia sido preso. — Espero que esteja se sentindo melhor.

Varek permaneceu encolhido contra o tronco da árvore, seu rosto não revelando qualquer emoção além da fúria ardente que tomara conta dele desde que despertara e se vira acorrentado e com o batalhão destruído.

— Tenho boas notícias — prosseguiu Frentis, fazendo sinal para Trinta e Quatro soltar a corrente. — A liberdade o aguarda.

A expressão de Varek ficou cautelosa, e Frentis notou como ele conteve o breve lampejo de esperança que pôde ser visto em seus olhos.

— Garanto que não é um truque. — Frentis pegou a corrente e deu um puxão insistente, e o volariano levantou-se devagar, os olhos cautelosos movendo-se sem parar à espera de um ataque. Frentis o conduziu pelo pátio, ciente de que o homem prestaria bastante atenção nos muitos ex-escravos que treinavam. Draker aguardava na entrada arqueada da casa de campo com um cavalo, selado e carregado com provisões para vários dias de cavalgada.

— Este era o seu cavalo, não? — perguntou Frentis, removendo os grilhões dos pulsos de Varek.

O volariano estava levemente menos desconfiado agora, e esfregou a carne avermelhada, enquanto seu olhar ia de Frentis para o animal.

— Não irei trair o meu povo — afirmou ele, as primeiras palavras que falava desde que despertara. — Qualquer que seja a recompensa.

— Dificilmente daria para chamar isso de recompensa — disse Frentis. — Imagino que você sabe que tipo de recepção terá em Nova Kethia, o filho derrotado e humilhado de um pai venerável. A vergonha será insuportável, mas, antes de se matar, informe àqueles que o atormentarem que o que aconteceu a você logo

acontecerá a eles, por favor. A cidade cairá antes que o ano termine e cada alma mantida em cativeiro será libertada. Contudo, a minha rainha tem compaixão de sobra e está disposta a oferecer termos.

O volariano suspirou e sacudiu a cabeça.

— Você é louco.

— Os portões da cidade devem ser abertos e quaisquer defensores retirados das muralhas. Todos os Espadas Livres devem depor as armas e todos os escravos, incluindo Varitai e Kuritai, devem ser libertados. A cidade se tornará propriedade da Rainha Lyrna Al Nieren, que decretará uma justa redistribuição de terras e riquezas no seu devido tempo. — Ele se aproximou de Varek e falou em voz baixa, sentindo a sua raiva aumentar de novo: — O não cumprimento desses termos extremamente generosos resultará na destruição total de sua cidade e na execução de cada volariano encontrado armado.

Varek virou a cabeça na direção do grupo de recrutas.

— Você realmente acredita que essa gentinha é capaz de tomar Nova Kethia? Acha que o Conselho Governante não fará nada enquanto marcham? Vocês serão esmagados antes mesmo de avistarem a cidade, e cada um desses cães que ainda estiver vivo será esfolado e deixado para apodrecer ao sol, se tiverem sorte.

Frentis apenas sorriu.

— Parece que as notícias estão se espalhando devagar. — Ele se inclinou para mais perto do volariano. — Não há mais Conselho Governante. Vocês são governados por uma Imperatriz agora e ela irá assistir e gargalhar quando eu destruir a sua cidade, acredite.

— Irei suportar o que quer que me aguarde — disse Varek num tom de absoluta certeza. — Sofrerei cada tormento por mil anos somente pela mínima chance de chegar tão perto assim de você novamente.

— Então é melhor investir primeiro em algumas lições de esgrima. — Frentis virou-se para Draker. — Escolte o honorável cidadão até o anoitecer. Se ele olhar uma vez para trás, mate-o.

O corpo novo dela é mais forte do que aquele que deixou na praia, saltando e girando com toda a velocidade e precisão que ela poderia desejar, mas ainda assim...

— *Está sentindo, não?* — *pergunta o Mensageiro, reclinado numa cadeira no terraço. Ele usa o corpo de um Arisai, um dos poucos com sangue dotado, alto e esguio. Atrás dele há mais seis de pé, também dotados, e, embora seus rostos*

sejam diferentes, as expressões são idênticas. Ela nunca encontrou tantos dele e acha isso desgastante; um sempre foi mais do que suficiente.

Ela abaixa a espada curta e levanta-se da posição agachada de luta, nua e coberta de suor pelo esforço. Se o Mensageiro se sente excitado com o que vê, não demonstra o menor sinal em nenhum de seus rostos. Ela se sente desconfortável com a visão do céu escuro que os emoldura, percebendo que era meio-dia quando retornara à Torre do Conselho. Desde que despertara naquela nova casca, a sua capacidade de manter uma noção do tempo havia diminuído ainda mais.

— Sentindo o quê? — pergunta ela.

— O torpor. O frio não é tão frio, o calor não é tão quente. Piora a cada um que você toma. Hoje em dia mal consigo sentir alguma coisa. — Ele inclina a cabeça, examinando-a, um leve sorriso predatório nos lábios. — Consegue ouvir desta vez? Consegue, não?

Ela contém um lampejo de raiva, ressentindo-se com a intuição natural dele. A dona da casca era mais velha do que a primeira, e não havia nascido escrava, deixando uma quantidade imensa de lembranças que vinham à tona com desagradável clareza e com muita frequência: ... brincando com o irmão na margem de algum lago nas montanhas... rindo quando o pai lhe mostrou os seus truques...

A princípio ela achava que o dom da mulher era tão pequeno que não podia ser discernido, mas acabou compreendendo que a memória era o seu dom. Cada pensamento, ação e palavra guardados em sua cabeça, imutáveis e sempre muito vívidos.

— Você disse para preparar oito — diz ela, afastando as imagens. — Mas só contei sete.

Ela sente certa satisfação ao vê-los cerrar os maxilares em uníssono, ciente de que o Mensageiro está contendo a própria raiva.

— Al Sorna tem facilidade para fazer amigos úteis — diz ele após uma breve pausa.

Então ela vê. Embora as cascas sejam todas joviais e atléticas, suas feridas evidentes ainda as marcam, deixando que nos olhos transpareça dor, cansaço... e medo.

— Tem certeza de que sabe onde encontrá-lo? — pergunta ela.

— Ele procura o homem eterno. Basta que eu viaje para o norte para encontrar o seu rastro. Você terá de me tornar general, e alguma espécie de título grandioso parece apropriado. Senhor Supremo do Norte, ou algo assim.

— Os Exércitos Setentrionais são comandados pelo Governador Geral de

Atethia. Vou lhe dar uma ordem de execução. Quando ele estiver morto, você pode se chamar do que quiser.

— Devo dizer que você parece não gostar muito desses governadores. Restará algum vivo depois dessa ordem?

— Apenas o Governador de Eskethia. Eu ia executá-lo também, mas estou começando a me sentir mais inclinada a deixá-lo à própria sorte.

Os rostos mudam de novo, sem restar nenhum vestígio de humor, e ela sabe que as palavras seguintes não são dele.

— Você não pode se dar a caprichos agora. Essa sua distração teve alguma serventia, mas agora obstrui o nosso propósito. Ele precisa que você cuide da questão sem demora.

— O Conselho está morto e a frota da vadia despedaçada. Tudo pelas minhas mãos. Mereço os meus caprichos.

— Os três últimos séculos foram o seu capricho. Décadas de assassinatos e malícia, o presente dele para você. Agora ele exige pagamento.

A mão dela se fecha sobre a espada, a verdadeira intensidade da antipatia que sempre sentiu por aquela criatura tornando-se evidente pela primeira vez. Ela os vê se retesarem, e o que falava levanta-se.

— Ele sabe o que você planejava — diz o Mensageiro. — Seu precioso plano, o sonho de governar com aquele garoto ao seu lado, eterna e terrível com o mundo inteiro para a sua diversão. Acha mesmo que daria certo?

— Se eu não tenho mais serventia para ele — responde ela, sorrindo —, mate-me. Se puder.

Eles levam as mãos ao mesmo tempo às espadas penduradas ao lado do corpo. Ela sabe que não tem chance, sabe que está escolhendo a morte. Olhe para mim, meu amado, pensa ela, ciente de que ele a vê. Veja como vou deixá-lo orgulhoso.

Porém, o Mensageiro para, todos os sete soltam as espadas e seguem em silêncio para a porta. O que falou demora-se por um momento, seu rosto agora o de um soldado cansado chamado ao dever do qual não pode escapar.

— Ele sempre encontrará mais serventia para nós. Você pode ficar com o garoto, se capturá-lo vivo. Mas o assunto precisa ser resolvido.

Mais uma vez sozinha, ela fecha os olhos, buscando a presença dele, abraçando a determinação implacável que encontra, o seu novo coração quase transbordando de alegria. Ela vê algo, um redemoinho de névoa na escuridão, assumindo uma forma que ela conhece tão bem. As palavras dele não significam nada, amado, diz ela, estendendo a mão para lhe acariciar o rosto. O mundo ainda pode ser nosso.

Ele arrancou a mão de seu rosto, rosnando de fúria, levando a sua faca até a garganta dela.

— Nunca! — sibilou ele no rosto dela, pressionando a lâmina com mais força.

Lemera choramingou, os olhos arregalados e horrorizados, o rosto trêmulo de terror, a cabeça puxada para trás pelo punho que agarrara o seu cabelo, a pele lisa de sua garganta exposta e vulnerável.

Ele perdeu o fôlego ao largar a faca, afastando-se da mulher e encolhendo-se na beira da cama com a cabeça nas mãos.

— O que... o que foi? — perguntou Frentis quando seus membros pararam de tremer.

A resposta dela foi pouco mais do que um sussurro.

— Eu ouvi gritos... Você estava sonhando...

Ele olhou por sobre o ombro, notando o vestido fino de algodão que mal a cobria e o tamanho do medo que ainda se via nos olhos dela. Frentis virou-se para o outro lado, piscando enquanto os seus olhos acostumavam-se com o escuro. Ele ficara com os aposentos do proprietário, uma exibição espaçosa de riqueza e luxo, as paredes adornadas com vários quadros, a maioria retratando batalhas de precisão implausível. O proprietário estava presente em várias delas, uma versão mais jovem, alta e orgulhosa, de espada na mão enquanto comandava os seus homens com coragem e um olhar severo, um contraste singular com a forma arruinada, ensanguentada e suplicante, que fora deixada para morrer no pátio quando os escravos se cansaram dele.

— Eu... tenho pesadelos às vezes — disse a Lemera. — Desculpe-me se a machuquei.

— Já fui machucada de formas piores. — Frentis sentiu-a se mexer na cama e depois um toque hesitante nas costas, os dedos dela se abrindo para explorar a carne. — Você lutou tanto, e ainda assim não tem cicatrizes.

— Eu tinha cicatrizes. Elas sararam.

— Artesão?

— Não. — *A semente germinará.* — Não, foi outra coisa. Algo que duvido que algum dia irei compreender. — Ele se virou de novo, e Lemera colocou a mão em seu ombro, até que Frentis a tirou com cuidado. — É melhor você ir.

Ela recuou um pouco, mas não partiu. O rosto havia se fechado, mas Frentis teve a impressão de que Lemera sorria.

— A irmã disse que você havia sido proibido de tocar numa mulher. Achei que ela estava brincando.

— A Fé exige tudo que temos.

Ela se mexeu de novo, encolhendo as pernas e apoiando o queixo nos joelhos, a cabeça inclinada enquanto o observava, agora mais curiosa do que divertida.

— E você está tão disposto assim a dar?

— A Ordem é tudo o que sempre quis.

— Então o mundo fora da sua Ordem não oferece nenhuma tentação?

— Eu vi o mundo, com todas as suas tentações. Estou satisfeito com a Ordem.

— Depois do treinamento de ontem, Draker deu um soco num homem por contar uma história. Uma história estranha sobre como você foi levado para o palácio, junto com uma mulher que possuía uma magia maligna. E juntos vocês mataram o seu Rei. Ele estava mentindo?

— Não. Ele não estava mentindo e Draker não devia ter feito o que fez.

— E ainda assim a sua rainha deixou você viver e o mandou para cá.

— Eu não controlava as minhas ações. A magia da mulher me dominou, obrigou-me a fazer coisas terríveis.

Lemera se empertigou e ele sentiu os olhos dela percorrendo o seu rosto. Embora não pudesse ver a expressão dela, a intensidade do escrutínio era inquietante. Frentis estava prestes a pedir mais uma vez que ela saísse quando Lemera falou.

— Então não somos muitos diferentes, você e eu.

Ela se esticou e deitou-se na cama.

— Posso dormir aqui? Só por hoje. Também tenho sonhos. — Ela soltou uma risada baixa diante da hesitação evidente de Frentis. — Prometo não oferecer nenhuma... tentação.

Eu devia fazê-la ir embora, ele sabia. *Nada de bom pode vir disso*. Mas não a mandou a embora, percebendo que não conseguia ser cruel assim. Então se deitou ao lado dela, tentando afastar a tensão dos membros, ciente de o que o sono seria um estranho aquela noite. Lemera aproximou-se após alguns momentos e apoiou a cabeça no ombro dele, sua mão encontrando a de Frentis, entrelaçando os dedos.

— Não haverá vitória para nós, não é? — perguntou ela num sussurro.

— Não diga isso. Minha Rainha está vindo para estas praias com um grande exército. Se permanecermos firmes na nossa causa...

— Eu fui escrava, mas nunca fui tola. Esse império é mais vasto do que se pode imaginar e matamos apenas uma fração das forças que eles trarão contra nós. Eles vão nos matar, todos nós, pois somos escravos e não podem permitir que tenhamos a mínima esperança de liberdade. Sem nós, eles não possuem um império.

O assunto precisa ser resolvido.

— Se acredita que a nossa causa é tão perdida, por que se juntou a nós?

Ela chegou ainda mais perto, passando o braço livre em volta do dele, apertando a mão de Frentis com mais força, o seu hálito quente na pele dele.

— Porque você ofereceu algo que eu havia esquecido que podia ser oferecido. Uma escolha. E eu escolhi morrer livre.

O número deles dobrou no decorrer das semanas seguintes, quando Ivelda e Lekran continuaram a trazer recrutas às dezenas e cada vez mais fugitivos chegavam à casa de campo. Logo havia tantos, que alimentar todos se tornou um problema, e Frentis se viu obrigado a ordenar que alguns trabalhassem nos campos para colher o que pudessem. Alguns se ressentiram com a ordem, mas ele conseguiu amenizar qualquer descontentamento ao prometer que todos se revezariam na mesma tarefa, inclusive ele. Conahl, o ferreiro nascido no Reino, realizara feitos prodigiosos produzindo grandes quantidades de armas, mas ainda não era suficiente; apenas um terço do exército podia ser descrito como adequadamente armado, e pelo menos a mesma quantidade de combatentes ainda estava equipada com várias ferramentas agrícolas.

— Há armas de sobra em Nova Kethia — observou Lekran no conselho da noite.

— Ainda não temos força suficiente para tomá-la — retorquiu Frentis. Trinta e Quatro conhecia bem Nova Kethia e tinha informações detalhadas sobre a resistência de suas muralhas. Além disso, eles tinham de partir do princípio de que a Imperatriz a essa altura já devia ter enviado algum reforço para a cidade, ou talvez até mesmo ido até lá em pessoa. Frentis resistiu ao impulso de se permitir sonhar novamente, e deu continuidade às doses noturnas da poção para dormir do Irmão Kehlan, apesar das dores de cabeça. A campanha se encaminhava para uma fase crucial e ele não estava disposto a arriscar que ela pudesse descobrir os seus planos quando suas mentes se tocassem. Frentis também sabia que ela estaria furiosa com a súbita ausência de contato, e talvez até mesmo propensa a cometer erros como consequência.

— Se esperarmos por muito mais tempo, não haverá mais escravos nesta região — disse Trinta e Quatro. — Os que não se juntaram a nós já terão sido mortos ou mandados embora pelos seus senhores. Se tivermos que ir para o sul, não tenho dúvida de que este exército pode se tornar poderoso dentro de alguns meses.

— Não temos alguns meses — comentou Frentis. — A frota da Rainha já terá zarpado e marchar para o sul não providenciará a distração de que ela necessita.

— Mais da metade da nossa gente não é do Reino e não sabe nada sobre a Rainha. Eles vieram porque prometemos liberdade, não para trocar um senhor por outro.

— Se conseguirmos garantir a vitória da Rainha, então cada escravo neste império será libertado. A causa dela é a causa deles. Certifique-se de que saibam disso.

Frentis voltou os olhos para o mapa. *Temos que atacar em algum lugar.*

— O que é este lugar? — perguntou ele, apontando para uma cidade na costa setentrional, cerca de oitenta quilômetros a leste de Nova Kethia.

— Viratesk — disse Trinta e Quatro. — Um porto menor usado para as rotas comerciais ao norte.

— Defesas?

— Uma espécie de muralha. É um lugar pobre, lar de apenas alguns vestidos de preto com poucos fundos para gastar numa muralha que há séculos não é necessária.

— Trinta e Quatro parou e apertou os lábios, ponderando. — Pelo que me lembro, eles têm um mercado de escravos bem movimentado. O mercado de Nova Kethia geralmente fica lotado de escravos, então muitos traficantes buscam alternativas para se livrarem dos seus estoques.

Se uma cidade tão perto da capital da província for incendiada, eles serão forçados a sair de trás de suas muralhas. Frentis afastou-se do mapa.

— Vamos esperar mais uma semana para acumular gente e treinar, e então marchamos para Viratesk.

Ele pediu a Trinta e Quatro que desenhasse um mapa da cidade e enviou Mestre Rensial para fazer o reconhecimento das rotas de acesso, advertindo-o que não fosse visto. Os dias restantes foram passados treinando os recrutas e fazendo um esforço para trocar algumas palavras com tantos quanto possível, satisfeito pelo fato de que a maioria parecia animada com a perspectiva de ação. Contudo, Frentis não precisou olhar com atenção para notar que muitos ainda tinham medo, principalmente os nascidos escravos ou veteranos de prolongada escravidão; eles haviam arriscado tudo para se unir àquela rebelião e não tinham ilusões quanto às consequências caso fracassassem.

— Eu quase fugi uma vez — contou Tekrav a Frentis cerca manhã enquanto conferiam o inventário de suprimentos. O ex-guarda-livros havia se mostrado entusiasmado nos treinamentos, mas sem habilidade; no entanto, a sua facilidade com números continuava tão aguçada quanto antes. — Pouco depois que a petição de meus credores fez com que eu fosse colocado a ferros. Eu e outro que se tornara

escravo havia pouco tempo elaboramos um plano durante a caravana até a casa de campo do senhor. Meu coconspirador era um sujeito grande e forte, mas tão afeiçoado à bebida e à essência de papoula quanto eu era aos dados. A ideia era que ele estrangulasse o guarda quando ele se aproximasse da nossa jaula e pegasse as chaves dele.

— Funcionou?

— Ele conseguiu colocar uma das mãos na garganta do guarda, mas então um dos cães de escravos arrancou-a com uma mordida. Não tinham muita serventia para ele depois disso, exceto como exemplo. Eles levaram o dia inteiro para dar a lição, e ao final o sujeito estava implorando para morrer. Depois disso fiquei muito grato pelo meu destino como escravo.

— Então por que você se juntou a nós?

Tekrav encolheu os ombros.

— Mesmo agora não sei ao certo. Meu senhor era bom comigo. Só fui chicoteado duas vezes durante todos os anos que o servi. Mas ele não era tão gentil com os outros e, como Primaz, eles recorriam a mim em busca de proteção. Eu tinha maneiras sutis de desviar a sua raiva, questões de negócios ou uma nova safra de vinho para distraí-lo de qualquer tormento que a sua mente cruel pudesse conceber. Porém, quando a guerra começou e os novos escravos chegaram... — Tekrav calou-se e forçou um sorriso. — Bem, ele tinha tantos brinquedos novos com que brincar. E eu não podia proteger todos.

— Lamera e os outros. Você se juntou a nós porque eles se juntaram.

— Um homem deve ficar com a sua família, não acha?

— Sim, deve. — Frentis deu uma última olhada no inventário antes de entregá-lo a Tekrav. — Tudo está em perfeita ordem. Agradeço pela atenção. Eu ficaria grato se você cuidasse do comboio de carga durante a marcha.

— Cuidarei, irmão. Eu estava pensando que talvez pudesse ter um título.

Frentis parou e ergueu uma sobrancelha.

— Suponho que você tenha alguma coisa em mente.

— Nada muito extravagante. Mas talvez... Lorde Intendente?

— Intendente-Mor. Quaisquer enobrecimentos serão determinados pela Rainha Lyrna.

— É claro. Imagino que você vai assegurar a Rainha de meu valor no seu devido tempo, não?

Livre há alguns meses e já trama a sua ascensão. Ele provavelmente acabará como Ministro de Obras se viver por tempo suficiente.

— Será um prazer, senhor.

Mestre Rensial retornou no dia seguinte para relatar que o caminho até Viratesk estava livre de patrulhas volarianas. Na verdade, ele não vira mais ninguém durante toda a missão.

— Não é do feitio deles serem descuidados — observou Lekran. — Geralmente não há um dia que se passe na estrada sem se ver pelo menos uma tropa de cavalaria.

— O império está sempre determinado a vigiar os seus habitantes — concordou Trinta e Quatro.

— Então nós os afugentamos — disse Ivela. — Assim como o meu povo fez com os othra quando eles surgiram para tomar as colinas de bronze.

— Nós as tomamos — retorquiu Lekran com um sorriso surpreendentemente cortês. — Mas as achamos imprestáveis, então as devolvemos.

Ela riu e sacudiu a cabeça.

— Seu pai lhe contou muitas mentiras, comedor de irmã.

— Fiz uma promessa ao Irmão Vermelho, então vou esperar isso terminar antes de cortar a sua cabeça.

— Estou ansiosa para me divertir com a sua tentativa...

— Calem-se! — gritou Frentis, de forma bastante séria. Encarou os dois até que eles abaixaram o olhar. — Todos vocês, preparem as suas companhias para marcharem ao amanhecer.

Desta vez eles deixaram a casa de campo intacta. Alguns dos escravos mais velhos haviam lhe pedido permissão para ficar, na esperança de se apropriar do local. Frentis não viu muito sentido em tentar forçar a participação deles, ainda mais depois que Illian advertira que não seriam de muita utilidade numa batalha. Ele seguiu adiante fazendo o reconhecimento do terreno com a tropa de Mestre Rensial, confirmando que a região estava deserta num raio de quilômetros. Os campos se tornavam cada vez mais bravios à medida que seguiam para o norte, sem escravos, exceto por alguns cadáveres que supuseram serem fugitivos das casas de campo pelas quais passaram, todas também igualmente abandonadas e algumas já incendiadas pelos proprietários.

— Eu lhe disse — disse Ivela, provocando Lekran com uma gargalhada. — Eles se mijaram de medo e fugiram. Quando chegarmos na cidade, vão fazer o mesmo.

Avistaram Viratesk após uma marcha de cinco dias, quase dois quilômetros

quadrados de construções de tijolos abrigadas na depressão de uma baía natural. A luneta de Frentis revelou que as muralhas se encontravam em estado deplorável, com várias brechas, e o fosso que as cercava fora coberto havia muito tempo. Além disso, não conseguiu ver sinal de qualquer guarda nas muralhas ou de fumaça saindo de uma única chaminé.

— Não há nada aqui. — Ele suspirou, baixando a luneta.

Encontraram os portões da cidade abertos e desguarnecidos, as ruas mais além desertas e apinhadas de detritos, sinal de uma fuga apressada.

— Alguns podiam ter tido a decência de ficar e lutar — resmungou Lekran. — Por pouco tempo que fosse.

— Pegue a sua companhia e siga pela direita, até o porto — disse-lhe Frentis. — Draker, vá pela esquerda. Eu e Mestre Rensial iremos pelo centro.

Levou pouco tempo para chegarem ao porto, passando por fileiras de casas vazias, os únicos ocupantes vivos da cidade sendo alguns cães que se fartavam com as carcaças de cavalos e cabras mortos deixados para apodrecer nas ruas. Encontraram o cais sem nenhuma embarcação, exceto por um único barco de pesca afundado, o mastro principal saindo da água no que Frentis achou ser um ângulo insultante.

— Nenhum desgraçado em casa, irmão — relatou Draker, a expressão sombria enquanto caminhava ao longo do cais. — Mas encontramos uma pilha de corpos num armazém. Todos escravos, a maioria gente mais velha.

— Livraram-se da mercadoria menos valiosa antes de partirem. — Frentis passou os olhos pela cidade, lutando contra a sensação de que as janelas vazias o olhavam de forma acusadora. *Eles teriam vivido se vocês não tivessem vindo para cá.* — Vasculhem cada construção — disse ele. — Recolham qualquer coisa de valor, principalmente armas. Precisamos de qualquer coisa com um gume afiado, até mesmo a menor faca de açougueiro. Lekran, a sua gente cuidará das muralhas. Serão rendidos ao anoitecer.

Frentis deixou que o intendente-mor supervisionasse a remoção dos corpos, embora tivesse feito questão de ajudar a colocá-los nas carroças. Eram cerca de cinquenta ao todo, homens e mulheres de meia-idade, nus, uma vez que as suas roupas eram consideradas de mais valor do que as suas vidas, antigas marcas de chicotadas visíveis na maior parte da carne que estava ficando acinzentada rapidamente. Foram transportados para fora das muralhas, onde Tekrav organizou a construção de uma pira imensa feita com os móveis deixados para trás pela população. Assim que

todos os corpos haviam sido colocados sobre a madeira embebida em óleo, Frentis virou-se para se dirigir aos combatentes reunidos.

— Entre o meu povo, é costume dizer algumas palavras sobre os mortos, não importando as crenças — disse ele. — Muitas dessas pessoas, se não a maioria, conheceram apenas uma vida de escravidão, destinadas a uma morte de escravo. Para serem descartadas como um cavalo aleijado, sem identificação, despercebidas, indignas de um pensamento ou de uma palavra sequer. Mas agora estamos aqui para lembrar as suas mortes, com palavras e com aço. Dias difíceis nos esperam, dias em que nossa causa parecerá perdida e os seus corações serão tentados pelo desespero. Quando esses dias chegarem, peço que se lembrem do que viram aqui hoje, pois, se fracassarmos, este será o nosso destino, e nenhuma voz se erguerá para testemunhar que algum dia vivemos.

Ele foi para as muralhas para ver à pira queimar, as chamas erguendo-se alto na escuridão que se aproximava.

— Um belo sinal de fogo — comentou Lekran.

— Eles sabiam que estávamos vindo — retorquiu Frentis. — E sabem que estamos aqui agora. Com sorte, vão mandar as suas forças contra nós.

— E se não mandarem?

— Então vamos nos certificar de que marchem na direção da própria Nova Kethia. O momento para furtividade já passou. É hora de trazermos os nossos inimigos para a batalha.

Ela sempre achou estranho que os espetáculos nunca tivessem lhe atraído. Na verdade, ela os acha repugnantes, milhares de vozes tomadas pela sede de sangue ao assistirem a combates que poucos ou ninguém teriam coragem de experimentar em primeira mão. Para ela, a alegria da luta, e da morte, só era conseguida participando diretamente.

Mas eles adoram tanto isso, amado, *diz a ele, sentindo a sua desaprovação.* Tiramos os deuses deles, mas mantivemos os rituais, pois os deuses sempre gostaram muito de sangue.

É o Festival do Fim do Inverno, embora outrora fosse chamado por outro nome em homenagem a um deus há muito esquecido que exigia o sacrifício de almas corajosas para abençoar os campos e propiciar uma boa colheita. A arena havia sido construída originalmente em homenagem aos deuses antigos, mas todos os ornamentos divinos tinham sido removidos havia muito tempo, estátuas de mármore substituídas por efígies de bronze de generais e Conselheiros, motivos

divinos substituídos pelo brasão imperial. Porém, por mais que o palco mudasse, os espetáculos continuavam os mesmos.

Revelar-se para a multidão é uma tarefa necessária; ela não poderia permanecer oculta para sempre, e hoje há muitos olhos para ver a Imperatriz Elverah em toda a sua glória. Ela mesma escolheu o nome. Um dos muitos títulos que recebeu ao longo dos séculos, mas esse lhe propicia alguma satisfação, e não um leve divertimento. Que se curvem diante de uma bruxa.

Houve problemas, é claro. A mudança súbita que eliminou o domínio do Conselho com certeza abalaria uma sociedade dedicada à ideia de estabilidade conseguida por meio de uma ordem inalterável. Os seus espões, uma rede antiga construída ao longo de décadas, desconhecida do próprio mecanismo de inteligência do Conselho, trazem notícias de descontentamento e de conspirações para rebeliões de todos os cantos do império. A maioria é reprimida depressa, os conspiradores sujeitados a um método prolongado de execução pública, familiares de primeiro e segundo graus condenados à escravidão e todas as propriedades apreendidas pela Imperatriz. Porém, apesar de milhares já terem sofrido esse destino, todos os dias chegam relatos de mais tramas e, caso ela fosse suscetível a tais coisas, a ameaça constante de assassinato levaria uma alma inferior à paranoia. Na semana anterior uma escrava conseguira envenenar o mingau do café da manhã da Imperatriz, como vingança por um senhor bem-amado sujeitado às Três Mortes duas semanas antes. Foi uma tentativa corajosa, mas desajeitada, percebida com facilidade mesmo sem o aviso da canção. O veneno havia sido misturado numa forma concentrada demais, deixando um odor familiar, e a garota devia saber que estava ganhando para si um fim doloroso.

— Você era Primaz no estábulo dele? — perguntou ela à garota, forçada a se ajoelhar com uma lâmina Arisai preparada para golpeá-la na nuca. — Ele deve ter fodido você muito bem para despertar tamanha lealdade.

A garota chorava em grandes soluços convulsivos, mas ainda assim encontrou voz suficiente para responder:

— Ele... nunca... me tocou.

— Então por quê?

— Ele... me criou... me ensinou a ler... me deu um nome.

— É mesmo? E qual é?

— L-Lieza.

— Dar nome a um escravo é uma ofensa capital por si só, e o seu antigo dono era culpado de muito mais coisas além disso. — Ela dispensou o Arisai com um aceno de mão e fez sinal para que a garota retirasse o café da manhã. — Traga-me

outro mingau, Lieza. Depois pode me ler as correspondências da manhã.

Lieza está de pé ao seu lado agora, pronta para servir vinho na taça imperial. Seu rosto está pálido, mas consegue não tremer. Todas as manhãs desde a tentativa fracassada de assassinato, ela traz o café da manhã e lê as correspondências imperiais enquanto a Imperatriz come. Depois ela se senta e escreve enquanto a Imperatriz dita uma lista de nomes a serem executados. A letra da garota é excelente.

Não sei por que a poupei, responde ela, sentindo uma perplexidade em meio à aversão dele. Acho que ela me lembra alguém, mas não sei quem. Talvez eu a mate amanhã. Talvez a entregue para os espetáculos. Os dentes-de-adaga estão sempre com fome.

Mas hoje não há dentes-de-adaga. Hoje são as Corridas da Espada. Ela se lembra de seu pai lhe contando uma vez as origens daquilo, o evento mais popular em qualquer espetáculo. Em tempos primitivos, um dos deuses mais iluminados, ou um de seus sacerdotes mais iluminados, decretou que não deveria haver mais guerras entre as tribos que lhe prestavam homenagem. Determinou-se então que todos os anos eles enviariam os seus melhores guerreiros para competir nas Corridas da Espada, onde todas as disputas seriam resolvidas. As regras foram aprimoradas no decorrer dos séculos subsequentes, mas a essência da competição permanecia a mesma: uma única espada é fincada no meio da arena e as duas equipes competidoras posicionam-se em lados opostos a uma mesma distância do centro. A um determinado sinal, elas correm até a espada, e o combate tem início quando o membro de uma das equipes consegue segurar o punho da arma, a vencedora sendo a equipe com o maior número de homens de pé após o virar de uma ampulheta de dez minutos. Pela lógica, a equipe de posse da espada estaria em vantagem, mas competidores experientes ainda são capazes de virar o jogo, geralmente ao sacrificar um membro menos habilidoso da equipe para poder tirar a espada de seus oponentes.

Hoje são os Verdes contra os Azuis, duas das seis equipes que representam as seis províncias do império. Os Azuis tendem a atrair as chances mais favoráveis, mas os Verdes possuem os competidores mais experientes, o que é evidenciado pela sua tática de formar um compacto grupo defensivo ao redor do portador da espada, forçando os Azuis a fazerem uma série de ataques custosos. Passados vinte minutos, dez homens, quatro Azuis e seis Verdes, estão mortos ou aleijados na areia. Corredores da Espada raramente têm carreiras longas, embora as vultosas recompensas conferidas aos que sobrevivem até a aposentadoria garantam que nunca haja falta de recrutas, pois os que participam não são escravos, e sim homens livres. Pobres e desesperados o bastante para arriscar a vida diante de

uma turba ladradora, mas ainda assim livres.

Está surpreso por me ver aqui?, *pergunta a ele, entediada com a competição.* Perguntando-se por que não estou em Nova Kethia reunindo um exército? *Ela nota como Lieza se retrai e percebe que falou em voz alta. A julgar pela rigidez da postura da escrava, não é a primeira vez que ela ouve a sua Imperatriz fazer uma pergunta a ninguém.*

A resposta dele é tênue, embora mais controlada do que antes; ele se acostumou a assumir o comando de seus sonhos. Ainda há tempo. Irei esperar por você.

Tocante, amado, mas desnecessário. Aquela vadia para quem você se curva foi astuta ao lhe enviar antes de sua poderosa frota. Mas receio que não seja tão poderosa agora. E sim apenas madeira quebrada e cadáveres.

Os pensamentos dele mudam, de incerteza para negação, mas ela sabe que ele sente a verdade em seus pensamentos.

O que está achando de Viratesk?, *continua ela, desfrutando da pontada resultante de alarme.* Os seus batedores foram cuidadosos, mas nós os vimos. A população não queria partir, então deixei que ficassem. Você pensou em vasculhar os esgotos, não é?

Ele despertou com um grito, levando a mão à espada encostada na cama, mas sem encontrar nada. Seus olhos percorreram a escuridão e viram apenas sombras. Frentis sentiu o peso de Lemera ao seu lado na cama, suas visitas noturnas agora um ritual, embora nunca fizessem mais do que se deitar juntos. Ele a cutucou com cuidado, pronto para cobrir a boca dela com a mão quando despertasse, mas parou ao sentir o frio familiar da pele da garota. Os olhos de Lemera estavam semicerrados, os lábios arreganhados numa careta de agonia. Um corte preciso ia de uma extremidade à outra de sua garganta.

— Você é decepcionante.

Frentis rolou para fora da cama quando uma figura saiu das sombras, um jovem com o porte comum aos Kuritai, embora usasse uma armadura vermelha e tivesse um sorriso escarnekedor no rosto. Atrás dele mais dois surgiram da escuridão, um deles segurando a sua espada. As mãos do homem que sorria moveram-se num borrão e algo foi passado em volta do pescoço de Frentis, apertando-o até que perdesse o fôlego antes de ser arrastado para o chão. Algo rápido e duro chocou-se com a sua barriga, fazendo com que se dobrasse para a frente, a corda em volta do seu pescoço cada vez mais apertada à medida que sua visão ia ficando turva, as palavras do homem que sorria seguindo-o para dentro da escuridão:

— Ela nos prometeu que você seria um desafio.

CAPÍTULO QUATRO

Lyrna

— A Armadilha do Ladrão — disse Lyrna, surpresa com a calma pensativa que ouviu na própria voz.

— Alteza? — Murel olhou para ela da portinhola que estava tentando manter fechada apesar do vendaval que a açoitava como um monstro invisível tentando entrar.

— Um aspecto raro do jogo longo — disse Lyrna. — Qualquer peça tomada pelo ladrão pode ser usada pelo jogador que a tomou. A armadilha envolve sacrificar ambas as peças alguns movimentos depois, dando a ilusão de fragilidade no centro do tabuleiro. Um stratagema empregado apenas pelos jogadores mais habilidosos.

E eu sou uma tola arrogante, acrescentou Lyrna mentalmente.

Começara duas horas antes, desabando numa torrente negra ensurdecadora enquanto ela observava os trinta navios da Senhora Reva aproximarem-se do litoral indistinto. Em questão de minutos o mundo para além do *Rainha Lyrna* havia desaparecido e Iltis a arrastara em direção à cabine enquanto marinheiros tentavam freneticamente manter o cordame no lugar. Lyrna avistou o Irmão Verin, que estava paralisado pelo pânico no convés alvoroçado, e fez um sinal para que Benten o tirasse dali.

— Esta tempestade não é natural — disse ela, virando-se para o irmão quando Iltis bateu a porta contra a fúria do exterior. — É?

— Alteza, eu... — O jovem irmão sacudiu a cabeça, suas feições tomadas pela perplexidade e pelo choque. — É sabido que alguns possuem o poder para mudar o vento, mas isso... — O irmão empalideceu diante da consternação óbvia dela, gaguejando ao se forçar a continuar: — Houve... alguma coisa, quando os navios se aproximaram da costa.

— Que coisa?

— Era tênue, mas a senti. Uma... queimação, por assim dizer. Geralmente é sentida quando outro dotado morre, como se todo o poder da pessoa emanasse dela de uma só vez.

Lyrna afastou-se dele e sentou-se no catre, perdida na enormidade de seu erro. *Matei Arklev cedo demais. Se bem que duvido que ele soubesse o seu verdadeiro*

papel. Ela se entregou à contemplação enquanto o navio balançava e rangia à sua volta, uma vez que não havia muito mais a se fazer. A Armadilha do Ladrão leva à vitória em menos de dez movimentos adicionais, desde que o jogador aproveite a oportunidade com um ataque rápido contra o Imperador oponente.

— Lirhnah?

Ela ergueu a cabeça e encontrou Davoka parada à sua frente, a preocupação estampada no rosto. Atrás dela Murel afastou-se da portinhola, agora aberta e revelando um céu ensolarado. Pela altura do sol, ela calculou que ficara sentada em meditação silenciosa por algumas horas.

— Preciso falar com o capitão.

O comando diário do *Rainha Lyrna* havia sido entregue a um nilsaelino chamado Devish Larhten, um veterano magro das rotas de comércio até os Confins do Norte, que também comandara uma belonave na frota do pai de Lyrna durante a guerra alpirana. Ela o encontrou junto ao mastro principal supervisionando os reparos num pedaço do convés arreventado por um bloco que caíra. Felizmente, esse foi o único dano considerável que haviam sofrido.

— Alteza — cumprimentou o capitão, erguendo o olhar quando a notou indo em sua direção, claramente ocupado com a sua tarefa.

— Capitão, vire este navio para o sul e prepare-se para a batalha. — Ela olhou para o oceano ao redor e viu somente quatro outros navios; o litoral havia sumido de vista. *Espalhados e prontos para serem abatidos*, pensou Lyrna, contendo uma onda de autocensura. *Deixe para se afogar em sua culpa mais tarde.* — E faça sinal para aqueles navios se aproximarem de nós.

— Tudo ao seu devido tempo, Alteza. Temos muito que...

— Faça isso agora! — gritou ela. — A frota volariana está agora ao norte de nós e não duvido que ataquem dentro de uma hora.

Larhten olhou rapidamente para Iltis, que dera um passo determinado à frente.

— Agora mesmo, Alteza — disse o capitão antes de se afastar e berrar uma torrente de ordens.

— Encontre a Senhora Alornis — disse Lyrna a Murel. — Ela deve se assegurar de que as suas máquinas estejam funcionando perfeitamente. Lorde Benten, diga a Lorde Comandante Nortah para preparar o seu regimento para a batalha, por favor.

O Capitão Larhten aconselhou que seguissem para oeste durante algum tempo, argumentando que encontrariam mais embarcações do Reino navegando mais afastados da costa. No meio da tarde eles já haviam reunido outros quarenta navios, alguns com mastros e cordames faltando, mas todos capazes de seguir em frente. Como era de se esperar, os navios meldeneanos eram os menos danificados, e Lyrna ficou feliz ao ver o *Falcão Vermelho* entre eles, o Senhor Marinho Ell-Nurin acenando da proa quando o navio aproximou-se. Até então somente ele o *Rainha Lyrna* haviam sido equipados com a máquina cuspidora de fogo de Alornis, nas quais agora depositava uma boa dose de esperança.

— Poderíamos seguir para a costa, Alteza — sugeriu o capitão a Lyrna, que estava parada na amurada com os olhos fixos no horizonte. — Recolher mais alguns desgarrados no caminho.

Ela passou os olhos pela sua frota e encontrou dois dos grandes navios de tropas presentes, assim como uma boa quantidade de meldeneanos.

— Não — disse Lyrna. — Ancore e encha um dos barcos com todos os trapos e madeira de que puder dispor, cubra-o de piche para se certificar de que faça fumaça e coloque fogo. Faça sinal aos outros navios para fazerem o mesmo.

Desta vez o nilsaelino sabia que era bom não se demorar e o barco logo foi deixado à deriva, lançando ao céu uma coluna alta e serpenteante de fumaça negra, logo acompanhada por outras dezenas quando os outros navios fizeram o mesmo.

— Um belo farol, Alteza — congratulou-a Larhten com uma medida.

— Obrigada. — Lyrna olhou para o norte. *Apesar de ser provável que atraia tanto inimigos quanto amigos.*

Os volarianos surgiram quando o sol começou a se pôr, pelo menos cem mastros despontando do horizonte setentrional, e mais continuaram a aparecer sem parar. O farol de Lyrna reunira mais de trinta outros desgarrados enquanto aguardavam ancorados, mas ela sabia que seria fatal demorar-se mais.

— Içar todas as velas, capitão — disse a Larhten. — E faça sinal para o *Falcão Vermelho* permanecer a estibordo de nós. Os outros navios devem nos seguir.

Larhten assentiu gravemente, olhando para a frota volariana com um receio justificado porém controlado.

— O curso, Alteza?

Lyrna gargalhou ao se afastar, indo para a proa.

— Na direção do inimigo, meu senhor. O mais rápido possível.

Ela encontrou Alornis ocupada com a inspeção da máquina, suas mãos movendo-se com uma velocidade e uma agilidade que pareciam quase sobrenaturais.

— Algum dano, minha senhora?

— Tive que drenar água dos tubos. E os encaixes precisam de um leve ajuste. — Alornis ergueu uma marreta e começou a bater num tubo de cobre na parte de baixo da máquina. — Mas irá funcionar, Alteza.

— Ótimo. Vá para baixo. Lordes Itis e Benten cuidarão da máquina.

Alornis nem mesmo ergueu os olhos, continuando a martelar enquanto os volarianos se aproximavam cada vez mais. Lyrna suspirou e virou-se para Murel.

— Há outra cota de malha na minha cabine. Busque-a para a Senhora Alornis, por favor. — Ela puxou Davoka de lado e falou em voz baixa em lonak: — Ela não deve se ferir, irmã. Prometa-me.

— Meu lugar é ao seu lado.

— Não hoje. — Lyrna agarrou o braço da lonak. — Ela é sua irmã hoje. Prometa-me.

— Você teme tanto assim a ira do irmão dela?

Lyrna baixou os olhos.

— Você sabe que não é a ira dele que temo.

Davoka assentiu com relutância, pegou a cota de malha com Murel e foi até Alornis.

— Vista isso, pequena.

Lyrna juntou-se a Lorde Nortah, que organizava um grupo de combates no convés, cinquenta de seus melhores soldados equipados com largos painéis de madeira para se protegerem das flechas.

— Meu senhor, eu gostaria de me dirigir às suas tropas.

Ele fez uma medida e deu uma ordem brusca, e a companhia ficou em posição de sentido, batendo as botas em uníssono. Lyrna examinou os seus rostos, feliz por não encontrar medo neles e pela devoção que continuava visível em cada olhar.

— Eu disse uma vez que não mentiria para vocês — disse a eles. — E não mentirei. Estamos diante de uma luta árdua porque cometi um erro terrível. Mas também não minto quando digo que esta batalha pode ser vencida, se ficarem comigo.

O grito instantâneo de aclamação foi suficiente para convencê-la de que não era necessário dizer mais nada.

— Não poupem inimigo algum — disse Lyrna a Nortah. — Cada volariano que pisar neste convés deve ser morto antes que possa dar outro passo.

Diferente de seus soldados, Lorde Nortah concordou em voz baixa, seu rosto

franzido da mesma forma cautelosa que sempre exhibia na presença dela.

— Cuidarei disso, Alteza.

Ela voltou para a proa e posicionou-se na plataforma elevada, logo atrás de Alornis e da máquina. Benten e Iltis estavam perto em ambos os lados, enquanto Murel permanecia atrás, de adaga na mão. Davoka agachou-se ao lado da máquina, a lança abaixada e preparada.

— Eu deveria ir buscar algum escudo, Alteza — disse Iltis. — Tinha muitas flechas deles nos Dentes, como a senhora deve se lembrar.

— Lembro-me muito bem, meu senhor. Mas isso não será necessário.

Lyrna observou os navios volarianos chegarem ainda mais perto, a embarcação que vinha à frente a uma distância de quinhentos metros. Ela olhou para estibordo e ficou satisfeita ao avistar o *Falcão Vermelho* ao lado, onde um homem estava a postos em outra máquina. Lyrna só esperava que ele tivesse sido ensinado a usá-la adequadamente. Uma olhada para a popa confirmou que os outros navios em sua pequena frota seguiam numa fila estreita e organizada, cada convés apinhado de soldados e piratas.

A balista a bombordo começou a ranger quando os navios volarianos se aproximaram, disparando os seus virotes contra o cordame de uma pequena porém veloz belonave que entrara em seu caminho. A princípio, o jorro arqueado de projéteis pareceu não surtir qualquer efeito, mas eles logo foram recompensados ao verem uma figura despencar do mastro da belonave e cair com força no convés, fazendo a equipe da balista soltar um brado de comemoração no mesmo instante. Contudo, os arqueiros volarianos logo colocaram as próprias armas em jogo, e uma chuva de flechas caiu sobre o *Rainha Lyrna* de uma extremidade à outra. Lyrna viu uma flecha cravar-se nas tábuas a um braço de distância, mas conseguiu controlar o instinto de se encolher. *O medo é um luxo hoje. Eles precisam ver uma rainha.*

A balista a bombordo continuava a ranger, o tripulante que girava o mecanismo vibrava empolgado com o efeito que estava tendo contra a embarcação volariana, o seu primeiro virote atingindo com força suficiente para prender um homem ao convés. Uma dúzia ou mais de Espadas Livres que estavam muito perto uns dos outros tombaram quando os arqueiros no cordame do *Rainha Lyrna* se juntaram ao combate, causando destruição na belonave enquanto a embarcação tentava se afastar, coberta de cadáveres.

Um estrondo chiado atraiu a atenção de Lyrna de volta à proa, onde foi recebida com a visão de Alornis erguendo ao máximo a máquina, e um jorro de fogo foi expelido em arco na direção da embarcação volariana que se aproximava. Era um dos navios de tropas, pouco menor do que o *Rainha Lyrna*, os arqueiros no cordame

disparando uma chuva de flechas sobre eles conforme se aproximavam a toda a velocidade. A princípio o jato de fogo de Alornis caiu no mar, levantando vapor suficiente para ocultar por um momento o navio atacante. Porém, quando o vapor se dissipou, viram o fogo envolvendo a proa do navio, do mar até a amurada. A embarcação volariana pareceu estremecer, seu curso mudando de forma abrupta como um javali ferido recuando diante da ponta de uma lança.

Alornis virou-se com um olhar furioso para os dois soldados que manuseavam o fole.

— Mexam com mais força! Preciso de mais pressão!

Ela realinhou a máquina enquanto a embarcação volariana balançava diante deles, soltando outra torrente de chamas que envolveu a lateral do navio antes de subir para se espalhar pelo convés, queimando homens e cordames, sem distinção. Corpos flamejantes começaram a saltar do navio, e um coro de gritos lhes chegou aos ouvidos em meio à fumaça que se adensava, acompanhado do fedor de carne queimada. Alornis vacilou nesse momento e tirou a mão da manivela, fazendo as chamas se apagarem, suas feições pálidas e retesadas.

Lyrna foi rapidamente para o seu lado, colocou a mão em seu ombro e a virou para si.

— Um fardo que não pode ser evitado, minha senhora — disse ela, pegando a mão de Alornis e a colocando de volta com firmeza na manivela. — Ao trabalho, por favor.

Uma flecha atingiu a máquina, a ponta de aço estilhando-se nos encaixes de ferro e a seta rodopiando para longe. Alornis mal pareceu notar, o rosto pálido ainda imóvel ao assentir e voltar ao trabalho, alterando o ângulo da máquina para lançar chamas contra as velas volarianas. Lyrna podia ver homens correndo pelo navio carregando baldes para enfrentar chamas que não se apagavam. Em pouco tempo o cordame estava pegando fogo e a tripulação começou a abandonar o navio com uma rapidez frenética, com homens deixando rastros de fogo ao caírem no mar às dezenas.

Lyrna olhou em volta à procura de outra vítima e avistou uma belonave veloz a cerca de duzentos metros a bombordo.

— Diga ao capitão para ir na direção daquele navio — disse ela a Murel antes de se virar de novo para Alornis. — Minha senhora, creio que a sua máquina precisa de mais combustível.

Ao anoitecer eles já haviam aberto caminho a fogo pelo meio da formação volariana,

dividindo a frota deles em duas e semeando o caos e o pânico em cada marinheiro e Espada Livre, que presenciavam o espetáculo de uma dúzia de belonaves queimando na escuridão que se adensava. Mas a batalha não havia terminado. Embora tivessem perdido a coesão, os volarianos continuavam lutando, navios empreendendo ataques solitários e frequentemente suicidas, logo deixados ardendo na trilha do navio de Lyrna ou atacados pelos meldeneanos. Somente um conseguiu chegar perto o suficiente para atacar o *Rainha Lyrna*. O timoneiro volariano demonstrara uma habilidade considerável ao deixar a embarcação fora de alcance do engenho de Alornis e então girar a cana do leme para chocar-se contra o casco do *Rainha Lyrna* a estibordo, e o contingente de Varitai a bordo estendeu escadas e atravessou correndo o espaço entre os dois navios, apesar das baixas terríveis causadas pela balista e pelos arqueiros que se encontravam no alto.

A companhia de Lorde Nortah bateu-se com eles antes que tivessem percorrido mais do que alguns metros do convés, atacando com uma ferocidade disciplinada que fazia jus aos meses de treinamento. O próprio Lorde Comandante abriu um caminho sangrento pelas fileiras Varitai, desfazendo a formação deles, lutando com uma habilidade e precisão inconscientes que Lyrna não via desde os dias que passara com o Irmão Sollis. Sua gata guerreira lutava ao seu lado, matando a cada golpe que dava com as garras. Com todos os Varitai mortos ou forçados a saltar pela amurada, Nortah reuniu os seus soldados numa cunha compacta e os conduziu para o navio volariano, sobrepujando o resto da tripulação que se defendia desesperada em volta do mastro principal. Alguns evidentemente haviam tentado se render, a julgar pela quantidade de homens desarmados que Lyrna viu serem jogados ao mar.

— Alteza! — Um marinheiro chegou correndo do leme, apontando para bombordo. — O Capitão Larhten pediu para informar que há mais navios a oeste.

Lyrna olhou para dentro do crepúsculo, discernindo os contornos tênues de mastros altos. *Parece que não haverá muito alívio com a escuridão.* Ela olhou para leste, onde o *Falcão Vermelho* podia ser visto, o fogo jorrando de sua proa e envolvendo um navio de tropas volariano. Mais adiante, outras embarcações meldeneanas atacavam o restante da linha inimiga, o céu iluminado pela cascata contínua de bolas flamejantes enquanto as manganelas executavam o seu trabalho mortal.

— Diga ao capitão para virar para oeste — disse Lyrna ao marinheiro. — E faça sinal para que as embarcações do Reino nos sigam. Nossos aliados estão com as coisas sob controle.

Infelizmente, era evidente que uma mão invisível ainda exercia alguma forma de comando sobre a frota volariana e não tinha desejo algum de permitir que ela enfrentasse a nova ameaça. Uma esquadra de dez embarcações separou-se do

aglomerado central de navios e partiu na direção deles a toda a velocidade. O vento estava a seu favor e eles conseguiram se posicionar diretamente no caminho do *Rainha Lyrna*, virando os navios para ficar de frente para a embarcação do Reino, flechas e virotes de balista cobrindo o ar entre eles ao se aproximarem. Lyrna entrelaçou as mãos e permaneceu imóvel enquanto o ar zunia ao seu redor, e um virote atravessou o seu cabelo logo abaixo da orelha. Itis colocou o seu corpanzil na frente dela, levando o braço ao rosto como se estivesse se protegendo da chuva e soltando um grunhido quando uma flecha raspou em seu antebraço.

Lyrna virou-se para Alornis com um olhar questionador enquanto ela terminava de reabastecer a máquina.

— É tudo o que resta do óleo, Alteza — informou ela, a voz tão inexpressiva quanto o rosto.

— Não poupe nada, minha senhora — advertiu Lyrna. — Um navio em chamas causa mais impressão do que um chamuscado.

O primeiro navio volariano a ficar ao alcance da máquina era de calado consideravelmente menor do que o do *Rainha Lyrna* e Alornis foi obrigada a abaixar o bico da máquina quando a embarcação passou por eles, envolvendo-a por completo em chamas da proa à popa, provocando o agora familiar coro de gritos. Alornis conseguiu fazer outro disparo substancial contra a embarcação seguinte, um navio de tropas consideravelmente maior, bem equipado com balistas e arqueiros. O jato de fogo conseguiu arrancar vários do cordame, mas não antes que matassem uma dúzia ou mais de Guardas do Reino e a equipe que manuseava a balista a bombordo.

Lyrna virou-se e viu os últimos vestígios de fogo pingarem do bico da máquina; Alornis encontrou o seu olhar e pediu desculpas com uma medida. Lyrna a encaminhou para a balista agora silenciosa.

Apesar das chamas que ainda consumiam suas cordas e velas, o navio de tropas volariano manteve o curso, com um batalhão inteiro de Espadas Livres reunido no convés. Lyrna estava prestes a ordenar que Nortah trouxesse o resto do seu regimento, mas viu que o Lorde Comandante havia antecipado essa necessidade, os soldados correndo para entrar em formação com extraordinária precisão apesar do tumulto que havia por todos os lados.

A balista a bombordo voltou à vida; Alornis mirava enquanto Davoka girava a manivela. Lyrna acompanhou o voo de um virote que atravessou o espaço entre as duas embarcações e ceifou a vida de um oficial Espada Livre volariano que tivera a insensatez de permanecer de pé junto à amurada, sem dúvida como exemplo aos seus homens. Ela esperava que tivessem aprendido bem a lição.

— Alteza! — Era Larhten, chamando do leme e apontando para algo além do navio volariano. Lyrna piscou para afastar a ardência nos olhos e tentou avistar algo em meio à fumaça. *O Rei Malcius*, percebeu ela quando a vista ficou desimpedida. *Que apropriado o meu irmão vir para me salvar.*

O *Rei Malcius* vinha a toda a velocidade, seus arqueiros disparando uma saraivada de flechas incendiárias contra o navio de tropas volariano antes de chocar-se com estrondo contra o casco a estibordo. As fogueiras que agora apinhavam o mar pintaram o espetáculo subsequente com sombras bruxuleantes. A cena de um bando de homens cobertos de metal correndo do *Rei Malcius* para atacar os Espadas Livres parecia de algum modo surreal, como algo saído de um sonho, ou de um pesadelo.

O olhar de Lyrna logo foi atraído pela visão de um homem corpulento lançando-se contra o grupo mais compacto de volarianos, sua maça subindo e descendo com mortal eficácia. Ao seu lado havia uma figura mais alta e mais esguia brandindo uma espada longa. Ela assistiu enquanto os dois juntos abriram caminho a golpes pelo navio, seus cavaleiros seguindo numa massa entrechocante de aço, rechaçando os Espadas Livres para trás com tal fervor assassino que a maioria preferiu a duvidosa segurança do mar a permanecer no navio e lutar. Quando o *Rainha Lyrna* enfim parou ao lado do navio de tropas, as duas figuras se encontravam na amurada a bombordo, onde removeram os elmos e a cumprimentaram com uma medida.

— Boa noite, meus senhores! — gritou ela ao Senhor Feudal Arendil e ao seu avô.

— Perdoe-me, Alteza — gritou Banders em resposta, o rosto largo coberto de suor —, mas iremos desembarcar logo? Mais uma semana no mar e meus cavaleiros provavelmente irão me enforcar!

Lyrna virou-se para contemplar a cena, o céu agora negro e a única iluminação vindo dos vários navios em chamas. O tumulto do combate havia cessado, embora ela ainda pudesse ouvir homens gritando em algum lugar, vozes pedindo ajuda em volariano misturadas com o estranho som gorgolejante que acompanhava um navio afundando.

— De fato, meu senhor! — gritou ela a Banders. — Já passou da hora de desembarcarmos!

O navio se encontrava sobre a areia como uma grande fera ferida, os mastros cortados e boa parte da madeira removida das laterais do casco, expondo a trama complexa de vigas que de algum modo conseguira mantê-lo intacto. Foi Benten

quem o reconheceu como o *Senhor Feudal Sentes*; o seu olhar de marinheiro experiente era capaz de discernir as leves diferenças que distinguiram um navio de outro.

— Parece estar muito para dentro da praia para que pudesse ser levado pela maré — disse ele. — É espantoso que ainda esteja inteiro.

A curta viagem até a baía revelara apenas cinco dos trinta navios que navegavam com a Senhora Reva, todos severamente danificados e mal se mantendo à tona, embora suas cargas preciosas de tropas e suprimentos estivessem em sua maioria intactas. Com o *Sentes* chegavam a seis, mas o navio não podia ser considerado em condições de navegar. Ao todo, pouco mais de dois terços da Frota da Rainha haviam sobrevivido à tempestade, apesar de as baixas terem sido severas e a batalha com os volarianos tivesse ceifado outras mil vidas. Embora Lyrna visse o rubor da vitória em muitos rostos, ela sabia que a batalha na verdade não fora decisiva, e o Senhor Marinho Ell-Nurin estimava que haviam capturado ou afundado no máximo metade da frota volariana.

— Quem quer que os estivesse comandando teve sensatez suficiente para recuar sob a proteção da noite — concluiu ele. — Um de nossos navios de reconhecimento relatou ter avistado velas no horizonte ao sul.

Lyrna pegou o primeiro barco para a praia, calando todos os protestos com um olhar intenso e silencioso. O momento para cautela havia acabado na tempestade. Apesar de toda a aclamação com que foi recebida pelos navios ao redor enquanto o barco seguia a caminho da costa, ela sabia que a moral ainda despencaria como uma pedra quando a realidade da situação em que se encontravam ficasse aparente. *Eles precisam ver uma rainha.*

Foi acompanhada pelo Lorde Comandante Nortah e uma companhia inteira de Adagas da Rainha. O Irmão Sollis levou para o norte um aglomerado de barcos repletos com o que restava da Sexta Ordem, enquanto o Conde Marven levou os seus melhores nilsaelinos para proteger as rotas de aproximação ao sul. Eles foram obrigados a remar em meio a diversos cadáveres, e Lyrna ficou surpresa ao ver que a maioria era de volarianos, balançando nas ondas com flechas cravadas nas armaduras.

A maré estava baixa e as ondas não estavam se quebrando na praia quando pararam na areia, e Lyrna saltou do barco antes que Itis pudesse fazer objeção. Ela o ouviu abafar um xingamento ao pular atrás dela na água que lhe chegava até a cintura. Lyrna seguiu pelo mar na direção do navio, passando os olhos pelo casco parcialmente arruinado e dando com vários rostos a encarando, embora agora não houvesse vozes aclamadoras, e a maioria simplesmente estivesse pálida de exaustão. Ela notou um amontado escuro de corpos volarianos na praia, cerca de duzentos

homens e cavalos cobertos de flechas.

— Pensaram que éramos alvo fácil — gritou uma voz do alto do *Sentes*, e o olhar de Lyrna encontrou um homem robusto parado numa das fendas no casco do navio, segurando um arco longo e olhando para baixo na direção dela com uma gravidade que contrastava com o costumeiro respeito cauteloso que os soldados cumbraelinos demonstravam para com ela. — Provamos que estavam errados.

Lyrna olhou para ele e continuou o encarando até ele acrescentar um “Alteza” numa voz seca.

— Lorde Antesh — disse ela. — Onde está Senhora Reva?

Ele ficou visivelmente abatido ao ouvir suas palavras, baixou a cabeça e fechou os olhos com força.

— Suponho que a senhora também não tenha notícias dela, Alteza?

Lyrna virou-se e viu a primeira leva de tropas desembarcar, as Adagas da Rainha espalhando-se para vasculhar as dunas, enquanto um regimento da Guarda do Reino tirava os barcos da água, seguido por mais, numa maré aparentemente interminável.

— Lorde Antesh. — Ela virou-se de novo para o arqueiro e encontrou um homem agora nitidamente tomado pelo pesar. — Lorde Antesh!

Ele se empertigou com o grito, e um espasmo de raiva tomou conta de seu rosto antes de se forçar a uma expressão mais neutra.

— Alteza.

— Eu o nomeio Lorde Comandante do Exército Cumbraelino da Rainha. Remova os seus soldados deste navio e prossiga para o interior além da praia. Haverá um conselho de capitães esta noite e vou precisar do número exato de suas tropas.

Ela seguiu em frente sem esperar uma resposta de confirmação. *Eles seguiam a Senhora Abençoada*, ela sabia. *Não posso deixar nenhuma dúvida de que agora precisam me seguir.*

A mulher devia ter sido muito bela quando viva, dotada da flexibilidade de uma dançarina e de feições delicadas como porcelana. Contudo, como Lyrna a essa altura havia testemunhado muitas vezes, a morte parecia sempre privar o corpo da beleza, descorando a pele e tornando as feições um eco flácido da alma que já fizera aqueles lábios carnudos sorrirem. O Irmão Sollis havia descoberto mais corpos nas dunas não muito longe dali; escravos, a julgar pelas roupas, todos com a garganta cortada. Entretanto, a mulher que já fora bela não mostrava sinais de qualquer ferimento, apesar do sangue seco que manchava a pele em volta dos olhos e do

nariz.

O Irmão Lucin era o membro da Sétima Ordem mais velho que Lyrna encontrara até então, magricela e quase completamente careca, exceto por um tufo de cabelo branco que brotava do topo da cabeça como uma erva daninha esquecida. Ele andou em volta do corpo da mulher durante algum tempo, franzindo o cenho, concentrado, de vez em quando murmurando consigo mesmo. Durante a sua busca infrutífera por evidências, Lyrna entrevistara várias pessoas presas por suspeita de prática das Trevas e descobrira que todas eram charlatãs ou vítimas de acusações maliciosas. Uma dessas pessoas, um jovem charmoso, mas aterrorizado, explicara de bom grado como enganava viúvas ricas e as fazia gastarem dinheiro ou joias ao afirmar que se comunicava com parentes mortos havia muito tempo, e dera uma demonstração não muito diferente da realizada naquele momento pelo Irmão Lucin. Em reconhecimento de sua honestidade, Lyrna convencera o seu pai a comutar a sentença do charlatão para dez anos na Guarda do Reino.

— Isso vai levar quanto tempo? — perguntou ela ao Aspecto Caenis, sem conseguir manter o tom de desconfiança longe da voz.

— Todos os lugares possuem uma história, Alteza — respondeu ele. — O Irmão Lucin é obrigado a vasculhar um emaranhado de imagens para encontrar o evento certo.

— Argh! — gritou o irmão idoso, o rosto contorcido numa careta tanto de aversão quanto de medo.

— Irmão? — perguntou Caenis, aproximando-se.

O Irmão Lucin o afastou com um aceno irritado de seus braços ossudos.

— Eu a senti — disse ele, lançando um olhar acusador a Lyrna, como se ela o tivesse conduzido até uma armadilha. — A coisa dentro dela. Você está tentando me matar?

— Olhe essa boca, irmão — rosnou Ittis, com um olhar de aviso.

O Irmão Lucin mal olhou para ele.

— O passado é real — disse ele a Lyrna. — Não uma confusão de sombras. Ele possui poder.

— Perdão se eu o coloquei em perigo, irmão — retorquiu Lyrna, percebendo que não adiantaria de muita coisa insistir no uso de etiqueta com aquele homem. — Mas as nossas atuais circunstâncias exigem que corramos todos os riscos. — Ela indicou o cadáver com um aceno de cabeça. — Era ela?

O irmão olhou para a morta com palpável relutância, afastando-se como se esperasse que ela pudesse voltar à vida de repente.

— Havia soldados com ela. Eles a chamavam de Imperatriz. Ela tinha um dom poderoso, pude sentir isso, que emanou dela de uma só vez para fazer com que o vento obedecesse à sua vontade.

— Então ela está morta — disse o Conde Marven. — Ela deu a vida para nos destruir. O inimigo está sem líder agora.

O Irmão Lucin lançou um olhar fulminante ao Senhor da Batalha.

— Esta era apenas uma casca, escolhida pelo seu dom. Podem estar certos de que ela já despertou em outra.

— Por que matar os escravos? — questionou Marven.

— Testemunhas — respondeu Lyrna, olhando de novo para o rosto da morta. *Onde ela encontrou você? Você já teve um nome?* — Poucos ou nenhum volariano sabe qual é a verdadeira natureza de sua nova Imperatriz. Levem os corpos para as piras. Duvido que tenham algo mais a nos contar.

* * *

— O fingimento não nos servirá de nada agora — disse Lyrna aos capitães sobreviventes de seu exército e sua frota, reunidos na elevação para além da praia, onde as tropas ainda desembarcavam, a areia salpicada de piras flamejantes para os mortos. — Sofremos um golpe doloroso. A Senhora Reva está desaparecida e é muito provável que esteja morta, assim como o Lorde Almirante Ell-Nestra. Perdemos um quinto de nosso exército devido a um erro de julgamento meu. Assim, sou obrigada a perguntar se há alguém aqui que não esteja mais disposto a seguir minhas ordens.

Lyrna examinou o rosto deles e viu que a maioria estava claramente perplexa pela pergunta. Os meldeneanos a encaravam com a mesma certeza que marcara a atitude deles desde os Dentes, onde, ela sabia, muitos acreditaram que os deuses a haviam imbuído com alguma forma de discernimento divino. Longe de diminuir a sua fé, os eventos da noite anterior pareciam tê-la consolidado; quem além dos deuses poderia obter uma vitória a partir de uma derrota tão certa?

De forma semelhante, o Senhor Feudal Arendil e o Barão Banders também não exibiam sinais de desconfiança, assim como Sabedoria, que comparecera para falar em nome do pequeno contingente de eorhil e seordah. As únicas expressões nítidas de inquietação vinham do Lorde Comandante Nortah, o que era típico, e de Lorde Antesh, ainda evidentemente tomado pelo pesar. Porém, assim como os outros, ele

permaneceu calado.

— Muito bem — disse Lyrna, assentindo para o Conde Marven. — Senhor da Batalha, a nossa posição táctica, por favor.

— Estabelecemos um perímetro que se estende por um quilómetro e meio para o interior, Alteza. O Irmão Sollis designou a Ordem para fazer reconhecimento mais distante, e até o momento não há relatos de forças inimigas significativas por perto, apesar de termos encontrado algumas patrulhas montadas. Teremos uma ideia melhor quando os cavalos restantes forem trazidos para terra firme.

— Os que sobraram — interrompeu o Barão Banders. — Um terço de nossas montarias adoeceu e morreu nos navios. Cavalos não lidam bem com a vida no mar.

— Esta região é repleta de terras cultivadas — disse Lyrna. — Sem dúvida logo encontraremos substitutos. Até que isso aconteça, receio que qualquer cavaleiro sem cavalo terá de lutar a pé, meu senhor.

— Isso lhes dará algo de que reclamar — murmurou Banders, baixo o suficiente para Lyrna ignorar sem problemas.

— A frota volariana? — perguntou ela ao Senhor Marinho Ell-Nurin.

— Ainda nenhum sinal dela, Alteza. Mas duvido que tenham ido longe. Provavelmente estão lambendo as feridas e esperando reforços.

— Então não vamos lhes dar o prazer disso. Eu o nomeio Lorde Almirante Ell-Nurin. Os cargueiros e os navios de tropas regressarão para o Reino o mais depressa possível para buscar mais suprimentos e reforços. O senhor pegará todas as belonaves que temos e atacará o inimigo sem cessar.

— Assim o farei, Alteza. Ajudaria os nossos esforços se a Senhora Alornis nos acompanhasse. Precisamos de mais combustível para as máquinas dela e os meus companheiros não estão conseguindo acertar a mistura.

— A Senhora Artífice está indisposta. Façam o melhor que puderem. — Ela parou e fez questão de encontrar o olhar de todos os presentes, certificando-se de que não vissem qualquer incerteza em seus olhos. — O exército deve estar totalmente reunido até amanhã. Assim que estiver, marchamos para Volar. A Imperatriz deles sem dúvida estará se deleitando com a sua vitória imaginária. Pretendo desenganá-la dessa ideia quanto antes.

— Reva está morta, não?

Alornis não conseguia olhá-la nos olhos, e estava sentada, apática, no catre da tenda do Irmão Kehlan. Ela não demonstrava qualquer sinal de que os gemidos e

gritos ocasionais dos feridos a incomodassem, mantendo uma expressão tão impassível quanto a exibida durante a batalha.

— O navio dela naufragou na tempestade — disse Lyrna. — Encontramos alguns sobreviventes, mas nenhum tinha qualquer notícia dela. Sei que a senhora era próxima da Senhora Governadora e também lamento pela perda dela. Seu espírito, assim como a sua espada, farão muita falta.

— Eu sempre quis perguntar a ela sobre o cerco, o que ela fez. Mas não consegui. Eu vi como aquilo a atormentava. Costumava me perguntar como uma alma tão bondosa podia fazer o que dizem que ela fez em Alltor, pois aquela não era a Reva que eu conhecia. Agora... — Ela olhou para as próprias mãos, os dedos ágeis movendo-se como aranhas pálidas. — Agora duvido que ela me reconhecesse.

Lyrna estendeu a mão para afastar uma mecha de cabelo da testa de Alornis e ficou perturbada pelo frio da pele dela.

— Minha senhora, há milhares de pessoas vivas graças à senhora.

— E milhares mortas.

Irmão Kehlan foi para o lado de Alornis segurando uma taça de algo quente e de aroma adocicado.

— Um sonífero, minha senhora.

— Não quero dormir — disse ela. — Posso acabar sonhando.

— Não haverá sonhos. — Ele sorriu, colocando a taça nas mãos de Alornis. — Eu prometo.

Lyrna acompanhou o curandeiro quando ele se afastou. Apesar das muitas horas de trabalho incessante, ele permanecia alerta, aparentemente indiferente ao fedor que permeava a tenda e ao sangue que manchava o seu manto.

— Pode ajudá-la? — perguntou Lyrna.

— Posso ajudá-la a dormir, Alteza. Posso lhe dar vários remédios para acalmar uma mente perturbada. Isso pode fazer com que ela volte a um tipo de estado normal durante algum tempo. Mas já vi isso antes, a enfermidade do espírito que surge naqueles forçados além dos limites. Uma vez que se manifesta, jamais desaparece de fato. Aconselho que ela seja mandada de volta ao Reino o mais breve possível.

— Não! — Alornis havia se levantado do catre e avançou na direção deles, as feições antes plácidas agora rígidas com uma recusa determinada. — Não. Vou ficar aqui. — Suas palavras saíram um pouco arrastadas e ela cambaleou. Lyrna correu para ampará-la. — Temos mais fogueiras para acendermos juntas, Alteza — sussurrou ela a Lyrna quando a Rainha a deitava no catre, observando-a adormecer, ainda murmurando —, tantas fogueiras bonitas.

CAPÍTULO CINCO

Vaelin

O Povo Lobo removeu a cobertura de suas canoas quando a superfície sólida e branca que cercava a ilha afinou e então se fragmentou sob o peso do novo sol. Passados alguns dias, tudo o que restava eram alguns blocos de gelo teimosos à deriva na correnteza rápida que separava as ilhas. Tal como os barcos do Povo Urso no Estreito do Espelho, as canoas do Povo Lobo eram todas feitas de troncos de árvores escavados e variavam bastante de tamanho. A maioria era capaz de transportar não mais do que quatro pessoas de uma vez, outras tinham tamanho suficiente para acomodar até dez, mas havia três de tais dimensões que parecia incrível que pudessem sequer flutuar.

— Feitas das grandes árvores vermelhas que crescem no sul — explicou Astorek enquanto uma das imensas embarcações era empurrada até uma carreira para ser preparada a fim de ser lançada às águas. — Árvores que crescem tão alto quanto montanhas ao longo da vida de vinte homens. O Povo Lobo se permite pegar uma árvore vermelha somente uma vez a cada geração. É motivo de grande celebração quando um novo barco grande é feito.

O propósito da embarcação imensa logo se tornou claro quando Astorek conduziu os seus lobos a bordo junto com as outras alcateias. Havia uma tensão nítida em cada um dos xamãs de pé entre os lobos, a concentração estampada no rosto. Todos os lobos se sentaram numa obediência plácida, embora de vez em quando um se virasse para uma alcateia diferente e um rosnado baixo comesse a se formar em sua garganta antes de voltar à placidez instantânea com um gesto insistente feito pelo seu xamã. *Sem o comando do xamã, eles voltam a ser lobos*, compreendeu Vaelin, mais uma vez admirado com a fortitude dos dotados encontrados entre aquela gente. *Eles usam os seus dons por horas e ainda assim nunca se cansam.*

— Não é força — disse Kiral, aparecendo ao seu lado, seguida por seu gato. Conforme os costumes dos lonaks, ela não dera um nome à fera, embora os outros dotados a chamassem de Orelha, como era de se esperar. Era o menos bem-comportado dos gatos, dado a um coro noturno de lamúrias desoladas e uma indisposição sibilante para qualquer companhia humana que não fosse a de Kiral. O animal cumprimentou Vaelin com um rosnado breve e manteve-se ao lado da garota, agachado e cauteloso.

— É habilidade — prosseguiu a caçadora, indicando Astorek com a cabeça. — Surgida de uma necessidade secular. Os nossos dons são úteis, mas ainda podemos sobreviver sem eles. Essas pessoas *precisam* do seu poder, ou o gelo as mata. Então aprenderam a controlar, compartilhar, usar apenas o necessário. — Ela deu um leve sorriso, ainda olhando para o volariano. — Devemos parecer crianças desajeitadas para eles.

Vaelin e os dotados ficaram com lugares num dos barcos imensos, enquanto os guardas de Orven e os Senthar foram obrigados a se amontoarem nas embarcações menores, algumas recém-construídas para acomodar o número maior de pessoas que tomaria parte daquela migração anual. Cicatriz tremia um pouco ao ser levado para dentro da canoa, apenas levemente acalmado por um punhado de frutas silvestres. O cavalo de guerra se acostumara um pouco à presença dos lobos, mas a proximidade com tantos num espaço confinado claramente testava a sua paciência.

— Calma, meu velho — disse Vaelin, tentando tranquilizá-lo com uma coçada no focinho. No entanto, naquele dia Cicatriz não estava disposto a ser tranquilizado, de olhos arregalados e fixos no aglomerado silencioso de lobos enquanto balançava a cabeça e arreganhava os dentes, alarmado.

— Deixe-me tentar — disse Dahrena, aproximando-se e colocando a mão no pescoço do cavalo de guerra. Ela fechou os olhos e uma pequena ruga surgiu em sua testa quando se concentrou. Cicatriz acalmou-se quase que de imediato, baixando a cabeça e piscando num contentamento sereno.

— Eu mostrei a ele os estábulos de casa — disse Dahrena. — Ele acha que está lá agora.

— Suas habilidades estão aumentando, minha senhora — disse Vaelin, inclinando a cabeça.

— Um pouco. — Ela se virou para o xamã mais próximo, um veterano de rosto magro cercado por cinco lobos imóveis. — Mas duvido que algum de nós algum dia irá se igualar a eles. Algumas habilidades precisam do aprendizado de uma vida inteira.

* * *

Era esperado que todos se revezassem para remar, com exceção dos xamãs; duas ou mais horas passadas cortando as águas com um remo de pá larga. Como sempre, o esforço constante deu a Lorkan muito do que reclamar, embora Vaelin tivesse notado que ele demonstrava fazer pouca força ao remar. O homem parecia mais alto agora,

com as costas mais retas e os ombros mais largos. Apesar de toda a reclamação, Vaelin sabia que o garoto que conhecera nos Confins se perdera em algum lugar na maré de guerra e nas privações do gelo. Porém, pelos olhares constantes a Cara, tudo indicava que pelo menos uma coisa não havia mudado durante a jornada.

As ilhas ao redor ficavam cada vez maiores e mais altas à medida que seguiam para o sul, grandes colinas de granito encimadas pela neve e florestas densas de onde mais canoas surgiam conforme se aproximavam. Havia pouca celebração nos cumprimentos trocados entre o Povo Lobo, alguns acenos respeitosos de mão ou de cabeça entre xamãs, alguns chamados de velhos amigos, mas na maior parte formavam o seu comboio crescente com uma eficiência silenciosa. Vaelin também achou estranho que ninguém parecesse particularmente surpreso ou incomodado com a presença de tantos forasteiros, e a maioria apenas olhava a sua companhia diversificada com uma aceitação taciturna.

— Eles sabiam que estaríamos viajando com vocês — disse ele a Astorek durante o seu turno nos remos, que ocorria duas vezes por dia. O xamã falava pouco na água, o rosto uma máscara de concentração constante enquanto cuidava para manter os seus lobos sob controle.

— Falcões podem fazer mais do que matar — retorquiu ele, erguendo a cabeça para o céu, onde o grande bando rodopiante de falcões-lanceiros acompanhava o comboio. À noite eles desciam até a floresta de poleiros que brotava das canoas, devorando os pedaços de carne fornecidos pelos seus xamãs, cuja maioria parecia ser de mulheres.

— Eles levam mensagens? — perguntou Vaelin. — Mas o seu povo não escreve.

— Não, não temos livros. — Astorek tirou algo de um bolso de suas peles e jogou para Vaelin: um pedaço de osso de alce, marcado de ponta a ponta com cortes retos ao longo de uma linha. — Cada marca representa um som — explicou Astorek. — Junte-os e se tem uma palavra.

— O que diz?

— “Faca Longa é xamã de trinta lobos”. Muitas Asas entalhou quando virei adulto e enviou cópias a todos os povoados. Foi a única vez que vi alguém de meu povo se vangloriar.

Vaelin olhou em volta para as outras alcateias na canoa, notando como eram pequenas em comparação, nenhuma com mais do que doze lobos.

— Deve ser difícil controlar tantos.

— Controlar não é bem a palavra. Eles... me aceitam.

Vaelin olhou mais atentamente para a alcateia de Astorek e notou como os animais fixavam os olhares nele de forma uniforme, cativados e quase não piscando.

— Eles conseguem ouvir — percebeu Vaelin. — O eco do chamado do lobo. Ainda está em você.

O desconforto transpareceu por um momento na expressão de Astorek, e um dos lobos virou-se para Vaelin com um rosnado crescente nos lábios. O animal se acalmou quando Astorek passou a mão em sua cabeça, e olhou para o xamã com a boca entreaberta em adoração.

— Eles também conseguem ouvi-lo em você, Sombra do Corvo. Algumas coisas nunca desaparecem da alma de um homem.

Remaram para o sul por três dias, reunindo cada vez mais membros do Povo Lobo ao longo do caminho. Quando avistaram o litoral vasto do continente, Vaelin estimou que chegavam agora a mais de cem mil. Outros aguardavam na costa, onde povoados podiam ser vistos entre as árvores, as moradas maiores ocupando mais espaço do que as do Lar Lobo.

— Por que não viver aqui o tempo todo? — perguntou Cara a Astorek ao se aproximarem da costa. — Parece ser um lugar mais confortável.

— Os alces vão para o sul no inverno — explicou ele. — Longe demais para seguirmos, deixando uma vastidão congelada para trás. Mas nas ilhas, morsas e baleias aparecem quando o gelo se forma.

À noite ocorreu um banquete de celebração, onde os últimos estoques de inverno foram consumidos. O Povo Lobo aglomerou-se ao redor de várias fogueiras imensas para assar as suas carnes em espetos e dividir chifres de cerveja de pinho, emitindo cliques em sua língua indecifrável ao trocarem histórias de privação durante o inverno. Apesar de a atmosfera em geral ser festiva, Vaelin sabia que havia moderação no evento, notando como muitos rostos o encaravam numa expectativa tensa. Assim como não possuíam uma palavra para mentira, aquela gente também não possuía uma para segredo. Há séculos vinham fazendo peregrinações até a caverna pintada e conheciam seu rosto e seu nome.

Ele se sentou com Dahrena, afastado da multidão principal, e acendeu uma fogueira menor para que pudessem jantar um ensopado de morsa. Vaelin cuidou da refeição, cortando a carne em tiras e a temperando com ervas e com o que restava do sal que havia trazido do Reino.

— Conheci irmãos que prefeririam abandonar as suas espadas no lugar do sal — disse a Dahrena, exagerando apenas um pouco. A vida na Ordem fazia com que a maioria dos irmãos adquirisse habilidade na arte de cozinhar em fogueiras e reconhecesse o consolo necessário oferecido por uma pequena quantidade de

temperos.

— Você sente falta? — perguntou ela, aceitando uma tigela de ensopado. — Foi criado para uma vida na Ordem. Deve ter sido difícil abandoná-la.

— Eu já havia perdido meus irmãos ao final da guerra, e muito mais. Não havia nada pelo que voltar. — Vaelin sentou-se ao lado dela e eles comeram em silêncio durante algum tempo. Como sempre, a sensação de compreensão mútua afastava as suas preocupações com uma facilidade consoladora. Quando estava com ela, era quase como se a sua canção tivesse retornado, tão fáceis de ler eram os humores de Dahrena. Vaelin podia ver agora, a leve tensão no rosto dela enquanto comia, o modo como os olhos iam constantemente para o seu rosto.

— Você está preocupada com o futuro.

— O mundo está mergulhado no caos — retorquiu Dahrena. — Parece apropriado me preocupar.

— Se eu ainda fosse um homem da Fé, poderia citar um catecismo pertinente sobre as virtudes da esperança.

— Acredita que a invasão da Rainha será bem-sucedida?

— Acredito nela. Ela é... mais do que era.

— E se formos bem-sucedidos, o que acontecerá?

— Voltaremos para os Confins, onde desconfio que passaremos boa parte do nosso tempo protegendo-os de idiotas sedentos por ouro.

— É essa a sua ambição? Apenas a torre e os Confins?

— A torre, os Confins — Vaelin estendeu a mão e pegou a dela — e você. Além da paz para desfrutar de tudo isso.

Dahrena sorriu, mas ele notou que era forçado.

— Meu pai também queria a paz, e esperava encontrá-la nos Confins.

— Caenis me disse que ele foi exilado por questionar a Palavra do Rei. Eu sempre imaginei que havia sido por ter se recusado a fazer o que meu pai fez nas Ilhas Meldeneanas.

— O clímax de uma longa discussão. Meu pai começou a carreira como um guarda na Guarda da Casa Al Nieren, quando as famílias nobres asraelinas ainda brigavam sem cessar pela Cadeira do Senhor. Uma vez ele me contou que Janus lhe havia prometido a paz, na época em que a Mão Vermelha finalmente havia desaparecido. Os dois eram pouco mais do que garotos na ocasião, enfrentando o ataque de uma dúzia de casas aliadas contra eles, pois a linhagem Al Nieren havia sido enfraquecida pela praga e parecia que seria fácil vencê-la. “Vamos matar todos esses tolos, Vanos”, dissera Janus. “Então criaremos um Reino”.

“E criaram, ano após ano de guerra, as outras casas destruídas e humilhadas, os feudos subjugados, tudo pela promessa de paz. Uma paz que não deu as caras com o nascimento do Reino quando Janus voltou a atenção para terras estrangeiras. Então, incapaz de encarar outra guerra, meu pai implorou para ser dispensado, imaginando que poderia aposentar-se de forma tranquila nos Confins, distante dos problemas do Reino e da ambição de Janus. Mas mesmo assim a guerra o encontrou quando a Horda do Gelo apareceu.”

Vaelin apertou a mão dela com mais força.

— Não haverá nenhuma outra guerra como esta para ser lutada.

— Eu vejo a Rainha, assim como você. Eu a encontrei uma vez antes, há muitos anos, quando meu pai me levou para o Reino. E você tem razão, ela mudou muito. Mas ainda vejo nela o que meu pai viu no dia em que ela nos levou a um passeio pelos jardins do palácio, toda risos e charme. Meu pai sorria ao ouvir os ditos espirituosos dela, aceitou os elogios e despediu-se com graciosidade. Contudo, enquanto nos afastávamos a cavalo o sorriso dele desapareceu e o ouvi dizer: “E eu achava que Janus era ambicioso”. Pode ter mudado, mas não desapareceu, Vaelin. Quando ela acabar com esta guerra, o que acontecerá? O que a saciará quanto tiver conquistado um império? O que mais ela pedirá de você?

Matará por sua fé, por seu Rei e pela Rainha do Fogo quando ela surgir...
Palavras de um sonho antigo. *Talvez nem toda profecia seja falsa.*

— Acho que ela é sensata o bastante para não pedir o que não darei.

Astorek veio buscá-los de manhã para um conselho, seguindo por um caminho na floresta até chegarem a uma árvore tão grande que Vaelin a princípio se perguntou se não era alguma ilusão conjurada por xamãs. O tronco era coberto por uma casca marrom-avermelhada e tinha mais de vinte metros de largura na base, chegando a uma altura de mais de sessenta metros, o topo perdido em algum lugar acima das copas da floresta.

— O nome perde muito do significado na sua língua — disse Astorek. — Lança dos Lobos é a tradução mais aproximada. A mais antiga das grandes árvores que conhecemos. Nem mesmo os avós de nossos avós conseguiam lembrar-se dela como uma muda.

Na base do tronco havia uma cavidade grande semelhante a uma caverna onde alguns membros do Povo Lobo aguardavam, permanecendo de pé e em silêncio quando Astorek levou Vaelin para dentro. Ele não se apresentou e simplesmente assumiu um lugar enquanto encaravam o seu rosto, o reconhecimento e a inquietação

evidentes em cada olhar. O silêncio se arrastou enquanto ele permaneceu parado ali, perguntando-se se havia algum ato ritualístico que não fizera, até que Urso Sábio aproximou-se e falou em voz baixa:

— Eles querem as suas palavras.

— Palavras?

Urso Sábio deu um sorriso breve para o Povo Lobo reunido ali, lembrando um pai desculpando-se por um filho mal-educado.

— Palavras de guerra. Eles esperam que você os lidere.

Os olhos de Vaelin percorreram o conselho, encontrando Matador de Baleia entre eles, os outros também identificados como anciões pelos objetos que portavam: colares de ossos ou contas, uma faca comum com o punho entalhado de forma delicada. Somente as pessoas do gelo com idade e influência suficientes tinham o tempo ou a oportunidade de acumular bugigangas.

— Não há xamãs aqui — comentou com Astorek.

— Xamãs são proibidos de liderar — disse ele. — Poder demais deixa a alma doente. Uma lição que o Povo Gato nunca aprendeu.

Vaelin assentiu.

— Quantos guerreiros eles comandam?

Astorek falou brevemente com o conselho, recebendo respostas secas, mas ligeiras.

— Não contamos números como vocês — informou o xamã. — Mas talvez um quarto da gente de cada ilha esteja em idade de lutar.

Pouco mais de vinte mil. Dificilmente o Exército da Rainha, mas eles têm os seus lobos e falcões.

— Eles viram algum sinal dos volarianos?

— Batedores foram enviados para o sul com o primeiro degelo — informou Astorek. — Como são enviados todos os anos. Regressarão quando os volarianos atravessarem a região das colinas e entrarem nas planícies. Eles costumam vir quando o sol está mais alto, mais ou menos daqui a dois meses.

Vaelin lembrou-se das palavras de Sem Olhos no gelo: *Sou paciente e desconfio que você ainda tenha um longo caminho a percorrer.*

— Eles virão mais cedo este ano, e não podemos esperar. Seu povo precisa reunir os guerreiros, todos os lobos e falcões, e vir para o sul comigo.

A inquietação dos anciões aumentou de forma visível quando Astorek traduziu, embora nenhuma palavra tenha sido dita quando trocaram olhares cautelosos. *Mesmo após uma vida acreditando é difícil confiar seu destino à tinta pintada*

numa parede séculos atrás, concluiu Vaelin.

Por fim, um dos anciões falou, um velho curvado que se apoiava bastante num cajado, a voz fina e cansada, mas ainda capaz de impor um grande respeito pelo modo como Astorek traduziu suas palavras com uma solenidade objetiva.

— Andarilho Distante, o mais velho e sábio do Povo Lobo, pergunta que promessas a Sombra do Corvo pode fazer. As palavras do Povo do Grande Barco tornaram-se verdadeiras?

— Não posso oferecer quaisquer palavras com respeito às suas crenças — falou Vaelin. — E qualquer homem que conduz outros à guerra com uma promessa de vitória é tolo ou mentiroso. Ofereço uma oportunidade de derrotar o seu inimigo e evitar que ele retorne. Nada mais.

O velho falou de novo quando Astorek terminou de traduzir, aproximou-se e olhou para Vaelin, a confusão e o espanto alternando-se em suas feições envelhecidas.

— Quando eu era criança, perguntava aos anciões: “Quando a Sombra do Corvo virá?” Eu fazia a mesma pergunta sem parar, pois sabia que ele não havia aparecido na época de meus pais, ou de meus avós, nem nas muitas Noites Longas antes disso. “Não enquanto você viver, pequenino”, respondiam eles, e então eu dormia bem, sabendo que sua época traria grandes tormentos e privações ao Povo Lobo, mas que eu seria poupado de testemunhá-la.

Ele continuou a encarar Vaelin por algum tempo, fazendo por fim uma pergunta breve, num sussurro:

— Como você derrotará nosso inimigo?

— Com os seus guerreiros, seus xamãs, seus lobos e seus falcões. Com o aço dos soldados que comando e as habilidades terríveis dos aliados que nos seguiram até aqui. — Ele fez uma pausa e olhou para Dahrena e os dotados, que tinham permanecido na extremidade da caverna. — E a coragem de almas intensas e poderosas.

Andarilho Distante abaixou os olhos e virou-se, voltando-se para as profundezas da árvore num passo cansado. Ele tornou a falar ao ser engolido pelas sombras, as palavras fazendo com que os outros membros do Povo Lobo soltassem um grito instantâneo e sufocado de choque. Alguns gritaram às suas costas, fazendo perguntas urgentes à escuridão, mas não houve resposta.

— O que ele disse? — perguntou Vaelin a Astorek, que olhava boquiaberto para onde o velho se dirigira.

— O testamento dele — explicou o volariano, num tom que não dava brechas a mais questionamentos. Ele voltou o olhar para os outros anciões e fez uma pergunta que todos responderam com uma série de assentimentos, alguns mais relutantes do

que outros. — Iremos com você — disse Astorek.

Dahrena estava sentada no centro de um círculo de fogueiras, de olhos fechados e com o rosto ficando mais pálido a cada minuto, enquanto Marken, Lorkan e Cara se esforçavam para manter as chamas altas. Vaelin permaneceu ao lado dela, mantendo uma pele de lobo-marinho enrolada em seu corpo esguio quando Dahrena estremeceu, o que indicava o seu retorno. Ela se encostou sem forças nele, gemendo quando Vaelin lhe esfregou os ombros.

— Esperava que isso ficasse mais fácil com a prática.

Cara entregou a ela uma taça de cerveja de pinho aquecida, o que a fez tossir um pouco, mas colocou um rubor em suas faces.

— Eles ainda não chegaram nas colinas — disse ela a Vaelin. — Mas estão vindo, um grande exército liderado por sete generais. Pude vê-los cavalgando adiante, suas almas tão sombrias que pareciam engolir a luz, e eram todas a mesma. Só vi uma alma assim antes. No gelo.

— Sem Olhos — disse Vaelin, e ela assentiu. *Sete almas, todas a mesma*, pensou ele. *O Aliado enviou o Bastardo da Bruxa com um exército. Quanto ele teme o que buscamos?*

* * *

O Povo Lobo insistiu numa semana inteira de caça antes de partirem. Apesar do degelo, a vida na tundra setentrional continuava precária o ano inteiro e eram necessários estoques para as pessoas que ficariam para trás quando os guerreiros rumassem para o sul. Astorek convidou Vaelin e Kiral para a sua expedição, uma vez que se exigia que cada xamã liderasse um grupo de caça, mas o proibiu de levar Cicatriz.

— Caçamos a pé. Os alces sentiriam os cascos dele na terra.

Eles seguiram para leste por um dia com vinte caçadores, e os lobos de Astorek iam adiante num arco amplo, parando constantemente e erguendo o focinho para farejar o ar. Os lobos com frequência saíam em disparada, desapareciam para além do horizonte por uma hora ou mais, mas sempre eram encontrados esperando por eles pouco tempo depois. Mudavam de direção frequentemente, virando para o norte e depois para o sul sem aviso.

— Até onde eles podem ir antes de você perdê-los? — perguntou Kiral ao xamã, que pareceu intrigado pela questão.

— O vínculo é profundo, tão profundo que a distância não significa nada. Eles poderiam estar do outro lado do mundo que eu ainda os sentiria.

Ele parou e empertigou-se quando os lobos pararam, todos agachados, os focinhos apontados para sudoeste. O Povo Lobo atirou-se no chão ao mesmo tempo; Vaelin e Kiral abaixaram-se ao lado de Astorek enquanto ele erguia uma das mãos, medindo o vento. O rapaz fez um aceno rápido com a cabeça e os lobos saíram em disparada para o sul, movendo-se num grupo compacto.

— Eles irão trazê-los até nós.

Os caçadores arrastaram-se até formarem uma linha paralela ao xamã, deitados com as lanças em punho. O capim que crescia na tundra era mirrado, fornecendo pouca proteção, mas também uma visão desimpedida do horizonte. Cada caçador carregava três lanças, todas com pontas de ferro serrilhadas, e Vaelin notou a escrita semelhante a riscos com que haviam decorado as hastes. Tudo indicava que cada lança possuía a própria história.

— Você já caçou os grandes alces alguma vez? — perguntou Kiral, colocando uma flecha em seu arco.

Vaelin sacudiu a cabeça e preparou o arco. Suas flechas eram todas mais adequadas para a guerra do que para caçar, estreitas e com pontas para perfurar cotas de malha ou armaduras, de modo que Kiral lhe entregou três das suas, serrilhadas como a ponta das lanças dos caçadores, mas feitas do mesmo vidro negro inquebrável usado pelos seordah.

— Uma não será suficiente — disse a ele. — Ignore os flancos e mire no pescoço.

Vaelin os ouviu antes de avistá-los, um tremor retumbante reverberando pelo solo acompanhado pelos ganidos tênues dos lobos. Quando surgiu o primeiro alce, a princípio pareceu que uma árvore havia brotado de repente no horizonte, a silhueta de galhos largos balançando enquanto aumentava de tamanho, uma pequena floresta surgindo ao seu redor. Ele vira os eorhil exibirem fragmentos de galhadas de alce e tinha uma ideia do tamanho deles pelas pinturas na caverna do Povo Lobo, mas a visão de um dos alces vivos era realmente impressionante. O primeiro a aparecer tinha galhadas que chegavam a três metros de um lado a outro, o próprio animal quase tão alto quanto dois homens, levantando uma espessa nuvem de poeira ao correr na direção deles de cabeça abaixada, as pontas das galhadas como longas lâminas de espada.

Quando o alce chegou a vinte metros de distância, os caçadores se levantaram ao mesmo tempo e arremessaram rapidamente as lanças, e o animal que vinha à frente e

dois outros tombaram numa confusão de cascos se debatendo e galhadas despedaçadas. O resto da manada afastou-se do perigo e rumou para o norte, perseguida pelos lobos. Um dos alces feridos conseguiu levantar-se, bufando e sacudindo as galhadas parcialmente quebradas de um lado para outro antes de investir contra o caçador mais próximo. Kiral acertou uma flecha no pescoço do animal e Vaelin mais duas, mas o alce mal diminuiu a velocidade, raspando a galhada no chão enquanto avançava até o caçador. No entanto, o homem não precisava de ajuda: ele pulou para a frente no último segundo e saltou por cima da cabeça do alce, girou no ar, apoiou as mãos no pescoço do animal e jogou-se para longe num salto mortal que teria impressionado qualquer acrobata.

O alce bufou e virou-se, deixando um rastro de sangue e berrando a sua frustração até Kiral dar cabo dele com uma flecha certa no olho, um feito que Vaelin duvidava que até mesmo Reva conseguisse igualar. Ele se aproximou de Astorek enquanto os caçadores tratavam de descarnar as presas, as facas longas reluzindo ao estriparem e desmembrarem as carcaças com uma velocidade automática. Podia ver os lobos a uns oitenta metros dali, aglomerados em volta de outra carcaça; a placidez usual desaparecera enquanto disputavam a carne e tentavam se morder, os pelos brancos manchados de sangue dos focinhos às caudas.

— A recompensa deles — disse Astorek. — Não é bom controlá-los demais. Às vezes eles precisam se lembrar do que são.

Uma nuvem de poeira ao longe indicava que os alces remanescentes continuavam a fugir.

— Vocês não matam todos — observou Vaelin.

— Se matássemos, não haveria nenhum para caçar no ano seguinte.

— Quando enfrentarmos os volarianos não será uma caçada, mas uma batalha. Nenhum pode escapar. Vamos matar todos.

— Você acha que eu tenho algum receio de matar o meu antigo povo? Não é nada que eu já não tenha feito antes.

— Desta vez será diferente. Desta vez eles são liderados por algo muito pior do que um general ambicioso demais.

Kiral aproximou-se, limpando o sangue das flechas e lançando um olhar cauteloso para o xamã.

— Lorde Vaelin fala a verdade — disse ela. — Eu sinto a sua compaixão. Mas ela o matará quando enfrentarmos o cão favorito do Aliado.

Astorek franziu o cenho e sacudiu a cabeça, perplexo.

— Aliado?

— E ele vive nesse... lugar além? Um lugar além da morte?

Vaelin esforçou-se para formular uma resposta precisa. Explicar o conceito do Além a alguém criado sem qualquer forma de fé estava se provando uma tarefa difícil. Além disso, ao contrário do povo que o adotara, Astorek não sentia quaisquer tendências de venerar o fogo verde que continuava a tremeluzir no céu noturno, embora a sua luz agora fosse apenas um brilho fraco no horizonte ao norte.

“Um dos muitos mistérios da natureza”, era a sua única opinião.

Eles haviam dado início à marcha no dia anterior; os guerreiros do Povo Lobo agruparam-se de acordo com associações vagas e seguiram para o sul sem uma ordem ou cerimônia específica, exceto por despedidas breves e pessoais dos familiares. Porém, havia alguns que não viajariam para o sul, nem ficariam na tundra. Vaelin observou um grupo de pessoas se reunir na costa, homens e mulheres de idade avançada, cada uma com a própria canoa e levando apenas poucas provisões. Ele avistou Andarilho Distante entre elas, entregando vários itens para um grupo mais jovem, que supôs serem os filhos e netos do ancião: uma faca, um colar, uma lança. Todos aceitaram os presentes com respeito silencioso, e o mais novo entre eles fungava quando o velho entrou na sua canoa e se afastou da costa, remando para o norte sem olhar para trás. *O testamento dele*, pensou Vaelin.

Mais tarde ele se juntou a Astorek na vanguarda do exército, conduzindo Cicatriz pelas rédeas enquanto o xamã mandava os seus lobos adiante como batedores da linha de marcha.

— Sei que pode ser difícil de acreditar — disse Vaelin. — Mas eu estive lá, e ouvi a voz dele. Por mais que eu quisesse desconsiderá-lo como um produto de lendas ou de ilusões, a sede dele pela nossa destruição é bastante real.

— Eu achava que era preciso morrer para entrar no Além.

Vaelin voltou os olhos para o horizonte. Nunca era fácil falar sobre o que acontecera em Alltor, talvez porque ainda não compreendesse boa parte.

— E é.

— Então como você está aqui?

Vaelin olhou para trás, para Dahrena, que ria com Cara enquanto seus gatos rolavam juntos numa luta de brincadeira perto dali.

— Sempre fui muito afortunado com meus amigos.

Avistaram as montanhas após outra semana de marcha, uma cadeia de encostas escarpadas e picos que se estendia para o sul até onde conseguiam ver. Os vales pareciam repletos de pinheiros, mas os picos eram principalmente de granito bruto, pintados de azul na neblina. A leste, um tênue brilho alaranjado podia ser visto sob um aglomerado de nuvens baixas e escuras.

— Montanhas de fogo — disse Astorek. — Nem mesmo os membros das tribos vão até lá.

— Seu povo faz trocas com eles? — perguntou Vaelin. — Fala a língua deles?

— Eles falam alguma forma de volariano. Difícil de entender para o ouvido menos acostumado. E, não, não há trocas entre nós. Eles ficam em suas colinas lutando suas rixas sem fim, ou contra os volarianos, quando aparecem para preencher as cotas de escravos, e raramente se arriscam a atravessar a tundra. — Astorek olhou para o sempre presente bando de falcões-lanceiros no alto quando alguns se separaram do grupo principal e voaram na direção das colinas. — Minha mãe avisará se alguém vier nos receber.

Contudo, não havia ninguém esperando quando começaram a subir os contrafortes, as encostas adiante sem qualquer sinal de que o caminho pudesse ser bloqueado.

— Meu povo faria o mesmo — disse Alturk, estreitando os olhos ao esquadrihar as colinas silenciosas. — Permitir que entremos, marchemos até nos acharmos seguros e então atacar à noite.

— Não há ninguém nos vigiando — disse Kiral num tom de certeza. Ela se virou para Vaelin com uma expressão grave no rosto. — Mas alguém está vindo. Minha canção é clara: devemos esperar.

Eles acamparam numa série de colinas com uma boa vista da região ao redor, os falcões-lanceiros fornecendo uma vigilância constante e os lobos mantidos em alcateias compactas no perímetro. Mas ainda assim as colinas permaneceram silenciosas. Ao cair da noite, o brilho das montanhas de fogo a leste ficou mais intenso e lampejos ocasionais de raios cortavam a fumaça que elas lançavam para o céu.

— Então o braço de Nishak dá a volta no mundo — observou Alturk num raro comentário junto à fogueira, mantendo o olhar nos fogos distantes. Recentemente ele abandonara o seu costume de comer e dormir afastado do grosso da companhia, e sua cabeça estava mais uma vez raspada. O desprezo que alguns dos Senthar ainda sentiam era evidente, mas outros mostravam que haviam voltado a respeitá-lo com relutância.

Ao olhar para a companhia, Vaelin notou como eles estavam misturados agora, guardas e lonaks sentados lado a lado com naturalidade, os dotados entre eles, seus gatos abocanhando os restos que lhes eram jogados pelos guerreiros. *O gelo é uma forja*, concluiu, lembrando-se de dias distantes que passara observando Mestre Jestin na bigorna, as três hastes de uma espada que ainda não tomara forma derretendo sob o martelo incessante. *Ele nos transforma em algo novo à força.*

— Você realmente ouviu a voz dele? — perguntou Dahrena.

Alturk baixou os olhos, pouco à vontade, embora parecesse não haver raiva nele, somente uma lembrança de remorso.

— Ouvi, um som que só podia ter saído da boca de um deus.

— A Caverna das Brumas — disse Kiral. — A Mahlessa me disse que só mais uma pessoa além dela já havia visto o local.

— Foi a Mahlessa que me guiou até lá. Apesar de o meu porrete e a minha faca terem feito de mim o Tahlessa dos Falcões Cinzentos, marido de seis esposas e pai de um belo filho, eu ainda era um jovem que sonhava com a grandeza, uma grandeza que eu achava que encontraria na Caverna das Brumas, onde dizem que as vozes dos deuses ainda ecoam. Então fui até a Montanha e pedi que a Mahlessa me orientasse. Não tive permissão de ficar em sua presença, pois nenhum homem é digno, mas ela me deu uma guia e nos enviou com palavras que eu pensei serem uma bênção, mas que mais tarde soube que eram um aviso. “Só há verdades a serem ouvidas dos deuses.”

Alturk fez uma pausa e olhou para Kiral com um leve sorriso nos lábios.

— Minha guia era uma mulher de aspecto sombrio que raramente falava, a não ser para insultar, chamando-me de tolo e fanfarrão, e filho de uma mãe que sem dúvida havia aberto as pernas para um macaco. Se ela não fosse uma Serva da Montanha, eu a teria jogado do penhasco mais alto, como ela bem sabia.

— Você teria tentado — afirmou Kiral numa voz firme.

— Sua mãe de sangue foi a mulher de língua mais afiada que já conheci — retorquiu Alturk. — E eu me casei com as seis piores cadelas das montanhas.

— E a queria como sétima. — Kiral retribuiu o sorriso. — Só que ela tinha bom senso.

Alturk grunhiu e acenou com a mão para deixar o assunto de lado.

— Seja como for, ela me guiou até uma caverna, uma pequena fenda na encosta de uma montanha igual às outras. “Você vai morrer aí dentro, filho de macaco”, ela me disse, e então partiu sem falar mais nada. Eu podia sentir o calor que vinha da caverna e sabia que o que me esperava lá dentro seria o maior dos testes. Mas eu queria muito ouvir a voz de Nishak. Eu *sabia* que ele tinha coisas importantes para me contar.

“A princípio o negrume foi total, a minha tocha a única luz enquanto eu descia cada vez mais. Às vezes as paredes da caverna desapareciam e me deixavam agachado numa saliência estreita cercado pelo vazio, sem saber se um único tropeço me lançaria para a morte. Então cheguei à ponte, na verdade um arco estreito de rocha sobre um grande abismo, com uma torrente furiosa de água que caía como uma cortina a meio caminho dali. Do outro lado só havia a escuridão. O teste era

claro. Se eu seguisse em frente, a minha tocha se apagaria na torrente e talvez eu jamais encontrasse o caminho de volta. Os deuses são sábios em seus testes e escolhem somente aqueles merecedores de suas vozes, pois um covarde teria dado meia-volta e ido embora.”

Alturk fez uma pausa e uma risada baixa deixou seus lábios.

— E somente um tolo teria ido em frente. E eu fui.

“A ponte era escorregadia, a água congelante e tudo ficou escuro quando ela apagou a minha tocha. Eu me joguei de bruços no chão e me arrastei, tateando em frente até que a ponte estreita se tornou uma rocha larga, e adiante havia um brilho muito tênue, fazendo com que eu seguisse em frente. A luz aumentou à medida que me aproximei, as paredes da grande caverna em que eu entrara emitiam um brilho esverdeado e no centro havia um lago de água agitada, que borbulhava sem cessar e soltava uma bruma fina. A princípio achei o cheiro dele desagradável e pensei que ficaria enjoado, mas o odor desapareceu quando me aproximei do lago, tão perto quanto eu ousava, pois o calor era intenso... E eu ouvi, a princípio baixa, como um tremor na terra, mas foi crescendo, ficando mais nítida e mais forte até eu sentir que meus ouvidos poderiam explodir.

“Eu soube então que era um tolo, um inseto rastejando aos pés de um gigante, pois o que tal voz teria a dizer a um ser insignificante como eu? Mas... ele falou. ‘Sabe quem está falando com você?’, ele me perguntou, e em meio ao meu medo eu balbuciei o seu nome. ‘Sim’, disse ele. ‘Eu, que dei o presente do fogo a toda a humanidade. Eu, que salvei vocês da escuridão total. Eu, que lhes forneci calor para todo o sempre. Pois sou o mais generoso dos deuses, e ainda assim vocês sempre pedem mais’.

“Eu teria fugido se não tivesse perdido a força nas pernas, que me deixaram rastejando no chão da caverna como o inseto que eu sabia que era. Eu implorei a ele, como um merim her capturado diante da faca justa, implorei e chorei e me borrei de medo. Porém, Nishak não conhece a pena nem a raiva, ele é generoso, mas o seu presente pode arder assim como ajudar, pois a verdade é uma chama que queima fundo. ‘Eu sei por que você veio, Tahlessa dos Falcões Cinzentos’, ele me disse. ‘Sua mente é muito fácil de ler. Tanta raiva, tanta ambição, e o que é isto? Um filho que você imagina ser digno de um grande futuro, um filho que você acredita que liderará os lonaks contra os merim her. Olhe com mais atenção, veja mais’.

“E em meio às brumas da memória eu vi: a crueldade do garoto com todos a sua volta, a vez em que o encontrei com um filhote estrangulado, o garoto mais velho que caíra para a morte quando escalaram juntos, as mentiras às quais não dei ouvidos quando ele me falou de um acidente, uma mão que escorregara e que levava a um pescoço quebrado. Eu vi tudo.”

Alturk abaixou a cabeça, envergonhado, o rosto marcado tão tomado pelo pesar que até mesmo Kiral pareceu pouco à vontade, estremecendo e desviando o olhar.

— Em vez de aceitar essa dádiva — prosseguiu Alturk —, eu gritei com Nishak, encontrando forças para me levantar. “Há grandeza no meu filho!”, gritei. “Ele empurrará os merim her para o mar.” E Nishak soltou uma gargalhada longa e alta. “Pense nisso quando o matar”, disse ele. “Agora, vá.”

“Um silêncio se abateu sobre o lugar, exceto pelo barulho da água. Eu me demorei mais um pouco e gritei para que Nishak voltasse e retirasse as suas mentiras, mas ele não tinha mais palavras para um inseto tão ingrato. Encontrei outra passagem para fora da caverna, estreita e sinuosa, mas também iluminada pelo mesmo brilho esverdeado. Depois de horas incontáveis saí mais uma vez para o mundo acima, que agora parecia muito frio.”

Alturk calou-se e olhou para os fogos distantes com os olhos de um homem cansado que logo se depararia com o crepúsculo de sua vida. Ele não se virou quando tornou a falar, embora fosse óbvio a quem estava fazendo a pergunta.

— Aquela coisa da qual você foi livrada pela Mahlessa. Ela o encontrou ou ele a encontrou?

— Os Senthar já haviam renascido antes de eu ser... tomada — disse Kiral. — Seu filho foi um dos que os trouxeram de volta à ativa, encontrando outros que pensavam de forma similar, sedentos de sangue e procurando justificar a sua crueldade. Ele odiava a Mahlessa por sua desgraça e dizia que poderia ter matado o maior dos merim her se não fosse pela fraqueza dela, pois ela era velha e corrompida pelas eras. Mas eles eram poucos e seus planos caóticos, pois compartilhavam da mesma loucura. Os Senthar precisavam de liderança para levar a sua missão a cabo, e a encontraram em mim. — Ela estremeceu e um tom de desculpas transpareceu em sua voz. — Você teria que matá-lo de qualquer forma, Tahlessa. Só há verdades a serem ouvidas dos deuses.

Ele foi despertado por um dos lobos, um macho grande com uma língua insistente e um hálito fedorento. O animal saltou para trás quando Vaelin acordou de repente de adaga em punho, inclinando a cabeça para ele com curiosidade e soltando um ganido impaciente.

— O que é?

Dahrena gemeu ao seu lado, o rosto pálido e os olhos sem brilho sob as peles.

— Acho que alguém finalmente veio nos receber — comentou ele, pegando as botas.

Astorek, Kiral e Urso Sábio aguardavam no sopé da encosta sul, uma fileira de lobos espalhada diante deles e um aglomerado de falcões-lanceiros no céu.

— Quantos? — perguntou Vaelin, indo para o lado de Kiral.

— Apenas um.

Vaelin olhou para longe e discerniu uma figura solitária, encapuzada e de manto, caminhando na direção deles sem aparentar alarme com a nuvem de falcões-lanceiros que desceu para circundá-lo na altura da cabeça. Vaelin avançou para recebê-lo quando o homem parou antes da fileira de lobos. Tinha altura mediana, era largo, mas não musculoso demais, e jogou o capuz para trás revelando um rosto esguio, mas bastante enrugado, e olhos que indicavam uma experiência que Vaelin agora sabia ser vasta.

— Ah — disse Erlin. — Imaginei que pudesse ser você.

CAPÍTULO SEIS

Reva

Ela despertou com dor, uma dor lancinante na mão direita, que afastou a escuridão com uma agonia pulsante e persistente. Reva gemeu e sacudiu a mão, mas a dor aumentou em vez de diminuir. Ela se contraiu ao abrir os olhos, a luz do sol enviando um raio incandescente para o seu cérebro. Durante algum tempo tudo o que pôde ver foi um borrão levemente amarelado, seus ouvidos assaltados constantemente por um silvo estrondoso. Forçando-se a piscar, Reva conseguiu fazer a visão entrar em foco, e o borrão transformou-se numa praia, o estrondo vindo das ondas que lhe atingiam e a dor na mão direita causada por um pequeno caranguejo vermelho que tentava comer o seu polegar.

Ela apertou as garras do animal com a ponta dos dedos e o soltou, jogando-o para as ondas, rangendo os dentes ao sentir a pontada causada pelo sal na ferida, mas se viu estranhamente grata pela sensação: aquilo confirmava que, para a sua surpresa, estava viva. Mal capaz de se mover e prostrada numa praia enquanto ondas a açoitavam, mas inegavelmente viva.

Por quê?, perguntou ela ao Pai, mais curiosa do que brava. *Você não pode achar que mereço viver. Não pode recompensar alguém cuja mentira matou tantos.*

A voz foi tão inesperada e chocante pelo volume que por um instante Reva achou que o Pai havia de fato se dignado a responder. Seu coração se acalmou quando percebeu que a voz gritava palavras que ela não compreendia, e sua visão ainda embaçada encontrou quem falara, uma forma imensa de preto que atravessava a água em sua direção. Os detalhes de sua vestimenta ficaram mais nítidos conforme ele se aproximou, um colete de couro preto, um medalhão prateado em volta do pescoço e um chicote enfiado no cinto.

Capataz.

Reva o deixou agarrar o seu cabelo e tirá-la da água, mantendo as feições relaxadas como se não compreendesse o que estava acontecendo quando ele aproximou o rosto bruto e a olhou de cima a baixo, avaliando-a. O homem gritou por sobre o ombro para um companheiro invisível, confirmando que não estava sozinho. Reva manteve os olhos semicerrados quando ele a arrastou para fora do mar e contou mais seis formas de pé na praia e muitas outras prostradas e imóveis.

O capataz a jogou na areia, onde ela se forçou a permanecer mole e imóvel, respirando fundo, mas de maneira discreta, reunindo forças. Eles cometeram o erro de esperar vários minutos antes de voltarem para examinar o que haviam apanhado, e o capataz que a encontrara a virou de barriga para cima quando os companheiros se aproximaram. Reva contou dois com lanças quando sua cabeça pendeu para um lado, os outros com espadas curtas. O capataz ergueu a blusa dela, revelando seus seios e fazendo uma pergunta aos companheiros. Houve alguns murmúrios de concordância, e um deles acrescentou algo com uma gargalhada de apreciação.

— Meu amigo... gostar você — disse o capataz com dificuldade na língua do Reino, agarrando o rosto dela e virando-o para que Reva pudesse ver o seu olhar malicioso. — Quer... foder você. Pode abaixar o preço... Mas devo a ele. Você... querer fodida, coisa linda?

Na verdade foi o sorriso que o matou, não tanto o golpe, pois o fez franzir a testa, confuso, diante da expressão receptiva e lasciva de Reva, e ele recuou, surpreso, o suficiente para expor a garganta. Vaelin a havia ensinado o golpe; as lições do sacerdote sobre combate desarmado nunca foram tão meticulosas, nem tão eficazes na prática. Os dedos rígidos de Reva atingiram o pescoço do capataz com força suficiente para esmagar a sua laringe, deixando-o contorcendo-se na areia, uma espuma ensanguentada brotando da boca. Reva rolou na areia, esquivando-se da estocada de uma lança e então agarrando a haste antes que o dono pudesse recolhê-la para outra tentativa. Ela deu um chute no rosto do homem, derrubando-o, então se levantou de lança em punho.

Reva girou quando se aproximaram, a ponta da lança cortando o lanceiro desarmado nos olhos, outro no rosto. O segundo lanceiro a atacou com uma estoca mal calculada, revelando um nível de habilidade mais adequado para abusar de prisioneiros indefesos. Ela bloqueou a estocada sem dificuldade, desviando a lança com a haste da sua e girando para bater com a extremidade cega na nuca do homem, fazendo o pescoço se quebrar com um estalo gratificante.

Reva os observou enquanto hesitavam, lançando olhares cautelosos para o homem que ela cegara e que gritava enquanto o sangue escorria pelas mãos que levara ao rosto.

— Vamos! — sussurrou ela enquanto os homens trocavam olhares incertos. — Vocês não podem achar que mereço viver.

Uma corneta soou em algum lugar perto e os olhos de Reva avistaram um grupo de cavaleiros subindo as dunas a algumas centenas de metros de distância. Ela se virou e viu mais cavaleiros se aproximando pela extremidade norte da praia. Qualquer ideia de que logo pudesse ser resgatada desapareceu diante do alívio evidente dos traficantes de escravos.

O cavaleiro que vinha à frente parou ao lado do corpo do capataz de laringe esmagada. Os cavaleiros eram diferentes dos volarianos que Reva havia visto, trajados em peitorais e grevas vermelhos. Teria achado que eram Kuritai se não fosse pelo divertimento explícito no rosto do líder ao olhar para o corpo do capataz, divertimento esse compartilhado pelos cerca de trinta cavaleiros às suas costas.

Os traficantes saudaram o homem de armadura vermelha com vozes ultrajadas, subitamente menos intimidados, agora que havia outros olhos para presenciar a cena. O cavaleiro os ignorou e voltou o olhar para Reva, sorrindo ainda mais. Ele ergueu a mão para calar os traficantes e lhes fez uma pergunta, erguendo as sobrancelhas ao ouvir a resposta, o traficante com o rosto cortado tentando estancar o sangue com um trapo enquanto gesticulava para ela, a voz estridente de fúria.

No entanto, o homem de armadura vermelha parecia não ter se abalado com as súplicas deles, inclinando-se na sela e indicando Reva com a cabeça ao dar uma ordem brusca. A confiança dos traficantes diminuiu visivelmente ao ouvirem as palavras do homem e eles lançaram olhares cautelosos na direção dela, remexendo-se, inseguros. O cavaleiro tornou a falar e disse só uma palavra, fazendo com que todos os outros cavaleiros desembainhassem as espadas com velocidade e fluidez idênticas. O líder apontou a própria espada para os traficantes e depois para Reva, repetindo a primeira ordem com lenta determinação.

Os traficantes, agora de rosto lívido e encolhendo-se para longe das muitas lâminas que os cercavam, começaram a avançar devagar e agachados na direção de Reva. Ela não viu muito sentido em prolongar o encontro; escolheu o mais alto deles e arremessou a lança no meio de seu peito, então correu para a frente, rolando sob os golpes frenéticos dos outros e pegando a espada do morto. Depois disso, os outros não ofereceram mais desafio do que um treinamento leve.

* * *

Agachada em suas correntes na traseira de um carroção enjaulado, com dois dos volarianos de armadura vermelha de guarda por perto, Reva se forçou a observar enquanto os outros prisioneiros eram inspecionados. Ela conseguira deixar uma cicatriz num deles na praia ao arremessar a espada contra o primeiro que se aproximou. O homem esquivou-se com uma velocidade espantosa, mas não antes que a lâmina rodopiante deixasse um corte longo em seu maxilar. Ela esperara que a morte viesse em seguida, mas o homem marcado pareceu achar o evento tão divertido quanto os seus companheiros. Eles já haviam se entretido bastante com o

modo como Reva cuidara dos traficantes, batendo as mãos nos peitorais em apreciação quando ela matou o último, um homem magro que tentara fugir e conseguiu apenas ser chutado de volta para enfrentá-la. Ele não durou muito tempo.

Reva começara a correr, pretendendo saltar sobre um deles, derrubá-lo da sela e fugir a cavalo, mas logo se viu de rosto no chão com a boca cheia de areia e uma corda apertando suas pernas. Ela se debateu e tentou se libertar, mas outra corda foi passada em volta de seus pulsos. O cavaleiro que falara com os traficantes de escravos desmontou e agachou-se ao seu lado enquanto ela se debatia, sorrindo calorosamente ao passar uma das mãos pelo rosto de Reva, falando uma única palavra em volariano:

— Garisai.

Eles a prenderam dos pés à cabeça, acabando com qualquer ideia de fuga, e a colocaram em cima de um cavalo para ser levada por alguns quilômetros até aquele acampamento. Foram recebidos por mais traficantes de escravos sob o comando de um capataz que se comportava de forma estranhamente intimidada na presença dos homens de armadura vermelha, mantendo a cabeça baixa enquanto o líder dava instruções bruscas. Reva foi deixada aos cuidados deles. Ela se preparou para mais sofrimento, vendo o ódio no rosto dos traficantes enquanto a acorrentavam, um deles segurando uma faca contra a sua garganta, dois outros com lanças a menos de um centímetro de seu peito enquanto os grilhões se fechavam. Entretanto, quaisquer que fossem as ideias de vingança que tivessem, parecia que as ordens que haviam recebido proibiam quaisquer maus tratos mais severos do que alguns empurrões ao ser levada para o carroção enjaulado. Contudo, ao passar os olhos pelo novo ambiente, ficou claro que ela não seria poupada de todas as formas de tormento.

Reva teve de fazer força contra as correntes e esticar o pescoço para ver, mas com esforço suficiente pôde testemunhar o espetáculo dos outros prisioneiros sendo trazidos para o acampamento e sendo alvos das atenções dos traficantes. A ordem de não a ferir evidentemente não se estendia às outras presas conseguidas na praia. O primeiro era um arqueiro, a julgar pela largura dos ombros, que caiu de joelhos diante do capataz, que se curvou para ver um ferimento profundo no peito do homem antes de recusar com um aceno de mão. Outro traficante se aproximou com uma adaga curva em punho e cortou a garganta do arqueiro antes que Reva pudesse pensar em gritar em protesto.

Ela se recusou a desviar os olhos quando mais foram trazidos, embora o seu corpo doesse com o esforço. Eram na maioria cumbraelinos, com alguns Guardas do Reino, e todos eram mortos ou poupados dependendo de seus ferimentos. A tempestade evidentemente havia causado danos consideráveis, pois parecia que mais eram descartados do que poupados. Ela resistiu à leve esperança nutrida pelo fato

de que nem Antesh, nem Arentes estavam entre os prisioneiros. *Perdidos no mar ou mortos na praia, que diferença faz? Eu matei todos eles, de qualquer forma.*

A última prisioneira provou ser a tortura mais difícil de suportar, uma figura esguia de cabelo curto, andando empertigada apesar dos grilhões, recusando-se a ser intimidada pelos homens que se assomavam sobre ela.

— Lehra! — gritou Reva, batendo com as correntes nas barras da jaula. Um traficante enfiou a haste da lança por entre as barras para empurrá-la para trás e então se afastou ao ver o olhar furioso de um dos homens de vermelho. Reva esticou-se para ver Lehra de novo e encontrou a Filha Marcada de pé com um sorriso ao contemplar a Senhora Abençoada, os olhos brilhando com uma reverência inabalada.

— Eu sabia que o Pai a havia poupado, minha senhora! — gritou ela, a voz animada e jubilante.

O capataz grunhiu uma praga e ergueu a mão para esbofetear o rosto da garota. Lehra não se desviou do golpe, preferindo inclinar a cabeça e abrir bem a boca quando a mão do traficante bateu em seu rosto, quando então mordeu com força. O capataz soltou um grito afeminado enquanto tentava se soltar, mas Lehra o segurou mesmo quando os outros traficantes a atacaram com chicotes e bordões, sacudindo a cabeça como um cão e rasgando a carne, parando somente quando uma lança foi cravada em suas costas, prendendo-a na areia.

Reva ouviu uma mulher gritar em algum lugar e sentiu um baque forte na testa e um filete de sangue quente escorrer pelo rosto. Uma voz volariana gritou com ela e Reva sentiu mãos ásperas a afastando das barras agora ensanguentadas onde havia batido com sua cabeça. Ouviu os gritos da mulher cessarem e sentiu algo na garganta lhe embargar a voz. Ela se viu encarando o rosto do homem de armadura vermelha da praia, o que parecia liderar os outros. O sorriso dele havia desaparecido e ele a fitava com uma expressão levemente intrigada, a cabeça inclinada como a de um gato olhando para algo novo e brilhante.

O rosto do homem ficou turvo e Reva sabia que a fadiga, a dor e o desespero estavam conspirando para deixá-la inconsciente. Ela encontrou ódio suficiente para se manter acordada por mais um momento.

— Eu sou a elverah — disse ela ao homem de vermelho com voz rouca. — Matei mais de vocês do que consigo contar e ainda estou longe de terminar.

Ela despertou e viu que não estava mais sozinha na jaula. O rosto do homem caído diante dela estava oculto por uma cabeleira loura, balançando com o movimento do

carroção. Reva podia ver que ele era alto e acostumado a trabalhar ou a guerrear, a julgar pela força evidente nas mãos fortes e cobertas de cicatrizes apoiadas nos joelhos, os grilhões apertados em seus pulsos musculosos. Reva suspirou e ponderou, não pela primeira vez, sobre a quantidade inesgotável de provações do Pai para uma alma pecaminosa.

— Acorde, meu senhor — disse ela, esticando a perna para cutucar o pé descalço do homem. Assim como as dela, as botas do homem também haviam sido retiradas.

O homem louro se mexeu, mas não acordou, soltando apenas um leve gemido. Reva o chutou de novo, mais forte.

— Meu senhor Escudo!

Ele ergueu a cabeça de repente com um grito, os olhos azuis arregalados e alarmados e, Reva notou para o seu espanto, consideravelmente assustados. O pânico dele desapareceu ao vê-la, embora ao olhar ao redor ele mal tenha conseguido esconder um gemido desesperado.

— Sonhei que tinha morrido — murmurou ele, abaixando a cabeça. — Foi um sonho bom.

— Eles o capturaram na praia? — perguntou Reva.

Ele assentiu.

— Cerca de uma dúzia de nós. Consegui me segurar em alguns destroços na tempestade com alguns outros. Nadamos para a praia assim que amanheceu. Estávamos indo para o norte, na direção do local do desembarque, quando eles apareceram.

— Os traficantes de escravos?

— Não, os outros. — O Escudo cerrou os punhos e suas correntes retiniram um pouco.

— Os homens de armadura vermelha?

— Não tínhamos armas. Nada com que lutar. — O Escudo soltou um estranho som gutural e Reva percebeu que ele estava rindo. — Então eles nos deram espadas. Cada um de nós recebeu uma espada de nossos inimigos. Lutei com todas as minhas forças... mas não consegui salvá-los. Quando acabou, eles mataram os feridos e me levaram, o único que restou, cansado demais até mesmo para ficar de pé. Pareceram se... entreter comigo.

— Garisai — murmurou Reva.

O Escudo ergueu a cabeça de novo, um brilho súbito no olhar.

— O quê?

— Um deles me chamou assim quando me capturaram. Sabe o que significa?

Ele se recostou e algum vestígio de seu antigo humor apareceu no movimento sardônico das sobranceiras.

— Sim. Significa que teríamos tido sorte se tivessem nos matado.

Os dias seguintes no carroção foram tomados de uma monotonia terrível. Eles nunca eram retirados da jaula; a comida, que consistia em duas tigelas de papa por dia e dois copos de água, era empurrada para dentro por uma fenda na lateral de ferro do carroção. Não lhes deram talheres, de modo que eram obrigados a comer com os dedos. Receberam um balde para os excrementos, esvaziado sempre que paravam através de um esforço colaborativo de escorrê-lo por entre as barras. Aprenderam a esperar até o traficante que conduzia o carroção descer do banco, uma vez que ele se deleitava em fazer os bois avançarem um ou dois passos para banhá-los na própria sujeira.

— Flores rubras — observou o Escudo na manhã do décimo dia, olhando para os campos de flores escarlates pelos quais passavam. — Talvez estejamos a uns sessenta quilômetros de Volar.

— Conhece este país? — perguntou Reva.

— Vim aqui quando era um marinheiro novo, há muitos anos. Num navio mercante, antes que eu descobrisse a sensatez e o lucro de uma vida de pirataria. Os volarianos cultivam as melhores flores rubras, e sempre rende um bom dinheiro, se conseguir aguentar os costumes deles por tempo suficiente para fechar negócio.

— Seu ódio surgiu antes da guerra, então?

— Ódio? Não, meramente uma vaga aversão hoje em dia. Meu povo é repleto de defeitos, eu sei, mas a escravidão nunca foi um deles. Qualquer capitão meldeneano que fosse descoberto transportando escravos logo se veria desprezado e sem navio.

Reva ergueu a cabeça ao sentir o carroção diminuir de velocidade, e o seu olhar foi atraído para o condutor, que encarava algo adiante. Levou um momento para avistar o objeto de interesse dele, um poste alto colocado à beira da estrada, encimado por uma viga, lembrando uma forca. Havia algo tão desfigurado pendurado na viga que Reva levou um momento para reconhecer como um cadáver. As pernas estavam enegrecidas e carbonizadas, restando apenas tocos, a cavidade da barriga aberta e vazia, e a cabeça... O rosto provavelmente era de um homem, transformado numa máscara de couro rachada e de idade incerta pela decomposição, mas os dentes estavam arreganhados num grito paralisado, evidência da agonia com que aquele homem morrera.

O condutor murmurou algo consigo mesmo, desviou o olhar da cena e estalou as

rédeas para fazer os bois seguirem num passo mais acelerado.

— As três mortes — traduziu o Escudo. — Primeiro um veneno agonizante, depois a queima, terminando com a evisceração. Punição volariana tradicional para traição, embora há muitos anos não fosse usada.

Reva ergueu os olhos quando avistaram outro poste, o cadáver pendurado alvo de um abuso similar, embora desta vez os olhos tivessem sido arrancados. Ela perguntou a Ell-Nestra se aquilo possuía algum significado, mas ele apenas encolheu os ombros.

— Apenas que alguém gosta do que faz, imagino.

Ao anoitecer, eles haviam contado mais de cem postes, dez para cada quilômetro percorrido.

Avistaram Volar na manhã seguinte. Reva agachou-se numa posição que forçava as suas costas, para ter uma visão melhor, quando chegaram ao alto de uma colina a cerca de um quilômetro e meio da capital imperial. A estrada, ladeada por mais postes de cadáveres, tornava-se uma linha reta no sopé da colina, atraindo a atenção para os bairros residenciais a oeste, que consistiam em fileiras arborizadas de casas de um ou dois andares. Volar parecia não possuir muralhas ou fortificações defensivas, e o Escudo explicou que elas haviam sido engolidas pelo crescimento da cidade séculos antes.

— A maior cidade do mundo, ou é o que dizem — disse a Reva. — Se bem que ouvi que há algumas no Extremo Ocidente que também poderiam reivindicar o título.

A altura das construções aumentava à medida que se embrenhavam mais em Volar, e habitações luxuosas e espaçadas davam lugar a ruas e prédios estreitos. Avenidas labirínticas estendiam-se para longe da estrada, lembrando Reva dos distritos menos salubres de Varinshold, que agora obviamente haviam sido destruídos.

— Ela queria incendiar tudo isto — disse o Escudo em voz baixa, franzindo o cenho ao olhar para as ruas por onde passavam. — E eu a teria ajudado a segurar a tocha.

Os pensamentos de Reva voltaram-se para Lehra, como passara a ser comum durante aquela viagem terrível. Ela fora uma das combatentes livres que vieram da região de florestas ao sul de Alltor, líder de um grupo de outras doze garotas, todas tendo se libertado sozinhas das garras dos traficantes de escravos, cobertas de sangue e sedentas por mais. Reva lembrava-se de como haviam se reunido em volta dela, caindo de joelhos numa atitude espontânea de respeito; a história da Senhora

Abençoada já havia se espalhado e vê-la em carne e osso pareceu a confirmação de uma lenda estimada, um sinal de que os seus sofrimentos não haviam sido em vão. A adoração nos olhos de Lehra naquele dia não fora menos intensa do que no momento em que morreu. *A voz dela era tão cheia de alegria... Ela morreu acreditando na minha mentira.*

— Só preciso de uma mínima chance — sussurrou ela ao Escudo. — Só uma chance de me libertar e botarei fogo neste lugar.

Ele se curvou de novo, a voz baixa e amargurada:

— Era o sonho de uma louca, minha senhora. E ela nos deixou loucos ao compartilhá-lo. Olhe para este lugar. Como pudemos pensar em destruir um império capaz de erguer uma cidade como esta?

— Derrotamos um exército que deveria ter nos derrotado — observou Reva. — As cidades deles podem ser resistentes, mas eles são fracos, suas almas enegrecidas e maculadas por eras de crueldade.

O Escudo ergueu os pulsos e sacudiu as correntes.

— E, ainda assim, aqui estamos. Trazidos até aqui para morrermos para o divertimento deles.

— “O desespero é um pecado contra o amor do Pai, pois é somente indulgência, enquanto a esperança é uma virtude da alma mais forte”.

— Esse é qual?

— O Terceiro Livro, o Livro da Luta, Versículo Três, Provações dos Profetas. — Reva percebeu que o Livro da Razão não estivera em seus pensamentos desde que fora capturada. *E por que estaria? A razão não me servirá de nada aqui.*

Os volarianos pareciam gostar muito de estátuas, guerreiros de bronze em sua maioria, erguidos em meio às fontes jorrantes e aos parques impecáveis que os receberam assim que deixaram a aglomeração dos arredores. Contudo, a característica mais notável da região interna da cidade eram as torres, grandes estruturas de mármore de simetria angular que se erguiam por todos os lados. Estranhamente, aquele distrito parecia bastante vazio, com exceção das figuras curvadas dos escravos que cuidavam dos parques ou esfregavam os excrementos dos pássaros das estátuas. Reva supôs que a ausência de cidadãos podia ser explicada pelos corpos que pendiam das torres às dezenas. Alguns evidentemente haviam sido pendurados enquanto ainda estavam vivos, a julgar pelas manchas marrom-avermelhadas que adornavam as paredes altas.

— A Imperatriz deles parece estar determinada a causar uma impressão —

observou o Escudo.

O carroção parou diante da maior estrutura que haviam visto até então, uma maravilha alta e ovalada de mármore vermelho e dourado. Chegava a mais de vinte metros de altura, construída em cinco níveis e distintamente diferente das outras obras arquitetônicas que Reva já vira. Havia poucas evidências ali da preferência dos volarianos por ângulos retos, os níveis construídos a partir de arcos elegantes e colunas levemente curvadas que lembravam a haste de uma taça de vinho.

— A grande arena de Volar, minha senhora — disse Ell-Nestra. — Aproveite a vista. É improvável que vejamos outra.

Um círculo compacto de homens de armadura vermelha cercou o carroção quando o condutor destrancou a jaula, recuando bastante e ordenando que saíssem com uma impaciência quase frenética. Reva concluiu pela expressão receosa do homem e pelo suor que deixava o seu rosto lustroso que ele estava ansioso para se afastar dos guardas. Ela desceu com dificuldade, as pernas e as costas doendo a cada movimento. Reva tentara flexionar os músculos durante a viagem, mas um confinamento prolongado enfraqueceria até mesmo o mais forte dos corpos. O Escudo grunhiu ao descer e caiu de joelhos com os dentes cerrados.

— De pé. — Não havia raiva ou ameaça na voz, as palavras ditas na língua do Reino sem sotaque. Reva ergueu os olhos para um homem de talvez quarenta anos que trajava um manto preto liso, o cabelo escuro, ficando grisalho nas têmporas, preso para trás, expondo uma testa lisa e um rosto magro e inexpressivo.

O Escudo olhou para o homem vestido de preto, estreitando os olhos ao sol.

— Não vejo um chicote com você — disse ele.

— Não preciso de um — retorquiu o homem. — Vocês me obedecem ou morrem.

Ell-Nestra indicou com a cabeça a arena atrás deles.

— Aqui ou lá, que diferença faz?

— Lá você tem uma chance de viver, pelo menos por algum tempo. — Os olhos do homem de preto se voltaram para Reva, estreitando-se enquanto a avaliava. Seu olhar era intenso, mas ela não viu desejo algum nele e, notou com surpresa, nenhum traço de crueldade. — Eu me chamo Varulek Tovrin — disse o homem a ela. — Mestre da Grande Arena Volariana e Capataz dos Garisai, pelo consentimento benevolente da Imperatriz Elverah.

Ele se virou e fez sinal para dois guardas de armadura vermelha, e Reva notou a quantidade de tatuagens que cobriam as suas mãos das pontas dos dedos aos pulsos. Eram de formatos desconhecidos, muito mais densas e intrincadas do que as usadas pela lonak da Rainha, e ela só podia imaginar as horas e a dor suportadas para gravar uma teia tão complexa em sua carne. O volariano percebeu o escrutínio de

Reva e sua expressão transformou-se em algo totalmente inesperado: solidariedade.

— Ela deseja vê-la.

O frio cortante do vento aumentava com cada balanço ritmado das cordas da gôndola, os cem escravos abaixo se movendo com uma uniformidade bem-treinada enquanto a erguiam até o topo da torre. Reva estava ladeada por dois dos homens de armadura vermelha, mas eles pareciam dispostos a deixar que ela se virasse para os lados e admirasse a vista, a majestade da cidade exibida em sua plenitude, uma verdadeira maravilha que fazia com que Alltor e Varinshold parecessem apenas um amontoado grosseiro de casebres mirrados.

Ao contemplar a perfeita regularidade do lugar que se estendia à sua frente, Reva foi forçada a admitir que era o exemplo mais impressionante de criatividade humana que veria na vida; cada rua, parque, avenida e torre dispostos de acordo com regras precisas de forma e função, onde quase não se viam curvas. Porém, os pequenos pontos escuros que cobriam as laterais lisas de cada torre à vista contavam uma história diferente. Volar era uma mentira, uma fachada de precisão e beleza que encobria uma verdade abominável.

A gôndola parou num terraço a mais ou menos seis metros do pináculo da torre. Uma escrava de beleza estonteante cumprimentou Reva com uma mesura formal e virou-se para conduzi-la para dentro, seguida de perto pelos guardas. O interior era iluminado de forma tênue por algumas lamparinas de óleo espalhadas; cortinas de seda de várias tonalidades cobriam as janelas e pintavam o lugar com uma mistura colorida que oscilava conforme o vento soprava ao redor da torre. Apesar da penumbra e da confusão de cores, Reva levou apenas um momento para encontrar a Imperatriz, seus olhos há muito acostumados a procurar a maior ameaça em qualquer aposento.

A mulher estava sentada num banco diante de uma mesa baixa, trajando um vestido branco simples, os pés descalços no chão de mármore, os dedos apoiados e os calcanhares erguidos, como uma dançarina. Numa das mãos ela segurava um pedaço de tecido preso a algum tipo de armação circular, e com a outra usava uma agulha e linha. Seu rosto estava envolto em sombras, o perfil elegante numa concentração intensa enquanto as mãos passavam a linha pelo tecido. Os olhos de Reva encontraram uma dúzia ou mais de armações espalhadas pelo chão, cada uma adornada com uma grande quantidade de pontos irregulares e desajeitados. Alguns tecidos estavam rasgados e a armação em volta deles quebrada. Reva perguntou-se por que a escrava não as recolhera.

— Você tem usado o meu nome — disse a mulher que costurava.

Reva nada disse. Ao ouvir uma lamúria abafada da escrava, ela se virou e encontrou o rosto da garota tenso com um aviso e lágrimas que mal conseguia conter. Ela sacudiu a cabeça de modo quase imperceptível, os olhos brilhantes com uma súplica silenciosa. *Não encontrarei misericórdia aqui, de qualquer forma,* Reva quis lhe dizer. *Mas obrigada pela sua preocupação.*

— Então, Lieza gostou de você.

Reva virou-se e viu que a mulher agora se dirigia diretamente a ela. Suas mãos estavam envoltas pelo tecido, uma mancha brilhante de sangue espalhando-se da agulha fincada em seu dedo. Ela não demonstrava qualquer sinal de sentir a agulha e sorriu para Reva com uma cordialidade aparentemente genuína ao se levantar e aproximar-se.

— Posso sentir a estima *muito* profunda dela — disse a Imperatriz, parando pouco além do alcance das correntes de Reva. A mulher era alguns centímetros mais alta do que ela, o corpo delineado e atlético. Parecia ter pouco mais de vinte anos, mas bastou olhar em seus olhos para Reva saber que estava na presença de algo muito mais antigo. Algo, sabia ela com uma certeza terrível, que possuía um dom que Vaelin perdera em Alltor. — Mas será que é recíproca? — A mulher inclinou a cabeça, fechando os olhos como se escutasse algo, o sorriso ficando mais leve, melancólico. — Ah. Lamento, querida Lieza, mas o coração dela pertence a outra. Mas ela sente um leve desejo por você, se servir de consolo. O amor pode dominar os nossos corações, mas o desejo sempre dominará os nossos corpos. É o traidor que espreita em cada alma. — A mulher abriu os olhos de novo e o sorriso desapareceu ao franzir o cenho de repente, confusa. — Eu disse isso? Ou li em algum lugar?

Ela permaneceu aparentemente perplexa por algum tempo, imóvel a não ser por uma tensão espasmódica no rosto, os olhos indo de um lado para outro em movimentos rápidos, a boca movendo-se num diálogo inaudível até que a confusão desapareceu de modo tão abrupto quanto surgira.

— Bordado — disse ela, erguendo a armação com a sua obra inexperiente, e Reva notou as múltiplas manchas marrons no material e o sangue nas pontas dos dedos da Imperatriz. — As mulheres ricas de Mirtesk eram famosas por ele. Meu pai achava que era a maneira mais produtiva para uma jovem de nascimento ilustre ocupar o seu tempo. — A Imperatriz olhou para o tecido e suspirou, frustrada. — Mas não no meu caso. Foi a primeira das muitas decepções de meu pai. Ainda assim, estou melhorando, não acha?

Ela estendeu a armação para que Reva avaliasse. Reva discerniu entre as manchas de sangue algumas linhas verdes e vermelhas agrupadas no que poderia ter sido uma aproximação grosseira de uma flor.

— Um macaco cego poderia fazer melhor — disse ela.

A escrava, Lieza, soltou outro grito sufocado, piscando rapidamente ao baixar os olhos, sem querer testemunhar o que viria a seguir.

— Ah, pare de choramingar — disse a Imperatriz a ela, revirando os olhos. — Não se preocupe, estou certa de que o objeto da sua fascinação ainda tem muitos dias animados pela frente. Exatamente quantos depende dela, é claro.

A Imperatriz voltou a olhar para Reva, uma nova concentração lhe iluminando os olhos.

— Alguns de meus soldados sobreviveram a Alltor, sabia? Passaram por penosas privações para chegar a Varinshold antes da queda. O General Mirvek, sempre um sujeito meticuloso, compilou os relatos deles de forma diligente antes de executá-los. Afinal, tais histórias fantásticas só perturbariam os seus homens. Veja bem, esses homens falavam de uma bruxa em Alltor, uma bruxa que era invencível pelo poder de seu deus, que brandia uma espada que podia cortar aço e um arco encantado que nunca errava o alvo. Um chegou até mesmo a afirmar que a havia encontrado e, embora estivesse meio louco, ele forneceu uma descrição detalhada.

Reva lembrou-se do prisioneiro que haviam tirado da margem do rio na manhã depois que o primeiro grande ataque havia sido repelido, um homem de olhos arregalados e nervos à flor da pele. Era estranho, mas ela se viu lamentando a morte dele. Os volarianos haviam sido monstruosos, mas aquela alma abalada e arruinada oferecera tanta ameaça quanto um cão faminto.

— Elverah — prosseguiu a Imperatriz. — Eles roubaram o meu nome e deram a você. Eu deveria estar brava. Sabe o significado dele?

— Bruxa — respondeu Reva. — Ou feiticeira.

— “Feiticeira” é uma palavra estúpida, sem sentido, na verdade, já que a feitiçaria é apenas uma fábula. Encantamentos escritos em livros antigos e misturas fedorentas que só servem para revirar o estômago. Não, sempre preferi “bruxa”, embora o significado mude um pouco no dialeto do povo que me chamou de Elverah. Eles conferiam autoridade àqueles com o maior poder, independentemente da origem, quer fossem habilidades marciais, quer fosse o que o seu povo chama de Trevas. Poder é poder, de modo que o nome Elverah também poderia ser traduzido como “rainha”. — Ela deu uma risada baixa. — Quando os meus soldados a chamaram de bruxa, também a estavam chamando de rainha.

— Eu tenho uma rainha.

— Não, querida irmãzinha, você *tinha* uma rainha. Imagino que logo receberá a cabeça dela, caso o meu almirante recolha o corpo do mar.

Reva lutou para conter a fúria e a incerteza que lhe brotaram no peito. *Tudo o que*

sente revela mais a ela, advertiu a si mesma. *Não sinta nada*. Contudo, foi inútil, pois pensamentos sobre a morte da Rainha Lyrna inevitavelmente levaram a imagens de alguém que não estivera com ela.

— Ah — disse a Imperatriz com um suspiro cansado. — E assim, mais uma vez, *ele* vem para nos atormentar. — Ela encarou Reva com uma sobrancelha erguida, a boca levemente torcida de irritação. — Ouvi dizer que ele marchou com um exército de uma ponta a outra do seu Reino em menos de um mês apenas para salvá-la. Fico pensando no que ele fará agora.

Não sinta nada!

Reva encheu a mente de imagens tranquilizadoras, abraçando-se alegremente no escuro com Veliss... Ellese tropeçando nos jardins com a sua espada de madeira... Porém, tudo desapareceu sob a luz lançada por um único pensamento, brilhante em sua certeza: *Ele virá, irá me libertar e matar você*.

O rosto da Imperatriz se contorceu de novo, todo o resquício de humor desapareceu, e quando tornou a falar a sua voz era seca, a emoção sobrepujada pela lógica mais fria.

— Há uma cantora com ele, não? Posso ouvi-la. A canção dela é poderosa, mas sombria. Manchada por muito sangue inocente. Mas suponho que você saiba qual é a sensação.

Ela se aproximou, largando a estrutura com tecido e erguendo os dedos manchados de sangue para acariciar o rosto de Reva.

— Faz mais de um século que não desfruto de uma mulher — continuou ela na mesma voz vazia. — Uma doce garota de alguma cidade do norte, cuja família havia passado a usar vermelho há pouco tempo. Criada em meio a prazeres, era fascinada com extremos e deleitava-se de forma perversa com as minhas muitas histórias de assassinato. Duvido que tenha achado o dela tão fascinante, embora eu o tenha feito ser rápido.

Não sinta nada!

A face de Reva se contraiu com o toque da Imperatriz, provocando um tremor traiçoeiro em seu corpo, os grilhões retesados entre os pulsos.

— Porém — disse a Imperatriz, passando a ponta de um dedo pelo queixo de Reva —, desde o meu retorno não me sinto atraída por qualquer carne, e tudo o que antes me dava alegria é agora apenas uma vaga lembrança. Antes eu não compreendia a necessidade do Aliado. Mas agora se tornou clara, anos intermináveis de consciência desprovida de sentimentos, exceto pela ânsia de que tudo terminasse. Pior do que qualquer morte.

Sem conseguir mais suportar, Reva afastou de repente o rosto do toque da

Imperatriz, sua face ardendo como se tivesse levado um tapa.

— Você devia me matar — disse ela por entre os dentes. — Aqui e agora. Se for sensata, não permitirá a menor chance de que eu possa me libertar destas correntes.

Ela ouviu Lieza dar um passo involuntário para trás, respirando aterrorizada, agora em arfadas irregulares.

— E que graça teria isso? — perguntou a Imperatriz, a voz recobrando um pouco de expressão. — Meu povo adora tanto os seus espetáculos, e tenho certeza de que terão muito o que gritar a você...

A Imperatriz calou-se de forma abrupta, o rosto perdendo toda a expressão ao erguê-lo, virando-se na direção da parede oeste. Sua face foi tomada por um espasmo de pura fúria por um segundo, as feições elegantes contraídas numa raiva frustrada, mas então relaxando ao exalar lentamente.

— Tudo indica que tenho um almirante para executar, irmãzinha — disse ela a Reva. — Sua Rainha agarra-se teimosamente à própria cabeça. Ainda assim, tenho certeza de que no seu devido tempo ela proporcionará tanto divertimento quanto você.

A Imperatriz se virou para os guardas.

— Levem a minha irmãzinha de volta a Varulek, e entreguem esta a ele também. — Ela acenou para Lieza. — Elas devem ficar confinadas juntas. Quero fornecer todo o conforto possível à minha nova irmã entre os espetáculos. Digam a ele que a história de Jarvek e Livella daria uma bela introdução. O público sempre aprecia os clássicos.

Ela se afastou, dando uma última ordem por sobre o ombro, dita de forma afável, mas determinada:

— E digam aos capatazes nas masmorras para terminarem de preparar o meu novo general.

CAPÍTULO SETE

Frentis

Ele levou as mãos à corda, enfiando os dedos na carne enquanto tentava segurá-la firme o suficiente para arreventá-la. O homem de armadura vermelha riu e deu outro chute em sua barriga, deixando-o sem ar, a corda sufocando um grito involuntário.

— Já chega por ora — advertiu o homem com um sorriso malicioso, aproximando-se. — Ela não quer que você seja machucado.

Ele colocou a bota no peito de Frentis e o forçou para o chão, seus companheiros aproximaram-se com os grilhões.

— Ela mandou lhe dizer — prosseguiu o homem com a corda, pressionando com mais força com a bota — que você pode escolher qual dos seus amigos irá viver. Mas apenas um.

Frentis tentou chutar o homem agachado aos seus pés, mas ele se esquivou, agarrou os seus tornozelos e colocou um peso esmagador sobre eles. O outro já havia segurado os seus braços e os puxado sobre a cabeça, prendendo um grilhão no pulso direito.

— Não imagino por que ela quer você tanto assim — disse o homem sorridente, passando os olhos pelo corpo prostrado de Frentis com um calmo desinteresse —, quando ela poderia ter qualquer um de n...

Houve um estrondo repentino de vidro se estilhaçando e um virote de besta pareceu brotar da têmpora do homem sorridente, balançando a cabeça enquanto os lábios ficavam frouxos e balbuciavam algo sem sentido ao cair de cara no chão. A janela do lado oposto explodiu quando Illian a atravessou com os dois pés, caindo montada sobre o cadáver de Lemera com a espada desembainhada. Ela golpeou o homem que segurava os braços de Frentis, deixando um corte fundo em sua testa quando ele se esquivou para trás numa velocidade impressionante. Seu companheiro evitou o golpe seguinte dela, rolando e parando de pé com a espada em punho depois de dar um salto mortal perfeito para trás. Porém, os dois foram obrigados a soltar Frentis.

Ele ficou de joelhos num rodopio, a corrente presa ao pulso movendo-se num borrão como um chicote e enrolando-se nas pernas do homem mais perto dele. Frentis puxou com força, derrubou o inimigo no chão e então saltou, caindo com os

dois pés na cabeça do homem, o pescoço se partindo com um estalo. Ele pegou a espada do homem e ao se virar deparou-se com Illian numa luta desesperada com o outro, a espada dela movendo-se de forma frenética enquanto ele a repelia, o rosto da garota tomado pela frustração, o homem de armadura vermelha com o mesmo sorriso enlouquecedor de seu companheiro morto. Frentis o golpeou com a corrente, fazendo-o dançar para o lado com uma velocidade que teria envergonhado até mesmo um Kuritai, mas deixando espaço suficiente para Illian desferir uma estocada em seu pescoço. O volariano aparou a espada com habilidade, mas não teve como bloquear o golpe de Frentis em sua perna, a lâmina entrando fundo o bastante para raspar no osso. O homem praguejou, mas seu rosto não revelou raiva alguma, apenas divertimento e até mesmo admiração, inclinando a cabeça para Frentis em apreciação ao mesmo tempo que a ponta da espada de Illian atravessava a sua garganta.

— Irmão! — Ela correu até Frentis, passando os olhos pelo corpo dele em busca de ferimentos.

— Não estou ferido. — Ele foi até o cadáver do homem de pescoço quebrado e encontrou uma chave para os grilhões enfiada em sua bota. — Você estava vigiando o meu quarto?

— Nós nos revezamos. Tem uma saliência confortável no telhado.

Frentis olhou para Lemera, emoldurada por uma mancha crescente de sangue escuro nos lençóis. *Eu escolhi morrer livre...*

— Eu sei que você não quebrou o seu juramento, irmão — disse Illian, seguindo o seu olhar. — Ela me disse que dormir ao seu lado a consolava.

Frentis vestiu a camisa e a calça e pegou as botas.

— O que está acontecendo lá fora?

— Está tudo tranquilo. Não percebi alarme algum até ouvir os sons da luta. — Illian foi até o primeiro homem que matara, agachou-se e arrancou o virote do crânio com um ruído rascante. — O que são eles?

— São chamados de Arisai. E não tenho dúvida de que há mais. — Ele pegou a sua espada e correu para a janela, percorrendo com os olhos as ruas vazias abaixo até as muralhas, onde as sentinelas caminhavam pelo parapeito. Nada, nenhuma indicação de qualquer ameaça. *Você se lembrou de vasculhar os esgotos...* Seu olhar recaiu sobre um bueiro com tampa de ferro na rua abaixo. *Esperando. Com ordens para se certificarem de cumprir a missão de sua Imperatriz antes de tudo.*

Frentis estremeceu ao perceber que agora estaria acorrentado e sua gente prestes a ser massacrada se não fosse pelo aviso dela, um aviso que ele sabia que não havia sido um erro. *Ela queria que eles fracassassem.* Ele olhou novamente para os

cadáveres no quarto silencioso. *E eles não sabem que fracassaram.*

— Vá buscar Draker, Lekran e Mestre Rensial — disse ele a Illian, voltando para dentro. — E Tekrav. Seja silenciosa, mas rápida.

Ele estava sendo carregado entre Lekran e Rensial, de cabeça baixa, as correntes em seus tornozelos batendo nas pedras da rua enquanto o levavam até o bueiro de ferro à sombra do principal bordel da cidade. Diferente de Lekran e Rensial, o peitoral vermelho laqueado de Draker não cobria bem o seu corpo, obrigando-o a manter-se nas sombras ao segui-los. Frentis tinha certeza de que os Arisai estavam observando tudo atentamente; sua breve experiência o convencera dos perigos de subestimar as habilidades deles, mas também lhe fornecera uma pista sobre uma fraqueza em potencial. *O modo como sorriem. Eles têm prazer com a batalha, com a matança, e o prazer pode nos tornar ávidos demais.*

Uma figura de armadura vermelha surgiu das sombras quando se aproximaram do bueiro, e Frentis ergueu os olhos semicerrados para ela, satisfeito ao ver o sorriso receptivo.

— Nenhum problema, então? — sussurrou ele em volariano, mantendo de maneira insensata o olhar em Frentis enquanto chegavam mais perto.

— Nenhum — respondeu Lekran, e ele e Rensial largaram Frentis aos pés do Arisai.

— Pensei que ele poderia matar pelo menos um de vocês — disse o homem, sacando uma adaga e agachando-se para bater três vezes com o punho da arma na tampa do bueiro.

Lekran olhou para Frentis, o próprio sorriso agora genuíno.

— Parece que a lenda dele é bem maior do que as suas habilidades.

O Arisai grunhiu e recuou quando a tampa do bueiro foi erguida e empurrada para o lado por mãos invisíveis, fazendo sinal de forma impaciente para Lekran.

— Levem-no para baixo. Temos trabalho a fazer.

— Não — disse Lekran ao Arisai, atraindo o olhar do homem enquanto Mestre Rensial aproximava-se por trás dele. — O seu já acabou.

A adaga de Rensial reluziu pela garganta do Arisai, deixando-o de joelhos na rua, o sangue escorrendo por entre os dedos enquanto tossia uma risada de surpresa. Um Arisai colocou a cabeça para fora do bueiro, agarrando as laterais do buraco para subir, mas caindo de volta numa nuvem de sangue quando o machado de Lekran desceu sobre ele.

— Vamos, seus desgraçados preguiçosos! — gritou Draker, saindo correndo das sombras e gesticulando de modo frenético quando Tekrav apareceu no fim da rua com cerca de uma dúzia de seus carregadores, cada um rolando um barril.

Lekran levou uma corneta aos lábios e tocou uma única nota longa, e a cidade despertou ao redor deles quando os rebeldes responderam ao chamado, com tochas acesas e pessoas correndo para assumirem posições predefinidas de armas em punho.

Frentis arriscou uma olhada para a abertura vazia do bueiro e jogou a cabeça para trás quando uma faca surgiu rodopiando da escuridão, errando-o por um milímetro. Ele ouvia o chapinhar de muitos pés correndo pela água, mas nenhuma voz, nenhum sinal, na verdade, de alarme ou pânico, causando-lhe uma sensação desconfortável: *Talvez eles não consigam sentir medo.*

— Quanto? — perguntou Tekrav, parando o seu barril na beira do bueiro.

— Tudo — afirmou Frentis.

Tekrav girou o barril e Lekran quebrou a tampa com o seu machado, fazendo com que o óleo de lamparina jorrasse para dentro do bueiro. Viraram o barril para esvaziá-lo e em seguida fizeram o mesmo com outro, enquanto os demais carregadores passavam por eles para esvaziar os próprios barris em cada bueiro da cidade.

Frentis olhou para o telhado do armazém onde Illian agora se encontrava agitando uma tocha para confirmar que todos os bueiros estavam cercados por pelo menos uma companhia de soldados.

— Não há por que esperar — disse ele a Tekrav.

O Intendente-Mor deu um passo à frente, o rosto sombrio, mas determinado ao erguer uma tocha acesa.

— Por Lemera — disse ele.

A tocha desapareceu no buraco, criando uma coluna instantânea de chamas amarelas de pelo menos três metros de altura. O fogo baixou para um tamanho moderado após alguns segundos, e Frentis esticou-se para avaliar os resultados.

Nada. Nem um grito sequer.

Ele deixou Draker e a sua companhia vigiando o bueiro flamejante e correu com Lekran e Rensial até o próximo, onde Ivelda e metade dos Garisai estavam aglomerados em volta da abertura, observando enquanto os carregadores despejavam mais óleo de lamparina nos esgotos. Um fedor forte de óleo queimado subiu pela abertura junto com uma cortina densa de fumaça, mas o buraco permanecia sinistramente silencioso.

— Se estiverem lá embaixo, irmão, eles sabem como morrer em silêncio — disse Ivelda.

Frentis virou-se ao ouvir um grito vindo do buraco e viu um dos Garisai cambalear para trás com uma adaga cravada no ombro quando uma figura surgiu do bueiro, arremessada pelos companheiros a quase dois metros no ar em meio a uma cascata cintilante de água e óleo. Sua espada começou a reluzir ao aterrissar, abatendo um Garisai e ferindo outro antes que uma alabarda lhe perfurasse o peito. Mais dois Arisai foram arremessados do bueiro rapidamente, o óleo voando dos corpos rodopiantes enquanto golpeavam e cortavam, procurando afastar os Garisai do buraco. Um foi morto depressa, mas o outro continuou lutando, bloqueando estocadas e causando ferimentos com uma precisão mortal. Frentis avançou correndo, desviou para o lado a lâmina do Arisai e o chutou no peitoral, derrubando-o de novo na direção do bueiro. Contudo, o homem se agarrou, mantendo os braços e as pernas estendidos, e os seus companheiros esticaram as mãos para empurrá-lo de volta ao combate, fixando o rosto sorridente em Frentis num desafio direto.

Frentis pegou uma tocha com um dos Garisai e a arremessou contra o peito do Arisai, avançou e pisou no homem quando as chamas o envolveram, devolvendo-o aos esgotos cheios de óleo. A coluna de fogo foi mais alta dessa vez e a lufada de calor chamuscou os pelos nos braços de Frentis, que cambaleou para trás.

Um tumulto crescente atraiu a sua atenção para as docas, onde podia ver um aglomerado de combatentes tentando conter um grupo de Arisai que saía de um dos bueiros maiores nos limites do cais. A superioridade numérica conseguiu manter os homens vermelhos afastados, mas mais deles escapavam a cada segundo, ceifando vidas com cada golpe de espada.

— Sua gente vem comigo — disse Frentis a Ivelda. — Esta será uma noite longa.

Pela manhã, Viratesk estava encoberta por uma cortina nauseabunda de fumaça preta-acinzentada, cada tijolo e ladrilho tão sujo quanto os rebeldes que vagavam pelas ruas ou se sentavam curvados de exaustão. Frentis passou por muitos aconchegados uns nos outros, alguns chorando pelo esforço da batalha que durara a noite inteira, a maioria apenas encostada nos companheiros, de olhos arregalados, olhares vazios em rostos cobertos de fuligem.

— Foram 782 mortos — relatou Trinta e Quatro. — Quatrocentos feridos.

— Quantos deles? — perguntou Lekran, passando um pano pela lâmina de seu machado. Embora estivesse ainda mais enegrecido do que todos os presentes, o machado do volariano reluzia com o brilho do polimento.

— Contamos pouco mais de cem corpos. Se bem que, a julgar pelo cheiro, muitos mais morreram nos esgotos.

— Sete para um — murmurou Draker, lançando um olhar cauteloso para Frentis.
— São chances ruins, irmão.

— E quando as nossas chances foram boas? — Frentis virou-se quando Artesão se aproximou, seguido pelo único prisioneiro que haviam feito, preso por várias correntes. O Arisai sacudia a cabeça, rindo baixo e de esguelha enquanto os Varitai libertos à sua volta olhavam com expressões idênticas de pesar.

— Não vai funcionar — disse Artesão. — Não nele.

— O domínio é forte demais? — perguntou Frentis.

— O domínio sobre ele é menos restritivo do que o dos Varitai. Ele é... errado. Deturpado, de mente e de corpo. Se removêssemos o domínio, libertaríamos algo terrível neste mundo.

— Então vamos arrancar o que pudermos dele e acabar com isso — disse Lekran, indicando Trinta e Quatro com a cabeça.

— Ele não vai lhe dizer nada — retorquiu Artesão. — Qualquer tormento que lhe causarem será apenas outro divertimento.

— Você pode curá-lo? — perguntou Frentis. — Reparar a sua alma deturpada?

Artesão olhou para o Arisai, suas mãos entrelaçadas, o rosto revelando o primeiro sinal de medo que Frentis já vira nele.

— Talvez — disse ele. — Mas as consequências...

— Algo sempre vem junto — disse Frentis. — Cada vez que você cura alguém, eles dão algo em troca.

Artesão assentiu, virando-se para ele com um leve sorriso.

— Se quiser que eu tente...

— Não. — Ele avançou na direção do Arisai, sacando a adaga do cinto. O divertimento do homem aumentou com a aproximação de Frentis, a gargalhada repleta de um júbilo genuíno.

— Ela disse que você provaria ser interessante — disse o homem.

— Ela lhes dá nomes? — perguntou Frentis.

O Arisai encolheu os ombros.

— Às vezes, a alguns de nós que ela se dá ao trabalho de reconhecer. Ela me chamou de Cão uma vez. Gostei bastante.

— Sabia que ela os mandou aqui para morrer?

— Então fico feliz em ter servido aos propósitos dela. — O homem encarou

Frentis com olhos firmes, sem medo, até mesmo orgulhosos, mas principalmente entretidos.

— O que fizeram para deixá-lo desse jeito? — perguntou Frentis, surpreendendo a si mesmo com um arroubo súbito de pena. Artesão tinha razão: aquele homem acostumara-se a uma vida que o transformara em algo que não era mais humano.

O sorriso do Arisai tornou-se escarnecedor.

— Você não sabe? O tempo que passou nos fossos ensinou muita coisa a eles. Por gerações eles nos criaram, treinaram, tentaram diferentes domínios para fazer de nós os matadores perfeitos. Nunca funcionou. Nossos antepassados ou eram selvagens demais, ou parecidos demais com os Kuritai, mortais, mas apáticos, necessitando de supervisão constante. Não foi diferente com a minha geração, mais um fracasso. Dez mil Arisai destinados a serem executados, depois que tivessem nos cruzado com a raça adequada. Então você chegou, o nosso salvador, um exemplo brilhante das vantagens da crueldade, da disciplina e da astúcia inerentes na alma de um verdadeiro matador. Quando nos enviou para cá, ela nos disse que iríamos encontrar o nosso pai e, devo dizer, considero isso um privilégio.

— Então há pelo menos mais nove mil de vocês? — ponderou Frentis.

Por um momento, o sorriso desapareceu do rosto do Arisai, que franziu o cenho, consternado como uma criança tentando dar uma resposta a uma pergunta desagradável.

— Não tão aperfeiçoados, afinal de contas — observou Frentis, movendo-se para trás dele e apontando a adaga para a base do crânio do volariano. — O que você sabe sobre o Aliado?

Cão animou-se de novo quando a ponta da lâmina lhe tocou a pele, rindo e sacudindo a cabeça.

— Só a promessa que ela nos fez em nome dele no dia em que nos tirou das masmorras. “Todos os seus sonhos se tornarão realidade”. Esperamos por muito tempo e tínhamos muitos sonhos. Caso a veja de novo, pai, diga-lhe por favor que eu...

Frentis enfiou a adaga até o punho, e Cão, o Arisai, arqueou as costas e convulsionou antes de desabar morto no chão.

— Direi a ela — assegurou-lhe Frentis.

Por quê?

A pergunta a alcança sem aviso, fazendo com que seu dedo escorregue mais uma

vez e outra mancha de sangue se espalhe pelo tecido esticado. Ela olha para a agulha fincada no dedo e compreende friamente; a carne é como o gelo, desprovida de dor. O bordado é medíocre, tentativas desajeitadas de uma criança de imitar habilidades adultas. É tentador culpar a casca e os seus dedos dormentes, mas ela nunca conseguiu dominar aquela arte em particular. A lembrança é tênue, assim como todas as suas recordações da infância, mas certa vez houve uma mulher. Uma mulher bondosa, com um rosto de uma beleza felina, que sabia costurar com uma habilidade surpreendente, adornando os seus tecidos com uma clareza e uma arte que se igualavam às pinturas mais belas. Elas se sentavam e costuravam juntas, a mulher guiava as suas mãozinhas, dava-lhe um beijo quando fazia algo certo, apenas ria com os erros frequentes que cometia. Ela tem certeza de que essa lembrança é real, embora por alguma razão os seus pensamentos sempre se distanciem do nome da mulher, ou de seu destino. Sempre mudam, tornando-se mais sombrios, e ela se vê na cama, choramingando enquanto olha para a porta do quarto...

Um rangido de cordas e engrenagens atrai o seu olhar para o terraço. Tenho que receber uma visitante ilustre, meu amado, diz a ele. Uma Imperatriz não deve negligenciar os seus deveres.

Por quê? O pensamento é implacável, irresistível em sua exigência.

Você sabe por que, amado, ela lhe diz.

Imagens rodopiam e tomam forma em sua mente, outro presente precioso capturado pela visão dele: chamas brotando dos esgotos de Viratesk, os Arisai lutando, matando e morrendo com toda a fúria que ela esperava. Um, em chamas da cabeça aos pés, gira numa confusão de fogo, ainda matando e gargalhando mesmo quando as flechas o atingem.

Sei que você tem mais nove mil, ele lhe diz. Onde eles estão?

Suas mãos apertam o bordado ao ser tomada pelo deleite, a maravilhosa retomada da intimidade que haviam perdido. Fora desse modo durante a viagem que fizeram juntos, a mistura jubilante de amor e ódio, cada assassinato derrubando os muros entre eles. Ela percebe que o seu coração está palpitando, cada vez mais depressa, como um animal atacando as barras de sua jaula. Até então ela achara que aquela casca era capaz de sentir apenas as coisas mais rudimentares, mas ele, é claro que somente ele, é capaz de revivê-la.

A gôndola para do lado de fora do terraço e ela olha para a sua convidada. Ela sente o sobressalto dele ao avistá-la, fazendo-a se perguntar se o ciúme poderá fazer com que jogue aquela coisinha linda do alto da torre. Contudo, uma nota da canção quando a garota olha para Lieza lhe informa que tais suspeitas são infundadas.

Deixe-a em paz!, *grita ele em sua mente.* Toque nela e você nunca me verá de novo. Eu juro.

Ela resiste ao impulso de se perder no ódio dele e permite que o seu coração se acalme, tentando transmitir um frio desinteresse em sua resposta. Quanto mais cedo você vier me ver, maior será a chance de ela sobreviver.

Ela estremece um pouco, sentindo a ligação retomada entre eles ser forçada enquanto ele domina a própria raiva. Quando ele retorna, os seus pensamentos são de uma aceitação relutante. Os Arisai, *insiste ele.* Onde eles estão?

Posso lhe dizer onde eles não estão. *Ela percebe que tem de abafar um risinho.* Nova Kethia.

— Idiotas — disse Draker, observando a coluna volariana com um olhar experiente.
— Não estão nem fazendo o reconhecimento dos flancos.

— E por que fariam? — perguntou Frentis. — Não estão esperando nada mais do que uma marcha da vitória quando chegarem a Viratesk.

— Pouco mais de quatro mil — disse Trinta e Quatro, devolvendo a luneta a Frentis. — Somente um batalhão de Varitai e alguns Kuritai. O resto é uma mistura de mercenários Espadas Livres e recrutados de Nova Kethia. Pelos meus cálculos, o grosso da força militar que resta nesta província.

— Idiotas — repetiu Draker, sacudindo a cabeça.

A região a oeste de Viratesk era em grande parte desprovida das elevações e florestas que Frentis sempre achara tão úteis. No entanto, o reconhecimento feito por Mestre Rensial ao longo da estrada costeira até Nova Kethia identificara uma depressão vasta na terra cultivada dez quilômetros a oeste, não profunda o suficiente para ser chamada de vale, mas a elevação na extremidade sul era alta o bastante para ocultar o grosso de seu exército. A altura das plantações era outra vantagem, altas o suficiente para ocultar os arqueiros e seca o bastante para pegar fogo com a primeira chama. A cavalaria na vanguarda da coluna volariana evidentemente não levava em consideração a faixa de cem metros de largura e um quilômetro e meio de comprimento de terreno estéril e enegrecido paralela à estrada, resultado de uma manhã gasta com queimadas cuidadosas. Os muitos lavradores no exército haviam informado que tais aceiros eram uma característica comum da agricultura volariana e que era improvável que chamassem a atenção daqueles que nunca haviam trabalhado na terra.

— Alguns devem conseguir passar — disse Frentis a Illian e Draker. — Se estiverem em desvantagem, recuem e formem um círculo defensivo. — Ele olhou

Illian nos olhos e falou com grave autoridade: — A questão será decidida nos flancos, então não há necessidade de coragem excessiva.

Ele a viu conter uma careta aborrecida e forçar-se a balançar a cabeça.

— É claro, irmão.

Ele os deixou agachados entre os talos altos de trigo e seguiu para o abrigo da elevação, onde Mestre Rensial aguardava com o contingente montado. Os volarianos não viam muito motivo para ensinar os seus escravos a cavalgarem, mas alguns eram familiarizados com cavalos de suas vidas anteriores, a maioria gente do Reino e alguns alpiranos, suficientes para formar uma companhia de cavalaria leve com cerca de trezentos cavaleiros. Outros mil soldados de infantaria estavam agachados um pouco mais para trás, principalmente aqueles que não possuíam armas decentes, embora alguns usassem as espadas e adagas tiradas dos Arisai mortos. O grosso da infantaria estava com Lekran e Ivelda no flanco esquerdo, pronto para seguir atrás dos Garisai no ataque quando chegasse a hora.

Frentis montou num garanhão capturado na região das colinas, bem treinado como a maioria dos animais da cavalaria volariana, mas sem a velocidade e a agressividade de uma montaria da Ordem. Ainda assim, Mestre Rensial se empenhara em treinar tanto cavaleiros quanto cavalos, de modo que ele estava confiante de que o animal não iria refugar quando tivesse que investir. Frentis bateu com os calcanhares nos flancos do garanhão e saiu a trote até o topo da elevação. Os volarianos sem dúvida o veriam delineado contra o horizonte, mas pouco importava agora que a companhia principal houvesse chegado ao fim do aceiro. Frentis desembainhou a espada e a ergueu acima da cabeça e os arqueiros no trigal levantaram-se com os arcos preparados ao sinal. Ele viu um cavaleiro na frente da coluna virar o cavalo e acenar freneticamente para o corneteiro, tarde demais.

Mais de quatrocentas flechas deixaram o trigal e caíram sobre o centro da coluna volariana, provocando um tumulto de gritos alarmados e toques dissonantes de corneta. No entanto, fora o caos inicial, o efeito da saraivada foi mínimo, matando apenas uma dúzia de soldados antes que os oficiais conseguissem organizá-los de forma razoável. Como de costume, os Varitai foram os primeiros a se posicionar, e três batalhões assumiram uma formação defensiva dentro de um minuto. Frentis ficou satisfeito ao ver que haviam sido colocados no centro da coluna, o que significava que os flancos seriam defendidos principalmente por Espadas Livres e recrutas recentes. *Draker estava certo*, concluiu ele. *Esses homens são comandados por tolos.*

Os arqueiros seguiram disparando sem cessar enquanto a fileira volariana tomava forma, e as flechas continuaram a cair enquanto um coro de cornetas soava o sinal para um avanço geral. Frentis não precisou dar outras ordens, já que os arqueiros

havam sido bem-treinados para o que fazer a seguir. Embora o trigo estivesse seco o bastante para pegar fogo, Frentis tomara a precaução de espalhar vários fardos de gravetos embebidos em óleo pelo campo, fornecendo alvos para os arqueiros e suas flechas incendiárias, provocando um flamejar instantâneo. Eles tinham ordens expressas de disparar tais flechas e então correr para o aceiro, embora alguns continuassem a disparar mesmo enquanto recuavam para longe do campo coberto pela fumaça. O inferno teve início quase que de imediato, uma muralha brilhante de chamas estendendo-se ao longo da fileira que avançava e criando uma cortina de fumaça preta que fez tudo desaparecer de vista.

Frentis virou-se e fez um sinal com a cabeça para Mestre Rensial, então saiu a galope. Eles haviam aberto a fogo uma avenida larga pelo trigal, dos dois lados do aceiro principal, larga o suficiente para permitir a investida de uma companhia inteira de cavalaria, rapidamente seguida por mil soldados de infantaria. Ainda assim, a fumaça densa tornou a cavalgada enervante, e seu cavalo soltou um relincho de protesto pela proximidade das chamas. Frentis bateu de novo com os calcanhares nos flancos do animal, fazendo-o começar um galope mais rápido e saíram da fumaça, deparando-se com dois cavaleiros volarianos assustados. Ele passou por entre os dois, golpeando à esquerda e à direita, ouvindo gritos simultâneos de dor antes de disparar em frente.

A confusão era total agora, e a fumaça descia e subia ao capricho do vento. Quando se dissipava, ele abatia qualquer volariano ao alcance; quando se adensava, ele cavalgava adiante, sua única indicação do andamento da batalha vindo dos gritos de dor e fúria por todos os lados. Frentis tinha vislumbres ocasionais de Mestre Rensial, que matava com a típica destreza, o cavalo aparentemente dançando enquanto ele mal tocava nas rédeas, deixando perplexos aqueles insensatos o bastante para desafiar um homem que Frentis sabia ser o melhor guerreiro montado do mundo.

Os volarianos se mostraram um grupo variado; alguns fugiam assim que avistavam Frentis, outros imediatamente corriam para confrontá-lo. Quando a fumaça se adensou mais uma vez, ele se viu atacado por um Kuritai montado, aparentemente não afetado pela visão comprometida, investindo contra ele num belo ganhão dois palmos mais alto do que o seu. Frentis girou na sela quando o Kuritai se aproximou e desferiu um golpe descendente com a espada que se cravou no pescoço de seu ganhão. Ele saltou para longe quando o animal gritou e empinou numa fonte de sangue, aterrissando com destreza e arremessando a sua faca contra o Kuritai. A lâmina atingiu o alvo e entrou no rosto do escravo de elite logo acima do maxilar, mas isso não foi o suficiente para deter o ataque.

Frentis rolou e tentou golpear as patas do cavalo quando o animal passou

correndo por ele. O Kuritai, porém, era um cavaleiro muito habilidoso e mudou o curso do animal no último momento para evitar a lâmina. Frentis arremessou outra faca quando o homem virou para uma segunda investida, e o dardo de aço cravou-se na anca do animal, fazendo-o empinar. Frentis avançou correndo, pulou e golpeou com a espada, a lâmina da Ordem atravessando o avambrado no pulso do Kuritai. O homem caiu da sela, rolou e ficou de pé, girando para encarar Frentis com a espada apontada para ele, o sangue jorrando do toco da mão decepada. Frentis ouviu um rosnado familiar às suas costas e caiu de joelhos, e Retalhador e Dente Negro saltaram por cima dele e atacaram o Kuritai com precisão coordenada, a cadela abocanhando as pernas do homem enquanto seu companheiro rasgava a garganta.

Ele não precisou esperar para ver o espetáculo, correndo em meio à fumaça em busca de mais oponentes. Seus ouvidos logo foram assaltados por um grande brado seguido do estrépito de inúmeras armas se entrechocando, e ele seguiu o som até se deparar com a sua infantaria desfazendo um batalhão de Espadas Livres. Eles evidentemente haviam investido de frente contra a linha inimiga, dado o modo como cederam e se romperam no centro, golpeando e cortando com seus machados e foices, cada rosto iluminado por uma fúria desesperada.

Os Espadas Livres tentaram resistir durante algum tempo, amontoados de acordo com as ordens berradas pelos oficiais, e muitos escravos libertos tombaram diante de suas espadas curtas, mas a fileira havia sido rompida e, ao contrário daqueles que enfrentavam, eles ainda pensavam em vidas longas e famílias. Após mais alguns momentos de resistência frenética eles começaram a ceder, homens davam meia-volta e corriam em direção à fumaça, a princípio sozinhos ou em duplas, depois às dezenas. Um deles correu na direção de Frentis, derrapando até parar de olhos arregalados e cair sentado no chão, a espada aparentemente já largada. Frentis parou e encarou o homem, notando o horror estampado no rosto trêmulo, as súplicas ininteligíveis que lhe brotavam dos lábios, e apontou com severidade para oeste. O Espada Livre olhou boquiaberto para ele por mais um segundo e então se levantou e saiu correndo, ainda implorando por misericórdia.

— Em formação! — gritou Frentis para a sua gente liberta, enquanto alguns ainda apunhalavam os volarianos mortos. — Recolham armas e entrem em formação!

Com a quantidade certa de gritos e empurrões, ele conseguiu restabelecer certa ordem; os que haviam sido designados como sargentos recobriram a razão ao vê-lo e posicionaram as suas companhias numa linha ofensiva, muitos agora armados com espadas e lanças de cavalaria.

— Continuem alinhados até saírem da fumaça — ordenou Frentis, virando-se e andando na direção do centro volariano. A linha manteve-se coesa até ouvirem os sons de mais combate, e a sede de sangue ainda não saciada fez com que os libertos

bradassem ao dispararem numa investida espontânea. Sabendo que não dariam ouvidos a outras ordens, Frentis correu com eles, a fumaça se dissipou e revelou uma muralha sólida de Varitai, os rostos impassíveis encarando-os por cima de lanças apontadas em sua direção.

Ele saltou no último momento, sua espada desviou uma lança erguida e suas botas se chocaram com o peitoral do Varitai, arremessando o homem para trás. Frentis aterrissou fora da linha volariana e se virou, matando depressa dois Varitai, sua espada encontrando brechas nas armaduras com precisão mortal. Os libertos aproveitaram a oportunidade, amontoando-se na lacuna numa massa compacta de homens e mulheres que golpeavam sem parar. Porém, o pânico conveniente que tomara conta dos Espadas Livres não estava presente ali, e os Varitai recuaram em resposta a um toque estridente de corneta para entrarem em outra formação defensiva vinte metros para trás. Frentis podia ver duas figuras no centro do círculo cada vez menor de Varitai, um homem corpulento com uma corneta nos lábios, um sargento veterano, a julgar pela armadura, e uma figura mais esguia com o elmo emplumado de um oficial subalterno.

— Parem! — Frentis ergueu a espada quando os libertos se preparavam para outra investida. Todos agora estavam tomados pela fúria, cada rosto coberto de fuligem sedento por mais sangue, armas ensanguentadas em cada mão, tremendo de expectativa.

— Nós podemos com eles, irmão! — gritou com voz rouca uma mulher na língua do Reino, uma adaga numa das mãos e uma espada curta na outra, ambas vermelhas das pontas aos punhos. Levou um momento para Frentis reconhecer aquela figura ofegante e de rosto enegrecido como Lissel, a ex-fabricante de velas de Rhansmill.

— Vocês já fizeram o suficiente por hoje, dona — disse a ela. *E temos baixas a compensar*, acrescentou ele mentalmente. — Você encontrará a Irmã Illian e Artesão na elevação. Traga-os aqui, por favor.

Ele andou ao redor do círculo quase perfeito de Varitai, olhando através da fumaça que se dissipava e confirmando a derrota do flanco esquerdo volariano. Espadas Livres corriam para todos os lados e os Garisai avançavam de forma ordenada na direção dos Varitai, liderados por Ivelda e Lekran. Frentis ergueu a mão para fazê-los parar e virou-se rapidamente para contar os Varitai remanescentes. *Trezentos*. O dobro da quantidade que já se encontrava em seu exército.

— Irmão. — Illian parou ao seu lado de besta em punho. Frentis viu a bandagem na testa dela, o ferimento pouco abaixo de onde começavam os cabelos e ainda sangrando. — Kuritai — disse ela, encolhendo os ombros.

Ele assentiu e virou-se de novo para os Varitai.

— Aguarde a minha ordem. — Ele se aproximou do círculo de soldados-escravos, o olhar fixo nas duas figuras no centro. O sargento corpulento ficou imóvel e empertigou-se, encarando Frentis, o rosto grisalho exibindo uma atitude severa de desafio que ele não conseguiu deixar de admirar. O oficial ao seu lado tinha no máximo metade da idade do sargento e era consideravelmente menos desafiador, seus olhos percorrendo sem cessar os libertos ao redor, o rosto lívido de terror.

— Você está sozinho! — gritou Frentis para o homem corpulento através das fileiras de Varitai imóveis. — Seus oficiais estão mortos ou correndo de volta para Nova Kethia! Se quiser se juntar a eles, ordene a estes homens que deponham as armas!

O rosto do sargento crispou-se numa careta de aversão e ele cuspiu no chão, e disse apenas uma palavra, cheia de desprezo:

— Escravo!

O virote de Illian entrou no peitoral do sargento logo à esquerda do esterno. Àquela distância, não foi difícil penetrar a armadura e o osso até encontrar o coração.

— E você, Honorável Cidadão? — gritou Frentis ao jovem oficial, que agora olhava boquiaberto para o sargento morto, as lágrimas que escorriam de seus olhos fazendo com que parecesse apenas uma criança perdida em meio a um campo de estranhos perigosos. Após um momento ele se controlou o suficiente para retirar a corneta do corpo do sargento. O toque que deu soou vacilante e agudo, mas claro o suficiente. Os Varitai largaram as armas ao mesmo tempo e permaneceram nas fileiras, cada rosto demonstrando tanta emoção quanto uma pedra.

— Você pode curar tantos assim? — perguntou Frentis a Artesão quando o curandeiro apareceu com os seus Varitai libertos.

Artesão deu uma risada baixa, percorrendo as fileiras ordenadas dos soldados-escravos com o seu agora habitual sorriso triste.

— Você fala como se eu tivesse escolha, irmão.

Nova Kethia queimava. Colunas altas de fumaça subiam das ruas apinhadas de gente, a maioria dos incêndios aparentemente concentrada ao redor das docas, onde era possível ver alguns navios afastando-se do porto. Todos estavam com os cascos baixos na água, um deles tão carregado que soçobrou ao chegar à entrada do porto, e figuras minúsculas feito formigas correram pelo casco enquanto a embarcação rolava nas ondas. Ao sul, uma longa fila de pessoas saía pelos portões da cidade, e a luneta de Frentis confirmou que a maioria estava vestida de cinza, curvadas e

sobrecarregadas com vários objetos de seus lares, arrastando crianças chorosas, a confusão e o medo em cada rosto.

— Eles podiam ter esperado até chegarmos aqui — resmungou Draker.

— Uma batalha a menos para lutar — disse Frentis. Eles haviam acampado em meio a várias ruínas num planalto baixo a pouco menos de um quilômetro e meio a leste da cidade; Trinta e Quatro informara que naquele lugar se erguera a Velha Kethia, destruída séculos antes na Era do Forjamento. O ex-escravo retornou do reconhecimento do terreno no final da tarde, após ele e Mestre Rensial terem sido enviados à frente pela manhã.

— Parece que a notícia de nossa vitória teve um efeito dramático — relatou Trinta e Quatro. — O governador elaborou um plano para executar todos os escravos em vez de permitir que caíssem em nossas mãos. Uma vez que há dois escravos para cada habitante livre da cidade, essa estratégia provou ser insensata. Os tumultos estão ocorrendo há três dias. Milhares morreram, mais fugiram.

— Os escravos controlam a cidade? — perguntou Frentis.

— Somente um quadrante. — Trinta e Quatro apontou para um distrito que parecia ainda mais envolto em fumaça do que os outros. — Visto que não têm armas, suas baixas são grandes. Avançamos com cuidado até conseguir entrar em contato com os líderes deles. — Ele se virou para Frentis com um sorriso. — Parece que eles ouviram muitas coisas sobre o Irmão Vermelho e estão ansiosos pela sua chegada.

— Uma batalha a menos — murmurou Draker, levantando-se.

— Por que fizeram isso?

O corpo estava pendurado num poste na praça principal de Nova Kethia, os pés reduzidos a tocos carbonizados, a barriga aberta e o rosto congelado num grito de agonia. Apesar de toda a mutilação que o cadáver sofrera, Frentis ainda conseguiu reconhecer as feições. *Sofrerei cada tormento por mil anos*, dissera Varek. Pelo estado dele, Frentis duvidava que tivesse durado mais do que uma hora.

O Vice-Tesoureiro de Nova Kethia, um homem de preto com rosto contraído, perplexo e aterrorizado em igual medida por continuar vivo, teve que tossir várias vezes antes de encontrar a voz para falar.

— Ordens da Imperatriz — falou ele, o tom vacilante, apesar do esforço para controlá-lo. — Chegaram antes dele.

Não gostou do que ele me disse, concluiu Frentis, tendo uma estranha sensação de desapontamento. Varek parecera tão determinado que teria sido interessante ver até

onde a sua busca por vingança o levaria. Mas ele era um dos milhares de cadáveres espalhados pela cidade, inchando ao sol e atraindo nuvens de moscas que voavam em meio ao fedor crescente. *Milhares de histórias interrompidas antes do final.*

Levara um dia e uma noite de luta dura para capturarem a cidade, com Frentis conduzindo a infantaria num avanço lento porém inexorável até as docas, onde Lekran e Ivela assumiram o comando dos rebeldes sobreviventes. Eles foram obrigados a lutar de rua em rua, seus oponentes uma mistura de Espadas Livres e moradores, capazes de resistir furiosamente agora que os seus lares corriam o risco de ser destruídos. Contudo, eram muito poucos e desorganizados demais para serem bem-sucedidos, suas barricadas construções precárias erguidas por mãos não acostumadas ao trabalho. Frentis logo adotou uma tática de capturar os telhados ao redor e atacar os defensores do alto, forçando-os a recuar ao mesmo tempo que as barricadas eram destruídas. Eles formaram uma espécie de resistência final nas docas, algumas centenas encolhidas atrás de barris e caixas, recusando todos os chamados para que se rendessem. Foram os Varitai libertos de Artesão que terminaram aquilo, simplesmente derrubando os barris e avançando para subjugar os defensores a golpes de porrete.

O que restara do governador fora amarrado à base do poste; ao contrário de Varek, o seu rosto estava realmente irreconhecível. O homem havia sido um general antes de entrar para a política, e escolhera morrer nos degraus da mansão do governador com alguns guardas leais. Infelizmente, a sua atitude heroica não lhe assegurou uma morte rápida, e a grande turba de escravos acabou com qualquer resistência ao invadir a mansão no ataque final, mas tiveram presença de espírito suficiente para garantir que o governador fosse capturado vivo. Após testemunhar os horrores causados pelas tentativas do governador de matar a população de escravos, Frentis não teve a menor intenção de interferir no castigo prolongado e engenhoso do homem.

— A Imperatriz é um monstro — acrescentou o Vice-Tesoureiro, com um leve tom de adulação esperançosa na voz.

— Ela é volariana — retorquiu Frentis. — Como o único oficial imperial remanescente nesta cidade, preciso que você atue como o contato com a população livre que sobreviveu. Você os encontrará nas docas, onde estão sendo vigiados. Informe-lhes que, como súditos livres do Reino Unificado, eles desfrutam da proteção da Coroa e que eu garanto pessoalmente a segurança de todos aqueles inocentes de tomarem parte nas atrocidades cometidas aqui. Contudo, todas as propriedades que possuíam estão confiscadas pela Coroa como espólios de guerra. Pela Palavra da Rainha, a escravidão a partir de agora está abolida desta província e qualquer pessoa que for pega praticando-a estará sujeita à execução sumária.

Ele se afastou enquanto Draker levava o homem de preto na direção das docas.

— Vamos, não chore, meu camarada. Não sabe a sorte que tem de testemunhar um novo amanhecer no Reino Unificado Maior.

Caminhando pelas ruas, todas repletas de corpos e dos incontáveis escombros de uma cidade destruída, Frentis se viu recordando-se de um sonho, ou o que ele agora sabia ser o início de sua ligação com uma alma que o Vice-Tesoureiro achava monstruosa. *Eu teria sido terrível*, dissera a mulher enquanto olhavam para um litoral tomado de cadáveres. *Porém, por mais terrível que o destino me fizesse, eu não sou ele.*

Ele parou ao avistar uma mãe com a filha, aninhadas na morte do lado de fora de uma padaria. Os olhos da garotinha estavam abertos, a cabeça perto da cabeça da mãe, a boca levemente entreaberta como se congelada em alguma espécie de pergunta final. Ao ver os ferimentos nos braços da mãe, sem dúvida infligidos ao tentar proteger a garota do frenesi de lâminas que as mataram, Frentis não conseguiu deixar de ter a sensação de que ele e a Imperatriz estavam conspirando para tornar aquele mar de morte uma realidade.

— Irmão? — Era Illian, que o encarava com uma expressão que beirava o espanto. Ele sentiu a umidade nas faces e enxugou depressa as lágrimas.

— O que é, irmã?

— Os Garisai encontraram algumas centenas de pessoas vestidas de cinza nas galerias abaixo do quadrante dos mercadores. Os escravos da cidade estão querendo ir atrás deles. A coisa pode ficar feia. — Ela forçou um sorriso incerto, ainda o olhando nos olhos. Frentis voltou a atenção para o corte da testa dela. Trinta e Quatro fizera o serviço tipicamente preciso de suturá-lo, mas a cicatriz seria funda, e longa. — Pelo menos parou de coçar — disse Illian, levando os dedos ao ferimento.

Não há incerteza nela, concluiu ele. *Todas essas mortes e ela continua inabalada. Illian tinha razão, a Ordem é o melhor lugar para ela.*

— Estarei lá daqui a pouco — disse Frentis. — Diga a Draker para formar um grupo com as pessoas livres para recolher esses corpos. Serão pagas em pão. Não devemos esperar que trabalhem por nada.

CAPÍTULO OITO

Lyrna

Logo começaram a chamá-la de Marcha da Lama, um nome que Lyrna sabia que persistiria no relato histórico daquela campanha, caso restasse algum historiador para escrevê-lo. A chuva começara a cair no dia em que deram início à marcha para o interior e não parou durante as duas semanas seguintes, transformando todos os caminhos em lama mole e grudenta, prendendo pés, cascos e rodas de carroças até que o exército foi forçado a parar após ter percorrido menos de duzentos quilômetros.

— O preço, Alteza — explicou o Aspecto Caenis no conselho de capitães. — A criação de tamanha tempestade causou um desequilíbrio no ambiente.

— Quanto tempo durará? — perguntou Lyrna.

— Até que o equilíbrio seja restabelecido. Um dia, ou um mês. Não há como saber.

— Não há ninguém na sua Ordem que possa nos ajudar?

Ele encolheu os ombros, indicando que não podia fazer nada.

— A garota dos Confins era a única alma que já encontrei que possuía tal dom.

Lyrna ignorou a insinuação proposital de suas palavras, ciente de que o Aspecto ainda estava irritado por ela ter se recusado a obrigar os dotados dos Confins a entrarem para a sua Ordem. De certa forma, ela estava achando o Aspecto Caenis tão irredutível quanto o não pranteado Tendris.

— Precisamos de uma estrada, Alteza — insistiu o Conde Marven. — As estradas volarianas são famosas por serem bem construídas e imunes às intempéries. — Ele passou um dedo pelo mapa até uma linha trinta quilômetros ao norte. — Esta é usada pelos portos do norte. É um desvio de quatro dias da linha de marcha que pretendemos seguir, mas deve nos poupar semanas de avanço lento pela lama.

Embora não gostasse da ideia de abandonar a aproximação direta de Volar, Lyrna não via alternativa. Estava prestes a confirmar a ordem quando uma voz raramente ouvida falou:

— Seria um erro, Alteza.

Lorde Al Hestian estava de pé no fundo da tenda com espaços vazios de ambos os

lados, uma vez que nenhum dos capitães parecia gostar de ficar perto do homem que agora era chamado de Rosa Traidora. Lyrna passara a excluí-lo daquelas reuniões, mas o desempenho impressionante de seus homens durante o que passara rapidamente a se chamar Batalha do Farol e a perda recente de tantos capitães a fizeram mudar de ideia. Afinal, ela o poupou por uma razão.

— Como assim, meu senhor? — perguntou Lyrna, vendo o Conde Marven empertigar-se. De todos os seus capitães, era ele quem parecia nutrir a maior inimizade com relação a Al Hestian, algo que ela supunha que tivera origem durante o tempo que passaram na guerra do deserto.

— A linha óbvia de marcha sempre deve ser evitada — respondeu Al Hestian. — A estrada estará patrulhada, vigiada. Notícias de nossa posição chegarão a Volar em poucos dias. Se formos enviar forças para o norte, elas devem ser apenas diversivas.

— Enquanto continuamos a chafurdar na lama — disse o Conde Marven.

— Chuva alguma dura para sempre, criada ou não pelas Trevas. E se não pudermos marchar sob ela, tampouco poderá o inimigo.

— O tempo é o verdadeiro inimigo — disse Lyrna. — Cada dia de inatividade dá mais tempo para que a Imperatriz reúna forças em Volar. — Ela se empertigou e assentiu para o Conde Marven. — Senhor da Batalha, dê ordens para que a linha de marcha do exército seja mudada de manhã. Meus senhores, ao trabalho.

Alornis estava desenhando de novo quando ela retornou à sua tenda, o lápis de carvão movendo-se de modo frenético pelo pergaminho enquanto ela se curvava sobre o cavalete. Durante o dia ela trabalhava na balista montada no carroção, o tempo todo quase sem falar, mas à noite ela desenhava. Somente quando estava trabalhando alguma animação transparecia em seu rosto, tenso de concentração e com os olhos iluminados pelas lembranças, ainda que, a julgar pela natureza dos desenhos, Lyrna achasse serem memórias que não deveriam ser remexidas. Navios e homens em chamas, marinheiros gritando enquanto se debatiam num mar tempestuoso. Página após página de horrores retratados de maneira habilidosa, produzidas num ritual noturno de autoflagelação.

— Ela pelo menos comeu algo? — perguntou Lyrna a Murel, despiendo o manto ensopado de chuva.

— Apenas um pouco de mingau, Alteza. Mas Davoka teve que fazê-la comer praticamente à força.

Ela se sentou ao lado de Alornis durante algum tempo, a Senhora Artífice notando a sua presença com um aceno quase imperceptível de cabeça, o lápis de carvão

continuando a se mover sem interrupção. Lyrna se consolou um pouco com o fato de que aquele esboço era diferente da costureira carnificina executada com maestria; era uma espécie de retrato. Alornis definiu a forma básica do rosto com algumas linhas bem colocadas e então começou a detalhar os olhos, olhos escuros, apertados em julgamento e repreensão, olhos que ela conhecia bem.

— Seu irmão a ama — disse ela a Alornis, estendendo a mão para segurar a dela e sentindo-a tremer.

Alornis não olhou para ela, mantendo os olhos fixos no retrato.

— É o meu pai — sussurrou ela. — Eles tinham os mesmos olhos. Ele também me amava. Talvez, se a Fé estiver certa, ele ainda me veja. Pode ser que ele me ame mais agora, pois somos iguais, não? Ele também matou milhares com fogo uma vez. Às vezes ele sonhava com isso, quando ficou mais velho e a doença apareceu. Debatia-se na cama e gritava por perdão.

Lyrna resistiu à tentação de sacudi-la, de esbofeteá-la, de tentar forçar a volta da garota animada e gentil que conhecera em Alltor. Porém, ao olhar naqueles olhos confusos, ela soube que aquela garota havia desaparecido, consumida pelo fogo assim como tantos outros.

— Tome o seu sonífero, minha senhora — ela preferiu insistir, tirando o lápis de carvão dos dedos de Alornis com gentileza, mas de modo firme. — Temos uma marcha árdua pela frente amanhã. O sono lhe fará bem.

Eles chegaram à estrada em três dias; a chuva diminuiu um pouco na terceira manhã, embora o avanço não fosse melhor para o norte. O Irmão Kehlan relatou numerosos casos de homens saindo de forma durante a marcha devido a algo chamado “pé de guarda”, uma afecção causada pela imersão constante na água e que fazia a pele se tornar uma esponja. Em pouco tempo todos os carroções estavam carregados de soldados de rosto acinzentado, seus pés enfaixados com bandagens enroladas em lona para mantê-los secos. Assim, foi com um alívio considerável que pisaram na estrada, um exemplo realmente extraordinário de construção humana que humilhava as estradas de terra típicas no Reino. *Malcius, se você tivesse visto isto*, pensou Lyrna, notando a curvatura suave na superfície da estrada que permitia que a chuva escoasse para as beiras, *you would have emptied the treasury to cover the Kingdom with such marvels*.

— Devemos fazer cinquenta quilômetros ou mais por dia aqui — disse o Conde Marven com um sorriso de satisfação, batendo com a bota na superfície de tijolos. — Mais, quando a chuva parar.

— Certifique-se de enviar batedores em todas as direções — disse Lyrna. Ela relutava em dizer ao Senhor da Batalha como fazer o seu trabalho, mas o conselho de Al Hestian instigara uma cautela que ainda sentia. Sem dúvida encontrariam o inimigo em algum lugar ao longo daquela estrada; a única questão era o tamanho da força.

— É claro, Alteza.

A chuva finalmente começou a diminuir três dias depois, revelando uma paisagem agradável de colinas ondulantes e vales extensos de capim luxuriante e poucos sinais de habitação, exceto por casas de campo ocasionais, todas desocupadas.

— Todo o gado foi morto e as lavouras queimadas — relatou o Irmão Sollis dois dias depois. Ele conduziu os seus irmãos num reconhecimento de longa distância, sem encontrar qualquer sinal do inimigo, mas sim amplas evidências de que a sua aproximação havia sido detectada. — Todos os poços foram contaminados com carcaças. Há alguns corpos aqui e ali, a maioria de idosos, escravos, a julgar por suas aparências.

— Já existiu alguma raça mais abominável do que esta? — disse Lorde Adal, sacudindo a cabeça. Ele conduziu a Guarda do Norte para o sul numa missão similar, retornando com notícias igualmente terríveis.

— Então não temos o que comer — disse Lyrna.

— Nossos suprimentos devem durar pelo menos até Volar, Alteza — informou o Irmão Hollun. — Onde sem dúvida encontraremos mais, assim que os nossos... assuntos forem concluídos.

— Se me permite, Alteza — disse Lorde Nortah —, eu gostaria de saber a natureza exata de nossos assuntos em Volar.

Lyrna o olhou nos olhos, deparando-se com a prontidão costumeira dele de responder ao escrutínio na mesma medida.

— Administraremos a justiça pelas ofensas cometidas no Reino — disse ela. — E garantiremos que não sejam repetidas.

— Sim, como a senhora já afirmou antes. Contudo, eu gostaria de saber como essa justiça será administrada. A senhora pretende realizar julgamentos?

— Não me lembro de quaisquer julgamentos em Alltor — disse Lorde Antesh, encarando o Lorde Comandante com um olhar severo. — E sei que não houve nenhum em Varinshold. — Ele raramente falava nos conselhos e ficava entre as próprias tropas durante a marcha. Os cumbraelinos haviam assumido um comportamento uniformemente taciturno desde a perda da Senhora Reva, do velho comandante da guarda e de tantos de seus conterrâneos. Sempre que percorria as suas fileiras, Lyrna se via recebida por acenos bruscos de cabeça ou por um

ressentimento não muito discreto; ela mandara a Senhora Abençoada para a morte, e eles sabiam disso. No entanto, qualquer raiva que pudessem sentir de sua Rainha era superada em muito pelo ódio ardente que tinham dos volarianos, surgido em Alltor e em milhares de outras atrocidades inomináveis, e agora estavam tomados por uma sede descomunal de vingança. A Senhora Reva fora o elo deles com o amor e a orientação do Pai; Ele sem dúvida abençoaria todos os esforços de vingar a sua morte.

— Não houve julgamentos em Alltor — retorquiu Nortah — porque os volarianos são uma raça repugnante e pestilenta criada para a crueldade e o assassinato. Por outro lado, nós nos imaginamos um povo racional e compassivo, ou as nossas virtudes serão deixadas de lado agora?

— Coragem e fortitude também são virtudes — observou o Barão Banders. — Nosso povo espera que garantamos o seu futuro. Isso não será feito de coração mole.

— Atravessei os Confins e o Reino — disse Nortah. — Tomando mais vidas em poucos meses do que eu havia tomado em todos os meus anos na Ordem. Liderei meu regimento através de batalhas, fogo e privações porque achava que era justo e certo... e minha esposa me disse que era necessário. Mas não desejo olhar nos olhos dela quando ela se deparar com um homem que tomou parte de assassinatos indiscriminados.

Ele se virou para o Aspecto Caenis, cujos olhos permaneciam fixos no mapa, sem querer encontrar o olhar do irmão.

— E você, irmão? Está contente por a Fé ser manchada com sangue inocente?

O Aspecto não respondeu de imediato, abaixando a cabeça num momento de contemplação silenciosa. Quando por fim abriu os olhos e falou, o seu tom era pesaroso, mas também determinado:

— A Imperatriz e o seu império são meras ferramentas de um inimigo maior. Nós todos sabemos disso, apesar de frequentemente não ousarmos falar a respeito. Conhecendo a natureza desse inimigo, vejo que o único caminho para a sua derrota é empregar todas as medidas à nossa disposição. Se isso faz de nós assassinos, então aceito o nome e a culpa. Pois se fracassarmos, irmão, não haverá esposa à qual você poderá voltar.

— Não posso crer que o caminho para a vitória seja macularmos tanto as nossas almas que nos tornemos indistinguíveis daqueles que enfrentamos. — Nortah olhou para o Irmão Sollis, sua voz agora cansada. — Mestre? Sem dúvida o senhor vê que a Fé nos obriga a um caminho mais razoável. A Ordem sempre procurou defender os indefesos.

— E preservar os Fiéis — retorquiu Sollis, seu tom tão determinado quanto o do Aspecto. — Se fracassarmos aqui, o mundo inteiro poderá ser arruinado. A Fé deu o seu apoio ao caminho da Rainha com pleno conhecimento da importância desta missão. Não podemos nos dar ao luxo de sermos virtuosos agora, irmão.

— E eu — disse Antesh por entre os dentes, ficando com o rosto vermelho — não vim até essas praias para deixar que a maior alma da história cumbraelina não seja vingada.

— Vingança não é justiça! — Nortah bateu com os punhos na mesa ao se inclinar para a frente. — E se Lorde Vaelin estivesse aqui...

— Ele não está — disse Lyrna, sua voz calma, mas implacável. — Eu estou. E sou a sua Rainha, meu senhor.

Ela observou o Lorde Comandante se controlar, ciente de que ele lutava para não dizer palavras insensatas. *De todos nós, só ele permanece imune à atração da vingança*, pensou ela. Essa compreensão lhe causou uma pontada de inveja, um anseio por uma parte dela perdida em algum lugar entre as chamas.

— O senhor é um homem bom, Lorde Nortah — disse ela. — O Reino é enriquecido pelo seu serviço. E eu lhe dou a minha palavra como sua Rainha de que este exército fará todo o possível para poupar sangue inocente. Porém, asseguro-lhe de que quando chegarmos a Volar garantirei que a cidade seja destruída até o último fragmento de pedra e a terra salgada, para que nada possa crescer entre as ruínas. Se não tem estômago para isso, o senhor tem a liberdade de deixar o seu posto e partir sem desfavorecimento.

Lorde Nortah abaixou a cabeça, rangendo os dentes ao suspirar.

— Nada de sangue inocente — disse ele, de cabeça ainda baixa. — A senhora me promete?

— A Palavra da Rainha está dada e não lhe cabe questioná-la, meu senhor — rosnou Lorde Iltis.

Nortah ergueu a cabeça e fulminou o Lorde Protetor com o olhar por um segundo antes de virá-los para os outros capitães. Lyrna se perguntou se ele achava que era único homem são num exército de almas enlouquecidas. Quando o seu olhar recaiu sobre ela, Nortah tornou a falar, sua voz a promessa seca e precisa de um homem muito perigoso:

— Pode não caber a mim questionar a sua palavra, Alteza, mas garantirei que a senhora a mantenha mesmo assim.

Outra semana de marcha os levou da agradável região das colinas para uma vasta

planície empoeirada, seu único marco de interesse um rio longo que se estendia para leste num curso sinuoso quase paralelo à estrada.

— Pelo menos não seremos pegos desprevenidos — comentou o Conde Marven, olhando para a paisagem desolada. — Não daria para esconder um cavalo sequer aqui.

No dia seguinte, uma forma indistinta e irregular surgiu no horizonte enevado, revelando-se uma estranha construção extensa adornada com múltiplos coruchéus altos. Ficava numa curva aberta do rio e tinha o tamanho de uma cidade pequena, mas sem qualquer moradia. Era constituída por uma série de estruturas piramidais dispostas em espiral, todas encimadas por torres consideráveis, a maior chegando a pelo menos sessenta metros de altura.

— Uma fortaleza? — ponderou Benten quando chegaram a menos de um quilômetro da estrutura.

— Não há muralhas defensivas — disse Iltis. — E ninguém para defendê-las, se houvesse.

Não houve qualquer sinal de resposta à aproximação deles, e não se via qualquer luz ou movimento nas estruturas variadas. Lyrna virou-se ao ouvir o som de um cavalo galopando e viu Sabedoria parar ao seu lado. Lyrna deixara Flecha no Reino, não querendo sujeitá-la aos desconfortos possivelmente mortais da travessia do oceano, e encontrou a sua nova montaria vagando perto das dunas quando desembarcaram. Era um belo garanhão de pelo totalmente negro, tão imponente que Lyrna imaginou se o animal não havia levado a Imperatriz até a praia no dia em que desencadeou a tempestade. Ela o chamara de Azeviche pela sua cor.

— Grande Rainha — disse Sabedoria, um cumprimento habitual que sempre deixava Lyrna se perguntando se não estava sendo ridicularizada. — Impressionante, não? — prosseguiu a anciã eorhil, gesticulando para a construção.

— De fato — concordou Lyrna. — Eu ficaria mais impressionada se soubesse o que era.

— Navarek Av Devos, que significa Portal dos Deuses na sua língua. O último grande templo dos deuses volarianos. O único a sobreviver à Grande Purificação. Imagino que devido ao tamanho e por ficar afastado de outros lugares.

A Guarda do Norte de Lorde Adal cavalgou adiante para inspecionar o templo e o encontrou deserto, a não ser por uma colônia de abutres, que havia feito ninho ali. Por sugestão de Marven, Lyrna concordou em deixar o exército acampar ali para passar a noite; o templo carecia de fortificações, mas ainda possuía telhados de sobra, e ela sabia que muitos de seus soldados apreciariam uma noite sob a proteção de pedras em vez de lonas frágeis. Havia espaço suficiente para cerca de metade do

exército, e Marven postou os remanescentes num amplo arco defensivo ancorado no rio. O templo se estendia para além da margem, onde uma longa fileira de estátuas monstruosas abaixavam a cabeça para as águas. Eram uma combinação impossível de diversas feras: um tigre com a cabeça de um lagarto, uma grande águia com uma longa cauda escamosa. Havia também duas figuras humanas entre elas, guerreiros de músculos implausíveis ajoelhados para colocarem a mão na correnteza veloz.

— Algum tipo de deuses? — perguntou Lyrna a Sabedoria enquanto percorriam a cidade. Ela não conseguia deixar de sentir certo fascínio pela absoluta excentricidade do lugar; a construção de um edifício tão vasto sem nenhum propósito prático era tão desconcertante quanto encantadora, ao mesmo tempo que proporcionava uma apreciação da longa história do povo que Lyrna viera enfrentar. *Eles nem sempre foram como são agora.*

— Os cinquenta guardiões dos deuses. Criados a partir de todos os animais do mundo para lutar uma batalha sem fim contra os Dermos, habitantes do grande fosso de fogo debaixo da terra, os inimigos eternos de toda a humanidade.

O olhar de Lyrna foi atraído para a maior das estátuas, alguma espécie de macaco de costas largas, com uma cauda longa e serrilhada e braços tão grossos quanto troncos de árvores. A boca de Murel se crispou numa risada abafada ao olhar de Iltis para a estátua.

— Como eles conseguiram capturar a sua imagem antes que tivesse nascido, meu senhor?

Ela abriu um sorriso gracioso ao notar o olhar fulminante do Lorde Protetor e beijou-o afetuosamente no rosto antes de se afastar dançando.

— Esse é Jarvek — disse Sabedoria. — Considerado durante muito tempo o maior dos guardiões, até que o povo das sombras o tentou com um desejo ardente por uma rainha humana. Ele a levou para o seu covil nas profundezas da terra, mas, antes que pudesse saciar os seus desejos vis, ela foi resgatada pela sua irmã, Livella, a donzela guerreira que portava uma lança abençoada pelos deuses. — Sabedoria apontou para outra estátua próxima, uma figura feminina alta sobre um pedestal, empertigada e orgulhosa de lança em punho. A visão da estátua fez Murel cair novamente na gargalhada.

— Primeiro Sua Senhoria, agora a senhora — disse ela, apontando para Davoka. — Este lugar é realmente espantoso.

Davoka apenas deu um leve sorriso, lançando um olhar crítico às improváveis proporções generosas da estátua.

— Uma mulher assim passaria a vida caindo para a frente.

— Estátuas de guardiões, estátuas de heróis míticos — disse Lyrna. — Onde

estão os deuses?

— Não irá encontrá-los aqui — respondeu Sabedoria. — Os deuses eram considerados tão divinos que era blasfêmia um humano tentar retratá-los. Até mesmo os seus nomes só eram conhecidos por um clero pequeno e seletivo. Aqueles que queriam buscar a ajuda dos deuses faziam o pedido aos sacerdotes, que por sua vez faziam o pedido ao deus necessário. Por um preço, naturalmente.

Iltis e Benten sacaram as espadas ao ouvirem um berro súbito vindo do centro do templo, logo transformado num grito que ecoou pelas paredes de granito. Lyrna não deu atenção às objeções de Iltis e foi investigar, indo até o espaço circular no meio do templo, onde encontrou o Aspecto Caenis agachado sobre o Irmão Lucin. O idoso dotado estava deitado de costas no chão, o rosto contorcido numa careta de dor e horror, espumando pela boca.

— Ele quis muito ver como este lugar era antes de ser abandonado — explicou o Aspecto, segurando o irmão enquanto ele convulsionava.

— Uma decisão infeliz — comentou Sabedoria, apontando para um pedestal baixo de pedra ali perto. — Os deuses eram generosos, mas também sedentos.

O pedestal tinha um metro de altura, era estreito e retangular, com um semicírculo entalhado na parte superior. Junto à base havia uma moessa côncava no chão de pedra, de onde numerosos canais seguiam na direção das estruturas piramidais ao redor.

As convulsões do Irmão Lucin cessaram e o velho abriu os olhos, arregalados pelo choque do que quer que tivessem testemunhado.

Sangue, pensou Lyrna, olhando para o pedestal. A pedra havia sido limpa por séculos de vento e chuva, mas ela sabia que já fora vermelha. *É sempre o sangue com essa gente. Antigamente derramado para saciar as criações de sua própria imaginação. Agora bebido para afastar o espectro da morte. Matar os seus deuses não fez com que mudassem.*

Ela não sonhava desde a Batalha dos Dentes, passando todas as noites num sono profundo e tranquilo. Lyrna teria gostado de pensar nele como o sono de uma alma justa e satisfeita, mas sabia que tinha mais a ver com simples exaustão, uma vez que todo dia era muito cheio. Assim, ela levou algum tempo para perceber que os seus pés descalços não estavam realmente pisando no chão de pedra do templo, levando-a na direção do pedestal num passo lento porém constante. A pedra agora estava vermelha, como havia estado quando aquele lugar liderava a fé de tantas almas iludidas, coberta de sangue de cima a baixo, a moessa côncava transbordando com o

líquido, os canais levando a oferenda até asmoradas silenciosas dos deuses.

Havia uma mulher de aparência terrível ao lado do pedestal, de faca em punho. Trajava um vestido azul sujo, o corpete e a saia escuros de tão manchados, embora Lyrna pudesse ver que aquela fora um dia uma bela vestimenta, digna de uma princesa, na verdade. Porém, era o rosto da mulher que lhe chamava a atenção, em carne viva e recém-queimado, filetes tênues de fumaça ainda subindo da carne carbonizada.

— Eu estive esperando — disse a mulher queimada, fixando em Lyrna um olhar intenso, com um tom de censura na voz.

— Pelo quê? — perguntou Lyrna, perplexa.

— Por você, é claro. — A mulher gesticulou com impaciência para algo nas sombras e um jovem saiu para a luz, baixo, mas com uma aparência bela e delicada. — Seus adoradores estão ansiosos para fazerem uma oferenda.

Lyrna observou o jovem ajoelhar-se diante do pedestal, olhando-a nos olhos, o rosto inexpressivo.

— Eu mantive a minha promessa — disse Lyrna a ele, incapaz de esconder o tremor da voz. — Eu encontrei a sua mãe. Ela está viajando com o meu exército, como uma irmã da Sétima Ordem, que veio para conseguir justiça para o filho.

Fermin sorriu e seus lábios se arreganharam a um extremo impossível, revelando longas fileiras de dentes triangulares, os dentes de um tubarão.

A faca da mulher queimada reluziu e a garganta de Fermin foi aberta, o sangue jorrando numa torrente, escorrendo pelas laterais do pedestal e enchendo a concavidade. A mulher queimada empurrou o corpo para o lado e tornou a gesticular, e outra figura adiantou-se. Ele era mais alto, corpulento, o rosto marcado por cicatrizes revelando uma vida difícil, embora o seu sorriso fosse o mesmo que lhe surgira nos lábios quando o dardo da balista o atravessou pelas costas. O dardo ainda estava lá, a ponta de aço saindo pelo peito, raspando na pedra ao se ajoelhar.

— Você teve uma escolha. — Lyrna soube que as palavras eram uma mentira assim que deixaram os lábios. No entanto, Harvin pareceu achar a desonestidade dela engraçada, pois gargalhou quando a faca reluziu de novo. — Eu não fiz isso — insistiu ela quando a mulher queimada empurrou o corpo para longe e tornou a gesticular. — Eles me serviram de livre-arbítrio.

— Como deviam — disse a mulher queimada. — Mortais vivem apenas para servir os seus deuses.

Furelah apareceu em seguida, curvando-se para Lyrna com uma adaga em cada mão, o rosto e os cabelos molhados de água do mar, as órbitas vazias, a carne em volta delas parcialmente apodrecida. Pouco antes de a faca lhe abrir a garganta, um

pequeno caranguejo saiu do círculo negro de seu olho, batendo as pinças para Lyrna como se a acusasse.

Ela desviou o olhar da cena, mas foi em vão. O templo agora estava cheio. Havia uma fila longa de pessoas; ela conhecia algumas, mas não a maioria. O arqueiro meldeneano que despencara do cordame nos Dentes, a seordah que morrera em Varinshold e tantos outros. Eorhil, nilsaelinos, cumbraelinos, como Furelah, todos pingando água salgada, suas carnes parcialmente levadas pelo mar...

— EU NÃO TIVE ESCOLHA! — gritou Lyrna para a mulher queimada, calando-se ao ver a figura agora ajoelhada diante do pedestal.

— Escolha? — perguntou Malcius. Sua cabeça estava inclinada num ângulo obscuro, embora o rosto fosse gentil, o sorriso cheio de afeição e solidariedade. — Escolhas não são da alçada daqueles que ousam governar. O mundo é seu para fazer o que quiser dele, minha irmã. Como eu sempre soube que seria. Não acha que teria sido mais bondoso me matar mais cedo, antes de eu assumir o trono? Isso não lhe ocorreu? Uma pequena gota de veneno na minha taça de vinho? Teria sido tão mais fácil.

— Não — disse ela num sussurro. — Você era o meu irmão... Certa vez fiz algo terrível por você.

— Você me deixou livre para presidir a destruição de meu Reino, o assassinato de minha esposa e de meus filhos.

Ele ergueu os braços quando a mulher queimada se aproximou. A faca dessa vez não reluziu, e a mulher a pressionou contra a carne dele com uma suavidade delicada, até mesmo afetuosa, aninhando a cabeça de Malcius em seu peito com a outra mão.

— Não dê as costas agora, Lyrna — disse Malcius quando a lâmina foi passada pela sua garganta. — Pois os deuses estão sempre sedentos...

Ela despertou com as sacudidas gentis de Murel, que ficou visivelmente sobressaltada com o olhar arregalado de Lyrna.

— O Senhor da Batalha tem uma mensagem para a senhora, Alteza — disse ela. — Um exército volariano se aproxima pelo leste.

Ela encontrou o Conde Marven nos degraus do templo, a planície mais além repleta de soldados entrando em formação e cavaleiros galopando até as suas companhias, uma nuvem espessa de poeira erguendo-se e encobrindo o sol matutino.

— O Irmão Sollis estima que sejam sessenta mil, Alteza — relatou o Senhor da Batalha. — Quase todos Espadas Livres, o que é incomum. Porém, estão se

aproximando de forma ordenada.

Sessenta mil. Pouco mais da metade do nosso exército. Talvez a Imperatriz esteja fazendo uma aposta arriscada para deter o nosso avanço?

— Não se arrisque, meu senhor — disse ela a Marven. — Não podemos nos dar ao luxo de ter baixas significativas.

— A batalha sempre é um risco, Alteza. Mas estou convencido de que a questão estará resolvida ao meio-dia. — Ele fez uma mesura e foi até o seu cavalo, partindo a galope e logo desaparecendo em meio aos homens e à poeira.

Lyrna olhou para a torre mais alta do templo. Ficou tentada a se poupar do espetáculo da batalha, uma vez que o sonho acabara com qualquer desejo de presenciar mais derramamento de sangue, mas parecia uma atitude covarde desviar o olhar de seu exército agora.

— Minha senhora, veja se consegue encontrar uma luneta — disse ela a Murel, seguindo para a torre.

Foi desgastante subir a torre; suas pernas doíam com o esforço ao se forçar a subir os degraus estreitos sem diminuir o ritmo, seguida de perto por Iltis e Benten, que ofegavam. Era difícil não se distrair com a decoração interna da torre. Cada superfície, incluindo os degraus sob os seus pés, era adornada por alguma antiga escrita volariana, os símbolos nos níveis inferiores entalhados com uma precisão e elegância delicadas que desapareciam quanto mais alto Lyrna subia, de modo que quando chegou ao topo os símbolos eram uma confusão de marcas aleatórias, aparentemente gravadas ao acaso por alguma mão febril. Ela decidiu perguntar a Sabedoria o significado de tudo aquilo quando houvesse tempo.

O topo da torre consistia num espigão com ameias que se erguia de uma plataforma plana de granito de uns quatro metros de diâmetro. Tal como os degraus, a plataforma estava adornada por mais escritos, tão confusos que Lyrna soube que estava olhando para a obra de uma alma enlouquecida. Não havia balaustrada ou qualquer espécie de abrigo na plataforma, e um vento forte e cortante jogou os cabelos de Lyrna de um lado para outro assim que ela deixou a escada. Benten avançou para olhar por sobre a beirada desprotegida e recuou rapidamente com o rosto um pouco pálido.

— É melhor ficar perto do centro, Alteza — aconselhou ele.

Lyrna olhou para leste e viu duas grandes muralhas de poeira aproximando-se uma da outra na planície. A cortina de vez em quando se levantava e revelava os regimentos em marcha, fornecendo algumas indicações sobre o modo como Marven organizara os soldados. Ele posicionara uma linha compacta de Guardas do Reino à sua esquerda, perto do rio, o que evitaria qualquer flanco naquela direção.

O centro era mantido por uma mistura da infantaria nilsaelina e da Guarda do Reino, enquanto o grosso da cavalaria movia-se em paralelo às fileiras deles no flanco direito. Atrás do contingente principal havia mais quatro regimentos de infantaria e os cavaleiros renfaelinos, embora apenas dois terços estivessem montados, o restante sendo obrigado a sofrer a indignidade de marchar para a batalha.

— Que visão, Alteza — disse Iltis com um raro sorriso.

Lyrna tivera a sua dose de batalhas, mas somente como participante, e ver uma se desenrolar a tal distância lhe causou uma estranha sensação de culpa, como se fosse uma espectadora de algum espetáculo sangrento.

— De fato, meu senhor — disse ela, forçando um sorriso. — Que visão.

Murel apareceu ao lado de Lyrna, curvada e sem fôlego.

— Com os cumprimentos do Irmão Hollun, Alteza — ofegou ela, oferecendo uma luneta. Lyrna pegou o instrumento, estendeu-o e voltou a lente para o exército volariano. Passaram-se vários momentos até a poeira assentar o bastante para que ela pudesse discerni-los e ver que suas fileiras estavam bem organizadas, os batalhões de Espadas Livres marchando num ritmo constante. Assim como Marven, o comandante volariano percebera a sensatez de ancorar o flanco esquerdo no rio, com a maioria da cavalaria no direito. No entanto, Lyrna podia ver que a linha deles estava bem espalhada, a infantaria movendo-se apenas em fileiras duplas de modo a formar uma frente larga o suficiente para igualar-se à do inimigo. Ela ergueu a luneta, a poeira movendo-se o bastante para que pudesse enxergar a retaguarda deles.

— Nenhuma reserva — murmurou ela. *Ela pretende nos sangrar? Desperdiçar as vidas de um exército inteiro para reduzir o número de nossos soldados? Aquela parecia uma estratégia medíocre mesmo para uma mente insana. Por que não reunir forças suficientes para nos enfrentar em igual número mais adiante na estrada?*

Marven parou o exército a trezentos metros dos volarianos, e arqueiros cumbraelinos avançaram para formar três fileiras compactas na frente da linha. A tempestade a deixara com somente um terço dos que haviam zarpado por ordem da Senhora Abençoada. Porém, os cadáveres repletos de flechas que Lyrna vira em Alltor haviam fornecido amplas evidências do que até mesmo um número pequeno de arqueiros podia fazer, e ela tinha mais de três mil. Somadas aos arqueiros, havia as doze balistas montadas em carroções, que agora eram empurrados para a frente. Lyrna inspecionou cada uma com a luneta para certificar-se de que Alornis não havia conseguido de alguma forma escapar dos cuidados de Davoka, e soltou um leve suspiro de alívio com a sua ausência. Ela dera à lonak instruções estritas de amarrar as mãos e os pés da Senhora Artífice caso ela tentasse ir para a batalha, e esperava que isso não tivesse sido necessário.

Uma agitação tomou conta das fileiras vagas dos arqueiros quando a linha volariana chegou a duzentos metros de distância, a luneta avistando homens com os arcos preparados e erguidos para o alto, cada um com várias flechas fincadas no solo em volta dos pés. Eles dispararam como um só, a chuva de flechas densa o suficiente para que Lyrna pudesse discernir a trajetória das setas, uma nuvem escura e arqueada formando-se entre os arqueiros e os volarianos. A linha inimiga pareceu reluzir sob o peso do ataque, o centro sendo o mais castigado.

As balistas logo se juntaram aos disparos, e pelo menos vinte homens tombaram com a primeira saraivada; as fileiras dos batalhões centrais diminuía a cada passo. Lyrna viu um batalhão ser dizimado, deixando uma dezena ou mais de mortos e feridos a cada dez metros, até que inevitavelmente começou a se deslocar mais devagar, os homens em marcha vacilando enquanto os companheiros morriam ao seu redor. Ela viu um oficial virar o cavalo de um lado para outro, na retaguarda, agitando a espada e gritando ordens inaudíveis até que um virote de balista atravessou o seu peitoral com força suficiente para arrancá-lo da sela. O batalhão diminuiu ainda mais de velocidade, parou e então se desfez, os homens largando as armas e dando meia-volta para fugir, curvados debaixo da interminável chuva mortal.

Lyrna não conseguiu ouvir o grito que devia ter sido dado pelos cumbraelinos, mas sabia que seria uma expressão selvagem de vingança ainda não saciada por completo. Eles dispararam numa investida espontânea, largando os arcos e sacando espadas e machados, correndo na direção da brecha na fileira volariana. Não sendo homem de perder uma oportunidade, Marven deu o sinal para um avanço imediato, e a Guarda do Reino inteira correu adiante, a cavalaria à direita saindo em disparada ao mesmo tempo. Lyrna viu o ataque cumbraelino atingir o alvo antes que a nuvem de poeira ficasse densa demais para que se pudesse enxergar. Ela teve um vislumbre do centro volariano fragmentando-se sob a fúria da investida, mas em pouco tempo o campo inteiro transformou-se numa massa de poeira rodopiante e de sombras vagas e tremeluzentes de homens em combate.

— Bem, esse foi um espetáculo de merda — comentou Iltis.

— Alteza.

Lyrna virou-se ao ouvir o chamado baixo porém insistente de Murel, vendo-a apontar para algo ao norte: outra nuvem de poeira na margem oposta do rio. Lyrna apontou a luneta para a base da nuvem e avistou um aglomerado de cavaleiros avançando a galope.

— Cavalaria — murmurou ela, observando os cavaleiros aproximarem-se, notando que usavam armaduras vermelhas em vez do preto volariano de costume. Era uma força de tamanho considerável, mais de cinco mil, pelos seus cálculos. *A Imperatriz envia os seus Arisai*, ponderou, lembrando-se da descrição que o Irmão

Fretilis dera de uma de suas visões oníricas. *Por que não os enviou com o exército?*

— O rio é fundo demais para ser vadeado num raio de quilômetros — disse Benten. — Mesmo que tenham barcos, a batalha terá terminado antes de conseguir fazer a travessia. Os arqueiros os farão em pedaços.

Lyrna sentiu uma inquietação crescente no peito à medida que os cavaleiros de armadura vermelha se aproximavam, o curso deles ficando cada vez mais evidente ao chegarem mais perto. Ela esperara uma tentativa contra o flanco do exército, presumindo que possuíam algum meio de atravessar o rio, mas em vez disso os cavaleiros cavalgavam diretamente para o templo, na direção dela.

— Quantos guardas o Conde Marven nos deixou? — perguntou ela a Iltis.

— Dois regimentos, Alteza. O Décimo Segundo e as Adagas da Rainha.

Lyrna aproximou-se da beira da plataforma e olhou para o templo abaixo. Lorde Nortah claramente avistara os cavaleiros e estava posicionando a própria companhia de arqueiros na margem do rio. Como se sentisse o olhar dela, ele olhou para cima e gesticulou perplexo para a cavalaria que se aproximava.

Por que atacariam apenas para ficar dando voltas na outra margem do rio? O rio...

Lyrna voltou a luneta para a correnteza veloz e viu apenas a água agitada, cinzenta pelos sedimentos. Foi quando abaixou a luneta que notou algo estranho nas águas, como a correnteza parecia um pouco mais veloz perto do templo, as águas levemente mais claras.

— Há alguma coisa debaixo d'água — sussurrou ela, sabendo que era tarde demais.

A companhia de cavaleiros que vinha à frente galopou na direção da margem oposta e entrou no rio sem diminuir o passo, os cavalos afundando não mais do que meio metro na água, deixando-a espumosa enquanto continuavam a investir. Antes que Iltis agarrasse a sua mão e a puxasse para a escada, Lyrna teve um vislumbre de um dos homens de armadura vermelha, que tinha um sorriso radiante ao chegar perto da margem sul, rindo da parca saraivada dos arqueiros de Lorde Nortah.

Davoka estava esperando na base da escada, o rosto sombrio e a lança já ensanguentada. Alornis estava ao seu lado, olhando lívida e imóvel para a carnificina que acontecia no templo. O barulho era quase ensurdecedor, o choque de metais misturado com os gritos dos moribundos, os berros de desafio dos que ainda lutavam e as gargalhadas dos homens que haviam chegado para matá-la.

Ao deixar a escada, Lyrna viu uma das Adagas da Rainha, um sujeito enorme que empunhava um machado e gritava de fúria a cada golpe enquanto o seu oponente de armadura vermelha esquivava-se e fazia repetidos cortes precisos em seu rosto. Para

além deles, o templo estava envolto num tumulto de combate e metal rodopiante, Lorde Nortah mal visível em meio ao turbilhão, matando um Arisai e puxando uma das Adagas para perto, berrando ao tentar reunir uma formação defensiva. Apesar de sua habilidade, Lyrna podia ver que a sobrevivência dele devia-se em muito à Dança da Neve, a gata guerreira um borrão de garras e dentes ao abater um inimigo após o outro, aparentemente alheia aos ferimentos que lhe causavam nos flancos.

— Precisamos... — começou ela, dando um passo adiante.

— NÃO! — O punho considerável do Lorde Protetor fechou-se sobre o seu braço, fazendo Lorde Nortah desaparecer de vista enquanto ela era arrastada para longe.

— Lorde Nortah! — protestou Lyrna, tentando se soltar.

— Morrerá aqui defendendo a senhora, Alteza. — Iltis a empurrou contra uma parede quando um Arisai surgiu de um canto, soltando uma gargalhada de satisfação ao desferir uma estocada contra o Lorde Protetor com uma espada de lâmina estreita. Iltis contorceu-se para o lado e a ponta da lâmina do Arisai estilhaçou-se na pedra, embora ainda tivesse aço de sobra para bloquear o contragolpe alto de Iltis, mas velocidade insuficiente para esquivar-se da lança que Davoka cravou em sua virilha. Iltis empurrou o cadáver para o lado e segurou de novo o braço de Lyrna.

— Os cavalos estão amarrados na extremidade oeste do acampamento — disse ele. — Se eu tombar, Alteza, não se demore.

Mais dois Arisai apareceram para lhes bloquear o caminho, e Davoka e Iltis os atacaram no mesmo instante. Aquela parte do templo era composta principalmente de passagens estreitas que descreviam um caminho complexo entre as várias estruturas piramidais, limitando os movimentos dos combatentes, embora isso parecesse favorecer Iltis. O lorde corpulento prendeu o punho de sua espada no de um oponente, empurrando-o para baixo com o seu peso e acertando uma joelhada em seu peito, deixando-o sem ar, batendo então com a cabeça desprotegida do volariano na parede repetidas vezes até o crânio rachar como um ovo.

O que atacara Davoka conseguiu aparar as estocadas precisas da lonak com aparente facilidade, soltando uma gargalhada que morreu em sua garganta quando Lyrna arremessou uma adaga em seu pescoço. Um choque de aço às suas costas a fez se virar e ela viu Benten, de costas contra uma parede, a espada movendo-se numa velocidade frenética enquanto tentava repelir dois Arisai. Murel, agachada ao lado de Lyrna, soltou um grito de fúria e lançou-se sobre o inimigo mais próximo, cravando a sua adaga no braço do homem. O Arisai afastou o braço antes que ela pudesse recuperar a lâmina para outro golpe e deu um soco no rosto da dama que a fez cambalear para trás, depois avançou na direção dela com um sorriso largo no rosto e então tombando ao ter o pescoço perfurado pela espada de Benten. O outro Arisai jazia morto aos seus pés, mas o jovem lorde estava com uma das mãos sobre

um ferimento na lateral do corpo, e o sangue escorria por entre os seus dedos.

— Meu senhor! — Lyrna correu na direção dele e se viu contida por Murel. O olho da garota estava se fechando pelo inchaço e ela parecia um pouco tonta, mas ainda teve forças suficientes para evitar que Lyrna corresse para o lado de Benten quando mais três Arisai surgiram e um deles olhou rapidamente para o lorde ferido antes de lhe abrir a garganta com um golpe rápido e eficiente.

— Lirhnah! — A mão de Davoka agarrou o seu ombro e a puxou dali, o mundo tornando-se um borrão de combate frenético. Itlis ia à frente, tentando encontrar um caminho pelo labirinto de pedra, agora apinhado de cadáveres a cada esquina. Davoka protegia a retaguarda, parando para golpear com a lança qualquer Arisai que ficasse ao alcance. Ao lado de Lyrna, Murel segurava a mão de Alornis, o rosto da Senhora Artífice pouco revelando se ela tinha conhecimento do horror ao redor.

Itlis soltou um grito de frustração ao se deparar mais uma vez com o caminho bloqueado, abaixando-se sob uma espada e desferindo um contragolpe que deixou o seu atacante dando risinhos enquanto olhava para os dedos decepados. O Lord Protetor olhou ao redor, suas feições revelando um pânico que Lyrna achava que ele não fosse capaz de sentir. Foi o medo dele que a fez se recompor, afastando a visão de Benten, o sangue jorrando pelo pescoço aberto e encharcando o chão do templo. *Os deuses estão sempre sedentos...*

— Para o centro, meu senhor — disse ela a Itlis. — Pelo menos há aliados lá.

Ele hesitou por um momento e então fez uma medida curta.

— Peço perdão pelo meu fracasso...

— O tempo está contra nós, meu senhor. — Uma das Adagas da Rainha jazia ali perto, uma mulher esbelta de cabelos escuros, sua machadinha aninhada nos braços como se agarrasse um bebê amado. Lyrna agachou-se para recolher a arma e fez sinal com a cabeça para que Itlis prosseguisse.

Eles foram obrigados a abrir caminho lutando até os defensores sobreviventes de Lorde Nortah, talvez cinquenta deles num círculo compacto no centro do templo, cercados por uma muralha crescente de mortos. Itlis matou um Arisai pelas costas e desferiu grandes golpes de ambos os lados segurando a espada com as duas mãos, abrindo passagem suficiente para que Lyrna e Murel atravessassem com Alornis entre elas. Itlis tentou segui-las, mas caiu quando um Arisai lhe chutou as pernas, outros se aproximaram para dar cabo dele, mas Davoka aterrissou no meio dos guerreiros, a lança girando e arrancando olhos e mãos estendidas. Ela parou para levantar Itlis e o Lorde Protetor abriu caminho em meio à multidão de homens de armadura vermelha, seguido de perto pela lonak, a lança ainda girando.

Lyrna foi colocada depressa no meio da formação, onde encontrou Dança da Neve

caída de lado, com pedaços de carne rasgada presos nas garras, o pelo coberto de sangue, assim como o chão de pedra debaixo da gata. Apesar dos ferimentos, os grandes olhos amarelos ergueram-se para Lyrna tão brilhantes quanto antes. Ela até mesmo ronronou baixo quando Alornis ajoelhou-se e passou a mão pela sua cabeça.

Lyrna ergueu a cabeça quando a cacofonia cessou de súbito, o entrechoque de armas desaparecendo e deixando somente os gemidos dos feridos. Havia Arisai por todos os lados, mas eles pareciam ter recuado um pouco. Muitos estavam feridos, alguns gravemente, sem olhos ou de pé com talhos no rosto ou com sangue escorrendo em abundância de buracos das armaduras, mas todos estavam sorrindo, não em zombaria, ou de crueldade, mas de alegria.

É para isso que foram criados, pensou Lyrna, percorrendo com os olhos o mar de rostos felizes. *Uma nova raça nascida para ter prazer com a matança. O volariano criado à perfeição.*

As Adagas da Rainha estavam ao seu redor, respirando fundo em arfadas irregulares, tensos para o próximo ataque. A maioria tinha ferimentos ensanguentados, alguns os olhos arregalados de choque ou pesar. *Mas, ainda assim, não de medo*, percebeu Lyrna, notando como as fileiras deles se fechavam à sua volta, muitos lançando olhares furtivos como se temessem a desaprovação dela. *A Imperatriz criou algo abominável*, concluiu. *Eu criei algo grandioso.*

— Parece que nós os deixamos felizes — disse ela, levantando-se do lado da gata de guerra. Lyrna ergueu a machadinha acima da cabeça, a lâmina ensanguentada evidência de que a sua dona morrera lutando, assim como ela pretendia fazer. — Fiquem comigo e os faremos chorar!

As Adagas da Rainha urraram em uníssono, um brado selvagem de desafio e sede de sangue, agitando as armas na direção dos Arisai e fazendo provocações repletas de obscenidades.

— Vou fazer você comer as próprias bolas, seu risonho de merda! — gritou um homem robusto, que segurava uma alabarda, ao Arisai mais próximo, que pareceu achar isso ainda mais engraçado.

Lyrna encontrou o olhar de Lorde Nortah e viu a determinação sombria em sua expressão. Ele olhou para Dança da Neve, que agora estava de olhos fechados, e um espasmo de fúria e pesar passou pelo seu rosto antes de se empertigar.

— Vamos tirar a Rainha daqui! — gritou ele aos seus soldados. — Formação de ataque!

A resposta foi imediata, as Adagas da Rainha movendo-se com uma precisão natural resultante de meses de treinamento, assumindo uma formação de cunha dentro de poucos segundos. Nortah ergueu a espada, preparando-se para dar a ordem

para avançar, mas então parou ao ver uma agitação nas fileiras de Arisai. A multidão abriu caminho e revelou uma figura alta, de armadura vermelha tal como eles, mas o seu rosto era o de um homem muito mais velho, as feições longas e magras, lábios finos e olhos azul-claros. Além disso, diferente dos Arisai, ele não sorria.

Lyrna viu Nortah baixar o braço da espada ao olhar boquiaberto para o homem alto, o rosto tomado pela perplexidade.

— Aspecto?

CAPÍTULO NOVE

Reva

— Por que você não... com medo?

A língua do Reino de Lieza era adequada, mas não perfeita, embora fosse consideravelmente melhor do que o volariano de Reva. Ela estava sentada na única cama, com os braços em volta dos joelhos, os olhos brilhantes enquanto observava Reva praticar suas séries de movimentos de espada. No primeiro dia de confinamento, Varulek lhe fornecera uma espada curta de madeira e alguns conselhos veementes. “Prepare-se com todo o vigor. A arena não se importa com quem você era, apenas com o que pode ser”.

Seus alojamentos consistiam numa câmara cavernosa sem janelas, o que lhe dava espaço mais do que suficiente para praticar. Reva dançava pelo piso coberto de mosaicos, esquivando-se por entre pilares elegantes de mármore negro com veios brancos. As paredes eram decoradas com pinturas desbotadas que retratavam várias feras e homens em combate, e Reva notou como Lieza fazia o possível para não olhar para elas. Uma grande banheira havia sido inserida no piso no fundo da câmara, enchida com água quente através de algum dispositivo oculto de canos. Porém, fora a cama, havia pouco que pudesse ser chamado de mobília, ou qualquer coisa pesada o suficiente para ser usada como uma arma decente. Até mesmo a espada de madeira era feita de sândalo, e provavelmente se despedaçaria ao primeiro contato com qualquer coisa sólida.

— O medo mata — disse Reva à escrava, rodopiando numa última combinação de aparas e estocadas. — Você teria menos medo se treinasse comigo.

A série era invenção sua, uma variante bastante modificada de uma das séries padronizadas da Ordem de Vaelin, elaborada para enfrentar os Kuritai. No entanto, de acordo com o que Lieza lhe contara sobre os espetáculos, Reva concluiu que talvez fosse preferível enfrentar os escravos de elite. Ela questionara rigorosamente a garota durante horas, parando somente quando ela começou a chorar, as lágrimas escorrendo enquanto se atrapalhava com a descrição de alguma espécie de gato com dentes como adagas.

— Eu não uma... guerreira como você. — Lieza abraçou-se com mais força, encostando a cabeça nos joelhos.

— Então o que você é? — perguntou Reva.

— Escrava. — A garota falou num murmúrio, sem erguer a cabeça. — Sempre só escrava.

— Você deve ter habilidades.

— Números, letras, língua. — Lieza encolheu os ombros. — Meu mestre me ensinou muito. Não vai ajudar aqui. Eu sou Avielle, você Livella.

— E quem são elas?

— Irmãs. Uma fraca, outra forte.

Reva grunhiu de irritação e foi até a cama, agarrando a garota pelos pulsos e a colocando de pé.

— Olhe para mim! — Ela segurou o queixo de Lieza e o ergueu, sacudindo-a até que abrisse os olhos, úmidos e brilhando alarmados. — Basta disso. Precisaremos de todas as nossas forças, suas e minhas, para o que quer que nos espere aqui, se quisermos sobreviver.

A garota se encolheu e as lágrimas voltaram a escorrer.

— Eu não como você...

Reva ergueu a mão para esbofeteá-la. *Bote alguma coragem nela à força, faça-a praticar e bata nela toda vez que vacilar. Ela aprenderá depressa o suficiente se eu colocar alguns hematomas naquelas pernas perfeitas, a pecadora desgraçada e bastarda...*

Suas mãos tremeram com um espasmo involuntário, permitindo que Lieza se afundasse de novo na cama, a cabeça abaixada, sentindo-se miserável.

— Desculpe — disse Reva, afastando-se da garota chorosa, seu coração batendo depressa.

O som de chaves sacudidas foi ouvido do outro lado da grossa porta de ferro. As dobradiças rangeram ao se abrir, revelando Varulek com dois Kuritai às suas costas. Ele olhou de Reva para Lieza, que ainda chorava.

— Fui instruído a punir essa aí caso ela não consiga lhe agradar — disse ele.

— Ela me agrada o suficiente — afirmou Reva. — O que você quer?

Varulek afastou-se da porta, inclinando a cabeça num gesto surpreendentemente cortês de convite respeitoso.

— O louro lutará hoje. A Imperatriz achou que você gostaria de assistir.

Sua ideia inicial foi recusar, não desejando testemunhar o assassinato do Escudo. Contudo, ela não encontraria uma oportunidade para escapar ali, e talvez o pirata merecesse que o seu fim fosse testemunhado por pelo menos uma aliada. Reva

jogou a espada de madeira na cama, ao lado de Lieza.

— Tente, pelo menos — disse ela em voz baixa, colocando a mão no ombro da garota. — Copie o que me viu fazer.

A cabeça da garota balançou no que pareceu ser um assentimento e Reva foi até a porta, notando como os Kuritai mantinham um espaço de no máximo quinze centímetros entre eles e Varulek. *Ele tem medo de mim*, concluiu ela, deprimida pelas constantes evidências de que o Mestre da Arena não era tolo. Ele permanecia inabalado com os insultos que Reva lhe lançava, estava sempre fora de alcance e certificava-se de que os punhos dela estivessem agrilhoados nas raras ocasiões em que tinha permissão de deixar a câmara.

Reva ficou imóvel quando um dos Kuritai levou uma faca à sua garganta, o outro fechando os grilhões em volta de seus pulsos. Ela calculava que despachar um deles seria relativamente simples, bastaria passar as correntes em volta da garganta e quebrar o pescoço, mas ainda precisava elaborar uma manobra que evitasse que o outro a matasse um segundo depois. Além do mais, Reva achava improvável que Varulek simplesmente ficasse parado e a ajudasse a escapar. Embora o volariano tivesse proporções medianas, ela podia ver pela sua postura e pela força evidente nas mãos tatuadas que o combate não lhe era estranho. *Talvez já tenha sido um soldado?*

— Seus aposentos são aceitáveis? — perguntou ele, conduzindo-a ao longo da passagem. Eles estavam nas profundezas da arena, o corredor levando a uma longa escadaria que subia num arco curvo alinhado com a gigantesca arena oval.

— Seria bom ter uma mesa e uma cadeira — falou Reva ao começarem a subir os degraus.

— Seriam quebradas com facilidade e as pernas usadas como porretes — retorquiu ele. — Então, infelizmente, tenho de recusar.

Reva segurou um suspiro de frustração, ponderando mais uma vez sobre a predileção do Pai de colocar obstáculos em seu caminho. *Por que não me permitir um carcereiro estúpido?*, perguntou a ele. *Se o seu objetivo é me punir, tentar escapar deste lugar sem dúvida servirá para isso num piscar de olhos.* Não houve resposta, é claro, e o Pai permanecia tão alheio às suas súplicas como sempre fora, embora agora ela pelo menos visse uma razão. *Eu menti em seu nome. Não posso achar que mereço viver.*

— Alguns livros para a garota, então — disse ela. — Acho que ela apreciaria uma distração.

— Cuidarei disso.

Subiram em silêncio durante algum tempo, passando por várias plataformas de

sentinela, cada uma com uma dupla de Kuritai em sua típica imobilidade de olhar vazio. Quanto mais subiam, mais ornamentada a estrutura que os cercava se tornava, os tijolos expostos dando lugar a paredes lisas decoradas com mosaicos e ocasionais esculturas em alto-relevo. Reva ficou surpresa ao notar que a maior parte da decoração mostrava sinais de vandalismo não reparado, escritos desconhecidos arrancados a cinzel ou imagens sujeitas a marteladas despedaçadoras. Pela cor da pedra, ela deduziu que aqueles eram estragos antigos.

— Esta é uma construção muito antiga — comentou Reva ao se aproximarem do nível térreo da arena, a passagem estreita ecoando com um zunido baixo que aumentava a cada passo. Era um som que Reva conhecia muito bem, similar aos gritos coletivos dos arqueiros nas muralhas de Alltor quando desafiavam os volarianos a marcharem para outra chuva de flechas, o brado de muitas almas sedentas de sangue.

— De fato — disse Varulek. — Na verdade, é a mais antiga da cidade. Produto de uma era menos esclarecida. — Ela notou uma entonação nova na voz geralmente impassível dele, um leve porém discernível tom de desprezo.

— Menos esclarecida?

— Assim dizem os historiadores imperiais.

Reva viu como os olhos de Varulek se demoraram numa estátua ao subirem o último degrau e entrarem na passagem larga e arqueada que levava à arena propriamente dita. Era uma figura de bronze típica, como as muitas que vira na viagem até ali, um homem, como costumavam ser, que empunhava uma espada curta no alto num gesto de desafio heroico. Ela podia ver pelo lustre no bronze que a estátua era relativamente recente, mas o pedestal em que estava era muito mais antigo, um cilindro entalhado de mármore dourado-avermelhado, uma placa de ferro pregada na lateral sem muita consideração com a pedra, que estava rachada e lascada em vários lugares.

— Antes havia outra estátua no pedestal — disse Reva. — Quem era?

Varulek tirou os olhos da obra e começou a andar a passos mais largos.

— Savorek — respondeu ele numa voz seca. — O maior dos guardiões.

— Guardiões de quê?

Ele a conduziu até outra escada, que levava ao nível superior. Varulek permaneceu em silêncio até subirem a escada e o barulho da multidão tornar-se uma cacofonia incessante, quase abafando a sua resposta, mas Reva a ouviu.

— De tudo o que nos foi tirado.

Ele a levou por uma série de corredores, o caminho ladeado por guardas a cada dez metros. A maioria ali era de Espadas Livres, embora suas armaduras e armas

tivessem uma aparência menos uniforme do que a dos recrutados que enfrentara no Reino. Contudo, apesar da falta de uniformidade, Reva notou que todos tinham a mesma expressão: olhos mais arregalados do que o normal, rostos pálidos e maxilares que se contraíam intermitentemente. *Todos eles estão aterrorizados*, compreendeu ela, voltando o olhar para o balcão onde uma figura esguia estava sentada num banco acolchoado.

A Imperatriz levantou-se para recebê-la ao entrar no balcão, o seu sorriso desconcertante em sua cordialidade genuína. Ela se aproximou e inclinou-se para lhe beijar o rosto.

— Que bom que você veio, irmãzinha.

Reva cerrou os punhos com a proximidade dela, não gostando do fato de que o perfume da Imperatriz agradava os sentidos de modo sutil. Porém, qualquer impulso violento foi contido ao avistar os cinco Arisai no balcão, cada um cumprimentando Reva com um sorriso de boas-vindas, enfurecedor por sua intimidade. *Acham que estão vendo alguém igual a eles*, pensou ela, enojada com a ideia.

A Imperatriz recuou, virou-se para Varulek e acenou para a multidão de forma impaciente.

— Cale-os.

O homem de preto foi até a beira do balcão e ergueu a mão para olhos invisíveis abaixo. Quase que de imediato ouviu-se o som de muitas trombetas, as notas formando uma melodia estridente repleta de uma autoridade implacável. A multidão ficou num silêncio absoluto no mesmo instante, não perturbado nem mesmo pela mais leve tosse ou grito ocasional, como se cada alma presente tivesse prendido a respiração ao mesmo tempo e temesse soltá-la.

— Honoráveis Cidadãos e gentalha de todos os tipos! — gritou-lhes a Imperatriz, avançando até que os dedos dos pés descalços ficassem para fora da beirada do balcão, sua voz ressoando com uma facilidade quase sobrenatural até os cantos mais afastados da arena. — Antes de deliciar os seus corações pestilentos com ainda mais sangue, eu gostaria de apresentar uma convidada ilustre do outro lado do oceano. — Ela gesticulou para Reva, seus lábios dando o sorriso encorajador de uma irmã mais velha. Reva não se mexeu, até que um Arisai forçou uma tosse, coçando o queixo com uma careta de desculpas, a outra mão apoiada na adaga em seu cinto. Ela foi lentamente para o lado da Imperatriz, contraindo-se quando a mulher agarrou o seu pulso agrilhado e o ergueu. — Eu lhes apresento a Senhora Governadora Reva Mustor de Cumbrael! — tornou a gritar a Imperatriz. — Muitos de seus filhos e esposos sem dúvida tombaram pelas mãos dela, merecidamente, aliás. No entanto, mesmo que nenhum de vocês seja digno de beijar os pés desta mulher, eu ainda assim determinei que ela irá entretê-los aqui no seu devido tempo.

Sua Imperatriz não é generosa?

Ela apertou com mais força os pulsos de Reva, o rosto uma máscara de intensa malícia. A Imperatriz continuou encarando a multidão no que pareceu uma eternidade, percorrendo com os olhos cada fileira silenciosa, como se procurasse a menor expressão de deslealdade. Por fim, ela grunhiu e soltou Reva, voltando para o banco e gesticulando irritada para Varulek.

— Ande logo com isso. Irmãzinha, venha se sentar ao meu lado.

As trombetas tornaram a ressoar, uma nota menos estridente desta vez, quase alegre. Os murmúrios da multidão aumentaram de novo quando Reva se sentou ao lado da Imperatriz, não ouvindo nenhum grito de empolgação entre a tensão de milhares que trocavam sussurros temerosos.

Um escravo trouxe chá em pequenas xícaras de vidro, assim como uma seleção de bolos belamente decorados, cada um deles um cubo perfeito de coberturas coloridas, encimados por algum tipo de folha de ouro minúscula.

— Meu brasão — disse a Imperatriz, erguendo um dos bolos para que Reva o examinasse, revelando que o brasão era uma adaga diminuta dentro de um círculo de corrente. — Morte e servidão, minhas duas dádivas. — Ela riu e colocou o bolo na boca, franzindo o cenho consternada ao mastigar, seu rosto não revelando mais satisfação do que se estivesse comendo um pão puro.

Reva voltou a atenção para a arena, vendo que o balcão oferecia uma visão quase total do campo de areia. Ela calculou que talvez tivesse duzentos metros de largura e quase trezentos de comprimento. A areia estava sendo preparada por alguns escravos, que passavam rodos sobre diversas manchas escuras, sem dúvida evidências de alguma matança que ocorrera antes. O olhar de Reva esquadrinhou a multidão e ela notou como a entonação das vozes misturadas havia mudado, o medo dando lugar a um burburinho coletivo de expectativa. *Eles a temem, mas não conseguem resistir ao que ela oferece aqui*, concluiu Reva com desprezo.

— Sim, horríveis, não? — comentou a Imperatriz, bebericando o chá.

Reva engoliu um suspiro.

Não sinta nada. Não pense em nada.

— Você odeia o seu povo como eu odeio essa gente? — prosseguiu a Imperatriz. — A ingenuidade deles deve ser cansativa às vezes.

Reva sabia que estava sendo provocada, que aquela coisa estava tentando estimular uma raiva que pudesse revelar algo de novo. No entanto, não havia raiva em seus pensamentos ao voltá-los para o seu povo, o seu povo crente e confiante.

— Eles rechaçaram o seu melhor exército durante meses — disse Reva. — Famintos e sem esperança, eles deram o sangue e a vida para salvarem uns aos

outros. Seu povo se deleita com a crueldade e faz do assassinato um entretenimento. Reservarei o meu ódio a eles.

— E a sua culpa para si mesma. — A Imperatriz deu uma mordida em outro bolo, erguendo as sobrancelhas com leve desapontamento. — Tudo tem gosto de cinzas — murmurou ela, jogando o bolo de lado.

Reva tentou ignorar o peso do olhar da Imperatriz concentrando-se numa nova agitação na arena. Dois grupos de homens estavam surgindo de portas em extremidades opostas, os brados excitados da multidão logo cessando quando a condição dos homens tornou-se clara. Estavam todos nus e a maioria era de meia-idade ou mais velhos, pálidos e trêmulos sob o escrutínio da multidão, alguns com as mãos sobre os genitais de forma protetora, outros parados em aparente perplexidade ou choque.

— Com licença por um momento, irmãzinha — disse a Imperatriz, levantando-se mais uma vez. Ela foi até a beira do balcão, onde um Arisai aguardava com um joelho no chão e estendia uma espada curta. — Como mais uma prova da generosidade ilimitada de sua Imperatriz — gritou ela, gesticulando com o braço de um extremo ao outro da arena —, acrescento mais duas equipes às veneráveis Corridas da Espada! À minha direita, a Honorável Companhia de Traidores. À minha esquerda, a Nobre Ordem dos Oficiais Corruptos. Ambas conquistaram o meu desagrado com sua deslealdade e ganância, mas a minha compassiva alma feminina me obriga a ser misericordiosa. Haverá apenas um vitorioso na competição de hoje, que terá permissão de viver o resto de seus dias como escravo e a família poupada das três mortes.

Ela pegou a espada do Arisai ajoelhado e a arremessou no centro da arena. Reva não conseguiu deixar de ficar impressionada com a habilidade do arremesso, que fez a espada afundar na areia até o punho. A Imperatriz virou-se quando as trombetas tocaram uma nota curta, o murmúrio da multidão agora uma mistura de espanto e confusão.

Os dois grupos de homens nus continuaram imóveis quando a nota cessou, trocando olhares cautelosos ou olhando para a multidão com o rosto manchado pelas lágrimas e uma leve esperança no ar. Por um momento pareceu que simplesmente continuariam parados ali, paralisados pelo terror, até que um grupo de arqueiros Varitai posicionado nos níveis superiores disparou uma saraivada de flechas na areia ao redor de seus pés. Um dos homens nus afastou-se do grupo de imediato, disparando na direção da espada com uma velocidade surpreendente para um sujeito com uma barriga tão avantajada. Vários homens começaram a correr no seu encalço, fazendo os seus oponentes se moverem. Logo os dois grupos estavam correndo na direção um do outro num estouro de carnes flácidas e suadas, as vozes erguidas num

desafio desesperado. O homem gordo foi o primeiro a chegar à espada, arrancando-a da areia e a agitando contra a equipe adversária quando se aproximaram, uma nuvem brilhante de sangue surgindo na massa de carnes que se chocaram. O homem gordo logo desapareceu de vista, afundando num mar de membros agitados enquanto os combatentes se atracavam com uma ferocidade inexperiente. A espada reapareceu, erguida na mão de um velho magricela de cabelos grisalhos e desgrenhados. Ele golpeou repetidas vezes a multidão que o cercava, os olhos arregalados de loucura, antes de ser arrastado e desaparecer de vista.

— Não desperdice a sua piedade — disse a Imperatriz a Reva, tornando a se sentar. — São todos homens de preto, e não há um entre eles que não tenha sangue nas mãos. — Ela se aproximou, baixando a voz a um sussurro conspirador, como se fossem duas garotas trocando fofocas: — Então, está gostando de Lieza? Não a acha uma coisinha doce?

Reva estava determinada a não responder e manteve o olhar na multidão agora minguate de infelizes combatentes. Muitos estavam caídos na areia, feridos ou cansados demais para continuar lutando, mas um grupo compacto deles ainda se enfrentava no meio da arena, uma massa rodopiante de carnes avermelhadas com a espada no centro.

— Posso providenciar uma substituta — prosseguiu a Imperatriz. — Caso ela não esteja se mostrando do seu... agrado.

Não pense em nada. Não sinta nada.

— Eu a acho... aceitável.

— Fico feliz. Afinal, você é a Honorabilíssima Garisai. Os aposentos que lhe foram dados são tradicionalmente reservados para os campeões mais celebrados. Veja bem, antigamente os Garisai não eram escravos, mas sim homens e mulheres livres, que vinham honrar os deuses com sangue e coragem. Os invictos eram elevados a grandes posições, recebiam todos os luxos e prazeres, pois os deuses favoreciam aqueles que conseguiam saciar a sua sede infindável.

— O que aconteceu com eles? — perguntou Reva, observando um grupo de cinco sobreviventes cercar o homem que agora empunhava a espada, aproximando-se enquanto ele tentava afastá-los com estocadas desajeitadas, o rosto pálido de exaustão. — Com os deuses.

— Nós os matamos — respondeu a Imperatriz, voltando a atenção para a arena quando a competição se aproximou de sua conclusão.

O homem com a espada matou um oponente alto mas idoso, antes que os outros chegassem perto e o derrubassem, punhos subindo e descendo num frenesi até que um se afastou com a espada, virando-se de pronto para golpear os antigos aliados,

soltando um grito bestial a cada golpe. A multidão havia ficado mais uma vez em silêncio e a fúria ritmada do homem reverberava pelos níveis ascendentes, parando em meio a arfadas ao dar cabo da última vítima e cair de joelhos na areia, chorando, o torso flácido vermelho do pescoço à cintura.

A Imperatriz estreitou os olhos por um momento para a figura encolhida.

— Um dos corruptos — disse ela antes de se virar para Varulek. — Certifique-se de que ele dê cabo dos feridos e então o mande para a Casa da Moeda. Carregar sacos de ouro e prata pelo resto da vida talvez lhe ensine o verdadeiro valor do dinheiro.

Ela se recostou, esticou a mão e passou os dedos pelas madeixas do cabelo de Reva que haviam escapado de sua longa trança.

— Os deuses já não tinham serventia para um povo disposto a ter um grande futuro, um destino que só poderia ser alcançado pela união e pela razão objetiva — afirmou ela num tom de reflexão. — Pelo menos foi o que o meu pai me disse certa vez.

— Eles não eram reais — disse Reva. — Seus deuses morreram enquanto o Pai do Mundo permaneceu. — Ela observou quando dois Arisai ergueram o único sobrevivente e o empurraram na direção da forma prostrada de um homem com a barriga aberta por um talho, uma mão agarrada às entranhas que saíam enquanto erguia a outra numa súplica vã por misericórdia. — Vocês construíram uma nação de horrores.

— E o que é a sua nação, irmãzinha? Uma perfeita civilização? Eu a vi, e acho que não. Vocês rastejam para um sonho anotado séculos atrás, continuando com a rixa interminável com aqueles que por sua vez rezam às almas imaginadas dos mortos.

— Uma rixa que agora terminou, graças a você.

— E a você, Senhora Abençoada. Aquela que fala com a voz do Pai. — Ela deu uma risada baixa quando o desconforto de Reva aumentou. — Ah, sim, eu compreendo. Você *mentiu*. Milhares a seguiram até aqui para morrer, tudo por causa das palavras que você disse em nome de um deus surdo-mudo. E, apesar de nunca de fato ter ouvido a sua voz, você ainda receia ser punida por ele.

Ela se inclinou para mais perto, e Reva manteve o olhar fixo na arena e no último homem, cambaleando feito um bebê ao ir de uma figura aleijada a outra.

— Deixe isso de lado, irmãzinha — sussurrou a Imperatriz no tom urgente de um pedido honesto. — Eu posso lhe mostrar tantas coisas.

Reva viu o último dos feridos morrer antes de os Arisai arrastarem o sobrevivente para fora da arena, suspenso entre eles, a cabeça jogada para trás enquanto

tagarelava com uma voz enlouquecida.

— Já vi o suficiente — disse ela.

Reva sentiu o hálito da Imperatriz em sua face quando ela soltou um pequeno suspiro, beijando-lhe o rosto antes de se afastar.

— Sinto que tenho de discordar, minha senhora.

Os escravos levaram quase meia hora para remover os corpos da arena e limpar o sangue empoçado da areia. A Imperatriz permaneceu em silêncio durante esse tempo, seu rosto assumindo uma expressão estranhamente vazia, os olhos embaçados. De vez em quando seus lábios se moviam num murmúrio silencioso, sua fronte se franzia em confusão com alguma perplexidade interna, suas feições ocasionalmente retesando-se numa máscara de espanto tão pesaroso que Reva se viu abafando uma pontada de pena. *Esta coisa é louca*, compreendeu. *Uma Imperatriz louca para um império erguido com razão objetiva.*

As trombetas soaram de novo e a Imperatriz piscou, endireitando-se para ver as figuras que saíam de uma porta da parede da arena. Havia dois homens, ambos altos, um louro, outro moreno. O louro empunhava uma espada curta, enquanto o seu companheiro carregava uma lança. Vestiam calças de couro, mas nenhuma armadura, os peitos nus enquanto olhavam para os níveis ao redor. Ao contrário dos infelizes homens de preto que os haviam precedido, não havia qualquer sinal de súplica em seus rostos; estavam tensos, por certo, mas não dispostos a implorar.

A multidão recobrou um pouco da animação diante da perspectiva de um entretenimento que lhes era familiar, numerosas vozes erguendo-se em escárnio ou apreciação, o horror da Corrida da Espada aparentemente esquecido. Os pulsos de Reva raspavam nos grilhões quando ela cerrou os punhos, e seu olhar voltou-se para o rosto do Escudo. Sua barba havia sido raspada, revelando feições belamente esculpidas que ela sabia terem atraído a atenção de muitas senhoras do Reino. Ela notou o reconhecimento dele quando Ell-Nestra encarou o balcão e baixou a cabeça numa saudação rápida. Reva olhou para o moreno e viu que era um jovem de não mais do que vinte anos, o rosto rígido com um medo controlado que desapareceu quando a avistou. A sensação de reconhecimento foi quase nauseante, e Reva se viu de pé quando o jovem alto caiu de joelhos, a lança erguida no alto com as duas mãos. Ele gritou alguma coisa que se perdeu em meio aos brados bestiais da multidão, mas Reva sabia bem qual era o significado.

Alegra-me vê-la, Senhora Abençoada.

— Você conhece o mais novo também? — perguntou a Imperatriz, seu dom decifrando os sentimentos de Reva com uma facilidade execrável.

Reva não soube por que respondeu. Talvez porque quisesse que ele tivesse

alguma forma de memorial, alguém que dissesse o seu nome antes que morresse.

— Allern Vares — disse ela, as palavras arranhando a garganta seca. — Da Terra dos Rios e Guarda da Casa Mustor.

— Tanta culpa. — A Imperatriz colocou uma mão solidária em seu ombro, puxando-a para perto. — Você precisa aceitar quem e o que é. — Ela acenou para Allern, que continuava ajoelhado. — Ele e a sua laia jamais chegarão ao nosso nível. A natureza fez deles nossos servos. Uma verdade que acredito que a sua rainha compreendeu há muito tempo.

Ela deu um último abraço em Reva e foi mais uma vez para a beira do balcão, a multidão calando-se de imediato com o toque das trombetas.

— Antigamente! — gritou ela. — Quando este império sofria com superstições e ilusões, este dia era conhecido como o Festim dos Irmãos Caídos. Uma celebração da batalha final travada pelos únicos mortais a serem elevados à posição de Guardiões. Eu lhes apresento Morivek e Korsev!

Ela estendeu um braço para o Escudo e Allern, o jovem agora de pé, o olhar ainda fixo em Reva, sorrindo e aparentemente alheio às palavras da Imperatriz ou aos gritos entusiasmados da multidão.

— Desfrutem enquanto eles enfrentam os mais mortais dos Dernos — entoou a Imperatriz, erguendo a mão para um portão na extremidade oeste da arena. — Os Arautos da Queda!

O portão se abriu quando as trombetas tornaram a soar, a multidão explodindo em vivas ao ver as criaturas que entravam na arena. A princípio Reva achou que fossem parentes da gata guerreira de Lorde Nortah, mas logo percebeu que era uma raça completamente diferente, de corpo mais esguio e não tão alto. Além disso, a coloração também era diferente, o pelo rajado de amarelo e preto do pescoço à cauda. Porém, a principal diferença eram os dentes, e cada um dos animais possuía um par de presas semelhantes a adagas, que arreganhavam sem parar ao fazerem força contra as correntes. Havia nove deles, acorrentados em grupos de três sob o controle de um domador, homens grandes em armaduras de couro segurando as correntes dos gatos numa das mãos e um longo chicote na outra.

— Dentes-de-adaga — disse a Imperatriz, voltando para o lado de Reva. — Dizem que foram criados no fosso de fogo pelos Dernos e enviados como anúncio da iminente destruição da humanidade. Os antigos sacerdotes estavam sempre prevendo o fim de tudo, grandes calamidades e pragas que só podiam ser evitadas com mais homenagens aos deuses, e tributos aos templos, naturalmente.

Reva tentou acalmar o coração quando os domadores permitiram que as feras chegassem mais perto dos dois homens no centro da arena, os gatos sibilando e

contorcendo-se nas correntes, aparentemente enlouquecidos de desejo por sangue.

— Os filhotes mais ferozes foram criados dessa forma. Mantidos num estado permanente de inanição. A arena é o único lugar que eles associam com carne em abundância. Por isso tal ânsia.

Allern e o Escudo se aproximaram um do outro, o jovem guarda fazendo uma última mesura a Reva antes de assumir postura de combate. *Arentes o ensinou bem*, pensou ela, perdendo a batalha para controlar o coração, o suor acumulando-se em sua testa enquanto ele palpitava contra o peito.

— Não — disse ela num sussurro, deixando de lado todo o orgulho e a atitude desafiadora, sabendo que aquilo era algo que não podia testemunhar. — Por favor.

— Está pedindo um favor, irmãzinha? — A Imperatriz colocou as mãos nos ombros de Reva, virando-a e ficando face a face com ela. — O que você me dará em troca?

— Eu lutarei — sussurrou Reva. — No lugar deles.

— Você lutará aqui de qualquer forma. E prometi um espetáculo terrível ao meu povo terrível. O que mais você pode oferecer? — Ela abraçou Reva, sua respiração suave no ouvido dela. — Quando o meu amado vier até mim, derrotaremos o Aliado e o mundo será nosso. Venha comigo, irmãzinha. Eu lhe darei o Reino para governar em meu nome. Fique com o seu Pai do Mundo, se quiser. Não me importa que mentiras você conte. Leve estes dois como servos. Com o condicionamento certo, eles serão realmente aterrorizantes. Você poderia destruir todas as outras crenças, banir para sempre a fé herética, levar o amor do Pai a todos os cantos do Reino.

Ela recuou, sorrindo com ternura ao passar a mão pelo rosto de Reva, enxugando a lágrima solitária que escapara de seu olho.

— Não é o que você sempre quis?

Reva olhou para a arena, vendo como os domadores colocavam os gatos em círculo ao redor de Allern e do Escudo, aproximando-se cada vez mais.

— Você tem um dom — disse Reva à Imperatriz. — Uma canção que lhe conta os sentimentos dos outros.

— Ela me conta muitas coisas.

Reva virou-se e a olhou nos olhos.

— O que ela está lhe contando agora?

Um lampejo de alarme passou pelo rosto da Imperatriz e sua boca crispou-se numa mistura de divertimento e frustração quando começou a recuar, tarde demais.

Reva jogou a cabeça para a frente, batendo com a testa na boca da Imperatriz, fazendo-a cambalear para trás. Os Arisai responderam de imediato, as espadas

chiando ao deixarem as bainhas, aproximando-se por todos os lados, exceto um. Reva correu para a beira do balcão e pulou.

CAPÍTULO DEZ

Vaelin

Dahrena retornou ao seu corpo com um grito, dobrando-se para a frente com o rosto tenso de aflição. Vaelin a abraçou e a segurou até que parasse de tremer. Ela voara apenas por um curto período de tempo por insistência própria, uma vez que os montanhese ainda não haviam aparecido, de modo que Vaelin deduziu que a sua aflição não se devia aos estragos causados pelo seu dom.

— Eles agora estão nas montanhas — disse ela, erguendo o olhar para ele com uma intensidade pálida. — Matando todos que conseguem encontrar. Ele sabia, Vaelin. Ele sabia que eu estava vendo, e gargalhou.

Vaelin reuniu os anciões do Povo Lobo para ouvir o relato dela e observou o último vestígio de esperança desaparecer de cada rosto; a Sombra do Corvo havia de fato sido lançada e o sofrimento prometido havia tanto tempo chegara.

— Há muitos Varitai entre eles — disse Dahrena —, e também Kuritai. Os Espadas Livres não são tão numerosos, a maioria é da cavalaria, e suas almas estão perturbadas, brilhando vermelhas de desconfiança e medo. Entraram nas montanhas há dois dias. Vi evidências de uma batalha e o que restava de um povoado. Todos estavam mortos, jovens e velhos. Não fizeram prisioneiros. Eles não vieram pelos escravos. — Ela fez uma pausa, mantendo os olhos fechados enquanto se forçava a lembrar. — Foram feitas coisas aos que eles capturaram vivos. Foram muitos e prolongados os seus tormentos. — Ela encontrou o olhar de Vaelin. — Ele queria que eu visse.

— Onde eles estão agora? — perguntou Vaelin.

— Movendo-se para nordeste. Estão mantendo uma formação compacta, fazendo poucas patrulhas. Vi muitas almas se reunindo para confrontá-los, mas em grupos pequenos, nenhum com a capacidade de deter o seu avanço.

— Então eles precisarão da nossa ajuda — disse Vaelin.

— Não. — O homem encapuzado era o único presente que estava sentado junto a uma fogueira, que cutucava com um cajado grosso.

— Tem algum conselho a dar, Mestre Erlin? — perguntou Vaelin.

— Somente fatos óbvios, irmão. — Erlin suspirou e jogou o capuz para trás, sorrindo para Dahrena com solidariedade. — Eles têm mais do que o dobro do nosso

número, não é, minha senhora?

Ela lançou um olhar cauteloso a Vaelin e assentiu.

— As tribos teriam de se unir para terem uma chance contra eles — disse Erlin, virando-se para Vaelin. — E não farão isso. Tentei alertar os chefes, mas eles não me deram ouvidos, achando que era apenas outra campanha por escravos. Os volarianos aparecem de tantos em tantos anos, às vezes podem ser comprados com minério e prisioneiros de outras tribos, às vezes os enfrentam para que os guerreiros jovens possam conseguir as suas primeiras cicatrizes. Isso vem ocorrendo há mais de duzentos anos e agora é quase um ritual. Eles não compreendem o que estão enfrentando. Quando você for se juntar à batalha, eles já estarão derrotados e espalhados.

Erlin virou-se de novo para a fogueira e Vaelin notou a brancura dos nós dos dedos no cajado enquanto cutucava as brasas. *Ele está com medo*, compreendeu. *O que poderia assustar um homem que não pode morrer?*

— As tribos o conhecem — disse ele. — Pode nos guiar até elas? Falar por nós?

— Elas não falam como uma só. Quando as tribos não estão lutando umas com as outras, elas lutam internamente. Quando conseguíssemos negociar com todas, já seria tarde demais. De qualquer forma, eles verão vocês e essa gente apenas como mais inimigos a serem enfrentados.

— Espera que eu fique sentado aqui e ignore um massacre?

— A criatura do Aliado está tentando atraí-lo. Você percebe isso, sem dúvida. E não veio aqui para guerrear, veio pelo conhecimento que imagina que possuo. A chave para derrotar o Aliado.

Vaelin franziu o cenho ao ouvir a nota sardônica na voz de Erlin, o tom de um homem diante de um desfecho bastante previsível.

— Isso já aconteceu antes?

— Houve alguns ao longo dos séculos. Estudiosos, reis — ele lançou um olhar breve e pesaroso a Vaelin —, guerreiros. Todos diante da desagradável verdade da existência do Aliado, guiados até mim por conhecimentos antigos ou poderes de dotados. Embora ninguém tenha me encontrado numa época tão turbulenta quanto esta.

— O Aliado quer compor um final. Desta vez será diferente.

Erlin suspirou e levantou-se.

— Então é melhor eu lhe mostrar o que mostrei a eles, irmão. — Ele apontou o cajado para leste, onde as nuvens negras pendiam baixas sobre os picos. — Embora eu duvide que essa gente achará o clima agradável.

As colinas permaneceram resolutamente desertas enquanto eles marchavam para leste, atravessando vales desprovidos de vida, com exceção de alguns alces que fugiam ao primeiro sinal do cheiro deles no vento.

— Os montanheses são mineradores — explicou Erlin. — Mineram cobre e estanho das montanhas e negociam com os volarianos, apesar de suas dificuldades perenes. Há poucos veios aqui tão ao norte, e os batedores estarão ocupados com esta última incursão.

— Você vive aqui há muito tempo? — perguntou Vaelin.

— Seis anos desta vez, embora eu já tenha ficado por quase três décadas. Isso foi há dois séculos, quando o povo daqui não era tão feroz.

— O que o manteve aqui?

— Uma viúva com vários filhos. Ela tinha uma língua ferina, mas um coração bondoso e pareceu não se importar que eu ficasse e fizesse o papel de marido. Quando morreu, os filhos haviam crescido e os volarianos estavam fazendo as primeiras operações para conseguir escravos. Achei melhor seguir em frente. Apesar de sempre ser atraído de volta.

— Pelo quê?

A expressão de Erlin se anuviou quando parou para olhar as montanhas de fogo ao longe, seu brilho flamejante mais intenso agora, e o céu acima cada vez mais escuro.

— Tudo no seu devido tempo, irmão.

Ao anoitecer, Lorkan, Cara e Marken reuniram-se em volta de Erlin, ansiosos por histórias de suas viagens. Cara era a que menos se lembrava dele, mas ainda assim se recordava das histórias ouvidas no período que passara na Cidade Caída durante a infância.

— Você voltou para o Extremo Ocidente? — perguntou ela. — Para o templo acima das nuvens?

— Voltei. — Ele ergueu os olhos para os Senthari que haviam se aproximado. Pareciam ser um dos poucos povos com os quais ele tivera mínimo contato, e Erlin achava o desejo incessante deles por uma história um contraste surpreendente com a sua reputação de ferocidade. — Mas fiquei apenas uma noite.

— Ela estava lá? — insistiu Cara. — A Princesa de Jade?

— Estava, e encantadora como sempre. Intocada pela idade e ainda cantando a sua bela canção. Fiquei feliz por ter feito o esforço de ouvi-la de novo, apesar de a jornada ter sido mais difícil do que antes. Nem mesmo a terra dos Reis Mercadores é imune a conflitos.

— Princesa de Jade? — perguntou Vaelin.

— A única alma que já encontrei que viveu mais tempo do que eu. Consignada ao templo acima das nuvens quinhentos anos atrás pelos Reis Mercadores, que ainda fazem peregrinações em busca de seus conselhos, imaginando que ela mantém contato com o Céu. Creio que ela os ache bastante divertidos, embora seja difícil dizer. Seu temperamento costuma ser tão inescrutável quanto as suas palavras. Mas a canção... — Ele fechou os olhos, lembrando-se de algo jubilante. — Anos incontáveis passados praticando o canto e a harpa. Somente eu tive a felicidade de ouvi-la mais de uma vez na vida.

Vaelin viu Kiral se remexer pouco à vontade e soube o que a sua canção estava lhe dizendo: aquele era um homem que esperava nunca mais ouvir a Princesa de Jade. *Nós causaremos a sua perdição. É isso que ele teme.*

— Uma vez ouvi uma história — disse ele a Erlin. — Sobre um cavaleiro renfaelino que teve a vida salva por um garoto com o poder de curar, que viajava na companhia de um homem que não podia morrer. O cavaleiro contou como esse homem tentava preservar os dotados na esperança de que nasceria um no Reino com o poder para matá-lo, pois ele estava cansado de sua vida eterna.

— Cansado? — Erlin reclinou-se um pouco, apertando os lábios em contemplação. — A vida é feita de infindáveis sensações, mudanças intermináveis e variedade ilimitada. Não fomos feitos para nos cansarmos dela, e eu não me cansei. Porém, eu sempre soube que acabaria. Por mais anos que tivesse, eu não poderia durar para sempre, tampouco deveria. A Princesa de Jade soube disso na primeira vez que a procurei buscando uma resposta, uma razão para eu permanecer jovem enquanto outros envelheciam, enquanto aqueles ao meu redor morriam de pestes e doenças e eu não. Ela não respondeu, como de costume. Muitos que sobem o caminho traiçoeiro até o templo com frequência são mandados embora desapontados, e mesmo aqueles com quem ela escolhe falar acham suas palavras obscuras, geralmente além de suas capacidades de decifrá-las. Contudo, apesar de não me responder, ela permitiu que eu ouvisse a sua canção, e isso foi resposta suficiente. Vejam bem, há uma imperfeição na canção. Pequena, quase imperceptível ao ouvido destreinado, mas, para alguém que viveu tanto quanto eu, tão dissonante quanto um aprendiz de menestrel atrapalhando-se com os primeiros acordes. É apenas uma sequência breve de notas, tão complexa a ponto de talvez estar além das habilidades de todos que já seguraram uma harpa, inclusive ela. A canção dela não é perfeita. Ela não a terminou, e talvez nunca termine.

Após três dias de marcha, eles avistaram o único povoado que haviam encontrado até então, um pequeno aglomerado de casas de pedra no sopé de uma montanha de

topo achatado. Havia um leve traço de enxofre no ar e o céu continuava encoberto por nuvens cinzentas que se tornavam negras a leste, onde as montanhas de fogo ardiam com cada vez mais intensidade. Erlin os fez parar a menos de dois quilômetros do povoado, de onde foi possível ver algumas figuras correndo das casas, talvez uma centena, todas armadas.

— Os laretha não recebem muitos visitantes — disse Erlin. — Há poucos deles e viver tão perto das montanhas de fogo lhes fornece certa segurança. — Ele se virou para Vaelin, gesticulando na direção do povoado. — Eles vão querer parlamentar com o chefe desta nova tribo.

Vaelin pediu que Astorek se juntasse a eles e seguiram Erlin até o povoado, onde os guerreiros estavam dispostos numa fileira esparsa porém firme. Eram na maioria homens, todos armados com um machado ou uma lança longa de lâmina estreita. Todos vestiam saíotes de couro que lhes chegavam às panturrilhas, decorados com vários símbolos pintados, e peitorais de bronze que brilhavam um pouco à meia-luz. No centro da fileira havia um homem robusto de meia-idade, com um machado em cada mão, o longo cabelo grisalho preso para trás em tranças grossas. Sua postura rígida pareceu relaxar um pouco ao avistar Erlin, mas o seu semblante permaneceu carregado de desconfiança ao passar os olhos por Vaelin e então ficou furioso ao avistar Astorek. Ele ergueu os dois machados quando se aproximaram e a sua gente adotou de imediato uma postura de combate.

— Pertak! — gritou Erlin ao homem robusto, dando um sorriso de boas-vindas e então gesticulando para Vaelin e Astorek quando continuou a falar.

— Ele disse que trouxe muitos aliados para os laretha — informou Astorek. Vaelin notou a grande inquietação na frente do xamã. — Isso é uma tolice, Sombra do Corvo. Essa gente oferece apenas morte a forasteiros.

Com a cabeça Vaelin indicou Erlin, que agora se aproximava do chefe de braços abertos.

— Mas não a ele.

Erlin parou a alguns metros do chefe, suas palavras baixas e inaudíveis para eles, embora o semblante do homem robusto tivesse perdido um pouco da ferocidade, mas nada da desconfiança. Após alguns momentos, Erlin virou-se e fez sinal para que se aproximassem.

— Pertak, chefe dos laretha, exige um tributo se vocês forem poluir as terras dele com a sua presença — disse Erlin, embora Vaelin ainda não tivesse visto o homem robusto falar.

— Tributo?

— Apenas uma oferenda simbólica — explicou Erlin. — Se permitir que vocês

passem sem um, ele parecerá fraco e um dos homens mais jovens irá desafiá-lo.

O chefe falou, apontando um de seus machados para as fileiras reunidas do povo do gelo, e fez uma exigência gutural. Vaelin olhou para onde o machado apontava e se deparou com Dahrena, que estava de pé ao lado de Cicatriz, segurando as rédeas do cavalo.

— Ele quer o meu cavalo?

— Ah, não. — Erlin deu um leve sorriso. — Ele quer a sua mulher.

— Isso é inaceitável. — Vaelin levou a mão a uma algibeira no cinto, desamarrou-a e tirou de dentro uma pedra, um rubi belamente lapidado de peso mediano que lhe fora dado pelo Governador Aruan nas docas de Linesh cerca de dois anos antes, embora agora parecesse que havia sido há muito mais tempo. Houve momentos em que ele ficara tentado a vendê-lo, em particular quando estava na estrada, com Reva constantemente tão faminta, mas a canção do sangue ressoara em alerta sempre que considerava fazê-lo. Vaelin esperava que aquela ocasião fosse o motivo.

O chefe largou um dos machados para pegar a pedra preciosa quando Vaelin a jogou para ele, arregalando os olhos com uma fascinação instantânea. Os guerreiros ao seu lado esqueceram a disciplina e se aglomeraram em volta, cada rosto iluminado por um arroubo de cobiça. Pertak rosnou algo e ergueu o outro machado como aviso, fazendo com que recuassem, embora os guerreiros voltassem continuamente os olhos para o rubi.

Pertak tornou a falar, fazendo uma pergunta a Vaelin ao erguer o rubi contra a luz.

— Ele quer saber qual é o poder da pedra — traduziu Astorek, com uma leve nota de desprezo na voz.

— As montanhas são ricas em minério, mas não em pedras preciosas — disse Erlin. — Os laretha têm certa estima irracional por elas.

— Diga-lhe que tem o poder de capturar a alma dos homens — disse Vaelin. — Ele não deve olhar para a pedra por muito tempo.

Um breve lampejo de medo iluminou os olhos do chefe quando Erlin relatou o aviso, cerrando o punho com força sobre a pedra antes de erguer o olhar para Vaelin, estreitando os olhos em contemplação. Ele grunhiu uma resposta brusca e, com considerável determinação, deu meia-volta e caminhou na direção do povoado, seguido de perto pelo seu pequeno exército, e toda a preocupação com a chegada de um número tão grande de intrusos parecia ter desaparecido.

— Vocês podem ficar um dia e uma noite — disse Erlin. — Devo dizer que é uma concessão bastante generosa.

— É o suficiente? — perguntou Vaelin. — Para os nossos propósitos?

Erlin ergueu os olhos para a montanha que assomava sobre o povoado, o topo achatado parcialmente encoberto por uma névoa tênue.

— Você perceberá que o tempo perde o seu significado aqui, irmão.

Ele proibiu que qualquer um além de Vaelin o acompanhasse, embora Dahrena e os outros dotados tivessem protestado com veemência.

— Viemos de tão longe — disse Cara — para que o conhecimento nos fosse negado agora...

— Eu procuro preservar — interrompeu Erlin —, não negar. Acredite, você não me agradecerá por esse conhecimento.

Erlin conduziu Vaelin por um caminho que dava a volta no povoado laretha e ia até o sopé da montanha, parando entre um aglomerado de ruínas. Vaelin examinou os blocos de granito e as paredes parcialmente desmoronadas, notando uma familiaridade no modo como haviam sido modelados, a elegância das linhas e das imagens desgastadas pelo vento que haviam sido entalhadas nas pedras.

— A Cidade Caída — disse ele. — Este lugar foi construído pelas mesmas mãos.

— Não exatamente — retorquiu Erlin. — Apesar de falarem a mesma língua. — Ele apontou para uma escadaria que subia das ruínas e unia-se à encosta da montanha, e os olhos de Vaelin discerniram mais degraus entalhados na pedra, subindo num caminho sinuoso até o topo. — E terem os mesmos deuses.

— Então — disse Erlin enquanto subiam, os degraus úmidos devido à neblina perene e o ar cada vez mais frio ao seu redor — você não segue mais a Fé.

— Um homem não pode seguir uma mentira.

— A Fé nunca foi uma mentira. Confusa em certos aspectos, presa demais a dogmas em outros. Porém, tendo visto o que o resto do mundo tem a oferecer no que diz respeito ao divino, ela me agrada o suficiente.

— Quando nos encontramos pela primeira vez, você disse que não tinha escolha a não ser seguir a Fé. Quando compreendi quem você era, pensei que queria dizer que a lenda era verdadeira, que os Finados o haviam amaldiçoado por negar a Fé.

— Amaldiçoado? Durante muito tempo achei que fosse isso, quando fui expulso de minha aldeia natal, ainda aparentando ser um homem de trinta anos enquanto aqueles com quem eu cresci ficavam cada vez mais curvados e enrugados. Minha esposa era quem mais me perseguia, amargurada pela inveja diante da minha contínua juventude, odiando-me pelos fios grisalhos em seu cabelo e pela falta de desejo no meu olhar. Eu nunca fui um praticante muito assíduo da Fé, dizia os

catecismos sem pensar de fato no significado, de vez em quando murmurava palavras mordazes contra os irmãos e sua moralização entediante. “Negador!”, a minha esposa me chamava, desesperada para encontrar uma razão nesse mistério. “Os Finados o amaldiçoaram”. Imagino que tenha sido aí que tudo começou. O insulto de uma velha amargurada deu origem a uma lenda.

— Então você nunca ouviu as vozes deles? O Além não lhe foi negado? Erlin parou, sua respiração saindo como fumaça e o rosto ficando sombrio.

— Ah, eu ouvi, mas só muitos anos mais tarde. Apesar das aparências, irmão, não sou de fato imune à morte. Não envelheço e não adoço. Mas sem comida eu passo fome e, se for cortado, sangro como qualquer homem. Eu posso morrer e uma vez, há muito tempo, morri. Ou pelo menos cheguei tão perto de morrer que não faz muita diferença.

“Viajei muito depois que os aldeões me expulsaram, de uma ponta a outra dos quatro feudos, pois o Reino não existia naquela época. Suponho que estivesse procurando por algo, uma resposta para o enigma da vida interminável, mas eu não fazia muita ideia de como encontrá-la. Místicos e charlatães não eram difíceis de achar, todos prometiam sabedoria em troca de ouro, e com o tempo todos provaram ser loucos ou desonestos. Um dia parei numa taverna nilsaelina e ouvi um menestrel cantar sobre os costumes estranhos dos seordah, sobre como preservavam o seu lar na floresta com encantamentos das Trevas. Pareceu um bom lugar para procurar respostas. Afinal, eu era apenas um homem e sem dúvida nenhum guerreiro. Que ameaça poderiam ver em mim? Creio que andei durante meio dia entre as árvores até um seordah acertar uma flecha na minha barriga.

“Ele se aproximou para me ver sangrar, um sujeito alto com rosto aquilino que não mostrou muita reação quando implorei por ajuda. Depois de algum tempo o rosto dele desapareceu e a escuridão fria da morte surgiu para me buscar. Foi então que as ouvi, as vozes, sussurrando, gritando, implorando... Havia muitas. ‘O Além é isso?’, pensei. ‘Apenas um vazio ecoando com as vozes dos mortos?’ Nada de serenidade e sabedoria infinitas. Nada de uma eternidade tranquila. Devo dizer que fiquei bastante desapontado.

“Notei que as vozes haviam desaparecido, prendendo a respiração ao mesmo tempo, como se tivessem se calado numa expectativa temerosa. Então uma falou, e não era como as outras. Elas eram baixas, como os últimos ecos de uma canção sussurrada. Aquela era a voz plena e poderosa de uma alma completa, mas antiga, muito antiga.”

— O Aliado — disse Vaelin, lembrando-se do frio ancestral na voz que ouviu quando Dahrena o trouxe de volta do Além.

— Um nome que só fui escutar muito tempo depois. Mas, sim, era ele. E ele tinha

uma oferta a fazer. “Irei mandá-lo de volta”, disse ele, “se você for o meu receptáculo”. Fui tomado pelo terror, não apenas dele, mas também da perspectiva de uma eternidade naquele vazio terrível. Meu medo era tamanho que poderia ter concordado num instante se não fosse por algo que ouvi em sua voz: uma ânsia desmedida e desesperada, uma *necessidade* do que ele sentia em mim. Era esmagadora, nauseante, e eu soube então que havia destinos piores do que a morte.

“Ele sentiu a minha recusa, a minha repulsa, e eu senti a sua vontade. O Além é um lugar que não é um lugar, um lugar de almas, mas também um lugar de dor, se souber como infligi-la, e ele sabia. Pude senti-lo me atacando, arrancando partes do meu ser à medida que eu era atingido pela sua vontade, não com ódio, mas em rompantes precisos e agonizantes. ‘Sirva-me’, disse ele de novo, ‘enquanto você ainda tem uma alma capaz de servir’. Não havia ódio naquela voz, pois acho que ele já não era capaz de sentir ódio, transformado pelas eras num ser de puro propósito.

“Eu me debati, gritei, chorei... implorei. Mas, ainda assim, recusei. Foi quando senti outra vontade que não a dele. Era algo diferente, algo não tão antigo, mas tão poderoso quanto, ao seu próprio modo, poderoso o suficiente para me arrancar das garras dele. Pude sentir então a minha alma se refazer, embora muito já tivesse sido tirado de mim, e memórias de infância e amizade se perderam para sempre. Até hoje não consigo me lembrar do rosto de minha mãe ou do nome da esposa que veio a me odiar.

“Minha salvadora falou comigo, a voz de uma mulher, a sua vontade tão diferente da dele. Confortando enquanto ele havia ferido, afastando o terror que ele tentara incutir. ‘Você não está acabado’, ela me disse. ‘Eu vi seu fim, homem de muitas vidas, e não é este. Procure aqueles como você, preserve todos os que puder, pois, quando retornar, será a força deles que irá sustentá-lo e trará o fim pelo qual você passará a ansiar.’ Ela então me disse mais três palavras antes de me tirar do vazio e me colocar de volta no meu corpo. O seordah ainda estava lá e teve um sobressalto quando os meus olhos se abriram de repente. Pelo sangue que escorria por entre os meus dedos, calculei que me ausentara por apenas alguns segundos. O seordah disse algo, parecendo levemente irritado, e sacou uma faca do cinto... e então a largou quando falei as palavras que ouvira no Além: ‘Nersus Sil Nin.’”

— A cega o mandou de volta — murmurou Vaelin. — Ela está lá, no Além. Enfrentando-o.

— Ela o enfrentou naquela época, mas agora... — Erlin sacudiu a cabeça. — Agora parece que o poder dele cresce sem oposição.

Vaelin deixou de lado as inúmeras perguntas, acostumado havia muito tempo com o fato de que quaisquer respostas demorariam a ser dadas.

— O seordah o curou — disse ele.

— Sim. Ele trouxe outros e me levaram para o seu acampamento. Meu ferimento era grave e passaram-se muitos meses até eu poder viajar de novo. Aprendi a língua deles, suas lendas, a verdade de como o nosso povo havia tomado as suas terras. Também aprendi que não havia encantamentos das Trevas protegendo a sua floresta, apenas grandes habilidades e uma coragem indomável que causavam medo suficiente para nos manter afastados. Com o tempo, eu me despedi e parti para cumprir a missão que ela me dera. Nem sempre tenho sido assíduo com os meus deveres. Sou dado a distrações e às vezes me canso dos erros repetidos com frequência e da crueldade que assola a humanidade. Porém, acho que no fim — ele ergueu o olhar para os degraus enevoados acima — fiz o que pude.

* * *

O topo da montanha estava envolto num silêncio tão pesado quanto a névoa que o cobria, e era possível ver apenas formas vagas quando venceram o último degrau. Erlin curvou-se um pouco pelo esforço, apoiando-se no seu bastão e olhando para as formas sombrias adiante com óbvio receio.

— Odeio este lugar — sussurrou ele, a voz baixa ao se emperdigar e seguir em frente. — Porém, acho que aqueles que o construíram também odiavam.

Eles avançaram para dentro da névoa, as sombras transformando-se num aglomerado de construções, todas exibindo sinais de terem sido erigidas pelas mesmas mãos que haviam construído as ruínas no sopé da montanha. Eram na maioria moradas térreas e estruturas menores que Vaelin supôs serem depósitos, formando uma cópia em miniatura da Cidade Caída. Mas estas construções não estavam em ruínas. O silêncio tornou-se cada vez mais opressor conforme andavam por entre os prédios, cada porta e janela vazia uma testemunha indiferente à passagem deles. Apesar da ausência de estragos, Vaelin sabia que aquele era um lugar antigo; os cantos das construções haviam sido alisados e arredondados pelas intempéries. Além disso, ao contrário da Cidade Caída, não havia estátuas ali, e as únicas decorações eram imagens entalhadas acima de portas ou janelas, que séculos de vento e chuva haviam despojado de significado. Quem quer que tivesse construído aquele lugar aparentemente não tinha muito tempo ou inclinação para arte.

Levaram apenas alguns momentos para vasculhar as construções e terminaram na borda de um amplo círculo plano, em cujo centro havia um único pedestal achatado no topo.

— Pedra da memória — disse Vaelin.

Erlin assentiu e Vaelin ouviu o leve tremor em sua voz quando falou:

— A última a ser entalhada, pela mão de um deus, ainda por cima.

A boca de Vaelin se crispou com um divertimento indesejado e ele se virou para Erlin com um sorriso.

— Um deus é uma mentira.

Riram juntos, apenas por um momento, o som de seu júbilo logo se perdendo entre a névoa e a pedra ancestral.

— Bem. — Erlin apertou o cajado com mais força e deu um passo adiante. — Vamos?

Tal como as construções ao redor, os cantos do pedestal haviam sido arredondados pelas eras de exposição às intempéries, o topo plano era liso e sem marcas, a moosa no centro um círculo perfeito.

— Já tocou numa dessas antes? — perguntou Vaelin a Erlin.

— Quatro vezes até agora. Com frequência procuro lugares antigos, guiado pelos mitos e lendas que escuto em minhas viagens. Uma delas falava de uma cidade esquecida de imponente majestade escondida nas montanhas e protegida por tribos selvagens. Não fiquei muito surpreso ao descobrir que a realidade não correspondia à lenda. É raro corresponder.

Ele estendeu a mão, deixando-a erguida sobre a pedra, e olhou nos olhos de Vaelin.

— Pronto, irmão?

— Já toquei duas vezes nessas pedras — disse Vaelin, notando o tremor nos dedos de Erlin. — Elas possuem conhecimento, mas não são perigosas.

Erlin soltou outra risada, mais grave desta vez.

— Todo conhecimento é um perigo para alguém.

Vaelin estendeu a mão e Erlin a pegou, entrelaçando seus dedos nos dele. Fechando os olhos, ele respirou fundo e colocou as suas mãos na pedra.

PARTE IV

Pelo cômputo alpirano, o Rei Janus Al Nieren nasceu no décimo ano do Novo Sol, sob uma configuração de estrelas conhecida pelos astrólogos alpiranos como “O Leão Empinado”, um fato que forneceria presságios de sobra tanto para admiradores quanto para detratores no decorrer das décadas seguintes. Em comparação, a sua filha nasceu sob a constelação relativamente mundana do “Fardo de Feno”, assim chamada por sua semelhança ao trigo recém-colhido. O fato de a Guilda Leal de Astrólogos Imperiais ter recentemente votado para renomear a constelação como “A Chama Vingadora” revela muito sobre o curso subsequente da história do Reino, sem falar na vacuidade essencial da arte do astrólogo.

— Verniers Alishe Someren,
Uma história do Reino Unificado: Introdução,
Grande Biblioteca do Reino Unificado

RELATO DE VERNIERS

— *Ela sabia?*

Observei o porto conforme nos aproximávamos, sua vastidão evidência das origens de Alpira como o maior centro comercial do baixo Boraelino. Estendia-se numa ampla curva com cerca de cinco quilômetros, com incontáveis píeres e ancoradouros e muitos navios, mais do que de costume, na verdade. À medida que nos aproximávamos, notei que a maioria era de belonaves. Havia um exército de trabalhadores em cada embarcação, revestindo os cascos com placas de aço e instalando manganelas.

A Imperatriz Emeren chamou a sua frota de volta à capital, deduzi. Por qual motivo?

— *Meu senhor?* — *perguntou Fornella. Seu cabelo cada vez mais grisalho estava preso naquele dia, afastado do rosto, que permanecia belo apesar do número crescente de rugas. Com o seu vestido simples e enrolada num xale, ela tinha a aparência de uma matrona graciosa, e os que estavam em terra firme talvez a tomassem pela esposa do capitão. Uma ideia que me fez soltar uma risada curta.*

Fornella franziu o cenho de aborrecimento, mas se recusou a ser ignorada.

— *Ela sabia, não é? Sabia sobre você e o Esperança.*

Encolhi os ombros, assentindo lentamente. Ela olhou de relance para o capitão e aproximou-se.

— *Pague ao pirata para nos levar embora daqui.*

— *Temos uma missão a cumprir, Honorável Cidadã.*

— *Não à custa de sua vida.*

— *Eu dei a minha vida ao Imperador. A lei determina que eu agora a ofereça à sua sucessora, assim como os meus conselhos sensatos.*

— *Acha mesmo que ela lhe dará ouvidos?*

— *Sei que dará. O que ela fará depois é um mistério.*

Atracamos num dos ancoradouros menores próximos da extremidade norte do porto, e o capitão foi obrigado a pagar o dobro da taxa normal de atracação a um incomodado oficial subalterno do porto.

— *Estou a negócios oficiais do Reino Unificado e das Ilhas Meldeneanas* — *rosnou o capitão. — Isso pelo menos deve valer algum desconto.*

— Você também tem um porão cheio de especiarias — retorquiu o jovem oficial.
— E o espaço é muito procurado. — Ele entregou uma nota ao capitão pelo ancoradouro e ergueu a mão, esperando.

— Algum problema? — perguntei, indo para o lado do capitão.

O jovem olhou para mim por um longo momento e deu um passo para trás com o rosto cada vez mais lívido.

— O senhor é Lorde Verniers? — perguntou ele num sussurro.

Eu estava acostumado a certa notoriedade nos cantos mais educados do império, mas geralmente se limitava a cumprimentos cordiais ou pedidos de comparecimento a vários eventos culturais. Assim, ver o burocrata de rosto pálido cambalear para trás ao longo da rampa antes de se virar e correr pelo cais foi um tanto inquietante, e o seu retorno pouco depois ainda mais, visto que estava acompanhado por um pelotão de soldados. Eles se aproximaram correndo do navio seguidos do jovem oficial, que gesticulava freneticamente e gritava para os estivadores ao redor:

— O traidor! O traidor voltou!

— Creio, capitão — falei, pegando o meu saco de livros e caminhando até a rampa —, que é melhor o senhor partir.

— Os Senhores Marinheiros me disseram para mantê-lo a salvo — disse ele, embora os olhos perspicazes revelassem uma grande preocupação com a comoção que ocorria no cais.

— E sou grato pelos seus esforços. — Estendi a mão, esperando que ele a ignorasse. Contudo, ele a apertou com força, fazendo uma careta de pesar.

— Boa sorte, honorável senhor — disse ele num alpirano surpreendentemente bom.

— Desejo-lhe o mesmo, honorável senhor. — Olhei para Fornella e notei como ela observava temerosa os soldados que se aproximavam. — Eu ficaria grato se o senhor a levasse de volta ao Reino.

— Não. — Fornella respirou fundo e veio para o meu lado, forçando um sorriso. — Temos uma missão, afinal de contas.

Aguardamos no cais, vendo o capitão fazer a sua tripulação mexer-se depressa ao erguerem os remos para empurrar a embarcação para longe do molhe. Os marinheiros logo se puseram a remar para alto-mar conforme as batidas urgentes do tambor do contramestre.

— Qual era o nome dele? — perguntou Fornella. — Do navio.

— Nunca me ocorreu perguntar. — Virei-me quando os soldados pararam a

pouca distância. Eram recrutados de infantaria, a julgar por suas armaduras, meia dúzia de jovens sob o comando de um sargento nem um pouco jovial.

— Seu nome? — perguntou ele, avançando, olhando fixamente para o meu rosto.

— Lorde Verniers Alishe Someren — respondi. — Cronista Imperial...

— Não — rosnou ele, chegando mais perto com a mão na espada. — Não é mais.

Fomos levados para a estação do capitão do porto, uma construção robusta equipada com algumas celas para contrabandistas em geral ou marinheiros barulhentos demais. Graças ao excitável oficial do porto, uma multidão havia começado a se formar no cais quando os soldados nos cercaram.

— Se estou sujeito a ser preso, tenho o direito de ouvir a acusação — falei ao sargento.

— Silêncio! — disse ele, ríspido, o rosto ruborizando ao ver a multidão que se aglomerava no cais. — Já será difícil tirá-lo daqui sem que esse bando o pendure no mastro mais próximo.

Eu podia ouvi-los agora, apesar da espessura das paredes que nos cercavam, uma clássica turba gritadora. As palavras “Enforquem o traidor!” e “Vinguem o Esperança!” pareciam as mais proeminentes entre os brados.

— “Somente no Império Alpirano o primado da lei é de fato respeitado” — citou Fornella numa voz levemente mordaz. Como sempre, a sua memória para as minhas obras era de uma precisão exasperante. — “A justiça é aplicada de forma igualitária, independentemente de posição social. Todos, do súdito mais pobre e andrajoso ao próprio Imperador, podem esperar um tratamento igual perante a lei”.

Ela andava de um lado para outro na cela, retraindo-se com o ocasional aumento da fúria da multidão.

— O que fez para despertar tamanha ira, meu senhor? — perguntou ela num tom mais do que um pouco sarcástico. — Talvez tenha ofendido de algum modo a Imperatriz?

— Você não precisava ficar — observei.

Fornella suspirou e sentou-se ao meu lado no tosco banco de madeira, passando a mão pelo cabelo e soltando um gemido de irritação ao ver as madeixas grisalhas que ficaram em seus dedos.

— Para onde mais posso ir?

Eu a vi erguer o cabelo contra a luz da pequena janela, pensando em como lembravam fios de cobre manchados e fazendo uma nota mental para anotar a observação mais tarde, caso me fosse dada a oportunidade.

— É isso que acontece? — perguntei. — Quando o sangue dos dotados lhes é negado?

— Pelo que sei, nenhum outro dos que receberam a bênção do Aliado passou por essa provação em particular. Alguns foram mortos, é claro, assassinados ou na guerra, dada a natureza da política volariana. Porém, uma vez abençoado, nenhum tentou existir sem se alimentar.

Ela abriu a mão e deixou o cabelo cair no chão, parando um momento para dobrar os dedos no facho de luz do sol com um leve sorriso nos lábios.

— Estranhamente, não sinto falta. A mortalidade tem as suas compensações.

Um ruído de trancas e o som de passos anunciaram um visitante. Levantei-me para encarar a figura que parou do outro lado das barras, um sujeito imponente de feições belas, ainda que um pouco curtidas, e de cabelo curto que agora era mais branco do que grisalho.

— Hevren — falei, notando o seu uniforme e a estrela em relevo no meio do peitoral, o emblema de um comandante de Coorte. — Vejo que enfim foi promovido.

— Lorde Verniers. — Seu tom era neutro, embora os olhos revelassem uma cautela considerável ao irem de mim a Fornella. — Quem é ela?

— Fornella Av Entril Av Tokrev — disse ela, levantando-se. — Outrora do Império Volariano e agora embaixadora em nome da Rainha Lyrna do Reino Unificado.

Hevren voltou a olhar para mim.

— Chamado de traidor e agora aparece acompanhado por uma volariana. Devo dizer, meu senhor, que começo a questionar a sua alardeada sabedoria.

Chamado de traidor... Apesar de falsa, a acusação ainda assim machucava. Tudo o que dei, todos os anos de serviço, e é esta a minha recompensa.

— Posso saber quem me caluniou de tal forma?

Um espasmo de raiva tomou conta de seu rosto e ele se aproximou mais.

— Você foi chamado de traidor pela própria Imperatriz Emeren — disse ele por entre os dentes. — Portanto, aconselho-o a ter muito cuidado com cada palavra que disser.

Houve uma época em que eu teria recuado diante de um homem assim; esses

brutos sempre me deixavam nervoso. Contudo, parecia que a constante exposição ao seu tipo acabara com boa parte de minha antiga timidez. Eram apenas homens, afinal de contas, homens que podiam matar, assim como eu.

— Os detalhes da acusação? — perguntei, olhando-o nos olhos.

O fato de eu não demonstrar medo pareceu detê-lo, e sua raiva diminuiu quando recuou.

— Tudo no seu devido tempo, como determinado pela lei. — Ele fez uma pausa, encarando-me com uma relutância taciturna. Nunca tivemos qualquer afeição um pelo outro, mas sempre houve alguma espécie de respeito mútuo, por mais relutante que fosse. — Tudo o que você tinha a fazer era vê-lo morrer, Verniers — disse ele. — Teria sido tão difícil assim?

Diziam que os Reis Mercadores do Extremo Ocidente possuíam palácios tão vastos que lembravam cidades, que se estendiam por muitos acres e abrigavam inumeráveis serviçais. No entanto, a grandeza não era medida apenas pelo tamanho, mas também pela riqueza, e jamais fui capaz de conceber qualquer construção que pudesse superar o Palácio Imperial Alpirano em pura opulência arquitetônica. Ele estava situado no topo de uma colina alta, cujas encostas íngremes se erguiam do Rio Tamerin, encimada por uma construção surgida numa época em que a modéstia e o comedimento não estavam entre as principais virtudes alpiranas. Era essencialmente um edifício na forma de uma grande estrela de seis pontas, as alas estendiam-se de um centro circular encimado por uma abóbada, e foi essa abóbada, é claro, que atraiu de imediato a atenção de Fornella.

— Seus Imperadores gostam de cegar o povo? — perguntou ela, protegendo os olhos. O sol do meio-dia estava alto no céu e a abóbada reluzia com intensidade suficiente para ocultar a sua forma. Sempre achei que era melhor admirá-la ao pôr do sol, quando o brilho alaranjado percorria a superfície prateada como a chama de uma vela, bruxuleando até se extinguir com o cair da noite. Às vezes Seliesen e eu cavalgávamos para além das muralhas e assistíamos ao espetáculo do topo de uma colina. Ele disse que tinha um poema em mente que talvez fizesse justiça àquela visão, mas eu nunca soube se chegou a escrever.

Hevren trouxera duas companhias inteiras de cavalaria para nos escoltar das docas, embora quase não tivessem se provado suficientes para evitar que a turba aglomerada cumprisse as ameaças gritadas. Porém, não foram as ameaças que me machucaram, foram os rostos que vi ao cavalgarmos ao longo do canal estreito que os homens de Hevren abriram à força em meio à multidão. Rosto após rosto contorcido de ódio, homens, mulheres, crianças. Quaisquer mentiras que tivessem

sido ditas contra mim claramente haviam sido aceitas de forma quase universal. Foi então que eu soube que, independentemente do que ocorresse ali, eu agora havia perdido o meu lar. Não era apenas o fato de que aquelas pessoas nunca me aceitariam, mas principalmente que eu jamais perdoaria a sua credulidade. Lembrei-me de uma frase dita por Al Sorna certa vez quando nos afastamos da multidão e rumamos a trote para o palácio. Ele estava citando Janus na ocasião, contando a história das maquinações de seu Rei às vésperas da invasão: Dê a elas a mentira certa e acreditarão.

Hevren afastou-se da estrada que levava ao portão principal quando nos aproximamos do palácio, conduzindo-nos a uma muralha voltada para o norte e a uma entrada muito menos ornamentada: o Portão do Soldado, reservado a guardas, servos e ocasionais prisioneiros imperiais. Eu raramente havia me aventurado naquela extremidade do palácio e fiquei espantado pela ausência de formalidade ou da organização escrupulosa que garantia uma vida de comodidade imperturbada aos honoráveis membros da corte. O local era repleto de oficinas barulhentas e estábulos envoltos por uma nuvem rica com a mistura do cheiro de comida e esterco. Antes de minhas viagens, eu poderia ter franzido o nariz diante de tal lugar, mas agora me despertava apenas um vago desagrado; os meus sentidos haviam sido assaltados por coisas muito piores no decorrer do último ano.

Fomos recebidos por um homem de quem me lembrava do julgamento de Al Sorna, um sujeito musculoso em trajes pretos simples, segurando um molho de chaves nos punhos enormes. Não vendo muito sentido em protestar, desmontei e ofereci os meus pulsos, esperando algumas ameaças rosnadas pelo carcereiro ao fechar os grilhões. Porém, ele me cumprimentou com uma longa medida e uma expressão de grave respeito.

— Meu senhor, há muito eu queria lhe falar em pessoa... — Ele se calou, erguendo as correntes com uma careta embaraçada. — Mas não assim.

— Deixe isto de lado, Raulen — disse Hevren ao carcereiro.

— Mas ele deve ser levado diretamente até a Imperatriz, Honorável Comandante.

— A segurança da Imperatriz cabe a mim. Levarei Lorde Verniers para as celas no seu devido tempo.

Era fácil percorrer o interior do palácio graças à sua construção descomplicada; todos os corredores levavam ao centro onde o Imperador, ou melhor, a Imperatriz, reunia a corte. Entretanto, o comprimento excessivo daqueles corredores deixava tempo de sobra para contemplações ou conversas embaraçosas.

— Eu estava pensando — disse a Hevren — sobre a morte do Imperador Aluran...

— Ele estava com quase oitenta anos e ficava mais fragilizado a cada dia — falou Hevren num tom seco. — Não há mistério ou suspeita a ser inquirida, meu senhor.

— E o seu testamento? — Era tradição que o Imperador incumbente, uma vez diante do fim de seu reinado, fizesse um testamento, elogiando aqueles que o haviam servido em vida e oferecendo orientações ao seu sucessor.

— Sua herança foi generosa — afirmou Hevren. — Terras na costa norte, uma pensão anual, além de vários volumes raros da biblioteca imperial. Se o senhor tiver permissão de mantê-la...

— Não estou interessado na minha herança. Apenas na orientação dele para a Imperatriz.

Hevren caminhou em silêncio durante algum tempo, seu semblante ficando visivelmente mais sombrio à medida que nos aproximávamos da entrada da sala de audiências imperial; grandes portas de mogno de quase seis metros de altura.

— Era apenas uma frase — disse ele. — “Abandone todo o luxo.”

— Hevren. — Parei, forçando-o a fazer o mesmo, e os guardas ao redor começaram a desembainhar as espadas. Eu os ignorei e me aproximei do comandante, falando com veemência: — Ela tem de me ouvir. Quer eu seja condenado ou não. Ela tem de ouvir o que eu e esta mulher temos a dizer.

— Eu sou um soldado — disse ele, virando-se quando as portas foram abertas. — Não um conselheiro.

Ele ficou parado e fez sinal para que eu seguisse em frente, sua postura respeitosa em vez de ameaçadora. Olhei para Fornella, que encarava a sala do trono com franco receio.

— É a minha cabeça que ela quer — disse a ela. — Quando ela tentar tomá-la, certifique-se de que a Imperatriz a escute.

A sala do trono imperial tinha a forma de um círculo, rodeado por todos os lados por grossos pilares de mármore que sustentavam a grande abóbada acima. Não havia assentos além do trono, posicionado no alto de uma plataforma elevada no centro, que era formada por sólidos blocos cilíndricos de diâmetro decrescente, criando seis degraus onde ficavam os conselheiros imperiais. O prestígio de cada conselheiro era indicado pela sua posição na plataforma; oficiais militares mais graduados ocupavam o degrau inferior, enquanto legisladores e eruditos podiam esperar ficar no segundo ou no terceiro degrau. Eu havia sido excepcional por ser o único historiador a subir ao quarto degrau. Somente o Esperança ou aqueles

cujos conselhos eram os mais estimados pelo Imperador podiam esperar um lugar no quinto degrau. O sexto degrau era sempre deixado vazio, um lembrete de que o governante do Império Alpirano no final das contas devia suportar sozinho o peso do poder.

Passei brevemente os olhos pelos conselheiros, encontrando alguns rostos conhecidos, todos ou relutantes de me olhar nos olhos, ou me encarando com uma fúria visível, ainda que um tanto forçada. Fiquei surpreso ao ver dois conselheiros no quinto degrau, sendo um deles um soldado. Horon Nester Everen, alto-comandante das Forças Imperiais, sempre fora um homem difícil de decifrar. Em parte devido à sua carranca habitual, mas ainda mais nos últimos anos por causa das extensas queimaduras que sofrera no ataque final a Marbellis, que marcavam o lado esquerdo de seu rosto da fronte ao pescoço. No entanto, a atitude do outro homem no quinto degrau era muito mais fácil de reconhecer. Merulin Nester Velsus, o Promotor Imperial, nunca tivera muita afeição por mim, ou eu por ele. Sempre me pareceu um homem numa busca perpétua pelas fraquezas dos outros, como se isso confirmasse sua capacidade ilimitada para julgamentos. Ao ver a nova força de sua inimizade, deduzi que a minha situação atual era o resultado de suspeitas antigas.

Porém, a minha atenção logo foi atraída para a figura sentada no alto da plataforma. Meu último vislumbre dela havia sido em Linesh ao retornar das Ilhas. Ela descera a rampa até o cais e saíra pisando firme, sozinha, sem olhar para trás. Não havíamos trocado uma única palavra durante a viagem, e vê-la andar de um lado para outro no convés, o rosto tomado por um rancor constante e inabalável, convencera-me de que nunca haveria qualquer oportunidade para boa vontade entre nós. Eu havia perdido meu ódio, mas ela se agarrava ao dela. Foi então que tomei uma decisão. Minha curiosidade acadêmica, reacendida pela história de Al Sorna, ansiava por respostas às muitas perguntas irresistíveis deixadas em seu encalço. Eu regressaria à corte, entregaria ao Imperador o meu relato dos eventos nas Ilhas e tomaria um navio para o Reino Unificado. Com o tempo, é claro, vim a me arrepender de tomar uma decisão tão precipitada. Entretanto, ao olhar para a Imperatriz Emeren I, suspeitei de que não teria feito muita diferença nas minhas atuais circunstâncias.

Seu rosto estava fechado, as belas feições impassíveis, tranquilas e desprovidas de animosidade. Contudo, os olhos diziam outra coisa; o modo como se fixavam em mim, parecendo reluzir de expectativa, revelou que, qualquer que fosse a pretensão de imparcialidade que ela pudesse alegar, o meu destino já havia sido decidido.

— Tio Verniers! — Tive um sobressalto com o grito de alegria, e meu olhar

recaiu sobre o garoto que saiu correndo de trás de um dos pilares. Ivelles crescera nos meses desde a última vez que eu o vira, adquirindo uma esbelteza que revelava a chegada precoce da adolescência, embora ele mantivesse um espírito infantil. Ele correu na minha direção, sem se preocupar com os guardas em volta, com um soldado de brinquedo em cada mão, abraçou a minha cintura e olhou para mim com olhos tão parecidos com os do pai que por um momento me vi sem palavras.

— Trouxe algo das terras do norte? — perguntou ele antes de prosseguir, falando quase sem parar: — Pessoas más vieram me matar e a mamãe, mas uma delas virou uma pessoa boa e nos deixou ir embora e Hevren lutou com elas e a casa de campo pegou fogo...

— Ivelles!

A Imperatriz havia se levantado, o rosto ainda sereno, mas por muito pouco. Todos os guardas haviam desembainhado as espadas, com exceção de Hevren, que se agachara para tirar com gentileza os braços do garoto de minha cintura. Seu rosto ficou tenso com uma recusa teimosa e ele apertou mais o abraço, tentando se segurar.

— Está tudo bem, Ivelles — falei para ele, colocando as mãos em seus ombros para afastá-lo com delicadeza. — Desculpe-me, esqueci do seu presente. Mas eu trouxe uma história, que espero contar em breve. Agora, vá para perto de sua mãe.

O garoto lançou um olhar ressentido a Hevren e então se virou e correu até a plataforma, subindo depressa os degraus até ficar do lado da mãe. Ao ver como ela o puxou num abraço protetor, seus olhos ainda fixos em mim, percebi que o seu ódio era inspirado pelo menos em parte pela proximidade que sempre tive com o seu filho. Designado pelo Imperador como tutor do garoto em história imperial, havíamos passado muitas horas juntos, e, embora eu tentasse dissuadi-lo, ele passara a me chamar de tio. “Você e meu pai eram como irmãos”, dissera ele. “Então você será o meu tio. Eu não tenho outros.”

A Imperatriz passou a mão pelo cabelo do garoto e falou em voz baixa.

— Mas eu quero ficar! — protestou ele. O tom da Imperatriz tornou-se mais sério e Ivelles fez um beicinho emburrado antes de sair pisando firme pela parte de trás da plataforma, seus passos rápidos ecoando pela câmara enquanto ele ia à procura de outras diversões.

A Imperatriz sentou-se em silêncio durante algum tempo, encarando-me com um desinteresse praticado antes de voltar o olhar para Fornella, quando então a sua boca crispou-se numa aversão momentânea.

— Lorde Velsus — disse ela ao Promotor Imperial. — O prisioneiro tem o direito de ouvir as acusações feitas contra ele.

Velsus fez uma medida para ela e virou-se para mim, tirando um pergaminho das dobras do manto.

— Lorde Verniers Alishe Someren, Cronista Imperial e Primeiro dos Eruditos, é por meio desta acusado de traição — leu ele. — Que se saiba, conforme estabelecido por um testemunho crível, Lorde Verniers conspirou com o prisioneiro imperial Vaelin Al Sorna para efetuar a sua libertação e escapar da justa punição por seus crimes. Que se saiba também que Lorde Verniers conspirou com agentes de uma potência estrangeira, a saber, o Império Volariano, para ferir a pessoa da Imperatriz e de seu filho Ivelles.

Ali estavam. Não uma, mas duas mentiras. Não posso explicar a calma glacial que tomou conta de mim naquele momento, assim como continuo incapaz de explicar a presença de espírito que me permitiu cravar uma faca na base do crânio do General Tokrev. É possível que haja ocasiões em que o medo torna-se redundante.

— Testemunho crível? — perguntei.

Lorde Velsus piscou e concluí que ele esperara algum protesto ultrajado de inocência, que sem dúvida seria calado com uma refutação bem preparada e apropriadamente teatral. No entanto, ele recobrou a postura depressa e gesticulou para os guardas na porta.

— Tragam a testemunha.

Eu era esperado aqui, compreendi enquanto aguardava em silêncio. A armadilha foi bem preparada.

A testemunha foi conduzida para dentro da sala, uma jovem num vestido simples, sua cor típica do norte do império, cabelos escuros e pele de um tom moreno, exceto por um punhado de riscos vermelhos em seu pescoço. Ela estava visivelmente intimidada pelo ambiente, de mãos entrelaçadas e cabeça baixa, seus olhos recaindo sobre mim somente por um segundo antes de desviá-los.

— Diga o seu nome — ordenou Lorde Velsus.

A jovem teve de tossir duas vezes até conseguir colocar as palavras para fora, a voz tomada por um tremor que mal conseguia conter.

— Jervia Mesieles.

— Esse é o seu nome de casada, não? — perguntou Velsus.

— Sim, meu senhor.

— Diga o seu nome de solteira.

— Jervia Nester Aruan.

— De fato. Seu pai foi Governador de Linesh, não?

— Sim, meu senhor.

— Na verdade, ele ficou responsável pela administração da cidade na época da ocupação do Matador do Esperança. Uma ocupação que muitos acreditam ter levado ao surto da Mão Vermelha, durante o qual você mesma quase pereceu. Não é verdade?

As mãos de Jervia se contorceram e deduzi que ela estava lutando contra um impulso de tocar as marcas no pescoço.

— É, meu senhor.

— Contudo, você foi salva pela intervenção do Matador do Esperança, que mandou chamar uma curandeira em sua terra natal. Assim, seria justo dizer que o seu pai se considerava em dívida com o Matador do Esperança, não seria?

Jervia fechou os olhos, ergueu a cabeça e respirou fundo. Quando os abriu e olhou para mim, vi neles um pedido de desculpas inconfundível.

— Seria, meu senhor — respondeu ela numa voz arrastada, a voz de uma atriz relutante.

— Dizem — prosseguiu Velsus — que o seu pai recebeu um presente do Matador do Esperança pouco antes da prisão deste. O que foi?

— Uma espada, meu senhor.

O Promotor Imperial olhou para os conselheiros reunidos, suas sobrancelhas erguidas de surpresa.

— Ele aceitou como presente a espada do Matador do Esperança, a mesma lâmina que havia sido manchada com o sangue divino do próprio Esperança. Um homem de espírito mais nobre poderia ter considerado tal presente um fardo intolerável sobre sua honra, mas, dada a inépcia de seu pai na defesa de sua cidade e o fracasso em seguir o curso honrado após a derrota, não é de surpreender. Diga-me, havia algo de incomum nessa espada?

Jervia tornou a respirar fundo.

— Sim, meu senhor. A lâmina tinha marcas estranhas, e às vezes... às vezes meu pai a pegava à noite, quando achava que ninguém podia ver. Ele a tirava da bainha e a lâmina reluzia com um brilho branco estranho. Ela... fez algo com o meu pai, mudou-o de alguma forma...

Ela vacilou quando gargalhei, seu rosto ficando lívido de repente e os olhos enchendo-se de lágrimas.

— Perdoe-me, honorável senhora — falei. — Continue, por favor.

Velsus virou-se para mim, o rosto contorcido de raiva, apontando um dedo de forma acusadora.

— *Vejam bem o humor deste homem, meus senhores! Vejam como ele se delicia com a própria vilania!*

Ele se voltou para Jervia, acalmando-se com um esforço que me fez suspeitar que aquilo não era tudo uma farsa.

— *Você já viu este homem antes, não?*

— *Eu... — A garota baixou os olhos para as mãos entrelaçadas, que agora estavam brancas e trêmulas. — Sim... Sim, ele foi ver o meu pai, uma noite antes de o Matador do Esperança ser trazido para a cidade.*

— *Você presenciou o encontro deles?*

— *Sim, meu senhor. Eu não devia, mas conhecia um lugar oculto no escritório de meu pai, de onde podia ouvir os seus encontros. Eu estava preocupada, veja bem. A espada havia mudado tanto ele, e com o retorno do Matador do Esperança, fiquei pensando no que poderia fazer. Meu pai disse a Lorde Verniers que ele pretendia devolver a espada ao Matador do Esperança. Lorde Verniers ficou muito bravo, chamou meu pai de traidor e disse que faria o Imperador enviar guardas para prendê-lo... Mas meu pai lhe mostrou a espada, e ele se calou. Meu pai disse que com aquela espada o Matador do Esperança sem dúvida sairia vitorioso no seu duelo nas Ilhas, e que se Lorde Verniers não fizesse objeção ao uso da arma, ele receberia uma grande recompensa.*

— *Compreendo. E a natureza dessa recompensa?*

— *Conhecimento. O Matador do Esperança contaria a história de sua vida e a razão para o Rei Janus começar a guerra.*

— *Sem dúvida uma grande recompensa, que seria apreciada por qualquer historiador.*

Velsus olhou para mim, sua expressão a concentração inabalável de um leopardo de olho numa presa encurralada.

— *O senhor viajou com o prisioneiro imperial até as Ilhas Meldeneanas, não?*

— *Por ordem do Imperador — respondi.*

— *De fato, mas também, se bem me lembro, a um pedido do senhor. E durante a viagem o selvagem cumpriu a sua parte do acordo? Ele lhe contou a sua história miserável?*

— *Ele transmitiu o que acredito ser um relato parcialmente preciso do seu papel na invasão.*

— *E o senhor lhe deu a espada.*

— *O Governador Aruan lhe deu a espada. Uma arma simples de pouca distinção, aliás.*

Velsus gesticulou com desdém.

— Os nortistas são famosos por sua habilidade de ocultar a magia. E ao chegar à capital meldeneana, após receber a sua recompensa, o senhor não se sentiu obrigado a avisar o oponente do Matador do Esperança de que ele agora enfrentaria um adversário que se tornara invencível através de meios sobrenaturais? E ao não fazê-lo, o senhor não garantiu que o Matador do Esperança saísse vitorioso no duelo, uma disputa que, ao que tudo indica, durou apenas um segundo, privando dessa forma o nosso Esperança assassinado de toda justiça?

— Não foi dado aviso algum. — Olhei para Jervia, que agora estava de cabeça baixa, o rosto tomado por uma angústia abjeta. — Não sei que ameaças forçaram esta infeliz mulher a contar mentiras. E lamento vê-la angustiada por minha causa. Mas se Al Sorna ficou invencível aquele dia, não foi por meio de algo tão mundano quanto a sua espada.

Velsus desceu os degraus, movendo-se com uma determinação calculada na minha direção.

— Vejam como ele se debate no anzol, meus senhores. Vejam como ele se contorce e profere ainda mais falsidades. Este homem vil, escolhido e elevado a uma posição alta pelas graças do Imperador, e ainda assim disposto a se vender como a prostituta mais barata pelas palavras de um selvagem. Se este tivesse sido o seu único crime, talvez fosse possível perdoá-lo, após receber a devida punição, naturalmente, pois todos os homens são fracos e sujeitos a serem seduzidos. Entretanto, meus senhores, esta criatura tem de responder por um crime ainda maior.

Ele se voltou para a plataforma, parando para dirigir algumas palavras a Jervia, dispensando-a. A garota ergueu o olhar para mim quando os guardas a conduziram para fora, as lágrimas escorrendo livremente ao articular “meu pai” em silêncio com os lábios, os olhos implorando que eu compreendesse. Respondi com um leve aceno de cabeça, conseguindo até mesmo dar um leve sorriso antes que ela fosse levada da sala do trono.

— Peço humildemente à Imperatriz Emeren I — entoou Velsus, curvando-se diante da plataforma — que de bom grado consinta em testemunhar neste caso.

A Imperatriz aguardou um momento antes de se levantar, uma ação que exigia que todos os presentes se ajoelhassem. Prontamente coloquei um joelho no chão e gesticulei para Fornella fazer o mesmo. Este era o único ponto da etiqueta que não podíamos nos dar ao luxo de ignorar, uma vez que desrespeito para com a pessoa imperial era punido de pronto com a morte.

Notei como os olhos de Emeren mais uma vez se demoraram em Fornella, vendo o breve momento de maquinação antes que ela desviasse o olhar. Um obstáculo em seu plano, concluí. Uma complicação indesejável.

— Como todos aqui sabem — começou a Imperatriz —, pouco antes de minha Escolha, um atentado foi cometido contra a minha vida e a vida de meu filho. Muitos servos amados e leais morreram nesse ataque e meu filho e eu escapamos por muito pouco. Meus atacantes eram uma volariana e um servo da mesma seita herege e fanática do Matador do Esperança. Ficou claro para mim durante a minha provação que esses assassinos haviam recebido informações detalhadas sobre a minha casa, pois de que outro modo poderiam ter acesso a ela com tamanha facilidade? Antes de ser resgatada pela corajosa intervenção do Comandante Hevren, a mulher falou comigo. — Ela ergueu um braço e apontou o dedo direto para mim, resoluta. — E deu o nome deste homem como a fonte das informações. Aparentemente ele queria que eu soubesse de seu envolvimento, como convém a um homem tomado pelo ciúme e pelo ódio.

Olhei-a nos olhos, vendo ali apenas triunfo. Amado Imperador, pensei. O que fez conosco?

Suspirei e me levantei, mantendo o olhar fixo no dela, recusando-me a desviar os olhos mesmo quando a lâmina da espada de Hevren foi pressionada contra o meu pescoço. A arma foi detida quando a Imperatriz ergueu a mão.

— Não pouparei esse traidor de um julgamento — disse ela. — Nosso povo merece a verdade e que a lei seja seguida.

— Se pretende me matar, então mate e me poupe da farsa do seu julgamento — falei. — Peço apenas que antes escute o meu relato do conflito no Reino Unificado, a ser comprovado por esta mulher, pois é de extrema importância a este império.

Mal podia ser chamado de um sorriso, era mais uma leve curvatura nos lábios perfeitos, mas vi então uma mulher experimentar aquele que talvez fosse o momento mais doce de sua vida.

— Lorde Verniers, eu já o ouvi demais.

CAPÍTULO UM

Vaelin

Tal como antes, a primeira coisa que ele notou foi a mudança no ar, o cheiro sulfúrico do topo da montanha substituído por algo muito mais adocicado. O frio úmido também havia desaparecido, transformado na carícia morna da luz do sol, impregnada por uma brisa suave de verão. Porém, desta vez, os sons eram diferentes; não havia estalos de galhos de floresta ou pássaros cantando, mas sim o barulho de muitas mãos trabalhando. O solo debaixo da pedra da memória também havia mudado, a rocha entalhada substituída por ladrilhos lisos de mármore recém-cortado. Vaelin ergueu a cabeça e viu que de fato não se encontravam mais no topo da montanha, mas numa plataforma elevada no centro de uma cidade recém-construída.

Por todo lado homens trabalhavam entre andaimes, puxando cordas ou entalhando pedras, pares de cavalos de tração altos e de patas peludas puxavam carroções enormes com blocos de granito e mármore. O ar estava repleto de chamados e canções enquanto os homens trabalhavam, a ausência de qualquer estalo de chicote ou correntes um sinal claro de que aquelas pessoas não eram escravas. Na verdade, todos pareciam animados em seus trabalhos. Os olhos de Vaelin foram atraídos para a estrutura mais alta, uma torre estreita e retangular de mais de quinze metros de altura. As paredes estavam cobertas por andaimes, mas ele podia ver o mármore vermelho e o granito cinzento por trás deles. Voltou o olhar para outra construção perto dali, cujas paredes já estavam erguidas, mas o telhado ainda não estava terminado. Era uma estrutura de tamanho considerável, maior do que aquelas ao seu redor. Um pedreiro estava sentado numa correia pendurada sobre o lintel, o seu cinzel deixando uma linha de símbolos na pedra, símbolos aos quais o Irmão Harlick certa vez atribuíra um significado: biblioteca.

— A Cidade Caída — disse ele em voz alta, e bastou um olhar para a paisagem ao sul para confirmar aquilo. As eras podiam fazer uma cidade ruir, mas não as montanhas.

— Sem dúvida. — Erlin estava de pé ali perto com as mãos enfiadas no manto enquanto olhava para uma figura alta parada a pouca distância, de cabeça baixa enquanto lia um pergaminho desenrolado. — E o homem que a construiu.

O homem ergueu os olhos do pergaminho e Vaelin moveu-se para fitar seu rosto,

de algum modo sabendo o que veria. Ele tinha barba e uma fronte carregada, embora não fosse tão velho e enrugado quanto a sua estátua o retrataria mais tarde; era mais jovem até do que a pintura na parede da caverna do Povo Lobo. Mas ainda assim havia uma gravidade em sua expressão enquanto examinava a sua cidade recém-erguida e mantinha os olhos apertados, ocasionalmente piscando-os numa frustração contida.

O que ele poderia encontrar que não fosse de seu agrado em tamanha realização?, perguntou-se Vaelin, olhando ao redor para a elegância crescente por todos os lados.

— Ele é o rei deste lugar? — perguntou a Erlin.

— Duvido que essa palavra tenha algum significado aqui.

Vaelin gesticulou para os trabalhadores ocupados.

— Mas esses homens obedecem às ordens dele.

— E parecem felizes em fazê-lo, não acha? Vejo apenas o que a pedra me mostra, irmão. Mas não vi nada que indicasse que esse homem comandasse através do medo ou pela força de armas. Vasculhe a cidade inteira e não encontrará uma única espada.

Uma voz alta fez o homem barbado se virar, os dentes subitamente à mostra num sorriso radiante quando uma jovem correu para o seu lado. Vaelin mais uma vez não ficou surpreso ao notar a semelhança dela com a mulher das pinturas na caverna: olhos verdes e cabelos escuros. Ela deu um abraço caloroso no homem barbado, seus dedos entrelaçando-se numa intimidade automática ao se beijarem. Ela recuou com uma risada, virou-se e estendeu a mão, dizendo palavras que Vaelin não compreendia, embora o tom fosse animado, até mesmo jubilante. Um jovem de rosto fino apareceu e chegou a alguns metros do casal, dando um sorriso leve e relutante. Havia diferenças sutis nele com relação à figura retratada na caverna; era mais jovem e não tinha a boca torcida de forma sardônica, mas ainda era reconhecível. A mulher riu e estendeu a mão para trazê-lo para perto, apresentando-o ao homem barbado, que ignorou a mão do jovem e o abraçou.

— Irmão e irmã — compreendeu Vaelin, seu olhar indo da mulher para o jovem.

— Creio que sim — disse Erlin. — A primeira vez que os três se reuniram. Mas longe de ser a última.

A lembrança mudou de modo abrupto, as construções e as pessoas desaparecendo numa névoa rodopiante em volta deles, como se estivessem de pé no centro de um vórtice, embora não houvesse qualquer sensação de vento. O movimento logo diminuiu e a névoa transformou-se mais uma vez na cidade, mas agora todas as construções estavam terminadas. A primavera havia chegado às montanhas e o ar era

puro, a cidade agitada por pessoas; pais com filhos, amantes passeando de mãos dadas. Parecia que era possível ouvir música em todos os cantos: um homem com algum tipo de harpa cantando num telhado próximo, um grupo de cantores algumas ruas adiante acrescentando as próprias vozes. Havia também grupos de pessoas travando discussões animadas, gesticulando umas para as outras com pergaminhos e dispositivos estranhos que Vaelin supôs serem alguma forma de sextante.

— Reúna mais de um filósofo e uma discussão tem início — comentou Erlin. — Um truísmo que observei em todas as partes do mundo. Na verdade, certa vez vi um deles discutir consigo mesmo. Ficou bastante violento no fim. — Ele foi para a beira da plataforma elevada e fez um gesto abrangente com o braço estendido. — Acho que foi por isso que ele construiu este lugar. Um santuário para pensadores, artistas, eruditos. Em todas as minhas viagens, jamais vi uma cidade como esta.

Uma voz irritada atraiu a atenção de Vaelin para a aproximação da mulher de cabelos escuros, caminhando a passos largos à frente do homem barbado, movendo as mãos em gestos enfáticos e negativos. Seu irmão vinha atrás, a certa distância. Todos estavam mais velhos do que antes, apesar de talvez por poucos anos. A timidez do homem mais novo parecia ter desaparecido, a expressão de divertimento cansado em seu rosto um eco do que posteriormente exibiria na parede da caverna.

A mulher foi até a pedra da memória e Vaelin viu que agora havia ali outra idêntica, menos na cor, pois esta pedra era negra, a superfície sem qualquer falha ou veio. *Algo negro*. Vaelin lembrou-se da profunda inquietação de Urso Sábio ao tocar o espaço onde aquela coisa se encontrava agora.

A mulher parou para olhar para a pedra negra, seu rosto por um momento transformado numa máscara de confusão antes de se virar para o homem barbado e apontar para a pedra, a voz erguida num tom enfático. O homem suspirou e moveu-se para o outro lado dela, deixando a rocha entre os dois. Ele falou com calma, mas havia tanta certeza em suas palavras quanto nas dela, além de um tom inconfundível de recusa. A mulher começou a gritar com ele, as belas feições transformadas por uma raiva intensa. Ela se acalmou um pouco quando o irmão aproximou-se da pedra, e Vaelin notou como ele mantinha as mãos atrás das costas. Ele falou durante algum tempo e encolheu os ombros várias vezes, e sua irmã estava evidentemente irritada com a sua aparente despreocupação. Por fim, a mulher moveu as mãos numa exclamação enraivecida de derrota e foi embora.

O irmão e o homem barbado trocaram olhares pesarosos, mas nenhuma outra palavra. Após uma breve pausa, o homem barbado estendeu a mão para a pedra, deixando-a erguida sobre a superfície lisa, e Vaelin notou o tremor involuntário na ponta de seus dedos. O homem mais novo falou, somente algumas palavras, mas o humor havia desaparecido por completo de seu rosto e o tom era seco, quase

autoritário.

O homem barbado hesitou, e um breve espasmo de raiva tomou conta de seu rosto. Então ele riu, recolheu a mão e recuou, dando um tapinha no ombro do jovem antes de se afastar caminhando tranquilamente. Ele desceu os degraus até a rua abaixo, trocando cumprimentos afáveis enquanto avançava em meio à multidão, cada rosto à sua volta repleto de respeito e afeição.

O jovem o observou ir embora e então se virou para a pedra, esfregando o queixo e com o cenho franzido, pensativo. Após um momento ele começou a se afastar, mas parou ao chegar aos degraus. Empertigou-se como que em resposta a algum alarme inaudível e se virou, passando os olhos pela plataforma até parar em Vaelin.

— Ele me vê — disse Vaelin.

— Sim — retrucou Erlin. — Sempre me perguntei o que o fez parar nesse momento. Com sorte, as próximas palavras dele agora farão algum sentido.

O jovem avançou devagar, com uma expressão de espanto cauteloso. Ele chegou a poucos metros de Vaelin e parou, estendendo a mão como se pretendesse tocar o seu manto, mas os dedos atravessaram o material como se fosse feito de bruma. O jovem recuou um pouco, seus lábios tentando formular uma pergunta numa língua que não era a sua.

— Você... tem... nome? — perguntou ele na língua do Reino com um sotaque carregado, mas compreensível.

— Tenho muitos — respondeu Vaelin. — Embora eu suspeite que você me conheça apenas por um.

O jovem franziu o cenho, perplexo.

— Eu... Lionen — disse ele. — Eu ver você... antes. — Ele bateu na têmpora com um dedo. — Em sonhos... Em acordado... Ouvir sua língua... Aprender.

— Você tem o dom da presciência — disse Vaelin, e procurou explicar em resposta a outra expressão de perplexidade: — Você... vê o que está por vir.

— Às vezes... Às vezes... muda. Você, sempre mesmo. — Ele olhou para a pedra negra. — Isto também.

— O que é isso?

O rosto de Lionen ficou tenso de consternação e Vaelin percebeu que o jovem estava procurando palavras para descrever algo que nem mesmo ele compreendia completamente.

— Uma caixa — disse ele por fim. — Caixa cheia... de tudo, e nada.

— Sua irmã tem medo dela.

Lionen assentiu.

— Essara vê grande perigo nisso. Seu esposo, grande... uso.

— E você?

— Eu vejo você, e a caixa. — Seu olhar recaiu em Erlin. — E ele... Mas ele não é ele quando a toca.

Seu rosto se anuviou e ele se virou na direção da cidade, agora banhada por um leve brilho alaranjado à medida que o sol começava a descer atrás das montanhas a oeste.

— Em seu tempo... este lugar desapareceu, não?

— Sim. Arruinado muitas eras antes.

Lionen baixou os olhos e seu semblante ficou carregado de pesar.

— Eu... espero ver errado. — Ele respirou fundo e empertigou-se. — Se... eu ver você de novo. Trazer... palavras felizes.

— Espere. — Vaelin estendeu a mão na direção de Lionen quando ele começou a se afastar, apesar de não conseguir tocar nada, é claro. — Você possui um conhecimento de que preciso. Estamos diante de um grande perigo...

— Eu sei — retorquiu Lionen, encolhendo os ombros. — Eu... diante de perigo também.

Vaelin teve um vislumbre do rosto do jovem antes que a lembrança se desfizesse mais uma vez; o sorriso enviesado retornara por um instante, e então se transformou em névoa quando o vórtice girou.

— O que ele quis dizer? — perguntou a Erlin.

— Bem que eu gostaria de saber, irmão — respondeu o homem ancestral. — Mas suspeito que agora já nos aventuramos muito além dos limites do meu conhecimento.

Desta vez o vórtice transformou-se numa cena de caos, a cidade em chamas e desmoronando em volta deles, acompanhada pelos gritos de milhares em agonia. Vaelin agachou-se instintivamente quando um tremor estrondoso sacudiu a pedra sob os seus pés, e seu olhar foi atraído de imediato para a torre, alta e gloriosa no céu noturno, mas somente por um momento. O solo tornou a tremer e a torre desabou, as paredes de pedra curvaram-se como um arco ao despencarem para o chão, destruindo as casas abaixo numa explosão de pedras e chamas.

Vaelin foi até a beira da plataforma e parou aturdido diante dos horrores que ocorriam lá embaixo. Uma mulher cambaleava pelas ruas com uma criança sem cabeça nos braços, o rosto lívido pela loucura. Um homem robusto de manto longo passou correndo por ela gritando de medo, alcançado e desmembrado em segundos por um grupo de homens em armaduras vermelhas, rindo alegremente enquanto as suas espadas subiam e desciam num frenesi jubilante.

Os olhos de Vaelin percorreram a cidade moribunda, encontrando cenas de carnificina e tormento por toda parte, e as palavras ditas por Sella anos antes lhe vieram à mente: *Viveram em paz por várias gerações e não tinham guerreiros, então quando veio a tempestade eles estavam nus diante dela.*

A devastação continuou por uma hora ou mais, a cidade desmoronando ao redor deles enquanto a população morria. Os homens de armadura vermelha eram criativos em suas crueldades, deleitando-se com os gritos daqueles que estupravam ou esfolavam, ainda que, com exceção das risadas, fossem matadores mudos, realizando o trabalho sanguinolento sem trocar uma palavra entre si.

— O que são eles? — perguntou Vaelin num sussurro.

— Com o tempo, o povo que construirá o Império Volariano irá chamá-los de Dermos — disse Erlin. — Imaginarão que são o produto de algum fosso flamejante nas profundezas da terra. Quando terminarem aqui, eles atravessarão o oceano para atacar cada lugar que puderem encontrar onde a humanidade resida, com isso dando origem a lendas e deuses. — Erlin apontou para algo nas ruas cobertas de fumaça abaixo. — O massacre continuará até que aquele que os comanda tombe.

A figura movia-se pela carnificina sem parecer notá-la, pisando em cadáveres e em sangue empoçado num passo constante e despreocupado. Os homens de armadura vermelha abriam caminho quando ele se aproximava, não por respeito, pois não faziam medidas, nem o cumprimentavam de qualquer forma, mas como em resposta a uma ordem inaudita. Assim que o homem passava, eles retornavam aos seus divertimentos abomináveis sem olhar na sua direção. Seu rosto tornou-se nítido quando se aproximou dos degraus da plataforma e parou para olhar para o alto, a testa tão enrugada agora que parecia coberta de cicatrizes, o brilho de milhares de incêndios reluzindo nos fios grisalhos de sua barba.

Ele fez uma careta quando começou a subir, as pernas rígidas e as costas curvadas pelo esforço. Parou ao chegar à plataforma e soltou um gemido alto e cansado, e então olhou para trás na direção do caos abaixo. A expressão em seu rosto envelhecido era uma que Vaelin conhecia bem demais. *Aquele que os comanda*, pensou ele, vendo a malícia ávida que distorcia as feições do homem barbado.

— Ele fez isso — compreendeu Vaelin em voz alta. — Ele destruiu a própria cidade.

— E muito mais além dela — disse Erlin quando o homem foi para o centro da plataforma, parando diante do pedestal de pedra negra, olhando para o vazio de sua superfície. Ele permaneceu ali durante algum tempo, até que os gritos e os últimos estrondos retumbantes de destruição tivessem cessado, restando apenas o estrépito das chamas.

O homem barbado ergueu o rosto para o céu noturno, os olhos fechados ao estender a mão para a pedra. Sua malícia parecia ter desaparecido agora, deixando um cansaço tão grande que Vaelin o achou quase digno de pena. Enquanto antes a sua mão havia estremecido, agora ela tremia como se ele estivesse sendo tomado por uma paralisia, e a boca do homem barbado abriu-se num grito silencioso...

De repente, ele girou para longe da pedra com um grito, o peito arfando e o rosto lívido de fúria e outra expressão que Vaelin conhecia bem: a máscara espasmódica de olhos brilhantes de um homem orgulhoso não disposto a reconhecer a própria derrota.

Uma tropa grande de homens de armadura vermelha subiu correndo os degraus, carregando várias vigas longas de madeira. O homem barbado afastou-se da pedra negra quando os seus servos se aproximaram. Eles colocaram as vigas debaixo do topo largo do pedestal, semelhante a um cogumelo, e o ergueram, levando-o embora depressa, aparentemente alheios ao peso enquanto desciam os degraus e avançavam pelas ruas apinhadas de cadáveres.

O homem barbado demorou-se por um momento, os olhos apertados como se esquadrinhasse a plataforma. Havia também um leve sorriso em seus lábios, um brilho discreto de humor nos olhos. *Ele sabe que estou vendo isso*, concluiu Vaelin, e o frio enregelante da compreensão percorreu o seu corpo ao ver a malícia retornar ao rosto do homem barbado, o sorriso ainda ali quando se virou e desceu os degraus sem olhar para trás. *Não era mais do que uma grande cabeça de pedra à espera que as eras o transformassem em poeira...*

O Aliado.

— Você sabia?

— Eu desconfiava. — Erlin ergueu a mão para a pedra da memória. — Mas essas lembranças são muito antigas. Tantas vidas foram vividas desde então, mil reinos se ergueram e sucumbiram, dando origem a incontáveis mistérios.

— Lionen disse que você tocara a pedra negra — insistiu Vaelin. — Mas não seria você quando o fizesse. O que ele quis dizer com isso?

— Acho que ele quis dizer que temos muito sobre o que pensar. — Erlin estendeu a outra mão a Vaelin. — Nada mais ocorrerá aqui, embora uma vez eu tenha esperado quase um mês para confirmar. Espere por tempo suficiente e talvez você veja os lonaks chegarem.

Vaelin suspirou e lançou um último olhar para as ruínas ainda fumegantes antes de se aproximar para pegar a mão de Erlin, e então recuou alarmado quando ela se

transformou em poeira antes que pudesse segurá-la. O vórtice retornou num piscar de olhos, levando Erlin consigo. Parecia haver uma nova intensidade na poeira rodopiante agora, as cores mudavam, uma dança mais complexa na espiral de caos. Ela desapareceu tão depressa quanto surgira, revelando o topo da montanha acima da aldeia lathera. No entanto, Vaelin agora estava sozinho e era noite, as nuvens acima transformadas num teto alaranjado e rodopiante pelo brilho do fogo das montanhas. A fúria incandescente parecia mais intensa; seus olhos discerniram uma gota de rocha derretida entre as chamas e a fumaça, e um pequeno tremor pulsou pela pedra debaixo de seus pés.

— Então — disse uma voz —, tem notícias mais alegres para mim?

Lionen caminhou em sua direção do aglomerado de casas. Ele estava mais velho, o cabelo longo em grande parte grisalho, o rosto ainda magro, mas também enrugado. Ele parou a alguns metros de distância e franziu o cenho ao examinar a aparência de Vaelin.

— Ah. Faz apenas alguns momentos para você, não?

Vaelin assentiu.

— Meu amigo...

— Esta lembrança não é para ele. — Lionen virou-se e estendeu a mão na direção das casas. — Eu estava prestes a jantar. Gostaria de se juntar a mim?

— Seu conhecimento da minha língua aumentou — observou Vaelin, acompanhando Lionen até uma das maiores casas. Ele notou que todas as outras estavam silenciosas, sem nenhuma luz nas janelas.

— Tive muitos anos para estudá-la. E várias outras, embora esta seja a minha favorita. Menos fluida do que o seordah, mas mais poética e funcional do que o volariano. — Lionen ficou de lado na porta de sua casa, gesticulando para que Vaelin entrasse primeiro. O interior era aquecido, o cômodo parcamente mobiliado com um catre baixo de madeira e alguns pergaminhos empilhados num canto. Havia uma pequena panela de ferro fumegando sobre uma fogueira, a fumaça saindo por um buraco estreito no teto.

— Eu lhe ofereceria um pouco de cozido — disse Lionen, sentando-se ao lado da fogueira —, mas seria um gesto redundante.

— Posso sentir — comentou Vaelin. — Mas não tocar. Por quê?

— A pedra captura o lugar e o tempo, mas eles são imutáveis. Assim como a nossa conversa. Ela já aconteceu, apesar de para nós dois parecer estar acontecendo agora. O que aconteceu não pode ser mudado, de modo que você não pode tocá-lo. A mudança é da alçada do futuro.

Ele ergueu a tampa da panela e provou a comida com uma pequena colher.

— Codorna com tomilho e cogumelos — disse Lionen. — Uma pena que você não possa comer. Tive muito tempo para aperfeiçoar a receita.

— Há quanto tempo você está aqui?

— Quinze anos desde que construí esta cidade em miniatura. Eu tinha companheiros na época.

— O que aconteceu com eles?

— Alguns partiram, entediados com a minha inatividade. Outros ficaram desapontados com as minhas lições e buscaram conhecimento em outros lugares. Os restantes eu mandei embora. Acho os jovens tediosos hoje em dia. São sempre terrivelmente fervorosos.

— Você entalhou a pedra lá fora, encheu-a com as suas lembranças.

— E muito mais. As pedras não eram simplesmente repositórios para lembranças. Eram também um meio de comunicação, conectadas entre si. Uma inovação útil para uma civilização que se estendeu por meio mundo.

— Destruída pelo marido de sua irmã?

— Sim. Enquanto eu vagava pelo gelo à procura do impossível, ele tinha outras obras em mente.

Vaelin lembrou-se das pinturas da caverna, os três visitantes que se tornaram dois.

— Sua irmã morreu salvando o povo do gelo. Vocês trouxeram doenças, e ela os curou, embora tenha custado a sua vida.

— Ela era uma curandeira. Viu isso como uma obrigação, apesar de implorarmos que parasse.

— Foi isso que o mudou? Que fez com que ele odiasse o que construía?

— A morte de Essara pode ter escurecido a sua alma, mas desconfio que os primeiros passos no caminho do que ele é agora foram dados muito antes. Foi a decepção, veja bem, o constante descontentamento. Ele tentou com tanto empenho construir o seu mundo perfeito, uma civilização que faria a humanidade ascender a algo maior. Porém, as pessoas ainda são pessoas, por mais confortável que seja o ambiente em que se encontram. Elas mentem, brigam, traem e não importa quanto se dê a elas, sempre querem mais. Sem a influência de minha irmã, ficou cada vez mais difícil para ele continuar sendo generoso, continuar guiando na esperança de que um dia eles tornassem a sua visão realidade. E assim, após se provarem indignos do mundo que criara para eles, ele decidiu destruí-lo.

Lionen pegou uma tigela e começou a enchê-la com ensopado; pelo cheiro Vaelin supôs que a preferência dele pela receita era bem fundamentada.

— Diga-me — disse ele, sentando-se de novo com a tigela na mão —, a eorhil

encontrou a pedra que deixei para ela?

Vaelin lembrou-se da história de Sabedoria sobre a viagem que fizera à Cidade Caída, o seu encontro com Nersus Sil Nin.

— Encontrou, com a ajuda de uma cega que tinha o mesmo dom que você.

— Ah, a cega. — Lionen sorriu com ternura enquanto comia. — Vista com frequência nas minhas visões, mas nunca falo com ela. Tão graciosa na juventude. Gostaria muito de tê-la conhecido.

— Você esculpiu a pedra que deu a Sabedoria o seu nome — disse Vaelin. — Sabendo que ela a encontraria um dia.

— A visão muda. Às vezes ela a encontra, às vezes não. Desconfio que a cega achou necessário dar um leve empurrão no destino. Voltei para a cidade após o meu período no gelo e encontrei cadáveres há muito apodrecidos e destruição, uma cena que meu dom nunca me revelara, pois sempre voltou a minha visão para o futuro distante. A pedra negra havia desaparecido e a pedra da memória estava despedaçada, mas fui capaz de tirar informações suficientes dos fragmentos para descobrir quem havia feito aquilo. Passei anos entre as ruínas, entregue ao pesar, distraíndo-me com o aprendizado da língua e o conhecimento revelados pelo meu dom. Certo dia, meu dom trouxe uma visão da eorhil segurando uma pedra perfeitamente quadrada feita do mesmo material da pedra da memória, só que esse artefato não existia naquela Cidade Caída, então eu o criei. Refiz a pedra da memória, cinzelando-a por boa parte de um ano até restar apenas um pequeno cubo, e nele coloquei todo o conhecimento que me fora revelado pelo meu dom. Espero que a tenha feito feliz.

— Fez com que ela fosse... de grande ajuda para o povo dela, e para o meu. E por isso lhe agradeço.

Lionen deu de ombros de forma afável e voltou à refeição.

— O que você estava procurando? — perguntou Vaelin quando o silêncio se arrastou. — No gelo, para onde levou o corpo de sua irmã.

— Uma lenda. Sei que para você o meu povo é pouco mais do que um mito, mas nesta época nós temos as nossas próprias histórias, canções antigas dos dias em que o mundo era jovem. Vi muita coisa que sugere que este mundo é muito mais antigo do que poderíamos compreender, fonte de incontáveis maravilhas. Fui à procura de uma, um ser que as pessoas da sua época chamariam de deus, que diziam possuir o poder de trazer os mortos de volta à vida.

Seu olhar ficou distante e ele voltou à refeição, comendo em silêncio. Vaelin ficou imaginando se aquele encontro era tão familiar a Lionen a ponto de deixá-lo cansado com a repetição. Ocorreu-lhe que o dom de Lionen era de fato uma maldição,

enchendo sua mente de visões de um futuro tão distante daquela época, mas repleto de uma verdade terrível, privando de significado a sua própria era.

Outro tremor sacudiu o solo, mais forte desta vez, fazendo com que as folhas das janelas chacoalhassem e arrancando Lionen de seu silêncio. Ele raspou o resto de ensopado da tigela e levantou-se, levando-a para fora. Vaelin o seguiu e o encontrou amarrando a tigela a um pedaço de corda preso entre duas casas.

— É uma longa descida até o rio — disse ele. — O vento irá limpá-la. Um gesto vazio, mas sempre achei difícil deixar hábitos de lado.

— Você encontrou? — perguntou Vaelin. — Esse deus lendário?

Lionen olhou para algo por cima do ombro de Vaelin.

— Creio que sabe o que encontrei, ó Sombra dos Corvos.

Ele sabia o que veria, ainda que não houvesse rosnado dessa vez e tivesse se aproximado de forma silenciosa. Não estava tão grande quanto antes, seus ombros chegavam à cintura de Vaelin, embora havia muito desconfiasse que ele podia assumir qualquer tamanho que escolhesse.

O lobo aproximou-se com o focinho perto do chão como se farejasse a pedra ao redor dos pés de Vaelin, lembrando-lhe de como Arranhão procurava um rastro.

— Ele pode sentir o seu cheiro, mesmo você sendo apenas um eco enviado do futuro — disse Lionen. — Parece que ele deseja poder encontrá-lo de novo.

O lobo sentou-se, a longa língua rosada deslizando sobre os lábios ao bocejar, os olhos verdes encarando Vaelin com uma afeição plácida.

— Ele o seguiu desde o gelo? — perguntou a Lionen.

— Sim. Encontrei-o tão ao norte que desconfio que eu estava no topo do mundo inteiro. Ele estava maior na ocasião, a imagem do deus que eu esperava encontrar. Ele se aproximou, cheirou o corpo de Essara e usou os dentes para tirar a mortalha que cobria o rosto dela. Por um segundo achei que fosse comê-la, mas em vez disso lhe lambeu o rosto, só uma vez... E eu ouvi a voz dela.

O rosto de Lionen se anuviou e ele foi até a pedra da memória, seguido por Vaelin e o lobo, que caminhava ao seu lado.

— Você tem mais perguntas para me fazer — disse Lionen. — Seja breve, por favor. O tempo é curto.

— A pedra negra — disse Vaelin. — O que ela é? Por que ele a levou?

— Eu lhe disse, é uma caixa. Uma que abrimos juntos, e este mundo é o resultado.

— Você disse que Erlin iria tocá-la, mas que não seria o mesmo quando o fizesse. O que quis dizer com isso?

— O homem ancestral lhe disse que quase foi capturado uma vez, quando ficou à beira da morte e tocou no Além. Você sabe que o Aliado usa outros para causar a sua destruição no mundo, almas capturadas e deturpadas para os seus propósitos. Por que acha que ele não enviou uma delas para roubar o corpo de Erlin?

Lionen parou diante da pedra, sorrindo levemente.

— A última a ser entalhada, pelas minhas próprias mãos. A pedra em si vem de uma mina nas profundezas das montanhas localizadas no lugar que você chama de Confins do Norte. Também encontramos a pedra negra lá, um pedaço imenso dela com propriedades muito singulares. Foi ideia dele entalhá-la, é claro, embora minha irmã fosse contra. “Tal poder não deveria ser colocado em mãos humanas”, disse ela. Ele riu, puxou-a para perto e falou: “Todo poder deveria estar em mãos humanas, minha amada. Pois de que outro modo podemos transcender a humanidade?”

— Poder — disse Vaelin. — O Aliado é atraído por ele.

— Como um abutre a um cadáver. E que maior poder existe do que a habilidade de derrotar a própria morte? — Havia um peso nas palavras de Lionen agora, uma intenção séria em seus olhos, o significado bastante claro.

— Não farei isso — respondeu Vaelin.

— Então veja o seu mundo morrer assim como vi o meu. A terra ao nosso redor é estéril, e continua assim por quilômetros em todas as direções. Restam pequenas aldeias aqui e ali, algumas cidades que de algum modo resistiram à tempestade, à atenção do que chamavam de Dermos. Elas crescerão com o tempo, criarão reinos e depois um império, esquecendo-se de suas lendas e tornando a si mesmas perfeitas para os propósitos dele com a sua ganância ilimitada. Ele aguarda, por ora. Posso senti-lo agora, encolhido no Além, tramando, planejando. Ainda não é forte o bastante para me capturar quando eu morrer, mas não tenho dúvida de que tentará.

— Você o matou — disse Vaelin. — Você é a razão para ele estar no Além.

— De que outro modo eu teria reunido seguidores numa terra tão estéril? Com a ajuda do lobo, procurei aqueles que podiam me ajudar, um bando de guerreiros corajosos e aqueles com dons que mal compreendiam, todos sofrendo com a perda de familiares ou amantes durante o massacre dele. Os volarianos irão chamá-los de Guardiões com o tempo. Juntos, nós o matamos.

Lionen gesticulou para a pedra e lançou um olhar urgente a leste quando o solo tornou a tremer.

— Está na hora.

— Algo está prestes a acontecer — disse Vaelin.

— Um fim prometido há muito tempo. — Lionen virou-se para as montanhas de

fogo, e Vaelin viu como o brilho flamejante delas havia se tornado ainda mais intenso, a cortina de nuvens acima agora de um tom mais forte de vermelho. — Uma erupção a oitenta quilômetros daqui está prestes a expelir uma nuvem de cinzas quentes que cairão sobre esta montanha mais depressa do que qualquer homem poderia correr. As cinzas irão se assentar, ocultando este lugar dos olhos humanos por séculos, mas as intempéries acabarão removendo-as, e os meus ossos com elas. A única visão de minha própria época que me foi permitida, a minha própria morte.

— Você viu o meu futuro? — perguntou Vaelin. — Viu o que acontece com o meu povo?

Lionen olhou por sobre o ombro e sorriu. Era um sorriso de pesar genuíno, cheio de solidariedade e sem qualquer traço de ironia.

— Vi o suficiente para ter pena de você, Sombra dos Corvos. — Ele se virou de novo para as montanhas de fogo quando o solo voltou a estremecer, a força do tremor fazendo-o cambalear. — Você precisa matar as criaturas dele — disse Lionen. — Prendê-las nos seus corpos roubados e matá-las. Sem ferramentas neste mundo, a necessidade dele de agir será ainda maior, a atração pelo poder impossível de resistir. A pedra negra se encontra na arena em Volar. Quando estiver feito, leve-o até lá. Um toque e ela dá. Um segundo toque e ela toma.

Ouviram-se um estrondo ribombante do leste, acompanhado por uma explosão de lava, subindo num jorro de fogo antes de escorrer pelos flancos da montanha que a expelira. O topo da montanha foi sacudido, fazendo Lionen cair de joelhos, o céu acima escurecendo à medida que o brilho da montanha diminuía, uma névoa densa sendo expelida do topo destruído e descendo as encostas a uma velocidade impossível.

O lobo soltou um ganido baixo mas urgente ao lado de Vaelin, levando o focinho até a sua mão e o empurrando para perto da pedra. Vaelin estendeu a mão para a rocha, mas percebeu que não conseguia desviar os olhos de Lionen, que agora estava ajoelhado e de braços abertos, as cinzas incandescentes rumando em sua direção numa onda negra descontrolada.

— Minha irmã disse o meu nome! — gritou ele quando as cinzas subiram o topo da montanha e o engoliram. O calor era insuportável e as cinzas estavam sufocando Vaelin quando ele colocou a mão na pedra...

... ele piscou e a mudança instantânea no ar o fez engasgar. Seus olhos foram para o local onde Lionen estava ajoelhado um segundo antes, recebendo a morte de braços abertos. A pedra estava lisa, sem o menor sinal de sua morte.

— O que você viu? — perguntou Erlin, a testa franzida de incerteza. — Ela o manteve lá. Deve ter lhe mostrado algo mais.

Que maior poder existe? Vaelin desviou o olhar, achando a confusão nos olhos de Erlin difícil de suportar. *Não farei isso.* Ele se afastou da pedra e dirigiu-se para os degraus.

— Como você disse, temos muito sobre o que pensar.

* * *

Lorkan apareceu de repente e sentou-se ao lado de Vaelin, ignorando os murmúrios agitados dos Senthari. Os lobos de Astorek também começaram um coro de ganidos aflitos, até que ele os acalmou com um olhar.

— Eu diria cerca de cinco mil pessoas — disse Lorkan. — Todas amontoadas nas entranhas daquela montanha. — Ele apontou para um pico escarpado a pouco mais de um quilômetro e meio dali, uma cicatriz irregular visível na rocha a um terço do caminho flanco acima. — Não me aprofundei muito, mas vi o suficiente para saber que eles estão num estado lastimável, vários feridos recentemente, alguns moribundos. Talvez metade seja de crianças. Os mais velhos parecem não estar se dando bem e estão sentados em grupos diferentes, trocando olhares furiosos.

Vaelin ficara irritado ao descobrir que Dahrena voara mais uma vez enquanto estivera fora, retornando ao acampamento e encontrando-a curvada junto a uma fogueira, amparada por Cara e Kiral de ambos os lados.

— Chega disso — disse ele, sentando-se diante dela e passando uma das mãos pela sua fronte gelada. — Mesmo que eu precise drogá-la para deixá-la inconsciente.

— Ah, não resmungue — murmurou ela com um sorriso, os lábios lívidos e os olhos turvos de exaustão. — Acho que posso ter encontrado alguns aliados.

— Alguém viu você? — perguntou Vaelin a Lorkan.

— Um garotinho começou a apontar e gritar quando tentei entrar mais na caverna. Supondo que ele fosse dotado, era o único entre eles.

— Devíamos ir sozinhos — disse Erlin. — Um grupo grande causará muito medo.

— O medo pode ser útil. — Vaelin virou-se para Astorek. — Diga ao seu pai para trazer o exército inteiro para este vale.

Ele aguardou até o meio-dia e então conduziu Cicatriz pelas rédeas até a montanha, parando no sopé. Vaelin ergueu os olhos para a abertura irregular no flanco da elevação, revelando-se agora a entrada de uma caverna, escura e silenciosa, de onde não saía nem mesmo um filete de fumaça que pudesse entregar

os seus ocupantes, apesar de que ele não tinha dúvida de que o haviam visto se aproximar.

Ele segurou as rédeas de Cicatriz com menos força, permitindo que o cavalo mordiscasse o pouco de capim que havia no fundo do vale, mantendo os olhos fixos na entrada da caverna. Vaelin não tinha certeza de que atingiria o seu objetivo. Pertak rira quando Erlin informou o pedido de Vaelin por uma aliança. O chefe lathera tinha uma cicatriz recente no maxilar e um túmulo recém-escavado aparecera do lado de fora das muralhas do povoado. Ele mantinha a mão perto da algibeira no cinto e movia-se com a postura curvada e os olhos apertados de um homem com medo constante de ser atacado. Porém, a sua risada fora totalmente genuína.

— Deixe os fodedores de cabras morrerem — traduziu Erlin quando Pertak voltou para o povoado pisando firme, ainda gargalhando. — Então os veios deles serão nossos para mineirar.

O primeiro deles apareceu após uma espera de vários momentos, uma figura solitária de saiotte parada à entrada da caverna, olhando para Vaelin com um machado em punho. Vaelin ergueu os braços, mostrando que suas mãos estavam vazias. Várias outras figuras surgiram da escuridão da caverna, ficando cada vez mais numerosas até que talvez seiscentas pessoas estivessem encarando-o em silêncio. Vaelin abaixou os braços e esperou, ouvindo o tumulto crescente causado pela aproximação do Povo Lobo. Os falcões-lanceiros chegaram primeiro, dando os seus gritos estridentes ao planarem para dentro do vale e voarem em círculos no alto, depois os lobos, várias alcateias que somavam bem mais de cem animais. Avançaram aos pulos e cercaram Vaelin, fazendo Cicatriz estremecer de forma involuntária.

Quando o Povo Lobo marchou para dentro do vale, Vaelin olhou para o rosto da primeira figura que aparecera. Ele estava longe demais para ver as feições com detalhes, mas Vaelin deduziu que fosse o mais velho presente, possivelmente um chefe. Contudo, a julgar pelos símbolos e cores desiguais que adornavam os trajes de seus companheiros, ele duvidava que aquele homem fosse capaz de falar por todos os que haviam se refugiado ali. Ainda assim, era evidente que ele era uma pessoa de respeito, trocando algumas palavras breves com os outros antes de começar a descer a encosta. Alguns de seus companheiros o seguiram de imediato, e todos usavam as mesmas cores e símbolos. Os outros se demoraram durante algum tempo, exibindo uma desunião irascível ao trocarem gritos e ameaçarem uns aos outros com armas erguidas. Porém, a discórdia não durou muito, e logo todos seguiram o homem mais velho até o fundo do vale.

Vaelin manteve os olhos na figura que vinha na frente e não se virou para ver o Povo Lobo parar às suas costas. O homem caminhava em sua direção sem muita

pressa, embora houvesse uma nítida determinação em seus passos. Ele parou a quinze metros de distância, e os outros se alinharam de ambos os lados do homem. Vaelin segurou as rédeas de Cicatriz e avançou, causando uma onda de inquietação na pequena multidão, mas ninguém tentou impedi-lo.

Ele parou Cicatriz a poucos metros do possível chefe, olhou em seu rosto e viu o olhar taciturno e quase enlouquecido de um homem que havia perdido boa parte de seu mundo em poucos dias. Kiral advertira que a sua canção lhe dissera que havia fúria e confusão entre aquela gente, mas não emitira qualquer nota confirmando que estavam no caminho certo.

— Minha canção fica mais sombria e menos harmônica a cada dia que passa — disse ela. — Desde que encontramos o homem eterno. Duvido que eu tenha mais certezas a oferecer.

Porém, olhando para a dor por trás dos olhos daquele homem, Vaelin viu toda a certeza de que precisava. Ele vira aquele rosto muitas vezes durante a marcha até Alltor. O rosto dos torturados, dos estuprados, dos enlutados... e dos vingativos.

Seu volariano não era bom, mas Erlin lhe ensinara a pronúncia correta.

— Vamos para o sul — disse ele, batendo no peito e apontando para a extremidade sul do vale. — Matar volarianos. Venham conosco.

CAPÍTULO DOIS

Lyrna

O rosto do Aspecto Arlyn não revelou qualquer traço de reconhecimento quando ele encarou Nortah, nem qualquer emoção ao voltar o olhar para Lyrna, embora seus olhos tivessem se estreitado ligeiramente. *Dominado*, compreendeu Lyrna. *Como o Irmão Frentis ou os Kuritai*. O Aspecto passou a mão sobre o ombro para sacar uma espada de padrão asraelino, o aço exibindo as marcas semelhantes a chamas características de uma lâmina da Ordem.

— Aspecto! — disse Nortah mais uma vez, dando um passo adiante, o braço da espada agora abaixado ao lado do corpo. — Sabe quem sou?

O Aspecto voltou a olhar para Nortah, a lembrança causando uma leve contração no rosto comprido.

— Sei quem você é, irmão — disse ele num tom calmo e reflexivo. — Você morreu.

Ele ergueu a mão livre, parou por um momento de reflexão inexpressiva, então fez um movimento quase imperceptível com o pulso e os Arisai avançaram, um júbilo maníaco em cada rosto, espadas movendo-se num borrão de carnificina habilidosa. A princípio as Adagas da Rainha recuaram diante do ataque, e Lyrna se viu prensada entre Davoka e Iltis quando as fileiras ao redor se comprimiram, mas a pressão diminuiu quando soltaram outro brado selvagem, recuperaram-se e revidaram.

Ela lutou para se virar e teve um vislumbre de Nortah enfrentando o Aspecto, o rosto tomado pela relutância enquanto bloqueava os golpes de Arlyn.

— Irmã! — gritou Lyrna a Davoka, que segurava a lança acima das fileiras que se entrechocavam, os olhos atentos para uma oportunidade de usá-la. — Os frascos! — Lyrna abriu caminho à força até parar ao lado da lonak e agarrou o seu braço. — Você ainda tem os frascos?

Davoka piscou para ela, aturdida por um momento, e então assentiu, dando um tapinha numa pequena bolsa que levava pendurada ao lado do corpo.

— Apenas dois.

— Fique perto de mim.

Lyrna bateu no ombro de Iltis para lhe chamar a atenção e apontou para Nortah,

que agora recuava diante do ataque furioso do Aspecto, ao mesmo tempo que se esquivava das estocadas dos Arisai que os cercavam. Iltis assentiu e começou a abrir caminho pelas fileiras de soldados. Ao se aproximarem da extremidade da formação, o Lorde Protetor foi obrigado a se desviar de uma estocada dada por um Arisai, a mão de manopla vermelha que segurava a espada surgindo de repente no espaço entre ele e Lyrna. Ela golpeou com a machadinha, a lâmina atravessou o avambrado e quase decepou a mão do homem. O Arisai caiu aos seus pés e olhou para cima com um sorriso cheio de desejo e admiração. A machadinha de Lyrna tornou a descer, abrindo o crânio do volariano acima dos olhos.

Iltis deixou o círculo externo de soldados e forçou os Arisai a recuarem com golpes amplos de espada. Lyrna estendeu uma mão a Davoka, que a preencheu de pronto com um frasco já com a rolha removida. Outro Arisai passou por Iltis, a espada erguida junto à cabeça para desferir uma estocada curta e precisa na garganta de Lyrna. Ela moveu a mão num reflexo, lançando um jato de líquido negro do frasco direto nos olhos do volariano. A reação foi instantânea: a espada do Arisai caiu quando ele arqueou as costas e urrou, batendo com as mãos no rosto, enfiando os dedos na carne. Ao vê-lo cair e contorcer-se no chão do templo, Lyrna teve a satisfação de notar que qualquer vestígio de um sorriso havia desaparecido do rosto do homem.

Nortah estava a poucos metros agora, forçado a se agachar pelo peso dos golpes do Aspecto Arlyn, todos desferidos com tamanha fúria que mal era possível enxergá-los enquanto o seu rosto permanecia uma máscara pálida. Um trio de Arisai colocou-se no caminho de Iltis e o ataque combinado o forçou a parar; cortes começaram a aparecer no seu braço da espada e na testa. Lyrna foi para o seu lado e agitou o frasco da esquerda para a direita num arco amplo, fazendo a mistura da Mahlessa jorrar e atingir os Arisai; a maior parte do líquido caiu nas armaduras, mas o suficiente encontrou carnes expostas, levando-os para o chão de pedra aos gritos.

Para além deles, Nortah agora estava caído de costas, arrastando-se para longe enquanto o Aspecto se aproximava, a lâmina ainda em movimento. O Lorde Comandante aparou dois golpes com a típica eficácia, mas Lyrna notou como ele ainda estava se contendo, deixando de golpear as aberturas deixadas pelo ataque impiedoso do Aspecto.

— Aspecto Arlyn!

Ele parou ao ouvir o grito de Lyrna, a espada erguida, lançando-lhe apenas um olhar breve e indiferente, mas foi o suficiente. O frasco estava vazio, a não ser por algumas gotas no bocal. Lyrna colocou todas as forças no arremesso, o frasco rodopiou no ar e acertou o rosto do Aspecto. Por um momento ela achou que não havia funcionado, que toda a mistura havia sido usada, mas então viu uma gota

brilhando na face do Aspecto, seu rosto transformado num grito paralisado de olhos arregalados. Ele caiu de quatro no chão, a espada chocou-se com estrépito nas pedras, estremecendo enquanto lutava para controlar as convulsões.

Um dos Arisai soltou uma risada pesarosa e avançou depressa com a espada preparada para golpear as costas do Aspecto, e então se curvou quando a espada de Nortah subiu numa estocada e lhe perfurou o peitoral. O Lorde Comandante levantou-se de um pulo e sua espada moveu-se num borrão prateado à medida que mais Arisai se aproximavam.

— Ao Lorde Nortah! — gritou Lyrna para as Adagas sobreviventes. Havia menos de trinta agora, mas todos ainda lutavam e estavam dispostos a seguir as ordens da Rainha. Ela estendeu a mão a Davoka, pegando o segundo frasco e arremessando o conteúdo contra os Arisai quando tornaram a investir, derrubando uma dúzia ou mais deles e fazendo os outros recuarem. Ver os companheiros convulsionando aos gritos pareceu ter acabado com o seu humor, muitos sorrisos vacilaram e as risadas cessaram. *A dor os torna humanos*, concluiu Lyrna, indo se posicionar junto às Adagas, que agora formavam um círculo bem reduzido, com apenas uma fileira. Nortah estava no centro, agachado ao lado do Aspecto, o rosto lívido de preocupação.

— Meu senhor! — gritou Lyrna, ríspida. — Ao trabalho, por favor!

Nortah lhe lançou um olhar de ressentimento malcontido e então se levantou, indo colocar-se ao seu lado.

— Se Vossa Alteza tem algum stratagema brilhante para estas circunstâncias, sou todo ouvidos.

— Matar o inimigo — disse ela, jogando o frasco de lado e erguendo a machadinha.

Um traço de um sorriso surgiu em seus lábios por um segundo e ele assentiu.

— Pouco sutil e mais do que direto, Alteza.

Os Arisai chegavam mais perto, mantendo os olhos fixos em Lyrna, atentos para qualquer sinal de outro frasco. Os companheiros caídos haviam parado de se contorcer e jaziam numa imobilidade rígida, cada rosto uma máscara petrificada de agonia, paralisada na morte. *Pelo menos os ensinei a ter medo*.

O olhar de Lyrna foi atraído de súbito para o quadrante sul do templo pelo brilho crescente de chamas alaranjadas, acompanhado do tumulto indistinto de combate e, curiosamente, do latido de cães enraivecidos. Porém, qualquer alegria que estivesse sentindo com a visão foi anulada pela quantidade de Arisai que se encontrava em seu caminho; a Imperatriz tivera a sensatez de enviar um amplo suprimento.

Outra explosão de chamas surgiu atrás dos Arisai, seguida por alguma espécie de

comoção, distante demais para ser identificada, mas Lyrna percebeu certa discórdia na retaguarda das fileiras deles. Ela viu um dos Arisai que estava se aproximando parar de repente com a espada erguida diante do rosto, virando a lâmina em aparente perplexidade. Ele piscou, franziu o cenho, confuso, e então, sem uma pausa sequer, virou-se para o Arisai à sua esquerda e passou a lâmina pela garganta dele. Um de seus companheiros o matou de pronto, apenas para se conter um segundo depois, o rosto também assumindo a mesma expressão perplexa. Esse novo Arisai aturdido lançou-se de súbito no meio dos companheiros, desferindo golpes tresloucados com a espada, matando três antes de também ser abatido.

— O que é isso? — sussurrou Nortah. — É o seu elixir lonak, Alteza?

— Não. — Lyrna voltou o olhar para a retaguarda do exército Arisai e viu as fileiras inimigas se abrindo como se estivessem sendo cortadas por uma lâmina invisível, permitindo que uma figura esguia caminhasse entre elas, ignorada pelos Arisai ao redor, que pareciam estar todos com a mesma expressão de total perplexidade. O Aspecto Caenis passou pelo meio dos Arisai, fez uma medida rígida para Lyrna, o sangue escorrendo de seu nariz, olhos, ouvidos e boca, e então voltou toda a sua atenção para os inimigos.

À direita, outro Arisai cravou a espada na barriga do homem ao seu lado, depois outro fez o mesmo, seguido por mais um. A discórdia percorreu as fileiras vermelhas como uma onda causada por uma pedrinha jogada num lago, mas provocando uma tempestade em vez de uma leve ondulação. Logo parecia que cada Arisai que podia ser visto estava lutando com aquele ao seu lado, golpeando-se com uma ferocidade que não correspondia com suas expressões aturdidas.

Caenis ficou de lado e gesticulou para o caminho que havia aberto pelas fileiras inimigas.

— Vão! — ordenou Lyrna às Adagas sobreviventes. — Fugam deste lugar.

Mas eles ficaram, não querendo partir sem a Rainha. Ela foi para o lado de Caenis e viu como ele tremia, o sangue escorrendo em abundância e a pele branca como neve.

— Venha, Aspecto — disse ela, segurando as suas mãos.

— Eu... receio que precise... permanecer aqui por algum tempo... Alteza — retorquiu ele, uma torrente vermelha escapando de sua boca e lhe cobrindo o queixo.

— Irmão! — Nortah correu até ele e tentou agarrar os braços de Caenis, mas o Aspecto cambaleou para longe, entrando na massa rodopiante de Arisai enlouquecidos, desaparecendo de vista em meio à fúria deles, que agora alcançava uma intensidade ainda maior de autodestruição. Nortah tentou ir atrás dele e foi contido somente por Iltis e Davoka, obedecendo a uma ordem gritada por Lyrna. Ela

ordenou que as Adagas carregassem o ainda inconsciente Aspecto Arlyn e os conduziu pela batalha até os degraus do templo, com Nortah gritando irado enquanto Iltis e Davoka o arrastavam em seu encalço.

Do lado de fora havia mais corpos apinhando os degraus e o solo mais além, Arisai e Guardas do Reino, além de alguns com a vestimenta sem armadura da Sétima Ordem. Uma jovem de cabelos cor de mel estava ajoelhada ao lado de uma irmã gorda, as lágrimas escorrendo pelo rosto, um punhado de dardos ensanguentados presos entre os nós dos dedos. A mulher gorda estava nitidamente morta, os degraus abaixo dela cobertos de sangue, apesar de seu corpo não mostrar sinais de ferimentos. Estavam cercadas por uma dúzia de cães de caça, todos agachados no chão e ganindo tristemente. Perto dali, Trella Al Oren estava de pé em meio a uma dúzia de corpos enegrecidos, seu rosto coberto de sangue e fuligem. Uma nuvem de poeira cada vez maior subia a leste, as formas escuras de muitos cavaleiros visíveis ao pé dela, mantos azuis e verdes: a Sexta Ordem e a Guarda do Norte correndo em auxílio da Rainha.

Nortah ainda se debatia contra Iltis e Davoka, xingando-os enraivecido enquanto lutava para retornar ao templo. Lyrna virou-se e viu como a fúria dos Arisai continuou com a mesma intensidade por alguns minutos e então cessou de repente, fazendo com que se afastassem uns dos outros como que em resposta a alguma ordem silenciosa, olhando para o tapete de cadáveres que cobria o templo de uma ponta a outra.

— Basta! — gritou Lyrna, indo até Nortah e lhe dando uma bofetada forte no maxilar. Ele parou de se debater e olhou para Lyrna boquiaberto, seus olhos por um momento tão desprovidos de razão que ela se perguntou se Nortah não havia enlouquecido. — Ele se foi — disse ela, tentando abrandar o tom. — Veja como está o seu regimento, meu senhor.

O Lorde Comandante se curvou, afastou-se de Davoka e Iltis e passou os olhos pelos remanescentes das Adagas da Rainha, que agora mal chegavam a duas dúzias de almas.

— É claro, Alteza — murmurou ele num tom ao mesmo tempo mordaz e cansado. — Minha poderosa força está às suas ordens.

Ele se retirou e começou a organizar os sobreviventes de alguma forma. Lyrna virou-se quando o Irmão Sollis parou o cavalo ali perto, saltou da sela e correu até onde o Aspecto Arlyn jazia entre Murel e Alornis, seu rosto revelando choque e alívio.

— Alteza! — O Irmão Ivern parou ao lado e olhou para ela com uma preocupação horrorizada que a fez considerar a própria aparência, coberta de sangue da cabeça aos pés e segurando uma machadinha avermelhada. — Precisa de um curandeiro?

— Não, obrigada, irmão. — Lyrna voltou o olhar para a Guarda do Norte, que galopava para formar um cordão entre ela e o templo. A leste, mais poeira se erguia sobre uma massa compacta de infantaria que vinha correndo, o estandarte da Companhia Morta de Al Hestian visível em meio à nuvem.

— Onde está o Senhor da Batalha? — perguntou ela a Ivern.

A expressão do jovem irmão tornou-se sombria.

— Ferido, Alteza. É grave. Havia Kuritai escondidos entre os Espadas Livres, pelo menos mil dos desgraçados. — Lyrna notou a bandagem ensanguentada que cobria a mão de Ivern. — Devo dizer que demoraram para serem mortos.

Ela assentiu e virou-se para o templo, vendo os Arisai remanescentes mais uma vez entrando em formação em fileiras organizadas. Não conseguia ver os rostos, mas o som de suas risadas era nítido o bastante. *Metade obrigada a matar a outra e é tudo apenas uma bela piada.*

— Encontre Lorde Al Hestian — disse ela a Ivern. — Ele deve cercar o templo para evitar que o inimigo escape. Peça aos seus irmãos para que transmitam a ordem aos outros regimentos para fazerem o mesmo. Então me traga Lorde Antesh.

Eles tentaram romper o cerco antes que a Guarda do Reino estivesse completamente a postos, uma cunha compacta de quinhentos Arisai lançando-se sobre o regimento de Al Hestian enquanto o restante dividia-se em grupos menores e tentava escapar para o sul. Contudo, os mortos de Al Hestian se mantiveram firmes; a linha deles vacilou com o impacto da investida, mas não se desfez, e seu Lorde Comandante posicionou-se no centro da primeira fileira. Mais tarde Lyrna ouviu como ele usara o seu cravo para empalar um de seus homens que dera as costas ao inimigo. Após quinze minutos de combate selvagem, com a Guarda do Reino movendo-se para flanqueá-los, os Arisai recuaram de forma ordenada, tendo perdido cerca de metade de seus homens. Os grupos menores eram atacados sem cessar pela Guarda do Norte e pela Sexta Ordem, abatidos às dezenas, até que também começaram a recuar. Os Arisai formaram um compacto quadrado defensivo enquanto recuavam, movendo-se como uma só besta gargalhante ao subirem os degraus para espalharem-se dentro do templo.

— Dê a ordem, Alteza — disse Lorde Adal, suas feições geralmente belas distorcidas por uma sede de vingança. Os Arisai aparentemente não possuíam qualquer noção de rendição e ele havia perdido muitos Guardas do Norte contendo a fuga deles. — Limparemos o lugar para a senhora.

— Se me permite, Alteza? — Lyrna virou-se e se deparou com Al Hestian

apontando o cravo ensanguentado para o rio. — Nossa cavalaria deveria cobrir o passadiço oculto e a margem norte. É a única linha de retirada que lhes resta.

Ela assentiu.

— Lorde Adal, junte-se à cavalaria nilsaelina. Vocês protegerão o passadiço enquanto os lanceiros bloqueiam a margem norte.

O comandante da Guarda do Norte assentiu, relutante.

— E o ataque, Alteza? Peço para ter a honra de liderá-lo.

Lyrna passou os olhos pelo exército: a Guarda do Reino e a infantaria nilsaelina estavam numa formação ordenada e os arqueiros de Antesh se posicionavam atrás deles. A cavalaria patrulhava os flancos num arco amplo que chegava até o rio, para bloquear todas as rotas de fuga. Tudo feito apenas com poucas ordens e nenhum plano formal. *Que instrumento mortal construímos*, pensou ela. *Marcado e massacrado o suficiente por um dia.*

— Isso não será necessário, meu senhor — disse ela a Adal antes de se virar para Al Hestian. — O exército permanecerá no lugar. Transmita a ordem para trazerem as balistas.

Os Arisai continuaram a fazer pequenas surtidas enquanto as balistas eram posicionadas; alguns ainda tinham cavalos suficientes para fazer uma investida a oeste, tentando romper as fileiras da cavalaria e conseguindo apenas se depararem com cavaleiros renfaelinos e serem aniquilados. Lyrna também recebeu relatos de outros que tentavam nadar para o outro lado do rio, os poucos que chegavam à margem oposta fornecendo um exercício bem-vindo aos lanceiros nilsaelinos que se encontravam à espera.

Alornis informou que as balistas estavam prontas ao final da tarde. Como sempre, trabalhar em seus engenhos parecia deixá-la mais animada, e ela ficou de lado, observando com uma expressão levemente orgulhosa, enquanto a última das máquinas era colocada ao lado de suas companheiras. O pequeno contingente de artesãos que cuidava das balistas manuseou as várias alavancas e molinetes até que cada uma estivesse armada e pronta, os braços cruzados dos arcos puxados para trás, à espera.

— Quando quiser, meu senhor — disse Lyrna a Antesh.

O Lorde dos Arqueiros assentiu e ergueu o seu arco acima da cabeça. Os arqueiros, perfilados imediatamente atrás da linha das balistas, ergueram bastante os arcos e puxaram as cordas até atrás das orelhas para que tivessem o máximo de alcance. Antesh abaixou o braço e a chuva de flechas teve início. O céu ainda estava claro o suficiente para que fosse possível acompanhar a massa escura de flechas ao subirem e caírem sobre o templo, uma chuva negra que continuou no mesmo ritmo,

uma vez que Lyrna ordenara que todas as setas possíveis fossem recolhidas do campo de batalha. Ela podia ver o sangue ainda reluzindo em muitas pontas de flechas disparadas pelos arcos longos. Os arqueiros pareciam incansáveis, muitos grunhindo com o esforço de puxar a corda e disparar a tal velocidade, mas os seus rostos estavam tomados por um ódio determinado. Ao que parecia, matar tantos Espadas Livres não havia sido suficiente para saciar a sua sede de vingança.

Lyrna usou a sua luneta para examinar o templo e viu um Arisai tombar ao tentar correr para uma das casas de deuses piramidais, atravessado por três flechas a trinta centímetros do abrigo, e dois de seus companheiros caíram sobre o seu corpo no momento seguinte. *Eles já são loucos*, pensou ela, a luneta detendo-se num Arisai que sacudiu a cabeça com uma resignação divertida ao olhar para as duas flechas cravadas em seu peitoral. *Podem ser enlouquecidos ainda mais?*

A resposta não tardou a ser dada: um grito retumbante de despreocupação foi ouvido do templo antes que saíssem correndo. Toda coesão havia sido esquecida agora e eles simplesmente investiram contra a linha de balistas numa onda vermelha e desordenada. Lyrna aguardou até que os que vinham à frente tivessem deixado os degraus antes de dar a ordem para que as balistas fossem disparadas, a distância tendo sido encurtada para menos de quarenta metros. O efeito foi impressionante: os Arisai da linha de frente foram abatidos por uma foice invisível e os que vinham atrás tropeçaram sobre os corpos ou foram jogados longe pelo impacto da segunda saraivada. Em alguns casos, um virote perfurava um Arisai com força suficiente para atravessá-lo e matar mais um de seus companheiros. No entanto, apesar das baixas, a investida dos Arisai manteve ímpeto suficiente para chegar a quinze metros das balistas, e foi nesse momento que os arqueiros de Antesh avançaram, miraram mais baixo e dispararam outra chuva de flechas que deteve de vez o exército vermelho.

— Alteza — disse Al Hestian —, creio que está na hora.

Lyrna assentiu e gesticulou para o grupo de corneteiros ali perto, mandando-os correndo para os flancos opostos do exército, e foi ouvido o toque para uma investida da cavalaria. Antesh andou pela linha de arqueiros berrando ordens para que cessassem os disparos, embora alguns continuassem com uma desconsideração frenética pelas ordens e tivessem de ser contidos à força. Felizmente, tanto os arqueiros quanto as balistas haviam parado quando o Senhor Feudal Arendil conduziu os seus cavaleiros do flanco esquerdo e o Irmão Sollis levou a Sexta Ordem e a cavalaria da Guarda do Reino do direito. Os Arisai sobreviventes morreram com o que só podia ser descrito como uma bravura incomparável, saltando para derrubar cavaleiros das selas, cortando patas de cavalos, lutando até o último homem, dando voz ao seu júbilo até o fim.

O Conde Marven perdia e recobrava a consciência enquanto ela permanecia sentada ao seu lado, segurando um pano úmido contra a testa ardente dele quando a sua aflição transformava-se num pânico choroso. O Irmão Kehlan tratara do Senhor da Batalha com grandes doses de flor rubra e seu rosto ficou sombrio quando Lyrna lhe perguntou se era sensato usar tanta.

— A coluna dele está quebrada abaixo do pescoço, Alteza — informou o curandeiro. — Se vivesse, ele não tornaria a andar. E ele não viverá.

— Eu... — começou Marven, os olhos arregalados de súbito ao encontrar o rosto de Lyrna. — Eu matei um Kuritai, Kerisha. Eles lhe contaram?

Kerisha, ela sabia, era o nome da Condessa Marven.

— Sim, meu amado — disse ela, passando o pano pela testa e descendo pelo rosto. — Eles me contaram.

— Qual é o problema? — perguntou Marven, subitamente cauteloso. — Por que está zangada?

— Não estou zangada. Estou orgulhosa. Muito orgulhosa.

— Você... só é gentil quando está zangada — murmurou ele, acalmando-se um pouco. — Uma língua que podia cortar seda, o Senhor Feudal sempre dizia... Mas a Rainha... — Ele fez uma pausa para sorrir com afeto enquanto refletia. — Você pode ter encontrado alguém à sua altura com ela. Mas acho que ela estará mais receptível agora... Aquele castelo que você sempre quis...

— Sim — assegurou-lhe Lyrna. — Tenho certeza de que ela estará.

— Os meninos... — Sua voz ficou mais baixa, os olhos turvando-se ao afundar ainda mais a cabeça no travesseiro. — Você tinha razão... Nada de serviço militar para eles... Há ouro nos Confins, muito... Vamos man-dá-los para lá...

Ele dormiu durante algum tempo, sem se incomodar com os choros e gritos dos feridos que apinhavam a tenda. Mensageiros e capitães vieram vê-la no decorrer da noite, todos dispensados por Murel e Iltis. Lyrna permaneceu e velou o Conde Marven até que seu peito parasse de subir e seu rosto perdesse toda a cor.

— Murel — disse ela, e a dama foi agachar-se ao seu lado. A carne ao redor de seu olho esquerdo estava com um tom púrpura escuro e ela tinha uma fileira de sete centímetros de pontos na face. — Tome nota. Uma concessão de terra para a Condessa Kerisha Marven de Nilsael e fundos suficientes para a construção de um castelo.

— Sim, Alteza. — Murel hesitou, olhando fixamente para o rosto de Lyrna. — A senhora devia dormir, minha Rainha.

Lyrna sacudiu a cabeça. Dormir significava sonhar, e ela sabia o que os sonhos

lhe mostrariam.

— Peça ao Irmão Kehlan algo para me manter acordada. E diga ao Irmão Hollun que preciso de um relatório completo de nossas baixas.

A irmã loura apresentou-se como Cresia e estava de pé com a cabeça baixa enquanto o corpo do Aspecto queimava atrás dela. Lyrna os observara dizerem as suas palavras, aqueles poucos sobreviventes de uma Ordem muito reduzida, cada um dando um passo à frente com uma história de bondade, sabedoria ou coragem. Lorde Nortah também estava ali, assim como o Irmão Sollis e muitos da Sexta Ordem. O Lorde Comandante vacilara durante as suas palavras, uma história da época que passaram na Floresta Martishe, deixada inacabada quando ele se calou, olhando para o corpo na pira como se não compreendesse o que estava acontecendo.

— Ele não chegou a conhecer os seus sobrinhos — disse ele por fim, a voz fraca e sem emoção. — Pois ele era meu irmão, e sei que eles o teriam amado.

— Indiscutivelmente, o Aspecto Caenis foi um grande homem — disse Lyrna. — Uma grandeza que só foi revelada recentemente, mas brilhante o bastante para ofuscar a todos nós. Será sabido para todo o sempre que este homem jamais vacilou no caminho que tomou, jamais se esquivou dos mais árduos deveres e deu tudo a serviço do Reino e da Fé.

Houve mais fogos a serem acesos, mais palavras a serem ditas. Murel, Itis e Davoka estavam junto à pira de Benten e a planície estava repleta de outras. De acordo com a tradição, soldados do mesmo regimento estavam sendo entregues juntos às chamas, de modo que havia dezenas de piras em vez de milhares.

— Sua Ordem fez a sua escolha, então? — perguntou Lyrna à Irmã Cresia.

A jovem abraçou-se com força, o cabelo lhe cobrindo o rosto como um véu.

— Sim, Alteza. Embora eu tenha implorado para que escolhessem outra pessoa. — O cabelo dela se dividiu quando ergueu o rosto para encarar a pira, o Aspecto Caenis agora apenas uma forma escura entre as chamas. — Nunca poderei ser ele. Ele era... grande, como a senhora disse.

— A guerra tem uma tendência a nos privar de escolhas, Aspecto. Descanse um pouco. Amanhã precisarei de um relatório de quantos vocês são.

— Restam 23 de nós, Alteza — disse Cresia. — A Sétima Ordem nunca foi muito numerosa. Talvez o máximo que já teve foi quatrocentos membros.

— Vocês a reerguerão, com o tempo.

Cesia tornou a baixar o olhar e Lyrna não teve muita dificuldade em adivinhar o

que ela pensava. *Outra batalha como essa e não haverá nada para ser reerguido.*

O sol do início da manhã caía sobre a correnteza agitada do rio, levantando uma névoa fina das águas. O Aspecto Arlyn estava sozinho na margem, agora sem a armadura vermelha, uma figura alta com um manto azul sem dúvida tirado do corpo de um irmão morto. O Irmão Ivern encontrava-se ali perto, e curvou-se com um sorriso cansado quando Lyrna se aproximou. Ela se perguntou se ele estava ali como guarda ou carcereiro.

— Ele falou? — perguntou ela.

— Um pouco, Alteza. Perguntou sobre o Aspecto Grealin e Lorde Vaelin.

— O que você contou a ele?

Ivern pareceu intrigado pela pergunta.

— Tudo. Ele é o nosso Aspecto.

Lyrna assentiu e foi para o lado do Aspecto, o Irmão Verin mantendo-se a menos de três metros dela, como ordenado. Arlyn virou-se para a Rainha, abaixando a cabeça na mesura curta que ele sempre fizera ao seu pai e ao seu irmão. Sua expressão era pesarosa, como era de se esperar, mas Lyrna também percebeu que ele a encarava com um olhar de julgamento, um olhar que ela sabia que o Aspecto nunca hesitara em mostrar a Janus.

— Alteza — disse ele. — Por favor, aceite as minhas condolências pela perda do Rei Malcius.

— Obrigada, Aspecto. Apesar de todos nós termos sofrido perdas.

Ele olhou rapidamente para o Irmão Verin. O jovem dotado vira muito desde que embarcara no navio com ela e estava menos inclinado a demonstrações de nervosismo, embora ainda se remexesse um pouco sob o olhar do Aspecto.

— Aprendi a ser cautelosa ao lidar com aqueles que encontraram a Imperatriz — disse Lyrna.

O Aspecto assentiu numa aceitação plácida e virou-se de novo para o rio. Eles se encontravam paralelos ao ponto onde os Arisai haviam atravessado, a correnteza mais turbulenta ali do que nos outros lugares, deixando a água branca onde se encontrava com a margem.

— Como foi feito? — perguntou Lyrna. — O passadiço. A Senhora Alornis o considera um feito notável de engenharia.

— Com tijolos, ossos e sangue — respondeu Arlyn. — Três mil escravos trabalhando durante dez dias sob o meu comando. O rio é veloz, como a senhora

pode ver, e os Arisai divertiam-se muito com o chicote. No fim, restavam apenas quinhentos escravos.

— Parece que os estratagemas da Imperatriz são astutos, mas custosos.

O Aspecto sacudiu lentamente a cabeça.

— Este estratagema foi meu, Alteza. Concebido por ordem dela, naturalmente. Mas a ideia toda de atacar vocês aqui foi minha.

— Eu sei que o senhor não era responsável por suas ações. Nosso inimigo emprega muitos artifícios ignóbeis.

— De fato. Principalmente uma compulsão para que vinganças inconsequentes sejam executadas.

— Não peço desculpas por assegurar o futuro do Reino.

— É essa a sua intenção, Alteza? Se for, a Imperatriz ficaria muito surpresa.

Lyrna enfiou as mãos no vestido, relutante em deixar que ele visse como as cerrava numa raiva contida.

— Se o senhor possui informações sobre os planos do inimigo, eu gostaria de ouvi-las.

— Ela descia para me ver às vezes, naquela caverna de horrores onde gravaram o domínio na minha carne. Na maior parte do tempo ela fazia perguntas, testando o meu conhecimento da História, a minha experiência de comando. Eu esperava que ela fosse arrancar de mim cada segredo que eu tinha sobre a Fé e o Reino, mas logo ficou claro que ela sabia mais do que eu. Também ficou claro que ela é totalmente louca, uma consequência inevitável de séculos passados a serviço do Aliado. — Arlyn abaixou a cabeça por um momento, de olhos fechados e com a respiração subitamente fraca. — Até mesmo uma breve exposição é a mais árdua das provações.

— O que ela fará agora?

— Formulará outro plano para matá-la, imagino. Ela parece achá-la bastante incômoda. “Criei milhares de almas vingativas, mas nenhuma tão importuna quanto essa vadia cuspidora de fogo.”

— Quantos Arisai ela ainda tem?

— Talvez sete mil. Mais outros oitenta mil Varitai e Espadas Livres.

Lyrna olhou para as mãos de Verin, confirmando que ele fizera o sinal para verdade. *Embora ela tenha ocultado a verdade antes, e eu não fui capaz de perceber.*

— Eu imaginava que haveria mais — disse ela.

— A guerra no Reino consumiu o grosso das melhores tropas deles e a discórdia

aumenta em todos os cantos do império. Nova Kethia caiu com uma rebelião de escravos, inspirando revoltas pelas províncias. Ela também parecia preocupada com alguma missão ao norte. Ela me fez executar um general graduado que questionara a sensatez de enviar mais tropas para lá.

Uma missão ao norte... Vaelin. Ele conseguiu atravessar o gelo. Um leve sorriso surgiu em seus lábios. *É claro que conseguiu.*

— Fale-me mais sobre essa discórdia.

CAPÍTULO TRÊS

Vaelin

O nome do homem parecia ser Hirkran ou Machado Vermelho; pareciam ser intercambiáveis, dada a frequência com que Erlin os usava.

— Ele perdeu três filhos para os volarianos — relatou ele. — Um foi levado como escravo anos atrás, os outros dois na semana passada.

— Ele é o chefe desses... othra? — perguntou Vaelin.

Erlin sacudiu a cabeça.

— Machado Vermelho é um título honorífico, dado ao principal guerreiro da tribo. “Campeão” seria uma tradução melhor. E os othra são apenas uma das seis tribos abrigadas aqui. Todos os chefes morreram lutando. Ele não fala por todos.

— Ele sabe se os outros lutarão conosco?

Erlin transmitiu a pergunta a Hirkran, que lançou um olhar severo para a caverna, onde os membros das tribos espreitavam nas sombras, todos os olhos aparentemente voltados para aquele encontro.

— Ele não tem certeza — traduziu Erlin. — Alguns não irão apenas porque os othra irão. Alguns vão ficar aqui e irão se mijar para sempre.

— Ele pode nos guiar até os volarianos?

Hirkran fez uma longa pausa antes de responder, o olhar fixo em Vaelin.

— Ele vai nos guiar, mas primeiro insiste que seja nomeado líder do exército.

Lorkan, que se encontrava ali perto com o seu gato, soltou uma bufada de escárnio, fazendo o othra rosar e avançar com um machado erguido. Vaelin se colocou entre eles quando o gato se agachou e arreganhou os dentes. Ele notara que a coragem de Lorkan aumentara de forma considerável desde que adquirira o animal.

— Suponho que ele tenha uma razão para pedir isso? — perguntou ele a Erlin enquanto Hirkran continuava a olhar furioso para o dotado.

— Essas pessoas respeitam somente a força. Se ele não for nomeado líder, elas o verão como um mero vassalo de um estrangeiro, o que significa que ele enfrentará um desafio instantâneo de um rival mais jovem. Pode chamar de título cerimonial, se quiser. Estas são as terras deles, Vaelin. Diminuídos como estão, ainda merecem o seu respeito.

Vaelin olhou para as figuras esfarrapadas que se moviam na penumbra da caverna, gente mais jovem agarrando armas enquanto as crianças se reuniam em volta dos idosos. Cada rosto parcialmente sombreado estava coberto pela sujeira de dias passados lutando pela vida; muitas estavam visivelmente exaustas e curvadas pela dor de ferimentos recentes. Contudo, ele viu que ainda havia uma atitude desafiadora em seus olhos, até mesmo nos mais jovens. Eles podiam ter perdido a batalha, mas ainda não estavam derrotados.

— Diga-me o que dizer — pediu ele a Erlin.

Hirkran os conduziu por um caminho sinuoso ao longo de uma cadeia de colinas altas, com seis de seus guerreiros fazendo o reconhecimento do terreno adiante. Vaelin seguia com Erlin, Kiral e Astorek. A missão de reconhecimento poderia ter sido evitada se ele tivesse concordado em deixar que Dahrena voasse mais uma vez, mas uma olhadela nas feições ainda pálidas dela o fez recusar de modo veemente.

— Eu gostaria de lhe lembrar, meu senhor — disse ela por entre os dentes —, que não possuo posição formal neste exército e, na verdade, sou livre para agir como quiser.

— E eu sou livre para empregar qualquer um dos diversos métodos à minha disposição para deixá-la inconsciente sem machucá-la — retorquiu Vaelin. — Ficará aqui e descansará, minha senhora.

Ela franziu o cenho e se afastou, e Mishara forneceu uma ideia nítida dos sentimentos dela sibilando brevemente antes de acompanhá-la aos pulos.

Haviam percorrido cerca de treze quilômetros quando Hirkran mandou pararem, e Vaelin notou como os lobos de Astorek haviam passado a andar com mais cautela, mantendo-se agachados entre o topo escarpado das colinas e parando com frequência para farejar o ar. Os animais eram claramente uma presença desconcertante para Hirkran e a sua gente, apesar de que, pela indiferença que tinham o cuidado de manter, ele tivesse deduzido que demonstrações aparentes de medo eram consideradas uma grande vergonha.

Hirkran agachou-se e foi até a beira da encosta, e Vaelin esgueirou-se ao seu lado. Abaixo deles a cadeia descia num penhasco escarpado, fornecendo uma bela visão do vale adiante. Era vasto e com uma planície no centro de talvez um quilômetro de largura, dividida por um rio raso. O exército volariano estava acampado num perímetro circular de vários piquetes e tendas bem alinhadas. Parecia que o Bastardo da Bruxa era um general eficiente.

Hirkran disse algo num murmúrio brusco que Erlin traduziu como uma praga

obscena que envolvia a invocação de várias entidades etéreas, assim como uma forma engenhosa e canibalesca de mutilação genital.

— Por que comeriam isso? — perguntou Kiral com uma careta de desgosto.

— Para absorver a força de um inimigo — respondeu Erlin. — E simbolizar o fim de sua linhagem. Ter filhos é muito importante para as tribos. Um homem ou uma mulher infértil são vistos como uma maldição e ficam sujeitos a ser exilados, ou a coisa pior, caso sejam insensatos o suficiente para não deixarem a tribo.

A caçadora lançou um olhar enojado para os guerreiros ao redor e murmurou “Selvagens”.

Hirkran tornou a falar e gesticulou na direção do acampamento volariano.

— Nosso líder exige que o exército seja trazido aqui para um ataque imediato — disse Erlin. — Ataque esse que ele liderará pessoalmente. Isso precisa ser feito depressa, ou os espíritos nos acharão fracos e se recusarão a ajudar.

— Eles esperam que os seus deuses ajudem? — perguntou Vaelin.

— Eles não possuem deuses propriamente ditos. Acreditam que estas montanhas possuem almas próprias, bondosas ou vingativas de acordo com os seus caprichos. Quando ocorrem tempestades, elas estão bravas, quando o inverno é ameno, estão satisfeitas. Mas elas nunca veem a covardia com bons olhos.

— E iremos honrá-las de bom grado com a nossa coragem. Mas primeiro preciso perguntar o que ele viu desses invasores. Em particular dos que os lideram.

O rosto de Hirkran se fechou e ele desviou o olhar antes de dar uma série de respostas curtas e grunhidas.

— Quando chegaram, pensamos que seria como antes — relatou Erlin. — Eles chegam, nós os enfrentamos, roubam crianças, partem. Às vezes as crianças podem ser compradas de volta por cobre ou metal de fogo. Geralmente não. Desta vez eles pegaram as crianças e as mataram. Mataram tudo, até mesmo as cabras e alces selvagens. Nós lutamos... — O rosto de Hirkran assumiu o aspecto de uma máscara, como se os horrores que testemunhara estivessem além de sua capacidade de expressão. — Lutamos com todas as nossas forças... Mas eles eram tantos, muitos mais do que antes. Não vimos quem os lidera, embora os rotha tenham falado de sete homens vermelhos com poderes que rivalizavam com os espíritos, mas eles são mentirosos notórios.

Poderes que rivalizavam com os espíritos.

— Há algum rotha aqui? — perguntou Vaelin, gesticulando para os outros guerreiros.

Hirkran cuspiu e fez um barulho de nojo.

— Na caverna. O fedor deles nos desonra.

Vaelin assentiu e afastou-se da encosta, fazendo com que Hirkran berrasse uma pergunta a Erlin.

— Onde você vai?

— Reunir o exército para o ataque do nosso poderoso líder. Onde mais?

Os rotha eram liderados por uma mulher robusta de meia-idade com uma matriz funda de cicatrizes decorativas gravadas na carne em volta dos olhos.

— Mirvald — disse ela quando Erlin perguntou o seu nome, acrescentando alguns outros títulos que aparentemente indicavam a sua posição.

— Ela é uma mistura de conselheira e xamã, e dizem que tem a capacidade de ouvir as palavras dos espíritos — disse Erlin.

— Ela viu os sete homens vermelhos? — perguntou Vaelin.

Mirvald olhou atentamente para Vaelin por um segundo antes de responder.

— Os rotha foram os primeiros a sentir a ira deles. Os Sete foram sozinhos até o povoado. Por serem forasteiros, os guerreiros tentaram matá-los, mas acabaram mortos. Os Sete não são como outros homens. Eles se movem e lutam como se fossem um, como se cada um deles ouvisse os pensamentos dos outros. Ainda assim, os rotha teriam vencido se eles não tivessem outros poderes. Um podia matar com um único toque, outro tinha o poder de congelar o coração de um homem com o medo. Eles mataram muitos rotha, e então o exército chegou e matou muitos mais.

— Agradeça a ela pelas informações — disse Vaelin.

A mulher inclinou a cabeça ao ouvir as palavras de Erlin e então fez uma pergunta:

— Como você pretende derrotar os Sete quando outros não conseguiram?

Vaelin olhou para onde Urso Sábio conversava com os outros dotados, todos reunidos enquanto ele dava outra lição tirada de seu poço de conhecimento inesgotável.

— Diga a ela que temos os nossos poderes. Se quiser vê-los, ela deveria vir conosco.

Erlin escutou a resposta da mulher e forçou um sorriso plácido.

— Ela irá, mas só se você nomeá-la líder do exército. O povo dela não irá de outra forma.

— Já temos um líder.

— Desconfio que não fará diferença se você nomear dois. As tribos raramente falam umas com as outras, a não ser para trocar insultos. Admito que estou surpreso que elas tenham conseguido passar mais de um dia sem terminar o que os volarianos começaram.

— Muito bem. — Cansado, Vaelin assentiu e curvou-se para Mirvald, e então se virou para Urso Sábio. — Aguardo as ordens sensatas dela e, com a sua permissão, irei agora consultar os meus capitães.

— Como os encontramos? — perguntou Marken. — Escondidos num exército desses?

— A rotha disse que eles se movem como um — disse Vaelin. — Desconfio que, se encontrarmos um, encontraremos todos. Ainda assim, não será fácil no meio da batalha.

— Minha canção pode nos guiar — disse Kiral. — Mas a melodia está tão irregular agora...

— Não. — Vaelin sacudiu a cabeça para afastar as lembranças tingidas de vermelho de Alltor. — É melhor evitar cantar durante uma batalha. — Ele se virou para Astorek. — Os falcões-lanceiros de sua mãe poderiam encontrá-los?

— Fica difícil controlar um animal quando a matança começa — respondeu ele. — Os sons, o cheiro de sangue, tudo isso os deixa temerosos ou sedentos. É necessária uma grande concentração para garantir que ataquem o inimigo e não a nossa própria gente. Manter foco suficiente para procurar uma presa específica seria difícil, talvez impossível.

— Eu posso encontrá-los — disse Dahrena, num tom baixo, mas determinado. — As almas deles são como pérolas negras num mar vermelho.

— A senhora já voou o suficiente durante esta empreitada — disse Vaelin.

— Não há outro modo, como desconfio que saiba, meu senhor. Além do mais — ela estendeu a mão e pegou a de Cara —, tenho amigos para dividir o fardo.

— Mais de um — acrescentou Marken, indo para o seu lado. — Duvido que os meus velhos ossos sirvam para lutar, de qualquer forma.

— Então, como pode ver, meu senhor — Dahrena o olhou nos olhos com um sorriso radiante —, o nosso curso está traçado.

— Lembre-se, eles precisam ser capturados vivos — disse Vaelin a Astorek. — Até

que Urso Sábio possa tocá-los, eles não devem ser mortos.

O volariano assentiu enquanto os seus lobos se posicionavam ao lado de Vaelin e Cicatriz. O exército havia se reunido ao norte da cadeia de colinas, marchando durante a noite para chegar antes do amanhecer. Dahrena ficaria no topo da elevação com Cara e Marken, seus gatos andando pelas encostas com vinte dos guerreiros mais confiáveis do Povo Lobo.

Vaelin foi até Dahrena e os outros recuaram a uma distância respeitosa. A raiva dela parecia ter se dissipado e ela apertou sem hesitar as mãos que Vaelin estendeu, retribuindo o beijo e demorando-se um pouco.

Ele recuou depois de um momento e falou em voz baixa:

— Eu pedi tanto de você...

Ela levou a mão aos lábios dele.

— Não mais do que pede de si mesmo. Viemos para pôr um fim nisto, e estou ansiosa para fazê-lo. Eu quero ir para casa, Vaelin. Eu quero ir para casa com você, o que não acontecerá até que isto acabe.

Vaelin encostou a testa na dela e apertou mais uma vez as mãos de Dahrena antes de se afastar e ir até Cicatriz e os lobos.

O Bastardo da Bruxa escolhera bem o lugar para o acampamento; a única proteção era fornecida pelo rio raso que corria pelo fundo do vale. Vaelin conduziu Cicatriz pelas rédeas através da água, as margens altas o suficiente para ocultar o cavalo. Os lobos iam adiante, mantendo-se nos flancos. A penumbra antes do amanhecer desaparecia depressa quando ele parou a um quilômetro e meio do acampamento e pediu que Alturk pegasse os seus Senthar e atacasse os volarianos pelos flancos.

— Lorkan irá com você — disse ele ao Tahlessa. — Abra um buraco na linha de piquetes deles.

— Mal posso esperar — comentou Lorkan, forçando um sorriso, sua coragem recém-descoberta agora vacilando visivelmente, apesar da presença de seu gato.

— Ao raiar do dia — disse Vaelin a Alturk, estendendo a mão. — Não antes.

Alturk olhou para a mão dele por um momento e então apertou rapidamente o seu antebraço.

— O nome do meu filho era Oskith — falou. — Significa Faca Negra. Um nome apropriado. — Ele olhou para onde Kiral estava agachada na correnteza, passando a mão no pelo molhado de seu gato. — Assim como o da minha filha. Eu gostaria que ela soubesse disso.

— Então viva e diga você mesmo a ela.

— Isso faria de mim um mentiroso. Cantei a minha canção de morte para os deuses na noite passada.

Alturk levantou-se da água e subiu agachado a margem antes de desaparecer de vista, seguido pelas formas curvadas e sombrias dos Senthar. Vaelin viu Kiral observando-os partir, notando a compreensão em seus olhos e percebendo que não teria nada para contar a ela se Alturk morresse. *Poucos segredos podem ser escondidos da canção.*

Um pouco mais adiante, ele mandou as tribos pararem e, tal como Alturk, atacarem ao raiar do dia, tendo como alvo a extremidade norte do acampamento. Eles estavam reunidos em seus agrupamentos tribais, o que o obrigou a visitar cada um com Erlin. Todos os seis novos chefes tinham agora a impressão de que detinham o comando absoluto daquele exército e Vaelin lhes agradeceu pela honra de permitirem que ele fizesse o primeiro ataque.

Ele conduziu o Povo Lobo adiante pela correnteza gelada, parando ao ficarem paralelos com a parte principal do acampamento. Matador de Baleia parou ao seu lado com um sorriso afável ante de seguir na frente dos guerreiros. Dariam a volta pelo perímetro sul do acampamento e, tal como Alturk, atacariam ao primeiro sinal do sol acima das montanhas a leste.

Vaelin olhou ao longo do rio, agora repleto de lobos, Astorek e os outros xamãs agachados entre eles, cada rosto concentrado indicando o esforço necessário para evitar uma explosão de rosnados reveladores com a proximidade de tantas alcateias diferentes. Os lobos se remexiam, mas a maioria estava imóvel, principalmente os de Astorek. Eles haviam permanecido perto de Vaelin durante a viagem inteira, raramente tirando os olhos dele.

Ele se virou para Erlin e Urso Sábio, que estavam agachados ali perto.

— Você não tomará parte nisto — disse ele a Erlin, notando a machadinha que o outro segurava.

— Já lutei em muitas ocasiões, irmão — retorquiu Erlin. — É possível que eu tenha visto mais batalhas do que você.

— Mesmo assim, permaneça na retaguarda. Se a maré virar contra nós, vá embora, dê talvez mais uma volta no mundo.

— E vê-lo ser destruído enquanto isso? — Erlin sacudiu a cabeça. — Acho que não.

— Precisaremos de você. — Vaelin o olhou nos olhos, sentindo uma nova pontada de culpa. *Não farei isso...* — Fique na retaguarda.

Ele se virou para Urso Sábio antes que Erlin pudesse dizer mais alguma coisa.

— Está preparado?

O xamã olhou para leste, onde os picos começavam a exibir a tonalidade dourada que anunciava um novo dia. O céu estava límpido, o ar com um frescor agradável, com um leve traço de odor floral que vinha das urzes que cobriam o fundo do vale.

— O fogo verde não visto aqui — ponderou o xamã num leve tom de pesar, e então chapinhou pelo rio até onde Garra de Ferro esperava. O grande urso soltou um rosnado baixo quando Urso Sábio subiu em seu dorso e o virou na direção da margem.

Vaelin fez sinal para Lorde Orven se aproximar e montou em Cicatriz.

— Se tudo ocorrer bem, deverá haver uma brecha decente nas fileiras deles — disse ele ao guarda. — Concentre-se nos Varitai, se possível.

— Farei isso, meu senhor. — Orven bateu continência, empertigado enquanto o rio corria à sua volta. — Nesse momento, eu daria tudo o que tenho por um cavalo.

Vaelin sorriu e passou a mão sobre o ombro para sacar a espada.

— Desconfio que haverá cavalos de sobra para escolher quando terminarmos.

Ele esporeou Cicatriz, saindo do rio e esperando enquanto os lobos de Astorek se posicionavam na frente, as outras alcateias subindo a margem e aproximando-se de ambos os lados. Mishara atravessou a multidão e sentou-se ao seu lado. Vaelin olhou para baixo e encontrou o olhar dela, imaginando se Dahrena o via pelos olhos da gata. Mishara apenas piscou e lambeu as presas antes de voltar a atenção para os volarianos.

O acampamento estava a 230 metros, silencioso sob a cortina de fumaça causada pelas fogueiras da noite anterior, agora apagadas. Vaelin podia ver, através da neblina matutina, os piquetes se movendo num passo descontraído e sem nenhum sinal de alarme. Ele aguardou à medida que o sol esquentava sua nuca e sua sombra estendia-se no solo adiante, uma longa seta escura apontada para o exército volariano.

Lembrou-se das palavras de Nortah ao apertar com mais força as rédeas de Cicatriz: *Você não vai fazer nada estúpido hoje, vai?*

Vaelin deu uma risada baixa e bateu com os calcanhares nos flancos de Cicatriz, e o cavalo soltou um relincho estridente e jubilante ao disparar num galope. Os lobos avançaram com eles, acompanhando-os com facilidade e soltando um rosnado coletivo, sem dúvida causado pela excitação de seus xamãs. Vaelin viu os piquetes começarem a reagir, correndo para formar uma fileira desorganizada enquanto toques dissonantes de corneta ressoavam pelo acampamento, homens saíam aos tropeços das tendas e corriam para pegar armas e armaduras.

Naturalmente foram os Varitai que reagiram primeiro, dois batalhões inteiros,

provavelmente mantidos acordados para se protegerem contra um ataque surpresa; eles entraram em formação para bloquear o seu caminho com a eficiência de costume. Posicionaram-se em duas fileiras, a primeira ajoelhada e apontando uma cerca de lanças. Entretanto, apesar de toda a disciplina inconsciente, nem mesmo eles eram imunes ao sol. Vaelin viu muitos baixarem a cabeça quando o sol saiu de trás das montanhas. Aquilo causou certa agitação em suas fileiras, mas não suficiente para desorganizá-las; para isso, ele precisava de algo mais.

O primeiro falcão-lanceiro passou como um raio pela sua orelha, perto o bastante para ele sentir a ponta da asa raspar sua pele, seguido por mais dezenas de ambos os lados um momento depois. As aves atingiram o centro da linha Varitai numa nuvem negra e compacta, surgindo do sol cegante rápido demais para que os volarianos pudessem se esquivar ou se abaixar. O centro da linha Varitai transformou-se numa massa confusa de pássaros e homens que se digladiavam; os falcões subiam da refrega deixando rastros de sangue e com carne pendurada nas garras de aço. Eles pairavam por um breve segundo e então tornavam a mergulhar. Quando os lobos se juntaram ao combate, as fileiras volarianas já haviam sido desfeitas.

Vaelin guiou Cicatriz através do caos, vendo um oficial volariano ser derrubado por um trio de lobos e sua garganta ser esfaqueada num piscar de olhos. Os volarianos haviam formado mais batalhões atrás dos Varitai, mas os Espadas Livres estavam dispostos em fileiras muito menos organizadas. Pareciam mais jovens do que os soldados volarianos que Vaelin enfrentara antes, muitos rostos novos demonstrando choque e puro terror com a visão da horda de feras que causava destruição diante de seus olhos. A maioria dos lobos se chocou com eles sem parar, e o batalhão mais próximo foi feito em pedaços com o ataque em questão de poucos segundos. O contingente ao lado teve mais sorte, formando um círculo defensivo compacto e conseguindo matar muitos dos lobos que o atacavam. Contudo, eles não tinham como responder aos falcões-lanceiros. Após lidar com os Varitai, os seus xamãs reagruparam os bandos de aves e os enviaram contra os Espadas Livres, descendo numa chuva negra enquanto os lobos continuavam a atacar, avançando aos pares, cravando as mandíbulas nas pernas dos volarianos e os arrastando para longe das fileiras.

Vaelin avistou um comandante de batalhão montado perto dali, a espada erguida enquanto reunia os seus homens, sargentos veteranos correndo para o seu lado e berrando ordens. Ele virou Cicatriz na direção do comandante, os lobos de Astorek pularam na frente e derrubaram o cavalo do volariano. O homem saltou para longe enquanto o cavalo gritava em meio a uma fonte de sangue, ficando de pé a tempo de se virar e receber a espada de Vaelin em cheio no rosto. Ele seguiu galopando para espalhar os homens que haviam se reunido, matando um sargento que tivera a insensatez de permanecer no lugar.

Vaelin puxou as rédeas e parou Cicatriz, olhou ao redor e encontrou Garra de Ferro espancando um infeliz volariano até a morte com as suas patas enormes, Urso Sábio parecendo quase cômico balançando nas suas costas. Para além dele, Vaelin tinha vislumbres de uma luta violenta, com os membros das tribos atacando com fúria o perímetro norte. O tumulto que vinha do sul e oeste indicava que o plano havia funcionado, pelo menos a princípio. Os volarianos estavam agora sendo atacados por todos os lados e suas fileiras haviam sido desfeitas a leste. Porém, o acampamento não havia sido invadido e eles continuavam lutando; muitos regimentos eram formados e moviam-se com o ritmo automático típico dos Varitai. Aquela batalha estava longe de ser vencida.

Vaelin olhou para Mishara e a encontrou imóvel, agachada até o chão e com o focinho apontado para o centro do acampamento, onde era possível ver a massa mais compacta de Varitai. Ele virou Cicatriz e saiu em disparada, ouvindo o rosnado ávido de Garra de Ferro que o seguia, os lobos logo tomando a dianteira, ignorando os Espadas Livres feridos ou atordoados que andavam a esmo por ali.

Os falcões-lanceiros tinham sido mais uma vez reagrupados e voavam ao redor do centro volariano num aglomerado de asas. Havia menos pássaros agora, mas a sua ferocidade parecia inabalada ao subirem e descerem numa espiral mortal incessante, fazendo chover sangue enquanto homens sem olhos cambaleavam para longe das fileiras. Espadas Livres gritavam e Varitai golpeavam o ar numa obediência silenciosa ao seu condicionamento.

Foi então que Vaelin os viu, um grupo de homens no centro das fileiras volarianas, vislumbres de vermelho em meio ao mar negro. Ele virou Cicatriz na direção deles e os lobos se aglomeraram à sua volta, abrindo um buraco na muralha de Varitai. Vaelin lutou pelo caminho, aparando lâminas de lança e matando qualquer um que chegasse perto demais.

Os dois primeiros homens vermelhos surgiram à sua frente quando ele conseguiu sair do meio da multidão, ambos montados em cavalos de guerra altos e girando num círculo compacto, as espadas movendo-se num borrão enquanto abatiam falcões-lanceiros no ar. Vaelin investiu diretamente contra eles e o mais próximo se virou na sua direção, o rosto lívido com um reconhecimento repleto de ódio. Ele esporeou o cavalo para a esquerda ao mesmo tempo que o seu companheiro foi para a direita num ataque coordenado. Vaelin agachou-se e ficou com metade do corpo para fora da sela quando eles se aproximaram, aparando o golpe da esquerda enquanto o outro o errava por centímetros. Endireitou-se na sela e girou, fazendo Cicatriz parar quando os dois homens vermelhos se viraram para outra investida. Eles se detiveram, aparentemente intrigados por sua imobilidade, e observaram enquanto Vaelin permanecia parado, devolvendo o olhar deles sem desviar os olhos.

Garra de Ferro levantou-se com um urro, as garras erguidas no alto. Os homens vermelhos tentaram jogar os cavalos para o lado, mas tarde demais, e as garras desceram e cravaram-se na coluna dos dois animais. Os cavalos gritaram e se debateram enquanto o sangue jorrava, os homens vermelhos rolaram para longe da carnificina e levantaram-se depressa, sendo em seguida derrubados pelos lobos de Astorek. Eles lutavam em silêncio, cada um segurado com firmeza por quatro lobos, as mandíbulas presas em cada membro. Encararam Vaelin com toda a malícia de que ele se lembrava, malícia que se transformou em puro terror quando Urso Sábio desceu do dorso de Garra de Ferro.

Eles imploraram e gritaram em uníssono, ambos fazendo as mesmas súplicas e sons guturais quando o xamã ajoelhou-se e pressionou as mãos contra as suas testas. O estremecimento cessou num instante, os dois homens vermelhos se calaram e então piscaram, confusos, quando Urso Sábio removeu as mãos e se afastou. Olharam boquiabertos um para o outro e depois para Vaelin... e então para os lobos.

— Irmão... — disse um, olhando para ele com um rosto lívido e suplicante.

Vaelin virou Cicatriz para o outro lado enquanto os lobos faziam o seu serviço, alheio aos gritos breves que puderam ser ouvidos acima do coro de rosnados. Mishara estava mais uma vez ao seu lado, o focinho apontado para uma massa compacta de figuras que lutavam na extremidade oeste do que restava do acampamento. Uma breve inspeção lhe confirmou que a maior parte do campo estava agora em suas mãos. O flanco sul fora destruído por completo sob o peso da quantidade de membros do Povo Lobo. Ele podia ver os guerreiros movendo-se em meio à névoa, lanças longas apontadas, de vez em quando se juntando para lidar com pequenos grupos de resistência. Ao norte, os membros das tribos haviam cercado o que pareciam ser os remanescentes da cavalaria volariana, algumas centenas de homens montados que tentavam em vão escapar. Ele observou cavaleiro após cavaleiro tombar sob os machados dos montanheses, a sua desunião arraigada aparentemente esquecida por ora.

— Meu senhor!

Vaelin agachou-se por instinto ao ouvir o aviso de Orven, e algo passou voando acima de sua cabeça, rápido demais para se ver. Ele girou Cicatriz e se deparou com três homens correndo na sua direção através da névoa, cada um trajando uma armadura leve e empunhando uma espada em cada mão. *Kuritai*.

Orven bloqueou o ataque do que vinha na frente, agachando-se e golpeando com a espada as pernas do escravo de elite. O Kuritai saltou com facilidade sobre a lâmina e rodopiou no ar, sua espada mirando o pescoço de Orven. Porém, o capitão não era um novato e aparou o golpe, desferindo a própria espada contra o rosto do Kuritai, e então erguendo e girando a lâmina num contragolpe rápido e quase perfeito que

deixou o escravo cambaleando com um corte aberto na garganta.

Ele se virou para confrontar outro quando o terceiro passou por eles e atacou Vaelin, saltando com as duas espadas erguidas. Mishara encontrou-se com ele em pleno ar, cravou as presas em sua cabeça e o derrubou no chão, sacudindo-o até que o seu pescoço deu um estalo audível.

Vaelin tocou Cicatriz adiante, vendo Orven pressionado pelo Kuritai que restara, as espadas duplas desferindo uma série complexa de golpes rápidos que forçaram o guarda a ficar de joelhos. Vaelin ainda estava a três metros deles quando o Kuritai fez a espada de Orven sair rodopiando de sua mão e ergueu as lâminas para o golpe final, mas então se enrijeceu de repente, jogando a cabeça para trás no momento em que Lorkan surgiu do nada, o braço estendido para enfiar uma adaga na base do crânio do escravo de elite.

O dotado removeu a lâmina com uma careta enojada e ergueu os olhos para Vaelin, que se aproximava a trote. Seu rosto estava coberto com o sangue de um corte em algum lugar na cabeleira escura, obrigando-o a limpá-lo continuamente dos olhos.

— Você precisa vir — disse ele, balançando um pouco ao apontar a adaga ensanguentada para o combate em andamento perto dali. — É Alturk.

Os lobos foram na frente, despedaçando a linha volariana já fragilizada de Varitai feridos e parcialmente cegos, permitindo que Vaelin atravessasse correndo, seguido de perto por Urso Sábio e Garra de Ferro. Avistou Alturk vinte metros adiante, o porrete de guerra rodopiando enquanto o lonak girava e se esquivava em meio a um círculo de homens vermelhos. Os Senthar tentavam se juntar a ele, mas estavam sendo repelidos por uma companhia de Kuritai, lonaks e escravos de elite engalfinhados numa luta feroz enquanto o Tahlessa enfrentava uma situação sem saída. Porém, ele ainda estava vivo, com cortes nos braços, no rosto e nas pernas, mas de pé, enquanto os homens vermelhos dançavam.

Vaelin tentou fazer Cicatriz ir mais rápido, mas o cavalo de guerra estava se cansando, tinha os flancos e a boca cobertos de espuma, as passadas custosas, e estremecia com o esforço. Vaelin viu quando Alturk esquivou-se de uma espada e girou o porrete de encontro ao flanco de seu atacante, evitando de forma deliberada um golpe mortal na cabeça, conforme Vaelin instruíra. No entanto, os homens vermelhos claramente haviam permitido que Alturk acertasse o golpe para fazê-lo avançar, dois deles dançando para mais perto e desferindo ataques contra suas pernas. O lonak desviou da primeira espadada, mas não da segunda, e a lâmina entrou fundo em sua coxa, fazendo-o colocar um joelho no chão e arreganhar os dentes numa careta.

Outro homem vermelho pulou e chutou Alturk no maxilar, derrubando-o. O

homem vermelho aterrisou com destreza sobre a forma prostrada do Tahlessa, e tinha um sorriso largo no rosto quando ergueu a espada. Alturk cuspiu sangue em seu rosto e o homem vermelho recuou, o sorriso transformando-se numa máscara de malícia.

Cicatriz colidiu com um Kuritai, arrancando-o do caminho, Vaelin ergueu-se alto na sela quando o homem vermelho avançou sobre Alturk, caindo em seguida quando uma flecha cravou-se em sua perna. Outra figura de armadura vermelha disparou na direção do lonak, mas parou quando Vaelin chegou perto, erguendo tarde demais a espada para bloquear os coices de Cicatriz, que o atingiu no peito, arremessando-o para trás.

Os homens vermelhos remanescentes foram para cima de Vaelin, movendo-se com uma velocidade espantosa. Outra flecha surgiu zunindo do tumulto ao redor e atingiu a perna do volariano mais adiantado. Os outros pararam e se agacharam, os olhos à procura de inimigos. Kiral apareceu, andando num passo quase descontraído enquanto disparava flechas do arco de vara plana, e cada um dos homens vermelhos caiu quando suas pernas foram atingidas pelas setas.

Os lobos avançaram quando Vaelin desmontou e correu para o lado de Alturk, onde Kiral já se encontrava agachada. Os homens vermelhos gritaram e xingaram quando os lobos abocanharam os seus membros e Urso Sábio desceu do dorso de Garra de Ferro. O xamã foi até cada um deles, agachando-se e encostando a palma da mão em suas cabeças, os gritos cessando um a um. Ele parou no último, recuando com uma confusão estampada no rosto.

— Você não... — grunhiu Alturk, colocando a mão sobre o ferimento na perna. — Você não me permite nem mesmo uma morte decente?

Kiral o esbofeteou em cheio no rosto, repreendendo-o severamente na própria língua. Vaelin não sabia muito lonak, mas ouviu a palavra “pai” em meio à torrente irritada. A raiva de Alturk desapareceu à medida que ela continuava a gritar com ele, rasgando uma tira da calça do lonak e enfaixando a ferida.

Vaelin levantou-se e foi até onde Urso Sábio se encontrava de pé sobre o homem vermelho remanescente; os dentes dos lobos já haviam silenciado os outros. O xamã franziu o cenho, sacudindo a cabeça confuso enquanto o homem vermelho o encarava, os membros esticados e presos pelos lobos, o suor lhe cobrindo o rosto, o sangue escorrendo em profusão do nariz e dos cantos dos olhos. Foi então que Vaelin sentiu, um aumento súbito nas batidas de seu coração, um tremor tomando conta de seus membros.

O poder de congelar o coração de um homem com o medo, lembrou-se e se pegou rindo.

— Medo — disse ele, agachando-se ao lado do homem vermelho e atraindo o seu olhar. — Na verdade, é algo insignificante, e um velho amigo. — Ele bateu com o punho da espada na têmpora do homem, deixando-o flácido e quase inconsciente. Urso Sábio sacudiu a cabeça e murmurou uma praga na própria língua, então se agachou e colocou a mão na testa do homem vermelho. O volariano se enrijeceu por um momento, soltou um grito abafado de medo e então ficou imóvel.

Vaelin deu as costas ao homem enquanto os lobos terminavam o serviço e viu os últimos Kuritai serem mortos pelos Senthar. Em algum lutar às suas costas os membros das tribos cantavam algum tipo de canção de vitória; a melodia era dissonante, mas todos pareciam conhecer as palavras.

— Meu senhor — disse Lorkan, aparecendo ao seu lado com um trapo ensanguentado pressionado na cabeça. — Sinto que este é um momento oportuno para pedir demissão. Pois essa é uma experiência que eu não gostaria de repetir, não importam quais sejam as opiniões de Cara.

— Aceito a sua demissão, caro senhor — disse Vaelin. — E agradeço pelo seu serviço.

Ele se virou quando Mishara sibilou de repente, seu pelo se eriçando ao se virar e sair em disparada na direção do topo da cadeia de colinas, onde haviam deixado a sua dona.

O olhar de Vaelin percorreu os corpos dos homens vermelhos. *Quatro, e os outros dois. Seis. Mas Mirvald disse sete...*

Ele correu até Cicatriz e saltou para a sela, batendo com força os calcanhares nos flancos do cavalo ao disparar num galope.

A cadeia de colinas estava encoberta por nuvens e pela chuva quando Vaelin parou o já quase exausto Cicatriz no sopé dela. Vira as nuvens descenderem enquanto cavalgavam até as colinas, rápidas demais para que pudessem ser outra coisa que não o trabalho de Cara. Mishara estava vários metros adiante e desapareceu de vista depressa na cortina de chuva quando um relâmpago reluziu em algum lugar mais acima.

Vaelin subiu correndo a cadeia de colinas, vendo corpos caídos entre as rochas, os guerreiros do Povo Lobo, todos aparentemente mortos em questão de segundos. Encontrou o gato de Marken a seguir, morto, e o próprio dotado estava caído alguns metros adiante, as feições barbadas flácidas e inertes debaixo da chuva.

Vaelin desviou o olhar e forçou-se a seguir em frente. Sentiu primeiro o cheiro, queimado, acre, nauseante. O fedor de carne recém-carbonizada. Avistou Cara ao

chegar ao topo da colina, uma forma pequena e imóvel sentada à chuva, o rosto pálido encarando com olhos arregalados algo ali perto, algo enegrecido e carbonizado, mas que de algum modo ainda se movia, o rosto parcialmente derretido de uma armadura vermelha grudando-se à carne torrada ao se mexer.

— Eu não vi — disse Cara num sussurro. — Dividimos o poder... Não consegui ver... Aconteceu tão depressa...

Vaelin agachou-se ao seu lado, vendo o sangue escorrer do nariz da garota, tornar-se rosado e se dissolver na torrente. Tocou nas mãos dela.

— Basta — disse ele. — Está feito.

Cara piscou para ele e então se curvou, a chuva diminuindo até se transformar numa garoa quando ele a amparou.

— Raio — murmurou ela. — Eu não sabia que podia.

— Cara. — Vaelin ergueu o queixo dela. — Onde está a Senhora Dahrena?

Ele ouviu Mishara soltar um chamado desolado em algum lugar adiante.

— Sinto muito — disse Cara, a voz baixa e embargada. — Aconteceu tão depressa...

Vaelin a encostou numa rocha e levantou-se, afastou-se e seguiu o som do choro pesaroso de Mishara.

Ela estava caída para o lado junto aos restos encharcados de chuva da fogueira que Vaelin acendera para ela na noite anterior, ainda enrolada em peles. Não havia sangue, nenhum sinal de ferimentos.

Um que podia matar com um único toque...

Ele se sentou ao lado dela e puxou o corpo pequeno e flácido para os seus braços, afastando o cabelo sedoso da testa gelada.

— Eu quero ir para casa — disse ele. — Quero ir para casa com você.

CAPÍTULO QUATRO

Reva

Ela aterrissou com força, rolando com o impacto para absorver o choque, mas a queda ainda assim deixou uma queimação dolorida em suas pernas quando se levantou e correu na direção do domador mais próximo. Ficou grata pela sede de sangue da multidão, pois a animação estrondosa com o seu surgimento fez com que o domador não tivesse aviso algum até ela estar quase em cima dele. Ele se virou pouco antes de Reva lhe acertar o rosto com os grilhões, quebrando dentes e cortando os lábios com o impacto, o grito do homem um gorgolejo estridente ao cair de joelhos, as correntes escapando de suas mãos.

Os três dentes-de-adaga que o homem estava guiando na direção das presas giraram de imediato ao serem soltos de repente, sibilando para Reva e agachando-se para saltar. Ela mergulhou na direção do domador, arrancou o chicote da tira amarrada em seu pulso e o estalou contra o gato mais próximo, forçando-o a recuar. Reva ergueu os olhos e viu que o Escudo e Allern se encontravam ilesos no centro da arena, os outros dois domadores olhando em choque para ela. O Escudo reagiu primeiro, saiu correndo e golpeou a fera mais próxima; espada curta atravessou o pescoço do animal e os seus companheiros uivaram e tentaram acertá-lo com as garras. Ell-Nestra dançou para trás com pés ágeis, mas não sem sofrer três cortes paralelos no peito.

Os gatos do domador caído lançaram-se sobre Reva, desviando a sua atenção. Ela golpeou de novo com o chicote e então correu, saltando por cima de uma garra que tentava cortá-la. Virou-se ao ser perseguida, o chicote cortando o ar com um estalo terrível. Os dentes-de-adaga recuaram mais uma vez e então pararam ao mesmo tempo, como que em resposta a alguma compreensão silenciosa, viraram-se e olharam para o domador ferido, que agora tentava chegar aos tropeços até uma porta na parede da arena, as mãos sobre o rosto enquanto deixava um rastro de sangue pela areia. Os gatos sibilaram de forma idêntica e correram atrás dele, um saltando em suas costas e o derrubando na areia, enquanto os outros atacavam as suas pernas, as longas presas perfurando carne e osso com uma facilidade pavorosa. Os gritos do homem foram breves e os gatos logo estavam se alimentando com satisfação, ignorando Reva por completo.

Ela se virou e viu Allern usando estocadas curtas de sua lança para tentar manter

afastados os três gatos que tinha diante de si. No entanto, o domador deles ficou bastante distraído com a investida de Reva, empalideceu, largou as correntes e saiu correndo. O volariano chegou a três metros da porta antes que uma saraivada de flechas dos arqueiros Varitai nos níveis superiores caísse sobre ele e o prendesse à areia.

Livres, os gatos do homem começaram a andar em círculos em volta de Allern, movendo-se numa dança rodopiante de garras cortantes e investidas com os dentes arreganhados, procurando uma brecha enquanto ele girava, sua lança movendo-se num borrão. Reva correu até o gato mais próximo e o golpeou com o chicote, que se enrolou na pata do animal, e o puxou para trás se debatendo e uivando. Allern viu a sua oportunidade e golpeou a fera no ombro, embora a força da estocada tivesse feito a lâmina da lança trespassar o animal, prendendo-se entre ossos e tendões. Allern praguejou e tentou arrancar a arma, os outros dois gatos se aproximando para liquidá-lo.

O chicote de Reva tornou a estalar, forçando-os a recuar.

— Deixe-a! — gritou ela para Allern, empurrando-o para longe do cadáver. — Pegue isto.

Ela lhe entregou o chicote e então colocou o pé no cabo da lança, pisando com força e a quebrando em dois. Reva rolou o gato para o outro lado e agarrou a lâmina da lança, arrancando-a da carcaça com um jorro de sangue.

— Mantenha-os afastados! — ordenou a Allern, virando-se e vendo o Escudo agora caído de costas com as pernas erguidas para afastar o gato que rosnava em cima dele, batendo as mandíbulas, as presas terríveis a um centímetro de seu rosto. O domador sobrevivente soltou o seu gato e recuou, olhando ao redor de modo frenético, ciente de que fugir significaria a morte, mas evidentemente não querendo tomar parte naquele combate que de súbito tornara-se equilibrado. O gato solto rodeou a dupla engalfinhada com rapidez, deslizando até parar perto da cabeça de Ell-Nestra, preparando-se para atacar, arreganhando as mandíbulas ao saltar... A lâmina partida de Reva atingiu o gato no flanco em pleno ar e o corpo flácido colidiu com o dentes-de-adaga em cima do Escudo, forçando-o a recuar, deixando espaço suficiente para que Ell-Nestra cravasse a espada em seu pescoço.

Ele rolou para longe quando o cadáver tombou, arrancou a lâmina do corpo e então se agachou quando o chicote do domador deixou uma longa marca vermelha no seu braço. Virou-se e encarou com uma sobrelheira erguida o domador visivelmente apavorado.

— Tem certeza?

O domador olhou para ele com uma indecisão aterrorizada; lutar ou fugir

significava o mesmo destino. Reva lhe poupou de mais considerações ao saltar e enfiar os dois pés no rosto do volariano, derrubando-o desmaiado na areia. Ela se agachou e recolheu o seu chicote e uma pequena adaga que saía de sua bota.

— Permita-me dizer, minha senhora — disse o Escudo, cumprimentando-a com uma medida —, que está encantadora hoje. O vermelho realmente lhe cai muito bem.

Reva grunhiu e correu até Allern.

— Você teria mais chance com uma dessas feras.

Allern havia empurrado os dois gatos sobreviventes para a extremidade da arena, seu peito arfando ao manusear o chicote, contendo cada corrida e investida que tentavam fazer. Reva usou o próprio chicote para apanhar a pata dianteira de uma das feras, arrastando-a para o chão para que o Escudo pudesse dar cabo dela com a espada. Ela mesma matou o último gato, provocando-o até que pulasse sobre ela, quando então se esquivou para o lado e saltou para as costas do animal, a adaga entrando abaixo das omoplatas repetidas vezes até que ele parou de se debater e soltou um último suspiro pelo focinho.

Quando Reva se ergueu do cadáver, a exultação da multidão tomou conta da arena, os níveis acima eram um mar de rostos jubilantes que gritavam de admiração e, ela percebeu, enojada, de puro desejo. Homens a olhavam com malícia, mulheres mostravam os seios e uma chuva de flores caiu sobre a areia. Uma caiu próxima aos seus pés, uma orquídea, as pétalas de um tom claro de rosa que se tornava vermelho escuro nas pontas.

— Pegue-a! — sibilou o Escudo para ela, e Reva notou que ele tinha um punhado de flores nas mãos. — Você também, rapaz! — gritou ele a Allern. — Peguem as flores, depressa!

Reva ajoelhou-se e pegou a orquídea, notando como a adulação fervorosa da multidão ficou ainda mais intensa.

— Um sinal das graças deles! — gritou o Escudo para ela acima do tumulto, antes de lançar um olhar cauteloso para o balcão da Imperatriz. — Difícil de ser ignorado por aqueles que orquestram esses espetáculos.

Reva olhou para o balcão e viu a forma esguia da Imperatriz ainda sentada no seu banco, o rosto oculto pelas sombras. Ela parecia completamente imóvel e Reva se perguntou se havia entrado em outro daqueles estados inexpressivos. Também duvidava que a Imperatriz tivesse algum respeito pelas tradições que costumavam ser celebradas ali. *Ela os odeia*, lembrou-se, olhando para a multidão. *Quem disse que ela se importa com as graças deles?*

Ela viu a Imperatriz erguer a mão e fazer um gesto casual para Varulek, e o homem de preto avançou para ordenar que as trombetas soassem mais uma vez.

Desta vez a obediência da multidão não foi tão instantânea, a exultação e o desejo demoraram mais para desaparecer, deixando um murmúrio fervilhante que continuou mesmo após a Imperatriz levantar-se e ir até a beira do balcão. Reva se abateu ao ver a expressão no rosto dela. Não havia fúria ou frustração, apenas uma afeição calorosa e sincera. Os lábios da Imperatriz se moveram num apreço silencioso, as palavras facilmente compreensíveis:

— Você realmente é a minha irmã.

Ela encontrou Lieza andando de um lado para outro quando a levaram de volta à câmara, e a garota teve um sobressalto de surpresa e alívio quando Reva entrou e a porta foi batida. Lieza foi até ela com uma risada trêmula, parando de repente ao ver o sangue que cobria Reva da cabeça aos pés, embora parecesse mais chocada pelo que ela tinha nas mãos.

— Onde você pegou isso? — perguntou ela.

Reva olhou para a orquídea. Não largara a flor quando a Imperatriz decretou que os espetáculos do dia estavam concluídos e uma dúzia de Kuritai entrou na arena. Allern e o Escudo foram acorrentados e conduzidos para outra porta, mas não antes de o jovem guarda colocar um joelho no chão diante dela, erguendo o olhar com uma devoção quase desvairada.

— O Pai me abençoou, minha senhora! — gritou ele quando o arrastaram dali. — Ao permitir que eu lutasse com a senhora hoje!

O Escudo estava visivelmente menos animado.

— Não conquistamos vitória alguma aqui — disse ele por sobre o ombro. — Imagino que você saiba disso.

— Estamos vivos — retorquiu Reva. — E de nada, meu senhor.

Reva ficou imaginando por que Varulek não havia lhe tirado a flor. O Mestre da Arena ficara em silêncio no trajeto de volta à cela, sua expressão mais tensa do que antes e os olhos indo sem cessar para a flor que ela segurava.

— Eu estraguei a história? — perguntou Reva a ele ao chegarem à porta da câmara. — Suponho que a lenda tenha um final diferente.

— Morivek e Korsev ficaram na entrada dos fossos de fogo e repeliram os arautos durante um dia e uma noite. — O homem de preto permaneceu afastado enquanto os Kuritai removiam os grilhões dela com a cautela de costume. — Morivek, o mais velho, caiu mortalmente ferido e implorou ao irmão que fugisse. Mas Korsev ficou, tomado de tamanha fúria que matou cada arauto que saiu do fosso e, ao ver o irmão agora morto, jogou-se nas profundezas da terra, em busca de

ainda mais vingança, e nunca mais foi visto. Se bem que, como com qualquer lenda — acrescentou ele quando a porta foi aberta —, a história muda dependendo do autor.

— Na arena — disse ela a Lieza, estendendo a orquídea. — Fique com ela, se quiser.

A garota encolheu-se e sacudiu a cabeça.

— Não para mim. — Olhou de novo para o corpo ensanguentado de Reva e foi para o fundo da câmara. — Preparei um banho para você.

Reva sentou-se nos degraus de mármore quando a água jorrou de uma ornamentada torneira de bronze na parede, massageando os pulsos quando o vapor se levantou.

— Eu lavo isso para você — disse Lieza, apontando para as roupas ensanguentadas de Reva.

— Você não é minha escrava — disse ela.

— Também não livre. — Lieza encolheu os ombros. — Mais nada para fazer.

Reva levantou-se e encarou Lieza, esperando. A garota pareceu confusa por um momento, mas então riu e se virou. Reva chutou os sapatos para longe e então tirou a blusa e a calça, deixando-as empilhadas no chão, e entrou na água, suspirando com o calor aliviado.

— Quem você enfrentar? — perguntou Lieza, sorrindo um pouco ao se abaixar para recolher as roupas, ainda desviando o olhar.

— Gatos com dentes grandes.

— Você matar todos eles?

— Menos três. — Reva lembrou-se da visão dos três gatos sobreviventes, ocupados se fartando com o corpo de seu domador morto, presas e rostos vermelhos pela alimentação frenética. Por mais horroroso que fosse o espetáculo, ela não conseguiu deixar de sentir uma pontada de pena. Apesar de toda a fúria, aquelas eram criaturas miseráveis, que passavam fome de forma contínua, eram tratadas com brutalidade e lhes tinha negado o papel que o Pai havia determinado para elas. *É isso que eles fazem*, concluiu. *Deturpam o mundo de acordo com caprichos cruéis.*

Ela passou algum tempo desfazendo a trança e mergulhou na água, esfregando as madeixas para tirar o sangue seco. A banheira era funda, permitindo que ela submergisse por completo, abaixando até que os pés tocaram o fundo ladrilhado. A sensação dos cabelos nos dedos despertou lembranças de Veliss, de como ela adorava escovar o seu cabelo e moldá-lo num dos milhares de penteados que conhecia. *Veliss, Ellese...* Tão longe e muito provavelmente perdidas para sempre.

Uma agitação na água fez com que voltasse à superfície, onde se assustou ao ver Lieza entrar nua na banheira.

— O que você está fazendo? — perguntou ela, desviando o olhar.

— Roupas precisam lavar. — A garota pegou a pilha de roupas de Reva e as jogou na água com um leve sorriso nos lábios.

— Faça isso depois.

— Não sua escrava. — O sorriso de Lieza aumentou ao pegar uma barra de sabão e começar a esfregar as roupas. Reva lhe virou as costas e foi para a beira da banheira, querendo sair, mas sabendo que o olhar da garota a acompanharia se o fizesse.

— Seu povo não tem respeito uns pelos outros — murmurou ela. — Também nenhum respeito pela vida ou pela privacidade, ao que parece.

— Privacidade? — perguntou Lieza.

— Ficar... — Reva se esforçou para traduzir o conceito, achando mais difícil do que esperava. — Ficar sozinha, guardar segredos. Proteger o pudor.

— Pudor?

— Deixe para lá. — Ela ouviu Lieza abafar um risinho quando voltou a esfregar as roupas. — Vejo que não está com tanto medo agora.

— Não, ainda com medo. Vem como uma... — Reva a ouviu bater na água.

— Uma onda?

— Sim. Onda. Onda grande quando eu tentar matar a Imperatriz. Onda menor agora.

Reva se pegou virando com uma surpresa involuntária, e então tornou a desviar o olhar quando viu os seios de Lieza logo acima da água.

— Você tentou matá-la?

— Com veneno. Não funcionou. Me manteve com ela. — O tom de Lieza ficou mais sombrio. — Me achou... engraçada.

— Por que você fez isso?

— Meu mestre... não só meu mestre. Pai também. Minha mãe uma escrava. Ela morrer quando eu pequena. Ele me criou, me amou. Não podia me libertar, a lei. Não gostava da Imperatriz e dizia isso. Ela deu para ele as três mortes, pegou todos os escravos para si.

— Lamento o seu fracasso. Mas, em nome da Rainha e de meu povo, agradeço-lhe pelo esforço.

— Rainha também é palavra para Imperatriz, não?

— Imagino que sim, embora elas sejam muito diferentes.

— Sua Rainha não cruel?

Reva lembrou-se da visão da Rainha cravando a adaga no peito do volariano no navio, a mudança instantânea e total do seu comportamento quando o corpo dele foi jogado por sobre a amurada.

— Ela é determinada na sua dedicação à nossa causa, que é justa.

— Acha que ela ganhar esta guerra? — Havia um tom distintamente duvidoso na voz de Lieza.

— Com ajuda. — Reva sentiu as pálpebras ficarem pesadas, o calor da água e os seus esforços recentes se combinando para sobrepujá-la. Ela se virou para a beira da banheira e apoiou a cabeça nos braços. — Há um homem, um amigo meu. — Ela se pegou sorrindo. — Meu irmão mais velho, para todos os efeitos. Se eu puder sobreviver aqui tempo suficiente para que ele receba notícias, ele virá atrás de mim. — Fechou os olhos, sua voz tornando-se um sussurro. — Apesar de eu não querer que ele se arrisque mais por minha causa...

Reva deixou que tudo desaparecesse, a arena, o sorriso terno da Imperatriz, entregando-se ao calor receptivo da água, deixando que entrasse em seu corpo, acalmando, acariciando...

Ela voltou a si com um sobressalto e as mãos de Lieza desapareceram de seus ombros ao recuar alarmada.

— Você... tensa — disse ela. — Sei como fazer desaparecer. — Ela ergueu as mãos, flexionando os dedos, e então os estendeu lentamente para passar as unhas pelo cabelo de Reva.

— Não. — Reva segurou a mão da garota, odiando a sensação elétrica provocada pelo toque de sua pele, e a afastou com gentileza. — Por favor.

— Eu não sua escrava — disse Lieza. — Eu querer...

— Não posso. — Reva lutou contra uma onda de autocensura pelo arrependimento em sua voz. — Há alguém, alguém que está esperando por mim.

Ela tomou impulso até os degraus e saiu da banheira, foi até a cama e cobriu-se com um lençol. Encostou-se num pilar, sem olhar para Lieza, que, ela sabia, estaria encarando, e escorregou para o piso de mármore com um sussurro:

— A fidelidade é tudo o que me resta para dar a ela.

Ela despertou na escuridão, com Lieza dormindo ao seu lado, ainda nua e descoberta. A garota lavara as próprias roupas após terminar com as de Reva e as deixara secando. “Nenhum outro lugar para dormir”, dissera ela, de pé ao lado da cama após diminuir a chama das lamparinas.

Reva virou-se para o outro lado, dando-lhe as costas.

“Então durma.”

Lieza gemeu quando Reva se ergueu, passando os olhos pela porta quase invisível e percebendo que havia sido acordada pelo som da fechadura virando. Ela se levantou da cama, jogou um lençol sobre o corpo de Lieza, que a distraía, e recolheu as suas roupas ainda úmidas. Conseguira vesti-las quando a porta se abriu e revelou Varulek, parado com uma lamparina a óleo na mão. Reva piscou de surpresa ao notar que ele estava sozinho e o túnel às suas costas sem qualquer Kuritai.

Cuidado, advertiu a si mesma contra o impulso instintivo de correr até o homem de preto. *Ele não viria aqui indefeso.*

De modo que ela permaneceu em silêncio quando o volariano entrou e olhou ao redor da câmara, parando rapidamente ao avistar a nudez parcial de Lieza. O rosto de Varulek estava tenso com um medo controlado porém palpável, o rosto de um homem se forçando a um dever inevitável, uma expressão que ela conhecia bem.

— Tenho algo a lhe mostrar — disse ele, a voz mantida a um sussurro.

Reva nada disse, mas lançou um olhar penetrante para o túnel vazio além da porta.

— Se não se interessar pelo que ofereço — disse ele, acompanhando o olhar dela —, seria um grande favor me matar.

Um golpe na têmpora para derrubá-lo, outro para esmagar a sua laringe e evitar que grite. Cubra o nariz e a boca dele enquanto o sufoca até a morte. Acorde a garota e encontre um caminho para fora deste lugar de horrores. Tudo tão fácil. Porém, havia algo no olhar do volariano que a fez parar para pensar, outra expressão que ela também conhecia bem, pois a vira muitas vezes em Alltor. Esperança. Ele vê esperança em mim.

— O Pai não vê a traição com bons olhos — disse ela, pegando os seus sapatos. — Assim como eu.

A luz da lamparina era fraca, forçando Reva a manter-se perto dele enquanto o volariano a conduzia ao longo do túnel até uma porta pequena, onde enfiou uma pesada chave de ferro na tranca e a abriu. A escadaria do outro lado era estreita, os degraus e as paredes entalhados de forma tosca e sem a precisão evidente em cada linha da arena.

— Esse Pai de quem você fala — disse ele enquanto desciam a escada — é o seu deus?

— O único deus, que nos criou para que possamos conhecer o Seu amor. — Ela abafou uma tosse causada pelo ar bolorento, que ficava mais pesado a cada passo. O ar cheirava basicamente a poeira, mas tinha a sensação nauseante e sufocante típica de lugares raramente visitados.

— Ah — disse Varulek em reconhecimento. — A heresia alltoriana, expurgada na Purificação. Então os seguidores dos Seis Livros encontraram um novo lar no seu Reino.

— Dez Livros — corrigiu Reva. *Embora eu tenha lhes prometido um décimo primeiro.* — Está dizendo que o meu povo veio desta terra?

— A Purificação forçou milhares a fugirem para o outro lado do oceano. Questionadores, Ascendentes, Acólitos do Sol e da Lua. Embora o seu povo estivesse entre os mais numerosos, junto com os Servos dos Mortos.

Servos dos Mortos.

— A Fé. A Fé também se originou aqui?

— Ela floresceu pouco antes da Purificação. Alguns dizem que foi o estopim dela. Milhares abandonaram os deuses em questão de apenas vinte anos, preferindo rastejar para os mortos, implorando por um lugar no seu paraíso imaginário após a morte. Tal devoção era anátema ao Conselho Governante, que estava determinado a fomentar a lealdade absoluta ao império. Os Servos dos Mortos foram os primeiros a sentir a sua ira, embora tenham resistido bem, liderados por um homem chamado Varin. Porém, com o tempo, foram forçados ao exílio, zarpando para uma terra úmida do outro lado do mar, onde mais os seguiram no seu devido tempo, à medida que o Conselho buscava apagar qualquer vestígio do que chamava de crença irracional.

— Vocês mataram os seus deuses — disse Reva, lembrando-se das palavras da Imperatriz.

— Não. — Eles chegaram ao fundo da escada e Varulek agachou-se para destrancar outra porta, fazendo dobradiças rangerem ao abri-la. — Nós os escondemos.

O espaço do outro lado da porta emitiu um longo eco quando ele entrou, apesar de a escuridão absoluta prevenir qualquer estimativa de seu tamanho. O volariano parou ao lado da porta e ergueu a lamparina até uma tocha fixada na parede, afastando-se quando as chamas aumentaram. Reva o seguiu para dentro da câmara, que ia sendo revelada de forma gradual à medida que ele ia de tocha em tocha. O olhar dela recaiu de imediato sobre as estátuas, três figuras, dois homens e uma mulher. Eram de tamanho real e em poses como se tivessem sido congelados num

momento de discussão. A mulher inclinava-se para a frente, as mãos erguidas e aparentemente dirigindo-se aos dois homens ao mesmo tempo. O mais alto dos homens cofiava uma barba com o cenho bastante franzido, como se ponderasse algo sombrio. O outro homem era barbeado, tinha belas feições esguias e aparentava estar dando de ombros, encarando a mulher com um sorriso enviesado, com uma expressão de discordância afável.

As três figuras estavam em volta de alguma espécie de pedestal de topo plano e com uma moosa circular no centro. Parecia não ter se deteriorado com o tempo; sua superfície estava intacta, sem quaisquer marcas ou lascas. O pedestal também contrastava com as três estátuas, tendo sido entalhado de alguma pedra negra, enquanto elas pareciam ter sido esculpidas de um tipo de granito cinzento.

— Os deuses? — perguntou Reva a Varulek.

— Os deuses são divinos demais para serem retratados por mãos mortais, em palavras ou em pedra.

Reva franziu o cenho com a voz dele, ouvindo um leve eco das arengas do sacerdote no tom brusco.

— Estes são os Tiranos — prosseguiu o volariano, gesticulando para as três figuras. — Progenitores dos Dermos. Outrora governaram o mundo inteiro com magias abomináveis, destruindo todos que ousassem se opor a eles, um triunvirato de tirania. Acabaram sendo depostos pelos deuses, que os baniram para os fossos de fogo sob a terra onde criaram os Dermos. Não, esses não são os deuses. — Ele se afastou e foi até uma parede, iluminando a pedra com a luz da lamparina. — É aqui que você os encontrará.

Reva foi até a parede e viu que a pedra era bruta, transformada por mãos inexperientes numa superfície vagamente plana e marcada por mossas de ponta a ponta. Ao olhar mais de perto, ela percebeu que as mossas eram alguma espécie de símbolos agrupados, a princípio alinhados, mas ficando cada vez mais irregulares à medida que avançavam ao longo da parede.

— Escrituras? — perguntou a Varulek.

— Somente alguns são escolhidos em cada geração — disse o volariano. — Aqueles com a força e a vontade para receber a essência dos deuses, suas mãos guiadas para transmitir a sua sabedoria e as suas orientações, gravadas na pedra enquanto restarem vida e forças. Porém, uma bênção de tamanho poder inevitavelmente possui um preço.

Ele seguiu ao longo da parede, a luz revelando ainda mais escrituras, cada grupo e símbolo ficando menos uniforme até se tornarem apenas rabiscos vagos na pedra. *A obra de um louco rabiscando no escuro*, concluiu Reva, achando melhor não dizer

aquilo em voz alta por enquanto. Ao passar por ela, Reva notou de novo as tatuagens que cobriam as mãos de Varulek, vendo nelas uma semelhança inconfundível com as inscrições na parede.

— O que dizem? — perguntou ela. — Você pode lê-las, não?

Ele assentiu, mantendo os olhos fixos na parede.

— Embora eu duvide que exista outra alma no mundo que possa. — Varulek foi até a extremidade oposta da parede, onde havia as inscrições mais coerentes. — “Os Tiranos retornaram” — leu ele, passando um dedo sobre o primeiro grupo. — “Ocultos atrás do rosto de um herói, Dernos invisíveis, soltos sobre a terra. Até mesmo este refúgio desaparecerá do conhecimento dos deuses”.

Este refúgio.

— A arena permaneceu um templo, mesmo após terem banido os deuses — disse ela. Reva olhou de novo para as mãos do volariano. — Você é um sacerdote.

Ele inclinou a cabeça, confirmando a suspeita dela.

— Talvez o último. A incumbência secreta da minha família por gerações, assim como esta arena. Os meus ancestrais eram encarregados deste templo muito antes de o Conselho surgir com as suas noções pestilentas de racionalidade. Fomos sensatos o suficiente para encenar o abandono de nossa devoção, estávamos entre os primeiros a jurar lealdade ao Conselho e ao império, os primeiros a acusar outros. Criando uma confiança perene. A destruição dos deuses foi tão completa que fomos capazes de reivindicar o símbolo de nossa verdadeira lealdade. — Ele ergueu a mão e afastou os dedos para exibir as tatuagens. — O Conselho achou que era apenas uma tradição dos encarregados da arena. *Ela* sabia que o motivo era outro, é claro.

— A Imperatriz sabe o que você é?

— Ela sabia muito antes de sua ascensão. Ela veio aqui anos atrás, quando usava um corpo diferente. “Você tem um segredo”, ela me disse, ordenando que eu a trouxesse aqui ou fosse denunciado. Como eu sabia que bastaria uma palavra dela para assegurar a minha execução, obedeci. E ela riu. — A boca do volariano se crispou de raiva e vergonha. — Ela *zombou* deste lugar divino. — Ele se acalmou com um esforço e apontou para o pedestal entre as três estátuas. — Mas parou quando viu aquilo.

Reva inclinou a cabeça para examinar mais uma vez o pedestal, não vendo nada de excepcional além da precisão com que fora esculpido. Não havia qualquer marca nele, qualquer coisa que pudesse indicar o seu propósito. Ela se aproximou e ficou entre a mulher e o homem barbado. *Talvez uma pia batismal?* Reva inclinou-se para mais perto e estendeu a mão para a moça no centro.

— Não toque nela! — A voz do volariano era pouco mais do que um sussurro,

mas carregada de uma advertência tão enfática que a mão de Reva ficou paralisada de imediato.

— O que é?

— Eu não sei. Tampouco os que vieram antes de mim sabiam. Mas é a ordem mais implacável instilada em cada membro de minha família desde que assumimos o nosso dever divino: não toque na pedra.

— *Ela* tocou? Quando veio aqui?

Ele sacudiu a cabeça.

— Eu esperava que tocasse, mas não. Ela sabe demais. Porém, não estava sozinha quando veio aqui. Havia um jovem, vestido de vermelho, pouco mais velho do que você. E claramente enamorado dela. “Se você me ama”, disse ela ao jovem, “toque na pedra”. E ele tocou.

Varulek chegou mais perto e iluminou a superfície do pedestal; a superfície negra reluziu. *Séculos aqui embaixo e nem sinal de poeira*, notou Reva.

— O que aconteceu com ele?

— Ela não queria que eu visse e me mandou ficar na porta. Mas vi o garoto estremecer e gritar, como se estivesse sentindo dor e prazer ao mesmo tempo. Ela se inclinou para perto dele e sussurrou alguma pergunta que não consegui ouvir. A resposta do garoto foi baixa, mas cheia de espanto, e ele ergueu as mãos, mãos que brilhavam com alguma luz estranha, tremeluzindo como relâmpago. Ela lhe disse para tocar de novo na pedra, para “ver que outros presentes daria”. E ele a tocou de novo. Dessa vez ele não gritou e ficou imóvel no instante em que tocou a pedra, tão imóvel quanto estas estátuas, e não respondeu a nenhuma pergunta sussurrada. Eu a vi sorrir, um sorriso de grande satisfação... e então ela o matou, aproximando-se e lhe quebrando o pescoço. “Jogue isso às suas feras”, ela me disse, apontando para o cadáver. “Voltarei um dia, daqui a alguns anos, imagino. Ou muito antes, se eu souber que você deu com a língua nos dentes”.

— Ninguém mais viu a pedra? — perguntou Reva. — Nenhuma das... criaturas dela?

Varulek sacudiu a cabeça.

— Somente ela.

Mantendo os próprios segredos. Reva lembrou-se da oferta sussurrada da Imperatriz: *Quando o meu amado vier até mim, derrotaremos o Aliado e o mundo será nosso... O que ela está tramando?* Reva suspirou, frustrada, desejando poder pedir o conselho de Veliss; ela chegaria a uma conclusão num instante. Assim como a Rainha.

— Não posso lhe dar nenhum conselho sobre isso — disse ela a Varulek. — Mas se puder de algum modo entregar uma mensagem à Rainha...

— Uma impossibilidade. Estou preso a este lugar por mais do que dever. Dar um único passo para além dos limites da arena significaria as três mortes.

— Então por que me mostrou isso?

— Não era isso que eu queria lhe mostrar. — Ele voltou à parede, erguendo a tocha perto de um grupo de símbolos quase apagados que mais adiante desapareciam quase por completo. — Aqui — disse o volariano, fazendo sinal para que Reva se aproximasse, passando um dedo sobre as marcas. — “Livella será encarnada quando a Rainha do Fogo surgir.”

— Livella? — Ela se lembrou de Lieza dizendo o nome aquela manhã, com uma voz aterrorizada. Reva se viu recuando diante da intensidade súbita do olhar de Varulek.

— Uma grande guerreira lendária — murmurou ele. — Favorecida pelos deuses com habilidades e forças maiores do que as de qualquer mulher. Ela desceu para os fossos e enfrentou os próprios Dernos, matando três. Um com uma espada, um com uma lança, e um... — O volariano lhe entregou a tocha e se afastou, indo até um canto da caverna envolto em sombras e retornando com algo enrolado num manto esfarrapado. Reva notou como as mãos dele tremiam de excitação quando removeu o pano, revelando uma vara de pouco menos de um metro e meio de comprimento, a madeira clara e lustrosa pelo uso, decorada de ambos os lados, um exibindo espadas cruzadas, o outro machados cruzados. — E um — prosseguiu Varulek, quase sem fôlego agora com uma mistura de veneração e medo, os olhos brilhantes à luz da tocha —, um ela matou com um arco feito de olmo.

CAPÍTULO CINCO

Frentis

— Sua vingança é de fato severa, irmão.

O rosto do Lorde Almirante Ell-Nurin revelava uma mistura de aversão e reprovação ao esquadriñar Nova Kethia, notando as casas arruinadas evidentes em cada quadrante e a fumaça que subia para além das muralhas voltadas para o sul. Cadáveres ainda estavam sendo levados para piras, uma tarefa que mantinha cinquenta libertos ocupados já havia seis dias.

— Seu povo sem dúvida possui um talento para a destruição.

— Justiça, conforme determinada pela Rainha. — Frentis podia ouvir a insinceridade na própria voz. A visão da garota de cinza morta nos braços da mãe ainda não desaparecera. Tantos anos de batalhas e mortes, tantos rostos esquecidos, mas ele sabia que aquela imagem jamais o deixaria. — A cidade não foi destruída — acrescentou ele. — Quaisquer danos serão reparados de acordo com a vontade da Rainha, no seu devido tempo.

— Uma tarefa que depende de um desfecho bem-sucedido para esta guerra. — O Lorde Almirante olhou para o porto, apinhado de navios meldeneanos e embarcações volarianas capturadas, com muitas mais ancoradas no estuário mais além. Haviam chegado no dia anterior, e a visão de tantos mastros no horizonte ao norte levou a população recém-libertada ao pânico. Frentis conseguira acalmá-los, mas não antes de várias centenas fugirem da cidade com os seus fardos de espólios. Ele posicionou a sua própria gente nas docas numa densa formação defensiva com arqueiros nos telhados ao redor, e então ordenou que Draker começasse a comemorar ao avistar o *Falcão Vermelho* entrando no porto.

— Creio que temos espaço suficiente para transportar todas as suas tropas — disse Ell-Nurin, gesticulando para a frota. — Devo dizer que o inimigo não estava muito animado quando o alcançamos. Parece que o seu almirante cometeu suicídio para não ter que enfrentar a ira da Imperatriz. A maioria se entregou sem lutar.

— Transportar as minhas tropas para onde, meu senhor?

— Volar, é claro. A Rainha estará esperando por reforços.

— A maioria das pessoas agora portando armas nesta cidade era escrava até duas semanas atrás. As outras se juntaram a mim para conquistar a liberdade, não para

serem aceitas no Reino. As pessoas do Reino que libertamos irão, não tenho dúvida. Os Garisai também, embora muitos esperarão ser pagos. Talvez duas mil espadas ao todo. Os outros sofreram muito, mais do que eu jamais pediria que sofressem.

— Eles podem ter capturado uma cidade e matado os seus senhores, mas a liberdade duradoura só virá com a vitória. Como estou certo de que você explicará a eles. — Havia uma aspereza na voz de Ell-Nurin, um lembrete de que ele era o oficial graduado ali.

Frentis suspirou e assentiu lentamente.

— Muito bem. Esta — o Lorde Almirante virou-se para uma jovem que se encontrava no meio de seus capitães — é a Irmã Merial. Você entregará a ela um relatório completo de suas operações e quaisquer informações úteis obtidas, para que sejam transmitidas à Rainha.

Frentis franziu o cenho para a mulher e calculou que ela fosse um ou dois anos mais nova do que ele, vestida com um traje que supunha ter sido escolhido pela simplicidade. A jovem também estava visivelmente pouco à vontade na presença de tantos meldeneanos, embora eles parecessem inclinados a lhe dar bastante espaço.

— Sétima Ordem?

— De fato, irmão. — Ell-Nurin inclinou-se para perto dele. — E, por mais tentador que possa ser, você realmente não vai querer tocá-la.

— Mais nove mil, então? — A Irmã Merial falava com um forte sotaque renfaelino, quase sem usar títulos honoríficos e repleto de entonações dúbias. — Desses terríveis homens vermelhos.

— Eles são bastante reais — grunhiu Draker. — Vários de nós temos cicatrizes e queimaduras para provar. Tenho uma na bunda, se você quiser ver.

— Acho que já vi horrores suficientes nos últimos tempos. — Merial deu um sorriso largo mas vazio para Draker e aceitou uma tigela de cozido de cabra oferecida por Trinta e Quatro.

Eles haviam ocupado a mansão do infeliz governador, apesar de boa parte da construção ter ficado inabitável graças às atenções da turba. Frentis acampou no pátio principal, e o resto do exército que o havia seguido desde Viratesk instalou-se nos vastos jardins. Ficara surpreso e satisfeito com a disciplina deles, permanecendo em suas companhias e tomando uma parte relativamente pequena dos espólios com os quais a população recém-libertada continuava ocupada. Talvez uma dúzia de combatentes houvesse desaparecido após a queda da cidade e mais alguns haviam lhe pedido permissão para partir, para retornar a lares distantes ou admitindo com

franqueza que já haviam visto o suficiente da guerra. Ele disse a mesma coisa a todos: “Vocês libertaram a si mesmos no momento em que se juntaram a mim. A Rainha Lyrna lhes agradece pelo seu serviço.”

— Então a Rainha está marchando para Volar? — perguntou Illian a Merial. — Apesar de perder tantos no mar?

— A Rainha não é uma mulher facilmente dissuadida. — Merial comeu um pouco do cozido e deu um sorriso de apreciação a Trinta e Quatro. — Melhor do que aquela lavagem que os piratas servem quando não estão sendo atrevidos demais com as mãos.

— Quando zarpamos? — perguntou Illian a Frentis, com uma avidez intensa brilhando em seus olhos.

Algum dia ela vai se cansar disso?, perguntou a si mesmo.

— Quando o Lorde Almirante quiser. Ele é o oficial mais graduado aqui.

— Foda-se a patente dele — resmungou Lekran com um pedaço de cozido na boca, falando na sua língua do Reino arrastada. — Não conheço ele.

Frentis virou-se de novo para Merial.

— Você disse que a Rainha acredita que a Senhora Reva está morta?

Ela assentiu.

— Afundou com metade dos seus seguidores hereges.

— Não, ela está viva. Em Volar. — Ele estremeceu ao se lembrar do sonho da noite anterior, do júbilo intenso enquanto ela via a Senhora Reva enfrentar os dentes-de-adaga. — Embora eu não possa dizer por mais quanto tempo.

Merial franziu o cenho para ele, uma ruga de desconfiança aparecendo em sua testa.

— Tem conhecimento disso, irmão?

— Tenho. Sem dúvida alguma.

A irmã franziu ainda mais o cenho e inclinou a cabeça, passando os olhos pelo rosto dele.

— Não sinto dom algum em você...

— Eu sei que ela está viva — disse ele, com uma leve aspereza na voz. — E a Rainha também deveria saber.

Merial assentiu com cautela e voltou à comida.

— Permita que uma garota encha a barriga primeiro, e então vou ter uma palavrinha com o meu querido marido.

— Que marido? — perguntou Draker, franzindo a testa, intrigado, mas Merial

apenas sorriu e continuou comendo.

Mais tarde, ela se sentou longe deles e assumiu uma imobilidade concentrada, de olhos fechados e sem qualquer expressão no rosto.

— Não gosto disso, irmão — murmurou Draker, indo para o lado de Frentis e olhando a irmã com óbvia desconfiança. — As Trevas não deviam ser vistas.

— O mundo mudou desde a queda de Varinshold — disse Frentis. — Agora nenhum de nós tem onde se esconder.

A Irmã Merial se moveu de repente, arqueou as costas e abriu os olhos, um leve porém distinto grito sufocado de choque escapando de seus lábios. Ela se curvou para a frente com um gemido e cobriu o rosto com as mãos, os ombros esguios movendo-se com os soluços.

— Não gosto disso — murmurou Draker de novo, voltando para a fogueira.

Frentis foi até Merial, que agora se abraçava, o rosto tomado por uma angústia profunda.

— Irmã?

Merial ergueu a cabeça para ele e então desviou olhar, passando a mão pelo rosto úmido pelas lágrimas ao se levantar, saindo do pátio sem dizer uma palavra. Frentis esperou por um momento antes de segui-la e a encontrou sentada num pedestal no jardim. A estátua que antes ficava sobre ele havia sido derrubada e arrastada dali durante as revoltas, sem dúvida para ser derretida, uma vez que o bronze era um metal valioso. A Irmã Merial de repente pareceu muito jovem, as pernas balançando sobre a lateral do pedestal ao erguer o rosto ainda úmido para o céu. Ela olhou rapidamente para Frentis antes de voltar os olhos para as estrelas.

— Elas são diferentes — disse Merial. — Não todas, só algumas.

— O braço da Donzela aponta para casa — disse Frentis.

Ela assentiu e baixou os olhos.

— O Aspecto Caenis está morto.

Ele se contraiu ao ser atingido pela pontada de dor, um golpe cortante de tristeza instantânea. Abatido, ele foi até o pedestal e apoiou as mãos na beirada bastante lascada.

— Seu marido lhe contou isso?

— O Irmão Lernial, que acho que você já conheceu.

— Eu não sabia que os membros da Sétima Ordem tinham permissão para se casarem.

— Claro que temos. De onde você acha que vêm todos os irmãozinhos e irmãzinhas? Sempre fomos mais uma família do que uma Ordem, mas sempre

procurando sangue novo.

Frentis deu uma risada cansada.

— Como isso aconteceu?

— Uma batalha. Os detalhes são vagos, o dom do meu marido é um pouco errático, especialmente quando é afetado por uma tristeza tão grande. Pelo que entendi, foi um confronto bastante terrível. Os seus homens vermelhos são mesmo um bando horroroso. Parece que a Rainha no fim saiu vitoriosa, então duvido que eles ainda sejam nove mil.

Caenis... Ele o vira apenas uma vez em Varinshold, um breve encontro nos portões da Fortaleza Negra. “Muitas provações nos aguardam, irmão”, dissera ele. “Só posso lhe desejar boa sorte.”

Caenis, que se esforçara para lhe ensinar a história da Ordem, mesmo que sem muito sucesso no fim, embora Frentis tivesse apreciado as lições. Durante o tempo penoso que passara nos fossos, gastara o tempo entre os combates entregando-se às recordações, tentando lembrar-se das muitas histórias de Caenis, sabendo que elas de alguma forma o mantinham ligado à Ordem, o mantinham um irmão, e não um escravo.

— O Aspecto e eu já fomos irmãos — disse Frentis a Merial. — Aprendi muito com ele.

— Eu também. Ele era o meu mestre, sabia? Nós nos encontrávamos em segredo, sempre que a Ordem lhe dava uma folga. Ele me ensinou muito, a Fé, os mistérios...

— Ela ergueu mais uma vez o olhar. — As estrelas.

Frentis tocou as mãos dela por um segundo.

— Lamento por sua perda, irmã.

— Conteí ao meu marido sobre a Senhora Reva e tudo mais — disse ela quando Frentis virou-se para o outro lado.

— Descobriu algo sobre as intenções da Rainha?

— Apenas que não mudaram. — Merial virou-se para a cidade que se estendia diante deles, as fogueiras tremeluzindo entre as muitas construções arruinadas, as piras ainda ardendo para além das muralhas. — Seguir para Volar.

— *Quem eram elas?*

Ele está na rua do lado de fora da padaria, olhando mais uma vez para a garota e a sua mãe.

— *Como você pode estar aqui?*

Ela aparece, usando o rosto de que ele se lembra, o rosto que usava quando matavam juntos.

— Você sonha, eu sonho. — Ela indica a mãe e a filha com a cabeça. — Você as conhecia?

Ele nota que o rosto dela não é realmente o mesmo; a crueldade e a loucura não haviam desaparecido de fato, apenas diminuído, como se aquele sonho compartilhado de algum modo a despisse de seu eu desperto.

— Não. Elas morreram quando a cidade foi tomada.

— Sempre tão determinado em se sentir culpado, amado. — Ela se aproxima, passando por cima dos cadáveres que cobrem a rua e lançando um olhar indiferente à mãe e à filha mortas. — É o que acontece nas guerras. Batalhas acontecem e gente insignificante morre.

Uma raiva antiga alimentada por muito tempo lhe sobe ao peito.

— Gente insignificante?

— Sim, meu amado, gente insignificante. — Há uma nota de impaciência cansada na voz dela, como a de um tutor ensinando a uma criança uma lição esquecida com frequência. — Os fracos, os triviais, os de mente e propósitos estreitos. Aqueles que, na verdade, não são como nós.

A raiva dele aumenta, estimulando palavras que ansiara dizer durante sua viagem de assassinatos, agora sem serem reprimidas por qualquer domínio.

— Você é uma pestilência — diz a ela. — Uma praga sobre o mundo, que logo será eliminada.

O rosto dela não revela raiva alguma ao erguer os olhos, apenas um leve sorriso, um olhar triste, mas também repleto de conhecimento, lembrando-o do quão velha ela é, de quantos cadáveres já viu.

— Não, eu sou a única mulher que você amará.

Ele se vê recuando, apesar de também não conseguir desviar os olhos do rosto dela.

— Sei que você sente — diz ela, acompanhando enquanto ele se afasta. — Por mais fundo que você enterre, por mais que você inflame sua raiva para afogá-lo. Você viu o futuro que podíamos ter compartilhado, que devíamos compartilhar.

— Uma ilusão abominável — diz ele num sussurro.

— Nosso filho jamais nascerá — retruca ela, agora implacável. — Mas faremos outro, herdeiro de uma dinastia tão grande...

— Basta! — A raiva dele a faz parar, o calor do sentimento enviando uma onda através do solo, ameaçando desfazer aquele cenário onírico. — Eu nunca quis

tomar parte nos seus planos insanos. Como pôde imaginar que algum dia eu me entregaria à sua ambição? Você é movida por que loucura? O que a transformou nisto? O que aconteceu do outro lado daquela porta?

O rosto dela fica completamente imóvel, os olhos fixos nos dele, não com raiva, mas com puro terror.

— Você sonha, eu sonho — diz a ela. — Uma garota, deitada na cama, chorando enquanto olha para a porta do quarto. Você se lembra disso quando acorda? Você ao menos tem consciência disso?

Ela pisca e dá um passo lento para trás.

— Houve momentos em que pensei em matá-lo. Durante a nossa viagem, às vezes eu sacava a minha faca e a colocava contra o seu pescoço enquanto você dormia. Eu tinha medo de você, embora dissesse a mim mesma que era apenas raiva de suas muitas crueldades, de seu ódio costumeiro. De alguma forma eu sabia que o meu amor por você iria me matar, como de fato matou. Mas não sinto qualquer arrependimento.

Ela estende a mão na direção dele, que não sabe por que a deixa tocá-lo, por que permite que passe as mãos sobre as suas, por que abre os braços e a recebe com um abraço. Ela se aperta contra o seu peito e ele escuta o soluço contido na voz dela quando sussurra em seu ouvido:

— É hora de vir para Volar, amado. Traga o seu exército, se quiser. Não importa. Apenas se certifique de que o curandeiro esteja entre eles. Se eu não vir vocês dois na arena dentro de trinta dias, Reva Mustor morrerá.

O líder dos ex-escravos de Nova Kethia se apresentou como Karavek, aparentemente o nome do senhor que ele espancara até a morte durante a primeira noite de revoltas.

— Ele me roubou a liberdade, eu roubei o seu nome — disse ele com um leve sorriso. — Pareceu uma troca justa.

Era um homem grande, por volta dos cinquenta anos, com cabelos grisalhos brotando de forma desgrenhada da cabeça que já fora raspada. Porém, apesar do tamanho e da aparência feroz, sua voz indicava um passado instruído e uma mente aguçada o suficiente para compreender inteiramente a realidade da circunstância, não ofuscada pelo brilho de triunfos recentes.

— Volar não é Nova Kethia — disse Karavek quando o meldeneano fez o seu pedido formal de aliança em nome da Rainha Lyrna. Ele chegara à mansão do governador acompanhado por uma dúzia de combatentes, todos armados e encarando

o Lorde Almirante Ell-Nurin com uma desconfiança evidente que beirava a hostilidade. — Esta cidade é uma aldeia em comparação.

— Ainda há muitos em cativeiro lá — disse Frentis. — Assim como vocês estavam.

— É verdade, mas eu não os conheço e a minha gente também não.

— A Rainha concedeu a todos nesta província um lugar no Reino Unificado — disse Ell-Nurin. — Vocês agora são súditos livres sob a proteção dela. Mas a liberdade tem um preço...

— Não me dê um sermão sobre liberdade, pirata — rosnou Karavek. — Metade dos escravos desta cidade morreu pagando esse preço. — Ele se virou para Frentis e baixou a voz: — Irmão, você sabe tão bem quanto eu como a sua posição é precária. A qualquer dia as guarnições do sul irão marchar para retomar esta cidade para o império. Não podemos enfrentá-los se as nossas forças estiverem morrendo em Volar.

Uma vitória em Volar acabará com este império, Frentis queria dizer, mas sentiu as palavras morrerem na língua, ciente de como soariam vazias.

— Eu sei — concordou ele. — Mas eu e a minha gente precisamos zarpar para Volar, com qualquer um disposto a se juntar a nós.

— Nós nos revoltamos por sua causa — disse Karavek. — A rebelião do Irmão Vermelho, a grande cruzada que instigava a esperança nos corações daqueles condenados a uma vida de escravidão. Agora parece apenas uma distração para que a sua rainha enfrente menos inimigos na estrada até Volar. E se a cidade cair, o que acontecerá? Irão subir nos navios e nos deixar para enfrentar o caos de um império destruído?

— Vocês têm a minha palavra — disse Frentis. — Independentemente das intenções da Rainha, quando os nossos assuntos em Volar estiverem concluídos, eu voltarei aqui para ajudar como puder. — Ele olhou para Ell-Nurin. — E a Rainha nos assegurou que, caso a sua posição aqui se mostre insustentável, a frota dela levará a sua gente para o outro lado do oceano, onde lhes serão concedidas terras e plenos direitos no Reino Unificado.

Karavek empertigou-se ao ouvir isso e estreitou os olhos para o Lorde Almirante.

— Ele está falando a verdade?

Ell-Nurin manteve uma expressão de admirável placidez quando falou:

— Somente um tolo sem amor algum pela própria vida ousaria falar falsamente em nome da Rainha.

O líder rebelde grunhiu e passou a mão pela cabeleira desgrehada, franzindo o

cenho enquanto ponderava.

— Irei falar com a minha gente — disse ele por fim. — Devemos conseguir reunir mil espadas para irem com você. Imagino que a Rainha irá apreciar o gesto.

— Ela é a sua rainha agora — lembrou-lhe Frentis. — E ela nunca se esquece de uma dívida.

Os Varitai libertados estavam acampados nas ruínas de Velha Kethia, junto com uma grande quantidade de pessoas de cinza que achavam a companhia dos ex-soldados-escravos mais convidativa do que a dos cidadãos recém-libertados da própria cidade. Algumas dezenas haviam sido perseguidas até as ruínas por uma turba logo após a tomada da cidade. A sede de sangue dos perseguidores diminuiu um pouco ao avistarem setecentos Varitai dispostos em ordem de batalha, com Artesão à frente deles de braços cruzados e com uma severa desaprovação no rosto. Ainda assim, a turba se demorou por algum tempo, sua fúria ainda não saciada, e a situação poderia ter piorado ainda mais se não fosse pela chegada da companhia montada de Mestre Rensial. Desde então, um fluxo constante de volarianos esfarrapados rumava para as ruínas, e mais chegavam do sul a cada dia, tendo achado a vida nas regiões selvagens uma provação grande demais.

— Os Varitai irão? — perguntou Frentis a Artesão, os dois sentados no que ele supunha ter sido a Câmara do Conselho da antiga cidade. Era uma estrutura retangular composta de seis fileiras ascendentes de bancos de mármore ao redor de um grande espaço plano. O teto desaparecera, mas os pilares enormes que outrora o sustentaram permaneciam no lugar, embora talvez tivessem metade do antigo tamanho. O piso era coberto por um vasto mosaico, os ladrilhos desbotados pelo sol e fragmentados em muitos lugares, mas ainda completos o suficiente para transmitirem uma sensação de refinada habilidade artística, uma grandeza destruída com a fúria da guerra.

— Eles têm um novo nome agora — disse Artesão. — Polital, que significa desacorrentados em volariano. E, sim, eles irão, uma vez que há tantos de seus irmãos para serem libertados em Volar. Mas pedirei a eles que deixem homens suficientes aqui para protegerem essas pessoas.

— Karavek me assegurou que elas serão deixadas em paz, desde que não entrem em Nova Kethia.

Artesão assentiu lentamente, passando os olhos pela ruína.

— Sabia que as pessoas desta cidade escolhiam o próprio rei? Cada homem que tinha uma casa ou gado recebia uma pedra negra a cada quatro anos. Um vaso era

colocado diante de cada um dos candidatos, que ficavam ali — ele apontou para a entrada da câmara —, e cada homem enfiava a mão em todos os vasos, mantendo o punho fechado quando o retirava de dentro, de modo que ninguém soubesse em que vaso ele havia colocado a pedra.

— E se colocassem duas pedras? — perguntou Frentis.

— Uma grande blasfêmia punida com a morte, pois esse era um ritual assim como um costume, determinado pelos deuses. Que se perdeu quando os volarianos chegaram, é claro, mas a Rainha Lyrna o achou interessante. De uma perspectiva histórica.

— Você realmente possui as lembranças dela?

Artesão soltou uma risada baixa e sacudi a cabeça.

— O conhecimento, o discernimento dela, por assim dizer. Nem sempre são a mesma coisa que uma lembrança. — Ele se virou para Frentis e o seu humor desapareceu rapidamente. — Você sonhou de novo.

— Foi mais do que um sonho. Nós conversamos. Ela quer que eu leve você para a arena em Volar. Não imagino por qual motivo. Mas duvido que ela queira lhe fazer algo de bom.

— E se você não me levar?

— Ela está com a Senhora Reva, obrigando-a a lutar na arena. Estou certo de que ela enfrentará coisas piores se não formos.

— Você se importa com ela?

— Eu mal a conheço. Mas o meu irmão a vê como uma irmã, o que faz dela minha irmã. Não quero dizer a ele que dei as costas a uma oportunidade de salvá-la. Mas não posso obrigá-lo a fazer isso, tampouco desejo.

Artesão não disse nada durante algum tempo, uma expressão tão preocupada tomando gradualmente conta de seu rosto que a sua juventude parecia ter desaparecido.

— Quando era criança, eu não compreendia a natureza do meu dom — disse ele. — Se eu via uma criatura ferida, um pássaro com uma asa quebrada ou um cão mancando com uma pata torcida, parecia ser algo maravilhoso e simples curá-los com um toque. Porém, durante muito tempo tudo o que eu curava tornava-se uma sombra do que havia sido, uma casca de olhar vazio que se arrastava pela vida e era com frequência evitada pela própria espécie. Eu não sabia por que, até que compreendi que o meu dom não só dá como tira. Aqueles que curo se abrem a mim pelo toque, tudo o que possuem é revelado e fica ao meu alcance. Suas lembranças, sua paixão, sua malícia... E seus dons. Embora eu tente evitar, algo sempre volta, trazendo consigo a tentação de tomar mais, de pegar tudo.

“Eu encontrei o seu irmão pela primeira vez anos atrás, quando a minha mente estava... menos clara do que está hoje. Tive a oportunidade de curá-lo, uma vez que Dança da Neve é tão difícil de ser contida. — Artesão olhou para as próprias mãos e estendeu os dedos ágeis. — O dom dele era grande, irmão, e a tentação foi mais forte do que nunca. Então eu tomei, apenas um pouco. Se eu tivesse tomado tudo...” — Artesão sacudiu a cabeça, a vergonha e o medo mesclando-se em seu rosto. — A canção é baixa — prosseguiu ele —, mas posso ouvi-la se eu escutar com bastante atenção, e ela me guia, me diz onde preciso estar. Ela me levou a segui-lo até Alltor, guiou-me até a Rainha quando ela precisava ser curada e ao navio que nos trouxe até esta terra. E agora, irmão, ela me diz para ir para Volar, e a melodia está longe de ser fraca.

Ele deu um tapinha no joelho de Frentis e levantou-se, passando os olhos pela câmara uma última vez.

— Eles também matavam crianças aqui — disse Artesão. — Para selar a escolha do povo com uma oferenda de sangue aos deuses. O sacrifício era tirado na sorte, e os pais da criança o consideravam uma grande honra.

Ele se virou e começou a subir os degraus.

— É melhor eu falar com os Politai. Eles insistem cada vez mais em receber explicações.

CAPÍTULO SEIS

Vaelin

Os lábios do homem vermelho haviam sido parcialmente cauterizados, expondo dentes e gengivas num sorriso obscuro. Vaelin não podia evitar a sensação de que o homem estava rindo dele, de que o Bastardo da Bruxa desfrutava de seu triunfo final.

Uma série de gorgolejos saiu do rosto arruinado, saliva e sangue voando enquanto os olhos sem pálpebras o encaravam. Ele estava implorando? Provocando? Vaelin agachou-se e inclinou-se para tentar entender algo em meio aos balbucios sufocados. O homem vermelho se contorceu e convulsionou, passando a língua sobre os dentes ao tentar formar as palavras.

— R-Resta... um. Ainndaa... reeestaaa... maaaiss... uummm.

— Onde?

— M-mme... meee... maattee...

Vaelin olhou para os olhos injetados da coisa, incapaz de decifrar qualquer expressão, uma vez que a carne ao redor havia sido queimada até os ossos.

— Matarei.

A coisa engasgou, a língua dobrando-se atrás dos dentes enquanto lutava para dar uma resposta.

— Alpiraaah...

Vaelin levantou-se e foi até Urso Sábio e Erlin.

— Ele disse que há outro — disse ao xamã. — Longe daqui. Fará diferença?

— Diferença para o quê? — perguntou Erlin.

Vaelin não respondeu e manteve os olhos em Urso Sábio, que olhou de modo incerto para o homem ancestral antes de responder.

— Outro fica no corpo que roubou, não vai fazer diferença.

Vaelin olhou para a coisa enegrecida e arruinada caída entre as rochas e várias ideias tentadoras passaram por sua mente. *Deixe-a definhando até o último segundo. Diga para Astorek soltar os lobos sobre ela. Enfie uma lâmina quente em seus olhos...*

Os soluços de Cara atraíram a sua atenção para a extremidade do penhasco, onde os guardas de Orven estavam construindo a pira. Ela caiu nos braços de Lorkan com o rosto enfiado em seu peito. Os Senthar estavam parados ali perto num silêncio respeitoso, reduzidos pela metade no combate com os Kuritai, com Kiral ao lado de Alturk. O Tahlessa se apoiava numa lança e suava com o esforço.

— Dê cabo dela — disse Vaelin a Urso Sábio, indicando a coisa enegrecida com a cabeça e indo na direção da pira. — A forma de sua morte fica à sua escolha.

Ele se sentou na beira do penhasco enquanto o fogo diminuía às suas costas e o sol caía atrás das montanhas. No fundo do vale, os membros das tribos ainda estavam tirando o que podiam dos volarianos mortos. Após a vitória, eles haviam voltado de imediato às suas antigas alianças e os diferentes grupos disputavam os espólios, ameaças e xingamentos ecoavam pelo vale, cada chefe sem dúvida reivindicando os saques acumulados como líder do exército e responsável pela vitória.

Vaelin não dissera nada quando o fogo foi aceso, observando os corpos de Dahrena e Marken enrolados em peles serem envolvidos pelas chamas e pela fumaça enquanto os outros se despediam. Até mesmo Alturk conseguira dizer algumas palavras bruscas de respeito por aqueles que tombaram numa causa comum. Eles se afastaram quando anoiteceu, Cara ainda chorando e o fazendo se perguntar se um dia ela iria parar.

— Por que não fará diferença?

Ele ergueu os olhos para Erlin, notando a expressão cautelosa porém determinada em seu rosto. Vaelin voltou os olhos para o vale e os mortos, despídos e pálidos na escuridão que se adensava. Estavam espalhados na forma vaga de uma lágrima, aglomerados no rio e rareando a oeste, onde os sobreviventes haviam tentado fugir. Pelo que ele sabia, nenhum escapara; os vitoriosos não tinham o costume de ser misericordiosos. Os mortos também não haviam sido contados. O Povo Lobo estava satisfeito por saber que havia garantido um futuro seguro, e ele duvidava que os membros das tribos soubessem contar acima de dez. *Sessenta mil?*, ponderou Vaelin. *Setenta?*

— O que mais você viu na pedra? — insistiu Erlin.

— Você teve séculos neste mundo — disse Vaelin. — Adquirindo conhecimento para muitas vidas. E, ainda assim, nunca antes fez um esforço para acabar com o Aliado. Deve ter havido oportunidades. Você disse que outros o procuraram. Por que tomar uma posição agora?

— Antes eu sempre soube que seria inútil, provavelmente fatal.

— Bem, agora certamente é fatal. Foi o que a pedra me mostrou.

Erlin sentou-se ao seu lado e voltou a atenção para o vale, as disputas dos membros das tribos ainda podendo ser ouvidas em meio à escuridão crescente.

— Meu dom irá atraí-lo.

— Sim.

— Como você fará?

— A escolha não é minha. — Vaelin levantou-se, deu as costas ao vale e foi até a pira. As chamas haviam se apagado, deixando apenas uma cortina de fumaça cada vez menor que se erguia das cinzas. Ele sabia que se olhasse bem de perto veria os ossos dela, e fechou os olhos contra a tentação. *Ela jamais iria querer que você se torturasse.*

— Está dizendo que posso partir? — perguntou Erlin. — Vai simplesmente deixar que eu vá embora daqui?

— Parto para Volar de manhã, onde acredito que encontraremos o final que buscamos. Espero que você se junte a mim. Irei compreender se não o fizer.

— O que nos aguarda em Volar?

Vaelin observou os filetes de fumaça subirem para o céu noturno, retorcendo-se no ar até serem perdidos de vista entre as estrelas. *Ela está aprisionada?*, ponderou. *Ele a capturou assim como me capturou? Ele a está torturando agora, transformando-a na mesma coisa que a matou?*

— Uma caixa — disse a Erlin. — Cheia de tudo, e de nada.

Havia cavalos mais do que suficientes para todos, embora os Senthar preferissem muito mais os seus pôneis robustos às montarias mais altas e plácidas da cavalaria volariana.

— Pelo menos darão um bom alimento quando a neve cair — comentou Alturk ao cortar os estribos da sela de seu cavalo, jogando-os de lado com uma careta de desdém.

Vaelin passara boa parte da manhã lidando com os chefes tribais, que pareciam achar que agora seriam obrigados a lutar com o Povo Lobo pela posse de territórios perdidos.

— Nós não queremos as suas terras — disse-lhes um exasperado Astorek, repetindo as palavras na língua do Reino para o benefício de Vaelin. — Meu povo já está retornando para a tundra.

Hirkran disse algo, mantendo uma pose rígida com um ornamentado peitoral

volariano, um machado numa das mãos e uma espada curta saqueada na outra.

— Ele quer saber que tributo exigimos — explicou o xamã a Vaelin.

Vaelin se pegou cansando-se depressa daquela gente; suas rixas intermináveis e desconfiança genuína agora pareciam incrivelmente triviais.

— Que fiquem longe do seu povo enquanto marcham para o norte e do meu enquanto marchamos para o sul.

Hirkran estreitou os olhos e falou de novo.

— Ele diz que juntaram muito ouro e joias neste campo — disse Astorek. — E não acredita que você simplesmente iria embora sem tentar tomá-los.

— Então — Vaelin levou a mão à espada quando o seu cansaço transformou-se em raiva súbita — ele pode lutar comigo e eu provarei empilhando todo o ouro sobre o seu cadáver antes de partir.

A tradução de Astorek claramente não foi necessária a julgar pelo modo como Hirkran se empertigou, descruzou os braços e adotou uma postura agachada com um rosnado desafiador.

— Basta! — Kiral se colocou entre eles, surpreendendo Vaelin ao se dirigir a Hirkran numa torrente de volariano fluente porém severo. A agressividade de Hirkran diminuiu diante do sermão, apesar de estreitar ainda mais os olhos, uma expressão de grave compreensão tomando conta de seu rosto. Ele soltou um rosnado curto quando Kiral se calou, olhando por um momento para Alturk antes de recuar, ainda agachado, como se esperasse um ataque a qualquer segundo. Disse uma frase determinada em voz baixa para Kiral e então se virou de repente e afastou-se, gritando para os seus guerreiros.

— O que você disse a ele? — perguntou Vaelin.

— Que meu pai havia notado a fraqueza e a desunião deles. — Ela fez um gesto indicando Alturk, que estava alheio a tudo aquilo. — Um grande chefe guerreiro que voltará com toda a nossa tribo para reivindicar estas montanhas, pois eles não são dignos das riquezas oferecidas pelos espíritos.

Astorek soltou uma gargalhada de apreciação.

— Se há algo que pode uni-los, é isso.

Kiral inclinou a cabeça com um sorriso, mas seu humor desapareceu ao olhar para Vaelin.

— Minha canção indicou que você o teria matado.

— Sua canção estava certa. — Vaelin virou-se e começou a andar na direção de Cicatriz. — Partimos dentro de uma hora. Astorek, transmita os meus agradecimentos ao seu povo e assegure-os da amizade contínua do Reino Unificado,

por favor. Estou certo de que a Rainha enviará embaixadores para formalizar a nossa aliança no devido tempo.

— Pelo que Urso Sábio me disse — gritou Astorek às suas costas —, se a sua missão fracassar, a nossa vitória aqui provará ser apenas uma prorrogação de perigos maiores.

Vaelin parou e virou-se, assentindo com impaciência para o xamã.

— Por isso estou ansioso para partir.

Astorek olhou primeiro para Kiral e então para a nuvem crescente de poeira para além do penhasco, onde o seu povo levantava acampamento.

— Então irei com você. Eu... sinto que o lobo gostaria que eu fosse.

Vaelin sentiu uma leve pontada de humor ao ver Kiral ter o cuidado de evitar o seu olhar. *Ele está respondendo ao chamado de um lobo? Ou de uma gata?*

— Você será bem-vindo — disse ele ao xamã, continuando a caminhar. — Não demore para se despedir, por favor.

A jornada pelas montanhas foi repleta de cenas horríveis que comprovavam a destruição causada pelo Bastardo da Bruxa. Membros de tribos assassinados apinhavam as urzes, povoados incendiados tornaram-se uma visão comum, assim como os corpos de soldados volarianos presos a armações de madeira, a carne de suas costas esfoladas até a coluna. Pela frequência de tais cenas, era evidente que os homens vermelhos haviam liderado um exército relutante, demonstrando pouca imaginação para manter a disciplina.

— Nem mesmo Tokrev era tão cruel — disse Astorek ao chegarem perto de uma fileira de uma dúzia de homens esfolados, uma nuvem de corvos levantando voo das armações ao se aproximarem.

— Achei a crueldade dele mais do que suficiente — retorquiu Vaelin. Ele avistou um povoado adiante, incendiado e praticamente em ruínas, mas com alguns telhados ainda intactos. — Vamos nos abrigar aqui esta noite. Lorde Orven, faça um reconhecimento das colinas num raio de dez quilômetros. Com ou sem vitória, este continua sendo território inimigo.

Erlin foi até a sua fogueira quando escureceu por completo. Vaelin se sentava afastado dos outros desde o início da marcha. Os Senthlar estavam repletos de novas histórias e, embora mal compreendesse uma palavra, o prazer evidente deles em recontar a batalha despertou uma raiva insensata em Vaelin. *Foi para isso que vieram, repreendeu a si mesmo. Outra história, o presente da Mahlessa para os seus guerreiros mais corajosos é a oportunidade para uma história mais rica.*

— Astorek e Kiral sumiram — disse Erlin, sentando-se diante dele e estendendo as mãos para o calor. — Não vi nenhum dos dois desde o anoitecer.

Vaelin olhou para a escuridão além das paredes parcialmente caídas da casa que escolhera, um lugar que ele teria dividido com Dahrena, tal como Kiral e Astorek agora dividiam outro.

— Imagino que estejam bem.

— Ela me contou sobre o composto que carrega — disse Erlin, seu rosto tenso ao olhar para o fogo. — Alguma mistura lonak antiga que pode causar dor a ponto de deixar um homem à beira da morte se usada em quantidade suficiente, ou livrá-lo de uma alma indesejada.

Vaelin assentiu. Lyrna e Frentis não lhe deixaram dúvidas sobre o poder contido no composto da Mahlessa, embora ainda não o tivesse visto em ação.

— O Aliado tinha um dom — prosseguiu Erlin. — Não compreendemos qual era a sua natureza, mas era poderoso o suficiente para destruir uma civilização inteira. Um dom que ele pode muito bem trazer consigo caso seja atraído do Além.

— Eu sei — disse Vaelin. — Mas chegamos a um ponto em que acredito não termos muita opção além de confiar nas palavras do vidente. Você tocará na pedra negra em Volar, mas não será você.

— Como sabemos que colocará um fim nisso? Como sabemos que não vai deixá-lo mais forte? Você o viu na pedra da memória. Ele queria tocá-la.

— Mas também a temia, o suficiente para tê-la escondido durante séculos.

As mãos de Erlin tremiam estendidas ao fogo, e Vaelin franziu o cenho ao ver o sorriso que surgiu em seus lábios.

— Estou com medo, irmão. Todos esses anos, tanta coisa vista, ouvida e experimentada. E, ainda assim, eu quero mais. Com frequência ouvia minha esposa sem nome me chamar de egoísta, geralmente antes de jogar alguma coisa em mim.

— Você salvou muitas pessoas — lembrou-lhe Vaelin. — Duas delas crianças que cresceram e se tornaram as pessoas corajosas que cavalgam conosco agora.

— Receio que seja apenas mais egoísmo. Eu imaginava que, se salvasse o suficiente, eles acabariam lutando a guerra por mim, derrotariam o Aliado e me poupariam da provação das batalhas. — Ele olhou de soslaio para Vaelin. — O que a sua Rainha faria se este dilema em particular lhe fosse apresentado?

— Ela agiria pelo bem do Reino.

Erlin deu uma risada grunhida.

— Você quer dizer que ela me amarraria num piscar de olhos e me faria ingerir à força o composto da Mahlessa até que o Aliado estivesse aprisionado em segurança

na minha carne. Você não se preocupa com o que ela pode se tornar caso vocês sejam bem-sucedidos nesse confronto? Vi muitos monarcas, irmão, mas nenhum como ela.

— Ela não é o Aliado. Nem nunca será.

— Tem tanta certeza assim? Você o viu na cidade que ele construiu, o modo como o seu povo o amava. E, ainda assim, o poder dele de alguma forma cresceu a ponto de se tornar absoluto, e não havia ninguém para detê-lo.

— Lionen o deteve. Ele matou o Aliado e o mandou para o Além.

Erlin abaixou as mãos e cruzou os braços.

— Poderíamos esperar, adiar até chegarmos a Volar...

— A criatura dele ainda possui um corpo em Alpira. Se adiarmos, ela pode morrer, e o Aliado pode enviá-la atrás de você.

Vaelin observou o rosto de Erlin por um momento, notando o leve tique abaixo do olho, o maxilar saliente ao cerrar os dentes. *Não há como saber quantos anos ele viveu, testemunhando cada maravilha que este mundo pode oferecer, sendo tema de mitos e lendas, e agora é apenas um homem assustado tremendo numa cabana arruinada.*

— Se acontecer de você não conseguir levá-lo até a pedra, preciso de sua promessa de que não matará este corpo — disse Erlin. — Você usará o composto para devolvê-lo ao Além.

— Você a tem. Irei proteger você.

— Eu? — Erlin arreganhou os dentes no que poderia ter sido um sorriso. — Duvido que reste algo de mim quando ele tiver acabado, irmão. — Ele se levantou, ainda se abraçando com força, e afastou-se num passo rígido, suas palavras de despedida pouco mais do que um sussurro. — Dê-me esta noite. Acabaremos com isso pela manhã.

Ele pediu que Alturk cuidasse das amarras; os lonaks faziam cordas resistentes e era improvável que os nós do Tahlessa se soltassem.

— Espaço suficiente apenas para respirar — disse Vaelin enquanto o homem passava a corda em volta do peito de Erlin.

Kiral avançou quando Alturk terminou o último nó e Erlin se contraiu com o esforço de se ajoelhar, amarrado dos ombros à cintura e com os braços presos às costas. Kiral respirou fundo ao tirar a rolha do frasco.

— Eu... — começou ela, agachada ao lado de Erlin, a voz vacilando. — Isto

vai... doer. Sinto muito.

Ele assentiu com impaciência.

— É o que ouvi dizer, minha cara. Melhor acabar com isso de uma vez, então.

A lonak se levantou e enfiou um junco fino no frasco.

— Uma gota para expulsá-los — disse ela num sussurro, presumivelmente recitando uma lição da Mahlessa. — Duas para atraí-los.

Os olhos de Erlin se voltaram para Vaelin quando ela se aproximou mais. Palavras eram irrelevantes, o significado nítido em seu olhar marejado. *Não se esqueça da sua promessa.*

Kiral tirou o junco do frasco, a ponta reluzindo com algo escuro e viscoso, e então o baixou para que duas gotas caíssem na pele exposta de Erlin. Vaelin esperava gritos, mas Erlin se enrijeceu, cerrou os dentes e as veias do pescoço ficaram salientes, seu rosto transformado numa máscara vermelha da mais pura agonia. No instante seguinte ele caiu, contorcendo-se no chão enquanto saía espuma de sua boca, batendo com as pernas na terra. As convulsões continuaram por um minuto até Erlin por fim ficar imóvel, toda a animação parecendo esvaír-se de seus membros, a cabeça pendendo relaxada de seus ombros.

Por um momento Vaelin teve certeza de que o havia matado, que aquele grande plano se revelara a manobra desesperada de um tolo enlutado... Mas então Erlin piscou.

Ele rolou para se levantar e permaneceu de joelhos, olhando brevemente para as cordas que o prendiam antes de erguer a cabeça. Sua expressão era curiosa, inquisitiva, sem malícia ou raiva ao passar os olhos por eles, detendo-se em Vaelin, quando então sorriu. Era um sorriso genuíno, caloroso, até mesmo de apreciação, assim como a sua voz quando falou, o sotaque poliglota de Erlin transformado em algo mais forte, o tom mais profundo.

— Obrigado.

Ele fechou os olhos e ergueu o rosto para o céu, sorrindo ainda mais ao sentir o vento na pele.

— Mate essa coisa! — Era Kiral, bem afastada do homem amarrado, o rosto lívido, seu gato agachado ao lado com as presas à mostra. — Isso é errado!

— A decisão é minha — disse Vaelin. — Independentemente do que a sua canção diga.

— Nunca devíamos ter feito isso. — Ela levou a mão de forma inconsciente até a faca no cinto. — É o que grita a minha canção. — A lonak avançou, sacando a faca.

— Ele precisa ser levado a Volar — disse Vaelin, colocando-se no caminho dela.

— E eu o levarei até lá.

— Você não compreende — sibilou a lonak. — Essa jornada inteira, cada vida tomada e perdida, cada batalha lutada. Fizemos tudo o que essa coisa quer, levando-a para mais perto do seu objetivo a cada passo.

Vaelin virou-se para o homem amarrado, que agora o encarava com feições plácidas, sem medo ou protesto.

— Nós faremos um final, você e eu — disse ele, e começou a rir.

— Qual era o seu nome?

O homem amarrado não se virou ao ouvir a pergunta de Vaelin. Estava sentado à vontade na sela à qual havia sido amarrado, absorto na paisagem pela qual passavam enquanto Vaelin cavalgava na frente conduzindo a montaria dele, os olhos brilhantes e arregalados como se tentasse capturar cada detalhe.

— Minha esposa me chamava de esposo, meus filhos me chamavam de pai — disse ele. — Os únicos nomes de que de fato já precisei.

Vaelin franziu a testa, consternado. A ideia daquela coisa procriando era ao mesmo tempo absurda e pavorosa.

— Você teve filhos?

— Sim. Dois meninos e uma menina.

— O que aconteceu com eles?

— Eu os matei. — O Aliado olhou para o céu, uma leve expressão de assombro surgindo em seu rosto ao avistar um pássaro solitário voando em círculos no alto, um dos abutres de asas largas comuns nas montanhas.

— Por quê? — perguntou Vaelin.

O rosto do Aliado se fechou um pouco ao olhar para ele, perplexidade e raiva mesclando-se em sua fronte.

— O dever de um pai com frequência é difícil, mas não pode ser evitado. Uma verdade que você jamais descobrirá, e por isso devia me agradecer.

— Então você pretende me matar?

— Você se matou assim que abriu este corpo para mim. A garota tinha razão, esta circunstância em particular serve muito bem aos meus propósitos.

— Como? Como ela serve aos seus propósitos?

— Você sabe que não vou lhe contar, não importa que torturas você possa infligir nesta carne. Porém, nada tema. As respostas não tardarão a surgir.

Cavalgaram em silêncio durante a maior parte do dia, os guardas de Orven fazendo o reconhecimento adiante enquanto os Senthar protegiam os flancos e a retaguarda. Kiral manteve-se perto de Astorek, ambos bem ao fundo da linha de marcha com os lobos dele por perto. Pela palidez contínua do rosto da Ionak, Vaelin deduziu que a sua canção não havia diminuído. Lorkan e Cara estavam com menos medo e encaravam o Aliado com uma curiosidade cautelosa, embora até então apenas Vaelin tivesse falado com ele.

— Por que não me pergunta? — disse o Aliado por fim, mantendo os olhos nas nuvens que se acumulavam e encobriam o sol do final da tarde. — Sem dúvida você quer saber se eu a capturei.

Vaelin agarrou as rédeas com mais força, e Cicatriz soltou uma leve bufada ao sentir a sua raiva crescente.

— Capturou?

— Ah, sim. E ela foi muito divertida, ainda que exaustivamente obstinada. Pude ver por que você a amava. Uma alma tão brilhante é rara. Se tivesse tido tempo, sem dúvida poderia tê-la moldado, criado um sonho repleto com todas as tentações necessárias. Fiz o mesmo para o seu irmão. Caenis, não?

Vaelin parou, e a montaria do Aliado o trouxe para mais perto até ficar apenas ao comprimento de uma espada de distância. Ele encarou o olhar vazio e indiferente do Aliado, suas mãos tremendo.

— Ele teve uma morte adequadamente heroica — disse o Aliado após um momento. — Salvando a sua Rainha de uma das armadilhas encantadoras de minha serva. Ele teria sido de grande utilidade, o dom dele era muito forte, mas, graças a você, tudo se perdeu. Assim como a mulher que você amava tanto. Se tivesse me deixado lá, um dia talvez pudesse ouvir de novo a voz dele, mas agora desapareceram, tornaram-se nada, como qualquer outra alma. Você fez isso ao me trazer aqui, pois sem mim não há nada para segurá-los.

— Você está mentindo — disse Vaelin, descobrindo que tinha que forçar as palavras a sair. — Algo manteve você no Além. Pode tê-los mantido também.

— O Além — repetiu o Aliado com um suspiro mordaz. — Que nome ridículo. Mas imagino que vocês precisavam chamá-lo de alguma coisa. Meu povo nunca pensou em lhe dar um nome, como se, ao lhe negar um título, pudessem apagar o crime de criá-lo.

Mais mentiras. O Além certamente é eterno. Caenis e Dahrena estarão presos lá para sempre... A ideia causou uma nova pontada de pesar e ainda mais raiva insensata. Ele sentia a espada pesada nas costas agora, uma tentação constante.

Vaelin virou Cicatriz e se afastou a passo lento com o cavalo.

— Nós não sabíamos, veja bem — continuou o Aliado, seu tom pensativo, mas também animado, um tio contando travessuras passadas a um sobrinho curioso. — Nós nos achávamos tão sábios. E por que não acharíamos? As maravilhas que criamos neste mundo teriam desnordeado a sua mente primitiva. Mas esse é o eterno dilema da curiosidade, a sua infinidade. Após conquistar a maior parte de um mundo, uma conquista obtida sem batalhas ou sangue, devo acrescentar, por que não procurar outros? As pedras eram a chave, claro, assim como eram a chave para tudo no nosso mundo de maravilhas. Escavadas da terra e lapidadas, e foi somente com a lapidação que o seu poder foi revelado. O poder de armazenar memória e conhecimento, de preservar a nossa sabedoria para todo o sempre e, como se descobriu, o poder de entrar em contato com outro mundo.

— A pedra negra — disse Vaelin, recusando-se a se virar.

— Sim. — O Aliado riu, surpreso. — É evidente que não lhe dou crédito suficiente. Sim, a pedra negra seria a nossa maior realização. Imagino que você deva estar morrendo de curiosidade para saber o que é.

— Sei que você a criou, e teve medo do que havia criado.

— O que Lionen lhe contou? Talvez que era uma caixa para me prender dentro?

Vaelin olhou por sobre o ombro e notou que o olhar do Aliado estava mais intenso agora, a animação substituída pela maquinação. *Ele não sabe de tudo.*

— Ele me contou que a morte de sua esposa o levou a querer destruir o mundo que vocês construíram, e ele o matou para prevenir que isso acontecesse.

— É verdade, embora eu desconfie que tenha sido mais uma questão de ódio primitivo. Ele não me concedeu uma morte rápida, sabia?

— Eu vi o que você fez com o seu povo. Você tinha muito pelo que pagar, e ainda mais agora.

— Pagar? Passei anos incontáveis sem dor, prazer ou sem conhecer qualquer coisa que pudesse ser chamada de sensação humana. — Ele se reclinou na sela, encolhendo os ombros dentro das amarras. — Por favor, sinta-se à vontade para infligir qualquer tormento que quiser sobre esta carne. Vou aceitar e pedir mais.

— O que é a pedra negra? — perguntou Vaelin, a espada movendo-se em suas costas ao se virar para o Aliado. — Se não é uma prisão, o que é?

O Aliado olhou para Lorkan e Cara, que cavalgavam a uma distância em que podiam ouvir.

— Na minha época, não havia ninguém como eles. Ninguém que nascia com um dom, com o poder gravado em suas almas e passado através da linhagem por gerações. Os nossos dons vinham apenas da pedra negra.

Toque uma vez e ela dá...

— As Trevas não existiam no mundo — disse Vaelin, compreendendo. — Vocês as libertaram.

O rosto do Aliado revelou uma mistura de desdém e divertimento.

— Quão pouco você sabe. Sempre houve poder aqui, na água e na terra, antigo e caprichoso, mas além do alcance do conhecimento humano. As pedras trouxeram algo novo, algo diferente, um presente de poder vindo do outro lado do abismo que divide os mundos. Nós o tomamos e construímos maravilhas.

O Aliado calou-se, olhou em volta para os lonaks e os dotados, o rosto assumindo uma expressão de desprezo.

— E este mundo é o nosso legado — prosseguiu ele. — Lionen lhe contou que quando recebeu as visões pela primeira vez ele achou que estava vendo o passado? Alguma era de barbarismo há muito esquecida, onde pessoas se matavam por causa de meras superstições. Então ele viu as ruínas da minha cidade e soube que estava olhando para o futuro. Um futuro que construímos juntos.

O Aliado não tornou a falar, permanecendo aparentemente satisfeito em suas amarras, cavalgando sem reclamar e aceitando a comida que lhe era dada na boca com um sorriso de gratidão. Vaelin fez muitas perguntas durante os primeiros dois dias de silêncio, mas desistiu quando ficou claro que aquela coisa não tinha mais nada a compartilhar.

Deixaram as montanhas para trás dez dias depois, seguindo para as planícies mais além. Era uma região agradável, salpicada de pequenas ravinas cobertas por florestas, e, quando avançaram mais para o sul, de plantações e casas de campo de tamanho e luxo variados. Algumas mostravam sinais de terem sido abandonadas recentemente, outras estavam apinhadas de corpos e parcialmente destruídas pelo fogo ou por vandalismos deliberados. Vaelin a princípio suspeitou que o Bastardo da Bruxa dera vazão à sua malícia enquanto conduzia o seu exército para o norte, mas logo ficou evidente que aquela destruição não havia sido causada por opressão, mas por revolta. A todo momento encontravam corpos vestidos de preto pendurados em arcadas de casas de campo parcialmente destruídas, e com frequência famílias que tiveram o mesmo destino, os cadáveres exibindo sinais de tortura.

— Os homens vermelhos recrutaram os seus Varitai a caminho para o norte — concluiu Astorek após inspecionar uma casa de campo particularmente grande que havia sido botada abaixo pelo fogo. — Os escravos se revoltaram e eles estavam indefesos.

— Por que matar as crianças? — perguntou Cara. A casa de campo havia sido queimada, mas não o proprietário, cujo corpo jazia com os membros estendidos e eviscerado no pátio dianteiro, ao lado de uma mulher e um menino, que receberam o mesmo tratamento.

— Uma vida inteira de fúria não é mitigada com facilidade — disse Astorek. — Crianças nascidas de escravos são tiradas de seus pais e vendidas. Isto é, aquelas que os donos permitem que vivam.

— Não faz com que isto seja certo — murmurou Cara. — Nada nessa jornada terrível tem sido certo.

Vaelin viu o Aliado olhando para os escombros queimados da casa de campo com indiferença. A atitude dele nos últimos dias havia sido de tédio, fazendo com que Vaelin se lembrasse dos nobres privilegiados que vira aguentando os entretenimentos banais da Feira de Verão. *Ele está ficando impaciente para encontrar o seu fim. Assim como eu.*

Chegaram à primeira cidade que encontraram após outra semana de viagem, um aglomerado murado de casas um tanto precárias que se erguiam dos campos verdes como um tumor disforme. Astorek lutou para se lembrar do nome do lugar, mas se recordava de ter ficado aquartelado ali com o regimento de seu pai antes de seguirem para o norte para o encontro fatídico nas montanhas.

— Os homens se embebedaram e começaram a brigar com os moradores — disse ele. — Facas foram sacadas, a situação ficou feia. No dia seguinte, meu pai enforcou um e chicoteou dez. Estranhamente, os homens não pareceram se importar muito. Acho que foi a única vez que ele ganhou algum respeito.

— Fede mais do que as cabanas dos merim her — comentou Alturk. — Somos poucos. É melhor desviarmos do lugar.

— A Estrada Norte começa aqui — disse Astorek. — Ela nos levará a Volar. Podemos segui-la para o sul.

Contudo, a população não estava disposta a deixá-los passar. Ao se aproximarem da estrada, um grupo diverso de cerca de trezentas pessoas saiu pelos portões da cidade e bloqueou a rota. Quando chegou mais perto, Vaelin viu que trajavam roupas variadas, pretas e cinzentas com um vislumbre ocasional de vermelho, e todas estavam armadas, embora não muito bem, e a fileira que formaram estava visivelmente desalinhada.

Havia um homem grande à frente do exército desigual, com os musculosos braços nus cruzados e encarando Vaelin com uma expressão de grave desafio. Vestia uma

túnica vermelha e calça preta, os pulsos grossos bastante adornados com braceletes de ouro e prata.

— Diga-lhe que ele está no nosso caminho — disse Vaelin a Astorek ao chegarem a quarenta metros dos habitantes.

Astorek gritou para o homem grande e recebeu como resposta um sermão alto e prolongado, o homem sacudindo os braços cobertos de braceletes e apontando para várias direções.

— Ele diz que é o rei desta terra até onde a vista alcança — informou Astorek. — Matou muitos homens para conquistar aquela cidade e matará muitos mais para mantê-la.

— O que ele quer?

— Tributo e reverência, se você quiser usar a estrada.

— Ele é um escravo?

— Um Garisai, ao que tudo indica. Parece que esta província passou por uma transformação política recentemente e, em meio ao caos, é provável que os mais fortes ganhem autoridade.

— Diga-lhe que vimos muitas crianças assassinadas nestas terras. Eu gostaria de saber se ele é responsável por isso.

O homem grande cuspiu com desprezo no chão quando Astorek traduziu a pergunta, gesticulando com ainda mais fúria e apontando para Vaelin em óbvio desafio.

— Ele varreu destas terras o sangue maldito dos senhores, a semente deles nunca mais crescerá para incomodá-los. Ele agora é senhor aqui, e exige o que lhe é de direito.

— E ele o terá. — Vaelin desmontou de Cicatriz e aproximou-se do homem grande num passo rápido. As feições do rei recém-empossado ficaram tensas de perplexidade e então de puro alarme quando Vaelin desembainhou a espada. O homem assumiu uma posição de luta, espadas curtas aparecendo em suas mãos, sacadas de bainhas debaixo da túnica. Exibia considerável aprumo em sua postura, uma espada abaixada, a outra erguida.

Vaelin arremessou uma faca por entre as lâminas duplas, e o dardo de aço cravou-se inteiro no olho do homem. Ele cambaleou, suas lâminas moveram-se num contragolpe automático que ricocheteou na apara de Vaelin com um tinido antes de Vaelin desferir um golpe lateral com a lâmina da Ordem num arco feito um borrão. A lâmina afundou cerca de dois terços da extensão do pescoço grosso do Garisai, obrigando Vaelin a retirá-la e desferir outro golpe para cortar a cabeça do cadáver que estrebuchava.

Ele ergueu o olhar para o exército desalinhado de escravos revoltosos. Em vez de avançarem para vingar o seu rei morto, eles recuaram vários metros, cada rosto exibindo um nível gratificante de choque e consternação. Vaelin virou-se e fez sinal para que Astorek se aproximasse.

— Traduza cada palavra como eu disser — disse ele antes de se voltar para a multidão. — Eu reivindico esta província em nome da Rainha Lyrna Al Nieren do Reino Unificado. Até que ela possa tomar as devidas providências acerca de um governo justo, vocês se comportarão como cidadãos livres do Reino, abstendo-se de assassinatos e roubos. Se não o fizerem, a Rainha não tardará em aplicar suas punições, e — ele fez uma pausa para cutucar a cabeça do homem grande com a ponta da bota — ela não é tão clemente quanto eu.

Ele tirou o sangue da lâmina e a devolveu à bainha, caminhando de volta até Cicatriz.

— Agora, saiam do caminho.

A região ficou mais populosa à medida que rumavam para o sul, mas não menos agitada. Avistavam com frequência pessoas na estrada adiante, carregadas de bens, seus ou produtos de saque. A maioria fugia assim que colocavam os olhos num grupo tão grande de guerreiros montados, espalhando-se pelos campos ao redor onde, de maneira incrível, alguns escravos continuavam a trabalhar. No entanto, nem todos fugiam; alguns, na maioria os idosos e aqueles com crianças, arrastavam-se para a beira da estrada e os encaravam com silenciosa fascinação enquanto passavam, os mais jovens silenciados enquanto apontavam para os homens estranhos. Tampouco todos ficavam tão intimidados, e aguentavam muitos insultos dos despojados; aparentemente não restava muita coisa que causasse medo naqueles que haviam perdido tudo para escravos saqueadores. Um velho com um manto negro rasgado os atacou com projéteis tirados de um monte de esterco de cavalo, seu rosto uma máscara de fúria irracional enquanto gritava insultos ininteligíveis. Alturk cavalgou adiante e olhou para baixo na direção do velho com o porrete de guerra apoiado no ombro até que o homem por fim desabou, afundando na sua munição perfumada e chorando.

— Essas pessoas são muito estranhas — disse Alturk, trotando de volta para a coluna. — Procuram uma morte boa e então caem no choro quando lhes é oferecida.

Percorreram mais de trezentos quilômetros ao longo da semana seguinte, sem esbarrar com um único soldado volariano, apesar de encontrarem evidências de batalha. Estavam espalhados pela estrada, talvez mais de cem corpos, a maioria homens, mas também havia mulheres, e Astorek calculou que fossem uma mistura

de escravos e pessoas livres a julgar pelas roupas. Muitos haviam morrido enquanto lutavam: mãos ainda agarravam gargantas ou facas, uma jovem estava caída com os dentes cravados no antebraço do homem de preto que a matara.

— Se isto continuar por mais tempo, não sobrá nada para a sua Rainha conquistar — disse Astorek.

— A não ser terra — disse o Aliado, fazendo a companhia inteira se sobressaltar ao som de sua voz. Ele lançou um olhar impassível à carnificina antes de acrescentar: — Terra é a única riqueza verdadeira num mundo como este. Imagino que a sua Rainha sairá muito bem de tudo isso. Uma pena que eu não possa deixá-la ficar com o que conquistar.

— Você não diria isso se a tivesse conhecido — disse-lhe Vaelin.

Ele não conseguia sonhar. Todas as noites se deitava e adormecia quase que de imediato, e todas as vezes o seu sono permanecia sem sonhos. Vaelin sonhara todas as noites na masmorra do Imperador, com Dentos, Sherin e até mesmo Barkus. Na época, ele achou isso um tormento, uma tortura merecida que cumpria um desejo ao qual o Imperador resistia. Agora ele sabia que era uma bênção. Dahrena se fora, de fato e por completo, e lhe era negada até mesmo a ilusão de um sonho, a breve e preciosa mentira de que ela ainda vivia, mesmo que o despertar fosse difícil, quando a consciência descesse sobre ele como a lâmina de um machado ao estender a mão para o lugar vazio e gelado ao seu lado. Ainda assim, Vaelin ansiava por aquilo.

— Ela falou de você.

Vaelin levantou-se de seu saco de dormir, evitando o olhar do Aliado. Era cedo e o céu ainda não havia clareado o suficiente para que se pudesse ver bem, revelando o outro homem como uma forma curvada nas sombras, do outro lado das cinzas ainda fumegantes da fogueira da noite anterior.

— Não quer saber o que ela disse?

— Por que decidiu tornar a falar agora? — retorquiu Vaelin. — É porque estamos nos aproximando de Volar?

— Não, apenas um tédio sincero. Além disso, vocês, primitivos, estão se provando mais divertidos a cada dia. Posso ter lhes legado uma era de ignorância, mas vocês a tornam interessante. Diga-me, por que não ficou com a cabeça daquele homem? Presumo que havia algum significado ritual em tomá-la.

— É possível que você seja tão ignorante assim a nosso respeito? Você orquestrou destruição neste mundo durante séculos. Como pode saber tão pouco?

— Vejo apenas através dos olhos daqueles presos no Além, e mesmo assim as

visões costumam ser turvas. A morte faz coisas à alma, priva-a de boa parte do que lhe dá substância. Havia um filósofo na minha época que argumentava que a essência de uma alma é feita meramente de lembranças, a alma em si sendo não mais do que uma metáfora.

— Evidentemente ele estava errado.

— Estava? Nunca se perguntou por que apenas os dotados residem no Além? Será possível que somente eles sejam dignos de permanecer como almas e que todos esses outros não abençoados sejam condenados a se tornar nada quando morrem?

— A vida me ensinou a ser tolerante com mistérios, em particular com aqueles sem resposta.

O Aliado soltou uma risada baixa e sincera, e então se arrastou para mais perto. Suas feições ficaram nítidas quando se inclinou para a frente, seu olhar determinado e indagador, buscando compreensão.

— Eu sou a resposta. O Além não é o domínio eterno dos mortos, é o resultado de tolice e orgulho, é uma casca cobrindo uma ferida que vaza, eternamente corrompida e corrompendo. Existir lá é conhecer o frio da morte por toda a eternidade, sentir-se desaparecendo lentamente até se tornar apenas uma consciência disforme, sem memória, mas cônica, sem nada conhecer além daquele frio incessante.

— E mesmo assim, de alguma forma, você ainda possui raciocínio suficiente para nos atormentar. — Vaelin levantou-se e foi para o lado do Aliado, agachando-se e inclinando-se para perto para sussurrar as perguntas. — Qual é o seu dom? O que nos aguarda em Volar?

O Aliado nada disse por um momento, e Vaelin viu a maquinação retornar ao seu olhar.

— Ela falou de quanto o amava, de como você curou um coração ferido pelo pesar. Embora ela se preocupasse com a mulher que você amou antes dela, temendo que quando esta guerra acabasse você fosse procurá-la. Porém, ela se preocupava principalmente com o filho que vocês fizeram juntos. Ela esperava uma menina, mas sabia que seria um menino, um menino que talvez um dia pudesse ser tentado pelos modos marciais do pai...

O Aliado cambaleou com o soco, sangue e dentes voaram de sua boca. Vaelin tinha apenas uma vaga consciência da sensação de seu punho massacrando o rosto de Erlin ou da torrente de ódio que brotava de sua boca, e não sentiu o porrete de guerra de Alturk atingir a base de seu crânio, mandando-o para o sono mais profundo.

E, desta vez, os sonhos vieram.

CAPÍTULO SETE

Lyrna

— Lorde Lakrhil Al Hestian é agora nomeado Senhor da Batalha do Exército da Rainha.

Ela os chamara até a torre mais alta do templo, muito acima das piras fumegantes que apinhavam a planície. Era possível ver a massa vermelho-escura de Arisai mortos, desarmados e então empilhados perto da margem do rio e deixados para apodrecer.

— Esses homens não tinham almas — disse Lyrna quando o Irmão Kehlan tentou sugerir que alguma forma de cerimônia poderia ser apropriada. — Não se pode prestar homenagem àquilo que não existe.

Ela examinou o rosto dos capitães, procurando sinais de discordância; porém, quaisquer sentimentos que pudessem ter a respeito da elevação de um homem chamado de traidor foram mantidos bem escondidos. *Eles agora me conhecem muito bem*, concluiu Lyrna, estranhamente espantada com a timidez deles. Somente Lordes Nortah e Antesh demonstraram alguma reação evidente. O Lorde Comandante sacudiu a cabeça em silêncio, cansado. Ele e Al Hestian tinham uma tendência a se ignorarem com o tipo de indiferença rígida que indicava uma inimizade mútua, o cravo que saía do toco do braço direito de Al Hestian uma lembrança constante e inescapável de uma ofensa não resolvida havia muito tempo. A reação do seu Lorde dos Arqueiros foi mais marcante, o seu rosto ficando tenso com uma raiva contida.

Não deseja seguir o açougueiro do Vau da Água Verde, concluiu Lyrna. *Que sorte eu ter outra carta na manga.*

— O Lorde Comandante Nortah assumirá o comando da Companhia Morta em seu lugar — prosseguiu ela. — As Adagas da Rainha passam a estar alistadas na Guarda Montada sob o comando de Lorde Iltis.

Ela se virou para Al Hestian.

— Senhor da Batalha, o seu relatório sobre o estado do Exército da Rainha, por favor.

— Nossas baixas totais somam pouco mais de 1.500 homens, Alteza — disse ele. — Além de trezentos feridos e incapazes de lutar. Três regimentos além das Adagas da Rainha foram tão massacrados que aconselho que sejam fundidos num só. No

entanto, as nossas baixas podem ser consideradas leves em comparação com as do inimigo. Mais de trinta mil mortos e mil capturados. O restante fugiu e não se encontra em condições de lutar de novo. O Conde Marven merece um grande crédito por tamanha vitória.

Um dos gêmeos nilsaelinos falou, o que usava o peitoral vermelho laqueado, embora Lyrna ainda achasse que isso não ajudava muito a distinguir entre os dois.

— Nosso nobre avô garantirá que a memória dele seja honrada em todo Nilsael. Meu irmão e eu iremos financiar pessoalmente a construção de uma estátua em Meanshall.

Lyrna afastou a imagem do rosto lívido e em pânico de Marven, chorando enquanto ela pressionava um pano em sua testa quente. *Ele teria preferido apenas ir para casa para aguentar a língua ferida da esposa.*

— Mil prisioneiros? — perguntou ela a Al Hestian.

— De fato, Alteza. Eu pretendia perguntar o que senhora quer que seja feito com eles.

— O rio é fundo e veloz — observou o Barão Banders. — Poupa-nos o esforço de cortar tantas gargantas.

Os outros capitães trocaram acenos de cabeça e murmúrios de concordância, mas ela notou a careta enojada de Nortah.

— Não — disse Lyrna. — Eles serão poupados. Os feridos serão tratados e todos serão alimentados. O Irmão Hollun me informou que a maioria é originária desta província.

— Eles são, Alteza — confirmou Al Hestian. — Devo dizer que são notavelmente medíocres para soldados volarianos. Há alguns veteranos entre eles, mas a maioria é composta por pouco mais do que garotos recrutados há apenas dois meses.

— Creio que há uma cidade a alguns dias de marcha ao longo da nossa estrada. Suponho que muitos sejam de lá.

— Urvesk, Alteza. Um lugar de tamanho considerável, de acordo com todos os relatórios. Eu ia aconselhar que a ignorássemos, uma vez que é improvável que a guarnição seja numerosa o bastante para nos ameaçar e um cerco custaria tempo e vidas que não podemos perder.

Lyrna sacudiu a cabeça.

— Não. Marcharemos para lá o mais depressa possível. Preparem o exército para partir ao amanhecer, por favor. Já nos demoramos demais aqui.

Ela os dispensou e ficou admirando a vista enquanto desciam a escadaria sinuosa. Porém, como esperado, um deles decidira ficar.

— Tem algo a me dizer, Lorde Antesh? — perguntou Lyrna sem se virar.

Ele se posicionou a uma distância respeitável, embora o seu semblante carregado revelasse uma raiva crescente.

— Não posso ordenar que meu povo siga aquele homem, Alteza — disse ele. — Quando ficarem sabendo disso...

— A Senhora Reva o teria seguido — disse Lyrna. — Não concorda?

— A Senhora Reva tinha uma alma abençoada pelo próprio Pai. Eu não tenho, nem os meus arqueiros. Quando a perdemos... perdemos o nosso ânimo.

— Então o senhor sem dúvida se alegrará ao saber que tem uma oportunidade de recuperá-lo. — Ela se virou e o olhou nos olhos. — Recebi informações seguras da Sétima Ordem de que a Senhora Reva está viva e é mantida prisioneira em Volar.

Lyrna observou o rosto de Antesh transformar-se de uma raiva sombria para um choque lívido, logo seguido pela esperança.

— Isso... isso foi confirmado?

— Fale com o Irmão Lernial, ele irá lhe assegurar de que é verdade. Então suponho que você gostará de compartilhar essa ótima notícia com o seu povo.

— Eu... sim. — Ele fez uma medida com a cabeça e recuou. — Obrigado, Alteza.

Ela se voltou de novo para a paisagem enquanto os passos rápidos do Lorde dos Arqueiros ecoavam pela escadaria, tropeçando de vez em quando em sua pressa.

— Eles realmente acham que o deus deles fala com ela? — ponderou Murel em voz alta.

— Quem pode dizer que estão errados?

O olhar de Lyrna recaiu sobre as marcas na superfície plana que encimava aquela torre, o amontoado de símbolos sem sentido gravado séculos antes.

— Sabedoria me disse que um sacerdote foi designado a cada torre deste templo ao serem construídas, alguém que diziam ter sido tocado pelos deuses. Sua missão ao longo da vida era gravar na torre qualquer conhecimento que os deuses houvessem lhes transmitido, do degrau mais baixo até o topo. Uma vida inteira passada entalhando suas visões na pedra, proibidos de realizarem qualquer outra tarefa, sem nunca terem permissão para deixar as suas torres. Não é de espantar que estivessem insanos quando terminavam, suas mensagens não mais do que os rabiscos de mãos deformadas e enlouquecidas. E quando acabavam... — Ela foi até a beira da plataforma, seus sapatos despontando para fora ao erguer os braços, o vento fazendo o vestido e os cabelos esvoaçarem. — Eles voavam e os deuses estendiam as mãos do alto e os apanhavam no ar.

— Alteza?

Ela se virou e viu Itis se aproximando, esticando uma das mãos com cuidado para puxá-la para longe da beira. Lyrna abaixou os braços e o afastou com uma risada baixa.

— Não se preocupe, meu senhor. Não é a minha hora de voar. Ainda tenho muito a fazer.

Ela disse para Al Hestian enviar a Guarda do Norte na frente para Urvesk com ordens para serem o mais conspícuos possível. A cavalaria nilsaelina foi dividida em companhias e despachada para o norte e para o sul com a missão de libertar todos os escravos que pudessem encontrar, embora Lyrna esperasse que o talento deles para saques fosse colocado em prática. Foram advertidos para poupar as pessoas livres quando possível e enviá-las para leste com uma total compreensão das intenções de sua Rainha. Assim, ao se afastarem do templo e da planície poeirenta e adentrarem a região de colinas verdejantes mais além, o horizonte em ambas as direções estava marcado por colunas altas de fumaça que se erguiam de casas de campo incendiadas no rastro dos nilsaelinos. Pelos relatórios, parecia que muitos haviam sido aconselhados a não fugir, pois os invasores logo seriam aniquilados pelas forças invencíveis da Imperatriz.

Muitas das companhias haviam retornado no quinto dia, um tanto carregadas de objetos de valor, mas também trazendo grupos de escravos libertos, que logo passaram de mil no decorrer dos dias seguintes. Lyrna fez questão de receber pessoalmente tantos quanto possível, notando que a maioria era jovem e propensa a tratá-la como “Honorável Senhora”. Os mais velhos aparentemente já estavam acostumados demais com o medo de uma vida inteira para aceitar a oferta de liberdade dessa nova rainha.

— Alguns deles choraram quando incendiámos a casa de seu senhor, Alteza — disse-lhe um aturdido capitão nilsaelino. — Alguns até mesmo tentaram nos enfrentar.

Ela deixou os novos recrutas sob o comando de Nortah, com a ajuda de Sabedoria, uma vez que o Lorde Comandante não falava volariano.

— Levará meses para transformar esse bando em soldados — disse-lhe Nortah enquanto ela percorria o seu campo de treinamento improvisado. Eles haviam parado num vale amplo a quinze quilômetros de Urvesk, instalando-se numa luxuosa casa de campo que os nilsaelinos tiveram a consideração de poupar para o conforto dela.

— O senhor já transformou escravos em combatentes antes — observou Lyrna.

— Eles haviam sido aprisionados por apenas alguns dias, semanas, no máximo. E o ódio deles era intenso o suficiente para superar a falta de habilidade e disciplina. — Nortah gesticulou para os recrutas que trabalhavam sob a instrução de sargentos da Companhia Morta, que pareciam determinados a compensar a falta de uma língua em comum com volume. — A maioria dessas pessoas só conheceu o cativeiro.

— Estou disposta a apostar que o ódio deles também será intenso — disse Lyrna. — Quando for suficientemente instigado. Continue com o treinamento, meu senhor. Partimos em três dias.

A cidade de Urvesk ficava situada próxima à bifurcação no rio que corria ao lado da estrada, dando origem a um afluente menor que seguia sinuoso para o norte. Lembrava-a vagamente de Alltor com suas muralhas altas; contudo, a similaridade desapareceu ao avistar as muitas brechas e a quantidade de moradias precárias que se estendia para além dela até a margem do rio. *O preço da estabilidade é a falta de prontidão*, concluiu Lyrna quando Lorde Adal cavalcou até onde ela se encontrava.

— O lugar parece ficar menos populoso a cada dia, Alteza — relatou o comandante da Guarda do Norte. — Eles têm fugido para o norte ou leste num fluxo constante desde que nos avistaram. Nenhum sinal de soldados além de algumas sentinelas nas muralhas, talvez duzentos, no máximo.

— Obrigada, meu senhor. Descanse os seus homens, por favor.

— Alteza, eu... — Ele hesitou, com um pedido ansioso no olhar. — Eu esperava liderar o ataque.

O que é essa sede de glória deste homem?, perguntou-se Lyrna. Ela o estimava muito como capitão, sendo um dos poucos verdadeiros profissionais do exército, mas estava ficando cada vez mais preocupada com o desejo dele de se colocar em perigo. Os relatos da batalha no templo estavam repletos de descrições de sua coragem temerária, embora ele tivesse conseguido sair do conflito sem um arranhão sequer.

— Não haverá ataque, meu senhor — disse ela. — Poupe a sua coragem para Volar.

Ela virou Azeviche e rumou a trote até onde os prisioneiros haviam sido reunidos, pouco mais de mil homens e garotos de rosto acinzentado acorrentados em quatro fileiras não muito definidas.

— Há oficiais aqui naturais desta cidade? — gritou ela em volariano.

Os prisioneiros arrastaram os pés num silêncio amedrontado, muitos não ousando erguer a cabeça, e um garoto mais à frente chorava abertamente.

— Respondam, escória! — berrou Iltis na língua do Reino, deixando o significado claro com um estalo terrível do chicote de capataz que conseguira em algum lugar.

Um homem com o rosto enfaixado na terceira fileira ergueu lentamente a mão e logo foi arrastado da multidão por Iltis.

— Você é um oficial? — perguntou Lyrna ao prisioneiro quando Iltis o forçou a se ajoelhar diante dela.

— Um capitão — respondeu ele numa voz ofegante. A bandagem sobre o rosto cobria o olho direito, e estava escurecida pelo sangue seco. Sua aparência revelava um homem que se aproximava da morte a cada passo. — Convocado da reserva para lutar a gloriosa guerra de defesa da Imperatriz. — Ele soltou uma risada amargurada e Lyrna deduziu que o homem esperara morrer logo.

— Levante-se — disse ao homem. — Remova as correntes, meu senhor.

Lyrna levou Azeviche para mais perto quando o capitão caolho olhou perplexo para ela, não aparentando se importar com o sangue que escorria de seus pulsos esfolados quando Iltis removeu os grilhões.

— Você irá para casa, Capitão — disse ela, apontando para Urvesk. — E dirá a quem quer que esteja no comando da cidade que os seus companheiros aqui serão libertados, pois não vim para esta terra em busca de carnificina, e sim de justiça. Em troca, a cidade libertará todos os escravos e abrirá os seus portões a mim. Caso contrário, matarei dez prisioneiros por hora até que o façam. Caso a razão ainda assim não prevaleça, eles se afogarão em cinzas e sangue quando eu enviar o meu exército através daquelas muralhas precárias.

Ela aproximou Azeviche ainda mais e inclinou-se para olhar diretamente no olho bom do homem.

— Pergunte a eles se realmente querem morrer pela Imperatriz.

Ao anoitecer, mais de três mil escravos haviam saído pelos portões. Lyrna observou os últimos saírem e aguardou, ocultando um suspiro de alívio quando os portões permaneceram abertos. *Alguma vez você conseguiu isso, pai?*, perguntou ela ao fantasma do velho maquinador. *Capturar uma cidade apenas com palavras?*

— Eu deveria ir à frente com a Guarda do Reino, Alteza — sugeriu Al Hestian. — Garantir uma recepção apropriada para a sua entrada.

Seria tão fácil, pensou ela, os olhos ainda fixos nos portões abertos. *Tantas casas de madeira, tanto combustível, as chamas iluminariam o céu por mais de cem quilômetros.*

— Não entrarei na cidade — disse ela a Al Hestian. — Mande quantos homens achar necessário para garantir que não tenham mantido nenhum escravo e para obter suprimentos adicionais para os meus novos súditos. Nada de saques, sob pena de execução. Deixe-lhes suprimentos suficientes para que não passem fome, e os seus cavalos. Estou ansiosa para que a notícia de nossas ações aqui se espalhe. Certifique-se de que o exército esteja pronto para marchar ao amanhecer.

Lyrna olhou para os prisioneiros amontados na penumbra, tremendo tanto de medo quanto pelo frio que chegava. *Como todas aquelas almas que deixei se afogarem no fundo do navio de escravos*, pensou ela, apertando as rédeas até suas mãos doerem. *Seria tão fácil...*

— Solte este bando uma hora antes de partirmos — ordenou, virando Azeviche e voltando a galope para a casa de campo.

Percorreram 160 quilômetros em três dias, com o Senhor da Batalha insistindo num passo que fazia com que muitos soldados desabassem ao final do dia passado no que muitos agora chamavam de a “estrada de sangue”. A marcha deixou Lyrna familiarizada com os ânimos variados de seu exército. Os nilsaelinos eram os que resmungavam com mais veemência, soltando um gemido coletivo de alívio e exaustão ao final do segundo dia. A Guarda do Reino era a mais disciplinada na marcha, embora também fosse a mais irascível à noite; brigas por causa de jogos de cartas ou disputas triviais ainda eram um incômodo comum. Os renfaelinos eram de longe os mais animados, o seu acampamento repleto de canções e risadas na maioria das noites, contrastando muito com a eficiência silenciosa dos cumbraelinos, ainda que a sua quietude tivesse passado a uma determinação sombria desde o templo. Eles marchavam num ritmo mais rápido do que os outros contingentes, Lyrna tendo concordado com o pedido de Lorde Antesh de liderar a coluna, e com frequência se encontravam três ou quatro quilômetros à frente com o cair da noite. Além disso, a julgar pelo modo como se aglomeravam em volta dos poucos sacerdotes entre eles ao anoitecer, a notícia da sobrevivência da Senhora Reva parecia ter reacendido a sua devoção.

— Estou envergonhado, Alteza — disse Antesh na noite do terceiro dia. Lyrna o procurara durante a sua inspeção noturna do acampamento, encontrando os cumbraelinos mais respeitosos do que de costume, suas medidas mais longas, embora o olhar sempre cauteloso ainda estivesse lá.

— Envergonhado, meu senhor?

— Após a tempestade, quando pensamos que havíamos perdido a Senhora Reva, eu duvidei do propósito do Pai em nos trazer aqui. Em Alltor, tudo foi tão claro, ela

parecia brilhar com o Seu amor. Mas se Ele a tirara de nós, como poderia abençoar esta empreitada? Pensei que talvez pudesse ser um castigo, uma condenação pela nossa disposição de nos aliarmos à senhora. Agora vejo como isso era absurdo. *Ela* jamais teria nos guiado por um caminho falso.

Ao ouvir a convicção em cada uma de suas palavras, Lyrna resistiu ao impulso de perguntar se o seu Lorde dos Arqueiros na verdade não adorava uma deusa em vez de um deus.

— Ela de fato é uma grande alma — disse Lyrna. — Desejo muito vê-la de novo.

A Rainha inclinou a cabeça e se afastou, mas Antesh estendeu a mão, parando pouco antes de tocar sua manga.

— Alteza, se me permite? Sei que a senhora não acredita no Pai. Na verdade, duvido que a senhora também queira alguma coisa com a sua própria Fé. Mas saiba que, embora a senhora possa não sentir o Seu amor, Ele o dá mesmo assim.

Lyrna foi tomada pela estranha sensação de não saber o que dizer. Ela nunca se sentiu à vontade perto de demonstrações de devoção; seus encontros infrequentes com o finado Aspecto Tendris foram uma provação considerável, assim como as conversas com o Aspecto Caenis, embora ele provocasse tanto pena quanto desconforto. *Vidas dominadas pelo espectro de sonhos antigos*, pensou. *Mas parece nunca deixá-los felizes.*

— Certifique-se de agradecer a ele por mim — disse ela a Antesh, colocando um tom de finalidade na voz e dando-lhe as costas.

— Havia mais uma coisa, Alteza — começou ele, indo para o seu lado e então recuando quando Iltis deu uma bufada de aviso. — A Senhora Reva — prosseguiu Antesh. — Temo que ela possa se tornar uma refém de nossas intenções. Ao que tudo indica, essa Imperatriz abominável deles não hesitará em matá-la caso ataquemos Volar.

O seu Pai do Mundo não irá estender a mão e salvá-la? Lyrna sorriu para encobrir o seu aborrecimento.

— Não permitirei que isso aconteça.

— Então a senhora tem um estratagema? Algum modo de garantir a libertação dela?

— De fato tenho. — *Capturar a cidade e confiar nas habilidades mortais da garota de garantir a própria sobrevivência.* Lyrna estendeu a mão para que ele não falasse. — Por favor, garanta a seus arqueiros que não há maior propósito para mim do que proteger a vida da Senhora Abençoada, mesmo que isso coloque a minha em risco.

Antesh hesitou antes de colocar um joelho no chão e lhe beijar a mão.

— Assim o farei, Alteza.

As colinas começaram a ficar mais planas nos dias seguintes, transformando-se em terras onduladas e cultivadas. Boa parte era dominada por campos de flores rubras, estendendo-se ao longe como um tapete escarlate interminável, interrompido por uma ocasional casa de campo ou cidade pequena, a maioria exibindo sinais de ter sido abandonada às pressas. Aquela região possuía também outra distinção singular com os postes com que a Imperatriz decidira adornar a estrada.

— Não é de admirar não lutarem por ela — comentou o Barão Banders, estreitando os olhos para um dos cadáveres putrescentes que pendiam acima. — É possível que tenhamos uma estrada livre até Volar.

Lyrna olhou adiante para a longa procissão de postes que desapareciam ao longe, notando uma tênue nuvem de poeira que se erguia acima do horizonte.

— Duvido que a Imperatriz pretenda que a nossa passagem seja fácil.

Al Hestian enviou a Sexta Ordem à frente naquela manhã e o Irmão Sollis logo retornou para informar sobre a aproximação de um exército de cerca de setenta mil combatentes.

— Pelos meus cálculos, cerca de metade é Varitai — disse ele. — São mais esfarrapados do que aos que estamos acostumados. Desconfio que a Imperatriz recrutou todos os soldados-escravos particulares da região. Os Espadas Livres não parecem muito melhores, a maioria velhos e garotos. Porém, a cavalaria é outra história, mantendo-se em ordem e patrulhando os flancos com atenção. Tivemos sorte de voltar sem sermos vistos.

— Nenhum Kuritai ou Arisai? — perguntou Lyrna.

— Nenhum que eu pudesse ver, Alteza.

— O templo nos ensinou uma dura lição — disse Al Hestian. — Podemos esperar que tenham escondido a elite entre os medíocres.

— Seja como for, é suicídio — comentou Nortah, sacudindo a cabeça. — Há bem mais de cem mil almas neste exército agora, que aumenta a cada dia.

— Se o nosso inimigo está determinado a causar a própria destruição, terei o maior prazer de cumprir o seu desejo — disse Lyrna. — Senhor da Batalha, fique à vontade para preparar as suas tropas.

Al Hestian enviou a cavalaria nilsaelina e a Guarda do Norte a galope antes que a

sua linha principal de batalha estivesse totalmente posicionada, ordenando que entrassem em combate com quantos cavaleiros volarianos fosse possível. A cavalaria da Guarda do Reino permaneceu onde estava para proteger os flancos da infantaria, que assumiu uma formação surpreendentemente compacta. O agrupamento principal era composto por apenas três regimentos, dispostos em fileiras próximas umas das outras, com o resto da Guarda do Reino posicionado atrás e a Companhia Morta de Lorde Nortah, flanqueada pela massa vagamente organizada de escravos com pouco treinamento, formando uma retaguarda com a infantaria nilsaelina. À frente ele colocou os cavaleiros renfaelinos e os arqueiros cumbraelinos.

— Supus que Vossa Alteza gostaria que esta questão fosse concluída rapidamente — disse o Senhor da Batalha em resposta à observação cautelosa de Lyrna de que aquela ordem de batalha estava além de sua experiência.

— De fato, meu senhor — disse ela, observando-o cavalgar para longe com os seus sinaleiros, perguntando-se se não deveria pedir a Davoka que ficasse ao lado dele durante a batalha, pronta para matá-lo caso aquele estratagema se revelasse uma grande e talvez deliberada tolice. Lyrna deixou os seus receios de lado ao ver Al Hestian cavalgando ao longo do flanco do exército que ela lhe dera, notando a total dedicação em seu rosto enquanto passava o olhar experiente pelas fileiras. *A guerra é a sua arte*, compreendeu ela. *A única paixão que lhe resta. Como as estátuas de Mestre Benril ou os desenhos de Alornis.*

Seu olhar recaiu sobre a Senhora Artífice, que se movia ao longo da fileira de balistas posicionadas numa colina baixa à esquerda da linha de marcha do exército. Ela protestara de forma estridente quando Al Hestian avisara que as máquinas não seriam necessárias para o seu ataque, acalmando-se apenas um pouco quando Lyrna sugeriu que fossem usadas para se protegerem em caso de algum contra-ataque. *Animada apenas pela perspectiva de sangue*, pensou Lyrna, acompanhando com o olhar a forma esguia de Alornis enquanto ela ia de máquina em máquina.

Lyrna se posicionara não muito longe das balistas, sob a escolta atenta dos remanescentes das Adagas da Rainha e os membros mais dotados da Sétima Ordem. A colina oferecia uma bela visão do desenrolar do drama. Os volarianos se aproximavam em boa ordem, a linha de frente composta quase que exclusivamente por Varitai, com os Espadas Livres atrás. Uma grande nuvem de poeira que se erguia dos campos de flores rubras para além do flanco esquerdo indicava que uma batalha feroz já estava em andamento entre a Guarda do Norte e a Cavalaria Espada Livre, com os lanceiros nilsaelinos correndo em direção ao conflito a toda a velocidade. Era possível ver um contingente de três batalhões de cavalaria volariana dando a volta pela direita, presumivelmente com a intenção de ameaçar a retaguarda, mas

uma série de sinais de bandeiras realizada pelos auxiliares do Senhor da Batalha logo enviou a cavalaria da Guarda do Reino em perseguição, as massas opostas de cavaleiros chocando-se numa investida de frente a menos de trezentos metros da colina. Lyrna viu Alornis andando de um lado para outro entre as balistas, de rosto fechado e punhos cerrados de frustração por nem um cavaleiro volariano sequer sair da luta e fornecer o esperado alvo.

Um zunido familiar atraiu a atenção de Lyrna de volta ao grosso do exército, permitindo-lhe um breve vislumbre da primeira saraivada cumbraelina caindo no meio da linha volariana. A linha pareceu estremecer com o impacto e diminuiu o passo, mas continuou em frente apesar da chuva contínua de flechas. A luneta de Lyrna revelava o rosto inexpressivo dos Varitai marchando despreocupados em frente enquanto seus companheiros morriam à sua volta. Ela esperara que Al Hestian parasse o exército e deixasse os cumbraelinos fazerem o seu serviço durante algum tempo, mas o toque de múltiplas cornetas revelou uma intenção diferente.

Lyrna abaixou a luneta quando os cavaleiros renfaelinos atacaram em disparada, a terra ribombando enquanto aceleravam, uma nuvem de flores rubras esmigalhadas erguendo-se em seu encalço, estranhamente bela à luz do sol. Os cumbraelinos cessaram de pronto a sua chuva de flechas e começaram a entrar em formação para a própria investida. Largaram os arcos e sacaram as espadas e machadinhas, movendo-se de forma mais coordenada do que na investida enlouquecida no templo e acompanhando os regimentos da Guarda do Reino que iam à frente.

Lyrna ergueu o olhar e assistiu à investida renfaelina atingir o alvo, um espetáculo que nunca testemunhara, embora o seu pai costumasse falar com frequência sobre ele. *Imagine uma ponta de flecha de ferro inquebrável, mas feita por um gigante.* Ela ouviu Murel soltar uma imprecação de espanto quando a grande cunha de aço e carne de cavalo atingiu o alvo, o impacto causando um tumulto imediato de homens e animais aos gritos mesclado com as notas dissonantes da colisão de carne com metal. Viu vários cavaleiros caírem, tombando com os seus cavalos num emaranhado de armadura e cascos escoiceadores, mas na maior parte o contingente de cavaleiros manteve a coesão para trespassar a linha volariana, abrindo caminho até os Espadas Livres e ao espaço desocupado mais além.

Mais cornetas ressoaram e a massa inteira da infantaria de Al Hestian aumentou o passo e começou a correr. A aparente coesão do contingente cumbraelino se evaporou à medida que corriam, atravessando a distância remanescente até a linha volariana numa disparada frenética de espadas e machadinhas que eram agitadas, cravando-se no aglomerado de Varitai já desordenado. Os regimentos dianteiros da Guarda do Reino atingiram o alvo segundos depois, alabardas subindo e descendo numa demonstração habilidosa de carnificina disciplinada, destruindo quaisquer

resquícios de ordem nas fileiras volarianas, que cederam, recuaram e se desintegraram.

Mais pétalas se ergueram do campo quando a batalha se transformou em debandada, obscurecendo boa parte da matança que ocorria com uma cortina escarlate. As batalhas da cavalaria em ambos os flancos continuaram por algum tempo, mas logo os cavaleiros volarianos podiam ser vistos fugindo para leste ao perceberem o destino da sua infantaria. A luneta revelou a cena de Lorde Adal conduzindo a Guarda do Norte em perseguição aos fugitivos, apesar da espuma que cobria os flancos do seu cavalo, o manto verde esvoaçando às suas costas enquanto o esporeava em frente, a espada ensanguentada estendida e reta como uma flecha.

Ao olhar de novo para o centro do campo de batalha, Lyrna descobriu que um aglomerado compacto de Espadas Livres havia se formado em meio ao ataque da Guarda do Reino. A luneta revelou principalmente homens assustados, lutando com o tipo de ferocidade causada apenas pela vontade de sobreviver.

— Envie um cavaleiro a Lorde Al Hestian — disse ela a Iltis. — Quero conseguir mais prisioneiros...

— Ah, Alteza...

Ela se virou ao ouvir as palavras meio sussurradas de Murel e a visão com que se deparou a fez se perguntar se algum novo inimigo não havia aparecido entre eles. As fileiras da Guarda do Reino estavam desordenadas, milhares de figuras, a maioria sem armadura, lutando para atravessar as suas linhas. *Os escravos*, compreendeu Lyrna, avistando Nortah a cavalo, tentando em vão conter os seus recrutas que investiam na direção dos Espadas Livres sobreviventes. Os cerca de cem primeiros foram mortos em segundos, mas os outros continuaram avançando como se tivessem enlouquecido, alheios às espadas que cortavam a sua carne desprotegida. Ela viu um homem abrir caminho pelas fileiras volarianas com as mãos nuas, arranhando rostos e pescoços, parecendo não sentir a lâmina que foi cravada em seu peito quando derrubou o homem que a empunhava, arrancando-lhe o elmo e fíncando os dentes na carne que havia por baixo. Seus companheiros se amontoaram na brecha estreita que ele abria na linha volariana, a coragem desesperada dos Espadas Livres transformada em pânico pela selvageria do ataque. Alguns correram até a Guarda do Reino com as mãos vazias erguidas e caíram de joelhos. A maioria não teve tanta sorte.

Justiça, pensou Lyrna quando o último ponto negro volariano desapareceu na turba fervilhante de ex-escravos. Muitos agora brandiam armas capturadas, ou mesmo membros e cabeças decepados em celebração enquanto as pétalas continuavam a cair. *Não somos as únicas almas sedentas aqui.*

— Você me acha bonita?

A jovem escolhida para falar pelos escravos libertos de fato possuía uma beleza delicada, suas feições eram suaves, com uma pele de um agradável tom moreno, um pouco maculada pela bandagem que lhe cobria a orelha, que fora cortada em parte. A mulher usava uma variedade desigual de armadura e armas capturadas e estava de braços cruzados, olhando fixamente para Lyrna em claro desafio, a ausência de qualquer medida ou título honorífico fazendo Ittis soltar um resmungo ameaçador ao avançar. Lyrna o acalmou com um toque no braço e fez um sinal para que a mulher continuasse.

— Minhas costas não são tão bonitas — prosseguiu a jovem. — Chorei na minha primeira noite na casa de prazeres, desagradando bastante o homem de vermelho que pagara uma bela quantia para tirar a minha virgindade. Meu senhor me chicoteou todos os dias durante uma semana e então me vendeu para um criador de porcos. Os porcos comiam melhor do que eu e o criador não se importava se eu chorava quando ele me apalpava. Gostaria de ver as minhas costas, Grande Rainha?

— Lamento por tudo o que você sofreu — disse-lhe Lyrna. — Meus pulsos também já ficaram presos por correntes, então não imagine que não faço ideia da sua dor. Não imagine também que me importo com os inimigos que matamos. Contudo, se a sua gente for marchar conosco, ela precisa se considerar como soldado e obedecer às ordens daqueles que a lideram.

— Não pretendemos trocar um senhor por outro — retorquiu a mulher, embora o seu tom estivesse mais cauteloso. — E somos gratos por vocês terem vindo. Mas há muitas contas que precisam ser prestadas, e nós apenas começamos.

— Vocês terão as suas prestações de contas. Quando esta guerra for vencida, dê-me o nome do senhor que a chicoteou e irei me certificar de que o mesmo seja feito com ele, e com o criador de porcos. Diga à sua gente para fazer listas dos males que lhes foram causados e garantirei que cada alma receba a devida justiça. No entanto, até lá preciso pedir que a sua gente se comporte como soldados e não como uma turba. Vocês receberão o mesmo soldo de qualquer soldado da minha Guarda do Reino, mas serviço requer disciplina. Lorde Nortah é um bom comandante que não desperdiçará as suas vidas. Seria bom vocês darem ouvidos a ele.

— E se não quisermos lhe servir?

Lyrna estendeu as mãos.

— Vocês são pessoas livres e podem ir para onde quiserem, levando consigo o pagamento pelos serviços já prestados, além de meus agradecimentos e minha amizade.

A mulher pensou por um momento, sua postura um pouco menos fechada.

— Alguns irão embora, alguns ficarão — disse ela. — Muitos, como eu, foram tirados de suas terras natais anos atrás e vão querer voltar para elas.

— Não tentarei impedi-los, e inclusive providenciarei navios para levá-los para casa quando a nossa tarefa estiver concluída.

— Você fará um juramento sobre isso, na frente de todos eles?

— Farei.

A mulher assentiu.

— Venha até nós esta noite. Vou garantir que eles escutem. — Ela fez uma medida desajeitada e foi até a aba da tenda.

— Você não me disse o seu nome — disse Lyrna.

— Sessenta e Três — retorquiu a mulher, e um leve sorriso surgiu em seus lábios. — Retomarei o meu nome verdadeiro quando for para casa. E não se preocupe com o criador de porcos. Os animais dele comeram melhor do que nunca no dia em que parti.

É linda.

Ela parou Azeviche ao lado do Aspecto Arlyn e do Irmão Sollis, que aguardavam com a Sexta Ordem no topo de uma colina baixa, todos sentados e olhando em silêncio para a cidade que se estendia ao longe. O céu estava límpido naquele dia e o sol desimpedido caía sobre uma panóplia de mármore, fazendo-a reluzir antes de produzir um brilho cintilante nas águas do Estreito de Lokar ao sul. O absurdo de sua missão ficou evidente ao considerar a miríade de torres e incontáveis ruas; a destruição de tal cidade seria um trabalho de anos e ela duvidava que mesmo Alornis pudesse conceber um engenho capaz de causar uma conflagração grande o suficiente para arrasá-la.

— Nenhum inimigo a relatar, Alteza — disse o Irmão Sollis. — Nem qualquer sinal de obras defensivas na periferia. Há alguns incêndios ocorrendo mais para o interior da cidade, e um grande número de pessoas livres foi visto fugindo para o norte. Os escravos estão fugindo em nossa direção.

Lyrna assentiu. Ela ordenara a libertação de algumas centenas de prisioneiros capturados dois dias antes, após terem recebido descrições exageradas das intenções da temível rainha. Ao que tudo indicava, gente suficiente havia fugido para Volar para causar o efeito desejado.

— Alteza! — Era o Irmão Ivern, de pé na sela e apontando para o sul. Lyrna levou um momento para reconhecer as formas escuras que pontilhavam as águas do

estreito. Ela usou a luneta e avistou a bandeira de guerra meldeneana tremulando nos diversos mastros, todos aglomerados num arco ao redor do porto, dezenas mais visíveis rio abaixo, a inconfundível forma lustrosa do *Falcão Vermelho* entre eles.

Lyrna fez sinal para uma das Adagas da Rainha.

— Cavalgue até o Senhor da Batalha. Ele deve seguir para o centro da cidade sem demora, destruindo quaisquer forças de oposição que encontrar. Diga-lhe que acredito que seria melhor manter os nossos súditos recém-libertados na reserva. — Ela se virou para o Aspecto Arlyn. — Aspecto. Creio que o senhor se lembra do caminho para a arena, não?

— Sim, Alteza.

— Pois bem. — Ela saiu a galope com Azeviche, descendo a encosta leste em meio a uma nuvem de pétalas escarlate. — A cortesia exige que eu cumprimente a Imperatriz, e não quero deixá-la esperando.

CAPÍTULO OITO

Reva

— Onde você conseguiu isso?

Reva se pegou estendendo a mão para o arco de forma involuntária. O padrão era desconhecido, machados e espadas no lugar do gamo e do lobo, mas o trabalho era inconfundível. *Um arco de Arren.*

— Você conhece esta arma? — perguntou Varulek, seus olhos brilhando com a mesma intensidade.

— Já tive o gêmeo dele, que agora se encontra no fundo do mar. São heranças da minha família. Criadas para o meu avô pelo maior fabricante de arco da história de Cumbrael, perdidos nas guerras que construíram o Reino. — Reva encontrou o olhar de Varulek e apertou ainda mais o arco. — Onde você o conseguiu?

— É incumbência da minha família servir aos deuses e às escrituras que nos deixaram. Como senhores da arena, o nosso alcance sempre foi longo e os nossos bolsos cheios. Volaria é repleta de mercadores e comerciantes que apreciam as virtudes da discricção. Há vinte anos, um deles levou este arco ao meu pai. Ele foi bem pago por sua consideração.

Reva passou os dedos sobre os entalhes, lembrando-se da sensação de seu próprio arco, do modo como sempre parecera se adequar tão bem a ela. Antesh lhe contara que cada um havia sido decorado para refletir os diversos interesses de seu avô. O que ela carregara por Alltor mostrara evidências da paixão dele pela caça. Ao que tudo indicava, o arco que tinha agora em mãos mostrava um grande interesse pela guerra.

— O que quer que eu faça com isto? — perguntou a Varulek.

— Seu espetáculo será uma grande provação. Jarvek e Livella. Não vou mentir, as chances de você sobreviver são ínfimas, mas, caso sobreviva, posso esconder este arco na arena num lugar ao alcance do balcão da Imperatriz.

— Há arqueiros nos níveis superiores. Estarei morta antes de puxar a corda.

— Esta arena possui os próprios Kuritai, que prestam contas a mim. Além disso, há alguns mercenários Espadas Livres com contas a acertar. Os expurgos da Imperatriz deixaram poucas famílias intocadas nesta cidade.

— Se eu a matar, estarei apenas libertando o que há dentro dela, e essa coisa sem dúvida encontrará uma nova casca.

— A sua Rainha está se aproximando. O último plano da Imperatriz para derrotá-la fracassou. Testemunhei a reação dela ao ouvir a notícia, e foi uma cena sangrenta. Ela agora está reunindo as forças que pode, mas as melhores tropas estão no norte, enfrentando uma nova ameaça, e o império fervilha com rebeliões. Nenhuma ajuda virá das províncias. Seu espetáculo acontecerá daqui a três semanas, e a sua Rainha se aproxima ainda mais a cada dia. Caso mate a Imperatriz diante de milhares, ela poderá encontrar um novo corpo, mas isso não terá importância. Quem iria segui-la? Sua Rainha pode muito bem encontrar uma cidade em meio ao caos, pronta para ser tomada.

— E você sem dúvida espera uma recompensa quando ela fizer isso.

— Você adora um deus, mas ela não, e ainda assim ela permite a sua adoração. Quando Volar cair, ela será Imperatriz, uma imperatriz disposta a tolerar um retorno dos deuses antigos.

O mais provável é que ela ponha abaixo este matadouro à sua volta. Reva passou mais uma vez os olhos pelo arco. *Tio Sentes teria visto a mão do Pai em você, como a viu em mim.* Ocorreu-lhe que aquele evento, caso um dia se tornasse conhecido, formaria um versículo importante no Décimo Primeiro Livro. A Senhora Abençoada e o Arco de Arren, um presente do Pai. A tempestade não pôde matá-la, a arena não a aterrorizou e, com o amor do Pai para guiar a sua mira, ela disparou uma flecha no coração negro da própria Imperatriz.

— Farei isso — disse ela a Varulek, devolvendo o arco. — Porém, se eu não sobreviver, você vai se certificar de que esta coisa seja queimada e que jamais seja mencionada ao meu povo. — *Já contei mentiras demais a eles.*

— Aaaai! — gritou Lieza, rolando no chão e esfregando o joelho. Para uma pessoa tão bem-feita, ela continuava desajeitada de um modo irritante e praticamente não possuía coordenação, apesar das duas semanas de treinamento constante.

— Levante-se — suspirou Reva. — Vamos tentar de novo.

— Você é rápida demais — resmungou Lieza, levantando-se. A garota fez beicinho diante da testa franzida de Reva e assumiu a postura agachada que lhe fora ensinada, quase curvada em duas, com uma das mãos tocando o chão. As informações que Varulek fornecera sobre o espetáculo vindouro deixaram bem claro para Reva que tentar treinar a garota para lutar dificilmente aumentaria as suas chances de sobrevivência, mas a habilidade de se esquivar da investida de um

oponente talvez aumentasse.

Reva a olhou nos olhos e forçou um sorriso. Desta vez, Lieza não se deixou enganar e correu para a direita, rolou e ficou de pé, pouco além do alcance do braço que Reva usara para golpeá-la.

— Melhor — disse ela. — Mas a coisa que enfrentamos terá um alcance maior.

— Você acha mesmo que pode matá-la?

Se eu colocar as mãos no arco rápido o bastante.

— Temos uma chance. Lembre-se do que lhe contei. Haverá caos. Quando isso acontecer, corra para a saída oeste. Não espere por mim, não olhe para trás.

Lieza empalideceu e abraçou-se quando o medo retornou. Era menos frequente agora, mas ainda podia deixá-la tremendo e chorosa. Reva havia se acostumado a acordar com o corpo esguio da garota encostado no seu, o rosto manchado de lágrimas aninhado em seu ombro. Ainda não tivera coragem de afastá-la.

Lieza teve um sobressalto quando as trancas na porta fizeram barulho pela primeira vez em dias. Sua comida era fornecida através de uma abertura na base da porta, a única forma de medir a passagem do tempo, uma vez que haviam sido deixadas em paz desde a visita secreta de Varulek. Quando a porta se abriu, Reva ficou surpresa ao ver que o homem de preto estava ausente. Em seu lugar havia dois Arisai, que sorriram ao se curvarem, o desejo visível nos olhares que voltaram para ela e Lieza.

Um deles falou, curvando-se ainda mais e gesticulando para o corredor. Lieza engoliu em seco antes de fornecer uma tradução.

— Ela quer ver você.

Não pense em nada. Não sinta nada.

Sabia que estava pedindo o impossível de si mesma; como qualquer mente viva podia não pensar em nada? Ainda assim, Reva achava o refrão constante um consolo, confiando na loucura evidente da Imperatriz, na esperança de que a sua mente fosse anuviada demais para permitir que o seu dom fosse colocado em prática.

Para a sua surpresa, os Arisai a levaram da arena para um parque amplo que a cercava. A Imperatriz estava supervisionando alguma forma de modificação numa estátua de bronze de tamanho real sobre um pedestal diante da entrada principal, um grupo de escravos movendo-se depressa sob as suas instruções gritadas. A maioria do trabalho parecia estar concentrada na cabeça da estátua, onde martelavam

fervorosamente pinos de ferro no pescoço de bronze. Perto dali, uma dúzia de Arisai estava de guarda, e no meio deles havia um homem ajoelhado, nu, curvado e acorrentado.

— Ah, irmãzinha — cumprimentou-a a Imperatriz, dando-lhe um abraço caloroso. — E como você está esta manhã?

Não pense em nada. Não sinta nada.

— O que você quer?

— Não tivemos oportunidade de conversar desde a sua encantadora demonstração. Não gostaria que pensasse que sinto alguma raiva de você. Irmãs não devem brigar.

— Não somos irmãs.

— Ah, mas somos. Estou convencida disso. Eu estava destinada a ter uma irmã, sabia? Mas ela morreu antes que pudesse nascer. — A Imperatriz tornou a olhar para os escravos e a estátua. — Depressa!

Os esforços se tornaram frenéticos no mesmo instante, martelos movendo-se num borrão e os pinos de ferro enfim foram colocados no lugar.

— Sujeito bonito, não? — perguntou a Imperatriz enquanto os escravos passavam cordas em volta do pescoço da estátua. — Não do seu agrado, eu sei. Mas suponho que ainda possa apreciar as qualidades estéticas da beleza masculina.

Reva olhou para o rosto de bronze, agora parcialmente oculto por uma teia de cordas. Ele sem dúvida havia sido um homem bonito, de maxilar forte com um nariz fino, embora sua expressão fosse ainda mais séria e imponente do que a da infinidade de heróis que os volarianos erguiam em cada canto livre de sua cidade. O homem trajava a armadura de um oficial graduado, apesar de parecer mais elaborada e ornamentada do que as outras que ela já vira.

— Savarek Avantir — disse a Imperatriz. — O maior comandante militar da história volariana. E meu pai.

Os escravos prenderam depressa as cordas a uma parelha de cavalos e começaram a açoitar os flancos dos animais com chibatas. Os pinos de ferro no pescoço da estátua caíram quando as fendas que haviam forçado no material se alargaram, o bronze soltando um rangido de protesto até que a cabeça enfim se soltou, caindo no pedestal com estrépito.

— Conquistador das províncias meridionais — prosseguiu a Imperatriz, indo até o pedestal e colocando a mão na cabeça de metal. — Vencedor de 63 conflitos diferentes. Um dos únicos dois cidadãos a ganhar o vermelho devido ao mérito marcial em vez de propriedades, criador dos Varitai e dos Kuritai e o primeiro a receber a bênção do Aliado. Um sujeito de realizações singulares, não acha?

— Ele matou tantas pessoas quanto você?

A boca da Imperatriz se crispuou com um sorriso quando acariciou a cabeça.

— Mais do que nós duas juntas, irmãzinha. E matamos muitas, não?

Não pense em nada. Não sinta nada.

— Se ele recebeu a bênção do Aliado, onde ele está? Pensei que a sua laia vivesse para sempre.

— Mesmo o presente do Aliado é vulnerável contra uma lâmina habilidosa. — Ela se virou e olhou para o homem ajoelhado entre os Arisai. — Tampouco é recompensa suficiente para garantir um bom serviço, ao que parece.

Ela acenou com a mão e os Arisai ergueram o homem ajoelhado e o arrastaram para a frente. Parecia não haver ferimentos nele, mas estava caído entre os Arisai como se estivesse machucado, a cabeça pendendo e os membros flácidos. O homem não emitiu nenhum som, mas o fedor que vinha das manchas escuras que cobriam as suas coxas revelavam um intestino solto pelo medo.

— Permita-me lhe apresentar o General Lotarev — disse a Imperatriz quando os Arisai permitiram que o homem fedorento caísse de joelhos diante dela. — Comandante do Terceiro Exército Volariano, a quem elevei ao vermelho e prometi a bênção do Aliado caso ele cumprisse a sua promessa de trazer a vadia loura até mim, de preferência acorrentada, apesar de um cadáver também servir. Suas heroicas tropas acabaram fugindo do campo com tamanha disposição que não duvido que tenham chegado à costa leste a essa altura.

Ela se agachou, agarrou os cabelos do desafortunado general e puxou a cabeça do homem para trás, revelando um rosto que se contorcia de genuíno terror, lívido, e olhos que evidenciavam uma perda quase que total da razão.

— Por que você voltou, Lotarev? — perguntou a Imperatriz num tom que não era indelicado, mas como ela estava falando na língua do Reino, Reva duvidava que o homem pudesse compreender uma palavra sequer. — O que imaginou que seria a recompensa? Foi o dever? Todos aqueles anos de serviço não desaparecem com facilidade, ao que parece. A capital estava em perigo e você correu para me avisar, não importando o risco para o próprio pescoço. Esperando por uma estátua sua, hein?

Ela se inclinou para mais perto e falou com suavidade, segurando o queixo com barba por fazer.

— Não entende? A vadia loura pode matar todas as pessoas desta cidade e transformá-la em pó, e desconfio que rirrei assistindo ao espetáculo. Não, eu só queria ela. — A Imperatriz apertou os cabelos do general com a outra mão, puxando de novo a sua cabeça e provocando uma lamúria temerosa. — Veja, ela tirou algo de

mim. Tenho uma dívida considerável com ela.

A Imperatriz o soltou, levantou-se e virou-se para a estátua sem cabeça com um ar contemplativo.

— Contudo, não posso deixar de recompensar o seu serviço zeloso. Estou disposta a poupá-lo das três mortes e lhe dar a estátua pela qual você tanto anseia. Criada pela mão habilidosa de minha própria irmãzinha.

Um dos Arisai parou ao lado de Reva e lhe ofereceu um machado de lâmina longa, os outros arrastaram o general até que se ajoelhasse diante dela de cabeça baixa.

Reva ignorou o machado, fixando o olhar na Imperatriz.

— Não.

— É mesmo? — Ela ergueu uma sobrancelha. — Que coisa terrivelmente incomum. Os relatos de Alltor foram bastante lúridos nas descrições de sua disposição de fazer exatamente isso.

A cabeça do heroico Espada Livre deixando um rastro de sangue quando ela a arremessou por sobre a muralha... Os prisioneiros sendo levados até o bloco... Não é melhor do que nós...

Não pense em nada! Não sinta nada!

— Cometa os seus próprios assassinatos.

— Mas preciso que nós nos entendamos melhor. — A Imperatriz estendeu a mão e agarrou os seus pulsos agrilhoados, olhando nos olhos de Reva com uma sinceridade determinada. — O sangue nos aproximará. Uma lição que aprendi com o meu amado. Com o tempo, seremos uma família...

Reva puxou as mãos para longe, a raiva crescente trazendo à tona imagens insensatas em sua mente: a câmara secreta de Varulek, o arco de Arren, como seria a sensação de tê-lo nas mãos quando chegasse a hora...

Não pense em nada!

— O que é isso, irmãzinha? — A Imperatriz franziu o cenho, inclinando a cabeça num gesto já familiar. — Está planejando algo? Está tramando? Com quem será?

Reva fechou os olhos e respirou fundo, acalmando-se com uma imagem de Veliss daquele dia nos jardins enquanto viam Ellese se atrapalhar com as séries de movimentos. *Eu nunca lhe pedi uma promessa... Prometa que não morrerá e que voltará para mim.*

— Eu já tenho uma família — disse ela. — E você jamais poderia fazer parte dela.

— E Lieza? — perguntou a Imperatriz. — Ela merece um lugar na sua família? O

que você dirá à mulher de que sente falta quando voltar? Por que não a poupo da complicação? Posso mandar que a tragam e a estátua de meu pai pode ter a cabeça de uma garota em vez da de um covarde.

Reva agarrou o machado de repente, arrancou-o da mão do Arisai e o arremessou na direção da Imperatriz, mas ela se esquivara para longe, uma gargalhada de satisfação deixando os seus lábios.

— Chega de brincadeiras — disse ela, sua alegria desaparecendo ao apontar para o general ajoelhado. — É hora de colocar a sua arte em prática.

— Ela fez você lutar de novo? — Lieza olhou para o sangue que coloria a blusa de Reva, avançando com os olhos arregalados de preocupação. — Está machucada?

— Não. — Reva se afastou e arrancou a blusa, subitamente não se importando com o que a garota visse. *Lotarev olhou boquiaberto para ela compreendendo vagamente, a baba acumulando-se no lábio inferior...*

Ela se despiu, encheu a banheira e limpou-se com várias esfregadas. *Tantas mortes causadas por elas*, pensou, olhando para as suas mãos enquanto o sangue se dissipava na água. *Por que a sinto tanto agora?*

Passado algum tempo, Lieza aproximou-se para lavar a sua blusa. Desta vez a garota não tentou entrar na água, evitando o olhar de Reva e agachando-se na beira para passar o sabão pelo tecido.

— Você já matou alguém? — perguntou Reva. — Sei que você tentou matar a Imperatriz, mas já teve sucesso alguma vez?

A garota lhe lançou um olhar cauteloso e sacudiu a cabeça.

— Bem, para escapar deste lugar você pode ter que matar. Não vou poder protegê-la quando começar.

Lieza falou em voz baixa, as mãos ainda ocupadas.

— Não vou embora sem você.

— Isso não é um jogo! — Reva gesticulou na direção da garota, espalhando a água avermelhada da banheira. — Não é uma história! Você vai morrer aqui e eu não posso salvá-la!

Lieza estava deitada de costas, presa debaixo dela, a preocupação em seus olhos agora transformada em medo. Reva não conseguia se lembrar de ter saltado da banheira.

Lotarev não falou quando ela ergueu o machado. Ouviu-se um som de esmigalhamento quando a lâmina cravou-se na coluna no homem, tal como

ocorrera com os prisioneiros e o Espada Livre, todos pecadores sem Pai...

Reva estremeceu e afastou-se depressa de Lieza até bater com as costas na parede, encolhendo as pernas e enfiando a cabeça entre os joelhos. Ela sentiu Lieza sentar-se ao seu lado e passar os dedos macios pelo seu cabelo úmido até que Reva ergueu a cabeça. O beijo foi cauteloso, tão diferente de Veliss na sua inexperiência...

Reva recuou.

— Não posso...

— Não por você — murmurou Lieza, beijando-a de novo, agora com mais insistência, e Reva notou que o seu coração estava palpitando, ciente de que deveria afastar a garota, mas ainda assim os seus braços se abriram para envolvê-la e a puxaram para perto. Lieza recuou alguns centímetros, seus hálitos se mesclando ao olhar nos olhos de Reva. — Por mim.

Varulek apareceu após a refeição matutina com uma dúzia de escravas, algumas sem nada, outras trazendo pentes e várias misturas usadas para pentear cabelos ou pintar rostos. Elas a vestiram com uma armadura, por assim dizer, confeccionada especialmente para o seu tamanho a julgar pelo modo como lhe servia precisamente. O peitoral era apertado em volta do torso, feito de couro rígido, mas fino demais para repelir mais do que um golpe de raspão. Da mesma forma, o saiote de tiras de couro, cada uma com uma tacha de latão na ponta, era delicado demais para fornecer mais do que uma proteção básica. Reva logo percebeu que aquela não era uma armadura de fato; ela devia representar um papel e aquela era a sua fantasia. No entanto, se consolou um pouco com o fato de que era leve o suficiente para permitir que se movesse depressa.

Colocaram em Lieza um vestido longo de seda esvoaçante, tingido de um tom claro de violeta que combinava com seus olhos. Seus cabelos, que estavam mais longos do que em geral qualquer escravo tinha permissão de usar, foram moldados numa lustrosa cascata de ébano, adornada com um pequeno diadema de prata.

— Avielle era uma rainha — explicou Varulek. — Que recebeu o trono de sua irmã mais velha, que trocou o poder pelo serviço, preferindo lutar a governar. Quando os Dermos instigaram o desejo de Jarvek para que levasse Avielle para os lugares sombrios, eles prepararam uma armadilha à qual Livella jamais poderia resistir.

Reva encontrou o olhar de Lieza e a garota sorriu, aparentemente imune ao medo agora. Reva despertara mergulhada em lembranças que se alternavam entre Veliss e

a noite anterior, culpa e prazer precipitando uma melodia de confusão. Ela se desvencilhou do abraço de Lieza e andou pela câmara, procurando em vão nos Dez Livros algumas palavras de consolo a uma alma traidora. Lieza estava visivelmente menos confusa, despertando e indo até ela com mais beijos.

— Não. — Reva virou-se para o outro lado, suavizando a rejeição ao apertar a mão da garota. — Não. Iremos lutar hoje. Um último treinamento antes que venham nos buscar.

Varulek dispensou as escravas quando Reva se tornou irascível com as atenções constantes delas, rosnando para uma matrona que tentava pincelar algum pó vermelho em suas bochechas.

— Duvido que a Imperatriz note alguma imperfeição — disse ele depois que as escravas partiram. Olhou para os dois Kuritai na porta, presumivelmente para confirmar que nenhum Arisai havia se juntado a eles naquele meio-tempo. — Segundo rumores, a sua Rainha está a oitenta quilômetros da cidade. O pânico está se espalhando, mas a Imperatriz possui espiões por toda parte. Cem homens livres receberam as três mortes ontem e ela decretou que todos os cidadãos maiores de idade compareçam à arena.

— O arco — disse Reva.

— Há um emblema gravado no meio do lintel abaixo do balcão da Imperatriz, um águia com as asas estendidas. O arco está sob a areia a cinquenta metros diretamente em frente ao emblema. Você terá seis flechas.

Com sorte, cinco a mais do que precisarei.

— Tenho outra condição — disse ela, voltando-se mais uma vez para Lieza. — Caso eu fracasse, você garantirá que ela escape deste lugar e a levará até a Rainha. Ela será a minha garantia de que as suas palavras são verdadeiras.

— A tarefa diante de nós é perigosa. Não posso prometer nada... — Ele se calou diante do olhar furioso de Reva, e por fim assentiu, relutante. — Farei o que puder.

As trombetas ressoaram quando foram conduzidas à arena; as arquibancadas estavam tão cheias de gente que parecia que transbordariam pelas paredes e escorreriam para a areia. No entanto, fora as trombetas, praticamente não havia qualquer outro som, com exceção do sussurro contínuo de milhares respirando fundo. Reva avistou numerosos pontos vermelhos e pretos em meio à multidão: Kuritai e Arisai estrategicamente posicionados para garantir que as pessoas continuassem presentes. Ela voltou os olhos para o nível mais baixo, examinando os rostos à vista. Não havia nenhum sinal da sede de sangue que vira antes; era apenas

uma exposição de pessoas assustadas, tensas por uma terrível expectativa.

Era essa a intenção dela?, perguntou a si mesma. *Fazê-los odiar os espetáculos que amavam?*

Dois Kuritai conduziram Lieza até uma estrutura nova que se erguia no centro da arena: três plataformas circulares de tamanho decrescente colocadas uma em cima da outra para formar um estrado, feito de madeira, mas pintado para lembrar mármore. Os Kuritai prenderam os grilhões de Lieza a um poste de madeira resistente situado na plataforma mais alta, enquanto os que vigiavam Reva colocaram uma lança longa de lâmina larga e uma espada curta diante dela na areia antes de lhe removerem os grilhões e partirem depressa para a saída mais próxima.

As trombetas cessaram, deixando um silêncio tenso quando a forma esguia da Imperatriz surgiu dos recônditos sombreados de seu balcão.

— Honráveis Cidadãos! — gritou ela, sem a zombaria que antes estivera evidente em sua voz. Agora era cheia de um tom celebrador e jubilante, uma governante benevolente cumprimentando súditos leais com uma grande recompensa. — Este espetáculo não é apresentado ao povo volariano há uma geração. O Conselho sempre foi mesquinho em suas responsabilidades, esforçando-se para encher os próprios bolsos e lhes concedendo com relutância os menores entretenimentos. Agora, contemplem a generosidade da Imperatriz, deleitem-se enquanto lhes dou a lenda de Jarvek e Livella!

Ela abriu os braços e a multidão vibrou, embora aos ouvidos de Reva soasse como o latido rouco de algum monstro atormentado. As pessoas no nível mais baixo gritaram até ficarem com o rosto vermelho em seu desejo de demonstrar lealdade enquanto os Arisai observavam, os dentes arreganhados em risadas escarnecedoras.

A Imperatriz baixou os braços, provocando um silêncio imediato.

— Há eras se sabe que os Dernos conspiraram para raptar a boa Rainha Avielle e levá-la para o fosso mais escuro das profundezas da terra — disse ela num tom sério de recitação. A Imperatriz assumiu uma pose teatral ao apontar para Lieza, acorrentada no alto do estrado. — E lá eles a acorrentaram sob a ameaça de terríveis tormentos, cientes de que a sua querida irmã enfrentaria qualquer perigo para trazê-la mais uma vez para a luz. Saúdem todos Livella, a mais corajosa dos Guardiões!

Seu dedo apontou para Reva, provocando outro coro de vivas roucos na multidão.

— Porém, os Dernos sempre foram muito astutos em sua maldade — prosseguiu a Imperatriz quando o tumulto cessou. — Pois após terem tentado o mais poderoso dos Guardiões com desejo e traição, eles encheram o seu coração com malícia e rancor, transformando-o no seu mais vil e selvagem servo. Contemplem Jarvek!

A porta na extremidade oposta da arena se abriu com um estrondo audível, a

multidão gritou aproveitando a deixa, e então começou a se calar aos poucos quando nada aconteceu. Por um momento, Reva desconfiou de alguma artimanha da parte da Imperatriz, um grande logro para avivar os seus medos antes de revelar outra crueldade. Contudo, uma olhada para o balcão mostrou que ela estava encarando a arcada vazia com uma irritação palpável.

Então se ouviu o rugido.

Pareceu preencher a arena de cima a baixo, atravessando Reva feito uma lâmina, não por sua fúria, mas por sua dor. A angústia que ela ouviu naquele grito era devastadora, indicando um tormento inimaginável.

Varulek lhe contara que tipo de fera ela enfrentaria naquele dia, mas meras palavras não podiam fazer jus à sua aparência. Quando ela e Vaelin viajaram com os artistas do menestrel, Reva viu alguns macacos, criaturinhas endiabradas propensas a sibilar e arranhar quando pessoas insensatas enfiavam os dedos nas jaulas. No espetáculo noturno, o dono dos animais tocava uma flauta enquanto os macacos dançavam, ou melhor, saltitavam de um lado para outro numa vaga relação com a melodia. A ideia de que aquilo que via agora podia de alguma forma estar relacionado com aqueles diabretes barulhentos parecia absurda, fazendo com que se perguntasse se as lendas extravagantes de Varulek podiam ter algum embasamento, afinal de contas.

A criatura entrou correndo na arena, ou, melhor dizendo, galopando, movendo-se de quatro e levantando uma nuvem de poeira considerável. Seu tamanho real foi revelado quando a nuvem baixou, e um grito sufocado pôde ser ouvido das arquibancadas. Ainda que estivesse agachado, aquele macaco, ou grande símio do sul, como Varulek o chamava, chegava a quase a dois metros e meio de altura. Seu pelo pendia em cachos desgrehados dos braços e dos ombros, de cor castanho-avermelhada, exceto nas costas cobertas de músculos, onde o pelo era mais curto e prateado.

O animal rugiu de novo, um uivo retumbante de dor e fúria, arreganhando dentes que pareciam pregos cegos de mármore. Quando o macaco se levantou, Reva viu as cicatrizes que lhe cobriam o torso, fundas e pouco saradas. O animal ergueu as mãos e ela avistou um lampejo de aço, notando as tiras de couro presas aos pulsos.

“São animais pacatos, na verdade”, dissera Varulek. “Ficam em suas florestas e seus vales, comendo apenas folhas, evitando o homem, e não sem razão. É difícil encontrar um com suficiente agressividade inata para desempenhar o papel desejado, mas quando encontram... Bem, após um período de treinamento adequadamente árduo, eles sempre parecem saber o que é esperado deles e das garras de aço que lhes damos.”

Reva percebeu a verdade nas palavras do volariano quando o olhar do macaco

percorreu a arena, fixando-se primeiro em Lieza e então nela. Havia uma inteligência clara em seus olhos, uma compreensão mais do que reconhecível de suas circunstâncias. O macaco rosnou, raspou a areia com as garras aumentadas pelo aço, e atacou.

Reva correu para a frente, pegando a lança e a espada curta. O macaco rumou direto para Lieza, atravessando a distância com alguns passos ligeiros. Reva viu Lieza ficar imóvel, como se estivesse petrificada, todo o treinamento provavelmente afastado de sua mente pelo terror. Mas então, quando a fera se aproximou, a garota mergulhou para a direita, rolando para longe quando as garras de aço golpearam o poste ao qual estava presa, estilhaçando a sua corrente. Ela se levantou e recolheu a corrente como Reva lhe dissera.

O macaco derrapou até parar, rosnando e preparando-se para outra investida. Lieza soltou um grito estridente ao golpear o macaco com as correntes, levantando poeira, mas também fazendo com que o animal parasse apenas por um momento antes de atacar de novo.

Ainda não!, implorou Reva, correndo na direção deles. *Não se esquive cedo demais.*

No entanto, Lieza calculou perfeitamente, disparando para a direita e abaixando-se sob outro golpe das garras, e então se levantando e correndo de volta para o estrado. A garota subiu depressa os degraus e agachou-se atrás do poste, e o macaco foi atrás dela. A fera atacou o poste e suas garras destroçaram a madeira acima da cabeça de Lieza, lançando uma chuva de lascas sobre a figura abaixada, e então recuou, erguendo as duas garras para um golpe mortal.

A espada curta de Reva rodopiou pelo ar e cravou-se na perna do macaco logo abaixo do joelho. Ele rugiu, cambaleou para longe do estrado, rolou de costas e debateu-se na areia em meio a uma névoa amarela.

— Está ferida? — Reva agachou-se ao lado de Lieza.

A garota olhou boquiaberta para ela por um segundo e então a surpreendeu com um sorriso.

— Talvez eu também seja Livella hoje.

Reva sentiu uma pontada de orgulho, que desapareceu num instante quando viu o macaco surgir da poeira e arrancar a espada da perna com um uivo de fúria.

— Fique atrás de mim.

A fera circundou o estrado, deixando um rastro de sangue e arrastando a perna mutilada. O ferimento o deixara mais lento, mas também ajudara em muito a concentrar a sua atenção. Olhava fixamente para Reva agora, os olhos cintilando com uma compreensão desconcertante. *Ele sabe*, pensou Reva. *Sabe que um de nós*

tem de morrer.

O macaco investiu de novo de repente, subindo o estrado num frenesi de garras golpeantes. Os degraus de mármore falso foram feitos em pedaços, Reva e Lieza mergulharam para longe quando a fera destruiu qualquer vestígio de proteção e então se voltou mais uma vez para elas, jogando-se para a frente repetidas vezes e tentando acertá-las com as garras. Reva dançava para o lado cada vez que uma lâmina chegava perto; Lieza seguia o seu exemplo, mas estava se cansando visivelmente.

Ele é astuto demais, concluiu Reva, notando a concentração tensa nos olhos do macaco. *Está tentando nos cansar.*

— Precisamos de uma distração — disse a Lieza, abaixando-se sob outra passada das garras. Ela conseguiu repelir mais uma com uma estocada da lança, mas o macaco recuou apenas alguns metros antes de voltar a se aproximar. — Mergulhe para a esquerda quando ele atacar de novo. Use as correntes, mas só uma vez. Depois corra.

O macaco soltou um grunhido determinado e fez outra investida mancando, os braços estendidos para os lados como lâminas de tesoura preparadas. Reva mergulhou para a direita quando os braços se fecharam, as garras passando perto o bastante para cortar a ponta de sua trança. Ela olhou de relance para Lieza e suspirou de alívio ao vê-la levantando-se no momento em que o macaco girava para outro ataque. Lieza segurou a corrente com as duas mãos e a girou, gritando com o esforço. O chicote de aço serpenteou para cima e conseguiu atingir o rosto do macaco, e Reva teve um vislumbre de um olho arruinado quando o animal jogou a cabeça para o lado.

Ele se voltou para Lieza dando o seu maior rugido até então quando a garota lhe deu as costas e correu, conseguindo dar apenas alguns passos antes de tropeçar e cair na areia. O macaco urrou em triunfo e agachou-se para um ataque, suas costas agora totalmente voltadas para Reva. Ela se levantou e saiu correndo, fincando a extremidade cega da lança na areia e saltando para o ar, indo cair montada nos ombros do macaco. Agarrou-se no pelo emaranhado do pescoço com a mão livre enquanto a fera se debatia, tentando arrancá-la dali. As pernas de Reva balançavam enquanto o macaco girava e ofegava, tentando atingi-la como se fosse uma mosca incômoda, forçando-a a se abaixar, as farpas de aço errando-a por centímetros.

O macaco cambaleou de repente, parou de atacá-la e colocou um joelho no chão. Reva avisou Lieza, cujas costas estavam arqueadas e os braços retesados enquanto puxava as correntes. O olhar de Reva acompanhou a corrente até onde estava enrolada na perna ferida do macaco, o sangue pulsando para fora do ferimento enquanto o animal tentava em vão soltar os elos de aço que entravam em sua carne.

Ela soltou o pelo, ficou de pé e ergueu a lança com as duas mãos, girou-a e cravou a lâmina larga no ombro do macaco. Reva colocou todo o seu peso na haste, rangendo os dentes enquanto forçava a arma mais para dentro, sentindo-a triturar ossos e atravessar tendões até sair pelo peito do animal.

A fera convulsionou quando ela mergulhou para longe, um urro sufocado de dor e confusão brotando da boca dele. O macaco ficou totalmente ereto por um momento e seus olhos foram da lâmina da lança para Reva, que agora estava agachada na areia, pronta para se esquivar de outra investida. Porém, ao ver os olhos da criatura, turvos pela dor e pela consciência da derrota, soube que ela estava morta antes de tombar de joelhos com um gemido gorgolejante.

Reva olhou em volta e viu que estava a menos de cem metros do balcão da Imperatriz. A mulher estava de pé perto da beirada, sorrindo com um orgulho fraternal enquanto a exultação espontânea da multidão tomava conta da arena. Uma olhada rápida para os níveis superiores confirmaram a ausência de arqueiros; Varulek mantivera a sua palavra.

Ela se ergueu e caminhou na direção do balcão, seus olhos discernindo o emblema da águia no centro. Flores caíam em cascata das arquibancadas enquanto caminhava, cobrindo a areia ao seu redor com um tapete floral multicolorido. Reva baixou os olhos, ocultando um grunhido de frustração com o cobertor cada vez maior de flores. *Como encontrá-lo em meio a tudo isso...*

Então a avistou, uma linha irregular na areia, obscurecida apenas em parte pelo amontoado de rosas. Ergueu os olhos para a Imperatriz e a viu inclinar a cabeça em reconhecimento. *Não pense em nada. Não sinta nada.* Reva colocou um joelho no chão, mantendo os olhos na Imperatriz, enfiando os dedos na areia e aproximando-se da linha até sentir a aspereza de um tecido. Fechou os dedos sobre o material e o arrancou, a areia subindo numa nuvem e revelando o arco, com a corda e pronto... e uma única flecha ao lado dele.

A multidão calou-se de imediato quando algo caiu na areia com um baque suave. Reva fechou os olhos, soltando ar num chiado. *Apenas uma flecha.*

Abriu os olhos e se viu encarando o rosto flácido e sem vida de Varulek. Pelo sangue fresco que ainda escorria do pescoço decepado, era evidente que ele havia morrido há apenas alguns momentos.

Reva ergueu os olhos, esperando encontrar a Imperatriz agora protegida por uma parede de Arisai, mas em vez disso a mulher estava tal como antes, perto demais da beirada, de braços abertos e sem nenhuma proteção.

— Você demonstrou uma grande habilidade em se esconder da minha canção, irmãzinha — disse ela. — O Honorável Mestre da Arena, não.

As portas nas paredes da arena se abriram ao mesmo tempo e Arisai saíram dos túneis correndo, talvez cinquenta, todos formando um círculo em volta de Reva, Lieza e do macaco moribundo. Lieza tentou correr para o lado de Reva, mas foi derrubada sem demora por um trio de Arisai, que ria enquanto ela cuspia e se debatia em seus braços.

— Fico feliz por ter dado um presente tão valioso à minha irmã — disse a Imperatriz quando Lieza foi forçada a ficar de joelhos. Reva voltou a atenção para o balcão onde a Imperatriz se encontrava, terrivelmente perto, um alvo tão fácil.

— Porém, se vamos dividir o poder — continuou a Imperatriz —, sou forçada a concluir que você precisa de uma lição sobre o preço dele. Poder jamais foi conquistado sem sangue, ambições jamais foram realizadas sem sacrifícios. Assim, antes que a querida Lieza receba as três mortes, os Arisai têm ordens de estuprá-la na sua frente durante um dia e uma noite. Mas você pode poupá-la desse destino, é claro. — Ela apontou para o arco e a flecha a poucos centímetros da mão de Reva. — Parece que você tem uma escolha a fazer, irmãzinha.

CAPÍTULO NOVE

Frentis

— Volar possui o porto mais fortificado do mundo — disse o Lorde Almirante, abrangendo o mapa com a mão enluvada. Era um mapa antigo, com as bordas puídas e o pergaminho encerado amarelado pelo tempo, mas também extremamente detalhado. — Há torres dos dois lados da entrada do porto e muralhas altas nos molhes que o cercam. As docas em si possuem seis baluartes diferentes, cada um com um batalhão de Varitai.

O mapa tremulou um pouco ao vento, obrigando-o a colocar uma adaga em cima para segurá-lo. O dia amanhecera com um céu ominoso e um frio fora de época no ar. Frentis podia ver o receio no rosto de muitos meldeneanos que cuidavam do cordame do *Falcão Vermelho*, ciente de que temiam a chegada de outra tempestade causada pelas Trevas, embora o próprio Ell-Nurin escarnecesse de tal ideia.

— Naveguei pelo Estreito umas cinquenta vezes. O lugar sempre foi propenso a ventanias de verão. Não há nada das Trevas nisso.

— Como propõe que ataquemos tal lugar? — perguntou Karavek ao Lorde Almirante. — A não ser que você pretenda envolver a minha gente em alguma empreitada suicida.

— Certamente não pretendo. — Ell-Nurin levou um dedo até uma pequena baía a oito quilômetros a leste da cidade. — Este é o Desfiladeiro de Brokev, um lugar frequentado por contrabandistas desde que existiu um império.

Um dos outros capitães, um asraelino, pelo traje, deu um passo adiante e olhou para o mapa com um olhar desconfiado.

— O canal não é largo o bastante para que três navios consigam avançar tanto lado a lado. — Ell-Nurin não disse nada e o encarou em silêncio até que o capitão rangeu os dentes e acrescentou “Meu senhor”.

— Iremos nos revezar para desembarcar — disse Ell-Nurin. — Entraremos em formação na praia e marcharemos para Volar do leste, a direção menos esperada.

— A Imperatriz é louca, mas não é tola — disse Frentis. — Ela pode muito bem ter antecipado essa manobra. Podemos nos deparar com uma costa fortificada.

— E é por isso que um terço de nossos navios, os que não estiverem carregados de tropas, permanecerá do lado de fora do porto ao amanhecer, dando toda a

impressão de estarmos prestes a atacar. Com sorte, a Imperatriz concentrará as suas forças lá.

— Eles podem fazer sortidas — observou o capitão asraelino. — Tentar dividir a nossa frota em duas antes que desembarquemos.

— Graças aos engenhos maravilhosos da Senhora Alornis e à nossa considerável vantagem numérica, tenho certeza de que podemos conter quaisquer sortidas que eles possam tentar — retorquiu Ell-Nurin. Ele se virou para Frentis. — Irmão, fique à vontade para decidir a ordem de desembarque.

Frentis assentiu.

— Minha própria gente primeiro. Depois os Politai. A gente de Mestre Karavek por último.

— Quer a glória toda para você, hein, irmão? — perguntou Karavek, mas não sem um tom de alívio na voz.

Ell-Nurin empertigou-se, ergueu o queixo e olhou para leste.

— Meus senhores, Capitães de Frota e honoráveis aliados, quando o novo dia raiar teremos dado um golpe mortal neste império tão abominável. Pois viemos com justiça em nossos corações e liberdade em nossas almas. Que todos os que navegam conosco saibam que o destino aguarda e não nos será negado.

Ell-Nurin manteve a pose, aparentemente à espera de alguma resposta, talvez alguma aclamação estrondosa. Após um momento, como o silêncio se estendia e ficava mais pesado, ele tossiu.

— Meus senhores, ao trabalho.

— Que cretino — murmurou Draker enquanto ele e Frentis desciam do convés. — Temos mesmo que receber ordens dele, irmão?

— Ele pode ser cretino, mas não é tolo. O plano é bom. Certifique-se de que os outros saibam disso.

Draker assentiu e começou a se afastar, mas então parou.

— Eu sempre quis saber, irmão. Qual é a minha patente?

— Patente?

— É. Você é um irmão, Illian é uma irmã, o cretino é um Lorde Almirante. O que eu sou?

— Você pode ser um sargento, se quiser.

Draker franziu as sobrancelhas grossas em desapontamento.

— Tenho mais gente sob o meu comando do que qualquer sargento que já vi. Mais de duzentos dos desgraçados, na última contagem.

— Capitão, então. Capitão Draker da Companhia Livre da Rainha. O que acha?

— Acho que valeria uma pensão.

Frentis deu uma risada.

— Imagino que valerá.

Draker sorriu, mas havia um tom sombrio em sua voz quando tornou a falar.

— Desculpe pelas surras, irmão. Caso eu nunca tenha dito isso antes. Eu estava bêbado o tempo todo, sabia? Não acho que fiquei um dia sóbrio até Varinshold cair.

— Foi há muito tempo, capitão. Veja como está a sua companhia, por favor.

Ele procurou a Irmã Merial e a encontrou acompanhada por um cachimbo perto da popa, a fumaça adocicada escapando por uma fenda estreita no casco.

— Sempre é possível contar com os meldeneanos para um pouco de erva de cinco folhas alpirana de primeira — disse ela, oferecendo-lhe o cachimbo. — Faz mais de um ano desde que traguei algo tão bom assim.

Frentis recusou erguendo a mão.

— Alguma notícia de seu marido?

— De fato. — Merial deu outra baforada no cachimbo, piscou com olhos marejados e o seu olhar perdeu o foco. — Acho que fui um pouco generosa demais comigo mesma, irmão.

— Alguma notícia? — repetiu Frentis enquanto ela batia no peito e tossia um pouco.

— A Rainha conquistou outra vitória — respondeu ela com a voz um pouco rouca. — Está se tornando um hábito dela. Estão chamando de Batalha das Flores, não sei por quê. De qualquer forma, a estrada para Volar foi aberta esta manhã. Eles devem chegar lá dentro de dois dias.

Ele assentiu, seus pensamentos anuviados com visões da Senhora Reva na arena, e muito mais.

Traga o curandeiro...

Frentis voltara a tomar o sonífero do Irmão Kehlan em Nova Kethia, ansioso para evitar mais sonhos compartilhados, receoso do que poderiam revelar a ela, embora isso também o privasse de quaisquer pistas a respeito de suas intenções. *Não se importa se eu levar um exército. Parece indiferente à aproximação da Rainha. O que ela está tramando agora?*

— Imagino que vamos desembarcar primeiro — disse a Irmã Merial.

— Minha companhia vai. Você permanecerá no navio.

— Uma ova. Viajei metade do mundo para isso, e o Aspecto Caenis merece um ajuste de contas.

— Você possui habilidade com armas?

A irmã deu uma risada curta e voltou ao cachimbo, girando os polegares com um sorriso no rosto.

— Você verá com o que tenho habilidade, irmão. Só não fique muito perto na hora.

O Desfiladeiro de Brokev era formado por uma pequena baía flanqueada por falésias escarpadas. O terreno subia depois da praia numa elevação íngreme até os campos de flores rubras mais além. O sol estava apenas começando a reluzir no horizonte e a promessa de um tempo ruim se manifestara como uma leve garoa matutina.

— Basta só um punhado de inimigos naquelas alturas, Irmão Vermelho — disse Lekran com uma careta —, e esta baía se tornará um matadouro.

Frentis nada disse, mantendo o olhar no topo das falésias à medida que o barco se aproximava da praia. A maré estava baixa e as ondas fracas, os remadores trabalhavam num ritmo intenso, sem se importar com o barulho; a velocidade era mais importante do que a furtividade agora. Ele não conseguia ver qualquer movimento nas falésias, nem no terreno depois da praia.

— Lembre-se — disse Frentis a Lekran —, não se demore por um segundo sequer, independentemente das baixas.

Ele colocara os Garisai nos barcos que iam à frente junto com todos os seus arqueiros, seguidos pela gente de Draker e Illian com ordens para capturar as falésias. Mestre Rensial decidira acompanhá-lo, provavelmente com a esperança de encontrar um cavalo o mais rápido possível.

Frentis saltou para fora do barco ao ouvir o barulho do casco raspando na areia, afundando na água até os joelhos e avançando com esforço em direção à praia. De acordo com as suas ordens, os arqueiros se espalharam com flechas já preparadas e os arcos erguidos, esquadrinhando sem cessar as falésias por qualquer sinal de um inimigo. Os Garisai ergueram uma espuma branca nas águas ao correrem com Frentis, todos chegando até a areia sem serem molestados pelo zunido revelador de uma chuva de flechas ou por gritos de alarme.

Frentis não permitiu que parassem na praia e correu até a encosta relvada, parando somente quando chegou ao topo. Os Garisai assumiram de pronto uma

formação defensiva, embora não houvesse qualquer sinal de oposição. Os campos, que tinham um tom escarlate escuro na penumbra matutina, estendiam-se silenciosos e desertos. A oeste Frentis podia ver o sol nascente caindo sobre torres que se erguiam das flores rubras como alfinetes de prata num vasto cobertor vermelho.

— Volar — disse Lekran num tom estranhamente reverente. — Todos aqueles anos como escravo deste império e esta é a primeira vez que coloco os olhos nela.

E talvez a última, ponderou Frentis. *É possível que não reste nada quando a Rainha tiver terminado.* O pensamento despertou lembranças da garota de cinza e de sua mãe, e ele voltou o olhar para a praia à procura de alguma distração. A gente de Draker e de Illian já se encontrava em terra e se dividia para rumar até as falésias. Os Politai aproximavam-se depressa da praia, a figura de cabelos encaracolados de Artesão visível no barco que vinha à frente.

Traga o curandeiro...

— Isso não está cheirando bem — disse Ivelda, esquadrinhando os campos de papoula com olhos apertados. — Nem um único batedor para nos receber. Onde estão?

Frentis observou conforme os extensos bairros residenciais de Volar eram revelados ao sol que despontava. *Nenhuma muralha para atravessarmos, mas é bastante fácil transformar uma casa numa fortaleza.*

— Desconfio que teremos resposta dentro de uma hora.

Encontraram o primeiro corpo a três quilômetros da baía, um garoto de cerca de quinze anos, caído entre as flores, vestido de cinza e morto havia apenas umas duas horas, pelos cálculos de Frentis. Fora morto com uma única estocada nas costas, provavelmente a cavalo, a julgar pelo ângulo.

— Mais três aqui — disse Ivelda perto dali. — Homem, mulher e criança. Alguém matou uma família.

Eles seguiram em direção aos bairros residenciais numa formação cerrada, os Garisai numa de escaramuça na frente, a companhia de Draker à direita e a de Illian à esquerda. A gente de Karavek seguia numa massa compacta com os Politai agindo como a retaguarda. Frentis manteve um ritmo pesado; deslocar-se por campo aberto sem uma cavalaria para proteger os flancos instilava uma forte sensação de vulnerabilidade. Mais corpos foram descobertos na marcha, pessoas de cinza e alguns escravos com ocasionais homens de preto. A maioria tinha ferimentos nas costas, indicando que haviam sido mortos enquanto corriam. Frentis havia contado mais de cem quando chegaram às primeiras casas, quando então parou de contar.

O que ela está fazendo?

Jaziam em cada entrada, cada esquina, as sarjetas vermelhas evidência de que a

matança ocorrera fazia pouco tempo. Não havia sinais de tortura nos corpos, poucos tinham mais do que dois ferimentos, a maioria apenas um. Fora um massacre eficiente, realizado sem levar em consideração idade, sexo ou posição social. Crianças estavam caídas ao lado de idosos, escravos estavam entrelaçados com capatazes. Pessoas de preto, de cinza e escravizadas, todas unidas na morte.

— A Rainha? — perguntou Draker a Frentis, pálido debaixo da barba. — Sei que ela queria justiça, mas isso...

— Não foi a Rainha que fez isso — disse Frentis. — A Imperatriz colocou os Arisai para trabalhar.

— Aqueles desgraçados vermelhos? Achei que a gente tinha matado todos.

Mais nove mil... Ele suspirou com a própria estupidez. *Todos devem ter recebido a mesma mentira para contar caso fossem capturados.*

— Varitai e Espadas Livres são uma coisa, irmão — disse Karavek. — Até mesmo Kuritai. Mas a minha gente não é páreo para os homens vermelhos...

— Então voltem para a praia e implorem a Lorde Ell-Nurin que os leve para casa. — Frentis virou-se de novo para Draker. — Escolha o seu corredor mais rápido e mande-o para o Estreito com um pedido para que o Lorde Almirante desembarque com todos os marinheiros que puderem empunhar uma lâmina. — Ele se virou e olhou para as ruas repletas de morte à sua frente. — Ele nos encontrará na arena.

Foram atraídos pelos gritos, um coro estridente de terror e dor que ecoava pelas ruas ensanguentadas. Frentis conduziu os Garisai na direção do som, ordenando a Illian e a Draker que dessem a volta pelos flancos e mandassem os arqueiros para os telhados. A oitenta metros, as ruas se abriam numa praça, que exibia a típica organização volariana com os seus gramados elaborados, salpicados com estátuas e cortados por caminhos de pedra. E, no centro, uma multidão de volarianos sendo sistematicamente massacrada por cerca de duzentos Arisai. As pessoas haviam sido cercadas por todos os lados, amontoando-se num terror instintivo enquanto os homens vermelhos abriam caminho de forma metódica a golpes de espada, e a multidão diminuía visivelmente a cada segundo em meio a um círculo crescente de cadáveres.

— Não espero que você lute por eles — disse Frentis a Lekran, erguendo a espada para os arqueiros nos telhados.

— Vou lutar com você, Irmão Vermelho — disse o homem, girando brevemente o machado. — Até que isso acabe. Você sabe disso.

Frentis assentiu e abaixou a espada. Os arqueiros dispararam a sua saraivada, as flechas zunindo e matando pelo menos uma dúzia de Arisai enquanto ele disparava em frente, seguido pelos Garisai com um grito coletivo.

Até que isto acabe. Por bem ou por mal, isso acabará hoje.

O Arisai ricocheteou na mão estendida da Irmã Merial e colidiu com uma parede, filetes de fumaça cinzenta subindo da marca de mão enegrecida que havia sido queimada em seu peitoral, e o homem escorregou para o chão, as feições petrificadas desprovidas de qualquer sinal de vida. A irmã se virou para Frentis com um sorriso cansado e dobrou os dedos.

— Sou boa de se ter à mão num aperto, não acha, irmão?

— Abaixese! — Frentis agarrou o ombro dela e a empurrou para o lado quando um Arisai investiu de uma entrada sombreada, de espada curta estendida e com um sorriso feliz nos lábios. Frentis desviou a lâmina com a sua e rodopiou, girando a espada e cortando através dos olhos do soldado, dando cabo dele com uma estocada na garganta quando o homem cambaleou, rindo de alegre surpresa.

Frentis parou para respirar fundo e passou os olhos pela rua, apinhada de cadáveres de uma ponta à outra. Avistou Ivelda entre eles, morta sobre o Arisai que matara, sua adaga ainda cravada no pescoço do homem. Estavam lutando de rua a rua há quase uma hora, forçando os Arisai a abandonarem a matança da população para enfrentá-los. O combate foi ficando cada vez mais caótico quanto mais avançavam cidade adentro, à medida que as ruas ficavam mais estreitas e os Arisai revelavam um talento diabólico para emboscadas. Atacavam sozinhos ou em duplas, lançando-se sem aviso de becos, entradas de casas ou janelas, e caindo sobre os seus combatentes num frenesi de carnificina jubilante antes de serem abatidos pela desvantagem numérica ou por uma flecha bem disparada de um dos arqueiros que se encontravam nos telhados. Eles haviam aprendido bem a lição em Nova Kethia, e o seu avanço foi possível graças aos arqueiros, que continuavam a saltar de telhado em telhado, matando qualquer Arisai que viam nas ruas abaixo.

Frentis avistou Lekran com meia dúzia de Garisai na extremidade norte da rua e correu para o seu lado, seguido por Merial, ainda trôpega. Ele já a vira matar três Arisai e sabia que a irmã estava se arriscando a desmaiar cada vez que usava o seu dom.

— Os últimos dos covardes de Nova Kethia se mijaram e fugiram — relatou Lekran com uma careta enojada. — Vou matar Karavek com as minhas próprias mãos.

— Você teria uma tarefa difícil — gemeu Merial, encostando-se no batente de uma porta, o rosto pálido e abatido. — Eu o vi morrer duas ruas para trás.

Frentis ergueu a cabeça ao ouvir chamarem o seu nome, e encontrou a silhueta

esguia de Illian no alto de uma construção de dois andares a vinte metros dali, agitando o arco acima da cabeça.

— Artesão! — gritou ela para Frentis quando ele se aproximou correndo, indicando um ponto onde as ruas estreitas davam no que parecia ser uma praça de mercado. — E Mestre Rensial!

Frentis fez sinal para que os Garisai o seguissem e disparou para a praça, encontrando-a devastada, carroças e barracas derrubadas em meio às formas caídas de escravos e pessoas livres assassinados. Cerca de cinquenta Politai haviam formado uma cunha compacta na extremidade norte da praça, avançando de forma constante contra uma muralha frenética e duas vezes maior de Arisai. Os Politai se moviam com toda a precisão resultante de seus anos de disciplina enraizada, as lanças de lâminas largas saltando como os espinhos de um porco-espinho enquanto avançavam, os cabelos louros de Artesão visíveis no centro. Curiosamente, os Arisai pareciam ter perdido boa parte do seu humor enlouquecedor ao serem confrontados pelos ex-soldados-escravos. Frentis viu pura fúria em muitos rostos ao se lançarem contra as fileiras organizadas, a maioria morrendo na irredutível sebe de lanças, embora alguns conseguissem perfurar a formação a golpes de espada, matando um ou dois Politai.

A princípio Frentis ficou intrigado com a determinação do avanço dos Politai, pois parecia não restar ninguém para ser salvo naquela praça; então ele o avistou, um cavaleiro solitário entre os Arisai, manobrando a montaria com uma graciosidade incomparável, a espada movendo-se em arcos elegantes, fazendo os homens vermelhos tombarem à sua volta. Porém, ele era apenas um, e os Arisai, muitos.

Frentis abandonou toda a cautela e jogou-se sobre os homens vermelhos, segurando a espada com as duas mãos enquanto abria um caminho sangrento, rodopiando e matando, os Garisai investindo em seu encalço. Ouviu um grito indistinto dos Politai, não de exultação, pois tais emoções ainda pareciam estar além de suas capacidades, mas de reconhecimento a uma ordem. A formação acelerou o passo à medida que as fileiras de Arisai diminuían em volta deles, aproximando-se do cavaleiro à força.

Frentis agachou-se sob o golpe lateral de uma espada e atravessou com a sua lâmina o peitoral do Arisai que a empunhava. No entanto, o homem recusou-se a morrer, agarrando-se ao braço da espada dele e segurando Frentis no lugar, os dentes vermelhos arreganhados num sorriso largo e afetuoso.

— Olá, pai — disse ele numa voz áspera, suas mãos como um torno no braço de Frentis.

Um de seus compatriotas atacou com a espada apontada para o pescoço de Frentis, e então parou de repente quando algo desceu do alto e atravessou a sua

testa. Por um segundo ele revirou os olhos para cima para ver o virote de besta, imóvel e babando, antes que o machado de Lekran lhe cortasse fora as pernas. O selvagem girou e o machado subiu, decepando o braço do Arisai ainda agarrado a Frentis. Ele arrancou o seu braço da mão que restava do Arisai quando o machado de Lekran desceu para dar cabo dele, virou-se e viu Illian de pé num telhado ali perto. Frentis ergueu a mão em sinal de reconhecimento da ajuda dela, mas a atenção da garota estava em outro lugar, segurando um virote entre os dentes ao sair a toda a velocidade e saltar para o telhado seguinte, o olhar fixo no cavaleiro solitário adiante.

Mestre Rensial!

Flechas caíam cada vez mais rápido enquanto ele lutava para abrir caminho, com Lekran ao seu lado e os Garisai atrás, cada vez mais arqueiros surgindo nos telhados ao redor. As fileiras de Arisai diminuíram diante de Frentis e ele viu três caírem mortos um atrás do outro, abatidos por arqueiros, livrou-se do emaranhado de combates e partiu na direção de Mestre Rensial, soltando um grito de fúria e frustração ao ver um Arisai avançar e cravar a espada no flanco do cavalo do mestre. O animal empinou, boquiaberto, como se gritasse, e tombou, estrebuchando. Os Arisai que se encontravam ao redor se aproximaram de espadas erguidas e rindo. A formação de Politai soltou outro grito e disparou numa investida, empurrando de lado os Arisai remanescentes e rumando para o aglomerado que cercava o cavaleiro caído. Frentis perdeu o cavalo de vista quando os Politai atingiram o alvo, matando os Arisai e então formando um círculo defensivo com sua rapidez típica e natural. Ele abriu caminho à força e parou de repente ao avistar o cavalo que ainda se contorcia, notando pela primeira vez que era um belo garanhão cinzento. Frentis só podia imaginar onde o mestre o encontrara. Ele saltou por cima do animal moribundo, soltando um imenso suspiro de alívio ao ver Mestre Rensial preso debaixo do cavalo, franzindo o cenho irritado ao tentar arrancar a espada do corpo de um Arisai que jazia morto ao seu lado.

— Precisamos encontrar outro estábulo — disse ele a Frentis, grunhindo quando a lâmina escorregou para fora do cadáver.

— É claro, mestre. — Frentis agachou-se e apoiou o ombro no corpo do cavalo, empurrando-o até que o mestre conseguiu puxar a perna para fora. Pelo estado retorcido e lacerado do membro, ele podia ver que Rensial não cavalgaria ou caminharia de novo durante algum tempo.

— Irmão Vermelho!

Frentis levantou-se com o grito de Lekran, percebendo que agora estavam cercados de Arisai por todos os lados, depois que mais haviam se materializado das casas ao redor, cada um aparentemente o encarando com uma mistura de fascinação

e deleite. Flechas continuavam a cair dos telhados, mas eles pareciam não se importar, mal olhando quando seus irmãos tombavam ao seu lado. *Atraídos até mim*, concluiu Frentis, vendo algo mais no olhar coletivo. *Loucura. Ela os soltou, e todos eles anseiam pela alegria de matar o seu pai.*

— Isso pode terminar aqui! — gritou para eles, indo se posicionar com os Polital que os cercavam. — Estou vendo que ela os libertou. Agora, libertem a si mesmos. Deixem a loucura de lado.

Eles riram, é claro. Gargalhadas estrondosas de júbilo percorreram as suas fileiras, e alguns ainda riam quando as flechas os abateram.

— Como quiserem — suspirou Frentis, erguendo a espada. — Venham, recebam a sua cura!

Um novo som foi ouvido acima das gargalhadas incessantes, um estrondo que ecoava das ruas em volta, logo se erguendo num brado, o brado de muitos homens furiosos.

Os meldeneanos surgiram correndo de todas as ruas e vielas, os sabres reluzindo ao caírem sobre a multidão de armadura vermelha. Os Arisai lutaram, como foram criados para lutar, matando com uma alegre despreocupação; contudo, apesar de toda a habilidade e ferocidade, não eram páreo para a onda de piratas que passou por cima deles, e ilhas de vermelho afundaram e desapareceram em poucos momentos. Os meldeneanos gritaram a vitória aos céus, erguendo os sabres e jogando as cabeças para trás num triunfo bestial.

— Demoraram bastante — resmungou Lekran quando a carnificina terminou.

Frentis virou-se e encontrou Artesão parado sobre Mestre Rensial, a cabeça inclinada enquanto lançava um olhar crítico à perna do mestre.

— Pode ajudá-lo?

— Sinto muito, irmão. — O curandeiro sacudiu a cabeça com uma careta, voltando então o olhar para uma imensa estrutura curva que se erguia acima dos telhados a oeste. — Tenho a sensação de que logo precisarei de todas as minhas forças.

Ele deixou Mestre Rensial aos cuidados dos meldeneanos, a maioria dos quais parecia satisfeita em ficar e pilhar as muitas casas vazias, mostrando-se surda aos apelos para que rumassem juntos até a arena. Frentis não conseguia ver qualquer sinal do Lorde Almirante Ell-Nurin ou de qualquer outro meldeneano com patente maior do que a de segundo imediato, de modo que foi obrigado a deixá-los às suas recompensas e seguir em frente. Encontraram Trinta e Quatro dando pontos num

corte no braço de Draker algumas ruas adiante, a dúzia de sobreviventes da companhia do capitão recém-designado aglomerada em volta deles em meio aos corpos de cerca de trinta Arisai.

— Não consegue terminar uma batalha sem um ferimento? — perguntou Illian a Draker, seu tom mordaz suavizado um pouco pela mão afetuosa que passou pelos cabelos desgrenhados dele.

— Gosto das minhas lembrancinhas — retorquiu ele, rangendo os dentes quando Trinta e Quatro deu um nó nos pontos. Ele ergueu um olhar de desculpas a Frentis e indicou com a cabeça algo caído ali perto. — Sinto muito, irmão.

Retalhador estava caído de lado, com Dente Negro ganindo ao cutucar a cabeça do cão com o focinho. Havia uma espada curta enfiada no peito do animal e um Arisai morto e escorado numa parede perto dali, com o rosto mastigado e transformado numa massa sangrenta.

— Não podemos demorar — disse Frentis, desviando o olhar e percorrendo o rosto cansado e pálido de todos os presentes. Havia talvez um terço do número que o havia seguido desde Nova Kethia. *Tantos perdidos salvando aqueles que os escravizaram*, ponderou, lutando contra a mistura de pesar e admiração que ameaçava umedecer os seus olhos. — Capitão — disse a Draker —, posicione a sua gente na retaguarda. Irmã, pegue os arqueiros e faça o reconhecimento das vias de acesso à arena.

— Sem dúvida não pode ter restado nenhum depois disso — disse a Irmã Merial. Sua aparência havia melhorado um pouco, embora as manchas vermelhas em volta dos olhos e do nariz evidenciassem uma tentativa de ocultar a sua exaustão.

— Pensamos o mesmo em Eskethia — disse Frentis. — Fique perto de mim e não use o seu dom de novo, a não ser que seja extremamente necessário.

O denso labirinto de ruas logo deu lugar a avenidas e parques largos, também apinhados de cadáveres. Havia principalmente pessoas vestidas de preto ali, além de alguns escravos que foram mortos enquanto cortavam a grama ou poliam as estátuas de bronze. Porém, não havia sinal dos Arisai. Uns cem metros adiante as ruas acabavam na arena, e cada combatente e Politai parou ao avistá-la, os níveis dourado-avermelhados de curvas suaves vívidos à luz do sol. Podiam ouvir uma grande comoção do lado de dentro, milhares de vozes erguidas em adulação, sem dúvida devido a algum espetáculo terrível orquestrado pela Imperatriz. *Balindo feito ovelhas enquanto a sua cidade morre em volta deles*, pensou Frentis, incapaz de conter o ressentimento de que aquelas pessoas não valiam o sangue derramado por elas.

— Nenhum guarda — relatou Illian. — Parece estar completamente desprotegida.

Frentis olhou para Artesão, notando pela primeira vez a ruga de preocupação em sua testa ao encarar a arena, e até mesmo um tremor de medo nos lábios.

Traga o curandeiro...

— Você não precisa fazer isso — disse-lhe Frentis. — Fique aqui com os Politai. Mandarei avisar quando estiver seguro.

Artesão parou de franzir a testa e se virou para ele, afastando o medo com um leve sorriso.

— Não acredito que haja algum lugar seguro hoje, irmão.

Frentis assentiu, deu um passo adiante e virou-se para se dirigir a todos eles, sentindo a voz rouca e tendo que forçar as palavras a saírem.

— Vocês todos já fizeram mais do que eu poderia pedir. Esperem aqui, Artesão e eu seguiremos sozinhos.

Não houve resposta, nem qualquer mudança de expressão quando todos deram um passo à frente ao mesmo tempo.

— Não sei o que nos espera lá dentro — comentou Frentis, ouvindo a nota de desespero na voz. — Mas sei que muitos de nós não irão sobreviver...

— Está perdendo tempo, irmão — disse Draker. Ao lado dele, Illian ergueu a besta, olhando-o nos olhos com expectativa.

Frentis virou-se para a arena quando se ouviu outro brado vindo de dentro; pelo volume e duração, parecia que o espetáculo da Imperatriz havia atingido alguma forma de clímax.

— Nosso objetivo é resgatar a Senhora Reva e matar a Imperatriz! — gritou ele, erguendo a espada e partindo em disparada. — Não mostrem misericórdia, pois ela não terá nenhuma com vocês!

CAPÍTULO DEZ

Vaelin

Estrelas.

Ele piscou, tentando afastar o que sabia ser uma ilusão, mas ainda estavam lá, cintilando e brilhantes. E havia tantas, mais do que poderia contar. Algumas eram mais brilhantes do que outras, tão brilhantes que pareciam ofuscar aquelas à sua volta. Algumas eram escuras, cintilando entre o vermelho e o negro. Todas se moviam como formigas minúsculas num vasto cobertor verde e azul. *Não são estrelas, compreendeu. São pessoas.*

— Vaelin. — Ela estava lá, flutuando próxima do céu noturno, pois agora percebera que estavam voando muito acima da terra. Ele só pôde encará-la, as palavras entalando em sua garganta, a tristeza e a gratidão mesclando-se e fazendo-o estremecer. Ela sorriu e deslizou para perto, estendendo as mãos para as dele. — Eu queria lhe mostrar — disse ela. — Queria que você visse o que eu vejo.

— Eu... — Ele gaguejou e agarrou as suas mãos. — Eu nunca deveria... Ela se colocou entre os seus braços, o calor dela maravilhoso, afastando a culpa que ele sentia.

— Todas as escolhas foram feitas por mim. — Ela pressionou a testa contra a dele e então recuou, virou-se e gesticulou para a terra salpicada de estrelas abaixo. — Veja — disse ela —, o mundo como era, prestes a mudar para sempre.

Ele segurou a mão dela ao descerem, aproximando-se de uma extensão de terra com um litoral que ele reconheceu como o do Reino Unificado. Pararam acima de um denso aglomerado de estrelas no centro do que um dia seria conhecido como a Cidade Caída, as estrelas transformando-se nas formas cintilantes de pessoas quanto mais baixo voavam. Havia duas figuras paradas no meio do aglomerado, perto de algo tão escuro que parecia engolir toda a luz, e Vaelin levou um momento para reconhecer a forma reduzida.

A Pedra Negra.

Uma das figuras ao lado da pedra diferia das outras no modo como a sua luz brilhava, ficando intensa por um segundo e então vermelho-escura no seguinte. O bruxuleio tornava difícil discernir alguma feição, mas Vaelin teve a impressão de ser um homem alto, um homem barbado.

O Aliado.

A figura ao lado do Aliado era mais baixa e, a julgar pelo modo como as suas costas estavam curvadas, consideravelmente mais velha. Ao contrário do Aliado, a luz deste homem era constante e brilhante, o matiz um tom vivo de azul. Vaelin observou quando o Aliado colocou a mão no ombro do homem mais velho de forma respeitosa e então se afastou. O homem mais velho permaneceu imóvel por um momento, de cabeça baixa, como se estivesse reunindo forças, sua luz diminuindo levemente de intensidade, e então deu um passo adiante e colocou a mão no vazio absoluto da pedra negra.

Por um segundo nada aconteceu, mas então um círculo vermelho surgiu no centro da pedra. Era pequeno, mas brilhava com uma energia ardente, pulsando de modo rítmico como um coração. O velho estendeu a mão brilhante para o círculo para agarrá-lo... O círculo fulgurou de repente, a pulsação aumentou e transformou-se num zunido e o velho cambaleou para trás quando algo brotou da pedra, jorrando para o alto e para fora numa fonte multicolorida, subindo para o céu ao mesmo tempo que uma circunferência de pura energia se espalhava da pedra ao nível do chão, expandindo-se e disparando para o horizonte feito uma muralha de chamas. A maioria das luzes a atravessava sem efeito aparente, mas aqui e ali uma brilhava ainda mais forte quando a parede as tocava.

O poder, lembrou-se Vaelin. Gravado na linhagem...

A fonte espectral secou lentamente, o círculo flamejante na pedra diminuiu de tamanho até se tornar um ponto minúsculo, e depois desapareceu. O velho rolava no chão ao lado da fonte, contorcendo-se em óbvia agonia, sua luz agora tremeluzindo, mas pulsando com mais intensidade do que antes. Sua agonia diminuiu aos poucos, e ele estendeu a mão para pegar a do Aliado quando este se ajoelhou ao seu lado. Contudo, o Aliado não tentou pegar a sua mão e olhou para a forma prostrada do velho, sua luz agora mais vermelha do que branca.

Ele se empertigou de repente, erguendo algo escuro acima da cabeça e o abaixando com toda a força. A luz do velho chamejou e então pareceu se dividir, diminuindo para dois pontos de brilho tênue, um grande, o outro menor.

A cabeça dele, compreendeu Vaelin. Ele cortou a cabeça do velho.

O Aliado curvou-se para recolher a cabeça e a ergueu até que o pescoço decepado tocasse seus lábios, quando então a sua luz assumiu um tom vermelho permanente, um brilho escarlate-escuro com o mesmo ritmo do círculo de fogo na pedra.

O Aliado jogou a cabeça do velho para o lado e voltou-se para a multidão de espectadores. Todos haviam recuado diante dele com um medo evidente, e muitos se

viraram para fugir. Então todos pararam como um só, paralisados. O Aliado encarou a multidão por um longo tempo num escrutínio cuidadoso, e então começou a andar entre ela, parando ao lado de um homem de porte atlético e um brilho amarelado, tocando-lhe a cabeça com a mão. As costas do homem escolhido formaram um arco rígido no mesmo instante em que soltou um grito silencioso, sua luz assumindo o mesmo tom de vermelho do Aliado num piscar de olhos.

O Aliado seguiu em frente, tocando rapidamente mais uma dúzia de homens, então se afastou da multidão e parou para assistir às figuras avermelhadas começarem a assassinar as suas companheiras brancas. Algumas foram estranguladas, outras golpeadas com pedras ou galhos, pois aquelas pessoas pareciam não possuir armas. O Aliado permaneceu imóvel e assistiu ao massacre, a cabeça levemente inclinada, observando a tudo impassível. Quando acabou, quando cada brilho branco havia sido apagado, o Aliado partiu para o norte, seguido pelos homens vermelhos.

Dahrena apertou a mão de Vaelin com mais força e o tempo acelerou abaixo deles, o aglomerado vermelho do Aliado aumentou no norte e se espalhou, criando grupos menores que se expandiam como esporos de uma ponta a outra do Reino Unificado, luzes brancas se apagando onde quer que chegassem.

— O dom do Aliado — disse Vaelin.

— Não — disse Dahrena —, nunca um dom. Uma doença, uma praga. Como a Mão Vermelha.

— Isto é apenas um sonho. Como posso saber disso?

— Nós sabemos. — Ela flutuou para longe dele, estendendo os braços quando mais pessoas surgiram da escuridão ao redor, formando um círculo em volta deles. Eram na maioria estranhas, mas Vaelin reconheceu algumas. A irmã da Sétima Ordem que conspirara com Alucius em Varinshold. Marken também estava ali, sorrindo sombriamente por trás da barba, e o Aspecto Grealin, ainda gordo mesmo ali... E um outro.

Caenis usava as vestes de um irmão da Sexta Ordem, apesar de ter morrido como Aspecto da Sétima.

— Irmão — disse Vaelin, estendendo a mão para ele, mas Caenis apenas sorriu e inclinou a cabeça num reconhecimento afetuosos.

— Nós que permanecemos quando você o atraiu para fora do Além — disse Dahrena. — Não é somente a vontade dele que pode nos prender aqui. Gastamos o que nos sobrava de forças para criar esta visão. Era tudo o que nos restava para dar.

Vaelin viu o círculo de almas desaparecer, deslizando para a escuridão; Caenis foi o último a ir, sua mão erguida numa despedida relutante antes de ser tragado pelo escuro.

— Então agora vocês realmente se foram? — perguntou ele a Dahrena. — Suas almas desapareceram para sempre?

— A alma é uma lembrança — disse Dahrena, pressionando-se contra ele mais uma vez, passando os braços em volta de seu pescoço. — Você é o meu Além agora, Vaelin. Você e todos aqueles que amei, até mesmo os que enfrentei. Para que eu perdures, você precisa perdurar.

Ela recuou e segurou o rosto dele com as mãos.

— Lembre-se, uma praga como a Mão Vermelha. E ninguém que pegou a Mão Vermelha e sobreviveu tornou a pegá-la. E, agora, você precisa mesmo acordar.

Ele despertou ao som de vozes exaltadas. Vozes lonaks, raivosas e irritantemente altas. Vaelin gemeu, rolou e se ergueu, seus dedos explorando de forma instintiva o galo cada vez maior atrás da cabeça. As vozes pararam, ele ergueu a cabeça e viu Kiral e Alturk afastando-se um do outro; o Tahlessa lhe deu um último olhar de desaprovação antes de ir se colocar diante da forma curvada do Aliado. Ele parecia estar desacordado, a cabeça balançando para a frente e um filete de sangue escorrendo de um corte na testa.

Orven estava de pé ao lado de Vaelin, seus guardas os cercavam por todos os lados, olhando furiosos para os Senthar reunidos do outro lado da clareira. Calculou que havia passado pouco tempo desde que Alturk o deixara inconsciente com uma porretada. Vaelin estendeu a mão a Orven, que o ergueu com presteza. Foi até Alturk e fez uma medida curta.

— Obrigado, Tahlessa. Lorde Orven, levantar acampamento. Ainda temos um longo caminho pela frente.

* * *

Quanto mais para o sul seguiam, mais cidades apareciam ao longo do trajeto. Em geral eram lugares extensos, que há muito haviam ultrapassado as muralhas protetoras da era pré-imperial. A maioria claramente sofrera revoltas e rebeliões, algumas eram pouco mais do que ruínas enegrecidas e muito poucas tinham conseguido permanecer intactas em virtude de muralhas e barricadas construídas recentemente, em geral defendidas por uma população armada que de bom grado disparava flechas contra forasteiros que chegavam muito perto. Vaelin evitou todas

elas, não tendo a menor intenção de acabar enredado em batalhas desnecessárias, apesar de os Senthar costumarem ficar irritados com a necessidade de não responder a um desafio.

O Aliado agora cavalgava na retaguarda da coluna, o rosto machucado e parcialmente remodelado imperturbável e animado como sempre. Os guardas de Orven haviam recebido instruções estritas de amordaçá-lo caso tentasse falar de novo, mas ele se mantinha num silêncio contínuo desde que despertara do espancamento. Kiral o encarava constantemente, suas mãos apertavam as rédeas com frequência e Vaelin sabia que ela estava resistindo ao impulso de pegar o arco. *A orientação da canção raramente está equivocada*, ele sabia, sentindo falta de seu dom com mais intensidade do que nunca. Porém, na visão de Dahrena não havia qualquer desejo pela morte imediata do Aliado e nenhum indício de que ele estivesse no caminho errado.

Uma linha vermelha surgiu no horizonte cinco dias depois, aumentando conforme chegavam mais perto, até que pararam em meio a um vasto aglomerado de campos de flores rubras e avistaram ao longe, através da neblina, as torres altas de uma cidade de mármore.

— Volar — sussurrou Lorkan ao lado de Vaelin, sacudindo a cabeça em franco assombro. — Realmente achei que nunca a veria.

Vaelin chamou Lorde Orven e apontou a oeste e a leste.

— Envie os seus batedores. Precisamos de notícias sobre o paradeiro da Rainha. Acamparemos aqui...

— Você não tem tempo!

Vaelin virou-se e viu que o Aliado o encarava com fria determinação e que qualquer vestígio de humor havia desaparecido de suas feições ainda deformadas. Os guardas de ambos os lados se aproximaram para cumprir as ordens, mas Vaelin os afastou com um aceno e levou Cicatriz para mais perto, olhando o Aliado nos olhos.

— Por quê?

— Minha serva está brincando com a sua irmã na arena neste momento. Ou melhor, aquela vadia pervertida que você chama de irmã. Demore mais e desconfio que ela estará morta em pouco tempo, depois de um período adequado de punição bem merecida. Ela sempre me irritou muito.

Vaelin olhou para Kiral, que rangeu os dentes e assentiu.

Reva! A criatura dele está com Reva.

— Ela não possui um dom — prosseguiu o Aliado. — Não há lugar para ela no Além...

Vaelin lhe deu as costas e disparou para a frente da coluna, berrando uma ordem para que Orven o seguisse, rumando para Volar a galope.

CAPÍTULO ONZE

Lyrna

Parece que vim de longe para administrar a justiça a um povo determinado a causar a própria destruição. A cidade parecia ser governada pelos mortos; não havia uma avenida, entrada ou jardim sem cadáveres. Também pendiam das muitas torres como bonecas esfarrapadas há muito esquecidas. Estava claro para Lyrna que aquele havia sido um distrito rico: a opulência das casas e os vastos jardins murados repletos de flores de cerejeira e estátuas eram indicativos de grande privilégio e altas posições sociais, mas o que quer que tivesse passado por ali não tinha muito respeito por classes; a abundância de escravos mortos revelava que aquilo não fora obra de uma revolta.

— Arisai, Alteza — relatou o Irmão Sollis, as ferraduras de seu cavalo uma intrusão dissonante no silêncio que envolvia o lugar. Ele parou o cavalo ali perto e cumprimentou o Aspecto Arlyn com um aceno respeitoso de cabeça antes de se dirigir à Rainha. — Encontramos cerca de vinte no distrito ao lado, matando todos que encontravam. Cuidamos deles, mas não tenho dúvida de que há mais.

Sollis se remexeu na sela quando os seus irmãos pararam os cavalos perto dali, nitidamente impaciente para partir.

— O caminho para a arena? — perguntou Lyrna.

— Desimpedido, Alteza. Parece não haver outros soldados volarianos na cidade. Acredito que a senhora tenha proteção suficiente para seguir até lá.

Enquanto você parte para salvar o povo que viemos destruir, sem dúvida. Lyrna estava prestes a lhe ordenar que entrasse em formação com a sua companhia como escolta quando Murel pulou do cavalo de repente e correu até uma pilha de corpos perto da entrada arqueada de uma das casas maiores. Ela afastou o cadáver que estava no alto, uma mulher esguia de manto vermelho com o pescoço aberto por um talho, e enfiou as mãos na massa sangrenta abaixo, tirando de lá uma pequena figura seminua. Murel a abraçou com força e Lyrna se aproximou a trote com Azeviche, desmontando ao lado da dama que limpava o sangue fresco do rosto de uma menina de talvez oito anos, viva, mas estranhamente imóvel, olhando em volta com olhos escuros arregalados. Murel estava chorando, a primeira vez que Lyrna a via fazer isso desde o dia de seu enobrecimento na Ilha de Wensel.

A menina piscou para a dama e então olhou para Lyrna com a testa franzida de curiosidade.

— Eu conheço você — disse ela numa voz um tanto afetada.

— Conhece? — Lyrna chegou mais perto, sentou-se e estendeu a mão, afastando da testa da menina uma mecha dura de cabelo emaranhado.

— Meu pai me contou — continuou a menina, fazendo um pouco de beicinho numa atitude de desafio. — Você veio botar fogo em tudo. Você é a Rainha do Fogo.

Lyrna fechou os olhos. Uma brisa lhe roçou a pele numa carícia gentil, trazendo consigo o odor de flores de cerejeira, o perfume delicado, mas pungente o suficiente para mascarar o fedor de sangue e intestinos soltos à beira da morte. Ela tentou se lembrar de outro cheiro, um que conhecia tão bem, um que a fazia engasgar e a bile subir de suas entranhas, o fedor de sua própria carne sendo queimada. No entanto, não conseguiu encontrá-lo, não naquele dia.

— Não — disse à menina, reabrindo os olhos e segurando o rosto dela com um sorriso. — Sou apenas uma rainha.

Ela se levantou e tocou o ombro de Murel.

— Leve-a para o Irmão Kehlan. — Ela se virou e voltou para o cavalo. — Irmão Sollis, pegue a sua companhia e vá atrás de qualquer Arisai que restar. Cidadãos volarianos encontrados vivos devem ser levados para um lugar seguro, se possível. Direi ao Senhor da Batalha que designe tropas para auxiliá-lo.

Ele se curvou na sela, seu rosto revelando um sentimento de gratidão que Lyrna não vira antes, acenou mais uma vez para o Aspecto e virou o cavalo, a voz rouca gritando ordens para os irmãos ao partir a galope.

— Não gosto disso, Lirhnah — disse Davoka quando ela montou, lançando um olhar crítico para as Adagas da Rainha que restavam. — Somos muito poucos.

Lyrna virou-se ao ouvir o som de inúmeras vozes na retaguarda, fazendo Iltis girar com a espada desembainhada. Ele se acalmou quando avistou o primeiro cumbraelino. Um homem corpulento, como muitos arqueiros, corria com o arco atravessado nas costas e uma machadinha na mão; ele parou, fez uma breve medida para Lyrna e continuou a correr, seguindo para a estrutura inconfundível da arena, agora distante apenas um quilômetro. O cumbraelino logo foi seguido por mais centenas e as avenidas ao redor ressoavam com as suas preces ofegantes, as palavras “Senhora Abençoada” ouvidas com maior frequência entre elas.

Al Hestian não conseguiu detê-los, concluiu Lyrna. Espero que ele tenha sido sensato o suficiente para não tentar.

— Acho que teremos o bastante, irmã — disse ela a Davoka, saindo a galope com Azeviche.

A cabeça a encarava com olhos cegos, a boca aberta e a língua pendurada entre os dentes. Havia sido presa ao toco do pescoço da estátua com pregos de ferro, martelados através do bronze e da carne, e filetes de sangue seco cobriam o metal até o pedestal, onde jazia a cabeça original.

— Parece que nunca faltam horrores a essa gente — comentou Iltis num tom enojado.

Lyrna deixou a estátua para trás e seguiu com Azeviche para a arena, onde os cumbraelinos agora adentravam as arcadas. Ela teve um vislumbre de Lorde Antesh incitando-os em frente antes de desaparecer do lado de dentro, mas não teve oportunidade de lhe passar ordem alguma; não que esperasse que ele a obedecesse agora que a Senhora Abençoada estava tão perto.

Lyrna desmontou diante da arcada mais alta e seguiu para o interior sombrio; gritos de combate ecoavam pelas escadarias e corredores abobadados à medida que os cumbraelinos sobrepujavam qualquer sinal de oposição. As Adagas da Rainha se espalharam à sua volta num arco defensivo, o Aspecto Arlyn e Iltis se posicionaram de ambos os lados com as espadas desembainhadas.

— Se me permite, Alteza — disse o Aspecto, apontando para uma escadaria próxima, que descia para as profundezas daquela estrutura. Lyrna ergueu uma sobrancelha indagadora e ele continuou: — As jaulas onde são mantidos os Garisai. Eles podem ser úteis.

Ela assentiu e gesticulou para que o Aspecto prosseguisse, seguindo-o quando conduziu as Adagas pela escadaria. Lyrna foi recebida pelo tumulto da batalha enquanto descia, chegando a uma longa câmara retangular, ladeada por jaulas. As Adagas e o Aspecto lutavam com uma dúzia de Kuritai. O Aspecto movia-se com a típica graciosidade da Sexta Ordem, desmentindo a sua idade pela forma como aparava e girava no combate corpo a corpo, matando um Kuritai e bloqueando a lâmina de outro que atacou uma das Adagas. Porém, os Kuritai também possuíam uma habilidade espantosa, e Lyrna lutou contra uma pontada de fúria ao ver ainda mais de sua gente tombar pelas lâminas dos escravos de elite.

Sou apenas uma rainha.

Ela mandou Iltis se juntar à luta com um aceno de mão e olhou ao redor, seus olhos recaindo sobre um cadáver que jazia ali perto, um homem de cintura considerável com ferimento de faca no peito, um carcereiro, a julgar pelas chaves que pendiam de seu cinto. Lyrna abaixou-se e as arrancou, foi até a jaula mais próxima e parou de repente ao ver quem era o ocupante.

Não havia um sorriso em seus lábios agora, nenhuma travessura no olhar; seu cabelo pendia oleoso sobre um rosto sem qualquer expressão de humor ou de

admiração.

— Então, como pode ver, você conseguiu me colocar numa gaiola, afinal.

Ela não disse nada, girou a chave na fechadura e abriu a porta da jaula, avançando com um gesto impaciente quando ele se demorou. Ell-Nestra saiu devagar da jaula e olhou rapidamente para a luta que continuava no corredor, os Kuritai agora reduzidos a três, encostados nas barras das jaulas, onde mãos saíam de dentro para lhes arranhar numa fúria desesperada.

— Esta é a última guerra que luto por você — disse o Escudo.

Lyrna lhe jogou as chaves quando o último Kuritai foi morto, dirigiu-se até a escadaria e subiu sem olhar para trás.

CAPÍTULO DOZE

Reva

— Mate-a! — gritou Lieza, debatendo-se nos braços dos Arisai. — Mate-a e isso acaba!

A mão de Reva se mexeu na areia, indo na direção do arco como que por vontade própria enquanto mantinha os olhos no rosto sorridente da Imperatriz.

— Ela não deixa de ter razão! — gritou a Imperatriz. — Se eu desaparecer, esta guerra acaba, mas ela ainda morrerá e você se lembrará de sua morte por muito tempo. Ordenei que eles poupassem você, pois como eu poderia ferir a minha irmã? Não prefere conceder uma morte rápida a ela?

Reva desviou o olhar e virou-se para Lieza, que agora não resistia nas mãos dos Arisai, com uma súplica no olhar, sua respiração ofegante o único som na arena, o silêncio não sendo rompido nem mesmo pelo mais leve sussurro enquanto a mão de Reva chegava mais perto do arco...

Algo passou zunindo pela sua cabeça e caiu na areia com um baque surdo ao lado do arco. Uma flecha, as penas estremecendo com o impacto. Reva voltou de súbito o olhar para os níveis superiores da arena e avistou lá silhuetas segurando arcos. Ela gemeu e seu desespero aumentou. Os Kuritai de Varulek não haviam feito o seu trabalho, afinal. Um dos arqueiros ergueu o arco acima da cabeça e Reva estreitou os olhos, vendo algo de familiar na postura dele, a largura dos ombros lembrando-lhe de alguém que conhecia, alguém que sem dúvida havia se perdido no oceano. Ela olhou para o arco do homem. Era longo, com uma única curva elegante, tão diferente dos arcos de duas curvas preferidos pelos volarianos.

Reva virou-se devagar e abaixou os olhos para a flecha enfiada na areia. *Penas-de-asa-rápida*, percebeu. *Um pássaro que só é visto em Cumbrael, no verão.*

Reva ergueu o olhar para a Imperatriz e retribuiu o sorriso.

Ela pegou o arco e a flecha de Varulek, girou para a esquerda, colocou a flecha na corda e disparou num único movimento. Um dos Arisai que seguravam Lieza cambaleou para trás, olhando com divertimento e arfante para a flecha cravada no peito. O outro desembainhou a espada de imediato e a ergueu para enfiá-la nas costas de Lieza, e então caiu morto quando Reva disparou a flecha de Antesh em seu pescoço.

O ar zuniu quando ela se levantou e correu na direção de Lieza, cada Arisai à vista tombando ao mesmo tempo sob a chuva de flechas. Reva derrapou, parou agachada ao lado de Lieza e a ergueu. A garota soltou um grito alarmado quando um Arisai se arrastou na direção delas, os dentes arreganhados num sorriso feroz ao se esforçar para chegar mais perto com flechas fincadas nos ombros e nas pernas. Reva pegou outra flecha da areia e a disparou no olho do Arisai a menos de quatro metros, então agarrou o braço de Lieza e a puxou na direção da saída mais próxima. A pesada porta de ferro estava trancada, mas o arco de pedra pelo menos oferecia alguma proteção. Ela podia ver arqueiros Varitai nos níveis inferiores, tentando em vão enfrentar os cumbraelinos acima enquanto a multidão convulsionava em volta deles, aglomerados de pessoas que fugiam em pânico para as saídas.

Então a chuva de flechas começou a diminuir, a princípio lentamente, mas não tardou a cessar por completo. Reva deixou o abrigo da arcada e esquadrinhou os níveis superiores, encontrando-os repletos de homens engalfinhados, vermelhos e pretos em meio ao verde-acinzentado dos cumbraelinos. Ela voltou o olhar para a porta pela qual o desafortunado Jarvek entrara na arena e viu que ainda estava aberta.

— Vamos — disse a Lieza, segurando-lhe a mão e começando a andar.

A Imperatriz aterrisou em seu caminho e rolou para uma posição de luta com a espada curta abaixada, encarando Reva com a testa franzida de seriedade e irritação.

— Você estragou o meu espetáculo.

Reva recuou, colocando Lieza atrás de si e procurando freneticamente por outra flecha enquanto a batalha prosseguia nas arquibancadas.

— Todas as minhas lições — disse a Imperatriz, aproximando-se e mantendo a espada abaixada. — Toda a minha generosa tutela, desprezada. Estou muito desapontada, irmãzinha.

Ela atacou e Reva rolou para o lado, arrastando Lieza consigo, e a lâmina a errou por centímetros. Ficou de pé e girou o arco como um porrete, mirando na cabeça da Imperatriz. A mulher se abaixou com facilidade e encarou Reva com uma carranca de desaprovação.

— Nossa mãe morreu com você na barriga enquanto eu estava acamada e escutava os gritos dela do outro lado da porta. O Aliado havia contado ao meu pai sobre a bênção, veja bem, e ele estava sedento.

Ela atacou de novo e Reva empurrou Lieza para a esquerda ao mesmo tempo que se esquivou para a direita. Reva viu o corpo de um Arisai a menos de três metros, cravejado de flechas e com uma espada caída sob a mão.

— Nossa mãe teria amado você mais do que a mim — disse a Imperatriz a Reva,

saltando em seu caminho assim que ela começou a ir na direção do corpo. — Eu sei disso. Mas não me importo. Ainda assim você teria sido a minha irmã.

Reva olhou de relance para Lieza, implorando que ela corresse, mas a garota ficou onde estava, ergueu as correntes e assumiu uma posição desajeitada de luta. A Imperatriz riu dela, então se acalmou.

— Tamanha devoção — disse ela, sacudindo a cabeça. — Tudo o que sempre recebi foi medo e desejo. Eu teria amado você, irmã. Mas teria sido difícil suportar a inveja.

Reva olhou de novo para o corpo do Arisai, calculando a distância e as suas chances de saltar por cima da espada da Imperatriz... quando então viu mais uma coisa.

— Eu não sou sua irmã! — gritou ela para a Imperatriz, atraindo um olhar arregalado. — Você nunca teve nada além de medo e desejo porque isso é tudo que você é. Apenas uma louca que viveu por tempo demais.

— Louca? — A Imperatriz recuperou o humor e abaixou um pouco a espada ao rir. — O que você acha que o mundo é, se não um desfile interminável de loucura? Guerrear é loucura. Buscar poder é loucura. — Ela gargalhou mais alto e abriu os braços. — E a loucura é gloriosa!

Reva supôs que o macaco estivesse simplesmente tentando completar o papel para o qual havia sido treinado, deixando um rastro vermelho na arena enquanto se arrastava na direção da Imperatriz com suas garras de aço, achando que ela era Livella por ser a única armada. Com um rugido rouco, a fera se levantou e atacou, golpeando com as garras quando a Imperatriz se virou, fazendo com que as três farpas de aço a atingissem em cheio no peito.

O macaco soltou um último urro, de triunfo ou fúria, e desabou no chão da arena, levantando areia ao dar o último suspiro. Reva se aproximou enquanto a Imperatriz se debatia, ainda viva de alguma forma, o sangue escorrendo aos borbotões de sua boca enquanto se esforçava para se livrar da garra do macaco, conseguindo por fim com um grito de agonia. Ela ficou caída, arfando, respirando com dificuldade em tiques convulsivos, e olhou para Reva com os mesmos olhos arregalados e insanos, sorrindo com uma afeição genuína que fez a mão de Reva coçar por uma espada.

Ficou ciente mais uma vez dos sons da batalha e ao erguer os olhos viu que o conflito havia se espalhado pelas arquibancadas, onde os cidadãos volarianos se encolhiam à medida que a luta prosseguia à sua volta. Parecia que os cumbraelinos haviam recebido reforços da Guarda do Reino, os combatentes livres de Lorde Nortah, a julgar pela quantidade de mulheres em suas fileiras. Ela também avistou o cabelo louro do Escudo esvoaçando nas arquibancadas inferiores, lutando ao lado de

várias dezenas de Garisai libertados. Fez uma prece ao Pai para garantir que Allern estivesse entre eles. Os grupos de vermelho e preto estavam diminuindo diante do ataque combinado, apesar de, como sempre, os Arisai não demonstrarem qualquer consternação com a própria morte iminente, lutando até o fim e rindo conforme morriam.

Reva teve um sobressalto quando a Imperatriz deu um rosnado alto e entrecortado, agitando os braços para tentar se levantar, o olhar fixo em algo na extremidade norte da arena, uma única palavra discernível em meio aos balbucios sufocados pelo sangue.

— Vadia!

A Rainha Lyrna Al Nieren atravessou a areia, acompanhada pelo imenso Lorde Protetor e por um irmão alto e idoso da Sexta Ordem que Reva não reconheceu. Cerca de uma dúzia de Guardas do Reino se espalharam de ambos os lados quando ela foi em direção a Reva, dispensando a sua mesura com um aceno e a abraçando de forma calorosa.

— Minha senhora. Por favor, aceite as minhas sinceras desculpas por não tê-la encontrado mais cedo.

CAPÍTULO TREZE

Vaelin

Eles foram obrigados a abrir caminho à força por uma horda de volarianos em fuga, todos em pânico e lívidos demais de terror para até mesmo reconhecer um grupo de invasores estrangeiros. Muitos disparavam através das flores rubras dos dois lados da estrada, sem levar qualquer bagagem ao fugir, os horrores recentes estampados nos rostos pálidos. Em comparação, as famílias se moviam em grupos compactos e cautelosos, segurando os seus poucos fardos e mantendo as crianças perto, os rostos pequenos chorosos ou paralisados de medo.

Astorek abaixou-se e puxou um homem da multidão, um calvo de meia-idade vestido de cinza com um menininho agarrado ao seu lado. Ele respondeu às perguntas do xamã num tom seco, o servilismo habitual superando o seu pavor.

— A Imperatriz soltou os seus Arisai na cidade — informou Astorek, largando o homem de cinza, que cambaleou em frente sem parar. — Eles estão matando todo mundo. O homem parecia achar que era uma punição por não comparecer à arena, apesar do fato de que o lugar jamais poderia comportar todos eles.

Vaelin virou-se para o Aliado, que encarava os refugiados apenas com um vago interesse.

— Isso é obra sua? — perguntou ele.

O Aliado encolheu os ombros e sacudiu a cabeça.

— Ela era louca mesmo antes de eu capturá-la. E essa gente sempre instigou o seu ódio.

Eles seguiram em frente, livrando-se da turba em fuga após mais um quilômetro e meio, e entraram na cidade. O distrito leste parecia ser o quadrante dos mercadores, repleto de armazéns e canais, cujas águas escuras estavam apinhadas de cadáveres boiando. De vez em quando pessoas aturdidadas entravam em seu caminho, feridas ou anestesiadas pelo choque. Eram recebidos por horrores a cada esquina; mulheres choravam sobre filhos assassinados e crianças perplexas cutucavam pais mortos. Vaelin fechou o coração a tudo aquilo e fez Cicatriz trotar mais rápido, mantendo o olhar fixo na forma arqueada da arena que se erguia do centro da cidade. Ele lançava olhares indagadores a Kiral sem parar, e a garota apenas confirmava a melodia urgente de sua canção.

Após uma cavalgada tortuosa de uma hora, eles adentraram o parque que cercava a arena e lá Vaelin forçou Cicatriz a disparar a todo galope, ouvindo uma cacofonia cada vez mais alta ao se aproximarem da grande construção dourado-avermelhada. Avistou algo pelo canto do olho e ao se virar viu uma fila de pessoas correndo na direção da parede sul da arena, talvez quinhentas, todas armadas. Vaelin encarou a figura que ia à frente, discernindo o manto azul-escuro e o modo preciso e familiar com que corria. Virou Cicatriz para a esquerda, saltando sobre cadáveres e disparando sobre mármore e grama, indo se colocar no caminho dos combatentes, quando então parou o cavalo e ergueu a mão.

Eles começaram a parar lentamente quando Frentis ergueu a espada. Eram um bando estranho, homens e mulheres de armaduras mistas e com as marcas de uma batalha recente; algumas de cores volarianas, outras de origem claramente alpirana ou do Reino. Vaelin soltou um suspiro de alívio ao ver Artesão entre eles, no meio do único grupo daquela companhia que tinha uma aparência de fato militar.

— Irmão! — cumprimentou-o Frentis, correndo para o seu lado. Vaelin ficou espantado com a sua aparência, sujo de sangue e fuligem da cabeça aos pés, a lâmina da espada manchada de vermelho de uma ponta à outra. No entanto, ficou aliviado pelo olhar dele, envelhecido desde que o vira pela última vez, mas firme e desprovido da loucura que parecia ter tomado conta daquela cidade.

Vaelin acenou com a cabeça para Artesão e os volarianos dispostos de forma ordenada em volta dele.

— Eles são Varitai?

— Eles se chamam Politai agora — disse Frentis. — Significa “desacorrentados” em volariano antigo.

Vaelin olhou por sobre o ombro quando os guardas de Orven e os Senthar surgiram com o Aliado entre eles, sua postura agora consideravelmente mais alerta ao passar os olhos pela arena. Vaelin notou o sorriso que ele tinha nos lábios. *Agora não vê mais necessidade de esconder a sua expectativa.*

— Desacorrentados — repetiu ele, virando-se de novo para Frentis. — Tal como você foi, irmão.

Frentis assentiu, franzindo um pouco a testa, intrigado.

— A Senhora Reva — disse ele, apontando a espada para a arena. — Tenho informações seguras...

— Eu sei. — Vaelin desmontou de Cicatriz e desembainhou a espada, seguindo a passos largos para a arena, e fez sinal para que Frentis o seguisse, falando em voz baixa: — Não temos muito tempo, então escute bem...

Todos os sons de batalha haviam cessado quando entraram na arena. Tinham sido atrasados por alguns Kuritai que encontraram no labirinto de corredores que os levara até ali, mas os Senthar e os guardas eram numerosos e habilidosos o suficiente para matá-los sem dificuldade. O olhar de Vaelin percorreu as arquibancadas ao redor quando pisou na areia, encontrando apenas um terço delas ocupado, onde aglomerados nervosos de cidadãos volarianos mantinham-se afastados das companhias de Guardas do Reino e arqueiros cumbraelinos. A Rainha estava no meio da arena, sorrindo ao trocar palavras com Reva, ao lado do que parecia ser alguma espécie de macaco monstruoso, morto com uma lança cravada nas costas.

Reva correu até ele quando se aproximou, dando-lhe um abraço forte e caloroso.

— Atrasado desta vez — disse ela, repreendendo-o. Reva recuou e deu um tapa brincalhão em seu rosto.

Vaelin assentiu e forçou um sorriso, fazendo uma mesura para a Rainha quando ela se aproximou para cumprimentá-lo.

— Alteza. Fico feliz em ver que está bem.

— Digo o mesmo, meu senhor. — Vaelin achou o olhar dela estranhamente frio, o sorriso sincero que lhe mostrara no passado agora mais deliberado. *A maior conquistadora da história do Reino*, lembrou a si mesmo. *Mais do que uma rainha agora.*

— E a Senhora Dahrena? — perguntou Lyrna, percorrendo com os olhos a companhia atrás dele.

Vaelin a olhou nos olhos e sacudiu a cabeça, notando o breve espasmo de perda de compostura revelado por ela, seu rosto ficando anuviado por um pesar genuíno.

— Uma... grande perda, meu senhor.

O olhar de Vaelin foi atraído por um som sufocado atrás da Rainha, onde notou outro corpo caído ao lado do macaco monstruoso, os olhos dela fixos não nele, mas em Frentis. Os lábios da mulher se moveram em alguma forma de saudação, cuspiendo sangue na areia e retorcendo as mãos.

— Permita-me apresentar a Imperatriz Elverah do Império Volariano — disse a Rainha.

Vaelin viu como Frentis empalideceu e se remexeu ao seu lado, aparentemente incapaz de desviar os olhos da moribunda, que continuava a cumprimentá-lo. Vaelin encarou o irmão até que Frentis se virasse e retribuísse seu olhar fixamente, esperando que ele se lembrasse de sua tarefa. Frentis fez um aceno quase imperceptível com a cabeça e deu as costas à Imperatriz, fazendo com que ela soltasse um gemido desolado e cravasse as unhas na areia, tentando

desesperadamente se arrastar para perto dele.

— Também tenho uma apresentação a fazer — disse Vaelin à Rainha, fazendo sinal para que os guardas de Orven trouxessem o Aliado.

— Seu dotado imortal? — perguntou a Rainha, lançando um olhar crítico à forma amarrada do Aliado. Ele retribuiu o olhar dela com distração e ergueu a cabeça para as arquibancadas ao redor, estreitando os olhos numa maquinação cuidadosa.

— Não exatamente — disse Vaelin. — Não sei o seu nome verdadeiro, mas nos acostumamos a chamá-lo de Aliado.

— Nunca gostei desse nome — comentou o Aliado em voz baixa. — Talvez, daqui a alguns anos, vocês criem um melhor. Algo mais poético. Vejam bem, eu decidi me tornar um deus.

Vaelin abriu a boca para mandá-lo se calar e parou. Tentou erguer o braço da espada e viu que estava imóvel. Tentou se virar para Frentis, mas o seu pescoço recusou-se a se mover. Perdeu toda a sensação nos membros e apenas o seu peito se movia, continuando a respirar, e seus olhos, que iam de um lado para outro num pânico ligeiro. Ele podia ver a Rainha, paralisada com o mesmo rosto franzido de escrutínio crítico, Lorde Iltis atrás dela, imóvel feito uma estátua, assim como todos os outros seres vivos à vista, até mesmo os que se encontravam nas arquibancadas acima. A arena estava em silêncio agora, exceto pelos suspiros agonizantes da Imperatriz e pelo som dos passos leves do Aliado na areia ao se aproximar de Vaelin e olhá-lo nos olhos.

— Você perguntou sobre o meu dom — disse ele. — Ei-lo, ou um deles. Tantos anos desde que o usei neste mundo sem a necessidade de um intermediário. Não é tão desgastante agora, graças a você e ao seu amigo imortal. Está vendo? — Ele inclinou a cabeça, virando-a de um lado para outro. — Nada de sangue. Imagino que este corpo irá me sustentar por um bom tempo. Talvez até a morte deste mundo, embora eu não tenha desejo algum de testemunhá-la.

O Aliado se afastou e parou para olhar atentamente para Lyrna e depois para Reva, visível apenas pelos cantos do olho de Vaelin, tão imóvel quanto todos os outros.

— Tão bem-feita — disse o Aliado, mantendo o olhar em Reva. — É uma pena desperdiçá-la, mas esta aqui irá precisar de uma recompensa se for continuar como minha serva.

Ele se afastou de novo e foi até a Imperatriz, o único corpo à vista que não estava paralisado, embora os seus movimentos agora se limitassem a leves tremores. O Aliado ajoelhou-se ao lado dela, inclinou-se para trás e pressionou as cordas em volta de seu torso contra as garras de aço que saíam da mão do macaco morto. Ele

fez uma careta com o esforço, subindo e descendo várias vezes até as amarras cederem.

— Ahh — suspirou o Aliado, levantando-se e jogando as cordas de Alturk para o lado. — Assim é melhor. — Ele flexionou os braços por um momento e então se agachou para examinar a Imperatriz, apertando os lábios ao notar o brilho tênue ainda visível no olho dela, grunhindo de satisfação. — Já fui chamado muitas vezes de arrogante — disse ele, olhando para Vaelin. — E confesso certa relutância em admitir fracassos. Porém, tantos anos de consciência fizeram com que eu apreciasse a humildade com novos olhos. Eu fracassei, é claro, e Lionen me torturou até a morte por isso. Mas foi o método e não a intenção que me derrotou. O método era falho. Tentar matar todos os dotados do mundo pessoalmente, mesmo com a habilidade de corromper almas maliciosas o suficiente aos meus propósitos, era uma tarefa grande demais. No entanto, tive tempo de sobra para pensar numa nova abordagem.

Ele se abaixou até a areia, recolheu uma espada curta e colocou um pé sob o corpo da Imperatriz, virando-a de barriga para cima.

— Por que tentar o impossível? — perguntou ele a Vaelin. — Quando a cobiça infinita da humanidade pode fazer isso por mim? Esse seria o papel dos volarianos, que foram moldados para servir aos meus propósitos. Nunca lhes ocorreu por que eu sempre me assegurava de que jamais houvesse o suficiente. Não importava quantos criassem nos fossos, eu simplesmente dava a minha bênção a outros de seus nobres para que sempre precisassem de mais, fossem compelidos à expansão, um império criado para conquistar o mundo em busca de sangue dotado, impelido por sua sede pela vida eterna. Tudo desfeito, graças a você e a estes outros. Obra do lobo, suponho. Ainda assim, não importa.

O Aliado ergueu a espada acima da cabeça, virou-se para as arquibancadas e gritou numa voz estridente:

— Prestem atenção! Os deuses antigos voltaram em mim! Um grande poder corre pelas minhas veias! Vejam a minha bênção!

Ele se aproximou da Imperatriz e encostou a lâmina da espada na carne do próprio braço, fazendo um corte pequeno, mas fundo. Baixou o ferimento até o rosto da Imperatriz e deixou que o sangue pingasse em seus lábios. A princípio ela mal reagiu, os lábios exibindo apenas um leve tremor, mas logo a sua boca se abriu mais, permitindo que o sangue escorresse para a garganta, fazendo com que as suas costas se arqueassem. O Aliado afastou-se enquanto ela continuava a convulsionar, jogou a espada de lado e arrancou um pedaço da camisa para enfaixar o ferimento.

— Já que você me privou de meu império — disse ele a Vaelin, rangendo os dentes em volta do trapo ao apertá-lo —, construiremos outro.

O Aliado se aproximou e parou mais uma vez ao lado de Lyrna, percorrendo o rosto perfeito dela com os olhos.

— Ela será a Rainha Salvadora, que veio do outro lado do oceano para livrar o povo volariano do reinado homicida da Imperatriz Elverah. E você — sorriu ele a Vaelin — será o grande e nobre general. Pense nos exércitos que criarão juntos, nas terras que conquistarão. E em cada terra que capturarem, vocês irão procurar os dotados.

O seu sorriso se evaporou ao se aproximar de Vaelin, o rosto perdendo toda a simulação de humanidade, a malícia pura daquela coisa revelada num rosnado trêmulo.

— E você irá sacrificá-los ao seu novo deus. Pode levar décadas, pode ser que eu faça você ter filhos com a minha rainha-fantoches para que eles possam continuar o trabalho. Mas, com o tempo, os dotados deste mundo desaparecerão e eu finalmente poderei seguir em frente.

O Aliado aproximou-se ainda mais e baixou a voz até se tornar um sussurro:

— As pedras cinzentas foram as fundações da nossa grandeza, receptáculos de memória e sabedoria, capazes de transmitir os nossos pensamentos através de vastas distâncias. Com elas construímos uma era de paz e sabedoria, então encontramos a pedra negra e achamos que fosse outra bênção. Ah, as dádivas que concedeu! À minha esposa, o poder de curar; ao seu irmão, a habilidade de atravessar as brumas do tempo. Dons tão maravilhosos, mas não para mim. Para mim, a pedra tinha uma maldição. Sabe o que é viver num mundo de harmonia, um mundo imaculado pela cobiça, e possuir verdadeiro poder? O poder de comandar com um único toque, o poder de forçar um homem a matar. Eu não o queria, queria algo melhor, algo mais. Porém, a pedra negra concede apenas um dom, permite apenas um toque. Pois, como os que a escavaram pagaram caro ao descobrir, com um toque você recebe um dom, com dois você perde a alma.

“Assim, ano após ano, década após década, eu resisti contra o meu dom. Construí cidades, ensinei, espalhei sabedoria pelo mundo, e não usei o meu dom uma única vez. E a minha recompensa? Uma esposa sacrificada para salvar uma raça de selvagens que não tinha inteligência suficiente para escrever o próprio nome. Este mundo, este mundo de feras imperfeitas que se consideram acima da natureza. Que lealdade eu lhe devia agora? Por que não tomar o que me havia sido negado?

“Não me lembro de seu nome, mas ele foi o primeiro a tocar na pedra negra, o primeiro a receber um dom. Um poder imenso, como o meu, um poder que ele preferia não usar. Mas havia ocasiões em que ele o demonstrava, mantendo voluntários imobilizados durante horas. Seria possível pensar que era um divertimento inofensivo. Porém, eu vi o que era de fato: uma barreira, uma anulação

do poder que me fora concedido.

“Com o tempo nos tornamos grandes amigos. À medida que a idade o deixava debilitado e ele começou a contemplar as provações que teria pela frente, não foi difícil persuadi-lo a uma última aventura, um segundo toque na pedra que o pouparia de tanta dor, deixando o seu corpo vazio, enquanto o seu dom permaneceria em seu sangue.

“Eu não sabia, é claro. Não percebi o que estaria libertando. Nós tocamos em algo, veja bem. Quando encostamos na pedra negra. Tocamos em algo além deste mundo. Outro lugar, um lugar onde o que você chama de Trevas é supremo, um lugar de caos absoluto. Ao fazer com que uma alma tão poderosa tocasse na pedra, perfurei o véu entre os mundos e o soltei no nosso, e ele se espalhou por toda a terra como uma praga, fundindo-se a algumas almas, entrando no sangue delas de maneira que cada geração daria origem a mais, e criando assim uma armadilha para as suas almas. Pois nós as tornamos reais. Ao lhes dar um lugar onde residir, criamos a alma. Havíamos criado a vida após a morte. São elas que me mantêm no Além. O poder delas me sustenta, alimenta e me mantém cativo naquela prisão eterna. Tentei muito não fazer isso, mas mesmo lá, num lugar sem forma ou qualquer sensação que não o frio interminável, mesmo lá o instinto de me alimentar é irresistível, e se não restar nenhuma alma aqui, não haverá mais nada para me sustentar quando eu decidir abandonar esta carne.”

Ele recuou e o seu semblante estranho retomou a impassibilidade anterior.

— Para falar a verdade, eu não tinha certeza de que poderia deturpar você aos meus propósitos. Algumas almas simplesmente não possuem a malícia que as tornam instrumentos úteis. Mas então vi você cortar fora a cabeça daquele animal no norte. Não pense que não sou generoso. — O Aliado ergueu a mão e a estendeu na direção da testa de Vaelin. — Também farei de você um deus, se quiser.

A mão parou a um centímetro da pele de Vaelin e os olhos do Aliado se arregalaram em choque ao ver o punho fechado sobre o seu pulso.

— A semente germinou — disse Frentis.

CAPÍTULO CATORZE

Frentis

O Aliado bateu com a mão livre no punho de Frentis; seu rosto estava contorcido e a pele ficou vermelha enquanto tentava usar o seu dom. Frentis afastou a mão dele com um tapa e o empurrou, forçando-o a ficar de joelhos.

— Eles estão presos a mim para sempre — rosnou o Aliado para ele, gesticulando para as figuras paralisadas ao redor. — Enquanto eu estiver vivo neste mundo, eles são meus. Somente a morte desta carne irá libertá-los.

Frentis o ignorou e olhou com expectativa para a porta aberta na extremidade norte da arena.

— Então foi por isso que Revek se agarrou à sua casca por tanto tempo. — O Aliado deu uma gargalhada rouca. — Assumir outra o teria deixado mais uma vez suscetível ao meu toque. Então ele lhe deu o seu sangue para libertar você assim como ele havia se libertado. — O júbilo dele desapareceu e o Aliado sibilou para Frentis, os olhos brilhando com uma promessa maligna. — Você não devia ter revelado esse segredinho, garoto. Tudo o que conseguiu foi garantir a morte de todos que já estiveram sujeitos a mim. Embora eu possa levar anos. Acha que o tempo é uma barreira para mim? Os séculos que aguentei no Além...

Frentis lhe deu uma bofetada no lado da cabeça, e a força do golpe foi suficiente para deixar o Aliado atordoado e quase desmaiar.

— Você parece assustado demais para um deus.

— Amado.

Ela estava de pé ao lado do corpo do macaco, vermelha da cabeça aos pés, mas novamente ilesa: os talhos que haviam sido abertos em seu peito estavam fechados e lisos. O rosto era o de uma estranha, mas o olhar era o mesmo: de afeição altruísta, de amor verdadeiro.

— Você trouxe o curandeiro? — perguntou ela.

Frentis olhou de novo para a porta e viu a garota Ionak entrar, conduzindo Lekran e os Politai para a arena. Vaelin havia dito a ela que esperasse até que a sua canção lhe dissesse que era seguro. Artesão vinha à frente dos Politai, mantendo o olhar fixo no Aliado.

— Vejo que trouxe — observou a mulher. — Imagino que não faça diferença agora. Parece que o seu irmão encontrou um receptáculo melhor.

Frentis virou-se de novo para ela e notou que a mulher havia recolhido uma espada curta da areia e ia determinada na direção da Rainha.

— Não! — gritou ele, bloqueando o caminho dela.

A mulher parou e soltou um suspiro de frustração.

— Ela tirou você de mim — explicou a mulher com sua voz de tutora impaciente. — É necessário um ajuste de contas.

— Sim. — Ele ergueu a própria espada. — Sim, é necessário.

— Não está vendo? — disse a mulher, repreendendo-o com uma raiva súbita, apontando para o Aliado. — Ele está enfraquecido agora. Beberei o sangue dele e tomarei os seus dons. O mundo pode ser nosso.

— O que você faria com ele? Hoje atravessei lutando uma cidade de horrores, todos causados por você. Como pode sonhar que eu permitiria que fizesse isso com o mundo?

— Porque você me ama! — Os olhos novos dela eram bonitos, Frentis notou. Lagos escuros e límpidos numa máscara pálida, sem qualquer crueldade, mas completamente loucos.

— Você está doente — disse ele. — E eu trouxe o curandeiro...

Ela soltou um grito de frustração e tentou desviar dele, estendendo a espada para as costas expostas da Rainha. Frentis forçou a lâmina para o lado com a sua e tentou agarrar o pulso da mulher na esperança de desarmá-la. Ela era rápida demais e girou para longe, deixando um corte em seu ombro.

— Você fala de doença — rosnou ela. — Vivemos num mundo de doenças. Você lamenta pelos que matei hoje. Alguém já lamentou por mim? Matei durante décadas para construir este império de imundície e ganância. Era meu para destruir.

Frentis sentiu o braço esquerdo adormecer enquanto o sangue quente escorria pelas suas costas.

— Por favor! — implorou ele. — Se ele consegue curar um corpo, talvez consiga curar uma mente.

A mulher parou por um segundo e franziu a testa, confusa.

— Na noite em que matei meu pai, ele não estava com medo. Escarneceu de mim, cuspiu com desprezo. Ele disse, “Eu devia ter bebido o seu sangue na noite em que bebi o da vadia da sua mãe”. Ele pode curar isso?

— Não sei. — Frentis estendeu a mão na direção dela, o braço gelado e trêmulo. — Mas podemos...

A flecha a atingiu no peito, seguida depressa por outras duas. A mulher cambaleou, a confusão sumindo ao ver as penas, com uma expressão de compreensão total e sã no rosto.

A garota lonak foi para o lado de Frentis com a corda do arco puxada e disparou outra flecha no pescoço da mulher, que desabou na areia. Frentis observou a garota se aproximar e chutar com força o cadáver, estreitando os olhos enquanto examinava a mulher à procura do menor sinal de vida. A lonak olhou para Frentis e franziu o cenho com o que viu em seu rosto.

— A canção foi clara — disse ela.

Ele ouviu um leve gemido às suas costas e virou-se, vendo Artesão segurar com gentileza o homem caído na areia e fazendo-o se sentar. Os Politai os cercavam com as lanças apontadas para o Aliado.

— Há uma grande doença em você — disse Artesão. — Deixe-me ajudar.

Os sentidos do Aliado pareceram retornar quando Artesão o abraçou com força, lutando debilmente e então jogando a cabeça para trás para gritar.

PARTE V

Aquele sobre o qual se descubra ter difundido a mentira de que a vida humana pode ser prolongada através da prática abominável do consumo do sangue dos dotados estará sujeito à detenção sumária e sua punição será determinada de acordo com a Palavra da Rainha. Quaisquer obras que contenham esta mentira estão sujeitas à apreensão e destruição imediata.

— O Décimo Decreto da
Rainha,
assinado de bom grado por
ela como Lei do Reino no
sexto ano de seu reinado

RELATO DE VERNIERS

Apesar dos dedos grossos, Raulen possuía uma letra bela e fluida que estava à altura de qualquer escriba. Além disso, a sua voz de leitura era igualmente competente, e ele recitou as palavras que eu acabara de ditar num tom regular e sem deslizes.

— “... e, assim, a Rainha Lyrna Al Nieren pisou mais uma vez no solo de sua amada terra natal” — leu ele. — “E a sua vingança seria terrível.”

— Muito bom, Raulen — falei. — Acho que já chega por hoje.

— Obrigado, meu senhor. — Ele se levantou do banco e foi até a porta da cela. — A mesma hora amanhã, então.

— Meu julgamento começa amanhã — lembrei-lhe.

— Sim. — O carcereiro suspirou, parando na porta e forçando um sorriso. — Sem dúvida esta grande obra será terminada quando a sua inocência for provada.

— Sem dúvida. — Retribuí o sorriso, grato pela mentira.

— Até mesmo os seus carcereiros são eruditos — observou Fornella depois que a porta pesada foi fechada, deixando-nos sozinhos. Ela estava sentada no catre estreito, cercada por maços de pergaminhos. Sem ter muito mais com o que se ocupar durante os longos meses de nosso cativeiro compartilhado, ela assumira a tarefa de traduzir o meu manuscrito para volariano, apesar da plena consciência de ser mais provável que o trabalho permanecesse inacabado.

Meus olhos percorreram o seu cabelo agora quase todo branco, preso para trás num coque firme. Nas últimas semanas, leves manchas vermelhas haviam surgido na pele de seu couro cabeludo e de suas mãos e as rugas em volta dos olhos estavam cada vez mais fundas, embora ela suportasse tudo sem reclamar. Apesar das muitas mensagens que pedi que Raulen transmitisse a cada oficial imperial de que consegui me lembrar, Fornella não teve permissão para deixar a cela uma vez sequer para dar o aviso que trazia consigo. Nossa jornada havia sido de fato um fracasso abjeto e parecia que a sobrevivência do império agora dependia inteiramente dos propósitos vingativos da Rainha Lyrna. Eu sabia que era uma esperança absurda. Apesar de toda a sua inteligência e da astúcia marcial de Al Sorna, o Império Volariano era monstruoso. É necessário um império para destruir um império, concluí, pegando uma pena e um pergaminho para anotar isso.

— Espero que seja algo para ajudar na sua defesa — disse Fornella, erguendo a cabeça do próprio trabalho.

— Eu não tenho defesa, a não ser a verdade. E isso não me servirá de nada agora. A Imperatriz, em sua sabedoria e benevolência, designou não menos do que seis advogados instruídos para me representar no julgamento. Todos eruditos legais experientes de impecável reputação e, como vi com clareza em seus rostos, sem absolutamente nenhuma esperança ou expectativa de conseguir a minha absolvição. Escutei com educação todos eles antes de dispensá-los do dever com a declaração de que eu iria conduzir a minha própria defesa, o que lhes causou um alívio evidente.

— A garota estava mentindo — prosseguiu Fornella. — O mais cego dos tolos poderia ver isso.

— E se eu fosse julgado por um júri de tolos cegos, talvez tivesse uma chance. Mas haverá apenas uma jurada, e ela está longe de ser cega. Contudo, nem mesmo ela pode me negar o direito de falar após ser condenado. Só posso esperar que haja ouvidos para escutar o aviso.

Não obstante a calma que eu mantinha, uma calma que confesso ainda me desconcertar, não consegui dormir aquela noite. Eu passara a noite organizando o manuscrito e escrevendo um esboço para Raulen a respeito dos capítulos finais. Ele concordara em levar cópias a alguns eruditos seletos que eu conhecia, embora eu desconfiasse que aqueles que não as queimassem de imediato poderiam tentar declará-las como obras próprias. Outra cópia seria entregue ao Irmão Harlick em Varinshold, onde pelo menos teria um lar na Grande Biblioteca que ele esperava reconstruir. Quando a pequena janela gradeada sobre a minha cama começou a ficar escura, peguei uma pena e escrevi as palavras “Uma História do Reino Unificado” numa folha de pergaminho em branco, um pouco contrariado pelo fato de que a minha letra não era tão elegante quanto a de Raulen, e a coloquei no alto da pilha organizada.

Deitei-me no meu catre em busca do descanso que eu sabia que não viria e ponderando sobre uma questão de arrependimento profissional. Nunca ouvi o relato completo de Al Sorna.

Em algum momento após a meia-noite, o meu cochilo parcial foi interrompido por um leve rangido. Levantei-me, piscando na penumbra e sentindo meu coração disparar ao ver a porta da cela se abrir lentamente.

Ela decidiu não esperar por um julgamento, concluí quando a minha calma perene se desfez, e olhei desesperado em volta à procura de algum tipo de arma. No entanto, Raulen era um carcereiro diligente demais para permitir que um prisioneiro tivesse qualquer instrumento além do pequeno castiçal de madeira à

luz do qual eu escrevia.

Eu esperava Hevren, ou mais provavelmente algum servo imperial anônimo com a habilidade de elaborar um suicídio convincente a partir de um assassinato. Porém, a porta ao se abrir revelou uma forma esguia num vestido negro, de olhos arregalados e assustados ao fazer sinal para que eu a seguisse com uma urgência desesperada. Jervia.

Por um segundo só consegui olhar espantado enquanto ela continuava a gesticular e os seus movimentos se tornavam mais frenéticos, então saí do catre, vesti-me depressa e fui até Fornella. Durante estas semanas ela dormira mais profundamente do que eu, quer pela chegada rápida da velhice, quer por uma consciência aliviada. De qualquer forma, foram necessárias várias tentativas para acordá-la e outras tantas para persuadi-la a sair da cama.

— Por que ela está aqui? — sussurrou Fornella, franzindo bastante a testa enrugada ao encarar Jervia, que se remexia pouco à vontade no corredor.

— Eu não sei — respondi, voltando para o meu catre para calçar os sapatos. — Porém, temos uma porta aberta, e pretendo usá-la.

Jervia colocou a mão sobre a minha boca quando me aproximei da porta para impedir perguntas sussurradas, recuando e fazendo sinal para que eu a seguisse. Olhei para Fornella, que agora estava vestida, mas não menos desconfiada.

— Não tenho certeza se consigo correr — sussurrou ela ao chegar do meu lado e segurar a minha mão.

Eu a conduzi ao longo do corredor, passando pelas outras celas — notei que estavam todas vazias — e indo até onde Jervia aguardava, junto ao portão gradeado. Parei de súbito ao avistar Raulen, que estava posicionado ao lado do portão e o mantinha aberto.

— Está tudo bem — sussurrou Jervia. — Ele não nos vê.

Aproximei-me do carcereiro e observei o seu rosto: tinha os olhos focados, mas não em mim, um sorriso afetuoso nos lábios; o rosto de um homem que contemplava uma visão que sempre estimara muito.

— Você fez isso — sussurrei para Jervia, esgueirando-me por Raulen e indo para o lado da mulher.

Ela deu um sorriso nervoso.

— A filha dele morreu em Marbellis. Eu a devolvi a ele.

Dotada, compreendi, olhando de novo para o carcereiro com uma nova apreciação pelo seu senso de dever. Todos aqueles anos com o Matador do Esperança ao seu alcance e ele nunca tentou se vingar.

— Não vai durar — disse Jervia, puxando a minha manga.

Ela me conduziu pelos parques alojamentos de Raulen até a ala norte do palácio, que era apenas levemente mais ornamentada, composta por uma série de depósitos e alojamentos onde o exército de criados imperiais dormia. Encontramos somente dois guardas, todos com a mesma expressão de ilusão concentrada de Raulen. Vi Jervia passar o punho da manga pelo rosto enquanto prosseguíamos, notando a mancha escura de sangue em sua pele e imaginando o tamanho do esforço que ela estava exercendo para facilitar a nossa fuga.

Atravessamos o pátio agachados, embora os dois guardas no portão norte não tivessem demonstrado qualquer sinal de notar nossa passagem.

— Precisamos nos apressar — disse Jervia, rumando para a terra relvada que se encontrava além da estrada. — As ilusões irão desaparecer logo.

— A estrada... — comecei, mas ela sacudiu a cabeça.

— Vigiada demais, meu senhor. Tenho uma corda presa no penhasco e um barco aguardando no rio.

— Eu... — ofegou Fornella, e parou; seu rosto estava abatido à pouca luz do luar. — Não posso.

— Não é muito longe...

— Deixem-me — gemeu ela, dobrando-se para a frente e caindo de joelhos, enchendo os pulmões com arfadas irregulares.

— Meu senhor! — implorou Jervia.

Agachei-me e passei o braço em volta dos ombros de Fornella, franzindo o cenho ao ver o seu rosto, os olhos alertas com um aviso e sem sinal de fadiga.

— É ele — sussurrou ela. — O Mensageiro. Conheço o fedor dele.

Empertiguei-me e encontrei o olhar de Jervia, vendo apenas uma jovem assustada forçada a cometer um ato corajoso.

— Um momento, por favor — falei. — Ela está envelhecendo a cada dia que passa.

Jervia assentiu com relutância, olhando sem parar ao redor à procura de qualquer sinal de perseguição.

— Diga-me — falei. — Que ameaças a Imperatriz fez para coagi-la a dar aquele testemunho?

Uma careta de aflição surgiu no rosto da jovem.

— Meu pai foi preso acusado de traição. Logo quando começamos a receber notícias do que havia acontecido no Reino Unificado.

— Ela sabia que o meu retorno seria iminente, e então preparou a armadilha.

— Suponho que sim.

— E quanto àquela história ridícula sobre a espada?

— Inventada por Lorde Velsus, por ordem da Imperatriz. Eu não tive escolha, meu senhor.

— É claro. — Apertei o ombro de Fornella e me afastei, mantendo uma distância da nossa libertadora. — Conheço Lorde Velsus há quase vinte anos. Ele é um intimidador arrogante, convencido e opinioso. Mas nunca foi um mentiroso, visto que desconfio que ele não possua imaginação suficiente para engodos.

Ela não disse nada, mas notei como os seus olhos se estreitaram e como levou a mão às dobras do vestido.

— Você desempenhou bem o seu papel — falei, continuando a me afastar de Fornella, e Jervia girou para acompanhar cada passo que eu dava, os músculos de seu antebraço retesando-se ao apertar algo com força. — Tão relutante e arrependida, determinada a ganhar a minha confiança quando foi abrir a porta da minha cela. Quando aconteceu? Foi quando você contraiu a Mão Vermelha?

Ela olhou depressa para Fornella, que agora gemia e balançava a cabeça grisalha para a frente, e então se virou para mim com um rosto diferente. Era como se tivesse realizado algum truque de mágica, trocando o rosto de uma donzela doce e corajosa por algo muito mais velho, a malícia evidente em cada ruga e no sorriso retorcido de escárnio.

— Você não era tão corajoso quando nos encontramos pela última vez — disse ela, a voz clara de Jervia transformada em algo mais ríspido e familiar.

— Coragem? — Dei uma risada muito baixa. — Considero a coragem apenas outra das ilusões da vida. No fim, todos nós fazemos o que temos de fazer.

— Muito profundo. E verdadeiro. Pois esta noite você precisa saltar de um penhasco, após escapar por meio de artes mágicas abomináveis, sem dúvida aprendidas com os seus amigos no norte. Talvez a culpa o tenha levado a fazer tal coisa, ou pode ter sido um último ato de desafio. Uma recusa em permitir que a Imperatriz tivesse a sua justa recompensa por todos os seus atos odiosos. Tenho certeza de que os eruditos irão ponderar sobre a questão nos anos que estão por vir.

— Você nunca se cansa disso? De todos esses anos passados cometendo assassinatos e crueldades? Não deseja ser mais do que o escravo de um monstro?

— Escravo? — Os lábios retorcidos se abriram numa risada. — Ele não me escravizou. Todos esses anos a serviço dele nunca foram um castigo. Cada vida tomada, cada semente de caos semeada, tudo isso foi a minha justa recompensa,

pois este mundo merece toda a devastação que eu puder causar. Após você ter recebido o seu merecido fim, o olhar da Imperatriz inevitavelmente se voltará para o norte, onde o Reino Unificado se encontra privado de boa parte de seu poderio bélico, uma vez que a Rainha deles busca a sua vingança ensandecida do outro lado do oceano. Por que acha que ela está reunindo a sua frota?

— Instigada por mais de suas mentiras, presumo.

— Ela vê muita sabedoria nos meus conselhos e, com o tempo, o pirralho dela também verá. Eu praticamente a convenci de que a prática de escolher um herdeiro entre a população é uma tradição arcaica e mesmo insensata. Quem melhor para governar do que uma criança nascida daqueles que conhecem os fardos do poder? Uma criança nascida de uma Imperatriz e de um Esperança, ainda por cima.

Dei um passo involuntário na direção dela, cerrando os punhos de fúria.

— Aquele garoto não é para você.

Ela tirou a mão do vestido e a faca reluziu ao luar quando se agachou, forçando-me a parar.

— Aquele garoto concluirá a destruição do Reino Unificado e irá conquistar o Império Volariano — disse ela. — Seus filhos construirão uma frota poderosa para levar a civilização alpirana a todos os cantos do mundo. Não é para se regozijar com tal perspectiva, meu senhor? Seu amante sem dúvida se regozijou.

Dei outro passo adiante e ela atacou, a lâmina passando perto o suficiente para me forçar a recuar.

— Você é uma mentirosa!.

Ela soltou uma risada estridente e satisfeita.

— Ele era um sujeito muito astuto. Tão instruído e fascinado pelas oportunidades oferecidas por aqueles com dons singulares. Nós não o corrompemos, Verniers. Não o seduzimos. Ele veio até nós, mas, como sempre, a lâmina de Al Sorna conseguiu complicar os nossos planos.

Lancei-me sobre ela, minha fúria colocando de lado toda a razão, não me importando com a faca. Ela se esquivou para o lado, ágil e veloz como qualquer dançarina.

— Se não acredita em mim — disse ela, parando de girar e gesticulando na direção do alto do penhasco. — Por que não perguntar a ele?

Eu estava prestes a me atirar sobre ela de novo, mas parei ao avistar algo cintilando na escuridão para além do penhasco, algo que brilhou com um fulgor incandescente por um momento antes de assumir uma forma familiar.

Fiquei paralisado, percorrendo com os olhos o seu rosto, com a mente vazia, a

não ser por um pensamento:

— Seliesen.

Ele estava parado lá, sorrindo o sorriso que eu conhecia tão bem, trajando o manto simples que preferia usar na vida privada, o mesmo manto, na verdade, que ele vestia na última vez que o vi. Seria preferível, e desonesto, registrar que eu não fazia ideia de que aquilo era uma ilusão, que eu fui completamente iludido e que perdi a razão por causa da habilidade perversa do dom roubado do Mensageiro. Contudo, eu sabia que aquele era um fantasma, sabia que estava sendo atraído para a minha morte enquanto corria para o alto do penhasco gritando o seu nome. E eu simplesmente não me importava.

Ele desapareceu quando cheguei a trinta centímetros da beirada, tremeluzindo como a chama de uma vela soprada pelo vento antes de ser apagada. Gritei de pesar e pela derrota amarga, caindo de joelhos e berrando os meus chamados para a escuridão indiferente. A única resposta que recebi foi o suave sibilar do vento pelo capim.

Virei-me ao ouvir um som de engasgo às minhas costas e vi Fornella arrancar uma faca do pescoço de Jervia, um jorro fino de sangue escapando ao segurar a jovem de pé.

— Você devia ter pegado a faca do carcereiro — murmurou ela antes de se livrar do corpo com uma careta.

Ela caiu de joelhos quando me aproximei, a fadiga óbvia e verdadeira agora, o sorriso forçado e discreto.

— Eu lhe devia uma vida, não, meu senhor?

Fui até o corpo e, lutando contra a náusea, ergui-o, oferecendo a ela o ferimento que ainda sangrava.

— Beba.

Ela observou sem muito interesse o sangue escorrer por um momento e então desviou o olhar.

— Não.

— Isso fará com que se recupere...

— Já estou recuperada. Tire essa coisa da minha frente, por favor.

Deixei o cadáver escorregar de meus braços e me aproximei de Fornella, amparando-a antes que pudesse cair. Ela se recostou em mim e respirava agora em arfadas lentas e curtas.

— Logo amanhecerá — sussurrou ela.

Eu podia ver apenas um brilho tênue no horizonte — a alvorada só chegaria

dali a algumas horas —, mas ainda assim a abracei e sussurrei “Sim” em seu ouvido.

Ouvi as passadas leves de botas no capim, uma companhia inteira, a julgar pelo som, mas não me dei ao trabalho de me virar quando uma silhueta militar parou ao meu lado.

— Então a Imperatriz nunca acreditou nela — falei.

Hevren não respondeu de imediato, e havia uma pontada de desconforto em seu tom.

— Ela estava curiosa para ver o que aconteceria.

— Bem, imagino que isso satisfará a sua curiosidade.

— Sua inocência será proclamada pela manhã. Por ora, ela exige a sua presença...

— Depois. — Segurei Fornella com mais força, sentindo apenas as batidas fracas e minguantes de seu coração enquanto o seu cabelo grisalho roçava em meu rosto. — Minha amiga e eu gostaríamos de ficar mais um pouco e assistir ao nascer do sol.

CAPÍTULO UM

Vaelin

Ele se tornou completamente humano quando Reva os levou para as profundezas da arena, como qualquer outro homem diante de seu fim: ora implorando, ora barganhando, tendo acessos breves de resistência irracional.

— Vocês acham que estão aplicando a justiça em mim? Isto é simplesmente vingança... Vocês não sabem o que sofri... Conheço muitas coisas, possuo uma grande sabedoria, sabedoria pela qual qualquer rainha seria grata... Não sabem o que sou? O que fiz?! Vocês são apenas uma mera mancha na minha grandeza...

Ele se calou ao ver a pedra negra em meio aos seus companheiros silenciosos, a tocha de Reva pintando os cantos com um brilho amarelo.

— Vocês... — O Aliado ficou com a voz embargada e estremeceu ao forçar as palavras a saírem: — Vocês pensam em me destruir com isso? Vocês... vocês estarão me dando um presente de mais poder... — A mentira de suas palavras ficou evidente no modo como ele se encolheu para longe da pedra, contorcendo-se nas mãos de Frentis.

Lyrna correu os olhos pelas estátuas antes de passar por entre eles, fornecendo a Vaelin uma lembrança indesejada do pai dela enquanto examinava a pedra negra com intenso escrutínio.

— Você disse que isso foi escavado nos Confins do Norte? — perguntou-lhe a Rainha.

— Sim, Alteza. Há milhares de anos.

— Então pode haver mais?

— O vidente não mencionou nada a respeito. Contudo, ficou claro para mim que ele achava que era melhor deixá-la enterrada.

A Rainha assentiu lentamente e passou os olhos pelas estátuas, até pará-los no homem barbado.

— Este é realmente ele? — perguntou ela, lançando um olhar duvidoso ao Aliado, que começara a choramingar.

— Sim, Alteza.

— Quão grande pode ser a nossa queda — ponderou ela com calma, tornando a

olhar para as linhas nobres no rosto do homem barbado — se nos entregarmos à malícia. — A Rainha virou-se para a pedra e fez sinal para que Frentis trouxesse o Aliado.

Ele praguejou. Gritou. Resistiu, caiu e raspou o chão com as unhas, obrigando Vaelin a ajudar o seu irmão a arrastá-lo até a pedra, onde se debateu até ficar exausto, acabando por se largar entre eles de cabeça baixa enquanto chorava em soluços lastimáveis.

— Apenas... — disse ele, entre arfadas. — Apenas me mate... Perdi todos os meus dons, não ficarei preso no Além.

— Isso exigiria a morte do corpo que você roubou — retorquiu Vaelin. — E eu fiz uma promessa ao dono dele.

— Você é um tolo! — O Aliado ergueu a cabeça de repente, cuspidando saliva ao tentar avançar sobre Vaelin. — Não sabe o que é essa coisa!

— É um portal para outro lugar, um lugar que desconfio que fará com que você se sinta mais em casa.

— Você não compreende. — Seus olhos se arregalaram ao percorrer a superfície lisa da pedra, sem piscar, fixos de terror, a voz transformando-se num sussurro rouco: — Quando a toquei, quando recebi o meu dom, eu olhei para aquele mundo... e algo olhou para mim, algo imenso e faminto.

Vaelin olhou para o rosto coberto de suor do Aliado, para os olhos que não piscavam, e não viu qualquer vestígio de mentira. Ele começou a exigir uma explicação, mas Lyrna agarrou o pulso do Aliado.

— Então deixe essa coisa se alimentar — disse ela, batendo com a mão dele na pedra.

Não se ouviu qualquer som, nenhum lampejo de luz das profundezas da pedra, nem mesmo a mais leve mudança no ar bolorento da câmara. O Aliado inspirou rapidamente e então ficou imóvel; Vaelin viu a luz desaparecer de seus olhos, as feições logo ficarem flácidas, desprovidas de qualquer movimento.

Eles o mantiveram no lugar por mais um momento, e Lyrna examinou atentamente as feições do que havia sido o rosto de Erlin. Vaelin o soltou e recuou, Frentis e Lyrna fizeram o mesmo, afastando-se do homem imóvel e calado quando sua mão caiu ao lado do corpo.

— Bem — disse Reva, tocando na pedra com a ponta da bota. — O que faremos com isto?

— Os montanhese não serão tão amigáveis desta vez.

— Antes eles do que a grande água. — Alturk jogou um cobertor sobre o dorso do cavalo e passou os alforjes por cima dele. O Tahlessa mancava de forma perceptível nos últimos dias, levemente aliviado pelo bálsamo que o Irmão Kehlan fornecera para aplicar no seu ferimento, o único presente que aceitara dos merim her. — E temos ele para falar por nós. — Alturk indicou Lekran com a cabeça, que se despedia de Frentis a alguns passos dali.

O ex-Kuritai causara certa comoção ao se apresentar à Rainha no dia anterior, deixando de se curvar e em vez disso fazendo uma declaração formal de amor e uma proposta de casamento. Ela escutara com paciência a longa lista de vitórias do homem, suas desculpas por não fornecer as cabeças como prova e a garantia de que, caso ela concordasse com a união, ele mataria de bom grado o número exigido de inimigos em menos de cinco anos e abriria mão da própria vida caso fracassasse.

“Apenas mil?”, perguntou a Rainha, rompendo o silêncio tenso que se seguira. “Suba para três mil e me dignarei a considerar a proposta. Nesse ínterim, você pode assumir o posto de capitão na minha guarda e farei de você embaixador de seu povo. Volte para as montanhas e diga a eles que os dias de escravidão acabaram e que pagarei um preço justo por quaisquer metais que quiserem nos vender”.

— Você vai realmente enfrentar o gelo de novo? — perguntou Vaelin a Alturk.

— O xamã disse que é mais fácil nos meses de verão. E dará uma bela história. — Ele apertou uma tira no freio do cavalo e parou. — Ela era uma boa mulher — disse o lonak. — Terei orgulho de contar a história dela e fazer com que seja colocada na biblioteca da Mahlessa. Pois ela era lonak, e não devemos nos esquecer de nossa gente, não importa qual nome escolham.

Vaelin recuou quando o Tahlessa montou no cavalo e ergueu o seu porrete de guerra.

— Obrigado.

Alturk o encarou, os olhos astutos debaixo das sobrancelhas grossas.

— Um dia... — começou ele.

— Os lonaks empurrarão os merim her para o mar — completou Vaelin. — Eu sei.

— Não. — Alturk sacudiu a cabeça. — Um dia os lonaks irão desaparecer, espalhados e mortos na guerra, ou por nosso sangue se misturar com o dos merim her até que as nossas histórias sejam esquecidas. Será assim com os seordah, os eorhil, o povo do gelo e os montanhese. Compreendo agora. A Mahlessa estava tentando nos proteger do nosso destino. Nós nos tornamos como pedras agarradas à encosta de uma montanha. Mas as montanhas sempre tremem, e as pedras sempre

caem.

Vaelin o observou cavalgar para longe, acompanhado pelo Senthar ao tomarem a Estrada Norte.

— Venha conosco. — Ele se virou e deparou-se com Urso Sábio montando em Garra de Ferro, com o cajado de osso na mão. — Este lugar é ruim, cheio de fedor e calor, e longe demais do fogo verde.

— Verei você no Estreito do Espelho em breve — disse Vaelin, mas Urso Sábio apenas sorriu, dizendo algo com os cliques da sua língua insondável, e Garra de Ferro partiu em direção à estrada.

Mishara veio cutucar a sua mão com o focinho quando Kiral se aproximou e Astorek aguardava entre os seus lobos. Ela não lhe deu um abraço, nem mesmo um sorriso, sua cicatriz quase invisível à luz brilhante do sol. Davoka se encontrava ali perto, de cabeça baixa e braços cruzados. A despedida delas havia sido longa e com algum rancor.

— Minha canção varia quando olho para você — disse Kiral por fim. — Escuto tantas notas diferentes agora, como se ela não soubesse que caminho você tomará. Alguns são brilhantes, alguns sombrios. Não era assim quando nos encontramos pela primeira vez.

Mishara deu uma última lambida em sua mão e partiu no encalço de Garra de Ferro, e o urso soltou um rosnado irritado quando ela lhe mordiscou as ancas de brincadeira.

— Espero que esteja mais clara quando eu a encontrar de novo — disse Vaelin a Kiral, olhando de relance para Astorek, que acenou animado e seus lobos começaram de imediato um coro de uivos. — Fico feliz que a sua canção a tenha conduzido à felicidade.

— Será bom caçar de novo — disse ela, parando para olhar uma última vez para Davoka antes de montar no cavalo. Ele observou até a poeira da partida deles assentar na Estrada Norte, embora ainda fosse possível ouvir os lobos muito tempo depois.

— Prometi que voltaria — disse Frentis, erguendo a mochila. — Mesmo que tenha sido uma promessa feita a um homem que agora está morto. E o Aspecto Arlyn me designou para estabelecer uma missão conjunta com a Quinta Ordem.

Eles ainda se agarram a ela, pensou Vaelin, acompanhando Frentis ao longo do cais. Apesar de todo o conhecimento que obtiveram, a Fé permanece e busca crescer.

— Além do mais — continuou Frentis —, tenho a impressão de que a Rainha ficará mais à vontade se eu não estiver aqui.

Vaelin não via como questionar esse ponto; a Rainha permanecera gélida na presença de seu irmão e ele sabia que Lyrna lembrava-se muito bem das últimas palavras dele à Imperatriz. No entanto, como principal arquiteto do que estava rapidamente se tornando conhecida como a Grande Liberação, a posição de Frentis entre a população libertada alcançara proporções quase míticas. Por toda parte escravos paravam para se curvar diante dele, alguns corriam até ele com agradecimentos fervorosos e oferendas. Tampouco todos os seus admiradores eram escravos; muitos cidadãos livres o viram lutar para salvá-los dos Arisai.

— Você sabe que sempre haverá um lugar para você nos Confins — disse Vaelin. — Caso um dia se canse da Ordem.

— Esse dia nunca chegará, irmão. Acho que você sabe disso. — Frentis parou não muito longe da rampa e olhou para o alto, na direção dos rostos cheios de expectativa que aguardavam junto à amurada do navio. A Irmã Illian, que encarava Vaelin com um semblante um tanto sério. O capitão cabeludo que trocava uma piada obscena com o ex-escravo. E o louco Mestre Rensial, equilibrando-se em muletas e franzindo o rosto para Vaelin como se tentasse se lembrar de seu nome. *Ele tem a própria Ordem agora*, concluiu Vaelin, uma pontada de inveja misturando-se com satisfação em seu peito.

— Kiral disse que você tentou salvá-la — disse Vaelin. — A Imperatriz.

— Uma vez atravessamos um império cometendo assassinatos e matamos um rei — retorquiu Frentis. — E, ainda assim, eu fui salvo. Por que não ela?

— Ela era monstruosa. Irmão Hollun estima que quase meio milhão de pessoas morreram por ordem dela.

— Ela era aquilo no que foi transformada. — Frentis levou a mão à camisa, procurando sentir cicatrizes que não mais existiam. — Assim como eu. Sei no meu coração que ela poderia ter sido transformada em algo... melhor.

Ele deu um leve sorriso e se abraçaram.

— Meus cumprimentos à sua irmã — ofereceu Frentis, afastando-se e pisando na rampa, onde parou mais uma vez. — Ainda tenho os sonhos, irmão. Não todas as noites, mas na maioria delas. Ela vem até mim e a acho mais fácil de suportar agora.

Frentis sorriu mais uma vez e embarcou no navio, o último dos cães da Fé pulando de excitação para lhe lambe o rosto quando ele pisou no convés e desapareceu de vista.

A Rainha reuniu a corte no que fora a casa do Conselheiro Arklev, uma mansão de terrenos vastos que se beneficiavam de uma muralha alta ao redor e uma grande sala de audiências. Um pequeno exército de funcionários trabalhava nos muitos aposentos da mansão para lidar com a copiosa correspondência produzida por um império que agora se via parte de um Reino. As questões eram muitas e variadas: de fome no sul a declarações de secessão a leste, onde algumas forças militares volarianas persistiam, aparentemente devido à atitude pragmática do governador provincial que levava suas forças para realizar manobras prolongadas, evitando assim mensageiros imperiais que traziam a sua sentença de morte.

Nas semanas após a captura da cidade, a Rainha se vira diante de um fluxo contínuo de requerentes, a princípio dezenas, passando depois a centenas. Vários grupos rebeldes buscavam reconhecimento, representantes das cidades e povoados mais tranquilos exigiam proteção contra vizinhos menos plácidos e, principalmente, mercadores apareciam com ofertas generosas por concessões comerciais exclusivas.

Vaelin foi recebido na porta da sala pela Senhora Lieza, salva da arena e agora elevada ao lado da Rainha por virtude de suas habilidades com correspondências, sem falar no conhecimento profundo das leis e costumes variados daquela terra recém-conquistada.

— A Rainha pediu que entrasse imediatamente, meu senhor — disse a dama, cuja habilidade com a língua do Reino aumentava rapidamente.

— Quantos hoje? — perguntou Vaelin quando ela fez sinal para que os guardas abrissem a porta.

Lieza deu um sorriso tenso.

— Apenas um.

A Rainha estava falando quando ele entrou, o tom surpreendente em sua raiva contida.

— E a sua Imperatriz espera que eu simplesmente concorde com isso sem negociação?

Lorde Verniers parecia ter envelhecido desde que Vaelin o vira pela última vez, embora também parecesse estar um pouco mais empertigado agora e não demonstrasse muita reação diante da ira da Rainha.

— Ela está fazendo a cortesia de lhe informar sobre suas ações, Alteza — disse ele. — E não vê motivo para um conflito no tocante a esta questão.

Ele se calou quando Vaelin entrou, parando para fazer uma medida curta de boas-vindas.

— Lorde Vaelin — disse a Rainha, cumprimentando-o. — Parece que Lorde Verniers ficou mais importante desde que nos deixou. Permita-me apresentar o

embaixador alpirano no Reino Unificado.

— Parabéns, meu senhor — disse Vaelin a Verniers, retribuindo a medida.

— Ele veio me dizer que uma de minhas cidades encontra-se agora nas mãos de sua Imperatriz — prosseguiu a Rainha.

— Verehl era uma cidade alpirana muito antes do Império Volariano sequer existir, Alteza — retorquiu Verniers. — E devo salientar que a captura da cidade ocorreu enquanto a guerra ainda estava em andamento. As ações de uma aliada, na verdade.

— Uma aliada teria enviado a sua frota para o Estreito e ajudado a capturar esta cidade, não roubado outra. — Lyrna levantou-se do trono e aproximou-se de Verniers com o rosto tenso de raiva. — Sua Imperatriz tem alguma noção do exército que comando agora? Ou da natureza da espada que empunho? Conquistei um império em poucos meses. Se eu quisesse, poderia conquistar um mundo.

— Alteza... — começou Vaelin, mas ela fez sinal para que se calasse, afastando-se e suspirando de frustração.

— Acho que seria melhor se o senhor voltasse amanhã, Lorde Verniers, quando o meu humor estiver mais adequado à diplomacia. Lorde Vaelin, o senhor ficará. Temos questões militares a discutir.

Vaelin tocou a manga de Verniers quando ele se curvou e seguiu para a porta.

— E a volariana?

Verniers deu um passo deliberado para trás, para longe dele.

— Ela morreu — respondeu, com o rosto inalterado.

— Sinto muito. Tínhamos informações de que havia um agente do Aliado em Alpira...

— Ele também morreu. — Verniers curvou-se mais uma vez e saiu da sala.

— O que acha? — Vaelin virou-se e deparou-se com a Rainha cumprimentando-o com um sorriso, a raiva tendo desaparecido de forma abrupta. — Talvez um pouco dramático demais?

— Estou certo de que Vossa Alteza sabe como lidar com um embaixador.

— Na verdade, é uma habilidade que estou tendo de aprender com certa rapidez. Então, acha que devemos retomar Verehl?

— A decisão não é minha, Alteza. E a senhora tem um Senhor da Batalha para aconselhá-la nas praticidades de tal empreitada.

— Não preciso de Al Hestian para me dizer que seria impossível, pelo menos por mais um ano. Verehl fica na costa meridional, um lugar bastante desagradável, ao que tudo indica, cercado pela selva e sujeito a tempestades anuais de uma ferocidade lendária. Seu único valor está no comércio de especiarias, que contribui

com menos de metade de um centésimo para o tesouro imperial. Desconfio que a Imperatriz Emeren queira me testar, lançando uma isca para ver se eu mordo.

— Dada a animosidade entre os nossos povos, uma cidade de pouco valor parece ser um preço pequeno a se pagar para curar a ferida.

Ela soltou uma risada e sacudiu a cabeça, voltando para o trono.

— Sempre o pacificador, mesmo agora.

— Eu esperava que Vossa Alteza tivesse me chamado aqui para discutir a minha petição.

— E chamei, embora eu quisesse acrescentar um pouco de espetáculo para Lorde Verniers. — Ela se sentou no trono e aceitou um copo d'água de Iltis. — Você quer ir para casa.

— Com a minha irmã, sim.

O rosto de Lyrna ficou um pouco anuviado enquanto bebia.

— Eu soube que a Senhora Alornis está... melhorando.

— Ela tem pesadelos sempre que dorme e, quando está acordada, mexe constantemente nas máquinas que construiu para a senhora. Alornis me disse que a cada dia que passa ficam mais letais. Ela parece ansiosa para vê-las em ação. Eu, não.

— Concordamos que esta guerra precisava ser vencida, Vaelin, e todos demos muito de nós para a vitória. Sua irmã mais do que a maioria, fato pelo qual sinto muito. Mas ela é uma mulher adulta e nunca a forcei a ação alguma.

— Ainda assim, mantenho a minha petição e peço a sua resposta.

Lyrna virou-se para Iltis, entregou-lhe o copo e pediu que os deixasse a sós.

— Você precisará de um novo comandante para a Guarda do Norte — disse ela quando o Lorde Protetor se retirou. — Lorde Adal pediu para ser dispensado do serviço.

Vaelin assentiu, resignado. Fora difícil dar a Adal a notícia da morte de Dahrena, piorada pela postura rígida do homem e pelas respostas secas a todas as perguntas. No entanto, a acusação em seu rosto ao fazer uma mesura e se retirar fora bastante evidente. *Ela teria sobrevivido se tivesse amado a ele em vez de a mim.*

— Imagino que a senhora encontrará um serviço adequado para ele — disse Vaelin à Rainha.

— De fato. Estou pensando em criar uma Guarda do Leste para os meus novos territórios. A guerra nos deixou com muitas mãos capazes para preencher as fileiras, e quem melhor para comandá-las?

— Uma boa escolha, Alteza. Peço que Lorde Orven seja o seu substituto.

— Como quiser, sujeito a ele concordar com a indicação. Creio que ele ganhou o direito de escolher os seus comandados.

Lyrna levantou-se de novo e caminhou até a janela. A casa do Conselheiro Arklev ficava numa colina com uma bela vista para o porto, ainda tomado pela frota, apesar de um pouco diminuída agora. O Escudo zarpara dois dias após a captura da cidade, levando consigo talvez um décimo dos meldeneanos. Havia rumores de uma disputa irascível com o Lorde Almirante, de desafios feitos e sabres desembainhados, embora Lorde Ell-Nurin parecesse ileso quando Vaelin tornou a vê-lo, fazendo uma longa medida para a Rainha quando ela o presenteou com uma espada e uma concessão de terra na costa sul asraelina.

— Você se lembra da noite em que nos conhecemos? — perguntou Lyrna.

— Vossa Alteza me surpreendeu, eu arremessei uma faca contra a senhora.

— Sim. — Ela sorriu. — Eu a guardei. Ela salvou a minha vida, na verdade.

— Fico feliz.

— Havia uma pergunta que eu lhe fiz na época, uma que não farei de novo, pois agora tanto a pergunta quanto a resposta são redundantes. Porém, sempre tive curiosidade: você alguma vez se arrependeu por ter dito não?

Vaelin notou que o cabelo dela estava totalmente crescido agora, mais longo do que jamais fora, uma cascata dourada à luz da janela. E o seu rosto, a perfeição de porcelana acentuada pelas poucas e pequenas rugas de experiência e pela inteligência aguçada que brilhava em seus olhos, não mais sujeita a qualquer repressão.

— É claro — mentiu ele. — Que homem não se arrependeria?

Artesão estava no meio dos Politai, falando em voz baixa, mas com veemência enquanto eles se aglomeravam ao redor. Estavam mais animados do que Vaelin jamais os vira, muitos o interrompiam para falar algo, rostos revelavam emoções distintas que iam da tristeza à raiva. Os que haviam sido libertados mais recentemente estavam afastados, as testas franzidas de perplexidade, mas não deixavam seus irmãos. Frentis dissera que se comportavam sempre assim, que eram incapazes de ficar sozinhos ou de tolerar a companhia daqueles que não eram como eles.

Nós libertamos algo?, pensou Vaelin consigo mesmo. *Ou desencadeamos?*

Depois de mais de uma hora de discussão, Artesão terminou de falar e os Politai começaram a se dispersar, retornando às casas que ocupavam ao redor. Aquele distrito havia sido inteiramente despovoado pelos Arisai, deixando inúmeras

residências vazias, embora os ex-Varitai tivessem optado por viver com doze ou mais deles em cada casa.

— Eles não pareciam felizes — comentou Vaelin quando Artesão foi se sentar no banco ao seu lado.

— Eles sabem que ainda há outros Varitai escravizados em alguns lugares — retorquiu o curandeiro. — Libertar todos os irmãos se tornou uma espécie de missão sagrada.

— Que a Rainha deu a sua palavra de que completaria.

— Sem mim.

— O argumento dela faz sentido...

— E eu não o contesto. O dom do Aliado é algo terrível.

Vaelin percorreu com os olhos o corpo robusto de Artesão, ciente de que olhava agora para aquele que era possivelmente o ser mais poderoso do mundo. Ficou um pouco aliviado com a expressão no rosto dele, tão franco e livre de maquinações como sempre fora.

— Já o usou? — perguntou ele. — Desde a arena?

Artesão sacudiu a cabeça.

— Mas o sinto, agitando-se dentro de mim como uma lagoa fervilhante.

— E o dom de Erlin?

— Só o tempo dirá. Que acomodações a Rainha escolheu para mim no Reino?

— A guerra deixou muitas propriedades desertas. Você poderá escolher dentre uma vasta gama de opções.

— É mesmo uma honra poder escolher a própria prisão.

Vaelin nada disse, não querendo dar voz a uma mentira.

— O navio parte com a maré matutina — disse ele, levantando-se e estendendo a mão.

Artesão piscou, surpreso. Desde a arena, poucos que sabiam dos eventos que haviam ocorrido lá desejavam falar com ele, e certamente não se arriscavam a tocá-lo. Sua expressão permaneceu a mesma, mas havia uma nova certeza em sua voz quando apertou a mão de Vaelin.

— Não estarei lá para embarcar nele, meu senhor. Como desconfio que o senhor saiba, visto que escolheu vir aqui sozinho sem guardas para cumprir a Palavra da Rainha.

Vaelin apertou com mais força a mão do curandeiro, segurando-a por mais um momento antes de soltá-la.

— Para onde você irá?

— Há alguns cantos do mundo que Erlin nunca visitou. E desejo muito ouvir a canção da Princesa de Jade com meus próprios ouvidos.

— Você possui as lembranças de Erlin?

— De certa forma. Boa parte de seus conhecimentos está comigo, mas não o modo como ele os obteve. Muita coisa se perde com o passar dos anos.

— Então você também possui os conhecimentos do Aliado?

O rosto de Artesão ficou visivelmente mais anuviado.

— Mais do que eu gostaria.

— Ele falou do lobo. Gostaria de saber o que quis dizer.

— Ele quis dizer... — Artesão franziu o cenho, lutando para encontrar as palavras certas. — Ele quis dizer que há uma razão para você estar disposto a me deixar ir. Quis dizer que todos nós, não importando que dons possamos ter, somos luzes muito pequenas e breves neste mundo. A diferença é que aceito isso de bom grado, coisa que ele nunca conseguiu fazer.

Ele se levantou e rumou para a casa que dividia com os Politai.

— Mande as minhas lembranças à Rainha, por favor — disse ele, parando à porta. — E quando ela enviar assassinos para seguir o meu rastro, diga-lhe para se certificar de ter escolhido bem.

Ele observou Reva da proa do navio, não precisando de canção para saber o que se passava entre ela e a Senhora Lieza quando se abraçaram no cais. A garota recuou de cabeça baixa, lutando contra as lágrimas ao voltar para o lado da Rainha. Reva fez as últimas medidas e embarcou no navio com o seu alto guarda às costas; a Guarda do Reino ali reunida ergueu as armas em saudação e deu um grito que ecoou pelo porto.

— Mais alto do que aquele que você recebeu, irmão — comentou Nortah com um sorriso.

— Acho que ela fez por merecer.

— Meu bando sequer veio se despedir. Provavelmente ainda estão brigando sobre a lista de exigências de direito à Rainha.

— Exigências de direito?

— Sim, eles querem escolher os próprios oficiais, querem o fim da posse de terras e o direito de nomear os conselheiros da Rainha. Pode imaginar? Que a Fé nos salve dos recém-libertados.

Vaelin juntou-se à Reva na popa quando o navio atravessou a entrada estreita do porto, os molhes murados repletos de pessoas que davam vivas, suas palavras sem sentido para ele, mas Reva conseguia compreender algumas.

— Livella renasceu — murmurou Reva, observando a chuva de flores despejadas ao passarem. — Talvez Varulek tenha os seus deuses de volta, afinal de contas.

— Varulek? — perguntou Vaelin.

— Um homem morto, e servo de deuses mortos. — Ela passou os olhos pela multidão animada à medida que o navio se afastava, o timoneiro os levando para dentro do Estreito enquanto o capitão ordenava que as velas fossem posicionadas de modo a rumarem para oeste, na direção do oceano distante. — Não faz muito tempo que muitas dessas pessoas estavam pedindo a minha morte aos gritos na arena. Agora estão comemorando o fato de eu ter sobrevivido.

— Elas não são as únicas. — Vaelin olhou de relance para o jovem guarda, que estava a uma distância respeitosa, raramente tirando os olhos da Senhora Abençoada. — Parece que você também tem o próprio Iltis.

— Concedi uma graça ao Guarda Varesh pelos seus serviços. — Reva deu um sorriso um tanto forçado para o jovem. — Tudo o que ele pediu foi ficar ao meu lado. Estou pensando em encontrar outra ocupação para ele quando voltarmos para casa.

Vaelin virou-se e olhou para os três imensos navios de tropas que agora se afastavam do cais, carregados de cumbraelinos. Alguns haviam escolhido ficar, atraídos pelo generoso soldo que a Rainha oferecia a arqueiros experientes, mas a maioria decidira seguir a Senhora Abençoada de volta ao lar.

— Ouvi dizer que Lorde Antesh já começou a citar o Décimo Primeiro Livro.

— Ele recuperou boa parte de seu fervor desde Alltor — disse ela. — E mais ainda desde que chegou aqui. Acho que eu preferia quando ele estava cansado disso tudo. O mundo seria um lugar melhor se fosse governado por almas desapontadas.

— Você não deveria anotar isso? A sabedoria da Senhora Abençoada não deveria ser desperdiçada com um herege.

Reva deu uma risada curta e então baixou os olhos; havia um tom pesaroso em sua voz quando tornou a falar.

— Conte a Antesh que tudo foi uma grande mentira. Que jamais ouvi a voz do Pai na minha vida. Não ouvi durante o cerco e não ouvi aqui. Ele disse: “A senhora é a voz do Pai.”

O olhar de Reva recaiu sobre Alornis, que estava ocupada cuidando da máquina na amurada a estibordo. O engenho aparentemente podia cuspir fogo com resultados terríveis, caso os relatos que Vaelin ouvira fossem verdadeiros. Alornis parecia

incapaz de largar a máquina; as mãos habilidosas removiam as diversas placas para explorar as misteriosas entranhas, o rosto absorto, alheio a tudo mais.

— Eu jogaria de bom grado aquela coisa no mar — disse ele. — Mas esses engenhos dela são a única coisa que faz com que os seus olhos mostrem um pouco de vida.

— Então vamos descobrir por quê.

Reva foi agachar-se ao lado de Alornis e a observou trabalhar por um momento antes de fazer uma pergunta. Vaelin esperava que sua irmã a ignorasse, como costumava ignorá-lo, mas ela pareceu ficar entusiasmada, movendo as mãos com uma animação veemente ao apontar para as entranhas da máquina, explicando com detalhes cada tubo e manivela enquanto Reva assentia de forma encorajadora.

Ele as observou durante algum tempo, viu sua irmã relaxar e até mesmo dar uma ou duas risadas, e então viu o seu olhar ser atraído de forma inexorável ao volume enrolado em lona que se encontrava amarrado ao mastro principal. As instruções da Rainha haviam sido claras, sem qualquer ambiguidade, mas Vaelin percebeu que ainda era atormentado pelas perguntas.

O que faremos com essa coisa?

* * *

— Eu não consegui salvá-lo, irmão!

Vaelin fora chamado de sua cabine pelo terceiro imediato e se deparou com Nortah cambaleando pelo convés, com uma garrafa de vinho na mão. As ondas haviam aumentado com o cair da noite e eles estavam adentrando o que os marinheiros chamavam de “as montanhas boraelinhas”, uma região famosa pelas ondas altas e tempestades violentas. O vento sem dúvida estava forte naquela noite; embora não fosse um vendaval, ainda assim conseguia açoitar o convés com uma chuva pesada e constante.

— Matei uma dúzia daqueles desgraçados vermelhos, enfrentei o próprio Aspecto, e ainda assim não consegui salvá-lo! — berrou Nortah.

Ele tropeçou quando o convés deu um solavanco, cambaleando na direção da amurada a bombordo e quase caindo no mar.

— Pare com isso! — Vaelin o segurou e o puxou de volta, agarrando o cordame.

— Matar. — Nortah gargalhou, erguendo os braços e gritando para o céu tomado pela chuva. — A única coisa em que sou bom! Só porque você odeia uma coisa não

significa que não seja bom nela. Mas não foi o suficiente. Ele morreu mesmo assim.

— Ele morreu salvando você — disse Vaelin, segurando-o com força enquanto Nortah tentava se soltar. — Para que pudesse ver de novo a sua esposa. Para que pudesse segurar de novo os seus filhos.

Nortah cedeu ao ouvir a sua família ser mencionada, abaixando a cabeça e deixando cair a garrafa, que rolou para longe.

— Eles mataram a minha gata — murmurou ele. — Tenho que voltar para casa sem a minha gata.

— Eu sei, irmão. — Vaelin deu um tapinha na cabeça encharcada de Nortah e tentou levantá-lo. Uma figura encapuzada subiu no convés e foi para o seu lado para ajudá-lo a erguer o Lorde Comandante que desmaiara. Levaram-no para baixo juntos e o deitaram em sua cabine.

— Obrigado — disse Vaelin à figura encapuzada.

— Pelo que eu soube — disse Erlin, jogando o capuz para trás —, este homem merece um fim melhor do que cair bêbado do convés de um navio.

— Isso ele merece.

Deixaram Nortah roncando e sentaram-se juntos num canto do porão, Vaelin ciente de que não descansaria muito aquela noite com o vento uivando num volume tão alto. Ele observou quando Erlin esfregou as costas na altura da cintura, gemendo um pouco.

— Vou demorar a me acostumar com isso — disse ele.

— Sua primeira dor nas costas?

— Sem dúvida a primeira de muitas. — Erlin sorriu e Vaelin ocultou uma careta ao ver as mudanças no rosto do homem. O espancamento o deixara com um nariz torto e um maxilar um pouco deformado, embora os olhos parecessem brilhar com mais intensidade, como se fosse um jovem, na verdade.

— Já decidiu? — perguntou Vaelin.

— Cara me convidou para viver com eles quando chegarmos aos Confins — respondeu Erlin. — Se bem que não tenho certeza se Lorkan gostou do gesto. Afinal, recém-casados precisam de privacidade. Mas ouvi falar de uma cabana na praia que precisa de um ocupante.

— Ficará satisfeito com uma cabana na praia depois de todas as suas viagens?

— Por algum tempo. Sinto que tenho muito no que pensar.

— Você se lembra? De quando ele... o possuiu? Você estava consciente?

Erlin permaneceu em silêncio durante algum tempo, os olhos com um brilho novo, agora um pouco turvados, e quando falou Vaelin soube que o que dizia era uma

mentira.

— Não. Está tudo embaçado, como um sonho ruim que é melhor ser esquecido.

— Então você não faz ideia de por que ela o poupou? Por que a pedra não o capturou quando capturou o Aliado?

— O Aliado havia tocado nela antes, eu não. Talvez ela soubesse da diferença.

— Ele falou sobre algo à espreita do outro lado...

— Ele falou sobre muitas coisas, irmão. — Havia uma rispidez na voz de Erlin agora, um cansaço evidente de perguntas. — E é melhor que todas sejam esquecidas. — Ele se animou, bateu nos joelhos e levantou-se. — Acho que vou procurar um marinheiro com um pouco de vinho para dividir. Gostaria de se juntar a mim?

Vaelin sorriu e sacudiu a cabeça. Ele viu Erlin desaparecer nos confins sombreados do porão e se perguntou se persuadir Lyrna a não matar o homem ancestral e agora sem dom um dia acabaria provando-se algo de que se arrependeria.

“O futuro sempre é incerto”, dissera ela nas docas, controlando a raiva por Artesão não aparecer, uma raiva que naquele dia era bastante genuína. “Encontre a sua mina mais profunda e a enterre lá, e apenas você e eu saberemos a localização. As Ordens jamais devem saber da existência dessa coisa”.

Ele esperou até o capitão avisar que haviam chegado à parte mais funda do Boraelino, quando então disse ao homem para recolher as velas. Era pouco depois do amanhecer e, com exceção dos marinheiros do turno da noite, ele estava sozinho no convés. Eles ficaram perplexos quando Vaelin deixou de lado a marreta que pegara emprestada com o carpinteiro do navio e cortou a corda que prendia a lona. O tecido caiu e revelou a superfície lisa e imaculada da pedra negra. Vaelin recuou, pegou a marreta e a ergueu acima da cabeça.

— Pare!

Era Alornis, enrolada num cobertor perto do porão, encarando-o com olhos arregalados e horrorizados.

— Eu preciso fazer isso — disse ele.

Alornis franziu o cenho, confusa, e então sacudiu a cabeça.

— Não desse jeito. — Ela lhe apontou um dedo implacável. — Não se mexa até eu voltar.

Vaelin a viu descer do convés e ficou parado, indeciso, com a marreta na mão enquanto a tripulação assistia com curiosidade ou divertimento no rosto.

— Eu jamais poderia encarar Mestre Benril de novo — disse Alornis, ressurgindo da escada com a bolsa de couro no ombro — se deixasse você quebrar uma pedra assim.

Ela largou a bolsa no convés e a desamarrou, escolhendo um martelo pequeno e um cinzel estreito de ferro entre as várias ferramentas.

— Não toque nela ela — disse Vaelin quando a irmã se aproximou da pedra.

— Eu sei. — Alornis fez uma careta para ele. — Reva me contou.

Ela posicionou o cinzel no centro da pedra, bateu de leve até que uma pequena rachadura apareceu na superfície, e então desferiu uma série de golpes bem dados com o martelo até que houvesse apenas alguns centímetros do cinzel para fora. Alornis pegou mais dois cinzéis da bolsa e repetiu o processo, colocando-os de ambos os lados do pino central e martelando até que surgisse na superfície da pedra uma rachadura de quase um centímetro e meio.

— À vontade, irmão — disse ela, recuando.

Vaelin olhou para a pedra, notando o modo como a superfície parecia engolir a luz, sentindo uma incerteza súbita.

Você não sabe o que é essa coisa!, dissera ele. *Eu olhei para aquele mundo... e algo olhou para mim, algo imenso e faminto. Com um toque você recebe um dom...*

Ele ergueu a mão e a estendeu sobre a pedra, mantendo-a acima da superfície, quase a tocando. *O que ela me dará? Outra canção? O dom do Aliado?*

— Alucius me contou que me amava — disse Alornis, atraindo a sua atenção. Ela segurava com força o cobertor, piscando enquanto o vento afastava as lágrimas de seus olhos, escorrendo pela sua pele pálida como prata derretida. — O escravo liberto veio me ver com uma mensagem, a última mensagem dele. Ele disse que me amava e implorou que eu o perdoasse por não dizer antes. Ele disse que fizera muitas coisas das quais se arrependia, mas que aquela era a pior. E ele me disse para não odiar, Vaelin. Disse que havia ódio suficiente neste mundo e ele queria olhar para mim do Além e ver pelo menos uma alma que não havia sido tocada pelo ódio. Mas eu não consegui... Eles o mataram, e eu os odiei, e os queimeei.

— Você fez o que todos nós fizemos, irmã — comentou Vaelin. — Você, a Rainha, Reva, Frentis... Alucius e Caenis... A mulher com quem eu teria me casado. Vencemos uma guerra que precisava ser vencida.

Ele olhou para a pedra e recolheu a mão. Seus pensamentos estavam repletos de muitas coisas quando ergueu a marreta, muitos rostos, alguns que haviam morrido, alguns que ainda viviam, todos mudados ou machucados. Pensou nas batalhas que lutara e nos irmãos que perdera, e pensou em Dahrena.

Você é o meu Além agora. Para que eu perdure, você precisa perdurar.

O primeiro golpe enterrou o pino central fundo o bastante para partir a pedra até a base. Ela se dividiu em duas e caiu com força no convés. Vaelin ergueu e abaixou a marreta repetidas vezes, arfando com uma fúria incansável à medida que uma nuvem de poeira negra se erguia à sua volta. Um pouco dela foi levado pelo vento, mas a maioria se acumulou numa pilha no convés, reluzindo à luz do sol que surgia depressa. Quando o último fragmento foi esmigalhado, Vaelin ordenou que toda a poeira fosse recolhida na lona e jogada por sobre a amurada. A mancha negra estendeu-se no rastro deles, permanecendo na superfície apenas por alguns segundos antes de desaparecer com completo enquanto o navio seguia o seu rumo, levado para casa pelos ventos do oeste.

APÊNDICE

Dramatis Personae

O REINO UNIFICADO

A Corte da Rainha Lyrna Al Nieren

Lyrna Al Nieren — Rainha do Reino Unificado

Iltis Al Adral — Espada do Reino, Lorde Protetor da Rainha

Benten Al Gaivota Cinzenta — Espada do Reino, Lorde Protetor da Rainha

Orena Al Vardrian — dama da Rainha

Murel Al Harten — dama da Rainha

Hollun — irmão da Quarta Ordem e Tesoureiro Real

O Exército da Rainha

Vaelin Al Sorna — Senhor da Torre dos Confins do Norte e Senhor da Batalha do Exército da Rainha

Alornis Al Sorna — artista e irmã de Vaelin, posteriormente Senhora Artífice da Rainha Lyrna

Dahrena Al Myrna — Primeira Conselheira da Torre Norte

Caenis Al Nysa — irmão da Sexta Ordem, Espada do Reino e Lorde Comandante do Trigésimo Quinto Regimento de Infantaria, posteriormente Aspecto da Sétima Ordem

Conde Marven — comandante do contingente nilsaelino do Exército da Rainha

Adal Zenu — capitão da Guarda do Norte, posteriormente Lorde Comandante e Espada do Reino

Kehlan — curandeiro e irmão da Quinta Ordem

Orven Al Melna — capitão da Terceira Companhia da Guarda Montada do Rei, posteriormente Lorde Comandante e Espada do Reino, esposo de Insha ka Forna

Insha ka Forna (Aço ao Luar) — guerreira eorhil, esposa de Orven

Harlick — irmão da Sétima Ordem, Arquivista da Torre Norte, posteriormente

Primeiro Bibliotecário da Grande Biblioteca do Reino Unificado

Nortah Al Sendahl — amigo de Vaelin, posteriormente Lorde Comandante das Adagas da Rainha e Espada do Reino

Dança da Neve — gata guerreira

Sanesh Poltar — chefe de guerra dos eorhil sil

Sabedoria — sábia anciã dos eorhil sil

Ultin — capataz dos mineiros de Fenda do Saqueador, posteriormente capitão do Primeiro Batalhão do Exército do Norte

Davern — construtor de barcos e sargento do Exército do Norte, posteriormente Mestre do Estaleiro da Rainha

Furelah — guarda das Adagas da Rainha

Atheran Ell-Nestra — capitão marinho meldeneano e Escudo das Ilhas, posteriormente Lorde Almirante da Rainha Lyrna

Carval Ell-Nurin — Senhor Marinho e capitão do *Falcão Vermelho*

Cara — residente dotada de Ponta de Nehrin

Lorkan — residente dotado de Ponta de Nehrin

Marken — residente dotado de Ponta de Nehrin

Artesão — residente dotado de Ponta de Nehrin

Cumbrael

Reva Mustor — Senhora Governadora de Cumbrael

Senhora Veliss — Conselheira Honorável da Senhora Governadora

Arentes Varnor — Lorde Comandante da Guarda da Cidade

Bren Antesh — Lorde Comandante dos Arqueiros

O Leitor — líder da Igreja do Pai do Mundo

Ellese Brahdor — órfã e protegida da Senhora Governadora

Allern Varesh — guarda da Casa Mustor

Varinshold

Darnel Linel — Senhor Feudal de Renfael, vassalo volariano

Alucius Al Hestian — poeta, amigo de Alornis e Vaelin, filho de Lakrhil

Lakrhil Al Hestian — pai de Alucius, Senhor da Batalha de Darnel

Elera Al Mendah — Aspecto da Quinta Ordem

Dendrish Al Hendrahl — Aspecto da Terceira Ordem

Benril Lenial — artista renomado e irmão da Terceira Ordem

Mirvek Korvin — comandante da guarnição volariana

Vinte e Sete — Kuritai, guarda de Alucius

Cresia — irmã da Sétima Ordem

Inehla — irmã da Sétima Ordem

Rhelkin — irmão da Sétima Ordem

Fronteira renfaelina

Frentis — irmão da Sexta Ordem, amigo de Vaelin, conhecido como Irmão Vermelho

Davoka — guerreira do Clã do Rio Negro, Serva da Montanha, amiga de Lyrna, combatente da companhia do Irmão Vermelho

Sollis — mestre espadachim e Irmão Comandante da Sexta Ordem

Rensial — Mestre dos Cavalos e irmão da Sexta Ordem

Hughlin Banders — cavaleiro e Barão de Renfael

Ulice — filha ilegítima de Banders

Arendil — filho de Ulice e Darnel, herdeiro do Senhor Feudal de Renfael, combatente da companhia do Irmão Vermelho

Ermund Lewen — cavaleiro e principal servidor de Banders

Draker — ex-fora da lei, combatente da companhia do Irmão Vermelho

Illian Al Jervin — escrava fugida e combatente da companhia do Irmão Vermelho

Trinta e Quatro — ex-escravo numerado e torturador, combatente da companhia do Irmão Vermelho

Ivern — irmão da Sexta Ordem, posicionado no Passo Skellan

Retalhador — cão da Fé e amigo de Frentis

Dente Negro — cadela da Fé e amiga de Illian

Outros

Urso Sábio — xamã do Povo Urso

Kiral — caçadora lonak do Clã do Rio Negro e irmã de Davoka

Alturk — Tahlessa lonak do Clã dos Falcões Cinzentos

Verniers Alishe Someren — Cronista Imperial da Corte do Imperador Aluran

Fornella Av Entril Av Tokrev — prisioneira volariana, irmã de Arklev Entril

Belorath — capitão meldeneano do *Sabre do Mar*

Lekran — guerreiro dos rotha, posteriormente combatente da companhia do Irmão Vermelho

O IMPÉRIO ALPIRANO

Aluran Maxtor Selsus — Imperador

Emeren Nasur Ailers — ex-protégida do Imperador

Iveles Maxtor Seliesen — filho de Emeren

Neliesen Nester Hevren — capitão na Guarda Imperial

Merulin Nester Velsus — Promotor Imperial

Horon Nester Everen — Alto-Comandante das Forças Imperiais

Raulen — carcereiro das masmorras do palácio

O IMPÉRIO VOLARIANO

Arklev Entril — membro do Conselho Governante volariano, ocupante da Cadeira de Tesoureiro

Lorvek Irlav — membro do Conselho Governante volariano, ocupante da Cadeira Escravocrata

Varulek Tovrin — Mestre da Grande Arena volariana e Capataz dos Garisai

Lieza — escrava

Hirkran do Machado Vermelho — campeão da tribo montanhesa dos othra

O GELO

Matador de Baleia — líder do Povo Lobo, esposo de Muitas Asas

Muitas Asas — xamã do Povo Lobo das Três Ilhas, esposa de Matador de Baleia

Astorek Anvir, também conhecido como “**Faca Longa**” — xamã do Povo Lobo, filho adotado de Matador de Baleia e Muitas Asas

QUER SABER MAIS SOBRE A LEYA?

Fique por dentro de nossos títulos, autores e lançamentos.

Curta a página da LeYa no Facebook, faça seu cadastro na aba *mailing* e tenha acesso a conteúdo exclusivo de nossos livros, capítulos antecipados, promoções e sorteios.

A LeYa também está presente em:

www.leya.com.br



facebook.com/leyabrasil



[@leyabrasil](https://twitter.com/leyabrasil)



instagram.com/editoraleya



google.com/+LeYaBrasilSãoPaulo



skoob.com.br/leya



ANTHONY RYAN NASCEU NA ESCÓCIA EM 1970, MAS PASSOU GRANDE PARTE DA SUA VIDA ADULTA EM LONDRES. POR CONTA DE SEU ENORME SUCESSO, A TRILOGIA "A SOMBRA DO CORVO" TEVE SEUS DIREITOS VENDIDOS PARA MAIS DE QUINZE PAÍSES. PARA SABER MAIS SOBRE O AUTOR, ACESSE WWW.ANTHONYRYAN.NET

Capa: Leandro Dittz
Ilustrações: Ralph Damiani

Na emocionante conclusão da saga best-seller do The New York Times "A sombra do corvo", Vaelin Al Sorna precisa ajudar a Rainha a retomar o Reino Unificado e defendê-la de uma nova ameaça, algo com poderes tão sombrios quanto os piores pesadelos do herói.

"A Rainha do Fogo é um final épico para uma das melhores trilologias de fantasia." — Fantasy Book Critic

"Os fãs de fantasia épica na linha de 'A roda do tempo', de Robert Jordan, e 'As crônicas de gelo e fogo', de George R.R. Martin, encontrarão o mesmo estilo em Anthony Ryan." — Library Journal

"Ryan acerta em todas as marcas registradas da fantasia épica: cenários sombrios, magia ancestral, intrigas impiedosas, lealdades divididas e ação brutal." — Publishers Weekly

"A alegria de qualquer leitor de fantasia." — Michael J. Sullivan, autor da série "Revelações de Riyria"



Table of Contents

[CAPA PÁGINA](#)

[PÁGINA DE TÍTULO](#)

[DIREITOS AUTORAIS PÁGINA](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[SUMÁRIO](#)

[PARTE I](#)

[RELATO DE VERNIERS](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[PARTE II](#)

[RELATO DE VERNIERS](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[PARTE III](#)

[RELATO DE VERNIERS](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)
[CAPÍTULO QUATRO](#)
[CAPÍTULO CINCO](#)
[CAPÍTULO SEIS](#)
[CAPÍTULO SETE](#)
[CAPÍTULO OITO](#)
[CAPÍTULO NOVE](#)
[CAPÍTULO DEZ](#)

[PARTE IV](#)

[RELATO DE VERNIERS](#)
[CAPÍTULO UM](#)
[CAPÍTULO DOIS](#)
[CAPÍTULO TRÊS](#)
[CAPÍTULO QUATRO](#)
[CAPÍTULO CINCO](#)
[CAPÍTULO SEIS](#)
[CAPÍTULO SETE](#)
[CAPÍTULO OITO](#)
[CAPÍTULO NOVE](#)
[CAPÍTULO DEZ](#)
[CAPÍTULO ONZE](#)
[CAPÍTULO DOZE](#)
[CAPÍTULO TREZE](#)
[CAPÍTULO CATORZE](#)

[PARTE V](#)

[RELATO DE VERNIERS](#)
[CAPÍTULO UM](#)

[APÊNDICE](#)